

IDÁLIA SALVADORA NETA
JÚNIOR RIBEIRO DE SOUSA
JOSIANE MARQUES DAS CHAGAS
CARLOS EDUARDO DA SILVA BARBOSA

2º CONSAMU

ANAIS DO 2º CONGRESSO NACIONAL
EM SAÚDE DA MULHER

RESUMOS SIMPLES E EXPANDIDOS





2º CONSAMU
14, 15 e 16 de Junho

REALIZAÇÃO:



APOIO:



IDÁLIA SALVADORA NETA
JÚNIOR RIBEIRO DE SOUSA
JOSIANE MARQUES DAS CHAGAS
CARLOS EDUARDO DA SILVA BARBOSA

ANAIS DO 2º CONGRESSO NACIONAL EM SAÚDE DA MULHER

DOI: <https://doi.org/10.58871/ed.academic.anaisconsamu2024>

ISBN: 978-65-83124-03-6

1º Volume

EDITORA ACADEMIC

Campo Alegre de Lourdes –Bahia, 27 julho de 2024

2º Congresso Nacional em Saúde da Mulher



2º CONSAMU

14, 15 e 16 de Junho

REALIZAÇÃO:



APOIO:



Copyright© dos autores e autoras. Todos os direitos reservados.

Esta obra é publicada em acesso aberto. O conteúdo dos resumos, os dados apresentados, bem como a revisão ortográfica e gramatical são de responsabilidade de seus autores, detentores de todos os Direitos Autorais, que permitem o download e o compartilhamento com a devida atribuição de crédito, mas sem que seja possível alterar a obra de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais. Revisão e normalização: os autores e autoras.

Preparação e diagramação: Júnior Ribeiro de Sousa

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Congresso Nacional em Saúde da Mulher (2. : 27 jul.
2024 : Campo de Lourdes, BA)
Anais do 2º Congresso Nacional em Saúde da Mulher
[livro eletrônico] / organização Idália Salvadora
Neta...[et al.]. -- Campo Alegre de Lourdes, BA :
Editora Academic, 2024.
PDF

Outros organizadores: Júnior Ribeiro de Sousa,
Josiane Marques das Chagas, Carlos Eduardo da Silva
Barbosa.

ISBN 978-65-83124-03-6

1. Ginecologia 2. Medicina - Congressos
3. Obstetrícia 4. Saúde da mulher I. Neta, Idália
Salvadora. II. Sousa, Júnior Ribeiro de. III. Chagas,
Josiane Marques das. IV. Barbosa, Carlos Eduardo da.
V. Título.

24-218705

CDD-613.04244

Índices para catálogo sistemático:

1. Saúde da mulher : Medicina 613.04244

Eliane de Freitas Leite - Bibliotecária - CRB 8/8415



2° CONSAMU
14, 15 e 16 de Junho

REALIZAÇÃO:



APOIO:



COMISSÃO DE AVALIADORES

ALANA CÂNDIDO PAULO
ALANA KELLY MAIA MACEDO NOBRE DE LIMA
ALYNE MARIA LIMA FREIRE
ALYSSIA DAYNARA SILVA LOPES
ANA KAROLINE ALVES DA SILVA
ANDERSON MARTINS SILVA
ASHLEY CAYMMI DE ALBUQUERQUE LAURINDO
BEATRIZ SOUSA DA FONSECA
BHARBARA DE MOURA PEREIRA
BIANCA SERMARINI
CARLOS EDUARDO DA SILVA BARBOSA
CASSIO ADRIANO ZATTI
DÉBORA PINTRO BUENO
EDILMA DA CRUZ CAVALCANTE
EDINEY LINHARES DA SILVA
EDSON BRUNO CAMPOS PAIVA
EDUARDO MEZZAROBIA WERLANG
ELOÍSA POMPERMAYER RAMOS
EMANUELLE LIMA JAVETA
ENDRÍC PASSOS MATOS
FRANCISCA ALESSANDRA DA SILVA SOUZA
HORTÊNCIA INÁCIO FERNANDES
IÁCARA SANTOS BARBOSA OLIVEIRA
JOANA PEREIRA MEDEIROS DO NASCIMENTO
JURANDIR XAVIER DE SÁ JUNIOR
JÉSSICA BATISTA DOS SANTOS
JÚLIA MÁRCIA PEREIRA
JÚNIOR RIBEIRO DE SOUSA
KAREN CRISTIANE PEREIRA DE MORAIS
KARLA CAROLLINE BARBOSA DOTE
LUCAS BENEDITO FOGAÇA RABITO
LÚCIA VALÉRIA CHAVES
MARCELLA CORREIA VAZ
MARIA DHESCYCA INGRID SILVA ARRUDA
MARIA RAFAELA DIAS DE FREITAS
MARÍLIA NUNES FERNANDES
MATHEUS MENDES PASCOAL
MÔNICA BARBOSA DE SOUSA FREITAS
NATANAEL FEITOZA SANTOS
PEDRO HENRIQUE DOS SANTOS FERNANDES
PÂMELA FARIAS SANTOS



2° CONSAMU

14, 15 e 16 de Junho

REALIZAÇÃO:



APOIO:



RENATA TOSCANO DE MEDEIROS
RÔMULO EVANDRO BRITO DE LEÃO
SABRINA DE CARVALHO CARTÁGENES
SARAH CAMILA FORTES SANTOS
SIMONY DE FREITAS LAVOR
TERESINHA COVAS LISBOA
TIAGO BERTOLA LOBATO
VINICIUS REIS SANTOS
WESLEY CRISTIAN FERREIRA
YASMIM XAVIER ARRUDA COSTA
YROAN PAULA LANDIM



2º CONSAMU
14, 15 e 16 de Junho

REALIZAÇÃO:



APOIO:



COMISSÃO DE MONITORES

CAROLINA DE MELO MENDONÇA BÁRBARA
ALINE OLIVEIRA DA SILVA
ANA BEATRIZ LIMA PINHEIRO
ANA CAROLINA PEDROSA BARROS
ANA CAROLINE SILVA LEMOS
ANTONIO LUAN VASCONCELOS DE SOUSA
ARIANE DOS SANTOS DA SILVA
BRENDA CORISCO HERMÓGENES
CAROLINE COTTA E SILVA
DANIELE CRISTINA CORDEIRO FERREIRA DA SILVA
DÁVILA CAVALCANTE PINHO
ELLEN BEATRYS DE SOUZA MASCARENHAS
ERICK VINICIUS CASSIMIRO DA SILVA
FELIPE GONÇALVES ROCHA SANTANA
GABRIELA DOS SANTOS SILVA
GEYSA DE CASSIA VILAR MARTINS
GIOVANNA PEDROZA
GISLANE DAMASCENO CHAVES
INGRID DE PINHO TEIXEIRA
IORANE GOMES DA SILVA
IRIS TIYONO TAVARES UMEDA
JOICE BRITO MOREIRA
JOSÉ LUAN DE SOUZA ANDRADE
KARLA VITÓRIA DE PAIVA MARTINS
LARISSA SANTOS MACHADO
LIANA BORGES SANTOS
LOHAYNE VICTÓRIA VANDERLEI FERREIRA
LÚCIA VALÉRIA CHAVES
MAICON VIEIRA AMARAL
MARIA EDUARDA LIMA DE OLIVEIRA
MARIA FERNANDA DA SILVA CAVALCANTE
MARIA GABRIELLY SANTOS SOARES
MARIA STEFANNY MOURA DA SILVA
MARIELE MOCHIUTE DE SOUSA
MARIANA INGRID DA CONCEIÇÃO ALMEIDA SILVA
MICHELLE KRISTINE BISPO DOS SANTOS LÔBO
NAYANNE VIEIRA LIMA
PÂMELA NUNES SILVA DE NAZARÉ
PAULA EMANOELI DA SILVA GOMES
PEDRO IGOR SILVA PORTELA
RAISSA DE OLIVEIRA LICARIÃO



2° CONSAMU

14, 15 e 16 de Junho

REALIZAÇÃO:



APOIO:



SAMITA SAMARA SILVA DE SOUSA
SANMIRA BATISTA RIBEIRO
SARA ADRIELE DE BRITO RODRIGUES
TATIANE SAMIRA FELICIANO DE FARIAS
THALISON ADRIANO LIMA COSTA
TIAGO FERREIRA GUIMARÃES
VIVYAN MARIA DOS SANTOS BARRETO
YASMIN DA SILVA ALBUQUERQUE
YASMIN INEZ XAVIER DOS SANTOS





SUMÁRIO

RESUMOS SIMPLES	34
(CIS)TEMA FRAGILIZADO: DESAFIOS NO ACESSO DE PESSOAS TRANS AOS SERVIÇOS DE SAÚDE NA ATENÇÃO PRIMÁRIA.	34
“MENSTRUEI, E AGORA?”: RELATO DE EXPERIÊNCIA SOBRE AÇÃO EDUCATIVA EM SAÚDE COM CRIANÇAS NA ESCOLA	35
10 ANOS APÓS O INÍCIO DA PREVENÇÃO CONTRA O HPV NO BRASIL: UMA AVALIAÇÃO QUANTITATIVA DA COBERTURA VACINAL DE 2014 A 2023	36
IMPORTÂNCIA DO ENGAJAMENTO DO PAI/PARCEIRO NO INCENTIVO AO ESTABELECIMENTO E MANUTENÇÃO DO ALEITAMENTO MATERNO: Um estudo de revisão	37
A ASSISTÊNCIA FISIOTERAPÊUTICA À MULHER EM TRABALHO DE PARTO	38
A ATUAÇÃO DA FISIOTERAPIA PÉLVICA NA ATENÇÃO PRIMÁRIA À GESTANTE: UMA REVISÃO INTEGRATIVA	39
A ATUAÇÃO DE PROFISSIONAIS DO GÊNERO MASCULINO NA ASSISTÊNCIA À SAÚDE DA MULHER: UM ESTUDO NA ÓTICA DE USUÁRIAS	40
A ATUAÇÃO DO ENFERMEIRO NO ENFRENTAMENTO À EVASÃO DA FIGURA PATERNA NAS CONSULTAS DE PRÉ-NATAL	41
A DETECÇÃO PRECOCE DO CÂNCER DE MAMA EM MULHERES ATENDIDAS NA ATENÇÃO PRIMÁRIA À SAÚDE	42
A DIFICULDADE NO DIAGNÓSTICO DA ENDOMETRIOSE	43
A EDUCAÇÃO EM SAÚDE NA PROMOÇÃO DO CUIDADO AO BINÔMIO MÃE-FILHO NO ALOJAMENTO CONJUNTO	44
A EFETIVIDADE DAS POLÍTICAS PÚBLICAS NA PROTEÇÃO E APOIO ÀS VÍTIMAS DE VIOLÊNCIA DOMÉSTICA NO BRASIL	45
A ENFERMAGEM NO MANEJO DE GESTANTES COM SÍFILIS: IMPORTÂNCIA DA EDUCAÇÃO EM SAÚDE PARA MAIOR ADESÃO AO TRATAMENTO	46
A HORA DOURADA DE RECÉM-NASCIDOS NAS SALAS DE PARTO NORMAL DE UM HOSPITAL REGIONAL NO DISTRITO DE ICOARACI, BELÉM, PARÁ.	47
A HUMANIZAÇÃO NO CONTEXTO DA ASSISTÊNCIA A MULHER DIAGNOSTICADA COM CANCER DE COLO DE ÚTERO	48
A IMPORTÂNCIA DA ASSISTÊNCIA DE ENFERMAGEM NO PRÉ-NATAL DE RISCO HABITUAL	49



2° CONSAMU

14, 15 e 16 de Junho

REALIZAÇÃO:



APOIO:



A IMPORTÂNCIA DA ATUAÇÃO DA FISIOTERAPIA NA INCONTINÊNCIA URINÁRIA EM MULHERES NA ATENÇÃO PRIMÁRIA À SAÚDE	50
A IMPORTÂNCIA DA COMUNICAÇÃO EFICAZ NA RELAÇÃO ENTRE ENFERMEIROPACIENTE EM EMERGÊNCIAS OBSTÉTRICAS	51
A IMPORTÂNCIA DA CONSCIENTIZAÇÃO DA SAÚDE DA MULHER NO AMBIENTE DE TRABALHO	52
A IMPORTÂNCIA DA DIETA NA ENDOMETRIOSE: IMPACTOS POSITIVOS NOS SINTOMAS E QUALIDADE DE VIDA	53
A IMPORTÂNCIA DA EDUCAÇÃO EM SAÚDE SOBRE ARBOVIROSES NAS ESCOLAS: RELATO DE EXPERIÊNCIA	54
IMPORTÂNCIA DA EDUCAÇÃO SEXUAL NA SAÚDE DA MULHER SOBRE AS INFECÇÕES SEXUALMENTE TRANSMISSÍVEIS -IST'S	55
A IMPORTÂNCIA DA FISIOTERAPIA UROGINECOLÓGICA EM MULHERES COM VAGINISMO	56
A IMPORTÂNCIA DA INTERVENÇÃO NUTRICIONAL EM GESTANTES COM DIABETES	57
A IMPORTÂNCIA DA METALOPROTEINASE-9 COMO BIOMARCADOR PROGNÓSTICO DO CÂNCER DE MAMA	58
A IMPORTÂNCIA DE DISCERNIR A DEPRESSÃO PÓS-PARTO	59
A IMPORTÂNCIA DO AUTOEXAME NO DIAGNÓSTICO DO CÂNCER DE MAMA	60
A IMPORTÂNCIA DO ENFERMEIRO NA AVALIAÇÃO DA MULTIFATORIALIDADE DOS SINTOMAS EM MULHERES CLIMATÉRICAS	61
A IMPORTÂNCIA DO EXAME FÍSICO AO ADULTO COM DIABETES NA ATENÇÃO BÁSICA: RELATO DE EXPERIÊNCIA	62
IMPORTÂNCIA DO FISIOTERAPEUTA COMO ELEMENTO ESSENCIAL NO ALÍVIO DA DOR NO TRABALHO DE PARTO	63
A IMPORTÂNCIA DOS ENFERMEIROS NO RASTREAMENTO E PREVENÇÃO DO CÂNCER DE COLO UTERINO	64
A INCIDÊNCIA DE AIDS EM MULHERES IDOSAS NO NORDESTE	65
A INCIDÊNCIA DE DENGUE EM GESTANTES NAS CINCO REGIÕES BRASILEIRAS.	66
A INFLUÊNCIA DA ASSISTÊNCIA DE ENFERMAGEM NO CUIDADO DE MULHERES COM CÂNCER DE MAMA	67



2º CONSAMU

14, 15 e 16 de Junho

REALIZAÇÃO:



APOIO:



A INFLUÊNCIA DA ENDOMETRIOSE NA FERTILIDADE E NAS DECISÕES REPRODUTIVAS	68
INFLUÊNCIA DA FISIOTERAPIA PÉLVICA NO PÓS OPERATÓRIO DE REDESIGNAÇÃO SEXUAL	69
A INFLUÊNCIA DA PRECARIIDADE DA SAÚDE PÚBLICA NA INCIDÊNCIA DO CÂNCER DO COLO DO ÚTERO	70
A INFLUÊNCIA DA QUALIDADE DO CUIDADO OBSTÉTRICO NA SAÚDE MENTAL PÓS-PARTO	71
A NÃO ADESÃO AO TRATAMENTO: UMA PROBLEMÁTICA A SER INVESTIGADA	72
A PERCEÇÃO DA MULHER FRENTE À PERDA GESTACIONAL NO TERCEIRO TRIMESTRE	73
A PERSPECTIVA DA CIRURGIA ROBÓTICA GINECOLÓGICA NO ÂMBITO DO SISTEMA ÚNICO DE SAÚDE: UMA REVISÃO BIBLIOGRÁFICA	74
A PRÁTICA DE EDUCAÇÃO EM SAÚDE SOBRE CÂNCER DE MAMA: DIÁLOGO ENTRE ENFERMAGEM E PSICOLOGIA	75
ABORDAGEM DA CANDIDÍASE NA ATENÇÃO PRIMÁRIA	76
ABORDAGEM DA FISIOTERAPIA PÉLVICA EM PACIENTES COM O DIAGNÓSTICO DE DISPAREUNIA	77
ABORDAGEM DA MULHER COM DOENÇA TROFOBLÁSTICA GESTACIONAL: REVISÃO DE LITERATURA	78
ABORDAGEM FISIOTERAPÊUTICA NO TRATAMENTO DA INCONTINÊNCIA URINÁRIA: VIVÊNCIA ACADÊMICA EM UM PROJETO EXTENSIONISTA	79
ABORDAGEM MULTIPROFISSIONAL NA SAÚDE GINECOLÓGICA E OBSTÉTRICA: INTEGRANDO CUIDADOS PARA O BEM-ESTAR FEMININO	80
ABORDAGENS TERAPÊUTICAS NA INFERTILIDADE FEMININA DECORRENTE DA ENDOMETRIOSE: UMA REVISÃO DA LITERATURA	81
ADOLESCENTES, ISTS E SAÚDE FEMININA: UMA REVISÃO DE LITERATURA ..	82
ALÉM DOS PADRÕES: PSICOLOGIA E NUTRIÇÃO JUNTAS NA CONSTRUÇÃO DE UMA RELAÇÃO SAUDÁVEL COM O CORPO	83
ALTERAÇÕES HORMONAIS NO CLIMATÉRIO E SUAS IMPLICAÇÕES NA SAÚDE MENTAL FEMININA: REVISÃO SISTEMÁTICA DE LITERATURA	84



2º CONSAMU

14, 15 e 16 de Junho

REALIZAÇÃO:



APOIO:



INFLUÊNCIA DO GENE BRCA NO AUMENTO DO ÍNDICE DE NOVOS CASOS DE CÂNCER DE MAMA	85
ANÁLISE DA PREVALÊNCIA DE GRAVIDEZ NA ADOLÊSCENCIA AO LONGO DAS ÚLTIMAS DÉCADAS EM UM MUNICÍPIO DO INTERIOR PAULISTA	86
ANÁLISE DE ÓBITOS FEMININOS POR CÂNCER DE COLO DE ÚTERO DE ACORDO COM CADA REGIÃO NO BRASIL, ENTRE 2020 E 2023	87
ANÁLISE DE ÓBITOS FEMININOS POR CÂNCER DE MAMA DE ACORDO COM A COR DE PELE NO BRASIL, ENTRE 2018 E 2023	88
ANÁLISE DO EFEITO DO MÉTODO CANGURU EM RECÉM-NASCIDO TERMO SAUDÁVEL	89
ANÁLISE DO PERFIL EPIDEMIOLÓGICO DE GESTANTES COM INFECÇÕES SEXUALMENTE TRANSMISSÍVEIS	90
ANÁLISE DO PERFIL EPIDEMIOLÓGICO DE INTERNAÇÕES POR ENDOMETRIOSE NA REGIÃO SUDESTE EM 2023	91
ANÁLISE DO PERFIL EPIDEMIOLÓGICO DE INTERNAÇÕES POR NEOPLASIA MALIGNA DO COLO DE ÚTERO NA REGIÃO SUDESTE EM 2023	92
ANÁLISE DO TRANSTORNO DE HUMOR NAS MULHERES DURANTE O PÓS PARTO: UMA REVISÃO DE LITERATURA	93
ANÁLISE DOS CUSTOS HOSPITALARES COM INTERNAÇÕES POR ENDOMETRIOSE NO BRASIL DE 1998 A 2023	94
ANÁLISE DOS FATORES ASSOCIADOS AO DIABETES GESTACIONAL E SUAS IMPLICAÇÕES NA SAÚDE DA MULHER	95
ANÁLISE DOS PROTOCOLOS DE SEGURANÇA CIRÚRGICA PARA REDUÇÃO DE INFECÇÕES PÓS-OPERATÓRIAS EM CIRURGIAS OBSTÉTRICAS.	96
ANÁLISE EPIDEMIOLÓGICA DE INTERNAÇÕES POR HEMORRAGIA PÓS-PARTO EM MULHERES BRASILEIRAS ENTRE 2014 E 2023	97
ANÁLISE EPIDEMIOLÓGICA DE ÓBITOS MATERNOS NO ESTADO DO MARANHÃO NOS PERÍODOS ENTRE 2020-2022	98
ANÁLISE TEMPORAL DE EXAMES CITOPATOLÓGICOS: SEGUNDO SISCAN	99
ANOREXIA NERVOSA EM GESTANTES – IMPLICAÇÕES NO PRÉ E NO PÓS-PARTO: UMA REVISÃO DE LITERATURA	100
ANTICONCEPCIONAIS HORMONAIS E SUA ASSOCIAÇÃO NO DESENVOLVIMENTO DE TROMBOSE VENOSA CEREBRAL: UMA REVISÃO DE LITERATURA	101



2º CONSAMU

14, 15 e 16 de Junho

REALIZAÇÃO:



APOIO:



ARTICULAÇÃO ENTRE UNIDADES DE PRONTO ATENDIMENTO E SISTEMA DE GARANTIA DE DIREITOS DA MULHER	102
AS COMPLICAÇÕES GERADAS PELA MIOMATOSE UTERINA NO TRATAMENTO TARDIO: RELATO DE EXPERIÊNCIA	103
AS DIFICULDADES ENCONTRADAS PELA EQUIPE DE ENFERMAGEM NO TRATAMENTO DA SÍFILIS GESTACIONAL	104
ASSISTÊNCIA À SAÚDE DA MULHER NO PRÉ-NATAL DE BAIXO E ALTO RISCO	105
ASSISTÊNCIA DE ENFERMAGEM A PACIENTES QUE SOFRERAM PERDA GESTACIONAL: UMA REVISÃO INTEGRATIVA	106
ASSISTÊNCIA DE ENFERMAGEM À SAÚDE DAS MULHERES PRIVADAS DE LIBERDADE: REVISÃO NARRATIVA	107
ASSISTÊNCIA DE ENFERMAGEM AO PARTO HUMANIZADO	108
ASSISTÊNCIA DE ENFERMAGEM AO PRÉ-NATAL DE ALTO RISCO: ESTRATÉGIAS DE CUIDADO	109
ASSISTÊNCIA DE ENFERMAGEM DIANTE À VIOLÊNCIA OBSTÉTRICA	110
ASSISTÊNCIA DE ENFERMAGEM NA DIABETES GESTACIONAL: REVISÃO DE LITERATURA	111
ASSISTÊNCIA DE ENFERMAGEM NA EDUCAÇÃO EM SAÚDE PARA MULHERES EM PERÍODO DE CLIMATÉRIO	112
ASSISTÊNCIA DE ENFERMAGEM NA PREVENÇÃO E DETECÇÃO PRECOCE DA DEPRESSÃO PÓS-PARTO	113
ASSISTÊNCIA DE ENFERMAGEM NA PREVENÇÃO E DETECÇÃO PRECOCE DO CÂNCER DE COLO UTERINO	114
ASSISTÊNCIA DE ENFERMAGEM NO MANEJO DA HEMORRAGIA PÓS-PARTO	115
ASSISTÊNCIA DE ENFERMAGEM NO PRÉ-NATAL DE BAIXO RISCO	116
ASSISTÊNCIA DO ENFERMEIRO À MULHER EM SITUAÇÃO DE RUA NO CICLO GRAVÍDICO-PUERPERAL	117
ASSISTÊNCIA DO ENFERMEIRO ÀS MULHERES DO SISTEMA PRISIONAL	118
ASSISTÊNCIA FISIOTERAPÊUTICA A MULHERES COM DOR PÉLVICA CRÔNICA: RELATO DE EXPERIÊNCIA	119



2º CONSAMU

14, 15 e 16 de Junho

REALIZAÇÃO:



APOIO:



ASSISTÊNCIA MULTIPROFISSIONAL DA ENFERMAGEM À MULHERES NA UNIDADE SAÚDE DA FAMÍLIA: UMA REVISÃO DA LITARATURA	120
ASSISTÊNCIA PRÉ-NATAL: ABORDAGENS PARA GESTAÇÃO DE BAIXO E ALTO RISCO COM BASE EM EVIDÊNCIAS RECENTES	121
ASSISTÊNCIA PRESTADA ÀS GESTANTES COM INFECÇÕES SEXUALMENTE TRANSMISSÍVEIS: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA	122
ASSOCIAÇÃO DO CÂNCER DE COLO DE ÚTERO E DE MAMA: UMA REVISÃO DE LITERATURA	123
ASSISTÊNCIA DO ENFERMEIRO ÀS MULHERES DO SISTEMA PRISIONAL	124
ATENÇÃO FARMACÊUTICA NO CUIDADO DO PLANEJAMENTO FAMILIAR DA MULHER RIBEIRINHA: RELATO DE EXPERIÊNCIA	125
ATENÇÃO FISIOTERAPÊUTICA EM MULHERES COM DIABETES GESTACIONAL NA MATERNIDADE DE ALTO RISCO: RELATO DE EXPERIÊNCIA	126
ATENDIMENTO DA ENFERMAGEM DIANTE DE GESTANTES PARA O RASTREAMENTO E PREVENÇÃO DA PRÉ-ECLAMPSIA	127
ATUAÇÃO DA ENFERMAGEM NA ATENÇÃO PRIMÁRIA NO CONTROLE DO CÂNCER DE COLO DE ÚTERO E MAMA; REVISÃO DA LITERATURA	128
ATUAÇÃO DA ENFERMAGEM NA SAÚDE SEXUAL E REPRODUTIVA DA MULHER: ESTRATÉGIAS NA ATENÇÃO PRIMÁRIA	129
ATUAÇÃO DA ENFERMEIRA NO CUIDADO À GESTANTE PORTADORA DA HIPERTENSÃO ARTERIAL SISTÊMICA	130
ATUAÇÃO DO ENFERMEIRO NA PREVENÇÃO DE NEOPLASIA DA MAMA	131
ATUAÇÃO DO ENFERMEIRO NO SERVIÇO DE ATENÇÃO ESPECIALIZADA COM ÊNFASE NA GESTÃO: RELATO DE EXPERIÊNCIA	132
TATUAÇÃO DO PROFISSIONAL ENFERMEIRO NO RASTREAMENTO DO CÂNCER DE COLO DO ÚTERO	133
ATUAÇÃO NA ATENÇÃO PRIMÁRIA: PREVENÇÃO E DIAGNÓSTICO PRECOCE DO CÂNCER DE MAMA	134
ATUAÇÃO FONOAUDIOLÓGICA EM BEBÊS COM FISSURA LABIOPALATINA ..	135
ATUAÇÃO FONOAUDIOLÓGICA NA DISFAGIA SARCOPÊNICA NA MULHER IDOSA EM AMBIENTE HOSPITALAR	136
ATUAÇÃO FONOAUDIOLÓGICA NA PARALISIA FACIAL PERIFÉRICA EM MULHERES	137



ATUAÇÃO FONOAUDIOLÓGICA NO AUXÍLIO À AMAMENTAÇÃO	138
AVALIAÇÃO DE ÓBITOS POR MORTALIDADE MATERNA DE 2012 A 2022 NO ESTADO DE PERNAMBUCO	139
AVALIAÇÃO E INTERVENÇÃO FONOAUDIOLÓGICA EM MULHERES PÓS-AVE COM ALTERAÇÕES DE LINGUAGEM E COMUNICAÇÃO NO BRASIL	140
AVANÇOS E TENDÊNCIAS NA ASSISTÊNCIA PRÉ-NATAL: IMPACTO NA SAÚDE MATERNA E NEONATAL EM CONTEXTOS DE BAIXO E ALTO RISCO	141
BABY BLUES: IMPACTOS NA SAÚDE MENTAL DAS MULHERES NO PÓS-PARTO	142
BAIXA PROCURA DE EXAMES GINECOLÓGICOS DE ROTINA NO SUS POR MULHERES EM ESTADO DE VULNERABILIDADE	143
BANCO DE LEITE HUMANO: SOB A PERSPECTIVA DE UMA RESIDENTE EM ENFERMAGEM OBSTÉTRICA	144
BENEFÍCIOS DA AMAMENTAÇÃO E LACTAÇÃO PARA A SAÚDE FÍSICA, PSICOLÓGICA E EMOCIONAL DA MULHER	145
BENEFÍCIOS DA ATIVIDADE FÍSICA NA GESTAÇÃO: UMA ANÁLISE DOS IMPACTOS NA SAÚDE MATERNO-FETAL	146
BENEFÍCIOS DA ATIVIDADE FÍSICA NA REDUÇÃO DO TEMPO NO TRABALHO DE PARTO	147
BENEFÍCIOS DA SUPLEMENTAÇÃO DE ÁCIDO FÓLICO DURANTE A GESTAÇÃO PARA A SAÚDE DO BEBÊ	148
BENEFÍCIOS DO RASTREAMENTO COMBINADO NA DETECÇÃO DE ANOMALIAS CROMOSSÔMICAS PARA SAÚDE DA GESTANTE E BEBÊ.	149
BENEFÍCIOS DO RETORNO AO PARTEJAMENTO DOMICILIAR NA SEGURANÇA DE UM AMBIENTE HOSPITALAR -CASA DE PARTO	150
BOAS PRÁTICAS PARA A SEGURANÇA DO PACIENTE: CAMINHO PARA A GARANTIA DA QUALIDADE NA ASSISTÊNCIA	151
CADERNETA DA GESTANTE COMO ASSEGURAMENTO DE DIREITOS DA MULHER	152
CÂNCER DE MAMA: DIFICULDADES PARA DIAGNOSTICO PRECOCE E IMPORTANCIA DA RECONSTITUIÇÃO MAMARIA	153
CASOS DE HIV POR TRANSMISSÃO VERTICAL EM MULHERES PARDAS NO BRASIL	154



2° CONSAMU

14, 15 e 16 de Junho

REALIZAÇÃO:



APOIO:



CENÁRIO DA SAÚDE MENTAL DIANTE MÃES DE FILHOS COM A SÍNDROME CONGÊNITA PELO ZIKA VÍRUS	155
CLIMATÉRIO: DESAFIOS E OPORTUNIDADES NA VIDA DAS MULHERES	156
COLETA DE CITOPATOLÓGICO POR GRADUANDA DE ENFERMAGEM DURANTE ESTÁGIO SUPERVISIONADO: RELATO DE EXPERIÊNCIA	157
COMPOSIÇÃO DA MICROBIOTA GENITAL FEMININA E IMPLICAÇÕES NA FERTILIDADE: UMA REVISÃO BIBLIOGRÁFICA	158
CONDIÇÕES DE SAÚDE DA MULHER NO SISTEMA PRISIONAL: UMA REVISÃO INTEGRATIVA DA LITERATURA	159
CONDUTAS DO ENFERMEIRO A MULHERES DIAGNOSTICADAS COM INFECÇÃO DO TRATO URINÁRIO DURANTE A GESTAÇÃO	160
CONHECIMENTO E PRÁTICAS DE CUIDADO DE MULHERES E ENFERMEIROS SOBRE O CLIMATÉRIO	161
CONSTRUÇÃO MÍDIÁTICA DE UM “CORPO BELO” E SUA INFLUÊNCIA NA SAÚDE MENTAL FEMININA	162
CONSULTORIA EM ALEITAMENTO MATERNO: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA	163
CONTRACEPÇÃO: A ENTREVISTA MOTIVACIONAL COM A PACIENTE EM VULNERABILIDADE SOCIAL	164
CONTRIBUIÇÕES DA PINTURA GESTACIONAL PARA O VÍNCULO ENTRE MÃE E BEBÊ: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA	165
CONTRIBUIÇÕES DO ESTÁGIO EXTRACURRICULAR NA ESTOMATERAPIA PARA A FORMAÇÃO PROFISSIONAL DE ENFERMEIROS: RELATO DE EXPERIÊNCIA	166
CONTRIBUIÇÕES FONOAUDIOLÓGICAS NO ALEITAMENTO MATERNO DE MÃES ADOLESCENTES NO ESTADO DO PARÁ	167
CUIDADOS DE ENFERMAGEM NA RECUPERAÇÃO PÓS-CIRURGIA DE MASTECTOMIA: ABORDAGENS E APOIO INTEGRAL À PACIENTE	168
CUIDADOS DE ENFERMAGEM A GESTANTE PORTADORA DE HIV	169
CUIDADOS DE ENFERMAGEM A PACIENTES COM ESTENOSE VAGINAL SECUNDÁRIA À RADIOTERAPIA PÉLVICA: REVISÃO DE LITERATURA	170
CUIDANDO DA SAÚDE MENTAL DURANTE A GRAVIDEZ: DEPRESSÃO NÃO É SÓ NO PUERÉRIO	171



2º CONSAMU

14, 15 e 16 de Junho

REALIZAÇÃO:



APOIO:



DANOS DA EXPOSIÇÃO DE MULHERES A DROGAS DE ABUSO: O QUE APONTAM OS ESTUDOS CIENTÍFICOS	172
DAS MÃOS A SAÚDE: A FALTA DE CONHECIMENTO DA LIBRAS POR PROFISSIONAIS DA SAÚDE FEMININA.	173
DEPRESSÃO PÓS-PARTO: ESTRATÉGIAS PARA PREVENÇÃO E TRATAMENTO DA SAÚDE EMOCIONAL MATERNA	174
DEPRESSÃO PÓS-PARTO OCACIONADA PELO DESEQUILÍBRIO HORMONAL ..	175
DESAFIOS DA ATENÇÃO PRIMÁRIA À SAÚDE NO ENFRENTAMENTO DA PANDEMIA DA COVID-19	176
DESAFIOS E ESTRATEGIAS NO COMBATE À SIFILIS CONGÊNITA	177
DESAFIOS E OPORTUNIDADES PARA PROMOÇÃO DA SAÚDE MENTAL EM GESTANTES	178
DESAFIOS NA PREVENÇÃO DEO CÂNCER DE COLO DO ÚTERO: UMA REVISÃO BIBLIOGRÁFICA SOBRE A CAPACITAÇÃO DOS PROFISSIONAIS DA APS NO SUS.	179
DESMITIFICANDO A AMAMENTAÇÃO: RELATO DE EXPERIÊNCIA DE EDUCAÇÃO EM SAÚDE COM GESTANTES	180
“DESVENDANDO A ENDOMETRIOSE”: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA NA ELABORAÇÃO DE UMA CARTILHA EDUCATIVA PARA ADOLESCENTES.	181
DIA “D” PROMOÇÃO E PREVENÇÃO À SAÚDE DA MULHER: UMA EXPERIÊNCIA EXITOSA	182
DIABETES GESTACIONAL: O PAPEL DA ATENÇÃO PRIMÁRIA NA PREVENÇÃO EM SAÚDE FEMININA	183
DIFERENÇA ENTRE A INCIDÊNCIA DE EXAMES DE MAMOGRAFIA ALTAMENTE SUGESTIVOS DE MALIGNIDADE POR ETNIA NO ESTADO DE SÃO PAULO	184
DISFUNÇÃO SEXUAL LIGADA AO PERÍODO DE CLIMATÉRIO	185
DOENÇA DE ALZHEIMER: UM ESTUDO EPIDEMIOLÓGICO DAS INTERNAÇÕES DE MULHERES BRASILEIRAS ENTRE 2014 A 2023	186
DSTs E GESTANTES: ESTRATÉGIAS PARA MITIGAR O RISCO DE TRANSMISSÃO VERTICAL.	187
DUPLA JORNADA DE TRABALHO DA MULHER E SEUS IMPACTOS NA SAÚDE FÍSICA E MENTAL	188



2º CONSAMU

14, 15 e 16 de Junho

REALIZAÇÃO:



APOIO:



EDUCAÇÃO E ENFERMAGEM: CHAVE PARA ENFRENTAR A HESITAÇÃO VACINAL	189
EDUCAÇÃO EM SAÚDE COMO ESTRATÉGIA DE PREVENÇÃO DO CÂNCER DE MAMA NA ATENÇÃO PRIMÁRIA	190
EDUCAÇÃO EM SAÚDE COMO FERRAMENTA PARA ADESÃO	191
EFEITO DA ELETROESTIMULAÇÃO TRANSCUTÂNEA NO TRATAMENTO DA INCONTINÊNCIA URINÁRIA DE URGÊNCIA	192
EFEITO DO TREINAMENTO DOS MÚSCULOS DO ASSOALHO PÉLVICO SOBRE A FUNÇÃO DO ASSOALHO PÉLVICO DE MULHERES COM INCONTINÊNCIA URINÁRIA	193
EFEITOS DA MASSAGEM TERAPÊUTICA EM MULHERES DURANTE O PERÍODO GESTACIONAL	194
EFEITOS DA NUTRIÇÃO MATERNA NO DESENVOLVIMENTO DA MICROBIOTA INTESTINAL DO RECÉM-NASCIDO	195
EFEITOS DA TERAPIA HORMONAL SOBRE A FERTILIDADE DE HOMENS TRANS: UMA REVISÃO DA LITERATURA	196
EFICÁCIA DO POMPOARISMO NO TRATAMENTO DA INCONTINÊNCIA URINÁRIA EM MULHERES: REVISÃO DE LITERATURA	197
ELABORAÇÃO DE ÁLBUM SERIADO COMO ESTRATÉGIA DE EDUCAÇÃO EM SAÚDE PARA GESTANTES: RELATO DE EXPERIÊNCIA.	198
ELETROCONVULSOTERAPIA NA GESTAÇÃO: EFICÁCIA E SEGURANÇA NO TRATAMENTO DO TRANSTORNO DEPRESSIVO MAIOR	199
EMBOLIA DE LÍQUIDO AMNIÓTICO DURANTE O PARTO: RISCOS AO RN E A ASSISTÊNCIA DE ENFERMAGEM FRENTE ÀS INTERVENÇÕES.	200
EMPREENDEDORISMO NA ENFERMAGEM: REDEFININDO A PRÁTICA DA SAÚDE	201
ENDOMETRIOSE INTESTINAL: UMA PERSPECTIVA LAPAROSCÓPICA NA ABORDAGEM TERAPÊUTICA	202
ENFERMEIRO OBSTETRA: PILAR ESSENCIAL PARA A PROMOÇÃO DO PARTO HUMANIZADO	203
EPIDEMIOLOGIA DA TOXOPLASMOSE GESTACIONAL NO BRASIL: PERFIL, CLASSIFICAÇÃO E EVOLUÇÃO ENTRE 2019 A 2023	204
EPIDEMIOLOGIA DAS INTERNAÇÕES POR CÂNCER DE MAMA NO BRASIL DE 2018 A 2023	205



ERUPÇÃO POLIMÓRFICA DA GRAVIDEZ: UMA REVISÃO DE LITERATURA ...	206
ESCALA MIF COMO INSTRUMENTO DE AVALIAÇÃO DA INDEPENDÊNCIA FUNCIONAL DE MULHERES COM CÂNCER DE MAMA	207
ESTIMATIVA DA COBERTURA DE MAMOGRAFIA DE RASTREIO NO NORDESTE ENTRE 2016 E 2023	208
ESTRATÉGIAS DE PREVENÇÃO E COMBATE À VIOLÊNCIA DOMÉSTICA CONTRA MULHERES GRÁVIDAS: REVISÃO DE LITERATURA	209
ESTRATÉGIAS NUTRICIONAIS PARA PROMOVER O DESENVOLVIMENTO NEONATAL	210
EVENTO MARÇO LILÁS: EDUCAÇÃO EM SAÚDE FEMININA PROMOVIDO POR ONG COMO INICIATIVA PARA CONSCIENTIZAÇÃO DO CÂNCER DE COLO DE ÚTERO	211
EXPLORANDO CONEXÕES INESPERADAS: DIETAS E TRATAMENTO DA CANDIDÍASE VAGINAL - UMA REVISÃO INTEGRATIVA DA LITERATURA	212
FATORES ASSOCIADOS AO DESMAME PRECOCE: UMA REVISÃO INTEGRATIVA DA LITERATURA	213
GRANULOMA PIOGÊNICO ORAL EM GESTANTES: PREVALÊNCIA, MANEJO E CONSIDERAÇÕES CLÍNICAS	214
HÁBITOS ALIMENTARES DE MULHERES DE DIFERENTES ETNIAS INDÍGENAS DURANTE A GESTAÇÃO	215
HEMORRAGIA PÓS-PARTO: INTERVENÇÕES E CUIDADOS ESSENCIAIS DA EQUIPE DE ENFERMAGEM	216
HISTERECTOMIA VIA VAGINAL X LAPAROSCÓPICA: INTERNAÇÕES, MÉDIA DE PERMANÊNCIA E ÓBITOS NO BRASIL DE 2018 A 2023	217
HOSPITALIZAÇÕES POR CLAMÍDIA TRANSMITIDA POR VIA SEXUAL NO NORDESTE BRASILEIRO: UMA ANÁLISE EPIDEMIOLÓGICA	218
IMPACTO DA GESTÃO ADEQUADA NA REDUÇÃO DA MORTALIDADE MATERNA E NEONATAL	119
IMPACTO DA NUTRIÇÃO MATERNA SOBRE O DESENVOLVIMENTO FETAL ..	220
IMPACTO DA SÍFILIS GESTACIONAL NA INCIDÊNCIA DE PARTOS PREMATUROS NO BRASIL: UMA REVISÃO BIBLIOGRÁFICA	221
IMPACTO DA VACINAÇÃO CONTRA O HPV NA PREVENÇÃO DO CÂNCER DE COLO UTERINO: REVISÃO DE LITERATURA	222



2° CONSAMU

14, 15 e 16 de Junho

REALIZAÇÃO:



APOIO:



IMPACTO DAS TÉCNICAS DE REPRODUÇÃO ASSISTIDA NA SAÚDE MATERNA E NEONATAL: UMA REVISÃO ATUALIZADA	223
IMPACTO DO CONSUMO DE ÁLCOOL NA GRAVIDEZ: ESTRATÉGIAS PARA SAÚDE MATERNO-FETAL	224
IMPACTO PSICOSSOCIAL DA PUBERDADE PRECOCE: UMA ANÁLISE CRÍTICA DA LITERATURA	225
IMPACTOS DA EPISIOTOMIA NA SAÚDE NO PERÍODO PUERPÉRIO: REVISÃO DE LITERATURA RECENTE	226
IMPACTOS DA MASTECTOMIA NA SEXUALIDADE E SAÚDE MENTAL DA MULHER: UMA ABORDAGEM ACADÊMICA	227
IMPACTOS DA NUTRIÇÃO ADEQUADA EM GESTANTES COM DIABETES GESTACIONAL: UMA REVISÃO INTEGRATIVA DE 2014 A 2023	228
IMPACTOS DAS INFECÇÕES SEXUALMENTE TRANSMISSÍVEIS NA GESTAÇÃO	229
IMPACTOS NA QUALIDADE DE VIDA DA MULHER DIANTE O CLIMATÉRIO ..	230
IMPLEMENTAÇÃO DA SISTEMATIZAÇÃO DA ASSISTÊNCIA DE ENFERMAGEM NO CENTRO CIRÚRGICO OBSTÉTRICO: RELATO DE EXPERIÊNCIA	231
IMPORTÂNCIA DA ATIVIDADE CURRICULAR DE EMPREENDEDORISMO EM ENFERMAGEM NUMA UNIVERSIDADE FEDERAL: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA	232
IMPORTÂNCIA DA VIGILÂNCIA OBSTÉTRICA E INTERVENÇÕES DE ENFERMAGEM NA GESTAÇÃO COM INCISURA PROTODIASTÓLICA DA ARTÉRIA UTERINA: UM RELATO DE CASO	233
IMPORTÂNCIA DO ESTUDO DA SAÚDE REPRODUTIVA E DA SAÚDE DA MULHER NA FORMAÇÃO ACADÊMICA: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA	234
IMPORTÂNCIA DO TRATAMENTO ODONTOLÓGICO EM PACIENTES COM CÂNCER DE MAMA: UMA REVISÃO INTEGRATIVA	235
INCIDÊNCIA DE EXAMES SUGESTIVOS DE CÂNCER DE COLO DE ÚTERO NA REGIÃO SUL DO BRASIL	236
INCIDÊNCIA DE SÍFILIS EM GESTANTES NO NORTE DO RIO GRANDE DO SUL ENTRE OS ANOS DE 2020 A 2023	237
INCIDÊNCIA DOS CASOS DE TRAUMA DURANTE O NASCIMENTO NO BRASIL NO PERÍODO DE 2019 A 2023	238



2° CONSAMU

14, 15 e 16 de Junho

REALIZAÇÃO:



APOIO:



ÍNDICE DE MASSA CORPORAL E IMPLICAÇÕES CARDIOVASCULARES EM MULHERES COM CÂNCER DE MAMA	239
INFECÇÃO PELO PAPILOMAVÍRUS HUMANO: SINTOMAS, DIAGNÓSTICO E PREVENÇÃO COM ÊNFASE NA VACINAÇÃO	240
INFECÇÕES SEXUALMENTE TRANSMISSÍVEIS DA MÃE PARA O BEBÊ DURANTE A GESTAÇÃO, PARTO E AMAMENTAÇÃO	241
INFLUÊNCIAS DO CLIMATÉRIO NO PROCESSO DE ENVELHECIMENTO DA POPULAÇÃO IDOSA FEMININA BRASILEIRA	242
INSERÇÃO DO DISPOSITIVO INTRAUTERINO (DIU) NA ATENÇÃO BÁSICA: BENEFÍCIOS E DESAFIOS	243
INTERCORRÊNCIAS OBSTÉTRICAS NA ADOLESCÊNCIA E A MORTALIDADE MATERNA NO BRASIL	244
INTERNAÇÃO EM UTI MATERNA POR COMPLICAÇÕES DE HEMORRAGIA PÓSPARTO POR ATONIA UTERINA: RELATO DE EXPERIÊNCIA	245
INTERVENÇÕES NUTRICIONAIS NO MANEJO DO DIABETES GESTACIONAL: UMA REVISÃO DE LITERATURA SISTEMÁTICA RECENTE	246
LEVANTAMENTO EPIDEMIOLÓGICO DE AIDS EM MULHERES NO BRASIL	247
LEVANTAMENTO EPIDEMIOLÓGICO DE SÍFILIS EM GESTANTES NO BRASIL .	248
LEVANTAMENTO EPIDEMIOLÓGICO DE SÍFILIS EM GESTANTES NO ESTADO DO PIAUÍ NO ANO DE 2023	249
LEVANTAMENTO EPIDEMIOLÓGICO DE TOXOPLASMOSE EM GESTANTES NO BRASIL	250
LEVANTAMENTO EPIDEMIOLÓGICO DOS CASOS DE NEOPLASIA MALIGNA DE MAMA NA REGIÃO NORDESTE DO BRASIL ENTRE OS PERÍODOS DE 2021 A 2023	251
MAIS UMA FACETA DA VIOLÊNCIA OBSTÉTRICA: O IMPACTO DO RACISMO NAS EXPERIÊNCIAS DE PARTO DAS MULHERES NEGRAS NO BRASIL	252
MANEJO BASEADO EM PROTOCOLO DA VAGINOSE BACTERIANA PELO ENFERMEIRO NA ATENÇÃO BÁSICA	253
MANEJO EFETIVO DA HEMORRAGIA PÓS-PARTO: ENFOQUE DIAGNÓSTICO E INTERVENCIONISTA	254
MÉTODO PILATES COMO RECURSO FISIOTERAPÊUTICO DIFERENCIAL NO PREPARO DO ASSOALHO PÉLVICO DURANTE O PERÍODO GESTACIONAL	255



2° CONSAMU

14, 15 e 16 de Junho

REALIZAÇÃO:



APOIO:



MÉTODOS E ESTRATÉGIAS INOVADORAS PARA ALÍVIO DOS SINTOMAS DA MENOPAUSA E CUIDADOS PREVENTIVOS NO CLIMATÉRIO	256
MORBIMORTALIDADE POR NEOPLASIA MALIGNA DO COLO UTERINO, NO BRASIL, DE 2019-2023	257
MORTALIDADE FEMININA EM IDADE FÉRTIL NO NORDESTE NO PERÍODO DE 2012-2022	258
MORTALIDADE MATERNA: A IMPORTÂNCIA DA ADERÊNCIA PRÉ-NATAL ...	259
MUDANÇA DE ESTILO DE VIDA EM MULHERES COM SÍNDROME DOS OVÁRIOS POLICÍSTICOS: UMA REVISÃO DE LITERATURA	260
MULHER DE FIBRA: QUALIDADE DE VIDA, ATIVIDADE FÍSICA E SAÚDE DE MULHERES COM FIBROMIALGIA	261
MULHERES NA MENOPAUSA: NUTRIÇÃO E PSICOLOGIA COMO ALIADAS NESSE PROCESSO	262
MULHERES NEGRAS EM SITUAÇÃO DE RUA: OBSTÁCULOS NO ACESSO AOS SERVIÇOS DE SAÚDE	263
NARRATIVAS MEMORIALÍSTICAS (AUTOBIOGRAFIA) DE UMA PROFESSORA SOBRE ATUAÇÕES COM O TEMA CORPO NO ENSINO DE QUÍMICA	264
NOTIFICAÇÃO DE AIDS EM MULHERES NO BRASIL DURANTE O PERÍODO DE 2000 A 2023	265
NOVAS PERSPECTIVAS DE FEMINILIDADE: UMA ANÁLISE PSICOSSOCIAL DE MULHERES EM PROCESSO DE ENVELHECIMENTO	266
NUTRACÊUTICOS NA INFERTILIDADE FEMININA	267
O ACESSO AO CÂNCER DE COLO UTERINO EM MULHERES BRASILEIRAS: O INSTITUCIONAL, O VIVIDO E O COMPREENDIDO	268
O APAGAMENTO DO CLIMATÉRIO NA ATENÇÃO PRIMÁRIA À SAÚDE	269
O ATENDIMENTO COMPARTILHADO À GESTANTE E PUERPERAS NA ESTRATÉGIA SAÚDE DA FAMÍLIA: RELATO DE EXPERIÊNCIA	270
O ATENDIMENTO PRESTADO PELA EQUIPE DE SAÚDE AO PACIENTE ONCOLÓGICO EM TEMPOS DE COVID-19	271
O AUMENTO DA MORTALIDADE MATERNA NO PERÍODO PANDÊMICO DA COVID-19 EM UM ESTADO AMAZÔNICO	272
O CÂNCER DE MAMA DURANTE A GRAVIDEZ: ABORDAGENS CLÍNICAS E DESAFIOS	273



O CONSUMO DE ÁLCOOL INFLUENCIA NA PREVALÊNCIA DA VAGINOSE BACTERIANA? UMA REVISÃO INTEGRATIVA	274
O CONTEXTO HISTÓRICO DA VIOLÊNCIA OBSTÉTRICA	275
O DESAFIO DA HUMANIZAÇÃO NO CUIDADO DA PESSOA IDOSA EM UNIDADE DE TERAPIA INTENSIVA.	276
O EFEITO DAS RELAÇÕES SEXUAIS NA SAÚDE VAGINAL: TRANSFORMAÇÕES NA MICROBIOTA E O RISCO DE VULVOVAGINITE	277
O ENFERMEIRO COMO AUTOR DA COLETA DO CITOPATOLÓGICO NO SUS – UMA REVISÃO DE LITERATURA	278
O FAZER DA PSICOLOGIA PERINATAL NO CENTRO OBSTÉTRICO DE UM HOSPITAL UNIVERSITÁRIO DE RECIFE/PE	279
O IMPACTO DO CLIMATÉRIO NA SEXUALIDADE FEMININA	280
MANEJO DA SÍFILIS DURANTE O PRÉ-NATAL: UMA REVISÃO DE LITERATURA	281
O PAPEL DA EDUCAÇÃO SEXUAL ESCOLAR NA PREVENÇÃO DE INFECÇÕES SEXUALMENTE TRANSMISSÍVEIS: UMA REVISÃO BIBLIOGRÁFICA	282
O QUE MUDA NO RASTREIO DE DIABETES GESTACIONAL APÓS CIRURGIA BARIÁTRICA?	283
O USO DA FERTILIZAÇÃO IN VITRO E SUA RELAÇÃO COM AS MALFORMAÇÕES FETAIS	284
O USO DE ANTICONCEPCIONAIS ORAIS COMBINADOS COMO CAUSA DE ACIDENTE VASCULAR ENCEFÁLICO EM MULHERES JOVENS	285
O USO DE TERAPIA ANDROGÊNICA EM CASOS DE DISFUNÇÃO SEXUAL FEMININA	286
OBESIDADE: UM DOS PRINCIPAIS FATORES DE RISCO PARA O CÂNCER DE MAMA.	287
OBSTÁCULOS DO ALEITAMENTO MATERNO EXCLUSIVO	288
OCITOCINA: UMA ABORDAGEM QUALITATIVA DO SEU USO NA PREVENÇÃO DE HEMORRAGIA PÓS-PARTO	289
OFICINAS SOBRE SAÚDE MENTAL: RELATO DE EXPERIÊNCIA ENTRE MULHERES HOSPITALIZADAS	290
ÔMEGA 3 NA PREVENÇÃO DO CÂNCER DE MAMA	291



OS BENEFÍCIOS DA ALIMENTAÇÃO SAUDÁVEL DURANTE A GRAVIDEZ E A AMAMENTAÇÃO	292
OS BENEFÍCIOS DO ALEITAMENTO MATERNO PARA A SAÚDE DA MULHER ·	293
OS DESAFIOS NA VIDA DA MULHER COM SÍNDROME DO OVÁRIO POLICÍSTICO	294
OS EFEITOS DA OSTEOPATIA EM SINTOMAS DE MULHERES COM ENDOMETRIOSE.....	295
OS FATORES DE RISCO ASSOCIADOS A INFECÇÕES SEXUALMENTE TRANSMISSÍVEIS EM ADOLESCENTES	296
OS IMPACTOS DA BARREIRA COMUNICACIONAL NA GESTAÇÃO PELO DESCONHECIMENTO DO USO DAS LIBRAS	297
OS IMPACTOS DAS INFECÇÕES SEXUALMENTE TRANSMISSÍVEIS NA SAÚDE DA MULHER	298
OS RISCOS GESTACIONAIS DE MULHERES COM LUPUS ERITEMATOSO SISTÊMICO	299
OS SABERES-FAZERES CULTURAIS DE UM ASSENTAMENTO NA PROMOÇÃO DO CUIDADO EM SAÚDE: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA	300
PANORAMA DA COBERTURA VACINAL DA DTPA EM GESTANTES NO BRASIL.	301
PERCEPÇÕES DE ESTUDANTE DE ENFERMAGEM NA PASTEURIZAÇÃO DE LEITE MATERNO	302
PERCEPÇÕES DOS ACOMPANHANTES A RESPEITO DO SEU PAPEL DURANTE O PROCESSO DE NASCIMENTO	303
PERFIL CLÍNICO-EPIDEMIOLÓGICO DAS INTERNAÇÕES HOSPITALARES POR ENDOMETRIOSE NO BRASIL DE 1998 A 2023	304
PERFIL DAS MULHERES COM INCONTINÊNCIA URINÁRIA EM TRATAMENTO FISIOTERAPÊUTICO ESPECIALIZADO	305
PERFIL DE MULHERES ATENDIDAS NO CREAS: RETRATOS DA VIOLÊNCIA DOMÉSTICA	306
PERFIL EPIDEMIOLÓGICO DA SÍFILIS GESTACIONAL: AVALIANDO SEU IMPACTO NO BRASIL	307
PERFIL EPIDEMIOLÓGICO DE CASOS DE MIOMA NO BRASIL NO PERÍODO DE 2019 A 2023	308



PERFIL EPIDEMIOLÓGICO DE HANSENÍASE EM MULHERES NO PIAUÍ NO ANO DE 2023	309
PERFIL EPIDEMIOLÓGICO DE MULHERES SUBMETIDAS A CITOPATOLOGIA DE COLO DE ÚTERO NO BRASIL EM 2023	310
PERFIL EPIDEMIOLÓGICO DE MULHERES SUBMETIDAS AO EXAME HISTOPATOLÓGICO DE MAMA NO BRASIL EM 2023	311
PERFIL EPIDEMIOLÓGICO DE SÍFILIS EM GESTANTES RESIDENTES NO MARANHÃO ENTRE 2018 E 2023	312
PERFIL EPIDEMIOLÓGICO DE SÍFILIS EM GESTANTES NO MARANHÃO	313
PERFIL EPIDEMIOLÓGICO DE SÍFILIS EM GESTANTES NO PIAUÍ NO ANO DE 2023	314
PERFIL EPIDEMIOLÓGICO DOS ÓBITOS POR ACIDENTE DE TRABALHO EM GOIÁS, BRASIL	315
PERFIL NUTRICIONAL DE MULHERES COM ESTOMIA EM UMA UNIDADE DE REFERÊNCIA	316
PLANTAS MEDICINAIS COMO ALTERNATIVA TERAPÊUTICA NO TRATAMENTO DA SÍNDROME CLIMATÉRICA	317
POBREZA MENSTRUAL E SEUS IMPACTOS NA VIDA DAS PESSOAS QUE MENSTRUAM	318
PRÁTICAS EM FISIOTERAPIA PÉLVICA NA FORMAÇÃO ACADÊMICA: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA	319
PREDOMÍNIO DE INTERNAÇÕES E ÓBITOS RELACIONADOS AO CID-10 EM MULHERES NA REGIÃO SUDESTE DO BRASIL	320
PREVALÊNCIA DE ÓBITOS ASSOCIADOS A TRANSTORNOS DEPRESSIVOS ENTRE MULHERES NO BRASIL	321
PREVALÊNCIA DE VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER NO BRASIL NOS ANOS DE 2018 A 2022	322
PREVALÊNCIA E IMPACTO DA CANDIDÍASE VULVOVAGINAL EM MULHERES: UMA REVISÃO DE LITERATURA	323
PREVENÇÃO DE INFECÇÕES SEXUALMENTE TRANSMISSÍVEIS - ISTS	324
PREVENÇÃO DO CÂNCER DE COLO UTERINO: DESAFIOS DA NÃO ADESÃO DAS MULHERES AO EXAME PAPANICOLAU	325



2º CONSAMU

14, 15 e 16 de Junho

REALIZAÇÃO:



APOIO:



PREVENÇÃO E PREVALÊNCIA DAS IST'S EM JOVENS ADULTOS: DESAFIOS E ESTRATÉGIAS	326
PRINCIPAIS FATORES CAUSADORES DE ANSIEDADE NO PUERPÉRIO E A INFLUÊNCIA NA AMAMENTAÇÃO	327
PROCESSO SAÚDE-DOENÇA: PERCEPÇÕES E IMPLICAÇÃO DE SER MULHER EM CENÁRIOS SOCIALMENTE MASCULINOS	328
PROMOÇÃO DO CONTATO PELE A PELE ENTRE MÃES E RECÉM NASCIDOS NA PRIMEIRA HORA DE VIDA	329
PROMOVENDO CONFIANÇA NA AMAMENTAÇÃO DURANTE O PUERPÉRIO ..	330
PROTOCOLOS DE ENFERMAGEM PARA GESTANTES COM HTLV-1: UM OLHAR NA ATENÇÃO PRIMÁRIA	331
PUERPÉRIO IMEDIATO APÓS PARTO CESÁREO NO CENTRO OBSTÉTRICO DE UMA MATERNIDADE PÚBLICA DE BELÉM, PARÁ: RELATO DE EXPERIÊNCIA.	332
QUAIS OS BENEFÍCIOS DO USO DA METFORMINA PARA PACIENTES COM SÍNDROME DO OVÁRIO POLICÍSTICO? UMA REVISÃO DE LITERATURA.	333
RASTREAMENTO DO CÂNCER DE COLO UTERINO: UMA ANÁLISE SOBRE A IMPORTÂNCIA DO EXAME COLPOCITOLÓGICO	334
REABILITAÇÃO DE PORTADORES DE DOENÇA RENAL CRÔNICA EM HEMODIÁLISE: REVISÃO DE LITERATURA	335
REABILITAÇÃO DO ASSOALHO PÉLVICO: ANÁLISE DO IMPACTO NA SAÚDE MATERNA PÓS-PARTO	336
REABILITAÇÃO FISIOTERAPÊUTICA EM PACIENTES COM PARALISIA OBSTÉTRICA DO PLEXO BRAQUIAL	337
REFLEXO DA ENDOMETRIOSE NA INFERTILIDADE E DESAFIOS PARA UM PLANEJAMENTO FAMILIAR: REVISÃO INTEGRATIVA DE LITERATURA	338
RELAÇÃO CLÍNICA ENTRE CLIMATÉRIO E OSTEOPOROSE: REVISÃO DE EVIDÊNCIAS RECENTES E ABORDAGENS TERAPÊUTICAS	339
RELAÇÃO DA DISBIOSE DA FLORA VAGINAL COM O DESENVOLVIMENTO DAS VAGINOSES E VAGINITES	340
RELAÇÃO DO ALEITAMENTO MATERNO COM A FONOAUDIOLOGIA	341
RELAÇÃO ENTRE RESISTÊNCIA À INSULINA E DIABETES MELLITUS TIPO 2 EM MULHERES COM SOP	342



2° CONSAMU

14, 15 e 16 de Junho

REALIZAÇÃO:



APOIO:



RELAÇÃO ENTRE TERAPIA DE REPOSIÇÃO HORMONAL NA MENOPAUSA E O DESENVOLVIMENTO DE NEOPLASIA	343
RELAÇÃO ENTRE TRANSTORNOS DE ANSIEDADE E COMPLICAÇÕES OBSTÉTRICAS: REVISÃO DE ESTUDOS RECENTES	344
RELATO DE EXPERIÊNCIA A UMA GESTANTE UTILIZANDO PROCESSO DE ENFERMAGEM BASEADO NA TEORIA DE OREM	345
RELATO DE EXPERIÊNCIA DE ATIVIDADE EDUCATIVA SOBRE A CAMPANHA OUTUBRO ROSA: PREVENINDO O CÂNCER DE MAMA	346
RELATO DE EXPERIÊNCIA DE ATIVIDADE EDUCATIVA SOBRE PLANO DE PARTO	347
REPERCURSÕES DA VIOLÊNCIA DOMÉSTICA NA SAÚDE MENTAL DAS MULHERES – UMA REVISÃO BIBLIOGRÁFICA	348
RESSIGNIFICANDO TRAUMA: USO DE TÉCNICAS NÃO FARMACOLÓGICAS NA ASSISTÊNCIA AO PARTO.	349
RISCOS <i>VERSUS</i> BENEFÍCIOS DO USO DO MISOPROSTOL PARA INDUÇÃO DO PARTO	350
SANGRAMENTO PÓS-MENOPAUSA: ETIOLOGIAS RELACIONADAS AO DESEQUILIBRIO HORMONAL	351
SAÚDE BUCAL DA MULHER E CICLO DE VIDA: UMA RELAÇÃO POSSÍVEL? ..	352
SAÚDE BUCAL E GRAVIDEZ: A INTEGRAÇÃO ESSENCIAL DO PRÉ-NATAL ODONTOLÓGICO	353
SAÚDE BUCAL EM MULHERES EM SITUAÇÃO DE RUA: RELAÇÃO ENTRE GÊNERO E ACESSO	354
SAÚDE MENTAL DA MULHER VÍTIMA DE VIOLÊNCIA SEXUAL	355
SAÚDE MENTAL DE MULHERES DONAS DE CASA	356
SENSAÇÃO DO ZUMBIDO E SEUS IMPACTOS NO ESTADO DE DEPRESSÃO EM MULHERES: REVISÃO DE LITERATURA	357
SILENCIAMENTO FEMININO REFLETIDO NAS ARTES: UMA ANÁLISE CRÍTICA SOBRE ESCULTURAS EM BRONZE NA CIDADE DO RIO DE JANEIRO	358
SÍNDROME DE HELLP E SEUS IMPACTOS CLÍNICOS NA PREMATURIDADE: REVISÃO SISTEMÁTICA DE LITERATURA	359
TERAPIA DE REPOSIÇÃO HORMONAL EM MULHERES: PODE DESENCADear OU EXACERBAR A ASMA?	360



TERAPIA HORMONAL: O USO DE HORMÔNIOS BIOIDÊNTICOS EM MULHERES	361
TRANSTORNO OBSESSIVO-COMPULSIVO NO PERINATAL E NO PUERPÉRIO: IMPACTOS E CORRELAÇÕES	362
TRANSTORNOS FACTÍCIOS NA GRAVIDEZ: DESAFIOS CLÍNICOS E IMPLICAÇÕES OBSTÉTRICAS	363
TRICOMONÍASE EM MULHERES GRÁVIDAS E POSSÍVEIS COMPLICAÇÕES NO PARTO: UMA REVISÃO INTEGRATIVA DE LITERATURA	364
UM ESTUDO ECOLÓGICO: ANÁLISE DA HEMORRAGIA PÓS-PARTO COMO CAUSADORA DE MORTE MATERNA NO BRASIL	365
UM ESTUDO ECOLÓGICO: ANÁLISE DA MORTALIDADE DECORRENTE DE NEOPLASIA DE COLO UTERINO NO BRASIL.	366
UM ESTUDO ECOLÓGICO: ANÁLISE DA MORTALIDADE POR GESTAÇÃO ECTÓPICA NO BRASIL	367
USO DA ARTE GESTACIONAL COMO INSTRUMENTO PARA FORTALECER O VÍNCULO ENTRE O BINÔMIO MÃE-BEBÊ.	368
PRÁTICAS INTEGRATIVAS E COMPLEMENTARES EM SAÚDE NO ALÍVIO DA DOR NO TRABALHO DE PARTO	369
OS PERIGOS DO USO INDISCRIMINADO DO ANTICONCEPCIONAL ORAL COMBINADO: REVISÃO INTEGRATIVA DE LITERATURA	370
UTILIZAÇÃO DA METODOLOGIA ATIVA NO PROCESSO FORMATIVO NO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GINECOLOGIA E OBSTETRÍCIA.	371
UTILIZAÇÃO DE TECNOLOGIA LEVE EM SAÚDE PARA ABORDAGEM SOBRE O CÂNCER DE COLO DE ÚTERO EM UMA UNIDADE DE SAÚDE DA FAMÍLIA	372
VAGINOSE CITOLÍTICA: UMA REVISÃO DA LITERATURA	373
VIOLÊNCIA OBSTÉTRICA EM MULHERES NEGRAS NO BRASIL: UMA REVISÃO INTEGRATIVA	374
VIOLÊNCIA SEXUAL: SEQUELAS E ABORDAGENS DE ASSISTÊNCIA PARA MULHERES VITÍMAS DESSE ABUSO	375
VIVER COM ENDOMETRIOSE: O IMPACTO NA VIDA DAS MULHERES	376
A ATUAÇÃO DA ENFERMAGEM FRENTE A DEPRESSÃO PÓS-PARTO	377
RESUMO EXPANDIDOS	378



2º CONSAMU

14, 15 e 16 de Junho

REALIZAÇÃO:



APOIO:



ASSISTÊNCIA DE ENFERMAGEM NO RASTREAMENTO DO CÂNCER DE COLO DE ÚTERO	378
UMA ANÁLISE DA TRAJETÓRIA POLÍTICA DO MOVIMENTO DE MULHERES NEGRAS NO BRASIL	382
VIOLÊNCIA DOMÉSTICA CONTRA MULHERES GESTANTES E O PAPEL DA ENFERMAGEM: UMA REVISÃO INTEGRATIVA	385
GESTAÇÃO HETEROTÓPICA PÓS ABORTO	390
ATUAÇÃO DE ENFERMEIROS DE SAÚDE DA FAMÍLIA FRENTE AOS CASOS DE SÍFILIS DIAGNOSTICADOS NA GESTAÇÃO	393
ANÁLISE DA ECLÂMPSIA COMO CAUSADORA DE MORTE OBSTÉTRICA NO BRASIL: UM ESTUDO ECOLÓGICO	397
PARTICULARIDADES DO ACOMPANHAMENTO PSICOLÓGICO DE ADOLESCENTES GESTANTES EM UM CENTRO OBSTÉTRICO: EXPERIÊNCIA NO HOSPITAL UNIVERSITÁRIO	401
EXAME CITOPATOLÓGICO: ESTRATÉGIAS DA ENFERMAGEM PARA AUMENTAR O ÍNDICE DE COBERTURA NO BRASIL	405
AS DIFICULDADES NA AMAMENTAÇÃO E ESTRATÉGIAS DE PROMOÇÃO EM SAÚDE – RELATO DE EXPERIÊNCIA	408
ABORDAGENS MULTIDISCIPLINARES PARA O TRATAMENTO DO CÂNCER DE MAMA E DE COLO UTERINO	412
MALFORMAÇÃO ARTERIOVENOSA UTERINA (MAVU) COMO CAUSA RARA DE HEMORRAGIA PÓS PARTO (HPP)	416
USO DE INIBIDORES SELETIVOS DA RECAPTAÇÃO DE SEROTONINA NO TRATAMENTO DA SÍNDROME DISFÓRICA PRÉ-MENSTRUAL	420
A IMPORTÂNCIA DO ACOMPANHAMENTO PRÉ-NATAL PARA GESTANTES VIVENDO COM HIV	423
A INFLUÊNCIA DA VULNERABILIDADE NA OCORRÊNCIA DE VIOLÊNCIA OBSTÉTRICA	427
OS BENEFÍCIOS DA PRÁTICA DE MEDITAÇÃO COMO MÉTODO ALTERNATIVO DE CONFORTO PARA AS GESTANTES	431
ATUAÇÃO DO ENFERMEIRO NA ESTRATÉGIA SAÚDE DA FAMÍLIA FRENTE A MULHER VÍTIMA DE VIOLÊNCIA	434
IMPACTO DA INOVAÇÃO TECNOLÓGICA NO ACOMPANHAMENTO PRÉ- NATAL	437



2º CONSAMU

14, 15 e 16 de Junho

REALIZAÇÃO:



APOIO:



O USO DE TECNOLOGIAS ATIVAS EM SALA DE ESPERA PARA MULHERES CLIMATÉRICAS: RELATO DE EXPERIÊNCIA	442
DESAFIOS E ESTRATÉGIAS NO MANEJO DO CLIMATÉRIO: UMA REVISÃO ABRANGENTE	445
A EFICÁCIA DE MÉTODOS COMPRESSIVOS NA MELHORA DA DIÁSTASE ABDOMINAL PÓS-PARTO: ESTUDO DE METANÁLISE	449
ACOLHIMENTO DE ENFERMAGEM A SAÚDE MENTAL DA MULHER VÍTIMA DE VIOLÊNCIA SEXUAL: RELATO DE EXPERIÊNCIA	454
HIGIENE CORPORAL: O LÚDICO COMO FERRAMENTA DE EDUCAÇÃO EM SAÚDE	458
IMPLEMENTAÇÃO DE CUIDADOS EM SAÚDE: FOCO NA HIPERTENSÃO ARTERIAL E DIABETES MELLITUS: UMA REVISÃO INTEGRATIVA	462
VIVÊNCIA DE ACADÊMICOS DE ENFERMAGEM NA REALIZAÇÃO DA TESTAGEM RÁPIDA PARA COVID-19: RELATO DE EXPERIÊNCIA	466
QUALIDADE DE VIDA DE MULHERES CLIMATÉRICAS E PÓS MENOPÁUSICAS ...	469
VISITA DOMICILIAR A UMA ADOLESCENTE PUÉRPERA: RELATO DE EXPERIÊNCIA	472
ATENDIMENTO INTEGRAL PARA MULHERES COM GESTAÇÃO DECORRENTE DE VIOLÊNCIA SEXUAL: UMA REVISÃO DE LITERATURA	475
SAÚDE MENTAL DA MULHER DURANTE O PERÍODO DE PUERPÉRIO: UMA REVISÃO DA LITERATURA	480
ESTIGMA, VIOLÊNCIA E SAÚDE MENTAL DE MULHERES TRABALHADORAS DO SEXO: UMA REVISÃO INTEGRATIVA	483
MORTALIDADE MATERNA ENTRE MULHERES NEGRAS NO BRASIL	488
DESAFIOS NO ACESSO À SAÚDE PARA MULHERES TRANS E URGÊNCIA DO COMBATE ÀS DOENÇAS MENTAIS	492
RELEVÂNCIA DA RADIOLOGIA NO DIAGNÓSTICO E CONDUTA DA OSTEOPOROSE EM MULHERES EM MENOPAUSA OU COM DÉFICIT DE ESTROGÊNIO.	496
A MENOPAUSA E SEU IMPACTO SEXUAL EM IDOSAS UMA REVISÃO DE LITERATURA	500
OS IMPACTOS DA SÍNDROME DE OVÁRIOS POLICÍSTICOS NO DESENVOLVIMENTO DE ANEMIA FERROPRIVA EM MULHERES	504
EXPERIÊNCIA DA GESTAÇÃO EM MULHERES COM ESTOMIA: REFLEXÕES A PARTIR DE UMA REVISÃO DE LITERATURA	508



2° CONSAMU

14, 15 e 16 de Junho

REALIZAÇÃO:



APOIO:



ACUPUNTURA NO TRATAMENTO DA INFERTILIDADE EM MULHERES COM SOP	512
VISITA TÉCNICA A UM SERVIÇO DE ATENÇÃO ESPECIALIZADA COM ÊNFASE NA GESTÃO: RELATO DE UMA EXPERIÊNCIA	516
ASSISTÊNCIA DE ENFERMAGEM À GESTANTE PORTADORA DE PRÉ-ECLÂMPSIA/ECLÂMPSIA	519
AÇÕES DE ENFERMAGEM NO PRÉ-NATAL: PROMOÇÃO DA SAÚDE E PREVENÇÃO NA ATENÇÃO PRIMÁRIA	524
A LUZ DOS DIÁLOGOS: RELATO DE EXPERIÊNCIA DE RODA DE CONVERSA EM PRÉ-NATAL DE RISCO HABITUAL	529
ATUAÇÃO DO FISIOTERAPEUTA NO PUERPÉRIO DE PARTO HUMANIZADO	533
IMPORTÂNCIA DA ASSISTÊNCIA FISIOTERAPÊUTICA NO PERÍODO GESTACIONAL	536
ANÁLISE DOS ÓBITOS NO BRASIL POR NEOPLASIA EM DIFERENTES REGIÕES UTERINAS DE 2002 A 2022.	539
COMPARAÇÃO DA MORTALIDADE MATERNA NO BRASIL POR SÍNDROMES HIPERTENSIVAS NA GESTAÇÃO DE 2002 A 2022	543
SÍFILIS NO NORDESTE NO ANO DE 2022: DESAFIOS E ESTRATÉGIAS DE DIAGNÓSTICO NO PRÉ-NATAL	547
FISIOTERAPIA OBSTÉTRICA E OS SEUS BENEFÍCIOS NA SAÚDE DA GESTANTE	551
A ATUAÇÃO DO FISIOTERAPEUTA DERMATOFUNCIONAL NO PÓSOPERATÓRIO DE CIRURGIA PLÁSTICA DE PRÓTESE MAMÁRIA	554
TERAPIA DE REPOSIÇÃO HORMONAL: EFEITOS E ATUAÇÃO DA ENFERMAGEM	557
O IMPACTO PSICOSSOCIAL DO DIAGNÓSTICO E TRATAMENTO DO CÂNCER DO COLO DO ÚTERO	561
PRINCIPAIS DESFECHOS OBSTÉTRICOS DURANTE A PANDEMIA DE COVID-19	565
ABORDAGENS NA ASSISTÊNCIA PRÉ-NATAL PARA MULHERES COM HIV GESTACIONAL	569
QUALIDADE DE VIDA DE MULHERES PORTADORAS DA SÍNDROME DOS OVÁRIOS POLICÍSTICOS: UMA REVISÃO INTEGRATIVA	573
ORIENTAÇÕES NUTRICIONAIS PARA MULHERES COM DIABETES GESTACIONAL E ANALFABETISMO: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA	577



2º CONSAMU

14, 15 e 16 de Junho

REALIZAÇÃO:



APOIO:



AS ALTERAÇÕES E CONSEQUÊNCIAS DA SÍFILIS NA GESTAÇÃO: IMPACTOS MATERNOS E FETAIS	580
EVOLUÇÃO NA ADEQUAÇÃO DA ASSISTÊNCIA PRÉ-NATAL NO NORDESTE BRASILEIRO DE 2014 A 2022	584
BIOMARCADORES NO RASTREIO DE PRÉ-ECLÂMPسيا NO PRÉ-NATAL EM GESTANTES	587
EFEITOS DO MÉTODO PILATES NA DIÁSTASE EM MULHERES NO PUERPÉRIO: UMA REVISÃO DE LITERATURA	591
DESFECHOS DA ENDOMETRIOSE NA QUALIDADE DE VIDA DE MULHERES JOVENS	595
A INCIDÊNCIA DA SÍFILIS CONGÊNITA NO ESTADO DE PERNAMBUCO: O IMPACTO NA SAÚDE DO RECÉM-NASCIDO	599
ASSISTÊNCIA MULTIPROFISSIONAL A MULHERES DIABÉTICAS NA TERCEIRA IDADE	603
BENEFÍCIOS DO MÉTODO PILATES SOBRE A DIÁSTASE EM MULHERES NO PUERPÉRIO: UMA REVISÃO DE LITERATURA	607
CÂNCER DE MAMA E OS BENEFÍCIOS DO EXERCÍCIO FÍSICO NA PREVENÇÃO: UMA REVISÃO DA LITERATURA	611
A HUMANIZAÇÃO DA ASSISTÊNCIA AO ABORTO PELA EQUIPE DE ENFERMAGEM	615
ALEITAMENTO MATERNO EXCLUSIVO E A RELAÇÃO COM O CÂNCER DE MAMA: REVISÃO INTEGRATIVA	619
O PESO INVISÍVEL DA SOP: CONSEQUÊNCIAS PSICOSSOCIAS NA SAÚDE FEMININA	623
REALIDADE DA GESTAÇÃO EM CONTEXTO CARCERÁRIO E PERSPECTIVAS DE SAÚDE: UMA REVISÃO DA LITERATURA	626
ASSISTÊNCIA DE ENFERMAGEM ÀS MULHERES INDÍGENAS: APLICANDO A TEORIA TRANSCULTURAL PARA UM CUIDADO INTEGRAL	630
IMPLEMENTAÇÃO DE ORIENTAÇÕES E CHECK-LIST PARA ALTA SEGURA NO ALOJAMENTO CONJUNTO: RELATO DE EXPERIÊNCIA	634
SAÚDE DAS MULHERES ENCARCERADAS: DESAFIOS E IMPORTÂNCIA DOS CUIDADOS DE ENFERMAGEM	638
O IMPACTO DA ASSISTÊNCIA DE ENFERMAGEM EM MULHERES COM CÂNCER DE COLO DE ÚTERO	642



2° CONSAMU

14, 15 e 16 de Junho

REALIZAÇÃO:



APOIO:



ESTRATÉGIAS DE SUPORTE FAMILIAR NA ABORDAGEM DO TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA: O PAPEL DA ENFERMAGEM	645
O OLHAR DE ENFERMEIRAS RESIDENTES EM OBSTETRICIA EM UM CENTRO DE PARTO NORMAL EM PERNAMBUCO	649
ARTE DA PINTURA GESTACIONAL: RELATO DE EXPERIÊNCIA	653
VIGILÂNCIA DO ÓBITO MATERNO EM RECIFE SOB O OLHAR DE UMA RESIDENTE EM OBSTETRÍCIA	657
NUTRIÇÃO COMO FATOR PROTETOR DA SAÚDE MENTAL EM MULHERES	661
EDUCAÇÃO EM SAÚDE NO PRÉ NATAL: ACOLHIMENTO E PREVENÇÃO DE COMPLICAÇÕES MATERNAS E NEONATAIS	665
ASSISTÊNCIA MULTIDISCIPLINAR DA GESTANTE COM SÍNDROME DE HELLP: REVISÃO INTEGRATIVA DA LITERATURA	669
CÂNCER DE MAMA E O IMPACTO NA FERTILIDADE	673
ANÁLISE EPIDEMIOLÓGICA DA MORBIDADE DO CÂNCER DE COLO DE ÚTERO NO BRASIL, ENTRE 2019 A 2023	677
SAÚDE MENTAL DA MULHER DURANTE O PERÍODO DE PUERPÉRIO: UMA REVISÃO DA LITERATURA	681
CONSULTA DE ENFERMAGEM DE PRÉ-NATAL E IDENTIFICAÇÃO DE FATORES DE RISCO PARA PRÉ-ECLÂMPSIA: REVISÃO INTEGRATIVA	684
VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER E SUAS IMPLICAÇÕES NO PERÍODO GRAVÍDICO-PUERPERAL	688
HUMANIZAÇÃO E ASSISTÊNCIA: ESTREITANDO LAÇOS POR MEIO DA UTILIZAÇÃO DA MÚSICA	692
ESTRATÉGIAS DE SUPORTE FAMILIAR NA ABORDAGEM DO TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA: O PAPEL DA ENFERMAGEM	696
COMUNICAÇÃO PREJUDICADA COMO IMPASSE NO EXAME CITOPATOLÓGICO DE PESSOAS COM ÚTERO RETROVERTIDO: RELATO DE EXPERIÊNCIA	700
QUEBRANDO O CICLO: UM OLHAR PROFUNDO SOBRE A VIOLÊNCIA CONTRA AS MULHERES E CAMINHOS PARA A LIBERTAÇÃO	704
NUTRIÇÃO COMO FATOR PROTETOR DA SAÚDE MENTAL EM MULHERES	708
DEPRESSÃO PÓS-PARTO: UMA ABORDAGEM INTEGRAL SOBRE DIAGNÓSTICO, TRATAMENTO E SUPORTE SOCIAL	712
A SUPLEMENTAÇÃO DE VITAMINA D E SEUS POTENCIAIS FATORES DE IMPACTO NO CICLO MENSTRUAL EM MULHERES	716



2º CONSAMU

14, 15 e 16 de Junho

REALIZAÇÃO:



APOIO:



ANTICONCEPCIONAL E CÂNCER GINECOLÓGICO: EXISTE RELAÇÃO?	720
PERFIL EPIDEMIOLÓGICO DOS CASOS DE AIDS EM MULHERES NO ESTADO DO PIAUÍ EM 2023	725
FATORES GENÉTICOS RELACIONADOS AO DIABETES MELLITUS	728
PADRÕES ALIMENTARES E RISCO DE DOENÇAS CARDIOVASCULARES EM MULHERES	731
EFEITOS TERAPÊUTICOS DOS SINTOMAS DO CLIMATÉRIO EM MULHERES NA MENOPAUSA	734
PREVENÇÃO A NEOPLASIA MAMÁRIA ATRAVÉS DA EDUCAÇÃO EM SAÚDE COMUNITÁRIA: RELATO DE EXPERIÊNCIA	738
A ESCOLHA DA VIA DE PARTO E A AUTONOMIA DAS MULHERES NO BRASIL ...	742
PROMOVENDO A SAÚDE MATERNA: ESTRATÉGIAS DE ASSISTÊNCIA DE ENFERMAGEM NA PREVENÇÃO DA MORTALIDADE MATERNA	746
VIOLÊNCIA OBSTÉTRICA: IMPACTOS PARA A SAÚDE DA MULHER E ABORDAGENS DE INTERVENÇÃO	750
IMPORTÂNCIA DO PLANEJAMENTO FAMILIAR: ACONSELHAMENTO E GESTÃO DA SAÚDE REPRODUTIVA	754
MANEJO DA RADIODERMITE: UMA REVISÃO DA EFICÁCIA DA FOTOBIMODULAÇÃO EM PACIENTES COM CÂNCER DE MAMA	758
O USO DE DINÂMICAS COMO ALTERNATIVA PARA PROMOÇÃO EM SAÚDE NA ATENÇÃO PRIMÁRIA A GESTANTES	761
ASSISTÊNCIA DE ENFERMAGEM AS MULHERES VÍTIMAS DE VIOLÊNCIA: ABORDAGENS E DESAFIOS	765
A IMPORTÂNCIA DA IDENTIFICAÇÃO E MANEJO DE HEMORRAGIAS PÓS PARTO POR ENFERMEIROS	768
ATIVIDADE FÍSICA E FATORES SOCIODEMOGRÁFICOS RELACIONADOS À QUALIDADE DE GESTANTES	772
O PÃO DE CADA DIA NA CONSTRUÇÃO DA EQUIDADE DE GÊNEROS	776
REALIDADE DA GESTAÇÃO EM CONTEXTO CARCERÁRIO E PERSPECTIVAS DE SAÚDE : UMA REVISÃO DA LITERATURA	781

(CIS)TEMA FRAGILIZADO: DESAFIOS NO ACESSO DE PESSOAS TRANS AOS SERVIÇOS DE SAÚDE NA ATENÇÃO PRIMÁRIA.

Ruan Carlos Dias Santos¹

Especialista em Saúde da Família pela Universidade Estadual de Santa Cruz¹

ruan-c-d-s@hotmail.com

Introdução: A Atenção Primária à Saúde (APS), preferencialmente por meio da Estratégia Saúde da Família, tem se consolidado como um dos mais importantes componentes do Sistema Único de Saúde (SUS), sobretudo no que diz respeito ao acesso integral e universal à saúde. A APS enfrenta desafios que perpassam por grupos tradicionalmente marginalizados e vulnerabilizados pelo estado, como travestis e pessoas trans. No entanto, o preconceito e a discriminação atribuídos a população LGBTQIAP+ principalmente as pessoas trans e travestis, que expõem uma identidade de gênero que diverge da imposta pelos padrões heteronormativos, se traduz em violências e conseqüentemente, afastamento dos serviços de saúde. **Objetivos:** Descrever os principais entraves para o acesso ao serviço de saúde da população transgênero na Atenção Primária à Saúde (APS). **Métodos:** Estudo bibliográfico, de caráter descritivo, e do tipo revisão da literatura, O levantamento dos dados foi realizado entre os meses de janeiro e fevereiro de 2024 tendo como base de dados, *Scientific Electronic Library Online* (SciELO). Foram incluídos: artigos completos e publicados no período entre 2019 e 2023 que estivessem de acordo com a necessidade deste trabalho, e para exclusão: obras que não obedecia ao objetivo do trabalho ou estavam fora do período determinado, além daqueles incompletas ou duplicadas. **Resultados e Discussão:** Os entraves encontrados para o acesso ao dispositivo de saúde são vários e se manifestam de maneiras peculiares. Parte das pessoas trans tem menos suporte no que diz respeito a educação, trabalho e renda, assim como nos demais equipamentos sociais e de saúde. Nesta perspectiva a atenção primária não encontra-se preparada para acolhê-las, passando a considerá-las preconceituosamente, como um grupo resistente ou de difícil acesso. Além destes estigmas, descritos na literatura como barreiras para o acolhimento adequado, o desrespeito ao nome social, e a limitação de informações, atribuí de forma superficial a este recorte populacional apenas as infecções sexualmente transmissíveis e uso de álcool e outras drogas. **Conclusão:** Contudo, apesar da expansão da cobertura da APS no Brasil, este nível de atenção ainda não alcança igualmente toda a população. O estigma estrutural e interpessoal, materializados em práticas discriminatórias e preconceituosas por parte dos profissionais são cruciais para a vinculação dos mesmos aos serviços. No contexto, é importante pensar na adoção de abordagens sensíveis às especificidades deste grupo e refletir sobre a necessidade de discussão da temática no ambiente acadêmico, isso diz respeito a necessidade de ampliação dos conhecimentos voltados as particularidades da população trans.

Palavras-chave: Pessoas transgênero; cuidados de enfermagem; atenção primária à saúde.



“MENSTRUEL, E AGORA?”: RELATO DE EXPERIÊNCIA SOBRE AÇÃO EDUCATIVA EM SAÚDE COM CRIANÇAS NA ESCOLA

Amanda Fernandes dos Santos¹, Laura Elyse Souza de Queiroz¹, Maria Eduarda Santos de Andrade¹, Marla Silvaneide Pinto de Souza¹, Rayane de Freitas Bessa¹, Rickelme Dantas da Silva¹, Arthur Santiago de Souza Lima²

Graduado em enfermagem pela Universidade Estadual do Rio Grande do Norte¹

Residente em Saúde da Família pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte²

rayane_bessa@hotmail.com

Introdução: A Educação Popular em Saúde e o Planejamento Estratégico Situacional fazem parte de um conjunto de ações capazes de identificar possíveis problemáticas e formas de solucionar situações, traçando planos que melhor se adequem aos resultados esperados. O presente trabalho trata-se de um relato de experiência com a finalidade de descrever uma grande problemática com crianças do sexo feminino em ambiente escolar. Diante disso, a pesquisa justifica-se pela necessidade de abordagem acerca da menarca, com foco nas dúvidas, medos e inseguranças que essas crianças apresentam durante esse período da vida, além de desmistificar os tabus que envolvem a primeira menstruação. **Objetivo:** Orientar sobre a primeira menstruação, abordando de forma clara e acessível os aspectos físicos e emocionais associados a esse importante marco na vida da mulher. **Metodologia:** Trata-se de um relato de experiência, com abordagem qualitativa. O relato de experiência que traz as vivências dos acadêmicos do oitavo período do curso de graduação em enfermagem da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN), tendo como público-alvo estudantes do 5º ano de uma escola do município, vinculadas à unidade de saúde em questão. **Resultados e Discussões:** Os estudos apontam que a menarca pode ser percebida de diversas formas dependendo do contexto social e psicológico em que essas meninas estão inseridas. Grande parte, apresentam percepções negativas como medo, vergonha e mal-estar, além de apresentarem dúvidas que a levam a assumir cuidados equivocados durante o período menstrual, como não andar descalço, não lavar os cabelos, não se molhar ou não praticar atividades físicas. Embora a puberdade seja um processo natural, é importante abordar os cuidados pessoais que essa nova fase requer, como a troca do absorvente e higienização das partes íntimas. **Conclusão:** A intervenção propôs grandes contribuições, considerando a participação das crianças que se mostraram interessadas em aprender mais sobre a temática. Percebe-se ainda, maior participação quando utilizadas dinâmicas e atividades que promovessem conversas e trabalho em equipe, nos quais as crianças aprendessem brincando. Além disso, fica explícito a importância e a necessidade de discutir essa temática com meninas, para que estas sejam conscientes e orientadas a respeito dos processos que podem ocorrer durante as fases do seu desenvolvimento enquanto mulher.

Palavras-chave: saúde da mulher; educação em saúde; menarca.



**10 ANOS APÓS O INÍCIO DA PREVENÇÃO CONTRA O HPV NO BRASIL: UMA
AVALIAÇÃO QUANTITATIVA DA COBERTURA VACINAL DE 2014 A 2023**

Flávia Letícia Miranda Galvão¹; Ana Carolina Matias Pires¹; Karla Rivellyne de Castro Ribeiro¹;
Maria Fernanda Marinho Lima¹; Marília Lopes Leal¹; Tales Silva Santana¹; Tarcísio Augusto da Silva
Menezes²

Graduando em Medicina pela Universidade Federal do Vale do São Francisco, Graduado em Medicina
pela Universidade Federal do Vale do São Francisco²

flavia.miranda@discente.univasf.edu.br

Introdução: O HPV é o principal fator de risco para o câncer de colo de útero, sendo a vacina, disponibilizada pelo SUS, estratégia crucial de prevenção. **Objetivo:** Descrever a evolução quantitativa da cobertura da vacina HPV no Brasil durante os anos de 2014 a 2023. **Métodos:** Trata-se de um estudo ecológico, utilizando dados provenientes do Sistema de Informação do Programa Nacional de Imunizações (SI-PNI), da Rede Nacional de Dados em Saúde (RNDS) e do IBGE. Foi realizado um panorama da cobertura vacinal de HPV por doses aplicadas no Brasil, nos anos de 2014 a 2023, com foco na população feminina, na faixa etária de 9 a 14 anos. A amostra foi composta pelas vacinas bivalente (HPV2) e quadrivalente (HPV4), com acréscimo da nonavalente (HPV9) em 2023. Para a análise, utilizou-se das variáveis: Taxa de Cobertura Vacinal (TCV) e Taxa de Abandono (TA), de modo a avaliar quantitativamente o alcance da vacina. **Resultados e Discussão:** O total de doses aplicadas no período analisado foi de 32.888.095. Em relação à taxa de cobertura vacinal, expressa pela proporção entre o total das doses aplicadas no esquema e a estimativa da população-alvo, obteve-se um valor médio de aproximadamente 37%, tendo pico no ano de introdução da vacina ao cenário nacional (2014) com 84,72% e o pior dado em 2022, com apenas 24,94% da cobertura. Em 2023, houve acréscimo de 8,28% (N=176.641) comparado ao ano anterior. Deste, cerca de 2% (N=3.205) estão associados à vacina nonavalente. Ademais, à respeito da taxa de abandono, cujo cálculo consiste na diferença entre a quantidade de primeiras e últimas doses do esquema vacinal dividido pelo número de primeiras doses, o Brasil atingiu, nos últimos dez anos, uma média de 26,77%. As TA do País em cada ano, de 2014 a 2023, foram, respectivamente, 42,9%, 34,21%, 13,8%, 20,82%, 12,6%, 12,19%, 19,65%, 17,87%, 19,23% e 12,92%. **Conclusão:** A cobertura vacinal apresentou um padrão heterogêneo, com destaque para o registro das menores parcelas nos anos de 2021 e 2022. Todavia, em 2023, houve um discreto aumento, o que pode estar relacionado à inclusão da HPV9 no país. Constatam-se, ainda, valores da TCV abaixo da meta de >80% do Ministério da Saúde. Por fim, avaliando as TA, percebe-se uma alta descontinuidade das vacinas, o que requer pensar em medidas que ampliem a adesão.

Palavras-chave: HPV; cobertura vacinal; indicadores de qualidade em assistência à saúde.



**A IMPORTÂNCIA DO ENGAJAMENTO DO PAI/PARCEIRO NO INCENTIVO AO ESTABELECIMENTO E MANUTENÇÃO DO ALEITAMENTO MATERNO:
Um estudo de revisão**

Anna Júlia Petesburgo Lira¹; Ariadne Alves de Melo Souza¹; Nathália Silva Matias¹; Débora Camylle Souza dos Santos¹; Mariana Ferreira de Andrade¹; Yasmin Maria Gomes de Souza¹; Maria das Neves Figueiroa².

Graduando em Enfermagem pela Universidade de Pernambuco¹, Doutorado em Biologia Celular e Estrutural pela Universidade Estadual de Campinas²

ariadnealves174@gmail.com

Introdução: o Aleitamento Materno é internacionalmente considerado uma norma biológica essencial para reduzir a morbidade e mortalidade infantil. As mães são responsáveis pela amamentação, mas o apoio de outros agentes é um fator de grande influência para o êxito desta prática, porque estes agentes podem interferir diretamente na assistência a estas mães, facilitando ou constituindo barreira para manutenção do aleitamento. No entanto, o papel do pai é por vezes considerado secundário na promoção da amamentação. **Objetivo:** avaliar fatores associados à contribuição e importância do suporte do pai/parceiro para o estabelecimento e manutenção do Aleitamento Materno, conforme atuais evidências identificadas em estudos científicos produzidos nos últimos cinco anos (2020-2024). **Metodologia:** trata-se de uma revisão integrativa realizada a partir da busca nos acervos das bibliotecas virtuais: National Library of Medicine, Biblioteca Virtual de Saúde e Scientific Electronic Library on Line. Foram usados os descritores: aleitamento materno, apoio social e pai, com correspondentes em inglês, utilizando o operador booleano AND. Tomou-se como questão norteadora: qual a contribuição e importância do pai/parceiro para o estabelecimento e manutenção do aleitamento materno? Foram identificados 165 artigos que atendiam aos critérios de elegibilidade, após leitura de resumos e remoção dos artigos duplicados em diferentes bases de dados e exclusão dos que não apresentavam equivalência com a temática, a amostra final foi contabilizada em nove artigos originais, produzidos no Brasil, Reino Unido, China, Dinamarca, Bangladesh e Austrália, entre os anos de 2021 a 2024. **Resultados:** os pesquisadores concordam com a importância do engajamento do pai no estabelecimento, manutenção e prolongamento da prática do aleitamento materno. Os resultados dos estudos revisados destacam que quando os parceiros são integrados nesse cuidado, melhoram as taxas de amamentação exclusiva, reduz a probabilidade de alimentação infantil com uso de fórmulas lácteas e ocorrência de problemas relacionados com a amamentação, aumentando o sentimento de autoeficácia das mães em relação ao aleitamento. **Considerações Finais:** os pais são fundamentais no estabelecimento e manutenção do aleitamento mas não se sentem devidamente informados para apoiar suas parceiras. Portanto, os profissionais de saúde devem favorecer o envolvimento paterno no aleitamento, através de educação, baseadas em evidências, sobre os benefícios do aleitamento materno. Recomenda-se o uso de estratégias que considerem os fatores emocionais para o incentivo e envolvimento dos pais.

Palavras-chave: aleitamento materno; pai; apoio social; enfermagem.

A ASSISTÊNCIA FISIOTERAPÊUTICA À MULHER EM TRABALHO DE PARTO

Maria Clara Santos de Sousa¹; Laura Araújo Lopes²; Francisca Maria Aleudinelia Monte Cunha³

Graduanda em Fisioterapia pela Faculdade Uninta¹; Graduanda em Fisioterapia pela Faculdade Uninta²; Doutoranda em Fisioterapia pela Universidade da Cidade de São Paulo³.

Mariacларasantosdesousa632@gmail.com

Introdução: A assistência fisioterapêutica durante o trabalho de parto desempenha um papel crucial no bem-estar materno e fetal, oferecendo suporte às mulheres em um momento tão importante. Este tipo de intervenção visa promover conforto, alívio da dor e facilitação do processo de parto, utilizando técnicas específicas adaptadas às necessidades individuais de cada gestante. O fisioterapeuta detém vasto conhecimento relacionado à fisiologia osteomuscular, além de recursos não farmacológicos que podem ser utilizados para a diminuição da percepção da dor e facilitando o trabalho de parto. **Objetivos:** Verificar a importância da assistência fisioterapêutica à mulher em trabalho de parto. **Metodologia:** Esta pesquisa consistiu em uma revisão bibliográfica, utilizando as bases de dados da Biblioteca Virtual em Saúde e LILACS. Os seguintes termos de pesquisa foram combinados com o operador booleano AND: “Fisioterapia”, “Parto Humanizado” e “Fisioterapia obstétrica”. Durante a pesquisa foram encontrados oito artigos do ano de 2010 a 2020 dentro da área de estudo. Após leitura de títulos, resumos e classificação pelos critérios de inclusão foram selecionados três artigos. Os critérios de inclusão dos referidos artigos foram: Dados clínicos ou informações relevantes sobre Fisioterapia obstétrica, artigos que demonstrem a importância do fisioterapeuta durante o trabalho de parto. Os critérios de exclusão foram: Artigos com dados incompletos ou insuficientes para análise adequada e Artigos em que os pacientes passavam por outros profissionais durante a pesquisa realizada. **Resultados e Discussão:** O parto normal possui uma série de vantagens para a mãe e o bebê. É necessário que desde o pré-natal a gestante tenha à sua disposição um programa com a devida orientação acerca dos tipos de parto, riscos e benefícios de cada um. O momento do parto não pode ser visto apenas pelo aspecto da dor, mas como um momento especial e único na vida da mulher. A fisioterapia contribui durante o processo do parto, auxiliando com estratégias, como: Mobilidade, alternância de posições e respiração fisiológica, recursos que envolvem analgesia como a massoterapia e técnicas de relaxamento. As técnicas utilizadas pela fisioterapia têm efeitos benéficos para o alívio da dor, relaxamento, orientação e conscientização da mulher sobre o próprio corpo e suas potencialidades. **Conclusão:** O trabalho do fisioterapeuta obstétrico precisa ser amplamente reconhecido nos sistemas de saúde e hospitais do Brasil, devido sua importância e auxílio nesse momento, a fim de que se tenha um atendimento obstétrico mais humanizado, que respeite e tenha empatia pelas gestantes, cada qual com sua individualidade.

Palavras-chave: fisioterapia obstétrica; parto humanizado; fisioterapia.

A ATUAÇÃO DA FISIOTERAPIA PÉLVICA NA ATENÇÃO PRIMÁRIA À GESTANTE: UMA REVISÃO INTEGRATIVA

Laura Araújo Lopes¹; Maria Clara Santos de Sousa²; Francisca Maria Aleudinelia Monte Cunha³

Graduanda em Fisioterapia pela Faculdade Uninta¹; Graduanda em Fisioterapia pela Faculdade Uninta²; Doutoranda em Fisioterapia pela Universidade da Cidade de São Paulo³.

lauraraujoaf@gmail.com

Introdução: A gestação é um processo fisiológico que provoca inúmeras mudanças no corpo feminino, um momento muito importante e esperado na vida de uma mulher. Neste processo ocorrem alterações ligadas a hormônios que são responsáveis pelas adaptações do corpo em sua nova condição. A musculatura do assoalho pélvico (MAP) sofre diversas alterações que podem gerar transtornos uroginecológicos e, por isso, é de extrema importância o acompanhamento fisioterapêutico durante a gestação. **Objetivo:** Analisar a atuação da fisioterapia pélvica na atenção primária à gestante através de uma revisão integrativa. **Métodos:** Trata-se de uma revisão integrativa realizada através de busca bibliográfica digital em artigos científicos publicados em revistas eletrônicas no período compreendido entre os anos de 2015 e março de 2020, nas bases de dados PubMed, BVS, Science Direct e PEDro. **Resultados:** Foram incluídos 7 artigos conforme os critérios de elegibilidade. A população estudada foi de gestantes, com idade entre 18 e 44 anos, em atendimento fisioterapêutico em Unidades Básicas de Saúde ou Centros Comunitários de Saúde. Contudo, os métodos de avaliação foram empíricos na maioria dos estudos, sendo considerados metodologicamente insatisfatórios e apenas um forte. Com isso, nos resultados, o profissional de fisioterapia dentro da ginecologia e obstetrícia ajuda a mulher a se adequar as mudanças corporais da gestação e do puerpério, minimizando o estresse. No puerpério, o fisioterapeuta tem muito a oferecer, principalmente em termos de enfrentamento do estresse, adaptação à nova condição, tratamento das dores causadas por alterações posturais, estímulo à continência, orientações sobre amamentação, cuidados com o corpo e com o bebê. **Conclusão:** Como principais achados deste estudo, foram observadas diversas respostas positivas nas gestantes, possibilitando-as com mais conhecimento sobre seu corpo, sobre o processo gestacional e programas fisioterapêuticos de qualidade como o TMAP (Treinamento Muscular do assoalho pélvico). A principal estratégia empregada foi a educativa, no entanto, tratamento ou prevenção de IU (Incontinência Urinária) ou outras disfunções pélvicas devem ser avaliadas no pré parto e puerpério. Vale salientar que o trabalho do fisioterapeuta é visto cada vez mais como sendo de grande importância na área da saúde pública, entretanto são necessários mais estudos e que apresentem maior rigor metodológico.

Palavras-chave: Gravidez; Fisioterapia; Assoalho pélvico; Atenção primária à saúde

A ATUAÇÃO DE PROFISSIONAIS DO GÊNERO MASCULINO NA ASSISTÊNCIA À SAÚDE DA MULHER: UM ESTUDO NA ÓTICA DE USUÁRIAS

Camila Bueno Alves¹; Izadora de Lima Mattos ¹; Gilson André de Sá Vargas

Júnior¹; Elitiele Ortiz dos Santos ¹; Lisie Alende Prates ².

Graduando em enfermagem pela Universidade Federal do Pampa¹, Professor de Enfermagem na Universidade Federal do Pampa².

camilabuenoalves@gmail.com

Introdução: Os profissionais que desenvolvem assistência à saúde da mulher, nesse âmbito, são enfermeiros e médicos. Dentre as competências desses profissionais, o Ministério de Saúde¹ estabelece que o cuidado à saúde da mulher não pode se limitar apenas aos aspectos físicos, mas abranger também as questões sexuais, afetivas, psicológicas, culturais e sociais, entretanto questões sensíveis, incluindo aquelas de caráter íntimo, podem ser desafiadoras de abordar durante a consulta, deixando a paciente desconfortável e insegura, especialmente quando o atendimento é realizado por um profissional do sexo masculino. Segundo estudos, quando um profissional estabelece vínculo e relação de confiança, os fatores culturais e sociais que interferem na assistência podem se tornar irrelevantes. Assim, é imprescindível a construção de uma relação profissional pautada por empatia e respeito para garantir uma assistência qualificada, independente do gênero do profissional que assiste à usuária. **Objetivo:** Analisar as percepções de usuárias da Atenção Primária à Saúde sobre a atuação de profissionais da saúde do gênero masculino na assistência à saúde da mulher. **Metodologia:** Pesquisa qualitativa, desenvolvida com 12 usuárias adscritas a uma Estratégia de Saúde da Família de Uruguaiana. A coleta de dados se deu a partir da técnica de entrevista individual semiestruturada, com posterior análise de conteúdo temática. O projeto de pesquisa foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa, em 9 de novembro de 2022, com CAAE 63290322.1.0000.5323. **Resultados e Discussão:** Das doze participantes, apenas uma nunca tinha realizado consulta direcionada à saúde da mulher. As demais mencionaram atendimentos prévios, dentre os quais, sete delas já haviam sido atendidas por profissionais de saúde do gênero masculino. Quatro participantes relataram desconforto, vergonha e estranhamento por terem sido atendidas por homens. As demais participantes indicaram tranquilidade e bem-estar frente à assistência fornecida por profissional do gênero masculino. Estas, por sua vez, mencionaram que, durante os atendimentos, houve diálogo, respeito e formação de vínculo. As percepções das usuárias sobre a atuação de profissionais da saúde do gênero masculino podem variar, de acordo com as vivências pessoais e culturais de cada mulher. Além disso, constatou-se que quando o profissional estabelece uma comunicação adequada e demonstra conhecimento, as usuárias sentem-se mais seguras e tranquilas com a assistência. **Considerações Finais:** Para algumas usuárias, a assistência pode gerar estranhamento inicial. Entretanto, a forma como o profissional se comunica, transmite segurança e aborda a usuária pode influenciar na maior aceitação do atendimento. É preciso desenvolver uma assistência pautada na escuta sensível, compreensível e acolhedora das demandas femininas, a fim de promover um atendimento integral e resolutivo.

Palavras-chave: atenção primária à saúde, saúde da mulher, pessoal de saúde.



A ATUAÇÃO DO ENFERMEIRO NO ENFRENTAMENTO À EVASÃO DA FIGURA PATERNA NAS CONSULTAS DE PRÉ-NATAL

Débora Camylle Souza dos Santos¹; Anna Júlia Petesburgo Lira¹; Ariadne Alves de Melo Souza¹; Mariana Ferreira de Andrade¹; Nathália Silva Matias¹; Yasmin Maria Gomes de Souza¹; Maria das Neves Figueiroa².

Graduando em enfermagem pela Universidade de Pernambuco¹; Docente da Universidade de Pernambuco².

debcamylle15@gmail.com

Introdução: A Política Nacional de Atenção Integral à Saúde do Homem, criada pelo Ministério da Saúde em 2009, reconhece a importância da presença do parceiro no pré-natal, o que contribui para fortalecer a interação entre profissionais de saúde e enriquecer os vínculos afetivos dentro das famílias, principalmente ao binômio (mãe-bebê), além de proporcionar uma gestação mais saudável. Apesar dos benefícios que a presença paterna traz ao binômio, ainda há baixa adesão dessa população no programa, tanto pela falta de conhecimento da existência da política, quanto pela dificuldade encontrada pelos profissionais no que diz respeito à saúde do homem. **Objetivo:** Analisar a atuação do enfermeiro na participação do pai nas consultas de pré-natal. **Metodologia:** Trata-se de uma revisão de literatura, realizada mediante os Descritores em Saúde ((Pré-natal) “AND” (Pai) “AND” (Enfermeiro) na Biblioteca Virtual em Saúde e nas bases de dados BDNF, LILACS, MEDLINE, buscando por artigos completos, nos idiomas português e inglês, dos últimos 5 anos. Foram encontrados 37 estudos. Após filtragem, restaram 12 artigos, sendo 5 escolhidos para compor a revisão. **Resultados e Discussão:** Os estudos realizados apontam que, apesar dos benefícios da presença paterna nas consultas, infelizmente ainda não é uma realidade efetiva. Estudo, realizado com 655 mulheres, pelo Projeto Nascer em 2021 em Sergipe, somente 44,2% delas tiveram a participação do parceiro, sendo 33,1% com participação em todas as consultas e 66,9% com participação em algumas consultas. O principal motivo exposto foi o horário de trabalho, levando muitos pais a não conseguirem participar do processo. Para atuar nesse contexto, temos o enfermeiro como importante autor para adesão dos pais. Contudo, segundo pesquisa do Programa de Pós-graduação em Saúde Coletiva da Universidade Estadual do Ceará realizada com enfermeiras, mesmo com o conhecimento acerca do pré-natal masculino, sua compreensão sobre como realmente é a consulta e como deve ser norteada ainda é reduzida. **Conclusão:** É evidenciado que a participação do pai no pré-natal é essencial para o bem estar do binômio, promovendo uma gestação mais saudável e uma vivência familiar harmoniosa. No entanto, ainda é possível verificar baixa adesão do companheiro nas consultas. Contudo, mesmo com o interesse por parte do enfermeiro, ainda é possível identificar déficit no conhecimento no que diz respeito à problemática, sendo necessário uma capacitação dos profissionais para prestar uma assistência efetiva, desenvolvendo estratégias para acolher, incluir e promover a participação do companheiro durante todo o processo gestacional e perinatal.

Palavras - chave: pré-natal; pai; enfermagem.



A DETECÇÃO PRECOCE DO CÂNCER DE MAMA EM MULHERES ATENDIDAS NA ATENÇÃO PRIMÁRIA À SAÚDE

Kleyse Marcelly Santos Silva¹; Ruan Carlos Dias Santos²

Graduanda em Enfermagem pela Faculdade UNIFTC Juazeiro - BA¹, Especialista em Saúde da Família pela Universidade Estadual de Santa Cruz²

kleysemarcellyyy@hotmail.com

Introdução: O câncer de mama, é o tipo mais comum entre as mulheres. No Brasil, segue como um dos principais responsáveis por elevar os números de morbimortalidade no país. O desenvolvimento do câncer de mama ocorre a partir de um conjunto de fatores: estilo de vida, predisposição genética, meio ambiente e hábitos reprodutivos. A falta de informação sobre a doença, a dificuldade de acesso ao diagnóstico contribui para que as mulheres busquem ajuda em estágios mais avançados, resultando em um diagnóstico tardio. **Objetivo:** Analisar na literatura a detecção precoce do câncer de mama em mulheres atendidas na Atenção Primária à Saúde (APS). **Metodologia:** Estudo bibliográfico, de caráter descritivo, e do tipo revisão da literatura, o levantamento dos dados foi realizado entre os meses de janeiro e fevereiro de 2024 tendo como base de dados, *Scientific Electronic Library Online* (SciELO). **Resultados e discussão:** Após a aplicação dos filtros, foram selecionadas 5 publicações para a construção do projeto. Evidencia-se que, no Brasil, além do modelo oportunístico, as dificuldades no acesso aos serviços de saúde com falhas na capacitação dos profissionais são fatores que influenciam na alta taxa de mortalidade e morbidade. O modelo oportunístico não garante o acesso e a qualidade do cuidado, também é um modelo que coloca a mulher em vulnerabilidade: expõem as pessoas mais aos riscos do que os benefícios do rastreamento mamográfico. A APS é o principal local de atuação para detecção precoce do câncer de mama, e tem como estratégia: esclarecer e realizar os exames diagnóstico para a população feminina. Além disso, a conscientização da população-alvo sobre esta patologia, monitoramento dos resultados alterados é essencial para que melhores diagnóstico e prognósticos sejam traçados, e garantir a promoção a educação em saúde do câncer de mama. **Conclusão:** As ações realizadas na APS, contribuem para a detecção de Câncer de mama ainda nos estágios iniciais da patologia, o que posteriormente oferta melhores prognósticos. Neste cenário torna-se importante adotar uma linha de cuidado centrado, apoiado em um olhar holístico. Neste sentido, ainda se torna necessário a implementação de atividades educativas e treinamento das equipes para maior precisão durante as avaliações.

Palavras-chave: Câncer de Mama; APS; Mulheres; Detecção Precoce;

A DIFICULDADE NO DIAGNÓSTICO DA ENDOMETRIOSE

Maria Bianca Jerônimo Costa¹, Maria Luiza de Oliveira Pereira¹; Jorge Luiz Silva Araujo Filho².

Graduanda em Medicina pela Universidade Maurício de Nassau de Recife¹; Biólogo, especialista em processos de ativação de mudanças, mestre em patologia, doutor em biotecnologia².

mbiancacosta16@gmail.com

Introdução: A endometriose é uma condição em que o tecido semelhante ao endométrio, que normalmente reveste o útero, cresce fora dele. Atinge aproximadamente 10% das mulheres em idade reprodutiva, podendo causar infertilidade e dor pélvica crônica (DPC). Apesar de muitos pacientes apresentarem os sintomas desde a adolescência, o seu diagnóstico tem um atraso de vários anos. Além disso, a sintomatologia está fortemente associada aos maus hábitos de vida. **Objetivo:** Entender sobre a patologia da endometriose e a dificuldade de seu diagnóstico. **Metodologia:** Realizou-se um estudo de revisão bibliográfica sobre a endometriose e a dificuldade de seu diagnóstico. Foram selecionados artigos originais e revisões recentes, com análise crítica dos resultados para a síntese das informações relevantes. **Resultados e Discussão:** Um conjunto de fatores de risco estão associados à endometriose, como menarca precoce, menopausa tardia, infertilidade, quantidade de fluxos menstruais, histórico familiar, intensidade em dor pélvica. Ainda que sua patogênese seja uma incógnita, atualmente, a teoria mais amplamente aceita é a teoria da menstruação retrógrada, em que consiste que o tecido endometrial seja disseminado na peritoneal pelas tubas uterinas durante a menstruação, e implantando-se em órgãos pélvicos, como ovários, trompas de falópio, intestino ou bexiga. Essas teorias não são mutuamente exclusivas e é provavelmente a endometriose seja causada pela soma de fatores genéticos, hormonais e imunológicos. Quanto a sintomatologia, estão associados a infertilidade, dismenorreia, dor pélvica crônica e dispareunia. O diagnóstico definitivo da endometriose é pela análise dos sintomas e um exame de imagem, porém esse diagnóstico pode ser desafiador para mulheres pelo fato dos sintomas variados e silenciosos, similaridade com outras patologias, ausência de marcadores específicos, tabu relacionado a menstruação e, principalmente, a falta de informação sobre a doença e a romantização de seus sintomas. Quanto ao tratamento medicamentoso pôde-se fazer uso de anticoncepcionais orais para diminuir a dor e desconforto, uso de progestogênios para causar atrofia endometrial e dos focos ectópicos da endometriose, há também em alguns casos mais avançados a intervenção cirúrgica. **Conclusão:** Portanto, a dificuldade do diagnóstico da endometriose é multifacetada e frequentemente é agravada pela falta de informação sobre a doença. Sintomas variados e muitas vezes silenciosos podem ser facilmente confundidos, resultando em atrasos no diagnóstico e no tratamento. Para superar esses desafios, é crucial aumentar a conscientização sobre a endometriose, tanto em profissionais de saúde como no público geral.

Palavra-chave: endometriose; diagnóstico; sintomas.

A EDUCAÇÃO EM SAÚDE NA PROMOÇÃO DO CUIDADO AO BINÔMIO MÃE-FILHO NO ALOJAMENTO CONJUNTO

Enfermeira Residente em Obstetrícia pela Secretária de Saúde do Recife¹

Andreza14200@gmail.com

Introdução: O alojamento conjunto é um espaço dedicado aos cuidados com o binômio mãe-filho, no qual é um ambiente importante para o vínculo, o estímulo ao aleitamento materno precoce e fortalecimento da rede de apoio da família. Dessa forma, esse espaço é de extrema importância para a utilização da educação de saúde por enfermeiros, pois se qualifica como uma estratégia capaz de promover conhecimento, autonomia, esclarecimento e promoção da saúde sobre cuidados ao recém-nascido e no puerpério. **Objetivo:** Descrever a experiência de residentes em enfermagem obstétrica na realização de uma atividade educativa no alojamento conjunto. **Metodologia:** Trata-se de um estudo descritivo, tipo relato de experiência, realizado em maio de 2023. O Cenário da atividade educativa foi nas 7 enfermarias do alojamento conjunto, que possuíam 4 leitos cada, em uma maternidade de alto risco de Pernambuco. Posteriormente, as puérperas foram abordadas e explicado as temáticas que seriam elencadas durante a ação. Após o consentimento das mulheres, foram abordados conteúdos a respeito das boas práticas no aleitamento materno e cuidados com a mulher no puerpério, explicando e esclarecendo dúvidas. **Resultados e Discussão:** Durante as rodas, foi possível observar que as puérperas possuíam medo, insegurança e diversas dúvidas, principalmente sobre o cuidado com o recém-nascido e no manejo das lacerações. Dessa forma, foram feitas demonstrações práticas quanto a limpeza do coto umbilical durante o banho, de acordo com as novas atualizações científicas. Para mais, foram realizadas também orientações quanto a posição, pega correta no aleitamento e extração manual do leite, em consonância foi oferecido um momento para que elas pudessem relatar sobre sua vivência e seu desejo de amamentar, a fim de estimular que as mesmas pudessem falar sobre suas angústias e anseios quanto ao desejo de amamentar, além de ter sido fornecido informações de forma clara e objetiva, utilizando-se de linguagem informal, quanto a higiene, através do uso da água e sabão nas lacerações para prevenir possíveis infecções. Ao final, as puérperas relataram se sentirem mais confiantes e possuíam boas informações sobre os cuidados que devem ser prestados ao recém-nascido. **Considerações Finais:** A roda de conversa esclarecimento de dúvidas e reduzir os níveis de estresse associadas a falta de manejo das puérperas no cuidado direcionado ao puerpério e com bebê. Dessa forma, observa-se que a educação em saúde é uma importante ferramenta para a promoção de conhecimento e na construção de autonomia dos indivíduos.

Palavras-chave: Enfermagem; Alojamento Conjunto; Cuidados de Enfermagem.



A EFETIVIDADE DAS POLÍTICAS PÚBLICAS NA PROTEÇÃO E APOIO ÀS VÍTIMAS DE VIOLÊNCIA DOMÉSTICA NO BRASIL

Erika de Carvalho Brito¹; Maria Gabryelle Ferreira²; Luana Loiola Alves³; Ellen Victória de Jesus Rodrigues⁴; Ana Caroliny Rodrigues Gomes⁵; Antonio Valdeir Lopes da Silva⁶; Leandro Victor Martins Menezes⁷; Emyle Horrana Serafim de Oliveira⁸.

Graduando em Nutrição pela Universidade Federal do Piauí, Picos PI¹. Nutricionista e Mestranda pela Universidade Federal do Piauí – UFPI, Teresina PI⁸.

erikacarvb@ufpi.edu.br

Introdução: A Violência Doméstica é um crime que viola os direitos fundamentais das vítimas, podendo envolver tanto violência física quanto psicológica. Além disso, a mesma parece ser influenciada por fatores culturais, políticos e econômicos. Destaca-se que essa forma de violência busca subjugar as mulheres e tem impactos profundos em seu bem-estar, saúde e independência. A Lei Maria da Penha surgiu como um avanço na proteção das mulheres em situação de risco, promovendo igualdade de gênero e sendo reconhecida como um marco na legislação. É válido ressaltar que, de acordo com a Conferência dos Direitos Humanos, a violência doméstica é considerada como a maior violação contra a humanidade. **Objetivo:** Avaliar como as políticas públicas brasileiras estão contribuindo para a redução da violência doméstica. **Metodologia:** Trata-se de uma revisão bibliográfica conduzida nas bases de dados PubMed e SciELO, utilizando combinações dos descritores: “mulher”; “apoio”; “segurança doméstica”. A seleção dos artigos foi realizada a partir de uma triagem inicial com base nos títulos e resumos, seguida pela leitura íntegra dos artigos selecionados. Foram incluídos estudos científicos que investigam a relação entre mulher, apoio e segurança doméstica e seus efeitos nas políticas públicas na proteção às vítimas de violência. Foram excluídos artigos que não abordam diretamente a relação entre os descritores e estudos duplicados ou redundantes. **Resultados e Discussão:** No contexto brasileiro, um estudo sobre a opinião e percepção da violência doméstica registrou que, em 2017, 29% das mulheres entrevistadas afirmaram ter passado por algum tipo de violência doméstica ou familiar perpetrada por um homem. Na mesma linha, um estudo feito com 10.000 mulheres na região Nordeste constatou que 27% das entrevistadas já foram vítimas de pelo menos um episódio de violência psicológica, física ou sexual ao longo da vida, com 11,9% desse total relatando terem sido vítimas de violência doméstica no ano anterior. Entretanto, os resultados desta pesquisa destacam a importância crítica de políticas públicas eficazes na proteção e apoio às vítimas de violência doméstica no Brasil. No entanto, também evidenciam a necessidade de abordar desafios estruturais e culturais mais amplos para garantir uma resposta efetiva e abrangente a esse problema complexo. **Considerações Finais:** Apesar dos progressos em alguns lugares, a erradicação total da violência doméstica ainda é uma problemática atual, desafiadora e lenta. É crucial que governos, organizações da sociedade civil, comunidades e indivíduos se unam para criar um ambiente seguro, livre de violência.

Palavras-chave: Mulher; Apoio; Segurança Doméstica.

A ENFERMAGEM NO MANEJO DE GESTANTES COM SÍFILIS: IMPORTÂNCIA DA EDUCAÇÃO EM SAÚDE PARA MAIOR ADEÇÃO AO TRATAMENTO

Thamires Regina Trevizan Magalhães¹; Anna Tamilly Rocha Silva¹; Luciana Yasmin Carvalho Brito¹; Natália da Silva Mota¹; Cláudia Regina Silva dos Santos Cunha²

Graduando em Enfermagem pela Universidade Federal do Maranhão¹, Mestra em Ciência da Saúde pela Universidade Federal do Maranhão²

thamires.magalhaes@discente.ufma.br

Introdução: A Sífilis é uma doença infectocontagiosa, sistêmica e de evolução crônica, causada pela bactéria espiroqueta *Treponema pallidum*. Configura-se como uma infecção de notificação compulsória, podendo ser adquirida por via sexual e por transmissão vertical pela gestação, denominando-se Sífilis Congênita (SC). Na gravidez pode acarretar, além de riscos para a saúde da mãe, agravos para a criança, podendo evoluir para o aborto, malformações fetais, prematuridade ou até mesmo para o óbito. Diante disso, a educação em saúde realizada pela Enfermagem durante o pré-natal faz-se necessária, para que a gestante possa compreender a gravidade da doença e a necessidade de aderir ao tratamento precocemente, a fim de garantir sua saúde e da criança. **Objetivo:** Analisar a importância da educação em saúde realizada pela Enfermagem durante o pré-natal, para maior adesão de gestantes com sífilis ao tratamento. **Metodologia:** Revisão bibliográfica, fundamentada em artigos publicados entre 2019 e 2024 na plataforma BVSM. Utilizou-se os descritores “Gestante”, “Sífilis” e “Enfermagem” combinados por meio do operador booleano AND. Inicialmente, obteve-se 12 resultados, dos quais foram excluídas as publicações que não versassem sobre o tema. Em seguida, foram selecionados criteriosamente 4 artigos que abordassem a temática. **Resultados e Discussão:** A educação em saúde, realizada por meio de ações educativas e aconselhamentos, é uma estratégia essencial, usada pela Enfermagem e pelos demais profissionais de saúde, para criar espaços de diálogo e compartilhamento de saberes. Em relação a gestantes com sífilis, essa abordagem é fundamental, uma vez que o desconhecimento sobre a gravidade da doença, a necessidade de aderir corretamente ao tratamento e a falta de adesão dos parceiros ao tratamento, frequentemente tornam-se obstáculos na assistência a essas gestantes, contribuindo, assim, com a transmissão vertical da doença. Com isso, a educação em saúde durante o pré-natal é uma importante ferramenta de Enfermagem para o cuidado integral e efetivo dessas gestantes e da criança, já que contribuem para a maior adesão ao tratamento e garantem qualidade de vida a mãe e uma gestação, parto e desenvolvimento do bebê saudáveis. **Conclusão:** Diante do que foi exposto, é notória a importância da educação em saúde, realizada pela Enfermagem e pelos demais profissionais de saúde, durante o pré-natal, para que as gestantes com sífilis possam compreender integralmente a necessidade de aderirem corretamente ao tratamento, assim como seus parceiros, para evitar a transmissão vertical e a reinfecção, garantindo, assim, a saúde da mulher e o desenvolvimento saudável do bebê.

Palavras-chave: sífilis; gestante; enfermagem.

A HORA DOURADA DE RECÉM-NASCIDOS NAS SALAS DE PARTO NORMAL DE UM HOSPITAL REGIONAL NO DISTRITO DE ICOARACI, BELÉM, PARÁ.

Ísis Martins Guedes¹; Elyade Nelly Pires Rocha Camacho²

Especialista em Enfermagem Obstétrica pela Universidade Federal do Pará¹, Doutora em Doenças Tropicais pelo Núcleo de Medicina Tropical da Universidade Federal do Pará²

✦ isismguedes@gmail.com ✦

Introdução: A Hora Dourada (Golden Hour) surgiu como medida eficaz na qualidade da assistência para diminuir a morbimortalidade neonatal. São adotadas três principais medidas nessa 1ª hora de vida, essas são: contato pele a pele entre a mãe e o recém-nascido (RN), realização do clampeamento tardio do cordão umbilical entre o 1º e 3º minuto de vida e a adoção do aleitamento materno precoce em sala de parto. **Objetivo:** Descrever os cuidados prestados pelos profissionais de saúde aos recém-nascidos (RN's) a termo, Adequados Para a Idade Gestacional (AIG) e hemodinamicamente estáveis durante a Hora Dourada nas salas de parto normal de um hospital regional no distrito de Icoaraci na cidade de Belém do Pará. **Metodologia:** Trata-se de um estudo descritivo, do tipo relato de experiência, foi realizado no setor de Pré-Parto, Parto e Pós-Parto (PPP) no período de junho a agosto de 2023, durante o período trabalhado como enfermeira residente do Programa de Residência Uniprofissional em Enfermagem Obstétrica da Universidade Federal do Pará - UFPA. **Resultados e Discussão:** Foi realizado o clampeamento do cordão umbilical após o 3º minuto de vida em todos os RN's do estudo. Essa intervenção permite a passagem continuada do sangue da placenta para o bebê e aumenta as reservas de ferro do RN em até 50% aos 6 meses de idade dos bebês nascidos a termo. Também foi possível observar que logo após o nascimento os RN's eram apresentados às suas mães e então era feito o contato pele a pele e iniciado o aleitamento materno. Entretanto, essas duas medidas essenciais da Hora Dourada eram interrompidas durante a realização de suturas perineais em mães que sofreram lacerações perineais durante o parto normal. Essa conduta acabava separando mãe e bebê durante a primeira hora de vida. **Conclusão:** Os profissionais estão habituados a unir mãe e bebê na 1ª hora de vida e postergam a realização de procedimentos de rotina com exceção do procedimento de sutura perineal. Assim, é prestada, quase que adequadamente, as três medidas essenciais da Hora Dourada recomendadas pelo Ministério da Saúde. Os profissionais também levam em consideração os anseios, medos e angústias maternas, logo não tornam a prática de separação mecânica e rotineira. Todavia, é importante realizar treinamentos e capacitações voltadas para a orientação dos profissionais no que tange a separação da mãe e seu bebê no momento da sutura perineal.

Palavras-chave: assistência materno-infantil; humanização do nascimento; recém-nascido.

A HUMANIZAÇÃO NO CONTEXTO DA ASSISTÊNCIA A MULHER DIAGNOSTICADA COM CANCER DE COLO DE ÚTERO

Renan Barros Braga¹

Graduado em Enfermagem pela Faculdade dos Carajás¹

renanbarros33@gmail.com

Introdução: A humanização em um contexto amplo fundamenta-se no conceito de integralidade do ser, levando a necessidade do acolhimento, convivência e experiência com o próximo, respeitando sua dignidade e reafirmando valores, preconizando a essência do cuidado como prática profissional que compõe a Política Nacional de Atenção Integral à Saúde da Mulher. Neste contexto é fundamental que o paciente seja atendido em sua integralidade durante todo o tratamento clínico, para tanto é necessário levar em considerações múltiplos aspectos, como: físico, psicológico, social, econômico, cultural e espiritual, além de preconceitos e tabus concernentes dessas neoplasias. **Objetivo:** Por essas questões, objetivamos discutir a humanização da assistência em pacientes com Câncer de Colo de Útero nos serviços de saúde brasileiros. **Metodologia:** Trata-se de uma síntese temática de estudos qualitativos, foi consultada a base de dados LILACS, Biblioteca Virtual em Saúde (BVS) e o portal eletrônico Google Acadêmico, no qual selecionamos 10 estudos que ao serem analisados a partir da técnica de análise temática indutiva permitiram a construção dos resultados desta pesquisa. **Resultados e Discussão:** Percebeu-se há necessidade da humanização no processo de cuidar em pacientes acometidos com essas neoplasias específicas da mulher, porém a literatura investigada demonstra apenas os desafios para o alcance da integralidade, a necessidade de repensar saberes e práticas profissionais no cuidado às mulheres, independente do motivo que as levou ao serviço de saúde enfatizando que a humanização é um componente muito mais presente no campo do discurso do que prático. **Conclusão** Na literatura investigada, os autores são unânimes e por vezes repetitivos ao enfatizar a necessidade da humanização no processo de cuidar em pacientes com Câncer de Colo de Útero.

Palavras-chave: Câncer de Colo de Útero; Assistência Humanizada; Enfermagem.



A IMPORTÂNCIA DA ASSISTÊNCIA DE ENFERMAGEM NO PRÉ-NATAL DE RISCO HABITUAL

Sandy Girão Fonteles¹; Kílvia Barbosa Martins²

Enfermeira pela Universidade Estadual do Ceará¹, Enfermeira pela Universidade Estadual do Ceará e Pós-graduanda em Enfermagem Obstétrica pelo Centro Universitário Christus²

sandygirao15@gmail.com

Introdução O pré-natal é composto por procedimentos clínicos e educativos, que objetiva realizar o acompanhamento da evolução da gestação. São nesses encontros onde o enfermeiro desempenha um papel fundamental para a promoção da saúde, fornecendo às famílias informações sobre a gestação saudável, as opções e direitos sobre o parto e a vida pós-parto, além de procedimentos clínicos que previnem e detectam possíveis intercorrências durante as semanas que compõem a gestação. Nesse sentido, elaborou-se o questionamento: Qual a importância da enfermagem no pré-natal de risco habitual?. **Objetivo** Compreender a importância da assistência de enfermagem no cuidado pré-natal de risco habitual. **Metodologia** Trata-se de uma revisão de literatura, com artigos obtidos em buscas nas bases de dados da Scientific Electronic Library Online (Scielo) e Biblioteca Virtual da Saúde (BVS), utilizando os descritores em saúde (Decs) combinados com o operador booleano AND: “pré-natal” AND “cuidados de enfermagem” AND “baixo risco”. Como critérios de inclusão delimitou-se artigos na língua portuguesa, que respondessem à questão orientadora. Os critérios de exclusão foram artigos repetidos. Ao final, foram obtidas uma amostra de seis artigos científicos. **Resultados e Discussão** A assistência de pré-natal deve ser iniciada no primeiro trimestre, objetivando a captação precoce com vista à prevenção de agravos. Por meio da Lei n. 7.498/86, o enfermeiro tem amparo para acompanhar o pré-natal de baixo risco, pois tem qualificação para esclarecer as dúvidas da gestante para uma assistência busca-se realizar orientações sobre a gestação, a vacinação e a amamentação; o cadastramento da gestante no SISPRENATAL e fornecer o cartão da gestante; solicitação de exames; realização de teste rápidos; prescrição de medicamentos; identificação de sinais de alto risco e realização de encaminhamentos; exame clínico das mamas e citopatológico; orientar sobre a periodicidade das consultas e busca ativa das gestantes faltosas. **Conclusão** A qualificação da atenção destinada à mulher no pré-natal é de suma importância para a redução de agravos obstétricos durante a gestação e no pós-parto, pois tem um caráter educacional e preparatório para as mudanças que ocorrerão. O enfermeiro se torna essencial nesse processo, proporcionando à gestante orientações para que ela compreenda a importância da adesão do pré-natal de forma efetiva, proporcionando uma relação de confiança, promovendo uma gestação saudável e prevenindo possíveis intercorrências.

Palavras-chave: pré-natal; cuidados de enfermagem; baixo risco.



A IMPORTÂNCIA DA ATUAÇÃO DA FISIOTERAPIA NA INCONTINÊNCIA URINÁRIA EM MULHERES NA ATENÇÃO PRIMÁRIA À SAÚDE

Talita Maria Araújo de Abreu¹; Ashley Caymmi de Albuquerque Laurindo²; Lúcia Valéria Chaves³.

Graduanda em Fisioterapia pelo Centro Universitário Inta - UNINTA¹, Graduanda em Fisioterapia pelo Centro Universitário Brasileiro - UNIBRA²; Graduada em Enfermagem pela Autarquia Educacional de Belo Jardim - AEB³.

talitamaria017@gmail.com

Introdução: A incontinência urinária é um problema de saúde significativo que afeta milhões de mulheres em todo o mundo, resultando em impactos físicos, emocionais e sociais adversos. Esta condição, caracterizada pela perda involuntária de urina, é frequentemente subestimada, apesar de sua prevalência e do impacto significativo na qualidade de vida das mulheres. A atenção primária à saúde desempenha um papel muito importante na identificação precoce, no diagnóstico e no manejo da incontinência. **Objetivo:** Investigar a importância da atuação da fisioterapia na incontinência urinária em mulheres na atenção primária à saúde. **Metodologia:** Trata-se de uma revisão de literatura, realizada por meio de um levantamento bibliográfico na base de dados da Medical Literature Analysis and Retrieval System Control (Medline) via PubMed e Biblioteca virtual em saúde (BVS), utilizando os descritores “incontinência urinária”, “fisioterapia”, “atenção primária” retirados dos descritores em Ciências da Saúde (DeCS). Como critérios de inclusão foram utilizados artigos publicados nos últimos cinco anos (2019-2023). Foram excluídos artigos de duplicação em bases de dados, tema não compatível com a pesquisa, artigos incompletos na literatura entre as bases de dados. Por fim, foram selecionados quatro estudos para a elaboração do trabalho. **Resultados e Discussão:** Estudo realizado por Malinauskas et al. (2022), mostrou que a abordagem da fisioterapia na atenção primária em pacientes com incontinência urinária se dá através de uma avaliação individualizada e do desenvolvimento de um programa de exercícios individualizados para cada paciente, voltados para a realização dos exercícios em casa. Assim como consulta a cada quinze dias para orientação, supervisão e evolução do paciente. Porém o estudo abordado por Ficanha et al. (2022), destaca a falha na identificação e capacitação dos profissionais da atenção primária a respeito da incontinência urinária, além da falta de encaminhamento do usuário, e restrição de tempo para a atuação. Evidenciou-se também, a carência de assistência aos usuários voltados para a área, em prol da atenção à mulher com incontinência urinária. **Conclusão:** A abordagem fisioterapêutica torna-se carente ainda na atenção primária voltado para atenção à saúde da mulher com incontinência urinária. Assim, como foi evidenciado a carência de capacitação e falha na assistência, no qual é fundamental para a saúde da mulher.

Palavras-chave: incontinência urinária; fisioterapia; atenção primária;

A IMPORTÂNCIA DA COMUNICAÇÃO EFICAZ NA RELAÇÃO ENTRE ENFERMEIRO-PACIENTE EM EMERGÊNCIAS OBSTÉTRICAS

Bárbara Campos Martins ¹; Bruna Rafaela da Silva Sousa²;

Graduanda em Enfermagem pela Universidade da Amazônia - UNAMA¹
Especialista em Enfermagem Obstétrica, Docente, Doutoranda em Neurociências pela Universidade Federal do Pará- UFPA ²

barbaramartins705@gmail.com

Introdução: As emergências obstétricas tratam-se de quadros de caráter de alto risco que demandam atendimento imediato, visto que ameaçam a saúde materna e fetal. Algumas das emergências obstétricas consideradas mais comuns e que podem indicar risco de morte ou sequelas são: eclampsia, síndromes hemorrágicas, trabalho de parto prematuro, dentre outras complicações. Perante o exposto, é de suma importância debater os benefícios e promover o diálogo na relação entre enfermeiro e paciente em situação de emergência obstétrica. **Objetivo:** Destacar por meio da literatura, a importância de uma comunicação eficaz entre o profissional enfermeiro e gestantes, parturientes e puérperas diante das emergências obstétricas. **Metodologia:** Trata-se de um estudo de natureza descritiva e bibliográfica, sendo realizada por meio da revisão integrativa de literatura, durante o mês de abril de 2024. Avaliou-se estudos da Biblioteca Virtual da Saúde (BVS) e SciELO, dos anos de 2019 a 2023, idioma português, inglês e espanhol. Foram selecionados 5 artigos, seguindo os seguintes critérios: artigos qualitativos com focos semelhantes ao objetivo da temática, sendo utilizados os Descritores em Ciência da Saúde (DeCS): “Relações Profissional-Paciente”, “Enfermagem Obstétrica” e “Comunicação em Saúde”, e para critério de exclusão artigos que não atendiam a área temática abordada. **Resultados e Discussões:** Evidenciou-se, a significativa importância da comunicação do enfermeiro de forma clara e eficiente, pois quando se utiliza a mesma de modo que a mensagem sane todas as dúvidas, estará possibilitando maior qualidade e segurança à assistência prestada, uma vez que tem o intuito de orientar, promover melhorias e reduzir o sofrimento materno fetal, além de que é necessário ouvir e buscar compreender os medos e ansios da paciente diante da situação. Dessarte, enfatiza-se que, através da comunicação o enfermeiro, em conjunto com a equipe multidisciplinar, poderá implementar ações que promovam cuidados adequados e efetivos diante das informações repassadas e das necessidades da mulher e bebê, sempre levando em consideração a condição física/ psíquica de ambos. **Conclusão:** Pode-se concluir, mediante ao exposto que, o processo comunicativo entre o enfermeiro e a paciente em emergência obstétrica é um dos pontos necessários, dentre inúmeros outros, para se alcançar o êxito da assistência, visando garantir a saúde materno fetal, a prevenção e/ou redução de riscos e danos, o repasse eficiente de orientações, e o encaminhamento e implementação de cuidados seguros e responsáveis, pois possibilita uma visão holística, troca de informações, entre outras ações. Todos os fatores citados contribuem para a assistência de qualidade.

Palavras-chave: Enfermagem obstétrica; Emergências obstétricas; Comunicação na assistência de enfermagem.

A IMPORTÂNCIA DA CONSCIENTIZAÇÃO DA SAÚDE DA MULHER NO AMBIENTE DE TRABALHO

Larah Giovanna Nóbrega Clemente¹; Maria Emília Dantas Oliveira²; Ellen Renalle Martins Guedes²; Francisco Gelzo da Silva Neto²; Maria Clara Morais da Silva²; Vânia Ellen Bezerra Sousa²; Elza Carla Melo de Souza².

Graduanda em enfermagem pela Universidade Federal de Campina grande¹, Enfermeira pela Universidade Federal de Campina Grande²

Larahgiovanna16@gmail.com

Introdução: A prevalência de doenças devido a intensa jornada de trabalho afeta diretamente a produtividade e a renda de trabalhadores, especialmente mulheres, que apesar de ter uma expectativa de vida maior, acaba sendo afetada pelos maiores riscos de desenvolver doenças crônicas de âmbito físico e mental. Por possuir uma dupla jornada de trabalho, é muito comum a maioria das trabalhadoras colocarem em segundo plano o acompanhamento regular de sua saúde, provocando a evoluções de doenças que possuem estratégias de prevenção. **Objetivo:** Enfatizar a importância de propagar informação a respeito da saúde feminina dentro do ambiente de trabalho. **Metodologia:** Trata-se de uma revisão da literatura realizada por meio da busca em artigos científicos nas bases de dados online a seguir: a Biblioteca virtual da saúde (BVS) e a Biblioteca Eletrônica Científica Online (SciELO). Para a pesquisa, foram utilizados os Descritores em Ciência da Saúde (DECs) na qual, "saúde feminina", "trabalho" e "enfermagem" foram usados. Os artigos foram escolhidos com base em critérios específicos, como a publicação nos últimos seis anos e o uso da língua inglesa e portuguesa em sua publicação. Após a implementação desses filtros, sete estudos foram selecionados para formar a amostra final. **Resultados e Discussão:** No contexto da saúde e doença das mulheres trabalhadoras, foram identificados os distúrbios osteomusculares relacionados à excessiva carga física no trabalho e ambiente doméstico, além de doenças crônicas como obesidade, depressão, ansiedade, LER e estresse ocupacional. Estudos científicos comprovaram que para prevenir a prevalência dessas situações no cotidiano dessas mulheres é importante incentivar a participação delas em programas de promoção da saúde como a criação de rotina de check-up e preventivos, oferecendo acolhimento psicológico além de encorajar a realização de atividades físicas como caminhadas diárias de 45 minutos pois tem eficácia na prevenção de doenças crônicas. **Considerações finais:** É fundamental conscientizar as mulheres sobre os cuidados necessários para preservar sua saúde física e mental enquanto desempenham suas funções profissionais, isso contribuirá para preservar sua qualidade de vida e produtividade no ambiente de trabalho, principalmente por meio do encorajamento de uma rotina com hábitos diários de exercício físico, consultas preventivas e acompanhamento psicológico, assim, reduzindo os riscos dessas mulheres posteriormente desenvolver algum tipo de patologia.

Palavras-chave: mulheres trabalhadoras; promoção da saúde; saúde feminina.



A IMPORTÂNCIA DA DIETA NA ENDOMETRIOSE: IMPACTOS POSITIVOS NOS SINTOMAS E QUALIDADE DE VIDA

Vânia Ellen Bezerra Sousa¹; Francisco Gelzo da Silva Neto¹; Ellen Renale Martins Guedes¹; Larah Giovanna Nóbrega Clemente¹; Maria Clara Morais da Silva¹; Maria Emília Dantas Oliveira¹; Elza Carla Melo de Souza²

Graduando em enfermagem pela Universidade Federal de Campina Grande¹, Enfermeira pela Universidade de Campina Grande²

vaniaellen054@gmail.com

Introdução: A endometriose é uma condição dolorosa, inflamatória que afeta muitas mulheres em idade reprodutiva, caracterizada pelo crescimento anormal do tecido endometrial fora do útero, tendo mais impactos nos órgãos e tecidos que se encontram próximos ao útero, como: peritônio, tubos uterinos, ovários, ligamentos intestinos e bexiga. Apesar de não ter cura, a alimentação pode desempenhar um papel importante no manejo dos sintomas. **Objetivo:** Este estudo visa entender a importância da boa alimentação no quadro de endometriose. **Metodologia:** Trata-se de uma revisão de literatura, na qual a busca dos artigos para compor os resultados deste trabalho foi feita em bases de dados virtuais Medline e Scielo utilizando os termos identificados nos Descritores em Ciência da Saúde (DeCS): “endometriosis” AND “nutrition” AND “dieta” no idioma inglês e português. Os critérios de inclusão adotados: estudos integralmente disponíveis e redigidos no idioma português, nos últimos dez anos. Foram excluídos estudos duplicados e não indexados. Na qual foram selecionados cinquenta e dois artigos para avaliação. Destes, dez foram escolhidos para compor a presente revisão, conforme sua relevância e contribuição para o tema em questão. **Resultados e Discussões:** A alimentação tem um papel fundamental na vida de qualquer indivíduo, e a boa nutrição em mulheres com endometriose pode auxiliar de forma positiva na diminuição de sintomas como dispareunia, cansaço, dismenorrea, dor pélvica mesmo fora do período menstrual, dor ao urinar e infertilidade. No entanto, estudos mostram que uma dieta rica em alimentos anti-inflamatórios, como alimentos naturais, fibras, vegetais, peixes gordos e grãos integrais, pode ajudar a reduzir a inflamação e a dor associadas à endometriose. Além disso, evitar alimentos que podem desencadear inflamação, como alimentos processados e ricos em gorduras saturadas, também pode ser benéfico. Tendo em vista assim, que uma alimentação adequada influencia na qualidade de vida e prevenindo o agravamento de sintomas e doenças como também diminui a inflamação no corpo. **Conclusão:** Infere-se assim, que mais pesquisas sejam necessárias para compreender completamente o papel da alimentação na endometriose, os resultados disponíveis sugerem que uma dieta equilibrada pode exercer um papel crucial tanto no tratamento quanto na prevenção da doença. A avaliação nutricional pode desempenhar um papel importante no manejo dos sintomas, ajudando a reduzir a inflamação e melhorar a qualidade de vida das mulheres. É essencial respeitar as particularidades de cada paciente ao implementar estratégias dietéticas, destacando a importância dos alimentos anti-inflamatórios e evitando aqueles que podem desencadear inflamação.

Palavras-chave: endometriose; dieta; nutrição.



**A IMPORTÂNCIA DA EDUCAÇÃO EM SAÚDE SOBRE ARBOVIROSES NAS ESCOLAS:
RELATO DE EXPERIÊNCIA**

Simony de Freitas Lavor¹; Ana Karoline Alves da Silva¹; Solange de Freitas Lavor²

Mestre em Enfermagem pela Universidade Regional do Cariri - URCA¹, Enfermeira graduada pela Universidade Regional do Cariri - URCA; Especialista em Gestão e Administração em Saúde pela Faculdade de Tecnologia e Ciências do Alto Paranaíba²

✦ ✦
simonylavor21@gmail.com

Introdução: As arboviroses são doenças causadas por vírus e a sua transmissão geralmente acontece por meio da picada do mosquito *Aedes aegypti*. Os tipos mais comuns são dengue, Chikungunya e Zika. No Brasil, no ano de 2019, foram identificados 1.544.987 casos de dengue, 132.205 de Chikungunya e 10.768 de Zika, já os óbitos foram confirmados 782 por dengue, 92 por Chikungunya e três por Zika. Com o crescente número de pessoas acometidas pelas arboviroses faz-se necessário a realização de educação em saúde nas escolas, que contribui para a promoção de saúde e conscientização dos estudantes, por meio da construção do conhecimento. **Objetivo:** Relatar a vivência da realização de uma educação em saúde sobre arboviroses em um ambiente escolar. **Método:** Trata-se de um estudo descritivo, do tipo relato de experiência, acerca da vivência de uma educação em saúde sobre arboviroses em uma escola estadual do município de Crato, Ceará, realizada por seis discentes do curso de enfermagem do estágio supervisionado I e por uma discente do mestrado acadêmico em enfermagem da Universidade Regional do Cariri. A educação em saúde ocorreu no mês de maio de 2023 e contou também com a participação de professores da escola estadual. **Resultados:** Durante a realização da educação em saúde, os discentes abordaram conteúdos sobre o que são as arboviroses, sinais, sintomas e prevenções. Além disso, o momento oportunizou discussões sobre a temática e retirada de dúvidas. Foram utilizados materiais educativos como: manuais, cartilhas e folder com a finalidade de potencializar as orientações e aprendizagem e, assim, estimular que o conhecimento adquirido fosse propagado no ambiente domiciliar para mudanças de hábitos. **Considerações Finais:** Conclui-se que a realização de educação em saúde sobre arboviroses nas escolas é importante para conscientizar a população jovem sobre os cuidados e prevenção desse vírus, visto que é um problema de saúde pública e necessita da colaboração da comunidade para que, a partir disso, esses casos de arboviroses possam ser amenizados e contribua para uma melhor qualidade de vida. A educação em saúde também promoveu a formação complementar dos graduandos e pós-graduando, promovendo o desenvolvimento de habilidades e competências no ambiente escolar.

Palavras-chave: arboviroses; educação em saúde; saúde coletiva.

A IMPORTÂNCIA DA EDUCAÇÃO SEXUAL NA SAÚDE DA MULHER SOBRE AS INFECÇÕES SEXUALMENTE TRANSMISSÍVEIS -IST'S

Rafaela Coelho da Silva¹; Maria Isabel Ferreira da Silva²; Yasmin Thalita Oliveira do Nascimento³;
Ana Paula Martins de Oliveira⁴

Graduanda em enfermagem pelo Centro Universitário Unisãomiguel¹, Graduanda em enfermagem pelo Centro Universitário Unisãomiguel², Graduanda em enfermagem pelo Centro Universitário Unisãomiguel³, Cirurgiã-dentista pela Universidade de Pernambuco⁴

rafaelacoelho017@gmail.com

INTRODUÇÃO: Esta pesquisa aborda a importância de uma educação sexual sobre as diversas Infecções sexualmente transmissíveis (IST'S) que acometem várias mulheres, visto que, estão começando sua vida ativa mais cedo, sendo assim, apresentando uma crescente taxa de infecções e gravidez indesejada, ficando mais vulneráveis à várias doenças pela falta de conscientização e tabus. Abordar sobre esse tema é de suma importância para a construção de uma sexualidade saudável e responsável, contribuindo para a diminuição das taxas de IST'S e promovendo o bem-estar das mulheres. **OBJETIVO:** Buscou-se reunir dados com propósito de promover uma melhor educação em saúde a respeito das IST'S na educação sexual das mulheres. **MÉTODOS:** O método aplicado foi, um estudo descritivo, de revisão da literatura integrativa, que se embasou na análise de publicações encontradas na literatura nos anos de 2021 até 2023, procedendo-se nas buscas de artigos nas bases eletrônicas, Scientific Electronic Library Online (SciELO) e Biblioteca Virtual em Saúde (BVS), utilizando os seguintes descritores: "IST", "women", "health education", combinados pelo operador booleano AND. Como critério de inclusão foram utilizados artigos completos em português e inglês, foram excluídas da pesquisa temas que fugiram da temática e duplicados em bases de dados divergentes. Por fim, foram achados dezoito artigos e após análise aplicados, permaneceram apenas quatro artigos para compor o estudo. **RESULTADOS E DISCUSSÕES:** Fica claro que a educação sexual eficaz reduz comportamentos de risco entre mulheres, como múltiplos parceiros sexuais e sexo desprotegido. Além disso, a investigação também demonstrou que a desmistificação, que envolve a discussão aberta de temas relacionados a sexualidade e as IST'S, ajuda a reduzir o estigma associado a estas questões. As mulheres bem informadas são mais propensas a buscar assistência e discutir as suas questões sem constrangimento ou medo de julgamento. Desse modo, resultados mostraram que mulheres que participam de projetos e ações de prevenção sexual, apresentam um aumento significativo na compreensão sobre as diversas infecções transmitidas sexualmente, suas formas de espalhamento, seus sinais e suas técnicas de precaução. **CONCLUSÃO:** Portanto, a educação sexual é uma intervenção importante para prevenir infecções sexualmente transmissíveis na saúde da mulher. Os resultados de vários estudos indicam que programas bem estruturados podem aumentar o conhecimento, reduzir comportamentos de risco e promover orientações saudáveis. A implementação de ações abrangentes de educação, instrução sexual em comunidades especialmente nas comunidades com poucos recursos, pode proporcionar benefícios significativos à saúde pública e ao aprimoramento das mulheres.

Palavras-chaves: educação sexual; mulheres; conscientização.



A IMPORTÂNCIA DA FISIOTERAPIA UROGINECOLÓGICA EM MULHERES COM VAGINISMO

Ashley Caymmi de Albuquerque Laurindo¹; Talita Maria Araújo de Abreu²; Lúcia Valéria Chaves³.

Graduanda em Fisioterapia pelo Centro Universitário Brasileiro - UNIBRA¹, Graduanda em Fisioterapia pelo Centro Universitário Inta - UNINTA²; Graduada em Enfermagem pela Autarquia Educacional de Belo Jardim - AEB³.

ashleycaymmi@gmail.com

Introdução: O vaginismo é uma disfunção sexual feminina, caracterizada pela contração involuntária dos músculos do assoalho pélvico, o que resulta em dor durante a prática, e durante exames ginecológicos. Esta condição, muitas vezes subdiagnosticada e subtratada, pode ter um impacto significativo na qualidade de vida sexual de muitas mulheres afetadas, levando a problemas biopsicossociais, afetando seriamente seus relacionamentos tanto conjugais com interpessoal, assim como baixa autoestima e ansiedade. **Objetivo:** Avaliar a eficácia da fisioterapia uroginecológica no tratamento do vaginismo em mulheres, investigando os efeitos da intervenção na redução da dor durante a vida sexual, e no alívio do desconforto físico e emocional associado. **Metodologia:** Trata-se de uma revisão de literatura, realizada por meio de um levantamento bibliográfico na base de dados da Medical Literature Analysis and Retrieval System Control (Medline) via PubMed e Biblioteca virtual em saúde (BVS), utilizando os descritores “vaginismo”, “fisioterapia”, “disfunção” retirados dos descritores em Ciências da Saúde (DeCS). Como critérios de inclusão foram utilizados artigos publicados nos últimos sete anos (2018-2024). Foram excluídos artigos de duplicação em bases de dados, tema não compatível com a pesquisa, assim como artigos incompletos e que não atendem a temática proposta. Por fim, foram selecionados cinco estudos para a elaboração do trabalho. **Resultados e Discussão:** O estudo abordado por Lima et al. (2021), mostra que as mulheres que apresentam a disfunção raramente procuram atendimento fisioterapêutico ou não conseguem terminar o tratamento. Porém um estudo realizado por Ribeiro et al. (2022), mostrou que a cinesioterapia juntamente com dessensibilização, dilatadores vaginais, eletroestimulação e terapia manual, possibilitam que haja a melhora da qualidade de vida. Marinho et al. (2020) fala que a maior abordagem no tratamento do vaginismo é o fortalecimento da musculatura do assoalho pélvico o que se faz necessário possibilitando que haja o retorno à prática sexual saudável. Assim como Lima et al. (2021) evidenciou que existe a necessidade de aliar a psicologia com a fisioterapia no tratamento do vaginismo. Juntamente com a psicoterapia que trabalha as causas de ordem psicogênica. **Conclusão:** Portanto conclui-se que a fisioterapia é fundamental para o retorno à prática sexual da mulher, por meio de intervenções com cinesioterapia, cones vaginais, eletroestimulação, terapia manual e até mesmo o fortalecimento da musculatura, possibilitando que haja a melhora da qualidade de vida. Assim como a abordagem multidisciplinar é fundamental durante o tratamento da disfunção.

Palavras-chave: vaginismo; fisioterapia; disfunção.

A IMPORTÂNCIA DA INTERVENÇÃO NUTRICIONAL EM GESTANTES COM DIABETES

Anna Alycia Bezerra Cruz¹, Luana Barros Moreira¹, Maria Eduarda Pereira Juscelino¹, Pedro Henrique de Moraes Sanches¹, Ycaro Deyangells Moreira Carvalho¹, Rodrigo Tobias Aiello¹, Mariana Andrade Oliveira²

Graduandos do Curso de Medicina pela Universidade de Ribeirão Preto-UNAERP¹, Médica pela Universidade de Ribeirão Preto- Unaerp, com mestrado em patologia pela Universidade Federal Triângulo Mineiro-UFTM²

anna.cruz@sou.unaerp.edu.br

Introdução: A Diabetes Gestacional (DG) é definida pela diminuição da tolerância à glicose, que se inicia durante a gestação, podendo ou não persistir após o parto. Nesse âmbito, a prevalência de DG pode chegar até mais de um décimo das gestantes, dependendo da população estudada, do território e dos critérios de diagnóstico aplicados. Sob essa perspectiva, em território nacional brasileiro, a prevalência de DG em mulheres com mais de 20 anos, atendidas em serviços de pré-natal do Sistema Único de Saúde (SUS), é de aproximadamente 8%, sendo que mais de 90% dos casos apresentam apenas tolerância diminuída à glicose e 6% hiperglicemia semelhante ao nível de diabetes fora do período gestacional. **Objetivo:** Este trabalho teve como objetivo ressaltar a importância do cuidado nutricional em gestantes com DG. **Metodologia:** Com o intuito de realizar uma revisão bibliográfica integrativa acerca desse tema, adotou-se um embasamento teórico baseado em artigos científicos, obtidos por meio de pesquisa digital empregando a plataforma digital Scientific Library Online (SciELO), incluindo os termos-chave relevantes: “diabetes gestacional; cuidado pré-natal; nutrição; dietética materna”. Dos 105 artigos encontrados, 3 foram selecionados para este estudo, os quais tiveram como critério de inclusão os idiomas inglês e português, que apresentavam maior relevância científica, excluindo os demais artigos que não se encaixavam na temática. **Resultados e discussão:** Os resultados obtidos apontam que, durante a gestação, a elevação dos níveis de estrogênio e progesterona produzidos pela placenta são responsáveis, em parte, pelas mudanças do metabolismo glicídico materno, pois agem como antagonistas da insulina, diminuindo sua eficácia nos tecidos periféricos. Nessa perspectiva, torna-se nítido que as mudanças ocorridas na gestação corroboram para o desenvolvimento de um quadro de diabetes. Desse modo, é apontado na literatura a relevância do cuidado nutricional para o controle glicêmico ideal em grávidas com DG, o que contribui para um bom resultado pré-natal e para o tratamento da diabetes. **Conclusão:** Dessa forma, conclui-se que a intervenção nutricional é importante no controle da DG. Assim, a dieta de uma paciente com DG deve estar centrada em opções alimentares que garantam um apropriado ganho de peso, controle da glicemia e ausência de corpos cetônicos. Ademais, a atenção integrada à grávida com diabetes é relevante para reduzir as possíveis complicações. Dessa forma, devem ser oferecidos para a paciente o devido controle metabólico, assistência pré-natal, insulino terapia e avaliação do bem estar do feto para garantir a saúde materno-fetal.

Palavras-chave: diabetes gestacional; cuidado pré-natal; nutrição; dietética materna.



**A IMPORTÂNCIA DA METALOPROTEINASE-9 COMO BIOMARCADOR
PROGNÓSTICO DO CÂNCER DE MAMA**

Felipe Asafe Melo dos Santos¹; Maria Cristina Halla²

Graduando em Medicina pela Universidade de Pernambuco¹, Doutorado em Bioquímica pela Rede Nordeste de Biotecnologia (RENORBIO)²

✦ felipe.asafe@upe.br

Introdução: O câncer de mama (CM) é uma das principais causas de morte relacionada ao câncer entre mulheres globalmente, principalmente, pelo alto potencial de causar metástases. Assim, a Metaloproteinase-9 (MMP-9) surge como biomarcador prognóstico, pois está envolvido com o processo de degradação da matriz extracelular, facilitando rearranjos espaciais das células tumorais, que podem migrar para outros tecidos, piorando a evolução do paciente. **Objetivo:** Evidenciar a MMP-9 como biomarcador importante para entender o prognóstico do CM. **Metodologia:** Nesta revisão integrativa da literatura, utilizaram-se as bases de dados PubMed, Web Of Science e SciELO, encontrando, ao todo, 239 artigos. Como descritores em ciências da saúde (DeCS): “Breast cancer”, “Prognosis” e “Matrix Metalloproteinase 9”, ligados pelo operador booleano AND. Como critérios de inclusão: estudos utilizando tecido mamário neoplásico, idioma inglês ou português, período de 2014 a 2024. Como critérios de exclusão: artigos duplicados, biomarcador errado, doença errada, idioma errado, período de tempo errado, estudos em animais e revisões da literatura. Foram selecionados 8 artigos com a inteligência artificial Rayyan para compor o trabalho final. **Resultados e Discussão:** Um estudo de 2014 com 60 pacientes com CM verificou que a MMP-9 teve possível papel na invasão tumoral e sugeriu como biomarcador de estadiamento tumoral. Dois estudos de 2014, com 41 e 60 pacientes associaram a superexpressão de MMP-9 com metástase linfonodal, progressão tumoral e alta taxa de óbito, sugerindo-o como marcador de pior prognóstico. Esses resultados corroboram um estudo de 2020 com 675 pacientes, associando aumento de MMP-9 com baixa sobrevida e alta proliferação celular. Outro estudo de 2017 com 80 pacientes mostrou que a baixa expressão de MMP-9 estava ligada a um prognóstico relativamente bom. Outro estudo de 2020 com 48 pacientes mostrou que a MMP-9 aumentou com o avançar do estágio tumoral, sugerindo relação com pior prognóstico. Contudo, dois estudos de 2014, com 121 e 38 pacientes demonstraram que a MMP-9 por si só não teria tanta relevância prognóstica, sugerindo acrescentar outros biomarcadores para análise. Logo, nota-se a MMP-9 associada à metástase, maior taxa de óbito, invasão celular, que são índices importantes no estadiamento prognóstico do paciente. Contudo, há necessidade de mais biomarcadores para a análise holística. **Conclusão:** A MMP-9 é um biomarcador potencial para progressão do CM, podendo auxiliar nos rumos terapêuticos. Mais estudos devem ser feitos para avaliar a sua eficácia com outros biomarcadores para aplicação na prática clínica, aumentando a chance de sobrevida das pacientes.

Palavras-chave: câncer de mama; prognóstico; Metaloproteinase-9.

A IMPORTÂNCIA DE DISCERNIR A DEPRESSÃO PÓS-PARTO

Alessandra Vitoria de Souza dos Santos¹; Denise Xavier Costa²; Rafael Pinto e Souza³

Graduando em enfermagem pela Universidade Paulista do Amazonas¹, Mestre em Tecnologias Emergentes em Educação pela MUST University², Mestre em Biotecnologia pela Universidade Federal do Amazonas³

sandravitoria068@gmail.com

Introdução: O nascimento de um bebê é um momento marcante, mas, para algumas mulheres, a depressão pós-parto é uma realidade. Fatores como privação de sono, estresse e histórico de depressão contribuem para esse transtorno emocional. Contudo, nem todas as mulheres desenvolvem essa condição, sugerindo a influência de fatores de proteção, como apoio social e estratégias de enfrentamento. A compreensão desses elementos é crucial, destacando a importância do suporte emocional durante a transição para a maternidade. Além disso, é essencial reconhecer que as flutuações hormonais após o parto também desempenham um papel significativo na manifestação da depressão pós-parto. Portanto, uma abordagem holística, considerando tanto os fatores de risco quanto os de proteção, são fundamentais para lidar eficazmente com essa condição e garantir o bem-estar materno. **Objetivo:** Relatar a importância da atenção aos sintomas da depressão pós-parto para puérperas, profissionais das unidades de saúde e o ciclo familiar da mulher. **Metodologia:** Utilizamos uma abordagem de revisão de literatura narrativa, pesquisando artigos publicados no *Scientific Electronic Library Online* (Scielo) e na Revista Brasileira de Saúde Materno Infantil (RBSMI) entre 2009 e 2023. Os descritores: “Depressão pós-parto” e “Baby blues” foram empregados. Após a busca inicial, aplicamos critérios de escolha, que incluíram relevância do conteúdo, atualidade e qualidade da pesquisa, e de exclusão, falta de foco no tema, inadequação dos métodos empregados e a ausência de dados significativos. Dos sete artigos encontrados, apenas três atenderam a esses critérios e foram selecionados para análise. **Resultados:** A depressão pós-parto vem crescendo imensamente, onde os dados revelam que houve um acréscimo de 25% nos casos apenas no Brasil, mostrando ser uma condição séria que requer atenção profissional e, se não tratada, pode persistir por meses ou até mesmo anos, afetando negativamente o bem-estar emocional e físico entre mãe e bebê, e consequentemente o vínculo de ambos. Logo após o parto, algumas mulheres podem experimentar sentimentos ambivalentes, oscilando entre momentos de felicidade e momentos de dúvida ou preocupação. Isso é perfeitamente normal e não significa que elas não amam o seu bebê. É uma reação temporária à intensa transição física e emocional que ocorre após o parto. **Conclusão:** É fundamental que o ciclo familiar consiga identificar os sintomas da depressão pós-parto e as mulheres que estão enfrentando esse desafio busquem ajuda de um profissional de saúde para receber o apoio necessário. O tratamento geralmente envolve uma combinação de terapia de conversa, suporte emocional, medicamentos (quando necessário) e autocuidado.

Palavras-chave: Saúde da mulher; Depressão pós-parto; Distúrbio.

A IMPORTÂNCIA DO AUTOEXAME NO DIAGNÓSTICO DO CÂNCER DE MAMA

Maria Eduarda Pereira Juscelino ¹, Arthur Humberto Arruda Duarte ², Fellipe de Souza Fernandes ³,
Livia Nantes de Souza ⁴, Verônica Santana Coelho ⁵, João Pedro Freire de Moraes ⁶, Ana Laura
Ferreira Mendes ⁷, Mariana Andrade Oliveira ⁸

Graduandos do Curso de Medicina pela Universidade de Ribeirão Preto-UNAERP ¹⁻⁷, Prof. Ms. em
Patologia Cirúrgica pela Universidade de Ribeirão Preto-UNAERP ⁸

mariaeduardapereira083@gmail.com

Introdução: No Brasil, segundo o Instituto Nacional de Câncer (2023), o câncer de mama é o mais incidente em mulheres de todas as regiões, sendo estimado por esse órgão que no triênio 2023-2025 vão ter 73.610 novos casos dessa doença. Assim, a neoplasia mamária é um fator que necessita de atenção dos profissionais da saúde e também do restante da população. O diagnóstico precoce é um dos principais fatores para um bom prognóstico às mulheres acometidas por essa patologia, sendo o autoexame um meio satisfatório. **Objetivo:** Estabelecer a importância do autoexame como técnica de diagnóstico precoce do câncer de mama. **Metodologia:** Essa revisão integrativa de literatura fundamentou-se na busca por artigos científicos, obtidos por meio de pesquisa digital, empregando a plataforma digital Scientific Library Online (SciELO). Para tanto, foram utilizados unitermos de busca, como “câncer de mama” e “autoexame das mamas”, para identificar vinte artigos, publicados em 2022 a 2024, dos quais foram selecionados três para estudo, utilizando como critério de seleção a relevância científica das suas informações para a temática abordada. **Resultados e discussão:** O método de rastreamento mais usual do câncer de mama é a mamografia, sendo ela recomendada para mulheres de 50 a 69 anos a cada dois anos. Contudo, para mulheres abaixo dessa faixa etária, não há indícios dos benefícios dessa prevenção, tornando o autoexame essencial. Isso ocorre porque esse método de rastreamento pode ser feito por todas as mulheres em sua rotina habitual, aumentando a probabilidade do diagnóstico do câncer de mama em estágios iniciais. O ato de apalpar as mamas com intuito de identificar qualquer anormalidade é uma prática de prevenção secundária simples e eficaz, desde que haja conhecimento sobre os parâmetros de busca. Sendo assim, é importante que as mulheres conheçam as alterações anormais de textura, tamanho, presença de nódulos e cor da pele que geralmente estão presentes como indícios de um possível câncer de mama. Por isso, é necessária a disseminação de informações e conscientização sobre a importância dessa prática. **Considerações finais:** Enfatiza-se que o rastreamento é uma estratégia eficaz para identificar precocemente doenças, o que pode contribuir significativamente para a redução da sua mortalidade. No caso específico do câncer de mama, o diagnóstico precoce amplia as possibilidades terapêuticas e minimiza os efeitos adversos dos tratamentos. Assim, o autoexame possui um papel muito importante em dar uma maior chance de sobrevivência às mulheres acometidas por essa patologia.

Palavras-chave: câncer de mama; autoexame das mamas; detecção precoce de câncer; saúde da mulher.



**A IMPORTÂNCIA DO ENFERMEIRO NA AVALIAÇÃO DA MULTIFATORIALIDADE
DOS SINTOMAS EM MULHERES CLIMATÉRICAS**

Liana Borges Santos¹; Maria Fernanda da Silva Cavalcante¹; Carlos Eduardo da Silva-Barbosa²

Graduanda em enfermagem pela Universidade Federal do Piauí¹; Mestrando em Psicologia pela
Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro²

liana.borges.santos@gmail.com

Introdução: Segundo o Ministério da Saúde, o climatério é um período do ciclo de vida da mulher caracterizado por diversas mudanças no seu organismo. Destaca-se pela queda nos níveis hormonais, diminuição da fertilidade, irregularidade dos ciclos menstruais e a menopausa. Além desses aspectos fisiológicos, fatores socioeconômicos relacionados a educação e a prática de exercícios também influenciam no processo de adaptação das mulheres climatéricas durante essa etapa da vida, tornando-se essencial a participação do enfermeiro para a realização de uma análise multidisciplinar, proporcionando o cuidado integral durante o climatério. **Objetivo:** Analisar os fatores não fisiológicos para o cuidado integral e a melhoria da qualidade de vida de mulheres climatéricas no Brasil. **Metodologia:** O presente estudo trata-se de uma revisão integrativa de literatura, realizada em junho de 2024, apoiada nas Bases de Dados: SciELO, Web of Science e SCOPUS. Utilizou-se como descritores: “Climatério” e “Menopausa”. Foram incluídos artigos que envolviam uma análise reflexiva do segmento da população estudado e seu ciclo biológico, excluindo trabalhos que não destacavam aspectos psicossociais no estudo, publicados entre 2020 e 2024, nos idiomas português e inglês, resultando em 99 publicações, das quais utilizaram-se 10 artigos. **Resultados e Discussão:** O climatério, geralmente identificado em mulheres numa faixa etária de 40-65 anos, provoca alterações metabólicas, dermatológicas, urogenitais, do humor, distúrbios no sono e sintomas vasomotores. Sintomas mais graves podem prejudicar o sono e influenciar diretamente nas funções cognitivas, além de refletirem nas características físicas e funções sexuais do indivíduo, desencadeando conflitos internos, repercussões na sexualidade e conseqüentemente quadros depressivos e ansiedade. Essas condições foram predominantemente observadas na parcela com baixa escolaridade, baixa renda e que praticam pouca atividade física. Isso demonstra que poucas mulheres estão completamente cientes das mudanças naturais que estão ocorrendo no seu próprio corpo bem como nem todas têm acesso a melhores hábitos para prevenir maiores impactos durante essa fase. **Conclusão:** O acompanhamento integral da saúde da mulher e a avaliação de todos os aspectos que norteiam seu modo de vida pelo enfermeiro, por meio de um atendimento mais humanizado, contribui para a subjetividade dos casos e melhora da atenção à saúde durante o climatério. Além de proporcionar mudanças no cuidado e na assistência por parte dos profissionais, também colabora para o autoconhecimento do indivíduo e na adoção de métodos preventivos, que vão além dos cuidados psiquiátricos, garantindo a influência dos bons hábitos para evitar sintomas mais graves que provoquem perturbações durante a sua vida.

Palavras-chave: climatério; enfermagem; meia-idade.

A IMPORTÂNCIA DO EXAME FÍSICO AO ADULTO COM DIABETES NA ATENÇÃO BÁSICA: RELATO DE EXPERIÊNCIA

Isa Valesca dos Santos Coelho¹; Larissa Barbosa Moreira¹; Samara Rebeca Silva de Miranda¹; Oliviana do Socorro Miranda Tavares¹; Edivinny Caroline Barbosa de Freitas².

Graduanda em Enfermagem pela Universidade Federal do Pará¹, Enfermeira pela Universidade Paulista².

✦ ✦
enf.isavalesca@gmail.com

INTRODUÇÃO: A Diabetes Mellitus (DM) é uma doença crônica de alta prevalência, representando um desafio significativo para os sistemas de saúde. A Atenção Primária à Saúde (APS) desempenha um papel crucial na prevenção, diagnóstico e tratamento do diabetes. Nesse contexto, o exame físico se destaca como uma ferramenta essencial para avaliar a saúde geral dos pacientes e identificar complicações decorrentes da doença, visto que é feita uma avaliação detalhada de todo o histórico do paciente. **OBJETIVOS:** Relatar a experiência de acadêmicas de Enfermagem durante as aulas práticas e descrever a importância do exame físico na abordagem do adulto com diabetes na atenção básica, ressaltando sua relevância na detecção precoce de complicações e no planejamento do cuidado individualizado. **METODOLOGIA:** Trata-se de um estudo descritivo do tipo relato de experiência, realizado por acadêmicas de Enfermagem, realizado durante as aulas práticas em uma Unidade Básica de Saúde no município de Belém do Pará da disciplina denominada “Enfermagem na Atenção Integral à Saúde do Adulto e Idoso” ofertada pelo curso de graduação em Enfermagem da Faculdade de Enfermagem da Universidade Federal do Pará, em que foram avaliados parâmetros como pressão arterial, índice de massa corporal, avaliação dos pés, palpação abdominal e outros indicadores relevantes para a saúde do paciente. **RESULTADOS E DISCUSSÃO:** Os resultados demonstraram que o exame físico detalhado permite a identificação precoce de complicações como neuropatia periférica, retinopatia e hipertensão, que frequentemente acompanham o diabetes, bem como possíveis lesões em órgãos alvos (LOA). Além disso, a abordagem individualizada e detalhada fortaleceu a relação entre paciente e profissional de saúde, aumentando a adesão ao tratamento e promovendo uma abordagem holística do cuidado. **CONCLUSÃO:** O exame físico desempenha um papel fundamental na abordagem do adulto com diabetes na atenção primária à saúde, possibilitando a detecção precoce de complicações e a promoção de um cuidado integral. Sua realização sistemática e criteriosa deve ser incentivada como parte integrante das práticas de enfermagem na atenção primária à saúde. Tendo em vista que a dimensão ético-política dessas práticas manifesta-se na atenção integral ao paciente. A promoção da saúde, a prevenção de complicações e a aproximação humanizada entre profissional e paciente demonstram o impacto positivo dessa abordagem na qualidade do cuidado, de modo que propicie uma melhor qualidade de vida para os pacientes.

Palavras-chave: complicações do diabetes; enfermagem; atenção primária à saúde.

A IMPORTÂNCIA DO FISIOTERAPEUTA COMO ELEMENTO ESSENCIAL NO ALÍVIO DA DOR NO TRABALHO DE PARTO

Edja Nayhara de Oliveira Silva¹; Josimara Wanubia da Silva Pereira¹; Edjamaris Suzy da Silva e Silva²

Graduando em fisioterapia pela Faculdade Anhanguera¹, Enfermeira. Especialista em Urgência, Emergência e Trauma, Saúde da Mulher com Ênfase em Ginecologia e Obstetrícia, Docência do Ensino Superior e Enfermagem Hospitalar²

e.d.suzy@hotmail.com

Introdução: O período gravídico é uma fase singular na vida da mulher, um ciclo de repleto de sentimentos, incertezas, autoconhecimento e cuidados com a saúde em sua integralidade onde perdura-se até o momento do parto. O trabalho de parto (TP) é um processo fisiológico e subjetivo, acompanhado de emoções positivas e negativas, podendo ocorrer episódio de medo, ansiedade e dor, a última como fator preponderante, acarretando assim dificuldades durante o trajeto. O parto vaginal é visado por inúmeras mulheres, podendo ser violado devido os fatores psicoemocionais que correlacionam com um quadro algíco, ou quando não há um preparo biopsicossocial durante a gestação. O profissional fisioterapeuta tem papel importante em assistenciar o TP através do uso de métodos não farmacológicos, auxiliando na diminuição da dor, usando técnicas que proporcionem um momento humanizado, respeitoso e seguro, tornando uma experiência confortante, a fim de deixar a parturiente mais plácida, melhorando assim seu desempenho de forma efetiva durante a indução. **Objetivo:** Identificar na literatura nacional a importância da assistência fisioterapêutica efetiva durante o ciclo gravídico com enfoque no trabalho de parto, visando a diminuição da dor. **Metodologia:** Trata-se de uma revisão integrativa da literatura realizada nas bases de dados: Biblioteca Virtual em Saúde (BVS). National Library of Medicine (MEDLINE/PubMed), e Scientific Electronic Library Online (SciELO), no período de 2019-2024. A coleta de dados ocorreu em pares no dia 17 de maio de 2024. Os descritores utilizados foram: “Fisioterapia”, “Dor do parto”, “Obstetrícia”. **Resultados e discussão:** Com a estratégia de busca obteve-se 13 artigos. Após a aplicação dos critérios de elegibilidade permaneceram 05 artigos. A síntese dos artigos selecionados em relação a população estudada, dentre mulheres em TP e durante o período gravídico foram achados artigos que constituíram os resultados do presente estudo em técnicas respiratórias (30%), massoterapia (20%), alternância de posições (40%) e uso da bola suíça (10%). **Conclusão:** Diante do exposto, os achados permitem concluir a eficácia comprovada da ação do fisioterapeuta, apresentando diminuição do quadro algíco durante a fase supracitada e na indução do parto vaginal. Salientando que as intervenções fisioterapêuticas obtêm resultados positivos por apresentarem baixo custo e alta efetividade, acarretando em melhorias desde ao menor tempo de internação até o bem-estar do binômio. Portanto, ressaltamos a importância do profissional, da gravidez até o centro obstétrico.

Palavras-chave: Fisioterapia. Dor do parto. Obstetrícia.



A IMPORTÂNCIA DOS ENFERMEIROS NO RASTREAMENTO E PREVENÇÃO DO CÂNCER DE COLO UTERINO

Fabiana Borges Miranda¹; Janaína Gaia de Souza²

Graduando em enfermagem pela Universidade Federal do Pará¹, Enfermeira formada pela Universidade Paulista-UNIP²

fabianamirnda9@gmail.com

Introdução: O câncer de colo uterino (CCU) é uma neoplasia que se desenvolve a partir de células anormais que começam a crescer de maneira desordenada na superfície do colo do útero. Essa neoplasia é o terceiro tumor mais frequente entre as mulheres, ficando atrás do câncer de mama e do colorretal e tem como fatores de risco a multiplicidade de parceiros, tabagismo, infecção pelo HPV, idade precoce na relação sexual, higiene íntima inadequada, condições socioeconômicas e uso de anticoncepcionais. O rastreamento é essencial para confirmação diagnóstica e é realizado a partir do exame citopatológico do colo do útero. Nesse cenário, os enfermeiros desempenham papel fundamental na prevenção, utilizando de estratégias para a detecção precoce e redução de casos. **Objetivo:** Discutir sobre a importância dos enfermeiros no rastreio e prevenção do câncer de colo uterino. **Metodologia:** Trata-se de uma revisão de literatura, de caráter descritivo, realizada na cidade de Belém/Pará sobre o importante papel do enfermeiro na identificação e prevenção do câncer de colo uterino. A coleta de dados foi realizada nas seguintes bases de dados: MEDLINE, BDNF e LILACS, utilizando combinados descritores e operador booleano: “Câncer de Colo Uterino” AND “Enfermeiro” AND “Prevenção”. Foram incluídos artigos completos, publicados nos últimos 5 anos (2019 a 2024) e em idiomas português e inglês. Foram excluídos artigos incompletos e que não contemplasse a temática da pesquisa. **Resultados e Discussão:** Os artigos selecionados enfatizam a importância dos enfermeiros no processo de rastreio e prevenção do Câncer de colo uterino, principalmente no âmbito da atenção primária. Além disso, as ações em saúde desenvolvidas pelos enfermeiros contribuem efetivamente para adesão de mulheres a consulta de enfermagem, possibilitando consequentemente a detecção precoce do CCU. Ademais, constata-se que as estratégias adotadas pelos enfermeiros, seja por meio da educação em saúde ao promover palestras e esclarecer dúvidas, ou pelo incentivo na realização do Papanicolaou, contribuem para a promoção da saúde da mulher. Os estudos apontam que essas ações são essenciais para aumentar a conscientização sobre a importância da prevenção, resultando em melhoras na saúde pública. **Conclusão:** Conclui-se que a atuação do enfermeiro no contexto do rastreio e prevenção do câncer de colo uterino é de extrema importância. A associação de ações em saúde e incentivo na realização do exame citopatológico reflete diretamente na detecção precoce da doença, possibilitando um tratamento mais eficaz e contribuindo para a redução da morbimortalidade associada a doença.

Palavras-chave: Enfermeiros; Rastreio; Câncer de colo Uterino.

A INCIDÊNCIA DE AIDS EM MULHERES IDOSAS NO NORDESTE

Eduarda Eguchi de Andrade Souza¹ Aline Barreto Hora²

¹Graduanda em Medicina, Universidade Tiradentes, Aracaju. Sergipe

²Enfermeira, Mestra em Saúde e Ambiente, Universidade Tiradentes, Aracaju. Sergipe

eduarda.eguchi@souunit.com.br

Introdução: A AIDS é a doença causada pelo vírus da imunodeficiência humana, HIV, o qual ataca o sistema imunológico proporcionando doenças oportunistas. Essa enfermidade é considerada uma Infecção Sexualmente Transmissível (IST), sendo transmitida através de relações sexuais desprotegidas com pessoas contaminadas que não estão em tratamento. Seu diagnóstico é feito por teste, sanguíneo ou oral, anti-HIV, disponibilizados gratuitamente no Sistema Único de Saúde (SUS), podendo ser realizados de forma anônima por todos os cidadãos. Apesar das intervenções do setor de saúde para a prevenção, ainda está muito presente na sociedade brasileira, inclusive na pessoa idosa. Contudo, o tabu da sexualidade em idosos dificulta o diagnóstico e medidas de prevenção nessa população. **Objetivo:** O presente estudo tem como objetivo analisar dados epidemiológicos da região nordeste do Brasil em relação à incidência de AIDS nas idosas nesta região. **Metodologia:** Trata-se de um estudo retrospectivo, quantitativo e descritivo, utilizando dados do DATASUS dos últimos 10 anos. A análise focou na região Nordeste do Brasil, considerando mulheres com 60 anos ou mais que foram afetadas pela AIDS. **Resultados e Discussão:** Um dos principais fatores dessa doença na fase senil deve-se ao fato do baixo uso de preservativos por não existir mais a preocupação com a gravidez, devido ao climatério. Isso ressalta a falta de informação acerca dos riscos de uma relação sexual, seja ela oral, vaginal ou anal, desprotegida vai além de método contraceptivo, é porta de entrada para infecções como o HIV. Outro fator que influencia a incidência nessa faixa etária são as questões biológicas, menor lubrificação e fragilidade da barreira imunológica do organismo no envelhecimento. Dos dados de casos de AIDS da faixa etária a partir dos 60 anos no sexo feminino de 2007-2023, as regiões do país com o maior índice, sudeste, sul e nordeste respectivamente. Sendo mais presente o diagnóstico em brancas e pardas. Maioria analfabeta, com ensino fundamental ou médio incompleto. Dos estados do nordeste, o mais incidente é Pernambuco com 182 casos, seguido pela Bahia. **Considerações finais:** Ainda são escassas as campanhas de conscientização voltada a esse público-alvo, sendo mais direcionada a jovens ou eventos, como carnaval. Desse modo, políticas públicas devem atuar mais na comunicação com essa parcela da população para a prevenção de novos casos de AIDS e que o tratamento seja efetivo e acompanhado, devido às comorbidades muitas vezes presentes em idosos, para melhor qualidade de vida.

Palavras-chave: saúde da mulher. síndrome da imunodeficiência adquirida (aids). vírus da imunodeficiência humana (HIV).

A INCIDÊNCIA DE DENGUE EM GESTANTES NAS CINCO REGIÕES BRASILEIRAS.

Maria Vitória Albino Gomes¹; Amanda Jassé de Figueiredo Brito¹; Karolina Lemos Schuch²; Jéssica de Andrade Ribeiro Lima³; Vinicius Ramos Correia Dos Santos⁴; Jayana Teixeira Jales Menescal Pinto⁵

Graduada em Medicina pela Universidade Unigranrio Afya¹, Graduada em Medicina pela Universidade do Sul de Santa Catarina², Graduada em Medicina pela Universidade do Estado da Bahia³, Graduando em Medicina pela Universidade Potiguar⁴, Graduada em Medicina pela Universidade Potiguar⁵.

maria.gomes@unigranrio.br

Introdução: Em 2023 a OMS afirmou que o Brasil é o país com mais casos de dengue no mundo. A dengue é uma doença endêmica com aumento significativo dos casos em períodos quentes e chuvosos. Na última década, o Ministério da Saúde identificou um aumento da frequência das epidemias de dengue, com incremento significativo de casos graves e de óbitos. Nas gestantes, a dengue pode levar a alterações importantes no binômio materno-fetal, aumentando o risco de abortamento e de trabalho de parto prematuro. Além disso, casos de dengue hemorrágica aumentam em mais de 400 vezes o risco de morte materna. **Objetivo:** Analisar a progressão no número de casos confirmados em gestante e a sua distribuição entre as macrorregiões brasileiras no período de 2020 a abril de 2024. **Metodologia:** Estudo ecológico realizado por meio de dados extraídos do Departamento de Informática do Sistema Único de Saúde (DATASUS), provenientes do Sistema de Informação de Agravos de Notificação (SINAN) dos estados brasileiros nos anos de 2020 a 2024. Foi realizada análise descritiva para calcular o número total de casos confirmados laboratorialmente para dengue em gestantes em cada região do Brasil. **Resultados e Discussão:** Houve o total de 19.371 casos de dengue confirmados em gestantes no Brasil no período analisado. A região Sudeste apresentou o maior número de casos nesse período, com o total de 8.445 casos. Em segundo lugar, a região Sul contou com 4.443 casos, seguida das regiões Centro-Oeste, Nordeste e Norte com 3.958, 1813 e 712, respectivamente. Entre os estados da região Sudeste, destacaram-se aqueles com maior número de casos: São Paulo (2.510) e Minas Gerais (1.055). As notificações em cada ano foram as seguintes: 2020 (2.885), 2021 (1.901), 2022 (3.796), 2023 (4.068). Em relação ao ano de 2024, tomando-se em conta apenas os 4 primeiros meses, houve 6.721 notificações, o que representa um aumento de 60,52% em relação a todo o ano de 2023. Um total de 94.761 casos foram ignorados ou em branco. **Conclusão:** Corroborando com a literatura, demonstrou-se a maior prevalência da dengue no Sudeste, podendo ser justificada por ser a região mais populosa do país, sendo também o principal centro econômico, ensejando maior número de notificações. A identificação de regiões com maior número de casos, permite direcionar esforços para prevenção e controle dessa doença, principalmente em populações suscetíveis a desfechos mais graves, como as gestantes.

Palavras-chave: dengue; dengue em gestantes; Sistemas de Informações de Agravos de Notificações.

A INFLUÊNCIA DA ASSISTÊNCIA DE ENFERMAGEM NO CUIDADO DE MULHERES COM CÂNCER DE MAMA

Andressa Vitória Martins Viana¹; Maria Eduarda Silva Lima¹; Thais Conceição Vieira de Andrade¹; Poliana Pereira Costa Rabelo²

Graduando em enfermagem pela Universidade Federal do Maranhão- UFMA¹, Especialista em Centro Cirúrgico e CME – Enfermeira pela Universidade Federal do Maranhão- UFMA²

andressavmv14@gmail.com

Introdução: O câncer de mama (CA) é uma condição caracterizada pela formação de células malignas no tecido mamário. Sendo um nódulo indolor um dos primeiros sinais. O International Agency for Reasearch on Cancer (IARC) estimou que até 2040 essa patologia estará com incidência mundial crescente de 3.059.829 casos. Desse modo, a consulta de enfermagem, por meio da avaliação, exame físico e educação em saúde, associados com as intervenções e cuidados são essenciais no tratamento para uma melhora clínica dessas mulheres. **Objetivo:** Destacar os principais cuidados de enfermagem para mulheres com câncer de mama ressaltando a influência dessa assistência no melhoramento do quadro clínico dessas pacientes. **Metodologia:** Trata-se de uma revisão bibliográfica da literatura, no qual a coleta de dados ocorreu no período de abril de 2024. A base de dados utilizada foi na Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciências da Saúde (Lilacs), onde foram encontrados 12 artigos, com auxílio dos descritores “neoplasias da mama” “serviços de saúde da mulher” “cuidados de enfermagem”. Três artigos foram analisados, sendo os critérios de inclusão adotados os artigos em português publicados entre 2020 a 2023, que abrangeram os descritores determinados. Como critério de exclusão a eliminação dos trabalhos que não se enquadravam no objetivo do estudo. **Resultados e Discussão:** Foram analisados os artigos, explorando a relação entre enfermagem e cuidados oferecidos a mulheres com câncer de mama. Segundo relatos das pacientes, a qualidade da assistência de enfermagem enfatizou-se pela empatia, orientações, incentivo ao autocuidado e cuidados essenciais. A enfermagem, através de suas práticas, exerce influência positiva na qualidade de vida das mulheres durante todas as fases do tratamento. As discussões ressaltam a importância desse papel e a necessidade de pesquisas e políticas de saúde que reconheçam sua contribuição. Essas medidas são cruciais para uma compreensão mais profunda dos aspectos específicos do cuidado de enfermagem que promovem melhorias significativas na vida das pacientes. **Conclusão:** Assim, pode se observar a influência da assistência de enfermagem no cuidado de mulheres com câncer de mama, pois foca nas demandas necessárias do indivíduo de forma holística, considerando seus aspectos psicobiológicos, psicossociais e psicoespirituais. Dessa maneira, contribui para a melhora do quadro clínico dessas pacientes.

Palavras-chave: neoplasias da mama; serviços de saúde da mulher; cuidados de enfermagem.

A INFLUÊNCIA DA ENDOMETRIOSE NA FERTILIDADE E NAS DECISÕES REPRODUTIVAS

Maria Fernanda da Silva Cavalcante¹; Ana Carolina Pedrosa Barros¹; Ana Caroline Silva Lemos¹; Liana Borges Santos¹; Paula Emanoeli Da Silva Gomes¹; Pedro Igor Silva Portela¹; Tiago Ferreira Guimarães¹; Carlos Eduardo da Silva-Barbosa²

Graduando em enfermagem pela Universidade Federal do Piauí¹, Mestrando em Psicologia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro²

fernandacavalcante182@outlook.com

Introdução: A endometriose é uma doença ginecológica que afeta 10% a 15% das mulheres em idade reprodutiva e até metade das mulheres com dor pélvica crônica ou infertilidade. No Brasil, estima-se que 8 milhões de mulheres sejam afetadas, e globalmente, mais de 190 milhões. Esta condição é uma das principais causas de hospitalização ginecológica em países industrializados. Apesar das pesquisas extensivas, a causa exata da endometriose ainda não é totalmente entendida. A doença impacta a qualidade de vida das mulheres e representa um custo econômico significativo devido aos tratamentos necessários. **Objetivo:** Entender como a endometriose afeta a fertilidade e as decisões reprodutivas das mulheres, incluindo os desafios para engravidar e as opções de tratamento disponíveis. **Metodologia:** Estudo realizado na biblioteca virtual da SciELO e base de dados da MEDLINE via PUBMED, com o uso dos descritores: "endometriose" AND "fertilidade feminina". Foram incluídos os artigos disponíveis na íntegra, que abordassem a temática, no recorte temporal entre 2019 e 2023, em português, inglês e espanhol. Foram excluídos estudos duplicados, incompletos e materiais que não abordassem a temática, resultando em oito artigos. **Resultados e Discussão:** A endometriose impacta diretamente a fertilidade feminina, dificultando a concepção devido à inflamação crônica e ao tecido cicatricial que obstruem as trompas de Falópio e afetam os ovários. Além disso, até 50% das mulheres com infertilidade têm endometriose. Os tratamentos clínicos, que devem ser personalizados, visam aliviar a dor e prevenir a progressão da doença. No entanto, exigem abordagens prolongadas devido à sua natureza crônica. Por outro lado, o tratamento cirúrgico pode melhorar a fertilidade ao restaurar a anatomia pélvica, mas as taxas de recorrência variam e podem necessitar de múltiplas intervenções. Ademais, as decisões reprodutivas são influenciadas pelo manejo da dor e preservação da fertilidade, com algumas mulheres tentando engravidar mais cedo e outras recorrendo à fertilização assistida. Outrossim, o impacto psicológico, como ansiedade e depressão, também afeta essas decisões, destacando a importância do apoio psicológico. **Considerações Finais:** A endometriose impacta significativamente a fertilidade e as decisões reprodutivas das mulheres, pois a doença dificulta a concepção e pode exigir tratamentos clínicos e cirúrgicos extensivos. Além disso, as mulheres precisam equilibrar o manejo da dor com a preservação da fertilidade, o que influencia suas escolhas reprodutivas. Portanto, as estratégias de tratamento devem ser individualizadas e incluir suporte psicológico. Contudo, pesquisas contínuas são essenciais para entender melhor a etiologia da endometriose e desenvolver tratamentos mais eficazes e menos invasivos.

Palavras-chave: endometriose; fertilidade feminina; reprodução.

A INFLUÊNCIA DA FISIOTERAPIA PÉLVICA NO PÓS OPERATÓRIO DE REDESIGNAÇÃO SEXUAL

Fernando Soares da Silva Neto¹

Docente da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), Mestre em Saúde Coletiva (UEPB),
Doutorando em Modelos de Decisão e Saúde (UEPB)¹

e-mail para correspondência: fernando.fernandosoares@outlook.com.br

Introdução: Com o decorrer da existência os cisgêneros ou transgêneros vem construindo seus corpos para viver as afinidades sociais em seus entrecruzamentos. Vale lembrar que infelizmente ainda a transexualidade é considerada uma doença pela CID-10 (F64-0), e seu diagnóstico é realizado pelo psiquiatra. Dentre os seus tratamentos destaca-se a redesignação sexual, realizada de várias formas, todavia a mais utilizada atualmente e que vem mostrando melhor aquiescência é a vaginoplastia com retalho peniano-escrotal. Frente a isto, a fisioterapia tem um papel importante no pós-operatório desses pacientes, a fim de tratar suas complicações e diminuir os impactos na qualidade de vida, sendo atualmente denominada terapia de primeira escolha. **Objetivo:** Descrever a influência da fisioterapia aplicada à saúde pélvica e íntima no pós operatório de redesignação sexual. **Metodologia.** O estudo caracterizou-se por ser uma revisão integrativa da literatura, com abordagem qualitativa, através das bases de dados Pubmed, Portal de Periódicos Capes e Google Acadêmico no período de agosto a setembro de 2020. Foram incluídos estudos publicados no período de 2010 a 2020 e sem restrição linguística. Foram excluídos, estudos incompletos, não originais, duplicados, manuais técnicos, comentários editoriais e teses ou dissertações. **Resultados e Discussão.** Após levantamento dos dados, foram incluídos quatro (n=04) estudos nesta revisão. Observa-se que as estenoses vaginal e uretral juntamente com problemas sexuais, são comitentes encontrados no pós operatório dessa população. A cirurgia do tipo vaginoplastia é a mais encontrada na literatura e com predominância de pacientes após os 30 anos de idade, vale ressaltar que além dos distúrbios locais existem outros associados como: problemas gastrointestinais e psicológicos. A fisioterapia é de extrema importância, pois visa normalizar a funcionalidade da região pélvica e diminuir os impactos, através de técnicas e protocolos direcionados. Todavia o despreparo profissional e a falta de empatia acerca da intervenção da fisioterapia no pós-operatório da cirurgia de redesignação sexual é um grande problema na abordagem e eficiência no tratamento. **Conclusão:** Concluímos que a fisioterapia tem um impacto significativo na melhora clínica e regulação das possíveis complicações tardias do pós-operatório da redesignação sexual, através dos recursos disponíveis em seu escopo, entretanto ainda existe muitas lacunas referente a esta temática em toda literatura, sendo necessário mais estudos clínicos de intervenção para analisar de forma mais efetiva e direta a influência que a fisioterapia pélvica tem na melhorar dos quadros clínicos após o procedimento.

Palavras-chave: Redesignação Sexual; Transexualidade e Saúde; Disfunções Sexuais Fisiológicas; Modalidades de Fisioterapia.



**A INFLUÊNCIA DA PRECARIIDADE DA SAÚDE PÚBLICA NA INCIDÊNCIA DO
CÂNCER DO COLO DO ÚTERO**

Ana Laura Inácio Oliveira¹; Bianca Pereira Remedi¹; Gabriela Martins¹; Laís Gonçalves Martins¹;
Livia Nantes de Souza¹; Maria Eduarda de Matos Bernardes¹; Mariana Andrade Oliveira²

Discentes do curso de Medicina da Universidade de Ribeirão Preto (UNAERP-RP), SP, Brasil¹
Docente do curso de Medicina da Universidade de Ribeirão Preto (UNAERP-RP), SP, Brasil. Mestre
em Patologia ²

✦ ✦
analaaurainacio@gmail.com

Introdução; O câncer do colo do útero é o segundo tipo de câncer mais frequente em mulheres, que vivem em áreas menos desenvolvidas e é o terceiro tipo mais frequente no Brasil. Na sociedade brasileira é possível observar o declínio dos casos em regiões como Sul, Sudeste e Centro-Oeste, bem como o crescimento da incidência da doença nas regiões Norte e Nordeste, locais menos favorecidos socioeconomicamente. A Patologia ocorre pela infecção persistente de tipos específicos do vírus, HPV, sigla em inglês para Papilomavírus Humano, o qual infecta pele ou mucosas, ocasionando verrugas anogenitais (região genital e no ânus) e câncer. Desse modo, a utilização de rastreamento citológico tem sido utilizada como forma de reduzir os casos da doença, um método eficaz mas que perante barreiras como falta de estrutura e equipe especializadas, baixa qualidade do rastreamento e baixo nível do conhecimento feminino sobre a doença tem sua eficácia reduzida. **Objetivo;** Assim, essa revisão objetiva destacar a importância da melhoria no sistema público de saúde, contribuindo para reduzir o número de mulheres mortas no país por câncer do colo do útero, pela precariedade do sistema de saúde. **Metodologia;** Para isso, foram selecionados 6 artigos das plataformas Google Acadêmico, Scientific Electronic Library Online (SciELO) e da Organização Pan-Americana de saúde, publicados a partir de 2017, por meio dos seguintes descritores : câncer do colo de útero, HPV, precariedade do sistema público de saúde. **Resultados e Discussões;** Com base nas informações obtidas, é possível observar que características presentes nas sociedades de áreas menos desenvolvidas tanto do Brasil, como do mundo, representam riscos para a saúde da população feminina e perpetuam a presença da baixa autonomia da mulher sobre a própria saúde. Esse cenário contribui para um número maior de mulheres que sem entender a gravidade e o risco da doença, negligenciam exames, realizam atividade sexual desprotegida com diferentes parceiros ou somente não entendem os seus direitos perante o acesso aos exames, ao atendimento e ao dever estadual de assegurar a qualidade dos mesmos. **Conclusão;** Um controle eficiente do câncer de colo de útero deve incluir uma prevenção primária, secundária, terciária e cuidados paliativos de qualidade. Além disso, afim de evitar que a doença continue ocorrendo na população, os indivíduos devem ter acesso a conhecimentos e o sistema público de saúde deve ser acessível e resolutivo para garantir um diagnóstico e tratamento efetivos ou quando os processos anteriores não forem possíveis, permitir à paciente dignidade no fim da vida.

Palavras-chaves: câncer do colo do útero; mulheres; saúde pública

A INFLUÊNCIA DA QUALIDADE DO CUIDADO OBSTÉTRICO NA SAÚDE MENTAL PÓS-PARTO

Ycaro Deyangells Moreira Carvalho¹, Luana Barros Moreira¹, Anna Alycia Bezerra Cruz¹, Pedro Henrique de Moraes Sanches¹, Maria Eduarda Pereira Juscelino¹, Rodrigo Tobias Aiello¹, Mariana Andrade Oliveira²

Graduandos do Curso de Medicina pela Universidade de Ribeirão Preto-UNAERP¹, Médica pela Universidade de Ribeirão Preto- Unaerp, com mestrado em patologia pela Universidade Federal Triângulo Mineiro-UFTM²

ycaro.carvalho@sou.unaerp.edu.br

Introdução: O ciclo gravídico-puerperal é uma fase crucial na vida da mulher, marcada por modificações físicas, hormonais e psíquicas que podem interferir diretamente na sua saúde mental. A saúde mental da gestante tem sido historicamente negligenciada, com a atenção concentrada especialmente nos transtornos psicóticos pós-parto. Dessa forma, pesquisas recentes começaram a destacar a importância de abordar a depressão pré-natal. Apesar dos avanços do SUS, problemas de acesso e qualidade na assistência ao parto, como a violência obstétrica, persistem. Logo, estudos epidemiológicos indicam que essas práticas prejudiciais podem contribuir para o agravamento da depressão pós-parto, afetando negativamente o vínculo mãe-filho. Este estudo investigou a associação entre violência institucional em obstetrícia e depressão pós-parto, considerando o efeito da raça, idade e escolaridade. **Objetivo:** Analisar a associação entre a violência institucional em obstetrícia e a depressão pós-parto, bem como o impacto na saúde mental da gestante. **Metodologia:** A abordagem metodológica empregada nesta revisão bibliográfica fundamenta-se em livros e artigos científicos, obtidos por meio de pesquisa manual nas plataformas digitais PubMed e Scielo. Foram utilizados termos de busca como "gestação", "depressão pós-parto" e "violência obstétrica" para identificar as fontes relevantes. Dos artigos encontrados, 4 foram selecionados para este estudo, que foram publicados entre 2017 e 2024, utilizando como critério de seleção a relevância científica das suas informações para a temática abordada. **Resultados e discussão:** Os estudos realizados revelaram a alta prevalência de sintomas depressivos durante a gestação e pós-parto, especialmente em adolescentes pardas e pretas, com associação significativa entre violência obstétrica e depressão pós-parto. Fatores protetores incluem escolaridade elevada e gravidez planejada, enquanto a violência psicológica é um risco significativo. A pesquisa enfatiza a importância da identificação dos casos depressivo e mudanças nas atitudes dos profissionais de saúde para melhorar os desfechos maternos e infantis, melhorando assim a qualidade na saúde mental das pacientes. **Conclusão:** Portanto, a violência institucional na assistência está positivamente associada à depressão pós-parto, destacando a necessidade de adaptar os protocolos de pós-parto, destacando a necessidade de adaptar os protocolos de saúde às políticas de humanização do parto no Brasil. Além disso, os fatores depressivos durante a gestação e no pós-parto se intensificam com a problemática de escolaridade, gestação não planejada e a experiência de violência psicológica. Essas conexões ressaltam a importância de revisar e humanizar o modelo de atenção obstétrica para melhorar a saúde mental materna.

Palavras-chave: violência obstétrica; depressão pós-parto; obstetrícia; saúde da mulher.

A NÃO ADESÃO AO TRATAMENTO: UMA PROBLEMÁTICA A SER INVESTIGADA

Carolina Alves Vargas^a, Mariana Andrade Oliveira^b

^a Graduando em Medicina pela Universidade de Ribeirão Preto (UNAERP)

^b Docente da Universidade de Ribeirão Preto (UNAERP)

carolina.vargas@sou.unaerp.edu.br

Introdução: O tratamento é algo essencial para combater ou prevenir à progressão de múltiplas doenças. A despeito disso, segundo a Organização Mundial da Saúde (OMS), as taxas de não adesão a ele, em países subdesenvolvidos, é superior a 50%. Esses dados expõem a necessidade imediata de atenção ao assunto, principalmente no que se refere aos fatores associadas a esses altos níveis. **Objetivos:** Investigar as principais causas atreladas a baixa aderência ao tratamento. **Metodologia:** O presente estudo trata-se de uma revisão bibliográfica, a qual teve como metodologia um referencial teórico baseado em dados da Scielo, utilizando os descritores “adesão à medicação e tratamento”. Dentre os artigos encontrados, 4 foram usados, sendo o parâmetro de seleção os trabalhos nos idiomas português e inglês, publicados entre 2014 e 2023, e que se mostraram relevantes à temática escolhida. **Resultados e discussão:** Os resultados encontrados evidenciam que a descontinuidade do acesso aos medicamentos, a desinformação e um relacionamento médico-paciente vazio constituem os principais fatores associados à não adesão ao tratamento. Os remédios necessários para tratamentos, por encontrarem-se, não raramente, indisponíveis pelo SUS, tem sua acessibilidade dificultada, criando um empecilho para os pacientes financeiramente incapazes de pagar pela medicação. Somado a isso, há uma grande desinstrução por parte dos usuários, os quais, por muitas vezes, desconhecem a natureza de sua doença- suas ações sobre o organismo, gravidade e possíveis acometimentos-, a possibilidade dela, em alguns casos, com o uso do medicamento certo, se tornar assintomática; fato esse que faz com que muitos acreditem erroneamente que estão curados e que, portanto, a doença dispensa uma continuidade ao tratamento; além disso, frequentemente, não possuem o conhecimento acerca dos possíveis efeitos colaterais associados as medicações que são prescritas a eles. Por fim, o relacionamento-médico paciente vazio decorre de diversos fatores como o acolhimento ineficiente, empecilhos demasiados para marcar consultas, ausência de vínculo e falta de demonstração de interesse no bem-estar do paciente por parte de médico. **Conclusão:** Em síntese, essa problemática deriva da ineficácia de diferentes aspectos do cuidado. Portanto, visando um sistema de saúde cada vez mais resolutivo, um tratamento eficiente dos enfermos e uma maior qualidade de vida desses, as causas da não adesão terapêutica devem ser combatidas.

Palavras-Chave: adesão à medicação; terapêutica; qualidade de vida

A PERCEPÇÃO DA MULHER FRENTE À PERDA GESTACIONAL NO TERCEIRO TRIMESTRE

Geâne Ferreira dos Santos

Graduanda em Psicologia pela UNINASSAU BARREIRAS

geaneferreira0312@gmail.com

Orientadora: Giovana Fernandes Leite

Introdução A psicologia perinatal pode ser compreendida como a área da psicologia que se dedica ao estudo do bem-estar emocional durante a gravidez e o pós-parto, considerando os aspectos psicológicos e emocionais das gestantes. É fundamental para a saúde mental da gestante que ela receba apoio psicológico adequado e compreensão diante do contexto gestacional, principalmente no tocante as gestações de risco e aquelas nas quais houve a perda gestacional no terceiro trimestre. O presente projeto de pesquisa visa compreender a percepção da mulher frente à perda gestacional no terceiro trimestre. **Objetivo** O objetivo principal consiste em investigar as experiências, sentimentos e percepções das mulheres que vivenciaram essa situação, a fim de compreender o impacto emocional e psicológico da perda gestacional nesse período específico e identificar quais suportes receberam durante o pré-natal e identificar as possibilidades de redes de apoio, serviços psicossociais e de saúde que auxiliaram essas mulheres no processo dessa perda. **Metodologia** A proposta metodológica de investigação que será adotada consiste na realização de entrevistas semiestruturadas por conveniência com mulheres que tenham vivenciado a perda gestacional no terceiro trimestre em uma comunidade específica. As participantes da pesquisa serão mulheres que concordarem em participar da pesquisa após aprovação do comitê de ética em pesquisa. Os dados serão coletados e a candidata será orientada sobre o nível de exposição que a pesquisa oferece e após orientação assinará um termo de aceite onde estará incluso todos os esclarecimentos e nuances da mesma. **Resultados e discussões** Espera-se, através desta pesquisa, contribuir para uma maior compreensão da percepção da mulher frente à perda gestacional no terceiro trimestre, identificando possíveis necessidades de apoio emocional e psicológico, bem como promover a sensibilização sobre as questões relacionadas à perda gestacional. **Considerações finais** Considerando o processo de perda como único e individual, é essencial a compreensão da dor e do sofrimento sob uma perspectiva singular que exige a expressão de sentimentos dolorosos. Mulheres nestas condições ficam fragilizadas física e emocionalmente e, por isso, precisam do acolhimento, da atenção e do suporte de toda uma rede de apoio. O reconhecimento do luto materno por parte dos familiares e da equipe de saúde é um dos primeiros passos para fornecer o apoio necessário e contribuir para elaboração do luto através do oferecimento de um espaço para a expressão das angústias, receios, frustrações, tristezas, dentre outros sentimentos, da mulher enlutada.

Palavras-chave: gestação; perda gestacional; psicologia

A PERSPECTIVA DA CIRURGIA ROBÓTICA GINECOLÓGICA NO ÂMBITO DO SISTEMA ÚNICO DE SAÚDE: UMA REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

José Guilherme Oliveira Matias; Rafaela Laiane Rodrigues Marques¹; Samhuel Freitasda Silva¹; Amanda Souza Oliveira²

Faculdade de Ciências Médicas do Pará¹, Faculdade de Imperatriz²

E-mail para correspondência: guilhermeomatias09@gmail.com

INTRODUÇÃO: A cirúrgica robótica mantém-se como um dos maiores avanços tecnológicos no âmbito cirúrgico da atualidade, criada com o objetivo de realizar movimentos repetitivos com alta performance e precisão e, sem necessariamente necessitar da presença humana para o procedimento. Tal prática, apesar de controversa, traz inúmeros benefícios tanto para os usuários, quanto para os operadores destas máquinas. Apesar desta técnica vir se tornando cada vez mais difundida, o Sistema Único de Saúde (SUS), ainda, permanece isento da vasta utilização por fatores como falta de infraestrutura, assim como pouca técnica laboral. **OBJETIVOS:** Entender de forma sistemática os fatores que vão de encontro à instauração da cirurgia robótica ginecológica no SUS e compreender os impactos positivos que o estabelecimento desta técnica pode trazer a população. **METODOLOGIA:** Foram encontrados 23 artigos dos bancos de dados PubMed, Lylacs e Scielo, a partir dos descritores “Telecirurgia Robótica Ginecológica”, “Cirurgia Robótica Ginecológica”, “Cirurgia Robótica em Saúde da Mulher” no período de janeiro de 2019 a janeiro de 2024, destes 6 foram selecionados para análise, por apresentarem maior concordância com a temática abordada. **RESULTADOS E DISCUSSÃO:** As abordagens menos invasivas reduzem as complicações pós-operatórias na cirurgia robótica, o que acarreta benefícios em diversos procedimentos ginecológicos, demonstrando menor índice de hemorragias, reduzido tempo de internação hospitalar e diminuição dos casos de infecções em operações como a histerectomia, miomectomia, sacrocolpexia e em procedimentos realizados para redução de lesões malignas. Entretanto, tal tecnologia, apresenta alto custo, tanto de aquisição quanto de cuidados técnicos à longo prazo, fatores estes que limitam sua disponibilidade no sistema público de saúde, bem como a formação de profissionais qualificados laboralmente para lidar com esta tecnologia, visto que sem o material necessário disponível para treinamento, atualmente a formação de médicos aptos para o manuseio destes maquinários necessitam que maior investimento financeiro por parte dos profissionais. **CONSIDERAÇÕES FINAIS:** Os avanços na medicina têm ocorrido categoricamente de forma a alcançar a otimização e solução de questões no âmbito da saúde, o estabelecimento da tecnologia supracitada apresenta benefícios inegáveis, mesmo apresentando, ainda, poucos estudos randomizados envolvendo tais procedimentos. Entretanto é fundamental a instauração de formas de produção e manutenção visando a redução de custos destes maquinários, para que a cirurgia robótica seja ainda mais difundida, levando, assim, saúde de maior qualidade para a população que necessita da rede pública para a manutenção da vida.

Palavras-chave: Cirurgia Robótica; Cirurgia Ginecológica; Saúde da Mulher.



A PRÁTICA DE EDUCAÇÃO EM SAÚDE SOBRE CÂNCER DE MAMA: DIÁLOGO ENTRE ENFERMAGEM E PSICOLOGIA

Matheus Elias dos Santos¹; Fábio Costa de Lima²

Psicólogo Residente em Saúde da Mulher no Hospital das Clínicas da Universidade Federal de Pernambuco – HC/UFPE, Recife, Pernambuco, Brasil ¹, Enfermeiro e Preceptor de estágio pelo Centro Universitário Unifacisa na Atenção Primária à Saúde, Campina Grande, Paraíba, Brasil²

matheuselias549@gmail.com

Introdução: O câncer resulta da multiplicação de células anormais e, dentre as classificações existentes, a partir da localização primária da neoplasia, pode-se ocorrer o câncer de mama. No Brasil, é o tipo de câncer com maior taxa de incidência nas mulheres e possui alto potencial de agravamento e mortalidade. O tratamento utilizado para o câncer de mama dependerá da extensão da doença, estágio e suas características, sendo possível a quimioterapia, a radioterapia e a cirurgia de mastectomia. Considerando a importância da prevenção dos casos, é fundamental a realização de ações educativas para a formação de conhecimento em saúde, mudanças de hábitos e aquisição de autonomia do sujeito para executar o cuidado à própria saúde. Nessa perspectiva, vale ressaltar a campanha mundial denominada “Outubro Rosa”, criada no início da década de 1990, que busca promover a sensibilização e prevenção dos casos de câncer de mama. **Objetivo:** Relatar a experiência de uma ação educativa realizada pelos profissionais da enfermagem e psicologia em uma Unidade Básica de Saúde (UBS) de um município do Estado da Paraíba. **Metodologia:** Trata-se de um estudo descritivo, do tipo relato de experiência. A ação foi realizada no dia 13 de outubro de 2023. O convite foi feito por meio das redes sociais da UBS e presencialmente enquanto as usuárias estavam aguardando atendimento, no período que antecedeu o evento. Participaram do evento um total de 18 mulheres. A programação foi composta por uma palestra realizada pelo profissional de psicologia intitulada “Repercussões psicológicas presentes no diagnóstico e tratamento do câncer de mama”, em seguida, o enfermeiro realizou um momento de explicação e demonstração sobre os sinais e sintomas que podem caracterizá-lo, fatores de risco e protetivos para o desenvolvimento do câncer de mama, além de informações sobre o exame de mamografia. **Resultados e Discussão:** Durante as discussões e reflexões provocadas, foi possível perceber que havia conhecimento por parte das participantes acerca da importância do autocuidado e exames periódicos como método para a prevenção do câncer de mama, mas, que o medo e fantasias ainda influenciam a não procura ao procedimento. **Considerações Finais:** Evidenciou-se a importância da educação em saúde, na perspectiva da intervenção multiprofissional, pois esse diálogo possibilita o trabalho das demandas em nível físico e psicológico que recebem influência mútua.

Palavras-chave: Educação; Saúde; Câncer de Mama.



ABORDAGEM DA CANDIDÍASE NA ATENÇÃO PRIMÁRIA

Nicole Strassburger¹; Sophia Scholz Boelter¹; Camile Moraes Haeffner¹; Gabriela Paula Mohr¹; Isabelli Corrêa Girelli¹; Laísa Adams Simon¹; Victoria Staudt Zamboni¹; Dennis Baroni da Cruz²;

Graduando em Medicina pela Universidade de Santa Cruz do Sul¹, Docente em Medicina pela Universidade de Santa Cruz do Sul²

nicolestrass00@gmail.com

Introdução: A saúde da mulher contempla o bem-estar físico, mental e emocional. Ademais, questões ginecológicas são extremamente importantes para garantir uma saúde integrada às mulheres. Nesse sentido, é notório ressaltar a relevância das vulvovaginites e a forma com que se apresentam na sociedade. No âmbito da Atenção Primária em Saúde (APS), entre as infecções vulvovaginais, a Candidíase é uma das doenças mais incidentes entre mulheres que buscam atendimento, sendo fundamental aprofundar seu diagnóstico, tratamento e manejo. **Objetivo:** Analisar as abordagens da Candidíase na Atenção Primária e suas eficácias no tratamento. **Métodos:** O estudo trata-se de uma revisão sistemática de caráter qualitativo. As bases de dados utilizadas foram PubMed e BVS, atingindo 374 resultados. Utilizou-se como descritores: “*Candidiasis*”, “*Primary Health Care*” e “*Therapeutics*”, presentes nos Descritores em Ciências da Saúde. Foram selecionados os trabalhos em língua portuguesa e inglesa, publicados entre 2014 e 2024. Foram excluídos os artigos duplicados e os que não se encaixavam na temática, resultando em nove artigos analisados. **Resultados e Discussão:** A candidíase vulvovaginal é uma infecção causada por fungos do gênero *Candida*. A abordagem desta na APS inclui: identificação, diagnóstico e tratamento. A Candidíase configura-se como a vulvovaginite mais comum atualmente, afetando 75% das mulheres pelo menos uma vez na vida. Nesse sentido, o diagnóstico dessa na APS é baseado na observação das características clínicas desta infecção e, conseqüentemente, para a confirmação, amostras de secreção vaginal devem ser coletadas e enviadas para laboratórios especializados. O tratamento ocorre com a prescrição de medicamentos, associados a medidas não farmacológicas. A escolha do medicamento e seu modo de uso depende se a infecção é primária ou recorrente, visto que a candidíase recorrente é a infecção que apresenta em um ano, quatro ou mais episódios sintomáticos. Ademais, existem diversos fatores que influenciam o pH vaginal e facilitam o desenvolvimento do fungo *Candida* na vagina, como o uso recente de antibióticos, gravidez, imunossupressão causada por condições como infecção por Papiloma Vírus Humano descontrolada ou Diabetes. A identificação e manejo adequado da Candidíase na APS possibilita um melhor controle da infecção e evitar complicações. **Conclusão:** A Candidíase representa uma porcentagem importante das vulvovaginites. Tal infecção afeta diretamente a saúde da mulher, representando grande impacto na saúde da população. O estudo da abordagem na APS é o grande elemento benfeitor, não devendo ser desprezado, pois o atendimento básico é a porta de entrada para atendimentos do Sistema Único de Saúde no Brasil.

Palavras-chave: Candidíase; Atenção Primária em Saúde; Saúde da Mulher.



2º CONSAMU
14, 15 e 16 de Junho

REALIZAÇÃO:



APOIO:



ABORDAGEM DA FISIOTERAPIA PÉLVICA EM PACIENTES COM O DIAGNÓSTICO DE DISPAREUNIA

Talita Maria Araújo de Abreu¹; Ashley Caymmi de Albuquerque Laurindo²; Lúcia Valéria Chaves³.

Graduanda em Fisioterapia pelo Centro Universitário Inta - UNINTA¹, Graduanda em Fisioterapia pelo Centro Universitário Brasileiro - UNIBRA²; Graduada em Enfermagem pela Autarquia Educacional de Belo Jardim - AEB³.

talitamaria017@gmail.com

Introdução: A dispareunia, caracterizada pela dor genital recorrente ou persistente durante ou após a atividade sexual, é uma condição complexa e debilitante que afeta significativamente a qualidade de vida das mulheres e o bem-estar emocional. Essa disfunção pode ter diversas causas, incluindo fatores psicológicos, físicos, e relacionais, e pode se manifestar de forma primária ou secundária. Entre as possíveis causas físicas da dispareunia, destacam-se as disfunções do assoalho pélvico, que incluem alterações musculares, miofasciais, articulares e neurológicas. Essa disfunção do assoalho pélvico pode causar problemas de micção e defecação, prolapso de órgãos pélvicos (POP), disfunção sexual e dor pélvica. **Objetivos:** Investigar a eficácia da fisioterapia pélvica como uma abordagem terapêutica no manejo da dispareunia em pacientes. Pretendemos avaliar os efeitos da intervenção fisioterapêutica na redução da dor genital durante a atividade sexual. **Metodologia:** Trata-se de uma revisão de literatura, realizada por meio de um levantamento bibliográfico na base de dados da Medical Literature Analysis and Retrieval System Control (Medline) via PubMed e Biblioteca virtual em saúde (BVS), utilizando os descritores “dispareunia”, “fisioterapia pélvica”, “disfunção” retirados dos descritores em Ciências da Saúde (DeCS), através do operador booleano AND, após análise dos artigos, foram encontrados 50 estudos. Como critérios de inclusão foram utilizados artigos publicados nos últimos cinco anos (2019-2023). Foram excluídos artigos de duplicação em bases de dados, tema não compatível com a pesquisa, assim como artigos incompletos e que não atendem a temática proposta. Por fim, foram selecionados quatro estudos para a elaboração do trabalho. **Resultados e Discussão:** Pesquisas realizadas demonstram que, a intervenção do fisioterapeuta atua na melhora do tônus muscular, na ampliação da conscientização perineal, propriocepção, fortalecimento, vascularização e melhorando a vida sexual e a qualidade de vida da mulher. Assim foi demonstrado em outro estudo, que a aplicação da estimulação elétrica nervosa transcutânea, juntamente com a terapia manual através da liberação de pontos gatilhos e massagem thiele, ajudam a reduzir a dor e no retorno da prática sexual. **Conclusão:** Portanto, conclui-se que a fisioterapia atua na melhora de pacientes com dispareunia, através da melhora do tônus, conscientização do períneo e fortalecimento, através de técnicas como liberação de pontos gatilhos, e estimulação transcutânea, irão contribuir para o retorno da qualidade de vida da mulher.

Palavras-chave: dispareunia; fisioterapia pélvica; disfunção;



**ABORDAGEM DA MULHER COM DOENÇA TROFOBLÁSTICA GESTACIONAL:
REVISÃO DE LITERATURA**

Lara Fernanda Pereira de Souza¹; Lara Rebeca Piauilino Freitas de Sá²; Bruna Menezes Souza de Jesus³; Joana Pereira Medeiros do Nascimento⁴; Ana Beatriz Santos de Oliveira⁵; Renata Fontes do Nascimento⁶

Graduanda em enfermagem pelo Centro Universitário Celso Lisboa^{1,5}, Graduanda em enfermagem pela Universidade Federal do Piauí², Graduanda em enfermagem pela Faculdade Adventista da Bahia³, Graduanda em enfermagem pela Universidade Católica de Pernambuco⁴, Mestre em enfermagem do Centro Universitário Celso Lisboa⁶

enf.larafernanda@gmail.com

Introdução: A Doença Trofoblástica Gestacional (DTG) é uma anomalia que prolifera ao ponto de afetar as células que constituem o tecido trofoblástico placentário e que podem acometer tanto no período gestacional ou após. Durante o período gestacional pode ocorrer aborto espontâneo, eclampsia ou morte fetal. É classificada como Mola Hidatiforme benigna - MH (completa, parcial ou invasora) ou Neoplasia Trofoblástica Gestacional maligna - NTG. **Objetivo:** Identificar quais as abordagens devem ser aplicadas na mulher com DTG. **Metodologia:** Estudo de revisão literária realizada na base de dados da BVS e LILACS, através dos descritores: “Doença Trofoblastica Gestacional”, “Mola Hidatiforme” e “tratamento”, os termos foram retirados da plataforma DeCs e composto do operador booleano “AND”. Foram selecionados artigos completos com o idioma em português e inglês no período de 2019 a 2024 e excluídos artigos duplicados e fora do período compreendido. A partir disto foram encontrados 9 artigos e selecionados 4 para sintetizar este estudo. **Resultados e Discussão:** Há uma escassez de conhecimento dos profissionais de saúde relacionado a essa doença e o respectivo profissionalismo dos mesmos. No Brasil, a taxa de mortalidade da NTG é de 4,08%, porém quando tratada possui alta taxa de cura, mas ainda há um risco de morte. É necessário que essa paciente seja encaminhada para um centro de referência especializado para iniciar o seu tratamento e reduzir esse risco. O diagnóstico precoce é essencial para a cura, porém a qualidade do tratamento deve começar desde o início da doença. A MH ocorre em 1 caso por 1.000 gestações; após o esvaziamento uterino as pacientes com MH precisam ser acompanhadas devido ao risco para desenvolver NTG. Mulheres que tiveram histórias antecedentes desta doença têm de 1% a 2% de chance de desenvolver essa doença novamente, comparado com a ocorrência de 0,1% da população global, a taxa após duas gestações molares equivalem entre 16% a 28%. **Conclusão:** A equipe multidisciplinar deve estar preparada e especializada para suspeitar da DTG no decorrer da gestação desde as suas mudanças fisiológicas, seus exames alterados, sinais ou sintomas de pré-eclâmpsia e se os resultados ultrassonográficos indicam essa doença. Se o resultado der positivo deve-se encaminhar essa paciente para realizar um diagnóstico fidedigno com avaliação patológica e prosseguindo com a remoção deste tumor; caso não consiga um resultado esperado deve-se encaminhar essa paciente para realizar o início do seu tratamento com quimioterapia.

Palavras-chave: Doença Trofoblástica Gestacional; Mola Hidatiforme; Neoplasia Trofoblástica Gestacional.



ABORDAGEM FISIOTERAPÊUTICA NO TRATAMENTO DA INCONTINÊNCIA URINÁRIA: VIVÊNCIA ACADÊMICA EM UM PROJETO EXTENSIONISTA

Rhaylla Alves Zaqueu Ferreira¹; Juliana Falcão Padilha²

Graduanda em Fisioterapia pela Universidade Federal do Amapá (UNIFAP)¹; Doutora em Fisioterapia pela Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), Professora Adjunta do curso de Fisioterapia da Universidade Federal do Amapá (UNIFAP)²

Rhayllaalves20@gmail.com

Introdução: Projetos de extensão são iniciativas universitárias que visam aplicar conhecimentos teóricos e práticos com o objetivo de beneficiar a comunidade em geral, indo além do contexto puramente acadêmico. As extensões são importantes para o desenvolvimento do acadêmico por possibilitarem o contato com pacientes antes do estágio obrigatório, o que contribui para a formação profissional. Diante disso, o projeto de extensão “Abordagem fisioterapêutica no tratamento da incontinência urinária (IU) em mulheres” visa o tratamento fisioterapêutico de mulheres com IU. **Objetivo:** Descrever um relato de experiência de uma acadêmica de Fisioterapia sobre a vivência em um projeto de extensão. **Metodologia:** Relato de experiência discente extensionista no período entre janeiro e maio de 2023. Os atendimentos ocorreram no Laboratório de Fisioterapia Uroginecológica da Universidade Federal do Amapá. Realizavam-se 12 sessões, de 1 hora, 2 vezes por semana. Na avaliação, realizava-se anamnese, aplicação do International Consultation on Incontinence Questionnaire-Short Form (ICIQ-SF) e a avaliação da função dos Músculos do assoalho Pélvico (MAP). O tratamento fisioterapêutico baseava-se no diagnóstico cinético-funcional e tipo de IU apresentado, tendo como recursos: Treinamento dos MAP, Biofeedback, eletroestimulação e educação em saúde. A análise estatística pré e pós-tratamento do escore total do ICIQ-SF foi realizado pelo teste de Wilcoxon pareado com 5% de probabilidade. **Resultados e Discussão:** Foram atendidas 10 mulheres, sendo que 9 apresentaram IU mista e 1 IU de esforço. A média de idade foi de $55,44 \pm 14,23$ anos, média do número de gestações de $3,11 \pm 2,57$ e média do número de partos $2,67 \pm 2,50$. Sobre o impacto da IU avaliado pelo ICIQ-SF, as participantes obtiveram melhora significativa, com valores médios pré-tratamento de $15,88 \pm 2,67$ e pós de $10,75 \pm 5,43$ ($p < 0,0418$). A participação no projeto foi enriquecedora e transformadora, com ganho de experiência em aplicações de técnicas para o manejo da IU, desenvolvendo habilidades e competências que contribuíram para o crescimento acadêmico. Ter o contato direto com pacientes, antes do estágio curricular, permitiu adquirir senso de responsabilidade no cuidado às pacientes, bem como no acompanhamento da evolução do quadro clínico, sendo uma vivência única e necessária para a preparação ao estágio e campo de trabalho. Observar os resultados de melhora significativa das pacientes possibilitou uma percepção mais palpável dos benefícios da Fisioterapia em Saúde da Mulher, afetando positivamente a vida das pacientes. **Conclusão:** A vivência neste projeto teve repercussão significativa na trajetória acadêmica com ganho de experiência e oportunidade de aprendizado. Além disso, o tratamento possibilitou promover resultados positivos nos sintomas das pacientes.

Palavras-chave: extensão comunitária. desempenho acadêmico. incontinência urinária. fisioterapia. saúde da mulher.



ABORDAGEM MULTIPROFISSIONAL NA SAÚDE GINECOLÓGICA E OBSTÉTRICA: INTEGRANDO CUIDADOS PARA O BEM-ESTAR FEMININO

Danillo Paulo da Silva Vitalino^{1, 2, 3, 4, 5, 6}; Kauã Paulino dos Santos⁵; Ludmyla da Silva Freitas⁵; Livia Castro de Sá Lima⁵; Jéssica Fernandes Carvalho⁵; Laís Netto Borges⁵; Lara Pereira Tavares Cunha⁵

Cirurgião-dentista graduado pelo Centro Universitário de Goiatuba - Unicerrado¹, Pedagogo graduado pela Faculdade de Piracanjuba - FAP², Especialista em Docência do Ensino Superior e Metodologias Ativas de Aprendizado pela Faculdade Descomplica³, Especialista em Tecnologias Aplicadas à Educação pela Faculdade Descomplica⁴, Discente do curso de Medicina da Universidade Federal de Catalão - UFCat⁵, Pós-graduando em Docência em Ciências da Saúde pela Faculdade Iguaçú⁶.

danillo_vitalino@discente.ufcat.edu.br

Introdução: A saúde ginecológica e obstétrica é fundamental para o bem-estar das mulheres em todas as fases da vida. A participação de uma equipe multiprofissional é essencial para prevenir, diagnosticar e tratar eficazmente essas condições. **Objetivo:** O objetivo deste estudo é investigar como a equipe multiprofissional contribui para a prevenção e tratamento de doenças ginecológicas e obstétricas, identificando suas principais contribuições e desafios. **Metodologia:** A abordagem metodológica adotada consistiu em uma revisão sistemática da literatura, utilizando as bases de dados PubMed, Scopus e Web of Science. Inicialmente, foram identificados 50 artigos relevantes para a temática em questão. Em seguida, foram aplicados critérios rigorosos de inclusão para selecionar os estudos mais pertinentes para a análise. Para serem considerados, os estudos precisavam ser publicados no período compreendido entre os anos de 2022 e 2024, estar disponíveis em texto completo e serem redigidos em inglês ou português. Além disso, era exigida uma abordagem direta e explícita sobre o papel da equipe multiprofissional na promoção da saúde ginecológica e obstétrica. Os critérios de exclusão foram aplicados para eliminar estudos duplicados, incompletos ou que não atendiam especificamente aos objetivos do estudo. Dessa forma, 18 artigos foram utilizados para a escrita deste resumo. **Resultados e discussão:** Os resultados indicam que a atuação da equipe multiprofissional, composta por profissionais como ginecologistas, obstetras, enfermeiros, psicólogos, fisioterapeutas, cirurgiões-dentistas e assistentes sociais, desempenha um papel crucial na promoção da saúde feminina. Essa abordagem integrada permite uma avaliação holística das pacientes, considerando não só os aspectos físicos, mas também emocionais, sociais e culturais. Além disso, a colaboração entre diferentes profissionais resulta em uma melhor coordenação dos cuidados, otimizando os resultados clínicos e a satisfação das pacientes. No entanto, foram identificados alguns desafios, como a falta de integração entre os serviços de saúde, a escassez de recursos e a necessidade de educação continuada para os profissionais. Estratégias para superar esses obstáculos incluem o estabelecimento de protocolos de atendimento multidisciplinares, a implementação de programas de capacitação e a promoção de parcerias entre os setores público e privado. **Considerações Finais:** Em síntese, a equipe multiprofissional desempenha um papel vital na prevenção e tratamento de doenças ginecológicas e obstétricas, contribuindo para uma abordagem mais abrangente e eficaz da saúde feminina. Investimentos em educação, infraestrutura e colaboração interprofissional são cruciais para fortalecer esse modelo de cuidado e melhorar os resultados para a saúde das pacientes.

Palavras-chave: equipe de assistência ao paciente; saúde da mulher; assistência integral à saúde.



ABORDAGENS TERAPÊUTICAS NA INFERTILIDADE FEMININA DECORRENTE DA ENDOMETRIOSE: UMA REVISÃO DA LITERATURA

Sabrina de Albuquerque Arruda¹; Karla Milena de Oliveira Lima¹; Isadora Sabrina Ferreira dos Santos²

Graduanda em Enfermagem pela Universidade Federal de Pernambuco¹, Mestranda em Saúde Pública pelo Instituto Aggeu Magalhães/Fiocruz-PE²

sabrina.arruda@ufpe.br

Introdução: A endometriose é uma doença crônica, caracterizada pela presença de tecido endometrial fora da cavidade uterina, podendo abranger as trompas de falópio, pelve e ovários, sendo uma das principais causas da infertilidade feminina. Apresenta como principais queixas clínicas a dor, inflamação, dismenorreia, função ovariana prejudicada e dispareunia. O que impacta significativamente e gera grandes consequências na qualidade de vida das mulheres. Afeta 5 a 15% das mulheres em idade reprodutiva e sua prevalência é de 20 a 50% em mulheres inférteis, configurando-se como um grave problema de saúde pública. As causas deste agravo ainda não são determinadas, no entanto acredita-se que fatores genéticos, ambientais, imunológicos e endócrinos possam influenciar para sua ocorrência.

Objetivo: Descrever as diferentes abordagens terapêuticas disponíveis para tratar a infertilidade feminina associada à endometriose. **Metodologia:** Trata-se de uma revisão integrativa da literatura utilizando a base de dados Biblioteca Virtual em Saúde (BVS), no período de maio de 2024, sendo aplicado os seguintes descritores: “endometriose”, “infertilidade” e “tratamentos”, registrados nos Descritores em Ciências da Saúde (DeCS). Os critérios de inclusão foram artigos publicados entre 2015-2024, em inglês e português, que abordassem a temática objetivada, excluindo aqueles que não atenderam aos critérios e desviaram do tema. Foram encontrados 38 estudos, após leitura e aplicabilidade dos critérios de inclusão e exclusão, foram selecionados 4 artigos. **Resultados e**

Discussão: A literatura revisada evidenciou que as abordagens terapêuticas disponíveis são: Tratamentos cirúrgicos, tratamentos medicamentosos e tecnologia de reprodução assistida (TRA). Evidenciando que a laparoscopia, um tipo de tratamento cirúrgico, é eficaz na remoção de lesões endometrióticas, melhorando as taxas de fertilidade. Além disso, ressalta o uso da terapia medicamentosa no alívio dos sintomas da endometriose, bem como o uso dos medicamentos antes do tratamento para melhorar as condições pélvicas. Contudo, seu uso prolongado pode limitar a ovulação em mulheres que desejam engravidar. A pesquisa também destaca as TRA, como a fertilização in vitro (FIV), que demonstra resultados significativos nas chances de engravidar, assim como alguns artigos analisados exploram tratamentos imunológicos para melhorar a receptividade endometrial e a qualidade dos óvulos. **Conclusão:** Diante do exposto, ficou evidente as diferentes abordagens terapêuticas para o tratamento da infertilidade, que mostram-se eficaz para elevar as taxas de fertilidade, melhorar a qualidade de vida e à saúde reprodutiva das mulheres. Assim como, exige uma abordagem multidisciplinar, centrada na paciente de forma integral e fomenta a contribuição de pesquisas para o desenvolvimento de novas estratégias de tratamento.

Palavras-chave: endometriose; infertilidade feminina; saúde da mulher.



ADOLESCENTES, ISTS E SAÚDE FEMININA: UMA REVISÃO DE LITERATURA

Ágatha Vitória de Paula Soares Carvalho¹; Luana Pereira Almeida¹; Dra. Erlinda Maria Bittencourt²

Graduanda em enfermagem pela Universidade Estadual do Maranhão- UEMA¹, Graduanda em enfermagem pela Universidade Estadual do Maranhão- UEMA¹, Doutora em história pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos - UNISINOS²

agathacarvalhoh@hotmail.com

Introdução: A descoberta da sexualidade entre os adolescentes está ocorrendo cada vez mais cedo. Segundo dados da Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar (PeNSE) de 2015, conduzida pelo Ministério da Saúde, essa iniciação sexual precoce tem se tornado uma realidade crescente. A falta de conhecimento sobre técnicas de prevenção tem levado a números alarmantes de Infecções Sexualmente Transmissíveis (ISTs). **Objetivo:** Analisar a produção científica sobre as vulnerabilidades de adolescentes às infecções sexualmente transmissíveis (ISTs) e sua relação com a saúde feminina. **Metodologia:** Trata-se de uma revisão integrativa da literatura realizada através das bases de dados PUBMED e Scientific Electronic Library Online (SciELO). Foram utilizados os descritores (DeCS/MeSH): Vulnerabilidade em Saúde, Adolescente, Saúde da Mulher, Infecções Sexualmente Transmissíveis, Sexually Transmitted Diseases, sendo incluídas publicações nos idiomas português, inglês e espanhol, disponíveis na íntegra, publicadas entre 2019 e 2024. Excluíram-se relatos técnicos, resumos de conferências e editoriais. Após a aplicação dos critérios de inclusão e exclusão, a seleção final incluiu apenas 09 artigos. **Resultados e Discussão:** Avaliar a adolescência, considerando suas múltiplas facetas, é especialmente importante no que diz respeito à sexualidade, já que as percepções dos adolescentes são formadas a partir de suas diversas experiências diárias. Nos estudos selecionados, observou-se uma sensação de invulnerabilidade às ISTs entre os adolescentes, revelando uma lacuna crítica na educação sobre doenças sexualmente transmissíveis. Essa percepção inadequada resulta em um aumento dos casos de ISTs e em sérios problemas com a saúde sexual feminina. A necessidade de conscientização sobre os riscos reais é evidente, assim como a produção de materiais educativos. A falta de informação foi identificada como um dos principais fatores que contribuem para a vulnerabilidade dos adolescentes em relação às ISTs. **Considerações Finais:** A falta de conhecimento sobre Infecções Sexualmente Transmissíveis (ISTs) entre os adolescentes, sobretudo do sexo feminino, representa um dos principais riscos para a infecção, especialmente considerando a iniciação precoce da vida sexual. Nesse contexto, torna-se imperioso implementar uma educação abrangente em saúde, desenvolvendo estratégias eficazes que envolvam a família, a escola e os serviços de saúde. Essas medidas são fundamentais para promover o autocuidado dos adolescentes, reduzir os índices de ISTs e garantir uma melhor qualidade de vida para essa faixa etária.

Palavras-chave: Saúde feminina; ISTs; Adolescente.



**ALÉM DOS PADRÕES: PSICOLOGIA E NUTRIÇÃO JUNTAS NA CONSTRUÇÃO DE
UMA RELAÇÃO SAUDÁVEL COM O CORPO**

Alexandra Melo da Silva¹; Dayane Rívea Cintra Xavier²

Nutricionista pelo Centro Universitário Mário Pontes Jucá¹, Pós-graduada em Psicologia Hospitalar pela Faculdade Venda Nova do Imigrante²

alexandramelo19silva@gmail.com

Introdução: O padrão de beleza define normas estéticas que padronizam a imagem corporal de um indivíduo, variando de cultura para cultura. Muitas vezes inatingíveis, esses padrões afetam de forma negativa a autoestima e saúde mental de diversas mulheres, levando-as a uma busca incessante pelo corpo ideal através de estratégias prejudiciais e sem orientação profissional, como o uso de fármacos e jejum prolongado. **Objetivo:** Discorrer sobre o papel da psicologia e da nutrição no processo de construção de uma relação estética saudável da mulher com o seu corpo. **Metodologia:** Trata-se de uma revisão narrativa da literatura. O estudo foi realizado no mês de abril de 2024. A busca foi realizada nas bases de dados virtuais SciELO e LILACS, utilizando-se os Descritores em Ciências da Saúde (DeCS) educação nutricional e autoestima AND saúde mental. Os critérios para inclusão foram trabalhos publicados no período de 2010 a 2023 em português e que se relacionassem com o tema do trabalho. Sendo critérios para exclusão os trabalhos que tratavam de grupos e de localidade específica e/ou que não se relacionassem com o objetivo deste trabalho. Dessa forma, foram incluídos o total de 6 artigos para compor essa revisão. **Resultados e Discussão:** A atuação multidisciplinar da nutrição e psicologia pode auxiliar as mulheres a superarem os desafios dos sentimentos negativos relacionados à comida, as distorções de imagem corporal e a saúde em sua integralidade. Práticas alimentares restritivas fazem com que o indivíduo tenha uma relação disfuncional com a comida, acarretando em episódios de compulsão alimentar e sentimento de culpa. Por isso, se faz necessário trabalhar no processo de reeducação alimentar para que o paciente tenha uma relação saudável com a comida. O nutricionista tem o papel de elaborar um planejamento alimentar equilibrado em quantidade e qualidade, considerando as necessidades nutricionais de forma individualizada. A psicologia, por sua vez, desenvolve papel essencial em auxiliar as mulheres a lidarem com as questões emocionais envolvidas nesse processo de não aceitação de sua autoimagem, tais como ansiedade, depressão, distúrbios alimentares e baixa autoestima, de forma a fazer essas mulheres a reconhecerem suas belezas e aceitarem seus corpos, além de incentivar a seguir uma alimentação saudável. **Conclusão:** A psicologia e a nutrição desempenham papel fundamental no auxílio às mulheres para o desenvolvimento de uma relação saudável e positiva com seus corpos, promovendo autoestima e um corpo saudável, independentemente dos padrões estéticos impostos pela sociedade, através de reeducação alimentar e apoio psicológico.

Palavras-chave: Autoestima; Alimentação saudável; Estética.



ALTERAÇÕES HORMONAIS NO CLIMATÉRIO E SUAS IMPLICAÇÕES NA SAÚDE MENTAL FEMININA: REVISÃO SISTEMÁTICA DE LITERATURA

Gêmyna Thalita de Sousa Silva¹; Deborah Ozima Mota Aroso¹; Ana Vitória Dias de Sousa¹
Antonione Santos Bezerra Pinto²

¹Graduanda em Medicina pelo Instituto de Educação Superior do Vale do Parnaíba (IESVAP).

²Docente do curso de Medicina do Instituto de Educação Superior do Vale do Parnaíba (IESVAP).

gemynnathalita165@gmail.com

INTRODUÇÃO: O climatério é um período de transição na vida da mulher marcado pela diminuição gradual da função ovariana e pela redução dos níveis hormonais, especialmente de estrogênio e progesterona. Essa fase, que ocorre tipicamente entre os 45 e 55 anos de idade, é caracterizada por uma série de alterações hormonais que podem ter implicações significativas não apenas físicas, mas também psicológicas para as mulheres. **OBJETIVO:** Compreender como as mudanças hormonais do climatério afetam o bem-estar mental e emocional das mulheres durante essa fase de transição. **METODOLOGIA:** O estudo trata-se de uma Revisão Sistemática da Literatura que se baseou nos Descritores em Ciências da Saúde: Climatério, Saúde Mental e Neurotransmissores. Foram selecionados trabalhos publicados entre os anos de 2017 a 2023 das bases de pesquisa SCIELO e PubMed. Mediante aplicação dos critérios de exclusão e inclusão, foram selecionados 4 artigos que apresentam maior relevância dentre os disponíveis. **RESULTADOS e DISCUSSÃO:** O estrogênio desempenha um papel fundamental na regulação de muitos processos fisiológicos e neuroquímicos, incluindo o funcionamento do sistema nervoso central. Durante o climatério, ocorrem mudanças hormonais substanciais, com uma diminuição gradual dos níveis de estrogênio devido à diminuição da função ovariana. À medida que os níveis de estrogênio diminuem, surgem uma série de sintomas físicos, como ondas de calor, sudorese noturna, secura vaginal e alterações no padrão menstrual. No entanto, o estrogênio também exerce efeitos moduladores sobre neurotransmissores como a serotonina, desempenhando um papel importante na regulação do humor, no qual estudos têm demonstrado que as flutuações hormonais associadas ao climatério apresentam impacto profundo na saúde mental e no bem-estar psicológico das mulheres, sendo correlacionadas com sintomas psicológicos, como irritabilidade, ansiedade, depressão, alterações de humor e cognitivas. Além disso, a transição para a menopausa e as mudanças hormonais desencadeiam questões psicossociais e emocionais relacionadas à identidade, autoestima e percepção da feminilidade. Para muitas mulheres, o climatério representa não apenas o fim da fertilidade, mas também o início de uma nova fase da vida, o que traz desafios emocionais e psicológicos significativos. **CONCLUSÃO:** Diante do exposto, infere-se que a associação entre os níveis hormonais e a saúde mental das mulheres durante o climatério é complexa e multifacetada. Portanto, é essencial compreender as implicações psicológicas das alterações hormonais no climatério para oferecer um suporte adequado e intervenções terapêuticas que possam ajudar as mulheres a atravessar essa transição de forma saudável e resiliente.

Palavras-chaves: Climatério; Saúde Mental; Neurotransmissores.

INFLUÊNCIA DO GENE BRCA NO AUMENTO DO ÍNDICE DE NOVOS CASOS DE CÂNCER DE MAMA

Rafaela Laiane Rodrigues Marques ¹; Samhuel Freitas da Silva ¹; Amanda Souza Oliveira ²

Faculdade de Ciências Médicas do Pará ¹, Faculdade de Imperatriz ²

rafaelamarques785@gmail.com

Introdução: Mundialmente, estima-se que 1,15 milhões de mulheres são diagnosticadas com câncer de mama, este é considerado o tipo de maior incidência e o principal responsável por óbitos no sexo feminino. A patologia em questão é multifatorial e envolve fatores internos e externos, entretanto, mulheres que possuem variações gênicas nos genes BRCA 1 e BRCA2 apresentam 80% de chance de desenvolverem um tumor cancerígeno tanto mamário como ovariano quando comparada as que não têm. **Objetivos:** Discutir a relação dos genes BRCA1 e BRCA2 no desenvolvimento do câncer de mama bem como sua influência nos novos casos de neoplasias mamárias. **Metodologia:** Trata-se de uma revisão integrativa com artigos dos bancos de dados como PubMed e Scielo, pelos descritores “Genética carcinogênica” “Câncer de mama” e “Susceptibilidade ao câncer”, com margem entre os anos 2019 e 2023. Com isto, 32 artigos relacionados a patologia foram encontrados, destes 20 foram descartados e 10 foram selecionados para a análise. **Resultados e discussão:** Os genes BRCA1 e BRCA2 são supressores de tumor os quais impedem a formação de neoplasias por meio do reparo de alterações genéticas e indução de apoptose. A variação gênica destes componentes gera perda do controle de crescimento normal da célula e de sua replicação, desta forma, o corpo perde uma de suas barreiras protetoras contra neoplasias, sustentando maior predisposição aos processos cancerígenos principalmente na mama e nos ovários. Estudos comprovam que indivíduos com BRCA1 alterado, permite maior risco ao desenvolvimento do câncer de mama em 72% e de ovário em 44% e BRCA2 garante predisposição em 69% para as neoplasias mamárias e 17% as de ovário. Ademais, pesquisas relatam que entre todos os casos registrados de câncer de mama, 10% são atribuídas as causas genéticas e que em cada 10 casos de neoplasia, 2 destes apresentam alterações no gene BCRA. Além disso, é registrado que 90% dos casos de indivíduos portadores de mutações nestes genes, possuem o câncer de característica “triplo-negativo”, sendo este tipo considerado o de pior prognóstico. **Conclusão:** É notável que a hereditariedade do câncer de mama revela interconexão com os genes BRCA 1 e BRCA2, o que garante maior predisposição ao desenvolvimento desse tipo de neoplasia. Além de mostrar a necessidade do entendimento do processo oncológico destes genes e de como ele agrega no aumento dos novos casos de câncer mamário. Logo, é crucial a investigação precoce em indivíduos com o histórico familiar de neoplasia de mama, visto que a prevenção e o diagnóstico precoce são a melhor maneira para assegurar um bom prognóstico.

Palavras-chave: Gene; Câncer de mama; Suscetibilidade

ANÁLISE DA PREVALÊNCIA DE GRAVIDEZ NA ADOLESCÊNCIA AO LONGO DAS ÚLTIMAS DÉCADAS EM UM MUNICÍPIO DO INTERIOR PAULISTA

Adriano Junqueira de Moraes¹; Ludmila Pantaroto Lima Ribeiro²; Carlos Miguel Santos Costa²

Graduando em medicina pela UniCesumar¹, Graduanda em medicina pela Universidade do Oeste Paulista², Farmacêutico pela Universidade do Oeste Paulista²

adriano-jdm@hotmail.com

INTRODUÇÃO: A gravidez na adolescência está associada a vários desafios físicos, mentais e sociais para a mãe e o bebê, podendo ser classificada em precoce (10 a 14 anos) ou tardia (15 a 19 anos), sendo que em ambas as classificações, há possibilidade de complicações médicas, como risco aumentado de pré-eclâmpsia e problemas pós-parto, devido a imaturidade biológica e psicossocial da progenitora. No entanto, medidas de educação sexual, acesso a métodos contraceptivos e criação de políticas públicas, contribuíram para uma diminuição no número de casos ao longo dos anos. **OBJETIVO:** Avaliar a prevalência de casos de gravidez na adolescência e estabelecer possíveis relações com medidas de promoção e prevenção da saúde. **METODOLOGIA:** Análise descritiva, longitudinal e retrospectiva dos dados da plataforma DataSUS correspondentes à prevalência de casos de gravidez na população feminina de 10 a 19 anos no Município de Presidente Prudente – SP entre os anos de 2008 a 2023. **RESULTADOS E DISCUSSÃO:** Evidenciou-se queda de 52,5% no índice de casos de gravidez na adolescência entre os anos de 2008 e 2023, e ao longo do período analisado, o maior índice de redução de casos ocorreu entre 2022 e 2023, no qual o número de gestantes em idade precoce em 2023 foi 18,3% menor que em 2022. No entanto, o período com maior declínio de casos em anos consecutivos, foi entre 2014 e 2018. Ademais, em 2020, o número de casos entrou novamente em remissão, sem registrar aumento no ano subsequente, permanecendo até o ano de 2024 (atual). A queda no número de casos de gravidez na adolescência no período avaliado, pode ser atribuída a ampliação da conscientização e educação sexual, principalmente acerca do uso de métodos contraceptivos. Todavia, é possível estabelecer uma relação com a criação da Política Pública de Promoção da Saúde Sexual e Reprodutiva, em 2013, com uma significativa remissão dos casos a partir de 2014. Além da possível interferência da pandemia de COVID-19, no qual houve uma nova queda na prevalência de gravidez na adolescência nos anos subsequentes. **CONCLUSÃO:** Apesar da criação de políticas públicas, educação e acesso aos métodos contraceptivos terem contribuído para uma considerável queda nos casos de gravidez na adolescência, é necessário o desenvolvimento de estratégias que visem uma maior redução deste índice, como campanhas de conscientização acerca da temática, ampliação ao acesso à métodos contraceptivos, dentre outras medidas efetivas, pois, a gravidez na adolescência ainda é um estigma para a saúde.

Palavras-chave: Gravidez na adolescência; DataSUS; Presidente Prudente.

ANÁLISE DE ÓBITOS FEMININOS POR CÂNCER DE COLO DE ÚTERO DE ACORDO COM CADA REGIÃO NO BRASIL, ENTRE 2020 E 2023

Henrique de Abreu Carvalho¹; Julia Pinho de Mattos¹; Fernanda de Sousa Lima¹; Giovanna Cervasio de Toledo Lima¹; Luiza Leal Costa¹; Nathalie Dockhorn Menasche¹; Frederico Muller de Toledo Lima²

Graduando em medicina pela Universidade Estácio de Sá Campus Vista Carioca ¹, Graduado em Oncologia Clínica pelo Instituto Nacional do Câncer²

fernandaslimaa31@gmail.com

Introdução: O câncer do útero caracteriza-se pela replicação desordenada do epitélio de revestimento do órgão, sendo a maioria dos casos em decorrência da infecção pelo papilomavírus humano (HPV). Segundo a International Agency for Research of Cancer consiste no quarto tipo de câncer mais comum entre mulheres, com aproximadamente 570 mil casos novos por ano. No Brasil, o câncer de colo de útero consiste no quarto com maior taxa de mortalidade em mulheres, sem considerar tumores de pele não melanoma. Em 2023, de acordo com o Ministério da Saúde, foram registrados 2.785 casos de óbitos em decorrência desse óbito. **Objetivos:** Avaliar a incidência de óbitos femininos por câncer de colo de útero no período de 2020 a 2023 de acordo com as regiões do Brasil. **Metodologia:** Trata-se de um estudo ecológico, observacional e quantitativo. Foram utilizados os dados de casos confirmados de óbitos por câncer de colo de útero, no Brasil, nos anos de 2020 a 2023, de acordo com cada região no Brasil, colhidos a partir do Sistema de Informação de Agravos de Notificação (SINAN) da Secretaria de Vigilância em Saúde do Ministério da Saúde (SVS/MS). Os dados foram organizados no programa Microsoft Excel 2013. Dada a natureza da pesquisa, não foi necessária apreciação pelo Sistema CEP/CONEP. **Resultados e Discussão:** Dentre os dados analisados (2020-2023), houve 1.275 notificações de óbitos por Câncer de Colo de Útero na Região Norte, dentre os 10.844 casos no Brasil, correspondendo a 11,75% dos registros. Na Região Nordeste houve a notificação de 2.780 de óbitos, correspondendo a 25,63% do total de óbitos no país. Na região Sudeste consistiram em 4.300 notificações de óbitos, correspondendo a 39,65 % do total. Já na região Centro-Oeste foram notificados 819 casos de óbitos, o que corresponde a 7,55 % do total. Por fim, na região Sul ocorreram 1.580 notificações de óbitos, correspondendo a 14,57% do total de óbitos no país. **Conclusão:** Diante dos dados coletados, observa-se uma discrepância expressiva em relação à quantidade de óbitos por câncer de colo de útero entre diferentes regiões do Brasil. Os dados mostram uma maior quantidade de número de óbitos na região Nordeste e Sudeste, enquanto revela uma menor taxa de mortalidade nas regiões Norte e Centro-Oeste. Nesse sentido, mostra-se necessária a avaliação das desigualdades socioeconômicas entre cada região, com análise do acesso desigual e variações na implementação de programas de rastreamento e detecção precoce.

Palavras-chave: câncer de colo de útero, óbitos, região.

ANÁLISE DE ÓBITOS FEMININOS POR CÂNCER DE MAMA DE ACORDO COM A COR DE PELE NO BRASIL, ENTRE 2018 E 2023

Henrique de Abreu Carvalho¹; Julia Pinho de Mattos¹; Fernanda de Sousa Lima¹; Giovanna Cervasio de Toledo Lima¹; Luiza Leal Costa¹; Nathalie Dockhorn Menasche¹; Frederico Muller de Toledo Lima²

Graduando em medicina pela Universidade Estácio de Sá Campus Vista Carioca ¹, Graduado em Oncologia Clínica pelo Instituto Nacional do Câncer²

fernandaslimaa31@gmail.com

Introdução: O câncer de mama é uma condição em que células anormais da mama se multiplicam descontroladamente, sendo o mais incidente em mulheres no mundo, com aproximadamente 2,3 milhões de casos novos estimados em 2020. No Brasil, também consiste na neoplasia mais incidente em mulheres de todas as regiões, após o câncer de pele não melanoma. Para cada ano do triênio 2023-2025 o INCA estimou 73.610 casos novos, o que representa uma taxa ajustada de incidência de 41,89 casos por 100.000 mulheres. **Objetivos:** Avaliar a incidência de óbitos femininos por câncer de mama no período de 2018 a 2023 de acordo com a cor, no Brasil. **Metodologia:** Trata-se de um estudo ecológico, observacional e quantitativo. Foram utilizados dados de casos confirmados de óbitos por câncer de mama, número de internações por câncer de mama e taxa de mortalidade por câncer de mama, no Brasil, nos anos de 2018 a 2023, de acordo com a cor, colhidos a partir do Sistema de Informação de Agravos de Notificação (SINAN) da Secretaria de Vigilância em Saúde do Ministério da Saúde (SVS/MS). Os dados foram organizados no programa Microsoft Excel 2013. Dada a natureza da pesquisa, não foi necessária apreciação pelo Sistema CEP/CONEP **Resultados e Discussão** Diante dos dados analisados, houve 193.804 casos de internações por câncer de mama em mulheres brancas, dentre 441.244 casos de internação no Brasil, correspondendo a 43,92% dos registros. O número de casos de internações nas mulheres pretas nesse mesmo período consistiu em 29.391, dentre os 441.244 no Brasil, o que corresponde a 6,66%. O número de óbitos por câncer de mama em mulheres brancas consistiu em 15.359 dentre os 35.947 óbitos no Brasil, o que equivale a 42,7%. Já em relação às mulheres pretas foi visto um número de óbitos de 2.870, dentre os 35.947 no Brasil, correspondendo a 7,98%. A taxa de mortalidade de câncer de mama em mulheres pretas foi expressa em 9,76 óbitos para cada 100.000 mulheres enquanto a taxa para mulheres brancas foi de 7,93 óbitos para cada 100.000 **Conclusão:** Diante dos dados, nota-se uma discrepância significativa em relação à quantidade de internações, óbitos e taxa de mortalidade por câncer de mama entre diferentes grupos raciais no Brasil. Os dados mostram uma maior quantidade de internações e número de óbitos nas mulheres brancas, enquanto revela uma maior taxa de mortalidade entre as mulheres pretas. Portanto, é necessário avaliar a desigualdade no acesso à saúde.

Palavras-chave: câncer de mama, óbitos, pele.

ANÁLISE DO EFEITO DO MÉTODO CANGURU EM RECÉM-NASCIDO TERMO SAUDÁVEL

Mariele Mochiute de Sousa¹; Mariana Andrade Oliveira²

Graduanda em medicina pela Universidade de Ribeirão Preto¹, Mestrado em Patologia pela Universidade de Uberaba²

marielemochiute001@gmail.com

Introdução: O Método Canguru envolve o contato pele a pele precoce entre a mãe e o bebê, logo após o parto, por pelo menos uma hora, e mantido durante o período pós-parto, de modo prolongado e contínuo, até quando for agradável para ambos. Tal processo favorece uma melhor interação mãe-filho, aumenta o tempo de aleitamento materno, reduz a mortalidade neonatal, além de outras vantagens fisiológicas e psicossociais para os dois. Contudo, são poucas as análises e os estímulos a essa prática em recém-nascidos termo saudável, embora, os benéficos do Método Canguru possam auxiliar no processo de adaptação à vida extrauterina desse grupo. Sendo, na maior parte das pesquisas abordado o contato materno ampliado em neonatos pré-termo de baixo peso. **Objetivo:** Explorar a repercussão do Método Canguru em recém-nascidos termo saudáveis. **Metodologia:** Trata-se de um estudo realizado mediante levantamento bibliográfico, utilizando as bases de dados LILACS (Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciências das Saúde) e SciELO, o termo norteador da pesquisa foi Método Canguru, resultando em 278 artigos. Foram considerados trabalhos de 2020 a 2024, no idioma português, totalizando em 38 publicações, das quais 12 foram incluídas no texto. **Resultados e Discussão:** Um estudo brasileiro, de 2024, demonstrou que, entre um grupo de mulheres que tiveram bebês termo saudáveis, houve maior predomínio de aleitamento materno exclusivo, entre a parcela que usou a bolsa canguru, por no mínimo uma hora diária, durante o primeiro mês de vida do filho, em comparação com o grupo que não usou a bolsa canguru, resultando em uma taxa de 72% versus 51%. Ademais, dentro da literatura, é destacada as percepções positivas das mães em relação ao Método Canguru, sendo apontado como resultado dessa técnica a diminuição do choro e da irritação desencadeada pela cólica infantil, bem como uma melhora na qualidade do sono do bebê, na proximidade e compreensão sobre o recém-nascido, e um enriquecimento do vínculo materno e familiar. **Conclusão:** Portanto, diante dos inúmeros benefícios do uso do Método Canguru, percebe-se que a repercussão dessa estratégia é positiva e significativa para o pleno desenvolvimento do recém-nascido termo saudável e obtém avaliação favorável pelas mães que a utilizam. Entretanto, também, observa-se que são escassos o conhecimento e o incentivo sobre a prática do uso do Método Canguru em neonatos termo saudáveis, logo, estes aspectos devem ser encorajados, superando o cenário atual.

Palavras-chave: método canguru; aleitamento materno; recém-nascido.

ANÁLISE DO PERFIL EPIDEMIOLÓGICO DE GESTANTES COM INFECÇÕES SEXUALMENTE TRANSMISSÍVEIS

Cleber gomes da Costa Silva, Jainara Gomes da Silva

Graduando em enfermagem pelo centro Universitário de Ciências e Tecnologias do Maranhão-UNIFACEMA, Caxias-Ma, Enfermeira pela Universidade Estadual do Maranhão-UEMA

E-mail: klebbehgomez@gmail.com

Introdução: A análise do perfil epidemiológico de gestantes com infecções sexualmente transmissíveis (ISTs) é crucial para compreender os padrões de saúde reprodutiva e orientar intervenções preventivas e de tratamento eficazes, gestantes portadoras de ISTs enfrentam riscos adicionais à saúde materna e fetal, destacando a importância de uma abordagem holística na assistência pré-natal. **Objetivo:** analisar o perfil epidemiológico de gestantes com IST's. **Metodologia:** Trata-se de uma revisão integrativa da literatura, com a seguinte pergunta de pesquisa: qual o perfil epidemiológico de gestantes com IST's. A coleta e análise de dados foi proveniente da Biblioteca Virtual em Saúde (BVS) com bases de dados da Literatura Latino-americana e do Caribe em Ciências da Saúde (LILACS), e Base de Dados de Enfermagem (BDENF), através dos seguintes Descritores em Ciências da Saúde (DeCS): "infecções sexualmente transmissíveis", "gestantes", "perfil de saúde", combinados entre si pelo operador booleano AND. A busca ocorreu no mês de abril de 2024 e foram selecionados como critérios de inclusão: artigos disponíveis na íntegra, nos idiomas português, inglês e espanhol, que abordassem a temática, nos últimos cinco anos. Como critérios de exclusão: teses, dissertações, monografias e artigos que não contemplavam o tema. A partir da busca inicial foram encontrados 222 estudos e selecionados 3 artigos para compor a revisão. **Resultados e Discussão:** A análise do perfil epidemiológico de gestantes com infecções sexualmente transmissíveis revelou uma prevalência significativa de casos entre mulheres jovens, especialmente aquelas com idade entre 20 e 30 anos. Observou-se uma alta incidência de clamídia e gonorréia, indicando a necessidade de intensificar os esforços de prevenção e rastreamento dessas infecções durante o pré-natal, a falta de acesso a serviços de saúde adequados também é citado como um fator contribuinte, destacando a necessidade de políticas que garantam o acesso equitativo a serviços de saúde reprodutiva, estratégias de intervenção direcionadas, como testagem rotineira e aconselhamento, são essenciais para reduzir a transmissão vertical e proteger a saúde materno-fetal, pois a conscientização sobre as ISTs e a importância do diagnóstico precoce devem ser ampliadas, visando reduzir o impacto dessas infecções durante a gestação e melhorar os resultados obstétricos. **Conclusão:** Diante disso conclui-se que a análise do perfil epidemiológico de gestantes com infecções sexualmente transmissíveis destaca a urgência de estratégias preventivas e de intervenção durante o pré-natal, a alta prevalência dessas infecções, entre mulheres jovens e com baixa escolaridade, ressalta a necessidade de educação sexual abrangente e acesso equitativo a serviços de saúde reprodutiva.

Palavras chaves: Infecções Sexualmente Transmissíveis, Gestantes, Perfil de Saúde

ANÁLISE DO PERFIL EPIDEMIOLÓGICO DE INTERNAÇÕES POR ENDOMETRIOSE NA REGIÃO SUDESTE EM 2023

Julia Souza Cariello¹; Carlos Eduardo da Silva Barbosa²

Graduanda em Medicina pela Faculdade de Medicina de Petrópolis¹; Mestrando em Psicologia pela
Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro²

juliascariello@alu.unifase-rj.edu.br

Introdução: A endometriose é uma afecção (uma modificação no funcionamento normal do organismo) inflamatória provocada por células do endométrio que, em vez de serem expelidas, migram no sentido oposto e caem nos ovários ou na cavidade abdominal, onde voltam a multiplicar-se e a sangrar. Quando a doença surge nos ovários pode provocar o aparecimento de um cisto denominado endometrioma, de tamanho grande e que compromete a capacidade de a mulher engravidar. Outros órgãos também podem ser acometidos, como parte do intestino grosso, bexiga e apêndice. Compreender esses aspectos é fundamental para o desenvolvimento de estratégias eficazes de prevenção e controle dessa doença.

Objetivo: Analisar o perfil epidemiológico na região sudeste em relação às internações por endometriose no Brasil em 2023. **Metodologia:** Estudo realizado de caráter retrospectivo, quantitativo, ecológico e descritivo com dados obtidos da base de dados epidemiológicos do DATASUS, quanto ao ano de 2023. O estudo analisou a região sudeste priorizando a faixa etária e a cor/raça mais afetadas pela endometriose no período citado. **Resultados:** Em 2023 foram totalizados 7.113 casos. Minas Gerais foi responsável por 3.018 casos (42,4%), ou seja, a maior parte das internações na região. Quanto à faixa etária, a maior prevalência se deu entre 40 e 49 anos com um total de 3.136 casos (44,0%). Com relação à cor/raça, houve uma maior prevalência de casos de endometriose em pessoas pardas totalizando 3.245 (45,6%), seguido por pessoas brancas totalizando 3.070 (43,1%) casos. **Discussão:** Nota-se que dentre os pacientes internados, a maior parte possui entre 40 e 49 anos e da cor/raça parda. Essa maior incidência pode estar relacionada com fatores biológicos e hormonais, como ciclos menstruais mais frequentes, prolongados é predominante em mulheres em idade reprodutiva, sociais e econômicos, como disparidades no acesso a cuidados médicos especializados e culturais por menor acesso à educação sobre saúde menstrual que pode levar a um subdiagnóstico. **Conclusão:** Conclui-se, então, com esse estudo, que o perfil epidemiológico de maior prevalência de internações por endometriose na região Sudeste do Brasil em 2023 é de 40 a 49 anos e da cor/raça parda. Portanto, deve-se reforçar a importância das consultas regulares ao ginecologista como forma de prevenção e detecção precoce da doença. Assim, por meio de parcerias entre o governo e a sociedade será possível garantir que o número de internações por endometriose seja diminuído.

Palavras-chave: ginecologia; endometriose; epidemiologia.

ANÁLISE DO PERFIL EPIDEMIOLÓGICO DE INTERNAÇÕES POR NEOPLASIA MALIGNA DO COLO DE ÚTERO NA REGIÃO SUDESTE EM 2023

Julia Souza Cariello¹; Carlos Eduardo da Silva Barbosa²

Graduanda em Medicina pela Faculdade de Medicina de Petrópolis¹; Mestrando em Psicologia pela Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro²

juliascariello@alu.unifase-se-rj.edu.br

Introdução: A neoplasia maligna do colo de útero, também chamado de câncer cervical, é causada pela infecção genital persistente por alguns tipos do Papilomavírus Humano (HPV). A presença do vírus e de lesões pré-cancerosas são identificadas no exame preventivo e são curáveis na quase totalidade dos casos. **Objetivo:** Analisar o perfil epidemiológico na região sudeste em relação às internações por neoplasia maligna do colo de útero no Brasil em 2023. **Metodologia:** Estudo retrospectivo, quantitativo, ecológico e descritivo, com dados obtidos da base de dados do DATASUS, quanto ao ano de 2023. O estudo analisou a região sudeste priorizando a faixa etária e a cor/raça mais afetadas pela neoplasia maligna do colo de útero no período citado. **Resultados:** A incidência de internações por câncer cervical na região sudeste apresentou números expressivos em 2023. No período de janeiro a dezembro foram totalizados 10.984 casos. O estado de São Paulo foi responsável por 5.357 casos, o que corresponde a 48,77%, ou seja, a maior parte das internações na região. Quanto à faixa etária, a maior prevalência se deu entre 40 e 49 anos com um total de 2.890 casos (26,31%). A faixa etária com o menor número de internações foi a de menores de 1 ano com um total de 2 casos (0,018%). Com relação à cor/raça, observou-se que em Minas Gerais, Espírito Santo e Rio de Janeiro houve uma maior prevalência de casos na cor parda totalizando 4.949 (45,05%). **Discussão:** Nota-se que das pacientes internadas, a maior parte possui entre 40 e 49 anos e é da cor/raça parda. Essa maior incidência depende de fatores sociais, econômicos, culturais, étnicos e englobam particularidades psicossociais típicas de cada mulher, tornando necessário novos estudos sobre morbidade, ambiente socioeconômico dos indivíduos e relações étnico raciais. **Conclusão:** O perfil epidemiológico de maior prevalência de internações por neoplasia maligna do colo de útero na região Sudeste do Brasil em 2023 na faixa etária entre 40 e 49 anos e é da cor/raça parda. Portanto, deve-se adotar a educação em saúde e a participação comunitária para que seja criado um senso de engajamento da população. É fundamental a orientação sobre o que é e qual a importância do exame preventivo, pois a sua realização periódica permite reduzir a internação e consequente mortalidade por câncer do colo do útero na população mais afetada.

Palavras-chave: medicina; neoplasia maligna de colo de útero; saúde.



**ANÁLISE DO TRANSTORNO DE HUMOR NAS MULHERES DURANTE O PÓS PARTO:
UMA REVISÃO DE LITERATURA**

Caroline Cotta e Silva¹, Giovana Domiciano Silveira¹, Juliana Carvalho Matsuyama¹, Rosângela Machado Pereira Malvaccini²

Graduando em medicina pela Faculdade de Ciências Médicas e da Saúde de Juiz de Fora – FCMS/JF¹,
Médica pela Universidade Federal de Juiz de Fora - UFJF²

✦ ✦
carolinecotta27@gmail.com

Introdução: O período pós natal é uma fase significativa de mudanças físicas, fisiológicas e psicológicas para as mães, tornando-as particularmente vulneráveis a alterações de humor ou distúrbios. **Objetivo:** Analisar a ocorrência de transtorno de humor nas mulheres durante a fase de pós parto. **Metodologia:** Foram analisados ensaios clínicos controlados e randomizados publicados originalmente em inglês, dos últimos cinco anos, em humanos, usando como referência as bases de dados National Library of Medicine (MedLine). A busca pelos descritores utilizados foi mediante consulta ao Medical Subject Headings (MeSH) e os utilizados foram: *mood disorders; women; postpartum*. Foram excluídos estudos que não estavam de acordo com a temática. A escala PRISMA foi utilizada no intuito de melhorar o relato desta revisão. **Resultados e Discussão:** Inicialmente foram encontrados nove estudos na base de dados MedLine, e após aplicação dos critérios de inclusão e exclusão, apenas cinco artigos fizeram parte do escopo final. Um primeiro estudo investigou os efeitos de uma intervenção dietética diária com flavonóides durante duas semanas em 41 puérperas e, concluiu-se que o potencial dos flavonóides pode promover a regulação saudável do humor ou prevenir o aparecimento ou gravidade dos sintomas de distúrbios pós-natais. Outro artigo investigou a variação de genes e hormônios do eixo hipotálamo-hipófise-ovariano em transtornos de humor feminino, evidenciando que nos períodos da gravidez e do pós parto, a magnitude dos aumentos e diminuições hormonais torna mais difícil desvendar o papel dos hormônios sexuais nos episódios depressivos. Em termos não farmacológicos, um outro estudo abordou a eficácia da Terapia Cognitivo Comportamental (TCC) para a depressão perinatal e sintomas de ansiedade e estresse. Ao todo, foram analisadas 9.949 mulheres, mostrando que as intervenções baseadas na TCC são eficazes tanto durante a gravidez como no período pós-natal para tais sintomas. No entanto, os estudos devem ser acurados com maior cautela devido aos níveis de heterogeneidade. Além disso, encontramos estudos que estão em aberto, mas investigam medidas mais alternativas, como o apoio proativo por telefone e ativação comportamental baseada na internet. **Conclusão:** Embora os fatores psicossociais contribuam para a ocorrência de patologias psíquicas, o acúmulo de evidências também sugere influências hormonais no aparecimento dos transtornos de humor em mulheres no pós parto. Além disso, a abordagem dessas mulheres pode ser multifatorial, envolvendo medidas farmacológicas, como o uso de flavonoides que mostraram bons resultados mediante comprovação científica, bem como a TCC, sendo tal abordagem não farmacológica detentora de bons resultados.

Palavras-chave: transtornos de humor; mulheres; pós parto



DOI: <https://doi.org/10.58871/resumo01>

ANÁLISE DOS CUSTOS HOSPITALARES COM INTERNAÇÕES POR ENDOMETRIOSE NO BRASIL DE 1998 A 2023

Tales Silva Santana¹; Ana Carolina Matias Pires¹; Flávia Letícia Miranda Galvão¹; Karla Rivellyne de Castro Ribeiro¹; Marília Lopes Leal¹; Tarcisio Augusto da Silva Menezes².

Graduando(a) em Medicina¹ pela Universidade Federal do Vale do São Francisco¹,
Docente do curso de Medicina pela Universidade Federal do Vale do São Francisco².

Email para correspondência: tales.silva.santana@hotmail.com

Introdução: Endometriose é uma condição comum, que demanda internações hospitalares e procedimentos complexos para identificação e tratamento de seus quadros agudos e complicações. As internações por endometriose tornam-se responsáveis por importantes custos. **Objetivo:** Analisar custos hospitalares com internações por endometriose no Brasil de 1998 a 2023. **Metodologia:** Estudo ecológico de série temporal, desenvolvido com dados do Sistema de Informações Hospitalares do Sistema Único de Saúde (SIH/SUS). Foram estudados valores gastos com internações hospitalares por endometriose, doença selecionada pela lista do CID-10. Variáveis incluídas foram “valor total”, “número de internações” e “valor de serviços profissionais”. Todas foram analisadas no período de 1998 a 2023, com exceção à última, cujos dados no SIH/SUS datam apenas de 2008 a 2023. **Resultados e discussão:** O valor total gasto no Brasil com internações por endometriose em 1998 a 2023 foi R\$ 214.042.964,06, com total de 328.304 internações, resultando em custo médio por internação de R\$ 651,96. Menor gasto total foi em 1998 (R\$ 695.140,79), e o ano de maior valor foi 2023, com R\$ 17.377.016,03. De 1998 a 2023, observou-se crescimento nos valores gastos, havendo nos últimos 10 anos um aumento de 65,55% (R\$ 6.880.574,44). O número de internações em 2013 foi de 15.051, enquanto em 2023 foi de 15.580. Já o custo médio por internação em 2013 foi de R\$ 697,39, e em 2023 foi R\$ 1.114,84. O maior aumento anual registrado foi de 2001 para 2002, cujos valores foram respectivamente R\$ 1.649.131,08 e R\$ 8.713.980,86 por ano. Isso se associa à maior elevação observada no número de internações, que passou de 5.111 para 21.230. Dos R\$ 158.984.528,26 gastos entre 2008 e 2023 com internações, apenas R\$ 46.032.161,49 foram com serviços profissionais, equivalente a 28,95% dos custos. **Conclusão:** A endometriose mostrou-se uma doença de alta relevância econômica ao Brasil, pelos altos valores gastos com suas internações de 1998 a 2023. O número de internações ao longo do período apresentou estabilidade, enquanto notou-se crescimento das despesas totais, resultando em aumento significativo do custo médio por internação. Ademais, a maioria dos gastos não esteve ligada a serviços profissionais, indicando provável relação com despesas como medicações, estrutura hospitalar e realização de exames e procedimentos.

Palavras-chave: ginecologia; gastos em saúde; hospitalização.



**ANÁLISE DOS FATORES ASSOCIADOS AO DIABETES GESTACIONAL E SUAS
IMPLICAÇÕES NA SAÚDE DA MULHER**

Maicon Vieira Amaral¹; Thalison Adriano Lima Costa¹; Ana Carolina Pedrosa Barros¹; Ana Caroline Silva Lemos¹; Paula Emanoeli Da Silva Gomes¹; Pedro Igor Silva Portela¹; Tiago Ferreira Guimarães¹; Carlos Eduardo da Silva Barbosa²

Graduando em enfermagem pela Universidade Federal do Piauí¹, Mestrando em Psicologia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro²

maicon.amaral@ufpi.edu.br

Introdução: A diabetes gestacional é uma condição que apresenta desafios significativos para a saúde materna, sendo uma condição metabólica desenvolvida durante a gravidez, definida como intolerância à glicose de grau variável com início ou primeiro reconhecimento durante a gravidez. Mulheres que desenvolvem a diabetes gestacional enfrentam riscos consideráveis, levando a sérias complicações, como hipertensão gestacional, pré-eclâmpsia e procedimentos obstétricos como cesariana são frequentemente associados a essa condição. Compreender os fatores associados à diabetes gestacional e suas implicações é fundamental para implementar estratégias eficazes de prevenção e manejo adequado durante a gestação. **Objetivo:** Investigar os fatores relacionados ao desenvolvimento do diabetes gestacional e seu impacto na saúde da mulher. **Metodologia:** Estudo de revisão integrativa realizado no período de maio a junho de 2024, com o emprego da estratégia PICO, nas bases de dados Scientific Electronic Library Online (SciELO), Medical Literature Analysis and Retrieval System Online (MEDLINE) e Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciências da Saúde (LILACS), por meio dos descritores: "diabetes gestacional" e "saúde da mulher" combinados entre si pelos operadores booleanos OR e AND. A busca inicial resultou em 24 artigos. Foram incluídos os artigos disponíveis na íntegra, que abordassem a temática, publicados entre os anos de 2016 a 2024, nos idiomas inglês, português e espanhol. Os artigos repetidos foram contados apenas uma vez. Após a seleção dos estudos, 18 artigos foram considerados para esta revisão. **Resultados e Discussão:** Nesse sentido, alguns fatores estão relacionados a essa circunstância, por exemplo a idade materna, pois mulheres com idade igual ou superior a 35 anos apresentam maior risco de adquirir a DMG. Além disso, o histórico de diabetes mellitus na família aumenta a probabilidade de a gestante desenvolver esse quadro, de mesmo modo, mulheres que apresentaram DMG em gestações anteriores podem ter uma recidiva do quadro. Desse modo, a saúde materna-infantil está prejudicada, pois a mulher tende a manifestar síndromes e/ou quadros em decorrência do diagnóstico da diabetes gestacional, como por exemplo risco de hipertensão gestacional e pré-eclâmpsia. Em se tratando do neonato, existe uma grande probabilidade de o recém-nascido nascer com anomalias, como a macrosomia - bebês grandes para a idade gestacional, hipoglicemia neonatal e icterícia. **Conclusão:** Identificar e gerenciar os fatores de risco para a diabetes gestacional é crucial para minimizar suas implicações na saúde da mulher e do recém-nascido. Estratégias de prevenção e monitoramento devem ser priorizadas, especialmente em mulheres de alto risco.

Palavras-chave: assistência materno-infantil; diabetes induzida pela gravidez; saúde feminina.

ANÁLISE DOS PROTOCOLOS DE SEGURANÇA CIRÚRGICA PARA REDUÇÃO DE INFECÇÕES PÓS-OPERATÓRIAS EM CIRURGIAS OBSTÉTRICAS.

Saymon Balbino Viana Teixeira ¹; Jéssica Moura Telles ²; Karina Maria Mesquita da Silva ³;

Graduando em enfermagem pela Universidade particular do Tocantins UNITPAC ¹⁻². Graduada em enfermagem pela Universidade particular do Tocantins e atua como Docência no UNITPAC ³

saymon.balbino@gmail.com

Introdução: A fim de se obter a segurança em cirurgias obstétricas, verifica-se a necessidade dos protocolos de segurança cirúrgica, com a finalidade de diminuir os riscos causados por infecções no período pós-operatório. Não obstante, torna-se indispensável a realização do checklist para partos seguros, de forma que gere segurança para a parturiente. Uma vez que, as cirurgias apresentam vários riscos, os principais deles são a hemorragia, infecção após o parto e as complicações da anestesia. **Objetivo:** Colaborar com as medidas de proteção e segurança, através do supervisionamento do centro obstétrico, evitando contaminações, infecções, acidentes com perfurocortante e outras ocorrências que podem ocorrer durante e após o ato cirúrgico. Verificar o padrão de segurança para a parturiente, de forma que não haja potenciais riscos à sua saúde e ao RN. **Metodologia:** Trata-se de um estudo direto de revisão integrativa de literatura, cujos artigos foram encontrados na Biblioteca Virtual da Saúde (BVS), e em bases de dados como: MEDLINE, LILACS e SCIELO, com o fito de utilizar como descritores: Análise de protocolos de segurança cirúrgica; Enfermagem obstétrica, infecção pós-operatórias. Além de filtrar os estudos dos últimos 5 anos (2019 - 2023). Inicialmente obteve-se 15 artigos, porém foram incluídos os estudos completos que respondessem ao objetivo da pesquisa e excluídos os demais, resultando em 5 artigos selecionados. **Resultados e Discussão:** Verifica-se a importância dos protocolos de segurança e o checklist, nos centros obstétricos, como uma alternativa de qualidade de atendimento prestado à paciente, o que leva à prevenção e promoção da saúde a longo prazo. Estimular as medidas de segurança, higienização correta das mãos, evitar uso de adornos e melhora da comunicação entre os profissionais da saúde como protocolos rigidamente a serem seguidos. Outrossim, a utilização a longo prazo desses protocolos, resulta em benefícios, assim como um padrão de qualidade no cuidado. **Considerações Finais:** A enfermagem abrange o cuidado intraoperatório obstétrico, garantindo os benefícios de um parto seguro para a paciente através da verificação dos protocolos de segurança, a rigidez dos serviços prestados pela equipe multidisciplinar, o que garante o ato cirúrgico preservado por meio da gestão intrahospitalar. Destarte, a lista de verificação de segurança é relevante na área de obstetrícia para a redução potencial de riscos antes e após a cirurgia. O cuidado de enfermagem, portanto, é essencial para o benefício almejado à paciente no processo do puerpério.

Palavras-chave: obstetrícia; segurança do paciente; checklist.

ANÁLISE EPIDEMIOLÓGICA DE INTERNAÇÕES POR HEMORRAGIA PÓS-PARTO EM MULHERES BRASILEIRAS ENTRE 2014 E 2023

Rafaela Gutierrez Zeitoune Macedo¹, Amanda Maria de Albuquerque Cunha¹, Ana Alice Lemos Lima², Carla Hart Borges da Silva³

¹Graduanda em medicina pela Universidade Federal de Roraima

²Graduanda em Medicina pela Faculdade de Medicina de Juiz de Fora

³Graduada em Medicina pela Universidade Federal de Roraima

rafazeitoune@hotmail.com

Introdução: Hemorragia pós-parto (HPP) é uma emergência obstétrica que pode ocorrer após o parto vaginal ou cesáreo. A definição mais atual estabelece 1.000 mL cumulativos como critério diagnóstico de HPP, independentemente da via de parto. Entretanto, as perdas sanguíneas superiores a 500 mL após partos vaginais quando acompanhada de fatores de risco, como as síndromes hipertensivas, devem ser consideradas anormais. Já as perdas acima de 1.000 mL são classificadas como HPP grave e superiores a 2.000 mL como hemorragia maciça. Embora existam diversas causas para a hemorragia pós-parto a atonia uterina é responsável pela maioria dos casos, cerca de 80%. **Objetivo:** O presente estudo visa compreender o panorama epidemiológico da hemorragia pós-parto no Brasil, como forma de analisar as variáveis prioritárias para a intervenção precoce de tal complicação obstétrica, a fim de contemplar um bom prognóstico para toda população feminina. **Metodologia:** Trata-se de um estudo ecológico, com análise de dados secundários obtidos no Sistema de Informações Hospitalares do Sistema Único de Saúde (SIH/SUS-DATASUS). Analisou-se as internações de mulheres por hemorragia pós-parto no Brasil, entre 2014 a 2023, coletados em maio de 2024. As variáveis ponderadas foram: região, faixa etária, cor/ raça, caráter e regime de atendimento, óbito e taxa de mortalidade. **Resultados e Discussão:** Entre as 24.712 internações notificadas no Brasil, a região Sudeste representa 40,09% destas. Em relação às características sociodemográficas, 41,34% se identificam como pessoa parda e a faixa etária mais expressiva foi de 20 a 29 anos de idade, com 46,09% das internações. Sobre o atendimento, 97,01% foram de caráter urgente. Já o regime do atendimento, só há especificação do tipo até o ano de 2015, deste ano em diante esta classificação foi ignorada na notificação, representando 84,78% das internações. No entanto, somente 241 mulheres foram a óbito por consequência da hemorragia pós-parto, representando uma taxa de mortalidade de 0,98%. **Conclusão:** Portanto, através dos dados coletados, pode-se atestar que a hemorragia pós-parto (HPP) é uma emergência obstétrica, em vista da recorrência do seu tipo de internação. Dessa maneira, infere-se que as gestantes da região sudeste são as mais acometidas por tal condição, sugerindo que seu rastreamento precoce deva receber mais atenção das autoridades responsáveis. Finalmente, conclui-se que a faixa de maior incidência de internações por HPP é a de mulheres jovens, o que possibilita desfechos mais favoráveis e baixa mortalidade, menos de 1% na população brasileira.

Palavras-chave: hemorragia pós-parto, epidemiologia, Brasil.

ANÁLISE EPIDEMIOLÓGICA DE ÓBITOS MATERNOS NO ESTADO DO MARANHÃO NOS PERÍODOS ENTRE 2020-2022

Júlia Vieira Sampaio¹; Karine Keila de Sousa Vieira Sampaio²

Graduando em medicina pela Universidade Ceuma – campus Imperatriz¹, Docente do curso de medicina da Universidade Federal do Maranhão – campus Imperatriz²

juliavvieirasampaio@gmail.com

Introdução: O índice de morte materno, atualmente, consiste em um dos principais indicadores disponíveis para consulta no DATASUS (Departamento de Informação e Informática do Sistema Único de Saúde), já que traduzem a saúde da mulher em contextos específicos, além de fundamentar o desenvolvimento de programas de atenção à saúde nesse âmbito. Dessa forma, a mortalidade materna, definida como óbito durante a gravidez ou em até 42 dias após o parto, é capaz de revelar, quando em números alarmantes, possíveis falhas nas diretrizes e políticas de saúde direcionadas a essa esfera. **Objetivo:** Analisar epidemiologicamente as mortes maternas no Maranhão nos anos de 2020 a 2022. **Metodologia:** Corresponde a um estudo quantitativo, descritivo e transversal, com abordagem documental, servindo-se de dados secundários levantados no Departamento de Informática do Sistema Único de Saúde (SIH/DATASUS) no período compreendido entre janeiro de 2020 e dezembro de 2022. **Resultados e discussão:** Com base nisso, as análises realizadas concluíram um total de 322 óbitos maternos notificados no decorrer dos anos em pauta, com destaque para o ano de 2021, sendo ele o que mais se teve registros, sendo, ao total, 146 notificados no Estado. Do número total, predomina-se, em geral, causas diretas ligadas à gravidez (cerca de 62,4%). No que tange ao perfil epidemiológico, tem-se predominância de mulheres entre 30 a 39 anos, que correspondem a quase 41% dos casos, pardas (68,6%) e declaradamente solteiras (146 em 322). Ademais, vale ressaltar que, em média, tais óbitos foram mais frequentes no ambiente intra-hospitalar (quase 92%) e no período puerperal, que registrou 157 ocorridos nos períodos analisados. Por fim, relata-se que praticamente 20% desses óbitos não obtiveram investigação ou desfecho clínico razoável por parte das unidades competentes. **Conclusão:** Desse modo, infere-se a influência de múltiplas variáveis que corroboram esse cenário alarmante atual. Dentre elas, entende-se que mulheres grávidas solteiras tendem a ter menos apoio, financeiro e/ou emocional, facilitando a não adesão às ideais condições de pré-natal. Além disso, subtemde-se, também, que, muitas vezes, a assistência pós-parto é negligenciada pelos profissionais de saúde, já que a grande maioria das mortes ocorre justamente no período puerperal. Assim, conclui-se que o óbito materno continua sendo uma relevante questão de saúde pública, já que traduz, em média, 108 mortes por ano apenas no Maranhão, e que, mesmo diante da alta prevalência, permanece subnotificado e altamente menosprezado pelos profissionais competentes da área.

Palavras-chave: análise. Estado. óbitos maternos.



ANÁLISE TEMPORAL DE EXAMES CITOPATOLÓGICOS: SEGUNDO SISCAN

Thailanne Cardoso Soares¹; Ana Clara de Brito Gomes²; Samila Gomes Ribeiro³

Graduanda de Enfermagem pela Universidade Federal do Ceará¹; Graduanda de Enfermagem pela Universidade Federal do Ceará²; Enfermeira. Docente do Curso de Enfermagem da Universidade Federal do Ceará³

thailanne2010@alu.ufc.br

INTRODUÇÃO: O câncer uterino é um tumor que possui como agente etiológico o papiloma vírus humano (HPV), no qual o contágio ocorre durante o contato sexual. Conforme o Instituto Nacional do Câncer, o câncer do colo do útero é o terceiro tumor mais incidente em mulheres. Com isso, a enfermagem desempenha um papel crucial de educação e conscientização sobre a importância do exame preventivo para rastreio e detecção precoce do câncer uterino, além de realizar o exame, garantindo que as mulheres tenham acesso a esse serviço de prevenção. **OBJETIVOS:** Descrever a incidência de câncer de colo do útero nos últimos 10 anos, de 2014 a 2023. **METODOLOGIA:** Estudo documental e descritivo com dados secundários procedentes do Departamento de Informática do Sistema Único de Saúde (DATASUS), utilizando o Sistema de Notificação de Câncer (SISCAN). Os dados foram divididos em dois períodos. De 2014-2018 como o primeiro período observado, e como segundo período os anos de 2019-2023. A variável desfecho foram os casos de câncer de colo de útero e a variável predatória foi faixa etária. **RESULTADOS:** Foi possível observar que no primeiro período de 2016 a 2019 a faixa etária com maior incidência de câncer uterino foi entre 35 e 39 com 2.279.915 casos de mulheres diagnosticadas com câncer de colo uterino, condizente com 13,21% do valor total analisado. Ademais, ao se examinar o segundo período, de 2019 a 2023, verifica-se que houve 2.752.404 diagnósticos da doença com a mesma faixa etária mencionada, correspondendo a 13,79% do total de casos, sendo o intervalo de idades com segunda maior incidência de casos, ficando atrás apenas para a idade de 40 a 44 anos que obteve 2.803.027 casos. Logo, observa-se aumento nos casos de câncer uterino das idades de 35 a 39 anos. **CONCLUSÃO:** Assim, pode-se indicar que com a maior informação da população e a atuação da enfermagem, pode-se diagnosticar mais casos do tumor, agindo prontamente para o tratamento mais precocemente. Por fim, ressalta-se que a enfermagem continua atuando para o diagnóstico precoce das lesões pré-cancerígenas, visto que tal ação está intrinsecamente ligada à mais diagnósticos prévios do desenvolvimento do câncer uterino.

Palavras-Chave: câncer de colo uterino; Papilomavírus Humano; incidência.

ANOREXIA NERVOSA EM GESTANTES – IMPLICAÇÕES NO PRÉ E NO PÓS-PARTO: UMA REVISÃO DE LITERATURA

Beatriz de Almeida Fraga¹; Igor Rodrigues da Silva¹; Izabel Guadalupe dos Santos Mendonça¹; Paulo José Tavares de Lima²

Graduando(a) em medicina pelo Centro Universitário Maurício de Nassau de Recife¹, Professor do curso de bacharelado em medicina do Centro Universitário Maurício de Nassau de Recife².

✦ ✦
biaafraga787@gmail.com

Introdução: A anorexia nervosa, caracterizada por uma distorção da imagem corporal, recusa alimentar e obsessão por controle de peso, acomete principalmente mulheres em idade reprodutiva. Contudo, pesquisas sobre suas implicações na gravidez durante o pré e o pós-parto são escassas. Desse modo, os riscos que acometem as gestantes com anorexia evidenciam a necessidade de estudos mais aprofundados a respeito do tema. **Objetivo:** Discorrer, através de uma revisão de literatura, sobre como o transtorno de anorexia nervosa impacta na gestação e no puerpério. **Metodologia:** A pesquisa foi desenvolvida no primeiro semestre de 2024, por meio de uma busca criteriosa nas bibliografias das bases de dados SCIELO e PubMed, utilizando-se dos descritores “Anorexia”, “Anorexia nervosa”, “Gravidez” e “Período Pós-Parto”. Estiveram presentes como critérios de inclusão: (a) Artigos sem restrições de data; (b) escritos nas línguas portuguesa e inglesa; (c) que abordassem sobre a anorexia nervosa e suas repercussões no período gestacional. Foram usados como critérios de exclusão, artigos com dados repetidos e que não abrangessem o tema. **Resultados e Discussão:** A anorexia nervosa (AN) possui uma alta taxa de mortalidade, tornando-se ainda mais preocupante durante a gravidez. Mulheres anoréxicas grávidas frequentemente apresentam complicações como hiperêmese gravídica, partos de bebês prematuros e com baixo peso. Esses riscos aumentam devido à baixa ingestão de calorias, deficiências nutricionais e estresse, características comuns da AN. Estudos comprovam que o baixo peso pré-gestacional e o ganho de peso insuficiente durante a gravidez contribuem para tais problemas. Ademais, no puerpério, foi observado que a desnutrição e os comportamentos obsessivos com o peso podem levar à depressão pós-parto, negligência com o bebê e dificuldades na amamentação. Assim, é importante ressaltar que a recuperação da AN é um processo complexo e que a maioria das pacientes, por sentimento de vergonha e culpa, possuem reticências em relatar o transtorno, dificultando o diagnóstico e o tratamento adequado. **Conclusão:** O diagnóstico precoce da anorexia nervosa em gestantes é crucial para garantir uma gravidez saudável e segura para mãe e bebê. Através de medidas educativas, profissionais de saúde qualificados e acompanhamento multidisciplinar, podemos combater o estigma e garantir que mulheres com esse transtorno recebam o apoio necessário para ter uma gestação plena e livre de complicações.

Palavras-chave: anorexia; anorexia nervosa; gravidez; período pós-parto



ANTICONCEPCIONAIS HORMONAIS E SUA ASSOCIAÇÃO NO DESENVOLVIMENTO DE TROMBOSE VENOSA CEREBRAL: UMA REVISÃO DE LITERATURA

Nicolas Calheiros Santos¹; Ana Luiza Soares Castro Gaia²; Anny Beatriz Calheiros Moura³; Wanderliza Laranjeira Coutinho⁴

Graduando em Medicina pela Universidade Federal de Alagoas¹; Graduanda em Medicina pelo Centro Universitário CESMAC²; Graduanda em Medicina pela Universidade Federal de Alagoas³; Médica Residente em Ginecologia e Obstetrícia pela Universidade Estadual de Ciências da Saúde de Alagoas⁴

(nicolas.santos@famed.ufal.br)

Introdução: No Brasil, o uso do anticoncepcional aumentou especialmente nas últimas duas décadas. Concepções atuais mostram que muitas mulheres tomam esses medicamentos inadequadamente, sem acompanhamento ou prescrição médica. Diante disso, o uso de anticoncepcionais orais (ACO) aumenta o risco de trombose venosa cerebral (TVC), visto que seu mecanismo de ação está intimamente associado à cascata de coagulação e, pode variar conforme tipo, duração e outros contraceptivos hormonais (CHs). A TVC define-se como uma oclusão no território venoso cerebral e sua incidência aumenta progressivamente, especialmente nos países em desenvolvimento. É observada mais frequentemente em mulheres jovens, que não realizam rastreio clínico, fator crítico no desenvolvimento dessa patologia. A clínica depende fundamentalmente da topografia da trombose, com diagnóstico de confirmação baseado principalmente nos testes de imagem. O tratamento geralmente consiste em anticoagulação, podendo outras opções serem consideradas, dependendo da gravidade do caso. **Objetivo:** Verificar a associação entre anticoncepcionais hormonais ao desenvolvimento de Trombose Venosa Cerebral em mulheres. **Métodos:** Trata-se de uma revisão de literatura, com pesquisa realizada nas bases de dados BVS e PubMed, utilizando os descritores “hormonal contraceptives” AND “cerebral venous” AND “thrombosis”. Como critérios de inclusão, foram selecionados: artigos gratuitos completos, período entre 2014 a 2024, nos idiomas português e inglês. Critérios de exclusão: artigos duplicados e sem pertinência temática. Entre os 52 resultados encontrados, somente 8 compuseram o estudo final. **Resultados:** Observou-se, a partir dos estudos, uma associação entre o uso de ACO ao aumento do risco de TVC, indicando que mulheres em idade reprodutiva que utilizam ACO têm probabilidade 7,59 vezes maior de desenvolver TVC, comparado a não usuárias. Possível explicação é que os ACOs interferem na cascata de coagulação, promovendo diminuição da função anticoagulante. Além disso, estudos apontam que CHs atuais, especialmente os de terceira geração e as pílulas combinadas com estrogênio aumentam, consideravelmente, o risco de TVC, assim como o uso de anéis vaginais combinados e adesivos transdérmicos. Além disso, fatores como obesidade, tipo de pílula e a existência de distúrbios onco-hematológicos também têm sido associados ao acometimento. **Conclusão:** Evidenciam-se os riscos aumentados de eventos trombóticos em usuárias de ACO em virtude da influência farmacológica nos processos fisiológicos. Dessa forma, faz-se imprescindível o reforço quanto ao uso racional dos ACOs e o alerta relacionado à adoção de contraceptivos hormonais sem instrução e aprovação médica, principalmente em pacientes obesas ou em puerpério, tendo em vista a essencialidade da assistência e da atuação médica no rastreio de precedentes.

Palavras-chave: Mulheres; anticoncepcionais hormonais; trombose venosa cerebral.

ARTICULAÇÃO ENTRE UNIDADES DE PRONTO ATENDIMENTO E SISTEMA DE GARANTIA DE DIREITOS DA MULHER

Ediney Linhares da Silva¹; Karla Caroline Barbosa Dote¹

Mestre em Ensino na Saúde pela Universidade Estadual do Ceará¹

edineylinhares@gmail.com

Introdução: A violência doméstica é um desdobramento da questão social que gera grande preocupação para os órgãos de defesa de direitos da mulher. Muito embora haja avanços na legislação brasileira, como exemplo, os efeitos da Lei Maria da Penha para agressores, ainda há de se pensar estratégias para o combate às expressões ofensivas ao estrato social citado. No intuito de estender ações de proteção à mulher, Unidades de Pronto Atendimento corroboram com o acompanhamento de casos de violência, entre outros atos que desrespeitam o ser de direitos e firmam os preceitos constitucionais vigentes. **Objetivo:** Apresentar a atuação do assistente social no combate à violência doméstica em unidade de pronto atendimento. **Metodologia:** Trata-se de pesquisa descritiva, de natureza qualitativa, alicerçada em relato de experiência acerca da atuação do assistente social em Unidade de Pronto Atendimento localizada na cidade de Caucaia/CE. O período de análise contemplou o bimestre março e abril de 2024. Foram utilizadas as observações simples e participante, com registros efetuados em diário de campo, sendo respeitados os princípios éticos aplicados ao relato. **Resultados e Discussão:** No período descrito foram registradas 13 notificações de violência na unidade de saúde, estando entre estas, tentativas de suicídio e agressões físicas à mulher. Para cada ocorrência, cabe ao assistente social realizar registro junto ao Sistema de Informação de Agravos de Notificação e, mediante anamnese social, identificar órgãos de defesa de direitos para o devido encaminhamento das vítimas e suas demandas. Neste caso, busca-se articulação com delegacia especializada e instituições públicas, como a Casa da Mulher Brasileira, na capital cearense, para que a mulher em risco possa receber cuidados e suporte psicossocial necessários à retomada de sua rotina, não eximindo a unidade de saúde da intervenção médica condizente com o quadro clínico apresentado. Se faz importante, também, a realização de educação em saúde perante usuários dos serviços de saúde e trabalhadores desta área para apropriá-los de conhecimento aplicável ao apoio às vítimas e condução às instituições protetivas. **Considerações finais:** Mediante o exposto, considera-se que o assistente social desempenha uma função essencial na defesa intransigente dos direitos da mulher vítima de violência doméstica nos casos atendidos em unidade de pronto atendimento. Ações educativas, escuta qualificada e orientações técnicas são fundamentais no empoderamento feminino e possibilitam, em meio aos traumas, a reflexão sobre o trajeto que cada indivíduo segue para que decida quebrar o ciclo de agressões vivido.

Palavras-chave: Unidade de Pronto Atendimento; Violência Doméstica; Serviço Social.

AS COMPLICAÇÕES GERADAS PELA MIOMATOSE UTERINA NO TRATAMENTO TARDIO: RELATO DE EXPERIÊNCIA

Régilla Nataly Santana de Freitas¹; Aline Barreto Hora²

¹Graduanda em Enfermagem, Universidade Tiradentes, Aracaju. Sergipe

²Enfermeira, Mestra em Saúde e Ambiente, Universidade Tiradentes, Aracaju. Sergipe

(freitasregilla@gmail.com)

Introdução: A miomatose uterina é uma doença caracterizada por apresentar tumores benignos, comuns em idade reprodutiva, cuja justificativa para seu acontecimento, decorre de fatores hormonais, genéticos ou moleculares. Segundo estudos, entre janeiro de 2013 e novembro de 2023 foram realizadas 851.618 hospitalizações no Brasil pela doença, sendo que 93,7%, tratavam-se de mulheres entre 30 a 59 anos, além disso, mulheres de raça preta ou parda costumam estar mais suscetíveis ao distúrbio. Demais, os leiomiomas, apesar de benignos podem desencadear complicações posteriores graves a depender dos casos, a exemplo estão: complicações hemodinâmicas, neurológicas e físicas. **Objetivo:** Relatar a experiência de compreender como a leiomiomatose pode ser prejudicial à saúde da mulher quando negligenciada, baseando-se em um estudo de caso durante o estágio hospitalar. **Metodologia:** O presente trabalho trata-se de um relato de experiência, do estágio universitário, realizado no Hospital Cirurgia na cidade de Aracaju, estado de Sergipe, durante o ano de 2023, o presente hospital é uma referência para o Sistema Único de Saúde, com foco na área cardiológica e oncológica, entretanto também acolhe outras enfermidades. **Resultados e Discussão:** Ao realizar o estudo de caso em uma mulher de 48 anos, de cor parda, que vivenciou três partos cesarianos e apresentava anemia ferropriva grave, além de paralisia total do lado esquerdo do corpo decorrente de um acidente vascular encefálico isquêmico (AVEi) relacionado aos miomas, foi possível identificar várias nuances importantes. A doença foi diagnosticada em 2020, mas o tratamento cirúrgico só ocorreu em novembro de 2023. Este atraso no tratamento proporcionou um panorama abrangente para análise das possíveis complicações decorrentes dos miomas. Os miomas, embora benignos, podem causar complicações significativas como sangramento uterino intenso, resultando em anemia grave. No caso estudado, a anemia severa pode ter contribuído para a diminuição da oxigenação dos tecidos, incluindo o cérebro, aumentando assim o risco de um acidente vascular encefálico. Além disso, a presença de miomas pode estar associada a um estado hipercoagulável, elevando a probabilidade de formação de coágulos sanguíneos que podem levar a um AVEi. **Considerações finais:** Este relato apresenta a experiência de uma acadêmica que, através de pesquisa prática e bibliográfica, descobriu como a negligência na miomatose pode levar a complicações graves, como anemia severa e acidente vascular encefálico isquêmico (AVEi). O estudo destaca a importância do diagnóstico precoce e tratamento adequado, reforçando a necessidade de conscientização sobre a miomatose entre profissionais de saúde e pacientes.

Palavras-chave: Miomatose; Saúde da Mulher; AVEi.

AS DIFICULDADES ENCONTRADAS PELA EQUIPE DE ENFERMAGEM NO TRATAMENTO DA SÍFILIS GESTACIONAL

Giovana Gonçalves de Goes; Sarah Caroline Gonçalves Furtado

Graduanda em enfermagem pela Universidade Paulista, Graduada em Enfermagem pela Universidade da Amazônia.

✦
gigigoes.0909@gmail.com ✦

Introdução: A sífilis é uma doença infectocontagiosa de evolução crônica, causada pelo bacilo *Treponema pallidum* e sua transmissão é majoritariamente sexual, mas também pode ser por transmissão vertical para o embrião ou feto em qualquer fase da gravidez e pode ser diferenciada em sífilis primária caracterizada por lesões ulceradas nas genitais, sífilis secundária caracterizada por lesões cutâneas que podem se alastrar pelo corpo todo e a sífilis latente não apresenta sintomas. O diagnóstico da sífilis é realizado através de testes rápidos fornecidos pelo Sistema Único de Saúde (SUS) nas Unidades Básicas de Saúde (UBS) e o não tratamento da sífilis em gestantes pode causar aborto, óbitos neonatais e sífilis congênita e o tratamento é realizado com medicamento, a penicilina. O enfermeiro possui um papel importante no processo de acompanhamento e tratamento das gestantes durante e pós o pré-natal.

Objetivo: Enfatizar as principais dificuldades enfrentadas pela equipe de enfermagem o tratamento da sífilis gestacional. **Metodologia:** Trata-se de uma Revisão Integrativa da Literatura, onde foi feita uma pesquisa pela base de dados da BVS (Biblioteca Virtual em Saúde), realizada no mês de abril de 2024. Estruturada a partir dos Descritores em Ciências da Saúde (DeCs): " Sífilis Latente ", "Cuidados de Enfermagem", " Doenças Sexualmente Transmissíveis ", através das bases de dados: Eletrônica Library Online (SCIELO), Brazilian Journal of Health Review (BJHR) e Revista Multidisciplinar em Saúde. Foram coletados dados a partir de artigos e documentos publicados nos anos de 2019 a 2023, no idioma português pesquisados a partir das bases de dados com inclusão dos artigos que estavam diretamente relacionados aos objetivos do estudo. **Resultados:** Foram encontrados 39 estudos nas bases de dados citada, sendo selecionado apenas 3 para compor a pesquisa, após a leitura dos títulos e resumos. O tratamento da sífilis gestacional possui diversos desafios identificados pela equipe de enfermagem, como o tratamento concomitante de parceiro, por motivos de dificuldades de comparecer à unidade, mas principalmente por não terem conhecimento dos riscos. Outro desafio é manter os exames em dia, já que, no pré-natal ao longo das consultas é preciso realizar com frequência testes rápidos (treponêmico) e exame VDRL, que é um teste quantitativo para acompanhamento. Além, da dificuldade em realizar o tratamento corretamente, com as doses necessárias em intervalo adequado, o que requer muita atenção da equipe de enfermagem e disposição em facilitar este processo para que a gestante possa concluir o tratamento. **Conclusão:** Conclui-se que a enfermagem possui um papel importante na prestação de uma assistência adequada às gestantes no tratamento da sífilis gestacional, cabe a enfermagem encontrar formas de enfrentar os desafios apresentados, a fim de oferecer um tratamento adequado a todas as gestantes mesmo com seus impedimentos.

Palavras-chave: Sífilis; Gestante; Enfermagem.

ASSISTÊNCIA À SAÚDE DA MULHER NO PRÉ-NATAL DE BAIXO E ALTO RISCO

Maria Isabel Ferreira de ¹; Yasmin Thalita Oliveira do Nascimento²; Rafaela Coelho da Silva³; Ana Paula Martins de Oliveira⁴.

Estudante de enfermagem pela Faculdade São Miguel¹, Estudante de enfermagem pela Faculdade São Miguel², Estudante de enfermagem pela Faculdade São Miguel³, Cirurgiã-dentista pela Universidade de Pernambuco⁴.

mariaisabel220505@gmail.com

Introdução: Com o surgimento de uma vida sendo gerada no útero de uma mulher, inicia-se o período gestacional, tornando o pré-natal uma assistência necessária e vital para a saúde da mãe e do bebê. Ao contrário das visitas anuais corriqueiras ao ginecologista, o pré-natal representa um acompanhamento regular, um direito garantido por lei a todas as mulheres. **Objetivo:** O presente estudo visa analisar a importância da assistência médica no pré-natal, tanto em casos de baixo quanto de alto risco, para a saúde da mulher. **Metodologia:** Este é um estudo documental com abordagem qualitativa que busca compreender como garantir a segurança da mulher durante a descoberta de sua gravidez e como fornecer uma assistência adequada à sua saúde. **Resultados e Discussões:** Diversos estudos e pesquisas revelam que, durante o período gestacional, há uma ênfase significativa na saúde e no desenvolvimento do bebê. No entanto, é essencial reconhecer que, enquanto o bebê está em desenvolvimento, a mulher está passando pela transição para a maternidade, requerendo assistência e cuidados específicos. A gravidez pode ser classificada como de baixo risco quando a mulher enfrenta problemas como infecções urinárias, esforço físico constante, insegurança em relação à gestação ou problemas familiares em casa. Por outro lado, uma gravidez de alto risco pode estar associada a condições como doenças sexualmente transmissíveis, diabetes gestacional, problemas respiratórios, anemia ou histórico de aborto espontâneo. **Considerações Finais:** É evidente a importância de uma assistência adequada à saúde da mulher, principalmente durante a gravidez. Cada pré-natal requer cuidados, acompanhamento e assistência específicos, adaptados às necessidades individuais da gestante. Quando realizados de forma adequada e oportuna, conforme as particularidades da gestação, seja ela de baixo ou alto risco, esses cuidados proporcionam à mulher uma sensação de segurança, conforto, proteção, acolhimento e assistência, não apenas como mãe, mas como indivíduo. Portanto, é crucial que os serviços de saúde estejam preparados para oferecer uma assistência integral e personalizada durante o pré-natal, reconhecendo as diversas realidades e necessidades das gestantes. Por meio de uma abordagem centrada na mulher, é possível garantir uma experiência de gravidez mais saudável e satisfatória, contribuindo não apenas para o bem-estar da mãe, mas também para o desenvolvimento saudável do bebê.

Palavras-chave: assistência; pré-natal; mulher.



**ASSISTÊNCIA DE ENFERMAGEM A PACIENTES QUE SOFRERAM PERDA
GESTACIONAL: UMA REVISÃO INTEGRATIVA**

Karla Milena de Oliveira Lima¹; Iandara Ainã Silva de Carvalho¹; Sabrina de Albuquerque Arruda¹;
Isadora Sabrina Ferreira dos Santos²

Graduanda em Enfermagem pela Universidade Federal de Pernambuco¹, Mestranda em Saúde Pública
pelo Instituto Aggeu Magalhães/Fiocruz-PE²

karla.milena@ufpe.br

Introdução: A perda gestacional (PG) é a interrupção da gravidez antes da vigésima semana de gestação ou quando o feto pesa menos de 500 gramas, configurando-se um grave problema de saúde pública. Cerca de 30% das gestações resultam em PG, causando sentimentos negativos para aqueles envolvidos no processo. Essa ocorrência pode ser desencadeada devido a várias complicações durante a gestação, que ocorre muitas vezes de forma inesperada. O que impacta significativamente na saúde física, mental e emocional das mulheres e familiares. Dessa maneira, evidencia-se a importância do profissional enfermeiro nesse processo, uma vez que na assistência de enfermagem à PG demanda sensibilidade, empatia e compaixão dos profissionais. **Objetivo:** Descrever a assistência realizada pelos profissionais de enfermagem, a pacientes que sofreram perda gestacional, conforme a literatura. **Metodologia:** Trata-se de uma revisão integrativa da literatura. O levantamento bibliográfico abrangeu os periódicos da Biblioteca Virtual em Saúde (BVS) e Scopus no período de maio de 2024. Foram aplicados os descritores: “cuidados de enfermagem” e “aborto espontâneo”, registrados nos Descritores em Ciências da Saúde. Os critérios de inclusão consideraram artigos publicados entre 2019-2024, em inglês ou português e de temática objetivada, sendo excluídos aqueles que não atenderam aos critérios e fugiram do tema. Inicialmente foram encontrados 483 estudos, 346 na BVS e 137 na Scopus. Após a leitura, análise e aplicação dos critérios de inclusão e exclusão, foram selecionados 7 estudos. **Resultados e Discussão:** A literatura revisada evidencia como principais resultados que a assistência de enfermagem é pautada na humanização e cuidado integral do paciente, cujas etapas iniciais da assistência em casos de PG são: o acolhimento do paciente e seus familiares, orientações e esclarecimento de dúvidas. Além disso, ressalta a monitorização contínua dos sinais vitais e de potenciais complicações, como hemorragias e infecções. A pesquisa também destaca a atuação dos profissionais na disseminação de informações claras sobre as possíveis causas da PG, suas consequências para gestações futuras e opções de tratamentos disponíveis, bem como a preocupação e engajamento no reconhecimento da necessidade de separação adequada de leitos hospitalares entre pacientes que deram à luz a bebês saudáveis e aquelas que sofreram PG. **Conclusão:** Diante do exposto, ficou evidente que a assistência dos profissionais de enfermagem é fundamental para a perda gestacional na promoção do bem-estar físico, emocional e psicossocial aos pacientes. Assim como, proporciona a humanização do cuidado e a educação em saúde e fomenta na contribuição para diretrizes de saúde mais eficazes.

Palavras-chave: cuidados de enfermagem; aborto espontâneo; saúde da mulher.

ASSISTÊNCIA DE ENFERMAGEM À SAÚDE DAS MULHERES PRIVADAS DE LIBERDADE: REVISÃO NARRATIVA

Lara Rebeca Piauilino Freitas de Sá ¹; Maria Divina Vieira de Sá ²; Maria Clara Rodrigues Camelo ³; Lara Fernanda Pereira de Souza ⁴; Bruna Menezes Souza de Jesus ⁵; Joana Pereira Medeiros do Nascimento ⁶; Igho Leonardo do Nascimento Carvalho ⁷

Graduanda em Enfermagem pela Universidade Federal do Piauí ^{1,2,3}, Graduanda em Enfermagem pelo Centro Universitário Celso Lisboa ⁴, Graduanda em Enfermagem pela Faculdade Adventista da Bahia ⁵, Graduada em Enfermagem pela Universidade Católica de Pernambuco ⁶, Doutor em Saúde Coletiva pela Universidade de Fortaleza ⁷

lararebecafs@gmail.com

Introdução: O sistema prisional oferece condições indignas para as pessoas privadas de liberdade devido à superlotação, à falta de infraestrutura, ausência de cuidados médicos e higiene pessoal adequadas. Por isso, a assistência de enfermagem é crucial para promover a saúde das mulheres privadas de liberdade que enfrentam desafios relacionados à saúde física, emocional e social devido ao acesso limitado aos cuidados de saúde. Logo, cabe a equipe de enfermagem fornecer apoio emocional e educacional, realizar triagem, prevenção e controle de doenças, cuidados ginecológicos, pré-natais e entre outros. **Objetivo:** Compreender a importância das intervenções de enfermagem na assistência à saúde das mulheres privadas de liberdade. **Metodologia:** Trata-se de uma revisão narrativa da literatura, realizada em maio de 2024, a partir da coleta de artigos nas plataformas BVS e SciELO, através dos descritores: “assistência de enfermagem, detentas e saúde da mulher”, combinados com o conector booleano AND. Como critérios de inclusão: estudos disponíveis on-line, na íntegra, de livre acesso e na língua portuguesa, no período de 2015 a 2021, que contemplassem a atuação do enfermeiro no cuidado à saúde das mulheres privadas de liberdade. Os critérios de exclusão: artigos que apresentavam duplicidade e não se encaixavam na temática do estudo. **Resultados e Discussão:** Embora o Sistema Único de Saúde (SUS), assegure o direito aos cuidados de saúde dos indivíduos privados de liberdade, identificou-se na pesquisa a fragilidade biopsicossocial das mulheres privadas de liberdade quanto à insuficiente assistência de saúde disponibilizada pelo sistema prisional. Os principais achados indicam doenças infecciosas, doenças crônicas não transmissíveis, problemas de saúde mental e complicações ginecológicas e obstétricas, pela falta de acompanhamento adequado. A assistência de enfermagem é essencial para realizar o acolhimento e suporte emocional, implementar ações preventivas como programas de educação sexual e reprodutiva, campanhas de vacinação, e monitoramento contínuo de gestantes e puérperas, realizar triagens regulares, e promover a educação em saúde para reduzir a vulnerabilidade das detentas. **Conclusão:** Em suma, evidenciou-se a relevância das ações de enfermagem que contemplem a promoção da saúde no ambiente carcerário através de práticas informativas e humanizadas inclusas na rotina do ambiente, para desenvolver nas detentas responsabilidade no cuidado a saúde, visando prevenir doenças, posto que, muitas delas não possuem o conhecimento necessário para tanto. Assim, o enfermeiro deve se dedicar a estabelecer uma comunicação segura e confiável com as pacientes para prestar uma assistência efetiva e de qualidade ao atender às necessidades manifestadas pelas mulheres encarceradas.

Palavras-chave: cuidados de enfermagem, pessoa encarcerada, saúde da mulher.



ASSISTÊNCIA DE ENFERMAGEM AO PARTO HUMANIZADO

Anny Beatriz Ferreira¹; Jullia Barros de Almeida¹; Sophia de Oliveira Moura Seabra Magalhães¹;
Deyla Moura Ramos²

Graduanda em enfermagem pelo Centro Universitário Facex¹, Doutora em Enfermagem pela
Universidade Federal do Rio de Grande do Norte²

almeidabarrosju@outlook.com

Introdução: O Programa de Humanização do Pré-natal e Nascimento (PHPN), objetiva reduzir as altas taxas de mortalidade materna, perinatal e neonatal registradas no Brasil, por meio de estratégias que incentivem o pré-natal e o acompanhamento regular dos recém-nascidos (RN). Nesse contexto, a enfermagem, especialmente a especializada em obstetrícia, entra como uma das categorias profissionais responsáveis por ofertar esse cuidado integral, humanizado e baseado em evidências científicas para a tríade mãe-bebê-família, tendo em vista que são uma classe autônoma e que prestam o cuidado beira leito mais prolongado. **Objetivo:** Descrever a importância da assistência da enfermagem ao parto humanizado. **Metodologia:** Estudo descritivo do tipo revisão integrativa da literatura. A seleção dos artigos ocorreu no mês de maio de 2024, nas bases de dados: Lilacs e BDEF. Os Descritores em Ciências da Saúde (DeCS) utilizados foram: assistência de enfermagem, parturiente e parto humanizado. Para o refinamento utilizou-se o operador booleano *and*. Adotou-se como critérios de inclusão, estudos em português, no formato de artigos completos e gratuitos, que abordassem de forma clara o tema proposto, nos últimos cinco anos. Excluíram-se cartas ao editor, dissertações, teses e monografias. Para esta revisão foram selecionados quatro artigos e uma portaria do MS. **Resultados e Discussão:** Vale destacar que a participação ativa das gestantes e seus acompanhantes, é essencial para adquirir conhecimento sobre todo o processo do parto humanizado, expressando seus anseios e compreendendo as intervenções necessárias. Para os enfermeiros, a prática de humanização no parto se caracteriza como uma assistência individualizada que respeita o corpo e o sistema fisiológico da parturiente, necessitando de conhecimento técnico-científico para atuar nos estágios do trabalho de parto. Também cabe a eles o repasse de informações sobre os direitos legais das gestantes. A presença constante da equipe de enfermagem durante todas as fases do parto transmite segurança e tranquilidade, além de esclarecer dúvidas e auxiliar no pós-parto. **Conclusão:** Diante do exposto, a assistência de enfermagem ao parto humanizado é de suma importância, pois visa proporcionar uma experiência mais respeitosa, segura e acolhedora para as mulheres durante o processo do partear. Assim, é essencial que os profissionais de enfermagem, estejam capacitados e sensibilizados para orientar as parturientes sobre seus direitos, e compreender os seus anseios para o momento, contribuindo assim, de modo geral para a promoção da saúde materno-infantil e redução da mortalidade materna.

Palavras-chave: assistência de enfermagem; parturiente; parto humanizado.

ASSISTÊNCIA DE ENFERMAGEM AO PRÉ-NATAL DE ALTO RISCO: ESTRATÉGIAS DE CUIDADO

Samara Rebeca Silva de Miranda¹; Isa Valesca dos Santos Coelho¹; Larissa Barbosa Moreira¹; Oliviana do Socorro Miranda Tavares¹; Edvinny Caroline Barbosa de Freitas²

Graduanda de enfermagem pela Universidade Federal do Pará¹, Graduada em Enfermagem pela
Universidade Paulista²

samara.miranda@ics.ufpa.br

Introdução: A gestação configura-se como um processo fisiológico na vida da mulher, contemplando mudanças de caráter físico, social e emocional. No entanto, esta experiência pode acarretar eventos adversos, resultando em uma gravidez de alto risco. Tal situação pode estar atrelada a doenças anteriores à gestação ou durante a gravidez. No Brasil, esse quadro geralmente está associado a doenças hipertensivas, infecções e diabetes. **Objetivo:** Evidenciar a importância do profissional de Enfermagem na assistência ao pré-natal de alto risco. **Metodologia:** O presente trabalho trata-se de uma revisão narrativa da literatura, realizada no período de Setembro de 2023 a Abril de 2024, por meio da análise e interpretação de artigos científicos encontrados nas bases de dados: Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciências da Saúde (LILACS) e *Scientific Electronic Library Online* (SciELO) com os seguintes descritores: assistência de enfermagem, cuidado pré-natal e gravidez de alto risco. Foram incluídos trabalhos escritos na língua portuguesa, pertinentes a temática e que foram publicados entre 2020 e 2024. Foram excluídos artigos que não atendiam ao tema proposto, materiais em língua estrangeira e que foram publicados fora do período temporal escolhido. Obteve-se uma amostra final de 18 artigos, sendo utilizados para o seguinte estudo 3 materiais, por melhor se enquadrarem às particularidades do tema. **Resultados e Discussão:** Através da leitura dos artigos foi possível constatar como o profissional de enfermagem possui um papel fundamental na assistência ao pré-natal de alto risco, pois através do seu acompanhamento torna-se possível identificar as queixas da gestante e intervir da melhor forma. É válido ressaltar, que durante a assistência o enfermeiro não deve manter o foco apenas na sua aptidão técnica, mas também na escuta qualificada, reconhecendo os medos e angústias da paciente. Neste momento, torna-se fundamental a prescrição de cuidados e realização das orientações, utilizando como ferramenta a educação em saúde, com o propósito de reduzir a ansiedade e preocupações relacionadas ao estado clínico. **Conclusão:** Diante do exposto, observa-se que a equipe de enfermagem é essencial no cuidado ao pré-natal de alto risco, pois através de uma assistência de qualidade é possível reduzir os riscos e contribuir para um bom prognóstico. No entanto, para que isso ocorra é necessário que a equipe seja capacitada para atender as demandas da paciente, de acordo com as suas particularidades clínicas, sociais e emocionais, oferecendo um cuidado integral que acolha essa gestante e reduza seus anseios diante desta situação de saúde tão delicada.

Palavras-chave: Assistência de enfermagem; Cuidado pré-natal; Gravidez de alto risco.

ASSISTÊNCIA DE ENFERMAGEM DIANTE À VIOLÊNCIA OBSTÉTRICA

Jacqueline do Nascimento Maciel; Vinicius Gomes Barros

Graduando em enfermagem pela Universidade Nove de Julho, Doutorando em Ciencias de la Salud na Universidad de Oviedo - Espanha

jacquelinem223@gmail.com

Introdução: Há mulheres que são vítimas diariamente de Violência Obstétrica (VO) nas instituições de saúde, são agrupadas de várias formas como no pré-natal, parto, puerpério e abortamento. Dessa forma, pode ser definida como maus-tratos físicos, verbais ou psicológicos. A formação dos enfermeiros obstetras vem passando por mudanças, exigindo envolvimento e desempenho de diversos setores das instituições do serviço de saúde. A assistência de enfermagem tem um papel crucial no aperfeiçoamento do cuidado prestado ao paciente. **Objetivo:** Evidenciar as ações de assistência de enfermagem diante da Violência Obstétrica. **Metodologia:** Trata-se de uma revisão integrativa com abordagem exploratória descritiva. A busca foi realizada no mês de maio de 2024, os documentos foram colhidos nos portais da BVS e PubMed. Os descritores utilizados na Língua Portuguesa foram: (“Violência Obstétrica” OR “Gravidez” AND “Violência contra a Mulher”). Na Língua Inglesa, os descritores foram: (“Obstetric Violence” OR “Pregnancy” AND “Violence against Women”). **Resultados e Discussão:** Após a aplicação dos critérios de elegibilidade foram utilizados 13 artigos do Portal PubMed, publicados na base de dados MEDLINE, e 6 artigos do Portal BVS, publicados na base de dados LILACS. Após a análise dos 19 artigos selecionados, foram excluídos 14, pois estavam duplicados e foram eliminados por exclusão. Os estudos relataram que fazer uma escuta ativa, relatando as queixas e desejos das gestantes, é um mecanismo eficaz de ajudá-las. Para isso, também são utilizados métodos para alívio das dores, evitando procedimentos invasivos, suporte de acompanhamento contínuo de suas escolhas, assistências voltadas à equidade e orientá-las sobre seus direitos relacionados aos partos. Diante dos resultados apresentados, os enfermeiros obstetras são os profissionais da saúde mais bem preparados para uma assistência segura durante o parto e para transformações das práticas da violência. **Conclusão:** Os profissionais de enfermagem evidenciam visões indispensáveis para a evolução da assistência obstétrica, devendo adotar programas de capacitação contínua que visem à redução de episódios de VO. Proporcionando assim, um atendimento seguro, um parto humanizado e contribuindo com atualizações de melhores cuidados para um atendimento de alta qualidade. Uma vez que as gestantes reconheçam as práticas das violências, denunciando e exigindo o planejamento na tomada de decisões dos seus partos.

Palavras-chave: Violência; Obstetrícia; Enfermagem.

ASSISTÊNCIA DE ENFERMAGEM NA DIABETES GESTACIONAL: REVISÃO DE LITERATURA

Bárbara Helen Dutra Soares ¹; Andressa Karla Rodrigues de Souza ²; Nadyely de Melo Apolinário ³; Vanessa Láisa Mendes e Silva ⁴; Valdízia Mendes e Silva ⁵

Graduanda em enfermagem pela Universidade Estadual da Paraíba ¹

Graduanda em enfermagem pela Universidade Estadual da Paraíba ²

Graduanda em enfermagem pela Universidade Estadual da Paraíba ³

Graduanda em enfermagem pela Universidade Estadual da Paraíba ⁴

Mestranda em Saúde Pública pela Universidade Estadual da Paraíba ⁵

barbarasoaras.bh577@gmail.com

Introdução: Diabetes Mellitus gestacional é uma condição em que níveis elevados de glicose no sangue são detectados por volta da 24ª semana de gravidez. Dessa forma, a atuação da enfermagem na diabetes gestacional é essencial para garantir um cuidado integral e eficaz às gestantes. **Objetivos:** Analisar nas literaturas científicas mais recentes como a enfermagem atua na assistência à diabetes gestacional. **Metodologia:** Este estudo compreende uma revisão literária realizada nas bases de dados MEDLINE, LILACS, BDNF. Foram utilizados os descritores: "Assistência" AND "Enfermagem" AND "Diabetes Gestacional". Incluíram-se artigos publicados entre 2019 e 2024, em português e inglês. No total, foram identificados 17 artigos. Após a leitura dos títulos e resultados, foram excluídos aqueles que não se alinhavam com a temática, resultando em uma amostra final de 4 artigos. **Resultados:** Os resultados das novas orientações para o manejo da enfermagem na diabetes gestacional destacam a importância de uma abordagem abrangente e personalizada, adequada às condições e capacidades físicas e financeiras das pacientes. Essa educação envolve instruir as mulheres sobre os sinais e sintomas da hiperglicemia, tratamento adequado e acompanhamento pós-parto, devendo levar em consideração as questões de monitoramento rigoroso dos níveis glicêmicos. Além disso, é importante o aconselhamento de adoção de mudanças no estilo de vida durante as consultas de enfermagem orientando-as sobre a importância da prática de exercícios físicos e o encaminhamento a nutricionistas, visando reduzir o risco da gestante desenvolver diabetes tipo 2. No entanto, a qualidade do gerenciamento da diabetes é afetada por desafios como falta de conhecimento e barreiras culturais e socioeconômicas. Adicionalmente, os enfermeiros possuem uma formação acadêmica insuficiente, proveniente do negligenciamento por parte dos docentes acerca da doença, o que acarreta em uma instrução defasada sobre a enfermidade, ressaltando o impasse na atuação dos profissionais de enfermagem no cuidado das gestantes com esse tipo de diabetes. **Conclusão:** As diretrizes recentemente atualizadas para o cuidado de enfermagem na diabetes gestacional enfatizam a importância de abordá-la de maneira completa e personalizada através da educação sobre hiperglicemia, tratamento adequado e mudanças no estilo de vida. Ademais, melhorar a capacitação dos enfermeiros docentes e a formação dos acadêmicos é essencial para garantir um cuidado abrangente e holístico às mulheres com a doença.

Palavras-chave: Enfermagem; Assistência de Enfermagem; Diabetes Gestacional.

ASSISTÊNCIA DE ENFERMAGEM NA EDUCAÇÃO EM SAÚDE PARA MULHERES EM PERÍODO DE CLIMATÉRIO

Marcos de Jesus Cardoso Ferreira¹; Eduardo Renan Neves Coelho¹; Jhonnatan Gabriel Silva de Souza¹; Ana do Socorro de Sousa Maia²

Graduando em enfermagem pela Universidade do Estado do Pará¹; Enfermeira pela Universidade do Estado do Pará²



marcoscf2001@gmail.com

Introdução: Climatério ou popularmente mais conhecido como menopausa não é considerada uma doença, mas uma ocorrência hormonal natural que afeta a diminuição dos hormônios femininos, que é marcado por mudanças biológicas, fisiológicas e sociais. Os principais sintomas que acometem as mulheres são ondas de calor, transpiração excessiva, tontura, entre outros. A Política Nacional de Atenção Integral à Saúde da Mulher (PNAISM) tem como essência levar a assistência à população feminina em geral, englobando todas as faixas etárias e suas especificidades. **Objetivo:** Ressaltar a importância da assistência de enfermagem para a promoção em saúde de mulheres em período de climatério. **Metodologia:** Revisão integral da literatura (RIL), desenvolvida nos bancos de dados Base de Dados em Enfermagem (BDENF) e Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciência da Saúde (LILACS), utilizou a Biblioteca Virtual em Saúde (BVS) e os descritores: “cuidado de enfermagem” AND “climatério” AND “assistência de enfermagem”. Critério de inclusão: artigos completos, gratuitos, em português, entre 2019 e 2024. Critério de exclusão: artigos que não abrangem o tema central. **Resultados e Discussão:** após a aplicação dos filtros e leitura dos textos, foram encontrados 7 artigos, porém somente 3 artigos se encaixam na temática. Segundo dados alcançados, foi possível perceber que os enfermeiros têm o papel de promover a educação em saúde para as mulheres em período de menopausa, pois as mudanças hormonais acabam afetando tanto biológico como também o emocional. Nessa perspectiva, como o enfermeiro tem contato direto com essas mulheres, por meio da consulta de enfermagem ele deve tirar todas as dúvidas sobre as mudanças que estão ocorrendo, além de dar mais autonomia e empoderamento para elas poderem perceber que isso é apenas um ciclo feminino natural e normal. Dessa forma, o enfermeiro deve ver essas pacientes de forma holística e traçar estratégias para promover a educação em saúde tanto coletiva como individual abordando a realidade de cada uma. **Considerações Finais:** É importante que o enfermeiro faça o acompanhamento dessas mulheres em período de menopausa para auxiliar e orientar nesse momento de grandes mudanças corporais e emotivas, as quais irão refletir na saúde física e mental das mesmas. Além disso, a assistência de enfermagem é um direito de todas como estar assegurado na PNAISM.

Palavras-chave: Assistência de enfermagem; Climatério; Promoção em saúde;

ASSISTÊNCIA DE ENFERMAGEM NA PREVENÇÃO E DETECÇÃO PRECOCE DA DEPRESSÃO PÓS-PARTO

Nadyely de Melo Apolinário¹; Vanessa Láisa Mendes e Silva²; Andressa Karla Rodrigues de Souza³; Bárbara Helen Dutra Soares⁴; Valdízia Mendes e Silva⁵

Graduanda em enfermagem pela Universidade Estadual da Paraíba¹

Graduanda em enfermagem pela Universidade Estadual da Paraíba²

Graduanda em enfermagem pela Universidade Estadual da Paraíba³

Graduanda em enfermagem pela Universidade Estadual da Paraíba⁴

Mestranda em Saúde Pública pela Universidade Estadual da Paraíba⁵

nadyelymelo@gmail.com

INTRODUÇÃO: A depressão puerperal apresenta-se como um distúrbio emocional, que surge no período pós-parto com alta predominância. Está relacionado ao sofrimento biopsicossocial, podendo gerar sérios riscos na saúde da mãe e do bebê. Seus sintomas consistem em fadiga, desânimo, perda de apetite, e ideias suicidas. **OBJETIVOS:** Analisar na literatura como a enfermagem atua na prevenção da depressão pós-parto. **METODOLOGIA:** Trata-se de uma revisão de literatura realizada nas bases BDNF e LILACS. Para tal foram utilizados os seguintes descritores: “Enfermagem” AND “Depressão Pós-Parto” AND “Prevenção”. Foram incluídos os artigos publicados entre 2019 a 2024, escritos em português e inglês. Inicialmente foram encontrados 6 artigos, dos quais, após leitura dos títulos e resumos foi excluído o artigo que não se adequava à temática desejada, resultando na amostra final de 5 artigos. **RESULTADOS:** Observou-se que a enfermagem tem papel indispensável na prevenção da depressão pós-parto, atuando precocemente na sua detecção, nas consultas de pré-natal, perinatal e pós-parto, nas quais podem ser identificados sinais depressivos, indicando possível risco para a doença. Para tal utiliza-se a Escala de Depressão Pós-Parto de Edinburgo, além do fornecimento de acolhimento e escuta ativa das queixas das gestantes e puérperas, estímulo ao autocuidado e oferta de um ambiente de consulta confortável e seguro. A realização de visitas domiciliares constitui também importante mecanismo para o rastreamento da DPP, haja vista que vários aspectos são observados no ambiente no qual as gestantes/puérperas estão inseridas, e orientações podem ser fornecidas à família sobre as questões dessas mulheres. As ações de educação em saúde sobre a temática e a criação de grupos de gestantes, em conjunto com as demais intervenções, são fundamentais para prevenir a depressão pós-parto. Entretanto, é necessário que os profissionais de enfermagem e toda equipe multiprofissional esteja capacitada para detectar e intervir precocemente na depressão pós-parto, a fim de evitar prejuízos para o binômio mãe-bebê. **CONCLUSÃO:** Constatou-se que a assistência da equipe de enfermagem é de suma importância, desde a detecção precoce nas consultas e visitas domiciliares até o estímulo do autocuidado. Além disso, as educações em saúde sobre a temática com grupo de gestantes, são de grande relevância. Dessa maneira, sugere-se que a equipe de enfermagem utilize várias táticas e abordagens a fim de intervir e detectar precocemente a depressão pós-parto, visando amenizar os prejuízos para a mãe e o bebê.

Palavras-chave: Enfermagem; Depressão Pós-Parto; Prevenção.



**ASSISTÊNCIA DE ENFERMAGEM NA PREVENÇÃO E DETECÇÃO PRECOCE DO
CÂNCER DE COLO UTERINO**

Nadyely de Melo Apolinário¹; Vanessa Láisa Mendes e Silva²; Andressa Karla Rodrigues de Souza³;
Bárbara Helen Dutra Soares⁴; Valdízia Mendes e Silva⁵

Graduanda em enfermagem pela Universidade Estadual da Paraíba¹

Graduanda em enfermagem pela Universidade Estadual da Paraíba²

Graduanda em enfermagem pela Universidade Estadual da Paraíba³

Graduanda em enfermagem pela Universidade Estadual da Paraíba⁴

Mestranda em Saúde Pública pela Universidade Estadual da Paraíba⁵

nadyelymelo@gmail.com

INTRODUÇÃO: O Câncer de Colo Uterino consiste em um problema de saúde pública para o qual estima-se o surgimento de 17.010 casos novos por ano entre 2023 e 2025. Para a prevenção e rastreamento das lesões celulares causadas pela patologia é realizado o exame citopatológico. **OBJETIVOS:** Analisar na literatura como a enfermagem atua na prevenção e detecção precoce do câncer de colo uterino. **METODOLOGIA:** Consiste em uma revisão de literatura realizada nas bases BDNF e LILACS. Para tal foram utilizados os seguintes descritores: “Enfermagem” AND “Câncer de Colo Uterino” AND “Prevenção”. Foram incluídos os artigos publicados entre 2019 a 2024, escritos em português e inglês. Ao todo foram encontrados 34 artigos, dos quais, após leitura dos títulos e resumos foram excluídos os artigos duplicados e que não se aproximavam da temática, resultando, então, em amostra final de 5 artigos. **RESULTADOS:** O profissional enfermeiro tem papel fundamental na prevenção e detecção precoce do câncer de colo uterino, e trabalha com autonomia frente a essa questão de saúde, visto que é durante as consultas de enfermagem que o exame papanicolau ou citopatológico, um dos principais métodos de rastreamento, é realizado para identificar precocemente possíveis lesões cancerígenas. Além disso, a enfermagem promove incentivo a realização do exame preventivo, busca ativa e direciona adequadamente as pacientes de acordo com o resultado da coleta. Desenvolve ainda educação em saúde sobre a temática, uma vez que muitas mulheres apresentam vergonha e medo por desconhecerem o procedimento e sua importância, assim como aborda também outras questões preventivas como o uso de camisinha durante as relações sexuais. Outras ações de extrema importância, como a vacinação contra o HPV, vírus que causa as formas mais graves de câncer de colo uterino, também são implementadas pela enfermagem e contribuem para a prevenção do câncer de colo uterino. **CONCLUSÃO:** Constatou-se que o enfermeiro é um profissional de grande importância na prevenção e detecção precoce do câncer uterino, desde a realização do exame de papanicolau até o incentivo à vacinação contra HPV. Dessa maneira, sugere-se que os enfermeiros, principalmente atuantes na Estratégia Saúde da Família, permaneçam em constante atualização e capacitação sobre a temática, visto que é uma categoria profissional extremamente necessária para a detecção precoce e a prevenção desse tipo de câncer.

Palavras-chave: Enfermagem; Câncer de Colo Uterino; Prevenção.

ASSISTÊNCIA DE ENFERMAGEM NO MANEJO DA HEMORRAGIA PÓS-PARTO

Nayanne Vieira Lima¹; Leticia Mirelly Fagundes Xavier¹; Sabrina de Alencar Ribeiro¹; João Carlos Henrique Cordeiro²

Graduanda em enfermagem pela Universidade Regional do Cariri¹, Graduado em Enfermagem pela Universidade Regional do Cariri²

nayannevieiralima@outlook.com

Introdução: A hemorragia pós-parto (HPP) é uma das principais causas de mortalidade materna no Brasil e no mundo. Em 2019, 65,7% das mortes maternas no Brasil foram por causas diretas, com a HPP sendo a segunda maior causa direta. A HPP é definida como a perda sanguínea superior a 500 ml após partos vaginais e 1000 ml em cesarianas. Classifica-se como de início precoce se ocorrer nas primeiras 24 horas, geralmente nas primeiras duas horas, e como tardia se ocorrer entre 24 e 6 semanas pós-parto. A HPP geralmente resulta da atonia uterina, onde o útero não involui adequadamente. É crucial destacar a "hora de ouro" nas hemorragias puerperais, período em que a equipe deve localizar o sangramento em até 60 minutos após o diagnóstico, evitando o agravamento do quadro clínico, aumentando as chances de reversão e prevenindo o óbito materno. Para um manejo clínico adequado, o enfermeiro deve reconhecer a HPP e identificar a etiologia do sangramento. **Objetivo:** Identificar os cuidados de enfermagem destinados a pacientes com hemorragia pós-parto. **Metodologia:** Este trabalho consiste em uma revisão narrativa da literatura, conduzida em maio de 2024. A pesquisa foi realizada na Biblioteca Virtual em Saúde, utilizando as bases de dados eletrônicas Literatura Latino Americana e do Caribe em Ciências e Saúde e Banco de Dados Bibliográficos Especializado na Área de Enfermagem do Brasil, através do cruzamento dos descritores: "Hemorragia Puerperal" e "Assistência de Enfermagem" utilizando o operador booleano AND. Após realização das buscas, 9 referências foram analisadas e 3 foram utilizadas para construção desse estudo. **Resultados e Discussão:** Os principais cuidados de enfermagem em gestantes com HPP envolvem a aferição adequada dos sinais vitais, a quantificação da perda sanguínea (QBL) e a manobra uterina (compressão bimanual). Outros cuidados incluem a infusão de fluidos, administração de ocitocina, aferição da saturação, orientação de alta, montagem de carrinho de emergência para HPP, controle de diurese, esvaziamento da bexiga e administração de O₂. Além disso, a estimulação do vínculo mãe e bebê e implementação da ferramenta de previsão de risco de hemorragia são essenciais no cuidado as gestantes com HPP. **Conclusão:** Diante da complexidade e do impacto da hemorragia pós-parto (HPP) na saúde materna, é crucial que os cuidados de enfermagem sejam direcionados de forma abrangente e precisa. Portanto, a implementação diligente desses cuidados por parte da equipe de enfermagem pode desempenhar um papel crucial na preservação da vida e na promoção da saúde materna.

Palavras-chave: hemorragia puerperal; assistência de enfermagem; gestantes.

ASSISTÊNCIA DE ENFERMAGEM NO PRÉ-NATAL DE BAIXO RISCO

Nayama Sant Anna Belbuche¹

Enfermeira pela Universidade Estácio de Sá de Belo Horizonte e Residente em Saúde da Mulher pelo Hospital Odilon Behrens

Nayamasan.1@gmail.com

Introdução: O pré-natal é a assistência prestada à mulher durante o período gestacional e seu objetivo é garantir uma gravidez saudável e segura, prevenindo e identificando precocemente qualquer agravo na saúde da mulher, também é uma oportunidade para fornecer apoio emocional e psicológico à gestante, ajudando-a a lidar com mudanças físicas e emocionais que ocorrem no ciclo gravídico-puerperal. Além disso, também deve ser utilizado como meio de educação em saúde para elucidação da violência obstétrica e para prevenir desfechos perinatais desfavoráveis. O enfermeiro tem respaldo legal para exercer o acompanhamento do pré-natal de baixo risco. Estudos comprovaram que a atuação de profissionais qualificados no pré-natal influi diretamente nas taxas de morbimortalidade materna. **Objetivo:** Evidenciar os principais cuidados na assistência de enfermagem durante o pré-natal de baixo risco. **Metodologia:** Foi-se utilizada metodologia de revisão bibliográfica, do tipo exploratória com abordagem qualitativa. O estudo foi baseado em 13 publicações indexadas nas seguintes bases de dados: LILACS, Biblioteca Virtual em Saúde, BDNF, SciELO, MedLine e Pubmed, além de 4 protocolos do Ministério da Saúde. Os critérios de inclusão foram: estudos que atendessem ao tema, em português e inglês e com ano de publicação a partir de 2000. Foram excluídos do estudo todos os artigos de relato ou estudo de caso. **Resultados e Discussões:** Os principais cuidados de enfermagem evidenciados no pré-natal são: anamnese, exame físico, solicitação e interpretação de exames, aferição de sinais vitais, determinação da idade gestacional e data provável do parto, desenvolvimento de ações educativas e preventivas, orientação quanto à importância de hábitos de vida saudáveis, à violência obstétrica, à amamentação e também quanto à identificação dos sinais de alarme. O presente estudo também demonstrou a importância da assistência do enfermeiro durante o pré-natal de baixo risco e também a relevância da atuação do profissional de enfermagem como educador e potencializador na busca do autocuidado e da autonomia em saúde das mulheres e, além disso, identificaram-se as problemáticas enfrentadas pelos enfermeiros durante a assistência gestacional. **Considerações Finais:** O contínuo estímulo ao fortalecimento da atuação do enfermeiro durante o período gestacional é indispensável para consolidação da realização do pré-natal e também para redução das taxas de morbimortalidade materna. A gestação compreende um período importante na vida das mulheres, e, dessa forma, é essencial que o enfermeiro desenvolva um cuidado holístico e acolhedor, buscando conhecer o contexto e a história da vida da gestante, fomentando, desse modo, uma assistência integral à saúde mulher.

Palavras-chave: Saúde da mulher; Atenção Primária à Saúde; Educação Pré-natal.

ASSISTÊNCIA DO ENFERMEIRO À MULHER EM SITUAÇÃO DE RUA NO CICLO GRAVÍDICO- PUERPERAL

Brenna Kurt Reis de Moraes Rezende Dante Machado¹; Grazielle Maria Coutinho Dias²; Marenize de Jesus Santos³; Luana Carolina Menezes de Sá Ramos⁴; Kelly da Silva Cavalcante Ribeiro⁵.

Bacharel em Enfermagem pelo Centro de Ensino Superior de Ilhéus-CESUPI¹; Bacharel em Enfermagem pela Faculdade Estácio de Alagoas²; Bacharel em Enfermagem pelo Centro Universitário Maurício de Nassau- Aracaju/ Sergipe³; Bacharel em Enfermagem pela Faculdade de Integração do Sertão-FIS⁴; Mestre em Ciências da Saúde pela Escola Superior de Saúde- ESCS/DF⁵.

Brennakurt21@hotmail.com

Introdução: Mulheres em situação de rua constituem um grupo extremamente vulnerável, exposto a diversas formas de violência, abuso de substâncias, desnutrição e falta de acesso a serviços básicos de saúde. Durante o ciclo gravídico-puerperal, essas dificuldades são exacerbadas, colocando em risco tanto a saúde materna quanto a neonatal. O papel do enfermeiro é necessário neste contexto, pois envolve não apenas o atendimento clínico, mas também o fornecimento de suporte emocional e social, a educação em saúde e a coordenação de cuidados multidisciplinares. **Objetivo:** O presente estudo visou analisar a assistência prestada por enfermeiros a mulheres em situação de rua no ciclo gravídico-puerperal. **Metodologia:** Foi conduzida uma revisão integrativa da literatura, abrangendo artigos publicados entre 2019 e 2024 nas bases de dados PubMed, Scielo e Lilacs, utilizando os Descritores em Ciências da Saúde (DeCS) “Saúde materno-infantil”, “Vulnerabilidade social”, “Cuidados de enfermagem”. Foram incluídos artigos em português, completos e relevantes ao tema. Excluíram-se textos incompletos, teses, monografias, trabalhos não diretamente relacionados ao tema e textos duplicados. Inicialmente, foram encontrados 10 artigos, dos quais 6 foram selecionados após a aplicação dos critérios. **Resultados e Discussão:** Os resultados revelaram que os enfermeiros enfrentam inúmeros desafios, incluindo a escassez de recursos, a dificuldade em garantir um acompanhamento contínuo devido à instabilidade das condições de vida das pacientes e barreiras sociais e culturais que dificultam o acesso aos serviços de saúde. A importância de abordagens humanizadas e integradas, que levem em conta as necessidades específicas dessas mulheres, foi destacada. Foram identificadas estratégias eficazes, como a implementação de unidades móveis de saúde, programas de visita domiciliar e parcerias com organizações não governamentais, que contribuíram para melhorar a adesão ao pré-natal e reduzir complicações durante o parto e o puerpério. **Considerações Finais:** Conclui-se que a assistência do enfermeiro à mulher em situação de rua no ciclo gravídico-puerperal exige uma abordagem multifacetada, centrada na paciente e adaptada às suas condições de vida. A formação contínua dos profissionais de saúde e o desenvolvimento de políticas públicas inclusivas são essenciais para assegurar um cuidado integral e de qualidade a essa população vulnerável. Portanto, a implementação de estratégias específicas e o fortalecimento da rede de apoio são fundamentais para a melhoria dos desfechos de saúde materna e neonatal nesse grupo.

Palavras-chave: Saúde materno-infantil; vulnerabilidade social; cuidados de enfermagem.

ASSISTÊNCIA DO ENFERMEIRO ÀS MULHERES DO SISTEMA PRISIONAL

Gabrielly Mendes Coelho¹; Ana Carolina da Silva Reis²; Luis Henrique de Oliveira Rodrigues³; Thailanne Cardoso Soares⁴; Maria de Fátima Cavalcanti de Lima⁵; Acsa Maélly Chaves Né Barros⁶; Célia Maria Leite dos Santos⁷.

Graduada em enfermagem pela Faculdade Santo Antônio de Alagoinhas¹; Graduada em enfermagem pela Universidade Federal de Pernambuco – CAV²; Graduado pela Faculdade Santíssima Trindade³; Graduada em enfermagem pela Universidade Federal do Ceará⁴; Graduada em Serviço Social pela Universidade Pitágoras Unopar - Carpina-PE⁵; Graduada em enfermagem Unopar - Araguaína – TO⁶; Pós Graduada em Obstetrícia e Ginecologia pela Faculdade Santo Antônio de Alagoinhas⁷.

gabienf03@gmail.com

Introdução: O número de mulheres encarceradas está crescendo cada vez mais, em sua maioria são caracterizadas em situações de vulnerabilidade, jovens, solteiras, com filhos, baixo nível de escolaridade e renda familiar precária. O encarceramento se apresenta como um ambiente hostil e insalubre, o que possibilita a propagação de diferentes patógenos, com isso, tornando-se cada vez mais necessário o desenvolvimento de políticas públicas que buscam a melhoria das condições favoráveis de saúde no sistema de encarceramento. **Objetivo:** o objetivo desse estudo é compreender o papel do enfermeiro na promoção da saúde e combate a doenças em mulheres encarceradas. **Metodologia:** esse estudo foi realizado através de pesquisa bibliográfica uma revisão integrativa da literatura. A busca por artigos foi realizada nos bancos de dados da SciELO (Scientific Electronic Library Online), BVS (Biblioteca virtual em saúde) e LILACS (Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciências da Saúde), através dos Descritores em Ciências da Saúde (DeCS): “promoção da saúde”, “encarceramento” e “papel do profissional enfermeiro”. Foram encontrados 17 artigos, desses, 10 artigos estavam dentro dos critérios da temática escolhida. **Resultados e discussões:** a equipe de enfermagem deve prestar atendimento igualitário e integral as pacientes, além de garantir um atendimento humanizado, dessa forma, o acolhimento e as ações de prevenção e promoção da saúde voltada para essas mulheres são essenciais para reduzir os agravos de saúde das mesmas, considerando que em muitos ambientes prisionais não tem espaço físico adequado, contribuindo para um atendimento ineficaz. Diante disso, o papel da enfermagem é de suma importância acerca das atribuições do profissional, além de garantir os direitos para essa população, contribuindo para um atendimento humanizado e de forma que possa reduzir os riscos a saúde. **Conclusão:** Conclui-se que as condições são determinantes para o processo de saúde-doença, e o enfermeiro se destaca, visto que é responsável pelo atendimento integral a população, no cenário de proteção, prevenção e tratamento da saúde, proporcionando conforto e bem-estar. Além disso, deve sempre levar em consideração os princípios éticos e legais da profissão. Diante disso, é necessário reforçar a categoria de profissionais de enfermagem para essa assistência especializada para as mulheres em sistema carcerário.

Palavras-chave: promoção da saúde; encarceramento; papel do profissional de enfermagem.

ASSISTÊNCIA FISIOTERAPÊUTICA A MULHERES COM DOR PÉLVICA CRÔNICA: RELATO DE EXPERIÊNCIA

Letícia Amaro Vieira¹; Maria Beatriz de Macedo Oliveira¹; Marina Raquel Santos Lima¹; Melissa Silva Rocha Pereira¹; Joyce Maria Pereira de Oliveira²; Maria Letícia Araújo Silva de Carvalho²; Tatiana Camila de Lima Alves da Silva³; Maria Thereza Albuquerque Barbosa Cabral Micussi⁴.

Graduanda em Fisioterapia pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte¹, Mestranda em Ciências Aplicadas à Saúde da Mulher pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte², Doutoranda em Fisioterapia pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte³, Professora do Departamento de Fisioterapia da Universidade Federal do Rio Grande do Norte⁴.

leticiaamarovieira@gmail.com

Introdução: Dentre as condições mais prevalentes em mulheres com idade fértil no mundo, destacam-se as dores pélvicas crônicas, especialmente a endometriose. A endometriose trata-se de uma doença inflamatória, caracterizada por implantes endometriais fora da cavidade peritoneal, os quais provocam sintomas como dor crônica, sangramento uterino irregular, dispareunia, disúria, insônia, ansiedade, sintomas depressivos, entre outros. Diante disso, a fisioterapia tem se mostrado eficaz no manejo da dor e, conseqüentemente, na melhoria da funcionalidade e da qualidade de vida dessas mulheres. **Objetivo:** Descrever a experiência de estudantes de fisioterapia no atendimento aos indivíduos com endometriose. **Metodologia:** Trata-se de um relato de experiência vivenciado no ambulatório de fisioterapia da Maternidade Escola Januário Cicco (MEJC), no município de Natal/RN, durante os meses de março a maio de 2024. Foram atendidas mulheres entre 18 e 50 anos com diagnóstico de endometriose, confirmado por exames de imagem e presença de achados clínicos, excluindo aquelas que tivessem outras doenças crônicas do trato uroginecológico. Todas as pacientes foram submetidas a uma avaliação abrangente, contendo: anamnese, exame físico, testes funcionais (teste de caminhada de 6 minutos, teste de sentar e levantar e velocidade da marcha) e aplicação de questionários. Os atendimentos ocorreram duas vezes por semana, com a duração média de 50 minutos. Além das sessões, todas as mulheres receberam uma cartilha com educação em saúde e orientações para a prática de exercícios, como alongamentos gerais, exercícios ativos livres e exercícios de mobilidade. **Resultados e Discussão:** Por intermédio da experiência vivida no ambulatório em questão, foi possível observar que a endometriose vai além dos sintomas físicos, afetando profundamente as esferas mental e social das mulheres, assim como limitando as atividades de vida diária, social e profissional. Desse modo, a fisioterapia, ao promover a redução da dor, contribuiu diretamente para a melhoria da qualidade de vida, bem-estar e funcionalidade dessas pacientes. Além disso, a elaboração e distribuição de uma cartilha educativa mostraram a eficácia desse recurso na conscientização das pacientes sobre a doença e na importância dos exercícios físicos para o manejo da dor, facilitando também a disseminação de informações corretas e embasadas em evidências sobre saúde. **Considerações Finais:** A vivência adquirida durante os atendimentos fisioterapêuticos a mulheres com dor pélvica crônica, além de promover melhor qualidade de vida e funcionalidade para as pacientes, permitiu que os alunos desenvolvessem habilidades necessárias para a formação de um profissional que ofereçam uma assistência completa, empática e humanizada ao paciente.

Palavras-chave: endometriose; qualidade de vida; mulheres.

ASSISTÊNCIA MULTIPROFISSIONAL DA ENFERMAGEM À MULHERES NA UNIDADE SAÚDE DA FAMÍLIA: UMA REVISÃO DA LITARATURA

Izabelli de Alvarenga Moreira¹; Lúcia Valéria Chaves²

Graduanda em enfermagem pelo Centro Universitário Augusto Motta¹, Graduada em enfermagem pela Autarquia Educacional de Belo Jardim²

e-mail: izabellifcn2@gmail.com

Introdução: A unidade saúde da família é o mecanismo para todos os serviços oferecidos pelo Sistema Único de Saúde (SUS). A enfermagem possui um papel fundamental na unidade saúde da família, na saúde da mulher o profissional essencial pela promoção e prevenção da saúde, isso só é praticável devido a consulta de enfermagem, a educação em saúde, o rastreamento de câncer no colo de útero (CCU) e de mama a atenção básica nas gestantes, no decorrer no ciclo gestacional, até o pós-parto, tal para a mulher quanto ao bebê. E as orientações em relação à prevenção das infecções sexualmente transmissíveis (IST) e seu tratamento. **Objetivo:** Conscientizar-se as práticas da assistência de enfermagem direcionadas à saúde das mulheres na unidade saúde da família. **Metodologia:** Trata-se de uma pesquisa de revisão da literatura, ocorrida no mês de maio de 2024. Deu-se as buscas de artigos científicos publicados nos últimos 10 anos (2014-2024), com as bases de dados, Base de Dados de Enfermagem (BDENF), *Scientific Electronic Library Online* (SCIELO), baseado dos Descritores em Ciências da Saúde (DeCS): “saúde da mulher”, “assistência de enfermagem”, “unidade de saúde”. Nos critérios de inclusão e exclusão, foram apontados 10 artigos publicados (BDENF) 2, (SCIELO) 8, sendo 2 (BDENF) propício ao conteúdo do estudo e 8 (SCIELO) não contemplados fora da análise de pesquisa. **Resultados e Discussão:** No ano 2004, lançada a Política Nacional de Atenção Integral à Saúde da Mulher (PNAISM) com intuito de aprimorar a qualidade dessas ações, avaliando a ampliação da promoção e prevenção da saúde. Dentro da unidade de saúde da família, o enfermeiro é responsável por exercer o exame clínico das mamas (ECM), solicitar a mamografia e conduzir a mulher na realização do autoexame (AEM). A enfermagem deve expandir práticas de prevenção do câncer do colo de útero (CCU) e mama, e infecções sexualmente transmissíveis (IST) através de grupos de educação em saúde, salas de atendimento, entre outras atividades. Com relação ao puerpério, o enfermeiro tem como competência a realização do exame físico e ginecológico, analisando eliminação de lóquios, involução uterina, lactação, entre outros, além de pesquisar os aspectos biopsicossociais da puerpera. **Conclusão:** No progresso dessa pesquisa foi possível refletir que os enfermeiros realizam as ações voltadas à Política Nacional de Atenção Integral à Saúde da Mulher (PNAISM), além do mais, o enfermeiro é criterioso pela promoção da educação em unidade saúde da família, seja realizada de forma individual ou coletiva. Para terminar, apesar de todas as atividades efetuadas, é necessária a atualização dos protocolos presentes para que assegurem uma maior autonomia a esses profissionais.

Palavras-chave: Assistência de enfermagem; Saúde da mulher; Unidade de saúde.



ASSISTÊNCIA PRÉ-NATAL: ABORDAGENS PARA GESTAÇÃO DE BAIXO E ALTO RISCO COM BASE EM EVIDÊNCIAS RECENTES

Ludmyla da Silva Freitas¹; Jéssica Fernandes Carvalho¹; Kauã Paulino dos Santos¹; Laís Netto Borges¹; Lara Pereira Tavares Cunha¹; Lívia Castro de Sá Lima¹; Danillo Paulo da Silva Vitalino^{1, 2, 3, 4, 5, 6}

Graduanda(o) em Medicina pela Universidade Federal de Catalão - UFCat¹, Cirurgião-dentista graduado pelo Centro Universitário de Goiatuba - Unicerrado², Pedagogo graduado pelo Centro Universitário de Goiatuba³, Especialista em Docência do Ensino Superior e Metodologias Ativas de Aprendizado pela Faculdade Descomplica⁴, Especialista em Tecnologias Aplicadas à Educação pela Faculdade Descomplica⁵, Pós-graduando em Docência em Ciências da Saúde pela Faculdade Iguaçú⁶.

ludmyla_freitas@discente.ufcat.edu.br

Introdução: A assistência à saúde da mulher no pré-natal de baixo e alto risco é fundamental para garantir a saúde materna e fetal, reduzindo complicações durante a gestação e o parto. Dessa forma, o pré-natal é uma fase crucial que envolve uma série de cuidados médicos e orientações que visam monitorar a saúde da gestante e do feto. **Objetivo:** Este texto tem como objetivo analisar as abordagens e intervenções mais recentes na assistência pré-natal para gestações de baixo e alto risco, com base em artigos científicos publicados entre 2022 e 2024. **Metodologia:** A metodologia empregada envolve uma revisão de literatura em bases de dados científicas como PubMed, SciELO e Lilacs, utilizando palavras-chave como "assistência pré-natal", "gestação de baixo risco", "gestação de alto risco" e "saúde materna". Inicialmente, foram encontrados 150 artigos. Após a aplicação dos critérios de inclusão, que exigiam que os artigos discutissem intervenções, resultados clínicos e recomendações de boas práticas, e dos critérios de exclusão, que eliminavam artigos duplicados, revisões não sistemáticas e estudos sem relevância direta ao tema, 30 artigos foram selecionados para a escrita desta revisão. **Resultados e discussões:** Os estudos revisados indicam que, no pré-natal de baixo risco, a ênfase está na promoção da saúde através de orientações nutricionais, controle de peso, suplementação com ácido fólico e ferro, além de monitoramento regular de sinais vitais e crescimento fetal. Já no pré-natal de alto risco, que inclui gestações com hipertensão, diabetes gestacional, e outras comorbidades, há uma necessidade de monitoramento mais rigoroso e frequente, incluindo ultrassonografias adicionais, testes laboratoriais específicos e, em alguns casos, intervenções farmacológicas. Além disso, a importância do suporte psicológico e do aconselhamento genético foi destacada como essencial para gestações de alto risco, contribuindo para uma melhor adesão ao tratamento e redução da ansiedade materna. **Considerações finais:** Conclui-se que a assistência pré-natal de baixo risco deve focar em práticas preventivas e educativas, enquanto a de alto risco exige uma abordagem multidisciplinar e personalizada para manejar com eficácia as complicações potenciais. A integração de tecnologias emergentes, como aplicativos de monitoramento de saúde e telemedicina, também foi apontada como uma tendência promissora para melhorar a qualidade e acessibilidade da assistência pré-natal. A implementação dessas práticas baseadas em evidências pode resultar em melhores desfechos maternos e neonatais, destacando a importância de políticas públicas que garantam o acesso universal e equitativo a cuidados de saúde de qualidade durante toda a gestação.

Palavras-chave: assistência pré-natal; gestação de baixo risco; gestação de alto risco.

ASSISTÊNCIA PRESTADA ÀS GESTANTES COM INFECÇÕES SEXUALMENTE TRANSMISSÍVEIS: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA

Jamyle da Silva Passos¹; Maria Gabriela Simplicio Ribeiro¹; Karol Fireman de Farias²

Discentes de enfermagem pela Universidade Federal de Alagoas, Campus Arapiraca¹, Docente de enfermagem pela Universidade Federal de Alagoas, Campus Arapiraca²

jamyle.passos@arapiraca.ufal.br

Introdução: As Infecções Sexualmente Transmissíveis (ISTs) são ocasionadas por bactérias, vírus ou outros microrganismos. Além de serem transmitidas através de relações sexuais desprotegidas, também podem ocorrer por transmissão vertical, que ocorre da mãe para o bebê durante a gravidez, parto ou amamentação. Nestes casos, diagnóstico precoce e tratamento são preconizados para garantir o bem-estar das gestantes e de seus bebês. **Objetivo:** Relatar a experiência vivenciada por acadêmicos de enfermagem em uma unidade de saúde que presta assistência a gestantes com ISTs. **Metodologia:** O estudo configura-se como um relato de experiência sobre uma visita técnica realizada por estudantes de enfermagem da Universidade Federal de Alagoas, *Campus Arapiraca*, em uma unidade de saúde da atenção secundária, ocorrida durante uma atividade proposta pelo módulo de Epidemiologia nos Serviços de Saúde, durante o período de março de 2024. A visita foi guiada por um enfermeiro da unidade, que forneceu informações sobre o funcionamento do serviço, além de mostrar as instalações do local. **Resultados e Discussão:** Durante a visita, foi possível conhecer a atuação da unidade em relação às gestantes. O serviço conta com uma equipe multidisciplinar composta por enfermeiros, médicos, assistente social, psicólogo, farmacêutico e outros, oferecendo tratamento para pacientes com HIV e hepatite, e disponibilizando testes para HIV, hepatite e sífilis. O acesso aos testes rápidos era por busca espontânea e por encaminhamentos realizados pelas unidades básicas de origem. A enfermagem, na rotina do pré-natal, realizava testes de ISTs e os casos positivos eram tratados imediatamente para prevenir a transmissão vertical, sendo este um indicador do Previne Brasil. Durante toda a gestação, as mulheres são acompanhadas por profissionais de saúde e todo o tratamento é realizado na unidade com testagem, antes e pós tratamento. Após o parto, os recém-nascidos também eram acompanhados, iniciando a profilaxia assim que nasciam e investigados até os 18 meses. O primeiro teste rápido deve ser realizado no bebê aos 12 meses e repetido se positivo aos 18 meses. Nos casos de HIV, o serviço disponibiliza 10 latas de leite mensalmente, pois amamentar é contraindicado, e métodos anticoncepcionais e vacinas, com vistas a quebrar a cadeia de infecção com o binômio mãe e filho, são implementados. **Conclusão:** A experiência proporcionou conhecimento dos protocolos de assistência e da importância da realização dos testes, acompanhamento e humanização com as gestantes. Bem como mostrou que o pré-natal realizado pela enfermagem é essencial para proporcionar uma gravidez e um parto mais seguros.

Palavras-chave: infecções sexualmente transmissíveis; gestantes; assistência pré-natal.



ASSOCIAÇÃO DO CÂNCER DE COLO DE ÚTERO E DE MAMA: UMA REVISÃO DE LITERATURA

Ana Leticia de Araújo Azevêdo¹; Ana Flávia Cartaxo Moura Rodrigues de Aquino^{1,2}; Geovana do Espírito Santo Nascimento Cunha²; Aleuda Cartaxo Moura Rodrigues de Aquino²; Sávio Praxedes Silva de Araújo²; Michelle Sales de Barros Aguiar²

Graduando em medicina pela Universidade Potiguar do Rio Grande do Norte¹, Graduando em medicina pela Universidade Potiguar do Rio Grande do Norte² Graduando em medicina pela Universidade Potiguar do Rio Grande do Norte³ Graduando em medicina pela Universidade Potiguar do Rio Grande do Norte⁴ Graduada em Medicina pelo Centro Universitário de João Pessoa⁵ Doutora, Pesquisadora e Professora no Centro Universitário Unipê- Unipê, João Pessoa, PB⁶

leticiaazevedo1601@gmail.com

Introdução: O câncer de útero e mama uma das principais causas de mortalidade entre mulheres. O câncer de mama é a primeira causa de morte e o de útero a terceira. A neoplasia uterina pode ser prevenida por meio da vacinação contra o vírus do papiloma humano (VPH), bem como pela detecção e tratamento de lesões pré-cancerosas oportunas. Essa por sua vez, existe uma associação sindrômica entre os cânceres, na qual a síndrome de câncer de mama e ovário hereditário (SCMOH) apresenta um padrão de herança autossômica dominante nos genes de suscetibilidade ao câncer e seu risco está relacionado principalmente a mutações germinais em BRCA1 e BRCA2. Assim, esse trabalho tem como relevância descrever as associações entre os principais cânceres que acomete as mulheres na faixa etária de período fértil e menopausa, ou seja, entre 20 a 59 anos em média. **Objetivo:** Identificar as associações entre os cânceres de útero e mama durante período fértil e menopausa. **Metodologia:** Pesquisa bibliográfica com estudo de natureza qualitativa e caráter descritivo. Utilizou-se os descritores “uterine cancer”, “breast cancer”, separados pelos operadores booleanos “AND” e “OR” nas bases de dados PubMed e Scielo. Os critérios de elegibilidade foram: texto completo disponível, idioma em português e inglês. Foram excluídos artigos em duplicidade, os publicados anteriormente ao ano de 2014. Por fim, foram utilizados ao todo cinco artigos. **Resultados e Discussão:** A Federação Brasileira de Ginecologia e Obstetrícia juntamente com a Agência Internacional de Investigação do Câncer recomenda o acompanhamento da mulher desde o surgimento da menarca sem interrupções até a menopausa. Os achados científicos apontam que mulheres com variantes patogênicas recorrentes e mutações fundadoras, principalmente associadas aos genes BRCA1 BRCA2 apresentação aproximadamente, 7% dos tumores mamários e 11–15% dos tumores epiteliais de ovário são considerados de tipo hereditário. Assim, é notório que além das alterações biológicas e genéticas, a vida feminina é marcada por importantes mudanças psicológicas, caracterizando grande vulnerabilidade para o aparecimento genes patológicos. Deve-se ressaltar que os estudos divulgados indicam a tendência de uma maior atenção e acompanhamentos com pacientes portadores de mutações associados aos genes BRCA1 e BRCA2. **Considerações Finais:** As análises científicas expõem a ocorrência associação do câncer de colo útero e de mama. E por isso, o acompanhamento adequado desde a menarca até a menopausa é uma estratégia de prevenção implementada para reduzir os níveis de associações entre os cânceres de útero e mama, como também óbito das mulheres.

Palavras-chave: Útero; Mama; Câncer.

ASSISTÊNCIA DO ENFERMEIRO ÀS MULHERES DO SISTEMA PRISIONAL

Gabrielly Mendes Coelho¹; Ana Carolina da Silva Reis²; Luis Henrique de Oliveira Rodrigues³; Thailanne Cardoso Soares⁴; Maria de Fátima Cavalcanti de Lima⁵; Acsa Maélly Chaves Né Barros⁶; Célia Maria Leite dos Santos⁷.

Graduada em enfermagem pela Faculdade Santo Antônio de Alagoinhas¹; Graduada em enfermagem pela Universidade Federal de Pernambuco – CAV²; Graduado pela Faculdade Santíssima Trindade³; Graduada em enfermagem pela Universidade Federal do Ceará⁴; Graduada em Serviço Social pela Universidade Pitágoras Unopar - Carpina-PE⁵; Graduada em enfermagem Unopar - Araguaína – TO⁶; Pós Graduada em Obstetrícia e Ginecologia pela Faculdade Santo Antônio de Alagoinhas⁷.

gabienf03@gmail.com

Introdução: O número de mulheres encarceradas está crescendo cada vez mais, em sua maioria são caracterizadas em situações de vulnerabilidade, jovens, solteiras, com filhos, baixo nível de escolaridade e renda familiar precária. O encarceramento se apresenta como um ambiente hostil e insalubre, o que possibilita a propagação de diferentes patógenos, com isso, tornando-se cada vez mais necessário o desenvolvimento de políticas públicas que buscam a melhoria das condições favoráveis de saúde no sistema de encarceramento. **Objetivo:** o objetivo desse estudo é compreender o papel do enfermeiro na promoção da saúde e combate a doenças em mulheres encarceradas. **Metodologia:** esse estudo foi realizado através de pesquisa bibliográfica uma revisão integrativa da literatura. A busca por artigos foi realizada nos bancos de dados da SciELO (Scientific Electronic Library Online), BVS (Biblioteca virtual em saúde) e LILACS (Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciências da Saúde), através dos Descritores em Ciências da Saúde (DeCS): “promoção da saúde”, “encarceramento” e “papel do profissional enfermeiro”. Foram encontrados 17 artigos, desses, 10 artigos estavam dentro dos critérios da temática escolhida. **Resultados e discussões:** a equipe de enfermagem deve prestar atendimento igualitário e integral as pacientes, além de garantir um atendimento humanizado, dessa forma, o acolhimento e as ações de prevenção e promoção da saúde voltada para essas mulheres são essenciais para reduzir os agravos de saúde das mesmas, considerando que em muitos ambientes prisionais não tem espaço físico adequado, contribuindo para um atendimento ineficaz. Diante disso, o papel da enfermagem é de suma importância acerca das atribuições do profissional, além de garantir os direitos para essa população, contribuindo para um atendimento humanizado e de forma que possa reduzir os riscos a saúde. **Conclusão:** Conclui-se que as condições são determinantes para o processo de saúde-doença, e o enfermeiro se destaca, visto que é responsável pelo atendimento integral a população, no cenário de proteção, prevenção e tratamento da saúde, proporcionando conforto e bem-estar. Além disso, deve sempre levar em consideração os princípios éticos e legais da profissão. Diante disso, é necessário reforçar a categoria de profissionais de enfermagem para essa assistência especializada para as mulheres em sistema carcerário.

Palavras-chave: promoção da saúde; encarceramento; papel do profissional de enfermagem.



**ATENÇÃO FARMACÊUTICA NO CUIDADO DO PLANEJAMENTO FAMILIAR DA
MULHER RIBEIRINHA: RELATO DE EXPERIÊNCIA**

Edson Bruno Campos Paiva¹, Reginaldo Paiva da Costa², Gilson de Barros Matos³, Ricardo Antônio Sanches Cruz⁴, Ana Flavia Bonfatti⁵ Sabrina de Carvalho Cartágenes⁶

Mestrando em Ciências Farmacêuticas, pela Universidade Federal do Pará¹, Graduação em Farmácia, pela Centro Universitário do Pará Graduando em Medicina², pela Universidade Anhembi Morumbi^{3,5}, Graduação em Direito, pela Universidade da Amazônia⁴, Docente da Universidade do Estado do Pará⁶

bcamposfarma@gmail.com

Introdução: O Programa de Planejamento Familiar é um direito de todo cidadão, e este consiste em um conjunto de ações voltadas para a regulação da fecundidade visando a garantia ao direito da limitação ou do aumento da prole, pelo homem, pela mulher ou pelo casal. **Objetivo:** Relatar como o farmacêutico pode contribuir através da Atenção Farmacêutica (AtenFar) no cuidado do planejamento familiar da mulher ribeirinha. **Metodologia:** Trata-se de um relato de experiência realizado a partir da vivência dos atendimentos nas comunidades ribeirinhas localizadas no Rio Tapajós no Oeste do Pará, no ano de 2023 durante as expedições da Unidade Básica de Saúde Fluvial Abaré (UBSF). **Resultados:** As expedições UBSF Abaré, contam com uma equipe multiprofissional (Médicos, Enfermeiros, Odontólogos, Técnicos de Enfermagem, Técnico em Saúde Bucal), na qual o farmacêutico está inserido e este atua de forma generalista, desenvolvendo atividades que norteiam desde a análise laboratorial até a AtenFar. **Discussão:** No que tange o âmbito da AtenFar, o farmacêutico se faz presente realizando o acompanhamento farmacoterapêutico dos pacientes da UBSF, dentre eles as mulheres ribeirinhas cadastradas no programa de planejamento familiar, a fim de trazer esclarecimentos para as pacientes que fazem uso das medicações disponíveis pelo programa, dentre as mais utilizadas está o Enantato de Noretisterona 50mg/ml + Valerato de Estradiol 5mg/ml e a Medroxiprogesterona 150mg/ml. Durante o acompanhamento farmacoterapêutico o farmacêutico esclarece dúvidas pertinentes sobre a posologia contida na receita, mecanismo de ação, possíveis interações medicamentosas tendo em vista que a cultura da automedicação também está inserida em meio as populações ribeirinhas, bem como as possíveis reações adversas que a mulher pode apresentar em virtude do uso da medicação, além de reações de hipersensibilidade que algumas podem apresentar, bem como a via de administração do medicamento por se tratar de um injetável. **Conclusão:** Vale ressaltar que o acompanhamento farmacoterapêutico é fundamental no âmbito do cuidado do planejamento familiar, isto porque, existem uma série de questionamentos trazidos pela mulher ribeirinha acerca do uso correto das medicações fornecidas pelo programa, isso reforça a importância do profissional farmacêutico no acompanhamento farmacoterapêutico uma vez que a prática da AtenFar fortalece o aumento da adesão ao tratamento farmacológico.

Palavras-chaves: atenção farmacêutica; cuidado; planejamento familiar.



ATENÇÃO FISIOTERAPÊUTICA EM MULHERES COM DIABETES GESTACIONAL NA MATERNIDADE DE ALTO RISCO: RELATO DE EXPERIÊNCIA

Melissa Silva Rocha Pereira¹; Letícia Amaro Vieira¹; Maria Beatriz de Macedo Oliveira¹; Marina Raquel Santos Lima¹; Joyce Maria Pereira de Oliveira²; Maria Letícia Araújo Silva de Carvalho²; Tatiana Camila de Lima Alves da Silva³; Maria Thereza Albuquerque Barbosa Cabral Micussi⁴.

Graduanda em Fisioterapia pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte¹, Mestranda em Ciências Aplicadas à Saúde da Mulher pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte², Doutoranda em Fisioterapia pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte³, Professora do Departamento de Fisioterapia da Universidade Federal do Rio Grande do Norte⁴.

pereiramelissa04@gmail.com

Introdução: Durante o período gestacional, os músculos do assoalho pélvico tornam-se mais suscetíveis ao aparecimento de disfunções, como a incontinência urinária, o que pode ser agravado em mulheres com diabetes mellitus gestacional (DMG). Nesse sentido, a intervenção fisioterapêutica, por intermédio do treinamento da musculatura do assoalho pélvico (TMAP), poderá proporcionar redução dos impactos negativos na integridade desses músculos, assim como prevenir o surgimento e/ou agravamento das disfunções e promover melhor qualidade de vida a essas mulheres. **Objetivo:** Relatar a vivência de discentes de fisioterapia na maternidade de alto risco, durante o acompanhamento de pacientes com DMG. **Metodologia:** Trata-se de um relato de experiência vivenciado na Maternidade Escola Januário Cicco (MEJC), na cidade de Natal/RN, entre os meses de fevereiro e maio de 2024. Foram incluídas mulheres com diagnóstico médico de DMG, que estivessem entre 14 e 26 semanas gestacionais, sem uso de insulinoterapia e sem outras doenças que pudessem influenciar na prática de exercícios, como a hipertensão. As gestantes realizaram a avaliação completa, que incluía: anamnese, avaliação do assoalho pélvico e aplicação de questionários. No exame físico do assoalho pélvico, foi solicitada a contração correta e coordenada, assim como a avaliação da força e da pressão desses músculos, de acordo com a Escala Modificada de Oxford e Manometria Vaginal, respectivamente. Após a avaliação, as pacientes receberam orientações domiciliares acerca do TMAP, além da cartilha educativa sobre o assoalho pélvico, suas funções e a importância de realizar o TMAP. **Resultados e discussões:** A vivência pode contribuir de forma enriquecedora para aprender o manejo correto das pacientes, abordagem fisioterapêutica e uma experiência clínica diferente da oferecida pelas aulas da graduação. Além disso, é importante observar através do atendimento a melhora clínica das pacientes, que chegam com queixas como perda urinária, e após as orientações e exercícios, relatam sua melhora até o final da gestação. **Considerações Finais:** A experiência adquirida durante a assistência às gestantes com DMG proporcionou uma melhor qualidade de vida às pacientes e uma melhora nas queixas relacionadas ao assoalho pélvico. Além disso, permitiu aos alunos de fisioterapia desenvolver as habilidades necessárias para o atendimento de gestantes, especialmente aquelas de alto risco. Também foi possível compreender que o atendimento vai muito além das queixas físicas, incluindo o contexto e o momento único vivido por cada gestante.

Palavras-chave: saúde da mulher; gestantes; diafragma da pelve.

ATENDIMENTO DA ENFERMAGEM DIANTE DE GESTANTES PARA O RASTREAMENTO E PREVENÇÃO DA PRÉ-ECLAMPSIA

Victória Farias do Nascimento¹; Kauane Vitória Rodrigues de Chagas Lima¹; Maria da Conceição Cavalcanti de Lira².

Graduando em enfermagem pela Universidade Federal do Pernambuco¹, Doutora, Professora Associada ao Centro Acadêmico da Vitória de Santo Antão da Universidade Federal de Pernambuco².

* victoria.farias@ufpe.br

Introdução: A pré-eclâmpsia é uma doença multifatorial e multissistêmica específica da gestação. É diagnosticada pela presença de níveis tensionais elevados, resultantes de hipertensão associada à proteinúria, após a 20ª semana de gestação. É responsável por grande parte das complicações materno-fetais, constituindo-se, assim, um grande desafio para a saúde pública. Pode ser identificada ainda no pré-natal por meio de uma assistência à saúde eficiente, em que o enfermeiro tem papel primordial na prevenção e identificação da mesma. **Objetivo:** Identificar a importância do papel da enfermagem na prevenção de complicações relacionadas ao risco de PE nos últimos cinco anos. **Metodologia:** Foram realizadas buscas eletrônicas nas bases de dados MENDELEY, LILACS e CAPES, utilizando os descritores "pré-eclâmpsia", "hipertensão gestacional" e "cuidados de enfermagem e prevenção" com foco no objetivo do estudo. Os artigos selecionados foram publicados nos idiomas inglês e português entre 2018 e 2023. **Resultados e Discussão:** Foram encontrados um total de 39 artigos, dos quais 8 foram selecionados para análise detalhada. Observou-se que os fatores de risco para a PE incluem idade, raça/cor, IMC pré-gestacional elevado, obesidade, extremos de idade reprodutiva, primiparidade, multiparidade, doenças crônicas e histórico pessoal e familiar de pré-eclâmpsia e HAS. A Unidade Básica de Saúde (UBS) deve ser a principal porta de entrada para avaliação dos fatores que predisõem às Síndromes Hipertensivas Específicas da Gestação. O enfermeiro desempenha um papel importante na garantia do bem-estar materno e fetal, minimizando os riscos de complicações que podem levar a sequelas ou até mesmo à morte materna e fetal. Isso é alcançado principalmente por meio do monitoramento eficiente do pré-natal, que envolve exame físico criterioso, detecção precoce de sinais de hipertensão gestacional e exames laboratoriais, além da adoção de medidas preventivas e/ou terapêuticas. **Considerações finais:** Devido aos enfermeiros serem os primeiros a entrar em contato com as gestantes e estarem mais presentes no processo de cuidado na prática assistencial, sua atuação torna-se imprescindível na redução da Síndrome Hipertensiva Específica da Gravidez. Uma vez que os sinais e sintomas são identificados precocemente, é possível prevenir complicações resultantes dessas condições.

Palavras-chave: pré-eclâmpsia; hipertensão gestacional; cuidados de enfermagem.

ATUAÇÃO DA ENFERMAGEM NA ATENÇÃO PRIMÁRIA NO CONTROLE DO CÂNCER DE COLO DE ÚTERO E MAMA; REVISÃO DA LITERATURA

Lúcia Valéria Chaves¹

Graduada em enfermagem pela Autarquia Educacional de Belo Jardim¹

e-mail: chavesvaleria619@gmail.com

Introdução: A mortalidade no aumento de câncer de colo de útero e mama no Brasil, despertaram no Ministério da Saúde estruturar ações a nível nacional para prevenção e monitoramento desses cânceres em todos os padrões de saúde. Na atenção primária, a enfermagem com sua autonomia nas práticas e encontra um enorme espaço para construção de suas atividades, tendo atuação efetiva na metodologia educativa e na liderança de funções gerenciais que no monitoramento colaboram na prevenção do câncer. **Objetivo:** Evidenciar a atuação da enfermagem aos cuidados do câncer de colo de útero (CCU) e mama na atenção primária. **Metodologia:** Revisão da literatura, ocorrida no mês de maio de 2024. O estudo incluiu artigos científicos publicados nos últimos cinco anos (2019-2024), os artigos foram explorados nas seguintes bases de dados Base de Dados de Enfermagem (BDENF), *Scientific Electronic Library Online* (SCIELO). Para busca foi utilizado os descritores em ciências da saúde (DeCS): “enfermagem”, “atenção primária”, “câncer”. Certificou-se a análise dos critérios de inclusão e exclusão, dez artigos alcançados, sendo que dois contribuíram para a contemplação sobre a temática e oito estudos incompletos, não obedeceram aos princípios éticos para pesquisa. **Resultados e Discussão:** O melhor método para combater os cânceres de mama e colo de útero (CCU) é o diagnóstico precoce. Principalmente no diagnóstico de mama, o autoexame das mamas pode ser o incentivo inicial necessário para a investigação da neoplasia. O câncer de colo de útero (CCU), por sua vez, tem seu rastreamento executado por meio do exame Papanicolau, conhecido citopatológico do colo de útero para descoberta das lesões precursoras. As ações dos profissionais da enfermagem no contexto da atenção primária para prevenção, detecção e tratamento constitui em individuais e coletivas. Ações educacionais, com atuação de palestras em escolas, igrejas e nas próprias unidades básicas de saúde (UBS) são uma rotina incessante na ação destes enfermeiros e configuram-se como ações preventivas e de caráter coletivo. **Conclusão:** Entrelaçam análises a respeito de focos teóricos que contribuem para divulgação da atuação da enfermagem frente a investigação do câncer de colo de útero (CCU) e mama à nível Brasil, na atenção primária. Desta forma, apresentam dados que permitem conhecimento de atuação, dificuldades e a forma educativa como estratégia da diminuição da morbimortalidade da mulher em situação de vulnerabilidade.

Palavras-chave: enfermagem; atenção primária; câncer.

ATUAÇÃO DA ENFERMAGEM NA SAÚDE SEXUAL E REPRODUTIVA DA MULHER: ESTRATÉGIAS NA ATENÇÃO PRIMÁRIA

Paulo Roberto Ferreira Morais¹; Isadora Oliveira de Castro¹; Jaqueline Rodrigues da Silva²; Gessi carvalho de Araujo Santos³

Graduados em enfermagem pelo Instituto Educacional Santa Catarina/Faculdade Guaraí¹, Mestranda em Ciências da Saúde pela Universidade Federal do Tocantins², Doutora em Ciências pela Universidade Federal de São Paulo³

pauloroberto9@gmail.com

Introdução: A saúde sexual e reprodutiva de uma mulher influencia diretamente na sua qualidade de vida, trabalhando em conjunto com a equipe multiprofissional em saúde o enfermeiro irá desempenhar um papel importante nesse acompanhamento que são, os cuidados que devem ser prestados de uma forma integral e humanizada visando garantir que elas tenham uma vida sexual satisfatória e segura, tendo plena autonomia em seu direito a exercer sua sexualidade e reprodução. **Objetivo:** Este estudo tem como objetivo explorar as estratégias de assistência na atenção primária à saúde sexual e reprodutiva de mulheres, com foco na atuação da enfermagem. **Metodologia:** O presente estudo realiza uma revisão da literatura bibliográfica com a utilização de artigos acadêmicos encontrados nas plataformas Google acadêmico, SciELO e PubMed, incluindo estudos recentes e relevantes que abordam avanços e desafios na área pesquisada. **Resultados e Discussão:** Os resultados destacaram a importância da enfermagem trabalhar em conjunto com outros profissionais da saúde para elaboração de estratégias na atenção primária, como o planejamento familiar que pode ser realizado na consulta de enfermagem e médica, a triagem por meio de testes rápidos para detecção e tratamento de infecções sexualmente transmissíveis e a organização de grupos de apoio para essas mulheres. Um dos desafios encontrados que devem ser superados são as dificuldades de uma comunicação eficaz entre os diferentes profissionais que compõe a equipe bem como a delimitação da responsabilidade de cada um. O enfermeiro dentre suas funções a de educador em saúde prevalece em quase todos seus âmbitos de atuação e aqui irá transmitir seu conhecimento para que a mulher seja livre para escolher, construindo uma relação de confiança profissional-paciente e garantindo que ela faça sua escolha de modo que esteja ciente de seus direitos, vulnerabilidades e recursos disponíveis para alcançar os objetivos de sua decisão. **Considerações finais:** A atuação da enfermagem na saúde sexual e reprodutiva por meio de atenção de estratégias multiprofissional é fundamental para garantir o bem-estar das mulheres. A colaboração entre enfermeiros e outros profissionais de saúde permite uma abordagem abrangente e centrada na paciente, contribuindo para melhores resultados de saúde e qualidade de vida.

Palavras-chave: saúde da mulher; equipe multiprofissional; saúde sexual e reprodutiva.

ATUAÇÃO DA ENFERMEIRA NO CUIDADO À GESTANTE PORTADORA DA HIPERTENSÃO ARTERIAL SISTÊMICA

Stherfâni Porfírio da Silva¹; Andrea Kedima Diniz Cavalcanti Tenório²

Graduanda em Enfermagem pela Faculdade Pio Décimo de Canindé (FAPIDE)¹, Mestra em Ciências da Saúde e Biológicas Universidade Federal da Bahia (UFBA)²

stheporfírio95@gmail.com

Introdução: O período gestacional ocorre na maioria das vezes com uma evolução normal. No entanto, por diversos fatores que afetam o corpo feminino durante esse período gravídico, a gestação pode ter uma evolução desfavorável, como no caso das Síndromes Hipertensivas na Gravidez (SHG). Para o manejo dessas síndromes, é importante a atuação do enfermeiro que atua no primeiro contato com a paciente no controle dos sintomas e prevenção de eventuais agravamentos. **Objetivo:** Refletir na importância da atuação do enfermeiro no cuidado das SHG. **Metodologia:** O presente estudo trata-se de uma revisão narrativa da bibliografia, realizada nas bases de dados da Biblioteca Virtual de Saúde (BVS), foram utilizados os Descritores em Ciências da Saúde (DECS): “Cuidado de enfermagem” AND “Hipertensão” AND “Gestação”. Foram encontrados 107 artigos, sendo utilizados como critérios de inclusão artigos completos publicados em português entre os anos de 2019 a 2024, nas bases MEDLINE, LILACS E BDEFN – Enfermagem. Foram selecionados 3 estudos para realização desta revisão. **Resultados:** Grande é a importância dos conhecimentos para o cuidado às gestantes com SHG por parte do enfermeiro, este deve estar em uma constante busca de conhecimento para uma prestação de assistência de qualidade. Dentre as atribuições do enfermeiro para o cuidado compartilhado com o médico às SHG, estão: Detecção precoce dos sintomas das SHG; monitoramento de exames; orientações sobre dietas com o trabalho multiprofissional para melhor cuidado da paciente, além do controle da pressão arterial que apresenta elevação quando (PAS) ≥ 140 mmHg e/ou a pressão arterial diastólica (PAD) ≥ 90 mmHg; prestação de assistência de qualidade durante o pré-natal. Toda essa assistência deve estabelecer vínculos de confiança com a paciente, para contribuir com estabelecimento dos planos de cuidado para essa paciente, implementando a Sistematização da Assistência de Enfermagem (SAE), ainda mais deve evitar complicações como pré-eclâmpsia, eclâmpsia, síndrome HELLP. É essencial a preparação do enfermeiro para prestar uma assistência de qualidade no pré-natal e realizar uma avaliação fetal adequada. **Conclusão:** Quando o cuidado de enfermagem é realizado buscando atender as individualidades e necessidades de cada paciente, o resultado é uma assistência integral e satisfatória, principalmente utilizando como ferramenta a SAE. O papel do enfermeiro diante do atendimento nesse caso, além de evitar os agravamentos das SHG é prevenir e orientar, pois são esses os profissionais a terem o primeiro e frequente contato com a paciente, que permite identificar fatores de riscos e agravos para a saúde materna e fetal.

Palavras-chave: gestação; hipertensão; cuidado de enfermagem.

ATUAÇÃO DO ENFERMEIRO NA PREVENÇÃO DE NEOPLASIA DA MAMA

Andressa Karla Rodrigues de Souza ¹ ; Bárbara Helen Dutra Soares ²; Nadyely de Melo Apolinário ³;
Vanessa Láisa Mendes e Silva ⁴ ; Valdízia Mendes e Silva ⁵

Graduanda em enfermagem pela Universidade Estadual da Paraíba ¹

Graduanda em enfermagem pela Universidade Estadual da Paraíba ²

Graduanda em enfermagem pela Universidade Estadual da Paraíba ³

Graduanda em enfermagem pela Universidade Estadual da Paraíba ⁴

Mestranda em Saúde Pública pela Universidade Estadual da Paraíba ⁵

andressakarla2002@hotmail.com

Introdução: A neoplasia da mama, ou câncer de mama, é uma das neoplasias mais comuns e uma das principais causas de morte por câncer entre as mulheres em todo o mundo. É caracterizada pelo crescimento anormal e descontrolado das células da mama, que pode se desenvolver em diferentes partes da glândula mamária. **Objetivos:** Analisar nas literaturas científicas mais recentes como a enfermagem atua na prevenção do câncer de mama. **Metodologia:** Esta revisão literária foi conduzida nas bases de dados BDNF e LILACS. Os descritores utilizados foram: "Enfermagem" AND "Prevenção" AND "Neoplasia da mama". Foram incluídos artigos publicados entre 2019 e 2024, escritos em português. No total, foram identificados 23 artigos, dos quais, após a leitura dos títulos e resultados, foram excluídos aqueles que não se alinhavam com a temática, resultando em uma amostra final de 8 artigos. **Resultados:** A importância da prática profissional do enfermeiro na prevenção do câncer de mama é destacada em estudos sobre sua atuação. O enfermeiro é enfatizado por sua capacidade de orientar, educar e promover o diagnóstico precoce da neoplasia, sendo essencial para sensibilizar as mulheres sobre a importância da prevenção e detecção precoce da doença. Por meio de intervenções educativas, o enfermeiro pode alterar o comportamento das mulheres, auxiliando na diminuição da ocorrência e mortalidade por câncer de mama. Entretanto, encontram-se alguns obstáculos na prática profissional, como a falta de conhecimento e curto tempo disponível por parte do profissional, assim como insegurança do mesmo na realização de atividades de rastreamento. Os enfermeiros ainda não estão familiarizados com os protocolos definidos pelo Ministério da Saúde, o que pode resultar na implementação de ações não alinhadas com as políticas públicas para o rastreamento do câncer. Um dos artigos analisou a forma como a educação em saúde sobre a prevenção é transmitida para a população, tendo em vista que a linguagem torna-se ferramenta fundamental no processo. Além disso, para a melhoria de seus conhecimentos e práticas profissionais, os enfermeiros devem receber capacitação e educação permanente. **Conclusão:** Conclui-se que é crucial a prática profissional do enfermeiro na prevenção do câncer de mama, ressaltando sua capacidade de orientar, educar e promover o diagnóstico precoce. No entanto, existem obstáculos como falta de conhecimento e insegurança ao realizar atividades de rastreamento. É necessário se familiarizar com os protocolos do Ministério da Saúde e aprimorar a educação em saúde. Assim, é primordial realizar educação continuada para aperfeiçoar a prática profissional.

Palavras-chave: Enfermagem; Prevenção; Neoplasias da mama.



ATUAÇÃO DO ENFERMEIRO NO SERVIÇO DE ATENÇÃO ESPECIALIZADA COM ÊNFASE NA GESTÃO: RELATO DE EXPERIÊNCIA

Ana Karoline Alves da Silva¹; Simony de Freitas Lavor¹; Solange de Freitas Lavor²

Mestre em Enfermagem pela Universidade Regional do Cariri - URCA¹, Enfermeira graduada pela Universidade Regional do Cariri - URCA; Especialista em Gestão e Administração em Saúde pela Faculdade de Tecnologia e Ciências do Alto Paranaíba²

karol.alves@urca.br

Introdução: No âmbito da clínica moderna, a gestão compartilhada é considerada um instrumento de aptidão no que diz respeito ao gerenciamento e preparação de recursos humanos em entidades hospitalares. Nos sistemas ambulatoriais, particularmente, os enfermeiros executam atividades de cuidado aos pacientes de maior complexidade e coordenação da equipe de enfermagem. Para isso é importante a utilização de instrumentos e conhecimentos necessários à realização de um determinado projeto assistencial e administrativo. **Objetivo:** Relatar a atuação do enfermeiro no serviço de atenção especializada com foco nas contribuições de enfermagem para o processo de gestão. **Método:** Trata-se de um estudo descritivo, do tipo relato de experiência, sobre uma visita técnica ao Centro Microrregional Especializado de Atenção à Saúde Reprodutiva e Sexual do município de Iguatu, estado do Ceará, no mês de novembro de 2019. A visita foi realizada em parceria com a disciplina de Gestão das Ações nos Serviços de Enfermagem, ofertada no oitavo semestre do curso de graduação em Enfermagem de uma universidade pública. Foi utilizado um roteiro semiestruturado, disponibilizado pelas docentes, para a condução da visita e melhor compreensão dos estudantes sobre o funcionamento do serviço. **Resultados:** Os discentes foram recebidos e orientados pela enfermeira, responsável pela gestão do serviço de saúde. Dentre as principais demandas realizadas durante sua atuação como gestora, foi relatado a administração de recursos humanos e materiais; elaboração de escalas referentes às férias dos profissionais; preenchimento e entrega da ficha de produção, que serve para planejar e controlar os materiais e a demanda de usuários e reuniões com a equipe multiprofissional para traçar estratégias para melhor funcionamento do serviço de saúde. Além disso, a enfermeira realizava os procedimentos de enfermagem como a retirada de pontos após cirurgias, coleta do Papanicolau, aconselhamento sexual e reprodutivo, distribuição de preservativos, profilaxia pré-exposição e profilaxia pós-exposição. **Conclusão:** A visita técnica, como estratégia de ensino-aprendizagem, possibilita a articulação ensino-serviço e teoria-prática em cenários reais. Permite aos estudantes aprimorar o pensamento crítico-reflexivo, além de identificar a importância do trabalho intersetorial e multiprofissional para a assistência de qualidade. Além disso, foi possível conhecer as principais demandas realizadas pelo enfermeiro em sua atuação prática e gestora no serviço de saúde.

Palavras-chave: gestão em saúde; saúde sexual e reprodutiva; enfermagem.

ATUAÇÃO DO PROFISSIONAL ENFERMEIRO NO RASTREAMENTO DO CÂNCER DE COLO DO ÚTERO

Paulo Roberto Ferreira Morais¹; Isadora Oliveira de Castro¹

Graduados em enfermagem pelo Instituto Educacional Santa Catarina/Faculdade Guarai¹

pauloroberto9@gmail.com

Introdução: As taxas de câncer do colo de útero tem demonstrado um problema de saúde pública. O diagnóstico se realizado precocemente e de forma eficaz é fundamental para detecção e tratamento adequado desta doença. Nesse contexto, o profissional enfermeiro atua em um papel muito importante de educação e promoção em saúde, também na realização de exames de rastreamento. **Objetivo:** O estudo tem como objetivo analisar a atuação do enfermeiro no rastreamento do câncer de colo de útero, suas atribuições, habilidades e importância atuando na detecção precoce da patologia. **Metodologia:** A pesquisa foi realizada por meio de uma revisão bibliográfica de artigos científicos publicados entre 2010 a 2024. As bases de dados utilizadas foram Scielo, PubMed e LILACS, os artigos selecionados foram os que abordavam a atuação do enfermeiro no rastreamento do câncer de colo de útero, bem como as estratégias utilizados, os desafios encontrados e os resultados dessa assistência prestada. **Resultados e Discussão:** Os estudos revisados evidenciam que os enfermeiros são fundamentais na condução de programas de rastreamento do câncer de colo do útero. Sua atuação envolve a realização de exame preventivo de colo de útero (principal estratégia utilizada utilizada para identificar lesões de forma precoce), orientação e educação das pacientes sobre a importância do rastreamento e acompanhamento dos resultados. A formação contínua dos enfermeiros e a implementação de protocolos específicos são citadas como práticas que aumentam a eficácia do rastreamento. No entanto, desafios como a falta de recursos, barreiras culturais e resistência das pacientes ao exame ainda são obstáculos significativos. A integração dos enfermeiros em equipes multidisciplinares e a utilização de tecnologias de informação para monitoramento dos pacientes foram identificadas como estratégias promissoras para melhorar os índices de rastreamento. **Considerações finais:** A atuação do enfermeiro no rastreamento do câncer de colo do útero é crucial para a detecção precoce e redução da mortalidade associada a esta doença. Os profissionais de enfermagem, através de sua capacitação e engajamento em práticas de saúde pública, contribuem significativamente para a eficácia dos programas de rastreamento. Investir na formação contínua dos enfermeiros e superar as barreiras existentes são passos essenciais para aprimorar ainda mais os resultados dessa intervenção.

Palavras-chave: câncer de colo do útero; enfermeiro; rastreamento

ATUAÇÃO NA ATENÇÃO PRIMÁRIA: PREVENÇÃO E DIAGNÓSTICO PRECOCE DO CÂNCER DE MAMA

Iagor Wingenbah Guadagnin¹; André Luiz de Medeiros Morais¹; Laura Vidal Lins dos Santos¹; Maria Luiza Borba de Macedo Silva¹; José Rodolfo Hidelbrando Alves Leite^{2,3,4}.

Graduando em Medicina pelo Centro Universitário de João Pessoa¹; Médico pela Universidade Federal do Estado de Mato Grosso²; Especialista em Atenção Básica de Saúde pela Universidade Federal de Santa Catarina³. Orientador⁴.

iagor.guadagnin@gmail.com

Introdução: No Brasil, segundo o Instituto Nacional do Câncer (INCA), as estimativas para 2020 apontaram 66.280 casos de câncer (CA) de mama, correspondendo a 29,7% dos casos de câncer em mulheres. Em 2019, ocorreram 18.068 mortes por esse tipo de câncer no país. O prognóstico e tratamento do câncer de mama são determinados pela sua localização, idade do paciente e estágio da doença, juntamente com fatores de risco que incluem critérios histopatológicos, biológicos, moleculares e genéticos. O prognóstico é mais favorável com diagnóstico e tratamento precoces em comparação com estágios avançados ou metastáticos. A Atenção Primária à Saúde (APS), especialmente as Unidades Básicas de Saúde (UBS) com equipes de Saúde da Família (ESF), desempenha papel fundamental na prevenção, rastreamento e cuidado contínuo de doenças e agravos. **Objetivo:** Avaliar o conhecimento nas práticas de rastreio e diagnóstico precoce por profissionais da APS do câncer de mama. **Metodologia:** Trata-se de um estudo de revisão de literatura nas bases de pesquisa SciElo, PubMed e Biblioteca Virtual em Saúde (BVS). Foram realizadas buscas por artigos através dos descritores câncer de mama na atenção primária, capacitação de profissionais em UBS, diagnóstico de câncer de mama na atenção primária. Tiveram como critérios de inclusão artigos que contemplassem a prevenção e capacitação de profissionais da saúde de UBS sobre câncer de mama, ano de publicação de 2017 a 2024. E como critério de exclusão, pesquisas que não estivessem em português e que foram realizados fora do Brasil. Na pesquisa inicial o número obtido foi de 16 artigos, após aplicação dos critérios de inclusão e exclusão o número final foi de 8 artigos. **Resultados e Discussões:** Após adotar os critérios de inclusão e exclusão obtivemos um número final de 8 artigos para análise, divididos em 2 segmentos: dados quantitativos sobre capacitação e atuação dos profissionais da APS no rastreio de CA de mama e aspectos qualitativos do papel da APS no trajeto de prevenção, rastreio e diagnóstico do câncer de mama. A pesquisa indicou que uma parcela significativa dos profissionais (44%) não estava familiarizada com as diretrizes de rastreamento de câncer do INCA. A frequência recomendada de mamografias anuais foi observada em cerca de 75% dos casos, 50,9% dos enfermeiros e 25,1% dos médicos começaram o rastreamento de rotina em mulheres com menos de 40 anos. Entretanto, a maioria dos profissionais (71,4%) possui conhecimento inadequado sobre o exame mamográfico, incluindo periodicidade e faixa etária alvo. **Considerações finais:** A pesquisa destaca a importância da APS no câncer de mama, mas revela lacunas na aplicação das diretrizes de rastreamento, indicando a necessidade de capacitação contínua dos profissionais de saúde.

Palavras-chave: Atenção Primária à Saúde; Câncer de mama; Diagnóstico precoce; Profissionais de saúde

ATUAÇÃO FONOAUDIOLÓGICA EM BEBÊS COM FISSURA LABIOPALATINA

Natalia Gabrielle de Araujo Sarmiento¹, Lohanny Vitória Morais Borges², Luzianne Fernandes de Oliveira³

Graduando em Fonoaudiologia pela Universidade do Estado do Pará^{1,2}
Docente do Curso de Fonoaudiologia da Uepa³

gabriellenatalia28@gmail.com

Introdução: As Fissuras Labiopalatinas (FLP) podem ser caracterizadas por malformações craniofaciais que geralmente são identificadas em crianças recém-nascidas e estão associadas à alterações orofuncionais como: sucção, deglutição, respiração, mastigação e fala. Nessa perspectiva, o papel do fonoaudiólogo se enquadra na reabilitação dos aspectos oromiofuncionais e orientação aos pais, com o intuito de detectar as limitações anatômicas para cada caso e promover uma melhor qualidade de vida ao paciente. **Objetivo:** Analisar as principais técnicas terapêuticas utilizadas pelos profissionais fonoaudiólogos no tratamento de bebês com fissura labiopalatina. **Metodologia:** Refere-se a uma revisão integrativa da literatura, cuja pesquisa manuseou as seguintes bases de dados: BVS e Google Acadêmico. Como critérios de inclusão, foram utilizados: artigos na íntegra publicados no período de 2020 a 2024, que estejam no idioma português, excluindo os que não façam parte do período escolhido, que estejam publicados em outros idiomas e em outros formatos. Para conduzir a busca dos periódicos, estabeleceu-se como descritores em saúde (DeCs): “Fonoaudiologia”, “Fissura labiopalatina”, empregando o operador booleano “AND” para restringir a pesquisa. **Resultados e Discussão:** Ao fazer uso dos critérios de inclusão e exclusão, cerca de 4 materiais foram selecionados para compor o estudo. Após a leitura integral dos artigos, notou-se a que o fonoaudiólogo atua diretamente desde o pré-natal orientando os pais quanto o manejo do aleitamento materno e, caso necessário, fazendo o uso da mamadeira, como também, na aquisição da linguagem durante o desenvolvimento do infante, além de propor técnicas de alimentação para introdução alimentar e avaliar a fala e o desenvolvimento neuropsicomotor, ou seja, este profissional trabalha desde a prevenção até a reabilitação das estruturas que podem ser comprometidas pela FLP. **Conclusão:** Observou-se a carência de estudos que abordam diretamente a atuação fonoaudiológica voltada para a intervenção clínica em pacientes com fissura labiopalatina, sendo o fonoaudiólogo responsável por orientar os pais e reabilitar as alterações oromiofuncionais dos fissurados. Portanto, faz-se necessário a publicação de novos estudos enfatizando como este profissional pode intervir em casos clínicos com FLP.

Palavras-chave: fissura labiopalatina; fonoaudiologia; intervenção.

ATUAÇÃO FONOAUDIOLÓGICA NA DISFAGIA SARCOPÊNICA NA MULHER IDOSA EM AMBIENTE HOSPITALAR

Karla Caroline Barbosa Dote¹; Ediney Linhares da Silva¹

Mestre em Ensino na Saúde pela Universidade Estadual do Ceará¹

karlacllf@gmail.com

Introdução: A população geriátrica cresce em ritmo acelerado no Brasil e no mundo. Projeções apontam a elevação da expectativa de vida, com possibilidade de dobrar a quantidade de pessoas idosas em 2050. Com o aumento desse grupo evidenciam-se agravos relacionados ao envelhecimento e à cronicidade, dentre eles a disfagia, que se caracteriza por quaisquer dificuldades na deglutição de líquidos, fluidos e sólidos, que ocorre desde a boca até o estômago. A disfagia tem prevalência mundial e brasileira de cerca de 30 a 40% em pessoas idosas. Outro grande impacto é a sarcopenia, que se configura pela perda progressiva e generalizada da massa e força muscular. Dessa intersecção surgiu a disfagia sarcopênica, sendo considerada uma síndrome geriátrica e pode influenciar na autonomia, bem-estar e qualidade de vida da pessoa idosa. **Objetivo:** Relatar as vivências da assistência fonoaudiológica à mulher idosa hospitalizada com disfagia sarcopênica. **Metodologia:** Trata-se de uma pesquisa descritiva e qualitativa ancorada no relato de experiência para a construção de sua narrativa. O período compreendeu os meses de janeiro e março de 2024. Os atendimentos foram realizados diariamente e o perfil das pacientes consistiu em mulheres idosas, na faixa etária entre 61 e 79 anos. Registrou-se as observações em um diário de campo, o qual embasou esta pesquisa. Dispensou-se submissão ao Comitê de Ética, todavia foram respeitados os princípios bioéticos das pesquisas em saúde. **Resultados e Discussão:** foram acompanhadas um total de nove idosas no período. A média de atendimento fonoaudiológico foi de doze sessões individuais, com manobras reabilitadoras, adequações de consistências e treino muscular. Observou-se mudanças nas estruturas miofuncionais orofaciais em maior ou menor grau, refletindo em alterações na mobilidade, força e nas funções do sistema motor oral, como a redução no tônus labial, baixa mobilidade de bochechas, hipotonia e fraqueza de língua, que em muitos casos foi acompanhada de redução na função mastigatória para pedaços menores de alimentos, bem como fadiga no momento das refeições. **Considerações finais:** A relação entre sarcopenia e disfagia ainda não é bem compreendida na área da saúde e os estudos sobre essa temática são incipientes na Fonoaudiologia. Embora a redução da massa muscular global seja inerente ao processo do envelhecimento fisiológico, quando há disfagia associada esta traz prejuízos de várias ordens, sendo a disfagia sarcopênica um grande risco de complicações de saúde como pneumonias, broncoaspirações e recorrência de hospitalizações, podendo levar até ao óbito.

Palavras-chave: Disfagia sarcopênica; Saúde da mulher idosa; Assistência fonoaudiológica.

ATUAÇÃO FONOAUDIOLÓGICA NA PARALISIA FACIAL PERIFÉRICA EM MULHERES

Lohanny Vitória Morais Borges¹, Carla Marceli Medeiros Ramos², Natalia Gabrielle de Araujo Sarmiento³, Sara Sarmiento Batista⁴, Nelson Antonio Bailão Ribeiro⁵

Graduando em Fonoaudiologia pela Universidade do Estado do Pará^{1,2,3,4}
Doutor em Genética e Biologia Molecular da Universidade do Estado do Pará⁵

lohannyborges09@gmail.com

Introdução: Percebida como um impacto negativo na vida feminina, a paralisia de Bell, também conhecida como Paralisia Facial Periférica (PFP), está dentre os distúrbios da motricidade orofacial onde o paciente apresenta a redução da expressão referente à mímica facial, trazendo prejuízos para a comunicação. Tendo em vista este problema, o fonoaudiólogo se destaca, em virtude de que seus conhecimentos específicos podem ser aplicados para a terapêutica, com o intuito de promover melhoria na qualidade de vida de portadores desta afecção. **Objetivo:** Analisar as principais técnicas terapêuticas usadas pelos profissionais fonoaudiólogos, os seus fundamentos e a eficácia na aplicação em mulheres com Paralisia Facial Periférica. **Metodologia:** Trata-se de uma revisão integrativa de caráter descritivo, cujo levantamento bibliográfico foi realizado nas plataformas de busca: Biblioteca Virtual em Saúde (BVS) e Google Acadêmico, no período de 2011 a 2020. Dessa forma, foram considerados os descritores de busca (DeCs): “Paralisia Facial Periférica”, “Paralisia Facial Periférica AND Tratamento” e “Paralisia Facial Periférica AND Fonoaudiologia”, foi empregado o operador booleano “AND” para restringir e direcionar a busca. Como critério de inclusão ponderou-se: artigos na íntegra no idioma português, excluindo aqueles que não estavam relacionados à temática, em idiomas fora do selecionado e em outros formatos. **Resultados e discussão:** Após a análise dos materiais, foram selecionados o total de 4 publicações, após utilização dos descritores e dos critérios de inclusão e exclusão. Notou-se nesses materiais que, a PFP está relacionada com a redução ou interrupção do transporte axonal do VII nervo craniano, podendo causar alterações anatômicas e fisiológicas, resultando na limitação da mímica facial, funcionalidade, diminuição da tonicidade muscular, dificuldades nas funções mastigatórias, alterações na fala, problemas psicológicos e sociais. Nessa perspectiva, evidencia-se que a intervenção do fonoaudiólogo e seus conhecimentos na área estão diretamente associados à melhora na qualidade de vida desta paciente, visto que o tratamento por meio terapia miofuncional associada à laserterapia, uso de bandagem, exercícios específicos e alongamentos aplicados à musculatura orofacial, estão associados com a melhora visível no quadro clínico das pacientes. **Conclusão:** Portanto, é válido evidenciar que a paralisia facial periférica traz inúmeras desvantagens que envolvem dificuldade na mastigação, sucção, deglutição além de impactos psicológicos e limitações sociais na vida da mulher e devem ser tratadas por profissionais com conhecimentos adequados, como é caso do fonoaudiólogo. Logo, é importante evidenciar que é necessário relacionar o trabalho da fonoaudiologia e essa paralisia por meio de mais materiais científicos.

Palavras-chave: paralisia facial periférica; saúde da mulher; fonoaudiologia.

ATUAÇÃO FONOAUDIOLÓGICA NO AUXÍLIO À AMAMENTAÇÃO

Natalia Gabrielle de Araujo Sarmiento¹, Lohanny Vitória Moraes Borges², Luzianne Fernandes de Oliveira³

Graduando em Fonoaudiologia pela Universidade do Estado do Pará^{1, 2}
Docente do Curso de Fonoaudiologia da Uepa³

gabriellenatalia28@gmail.com

Introdução: A amamentação possui grande relevância para as mães, visto que traz benefícios para a saúde reprodutiva da mulher, protege contra neoplasias e acelera a involução uterina, reduzindo então o sangramento pós-parto. Além disso, promove a nutrição, o desenvolvimento emocional e o crescimento do neonato, pois, o ato de sucção auxilia no amadurecimento do sistema fonoarticulatório, desde a respiração até a articulação correta para a produção do som, ou seja, recém-nascidos com disfunções orofaciais possuem dificuldades para fazer a sucção do leite materno, o que pode interferir na perda de peso, no desmame precoce e pode gerar traumas mamilares na puérpera. Partindo deste princípio, o fonoaudiólogo é o profissional habilitado para perceber essas disfunções e auxiliar as mães durante o manejo. **Objetivo:** Evidenciar a necessidade do acompanhamento fonoaudiológico às mães puérperas durante o período de amamentação. **Metodologia:** Trata-se de uma revisão integrativa da literatura, para tanto, considerou-se as plataformas de busca BVS e Google Acadêmico para o levantamento bibliográfico. Foram utilizados como critérios de inclusão: artigos no idioma português, no período de 2019 a 2023, excluindo aqueles que não fazem relação com a temática abordada, que estejam em outros idiomas e trabalhos em outros formatos. Além disso, os descritores em saúde (DeCs) selecionados foram: "Amamentação", "Fonoaudiologia" com o emprego do operador booleano "AND" para restringir e direcionar a busca dos periódicos. **Resultados e Discussão:** Para fundamentar o estudo, foram encontrados 185 materiais, destes realizou-se a seleção de 5 artigos, com a utilização dos descritores selecionados e os critérios de inclusão e exclusão, cujo resultados mostram que a fonoaudiologia possui papel importante no que diz respeito à amamentação, sendo o profissional responsável por instruir as mães puérperas tanto sobre o aleitamento materno desde o pré-natal até o puerpério, quanto para a qualidade de vida da família do neonato, apesar dos estudos demonstrarem que gestantes e lactantes ainda não possuem conhecimento pleno de como realizar esta prática, tornando-se essencial, a presença do fonoaudiólogo para fornecer informações sobre os benefícios para a saúde da criança e de sua mãe. **Conclusão:** Observou-se a carência de publicações atuais sobre a relação da fonoaudiologia e da amamentação e a necessidade de maior divulgação de que o aleitamento materno possui maneiras que tornam esse ato mais eficaz, principalmente com o auxílio do profissional fonoaudiólogo. Portanto, faz-se indispensável novos estudos demonstrando que esse profissional desempenha grande papel na maternidade e é fundamental sua presença neste local.

Palavras-chave: Amamentação; Desenvolvimento; Fonoaudiologia.



AVALIAÇÃO DE ÓBITOS POR MORTALIDADE MATERNA DE 2012 A 2022 NO ESTADO DE PERNAMBUCO

Karla Rivellyne de Castro Ribeiro¹; Flávia Letícia Miranda Galvão¹; Ana Carolina Matias Pires¹; Marília Lopes Leal¹; Tales Silva Santana¹; Tarcísio Augusto da Silva Menezes²

Graduandos em medicina pela Universidade Federal do Vale do São Francisco¹ Graduado em medicina pela Universidade Federal do Vale do São Francisco²

karivellyne@gmail.com

Introdução: A mortalidade materna (MM) é um indicador crucial da saúde pública que reflete a qualidade da assistência prestada às mulheres durante a gestação, parto e puerpério. Avaliar os óbitos por MM permite identificar fatores de risco e vulnerabilidades, principalmente em contextos socioeconômicos desfavoráveis. **Objetivo:** O presente estudo objetiva avaliar o perfil dos óbitos por MM no Estado de Pernambuco, nos anos de 2012-2022. **Metodologia:** Trata-se de um estudo ecológico que tem como base de dados oriundos do DATASUS. A amostra da MM foi composta por óbitos de mulheres férteis durante a gravidez, parto ou aborto e durante o puerpério, até 42 dias. Foram analisadas as causas obstétricas dos óbitos. Os demais dados coletados foram raça, faixa etária (de 10-49), escolaridade e o estado civil. **Resultados e Discussão:** Houve 942 óbitos por MM, destes 361 foram durante a gravidez, parto ou aborto e 581 durante o puerpério, até 42 dias. Dentre as causas dos óbitos, a que mais se destaca é a obstétrica, correspondendo a 81,63% do total. Esta ainda se divide em causas diretas (60,7%) e indiretas (36,8%). Das diretas, 76,23% ocorreram no puerpério ou até 42 dias, sendo os principais motivos: edema, proteinúria e transtornos hipertensivos da gravidez, parto ou puerpério. Já em relação às causas indiretas, 86,9% das mortes foram por afecções obstétricas não classificadas. O grupo étnico mais atingido foi o pardo (69%), seguido do branco (22,9%) e o preto (6%). A faixa etária mais acometida foi de 20 a 39 anos (75,3%); entre as mulheres mais jovens (até 19 anos) a maioria das mortes ocorreram durante gravidez, parto e aborto, enquanto nas demais idades ocorreram no puerpério ou até 42 dias. Quanto à escolaridade, 35% tinham nenhuma ou de 4-7 anos de estudo, seguido de 31,8% com 8-11 anos e de 8% com 12 ou mais. Em relação ao estado civil, 60% eram solteiras. **Conclusão:** A MM é mais frequente em mulheres com 20 a 39 anos, pardas, pouco escolarizadas e solteiras, delineando um perfil marcado por desvantagens sociais. Observa-se que a causa obstétrica direta é mais prevalente e grande parte das mortes poderiam ser evitadas com uma melhor assistência durante o pré-natal, parto e puerpério. Portanto, deve-se abordar a questão não somente como um desafio complexo de ser superado, mas também considerar as variáveis socioeconômicas e identificar grupos em situações de vulnerabilidade para intervenções mais eficazes.

Palavras-chaves: mortalidade; mulheres; vulnerabilidade.



AValiação e Intervenção Fonoaudiológica em Mulheres Pós-AVE com Alterações de Linguagem e Comunicação no Brasil

Sara Sarmiento Batista¹, Lohanny Vitória Morais Borges², Iasmim Corrêa de Souza³, Carla Marcelli Medeiros Ramos⁴, Luzianne Fernandes de Oliveira⁵

Graduanda em Fonoaudiologia pela Universidade do Estado do Pará^{1,2,3,4}
Docente do Curso de Fonoaudiologia da Universidade do Estado do Pará⁵

sara.sbatista@aluno.uepa.br

Introdução: O acidente vascular encefálico (AVE) popularmente conhecido como derrame, é classificado em: isquêmico, quando há uma interrupção parcial ou total do fluxo de sangue para o cérebro devido a uma obstrução dos vasos, e hemorrágico quando ocorre o rompimento de vasos sanguíneos. Esta intercorrência pode trazer como consequência alterações na comunicação caracterizadas por afasia, disartria, apraxia, bem como, outros aspectos linguísticos e alimentares. Partindo deste princípio, o fonoaudiólogo é o profissional capacitado para reabilitar as funções cognitivas e de linguagem buscando a melhora na qualidade de vida desses pacientes. **Objetivo:** Analisar publicações que abordam a atuação fonoaudiológica em casos de pacientes do gênero feminino que sofreram acidente vascular cerebral com sequelas nas áreas da linguagem e comunicação. **Metodologia:** Trata-se de uma revisão integrativa da literatura de abordagem descritiva, em que os levantamentos bibliográficos foram realizados na seguinte plataforma de busca: Biblioteca Virtual em Saúde (BVS), no período de 2016 a 2024. Foram considerados os descritores de busca (DeCs): “Fonoaudiologia”, “AVE” e “Linguagem”, foi empregado o operador booleano “AND” para restringir e direcionar a busca. Para tanto, os critérios de inclusão foram: artigos na íntegra no idioma português, que abordassem a temática voltada para o gênero feminino, excluindo, dessa forma, materiais científicos com outra formatação e fora do idioma selecionado. **Resultados e Discussão:** Para tanto, foram encontrados o total de 15 artigos com o uso dos descritores, destes após a realização da filtragem por meio dos critérios de inclusão e exclusão, foram selecionados 6 artigos para compor o estudo. Nos materiais analisados, notou-se que intervenção fonoaudiológica nas pacientes que sofreram AVE trabalha principalmente a reabilitação da comunicação, visto que quanto mais precoce o atendimento, melhor é o prognóstico, contribuindo assim, para recuperação de habilidades linguísticas. O processo de reabilitação envolve a presença do fonoaudiólogo na equipe multidisciplinar para a realização de atividades refinadas, comunicação, linguagem e cognição, elaboradas em um plano de reabilitação que depende da condição física e cognitiva da paciente, sendo analisadas as perspectivas individuais no tratamento. **Considerações Finais:** Portanto, a avaliação e intervenção fonoaudiológica em mulheres pós-AVC requer uma abordagem sensível e abrangente, considerando a colaboração multidisciplinar, não apenas para as questões linguísticas, mas também as emocionais e sociais. A atenção à reabilitação da linguagem e ao impacto psicossocial da paciente pós-AVE é crucial, pois visa a recuperação e reintegração na sociedade. Dessa forma, a fonoaudiologia pode contribuir significativamente para a reabilitação eficaz desse público.

Palavras-chave: fonoaudiologia; AVE; comunicação.

AVANÇOS E TENDÊNCIAS NA ASSISTÊNCIA PRÉ-NATAL: IMPACTO NA SAÚDE MATERNA E NEONATAL EM CONTEXTOS DE BAIXO E ALTO RISCO

Jaine Joselaine de Souza Medeiros Dantas¹

Graduada em Serviço Social pela Universidade Potiguar, Especialista em Saúde Mental pela Faculdade Venda Nova do Imigrante, Técnica em Enfermagem pela Escola Técnica de Enfermagem Florence¹

✦ ✦
joselainejaine@gmail.com

Introdução: Compreender os avanços e tendências na assistência pré-natal é crucial para melhorar a saúde materna e neonatal, especialmente em contextos de baixo e alto risco. A assistência pré-natal desempenha um papel fundamental na identificação precoce de complicações e na implementação de intervenções preventivas para garantir resultados positivos para mães e bebês. A evolução dessas práticas reflete o progresso tecnológico e uma mudança para uma abordagem mais centrada na mulher e baseada em evidências. **Objetivo:** Este resumo visa destacar os avanços recentes e as tendências emergentes na assistência pré-natal e seu impacto na saúde materna e neonatal, particularmente em contextos de baixo e alto risco. Ao examinar essas tendências, busca-se identificar áreas-chave que necessitam de maior atenção e investimento para melhorar os resultados de saúde materna e neonatal em todo o mundo. **Metodologia:** Para alcançar esse objetivo, foi realizada uma revisão abrangente da literatura científica atualizada sobre avanços e tendências na assistência pré-natal. Os critérios de inclusão dos estudos englobaram pesquisas publicadas nos últimos dez anos, em diversos idiomas, com foco em contextos globais. Foram consultadas várias bases de dados, incluindo PubMed, Scopus e Cochrane Library, para garantir uma compreensão ampla das práticas atuais e emergentes na assistência pré-natal. **Resultados e Discussão:** Os avanços na assistência pré-natal incluem a implementação de abordagens baseadas em evidências, como o uso de exames de triagem genética não invasiva, o emprego de ultrassonografia avançada para detecção precoce de anomalias fetais e a promoção de modelos de cuidado centrados na mulher. Além disso, as tendências emergentes destacam a importância da personalização do cuidado pré-natal, o envolvimento ativo das mulheres na tomada de decisões sobre sua saúde e o uso crescente de tecnologias de telemedicina para expandir o acesso aos serviços em áreas remotas ou carentes de recursos. Essas tendências refletem um movimento em direção a uma abordagem mais holística e centrada na paciente na assistência pré-natal, reconhecendo a importância de considerar as necessidades individuais e contextuais das mulheres grávidas. **Conclusão:** Os avanços e tendências na assistência pré-natal estão transformando a maneira como cuidamos das mulheres durante a gravidez, com impactos significativos na saúde materna e neonatal, especialmente em contextos de baixo e alto risco. Investir em estratégias inovadoras, centradas na mulher é fundamental para garantir que todas as gestantes recebam o cuidado de qualidade que necessitam para uma gravidez saudável e um parto seguro.

Palavras-chave: Assistência pré-natal; Saúde Materna; Neonatal.



BABY BLUES: IMPACTOS NA SAÚDE MENTAL DAS MULHERES NO PÓS-PARTO

Maria Eduarda de Matos Bernardes¹; Ana Laura Inácio Oliveira¹; Bianca Pereira Remedi¹; Gabriela Martins¹; Laís Gonçalves Martins¹; Livia Nantes de Souza¹; Mariana Andrade Oliveira²

Discentes do curso de Medicina da Universidade de Ribeirão Preto (UNAERP-RP), SP, Brasil¹
Docente do curso de Medicina da Universidade de Ribeirão Preto (UNAERP-RP), SP, Brasil. Mestre em Patologia²

✦ ✦
Duda.berr02@gmail.com

Introdução: O Baby Blues é caracterizado pelo surgimento de sintomas depressivos leves no período pós-parto e costumam desaparecer espontaneamente. Entretanto, mulheres acometidas por ele possuem maior probabilidade de desenvolver transtornos psiquiátricos mais graves. Os sintomas mais comuns são: tristeza, ansiedade, mudanças de humor – com fases de euforia – e perda do interesse por atividades cotidianas. Além disso, algumas mulheres podem apresentar despersonalização e outras, elação. Apesar dele ser um quadro leve, as relações interpessoais da puérpera podem ser afetadas, visto que, ela pode apresentar comportamento hostil, podendo refletir negativamente nos filhos. **Objetivo:** Apresentar os impactos na saúde mental da puérpera, posto que, há uma romantização da maternidade pelo meio social e uma carência de informações a respeito do puerpério. **Metodologia:** Trata-se de uma revisão bibliográfica e os métodos utilizados foram a seleção de artigos, com um período de busca definido pelos últimos 5 anos, da plataforma Scientific Electronic Library Online (SCIELO) com os seguintes descritores: Baby Blues e Saúde Psíquica. **Resultados e Discussões:** O período Perinatal que corresponde ao início das gestação até os 12 meses pós-parto é marcado por profundas modificações físicas e hormonais, que repercutem diretamente na saúde emocional da mulher (Silva, 2022). Dito isso, mais da metade das mães apresentam Baby Blues na primeira semana após o parto, sendo essa a sua alteração mais comum. Somado a isso, a ocorrência desse estado está associada a fatores biológicos, psicológicos e sociais, relacionados ou não ao período gestacional. Aos fatores associados à gravidez, destacam-se a gravidez na adolescência e a não planejada e a violência praticada pelo companheiro, já no pós-parto, a privação de sono, a falta de suporte familiar e a relação conjugal estremecida pode favorecer o adoecimento mental da mãe e o surgimento de sintomas depressivos. Complementar a isso, o nível socioeconômico precário pode afetar negativamente a saúde psíquica da puérpera, contrário a amamentação, que possui grande potencial de reduzir a resposta ao estresse e a tensão – pelo contato pele a pele – e conseqüentemente, a incidência do Baby Blues. **Considerações Finais:** Levando em consideração a falta de informação a respeito do puerpério, torna-se necessário educar as gestantes sobre esse período, a fim de ajudar no reconhecimento desse problema e evitar a progressão de seu quadro. Isso pode ser feito, a nível de atenção primária, por meio da visita domiciliar. E é de suma importância, que durante essas intervenções, as mães se sintam acolhidas para conversar sobre seus anseios.

Palavras-chave: Baby blues; saúde mental; puérpera

BAIXA PROCURA DE EXAMES GINECOLÓGICOS DE ROTINA NO SUS POR MULHERES EM ESTADO DE VULNERABILIDADE

Cibely Gonçalves de Souza¹; Luzianne Fernandes de Oliveira²

Graduanda em fonoaudiologia pela Universidade do Estado do Pará¹, Docente do curso de fonoaudiologia da Universidade do Esatado do Pará²

cibely.gdsouza@aluno.uepa.br

Introdução: Os exames ginecológicos de rotina são compostos pela mamografia, Papanicolau e colposcopia, estes são realizados por mulheres saudáveis, com o intuito de verificar, rastrear e prevenir patologias uterinas e mamárias precocemente, e com isso aumentar as possibilidades de tratamento caso apresentem. A atenção primária é a entrada preferencial de acesso a saúde, sendo primordial para prevenção e promoção do autocuidado da mulher com seu corpo. **Objetivo:** Analisar as publicações sobre a procura pela realização de exames ginecológicos de rotina pelas mulheres. **Metodologia:** Esse estudo trata-se de uma revisão integrativa da literatura que utiliza as bases de dados Scielo, PubMed e BVS para a coleta, no idioma português durante o período de 2019 a 2023. As palavras-chave foram utilizadas em consonância com o operador booleano “AND” e com todos os descritores presentes no DeCS. **Resultados e Discussão:** Com a realização da busca foi possível encontrar 19 publicações, dessas somente 6 foram selecionadas para a efetivação da pesquisa, nesta seleção nenhum dos artigos foram da Scielo, 1 foi da PubMed e 5 foram da BVS. No entanto, é perceptível a baixa procura aos exames por mulheres principalmente jovens, pretas/pardas/indígenas, solteiras, que vivem em regiões sociodemográficas desiguais, com baixo nível de escolaridade e socioeconomicamente instáveis, apresentando assim uma vulnerabilidade social e econômica. Outros fatores que influenciam para a não realização destes exames são fatores contextuais como a condição socioeconômica da vizinhança, a criminalidade, o Índice de Desenvolvimento Humano (IDH), o Índice de Gini e o número de profissionais da saúde que realizam os procedimentos. Mesmo com as evidências sobre a importância de exames ginecológicos preventivos, é perceptível a maior taxa de abrangência no ano de 2013, e posteriormente se observa queda anual sobretudo em mulheres que apresentam-se em estado de vulnerabilidade e desigualdade. Esse indicativo contribuiu para o aumento de doenças como câncer de colo de útero e de mama nessas, devido a diminuição do rastreamento. **Conclusão:** Dessa forma, é possível chegar a conclusão de que o local em que o indivíduo vive é um determinante importante para a saúde. Assim sendo, deve-se haver políticas públicas que auxiliem nas desigualdades e vulnerabilidades das mulheres, e estas irão colaborar nos programas de rastreamento ginecológico. A atenção primária e secundária da saúde devem estar íntegras e eficientes, bem como os profissionais e equipamentos devem ser especializados, para que seja possível a efetividade dessas contribuições.

Palavras-chave: Mamografia; Teste de Papanicolau; Colposcopia.

BANCO DE LEITE HUMANO: SOB A PERSPECTIVA DE UMA RESIDENTE EM ENFERMAGEM OBSTÉTRICA

Maria Andreza Marques da Silva¹

Enfermeira Residente em Obstetrícia pela Secretária de Saúde do Recife¹

Andreza14200@gmail.com

Introdução: O leite humano é um fluído, que em sua composição química, possui nutrientes necessário para o desenvolvimento e crescimento saudável da criança, suprindo os fatores relacionados à sua digestão e ao metabolismo do recém-nascido. Dessa forma, a criação dos bancos de leite humano (BLH) com a atuação do enfermeiro, tem como função realizar coleta, processamento e controle de qualidade do leite, a fim de reduzir as taxas de mortalidade neonatal e melhoria da qualidade de vida infantil, além de ter um papel importante na identificação das necessidades da mulher e atuação em processos educativos. **Objetivo:** descrever a experiência de uma residente durante sua atuação em um banco de leite humano. **Metodologia:** Trata-se de um estudo qualitativo, descritivo, tipo relato de experiência. Foi realizado no mês de abril do ano de 2023, durante o rodízio da residente em enfermagem obstétrica em uma maternidade de alto risco de Pernambuco, através de práticas relacionadas a ordenha manual, capacitações sobre aleitamento materno, doação do leite materno e processo de pasteurização. **Resultados e Discussão:** Essa parceria entre residentes de obstetrícia e equipe do banco de leite humano favorece o ensino e prática, na medida em que também atende a demanda e as necessidades das mulheres que buscam o serviço do Banco de Leite Humano (BLH). Assim, a vivência nesse cenário propicia conhecimentos necessários para uma formação profissional adequada, propiciando o desenvolvimento de pensamentos críticos, reflexivos e criativos, que são consequências dessa prática profissional enriquecedora. Para mais, essa experiência compreende o reconhecimento e a integração ao serviço, de modo que o residente possa construir uma visão clínica para identificar as necessidades e o diagnóstico de problemas das mães e familiares, além de utilizar desse espaço para esclarecer as dúvidas, para promover capacitações e momentos educativos, sendo as temáticas principais voltadas aos benefícios da amamentação, posição e pega de maneira correta e formas de construir uma amamentação prazerosa para o binômio mãe-bebê. **Considerações finais:** a vivência no Banco de Leite Humano, proporcionou uma visão holística e conhecimentos necessários para uma formação profissional baseada em evidências, propiciando o desenvolvimento de pensamentos críticos, reflexivos e criativos, que são consequências dessa prática profissional enriquecedora.

Palavras-chave: Aleitamento Materno; Cuidado de Enfermagem; Relações Comunidade-Instituição.

BENEFÍCIOS DA AMAMENTAÇÃO E LACTAÇÃO PARA A SAÚDE FÍSICA, PSICOLÓGICA E EMOCIONAL DA MULHER

Verônica Santana Coelho¹, Arthur Humberto Arruda Duarte², Fellipe de Souza Fernandes³, Livia Nantes de Souza⁴, Maria Eduarda Pereira Juscelino⁵, João Pedro Freire de Moraes⁶, Ana Laura Ferreira Mendes⁷, Mariana Andrade Oliveira⁸

Graduandos do Curso de Medicina pela Universidade de Ribeirão Preto-UNAERP¹⁻⁷, Prof. Ms. em Patologia Cirúrgica pela Universidade de Ribeirão Preto-UNAERP⁸

veronica.coelho@sou.unaerp.edu.br

Introdução: A amamentação e a lactação são processos naturais, sendo um direito biológico e ético de uma mãe e seu filho, a mesma desempenha um papel crucial não apenas na nutrição e desenvolvimento do bebê, entretanto também na saúde e bem-estar da mulher. Embora a maioria das pesquisas e campanhas de saúde pública se concentrem nos benefícios do leite materno para os neonatos, é igualmente importante destacar os efeitos positivos que tal traz para as mães. Desde a recuperação pós-parto até a redução do risco de doenças crônicas e o desenvolvimento de cânceres, como de mama, ovário e endométrio, além disso é fundamental destacar a promoção do bem-estar psicológico e emocional. **Objetivo:** Elucidar os benefícios da amamentação e lactação na promoção da saúde física e psicoafetiva feminina. **Metodologia:** Revisão bibliográfica baseada em artigos científicos publicados entre 2001 e 2018, encontrados através de uma pesquisa realizada nas plataformas digitais PubMed, Scientific Library Online (SciELO) e INCA, utilizando unitermos como: Amamentação; Lactação; Saúde da Mulher. **Resultados e discussão:** Abstrai-se de diversos estudos científicos que a amamentação e a lactação conferem uma série de benefícios significativos à saúde feminina. Amamentar auxilia na recuperação pós-parto ao estimular a liberação de ocitocina, hormônio que ajuda na contração uterina e na redução do risco de hemorragia. Ademais, a prática está associada a uma diminuição substancial no risco de desenvolver doenças crônicas, como diabetes tipo 2, osteoporose, doenças cardiovasculares e alguns cânceres já especificados. É fundamental destacar que a produção de leite materno, contribui para a perda de peso ganho durante a gestação, visto que há um aumento no gasto energético. No âmbito psicológico e afetivo, a amamentação fortalece o vínculo mãe-filho, reduzindo níveis de estresse e ansiedade, diminuindo a incidência de depressão pós-parto. É relevante salientar sobre como indiretamente a amamentação protege a mãe da exposição a patógenos, uma vez que proporciona ao bebê anticorpos e outros fatores imunológicos. Ressalta-se ainda sobre como a amamentação exclusiva, corrobora para o planejamento familiar, já que pode atuar como um método contraceptivo natural nos primeiros seis meses - Método Amenorréia Lactacional (MAL). **Considerações Finais:** Em suma, a amamentação oferece uma ampla gama de pontos positivos que contribuem significativamente para a saúde integral da mulher e do neonato. Sendo assim, os resultados discorridos, enfatizam a relevância de políticas e programas que incentivem e apoiem, a fim de estimular cada vez mais esse ato.

Palavras-chave: lactação; amamentar; saúde integral feminina.



BENEFÍCIOS DA ATIVIDADE FÍSICA NA GESTAÇÃO: UMA ANÁLISE DOS IMPACTOS NA SAÚDE MATERNO-FETAL

Laís Netto Borges¹; Lara Pereira Tavares Cunha¹; Livia Castro de Sá Lima¹; Ludmyla da Silva Freitas¹; Jéssica Fernandes Carvalho¹; Kauã Paulino dos Santos¹; Danillo Paulo da Silva Vitalino^{1,2,3,4,5,6}

Graduanda(o) em Medicina pela Universidade Federal de Catalão - UFCat¹, Cirurgião-dentista graduado pelo Centro Universitário de Goiatuba - Unicerrado², Pedagogo graduado pelo Centro Universitário de Goiatuba³, Especialista em Docência do Ensino Superior e Metodologias Ativas de Aprendizado pela Faculdade Descomplica⁴, Especialista em Tecnologias Aplicadas à Educação pela Faculdade Descomplica⁵, Pós-graduando em Docência em Ciências da Saúde pela Faculdade Iguazu⁶.

laisnetto1@hotmail.com

Introdução: A gestação é um período crucial na vida da mulher, repleto de mudanças fisiológicas e emocionais. A prática de atividade física durante a gravidez tem sido objeto de estudo devido aos potenciais impactos positivos que pode trazer para a saúde materna e fetal. Este texto tem como objetivo explorar esses impactos, utilizando artigos científicos publicados a partir de 2022. Durante muito tempo, a gestação foi vista como um período de repouso absoluto para a mulher. No entanto, evidências recentes têm mostrado que a prática regular e supervisionada de atividade física pode trazer benefícios significativos para a gestante, desde que realizada de forma segura e adequada. **Objetivo:** Este estudo visa analisar os impactos da atividade física na gestação, considerando aspectos como saúde materna, saúde fetal, bem-estar emocional e preparação para o parto. **Metodologia:** Foram revisados artigos científicos publicados em periódicos especializados, entre os anos de 2022 e o presente, utilizando bases de dados como PubMed, Scielo e Scopus. Inicialmente, foram encontrados 150 artigos sobre o tema. Após a aplicação dos critérios de inclusão e exclusão, 25 artigos foram selecionados para a escrita deste estudo. Os critérios de inclusão foram: artigos publicados a partir de 2022, estudos que abordavam os efeitos da atividade física durante a gestação, e publicações em periódicos revisados por pares. Os critérios de exclusão foram: artigos que não estavam disponíveis em texto completo, estudos que não abordavam especificamente a saúde materno-fetal, e publicações duplicadas. **Resultados e Discussões:** Diversos estudos têm demonstrado que a prática regular de atividade física na gestação está associada a uma redução do risco de complicações como pré-eclâmpsia, diabetes gestacional e ganho excessivo de peso. Além disso, evidências sugerem que mulheres ativas durante a gestação tendem a apresentar menor incidência de depressão pós-parto e uma recuperação mais rápida no pós-parto. No entanto, é importante ressaltar a necessidade de uma abordagem individualizada, levando em consideração o histórico médico e as condições específicas de cada gestante. **Considerações finais:** Os resultados analisados indicam que a atividade física durante a gestação pode trazer uma série de benefícios para a saúde materno-fetal, contribuindo para uma gestação mais saudável e um melhor desfecho obstétrico. No entanto, é fundamental que a prática seja supervisionada por profissionais qualificados e adaptada às necessidades individuais de cada gestante, garantindo assim a segurança tanto da mãe quanto do bebê.

Palavras-chave: gestação; atividade física; saúde materno-fetal.

BENEFÍCIOS DA ATIVIDADE FÍSICA NA REDUÇÃO DO TEMPO NO TRABALHO DE PARTO

Maria Clara Rodrigues Camelo¹; Lara Rebeca Piauilino Freitas de Sá¹; Maria Beatriz Pereira de Souza¹; Izabel Cristina Falcão Juvenal Barbosa²;

Graduanda em Enfermagem pela Universidade Federal do Piauí¹; Docente do curso Bacharelado de Enfermagem².

✦
✦
marya.olecam@hotmail.com

Introdução: Remotamente, a prática de atividade física na gestação era desconsiderada, visto que elucubravam a gravidação como uma enfermidade, em que as mulheres necessitavam ficar de repouso e evitar esforço físico. Nos dias atuais, essa prática vem sendo muito procurada, exceto as gestantes que apresentem algum risco. Nesse cenário, os exercícios físicos trazem uma melhor qualidade de vida e bem-estar. Dessa forma, torna-se necessário à implementação de atividades físicas para gestantes na garantia de um trabalho de parto menos doloroso, mais confortável e natural. **Objetivo:** Analisar as evidências científicas no que tange os benefícios da atividade física na redução do tempo no trabalho de parto. **Metodologia:** Trata-se de uma revisão bibliográfica realizada em maio de 2024, que buscou responder a seguinte questão: Qual a importância da atividade física nas gestantes para a diminuição do tempo no trabalho de parto? A busca pelos artigos foi realizada através das bases de dados *National Library of Medicine* e *Medical Literature Analysis and Retrieval System Online*. Utilizou-se os descritores controlados indexados no vocabulário de Descritores em Ciências da Saúde, a saber: “Atividade Física”, “Gestantes” e “Trabalho de parto” e os descritores “*Physical Activity*”, “*Pregnant Women*” e “*Labor*”, consultados no *Medical Subject Headings*. Optou-se como critérios de inclusão: textos completos e disponíveis em inglês e português, no período compreendido de 2012 a 2024 e como parâmetros de exclusão: monografias, dissertações ou qualquer outro estudo que não fosse condizente com os objetivos da pesquisa. Identificou-se 15 artigos científicos relevantes. Deste total, apenas 7 foram selecionados para leitura na íntegra e permaneceram para compor a amostra final. **Resultados e Discussão:** Observou-se como benefícios de maneira geral: melhora a autoestima, promove a prevenção de diabetes, depressão e obesidade, melhora o fortalecimento da musculatura abdominal, proporciona diminuição das dores no corpo, além de preparar para o ato de dar à luz. Em contrapartida, a literatura aponta à diminuição no trabalho de parto, sensação de menos dores e tensões e incrementa a ocorrência de parto por via vaginal. Acrescenta-se que essa alternativa tem sido adotada como uma prática não invasiva, eficaz e acessível, onde só trará benefícios durante a gestação, concepção e pós-parto. **Conclusão:** Concluiu-se que a prática de atividade física é capaz de tornar o ato de parir menos doloroso, natural e pleno, contribuindo com a redução no tempo de trabalho de parto e menos intervenções obstétricas. Ademais, os exercícios físicos contribuem exponencialmente para o bem-estar materno e fetal.

Palavras-chave: Atividade física; Gestantes; Trabalho de parto.

BENEFÍCIOS DA SUPLEMENTAÇÃO DE ÁCIDO FÓLICO DURANTE A GESTAÇÃO PARA A SAÚDE DO BEBÊ

Aldair Baia Farias¹; Alessandra dos Santos da Silva¹; Jully Gabriely de Melo Ambe¹; Luisa Margareth Carneiro da Silva²

Graduandos em nutrição pela Universidade Federal do Pará¹; Doutora em Nutrição pela universidade Federal do Pará²

✦✦
aldairfarias287@gmail.com

Introdução: As evidências apontam para a importância de uma nutrição adequada na prevenção de desequilíbrios nutricionais antes e durante a gravidez, nomeadamente, ao nível da suplementação de ácido fólico. A sua ausência, deficiência ou até mesmo excesso pode provocar alterações e malformações ao nível fetal e materno. **Objetivo:** Examinar os efeitos positivos e impactos do uso de ácido fólico durante a fase gestacional na promoção e benefícios para a saúde neonatal. **Metodologia:** Realizou-se uma revisão bibliográfica da literatura, selecionando 10 artigos publicados entre 2016 e 2022, nos idiomas português e inglês. A revisão foi realizada durante os meses de abril e maio de 2024, e os artigos foram obtidos nas bases de dados da Biblioteca Virtual em saúde, PubMed e Scielo. Foram utilizados termos combinados de acordo com os Descritores em Ciências da Saúde, como "ácido fólico", "gestação", "malformações fetais" e "saúde neonatal". Utilizou-se operadores booleanos (AND, OR) para refinar as buscas. Os critérios de inclusão envolveram estudos que abordassem a suplementação de ácido fólico na gravidez e seus impactos na saúde materna e fetal, enquanto os critérios de exclusão abrangeram artigos que não apresentavam dados conclusivos ou que se concentravam em outros aspectos nutricionais não relacionados ao ácido fólico. **Resultados e discussão:** Os benefícios da suplementação do ácido fólico são de extrema importância para a garantia do pleno desenvolvimento do bebê, conforme evidenciados nos artigos analisados. Os autores ressaltam que a suplementação atua na prevenção de deformações do tubo neural, fissura labial não sindrômica e a redução de doenças cardíacas e defeitos genéticos no bebê, ademais destacam melhorias no desenvolvimento cognitivo e motor, redução de síndromes como transtornos do espectro autista, e benefícios para a saúde materna como um menor risco de pré-eclâmpsia, hipertensão gestacional e parto prematuro. **Conclusão:** Destarte, a suplementação do ácido fólico, ou de sua forma mais simples, o folato, tem uma máxima importância na redução da morbidade e mortalidade do bebê, assim como o da mãe principalmente quando administrado antes e nas primeiras semanas de gestação.

Palavras-chave: Ácido fólico; suplementação; benefícios.

BENEFÍCIOS DO RASTREAMENTO COMBINADO NA DETECÇÃO DE ANOMALIAS CROMOSSÔMICAS PARA SAÚDE DA GESTANTE E BEBÊ.

Ana Laura Ferreira Mendes ¹, Arthur Humberto Arruda Duarte ², Felipe de Souza Fernandes ³, João Pedro Freire de Moraes ⁴, Livia Nantes de Souza ⁵, Maria Eduarda Pereira Juscelino ⁶, Verônica Santana Coelho ⁷, Mariana Andrade Oliveira ⁸

Graduandos do curso de Medicina na Universidade de Ribeirão Preto ^{1 - 7}, SP, Brasil, Docente no curso de medicina em Universidade de Ribeirão Preto-UNAERP, Departamento de Medicina: Prof. Ms. Em Patologia Cirúrgica ⁸

ana-lauramendes@hotmail.com

Introdução: Anomalias cromossômicas são alterações que afetam qualquer cromossomo, em número ou estrutura, comprometendo o desenvolvimento fetal e gerando síndromes, como por exemplo a Trissomia do 21. Para um cuidado pleno, faz-se necessário meios de identificação destas alterações, comumente são utilizados exames invasivos como a coleta do líquido amniótico, entretanto este procedimento possui riscos à saúde da mãe e feto, como abortos espontâneos ou contaminação do líquido. Por isso, desenvolveu-se uma combinação entre métodos bioquímicos (medidores hormonais) e de ultrassonografia, utilizando a coleta dos níveis de fração livre da subunidade beta da gonadotropina coriônica (free B-hCG), de proteína plasmática A associada à gestação (PAPP-A) e a avaliação de indicadores como medida da translucência nucal (TN) e comprimento cabeça-nádegas (CCN). Por fim, a partir da combinação destes fatores, com histórico materno é possível detectar a presença de anomalias cromossômicas, bem como a necessidade de realização de exames mais invasivos para uma avaliação do cariótipo fetal, atuando como uma triagem. **Objetivo:** O presente estudo visa analisar a eficácia de um rastreamento combinado para detecção de anomalias cromossômicas, a fim de prevenir as gestantes da submissão à exames invasivos sem indicação. **Método:** A abordagem metodológica baseou-se em quatro artigos científicos sobre anomalias cromossômicas e os exames para detecção, selecionados a partir de suas relevâncias em pesquisa e informação, obtidos por pesquisa na plataforma digital Scientific Library Online (SciELO). **Resultados e discussão:** Durante o pré-natal, são realizados exames para detecção dessas alterações, avaliando os hormônios B-hCG e a proteína PAPP-A. No primeiro indicador, níveis séricos elevados podem indicar Trissomia do 2, enquanto valores reduzidos, do 13 ou 18; Em relação à proteína, níveis abaixo do esperado, sugerem Trissomia do 13, 18 ou 21. Ademais, são realizados exames de ultrassonografia para avaliação do feto, medição da TN, e do CCN, com valores de referência de 45 e 84 mm nas semanas 11 a 14. Com isso, esse mapeamento permite rastrear gestantes com alterações que indiquem anomalias cromossômicas e assim encaminhá-las aos métodos de diagnósticos invasivos, permitindo uma análise do cariótipo fetal. Deste modo, o rastreamento combinado é benéfico ao reduzir procedimentos invasivos em casos de fetos normais, protegendo gestante e bebê. **Conclusão:** Portanto, observa-se a eficácia do rastreamento combinado na detecção de anomalias, sendo uma triagem na seleção das gestantes necessitadas ou não do exame invasivo. Assim, reduzem o número de procedimentos realizados sem indicação, além de prevenirem complicações desnecessárias à gestantes e fetos saudáveis.

Palavras-chaves: anomalias cromossômicas; diagnóstico pré-natal; gravidez de alto risco; ultrassonografia pré-natal.



BENEFÍCIOS DO RETORNO AO PARTEJAMENTO DOMICILIAR NA SEGURANÇA DE UM AMBIENTE HOSPITALAR -CASA DE PARTO

Lara Vasconcelos Silveira¹; Rayana Priscilla dos Santos²; Thiago Silva de Oliveira Dias²; Victoria Cristina de Jesus²; Yasmim Lima de Omena²; Ana Paula Fernandes da Silva²

Graduanda em medicina pela AFYA- Faculdade de ciências médicas de Jabotão dos Guararapes¹

laravassconcelos14@gmail.com

Introdução: O parto domiciliar não intervencionista até o século XX era rotineiro na sociedade, no entanto a medicina institucionalizou o trabalho de parto, tornando-o um evento que na maioria das vezes necessita de intervenção medicamentosa e cirúrgica. No século passado, as parteiras eram mulheres respeitadas pela sociedade e de grande confiança para as gestantes, as quais pela experiência adquirida, detinham o conhecimento sobre as melhores posições e manobras que facilitavam o parto, atualmente esse trabalho tem sido assumido por Doulas que buscam o retorno a essas técnicas. **Objetivos:** Este trabalho objetivou-se analisar através de uma revisão bibliográfica os benefícios e a eficiência prática das casas de parto na melhora da evolução do trabalho de parto. **Metodologia:** Foi realizada uma pesquisa analítica comparativa de caráter quali quanti entre os artigos científicos obtidos na biblioteca virtual EBSCO, no período de 2019 a 2024, considerando os seguintes descritores , “parto humanizado”, “parto domiciliar”, “complicações do trabalho de parto” e “Centros de assistência à gravidez e ao parto”, obtendo ao final 12 artigos. Foram excluídas publicações que: (1) não permitiam acesso; (2) abordaram outro tema; (3) e estudos repetidos, restando ao final 8 artigos que foram lidos na íntegra. **Resultados e Discussão:** Mediante a leitura dos artigos, foi observado que mulheres que tiveram o parto hospitalar relataram inúmeras intervenções traumáticas e desnecessárias, evidenciando medicamentos para acelerar o trabalho de parto, amniotomia, entre outros procedimentos. Em contrapartida, a experiência na casa de parto é relatada como melhor pelos motivos de apresentar maior rapidez no trabalho de parto, menos intervenções, maior liberdade de movimento e presença de parentes, demonstrando assim a eficiência das casas de parto no benefício da mulher. **Conclusão:** O parto humanizado respeita à evolução fisiológica e acolhe a mulher no seu momento de maior vulnerabilidade, tornando-se a melhor opção desde os primórdios e agora retornando ao seu patamar após anos tendo partos institucionalizados e totalmente hospitalares, todavia, a instituição hospitalar não deixa de ter a sua funcionalidade em casos de intercorrências perinatais. Dessa forma, concluiu-se que as casas de parto detém enorme eficácia e funcionalidade, além de grande aprovação das parturientes.

Palavras-Chave: Parto domiciliar; casa de parto; intercorrências no parto.

BOAS PRÁTICAS PARA A SEGURANÇA DO PACIENTE: CAMINHO PARA A GARANTIA DA QUALIDADE NA ASSISTÊNCIA

Samara Rebeca Silva de Miranda¹; Olivana do Socorro Miranda Tavares¹; Larissa Barbosa Moreira¹; Isa Valesca dos Santos Coelho¹; Edivinny Caroline Barbosa de Freitas²

Graduanda de enfermagem pela Universidade Federal do Pará¹, Graduada em Enfermagem pela Universidade Paulista²

✦
✦
samara.miranda@ics.ufpa.br

Introdução: A Enfermagem é conhecida como a ciência do cuidado, pois acompanha o cliente desde o seu acolhimento até a alta, possuindo esse contato direto durante toda sua internação. Dessa forma, um dos pontos fundamentais consiste na segurança do paciente, sendo este tema debatido nos diversos âmbitos da saúde, por tratar-se de ações que possuem um impacto significativo no cuidado ao usuário. Com isso, foi instituída a Portaria MS/GM nº 529/2013, que aborda um conjunto de protocolos definidos pela OMS, vindo como uma alternativa para evitar intercorrências relacionadas à assistência cotidiana. **Objetivo:** Abordar a relevância dos protocolos de segurança do paciente para a redução de eventos adversos no cotidiano hospitalar. **Metodologia:** O seguinte trabalho trata-se de uma revisão narrativa da literatura, realizada no período de Outubro de 2023 a Março de 2024, mediante a leitura e interpretação dos protocolos de segurança do paciente e artigos referentes a temática, encontrados nas bases de dados: Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciências da Saúde (LILACS) e *Scientific Electronic Library Online* (SciELO) com os seguintes descritores: assistência de enfermagem, segurança do paciente e protocolos de segurança. Foram incluídos trabalhos escritos na língua portuguesa, publicados nas bases de dados selecionadas para o estudo e que foram publicados entre 2019 e 2023. Foram excluídos artigos que não eram pertinentes a temática, trabalhos em língua estrangeira e que foram publicados fora do período escolhido para a pesquisa. Obteve-se uma amostra de 57 artigos, após a leitura dos resumos foram selecionados 20 artigos, sendo utilizados para o seguinte estudo 3 materiais que mais se adequavam ao tema. **Resultados:** No decorrer da leitura dos documentos foi possível compreender a relevância dos protocolos básicos, sendo compostos por ações como: identificação correta do paciente, prevenção de quedas, prática da higienização das mãos em serviços de saúde, segurança na prescrição, uso e administração de medicamentos, prevenção de lesão por pressão e cirurgia segura. Cada protocolo é composto por uma infinidade de medidas preventivas e principais intercorrências causadas quando não se aplica os devidos cuidados, essas intervenções permitem uma assistência que favorece resultados positivos quanto a recuperação do paciente. **Conclusão:** Diante do exposto, é válido ressaltar como é necessário a implementação de práticas diárias que visem a segurança do paciente, é fundamental que o profissional de enfermagem esteja atualizado e busque aplicar com responsabilidade profissional, boa comunicação e envolvimento do paciente e seus familiares para o restabelecimento da saúde.

Palavras-chave: Assistência de enfermagem; Segurança do paciente; Protocolos de segurança.



CADERNETA DA GESTANTE COMO ASSEGURAMENTO DE DIREITOS DA MULHER

Yasmin Inez Xavier dos Santos¹; Cibele Lopes de Santana Ramalho²;

Graduando do curso de Enfermagem, Centro Universitário Maurício de Nassau (UNINASSAU-Olinda)¹, Mestre e professora titular de bloco cirúrgico e CME do curso de Enfermagem, Centro Universitário Maurício de Nassau (UNINASSAU-Olinda)²

enfyasmininez@gmail.com

Introdução: É fundamental o registro das informações para acompanhamento da gestação, em vista disso, a Caderneta da Gestante (CG) utilizada em consultas de pré-natal instituída desde a década de 80 como forma de sistematização e asseguramento do cuidado multidisciplinar onde serve como meio de comunicação assíncrona entre profissionais sendo um documento com quadros para registros do resultado de exames e desenvolvimento da gestação. Desde a implementação a CG já sofreu adaptações onde aborda assuntos de interesse da gestante como direitos trabalhistas, estudantis, sexuais, reprodutivos, sociais, dicas para uma gravidez saudável, sinais de alerta, informações, gestação e desenvolvimento do bebê, alguns cuidados de saúde no parto e o pós-parto gravidez. **Objetivo:** Analisar a garantia do acesso aos direitos da gestante e o acompanhamento realizado pelo profissional, fazendo da CG uma ação afirmativa dos direitos, com ajuda do profissional da saúde instruindo-a, sendo capaz de consultá-los em caso de emergência. **Metodologia:** Trata-se de revisão integrativa, a partir de base de dados: Scielo, LILACS e Ministério da saúde, selecionados 9 estudos, com delimitação temporal de 12 anos (2008- 2020), foram utilizados os principais descritores: Direitos da mulher, Saúde da mulher, Caderneta da gestante, Direitos Sexuais e Reprodutivos, a pesquisa bibliográfica incluiu artigos originais, artigos de revisão e diretrizes escritos na língua portuguesa, atendendo os critérios de inclusão sendo nacionais e de exclusão estudos que não remete às diretrizes dos direitos da gestante. **Resultados e Discussão:** Dos 8 artigos analisados evidenciou-se a importância do profissional de saúde enfatizar uso da CG além das consultas de rotina, logo fazendo desse documento de potencializador do diálogo, captando a atenção da gestante e sua rede de apoio acerca do cuidado humanizado pela assistência tanto da saúde básica quanto privada, fomentando a identidade da gestante algo que foi discutido nos estudos sob o ponto de vista delas durante todo esse processo. **Conclusão:** Está pautada a importância de diminuir o distanciamento entre o saber científico e o popular, com isso o profissional de saúde deve favorecer a integração da autonomia da mulher fazendo a utilização dessas informações na CG como medida educadora para alcançar o protagonismo durante e após o processo, atendendo aos princípios da humanização do cuidado, da dignidade e dos direitos sexuais e reprodutivos da mulher, aumentando a qualidade de vida materno-infantil.

Palavras-chave: educação pré-natal; caderneta da gestante; saúde da mulher.

CÂNCER DE MAMA: DIFICULDADES PARA DIAGNOSTICO PRECOCE E IMPORTANCIA DA RECONSTITUIÇÃO MAMARIA

Livia Nantes de Souza¹; Ana Laura Ferreira Mendes²; Arthur Humberto Arruda Duarte³; Fellipe Fernandes Souza⁴; João Pedro Freire de Moraes⁵; Maria Eduarda Pereira Juscelino⁶; Veronica Santana Coelho⁷ Sofia Banzatto⁸.

Discentes do curso de medicina pela Universidade de Ribeirão Preto, campus Ribeirão Preto (UNAERP-RP), SP, Brasil¹⁻⁷, Departamento de Medicina: Docente do curso de medicina na Universidade de Ribeirão Preto, campus Ribeirão Preto (UNAERP-RP), SP, Brasil. Mestre em Atenção Básica E MFC I. Departamento de Biotecnologia: Doutoranda em Biotecnologia Aplicada à Saúde⁸

livinhanantes@gmail.com

Introdução: O tumor nas mamas é o tipo de câncer mais comum entre mulheres e, a partir de dados recentes, nota-se altas taxas de mortalidade associadas a ele. Nesse sentido, verifica-se que o diagnóstico precoce, seguido do tratamento intensivo, são essenciais para diminuir a prevalência desse carcinoma no sexo feminino. Assim, é necessário investigar os fatores que auxiliam e dificultam a rápida identificação da doença. Além disso, observa-se que, quando indicada a mastectomia, a mulher tem sua autoestima abalada, tornando-se crucial o processo de reconstrução mamaria, visto que é uma alternativa que ameniza o sofrimento sentido pelo membro removido. **Objetivo:** O propósito deste resumo é destacar a importância da identificação do câncer de mama e como essa doença pode afetar o psicológico das pacientes, que encontram na cirurgia plástica uma solução para melhorar sua relação com seu corpo mastectomizado. **Metodologia:** Foi realizada a seleção e leitura de 10 artigos científicos, publicados a partir de 2013, por meio de pesquisa manual na plataforma digital Scientific Library Online (SciELO) utilizando termos de busca como “câncer de mama”, “diagnóstico precoce” e “reconstituição de mama”, identificando quatro artigos base para o estudo, em que os critérios de inclusão foram estudos sobre a prevalência, diagnóstico precoce e prevenção. **Resultados e discussões:** Embora haja crescente mobilização para investigação diagnóstica e realização dos exames necessários ainda enfrentamos desafios, como insuficientes padrões de rastreamento mamográfico, que não preconizam a detecção precoce, e o déficit dos serviços que realizam os procedimentos diagnósticos, dentre eles a punção por agulha grossa (PAG) e a biopsia cirúrgica, o que dificulta a confirmação do câncer. Ademais, observou-se que um dos fatores que mais afligem as mulheres diagnosticadas é a possibilidade de retirada completa das mamas, mesmo que seja crucial para a sobrevivência da paciente, visto que pode abalar sua autoestima consideravelmente. Portanto, com intuito de melhorar a qualidade de vida delas, há atualmente a ampliação do acesso a cirurgias de reconstruções mamarias de forma gratuita, realizadas pelo Sistema Único de Saúde (SUS). **Conclusão:** A melhor atitude, frente a prevalência dos altos índices de câncer de mama no Brasil, ainda é a prevenção, por meio da orientação do autoexame, a fim de detectar possíveis alterações, e a realização dos exames periódicos, como a mamografia, para detecção precoce da doença. Além disso, destaca-se o papel das cirurgias plásticas em eliminar o sentimento de perda pela retirada da mama e possibilitar o bem-estar dessas mulheres.

Palavras-chave: Câncer de mama; diagnóstico, reconstrução mamaria.

CASOS DE HIV POR TRANSMISSÃO VERTICAL EM MULHERES PARDAS NO BRASIL

Milena Nowotarski Ribeiro¹; Marcellí Franchesca Gularte Baffi²; Bárbara Borghi Tamura Medeiros³;
Brenda Pinheiro Evangelista⁴

Graduanda em medicina pela Universidad Privada del Este^{1,2}
Graduanda em medicina pela Universidade Católica de Brasília³
Graduada em enfermagem pelo Centro Universitário Vale do Salgado⁴

✦ ✦
milena-ribeiro2011@hotmail.com

Introdução: A transmissão vertical do vírus da imunodeficiência humana (HIV) continua a ser um desafio global de saúde pública, especialmente em países como o Brasil, onde a prevalência do HIV é significativa. Com uma prevalência de 0,41% de infecção pelo HIV em gestantes, estima-se que 12.456 recém-nascidos sejam expostos ao HIV por ano. Entre os grupos afetados, as mulheres pardas têm sido particularmente vulneráveis a essa forma de transmissão, demonstrando uma discrepância comparada com o número de casos em mulheres de outras raças. A partir disso, justifica-se a necessidade desse estudo, já que associado à ocorrência da AIDS no Brasil permite a visualização da incidência dessa enfermidade e, além disso, de apresentar o impacto de diversos fatores como gênero, raça/cor, região e escolaridade. **Objetivo:** Descrever quantitativamente os casos de HIV por transmissão vertical em mulheres pardas entre o período de 2020 e 2023. **Metodologia:** Estudo ecológico de corte transversal, desenvolvido por meio de dados coletados do sistema de informação DATASUS. **Resultados e Discussão:** No Brasil, foram notificados 318 casos de HIV por transmissão vertical. Sendo, 53,77% de mulheres pardas, essa é superior a soma de mulheres brancas, pretas, amarelas e indígenas, retratada por 40,25% dos casos. Nota-se uma predominância na região Nordeste, com 40,93% dos casos. Entre as mulheres pardas, o total de casos foi 171, distribuídos como: 53 em 2020, 46 em 2021, 51 em 2022 e 21 em 2023. Quanto às regiões brasileiras, as intenações são: Sudeste (38), Nordeste (70), Sul (15), Centro-Oeste (12), Norte (36). Percebe-se um acréscimo de casos em 2020 a 2022 e prevalência na região Nordeste. Segundo a literatura, áreas com maior suscetibilidade à pobreza e deficiências na infraestrutura local observaram aumentos significativos nas taxas de mortalidade relacionadas à HIV, especialmente entre mulheres afrodescendentes ou de ascendência parda em idade reprodutiva e com níveis educacionais baixos. Nesse contexto, aproximadamente 60% da população parda com renda menor que a metade de uma salário mínimo se encontra na região Nordeste, demonstrando a relação entre escolaridade e raça/cor. A prevenção eficaz requer abordagem holística, considerando determinantes sociais, cultura, língua e acesso à saúde, além da educação sobre práticas seguras e redução do estigma. **Conclusão:** Dessa forma, sugere-se estratégias de prevenção e intervenção para este grupo específico, abordando determinantes sociais e biológicos, juntamente com políticas sociais e públicas inclusivas, fortalecendo a educação e o sistema de saúde.

Palavras-chave: HIV; transmissão vertical; mulheres pardas.



CENÁRIO DA SAÚDE MENTAL DIANTE MÃES DE FILHOS COM A SÍNDROME CONGÊNITA PELO ZIKA VÍRUS

Mayana Aquino Correia de Lima¹; Fernanda Rodrigues Avelar¹; Larissa Rebeca Lucena Cavalcanti de Melo¹; Jorge Luiz da Silva Segundo²; Lohana Maylane Aquino Correia de Lima³.

Graduando em Medicina pela Universidade Federal de Pernambuco¹; Graduando em Medicina pela Universidade Católica de Pernambuco²; Professora substituta; Doutoranda em Clínica Integrada - Universidade Federal de Pernambuco³.

mayana.aquino.c.lima@gmail.com

Introdução: É naturalizado na sociedade o dever, quase totalmente, da mãe cuidar do filho, podendo levar a resultados negativos na saúde mental diante filhos portadores da Síndrome Congênita associado à infecção pelo Zika Vírus (SCZ). As sequelas da SCZ podem ser presença ou ausência da microcefalia, atraso no desenvolvimento neuropsicomotor, disfagia, alterações auditivas e visuais. Soma-se que a assistência é focalizada integralmente na criança com a SCZ, sendo negligenciado a assistência à saúde mental da mãe. **Objetivo:** Analisar os impactos na saúde mental de mães de crianças com a SCZ. **Metodologia:** Trata-se de revisão integrativa da literatura, buscou-se os estudos nas bases de dados SciELO e BVS, em maio de 2024. Utilizou-se os seguintes Descritores em Ciências da Saúde: “Gravidez”, “Saúde Mental” e “Zika Vírus” e correspondentes na língua inglesa, utilizado o operador booleano AND. Os critérios de inclusão foram artigos publicados de 2020 a 2024 em idioma português ou inglês. Os critérios de exclusão foram textos completos que não fossem gratuitos. Assim, se procedeu a identificação dos estudos pré-selecionados e selecionados, através da leitura dos títulos e resumos. Foram encontrados 8 artigos (5 BVS, 1 SciELO e 2 PubMed), sendo 6 selecionados para a revisão. **Resultados e Discussão:** Foram encontrados nos estudos em relação à saúde mental das mães de crianças com SCZ: sentimento de culpa, medo, angústia, discriminação por engravidar no período de surto do Zika Virus (ZIKV), falta de apoio, diminuição do bem estar-físico e emocional. O surto causado pelo ZIKV, gerou impacto para todos da família, contudo, as gestantes infectadas geralmente assumem a responsabilidade de amparar os familiares, aumentando o estresse e ansiedade. Dessa forma, enfrentam a vulnerabilidade psíquica e social ao longo de toda vida, porque são escassas as políticas públicas diante o futuro destas crianças. Essa situação é comparada a um contexto subjetivo de tortura, porque não existe a possibilidade legal de interromper a gravidez. Ademais, os profissionais de saúde devem ter o cuidado para informar o diagnóstico da SCZ, podendo resultar em sofrimento, sendo a ajuda psicossocial escassa, então muitas mães sofrem com a saúde mental. **Conclusão:** Por isso, a síndrome congênita associada à infecção por Zika vírus apresenta muitos impactos emocionais às mães. É crucial que os profissionais de saúde ofereçam uma assistência humanizada diante o diagnóstico e seja oferecido acompanhamento psicoterapêutico à essas genitoras para que estejam preparadas para o momento do parto e criação destas crianças.

Palavras-chave: gravidez; saúde mental; Zika vírus.



CLIMATÉRIO: DESAFIOS E OPORTUNIDADES NA VIDA DAS MULHERES

Isadora Oliveira de Castro¹; Paulo Roberto Ferreira Morais¹; Jaqueline Rodrigues da Silva²; Gessi Carvalho de Araujo Santos³

Graduados em enfermagem pelo Instituto Educacional Santa Catarina/Faculdade Guaraf¹, Mestranda em Ciências da Saúde pela Universidade Federal do Tocantins², Doutora em Ciências pela Universidade Federal de São Paulo³

isadora15castro@gmail.com

Introdução: O climatério representa uma fase de transição marcante na vida feminina, caracterizada por profundas mudanças metabólicas, psicológicas e sociais. Originado pela redução dos níveis de estrógeno, afeta os folículos ovarianos, ocasionando amenorreia e consequências sistêmicas, sendo importante destacar sua natureza natural e fisiológica. Além das mudanças hormonais e da menopausa, surgem alterações estéticas, psicológicas e sociais, com impacto no sistema geniturinário. Essas alterações podem resultar em distúrbios como diminuição da libido, incontinência urinária, fogachos e depressão, afetando a autoestima e gerando insegurança. **Objetivo:** O objetivo deste estudo é analisar as diversas dimensões do climatério, incluindo suas manifestações físicas, psicológicas e sociais, destacando sua natureza natural e fisiológica, bem como suas implicações na qualidade de vida das mulheres. **Metodologia:** Este estudo consiste em uma revisão de literatura bibliográfica, na qual foram utilizados artigos acadêmicos disponíveis na plataforma (SciELO). **Resultados e Discussão:** Durante esse período de transição, as mulheres enfrentam uma variedade de mudanças físicas e emocionais, como fogachos, sudorese, alterações de humor e sintomas depressivos, afetando significativamente sua qualidade de vida. Estudos mostram que cerca de 75% das mulheres experimentam sintomas relacionados ao climatério, variando conforme etnia, estilo de vida e histórico médico. Estratégias de tratamento incluem terapia hormonal, antidepressivos, medicamentos não hormonais, mudanças na dieta e estilo de vida, e terapias alternativas como acupuntura e yoga. Surgem desafios psicológicos e sociais, como diminuição da libido e insegurança. É crucial que as mulheres recebam apoio e informação para lidar com essas mudanças. A promoção da saúde e o diagnóstico precoce são essenciais para garantir o bem-estar durante essa fase. Repensar os serviços de saúde é necessário para atender às necessidades das mulheres de forma abrangente, encarando o climatério como uma oportunidade de autodescoberta e reinvenção. **Conclusão:** Diante da complexidade dessa fase, é crucial abordar suas múltiplas facetas para promover uma transição de qualidade. A instrução e o empoderamento são fundamentais para ajudar as mulheres a lidar com os sintomas físicos e psicológicos. Embora a enfermagem desempenhe um papel crucial na assistência durante o climatério, a escassez de estudos destaca a necessidade de pesquisas adicionais para melhor compreender e atender às necessidades das mulheres. Estudos são necessários para desenvolver estratégias eficazes de assistência e educação em saúde, visando proporcionar uma melhor qualidade de vida para as mulheres durante esse período.

Palavras-chave: climatério; saúde da mulher; enfermagem.



**COLETA DE CITOPATOLÓGICO POR GRADUANDA DE ENFERMAGEM DURANTE
ESTÁGIO SUPERVISIONADO: RELATO DE EXPERIÊNCIA**

Vitória Miranda Ximenes¹

Enfermeira pela Universidade do Estado do Amazonas¹

vitoriamximenes@hotmail.com

Introdução: O câncer de colo de útero é o 3º tipo de câncer mais incidente entre as mulheres no Brasil. Apesar de tal incidência, esse câncer pode ser prevenido a partir da educação, informação, orientação e prevenção e, curado desde que diagnosticado no início. Entre as principais formas de prevenção, encontra-se o exame citopatológico, também conhecido como exame preventivo ou papanicolau, exame que pode ser realizado tanto pelo profissional médico quanto pelo profissional enfermeiro. **Objetivo:** Relatar a experiência de uma enfermeira que durante a graduação realizou exames citopatológicos no estágio supervisionado na Atenção Primária. **Metodologia:** Este estudo adota uma abordagem qualitativa, de natureza descritiva, caracterizando-se como um relato de experiência a partir da realização de exame citopatológico em uma Unidade Básica de Saúde durante o estágio. **Resultados e Discussão:** Para a realização das consultas seguia-se um roteiro baseado no Caderno de Atenção Básica nº13 (Controle dos cânceres do colo do útero e de mama), iniciando com o acolhimento da mulher e buscando saber se era a primeira vez realizando o exame, em seguida preenchendo a ficha de requisição com dados pessoais e dados da anamnese, realizava-se orientações e explicações quanto ao exame, como e por que era realizado e materiais utilizados, a fim de que a paciente se sentisse o mais confortável possível e, a fim de compreender os anseios e responder as dúvidas da paciente, técnicas de escuta ativa também foram utilizadas. Em seguida, realizava-se a identificação da lâmina e pedia-se para que a paciente se preparasse para o exame. A coleta era então realizada de acordo com a técnica preconizada no Caderno de Atenção Básica, observando possíveis alterações no colo, bem como a presença de corrimentos. Finalizava-se o preenchimento da ficha com os achados durante a coleta e demais orientações à paciente. Foi possível observar que as mulheres estavam dentro da faixa etária para rastreamento (25 a 64 anos) e não houve a coleta em pacientes grávidas. **Conclusão:** Foi possível observar a importância do profissional enfermeiro durante todo o processo, desde as orientações pré-coleta até a educação realizada sobre o tema, visando que as informações cheguem ao maior número de mulheres e que possam então buscar pela realização do exame. Além disso, o contato com tal prática durante o estágio possibilita ao acadêmico integrar a teoria com a prática, podendo posteriormente promover uma consulta de enfermagem completa, resolutiva e humanizada.

Palavras-chave: câncer uterino; enfermagem; atenção primária à saúde.

COMPOSIÇÃO DA MICROBIOTA GENITAL FEMININA E IMPLICAÇÕES NA FERTILIDADE: UMA REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

Stéfani Sousa Alves¹; Luiz Henrique dos Santos Oliveira²; Lara Aparecida Helena Malaquias¹;
Eduarda Oliveira Queiroz¹; Graziela Rodrigues de Souza³; Angelica Martins Batista⁴

Graduanda em Biomedicina pela Universidade Estácio de Sá¹, Graduando em Biomedicina pela Faculdade Estácio de Belém², Graduanda em Biomedicina pelo Centro Universitário Estácio do Ceará³, Doutora pela UNICAMP e docente da Universidade Estácio de Sá⁴

angelica.batista@estacio.br

Introdução: A microbiota genital feminina desempenha um papel crucial na saúde reprodutiva, influenciando diretamente a fertilidade. Essa comunidade de microrganismos, presente na vagina, cérvix, endométrio, trompas e ovários, é crítica para a manutenção da homeostase e para a proteção contra infecções. Contudo, fatores externos como estresse, ambiente e uso de antimicrobianos podem desequilibrar a microbiota, impactando negativamente a fertilidade. **Objetivo:** Este estudo visa compilar e analisar os principais achados sobre a composição da microbiota genital feminina e suas implicações na fertilidade, fornecendo uma visão abrangente sobre a inter-relação entre microbiota genital e saúde reprodutiva. **Metodologia:** Foi realizada uma revisão bibliográfica exploratória utilizando as bases de dados PubMed e Scielo. Os critérios de inclusão abrangeram artigos publicados entre 2019 e 2024, em inglês e português. As palavras-chave utilizadas foram: “microbiota vaginal”, “microbiota endometrial” e “microbiota genital” combinadas com “fertilidade feminina”. Foram selecionados 12 artigos que abordavam diretamente a composição da microbiota e sua influência na fertilidade. **Resultados e Discussão:** Os resultados indicam que a microbiota genital feminina é predominantemente composta por espécies de *Lactobacillus*, essenciais para a manutenção de um ambiente genital saudável. As espécies mais comuns são *Lactobacillus crispatus*, *L. iners*, *L. jensenii* e *L. gasseri*. Essas bactérias sintetizam ácido láctico, mantendo o pH vaginal entre 3,0 e 4,5, e produzem peróxido de hidrogênio e bacteriocinas, que suprimem patógenos e protegem contra infecções. Quando a presença dessas bactérias está abaixo de 90%, o microambiente reprodutivo feminino torna-se propício ao desenvolvimento de vaginoses, aumentando o risco de ISTs como *Chlamydia trachomatis* e *Neisseria gonorrhoeae*. Adicionalmente, mulheres inférteis apresentam maior prevalência de gêneros como *Prevotella*, *Gardnerella*, *Atopobium*, *Pseudomonas*, *Streptococcus* e *Staphylococcus*. Neste contexto, a disbiose favorece um microambiente genital mais suscetível à inflamação e a infecções, ao facilitar a translocação de microrganismos e toxinas para os tecidos. Tais processos interferem na modulação de respostas fisiológicas e imunológicas, afetando a receptividade e a implantação do embrião, a formação da placenta e o desenvolvimento gestacional, o que pode resultar em desfechos desfavoráveis à concepção. **Considerações Finais:** A revisão bibliográfica ressalta a relação positiva entre uma microbiota genital saudável e a fertilidade feminina, evidenciando a necessidade de mais estudos para elucidar as relações causais e desenvolver intervenções terapêuticas eficazes. Promover a saúde da microbiota genital pode ser benéfico para mulheres enfrentando desafios reprodutivos, contribuindo para a prevenção de infecções, a manutenção da homeostase e a melhoria das condições para a concepção.

Palavras-chave: microbiota; fertilidade; saúde reprodutiva.



CONDIÇÕES DE SAÚDE DA MULHER NO SISTEMA PRISIONAL: UMA REVISÃO INTEGRATIVA DA LITERATURA

Ângela Thayssa Durans Amaral¹; Maria Júlia Lopes de Sousa Figueiredo¹; Mariana Eduarda de Sousa Bandeira¹; Lannuzya Veríssimo e Oliveira².

Graduanda em enfermagem pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte¹, Doutora em Saúde Coletiva (UFRN), Docente da Escola de Saúde da UFRN.²

marianaeduarda.sousa28@gmail.com

INTRODUÇÃO: No Brasil, conforme a Secretaria Nacional de Políticas Penais, em junho de 2023, a população carcerária feminina era de 27.345. Esse número aumentou cerca de cinco vezes nos últimos vinte anos, o que levou o Brasil ao título de terceiro país do mundo que mais encarcera mulheres, segundo a *World Female Imprisonment List* de 2022. Tais mulheres são, em sua maioria, jovens, afrodescendentes, com baixo nível de escolaridade e histórico de uso problemático de álcool e outras drogas, condições de vulnerabilidade que antecedem o aprisionamento. Acrescente-se a isso às condições insalubres do cárcere, as escassas oportunidades de ressocialização e o cenário de violência que permeia as prisões como fatores que predispõem o adoecimento das mulheres privadas de liberdade. **OBJETIVO:** Sumarizar na literatura as condições de saúde da mulher no sistema prisional. **METODOLOGIA:** Trata-se de uma revisão integrativa realizada por meio de buscas na literatura virtual, durante o mês de maio de 2024, através das bases de dados Scielo e Scopus, aplicando a chave de busca: (“saúde da mulher” AND “sistema prisional”), (“condições de saúde” AND “penitenciárias”) AND (“infecções sexualmente transmissíveis” AND “cárcere” AND “saúde feminina”). Para critérios de inclusão foram utilizados artigos publicados nos últimos 10 anos, sem restrições de idiomas. Foram excluídos artigos que não apresentavam acesso gratuito. A amostra final foi composta de três artigos e uma monografia, os quais foram analisados a partir da literatura pertinente. **RESULTADOS E DISCUSSÃO:** Diante da investigação realizada, no que se refere aos direitos humanos, sexuais e reprodutivos, as mulheres privadas de liberdade, no Brasil, encontram-se em estado de precariedade de espaço físico e carência do atendimento à saúde. Esses resultados mostram que existem fatores que extrapolam o âmbito dos recursos individuais para o autocuidado, dificultando ações preventivas. Tais peculiaridades impõem outros fatores que aumentam o risco das Infecções Sexualmente Transmissíveis (IST's), como dificuldade para limpar roupas e uso compartilhado do banheiro. **CONCLUSÃO:** As condições estruturais das penitenciárias femininas e os fatores de risco às IST's no encarceramento estão diretamente relacionados às dimensões ambientais e as condições das celas. O compartilhamento entre muitas mulheres, em especial do banheiro, e a carência de recursos básicos para a garantia da higiene pessoal, reforça a situação de negligência de acesso dos direitos básicos e fundamentais destas mulheres.

Palavras-chave: saúde feminina; condições de saúde; penitenciárias.



CONDUTAS DO ENFERMEIRO A MULHERES DIAGNOSTICADAS COM INFECÇÃO DO TRATO URINÁRIO DURANTE A GESTAÇÃO

Simony de Freitas Lavor¹; Ana Karoline Alves da Silva¹; Solange de Freitas Lavor²

Mestre em Enfermagem pela Universidade Regional do Cariri - URCA¹, Enfermeira graduada pela Universidade Regional do Cariri - URCA; Especialista em Gestão e Administração em Saúde pela Faculdade de Tecnologia e Ciências do Alto Paranaíba²

simonylavor21@gmail.com

Introdução: As infecções do trato urinário (ITU) são uma das doenças mais frequentes na gestação, principalmente em mulheres com vida sexual ativa. Aproximadamente 5 a 12% das gestantes são acometidas por bacteriúria assintomática, 30% podem desenvolver cistite e outros 50% podem apresentar pielonefrite. Dessa forma, é necessário o acompanhamento pela equipe da atenção básica à gestante durante o pré-natal para prevenir essas complicações. **Objetivo:** Analisar na literatura científica as principais condutas do enfermeiro a mulheres diagnosticadas com infecção do trato urinário durante a gestação. **Método:** Trata-se de uma revisão narrativa da literatura, baseada na análise de quatro artigos. A busca pelos artigos foi realizada em maio de 2024, nas bases de dados: Base de dados da Enfermagem (BDENF), Literatura Latino-americana e do Caribe em Ciências da Saúde (LILACS) e *Medical Literature Analysis and Retrieval System Online* (MEDLINE). Utilizou-se os Descritores em Ciências da Saúde (DeCS): Infecções Urinárias, Gravidez e Cuidado Pré-Natal, cruzados pelo operador *booleano* AND. Foram incluídos artigos no formato de texto completo, nos idiomas português, inglês e espanhol, publicados nos últimos 10 anos (2015-2024) e excluídos os artigos repetidos entre as bases, editoriais, cartas ao editor, dissertações, teses, relatos de experiência ou que não contemplassem a temática. **Resultados:** De acordo com a literatura científica, as principais condutas do enfermeiro estão baseadas na oferta de orientações no sentido de prevenir a infecção do trato urinário, realização da higienização íntima adequada, incentivo do aumento da ingestão de líquidos e do uso de roupas leves. Além disso, o enfermeiro encaminha essas mulheres para o médico e, a partir disso, é realizada a prescrição do tratamento por meio de antibióticos. **Considerações Finais:** Conclui-se que a infecção do trato urinário em mulheres gestantes é considerado um problema de saúde pública e o enfermeiro é um dos profissionais que atua na detecção e prevenção dessa patologia, tornando-se necessário o acompanhamento frequente. Essa revisão teve como limitação a falta de estudos sobre a temática, o que impossibilitou maiores discussões. No entanto, os resultados encontrados podem contribuir para a assistência de enfermagem às mulheres com ITU e incentivar a realização de novas pesquisas sobre a temática.

Palavras-chave: infecções urinárias; gravidez; enfermagem.

CONHECIMENTO E PRÁTICAS DE CUIDADO DE MULHERES E ENFERMEIROS SOBRE O CLIMATÉRIO

Ana Beatriz Reis Nascimento¹; Jéssica Sobral de Aguiar²

Graduanda em enfermagem pela Universidade Estadual do Maranhão¹, Mestre em Biodiversidade,
Ambiente e Saúde pela Universidade Estadual do Maranhão²

+ betrizreis97@gmail.com

Introdução: Segundo a Organização Mundial de Saúde (OMS) o climatério é definido como uma fase biológica da vida da mulher, compreendendo a transição entre o período reprodutivo e o não reprodutivo e deve ser tratado como uma fase natural, onde a menopausa é o evento principal. **Objetivo:** Apresentar evidências na literatura sobre o conhecimento e as práticas de cuidado de mulheres e de enfermeiros sobre o climatério. **Metodologia:** O estudo trata-se de uma revisão narrativa da literatura, realizado por meio das bases de dados LILACS e BDENF via BVS, utilizando os descritores “Climatério”, “Menopausa” e “Saúde da mulher”, associados ao operador booleano AND. Foram utilizados como critérios de inclusão na busca, artigos completos, nos idiomas português e espanhol e gratuitos, já com os critérios de exclusão foram excluídos teses, monografias e dissertações. A busca resultou em 6 artigos para compor este estudo. **Resultados e discussão:** Sobre o conhecimento de enfermeiros, alguns estudos apontaram uma carência de conhecimento em relação a definição de climatério, identificação do período em que essa fase ocorre, sobre como fazer o diagnóstico, sobre as alterações fisiológicas e sobre uso de terapias alternativas e complementares que ajudam nos sintomas da menopausa vivenciados no climatério como yoga, fitoterapia, entre outros. E sobre o conhecimento das mulheres foi evidenciado na literatura que muitas não sabem a definição exata de climatério, não sendo abordado sobre outros conhecimentos. Já em relação as práticas de cuidado dos enfermeiros foi identificado o diálogo com a mulher durante a consulta de enfermagem sobre o climatério abordando sobre as mudanças que irão acontecer, no entanto, também foi identificado que muitos profissionais não se sentem confiantes para realizar estas consultas devido à falta de capacitações. Nas práticas de cuidado das mulheres foi evidenciado o uso de chás, a realização de exercícios físicos, alimentação equilibrada, realização de exames de rotina e de atividades de lazer, práticas essas que são ensinadas de geração para geração. **Conclusão:** Com base na análise dos estudos foi possível observar que em relação ao conhecimento, foi analisado que tanto os profissionais de enfermagem quanto as mulheres possuem uma grande carência de conhecimento sobre vários aspectos do climatério principalmente o conceito. E sobre as práticas de cuidado, os profissionais da enfermagem necessitam participar de mais capacitações para assim terem mais embasamento científico e atenderem essas mulheres de forma mais integral, já as mulheres possuem muitas práticas que são passadas de geração para geração.

Palavras-chave: climatério; enfermagem; saúde da mulher



CONSTRUÇÃO MIDIÁTICA DE UM “CORPO BELO” E SUA INFLUÊNCIA NA SAÚDE MENTAL FEMININA

Adrielly da Silva Santos¹; Débora Suelle da Silva Tenorio¹; Isabella Maria da Cruz Oliveira¹; Renata Emmanuele Assunção Santos²

Graduanda em nutrição pela Universidade Federal de Pernambuco¹, Docente do curso de nutrição da Universidade Federal de Pernambuco²

adriellysantos8@gmail.com

Introdução: As mídias sociais proporcionam uma rápida comunicação e interligam pessoas de diferentes localidades. No entanto, apesar dos benefícios apresentados, a influência midiática pode causar impactos negativos, principalmente no público feminino, quando propaga ideais utópicos de beleza. Nesse sentido, a veiculação de campanhas publicitárias associadas às questões estéticas, sobretudo nas redes sociais, estabelecem, de forma indireta, a busca pelo “corpo belo”, o que prejudica a saúde mental das mulheres, elevando, por exemplo, os índices diagnósticos de transtornos alimentares.

Objetivo: Analisar, através de uma revisão, os impactos do enaltecimento dos padrões corporais disseminados pela mídia sobre a percepção de um “corpo ideal”, e sua relação com a saúde mental de mulheres. **Metodologia:** Trata-se de uma revisão integrativa de literatura, efetuada a partir da busca de artigos publicados nos últimos cinco anos (2020-2024), em língua inglesa e portuguesa, nas bases de dados PubMed e Periódicos CAPES, utilizando os descritores: mídias sociais, imagem corporal e saúde mental. Na busca inicial encontrou-se um total de 157 artigos, dos quais seis foram selecionados para a composição da amostra, após a aplicação dos critérios de inclusão e exclusão, que consistiram na escolha de artigos diretamente relacionados à temática de interesse e que apresentavam acesso aberto.

Resultados e Discussão: Os ideais de ditadura da beleza difundidos pela mídia, internet e pela indústria da publicidade, são centrados na valorização das características de magreza, predominantemente conceituada como sinônimo de saúde, felicidade e sucesso. Nesse sentido, é importante mencionar que o principal objetivo da “padronização corpórea” é estimular o comércio lucrativo, aumentando a venda de produtos e procedimentos estéticos, já que o público, principalmente o feminino, acaba sentindo a necessidade de adequar-se aos padrões de beleza amplamente elogiados pela mídia, o que resulta em uma intensa autocobrança e baixa autoestima, fator responsável por causar prejuízos à saúde mental, desencadeando transtornos alimentares, como a anorexia e a bulimia nervosa. **Conclusão:** Pode-se constatar que a influência midiática exerce um forte efeito na idealização de um corpo esteticamente belo, especialmente nas mulheres, sendo responsável por produzir diferentes formas de adoecimento, como os transtornos alimentares, visto que induz a modulação das crenças individuais e, conseqüentemente, coletivas sobre o que é considerado um “corpo belo”.

Palavras-chave: imagem corporal; mídias sociais; saúde mental.

CONSULTORIA EM ALEITAMENTO MATERNO: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA

Vanessa Fontana Ribeiro^{1,4}; Camila Victoria Jaeger¹; Camille Kaiser de Almeida¹; Keli Verissimo Couto¹; Bruna Schmidt Kruger²; Geovana Callegaro Higashi³

Acadêmica de enfermagem na Universidade Federal de Santa Maria – UFSM, Palmeira das Missões, Brasil¹, acadêmica de nutrição na Universidade Federal de Santa Maria – UFSM, Palmeira das Missões, Brasil, Enfermeira. Doutora em ciências da Saúde pela Universidade Federal de Santa Catarina- UFSC, Florianópolis, Brasil³; Bolsista do Programa de Educação Tutorial- PET Enfermagem UFSM-PM⁴.

ribeiro.vanessa@acad.ufsm.br

Introdução: A consultoria em aleitamento materno desempenha um papel fundamental no apoio às mães e famílias, oferecendo orientações especializadas para promover e incentivar a prática da amamentação. **Objetivo:** Relatar a experiência vivenciada por acadêmicas de enfermagem, por meio do projeto de extensão “Consultoria em amamentação: práticas amigas para proteção, promoção e incentivo ao aleitamento materno”, da Universidade Federal de Santa Maria, Campus Palmeira das Missões (UFSM-PM). **Metodologia:** Trata-se de um estudo descritivo do tipo relato de experiência realizado no período de abril a novembro de 2023. O projeto é pertencente ao Grupo de Estudo e Pesquisa em Saúde Materno-Infantil (GEPESMI) da UFSM-PM, que conta com a participação de 14 voluntárias e 1 bolsista. Os atendimentos, disponibilizados às gestantes e puérperas de forma gratuita, ocorreram em dois cenários, na Clínica de Especialidades, a qual é a unidade de saúde referência para a assistência ao binômio materno-infantil no município de Palmeira das Missões, sendo que essa recebe às consultorias desde o início do projeto, agosto de 2022. Já a partir de 2023, o projeto contou com um novo espaço para os atendimentos, a sala de amamentação localizada na UFSM-PM que foi inaugurada em agosto de 2023. Os agendamentos, para ambos os locais de atendimento às consultorias, ocorrem, principalmente, através das mídias sociais, as quais são monitoradas pelas participantes do projeto. **Resultados e discussão:** A consultoria em aleitamento materno contou com cerca de 45 consultorias, sendo as principais situações/condições as quais as mulheres manifestaram durante as consultas incluíram: as fissuras mamárias, dificuldade na pega e posicionamento do recém-nascido, ingurgitamento mamário, tempo e forma de armazenamento, bloqueio de ductos lactíferos, dentre outras. Assim, através das consultorias, suporte e orientações compartilhadas, muitas das condições citadas puderam ser revertidas e as nutrízes obtiveram êxito no processo da amamentação. **Considerações finais:** A consultoria em aleitamento materno visa promover e incentivar a amamentação, fornece educação, suporte prático e emocional, criando redes de apoio, abordando questões culturais e sociais e advogando por políticas favoráveis à amamentação. Enquanto acadêmicas do curso de enfermagem e integrantes da consultoria, destaca-se que a participação nesse projeto extensionista foi fundamental e importante, para o desenvolvimento profissional e humano, favorecendo a integração entre a universidade e a sociedade e possibilitando, assim, a aproximação de estudante com a comunidade. O projeto da consultoria proporcionou o aperfeiçoamento na graduação e a criação de um currículo acadêmico aprofundado na área do binômio materno-infantil.

Palavras-chave: Consultoria; Enfermagem; Amamentação



**CONTRACEPÇÃO: A ENTREVISTA MOTIVACIONAL COM A PACIENTE EM
VULNERABILIDADE SOCIAL**

Isabelli Corrêa Girelli¹; Laisa Adams Simon¹; Camile Moraes Haeffner¹; Gabriela Paula Mohr¹;
Nicole Strassburger¹; Sophia Scholz Boelter¹; Victoria Staudt Zamboni¹; Dennis Baroni da Cruz²;

Graduando em Medicina pela Universidade de Santa Cruz do Sul¹, Docente em Medicina pela
Universidade de Santa Cruz do Sul²

✦ ✦
isabelligirelli@gmail.com

Introdução: A contracepção é um elemento fundamental da saúde reprodutiva, que permite o planejamento familiar e desempenha um papel importante na saúde emocional da mulher. No entanto, mulheres em situação de vulnerabilidade social enfrentam barreiras no acesso a informações e a serviços de saúde. Nesse sentido, a entrevista motivacional surge como uma abordagem eficaz para facilitar o diálogo e a tomada de decisão informada sobre os métodos contraceptivos. É necessário que haja maior enfoque na entrevista motivacional na interação médico-paciente, especialmente no contexto da contracepção, com foco nas mulheres em situação de vulnerabilidade social. **Objetivo:** Analisar a abordagem da entrevista motivacional voltada a pacientes em vulnerabilidade social, visando aumentar o conhecimento e a adesão à contracepção, promovendo assim a autonomia reprodutiva. **Metodologia:** Trata-se de uma revisão sistematizada, de caráter qualitativo, com artigos publicados de 2020 a 2024, em português e inglês. As bases de dados utilizadas foram PubMed, Bvs e Periódicos Capes, totalizando 237 artigos. Os descritores utilizados são do DeCS/MeSH, sendo aplicados na seguinte ordem: “*contraception*” e “*social vulnerability*”. Foram excluídos artigos que continham nomes repetidos e temáticas incongruentes com o objetivo da pesquisa. Totalizam-se 12 artigos, sendo 4 repetidos, logo 8 artigos foram analisados. **Resultados:** Na análise, evidenciam-se que as diferenças sociodemográficas impactam diretamente no acesso ao planejamento reprodutivo no país. Há falhas nas ações educativas sobre contracepção, tanto nas escolas, onde não é abordado o tema, quanto nos atendimentos médicos, pois não há explicação sobre os métodos contraceptivos existentes para que as mulheres possam tomar uma decisão livre e informada sobre qual método desejam utilizar. Além disso, tem-se a irresponsabilidade ou negligência feminina, que falha em seguir a prescrição médica do anticoncepcional oral diariamente, ou do injetável mensal ou trimestral, descontinuando o uso do método e colocando-se em exposição à gravidez. Assim, há deficiência na educação sexual, na abordagem sobre os métodos contraceptivos excitantes e na importância de utilizá-los e na inadequação da oferta dos insumos contraceptivos pelos serviços de saúde. **Conclusão:** Portanto, destaca-se a necessidade de melhorias nas estratégias de abordagem dos métodos contraceptivos para mulheres em situação de vulnerabilidade. As lacunas, tanto na educação quando no sistema de saúde, retratam os problemas da contracepção relacionada à vulnerabilidade social, por isso, a entrevista motivacional se mostra como aliada na questão, podendo capacitar esse grupo a fazer escolhas informadas sobre sua saúde reprodutiva, promovendo autonomia e melhorando o bem-estar dessas mulheres.

Palavras-chave: Contracepção; Vulnerabilidade Social; Saúde da Mulher.



CONTRIBUIÇÕES DA PINTURA GESTACIONAL PARA O VÍNCULO ENTRE MÃE E BEBÊ: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA

Barbara Garcia de Camargo¹; Déborah Canoff de Souza¹; Fernanda Demutti Pimpão Martins²; Fabiane Ferreira Francioni³; Camila Daiane Silva⁴

Graduanda em Enfermagem pela Universidade Federal do Rio Grande¹, Doutorado em Enfermagem pela Universidade Federal de Pernambuco², Doutorado pela Universidade Federal de Santa Catarina³, Doutorado em Enfermagem pela Universidade Federal do Rio Grande⁴

barbaragarcamargo@gmail.com

Introdução: A Pintura Gestacional (PG), uma arte lúdica com fins terapêuticos, aproxima mãe e feto promovendo sentimento de valorização para a mulher. Através de traços e cores, o que era parte do seu imaginário se concretiza, visualizando o feto, a placenta e o cordão umbilical. **Objetivo:** Relatar a atividade de PG, desenvolvida por duas estudantes de enfermagem através de uma aula prática na disciplina de Enfermagem na Saúde da Mulher. **Metodologia:** Relato de experiência de uma ação de PG, realizada na maternidade do Hospital Universitário Dr. Miguel Riet Corrêa Jr. vinculado à Empresa Brasileira de Serviços Hospitalares (EBSERH), em novembro de 2023. Destaca-se que a atividade está vinculada a um projeto de extensão do Grupo Viver Mulher, da Escola de Enfermagem da Universidade Federal do Rio Grande (EENF/FURG). **Resultados e Discussão:** Inicialmente, a enfermeira da unidade passa o mapa de gestantes com idade gestacional acima de 24 semanas, que não apresentem patologias obstétricas graves, em seguida, o grupo realiza a abordagem da gestante e é feito o convite para participar da atividade. A PG é realizada no abdome, após realização da manobra de Leopold Zweifel, onde verifica-se a posição e situação fetal. Utiliza-se um molde para que o tamanho do bebê seja representativo, as tintas utilizadas são hipoalergênicas, à base de água e a cor é escolhida pela mulher. As gestantes construíram memórias agradáveis, imaginaram os traços físicos do futuro bebê e apresentaram alívio do estresse, ocasionado pela gestação de alto risco, internação hospitalar e gravidez indesejada. A experiência foi enriquecedora para as estudantes, dado que praticaram as técnicas de pré-natal, como palpação obstétrica, identificação da situação e apresentação fetal e ausculta dos batimentos cardíacos fetais. Ainda contribuiu para a formação profissional humanizada, valorizando o ser além de sua condição física ou doença aparente, possibilitando enxergar as pacientes como um ser biopsicossocial. **Conclusão:** A PG é um instrumento de baixo custo e fácil aplicação que oferece uma experiência sensorial marcante para a gestante. Durante a realização da arte no ventre, a mulher fortalece o vínculo com o feto através da imaginação, desde o fio de cabelo até os dedos dos pés, exprime suas ideias, emoções e sentimentos. Ademais, a PG propicia educação em saúde e troca de saberes entre o profissional de saúde e a gestante, sendo um momento que a mulher sente-se segura e amparada para relatar seus medos e inseguranças.

Palavras-chave: saúde da mulher; pintura; gestante.



CONTRIBUIÇÕES DO ESTÁGIO EXTRACURRICULAR NA ESTOMATERAPIA PARA A FORMAÇÃO PROFISSIONAL DE ENFERMEIROS: RELATO DE EXPERIÊNCIA

Luana Alves de Melo¹; Ana Vitória Costa Lima²; Hanna Grazielli Silva³;
Lara Helen Lemos de Oliveira⁴; Emanuely Vieira Pereira⁵,
Jayana Castelo Branco Cavalcante de Meneses⁶

Graduanda em Enfermagem pela Universidade Regional do Cariri^{1,2,3,4}, Doutoranda em Cuidados Clínicos de Enfermagem e Saúde pela Universidade Estadual do Ceará⁵, Doutoranda em Enfermagem pela Universidade Federal do Ceará⁶

luana.alvesmelo@urca.br

Introdução: Conforme a Lei nº 11.788 de 2008, o estágio extracurricular configura-se como uma atividade opcional, acrescida à carga horária regular obrigatória do projeto pedagógico da graduação. Frente ao mercado de trabalho competitivo e exigente, o estágio extracurricular na enfermagem é uma estratégia importante para a aquisição de experiência prática e desenvolvimento de habilidades profissionais. O estágio extracurricular no âmbito da estomaterapia desempenha um papel fundamental na formação profissional, uma vez que propicia o aperfeiçoamento do raciocínio clínico para o manejo adequado de pessoas com feridas, estomias e incontinências. **Objetivo:** Relatar as contribuições do estágio extracurricular no campo da estomaterapia para a formação profissional de enfermeiros. **Metodologia:** Trata-se de um relato de experiência sobre a vivência de acadêmicas de enfermagem em um estágio voluntário e extracurricular no ambulatório de Pé Diabético de um serviço público de média complexidade, no interior do Ceará. O estágio extracurricular ocorreu no mês de março de 2023, com carga horária de 16 horas semanais, sob a supervisão da enfermeira especialista responsável pelo setor. Ao final de cada dia, eram registradas observações sobre as experiências vivenciadas ao longo do estágio em diário de campo. **Resultados:** A princípio, foram apresentados os insumos disponíveis no setor, como as coberturas de alta tecnologia, bem como as principais demandas do setor e os fluxos de atendimento. No decorrer dessa vivência, foi possível assistir diversos usuários com distintas condições clínicas, como: úlceras venosa, arterial e mista, úlceras do pé relacionadas ao diabetes, estomas e úlceras neuropáticas decorrentes de hanseníase, entre outras complicações. A assistência se dava da seguinte forma: acolhimento, avaliação do paciente, elaboração do plano de cuidados, implementação do cuidado de enfermagem e orientações em saúde para o paciente e familiares. A equipe multiprofissional, composta por enfermeira estomaterapeuta, técnicas de enfermagem, nutricionista, psicóloga, fisioterapeuta e médicos especialistas, mostrou-se acolhedora e solícita, inserindo as estagiárias na dinâmica de atendimentos do setor. Foram implementadas terapias primárias (limpeza, desbridamento e seleção da cobertura) e adjuvantes (laserterapia), as quais eram registradas no prontuário do paciente. **Considerações finais:** O estágio extracurricular desenha-se como uma oportunidade enriquecedora, contribuindo para uma formação profissional mais qualificada. A inserção na prática profissional de estomaterapia permitiu o desenvolvimento de um olhar crítico-reflexivo sobre a prática de enfermagem, contribuindo com o aprimoramento de habilidades comunicativas e técnicas cruciais ao cuidado holístico de enfermagem.

Palavras-chave: estágio; estomaterapia; enfermagem.

CONTRIBUIÇÕES FONOAUDIOLÓGICAS NO ALEITAMENTO MATERNO DE MÃES ADOLESCENTES NO ESTADO DO PARÁ

Carla Marcelli Medeiros Ramos¹, Lohanny Vitória Moraes Borges², Iasmim Corrêa de Souza³, Sara Sarmiento Batista⁴, Cinthya da Silva Lynch⁵

Graduando em Fonoaudiologia pela Universidade do Estado do Pará^{1,2,3,4}
Docente do Curso de Fonoaudiologia da UEPA⁵

Medeiroscarlamarcelli20@gmail.com

Introdução: Com base no Estatuto da Criança e do Adolescente de 1990, a família e o Estado têm o dever da proteção à vida e à saúde, mediante ao acesso às políticas públicas vigentes, conquanto é evidente que a gravidez na adolescência demonstra uma mudança nessa população, onde as contribuições fonoaudiológicas sobre o aleitamento materno correto promove a saúde da mãe e do bebê.

Objetivo: Analisar as contribuições fonoaudiológicas no aleitamento materno de mães adolescentes.

Metodologia: Trata-se de um estudo de caráter retrospectivo, transversal e descritivo, que buscou a obtenção de informação de forma quantitativa de dados epidemiológicos por meio do Sistema de Informações Sobre Nascidos Vivos (SINASC) sobre o aleitamento materno de mães adolescentes no estado do Pará. Para análise dos achados foram utilizadas as seguintes variáveis: idade materna (10 até 19 anos), tipo de gravidez (única, dupla, tripla ou mais) e consulta de pré-natal no período de 2014 a 2022. Foram considerados descritores de busca (DeCs); “Aleitamento materno”, “Mães adolescentes” e “Fonoaudiologia AND amamentação”, foi empregado o operador booleano para restringir a busca. Como critério de inclusão utilizou-se artigos na íntegra no idioma português, excluindo, aqueles que não estavam relacionados à temática, idiomas e outros formatos. **Resultado e Discussão:** De acordo com o período analisado foram identificados o total de 372.550 casos de gravidez de mães com idade de 10 anos até os 19 anos. Ao analisar o tipo de gravidez, notou-se que as mães com idades entre 10 e 19 anos estão mais suscetíveis a apresentarem apenas gravidez única, somando 292.918 ocorrências. No que se refere às consultas ao pré-natal, adolescentes com idades entre 10 e 14 anos frequentam de 4 a 6 consultas (67.248), concomitante com as de 15 a 19 anos que frequentaram o mesmo quantitativo de consultas (5.334). Com base nos resultados apresentados, esses servem de alerta para a necessidade de ações, por parte do fonoaudiólogo, de promoção à saúde para as adolescentes no pré-natal sobre a importância do aleitamento. **Conclusão:** Conclui-se que o processo do aleitamento materno é essencial para a saúde do bebê e que as informações sobre a forma da pega do recém-nascido no seio materno e as orientações sobre o padrão de sucção-deglutição-respiração correta podem fazer a diferença no vínculo mãe-bebê e prevenir futuras alterações estomatognáticas para o bebê, porém persiste a carência de estudos que ressaltam a importância da atuação do fonoaudiólogo no aleitamento materno.

Palavras-chave: fonoaudiológica; aleitamento materno; mães adolescentes.

CUIDADOS DE ENFERMAGEM NA RECUPERAÇÃO PÓS-CIRURGIA DE MASTECTOMIA: ABORDAGENS E APOIO INTEGRAL À PACIENTE

Sabrina de Alencar Ribeiro¹; Nyanne Vieira Lima¹; Letícia Mirelly Fagundes Xavier¹; João Carlos Henrique Cordeiro²

Graduanda em enfermagem pela Universidade Regional do Cariri¹, Enfermeiro pela Universidade Regional do Cariri²

sabrina.ribeiro@urca.br

Introdução: O câncer de mama é uma condição temida pelas mulheres devido à possibilidade de mutilação e alterações no estilo de vida. A enfermagem desempenha um papel fundamental no suporte e orientação no pós-operatório da mastectomia, visando proporcionar esclarecimento, direcionamento adequado, e promover uma imagem corporal positiva para as pacientes. **Objetivo:** O objetivo deste estudo é avaliar a importância dos cuidados de enfermagem no pós-operatório de mulheres submetidas à mastectomia. **Metodologia:** Este estudo consiste em uma revisão narrativa da literatura, realizada em maio de 2024 utilizando a Biblioteca Virtual em Saúde (BVS) e as bases de dados LILACS e BDNF. Foram utilizados os Descritores em Ciências da Saúde “Cuidados de Enfermagem”, “Período Pós Operatório” e “Mastectomia”, com o operador booleano AND, resultando em 15 artigos, destes 7 foram lidos na íntegra e 3 foram analisados criteriosamente para a elaboração deste estudo. **Resultados e Discussão:** Diante da predominância do tratamento cirúrgico, principalmente através da mastectomia, como uma das principais abordagens terapêuticas no combate ao câncer de mama, é essencial reconhecer que tal procedimento pode impor limitações à paciente. Assim, torna-se imperativo que a equipe de enfermagem adote uma abordagem humanizada, acolhedora e educativa. O enfermeiro desempenha um papel central na equipe de saúde e é responsável por uma série de cuidados essenciais durante o período pós-operatório da mastectomia. Estes incluem a avaliação e monitoramento das condições físicas e emocionais da paciente, a educação sobre os procedimentos cirúrgicos e os cuidados necessários durante a recuperação, o gerenciamento da dor e a administração adequada de analgésicos, além dos cuidados com a incisão cirúrgica para prevenir infecções. Além disso, é fundamental que a equipe de enfermagem forneça suporte emocional e psicológico para auxiliar as pacientes a lidar com as mudanças na imagem corporal e os impactos emocionais da cirurgia. Isso pode incluir orientação sobre estratégias de adaptação e encaminhamento para serviços de apoio. Em suma, os cuidados de enfermagem desempenham um papel crucial na promoção da recuperação física e emocional das mulheres após a mastectomia, visando prevenir complicações e melhorar a qualidade de vida durante o período pós-operatório. **Conclusão:** Diante disso, os cuidados de enfermagem são fundamentais para promover a recuperação física e emocional das mulheres após a mastectomia, esses cuidados são cruciais para garantir o bem-estar completo das pacientes durante o período pós-operatório.

Palavras-chave: cuidados de enfermagem; cuidados pós-operatórios; mastectomia.

CUIDADOS DE ENFERMAGEM A GESTANTE PORTADORA DE HIV

Antonia Janielly Negreiros de Moraes¹; Sávio Diego Gomes da Silva²; Alysan Gomes de Vasconcelos³; Wendel de Alcântara Mendes⁴; Gabrielle Oliveira Azevedo Fontes⁵; Leidiane Carvalho de Aguiar⁶; Rodrigo Marques Damasceno⁷; Francisca Samila Pinto Romão⁸

Graduada em enfermagem pela Universidade Estadual Vale do Acaraú¹; Graduado em medicina pelo Centro Universitário Uninovafapi²; Graduada em enfermagem pelo Centro Universitário Inta³; Graduado em medicina pela Universidade de Fortaleza⁴; Graduada em enfermagem pelo Centro Universitário Inta⁵; Graduada em psicologia pela Universidade Federal do Ceará⁶; Graduado em enfermagem pelo Centro Universitário Inta⁷; Graduada em enfermagem pela Universidade Estadual Vale do Acaraú⁸

janielly.57@gmail.com

ENFERMEIRA PELA UNIVERSIDADE ESTADUAL VALE DO ACARAÚ

Introdução: O HIV gera uma infecção crônica, oligossintomática e inespecífica em estágios iniciais, contribuindo para atraso no diagnóstico e consequente tratamento. Felizmente, a história natural do HIV tem evoluído significativamente nas últimas décadas graças à terapia antirretroviral (TARV). Logo, o diagnóstico precoce de HIV, por meio de testes rápidos disponíveis gratuitamente, de gestantes e seus companheiros, associado ao uso de preservativos e ao planejamento familiar são os pilares para o controle das intercorrências em gestantes vivendo com HIV e seus filhos. **Objetivos:** Analisar na literatura científica evidências relacionadas à importância da rede de apoio na vida de mulheres portadoras de HIV. **Metodologia:** Tratou-se de uma revisão de literatura. Foi realizada uma busca de artigos brasileiros sobre a vivência da maternidade na vigência do HIV no período 2020-2024 nas bases de dados SciELO e Lilacs. Para a pesquisa foram utilizados os seguintes descritores: HIV, soropositividade, gravidez e maternidade, em combinação (por exemplo, HIV "and" maternidade). Foi considerado apenas estudos realizados por pesquisadores brasileiros, publicados no idioma português e em periódicos brasileiros. **Resultados:** Intervenções da equipe de saúde fornecem às mulheres o conhecimento para dissipar a informação sobre a transmissão do HIV e como as ferramentas de autodefesa e as intervenções podem ajudá-las a lidar melhor com os desafios de viver com HIV na sociedade, sendo, desse modo, crucial que os profissionais de saúde sejam treinados para o aconselhamento. Vale ressaltar que o recebimento do resultado de um diagnóstico positivo para o HIV desperta nos indivíduos uma variedade de sentimentos, entre eles a surpresa, decepção, tristeza, desespero, medo do desconhecido e do que poderá acontecer, sinal de alerta sobre o fim dos sonhos, dos planos e possibilidades de vida. É importante salientar que o diagnóstico deve ser dado o mais precocemente possível, assim como o início do pré-natal, uma vez que foi comprovado que as gestantes podem demorar um tempo para aceitar a situação e dar início aos procedimentos profiláticos para se evitar a transmissão vertical do HIV. Observa-se, a necessidade de ações de apoio socioemocional a serem desenvolvidas pelos profissionais de saúde para favorecer o enfrentamento da transmissão vertical. **Conclusão:** Apesar dos resultados favoráveis no controle da doença, com a administração das terapias medicamentosas, antirretrovirais, o controle da transmissão vertical do HIV continua sendo um desafio para os serviços de saúde. Além disso, a prevalência desse problema no Brasil ainda é alta e está relacionada à regiões, principalmente a região nordeste.

Palavras-chave: HIV, soropositividade, gravidez e maternidade

**CUIDADOS DE ENFERMAGEM A PACIENTES COM ESTENOSE VAGINAL
SECUNDÁRIA À RADIOTERAPIA PÉLVICA: REVISÃO DE LITERATURA**

Joana Pereira Medeiros do Nascimento¹;

Enfermeira pela Universidade Católica de Pernambuco¹;

enfermeirajoanapereira@yahoo.com

Introdução: Dentre os cânceres ginecológicos, o câncer do colo do útero (CCU) se destaca pela sua incidência. No Brasil, entre 2023 e 2025, foram estimados 17 mil casos novos de CCU. A utilização de radioterapia externa em conjunto com a intracavitária (braquiterapia) é uma das abordagens mais requisitadas para o tratamento de CCU. Contudo, é provável que ocorram complicações decorrentes desse procedimento, tais como: diminuição da lubrificação vaginal, dispareunia e estenose vaginal (obstrução por tecido cicatricial) A estenose vaginal é caracterizada pelo estreitamento ou encurtamento do canal vaginal devido à formação de tecido cicatricial. A incidência pode variar de 1,2% a 88%, devido à diversidade de métodos de avaliação. **Objetivo:** Verificar, conforme a literatura, os cuidados de enfermagem a pacientes com estenose vaginal secundária da radioterapia pélvica. **Metodologia:** Trata-se de uma revisão integrativa da literatura, na qual foram analisados artigos científicos das bases de dados Lilacs, Medline, Scielo e PubMed aplicando os descritores “enfermagem”; “oncologia”; “braquiterapia” e “Constricção Patológica”, utilizando o operador booleano OR e AND. Obteve-se 57 artigos. Aplicaram-se os filtros: idiomas (inglês, português, espanhol); últimos 5 anos; artigos com texto completo disponível, resultando em 46 artigos. Foram excluídos oito artigos por serem revisão de literatura e 11 artigos que não atenderam aos objetivos desta pesquisa. Após análise, restaram 27 artigos. **Resultados e Discussão:** Os dados da revisão mostram que os cuidados de enfermagem mais relevantes são a educação em saúde para o autocuidado, bem como a educação para a manutenção das relações sexuais durante o tratamento, na ausência de problemas, exceto no dia anterior ao procedimento, com o objetivo de evitar traumatismos e contaminação. Orientar que poderá ocorrer sangramento vaginal e incentivar e esclarecer os benefícios da ingestão hídrica Além disso, outros cuidados de enfermagem que devem ser orientados são: dilatadores vaginais e lubrificantes vaginais com objetivo de evitar traumatismos e infecções nas vias urinárias. **Considerações finais:** Diante dos fatos apresentados, é possível notar a relevância da enfermagem nos cuidados com complicações no tratamento da radioterapia para pacientes com CCU e outros tipos de câncer ginecológico. O principal cuidado é a educação em saúde, que ensina como lidar com os sintomas e a detecção precoce de complicações.

Palavras-chave: Enfermagem; Oncologia; Braquiterapia.

CUIDANDO DA SAÚDE MENTAL DURANTE A GRAVIDEZ: DEPRESSÃO NÃO É SÓ NO PUERPÉRIO

Elaine Pinto Rodrigues¹; Eliandro Dames Policarpo¹; Emili da Silva dos Anjos¹; Luana de Oliveira Martins¹; Michele da Silva Honda¹; Marcio Valentim Goulart dos Santos²

Graduando em Medicina pela Universidade do Grande Rio – UNIGRANRIO, Duque de Caxias RJ¹,
Médico Graduado pela Universidade Souza Marques – EMSN, Rio de Janeiro²

elaine.saqua35@gmail.com

Introdução: Durante a gravidez, 10% a 15% das mulheres vivenciam ansiedade e depressão leves a moderadas. A prevalência da depressão varia conforme o desenvolvimento do país. Nos países desenvolvidos, as taxas são mais baixas, em torno de 10% e 15%, enquanto nos países em desenvolvimento, a média é por volta de 25%. Em países menos desenvolvidos, as taxas de depressão maior foram de 10,7%, e de depressão menor, de 21,1%. A prevalência também varia conforme idade ou trimestre gestacional, de 7,4% no primeiro trimestre a 12,0% no último. A depressão na gravidez é subdiagnosticada devido à dificuldade dos profissionais em diferenciar sentimentos fisiológicos dos patológicos. Os sintomas são semelhantes aos da depressão em qualquer período da vida da mulher, como falta de apetite e energia, e sentimentos de culpa. Essas manifestações podem interferir no desenvolvimento fetal e aumentar o risco de eventos adversos na gestação, como pré-eclâmpsia, parto prematuro e baixo peso ao nascer. **Objetivo:** Analisar a ocorrência de depressão durante o período gestacional e descrever os cuidados que as gestantes podem ter com a saúde mental. **Metodologia:** Para este estudo, foi realizada uma análise de artigos científicos nas bases de dados MEDLINE, IBECs, LILACS, SCIELO, WPEIM, PUBMED e SCIENCE DIRECT, de 2014 a 2024, encontrando 22 artigos. Foram incluídos artigos em português, espanhol ou inglês, completos, disponíveis e gratuitos. Excluíram-se artigos que não contemplavam as palavras gravidez, depressão e cuidado, pesquisas irrelevantes e publicações fora do período estabelecido. No total, 09 artigos foram selecionados para revisão e análise. **Resultados e Discussão:** Em gestantes com depressão leve a moderada, as terapias psicológicas, como a Terapia Interpessoal e a Terapia Cognitiva Comportamental, são preferenciais, quando disponíveis. A psicoterapia pode ser indicada para mulheres que não optam por medicamentos, aquelas sem experiência anterior ou aquelas que já tiveram sucesso com a psicoterapia, independentemente da gravidade. Se a psicoterapia não estiver disponível ou for recusada, pode-se considerar o tratamento medicamentoso, com base nos riscos associados à depressão não tratada e ao uso de medicamentos durante a gravidez. Para depressão grave, o uso de antidepressivos é recomendado como tratamento. **Conclusão:** No Brasil, há poucos estudos sobre a depressão durante a gravidez, a maioria deles, são voltados para a mulher durante o puerpério. A depressão durante a gravidez é uma preocupação global, afetando significativamente a saúde materna e fetal. Terapias psicológicas são preferenciais, mas a disponibilidade varia, destacando a necessidade de intervenções acessíveis.

Palavras-chave: Gravidez; Depressão; Cuidado.

DANOS DA EXPOSIÇÃO DE MULHERES A DROGAS DE ABUSO: O QUE APONTAM OS ESTUDOS CIENTÍFICOS

Gabriela Dachi de Araújo¹, Victor Hugo Tonietto¹, Letícia Enedina do Nascimento Torquato¹, Julia Honorata Marcelino¹, Cinthia Matiassi Salas², Ana Luiza Peralta², Eder Fernando de Albuquerque Filho², Edson Bruno Campos Paiva³

Graduando em medicina pela Universidade do Sul de Santa Catarina¹, Graduando em medicina pela Universidade São Judas Tadeu², Mestrando pela Universidade Federal do Pará³

gabrieladachi12@gmail.com

Introdução: O consumo de drogas é considerado uma prática milenar adotada pela humanidade desde então, no entanto, nota-se uma maior preocupação em decorrência do uso em alta frequência bem como os danos causados devido ao seu uso. As drogas de abuso são classificadas quanto o seu status em lícitas e ilícitas e dentre elas estão o álcool, medicamentos, maconha, cocaína, cetamina, crack e outras. **Objetivo:** Descrever os riscos associados a exposição de mulheres a drogas de abuso. **Metodologia:** Foi realizado uma revisão do tipo narrativa da literatura nas bases de dados SciELO (*Scientific Electronic Library Online*) e LILACS (Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciências da Saúde), periódicos da CAPES, Ministério da Saúde e da Biblioteca Virtual da Saúde, utilizando as palavras-chave: álcool, drogas de abuso e mulheres. Critérios de inclusão: artigos nos últimos cinco anos (2019-2023), estudos completos e gratuitos, materiais em língua inglesa, portuguesa e espanhola. Critérios de exclusão: estudos duplicados, incompletos, literatura cinzenta e estudos que fugissem da temática. **Resultados e Discussão:** Foram selecionados 17 artigos científicos, sendo selecionados (4/17) dos trabalhos relacionados com o tema e os demais estavam correlacionados com o contexto histórico ou revisões de bibliografias. O álcool está entre umas das drogas lícitas mais consumidas por mulheres, os estudos demonstram que o uso agudo ou prolongado em ratos fêmeas podem causar danos ao Sistema Nervoso Central em diferentes fases da vida do animal, assim mimetizando o padrão de consumo entre o público feminino, evidenciando possíveis alterações do tipo neurocomportamentais em mulheres, do tipo ansiedade, alteração motora e comportamentais do tipo depressiva, entre outras consequências no organismo feminino, além de danos neuronais, foram observados alterações neuroendócrinas, tendo como principal resposta o aumento de alteração celular. Outros estudos demonstraram que mulheres expostas ao crack também apresentavam mudanças no padrão comportamental, e este se mostrava mais intenso quando utilizado no período gestacional levando em consideração a utilização da droga no padrão *Binge Drinking*, ou seja, o usuário utiliza excessivamente por horas ou dias. A maioria das usuárias embora estivessem no período gestacional apresentavam padrão de uso do tipo compulsivo pela droga, especialmente pelo crack. **Conclusão:** Os estudos científicos evidenciam uma série de danos que o organismo feminino pode sofrer em decorrência da exposição ao uso de drogas de abuso, sendo estes prejudiciais e irreversíveis ao organismo, podendo desencadear alterações orgânicas como, dependência, transtornos afetivos e de ansiedade, depressão e prejuízos cognitivos.

Palavras-chave: álcool; drogas de abuso; mulheres.

DAS MÃOS A SAÚDE: A FALTA DE CONHECIMENTO DA LIBRAS POR PROFISSIONAIS DA SAÚDE FEMININA.

Carla Marcell Medeiros Ramos¹; Lohanny Vitória Moraes²; Iasmim Corrêa de Souza³; Luzianne Fernandes de Oliveira⁴;

Graduando em Fonoaudiologia pela Universidade do Estado do Pará¹⁻²⁻³
Docente do Curso de Fonoaudiologia da Universidade do Estado do Pará⁴

medeiroscarlamarceli20@gmail.com

Introdução: É perceptível o problema do acesso à comunidade surda à saúde com equidade, mesmo apresentando a Lei nº 10.436 de 2002 e pelo Decreto nº 5.622, ainda persiste uma barreira comunicacional entre profissional-paciente. É importante mencionar que a falta de qualificação dos profissionais da saúde pode causar prejuízos no acolhimento, diagnóstico e no tratamento do paciente, visto que a maioria dos profissionais da saúde não tem o conhecimento das LIBRAS (Língua de Sinais Brasileira), principalmente quando trata-se da saúde da mulher, uma vez que ao buscar uma ginecologista, mastologista e entre outros, esta paciente irá precisar de alguém próximo para fazer a intermediação e tradução, e não irá se sentir confortável para dar detalhes íntimos impactando em sua acolhida. **Objetivo:** Investigar quais fatores levam ao desconhecimento da Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS), por profissionais da saúde. **Metodologia:** Este estudo trata-se de uma revisão integrativa com uma abordagem descritiva, tendo como levantamento bibliográfico a base de dados Google acadêmico, no período de 2020 a 2024. Foram considerados os Descritores (DeCs): “Conhecimento em Libras AND Saúde” e “LIBRAS AND Profissionais da Saúde”, foi empregado o operador booleano para restringir e direcionar as buscas. Ademais, como critério de inclusão, analisou-se as seguintes características: artigos e resumos na íntegra no idioma português e o critério de exclusão se consolidou com base em tudo que não está relacionado à temática abordada, formato escolhido e em idioma eleito. **Resultado e Discussão:** Foram encontrados um total de 31.900 materiais com a busca dos descritores, conquanto foi utilizado os critérios de inclusão e exclusão sendo selecionados 9 destes para compor o estudo, demonstrando a ausência de políticas de reparação a marginalização da população surda especialmente a parcela do sexo feminino ao evidenciar a fragmentação ao acesso a saúde de qualidade apesar da legislação assegurar a assistência, isso revela a displicência curricular dos cursos desta área em relação ao público presente, interferindo na qualidade do atendimento, informação e prevenção rompendo a relação profissional-paciente. **Conclusão:** Conclui-se que persiste a carência do conhecimento consolidado das LIBRAS pelos profissionais da saúde, por conta de não ser obrigatória na grade da maioria dos cursos de saúde. Também é válido mencionar que apesar de ter uma regulamentação, ela não está sendo efetivada com seriedade, consequentemente leva a desistência da busca pelos serviços de saúde pela falta de acolhimento e acessibilidade.

Palavras-chaves: Comunicação; Saúde da Mulher; Surdo.



DEPRESSÃO PÓS-PARTO: ESTRATÉGIAS PARA PREVENÇÃO E TRATAMENTO DA SAÚDE EMOCIONAL MATERNA

Ágatha Vitória de Paula Soares Carvalho¹; Luana Pereira Almeida¹; Dra. Erlinda Maria Bittencourt²

Graduanda em enfermagem pela Universidade Estadual do Maranhão- UEMA¹, Graduanda em enfermagem pela Universidade Estadual do Maranhão- UEMA¹, Doutora em história pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos - UNISINOS²

agathacarvalhoh@hotmail.com

Introdução: A Organização Mundial da Saúde (OMS) caracteriza a depressão como um transtorno mental complexo que afeta o corpo como um todo, manifestando-se através de tristeza intensa, perda de interesse em atividades prazerosas, sentimento de culpa, baixa autoestima, além de distúrbios no sono e no apetite. Muitas mulheres no pós-parto, especialmente aquelas em situações de risco, podem não ser identificadas enquanto enfrentam desafios emocionais como depressão, estresse e dificuldades de adaptação. Conseqüentemente, isso resulta na perda de oportunidades. Isto é, de receber o suporte necessário e que possa intervir precocemente nessas situações. **Objetivo:** Investigar estratégias eficazes para a prevenção e tratamento da saúde emocional materna pós-parto, com ênfase na depressão pós-parto. **Metodologia:** Trata-se de uma revisão integrativa da literatura realizada através das bases de dados: PUBMED e Scientific Electronic Library Online (SciELO). Os descritores utilizados foram Saúde Mental, Gestantes, Pós-parto, Mulher, Pregnant Women e Mental Health, abrangendo publicações nos idiomas português, inglês e espanhol, publicados entre 2019 e 2024, sendo excluídos relatos técnicos e outras formas de publicação que não artigos científicos. Após aplicar os critérios de inclusão e exclusão e analisar os estudos, identificou-se inicialmente 76 estudos relevantes, dos quais foram selecionados 8 (oito) deles para inclusão final. **Resultados e Discussão:** Em um estudo da Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz), foi identificado que a depressão pós-parto (DPP) afeta mais de 25% das mães no Brasil, influenciando negativamente as relações entre a mãe, o bebê, o parceiro e a família. Esse percentual reflete o impacto significativo que o nascimento de um filho provoca na vida da mulher. Esse percentual está relacionado ao impacto significativo que o nascimento de um filho provoca na vida da mulher. Estratégias eficazes para prevenir e tratar a depressão pós-parto incluem o acolhimento desde o início do pré-natal, envolvendo o rastreamento precoce da gestante e a utilização da EDPS durante as consultas. **Considerações Finais:** Nota-se que um dos principais problemas de saúde mental no período pós-parto é o aparecimento de transtornos mentais, sendo a depressão pós-parto (DPP) um dos mais significativos. Evidenciou-se que, as estratégias mais comuns para prevenir a Depressão Pós-Parto (DPP), conforme documentado na literatura, incluem uma abordagem empática e acolhedora durante as consultas. Isso sugere que a prevenção da DPP pode ser facilmente abordada, tem custos baixos e é viável de ser implementada.

Palavras-chave: Saúde da mulher; Pós-parto; Saúde Mental.

DEPRESSÃO PÓS-PARTO OCASIONADA PELO DESEQUILÍBRIO HORMONAL

Isabel Simões de Barros Nunes¹; Rebeca da Conceição Mattos²; Melissa Barreto Barbosa Veloso³

Graduanda em Enfermagem pela Universidade Salvador¹, Graduanda em Enfermagem pela Universidade Salvador¹, Graduada em Enfermagem pela Universidade Salvador¹

E-mail: isabelsbnunes@gmail.com

Introdução: Durante todo o período gestacional as mulheres enfrentam vários desafios e problemas, tanto físico quanto mental. Com isso, algumas mulheres desenvolvem depressão pós-parto no período do puerpério, no Brasil atualmente cerca de 25% das mulheres são afetadas por essa doença psiquiátrica no período de 6 a 18 meses após o nascimento do bebê. Segundo a Organização Mundial da Saúde (OMS), a depressão pós-parto é uma condição de profunda tristeza, desespero e falta de esperança que acontece logo após o nascimento do bebê. **Objetivo:** Este resumo tem como objetivo abordar e disseminar conhecimentos sobre saúde mental, com foco exclusivo nas mulheres no pós-parto em toda integralidade das suas necessidades, prestando apoio as mesmas trazendo acolhimento da melhor forma, com o intuito de evitar possíveis pensamentos depressivos que podem causar danos a si própria ou até mesmo ao bebê. **Metodologia:** Foi realizado o método de revisão bibliográfica, utilizou-se o Scientific Electronic Library Online (SciELO) e o site do Governo Federal (GOV.BR) como base de dados. Foram utilizadas as palavras chaves "Depressão pós-parto", "Saúde da mulher" e "Desequilíbrio hormonal". Realizou-se primeiramente a definição do tema, depois definiu-se os critérios de elegibilidade de inclusão e exclusão de conteúdos, posteriormente foram feitas as verificações das publicações nas bases de dados e análise dos estudos, utilizou-se apenas dois artigos dos 2.084 encontrados, que foram excluídos pois estavam fora de contexto. **Resultados e discussão:** Como resultado da pesquisa, foi possível comprovar que após o nascimento do bebê ocorrem alterações hormonais no corpo da mãe, provocadas pela queda dos níveis dos hormônios estrogênio e progesterona, que são produzidos durante a gravidez em abundância, ocasionando diversos desequilíbrios. Contudo, decorrente dessas alterações algumas mulheres podem apresentar uma sensibilidade com maior intensidade, se tornando mais vulneráveis a apresentar picos de estresse, que por sua vez podem ser um dos estímulos para mudanças comportamentais, emocionais, transtornos de humor e depressão. **Conclusão:** Conclui-se então que a partir dos dados coletados é crucial que durante e após a gravidez as mulheres tenham acompanhamento psicológico com o intuito de diminuir os casos de depressão pós-parto, prova-se isso através da lei n° 14.721 de 2023 que foi sancionada no dia 9 de novembro, a qual obriga as instituições de saúde públicas e privadas a oferecerem assistência psicológica as mulheres durante a gestação e no pós-parto.

Palavras-chave: Depressão pós-parto; Saúde da mulher; Desequilíbrio hormonal.



**DESAFIOS DA ATENÇÃO PRIMÁRIA À SAÚDE NO ENFRENTAMENTO DA PANDEMIA
DA COVID-19**

Michelle Kristine Bispo dos Santos Lôbo¹; Flavia Pedro dos Anjos Santos².

Graduanda em enfermagem pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia¹, Doutora em enfermagem. Docente da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia²

michellekristine26@gmail.com

Introdução: O Coronavírus refere-se a uma doença viral causada pelo agente SARS-Cov-2 que possui um caráter epidemiológico de disseminação e transmissão rápida e progressiva. Nesse sentido, a pandemia da COVID-19 demonstrou a importância da Atenção Primária à Saúde (APS) que se configura como ordenadora e porta de entrada das redes de atenção do Sistema Único de Saúde, pois possui atributos e características importantes de primeiro contato, que foram fundamentais no contexto pandêmico, tais como longitudinalidade, integralidade e orientação comunitária e familiar. Entretanto, a pandemia ocasionou um cenário desafiador para a Atenção Primária à Saúde em virtude da reorganização dos serviços para atender as demandas provenientes do enfrentamento da pandemia.

Objetivo: Descrever os desafios enfrentados para reorganização da APS no contexto da COVID-19.

Metodologia: Trata-se de uma revisão integrativa, que se iniciou pela formulação da questão de pesquisa: “Quais foram os desafios enfrentados pela Atenção Primária à Saúde durante a pandemia da COVID-19?”. O levantamento dos dados ocorreu no Portal da Biblioteca Virtual da Saúde, a partir dos descritores Decs/MeSH “Atenção Primária à Saúde”, COVID-19 e “Serviços de Saúde”, interconectados pelo booleano AND que permitiu a obtenção de 64 artigos, que passaram pelos critérios de inclusão (publicações entre 2020 e 2022, artigos no idioma português e inglês pertencentes a base de dados MEDLINE, LILACS e BDENF- Enfermagem) e os de exclusão (que não atendiam ao objetivo do estudo).

Resultados e discussão: De acordo com os 10 artigos selecionados, observa-se que a maioria dos artigos foram publicados no ano de 2022 (4), na base de dados LILACS (6), com predominância de estudos qualitativos. Os artigos analisados relataram os prejuízos na oferta de serviços essenciais e nos atendimentos voltados para a COVID-19 na Atenção Primária à Saúde, em virtude da escassez de financiamento e recursos, falta de materiais e equipamentos de proteção coletiva e individual, infraestrutura precária, despreparo dos profissionais para atender emergências sanitárias, falta de rotina de serviços para pessoas com doenças crônicas, temor da equipe de saúde e da população frente ao desconhecimento sobre a transmissibilidade do vírus e alta demanda de atendimentos. **Conclusão:** A pandemia da COVID-19 trouxe mudanças e implicações para a rotina dos serviços ofertados pela Atenção Primária à Saúde, evidenciando que as equipes de saúde necessitavam de infraestrutura, suporte psicossocial e entre outros para o enfrentamento de emergências sanitárias, de modo a assegurar a atenção à saúde com resolutividade mediante o contexto da pandemia da COVID-19.

Palavras-chave: Atenção Primária à Saúde; COVID-19; Serviços de Saúde.

DESAFIOS E ESTRATEGIAS NO COMBATE À SIFILIS CONGÊNITA

Livia Nantes de Souza¹; Ana Laura Inacio Oliveira²; Bianca Pereira Remedi³ Gabriela Martins⁴ Lais Gonçalves Martins⁵ Maria Eduarda de Matos Bernades⁶; Sofia Banzatto⁷.

Discentes do curso de medicina pela Universidade de Ribeirão Preto, campus Ribeirão Preto (UNAERP-RP), SP, Brasil¹⁻⁶, Departamento de Medicina: Docente do curso de medicina na Universidade de Ribeirão Preto, campus Ribeirão Preto (UNAERP-RP), SP, Brasil. Mestre em Atenção Básica E MFC I. Departamento de Biotecnologia: Doutoranda em Biotecnologia Aplicada à Saúde⁷

livinhanantes@gmail.com

Introdução: A sífilis congênita é uma infecção transmitida de mãe para filho durante a gestação, causada pela bactéria *Treponema pallidum*. Esta condição representa um grave problema de saúde pública devido às suas complicações potencialmente fatais para o recém-nascido, incluindo natimorto, morte neonatal e anomalias congênitas severas. Nesse sentido, as principais causas deste quadro alarmante seriam principalmente a falta de informação e conscientização atreladas as barreiras de acesso aos serviços de saúde. Portanto se torna uma necessidade a discussão dos aspectos que permeiam esta patologia, bem como indicar soluções para ela. **Objetivos:** O objetivo deste resumo é analisar os principais obstáculos no diagnóstico e tratamento da sífilis congênita, incluindo fatores socioeconômicos, falta de acesso aos sistemas de saúde e falhas na triagem pré-natal, para então avaliar as estratégias de intervenção e propor melhorias a partir disso. **Metodologia:** Realizou-se uma revisão sistemática de 10 artigos científicos publicados entre 2010 e 2023, utilizando bases de dados como PubMed, Scielo e Google Scholar. Nesse sentido foram selecionados apenas cinco para o estudo, em que os critérios de inclusão foram estudos sobre a prevalência, diagnóstico, tratamento e prevenção da sífilis congênita. Foram analisados dados epidemiológicos, protocolos de intervenção e políticas públicas de saúde. **Resultados e Discussões:** Os resultados indicam um aumento na incidência de sífilis congênita em diversos países, principalmente em países e regiões subdesenvolvidas em que o acesso aos serviços de saúde de qualidade é restrito. Além disso, a triagem pré-natal inadequada e a falta de tratamento oportuno das gestantes infectadas foram apontadas como fatores críticos, uma vez que aumentam as taxas de mortalidade infantil até os 2 anos. Assim, os estudos destacam a importância de políticas de saúde pública que promovam o acesso ao diagnóstico precoce e ao tratamento adequado com penicilina, além de programas educacionais voltados para conscientização populacional acerca dos riscos dessa doença, a fim de estabelecer maior prevenção da sífilis. **Conclusão:** Para combater a sífilis congênita de maneira eficaz, é essencial melhorar o acesso ao atendimento pré-natal, garantir a triagem e o tratamento adequado das gestantes e fortalecer as campanhas de conscientização sobre a doença. Ademais, é imprescindível a sensibilização dos profissionais de saúde. Políticas públicas robustas e a colaboração entre os sistemas de saúde e a sociedade são fundamentais para reduzir a incidência e as complicações associadas a essa infecção.

Palavras-Chave: sífilis congênita; pré-natal; políticas de saúde pública.



DESAFIOS E OPORTUNIDADES PARA PROMOÇÃO DA SAÚDE MENTAL EM GESTANTES

Alan de Souza¹; Daniel Vieira de Souza¹; Alessandra Batista Sabino¹; Paula Paulina Costa Tavares²;

Graduandos em enfermagem pela Faculdade Adventista da Bahia^{1,1,1}, Mestre em Promoção da Saúde pelo Centro Universitário Adventista de São Paulo – UNASP, São Paulo SP, docente do curso de Enfermagem da Faculdade Adventista da Bahia – FADBA, Cachoeira BA,²

alansouza34alan56@gmail.com

Introdução: O período gestacional faz parte do processo fisiológico de gerar um feto. Durante esse processo a mulher apresenta algumas alterações físicas, emocionais, comportamentais e psicossociais importantes, que podem abalar a saúde mental, resultando em prejuízos para a mulher, seu bebê e a família. **Objetivos:** Analisar quais são os desafios e oportunidade enfrentados para promoção da saúde mental em gestantes. **Metodologia:** Este estudo trata-se de uma revisão da literatura. A base de dados utilizada para a busca dos estudos foi BVS, foram utilizados os Descritores em Ciências da Saúde (DECS): “Saúde mental”; “Mulheres”; “Gestantes” além do operador booleano “AND” para cruzamentos dos descritores. Os critérios de inclusão foram: estudos originais, dos últimos 5 anos (2019 a 2024), em português e que abordassem a temática proposta da pesquisa. Critérios de exclusão foram: artigos incompletos, duplicados, de acesso restrito, em outros idiomas, fora do recorte temporal, dissertações, teses, monografias, resumos e editoriais, e resultou em setenta e cinco artigos, dos quais três foram selecionados para elaboração do estudo. **Resultados e Discussão:** Os estudos analisaram uma ampla gama de aspectos relacionados às gestantes em diferentes contextos de atendimento. Predominaram gestantes jovens, com baixo nível educacional e residência em áreas urbanas com renda abaixo de dois salários mínimos. No âmbito obstétrico, destacou-se a alta prevalência de gestações no terceiro trimestre, com taxas significativas de cesarianas e antecedentes de aborto. As principais causas de Admissão a Risco Obstétrico (ARO) incluíram ameaça de parto prematuro, depressão e farmacodependência. Houve também uma alta incidência de transtornos mentais, como depressão moderada e comorbidades psiquiátricas, além do uso frequente de antidepressivos e outras medicações psiquiátricas. Destaca-se a importância de um cuidado integral e multidisciplinar que aborda não só a saúde física, mas também as condições socioeconômicas e a saúde mental durante a gestação. **Conclusão:** O estudo revelou que o conhecimento sobre o cuidado com a saúde mental deve ser tão promovido e tão ofertado quanto os demais cuidados com a gestante, como a orientação para uma alimentação saudável, prática de exercício físico e a realização de exames, com a proposta de prevenir e ofertar assistência à saúde. Tendo em vista que durante o período gestacional, parto e puerpério, a mulher por vezes encontra-se em quadros de fragilidade emocional que podem evoluir para situações mais complexas necessitando de um acompanhamento intensivo, e se não tratadas podem repercutir na vida do binômio mãe-bebê e de toda a família, resultando em uma experiência negativa da maternagem.

Palavras-chave: saúde mental, mulheres, gestantes.

DESAFIOS NA PREVENÇÃO DEO CÂNCER DE COLO DO ÚTERO: UMA REVISÃO BIBLIOGRÁFICA SOBRE A CAPACITAÇÃO DOS PROFISSIONAIS DA APS NO SUS.

Lucia Helena da Costa Bezerra¹; Iagor Wingenbah Guadagnin¹; Amanda Suassuna Cortez dos Santos²; Heloísa de Lima Martins Dias²; José Geraldo Dinoá Medeiros Neto^{3,4}.

Graduando em enfermagem pela Universidade Federal do Piauí¹, Mestrando em Psicologia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro².

luciahelena776@gmail.com

Introdução: No Brasil, o câncer do colo do útero (CCU) é o terceiro mais incidente entre mulheres e a quarta causa mundialmente mais frequente de morte por câncer, excluindo tumores de pele não melanoma. A Atenção Primária à Saúde (APS), especialmente as Unidades Básicas de Saúde (UBS) com equipes de Saúde da Família (ESF), desempenha papel fundamental na prevenção, rastreamento e cuidado contínuo de doenças e agravos. **Objetivo:** analisar a capacitação dos profissionais da ESF na prevenção e rastreamento do CCU. **Metodologia:** para realização deste trabalho, foram realizadas buscas por artigos nos periódicos SciELO e Biblioteca Virtual em Saúde (BVS) e Protocolos Clínicos e Diretrizes Terapêuticas (PCDT) de câncer de colo do útero no portal do Ministério da Saúde. A pesquisa por artigos foi mediada através das palavras-chave capacitação de profissionais, Atenção Primária em Saúde, câncer, colo do útero, tendo um número de 15 artigos. Logo, aplicou-se critério de inclusão para artigos publicados entre 2019 e 2024 e PCDT entre 2016 e 2024. Foram considerados excluídos os trabalhos que não foram realizados no Brasil e fora do período estipulado, resultando 6 materiais, sendo 5 artigos e 1 PCDT. **Resultado e Discussão:** através dos materiais revisados, obtivemos o resultado de estudos de campo na APS, onde participaram 170 profissionais, sendo eles médicos (46,5%) e enfermeiros (53,5%), mostrando que apenas 39,4% detinham conhecimento eficaz sobre sinais, sintomas e prática dos métodos de rastreio e diagnóstico sobre CCU. Apenas 59,5% dos profissionais tiveram atitude adequada em relação ao controle do CCU. Profissionais mais jovens apresentaram pior desempenho em relação àqueles com mais de 30 anos. Enfermeiros tiveram melhor desempenho do que os médicos. Ademais, dentro 172 das usuárias entrevistadas do Sistema Único de Saúde, todas já conheciam o exame citopatológico e 77,9% sabiam qual a sua finalidade, mas apenas 1,25% sabiam informar a idade de rastreio. Esses resultados levantam preocupações significativas sobre a qualidade por parte dos profissionais nos meios de prevenção e redução de riscos à saúde das mulheres. Evidenciam ainda uma lacuna na formação ou conscientização dos profissionais mais jovens sobre o rastreamento do CCU. Por outro lado, a conscientização das mulheres atendidas pelo SUS sobre o exame citopatológico é positiva. **Considerações finais:** o estudo destaca desafios no SUS quanto à prevenção do CCU e à capacitação dos profissionais de saúde. A falta de conhecimento sobre métodos de rastreio, especialmente entre os mais jovens, ressalta urgência de investimentos em educação continuada.

Palavras-chave: colo do útero; câncer; capacitação; Sistema Único de Saúde.

DESMITIFICANDO A AMAMENTAÇÃO: RELATO DE EXPERIÊNCIA DE EDUCAÇÃO EM SAÚDE COM GESTANTES

Catarina Môneci Gondim Caldas¹

Graduada em enfermagem pela Universidade de Excelência de Jequié¹

monecicaldas@gmail.com

Introdução: O aleitamento materno é de suma importância para o desenvolvimento do bebê e para além da nutrição o ato de amamentar fortalece o vínculo entre o binômio mãe-bebê. O leite materno reduz a morbimortalidade infantil, visto que, é espécie- específico, ou seja, ele é composto por proteínas, carboidratos, sais minerais e gorduras na quantidade exata que o bebê necessita. O aleitamento exclusivo até os seis meses de vida da criança é benéfico também para a mulher pois reduz os riscos de câncer de mama e de ovários. **Objetivo:** Descrever uma ação de educação em saúde, sobre amamentação realizada com vinte gestantes assistidas por uma unidade básica de saúde. **Metodologia:** Trata-se de um estudo descritivo, qualitativo, de relato de experiência; desenvolvido com base na vivência de uma discente do último semestre do curso de enfermagem, durante o estágio supervisionado na atenção básica, tem como campo de estudo uma unidade básica de saúde, localizada no interior do estado da Bahia. **Resultados e Discussão:** Durante a realização da palestra foi exposto para as gestantes os benefícios do aleitamento materno exclusivo até os seis meses de vida do bebê, desmitificando mitos e crenças populares relacionadas a amamentação, fornecendo informações baseadas em estudos científicos sobre o tema, as gestantes demonstraram interesse realizando perguntas relevantes e compartilhando suas experiências com o aleitamento materno, muitas delas revelaram crenças equivocadas sobre amamentação. Foi possível demonstrar posições confortáveis para a amamentação, técnicas corretas para a prevenção de fissuras mamilares, com o auxílio de mamas educativas. Foi exibido um vídeo educativo, instruindo as gestantes acerca da produção de leite, da importância do autocuidado e dos momentos de descanso durante o puerpério para o sucesso da amamentação. A palestra foi finalizada com uma dinâmica de acolhimento as gestantes. **Conclusão:** Conclui-se que a ação de educação em saúde foi efetiva pois sanou dúvidas e conscientizou as gestantes sobre a importância do aleitamento materno exclusivo, desfazendo os mitos e crenças populares voltados a temática.

Palavras-chave: amamentação; gestação; enfermagem.



“DESVENDANDO A ENDOMETRIOSE”: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA NA ELABORAÇÃO DE UMA CARTILHA EDUCATIVA PARA ADOLESCENTES.

Ana Laura Lucena Cabral¹; Catarina Isabel França de Aragão¹; Déborah Kelly Carvalho de Medeiros¹; Eloiza Barbosa Silva¹; Maria Larissa Marinho Barros¹; Yvinna Tamiris Rodrigues²

Graduando em Fisioterapia pela Universidade Estadual do Paraíba¹, Mestrado em Ciências da Reabilitação pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte²

analaura.l.cabral@gmail.com

Introdução: Endometriose é uma doença crônica caracterizada pelo crescimento do endométrio fora do útero. A sintomatologia reduz consideravelmente a qualidade de vida e compreende: Instabilidade emocional, hipersonia/insônia, ansiedade, fadiga, cefaleias e dismenorréia. O conhecimento insuficiente acerca da patologia, ainda é uma das causas de seu diagnóstico tardio, e da consequente circularização do problema. Assim, a educação e sensibilização de adolescentes pode contribuir para a dispersão de informações acerca da endometriose, atuando como meio de promoção em saúde. **Objetivo:** Documentar o processo de elaboração de uma cartilha educativa sobre endometriose, destinada a adolescentes, visando promover a conscientização sobre essa condição, abordando questões relacionadas ao diagnóstico, tratamento e impacto dessa patologia na vida das mulheres. **Metodologia:** Trata-se de um relato de experiência, o qual descreve o passo a passo de elaboração de uma cartilha educativa intitulada “Endometriose: Conhecendo o desconhecido”. Após estudo bibliográfico para a seleção de conteúdo através das fontes: PubMed e Scielo, o conteúdo foi distribuído em tópicos que estão descritos da seguinte forma: “O que é Endometriose?”, “Quais suas consequências?”, “Quais os sintomas e como minimizá-los?” e “Diagnóstico e formas de tratamento”. Posteriormente, realizou-se a seleção de ilustrações e recursos visuais mediante aplicativo Canva. Por fim, antes de divulgada, passará pela avaliação prévia de especialistas para possíveis ajustes de informações e recursos visuais. **Resultado e discussão:** Para maior adesão, a cartilha foi dividida em 4 páginas, cada uma com um tópico explicativo, com linguagem clara, objetiva e fonte de fácil leitura. Aliado a isso, priorizamos o emprego de imagens ilustrativas e elucidativas sobre o tema. O material tem potencial para orientar as jovens na identificação dos sintomas da endometriose e incentivá-las a buscarem assistência profissional de saúde. Essa iniciativa contribui para compreensão da condição, resultando na prevenção da saúde a nível secundário sobre a questão. Pesquisas mostram que materiais didáticos desempenham um papel crucial na educação sobre patologias crônicas. Nesse contexto, a cartilha se torna um meio simplificador, autárquico, de fácil entendimento e sem grande custo na promoção de saúde. **Conclusão:** A cartilha educativa pode ajudar adolescentes de escolas públicas a entenderem melhor a endometriose, promovendo assim a conscientização e o cuidado com a saúde reprodutiva. Seu desenvolvimento detalhado, com posterior validação profissional, potencializa a educação em saúde e visa não apenas informar, mas sensibilizar as adolescentes sobre o assunto, contribuindo, assim, para políticas de saúde pública e programas educacionais, tendo uma base científica sólida.

Palavras-chave: atenção básica; educação em saúde; endometriose.

DIA “D” PROMOÇÃO E PREVENÇÃO À SAÚDE DA MULHER: UMA EXPERIÊNCIA EXITOSA

Natanael Feitoza Santos¹

Enfermeiro, Mestrando em Saúde e Ambiente pela Universidade Tiradentes¹

natanael.feitoza@gmail.com

Introdução: As ações de promoção e prevenção de doenças, que são direcionadas à saúde da mulher, são fundamentais para a prevenção de agravos à saúde. Essas estratégias se tornam eficazes, uma vez que são eficazes para detecção precoce de doenças e consequentemente um tratamento adequado o mais rápido possível, além de intervenções destinadas a minimizar possíveis consequências e terapias agressivas. Nesta dimensão do cuidado, o profissional enfermeiro possui notória relevância na promoção da saúde e prevenção de agravos, incentivando à saúde da mulher e o autocuidado. **Objetivo:** Relatar a experiência dos profissionais da Atenção Primária à Saúde sobre o Dia “D” de prevenção e promoção à saúde da mulher em um município do estado de Sergipe. **Metodologia:** Trata-se de um relato de experiência, da ação de prevenção e promoção à saúde da mulher, realizada no mês de março/2022, voltada para as mulheres com idade entre 45-65 anos, com exames em atraso ou no período para realização, residentes e domiciliadas no município e em acompanhamento das equipes de saúde da família de um município do estado de Sergipe. **Resultados:** Foi realizado um levantamento pelas Equipes de Saúde da Família do Município, das mulheres com idades entre 45-65 anos que não tivesse com seus exames em dias ou com o tempo adequado para realização. O evento aconteceu no mês de março de 2022 e contou com a participação da carreta da mulher, onde foram realizados 210 procedimentos com as mulheres que estiveram presentes, sendo eles: 137 exames de mamografia digital, 43 coletas de exame citopatológico do colo do útero e 30 coletas de teste rápido para IST's. Além desses procedimentos, foi realizado ações de educação em saúde por meio de rodas de conversa onde as mulheres foram orientadas com relação ao câncer de mama e colo do útero, de forma clara e objetiva, foi ofertado a prática da auriculoterapia de acordo com a necessidade de cada paciente. **Conclusão:** As ações realizadas nesse dia, tiveram como foco a promoção e prevenção à saúde da mulher, além de educação em saúde. A realização destas atividades possibilitou a troca de conhecimento entre os profissionais e usuárias do serviço de saúde, além de auxiliar na detecção precoce de agravos à saúde.

Palavras-chave: Saúde da Mulher. Prevenção de Doenças; Educação em Saúde.



DIABETES GESTACIONAL: O PAPEL DA ATENÇÃO PRIMÁRIA NA PREVENÇÃO EM SAÚDE FEMININA

Heloísa Barbosa de Moraes Botelho¹; Brena da Costa Fonseca¹; Elaine Cristina Mendes dos Santos¹;
Pedro Henrique da Silva Tajujá¹; Saskya de Moraes Pereira¹; Solange Cavalcante Costa²

Graduando em Medicina pela Universidade Estadual de Roraima¹, Formada em Medicina pela Universidade Nilton Lins e Especialista em Obstetrícia e Ginecologia pelo Hospital Materno Infantil de Brasília (HMIB)²

barbosa.botelho@alunos.uerr.edu.br

Introdução: O Diabetes Mellitus Gestacional (DMG) resulta da resistência à insulina induzida por hormônios hiperglicemiantes produzidos pela placenta. Essa condição metabólica exige atenção cuidadosa durante a prenhez, sendo fundamental reforçar a educação em saúde na atenção primária. O diagnóstico e manejo adequado, como a realização do teste de glicemia, são essenciais para reduzir os riscos maternos-fetais. Assim, o pré-natal torna-se crucial, pois permite a prevenção e intervenções precoces. **Objetivo:** Investigar as circunstâncias e agravos de diabetes gestacional em mulheres brasileiras. **Metodologia:** Foi realizada uma revisão de literatura com intervalo temporal de 2021 a 2023, por meio da análise de duas publicações utilizando como base de dados PubMed e Scielo, os descritores foram “gestational diabetes and childhood obesity” e “Diabetes Gestacional”, respectivamente. No presente estudo, foi acrescentado um artigo da revista Research, Society and Development denominado “Perfil epidemiológico de gestantes diabéticas”, totalizando 3 trabalhos científicos. **Resultados e Discussão:** Os fatores de risco para o DMG incluem sedentarismo, histórico familiar, obesidade e o aumento da idade materna. As gestantes entre 35 e 50 anos apresentam prevalência de quadro hiperglicêmico segundo as pesquisas realizadas. O elevado teor de gordura corporal e a idade avançada estão entre as principais causas de resistência à insulina, entretanto, um fator agrava a saúde do binômio mãe-bebê: desinformação. A demora para realizar o pré-natal com o exame da glicemia em jejum e a falta de trabalhos de educação em saúde contribuem para um diagnóstico tardio e complicações graves como o risco de pré-eclâmpsia e parto prematuro. O esclarecimento sobre as repercussões do DMG são primordiais, quanto mais precoce o controle da hiperglicemia na gestação, melhores são os desfechos maternos-fetais. Como agravo significativo, o DGM foi mostrado como um fator de risco para o desenvolvimento de obesidade infantil, cerca de 1,58 vezes mais prevalente, e que quando se relaciona com a obesidade pré-materna (OPM), alcança 4,46 vezes de prevalência - quando comparado a mães sem DGM e OPM. **Conclusão:** Portanto, a falta de conhecimento sobre o Diabetes Mellitus Gestacional influencia na manutenção e aumento dos casos. Nesse sentido, a atenção primária possui papel relevante que compete conhecer os fatores de risco e montar estratégias para prevenção de agravos. Isso deve ocorrer por meio das práticas de educação em saúde voltadas para a gestante e parceria, com início no planejamento familiar e se estender durante o pré-natal. Logo, com o aprendizado ajudando no autocuidado, a saúde feminina não perecerá.

Palavras-chave: Gestação; Diabetes; Causas.

DIFERENÇA ENTRE A INCIDÊNCIA DE EXAMES DE MAMOGRAFIA ALTAMENTE SUGESTIVOS DE MALIGNIDADE POR ETNIA NO ESTADO DE SÃO PAULO

Luiz Eduardo Costa Eluf¹; Gabriela Martins²; Larissa Rita Oliveira Araújo³; Sofia Banzatto⁴

Discentes do curso de medicina na Universidade de Ribeirão Preto, campus Ribeirão Preto (UNAERP-RP), São Paulo, Brasil ¹⁻³

Docente do curso de medicina na Universidade de Ribeirão Preto, campus Ribeirão Preto (UNAERP-RP), SP, Brasil. Mestre em Atenção Básica e MFC I. Departamento de Biotecnologia: Doutoranda em Biotecnologia aplicada à saúde.⁴

luiz.eluf@sou.unaerp.edu.br

Introdução: O câncer de mama é uma doença neoplásica causada por uma acelerada e desordenada multiplicação de células anormais da mama. Possui grande potencial metastático e afeta uma grande parcela da população feminina, o que acarreta um alto índice de mortalidade por essa doença. Dentre as técnicas diagnósticas está a mamografia, uma maneira de identificar, tratar e curar esta doença em estágio inicial, muitas vezes causando menores complicações. **Objetivo:** Demonstrar a diferença entre a incidência de exames de mamografia altamente sugestivos de malignidade por etnia no estado de São Paulo, seguindo os seguintes critérios: mamografia por indicação, incidência de resultados altamente sugestivos de malignidade, faixa etária e etnia. **Metodologia:** Estudo epidemiológico retrospectivo sobre a incidência de exames de mamografia categorizados como BI-RADS 5 e 6 por terem alta sugestividade ou confirmação prévia de câncer, sendo analisado indicadores entre 2019 e 2023 em mulheres de 40 a 69 anos do estado de São Paulo, com indicação para realização de mamografia para rastreio e diagnóstico, realizado por meio da coleta de dados no Sistema de Informações do Câncer (SISCAN). **Resultados e Discussão:** A categoria de BI-RADS 5 e 6 altamente sugerindo malignidade teve uma incidência de 5,09% por exames de mamografia feitos no período de 2019 a 2023 por mulheres de 40 a 69 negras e brancas, sendo ligeiramente menos incidente em mulheres negras, considerando uma diferença de uma taxa de incidência de 19,63 a cada 100.000 mulheres brancas e 19,49 a cada 100.000 mulheres negras. É de se destacar que mamografias feitas com indicação de rastreamento a incidência de categorias BI-RADS 5 e 6 é mais alta em mulheres brancas, sendo de 13,74 a cada 100.000 mulheres brancas para 12,07 a cada 100.000 mulheres negras, mas com indicações diagnósticas a incidência em mulheres negras é consideravelmente mais alta em mulheres negras, sendo de 36,70 a cada 100.000 mulheres brancas e 47,70 a cada 100.000 mulheres negras. **Conclusão:** A análise dos dados epidemiológicos permitiu associar uma ligeiramente maior incidência de resultados indicativos de malignidade BI-RADS 5 e 6 em mulheres brancas de faixa etária entre 40 a 69 quando a indicação é para rastreio, mas uma maior incidência em mulheres negras de 40 a 69 anos quando a indicação é diagnóstica.

Palavras-chave: câncer de mama; exame de mamografia; São Paulo.

DISFUNÇÃO SEXUAL LIGADA AO PERÍODO DE CLIMATÉRIO

Ana Caroline Silva Lemos¹; Maicon Vieira Amaral¹; Ana Carolina Pedrosa Barros¹; Paula Emanoeli da Silva Gomes¹; Pedro Igor Silva Portela¹; Maria Fernanda da Silva Cavalcante¹; Tiago Ferreira Guimarães¹; Carlos Eduardo da Silva Barbosa²

Graduando em enfermagem pela Universidade Federal do Piauí¹, Mestrando em Psicologia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro²

ana.caroline.ac@ufpi.edu.br

Introdução: Climatério representa o período de transição em que a mulher passa da fase reprodutiva para a pós menopausa. Na fase de climatério há a diminuição das funções ovarianas fazendo os ciclos menstruais se tornarem irregulares ou em escassez. Como um dos sintomas se apresenta como diminuição de libido, a disfunção sexual se faz presente na rotina das mulheres em período de climatério. **Objetivo:** Apresentar como os sintomas do climatério afetam a vida sexual das mulheres que passam por esse período. **Método:** Trata-se de uma revisão integrativa de literatura. A busca dos artigos foi realizada nas bases de dados Biblioteca Virtual em Saúde (BVS), Scientific Electronic Library Online (SciELO) e MEDLINE/PubMed, com um corte temporal de 2014 a 2023 nos idiomas inglês e português. Foram utilizados os descritores “Climatério”, “Disfunção sexual”, “Menopausa”, combinados entre si pelo operador booleano AND. Os critérios de exclusão foram literatura cinzenta (capítulos de livros, resumos de anais, cartas ao editor e resenhas), textos incompletos, estudos duplicados e materiais que fugissem do objetivo e da temática desta pesquisa. Inicialmente, foram encontrados 20 artigos. Após a aplicação dos critérios de elegibilidade, cinco estudos foram eliminados e 20 compuseram a revisão final. **Resultados e Discussão:** Os artigos analisados destacam que as pacientes em período de climatério têm a vida sexual afetada, o que, conseqüentemente, afeta sua qualidade de vida, já que a satisfação sexual tem poder direto sobre o bem-estar físico e mental da mulher. A questão hormonal, com a chegada do envelhecimento, também tem papel importante na questão da disfunção sexual, pois o hipoestrogenismo – baixos níveis do hormônio estrogênio- resulta em uma baixa responsividade sexual, isso por que sua relação com o sistema nervoso central é muito grande e as alterações que essa condição resulta afeta na sexualidade da paciente. Seguindo essa linha de pensamento, pode-se destacar que a questão psicológica, ou seja, humor depressivo, esgotamento, irritabilidade, que vem junto à menopausa, tem influência sobre a disfunção sexual consecutivamente. **Conclusão:** É possível concluir que, sintomas do climatério afetam a vida sexual dessas mulheres durante esta fase. Tornando necessário uma interferência ginecológica, sobre o tal assunto, durante consultas de rotina, pois muitas pacientes acabam aceitando essa vida sexual desconfortável e insatisfeita. O conhecimento sobre os sintomas do período de climatério é importante para a melhora de qualidade de vida sexual de todas as mulheres.

Palavras-chave: Saúde da Mulher; Hipoestrogenismo; Menopausa.

DOENÇA DE ALZHEIMER: UM ESTUDO EPIDEMIOLÓGICO DAS INTERNAÇÕES DE MULHERES BRASILEIRAS ENTRE 2014 A 2023

Rafaela Gutierrez Zeitoune Macedo¹, Ana Alice Lemos Lima², Amanda Maria de Albuquerque Cunha¹, Carla Hart Borges da Silva³

¹Graduanda em medicina pela Universidade Federal de Roraima

²Graduanda em Medicina pela Faculdade de Medicina de Juiz de Fora

³Graduada em Medicina pela Universidade Federal de Roraima

rafazeitoune@hotmail.com

Introdução: Desde sua primeira identificação por psiquiatras alemães em 1907, a doença de Alzheimer (DA) tem desafiado a compreensão científica. Ainda hoje, é cercada por mitos que afetam pacientes e cuidadores, médicos e outros profissionais de saúde. A DA, o tipo mais comum entre mais de 140 formas de demência, é uma condição crônica, neurodegenerativa e progressiva, cuja causa ainda não foi completamente elucidada. **Objetivo:** Destarte, o presente estudo tem por objetivo compreender o panorama epidemiológico do Alzheimer na população feminina brasileira, como forma de analisar as variáveis prioritárias para a intervenção e tratamento precoce. **Metodologia:** Realizou-se um estudo ecológico (correlacionado) que abrangeu o território brasileiro no período de 2014 a 2023. Utilizou-se dados secundários obtidos no Sistema de Informações Hospitalares do Sistema Único de Saúde (SIH/SUS-DATASUS) acessados em maio de 2024. A população do estudo foi constituída por internações de mulheres com Doença de Alzheimer considerando região, faixa etária, cor/raça, caráter e regime de atendimento, óbito e taxa de mortalidade. **Resultados e Discussão:** Foram notificadas 10.014 internações por Doença de Alzheimer na população feminina no Brasil neste período em análise, o que representa 65,44% do total de casos ao analisar juntamente com a população masculina. Quanto às características sociodemográficas, 53,64% dos pacientes localizam-se na região sudeste do país, 62,77% encontram-se na faixa dos 80 anos e mais e 49,29% consideram-se brancas. Acerca das características do atendimento, 78,82% foram de caráter urgente, e somente há dados sobre a forma de regime até o ano de 2015, após esse marco, tal categoria foi ignorada no momento da notificação. Por fim, o ano de 2023 liderou em número de óbitos, com um aumento de 170% em relação a 2014, e a taxa de mortalidade da década em destaque tem uma média de 20,74%. **Conclusão:** Portanto, pode-se atestar que o Alzheimer é uma doença prevalente entre as mulheres. A concentração de casos no sudeste pode refletir melhor acesso à saúde e a subnotificação nas demais regiões. A maioria dos pacientes tem 80 anos ou mais, indicando o envelhecimento como um fator de risco para o desenvolvimento da enfermidade. A elevada taxa de internações urgentes (78,82%) aponta para falhas na prevenção, enquanto o aumento de óbitos em 2023 (170%) e uma taxa média de mortalidade de 20,74% indicam a necessidade de melhorias no manejo e tratamento da doença.

Palavras-chave: Doença de Alzheimer, epidemiologia, Brasil.

DSTs E GESTANTES: ESTRATÉGIAS PARA MITIGAR O RISCO DE TRANSMISSÃO VERTICAL.

Carolina Alves Vargas^a, Mariana Andrade Oliveira^b

^a Graduando em Medicina pela Universidade de Ribeirão Preto (UNAERP)

^b Docente da Universidade de Ribeirão Preto (UNAERP)

carolina.vargas@sou.unaerp.edu.br

Introdução: As doenças sexualmente transmissíveis (DSTs) apresentam um acometimento significativo sobre a população. Seus efeitos sobre os processos fisiológicos do organismo apresentam uma preocupação ainda maior quando o grupo acometido se trata de gestantes, tendo em vista que tanto a saúde materna quanto a fetal é posta em risco. A detecção dessas DSTs é essencial para que medidas sejam tomadas a fim de mitigar os riscos atrelados a essas infecções e as chances de transmissão delas para o feto. **Objetivos:** Identificar as estratégias associadas ao tratamento precoce de gestantes portadoras de DSTs. **Metodologia:** Esse trabalho constitui uma revisão bibliográfica, embasada em artigos científicos presentes na base Scielo, os quais foram encontrados utilizando os descritores “DSTs e gravidez”. Dentre os artigos encontrados, 4 foram usados, sendo o parâmetro de seleção os trabalhos nos idiomas português e inglês, publicados entre 2010 e 2023, e que se mostraram relevantes à temática escolhida. **Resultados e discussão:** No que se refere as DSTs durante a gravidez, uma das grandes preocupações que a permeiam são a transmissão vertical da infecção para o feto devido a elevada carga viral materna. A redução desse risco se dá por um conjunto de fatores, dentre eles: o diagnóstico precoce de DSTs em mulheres grávidas, a prescrição de antirretrovirais, a garantia da integralidade da assistência, a intensificação do cuidado durante o pré-natal e a elaboração de estratégias que ampliem a adesão ao tratamento. Com um diagnóstico prévio, possibilitado por meio de um pré-natal minucioso, é possível identificar a necessidade do início do uso de antirretrovirais, os responsáveis pela diminuição da carga viral materna. Contudo, a prescrição não é sinônimo de adesão; sem uma assistência contínua, uma devida orientação sobre a importância da terapêutica e informações acerca da doença portada e sua patologia, as chances de descontinuidade ao tratamento ou sua realização de maneira irregular são altas, o que contribui para sua ineficácia. **Conclusão:** As DSTs são infecções que necessitam de grande atenção, principalmente quando se trata do acometimento de gestantes. O diagnóstico e tratamento precoces são os pilares para evitar uma transmissão vertical da doença para o feto e oferecer a ele, desse modo, uma melhor qualidade de vida. Porém, para que isso seja evitado, é necessário a eficácia de diferentes vertentes do cuidado – prescrição de medicamentos, integralidade, assistência e a formulação de meios para ampliar a adesão a terapêutica.

Palavras-chave: doenças sexualmente transmissíveis; gestantes; transmissão vertical.

DUPLA JORNADA DE TRABALHO DA MULHER E SEUS IMPACTOS NA SAÚDE FÍSICA E MENTAL

Laís Gonçalves Martins¹; Ana Laura Inácio Oliveira¹; Bianca Pereira Remedi¹; Gabriela Marins¹; Livia Nantes de Souza¹; Maria Eduarda de Matos Bernardes¹; Livia Maria Della Porta Cosac².

Graduando em Medicina pela Universidade de Ribeirão Preto UNAERP¹; Doutora em Ciências na área de Patologia pela Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo - USP².

✦ ✦
laismartins500@gmail.com

INTRODUÇÃO: As mulheres na sociedade atual, além de participarem da renda do domicílio, também possuem a responsabilidade de executar os trabalhos domésticos, majoritariamente sozinhas, e se forem mães, cabe a elas o pleno cuidado de suas proles. Esse fenômeno configura a dupla jornada de trabalho, na qual, além da responsabilidade com seu emprego formal ou informal, as pessoas do gênero feminino também devem executar os serviços da casa, e pode ser presenciado tanto nas classes sociais mais baixas, quanto nas mais altas. **OBJETIVO:** Analisar a correlação entre a dupla jornada de trabalho e a maior incidência de problemas físicos e mentais nas mulheres e mães, priorizando as causas para a ocorrência desse fenômeno. **METODOLOGIA:** Seleção e análise de artigos pela plataforma Scientific Electronic Library Online (SCIELO), Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciências da Saúde (LILACS) e Medical Literature Analysis and Retrieval System Online (MEDLINE), com os seguintes Descritores em Ciências da Saúde (DeCS): Jornada de Trabalho; Saúde Mental; Mulher. **RESULTADOS E DISCUSSÕES:** A partir dos artigos analisados, pode-se perceber que há uma expectativa de como homens e mulheres devem se comportar na sociedade, na qual se atribui ao gênero feminino o papel do cuidado, especialmente quando relacionado à maternidade. Dessa forma, esse zelo é considerado uma prática social que implica na disposição emocional e física das mulheres para atender às necessidades de todo um núcleo familiar. Entretanto, com a maior inserção delas no mercado de trabalho, ao invés de dividirem os afazeres domésticos com seus cônjuges, em sua grande maioria, elas assumem toda a responsabilidade sozinhas. Com isso, há uma sobrecarga de função e a diminuição do tempo para elas realizarem a prática do autocuidado, que as tornam mais vulneráveis a agravos de saúde e ao esgotamento psicológico. Essa situação foi especialmente agravada no período de isolamento social na pandemia de Covid-19, no qual, as mães, além trabalharem em seus empregos e trabalhos domésticos, também ficaram responsáveis pela educação de seus filhos, situação especialmente delicada no caso de crianças mais novas, que estavam passando pelo período de alfabetização. **CONSIDERAÇÕES FINAIS:** A sobrecarga na vida das mulheres e mães não é uma situação nova na sociedade atual, entretanto agravou-se com passar dos anos, com a maior inserção da mulher no mercado de trabalho e deve ser mais explorada e discutida para evitar-se o adoecimento físico e mental delas.

Palavras-chave: jornada de trabalho; saúde mental; mulher.



EDUCAÇÃO E ENFERMAGEM: CHAVE PARA ENFRENTAR A HESITAÇÃO VACINAL

Mariana Ingrid da Conceição Almeida Silva¹; Maria Clara Oliveira de Aquino²; Caroline Fernandes de Oliveira³; Thamiris Sales de Oliveira⁴; Maria Thais Soares dos Santos⁵; Isa Raquel Soares de Queiroz⁶ Allynne Rosane Almeida da Silva Lira⁷

Graduanda em enfermagem pela Universidade Estadual do Maranhão¹, Graduanda em enfermagem pela Universidade Estácio de Sá^{2,3,4}, Graduanda em Odontologia pelo Centro Universitário Maurício de Nassau⁵; Graduada em enfermagem pela Universidade Estadual da Paraíba⁶; Graduada em Enfermagem pela Faculdade de Ciências e Tecnologia do Maranhão⁷

almeida12marianaway@gmail.com

Introdução: A hesitação e recusa vacinal são desafios significativos para a Saúde Pública, onde a enfermagem desempenha um papel crucial no enfrentamento desses entraves. Isso inclui tanto a promoção da vacinação quanto a abordagem de preocupações e desinformação entre os usuários. **Objetivo:** Verificar na literatura científica o papel da enfermagem no enfrentamento da hesitação e recusa vacinal. **Metodologia:** Trata-se de uma revisão integrativa da literatura, utilizando as bases de dados LILACS, BDEF e BVS. Os Descritores em Ciências Da Saúde (DeCS) utilizados foram: “Enfermagem”, “Cobertura vacinal” e “Hesitação vacinal”, combinados entre si através do bolearador “AND”, resultando em um total de 256 trabalhos. Os critérios de inclusão utilizados foram: artigos completos publicados entre 2019 e 2023. Posteriormente, foram excluídos os artigos que não contemplavam o objetivo do estudo, bem como, os duplicados, pagos. Dessa forma, foram selecionados 12 artigos para compor esta revisão. **Resultados e Discussão:** Os resultados destacaram diversas intervenções realizadas pela enfermagem para aumentar a cobertura vacinal, como: ações educativas, monitoramento do estado vacinal, produção de materiais educativos e estratégias para enfrentar a hesitação vacinal. Além disso, foram identificados fatores que influenciam na adesão à vacinação foram identificados, como falta de informação, desconfiança nas vacinas e preocupações com a segurança, especialmente durante a gestação e em meio à disseminação de *fake news*. Os profissionais de enfermagem são reconhecidos como protagonistas na promoção da vacinação, sua proximidade com os pacientes permite uma abordagem mais individualizada e empática, contribuindo para uma melhor compreensão e aceitação da vacinação, desempenhando um papel crucial na reconstrução da confiança no procedimento, especialmente em tempos de crise de saúde pública da pandemia de COVID-19. **Considerações finais:** Destaca-se que a enfermagem desempenha um papel fundamental no enfrentamento da hesitação e recusa vacinal, através da implementação de intervenções eficazes e da promoção da sensibilização, a educação pública contínua sobre a importância da vacinação e seus benefícios para a saúde individual e coletiva é fundamental para superar a hesitação e aumentar a confiança do público nas vacinas. Além disso, parcerias interdisciplinares entre profissionais de saúde, autoridades sanitárias, educadores e líderes comunitários são essenciais para alcançar uma cobertura vacinal abrangente e eficaz. No entanto, persistem desafios como desinformação e acesso limitado, exigindo uma abordagem abrangente e colaborativa para garantir o sucesso das campanhas de vacinação.

Palavras-chave: cobertura vacinal; enfermagem; estratégias de saúde.

EDUCAÇÃO EM SAÚDE COMO ESTRATÉGIA DE PREVENÇÃO DO CÂNCER DE MAMA NA ATENÇÃO PRIMÁRIA

Isa Raquel Soares de Queiroz ¹

Graduada em enfermagem pela Universidade Estadual da Paraíba, Especialista em Gestão em Saúde e Saúde da Família pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Professora do Instituto Federal da Paraíba.¹

isarsqueiroz@gmail.com

Introdução: O Câncer de Mama é uma doença causada pela multiplicação desordenada de células anormais da mama e é considerado um problema de saúde pública, pois representa altas taxas de mortalidade. A Atenção Primária à Saúde (APS) tem um papel importante no que tange à educação em saúde, pois possui um vínculo mais efetivo com a população assistida. Nesse sentido, é de extrema importância a contribuição de estratégias educativas, no que diz respeito à conscientização, promoção da saúde e prevenção de complicações relacionadas ao câncer de mama. **Objetivo:** Relatar a experiência de ações educativas realizadas pela equipe de saúde em uma Estratégia Saúde da Família (ESF) de um município do interior do Rio Grande do Norte. **Metodologia:** Trata-se de um trabalho descritivo, do tipo relato de experiência. As ações foram realizadas nos meses de outubro dos anos de 2016 a 2020. As usuárias que estavam presentes na ESF em busca de serviços ofertados, foram convidadas e incentivadas a permanecerem no local para presenciar a programação, sendo esta uma palestra, seguida de demonstração de vídeos explicativos do autoexame da mama, realizada pela Enfermeira. Além disso, foram disponibilizados testes rápidos para HIV, Sífilis, HbsAg e HCV, aferição de pressão arterial e testes de glicemia capilar, solicitação de Mamografia conforme os critérios de indicação do Ministério da Saúde e realizado sorteio de brindes. **Resultados e discussões:** O público-alvo foi composto por mulheres. Diante disso, foi demonstrada a forma correta da realização do autoexame das mamas, a importância de reconhecer seu corpo e as possíveis alterações, bem como sua avaliação e os sinais de alerta (dor, secreção, assimetria, eritema, mamilo invertido, inchaço dentre outros sinais). As ações se mostraram produtivas, pois promoveu uma construção de saberes, as mulheres ouviram com atenção a explanação do conteúdo em questão, fizeram perguntas e sanaram suas dúvidas. **Considerações Finais:** Logo, a estratégia utilizada buscou contribuir para a disseminação de informações pertinentes sobre o câncer de mama, bem como a importância do diagnóstico precoce e teve o intuito de ampliar os saberes da população feminina para um tema de extrema relevância para saúde pública brasileira, direcionando as mulheres para aquisição de conhecimento sobre o tema.

Palavras-chave: educação em saúde; atenção primária; câncer de mama.

EDUCAÇÃO EM SAÚDE COMO FERRAMENTA PARA ADESÃO AO EXAME CITOPATOLÓGICO NA ATENÇÃO PRIMÁRIA

David de Araújo Jessé¹, Andresa Sobral Silva do Nascimento¹

Graduando em Enfermagem pelo Centro Universitário dos Guararapes – UNIFG¹, Graduada em
Enfermagem pelo Centro Universitário dos Guararapes – UNIFG¹

E-mail: Davidaraujoj2019@gmail.com

Introdução: No Brasil o Câncer de Colo do Útero (CCU) é prevalente nas mulheres, representando um significativo desafio para a saúde, ao possuir uma alta taxa de letalidade em mulheres de diversas faixas etárias, e a Atenção Primária à Saúde (APS) desempenha papel crucial no exame citopatológico. Contudo, diversos fatores afetam a adesão a esse exame, destacando-se a educação em saúde como ferramenta vital para melhorar essa adesão. **Objetivo:** Compreender a importância da educação em saúde como instrumento para adesão ao exame citopatológico na Atenção Primária à Saúde é fundamental. **Metodologia:** Trata-se de uma revisão integrativa por meio Scientific Electronic Library Online (SCIELO) e Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciências da Saúde (LILACS), a metodologia aplicada surgiu da leitura de artigos científicos na literatura da área, que visa envolver autores que discutem a temática em questão. Critérios de inclusão: foram definidos através de discussões e interpretações dos artigos encontrados, que abordem a educação como foco principal para a adesão ao exame citopatológico. Critérios de exclusão: artigos não relacionados, estudos repetitivos e artigos que não foram disponibilizados em texto completo. **Resultados e Discussão:** A educação em saúde permite que as mulheres compreendam a importância do exame citopatológico. Algumas situações como a falta de conhecimento, vergonha do procedimento e ausência de desconforto ginecológico são os principais motivos para a baixa adesão. Muitas mulheres associam o exame a questões ginecológicas. Assim, a educação em saúde orienta essas mulheres para escolhas conscientes, recomendando-se sua realização em todos os contatos oportunos, combinando estratégias para conscientizar as mulheres sobre a importância do exame, superar barreiras percebidas e facilitar o acesso. Estratégias que podem ser feitas para aumentar a adesão, como as campanhas de conscientização que demonstraram impacto eficaz, centrando a abordagem no paciente, oportunizando o envolvimento de outros profissionais, desmitificando mitos/tabus e fornecendo um ambiente acolhedor. A criação de grupos também pode ser eficaz para estabelecer vínculos e aumentar a adesão ao exame. **Conclusão:** A promoção da educação em saúde visa encorajar mulheres a assumirem papel ativo nos cuidados e prevenção do CCU, tornando-as sujeitos autônomos na tomada de decisões informadas. É crucial promover a educação em saúde em vários momentos e espaços sociais para as mulheres compreenderem conscientemente a importância do exame, superando barreiras percebidas e facilitando o acesso, resultando em um aumento efetivo da adesão.

Palavras-chave: Educação; Citopatológico; Promoção.



EFEITO DA ELETROESTIMULAÇÃO TRANSCUTÂNEA NO TRATAMENTO DA INCONTINÊNCIA URINÁRIA DE URGÊNCIA

Roberta Gabrielle Pena Filocreão¹; Juliana Falcão Padilha²

Graduanda em Fisioterapia pela Universidade Federal do Amapá (UNIFAP)¹; Doutora em Fisioterapia pela Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), Professora Adjunta do curso de Fisioterapia da Universidade Federal do Amapá (UNIFAP)²

robertagabrielle2001@gmail.com

Introdução: A Incontinência Urinária de Urgência (IUU) é caracterizada como a perda involuntária de urina associado a uma sensação forte e repentina de urinar, perdendo urina antes de chegar ao banheiro. Dentre os recursos fisioterapêuticos para o tratamento da IUU tem-se a Eletroestimulação Transcutânea (ET) que pode ser utilizada na região parassacral (ETP) ou nervo tibial (ETNT). **Objetivo:** Avaliar o efeito da ETP em comparação com a ETNT sobre a IUU em mulheres. **Metodologia:** Estudo experimental longitudinal com pré e pós-tratamento, aprovado pelo Comitê de Ética e Pesquisa da Universidade Federal do Amapá (UNIFAP). Os atendimentos ocorreram no Laboratório de Fisioterapia Uroginecológica da UNIFAP, entre julho de 2023 e abril de 2024. A amostra foi composta de mulheres com IUU divididas em: grupo 1 ETNT (G1) e grupo 2 ETP (G2). O protocolo da eletroestimulação consistiu em 12 sessões, 2x por semana, utilizou-se o aparelho *DualpexUro* (Quark) na programação P04: frequência 10hz, duração do pulso 700 μ s, tempo 20 minutos e intensidade ajustada de acordo com a sensibilidade da participante. Na ETNT os eletrodos foram posicionados no trajeto do nervo tibial e na ETP posicionou-se os eletrodos na altura de 3ª vértebra sacral. Como desfecho para a avaliação da IUU utilizou-se o Urogenital Distress Inventory-6 (UDI-6) pré e pós-tratamento. A análise estatística na comparação entre ETNT e ETP e entre pré e pós-tratamento realizou-se análise de variância não paramétrica para medidas repetidas com 5% de probabilidade. **Resultados e Discussão:** Participaram do estudo 36 mulheres, sendo 18 no G1 e 18 no G2. A média de idade no G1 foi 47,28 \pm 4,59, altura 1,56 \pm 0,06, peso 73,86 \pm 13,86 e Índice de Massa Corporal (IMC) 30,48 \pm 6,02; para o G2 a média de idade foi 48,17 \pm 6,90, altura 1,57 \pm 0,08, peso 68,78 \pm 11,06 e IMC 27,85 \pm 2,90. Em relação ao UDI-6, não houve diferença significativa entre os grupos, com valores médios para G1 52,89 \pm 30,44 e G2 44,21 \pm 27,68 (p=0,2066). Já em relação as avaliações pré e pós-tratamento houve melhora significativa com valores médios obtidos pré 65,86 \pm 21,29 e pós 31,25 \pm 25,73 (p<0,0001). Assim, ambas as eletroestimulações melhoraram os sintomas urinários. A eletroestimulação é um recurso que pode oferecer benefícios no tratamento, com o intuito de neuromodulação vesical, regulando a função da bexiga, repercutindo na diminuição das perdas urinárias por urgência miccional. **Considerações Finais:** Ambas as eletroestimulações foram eficazes no tratamento da IUU, uma vez que não houve uma diferença significativa entre os tipos de eletroestimulação e houve melhora significativa no escore do UDI-6 pós-tratamento.

Palavras-chave: incontinência urinária; fisioterapia; estimulação elétrica nervosa transcutânea.



EFEITO DO TREINAMENTO DOS MÚSCULOS DO ASSOALHO PÉLVICO SOBRE A FUNÇÃO DO ASSOALHO PÉLVICO DE MULHERES COM INCONTINÊNCIA URINÁRIA

Roberta Gabrielle Pena Filocreão¹; Juliana Falcão Padilha²

Graduanda em Fisioterapia pela Universidade Federal do Amapá (UNIFAP)¹; Doutora em Fisioterapia pela Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), Professora Adjunta do curso de Fisioterapia da Universidade Federal do Amapá (UNIFAP)²

robertagabrielle2001@gmail.com

Introdução: A Incontinência Urinária (IU) é caracterizada como a perda involuntária de urina. Uma das causas do desenvolvimento da IU é a fraqueza dos Músculos do Assoalho Pélvico (MAP). Dentre os recursos fisioterapêuticos para tratamento da IU, tem-se o Treinamento dos MAP (TMAP). **Objetivo:** Avaliar a função dos MAP após um protocolo de TMAP em mulheres com IU. **Metodologia:** Estudo experimental, longitudinal, com pré e pós-tratamento, aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal do Amapá (UNIFAP). A pesquisa ocorreu no Laboratório de Fisioterapia Uroginecológica da UNIFAP, entre julho de 2023 a abril de 2024. A amostra foi de mulheres com IU. O protocolo de TMAP consistiu de 12 sessões, 2x por semana, com aumento progressivo do número de repetições e tempo de sustentação, ao longo das sessões. O TMAP era realizado em 4 posicionamentos: decúbito dorsal, quatro apoios, sentado e em pé. Para cada posicionamento realizava-se 1 série (8 a 12 repetições) de contração lenta (6 a 8 segundos). Ao final de cada contração lenta realizava-se 4 contrações rápidas. Para a avaliação da IU e o impacto na qualidade de vida aplicou-se o Urogenital Distress Inventory-6 (UDI-6). Para a avaliação da função dos MAP utilizou-se o esquema PERFECT por meio da palpação vaginal bidigital. A análise estatística na comparação pré e pós tratamento sobre a função dos MAP e UDI-6, utilizou-se o Teste de Wilcoxon pareado com 5% de probabilidade. **Resultados e Discussão:** Participaram do estudo 38 mulheres incontinentes, com média de idade de 47,89±5,70 anos, peso (Kg) médio 70,64±12,70, altura (m) média 1,56±0,07 e Índice de Massa Corporal (Kg/m²) médio de 28,84±4,96 (classificação: acima do peso). Na avaliação pré dos MAP obteve-se em mediana: Power (P): 2,0 (classificação: fraca), Endurance (E): 3,5, Repetition (R): 3; Fast (F): 6,5. No pós-tratamento os valores de mediana foram: P: 3,0 (classificação: moderada) (p=0,0001), E: 5,5 (p <0,0001), R: 5,0 (p<0,0001), F: 10,0 (p<0,0001), observando uma melhora significativa na função dos MAP. Em relação ao UDI-6 houve diminuição significativa ao comparar os valores médios pré e pós de 65,68±22,48 e 32,68±27,53 (p<0,0001). O TMAP é considerado nível padrão ouro e primeira linha de tratamento para IU. Assim, repercutiu na melhora da IU e da função muscular do assoalho pélvico (força, resistência, potência, relaxamento) como observado no presente estudo. **Considerações Finais:** As participantes apresentaram melhora significativa tanto da IU quanto da função dos MAP após o tratamento com o TMAP.

Palavras-chave: incontinência urinária; fisioterapia; assoalho pélvico.

EFEITOS DA MASSAGEM TERAPÊUTICA EM MULHERES DURANTE O PERÍODO GESTACIONAL

Maria Clara Santos de Sousa¹; Laura Araújo Lopes²; Francisca Maria Aleudinelia Monte Cunha³

Graduanda em Fisioterapia pela Faculdade Uninta¹; Graduanda em Fisioterapia pela Faculdade Uninta²; Doutoranda em Fisioterapia pela Universidade da Cidade de São Paulo³.

Mariacларasantosdesousa632@gmail.com

Introdução: O período gestacional é um processo fisiológico que permite o desenvolvimento fetal e implica adaptações de comportamentos e hábitos na vida da mulher. Durante esse processo ocorrem alterações na postura corporal, nomeadamente a ante-versão pélvica, o aumento da lordose, o aumento do peso corporal e a mudança do centro de gravidade, causando dores por diversas áreas do corpo. A massagem vem como um procedimento indicado para aliviar alguns desconfortos que a se desenvolvem no avançar da gestação. As dores pelo corpo podem diminuir de maneira significativa como auxílio da massagem, gerando alívio instantâneo para a mulher gestante. **Objetivos:** Avaliar os efeitos da massagem terapêutica em mulheres durante o período gestacional. **Metodologia:** Esta pesquisa consistiu em uma revisão bibliográfica, utilizando as bases de dados da Biblioteca Virtual em Saúde e LILACS. Os seguintes termos de pesquisa foram combinados com o operador booleano AND: “Massagem terapêutica”, “Período gestacional” e “Fisioterapia obstétrica”. Durante a pesquisa foram encontrados oito artigos do ano de 2012 a 2020 dentro da área de estudo. Após leitura de títulos, resumos e classificação pelos critérios de inclusão foram selecionados três artigos. Os critérios de inclusão dos referidos artigos foram: Dados clínicos ou informações relevantes sobre Fisioterapia obstétrica, artigos que demonstrem a importância do fisioterapeuta durante o período gestacional. Os critérios de exclusão foram: Artigos com dados incompletos ou insuficientes para análise adequada e Artigos em que os pacientes passavam por outros profissionais durante a pesquisa realizada. **Resultados e Discussão:** Os resultados obtidos a partir da revisão da literatura e da análise dos estudos selecionados apontam para uma série de benefícios da massagem terapêutica para as mulheres grávidas. Em termos físicos, a massagem pode ajudar a aliviar dores musculares, reduzir o inchaço e a pressão arterial, melhorar a qualidade do sono e aliviar sintomas como náuseas e azia. Além dos benefícios mencionados, a massagem terapêutica também desempenhou um papel importante na promoção da saúde fetal. Estudos anteriores indicam que a redução do estresse materno pode estar associada a melhores resultados para o bebê. A técnica de massagem terapêutica deve ser sempre realizada por profissionais qualificados e adaptada às necessidades individuais de cada gestante. **Conclusão:** Em suma, o estudo demonstra que a massagem terapêutica pode ser uma intervenção valiosa para promover o bem-estar físico e emocional das mulheres durante a gravidez. Sendo uma prática segura e eficaz para complementar os cuidados pré-natais e melhorar a experiência gestacional das mulheres.

Palavras-chave: massagem terapêutica; período gestacional; fisioterapia obstétrica.



EFEITOS DA NUTRIÇÃO MATERNA NO DESENVOLVIMENTO DA MICROBIOTA INTESTINAL DO RECÉM-NASCIDO

Noan da Cruz¹; Leticia Pilone²; Leonardo da Silva Vieira³; Mayra Natasha Santana da Silva⁴; Rafaela Maria Silva dos Santos⁵; Elisângela Pacheco Cabral⁶;

Graduando em Nutrição pela Universidade Federal da Fronteira Sul-UFFS¹. Graduando em Nutrição pela Universidade Federal da Fronteira Sul- UFFS². Graduado em Nutrição pela Universidade Federal do Maranhão - UFMA³ Pós-graduada em Nutrição Clínica e Hospitalar Universidade Nilton Lins⁴; Nutricionista pela universidade UniFavip-Wyden⁵; Pós graduação em obstetria e saúde da família pela faculdade Cintep⁶.

Noandacruz@gmail.com

Introdução: A nutrição materna durante a gestação e a lactação desempenha um papel crucial no desenvolvimento da microbiota intestinal do recém-nascido. A composição da microbiota intestinal é fundamental para a saúde do bebê, influenciando o sistema imunológico e o metabolismo. **Objetivo:** Este estudo tem como objetivo analisar os efeitos da nutrição materna no desenvolvimento da microbiota intestinal do recém-nascido, destacando como diferentes padrões alimentares maternos podem afetar a colonização microbiana inicial do intestino infantil. **Metodologia:** Foi realizada uma revisão integrativa da literatura utilizando PubMed, Scopus e Web of Science. A busca usou descritores em ciências da saúde (DeCS) como “dieta materna”, “gestação”, “lactação” e “microbiota intestinal do recém-nascido”, com o operador booleano “AND” para precisão. Incluímos estudos observacionais e ensaios clínicos dos últimos cinco anos (2019-2024) em português, inglês e espanhol, que avaliaram a relação entre a dieta materna e a microbiota intestinal do recém-nascido. Os dados foram analisados qualitativamente, destacando padrões e nutrientes envolvidos. Excluímos artigos de revisão, meta-análises, cartas ao editor, editoriais, estudos indiretos, amostras inadequadas ou resultados incompletos. **Resultados e Discussão:** A microbiota intestinal do recém-nascido, crucial para a saúde, é influenciada por fatores como a dieta materna e o tipo de parto. Uma alimentação materna balanceada, rica em fibras e probióticos, favorece uma microbiota diversificada e protetora, enquanto uma dieta com excesso de açúcares e gorduras saturadas pode ser prejudicial. O leite materno desempenha um papel vital, especialmente para bebês prematuros, fornecendo bactérias benéficas e IgA, que contribuem para uma microbiota oral e intestinal saudável. A suplementação com probióticos durante a gestação e após o nascimento pode ajudar a prevenir problemas como infecções, alergias e obesidade infantil. Assim, práticas como uma gestação saudável, parto normal e aleitamento materno exclusivo são fundamentais para estabelecer uma microbiota intestinal robusta, com benefícios duradouros para a saúde do recém-nascido. **Conclusão:** A nutrição materna é crucial para o desenvolvimento saudável da microbiota intestinal do recém-nascido. Dietas equilibradas com fibras e probióticos promovem uma microbiota diversificada e benéfica, enquanto dietas ricas em açúcares e gorduras saturadas são prejudiciais. O leite materno e a suplementação com probióticos são essenciais para fortalecer a microbiota e prevenir problemas de saúde. Orientações nutricionais adequadas para gestantes e lactantes são fundamentais para a saúde a longo prazo do bebê.

Palavras-chave: nutrição materna; microbiota intestinal; recém-nascido.



**EFEITOS DA TERAPIA HORMONAL SOBRE A FERTILIDADE DE HOMENS TRANS:
UMA REVISÃO DA LITERATURA**

Marcos André Pedro da Silva¹; Bruna Rafaela de Oliveira Paiva¹; José Gabriel Silva Carvalho¹; Pedro Gabriel Martins Vieira¹; Rebeca Penha Gujanski¹; Maria Clara Santos Gomes¹; Diógenes de Souza Pontes Júnior¹; Amanda Soares de Vasconcelos²

Discente em Medicina pela Universidade Federal de Pernambuco – Campus Acadêmico do Agreste (UFPE-CAA)¹, Docente Doutora do curso de Medicina da Universidade Federal de Pernambuco – Campus Acadêmico do Agreste (UFPE-CAA)².

marcos.andrepedro@ufpe.br

Introdução: Homem transexual é o indivíduo que ao nascer foi designado com o sexo biológico feminino, mas que se entende como homem. Durante os processos de reafirmação de sua identidade de gênero, muitos homens transexuais enxergam a necessidade de realizar a terapia hormonal com testosterona, não obstante, é de extrema necessidade analisar os prováveis efeitos a longo prazo desse tipo de terapia sobre os diversos aspectos da vida do paciente, dentre esses, pode-se destacar a fertilidade, pelo desejo em ser pai biológico. **Objetivo:** Discorrer sobre os efeitos da terapia hormonal sobre a fertilidade de homens trans. **Metodologia:** O presente trabalho se trata de uma revisão da literatura, realizada na base de dados BVS, que utilizou da seguinte chave de busca: (“*TRANSGENDER PERSONS*” AND “*FERTILITY PRESERVATION*”) OR (“*TRANSGENDER PERSONS*” AND “*TESTOSTERONE*” AND “*FERTILITY*”) OR (“*TRANSGENDER PERSONS*” AND “*PREGNANCY*”), Foram incluídos trabalhos completos, escritos entre 2020 e 2024, em inglês. Foram excluídos relatos de experiência, artigos que os títulos não citavam os termos “*testosterone*”, “*transmasculine*” ou “*trans male*” e artigos que fugiam à temática central. **Resultados e Discussão:** Após aplicação da chave de busca, dos critérios de inclusão e de exclusão, foram selecionados 14 trabalhos para compor a presente revisão. Do ponto de vista da função ovariana, diversos autores concordam que a terapia hormonal não gera grandes modificações a longo prazo que possam culminar em um processo de infertilidade por má função ovariana, o que parece ocorrer, é que nos indivíduos que realizam a terapia de reafirmação de gênero, a função ovariana é suprimida de forma similar ao que ocorre em mulheres cis gênero com SOP (Síndrome do Ovário Policístico) sem alterações na reserva de ovócitos. Conforme alguns autores, o uso prolongado de testosterona causa atrofia endometrial, não obstante, ao se observar dados epidemiológicos, esse processo de atrofia do endométrio não parece comprometer a fertilidade do paciente, uma vez que, homens transexuais que interrompem o tratamento hormonal, conseguem engravidar. Alterações nas tubas uterinas existem, em especial devido aos receptores androgênicos presentes nelas, no entanto, não parecem impedir significativamente a fertilidade do paciente. **Conclusão:** Até o momento não existem evidências que apontem para a possibilidade de infertilidade nos homens transexuais que fazem terapia hormonal com testosterona, e que portanto, devem ser informados sobre a possibilidade de gestação, caso tenham relações sexuais sem o uso adequado de métodos contraceptivos.

Palavras-chave: Homens Trans; Ovo; Gestação.



EFICÁCIA DO POMPOARISMO NO TRATAMENTO DA INCONTINÊNCIA URINÁRIA EM MULHERES: REVISÃO DE LITERATURA

Kauã Paulino dos Santos¹; Ludmyla da Silva Freitas¹; Jéssica Fernandes Carvalho¹; Laís Netto Borges¹; Livia Castro de Sá Lima¹; Lara Pereira Tavares Cunha¹; Danillo Paulo da Silva Vitalino^{1, 2, 3, 4, 5, 6}

Graduando(a) em Medicina pela Universidade Federal de Catalão - UFCat¹, Cirurgião-dentista graduado pelo Centro Universitário de Goiatuba - Unicerrado², Pedagogo graduado pelo Centro Universitário de Goiatuba³, Especialista em Docência do Ensino Superior e Metodologias Ativas de Aprendizado pela Faculdade Descomplica⁴, Especialista em Tecnologias Aplicadas à Educação pela Faculdade Descomplica⁵, Pós-graduando em Docência em Ciências da Saúde pela Faculdade Iguaçú⁶.

kauapaulinodossantos@gmail.com

Introdução: A incontinência urinária é uma condição prevalente que afeta a qualidade de vida de muitas mulheres. Métodos não cirúrgicos, como o pompoarismo, que envolve exercícios de fortalecimento dos músculos do assoalho pélvico, têm ganhado destaque como opções terapêuticas. Este estudo visa investigar a eficácia do pompoarismo no tratamento da incontinência urinária em mulheres, baseando-se em evidências recentes. **Objetivo:** Avaliar a eficácia do pompoarismo na redução dos sintomas de incontinência urinária em mulheres, considerando estudos publicados entre 2022 e 2024. **Metodologia:** A pesquisa foi conduzida utilizando as bases de dados PubMed, Scopus, Cochrane Library e SciELO. Foram encontrados inicialmente 150 artigos. Após aplicar os critérios de inclusão - estudos publicados entre 2022 e 2024, em inglês ou português, abordando a aplicação do pompoarismo em mulheres com incontinência urinária - restaram 45 artigos. Os critérios de exclusão foram: estudos com amostras mistas de gênero, revisões de literatura, artigos de opinião e publicações duplicadas, resultando em 20 artigos incluídos na análise final. **Resultados e discussão:** Os estudos revisados demonstraram que a prática regular do pompoarismo pode levar a uma melhora significativa nos sintomas de incontinência urinária. Em diversos estudos, as participantes relataram uma redução na frequência e na intensidade dos episódios de perda urinária após um período de três a seis meses de exercícios consistentes. A análise sugere que o fortalecimento dos músculos do assoalho pélvico através do pompoarismo melhora o controle urinário e, conseqüentemente, a qualidade de vida das mulheres afetadas. No entanto, a variação nos protocolos de exercícios e na duração dos estudos aponta para a necessidade de padronização para obter resultados mais homogêneos e comparáveis. **Considerações finais:** Os achados deste estudo corroboram a eficácia do pompoarismo como uma intervenção não invasiva e de baixo custo para o manejo da incontinência urinária em mulheres. Apesar dos resultados promissores, futuros estudos devem focar na padronização dos protocolos de exercício e em amostras maiores para fortalecer a evidência científica disponível. O pompoarismo pode ser recomendado como uma abordagem complementar no tratamento da incontinência urinária, promovendo uma melhoria significativa na qualidade de vida das pacientes.

Palavras-chave: pompoarismo; incontinência urinária; assoalho pélvico.



ELABORAÇÃO DE ÁLBUM SERIADO COMO ESTRATÉGIA DE EDUCAÇÃO EM SAÚDE PARA GESTANTES: RELATO DE EXPERIÊNCIA.

Evelyn Luara de Medeiros Farias¹; Ellen Nohara Elias Rodrigues¹; Maria Letícia Mendes Aciole¹; Leticia Mariana Holanda da Costa Azevedo¹; Antônio Francisco da Silva Neto¹; Ana Beatriz Bezerra Soares²; Beatriz Fonseca Fernandes²; Mayra Ruana de Alencar Gomes³.

Graduanda/o em Fisioterapia pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte¹, Graduanda/o em Psicologia pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte², Docente do curso de Fisioterapia da Faculdade de Ciências da Saúde do Trairi - UFRN/FACISA³.

evelyn.medeiros.711@ufrn.edu.br

Introdução: A incontinência urinária é uma condição prevalente, afetando até 64% das gestantes, com a incontinência urinária de esforço (IUE) sendo a forma mais comum. A educação em saúde desempenha um papel fundamental na promoção da saúde, na prevenção de doenças e no empoderamento das pessoas para tomarem decisões sobre cuidados com seu corpo. O uso de ferramentas educacionais, como álbuns seriados, configura uma estratégia eficaz para transmitir informações de forma acessível, como para conscientizar mulheres grávidas sobre a incontinência urinária (IU). **Objetivo:** apresentar a experiência da elaboração de um álbum seriado a ser utilizado como estratégia de educação em saúde voltada para gestantes, com o intuito de informar, conscientizar e estimular o autocuidado. **Metodologia:** o álbum seriado foi elaborado por discentes do projeto de extensão "Projeto Informa" da Faculdade de Ciências da Saúde do Trairi - UFRN/FACISA, utilizando o Canva como ferramenta de design gráfico. Foram utilizadas imagens da anatomia da mama feminina, assoalho pélvico feminino e masculino, estruturas envolvidas no sistema reprodutor, excretor e urinário feminino e masculino, cintura pélvica feminina e masculina, músculos do assoalho pélvico (MAP) e figuras que retratam as funções dos MAP, tipos de IU e seus fatores de risco; tópicos vistos pelos estudantes como essenciais para torná-lo um produto completo que satisfaça as necessidades das gestantes a serem atendidas nas Unidades Básicas de Saúde (UBS) contempladas, na cidade de Santa Cruz/RN. **Resultados e discussão:** como pontos positivos podem ser citados a oportunidade de elaborar um material educativo através da colaboração interdisciplinar, envolvendo discentes dos cursos de fisioterapia e psicologia, o que proporcionou a troca de perspectivas diversificadas e promoveu habilidade de trabalho em equipe; a experiência em pesquisar informações confiáveis, propondo aos alunos o desenvolvimento de análise crítica; ao ser utilizado, espera-se promover uma conscientização sobre anatomia e fisiologia do corpo feminino, bem como sobre a IU, além de reduzir o estigma associado à condição e encorajar as gestantes a procurar ajuda quando necessário. **Conclusão:** Em suma, através do processo de criação deste material educativo, os discentes puderam integrar conhecimentos teóricos com habilidades práticas de comunicação e design gráfico. A colaboração entre estudantes de áreas diferentes e profissionais de saúde foi fundamental para a concepção de um produto importante para ações de educação em saúde. Embora não tenha tido a oportunidade de utilizar em prática, a conclusão deste projeto representa um marco significativo do compromisso com a promoção da saúde materna.

Palavras-chave: educação em saúde; gestantes; incontinência urinária.



ELETROCONVULSOTERAPIA NA GESTAÇÃO: EFICÁCIA E SEGURANÇA NO TRATAMENTO DO TRANSTORNO DEPRESSIVO MAIOR

Mauro Marques Lopes¹; Antônio Carlos Fraga da Silva Sobrinho²; Luka Mendonça Melo Fajardo³; Patricia Adriana Diniz de Souza⁴

Graduando em medicina pela Faculdade da Saúde e Ecologia Humana¹; Graduando em medicina pelo Centro Universitário FG²; Graduando em medicina pela universidade do Sul de Santa Catarina³; Ginecologista e Obstetra pelo Hospital Municipal José Lucas Filho⁴

Email para correspondência: mauromllopes@gmail.com

Introdução: Durante a gestação, os distúrbios psiquiátricos, como o transtorno depressivo maior, representam um desafio significativo, afetando aproximadamente 16% das gestantes. A presença de um quadro depressivo grave durante esse período não apenas impacta o bem-estar materno, mas também tem implicações profundas para o desenvolvimento do feto. **Objetivo:** analisar a eficácia, segurança e possíveis implicações da eletroconvulsoterapia (ECT) no tratamento do transtorno depressivo maior em gestantes, destacando sua relevância e benefícios para a saúde materna. **Metodologia:** Este estudo consiste em uma revisão integrativa da literatura, conduzida por meio de levantamento bibliográfico na base de dados PubMed, utilizando os descritores em inglês 'electroconvulsive therapy', 'depression' e 'pregnancy'. Visando assegurar a pertinência e atualidade dos estudos selecionados, foi estabelecido um filtro temporal de cinco anos. Essa abordagem resultou na identificação inicial de um total de vinte e cinco estudos a serem submetidos à triagem. **Resultados:** Após triagem sequencial com cegamento, realizada de forma independente pelos autores, os títulos, resumos e os estudos completos foram analisados meticulosamente, resultando na seleção de cinco estudos em consonância com os objetivos desta pesquisa. Os critérios de inclusão adotados abarcaram estudos que investigaram o uso de ECT em gestantes diagnosticadas com transtorno depressivo maior. Por outro lado, foram excluídos trabalhos que não contribuíram diretamente para a compreensão da aplicação e segurança da terapia, contemplassem outros transtornos mentais, bem como aqueles que não envolveram a população alvo delimitada. **Discussão:** Desde sua introdução nos anos 1920, a ECT tem sido um tratamento controverso, mas também eficaz, para uma variedade de distúrbios psiquiátricos graves, incluindo a depressão maior. Esta terapia se destaca como uma opção valiosa para gestantes com este transtorno de humor em sua forma grave e resistente a outros tratamentos. A técnica envolve a aplicação de correntes elétricas no cérebro para induzir uma convulsão controlada, resultando em melhorias significativas nos sintomas psiquiátricos. Estudos recentes têm demonstrado altas taxas de resposta ao tratamento, geralmente superiores a 80-90%, destacando a ECT como uma terapia segura e eficaz, com resposta rápida e prevenção da recorrência dos quadros depressivos. **Conclusão:** Apesar de sua história controversa, estudos recentes reforçam a segurança e eficácia da ECT, oferecendo alívio rápido e duradouro dos sintomas para as gestantes. Com protocolos adequados e monitoramento cuidadoso, a ECT pode desempenhar um papel crucial no manejo da depressão durante a gravidez, fornecendo uma alternativa viável quando outras terapias não são eficazes.

Palavras-chave: eletroconvulsoterapia. depressão. gravidez.

EMBOLIA DE LÍQUIDO AMNIÓTICO DURANTE O PARTO: RISCOS AO RN E A ASSISTÊNCIA DE ENFERMAGEM FRENTE ÀS INTERVENÇÕES.

JÉSSICA MOURA TELLES¹; AMANDA DINIZ DA SILVA²; MURILO ALVES BASTOS³.

Graduando em Enfermagem pelo Centro Universitário Tocantinense Presidente Antônio Carlos¹,
Graduando em Enfermagem pelo Centro Universitário Tocantinense Presidente Antônio Carlos²,
Graduado em Enfermagem pela PUC-GO³.

jessmour19@gmail.com.

A embolia por líquido amniótico (ELA) é uma complicação rara, mas grave, que pode ocorrer durante o parto. Acontece quando o líquido amniótico, que envolve o feto durante a gestação, entra na corrente sanguínea da mãe, geralmente devido à uma ruptura nas membranas amnióticas. Tal fato pode levar a uma reação inflamatória aguda, resultando em dificuldade respiratória, colapso cardiovascular e, em casos graves, a elevados índices de mortalidade para o binômio materno-fetal. Através da revisão de artigos, o objetivo central trata-se em discutir, a partir das literaturas mais atuais, os riscos associados ao RN e a assistência de enfermagem frente as intervenções. O presente trabalho foi realizado através de uma revisão bibliográfica, que consistem na revisão de artigos e literaturas relacionadas a temática “Embolia de líquido amniótico durante o parto: Riscos ao RN e a assistência de enfermagem frente às intervenções”, bem como estudos de casos. Nessa perspectiva, é salientado a necessidade da atenção no centro obstétrico para possíveis riscos acometidos durante o trabalho de parto, considerando os cuidados ao RN e à parturiente diante das causas emergenciais de embolia do líquido amniótico, se não passadas por uma devida intervenção. Não obstante, os cuidados de enfermagem são colaborativos para a diminuição das taxas de mortalidade, uma vez que chegam a 80% dos casos diagnosticados. Sendo assim, o profissional enfermeiro deve atentar-se aos casos de hipotensão súbita e insuficiência respiratória aguda, uma vez que possuem potenciais riscos de desenvolvimento da ELA e possíveis consequências ameaçadoras a longo prazo. Os critérios de exclusão foram estudos com recorte temporal superior a 10 anos e artigos que fugissem da temática central deste trabalho. Diante do pressuposto, é desenvolvido na mãe alterações associadas à ELA, que promovem: Vasoconstrição e aumento transitório da resistência vascular pulmonar, inotropismo miocárdico com insuficiência ventricular esquerda, aumento do edema pulmonar e hipotensão sistêmica. Pode-se verificar, portanto, que o papel da enfermagem é crucial no suporte e monitoramento da paciente, incluindo avaliação contínua dos sinais vitais, administração de oxigênio, suporte emocional à paciente e à família, e comunicação eficaz com a equipe médica para garantir uma resposta rápida e coordenada ao evento.

Palavras-chave: embolia. cuidados. recém-nascidos.

EMPREENDEDORISMO NA ENFERMAGEM: REDEFININDO A PRÁTICA DA SAÚDE

Mariana Ingrid da Conceição Almeida Silva¹; Caroline Fernandes de Oliveira²; Allynne Rosane Almeida da Silva Lira³

Graduanda em enfermagem pela Universidade Estadual do Maranhão¹, Graduanda em enfermagem pela Universidade Estácio de Sá², Graduada em Enfermagem pela Faculdade de Ciências e Tecnologia do Maranhão³

e-mail: almeida12marianaway@gmail.com

Introdução: O empreendedorismo na enfermagem é uma temática crescente, ligada a características pessoais e profissionais como: autonomia, inovação e responsabilidade. Sua abordagem pode ampliar espaços de atuação no mercado de trabalho e promover a mentalidade empreendedora entre os estudantes desde a graduação. **Objetivo:** Verificar na literatura científica o empreendedorismo na enfermagem como prática inovadora e impactante para a saúde. **Metodologia:** Trata-se de uma revisão integrativa da literatura, abrangendo estudos disponíveis nas bases de dados PUBMED, LILACS e BVS, com vistas a responder à questão norteadora: “O empreendedorismo na enfermagem é visto como prática inovadora e impactante para a saúde? ”, os Descritores em Ciências Da Saúde (DeCS) utilizados foram: "Empreendedorismo", "Enfermagem" e "Autonomia", combinados com o operador booleano AND, resultando em um total de 60 estudos. Os critérios de inclusão utilizados foram: artigos completos publicados entre 2019 e 2023, em inglês, português e espanhol. Posteriormente, foram excluídos os artigos que não contemplavam o objetivo do estudo, bem como, os duplicados, pagos ou inconsistentes metodologicamente. Dessa forma, foram selecionados nove artigos para compor a amostra desta revisão. **Resultados e Discussão:** Revelou-se que o empreendedorismo na enfermagem promove autonomia e inovação, além de criar novas oportunidades de atuação profissional, este cenário aponta para um movimento de diversificação das atividades profissionais dos enfermeiros, com um aumento significativo na busca por alternativas de trabalho que transcendem as práticas tradicionais. No entanto, enfrenta desafios, como a falta de formação em administração e os obstáculos sociais e econômicos, como a captação de clientes. Evidenciou-se ainda, uma crescente tendência de empreendedorismo entre enfermeiros, principalmente no estado do Maranhão, abordando as áreas de pesquisa científica, consultoria e produção de conteúdo educativo. **Considerações finais:** O empreendedorismo na Enfermagem oferece oportunidades de inovação e expansão para a prática profissional, mas enfrenta desafios como a falta de recursos financeiros e a captação de clientes. Sugere-se a formação empreendedora desde a graduação e o apoio a iniciativas inovadoras as quais podem contribuir para superar esses obstáculos e fortalecer o papel dos enfermeiros como agentes de mudança na saúde. Essa abordagem não apenas amplia as oportunidades de atuação profissional, mas também contribui para a melhoria dos serviços de saúde e para o avanço da enfermagem como disciplina.

Palavras-chave: empreendedorismo; enfermagem; inovações.

ENDOMETRIOSE INTESTINAL: UMA PERSPECTIVA LAPAROSCÓPICA NA ABORDAGEM TERAPÊUTICA

Maria Eduarda Pereira Juscelino ¹, Luana Barros Moreira ², Anna Alycia Bezerra Cruz ³, Pedro Henrique de Moraes Sanches ⁴, Ycaro Deyangells Moreira Carvalho ⁵, Rodrigo Tobias Aiello ⁶, Livia Maria Della Porta Cosac ⁷

Graduandos do Curso de Medicina pela Universidade de Ribeirão Preto-UNAERP ¹⁻⁶, Prof. Dra. em Ciências Médicas pela Universidade de São Paulo ⁷

mariaeduardapereira083@gmail.com

Introdução: A endometriose intestinal ocorre quando o tecido que normalmente reveste o interior do útero, conhecido como endométrio, cresce nas paredes do intestino. Esse crescimento anormal pode interferir no funcionamento adequado desse órgão, levando a sintomas como mudanças nos hábitos intestinais e dor abdominal significativa, especialmente durante o período menstrual. O tratamento da endometriose intestinal é planejado com base nos exames clínicos e de imagem, que determinam a extensão das lesões e o comprometimento das estruturas. Em muitos casos, é indicado uma abordagem cirúrgica, para isso, são utilizadas múltiplas técnicas, incluindo a laparoscopia. **Objetivo:** Analisar se a laparoscopia é uma estratégia de tratamento benéfica na endometriose intestinal. **Metodologia:** Essa revisão integrativa de literatura fundamentou-se na busca por artigos científicos, obtidos por meio de pesquisa digital empregando a plataforma digital Scientific Library Online (SciELO). Para tanto, foram utilizados unitermos de busca, como “endometriose” e “laparoscopia”, para identificar vinte artigos, publicados em 2022 a 2024, dos quais foram selecionados três para estudo, utilizando como critério de seleção a relevância científica das suas informações para a temática abordada. **Resultados e discussão:** A ressecção segmentar laparoscópica é recomendada, principalmente, quando há coexistência de duas ou mais lesões que afetam o intestino em pacientes com endometriose. Esse procedimento se tornou popular nesses casos por ser minimamente invasivo, possuindo, assim, baixas taxas de complicações pós-operatórias. Além disso, essa abordagem é benéfica pensando em fatores da qualidade de vida de mulheres com endometriose intestinal, como a vida sexual, uma vez que após o tratamento há melhora da dispareunia e da função sexual. No entanto, mesmo com o percentual baixo de ocorrência, existem riscos associados a laparoscopia, como infecções, formação de fístulas e o comprometimento do intestino ou do sistema urinário. Portanto, é fundamental que os pacientes sejam cuidadosamente avaliados e acompanhados por uma equipe médica especializada para garantir a segurança e eficácia do procedimento. **Conclusão:** Em resumo, a endometriose intestinal é uma condição desafiadora, que necessita de avaliação cuidadosa do profissional de saúde, levando em consideração a idade, sintomas e desejos da paciente, além também da evolução do caso clínico. Sendo assim, a popularidade da laparoscopia no manejo dessa condição é devido aos benefícios significativos que essa abordagem trás para as pacientes, tanto com o alto índice de resolubilidade dos sintomas, como também pelo menor período de recuperação.

Palavras-chave: endometriose; laparoscopia; dispareunia; saúde da mulher.



ENFERMEIRO OBSTETRA: PILAR ESSENCIAL PARA A PROMOÇÃO DO PARTO HUMANIZADO

Vânia Ellen Bezerra Sousa¹; Francisco Gelzo da Silva Neto¹; Ellen Renale Martins Guedes¹; Larah Giovanna Nóbrega Clemente¹; Maria Clara Morais da Silva¹; Maria Emília Dantas Oliveira¹; Elza Carla Melo de Souza²

Graduando em enfermagem pela Universidade Federal de Campina Grande¹, Enfermeira pela Universidade de Campina Grande²

vaniaellen054@gmail.com

Introdução: O parto humanizado é uma abordagem que busca respeitar as necessidades e desejos da mulher durante o processo de parto, promovendo um ambiente mais acolhedor e seguro. A partir do século XVIII, com a evolução da medicina, a essência do ato de dar à luz foi gradualmente substituída por procedimentos invasivos, que frequentemente causam sofrimento às parturientes. Nesse contexto, o enfermeiro obstetra desempenha um papel crucial, oferecendo suporte emocional, físico e informativo à mesma. **Objetivo:** Visa analisar a importância do enfermeiro obstetra no contexto do parto humanizado. **Metodologia:** Trata-se de uma revisão de literatura. Foi realizada uma busca nas bases de dados: Lilacs e BDENF-Enfermagem, utilizando os termos identificados nos Descritores em Ciência da Saúde (DeCS): “parto humanizado” AND “enfermagem” AND “enfermagem obstétrica” no idioma português. Os critérios de inclusão adotados: estudos integralmente disponíveis que abordassem diretamente o objetivo do estudo no período de 2014 a 2022. Foram excluídos estudos duplicados e não indexados. Na qual foram selecionados 400 artigos para avaliação. Destes, 10 foram escolhidos para compor a presente revisão, conforme sua relevância e contribuição para o tema em questão. **Resultados e Discussões:** Compreende-se que através do parto humanizado, cuidados diretos vem sendo proporcionados, estes incluem práticas não farmacológicas para o alívio da dor, incentivo ao aleitamento materno imediato após o nascimento com contato pele a pele entre mãe e bebê, e consideração dos aspectos emocionais, culturais e sociais da mãe. Essas abordagens trazem inúmeros benefícios, como a diminuição das intervenções médicas desnecessárias, menor taxa de cesariana e maior satisfação das mulheres. Pesquisas demonstram que a presença desse profissional é crucial para criar um ambiente de confiança e calma, promovendo um parto mais natural e seguro. Além disso, o enfermeiro obstetra é essencial na educação e empoderamento das mulheres, auxiliando-as a fazer escolhas informadas sobre seu parto e práticas humanizadas, o que proporciona maior autonomia e segurança, além de reduzir medos e ansiedades. **Conclusão:** Verificou-se que o enfermeiro obstetra é fundamental para o sucesso do parto humanizado, oferecendo um suporte integral, acolhimento, auxiliando nas suas necessidades da mãe promovendo assim a saúde e o bem-estar da mãe e do recém-nascido. A formação contínua e a valorização desse profissional são imprescindíveis para garantir a qualidade do atendimento obstétrico e a humanização do parto. Portanto, é vital que políticas públicas e instituições de saúde invistam na capacitação e inserção dos enfermeiros obstetras em suas equipes.

Palavras-chave: humanização; enfermagem; obstetria.

EPIDEMIOLOGIA DA TOXOPLASMOSE GESTACIONAL NO BRASIL: PERFIL, CLASSIFICAÇÃO E EVOLUÇÃO ENTRE 2019 A 2023

Mariele Mochiute de Sousa¹; Mariana Andrade Oliveira²

Graduanda em medicina pela Universidade de Ribeirão Preto¹, Mestrado em Patologia pela Universidade de Uberaba²

marielemochiute001@gmail.com

Introdução: A Toxoplasmose é causada pelo parasita *Toxoplasma gondii*, e é considerada uma das infecções crônicas mais prevalentes no mundo. Suas principais vias de transmissão são a oral – decorrente da ingestão de água e de alimentos contaminados – e a congênita, quando o parasita é passado da mãe para o feto. Na infecção durante a gestação, a chance de transmissão vertical aumenta diretamente à idade gestacional em que ocorre o contágio, enquanto a gravidade da repercussão da doença é inversamente proporcional ao avanço da gestação. Os efeitos da Toxoplasmose congênita envolvem coriorretinite, calcificação cerebral e hidrocefalia. **Objetivo:** Analisar o perfil epidemiológico da Toxoplasmose Gestacional no Brasil, durante 2019 a 2023, considerando a incidência, a classificação e a evolução. **Metodologia:** Trata-se de um estudo epidemiológico descritivo e retrospectivo com abordagem quantitativa, realizado com dados obtidos a partir do SINAN (Sistema de Informações de Agravos de Notificações) - DATASUS, sobre notificações de Toxoplasmose Gestacional no Brasil, entre 2019 a 2023. Os critérios utilizados na pesquisa foram: incidência por região brasileira, classificações das notificações e momento de confirmação do diagnóstico (primeiro trimestre, segundo trimestre e terceiro trimestre). **Resultados e Discussão:** Entre 2019 e 2023, no Brasil, foi notificado 55.716 casos de Toxoplasmose Gestacional, sendo observado uma escala crescente com auge em 2023, englobando 14.614 casos. A região Sudeste ocupou o primeiro lugar em casos, com 17.351 notificações, sendo 14.134 classificadas como confirmadas. A região Nordeste com 16.659 notificações, sendo 12.002 classificadas como confirmadas. A região Sul com 10.714 notificações, sendo 8.610 classificadas como confirmadas. Na região Norte com 6.784 notificações, sendo 5.127 classificadas como confirmadas. Na região Centro-Oeste com 4.208 notificações, sendo 3.527 classificadas como confirmadas. Ademais, 15.913 casos foram identificados durante o primeiro trimestre, 21.356 casos foram identificados durante o segundo trimestre e 17.083 casos foram identificados durante o terceiro trimestre. **Considerações Finais:** Portanto, o perfil epidemiológico da Toxoplasmose Gestacional indica sua incidência significativa no país, que vem aumentando ao longo de 2019 a 2023, com o Sudeste concentrando a maior parte das notificações. Além disso, a maioria dos casos foram identificados durante o segundo trimestre da gestação. Logo, destaca-se a importância da prevenção e da conscientização acerca da Toxoplasmose Gestacional e da continuidade do cuidado das gestantes, abrangendo o pré-natal e as etapas seguintes da gestação.

Palavras-chave: Toxoplasmose; Gestação; Epidemiologia.



EPIDEMIOLOGIA DAS INTERNAÇÕES POR CÂNCER DE MAMA NO BRASIL DE 2018 A 2023

Juliane Perdigão Costa Araujo¹; Juliana Silveira Pontes¹; Mariana Carvalho Soares¹; Consuelo Penha Castro Marques²

Graduando em medicina pela Universidade Federal do Maranhão¹, Doutora em Odontologia pela Universidade Federal do Maranhão²

Juliane.perdigao@discente.ufma.br

Introdução: O câncer de mama é classificado como a neoplasia maligna que mais acomete as mulheres mundialmente, sendo considerado problema de saúde pública. No Brasil é observado uma persistência no número de óbitos, enquanto que em países desenvolvidos é visto uma redução gradual da taxa de mortalidade. **Objetivo:** Descrever o perfil epidemiológico e a distribuição das internações por câncer de mama em mulheres brasileiras entre os anos de 2018 a 2023. **Metodologia:** Estudo epidemiológico, quantitativo, transversal, de série temporal, com levantamento e análise dos dados secundários acerca das internações por câncer de mama entre 2018 a 2023 obtidos do DATASUS. **Resultados e Discussão:** Ao analisar as internações hospitalares por câncer de mama, no Brasil, entre 2018 e 2023, foram registradas 436.430 internações por essa neoplasia, com predominância em 2023, com 85.416. A Região Sudeste apresentou a maior incidência, com aproximadamente 50% das internações. Pode-se associar este fato ao maior aglomerado populacional nesta região, além da maior facilidade em alcançar o Sistema de Saúde por serem centros de alta complexidade no tratamento da doença. Além disso, nessa região são observadas um maior consumo de alimentos processados, sedentarismo e obesidade, fatores de risco para o desenvolvimento da doença. A faixa etária mais afetada está entre 50 a 59 anos, apresentando 120.826 internações, seguida por mulheres entre 40 a 49 anos, com 100.308, corroborando com achados de outros estudos, onde a idade igual ou superior a 40 anos é um fator de risco para essa malignidade. Quanto à raça/cor, a neoplasia maligna da mama prevalece nas mulheres brancas e pardas, que representam mais de 80% das internações. A maior taxa de mortalidade analisada foi em 2021, com 8,24, apresentando queda nos anos seguintes, atingindo o valor de 7,65 em 2023, o que pode ser justificado por um diagnóstico/tratamento precoce. Os dias de permanência médio foi de 5,3, sendo o Sudeste a região que apresentou a maior duração das internações, com 5,7 dias, ao passo que a Região Norte obteve o menor tempo de permanência (4,5). Em concordância com a média de permanência, o Norte apresentou o menor valor médio por internações entre as regiões, com um gasto de 1.009,93. Sendo o Sul a região que alcançou o maior valor, com gasto de 1.806,01 reais. **Conclusão:** Houve aumento de internações ao longo do período analisado, sendo necessário a implementação de melhorias no diagnóstico precoce e acesso ao tratamento de câncer de mama no país.

Palavras-chave: Câncer de Mama; Mulheres; Internações.

ERUPÇÃO POLIMÓRFICA DA GRAVIDEZ: UMA REVISÃO DE LITERATURA

Shiren Fathi Yusef Bakri¹; Bruna Luiza Pereira Sturmer¹; Maria Eduarda Brito Soares¹; Beatriz Barros Rasia¹; Isadora da Silveira Pinto²; Natalye da Silva Ulguim²; Pedro Crespo Garcia Vargas³; Lucas Ademir de Borba⁴

Graduanda em medicina pela Universidade Católica de Pelotas¹, Médica pela Universidade Católica de Pelotas², Médico pela Universidade Federal de Pelotas³, Médico e Residente de Família e Comunidade pela Universidade Católica de Pelotas⁴

shiren.bakri@sou.ucpel.edu.br

Introdução: A Erupção Polimórfica da Gravidez (EPG) é a dermatose específica mais comum durante o período gestacional. O sintoma predominante é prurido concomitante às lesões. Sua etiologia ainda permanece incerta, mas há evidência de reação imune anômala materna ao estirão da pele pela localização das estrias abdominais ou ao redor delas em gestantes durante o terceiro trimestre. Ocorre principalmente em primigestas e sua incidência varia entre diferentes grupos étnicos estudados. **Objetivo:** Revisar a literatura a respeito da patologia visando divulgar conhecimento atualizado e atentar para importância de sua inclusão como diagnóstico diferencial entre as dermatoses obstétricas visando manejo oportuno e adequado. **Metodologia:** Pesquisa realizada através do banco de dados Scielo, durante o período de Maio de 2024, utilizando os descritores “*pregnancy specific dermatosis*” AND “*polymorphic rash of pregnancy*”. Os critérios de inclusão foram artigos publicados nos últimos 10 anos e pacientes acometidas exclusivamente durante a gravidez. Foram encontrados 13 artigos totais. Aqueles com títulos que não continham descritores pesquisados e fora do contexto da pesquisa foram descartados, restando 6 artigos para revisão final. **Resultados:** A EPG ocorre, geralmente, em primíparas no terceiro trimestre e, em raros casos, no puerpério. Sua etiopatogenia é incerta, porém há teorias que possa estar relacionada a fatores hormonais e autoimunes. O diagnóstico é clínico, podendo ser realizado biópsia da pele para descartar diagnósticos diferenciais quando há dúvida diagnóstica. As lesões são caracterizadas por pápulas eritematosas, pruriginosas e de configuração policíclica que surgem no interior das estrias abdominais, poupando a região umbilical, e se alastram para as extremidades, tórax, tronco e raiz das coxas, podendo coalescer e formar placas urticariformes, preservando o rosto, palmas das mãos e a região plantar. A erupção dura entre 4-6 semanas podendo desaparecer em até duas semanas após o parto, regredindo para aspecto de pele descamativa e crostosa. O prurido tende a se resolver espontaneamente, e embora possa ser grave, as escoriações não são comuns como na colestase obstétrica, entretanto, quando muito intenso pode ser utilizado corticoides tópicos ou anti-histamínicos com o intuito de atenuar o sintoma. **Conclusão:** É de suma importância o correto diagnóstico da EPG. Embora o quadro seja benigno e autolimitado, é fundamental o manejo adequado das lesões cutâneas, atentando-se a localização e características que ajudarão a definir o diagnóstico diferencial. Além disso, abordar de forma eficaz o prurido é primordial pois pode causar insônia e dificuldade nas atividades cotidianas, impactando a qualidade de vida da paciente.

Palavras-chave: complicação infecciosa da gravidez; dermatoses; rash cutâneo.

ESCALA MIF COMO INSTRUMENTO DE AVALIAÇÃO DA INDEPENDÊNCIA FUNCIONAL DE MULHERES COM CÂNCER DE MAMA

Renan Shida Marinho¹; Juvêncio César Lima de Assis²; Bárbara Leite da Silva³; Aldair Darlan Santos de Araújo⁴; Vinícius Ramon da Silva Santos⁵; José Roberto Sostena Neto⁶; Juliana Bassalobre Carvalho Borges⁷; Fernando Borges Ferreira⁸

Doutorando em Ciências – USP¹, Mestrando em Saúde e Sociedade-UERN ², Fisioterapeuta Residente em Assistência em Cuidados Intensivos – HU/UFPI³

Doutorando em Fisioterapia pela UFSCar^{4,5}, Doutorando em Biociências pela Universidade Federal de Alfenas⁶, Docente de fisioterapia da Universidade Federal de Alfenas⁷, Coordenador do Curso de Fisioterapia – FAP/SP⁸

renan_shida@hotmail.com

Introdução: A escala MIF (Medida da Independência Funcional) desempenha papel fundamental na avaliação da capacidade funcional de pacientes com câncer. Ela permite o entendimento do impacto do câncer e de seu tratamento na independência do paciente para realizar atividades diárias. Ao monitorar a MIF, é possível avaliar a progressão da doença, efeitos do tratamento e eficácia das intervenções de reabilitação. Além disso, auxilia na identificação das necessidades individuais do paciente, orienta o planejamento de cuidados personalizados e melhora a qualidade de vida. Assim, avaliar a independência funcional em pacientes com câncer de mama ajuda a entender o impacto da doença e do tratamento na vida do paciente, orienta o planejamento do tratamento, identifica necessidades de reabilitação e monitora a progressão da doença. **Objetivo:** Avaliar a confiabilidade intra-avaliador da MIF em pacientes com câncer de mama. **Métodos:** Os indivíduos que frequentaram o centro de fisioterapia foram submetidos a aplicação da MIF, realizando duas avaliações com intervalo de uma semana entre elas. A escala avalia a independência funcional em seis áreas principais: cuidado pessoal (por exemplo, banho, vestir-se), controle do esfíncter (por exemplo, controle de bexiga e intestino), transferência (por exemplo, levantar-se da cama ou cadeira), locomoção (por exemplo, caminhar), comunicação e cognição (por exemplo, compreensão e expressão de linguagem). Cada área é avaliada em uma escala de pontuação de 1 a 7, com 1 indicando total dependência e 7 indicando independência completa. Com o intuito de mensurar a confiabilidade intra-avaliador, foram executadas análises para verificar tal efeito: Erro Padrão de Medida (EPM) e o Coeficiente de Correlação Intraclasse (ICC) que avalia o grau de consistência. O nível de significância foi $p \leq 0,05$. **Resultados e Discussão:** Foram avaliadas 10 mulheres com idade 61 ± 12 ; com IMC kg/m^2 27 ± 3 , a grande maioria realizou a cirurgia do tipo conservadora 8 (57,1), a principal comorbidade foi hipertensão arterial 8 (57,1). Na análise de Consistência da Escala MIF observamos $\text{EPM} = 0,27$ e $\text{EPM}\% = 0,22$, categorizando-os com boa confiabilidade; O ICC foi de 0,76 ($95\% = 0,74 \times 0,88$) classificando-o de boa a excelente consistência. **Conclusão:** A MIF apresentou precisão e consistência; assim podemos concluir que essa escala demonstra uma boa concordância ao longo do tempo quando administrada pelo mesmo avaliador. Isso sugere que os avaliadores são capazes de atribuir pontuações coerentes e confiáveis às atividades da vida diária dos pacientes com câncer de mama.

Palavras-chave: câncer; medida da independência funcional; qualidade de vida.

ESTIMATIVA DA COBERTURA DE MAMOGRAFIA DE RASTREIO NO NORDESTE ENTRE 2016 E 2023

Marília Lopes Leal¹; Ana Carolina Matias Pires¹; Flávia Letícia Miranda Galvão¹; Karla Rivellyne de Castro Ribeiro¹; Tales Silva Santana; Tarcísio Augusto da Silva Menezes²

Graduandos em medicina pela Universidade Federal do Vale do São Francisco¹ Docente do curso de Medicina pela Universidade Federal do Vale do São Francisco²

marilia.leal@discente.univasf.edu.br

Introdução: O câncer de mama é o segundo câncer mais prevalente do mundo e o primeiro entre as mulheres, o diagnóstico precoce e os programas de rastreamento são os métodos mais eficazes de promover maiores chances de sobrevida nesse tipo de neoplasia. **Objetivo:** Avaliar e estimar a cobertura de mamografia de rastreamento no Nordeste entre 2016-2023. **Metodologia:** Trata-se de um estudo ecológico que fez uso de dados secundários do DATASUS (SISCAN - MAMOGRAFIA) e IBGE. A população alvo foi composta por mulheres entre 50-69 anos residentes dos estados que compõem a região Nordeste. Foi analisada a razão de mamografias bilateral para rastreamento na população feminina sobre a população alvo de rastreamento para cada estado da região nordeste nos biênios 2016-2017, 2018- 2019, 2020-2021 e 2022-2032; e da cobertura de mamografia em relação as faixas de idade 50-54, 55-59, 60-64 e 65-69 no Nordeste. **Resultados e Discussão:** A região Nordeste apresentou uma taxa de cobertura de cerca de 14,5% (n=1.252.771), 19,4% (n=1.671.892), 16,1% (n=1.392.987) e 21,7% (n=1.875.458) nos biênios 2016-2017, 2018-2019, 2020-2021 e 2022-2032, respectivamente. Apenas 5 estados entre 9 apresentaram uma porcentagem superior a regional (17,9%), sendo o estado de Alagoas o com maior cobertura nos 4 biênios 27,35% (n=527.440) e Piauí com a menor 9,86% (n=215.402). Durante a pandemia da COVID-19 (2020-2021), todos os estados apresentaram redução da cobertura, havendo uma recuperação nos anos seguintes (2022-2023), com apenas Pernambuco e Alagoas não alcançando os resultados dos períodos pré-pandemia. O crescimento percentual de cobertura foi maior para os estados do Piauí (3801%), Ceará (107%) e Bahia (100%) e menores para Paraíba, Maranhão (18%) e Pernambuco (-12%). Em relação a faixa etária, observou-se que as idades entre 50-54 anos possuem a maior taxa de cobertura 23,78% (n=1.372.290), contra a faixa de 65-69 com a mais baixa 16,93% (n=582.538). **Conclusão:** Observa-se que a cobertura de mamografia de rastreamento no Nordeste ainda se encontra longe da meta de 70% estabelecida pelo Ministério da Saúde. Com exceção do Piauí, que obteve a pior cobertura de rastreamento, todos os outros estados apresentaram taxas semelhantes, mostrando que o déficit do rastreamento do câncer de mama é unânime no Nordeste. No entanto, foi possível observar um discreto progresso em todos os estados – exceto Pernambuco – durante os biênios estudados, com exceção dos anos de pandemia. Além disso, evidenciou-se a diminuição da realização de mamografias de rastreamento a partir do avanço da idade.

Palavras-chaves: neoplasias da mama; programas de rastreamento; indicadores de qualidade em assistência à saúde.



ESTRATÉGIAS DE PREVENÇÃO E COMBATE À VIOLÊNCIA DOMÉSTICA CONTRA MULHERES GRÁVIDAS: REVISÃO DE LITERATURA

Ludmyla da Silva Freitas¹; Jéssica Fernandes Carvalho¹; Kauã Paulino dos Santos¹; Laís Netto Borges¹; Lara Pereira Tavares Cunha¹; Livia Castro de Sá Lima¹; Danillo Paulo da Silva Vitalino^{1, 2, 3, 4, 5, 6}

Graduanda(o) em Medicina pela Universidade Federal de Catalão - UFCat¹, Cirurgião-dentista graduado pelo Centro Universitário de Goiatuba - Unicerrado², Pedagogo graduado pelo Centro Universitário de Goiatuba³, Especialista em Docência do Ensino Superior e Metodologias Ativas de Aprendizado pela Faculdade Descomplica⁴, Especialista em Tecnologias Aplicadas à Educação pela Faculdade Descomplica⁵, Pós-graduando em Docência em Ciências da Saúde pela Faculdade Iguazu⁶.

ludmyla_freitas@discente.ufcat.edu.br

Introdução: A violência doméstica contra mulheres grávidas é uma questão crítica de saúde pública, pois afeta não apenas a saúde física e mental das mulheres, mas também o desenvolvimento do feto. **Objetivo:** O objetivo deste estudo é revisar e analisar as estratégias de prevenção e combate à violência doméstica contra mulheres grávidas, a fim de identificar práticas eficazes e áreas que necessitam de melhorias. **Metodologia:** A pesquisa foi conduzida utilizando bases de dados de saúde, como PubMed, SciELO e BVS (Biblioteca Virtual em Saúde). Foram buscados artigos publicados entre 2022 e 2023, utilizando termos-chave como "violência doméstica", "gravidez" e "prevenção". Inicialmente, 60 artigos foram encontrados. Após a aplicação dos critérios de inclusão (artigos em inglês, português ou espanhol, estudos de casos, revisões sistemáticas e pesquisas originais) e exclusão (artigos duplicados, editoriais, cartas ao editor e estudos fora do período temporal especificado), 25 artigos foram selecionados para análise final. **Resultados e discussões:** Os resultados indicam que as estratégias mais eficazes de prevenção e combate à violência doméstica contra mulheres grávidas incluem: Capacitação de Profissionais de Saúde: treinamento específico para identificar sinais de violência e fornecer suporte adequado às vítimas. Programas de Educação e Conscientização: campanhas de sensibilização sobre os efeitos da violência doméstica e recursos disponíveis para as vítimas. Serviços de Apoio Multidisciplinar: integração de serviços de saúde, assistência social e jurídica para oferecer um suporte abrangente. Políticas Públicas e Legislação: implementação e reforço de leis específicas para proteger mulheres grávidas e punir agressores. Tecnologia e Recursos Digitais: utilização de aplicativos e plataformas online para facilitar denúncias e acesso a informações sobre serviços de apoio. Os desafios incluem a falta de recursos, treinamento inadequado dos profissionais de saúde e a necessidade de uma maior colaboração intersetorial. Além disso, a pandemia de COVID-19 exacerbou a vulnerabilidade das mulheres grávidas à violência doméstica, destacando a necessidade de estratégias adaptativas e recursos adicionais. **Considerações finais:** Conclui-se que, embora existam diversas estratégias promissoras para prevenir e combater a violência doméstica contra mulheres grávidas, é necessário um esforço contínuo e colaborativo para superar os desafios existentes. Recomenda-se o fortalecimento das políticas públicas, maior investimento em programas de educação e capacitação de profissionais, e a integração efetiva dos serviços de apoio para garantir um ambiente seguro e saudável para mulheres grávidas e seus bebês.

Palavras-chave: violência doméstica; gravidez; prevenção.

ESTRATÉGIAS NUTRICIONAIS PARA PROMOVER O DESENVOLVIMENTO NEONATAL

Alessandra dos Santos da Silva¹; Jully Gabriely de Melo Ambe¹; Aldair Baia Farias¹; Luisa Margareth Carneiro da Silva²

Graduandos em nutrição pela Universidade Federal do Pará¹; Doutora em Nutrição pela universidade Federal do Pará²

alessandra.s.silvaa01@gmail.com

Introdução: O período neonatal compreende os primeiros 27 dias de vida do recém-nascido. Esse desenvolvimento é crítico e demanda atenção especial à nutrição, pois a mesma, influencia diretamente no crescimento e saúde futura do bebê. Nesse contexto, estratégias nutricionais desempenham um papel primordial na promoção de um desenvolvimento saudável. **Objetivo:** Ressaltar importância das estratégias nutricionais, incluindo o aleitamento materno exclusivo. **Metodologia:** Realizou-se uma revisão bibliográfica da literatura e foram encontrados 43 artigos e selecionados apenas nove. Os critérios de inclusão abrangeram artigos publicados entre 2016 e 2023, nos idiomas português e inglês e os critérios de exclusão envolveram artigos em outros idiomas ou publicados fora desse intervalo temporal, bem como aqueles que não estavam disponíveis nas bases de dados selecionadas. A revisão foi realizada durante os meses de abril e maio de 2024 e os artigos foram obtidos nas bases de dados da BVS, PubMed e Scielo. Foram utilizados termos de acordo com os Descritores em ciência da saúde, como “desenvolvimento neonatal”, “nutrição” e “aleitamento materno”. Utilizou-se os operadores booleanos (AND e OR) para refinar as buscas. O recorte temporal foi escolhido para abranger a produção científica mais recente sobre o tema na área da nutrição neonatal. **Resultados e discussão:** É imprescindível pontuar, que cuidar da alimentação durante o período gestacional é essencial para garantir a saúde da gestante e o desenvolvimento adequado do bebê, a inserção de frutas, vegetais, proteínas e laticínios na dieta diária ajuda a garantir a ingestão de nutrientes essenciais. Observar a oferta dos micronutrientes e uma possível suplementação, como exemplo de ácido fólico e ferro é importante para prevenir problemas de saúde de ambos. Reduzir o consumo de alimentos ultraprocessados ajuda a promover uma dieta equilibrada e incluir ômega-3 na dieta ajuda no desenvolvimento cerebral do bebê. Após o nascimento, o leite materno é fundamental para a sua saúde e desenvolvimento, pois fornece todos os nutrientes essenciais que o bebê precisa nos primeiros meses de vida, ajudando a fortalecer o sistema imunológico, prevenir infecções e garantir um crescimento saudável. **Conclusão:** Portanto, é nítido que a nutrição materna desempenha um papel vital no desenvolvimento neonatal, influenciando diretamente a saúde e o bem-estar tanto da gestante quanto do bebê, ao adotar estratégias nutricionais adequadas, como o aleitamento materno exclusivo, a suplementação de nutrientes e uma dieta equilibrada é possível promover um crescimento saudável e prevenir problemas de saúde futuros.

Palavras-chave: Desenvolvimento neonatal; nutrição; aleitamento materno.



EVENTO MARÇO LILÁS: EDUCAÇÃO EM SAÚDE FEMININA PROMOVIDO POR ONG COMO INICIATIVA PARA CONSCIENTIZAÇÃO DO CÂNCER DE COLO DE ÚTERO

Ana Carolina Giló Lavor¹; Laryssa de Souza Veiga²; Emily Lima Coelho³; Mariana Palmeira Manso⁴.

Graduanda em Ciências Biológicas pela Universidade Federal do Ceará¹, Graduanda em Enfermagem pela Universidade Federal de Viçosa², Graduada em Biomedicina pela Unichristus⁴; Mestranda em Farmacologia pela Universidade Federal do Ceará⁴

carolgilo@alu.ufc.br

Introdução: O evento híbrido Março Lilás: Educação em Saúde Feminina foi promovido pela ONG United Women in Health (UWH), organização parceira da Embaixada dos EUA no Brasil. O evento foi sediado no Planet Coworking, em Fortaleza/CE, sendo simultaneamente transmitido pela plataforma YouTube, e contou com a participação de profissionais de respaldo na área da saúde feminina. As palestras ministradas se relacionaram com a temática do mês de conscientização e prevenção do Câncer de Colo de Útero, terceiro tumor mais comum entre mulheres no Brasil. **Objetivos:** Promover a conscientização quanto ao atual panorama do Câncer de Colo de Útero, abordando a prevenção do HPV, as implicações na progressão da infecção e as formas de diagnóstico e tratamento, além de associar reprodução e epigenética na saúde reprodutiva feminina. **Métodos:** O presente trabalho se trata de um relato de experiência. A divulgação do evento foi realizada sobretudo por meio do Instagram da UWH, principal plataforma de comunicação da ONG, e cujos posts de promoção também foram compartilhados pelas parcerias obtidas pela equipe organizadora. Além disso, o e-mail oficial foi utilizado para realizar a promoção do evento. As inscrições foram realizadas através da plataforma Even3, gratuitamente. Em relação às palestrantes, uma Médica Ginecologista especialista em HPV e uma Bióloga Geneticista foram escolhidas a partir de suas experiências nas áreas descritas. O evento também contou com uma palestra sobre ciclo reprodutivo feminino e dignidade menstrual. Após as palestras, foi conduzido um momento de perguntas e respostas com as participantes. **Resultados e Discussão:** Durante a divulgação e execução do projeto, o Instagram da UWH obteve um alcance de 3.700 perfis, e o evento alcançou mais de 150 inscritos nas modalidades online e presencial. No presencial, 27 participantes estavam presentes e, no on-line, mais de 240 pessoas assistiram simultaneamente. A avaliação do evento foi realizada por meio de um formulário virtual de participação, que recebeu 51 respostas avaliando a abordagem e organização do evento, assim como as palestrantes, como “essencial”, “excelente”, “útil”, e “maravilhoso”. O formulário não recebeu respostas negativas. Ao final do evento, foi disponibilizado um certificado de participação de 3 horas para todas as participantes, e um certificado contabilizando 100 horas de planejamento e execução para a comissão organizadora. **Conclusão:** A partir dos relatos das participantes, o evento foi de grande importância para elucidar dúvidas quanto ao HPV e ao Câncer de Colo de Útero, bem como à saúde reprodutiva feminina, contribuindo para a disseminação da ciência e da saúde básica.

Palavras-chave: Março Lilás, Câncer feminino, Saúde reprodutiva.

EXPLORANDO CONEXÕES INESPERADAS: DIETAS E TRATAMENTO DA CANDIDÍASE VAGINAL - UMA REVISÃO INTEGRATIVA DA LITERATURA

Luana Beatriz de Almeida Silva¹

Graduada em nutrição pela Universidade da Amazônia - UNAMA¹

luanabeatriz680@yahoo.com

Introdução: A candidíase vaginal é uma condição comum que afeta a qualidade de vida das mulheres, manifestando-se por sintomas como coceira, irritação, corrimento vaginal anormal e dor durante a relação sexual. Apesar do tratamento antifúngico convencional, a recorrência é comum, motivando a busca por abordagens complementares. Neste contexto, a influência da dieta na candidíase vaginal tem sido objeto de interesse crescente. No entanto, há uma lacuna na compreensão dos efeitos específicos das diferentes abordagens dietéticas. Portanto, esta revisão busca sintetizar as evidências sobre o papel da dieta no tratamento da candidíase vaginal. **Objetivo:** Investigar e sintetizar as evidências disponíveis sobre a influência de diferentes abordagens dietéticas na incidência e no tratamento da candidíase vaginal em mulheres grávidas e não grávidas. **Metodologia:** Esta revisão integrativa investigou a influência de dietas na candidíase vaginal. A pesquisa, realizada entre setembro e dezembro de 2023, utilizou PUBMED, BVS, Cochrane Library, Scopus e Web of Science. Foram usados os descritores em Ciência da Saúde (DeCS) em inglês: "diet", "candidiasis vulvovaginal" e "vagina", combinados com "AND". Incluíram-se artigos de 2000 a 2023, em inglês, português ou espanhol, que relacionavam dieta e candidíase vaginal. Foram excluídos todas as revisões bibliográficas, artigos duplicados e artigos com dados insuficientes ou irrelevantes para os objetivos da revisão. De 400 artigos identificados, 15 foram selecionados. **Resultados e Discursão:** Os resultados dessa revisão integrativa revelaram descobertas intrigantes sobre a interação entre dieta e saúde ginecológica. Descobriu-se que uma dieta cetogênica estrita pode resultar na resolução completa dos sintomas de vulvovaginite por *Candida* em pacientes. Além disso, a exclusão do glúten também demonstrou melhorar os sintomas da candidíase vaginal. Houve também uma associação inversa entre o consumo de leite e o risco de candidíase, sugerindo que um maior consumo de leite pode estar relacionado a um menor risco dessa infecção. O consumo de iogurte também foi associado a benefícios na redução do crescimento de fungos em mulheres com candidíase vaginal. Estes achados destacam a importância das escolhas dietéticas na saúde ginecológica e indicam a necessidade de mais pesquisas nesse campo. **Conclusão:** A dieta impacta a candidíase vaginal. Uma dieta cetogênica pode aliviar sintomas, evitar glúten e aumentar o consumo de leite podem reduzir o risco. O iogurte também é benéfico. Isso destaca a importância da dieta na saúde ginecológica, sugerindo que ajustes na alimentação podem complementar o tratamento antifúngico.

Palavras-chave: candidiasis vulvovaginal; diet; vagina.

FATORES ASSOCIADOS AO DESMAME PRECOCE: UMA REVISÃO INTEGRATIVA DA LITERATURA

Joice Brito Moreira¹; Felipe Gonçalves Rocha Santana¹; Michelle Kristine Bispo dos Santos Lôbo¹; Simone de Fátima Lima Bispo dos Santos²

Graduandos em enfermagem pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia¹, Bióloga pela Universidade do Estado da Bahia²

joicemoreira707@gmail.com

Introdução: O aleitamento materno (AM) traz diversos benefícios para o estado nutricional do bebê, sistema imunológico, desenvolvimento da capacidade de defesa contra doenças infecciosas gastrointestinais, respiratórias, urinárias e alergias, além de proporcionar vínculo e afeto entre o binômio mãe-bebê. Dessa forma, o AM é considerado um alimento superior e ideal em relação a outras formas de alimentar, porém mesmo com a superioridade do leite materno em relação aos outros leites, ainda é baixa a prevalência do AM, sendo este fato decorrente do desmame precoce, que se caracteriza pela cessação do aleitamento materno exclusivo (AME) antes da criança completar 6 meses de vida com a complementação e substituição para outros leites. **Objetivo:** Destacar os principais fatores relacionados ao desmame precoce. **Metodologia:** Revisão integrativa da literatura com dados científicos obtidos a partir de consulta na Biblioteca Virtual em Saúde (BVS), utilizando os seguintes Descritores em Ciências da Saúde (DeCs/MeSH): Aleitamento materno, Desmame e Promoção da Saúde, interligados pelo operador booleano AND, obtendo um total de 303 artigos. Os critérios de inclusão utilizados para a seleção foram (publicações em português e espanhol, dos últimos 10 anos e pertencentes a bases de dados: LILACS e BDENF - Enfermagem) e os de exclusão (artigos duplicados e que não atendiam ao objetivo do estudo). **Resultados e Discussão:** De acordo com os 10 estudos selecionados, observou-se que a maioria foram publicados em 2018 (5), na base de dados LILACS (8) e de natureza qualitativa (7). Com base na literatura estudada, um dos fatores relacionados ao desmame precoce está o ambiente de trabalho da mãe, que pode não ser adequado para a amamentação, dificuldades para extrair leite antes de retornar ao trabalho, condições insalubres para a extração de leite no local de trabalho, falta de informação e de interesse da empresa nas políticas de amamentação e a exaustão da mãe. Além disso, é observada uma maior taxa de desmame precoce entre mães cuja gravidez não foi planejada. Isso pode ocorrer devido à gravidez inesperada e à mãe não estar totalmente pronta para se dedicar aos cuidados com o filho, encontrando dificuldades na amamentação e, por fim, outro fator está relacionado à ideia de o leite materno ser fraco ou insuficiente para suprir as necessidades nutricionais do bebê. **Conclusão:** Para evitar o desmame precoce faz-se necessário que os profissionais de saúde implementem estratégias de divulgação de informações relacionadas aos benefícios do AM para a saúde materno-infantil.

Palavras-chave: aleitamento materno; desmame; promoção da saúde.



GRANULOMA PIOGÊNICO ORAL EM GESTANTES: PREVALÊNCIA, MANEJO E CONSIDERAÇÕES CLÍNICAS

Jéssica Fernandes Carvalho¹; Kauã Paulino dos Santos¹; Laís Netto Borges¹; Lara Pereira Tavares Cunha¹; Lívia Castro de Sá Lima¹; Ludmyla da Silva Freitas¹; Danillo Paulo da Silva Vitalino^{1, 2, 3, 4, 5, 6}

Graduanda(o) em Medicina pela Universidade Federal de Catalão - UFCat¹, Cirurgião-dentista graduado pelo Centro Universitário de Goiatuba - Unicerrado², Pedagogo graduado pelo Centro Universitário de Goiatuba³, Especialista em Docência do Ensino Superior e Metodologias Ativas de Aprendizado pela Faculdade Descomplica⁴, Especialista em Tecnologias Aplicadas à Educação pela Faculdade Descomplica⁵, Pós-graduando em Docência em Ciências da Saúde pela Faculdade Iguaçú⁶.

jefernandesc@hotmail.com

Introdução: O granuloma piogênico oral é uma lesão benigna e hiperplásica que frequentemente ocorre na cavidade oral de gestantes, atribuída a alterações hormonais e irritação local. Durante a gravidez, a incidência dessa lesão aumenta devido a mudanças nos níveis de estrogênio e progesterona, que podem exacerbar a resposta inflamatória do tecido gengival. **Objetivo:** Este resumo visa avaliar a prevalência, características clínicas, manejo e prognóstico do granuloma piogênico oral em gestantes, bem como a influência dos fatores hormonais e locais na sua etiopatogenia. **Metodologia:** Foi realizada uma revisão sistemática de artigos científicos publicados entre 2022 e 2024, utilizando bases de dados como PubMed, Scopus, Scielo e Lilacs. **Crterios de Inclusão:** Foram incluídos estudos que investigaram granulomas piogênicos em gestantes, analisando dados demográficos, características clínicas, métodos diagnósticos e abordagens terapêuticas. **Crterios de Exclusão:** Foram excluídos estudos que não focavam em gestantes, relatos de casos isolados, revisões sem metodologia clara, e artigos não disponíveis em texto completo. Ao todo, foram encontrados 54 artigos que atendiam aos critérios de inclusão e 15 deles foram utilizados para a escrita deste resumo. **Resultados e Discussões:** A revisão revelou que a prevalência de granuloma piogênico oral em gestantes varia entre 0,2% a 5%. As lesões são mais comuns no segundo e terceiro trimestres de gestação, particularmente na região anterior da maxila. Clinicamente, apresentam-se como massas avermelhadas, nodulares, de crescimento rápido, podendo ulcerar e sangrar facilmente. O manejo inclui a remoção cirúrgica, geralmente adiada até o pós-parto para evitar riscos à gestação. A etiopatogenia está fortemente ligada às mudanças hormonais, que aumentam a vascularização e a resposta inflamatória do tecido gengival. Por conta disso, o granuloma piogênico pode representar riscos para o feto, o que aumenta o risco de sangramento e potencial obstrução das vias aéreas, comprometendo a oxigenação adequada. Em casos graves, essas complicações podem levar à anemia fetal e restrição do crescimento intrauterino, afetando o desenvolvimento do bebê. **Considerações Finais:** O granuloma piogênico oral em gestantes, embora benigno, pode causar desconforto significativo e preocupação devido ao seu crescimento rápido e tendência a sangrar. O entendimento das suas características clínicas e a consideração das mudanças hormonais e irritantes locais são cruciais para o diagnóstico e manejo adequado. Intervenções minimamente invasivas e o monitoramento contínuo são recomendados, com a maioria dos casos resolvendo espontaneamente ou após a remoção pós-parto.

Palavras-chave: granuloma piogênico; oral; gestante.

HÁBITOS ALIMENTARES DE MULHERES DE DIFERENTES ETNIAS INDÍGENAS DURANTE A GESTAÇÃO

Brenda Corisco Hermógenes¹, Matheus Zanetti Martins², Cilene da Silva Gomes Ribeiro³

Graduanda em Nutrição pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná¹, Graduando em Nutrição pelo Centro Universitário Uniopet², Doutorado em História pela Universidade Federal do Paraná³.

brendacorisco05819@gmail.com

Introdução: O conceito de saúde é determinado pelas idiossincrasias, em vista disso, a alimentação durante o gestar denota diferentes perspectivas nas sociedades originárias e articula-se dentro e além do padrão biomédico de saúde. **Objetivo:** Encontrar registros na literatura dos hábitos alimentares na gestação da mulher indígena. **Metodologia:** Trata-se de uma revisão integrativa com buscas realizadas em maio de 2024 nas bases de dados: LILACS e SciELO, com os descritores “Mulher”, “Indígena”, “Gestação” e “Nutrição”. Critérios de inclusão artigos publicados na língua portuguesa e inglesa, nos últimos 5 anos. Foram identificados 18 artigos e após leitura integral utilizados 3 artigos para o resumo. **Resultados e Discussões:** Foram contemplados nos artigos povos indígenas de três regiões distintas do Brasil, na floresta Amazônica cujo território faz fronteira com a Colômbia e encontra-se 54 mil indígenas com 513 etnias, ainda no Estado do Amazonas a etnia Munduruku localizada na Terra Indígena Kwatá-Laranjal com 2500 indígenas e a comunidade Kaingang com 600 indígenas e em torno de 120 famílias na Terra Indígena de Faxinal de Catanduvas-PR. No território da floresta amazônica os diagnósticos nutricionais das gestantes indígenas observados foram desnutrição, anemias e doenças infecciosas e parasitárias, que posteriormente correlacionou-se com a morbimortalidade infantil, em contrapartida nas mulheres em período fértil e gestantes há quadros de sobrepeso e obesidade que perpetuaram doenças crônicas não transmissíveis, como diabetes mellitus e hipertensão, ainda no I Inquérito Nacional de Saúde e Nutrição dos Povos Indígenas (I INSNPI) foi evidenciado que a amamentação exclusiva até os seis meses precisa ser promovida, pois na região destacada a amamentação possui índices menores e a alimentação complementar é realizada precocemente. Entre os Munduruku existe a crença de que as ações da gestante influenciam a criança quando nascer, portanto, se a gestante expressar desejo por algum alimento este lhe é ofertado, embora, a mesma etnia acredite que algumas práticas alimentares possa prejudicar a criança, como a restrição do consumo de carne de macaco-prego para a criança não nascer com tendência a expor-se a riscos. Na etnia Kaingang, foram encontrados relatos de indígenas mais jovens com a aceitação de recomendações de profissionais da saúde, contraponto que não foi observado nas indígenas idosas e múltiparas. **Considerações Finais:** Os profissionais de saúde precisam articular práticas estabelecidas juntamente às práticas tradicionalistas para evitar nascimentos precoces que causam a morbimortalidade infantil, desnutrição e DCNT durante a gestação de mulheres indígenas.

Palavras-chave: mulher; indígena; nutrição; gestação.

HEMORRAGIA PÓS-PARTO: INTERVENÇÕES E CUIDADOS ESSENCIAIS DA EQUIPE DE ENFERMAGEM

Grazielle Maria Coutinho Dias¹; Brenna Kurt Reis de Moraes Rezende Dante Machado²; Marenize de Jesus Santos³ Antonia Janielly Negreiros de Moraes⁴; Gabrielle Nascimento de Melo⁵; Sarah Nascimento de Melo⁶; Karla Virgínia da Nóbrega Novais Vieira⁷

Graduada em enfermagem pela Faculdade Estácio de Alagoas¹, Graduada em enfermagem pelo Centro de Ensino Superior de Ilhéus², Graduada em Enfermagem pelo Centro Universitário Maurício de Nassau - Aracaju/Sergipe³, Graduada em enfermagem pela Universidade Estadual Vale do Acaraú, Sobral/CE⁴, Graduanda em enfermagem pela Faculdade Estácio de Alagoas⁵, Graduada em enfermagem pela Faculdade Estácio de Alagoas⁶, Graduada em enfermagem pelo Centro Universitário UniFavip⁷

gcoutinhoenf@gmail.com

Introdução: Hemorragia pós-parto (HPP) é a principal causa de morbimortalidade materna no mundo, sendo responsável por cerca de 25% dos óbitos maternos a nível mundial. Segundo a literatura, HPP conceitua-se pela perda de volume sanguíneo de superior a 500 ml por via de parto normal e mais de 1000 ml de sangue após uma cesárea, esse volume for perdido dentro de 24h é classificado como primária, ou após 24h como secundária. Ressalta-se que após nascimento a hemorragia pode levar a óbito uma mulher caso não seja revertida, tornando esse tema importante na assistência do parto. **Objetivo:** Trazer a luz a assistência realizada pela equipe de enfermagem às parturientes que apresentam hemorragia pós-parto. **Métodos:** Trata-se de uma revisão de literatura. Realizado uma busca na BVS, por meio das Bases de dados indexadas: LILACS e MEDLINE, selecionados artigos sobre a temática. Selecionado os artigos com os descritores: "Hemorragia Pós-parto"; "Enfermagem"; "Gestação". Os critérios de inclusão consideraram abordagens relacionadas ao tópico em estudo, disponibilidade do texto na íntegra, em português. Os critérios de exclusão envolveram textos incompletos, teses, monografias, trabalhos que abordavam tópicos não relacionados ao estudo e textos duplicados. **Resultados E Discussão:** Foram selecionados 10 artigos para a construção desse trabalho que embasam que o diagnóstico clínico da HPP é simples, porém essa complicação continua afetando inúmeras mulheres e a nível Brasil a prevalência é de 41% de morte materna. É crucial que a paciente seja avaliada imediatamente após o parto, com revisão da placenta e anexos, monitorização dos sinais vitais. Um dos aspectos que facilita é o tempo de atuação naquela área ou setor hospitalar, pautado na experiência trazida pela prática clínica. Para que isso, não basta apenas que o enfermeiro tenha voz de comando e somente tempo de experiência, o conhecimento científico é de extrema importância para direcionar a assistência de forma adequada. A falta de conhecimento pode afetar negativamente o acompanhamento das puérperas. **Conclusão:** Evidente que a equipe de enfermagem, deve estar atento aos possíveis sinais e sintomas, sendo crucial estar por dentro das evidências científicas atuais sobre o manejo com HPP e sua capacitação para uma abordagem eficaz diante desses casos, visando fornecer uma assistência rápida e eficiente. É perceptível que a assistência de enfermagem à mulher é multifacetada, requerendo do enfermeiro uma atenção especial aos aspectos biopsicossociais de cada puérpera, além de estar adequadamente preparado para intervir para prevenir complicações que possam surgir durante uma situação HPP.

Palavras-chave: Hemorragia Pós-parto, Enfermagem, Gestação.



HISTERECTOMIA VIA VAGINAL X LAPAROSCÓPICA: INTERNAÇÕES, MÉDIA DE PERMANÊNCIA E ÓBITOS NO BRASIL DE 2018 A 2023

Laysa de Souza Maia¹; Camila Variani²; Celijane Almeida Silva³; Luiza Mattos Silvestri⁴; Gabriella Fioroto⁵; Giulia Chiavegato Locatelli⁶; Bruno Dias Queiroz⁷; Danielle de Souza Mometto⁸

Graduanda em Medicina pela Faculdades Integradas Aparício Carvalho - FIMCA, Jaru RO¹, Graduanda em Medicina pela Universidade Luterana do Brasil - ULBRA, Canoas RS²; Graduanda em Medicina pela - Centro Universitário Unifacisa - UNIFACISA, Campina Grande-PB³; Graduanda em Medicina pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo Faculdade de Ciências Médicas e da Saúde de Sorocaba- FCMS-PUCSP⁴; Graduanda em Medicina na Universidade de Araraquara-UNIARA, Araraquara SP.⁵; Graduanda em medicina da Universidade Nove de Julho (UNINOVE)-SP⁶; Graduando em Medicina na Escola Superior de Ciências da Santa Casa de Misericórdia de Vitória (EMESCAM)⁷; Médica pela Universidade Potiguar (UnP)⁸

laysamaia1503@gmail.com

Introdução: A histerectomia é uma cirurgia ginecológica frequente em mulheres, indicada para uma vasta quantidade de doenças do sistema genital feminino. Atualmente, há procedimentos via vaginal, laparotomia, laparoscopia e robótica, além de métodos combinados, sendo o minimamente invasivo ligado aos melhores desfechos. Para isso ocorrer, é necessário considerar todas as possibilidades disponíveis e o conhecimento das alternativas de tratamento pelo profissional da saúde. **Objetivo:** Comparar o número de internações, média de permanência e óbitos por histerectomia via vaginal e via laparoscópica no Brasil de 2018 a 2023. **Metodologia:** Estudo ecológico, com dados secundários obtidos no Departamento de Informática do Sistema Único de Saúde (DATASUS). Utilizou-se as variáveis: ano, número de internações e óbitos, média de permanência e taxa de mortalidade dos procedimentos histerectomia via vaginal (HVV) e videolaparoscópica (HVL) no Brasil no período de 2018 a 2023. **Resultados e Discussão:** No período estudado, houve 558.008 internações para histerectomia no Brasil, ocorrendo 41.928 (7,5%) HVV e 4.486 (0,8%) HVL. Notou-se queda significativa das técnicas entre 2020-2021, e aumento em 2022. HVV caiu novamente em 2023. A média de permanência após procedimento teve média global de 2,5 dias, HVV com 2,3 e HVL, 2,1. Houve diminuição progressiva dessa média ao passar dos anos. Ocorreu um total de 500 óbitos por histerectomia (0,09% da taxa de mortalidade), 21 deles por HVV (0,05%) entre 2018-2023 e 1 por HVL (0,02%) em 2019. Analisando os resultados, entendeu-se que a queda de 2020-2021 possivelmente decorreu da pandemia do Covid-19. Ademais, a queda progressiva da média de permanência provavelmente ocorreu devido avanços tecnológicos cirúrgicos e aprimoramentos dos cirurgiões, proporcionando melhores resultados. Houve também aumento na taxa de permanência de HVL, onde em 2022 apresentava 1,8 e 2023 apresentou 2,0, o que pode ter ocorrido devido a possível variação de números de internação, que também aumentaram de um ano para outro. **Conclusão:** A comparação sugere que há melhor desfecho pela via laparoscópica, considerando as variáveis abordadas no estudo. Entretanto, a via vaginal foi a abordagem preferida no período, oferecendo resultados semelhantes. A seleção cuidadosa do procedimento proporciona melhores resultados e redução da taxa de mortalidade. Este estudo possui limitações, pois não há abordagem qualitativa dos procedimentos, indicações específicas ou tipo de histerectomia realizada.

Palavras-chave: Histerectomia; Mulheres; Laparoscopia.

HOSPITALIZAÇÕES POR CLAMÍDIA TRANSMITIDA POR VIA SEXUAL NO NORDESTE BRASILEIRO: UMA ANÁLISE EPIDEMIOLÓGICA

Julia Maria do Carmo Viana¹; João Marcelo Quintella Mélo Ferreira²; Jacy Maria Quintella Mélo³.

Graduanda em medicina Pela Faculdade Pernambucana de Saúde¹, Graduando em medicina pela Universidade Católica de Pernambuco², Graduada em medicina pela Universidade Federal de Alagoas³.

✦ jubaviana23@gmail.com ✦

Introdução: A clamídia é uma infecção bacteriana sexualmente transmissível causada pela bactéria *Chlamydia trachomatis* que afeta o trato genital e outros sistemas. Os pacientes infectados pela bactéria normalmente têm sintomas inespecíficos, apresentando inflamação do sistema genital, dispareunia, além de corrimento vaginal e uretral. Devido a inespecificidade dos sintomas, poucos casos são diagnosticados, consequentemente poucos serão tratados, seja à nível ambulatorial ou à nível hospitalar. **Objetivo:** Elucidar o perfil epidemiológico das hospitalizações por clamídia no Nordeste brasileiro entre os anos de 2018 e 2023. **Metodologia:** Trata-se de um estudo epidemiológico quantitativo retrospectivo, sendo analisados os casos de hospitalização por clamídias transmitidas por via sexual no Nordeste brasileiro entre os anos de 2018 e 2023, sendo estes obtidos pelo Sistema de Informação Hospitalar (SIH) do Departamento de Informática do Sistema Único de Saúde (DATASUS) do Ministério da Saúde. **Resultados e discussão:** Após a análise dos dados, observou-se que foram notificados 165 casos de hospitalização por clamídia Nordeste, representando cerca de 39% dos casos totais do Brasil, embora a região tenha apenas 27% da população total do país, demonstrando uma maior incidência deste agravo na região. A maior parcela das internações foi de pacientes do sexo feminino (63,03%), sendo quase o dobro da parcela de internações do sexo masculino (36,97%), em consonância com estudos epidemiológicos que demonstram maior prevalência de clamídia em mulheres. Contudo, a faixa etária mais hospitalizada divergiu do perfil habitual de pacientes com clamídia, que são mulheres sexualmente ativas entre 15 e 24 anos, sendo, no Nordeste lactentes até 1 ano (16,96%) os mais hospitalizados, isso se deve pela falta de tratamento da gestante infectada no pré-natal, que aumenta o risco de contágio através do canal vaginal durante o parto, além dessa faixa etária ter uma evolução do quadro delongada e afebril, dificultando o diagnóstico precoce. Além disso, esta faixa etária pediátrica tem maior risco de formas pulmonares complicadas da doença nesta faixa etária pediátrica. **Conclusão:** Logo, foi possível concluir que o Nordeste registrou quase 2/3 dos casos de hospitalização por clamídia no Brasil, sendo o perfil de paciente mais prevalente crianças do sexo feminino menores que 1 ano de idade.

Palavras-chave: clamídia; hospitalização; Nordeste.

IMPACTO DA GESTÃO ADEQUADA NA REDUÇÃO DA MORTALIDADE MATERNA E NEONATAL

Jaine Joselaine de Souza Medeiros Dantas¹

Graduada em Serviço Social pela Universidade Potiguar, Especialista em Saúde Mental pela Faculdade Venda Nova do Imigrante, Técnica em Enfermagem pela Escola Técnica de Enfermagem Florence¹

✦
joselainejaine@gmail.com
✦

Introdução: A gestão eficaz na saúde materna e neonatal desempenha um papel crucial na redução da mortalidade desses grupos vulneráveis. A mortalidade materna e neonatal é um desafio global de saúde pública. Implementar práticas de gestão adequadas pode melhorar significativamente os resultados de saúde, garantindo a qualidade dos serviços e promovendo intervenções preventivas. A necessidade de abordagens coordenadas e integradas na gestão da saúde materna e neonatal é evidente, considerando a complexidade dos fatores que influenciam os resultados de saúde nesses contextos. **Objetivo:** Este estudo visa destacar o impacto da gestão adequada na redução da mortalidade materna e neonatal, fornecendo dados sobre estratégias eficazes e suas consequências para a saúde pública. Serão analisadas políticas de saúde, intervenções comunitárias, capacitação de profissionais, melhoria da infraestrutura e acesso equitativo aos serviços de saúde. O objetivo é identificar áreas prioritárias para intervenção e aprimoramento, visando a melhoria contínua dos resultados de saúde nessas populações vulneráveis. **Metodologia:** Foi realizada uma revisão da literatura, abrangendo estudos e intervenções relacionadas à gestão na saúde materna e neonatal. Foram analisados artigos científicos, relatórios de organizações internacionais de saúde e documentos governamentais. A busca foi realizada em bases de dados como LILACS, BVS, PubMed e Cochrane, considerando estudos publicados nos últimos dez anos. Os critérios de inclusão envolveram estudos que abordaram intervenções de gestão com resultados mensuráveis na redução da mortalidade materna e neonatal. A metodologia visou garantir uma abordagem abrangente e baseada em evidências na análise do papel da gestão na saúde materna e neonatal. **Resultados e Discussão:** Os resultados mostram que a gestão adequada na saúde materna e neonatal está associada a uma redução significativa na mortalidade materna e neonatal. Estratégias como a capacitação de profissionais de saúde, melhoria da infraestrutura e acesso equitativo aos serviços de saúde são elementos-chave para o sucesso. Além disso, a implementação de políticas de saúde eficazes, o monitoramento regular da qualidade dos serviços e a promoção da participação comunitária são cruciais para alcançar resultados sustentáveis. A discussão ressalta a importância de abordagens multifacetadas e colaborativas na gestão da saúde materna e neonatal, reconhecendo a interdependência entre diversos determinantes de saúde nesses contextos. **Conclusão:** A gestão adequada desempenha um papel fundamental na redução da mortalidade materna e neonatal, representando uma abordagem integral e holística para melhorar os resultados de saúde nesses grupos vulneráveis. Investir em práticas de gestão eficazes é essencial para alcançar os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável relacionados à saúde materna e neonatal e promover o bem-estar das mães e recém-nascidos em todo o mundo.

Palavras-chave: Gestão; Saúde Materna; Neonatal.



IMPACTO DA NUTRIÇÃO MATERNA SOBRE O DESENVOLVIMENTO FETAL

Isabella Maria da Cruz Oliveira¹; Adrielly da Silva Santos¹; Renata Emmanuele Assunção Santos²

Graduanda em nutrição pela Universidade Federal de Pernambuco¹, Docente do curso de nutrição da Universidade Federal de Pernambuco²

isabellamaria086@gmail.com

Introdução: Durante a gestação, o organismo da mulher passa por inúmeras mudanças, dentre as quais pode-se citar o aumento da demanda energética e nutricional. Se esta demanda não for suprida, ocorre uma disputa entre o feto e a mãe, consequentemente prejudicando o desenvolvimento fetal. Em situações de malnutrição, como desnutrição e obesidade, o organismo do feto se adapta com o objetivo de garantir a sua sobrevivência no ambiente intrauterino e como forma de preparação para o ambiente pós-natal adverso. Entretanto, estas adaptações podem resultar em um risco aumentado de doenças crônicas no futuro. **Objetivo:** Realizar uma revisão bibliográfica acerca do impacto da nutrição materna sobre o desenvolvimento fetal. **Metodologia:** A revisão foi elaborada a partir da análise de artigos disponíveis gratuitamente nas bases de dados Scielo, PubMed, Science Direct e Periódicos Capes, nos idiomas português e inglês, publicados nos últimos cinco anos (2019-2024). Utilizou-se como descritores: “nutrição materna/maternal nutrition” e “programação fetal/fetal programming”. Após a busca inicial, foram encontrados 1.471 trabalhos potencialmente relevantes, os quais foram submetidos aos critérios de inclusão e exclusão. Foram incluídos estudos que abordaram a relação entre a nutrição materna na saúde fetal e que investigaram os efeitos da programação metabólica fetal. Foram excluídos trabalhos fora do período mencionado, não gratuitos e que não se referiam a humanos. Dessa forma, sete trabalhos foram selecionados. **Resultados e Discussão:** Proposta em 1998 por Barker e Hales, a hipótese da programação metabólica fetal consiste em um processo adaptativo no qual fatores epigenéticos moldam o desenvolvimento fetal. Um exemplo é a obesidade materna, a qual afeta a transferência de nutrientes através da placenta, resultando no aumento do peso fetal e, consequentemente, elevando o risco de doenças crônicas no futuro. Por outro lado, a desnutrição ocasiona restrição do crescimento fetal devido à priorização do fluxo sanguíneo para o sistema nervoso central em detrimento de outros órgãos, além de reduzir a secreção e sensibilidade de hormônios do crescimento. As consequências incluem baixo peso ao nascer, alto risco de morbidade e mortalidade neonatal, e impactos a longo prazo. Durante o último trimestre gestacional ocorre a maior parte da formação das reservas nutricionais, destacando a importância de uma adequada ingestão nutricional materna. **Conclusão:** A nutrição materna possui papel fundamental no desenvolvimento fetal, pois uma alimentação equilibrada, ao contrário da má nutrição, contribui para a prevenção de doenças crônicas e promoção de uma vida saudável nas gerações futuras.

Palavras-chave: nutrição materna; desenvolvimento fetal; estado nutricional.



IMPACTO DA SÍFILIS GESTACIONAL NA INCIDÊNCIA DE PARTOS PREMATUROS NO BRASIL: UMA REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

Sara dos Santos Martins¹; Paulo Victor Nascimento Silva²; Douglas da Costa Siqueira²; Emilly Conceição Ribeiro²; Olga Vale Oliveira Machado³

Graduando em Medicina pelo Centro universitário Unichristus, Graduando em Medicina pela Universidade Federal do Maranhão², Docente do universitário Unichristus³

Saramartins_2009@hotmail.com

Introdução: a sífilis, uma infecção sexualmente transmissível causada por bactéria, é principalmente transmitida por contato sexual. Gestantes infectadas e sem tratamento adequado podem passar a infecção para o feto em qualquer fase da gestação, comumente intrauterina, mas também durante o parto vaginal se houver lesão ativa. No Brasil, a detecção de sífilis gestacional aumentou, significativamente, de 4,7% em 2011, para 27,1% em 2021. **Objetivo:** destacar as consequências da sífilis durante a gravidez para a incidência de partos prematuros no Brasil. **Metodologia:** a pesquisa é uma revisão bibliográfica realizada no PUBMED usando os descritores DeCS: “Sífilis”, “infecção” e “trabalho de parto prematuro”. Foram encontrados 14 artigos sobre a correlação entre sífilis gestacional e parto prematuro no Brasil. Excluíram-se estudos fora do período de 2014-2024, de acesso restrito, que não abordavam a implicação da sífilis para o parto prematuro em regiões brasileiras, e que tratavam apenas de métodos de triagem, fatores de risco e coinfeção. Restaram três artigos e um manual da Fundação Fiocruz, "SÍFILIS: DIAGNÓSTICO E TRATAMENTO NA GESTAÇÃO", para compor a revisão. **Resultados:** a sífilis durante a gravidez é capaz de provocar diversas consequências para o feto, entre elas o parto prematuro. Nas gestantes infectadas, foi observado desfecho como idade gestacional inferior a 36 semanas e peso ao nascer abaixo de 2500g. Aproximadamente, 25,9% das pacientes tiveram parto prematuro. Além disso, notou-se uma correlação entre parto prematuro e tratamento inadequado, com uma incidência de prematuridade de 27,9% nas gestantes não tratadas corretamente, comparado a 13,0% nas que receberam tratamento adequado. **Discussão:** o diagnóstico precoce e o tratamento adequado de gestantes e seus parceiros sexuais com sífilis durante o pré-natal, na Atenção Primária, são essenciais para reduzir a morbimortalidade associada à transmissão vertical, reduzindo complicações como a prematuridade. Contudo, no Brasil, muitas gestantes não recebem atendimento pré-natal adequado. No Distrito Federal, 52,6% das gestantes diagnosticadas com sífilis recebem atendimento pré-natal adequado, mas apenas 22% recebem tratamento adequado. Gestantes sem qualquer atendimento pré-natal provavelmente têm taxas de diagnóstico e tratamento ainda mais baixas, aumentando o risco de sífilis congênita. **Conclusão:** a sífilis gestacional está associada a uma alta incidência de partos prematuros, especialmente em gestantes sem tratamento adequado. Diagnóstico precoce e tratamento eficaz no pré-natal são essenciais para prevenir a transmissão vertical e a prematuridade. No entanto, muitas gestantes no Brasil não recebem o tratamento necessário, destacando a necessidade urgente de melhorias nos serviços de saúde pública.

Palavras-chave: sífilis; gestação; prematuridade



IMPACTO DA VACINAÇÃO CONTRA O HPV NA PREVENÇÃO DO CÂNCER DE COLO UTERINO: REVISÃO DE LITERATURA

Lívia Castro de Sá Lima¹; Ludmyla da Silva Freitas¹; Jéssica Fernandes Carvalho¹; Kauã Paulino dos Santos¹; Laís Netto Borges¹; Lara Pereira Tavares Cunha¹; Danillo Paulo da Silva Vitalino^{1, 2, 3, 4, 5, 6}

Graduanda(o) em Medicina pela Universidade Federal de Catalão - UFCat¹, Cirurgião-dentista graduado pelo Centro Universitário de Goiatuba - Unicerrado², Pedagogo graduado pelo Centro Universitário de Goiatuba³, Especialista em Docência do Ensino Superior e Metodologias Ativas de Aprendizado pela Faculdade Descomplica⁴, Especialista em Tecnologias Aplicadas à Educação pela Faculdade Descomplica⁵, Pós-graduando em Docência em Ciências da Saúde pela Faculdade Iguaçú⁶.

livia.lima@discente.ufcat.edu.br

Introdução: O câncer de colo uterino é uma das principais causas de morte entre mulheres em todo o mundo. A infecção persistente pelo papilomavírus humano (HPV) é a principal responsável pelo desenvolvimento desse tipo de câncer. A vacinação contra o HPV tem se mostrado uma estratégia eficaz na prevenção da infecção e, conseqüentemente, do câncer de colo uterino. **Objetivo:** O objetivo deste estudo é analisar o impacto da vacinação contra o HPV na prevenção do câncer de colo uterino, avaliando a eficácia e a importância das campanhas de vacinação. **Metodologia:** A pesquisa foi realizada por meio de uma revisão bibliográfica utilizando bases de dados especializadas em saúde, como PubMed, Scielo e Medline. Inicialmente, foram encontrados 350 artigos relacionados ao tema. Após a aplicação dos critérios de inclusão (artigos publicados nos últimos 3 anos, estudos sobre a eficácia da vacina, revisões sistemáticas e metanálises) e exclusão (estudos duplicados, artigos em línguas não dominadas pelo pesquisador e estudos com metodologia questionável), foram selecionados 25 artigos para análise detalhada. **Resultados e Discussão:** Os estudos analisados demonstram uma redução significativa na incidência de infecções pelo HPV e lesões pré-cancerosas em populações vacinadas. A vacina quadrivalente e a nonavalente mostraram-se altamente eficazes na prevenção das infecções pelos tipos de HPV mais associados ao câncer de colo uterino. Além disso, a implementação de programas de vacinação em larga escala em diversos países resultou em uma diminuição na prevalência das infecções por HPV e das lesões cervicais de alto grau. A vacinação é mais eficaz quando administrada antes do início da atividade sexual, o que justifica a recomendação de vacinar pré-adolescentes. No entanto, a cobertura vacinal ainda enfrenta desafios, como a hesitação vacinal e o acesso desigual à vacina em diferentes regiões do mundo. **Considerações Finais:** A vacinação contra o HPV desempenha um papel crucial na prevenção do câncer de colo uterino. A eficácia comprovada das vacinas e os resultados positivos em países com programas de vacinação bem estabelecidos reforçam a importância de ampliar a cobertura vacinal globalmente. Esforços contínuos são necessários para superar as barreiras à vacinação e garantir que mais mulheres tenham acesso a essa importante medida preventiva. Investir em educação e campanhas de conscientização pode aumentar a aceitação e adesão à vacinação, contribuindo para a redução da incidência do câncer de colo uterino no futuro.

Palavras-chave: Neoplasias do colo do útero; Papillomavirus humano; vacinação.



IMPACTO DAS TÉCNICAS DE REPRODUÇÃO ASSISTIDA NA SAÚDE MATERNA E NEONATAL: UMA REVISÃO ATUALIZADA

Jéssica Fernandes Carvalho¹; Kauã Paulino dos Santos¹; Laís Netto Borges¹; Lara Pereira Tavares Cunha¹; Lívia Castro de Sá Lima¹; Ludmyla da Silva Freitas¹; Danillo Paulo da Silva Vitalino^{1, 2, 3, 4, 5, 6}

Graduanda(o) em Medicina pela Universidade Federal de Catalão - UFCat¹, Cirurgião-dentista graduado pelo Centro Universitário de Goiatuba - Unicerrado², Pedagogo graduado pelo Centro Universitário de Goiatuba³, Especialista em Docência do Ensino Superior e Metodologias Ativas de Aprendizado pela Faculdade Descomplica⁴, Especialista em Tecnologias Aplicadas à Educação pela Faculdade Descomplica⁵, Pós-graduando em Docência em Ciências da Saúde pela Faculdade Iguacu⁶.

jefernandesc@hotmail.com

Introdução: As técnicas de reprodução assistida (TRA) têm sido amplamente utilizadas para tratar a infertilidade e possibilitar a gestação para muitas famílias. No entanto, é crucial compreender o impacto dessas técnicas na saúde materna e neonatal. Este resumo visa apresentar um panorama das evidências científicas atuais sobre esse tema, analisando as principais complicações e benefícios associados às TRA. **Objetivo:** O objetivo deste resumo é avaliar e discutir os impactos das técnicas de reprodução assistida na saúde de mães e recém-nascidos. Pretende-se identificar as complicações mais comuns, as condições que podem afetar a saúde materna e neonatal, e as medidas que podem ser adotadas para mitigar riscos. **Metodologia:** A pesquisa foi realizada em bases de dados científicas, incluindo PubMed, Scielo, Cochrane Library e Embase. Inicialmente, foram identificados 500 artigos relacionados ao tema. Após a aplicação dos critérios de inclusão e exclusão, 50 artigos foram selecionados para análise detalhada. Critérios de Inclusão: Estudos publicados a partir de 2022, artigos revisados por pares, estudos que abordam a saúde materna e neonatal associada às TRA, e publicações em inglês, português ou espanhol. Critérios de Exclusão: Estudos duplicados, artigos de revisão sem dados empíricos, estudos com amostras menores que 50 participantes, e artigos que não abordam diretamente a saúde materna ou neonatal. **Resultados e Discussão:** A análise dos 50 artigos selecionados revelou que as técnicas de reprodução assistida estão associadas a um aumento das taxas de complicações maternas, como hipertensão gestacional e parto prematuro, bem como a complicações neonatais, incluindo baixo peso ao nascer e prematuridade. No entanto, também foram observados avanços significativos na segurança das técnicas ao longo dos anos, com melhorias nos protocolos clínicos e maior conscientização dos profissionais de saúde sobre os riscos e medidas preventivas. Além disso, os estudos indicam que a saúde materna é influenciada por fatores como a idade da mãe, o número de embriões transferidos e o histórico de saúde reprodutiva. Medidas como a transferência de embrião único e a seleção criteriosa dos candidatos para TRA são recomendadas para minimizar riscos. **Considerações Finais:** Conclui-se que, embora as TRA ofereçam uma solução valiosa para a infertilidade, elas não estão isentas de riscos à saúde materna e neonatal. É fundamental que os profissionais de saúde estejam bem informados sobre os possíveis impactos e trabalhem para implementar práticas seguras que minimizem esses riscos.

Palavras-chave: Técnicas de reprodução assistida; saúde materna; saúde neonatal.

IMPACTO DO CONSUMO DE ÁLCOOL NA GRAVIDEZ: ESTRATÉGIAS PARA SAÚDE MATERNO-FETAL

Yasmin Thalita Oliveira do Nascimento¹; Maria Isabel Ferreira de Lima²; Rafaela Coelho da Silva³; Ana Paula Martins de Oliveira⁴

Estudante de enfermagem pela Faculdade São Miguel¹, Estudante de enfermagem pela Faculdade São Miguel², Estudante de enfermagem pela Faculdade São Miguel³, Cirurgiã-dentista pela Universidade de Pernambuco⁴

thalitay299@gmail.com

Introdução: O consumo de álcool durante a gravidez é uma preocupação significativa em termos de saúde pública, tendo em vista os danos potenciais na saúde física tanto da mãe quanto do feto em desenvolvimento. Quando uma mulher grávida ingere álcool, essa substância atravessa a barreira placentária, expondo diretamente o feto aos seus efeitos nocivos. Isso pode resultar em danos irreversíveis ao desenvolvimento fetal, incluindo complicações graves como a Síndrome Alcoólica Fetal (SAF), afetando não só a saúde física, mas também a cognitiva e comportamental do bebê. **Objetivo:** Este estudo visa compreender o impacto abrangente do consumo de álcool durante a gravidez na saúde tanto da mãe quanto do feto. Além disso, procura identificar estratégias eficazes para prevenir e mitigar esses danos, visando promover a saúde e o bem-estar de gestantes e seus filhos. **Metodologia:** Este estudo seguirá uma abordagem documental qualitativa, utilizando revisão bibliográfica e análise de dados secundários para investigar as estratégias destinadas a mitigar os impactos do consumo de álcool durante a gravidez. Serão examinadas evidências científicas, diretrizes de saúde pública e relatórios de organizações especializadas, a fim de fornecer uma compreensão aprofundada do problema e identificar intervenções eficazes. **Resultados e Discussões:** A análise dos estudos revelou uma preocupante incidência de consumo de álcool por mulheres grávidas, apesar dos riscos amplamente conhecidos. A literatura científica destacou os efeitos danosos do álcool no desenvolvimento fetal, incluindo o aumento do risco de complicações graves, como a SAF. Esses resultados reforçam a urgência de implementar estratégias eficazes de prevenção e conscientização, que devem envolver ações coordenadas entre diferentes setores, como educação pública, políticas de saúde e intervenções multidisciplinares de modo a adotar ações precaucionais e de mediação, como a conscientização e apoio para gestantes com problemas alcóolicos. **Considerações Finais:** O consumo de álcool durante a gravidez representa uma séria ameaça à saúde da mãe e do feto, com potencial para causar danos irreparáveis. É crucial implementar medidas preventivas e de intervenção, incluindo campanhas de conscientização e acesso a suporte para gestantes com problemas relacionados ao álcool. Além disso, é fundamental investir em pesquisa e tratamentos eficazes para mulheres que enfrentam o vício durante a gravidez. Somente por meio de um esforço conjunto de governos, profissionais de saúde e comunidades, podemos garantir um ambiente saudável para todas as gestantes e seus bebês.

Palavras-chave: álcool; gravidez; saúde.



IMPACTO PSICOSSOCIAL DA PUBERDADE PRECOCE: UMA ANÁLISE CRÍTICA DA LITERATURA

Gabriela Paula Mohr¹; Isabelli Corrêa Girelli¹; Camile Moraes Haeffner¹; Laísa Adams Simon¹; Nicole Strassburger¹; Sophia Scholz Boelter¹; Victoria Staudt Zamboni¹; Dennis Baroni da Cruz²;

Graduando em Medicina pela Universidade de Santa Cruz do Sul¹, Docente em Medicina pela Universidade de Santa Cruz do Sul²

✦
✦
gabrielamohr03@gmail.com

Introdução: A puberdade precoce caracteriza-se pelo início antecipado do desenvolvimento sexual e físico, ocorrendo antes dos 8 anos nas meninas e antes dos 9 anos nos meninos. A condição mais frequentemente observada é a puberdade precoce central (PPC), que resulta da ativação precoce do eixo hipotálamo-hipófise-gonadal. No entanto, outras causas incluem disfunções nos ovários, testículos ou glândulas supra-renais, além da presença de tumores no hipotálamo ou tumores produtores de gonadotrofina coriônica humana. As crianças que passam por essa condição podem encontrar dificuldades significativas em se ajustar às rápidas mudanças hormonais e físicas, frequentemente sentindo-se desconfortáveis e estranhas em relação ao próprio corpo. Esses desafios podem levar a consequências psicossociais importantes, como problemas emocionais e comportamentais que impactam negativamente a interação social e o bem-estar geral das crianças afetadas. **Objetivos:** Analisar de forma crítica o efeito da puberdade precoce dos jovens nas relações sociais. **Métodos:** Revisão de literatura mediante busca exploratória na plataforma Periódicos Capes, Bvs e PubMed, com os descritores "Psychosocial Impact" e "Precocious Puberty", presentes no DeCS/MeSH. Foram eleitas publicações entre 2019 e 2024, todas em língua inglesa, excluindo aquelas que não atenderam ao objetivo e ao conteúdo. **Resultados:** Com o estudo, foi possível evidenciar que crianças com PPC experimentam uma carga de doença substancial, com um impacto negativo significativo na qualidade de vida, incluindo o funcionamento emocional, social e físico, já que as mudanças físicas da puberdade podem causar sentimentos de vergonha, constrangimento, frustração, insegurança ou medo; esses sentimentos aumentam o isolamento e o afastamento social, interferindo nas relações entre pares e familiares. Outro efeito psicossocial da PPC é a sexualização precoce, a qual pode aumentar o risco de comportamentos sexuais de risco, como o início precoce da atividade sexual e o uso de contraceptivos inadequados. Observou-se também que o impacto do tratamento com análogo do hormônio liberador de gonadotrofina no peso e na composição corporal da criança, o que pode acarretar na obesidade. **Conclusão:** Portanto, é crucial discutir esse tema, pois a puberdade precoce está associada a diversos problemas emocionais e comportamentais. As relações interpessoais e o ambiente social dos jovens desempenham um papel vital no seu desenvolvimento, muitas vezes acelerando a transição para a adolescência. A sexualização precoce exige uma reflexão profunda sobre seu impacto na vida social e no desenvolvimento psicossocial dos jovens, uma vez que pode levar a baixa autoestima e aumentar o risco de transtornos psíquicos.

Palavras-chave: Impacto Social; Puberdade Precoce; Saúde da Mulher.

IMPACTOS DA EPISIOTOMIA NA SAÚDE NO PERÍODO PUERPÉRIO: REVISÃO DE LITERATURA RECENTE

Kauã Paulino dos Santos¹; Laís Netto Borges¹; Lara Pereira Tavares Cunha¹; Lívia Castro de Sá Lima¹; Ludmyla da Silva Freitas¹; Jéssica Fernandes Carvalho¹; Danillo Paulo da Silva Vitalino^{1,2,3,4,5,6}

Graduando(a) em Medicina pela Universidade Federal de Catalão - UFCat¹, Cirurgião-dentista graduado pelo Centro Universitário de Goiatuba - Unicerrado², Pedagogo graduado pelo Centro Universitário de Goiatuba³, Especialista em Docência do Ensino Superior e Metodologias Ativas de Aprendizado pela Faculdade Descomplica⁴, Especialista em Tecnologias Aplicadas à Educação pela Faculdade Descomplica⁵, Pós-graduando em Docência em Ciências da Saúde pela Faculdade Iguaçú⁶.

kauapaulinodossantos@gmail.com

Introdução: A episiotomia é um procedimento cirúrgico recorrente (com índices altos, os quais contrariam as diretrizes estabelecidas pela OMS), no qual é feita uma incisão controlada (medial ou lateral) no períneo, a fim de evitar traumas perineais, sofrimento fetal e facilitar o parto. Dessa forma, a discussão voltada para as consequências deste ato é fundamental, principalmente por se tratar de uma cirurgia mais frequente do que o recomendado e ser executada, muitas vezes, sem consentimento ou explicação prévia. **Objetivo:** Este estudo tem o intuito de apontar e analisar os impactos físicos, psicológicos e sexuais da episiotomia na saúde em período de recuperação pós-parto. **Metodologia:** Foram revisados artigos científicos publicados entre 2019 e 2024, disponíveis em bases de dados como SciELO, Biblioteca Virtual em Saúde, Scopus e PubMed, utilizando os descritores "episiotomia" e "puerpério". Inicialmente, foram encontrados 61 artigos. Posteriormente, foi feita a aplicação de critérios de inclusão que selecionassem artigos que apresentassem estudos sobre a episiotomia no âmbito de riscos, de estatísticas, de consequências e de possíveis cuidados, mas também critérios que excluíssem textos completos indisponíveis, com pouca relação com o período puerpério e revisões não sistemáticas. Assim, 22 artigos foram separados para a escrita dessa revisão. **Resultados e Discussões:** A revisão de literatura destaca a frequência preocupante de puérperas não informadas antes, durante ou depois do procedimento (também sem o pedido de consentimento), colaborando para a desinformação. Em relação às limitações físicas, pacientes submetidas ao procedimento apresentavam dor superior nas primeiras 24 horas após o parto do que aquelas com períneo íntegro ou com lacerações de primeiro ou segundo grau. Além disso, houve dificuldade com atividades cotidianas, como evacuar, dormir, sentir apetite, realizar higiene íntima e amamentar. Outrossim, estudos revelam que a episiotomia causa a maior vulnerabilidade do períneo em um parto futuro. Já a respeito das consequências psicológicas e sexuais, mulheres submetidas à tal procedimento demonstravam uma menor autoestima corporal e sexual do que aquelas sem a incisão, por conta da dispareunia (dor genital que ocorre durante a relação sexual), mesmo depois de 3 meses após o parto, ou ter a impressão de que a vagina estivesse "alargada" após o corte (podendo ser atrelada a uma imposição de padrões sociais de beleza), assim reduzindo a atividade sexual. **Considerações Finais:** Os artigos revisados revelam o cenário de desinformação sobre a episiotomia pelas gestantes, mas também malefícios para a vida cotidiana da puérpera como dor e baixa autoestima.

Palavras-chave: episiotomia; puerpério; gestante.

IMPACTOS DA MASTECTOMIA NA SEXUALIDADE E SAÚDE MENTAL DA MULHER: UMA ABORDAGEM ACADÊMICA

Lorena de Souza Coutinho¹; Millena Sobral Ferreira Miranda de Freitas¹; Jenyfer Santana Alves do Nascimento¹; Abilene do Nascimento Gouvêa²

Graduanda em Enfermagem pela Universidade Veiga de Almeida¹, Doutora em Ciências Médicas pela Universidade Estadual do Estado do Rio de Janeiro²

lorycouthino22@gmail.com

Introdução Segundo dados do Sistema de Informação do Câncer de Mama (SISMAMA), o câncer de mama é uma das neoplasias mais incidentes na população feminina, acometendo 36.373 mulheres brasileiras em 2023. A mastectomia, ou cirurgia de remoção da mama, é um dos tratamentos utilizados para combater esse tipo de neoplasia, desencadeando uma gama complexa de emoções tanto no âmbito social quanto no emocional e familiar da mulher submetida ao procedimento. Diante disso, surge a necessidade de analisar os impactos que abrangem a saúde mental, sobretudo a sexualidade da mulher mastectomizada. **Objetivo** Traçamos como objetivo geral analisar os sentimentos vivenciados por mulheres submetidas à mastectomia, especialmente no que se refere à sua sexualidade. O objetivo específico consiste em explorar como a mastectomia influencia a percepção da sexualidade feminina, analisando os sentimentos, preocupações e desafios enfrentados pelas mulheres após o procedimento cirúrgico. **Metodologia** Trata-se de uma revisão narrativa de literatura abrangente a cerca das repercussões da mastectomia nas esferas pessoal, social e familiar para a mulher mastectomizada: uma revisão relevante sobre o tema. A análise crítica dos dados coletados permitiu a construção de um panorama sobre essa temática. **Discussão** O diagnóstico de câncer de mama, por si só, gera apreensão e medo nas mulheres. Quando submetidas à mastectomia, as cicatrizes, a perda ou deformidade da mama e o impacto na autoimagem configuram-se como desafios relevantes, afetando a percepção de feminilidade e atratividade. Essa percepção alterada pode levar ao retraimento social e à inibição da expressão da sexualidade, decorrente da baixa autoestima e do desequilíbrio psicológico. A sexualidade feminina, intimamente ligada à autoestima e à autoimagem, sofre considerável influência da mastectomia. A imposição de padrões estéticos rígidos e a associação da feminilidade à presença das mamas intensificam os desafios enfrentados pelas pacientes. Essa realidade exige uma abordagem holística no cuidado, que englobe os aspectos físicos, emocionais e psicossociais do tratamento. **Conclusão** A mastectomia representa um evento traumático para muitas mulheres, afetando profundamente sua sexualidade e saúde mental. É crucial o desenvolvimento de medidas de apoio psicológico e social que auxiliem as pacientes na reconstrução da autoestima, na redefinição da identidade corporal e na ressignificação da sexualidade após o procedimento cirúrgico. A promoção de uma visão mais abrangente da feminilidade, livre de estereótipos e padrões estéticos inalcançáveis, também se configura como um elemento essencial para o bem-estar das mulheres que enfrentam o câncer de mama.

Palavras-chave: mastectomia; sexualidade; saúde mental.



**IMPACTOS DA NUTRIÇÃO ADEQUADA EM GESTANTES COM DIABETES
GESTACIONAL: UMA REVISÃO INTEGRATIVA DE 2014 A 2023**

Emilly Conceição Ribeiro¹; Douglas da Costa Siqueira¹; Paulo Victor Nascimento Silva¹; Sara dos Santos Martins²; Sueli de Souza Costa³.

¹Graduando em Medicina pela Universidade Federal do Maranhão. ²Graduando em Medicina pelo Centro Universitário Unichristus. ³Docente em Medicina pela Universidade Federal do Maranhão.

ec.ribeiro@discente.ufma.br

Introdução: A Diabetes Mellitus Gestacional (DMG) é a hiperglicemia vista pela primeira vez na gravidez, devido ao déficit insulínico pela menor síntese pancreática, liberação insuficiente ou resistência à insulina. No mundo, 83,6% dos casos de hiperglicemia nessa fase devem-se à DMG e a prevalência dessa doença é cerca de 18% no Brasil. Uma alimentação correta é ideal para minimizar as alterações patológicas dessa comorbidade. **Objetivo:** Assim, esse trabalho objetiva analisar os impactos da dieta adequada em parturientes com DMG. **Metodologia:** Trata-se uma revisão de literatura integrativa, cujas publicações, entre 2014 e 2023, foram obtidas do Scientific Electronic Library Online e Biblioteca Virtual em Saúde no idioma português, usando o Diagrama de Flow para responder à pergunta norteadora: “Quais são os impactos da nutrição adequada em gestantes com diabetes gestacional?”. **Resultados e Discussão:** Foram estudados seis artigos no período citado e verificou-se que a redução da obesidade é o impacto mais comentado; o decréscimo do risco cardiovascular (RCV) foi mencionado duas vezes; dois artigos relataram a redução de complicações neonatais; enquanto que melhora do humor e prevenção de cesáreas foram discutidos uma vez. A maior adesão às orientações nutricionais representa menor chance de sobrepeso, além do aporte de macro e micronutrientes necessários para a nutrição materno-fetal, ganho ponderal adequado, controle metabólico e redução de corpos cetônicos. Os RCV são representados por hipertensão arterial gestacional e mudança do perfil lipídico, que são suprimidos com a dieta adequada. Outro impacto benéfico é a redução do risco de prematuridade fetal e de bebês grandes para idade gestacional. Uma alimentação balanceada contribui para supressão de sintomas depressivos, ansiedade e frustração. Por fim, a sujeição a cesarianas pode ser evitada caso haja o controle nutricional da gestante com DMG. **Considerações Finais:** A nutrição adequada impacta positivamente no controle do peso, RCV, riscos neonatais, humor e na redução de cesáreas em mães com DMG. Por isso, é essencial um acompanhamento multidisciplinar no pré-natal para melhor avaliação e acompanhamento dessa doença; assistência nutricional que contribua para a redução das possíveis complicações gestacionais; e ação conjunta dos profissionais da saúde para a disseminação de informação e combate às deficiências dietéticas.

Palavras-chave: nutrição na gravidez; nutrição pré-natal; saúde pública.

IMPACTOS DAS INFECÇÕES SEXUALMENTE TRANSMISSÍVEIS NA GESTAÇÃO

Francisca Maria Lopes dos Santos¹; Antônia Evanilde de Sousa¹; Camila Rodrigues da Silva Santos¹; Emilia dos Santos Soares¹; Suderley Alves Cartaxo¹; Quézia Santos Cordeiro de Sousa Barbosa¹; Wesley Alves da Silva¹; Kaliny Vieira dos Santos Alves Pereira²

Graduandos em enfermagem pela Universidade Pitágoras Unopar Anhanguera¹, Mestranda em Saúde e Comunidade pela Universidade Federal do Piauí²

E-mail: fl3101359@gmail.com

Introdução: A gestação é considerada uma fase importante na vida da mulher, sendo marcada por transformações fisiológicas que exigem uma reestruturação e reorganização para este novo ciclo. Além disso, o início precoce da vida sexual está cada vez mais comum e muitas vezes ocorre de forma desprotegida levando a um número significativo de gravidez não planejada e aumento de infecções sexualmente transmissíveis (IST's) na gestação. As IST's representam um grande problema de saúde pública, podendo causar impactos significativos no contexto familiar e social da mulher, além de serem fator de risco para mortalidade materna e infantil. **Objetivo:** Descrever os principais impactos das infecções sexualmente transmissíveis na gestação. **Metodologia:** Trata-se de uma revisão integrativa da literatura onde foram utilizados artigos publicados na base eletrônica LILACS e na biblioteca da SciELO nos períodos de 2019 a 2024. Quando inseridas as palavras-chave: infecções sexualmente transmissíveis, gravidez e complicações foram encontradas 19 artigos, onde foram incluídos os artigos que destacavam as principais complicações causadas pelas IST's na gestação, sendo excluídos os trabalhos duplicados e os que não tinham nenhuma relação com a temática, resultando em seis artigos científicos que foram avaliados na íntegra e utilizados na construção deste trabalho. **Resultados e Discussão:** A gravidez faz parte do ciclo de vida da mulher e durante este processo, é importante que os cuidados sejam direcionados para o binômio mãe/filho, pois se tratando de IST's, existem riscos durante a gestação, parto e puerpério. As complicações obstétricas mais comuns são vulvovaginite e cervicite em até 80% dos casos, doença inflamatória pélvica (DIP) que pode surgir através de uma infecção prolongada e não tratada podendo resultar em esterilidade, gravidez ectópica e dor pélvica. Dentre as principais complicações neonatais destacam-se abortamento, prematuridade, baixo peso ao nascer, cegueira, deformidades congênitas, problemas neurológicos e de desenvolvimento e óbito. Vale ressaltar que essas complicações estão relacionadas ao não tratamento ou tratamento tardio, portanto, é importante que durante o período gestacional a mulher seja acompanhada com consultas de pré-natal para evitar riscos e complicações durante a gravidez. **Conclusão:** Diante do exposto, destaca-se a importância da equipe multiprofissional de saúde no diagnóstico precoce e na realização de ações educativas com as gestantes e seus parceiros, que devem receber orientações sobre as complicações causadas pelas IST's e práticas preventivas visando promover uma melhor assistência nas consultas de pré-natal com intervenções adequadas para prevenir as complicações causadas por essas infecções no período gestacional.

Palavras-chave: Infecções sexualmente transmissíveis; Gravidez; Complicações.



IMPACTOS NA QUALIDADE DE VIDA DA MULHER DIANTE O CLIMATÉRIO

Mayana Aquino Correia de Lima¹; Fernanda Rodrigues Avelar¹; Jorge Luiz da Silva Segundo²;
Lohana Maylane Aquino Correia de Lima³.

Graduando em Medicina pela Universidade Federal de Pernambuco¹; Graduando em Medicina pela
Universidade Católica de Pernambuco²; Professora substituta; Doutoranda em Clínica Integrada -
Universidade Federal de Pernambuco³.

✦ ✦
mayana.aquino.c.lima@gmail.com

Introdução: No início do século XX, a saúde voltada para a mulher era delimitada à gestação e parto, em 1994 o Ministério da Saúde criou a Norma de Assistência ao Climatério, sendo criado em 2004 o Plano Nacional de Atenção Integral à Saúde da Mulher, evidenciando a negligência histórica à saúde dessa população. **Objetivo:** Analisar os impactos na Qualidade de Vida (QV) de mulheres que estão no climatério no Brasil. **Metodologia:** O trabalho refere-se a uma revisão integrativa, sendo feita a busca nas plataformas: SciELO, PubMed e BVS. Utilizou-se os seguintes Descritores em Ciências da Saúde: “Saúde Mental”, “Climatério”, “Assistência Integral à Saúde” com operador booleano AND. Os critérios de inclusão foram artigos publicados em português ou inglês e de exclusão textos incompletos gratuitos e fora da restrição temporal dos últimos cinco anos. Foram encontrados 27 artigos resultando em seis artigos triados para o estudo. **Resultados e discussão:** O Climatério, geralmente começa aos 45 anos, pode ser assintomático ou sintomático, podendo impactar negativamente na qualidade de vida. Os sintomas vasomotores são a principal queixa, com sensação repentina de calor em região de face, tórax e pescoço de duração entre três a quatro minutos, acompanhada, geralmente, de elevação de frequência cardíaca, sudorese e vasodilatação periférica. Porém, quando esses sintomas ocorrem no horário da madrugada resultam, normalmente, em insônia que impactam na QV e muitas mulheres sentem constrangimento social por causa dos sintomas vasomotores que podem ocorrer várias vezes ao longo do dia. O climatério é uma fase delicada para inúmeras mulheres, que pode desencadear sintomas psicológicos, mudanças de humor, alterações sexuais, insônia, ansiedade, depressão e irritabilidade. As dificuldades sexuais incluem mudanças no desejo, excitação, lubrificação e no orgasmo, afetando a relação consigo e com o parceiro. Dentro da Atenção Primária à Saúde (APS), no Brasil, o climatério é pouco discutido, impactando na QV em domínio físico, psíquico e social, porém muitas sofrem sem acesso a um tratamento. **Conclusão:** Por isso, é crucial, mais debates nos meios de comunicação e na APS sobre o climatério, a fim de que as mulheres que apresentam sintomas tenham acesso ao tratamento. Além de ser divulgado que o climatério não é uma doença, mas sim uma fase natural do ciclo de vida das mulheres. Assim o impacto na QV será amenizado.

Palavras-chave: saúde mental; climatério; qualidade de vida.

IMPLEMENTAÇÃO DA SISTEMATIZAÇÃO DA ASSISTÊNCIA DE ENFERMAGEM NO CENTRO CIRÚRGICO OBSTÉTRICO: RELATO DE EXPERIÊNCIA

Glenda Costa Lopes¹; Matheus da Silva Maciel¹;

Graduado em Enfermagem pelo Centro Universitário Fametro¹, Graduado em Enfermagem pelo Centro Universitário Fametro¹

Vasconcelosglenda2@gmail.com

Introdução: A Sistematização da Assistência de Enfermagem (SAE) possui cinco etapas interrelacionadas que fundamentam um cuidado individualizado as gestantes, divididas em: Histórico de Enfermagem, diagnóstico de Enfermagem, planejamento, implementação e avaliação, deve ser utilizada em todos os ambientes em que haja assistência de Enfermagem, sendo privativa do Enfermeiro. Existem algumas gestações com condições clínicas que indiquem cesariana. **Objetivo:** Relatar a experiência atuando como Enfermeira voluntária sobre 1 dos 10 plantões de 12 horas no período de janeiro de 2023, atuando dentro do setor Centro Cirúrgico Obstétrico não Covid (CCO) em uma maternidade na cidade de Manaus. **Metodologia:** Trata-se de estudo do tipo relato de experiência, na Maternidade Ana Braga, situada na cidade de Manaus-Amazonas. **Resultados e Discussões:** Na passagem de plantão verificou-se que a maternidade possuía tanto o sistema de prontuário eletrônico do paciente quanto impresso, mas ao acessar o prontuário de ambos os modelos, verificou-se fragmentações na implementação da Sistematização da Assistência de Enfermagem ou falhas. O Enfermeiro possui algumas atribuições como: organização do setor, verificação da disponibilidade de material, organização das salas de operação, responsável pela continuidade da humanização e a garantia da continuidade do direito ao acompanhante, além de chamar a equipe médica para realização do procedimento. A sobrecarga de trabalho e a superlotação na sala de recuperação pós anestésica (SRPA), para colocar puérperas advindas do centro cirúrgico obstétrico impacta negativamente no implementação da SAE e do Processo de Enfermagem, visto que, parturientes de diversos setores com indicativos de cesariana precisam de uma sala operatória com urgência, sendo assim, o Enfermeiro possuía pouco tempo no período perioperatório entre o intervalo de um cirurgia para outra, para implementar de forma individualizada e completa a SAE juntamente com o Processo de Enfermagem. A Sistematização da Assistência de Enfermagem (SAE), busca trazer uma comunicação universal e de forma documentada, contribuindo para a integralidade na assistência prestada as parturientes. Devido à grande demanda de pacientes que precisavam ser encaminhadas a sala de operação, sobrecarga de trabalho, superlotação ou a ferramenta de trabalho insuficiente, ocorreu falhas na aplicação da SAE. **Considerações Finais:** O uso da sistematização da assistência de enfermagem dentro do centro cirúrgico obstétrico garante a segurança do paciente, uma precisão de dados e integralidade do cuidado.

Palavras-chave: Processo de Enfermagem; centro cirúrgico; gravidez.



IMPORTÂNCIA DA ATIVIDADE CURRICULAR DE EMPREENDEDORISMO EM ENFERMAGEM NUMA UNIVERSIDADE FEDERAL: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA

Isa Valesca dos Santos Coelho¹; Larissa Barbosa Moreira¹; Samara Rebeca Silva de Miranda¹; Olivana do Socorro Miranda Tavares¹; Edivinny Caroline Barbosa de Freitas².

Graduanda em Enfermagem pela Universidade Federal do Pará¹, Enfermeira pela Universidade Paulista².

✦ ✦
enf.isavalesca@gmail.com

INTRODUÇÃO: A formação em Enfermagem tem se expandido para incluir competências além das clínicas, abrangendo também habilidades empreendedoras. O empreendedorismo capacita os estudantes a inovar e liderar no contexto da saúde, elevando a profissão a novos patamares. Este relato de experiência destaca a inclusão da disciplina de Empreendedorismo e Inovação em Saúde no Projeto Político Pedagógico do Curso de Enfermagem da Universidade Federal do Pará, bem como seu impacto na formação dos discentes. **OBJETIVOS:** O presente estudo tem como objetivo apresentar a experiência de introdução da disciplina de Empreendedorismo e Inovação em Saúde no curso de Enfermagem, evidenciando a importância dessa abordagem no currículo acadêmico. Além disso, busca-se destacar os benefícios percebidos pelos estudantes no desenvolvimento de habilidades empreendedoras. **METODOLOGIA:** Trata-se de um estudo descritivo do tipo relato de experiência, realizado por acadêmicas de Enfermagem da Universidade Federal do Pará, onde a disciplina de Empreendedorismo em Enfermagem foi inserida ao currículo do curso de graduação em Enfermagem. Durante o semestre letivo, as estudantes participaram de aulas teóricas, discussões em grupo, seminários e atividades práticas, como a elaboração de projetos e protótipos relacionados ao empreendedorismo na área da saúde. **RESULTADOS E DISCUSSÃO:** Os resultados indicaram que a inclusão da disciplina proporcionou aos estudantes uma compreensão mais ampla das oportunidades no papel do enfermeiro dentro do campo da saúde, além do convencional. A disciplina fomentou a criatividade, a capacidade de resolução de problemas e a liderança. Os discentes relataram maior confiança para explorar iniciativas empreendedoras, tais como a criação de projetos comunitários, iniciativas empreendedoras no próprio local de trabalho e a participação em ações inovadoras de saúde, além da fundação de possíveis empresas feitas pelos discentes. A experiência demonstrou que os estudantes se sentiram mais preparados para desenvolver e implementar soluções inovadoras que atendam às necessidades da comunidade e do sistema de saúde. **CONCLUSÃO:** A inclusão da disciplina de Empreendedorismo e Inovação em Saúde no curso de Enfermagem desempenha um papel fundamental na preparação dos estudantes para enfrentar os desafios em constante evolução na área da saúde. A capacidade de empreender e inovar contribui para uma atuação mais proativa e eficaz dos enfermeiros, impulsionando a qualidade do cuidado, o progresso da profissão e a ampliação do campo de atuação. Essa abordagem curricular permite que os futuros enfermeiros não apenas respondam às demandas do setor, mas também liderem mudanças, promovendo melhorias significativas nos serviços de saúde.

Palavras-chave: enfermagem; empreendedorismo; papel do profissional de enfermagem.

IMPORTÂNCIA DA VIGILÂNCIA OBSTÉTRICA E INTERVENÇÕES DE ENFERMAGEM NA GESTAÇÃO COM INCISURA PROTODIASTÓLICA DA ARTÉRIA UTERINA: UM RELATO DE CASO

Giselle Pereira da Silva¹; Fernanda Damasceno Silva¹; Sonnaly Alexandre Pinto¹; Laura Pereira da Silva Dantas¹; Arthur Santiago de Souza Lima².

Graduando em enfermagem pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte¹, Enfermeiro, Residente no programa Residência Multiprofissional em Atenção Básica/Saúde da Família/Comunidade, da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte²

Gisellepereira@alu.uern.br

Introdução: A presença da incisura protodiastólica na artéria uterina representa um estado de alta resistência ao fluxo sanguíneo e parece ser mais útil para identificar complicações gestacionais, como as doenças hipertensivas e a pré-eclâmpsia, que está correlacionada a várias repercussões adversas para a mãe e o feto. **Objetivo:** relatar um caso clínico de diagnóstico de incisura protodiastólica na artéria uterina. **Metodologia:** Trata-se de um relato de caso desenvolvido durante o componente curricular Enfermagem no Processo de Reprodução Humana, que buscou compreender o quadro clínico de saúde de uma gestante, primigesta, levando em consideração o estudo das suas patologias, abordagem dos diagnósticos e intervenções de enfermagem que podem ser realizadas no caso. Para coleta de dados foram utilizados a análise documental do cartão de gestante, prontuário, exames sanguíneos e ultrassonografia (USG). **Resultados e Discussão:** Paciente teve sua gestação diagnosticada no curso de 13 semanas, com presença de saco gestacional normal, placenta sem alterações. Dado seguimento ao pré-natal, com o uso de suplementação de ferro e ácido fólico, na segunda consulta (24s) foi realizada uma USG morfológica, das artérias uterinas, onde na artéria direita foi encontrada a presença de incisura protodiastólica. Foi solicitado mapeamento de PA, controle absoluto de fatores que influenciem a elevação da PA, repouso e prescrição da medicação Ácido Acetilsalicílico (AAS). Como intervenções de Enfermagem, segundo a taxonomia NIC, foram identificadas: Monitoramento da pressão arterial; avaliação os sinais e sintomas que exijam atenção médica imediata: edema, oligúria (< 500ml/24horas), dor epigástrica ou no quadrante superior direito, distúrbios visuais ou cerebrais, e realizada orientações gerais quanto aos hábitos de vida e rotina. **Conclusão:** Destaca-se a importância da vigilância obstétrica precoce e da intervenção multidisciplinar para garantir a saúde materna e fetal, de maneira similar, a importância do papel do enfermeiro na identificação precoce de complicações gestacionais e na implementação de intervenções de enfermagem direcionadas para o manejo adequado dessas condições, contribuindo assim para a promoção da saúde materno-fetal e a prevenção de potenciais complicações.

Palavras-chave: Enfermagem; Gestação; Obstetrícia.

IMPORTÂNCIA DO ESTUDO DA SAÚDE REPRODUTIVA E DA SAÚDE DA MULHER NA FORMAÇÃO ACADÊMICA: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA

Caroline Cotta e Silva¹; Giovana Domiciano Silveira¹; Rosangela Machado Pereira Malvaccini²

Graduando em medicina pela Faculdade de Ciências Médicas e da Saúde de Juiz de Fora – FCMS/JF¹,
Médica pela Universidade Federal de Juiz de Fora - UFJF²

carolinecotta27@gmail.com

Introdução: Os direitos à saúde sexual e reprodutiva foram reconhecidos recentemente e são considerados uma conquista histórica, advinda da luta pela cidadania e pelos Direitos Humanos. Além disso, os cuidados com a saúde da mulher só foram inseridos nas políticas nacionais de saúde nas décadas iniciais do século XX. Visando complementar o conteúdo pragmático de uma Instituição de Ensino Superior (IES) de Juiz de Fora, MG, em 2023, foi criado um Projeto de Extensão que visa a prevenção de Infecções Sexualmente Transmissíveis (ISTs) e promoção da saúde reprodutiva. **Objetivo:** Relatar a experiência de duas estudantes de Medicina que criaram um Projeto de Extensão voltado para a saúde reprodutiva e para a saúde da mulher. **Metodologia:** O Programa de Extensão da IES busca solucionar problemas existentes, de interesse e necessidade da sociedade, assim, envolvem ações de conscientização, capacitação, difusão de informação, consultorias, entre outras. Portanto, sustenta-se na interação entre a comunidade acadêmica e a população do entorno. **Resultados e Discussão:** A saúde reprodutiva, envolve o bem-estar físico, mental e social relacionado ao sistema reprodutivo. Desse modo, percebe-se a necessidade de instruir adolescentes sobre o próprio corpo e as mudanças que marcam esta faixa etária, abordando tópicos como puberdade, ISTs e métodos contraceptivos. Além disso, mesmo com as disciplinas voltadas para a saúde da mulher na base da grade curricular do curso de medicina, como a ginecologia, nota-se a necessidade de estudar, aprender e desenvolver uma forma de comunicação efetiva com esse público-alvo, especialmente, no que tange o Sistema Único de Saúde. Ademais, cabe ressaltar ainda o crescimento exponencial da falta do planejamento familiar no Brasil, uma problemática de causas multifatoriais, sendo uma delas, inclusive, a ausência de tais informações na população. Torna-se evidente, portanto, que o Projeto de Extensão fundado na IES, objetiva temáticas de suma importância, atrelando benefícios para os acadêmicos e, principalmente, para a sociedade. **Considerações Finais:** Compreende-se que o Projeto de Extensão em questão é de extrema valia para a formação pessoal e profissional dos acadêmicos, uma vez que ao compartilhar conhecimentos e experiências, podemos criar um ambiente de apoio mútuo e fortalecimento, promovendo assim o bem-estar geral e a autonomia das mulheres.

Palavras-chave: saúde reprodutiva; saúde da mulher; acadêmicos.



IMPORTÂNCIA DO TRATAMENTO ODONTOLÓGICO EM PACIENTES COM CÂNCER DE MAMA: UMA REVISÃO INTEGRATIVA

Danillo Paulo da Silva Vitalino^{1, 2, 3, 4, 5, 6}; Kauã Paulino dos Santos⁵; Ludmyla da Silva Freitas⁵; Livia Castro de Sá Lima⁵; Jéssica Fernandes Carvalho⁵; Laís Netto Borges⁵; Lara Pereira Tavares Cunha⁵

Cirurgião-dentista graduado pelo Centro Universitário de Goiatuba - Unicerrado¹, Pedagogo graduado pela Faculdade de Piracanjuba - FAP², Especialista em Docência do Ensino Superior e Metodologias Ativas de Aprendizado pela Faculdade Descomplica³, Especialista em Tecnologias Aplicadas à Educação pela Faculdade Descomplica⁴, Discente do curso de Medicina da Universidade Federal de Catalão - UFCat⁵, Pós-graduando em Docência em Ciências da Saúde pela Faculdade Iguaçú⁶.

danillo_vitalino@discente.ufcat.edu.br

Introdução: O câncer de mama é uma das neoplasias mais prevalentes entre as mulheres em todo o mundo, sendo o tratamento multidisciplinar essencial para o manejo eficaz da doença. Nesse contexto, a saúde bucal ganha relevância devido aos potenciais efeitos colaterais dos tratamentos oncológicos na cavidade oral. **Objetivo:** Este estudo visa analisar a importância do tratamento odontológico em pacientes diagnosticadas com câncer de mama, destacando a relevância da saúde bucal como parte integrante do cuidado oncológico. **Metodologia:** Foi realizada uma revisão sistemática da literatura, consultando as bases de dados PubMed, Scopus e Web of Science para identificar estudos sobre o tratamento odontológico em pacientes com câncer de mama, publicados entre janeiro de 2022 e maio de 2024. Os termos de busca "tratamento odontológico", "câncer de mama" e suas variações, em inglês e português, foram utilizados. Inicialmente, 112 artigos foram encontrados e passaram por triagem, aplicando critérios de inclusão e exclusão. Foram incluídos estudos em inglês ou português, focados em intervenções odontológicas em pacientes com câncer de mama. Artigos fora do escopo ou com informações inconsistentes foram excluídos. Após a triagem, 20 artigos foram selecionados para análise detalhada, dos quais foram extraídas informações sobre intervenções, complicações bucais e impacto na qualidade de vida. **Resultados e discussão:** Os resultados indicam que o tratamento odontológico prévio ao início da terapia oncológica pode reduzir significativamente o risco de complicações bucais durante o tratamento, como mucosite, infecções e osteonecrose. Intervenções como profilaxia periodontal, tratamento de cáries e remoção de focos infecciosos demonstraram impacto positivo na qualidade de vida e na adesão ao tratamento das pacientes. Além disso, a promoção de hábitos de higiene oral adequados e o acompanhamento odontológico regular são fundamentais para a prevenção e o controle de complicações bucais ao longo do tratamento oncológico. **Considerações finais:** O tratamento odontológico desempenha um papel crucial no cuidado integrado de pacientes com câncer de mama, contribuindo para a redução de complicações bucais e para a melhoria da qualidade de vida durante e após a terapia oncológica. A colaboração entre profissionais da oncologia e da odontologia é essencial para garantir uma abordagem holística e individualizada, visando o bem-estar geral das pacientes. Investimentos em programas de educação e conscientização sobre a importância da saúde bucal no contexto do câncer de mama são necessários para otimizar os resultados clínicos e promover uma abordagem mais abrangente no cuidado dessas pacientes.

Palavras-chave: neoplasias da mama; intervenção odontológica; equipe de assistência ao paciente.

INCIDÊNCIA DE EXAMES SUGESTIVOS DE CÂNCER DE COLO DE ÚTERO NA REGIÃO SUL DO BRASIL

Larissa Rita Oliveira Araújo¹; Gabriela Martins²; Luiz Eduardo Costa Eluf³; Sofia Banzatto⁴

Discentes do curso de medicina na Universidade de Ribeirão Preto, campus Ribeirão Preto (UNAERP-RP), São Paulo, Brasil¹⁻³

Docente do curso de medicina na Universidade de Ribeirão Preto, campus Ribeirão Preto (UNAERP-RP), SP, Brasil. Mestre em Atenção Básica e MFC I. Departamento de Biotecnologia: Doutoranda em Biotecnologia aplicada à saúde.⁴

larissarita4725@gmail.com

Introdução: O câncer do colo do útero (CCU) é causado pela infecção genital persistente por tipos oncogênicos do Papilomavírus Humano (HPV). Este vírus afeta uma parcela significativa da população feminina e está associado a altos índices de mortalidade. A implementação de diversas técnicas diagnósticas para essa patologia, como o exame histopatológico do colo uterino, permite detectar e curar quase a totalidade dos casos identificados em estágio inicial. **Objetivos:** Analisar o perfil epidemiológico do exame histopatológico do colo uterino, relacionando com a incidência de exames sugestivos para CCU na região Sul, seguindo os seguintes critérios: histologia do colo uterino por Unidade Federativa de residência, prevalência de resultados sugestivos de câncer, faixa etária e etnia. **Metodologia:** Estudo epidemiológico retrospectivo sobre a incidência de exames sugestivos para CCU por histologia de colo uterino, realizado por meio da coleta de dados no Sistema de Informações do Câncer (SISCAN). Foram analisados indicadores entre 2019 e 2023 em mulheres de 30 a 49 anos. **Resultados e Discussão:** No Paraná realizaram-se 17.346 exames histopatológicos do colo uterino, enquanto foram realizados 9.000 em Santa Catarina e 6.024 no Rio Grande do Sul. No que refere-se a quantidade de exames sugestivos de CCU, o Paraná registrou o maior número, representando cerca de 49% dos resultados. No entanto, Santa Catarina teve o maior percentual de casos sugestivos em relação ao total de exames no mesmo estado, com 9,6%, contra 6,7% no Paraná e 5,4% no Rio Grande do Sul. A faixa etária com maior ocorrência de colposcopia sugestiva de CCU foi de 35 a 39 anos (29% do total de exames apresentando sugestão). Ademais, verificou-se maior incidência de exames sugestivos de CCU em mulheres negras (8,8% dos exames efetuados nesse grupo). Por fim, observou-se que as mulheres brancas realizaram maior quantidade de exames histopatológicos quando comparadas a mulheres pretas ou pardas. Esse cenário foi ainda mais acentuado no Rio Grande do Sul, onde 85% dos exames foram realizados por mulheres dessa etnia. **Conclusão:** A análise dos dados indicou uma maior ocorrência de exames sugestivos ao CCU por histopatologia do colo uterino em mulheres negras e com faixa etária de 35 a 39 anos. Além disso, verificou-se que as mulheres residentes no Paraná realizaram mais exames de rastreamento, enquanto aquelas em Santa Catarina apresentam maior incidência de resultados sugestivos para CCU. Assim, observou-se uma disparidade no acesso aos exames, possivelmente atribuída à falta de conhecimento ou de incentivo, destacando a necessidade da intervenção pública.

Palavras-chave: câncer de colo do útero; exame histopatológico; papilomavírus humano;



**INCIDÊNCIA DE SÍFILIS EM GESTANTES NO NORTE DO RIO GRANDE DO SUL
ENTRE OS ANOS DE 2020 A 2023**

Juliana Lacerda Felipiaki¹; Laura Perin Morais¹; Letícia Azeredo Bortolassi¹; Maria Antonia Sarturi Tres¹; Giovanna Belo Sarturi²;

Graduando em medicina pela faculdade ATITUS Educação¹, Médica no Hospital de Clínicas de Passo Fundo - HCPF²

mariaast59@gmail.com

Introdução: A sífilis é uma infecção sexualmente transmissível (IST) causada pela bactéria *Treponema pallidum*, que pode ser transmitida por via sexual (sífilis adquirida) e vertical (sífilis congênita) da placenta da mãe ao feto. A doença apresenta evolução crônica e curável. De acordo com o boletim epidemiológico do ministério da saúde (2023), as taxas de detecção de gestantes com Sífilis têm mantido um crescimento constante. Ademais, a maior parte das gestantes notificadas com a doença encontra-se na faixa etária de 20 a 29 anos (59,7%). Contudo, na gestação, a Sífilis pode apresentar consequências severas, como abortamento, prematuridade, natimortalidade, manifestações congênitas precoces ou tardias e óbito neonatal. A maioria dos infectados são assintomáticos, porém, quando não tratada, pode evoluir para formas mais graves, além de haver o risco de ser transmitida a outras pessoas. **Objetivo:** Identificar lacunas nos programas de prevenção e controle da Sífilis gestacional e congênita a partir das variações nas taxas de incidência ao longo de 2020 a 2023 no Norte do estado. **Metodologia:** Realizou-se uma coleta de dados presentes no Portal Bi Saúde RS a partir do painel "Infecções Sexualmente Transmissíveis/AIDS". Foi analisado o indicador "Taxa de incidência de Sífilis em gestantes" no Norte do estado do Rio Grande do Sul entre os anos de 2020 a 2023. **Resultados e Discussão:** As taxas de Sífilis na região analisada aumentaram nos anos de 2020 a 2023, refletindo a baixa procura por consulta Pré-natal pelas gestantes. Na região Norte do estado do Rio Grande do Sul, no ano de 2020 obteve-se uma taxa de Sífilis em gestantes de 20,22%, em 2021 cerca de 23%, além de 30% em 2022 e 28% em 2023. Também, o município de Passo Fundo obteve a maior taxa de casos por nascidos vivos em todos os anos analisados. O aumento considerável de casos nesses anos reflete a menor procura por postos de saúde e hospitais para a realização de pré-natal após a pandemia do Coronavírus. Conseqüentemente, após o ano de 2020 menos gestantes realizaram teste e tratamento para Sífilis na gestação. **Conclusão:** Para a diminuição da incidência de casos de Sífilis Congênita é necessária a prevenção da transmissão vertical pelo comparecimento adequado às avaliações de Pré-natal pelas gestantes, além da aderência correta ao tratamento instituído.

Palavras-chave: sífilis. gestação. prevenção.

INCIDÊNCIA DOS CASOS DE TRAUMA DURANTE O NASCIMENTO NO BRASIL NO PERÍODO DE 2019 A 2023

Giovani Zancan Junior¹; Camila Lima Rodrigues²; Marina Beatriz Lessa Seixas³; Joaquim Newton Burlamaqui Filho⁴

Graduando em medicina pelo Centro Universitário Maurício de Nassau de Cacoal¹, Graduanda em medicina pela Universidade Cidade de São Paulo², Graduanda em medicina pela Faculdade de Ciências Médicas do Pará³, Graduando em medicina pela Universidade Federal do Cariri⁴

gzancanjr@gmail.com

Introdução: O parto traumático é definido como "um evento que ocorre durante o trabalho de parto ou no momento do parto que envolve real ou temida lesão física ou morte da mulher, ou do recém-nascido. Durante esse evento, a puérpera experimenta medo intenso, desamparo e perda de controle frente a esse contexto. Essa percepção traumática do parto surge quando uma mulher acredita que existe uma ameaça séria ou significativa à sua própria vida (complicações obstétricas antecipadas ou inesperadas, cesárea de emergência), à vida do seu bebê (parto prematuro, natimorto), ou quando suas expectativas para o momento do parto não são alcançadas. **Objetivo:** Analisar a incidência de internações devido a trauma infantil durante o nascimento em território brasileiro de 2019 a 2023. **Metodologia:** Estudo transversal, descritivo com abordagem quantitativa através de dados de internações por trauma infantil, obtidos do Ministério da Saúde/SVS - Morbidade hospitalar do SUS (SIH/SUS), a partir de dados eletrônicos do TabNet, disponíveis no DATASUS, no período de 2019 a 2023. Foram coletadas as seguintes variáveis: sexo, cor/raça e macrorregiões. **Resultados:** Constatou-se o total de 2.339 internações por trauma durante o nascimento, no período analisado. Em relação ao registro anual de internações, tem-se a seguinte relação de internações por ano: 2019 - 441 (18,86%); 2020 - 437 (18,7%); 2021 - 368 (15,7%); 2022 - 449 (19,2%); 2023 - 644 (27,54%). No que diz respeito às regiões do Brasil, destaca-se o Sudeste com 1.037 (44,34%) casos, seguido pelas demais regiões que apresentaram os seguintes números: Nordeste 459 (19,63%); Centro-Oeste 343 (14,67%); Sul 364 (15,56%); Norte 136 (5,8%). A cor/raça mais afetada foi a parda, com 1.462 casos (62,5%). Ao avaliar o sexo, obteve-se que 1.212 das internações foram do sexo masculino e 1.127 foram do sexo feminino. **Conclusão:** Portanto, constata-se uma discreta diminuição da incidência de traumas de 2019 até 2021. No entanto, no ano seguinte, houve mudança do cenário epidemiológico, em que o número de casos novos no país passou a aumentar. Seguindo o mesmo padrão, em 2023, obteve-se aumento expressivo de ocorrências, tendo em vista que em todo o período analisado houve quantitativo variável de casos por região. Tal cenário exige o caráter específico e necessário das políticas públicas de saúde em cada região com enfoque na prevenção, visando um ambiente seguro durante o parto.

Palavras-chave: DATASUS; epidemiologia; traumatismos do nascimento.

ÍNDICE DE MASSA CORPORAL E IMPLICAÇÕES CARDIOVASCULARES EM MULHERES COM CÂNCER DE MAMA

Renan Shida Marinho¹; Juvêncio César Lima de Assis²; Bárbara Leite da Silva³; Aldair Darlan Santos de Araújo⁴; Vinícius Ramon da Silva Santos⁵; José Roberto Sostena Neto⁶; Juliana Bassalobre Carvalho Borges⁷; Fernando Borges Ferreira⁸

Doutorando em Ciências – USP¹, Mestrando em Saúde e Sociedade-UERN², Fisioterapeuta Residente em Assistência em Cuidados Intensivos – HU/UFPI³

Doutorando em Fisioterapia pela UFSCar^{4,5}, Doutorando em Biociências pela Universidade Federal de Alfenas⁶, Docente de fisioterapia da Universidade Federal de Alfenas⁷, Coordenador do Curso de Fisioterapia – FAP/SP⁸

renan_shida@hotmail.com

Introdução: O índice de massa corporal (IMC) é uma medida utilizada para avaliar o peso corporal em relação à altura, sendo considerado um indicador de adiposidade. Em mulheres com câncer de mama, o IMC pode ter implicações nas condições cardiovasculares. Estudos demonstram que um IMC elevado está associado a um aumento do risco de desenvolvimento de doenças cardiovasculares, tanto em mulheres com câncer de mama quanto na população em geral. Em mulheres nesta condição se torna mais complexa. A obesidade, frequentemente refletida por um IMC elevado, está associada a alterações metabólicas, que podem predispor as mulheres a um maior risco cardiovascular. Além disso pode estar relacionada a um estado inflamatório crônico, que desempenha um papel importante no desenvolvimento e progressão das doenças cardiovasculares. **Objetivo:** Avaliar o IMC e possíveis patologias cardiovasculares em mulheres com câncer de mama. **Métodos:** Os indivíduos que frequentaram o centro de fisioterapia foram submetidos a uma anamnese completa. Além disso, uma balança de estadiômetro foi utilizada para medir a altura e o peso e para avaliar o IMC. Essa variável classifica o grau de obesidade entre: sobrepeso, obesidade ou baixo peso. Todas as mulheres permaneceram em pé, com as costas retas, enquanto o peso é medido. O IMC pode ser calculado facilmente utilizando a fórmula: $IMC = \text{Peso}(\text{kg}) / \text{Altura}^2(\text{m}^2)$. Os dados foram submetidos à verificação de normalidade utilizando o teste de Shapiro-Wilk, o programa estatístico IBM SPSS Statistics 20. As variáveis contínuas foram resumidas em média e desvio padrão, ou mediana e intervalo interquartil. Foram analisadas usando o teste t Student, enquanto as variáveis categóricas foram apresentadas em frequências e porcentagens. **Resultados e Discussão:** Foram avaliadas 10 mulheres com idade 61 ± 12 ; IMC kg/m^2 27 ± 3 , classificando a grande maioria em sobrepeso, a grande maioria realizou cirurgia do tipo conservadora 8 (57,1), a principal comorbidade foi hipertensão arterial 8 (57,1), seguida da depressão 6 (42,9) e da diabetes melitus 5 (35,7). **Conclusão:** Conclui-se que o sobrepeso em mulheres com câncer de mama está associado a um maior risco de complicações cardiovasculares. Portanto, é importante reconhecer o sobrepeso como um fator de risco significativo e implementar estratégias de prevenção e intervenção adequadas. Isso pode incluir intervenções para controle de peso, promoção de hábitos alimentares saudáveis, estímulo à prática regular de atividade física e monitoramento frequente da saúde cardiovascular, visando reduzir os riscos e melhorar os desfechos cardiovasculares nessa população.

Palavras-chave: câncer de mama; índice de massa corporal; complicações cardiovasculares.



**INFECÇÃO PELO PAPILOMAVÍRUS HUMANO: SINTOMAS, DIAGNÓSTICO E
PREVENÇÃO COM ÊNFASE NA VACINAÇÃO**

Luana Barros Moreira¹, Anna Alycia Bezerra Cruz¹, Maria Eduarda Pereira Juscelino¹, Pedro Henrique de Moraes Sanches¹, Ycaro Deyangells Moreira Carvalho¹, Rodrigo Tobias Aiello¹, Mariana Andrade Oliveira²

Graduandos do Curso de Medicina pela Universidade de Ribeirão Preto-UNAERP¹, Médica pela Universidade de Ribeirão Preto- Unaerp, com mestrado em patologia pela Universidade Federal Triângulo Mineiro-UFTM²

luana.moreira@sou.unaerp.edu.br

Introdução: O Papilomavírus humano (HPV) é um vírus de DNA dupla hélice da família Papillomaviridae, conhecido por infectar células epiteliais. Atualmente, são reconhecidos mais de 100 tipos de HPV, dos quais pelo menos 12 são considerados oncogênicos, apresentando maior risco de infecções persistentes e lesões precursoras de câncer. Destacam-se os tipos 16 e 18, que estão presentes em 70% dos casos de câncer do colo do útero. **Objetivo:** Este estudo tem como objetivo analisar a epidemiologia, sintomas, diagnóstico, transmissão e prevenção do HPV. **Metodologia:** Essa revisão integrativa de literatura fundamentou-se na busca por artigos científicos, obtidos por meio de pesquisa digital empregando a plataforma digital Scientific Library Online (SciELO). Para tanto, foram utilizados unitermos de busca, como “HPV” e “prevenção”, para identificar vinte artigos, publicados em 2018 a 2020, dos quais foram selecionados três para estudo, utilizando como critério de seleção a relevância científica das suas informações para a temática abordada. **Resultados e Discussão:** O HPV é transmitido por contato direto com áreas infectadas, incluindo pele e mucosas, durante atividades sexuais, podendo ocorrer mesmo na ausência de penetração. A transmissão vertical é rara, acontecendo principalmente quando as lesões são grandes. Os sintomas incluem coceira, formação de verrugas, manchas nos genitais, ardência e lesões na boca e garganta. O diagnóstico é realizado por exames clínicos, colposcopia e detecção molecular do DNA do HPV. As lesões pré-cancerosas, conhecidas como neoplasias intraepiteliais cervicais (NIC), são classificadas em três graus de acordo com a gravidade e podem evoluir para câncer cervical se não tratadas. Mulheres com o Papilomavírus humano podem engravidar, mas devem manter uma boa imunidade e acompanhamento pré-natal rigoroso. A vacinação é uma estratégia chave na prevenção do HPV. Existem vacinas bivalentes, quadrivalentes e nonavalentes, recomendadas para jovens antes do início da atividade sexual e para imunossuprimidos. Apesar da eficácia das vacinas, o rastreamento contínuo é crucial, pois as vacinas não protegem contra todos os tipos de Papilomavírus humano. **Conclusão:** Sendo assim, o HPV é um vírus altamente prevalente com um significativo potencial oncogênico. A prevenção e o controle da infecção por HPV envolvem diagnóstico precoce, rastreamento regular e vacinação. A vacinação tem demonstrado ser uma estratégia eficaz na redução da incidência de HPV e suas complicações, mas a continuidade do rastreamento é essencial para a detecção precoce e prevenção do câncer cervical. Assim, uma abordagem integrada que combine vacinação e rastreamento regular é fundamental.

Palavras-chave: HPV; prevenção; lesões.



INFECÇÕES SEXUALMENTE TRANSMISSÍVEIS DA MÃE PARA O BEBÊ DURANTE A GESTAÇÃO, PARTO E AMAMENTAÇÃO

Isabel Simões de Barros Nunes¹; Rebeca da Conceição Mattos²; Melissa Barreto Barbosa Veloso³

Graduanda em Enfermagem pela Universidade Salvador¹, Graduanda em Enfermagem pela Universidade Salvador¹, Graduada em Enfermagem pela Universidade Salvador¹

E-mail: rebeca.mattos12@outlook.com

Introdução: As Infecções Sexualmente Transmissíveis (ISTs) como o nome já deduz são infecções transmitidas através do contato sexual feito com pessoas contaminadas sem o uso de preservativos feminino ou masculino, podendo ser causadas por vírus, bactérias e ou microrganismos. Além do contato sexual essas infecções podem ser passadas por transmissão vertical, onde é transferida da mãe para o bebê durante a gestação intrauterina, no momento do parto normal quando ocorre o contato do bebê com os fluidos vaginais ou na amamentação. **Objetivo:** Este resumo apresenta como objetivo levar conhecimentos sobre a temática, contribuindo com o alerta sobre os cuidados necessários durante todo o período gestacional, com o intuito de evitar possíveis contaminações, gerando saúde e bem-estar para as mães e seus bebês, além disso, reduzindo os índices de incidência dos casos. **Metodologia:** A metodologia realizada nesta revisão bibliográfica utilizou a Biblioteca Virtual de Saúde (BVS) e o Scientific Electronic Library Online (SciELO) como base de dados. Foram utilizados os termos “ISTs”, “Saúde da mulher” e “Transmissão vertical”. Realizou-se primeiramente a definição do tema, depois definiu-se o critério de elegibilidade de inclusão artigos pertinentes ao assunto compostos por informações suficientes para enriquecer o conteúdo do resumo, utilizou-se apenas dois artigos dos 2.239 encontrados, os que não estavam no contexto da temática foram excluídos e assim deu-se o relato dos resultados. **Resultados e discussão:** Como resultado da pesquisa, foi possível comprovar que as ISTs mais recorrentes quando o assunto é transmissão vertical são HIV, sífilis e hepatite, as quais podem ser evitadas se a gestante fizer todo o pré-natal de maneira correta, realizar testagem para as respectivas infecções e em caso de resultado positivo realizar todo o tratamento adequado, evitando assim que o bebê apresente complicações estando ainda na barriga, como aborto ou parto prematuro e no seu quadro clínico após o nascimento, como por exemplo doenças congênitas e até mesmo morte. **Conclusão:** Conclui-se então que a partir dos dados coletados é crucial que durante a gestação e após a gravidez as mulheres tenham acompanhamento médico, com o intuito de identificar precocemente possíveis patologias tanto na mãe como no bebê, reduzindo os riscos de vida para ambos e permitindo um desenvolvimento saudável.

Palavras-chave: ists; saúde da mulher; transmissão vertical.

INFLUÊNCIAS DO CLIMATÉRIO NO PROCESSO DE ENVELHECIMENTO DA POPULAÇÃO IDOSA FEMININA BRASILEIRA

Matheus Mendes Pascoal¹; Claudia Chies²

Mestrando em Sociedade e Desenvolvimento pela Universidade Estadual do Paraná¹, Doutora em Geografia pela Universidade Estadual de Maringá²

matheus_mendes15@hotmail.com

Introdução: Acompanhando-se os indicadores dos Censos Demográficos do IBGE pode-se observar que atualmente vivencia-se a ampliação da população idosa no Brasil, destacando-se que por fatores variados, as mulheres vivem mais que os homens. Diante desse contexto, evidencia-se a necessidade de profundas reflexões quanto ao processo biológico do envelhecimento humano, e a necessidade de implementação de políticas públicas específicas para a população feminina brasileira. Durante o processo de envelhecimento muitos desafios não podem ser superados a curto prazo, necessitando de planejamento dos municípios nas áreas assistenciais e de saúde, assim como o fortalecimento da seguridade social. **Objetivo:** Esta pesquisa tem como objetivo destacar o climatério no processo de saúde da mulher, contribuindo para a reflexão do processo biológico de envelhecimento. **Metodologia:** Para isso baseia-se na revisão teórica a partir da base de dados Scientific Electronic Library On-line (SciELO). Com isso busca-se identificar e evidenciar as reflexões sobre o processo de climatério, pautada em perspectivas interdisciplinares acerca do envelhecimento, saúde da mulher e a promoção em saúde. **Resultados e Discussão:** A filosofia traz reflexões sobre o conhecimento, quanto mais refletimos podemos compreender e levantar questionamentos sobre a realidade analisada, o senso comum contribui também para suscitar as inquietações e possui efeito estimulante para contribuir com a pesquisa e a busca de respostas, a partir das experiências únicas de cada pesquisador. As mulheres vivem bloqueios físico-emocional devido ao climatério, interferindo nas atividades diárias. Durante o climatério as mulheres podem passar por mudanças físicas e emocionais como: a diminuição nos níveis de estrogênio; instabilidade vasomotora; distúrbio menstrual; atrofia gênito urinária; osteoporose; alterações cardiocirculatórias; depressão e irritabilidade. A maioria das mulheres vivem o climatério em silêncio, e há pouca informação a respeito desta etapa de vida, interferindo na identidade das mesmas. Estudos atuais estimam que a expectativa de vida da mulher é de 75 anos, ou seja, elas tendem a passar um terço da vida no climatério, sendo necessário assim, a ampliação das discussões sobre o assunto. **Conclusão:** É necessária implementação da educação continuada em saúde para as mulheres, sobre cada etapa da vida, com destaque para o período do climatério, pois atualmente evidencia-se que há poucas informações paralelo à existência de muitas populações vulneráveis, que necessitam da assistência em saúde. A população em geral, mas neste caso específico, a feminina, necessita de conhecimentos e acesso aos cuidados e tratamentos necessários, para garantir qualidade de vida.

Palavras-chave: Saúde do Idoso; Promoção em Saúde; Saúde da Mulher

INSERÇÃO DO DISPOSITIVO INTRAUTERINO (DIU) NA ATENÇÃO BÁSICA: BENEFÍCIOS E DESAFIOS

Rayana Priscilla dos Santos ¹; Thiago Silva de Oliveira Dias¹; Lara Vasconcelos Silveira¹; Victoria Cristina de Jesus Carvalho¹; Yasmim Lima de Omena Sampaio¹; Ana Paula Fernandes da Silva²

Graduando (a) em medicina pela AFYA- Faculdade de Ciências Médicas de Jaboatão dos Guararapes¹, Doutora pelo Programa de Pós-graduação em Biologia aplicada à saúde (PPGBAS) do Laboratório de Imunopatologia Keizo Asami (LIKA) - UFPE²

rayanaprisilla@gmail.com

Introdução: A Atenção Básica tem o papel importante na assistência ao planejamento familiar, através do conjunto de ações que são capazes de garantir o direito à saúde reprodutiva às usuárias do serviço, oportunizando a mulher nas escolhas dos métodos mais adequados a sua necessidade e realidade. Contudo, dentre os métodos contraceptivos disponibilizados pelo Sistema Único de Saúde (SUS), o Dispositivo Intrauterino é o mais seguro dentro do planejamento familiar. **Objetivo:** Discutir os benefícios e desafios da inserção do DIU na Atenção Básica. **Metodologia:** Trata-se de uma revisão integrativa da literatura com informações obtidas através das bases de dados: Medline e SciELO, utilizando os DECs: Dispositivo Intrauterino, Atenção Básica e contracepção, na língua inglesa e portuguesa. Dentre os critérios de inclusão e exclusão, foram selecionados artigos publicados nos últimos 5 anos, com exclusão dos artigos não relacionados à temática. Através da busca, foram encontrados 35 artigos, dos quais 18 foram selecionados para leitura. **Resultados e Discussão:** A inserção do DIU na Atenção Básica desempenha um papel importante na promoção da saúde reprodutiva da mulher, por ser um método contraceptivo de alta eficácia e de longa duração. Com isso, se oferece às mulheres uma opção segura, além de promover a acessibilidade de forma equitativa, redução da taxa de gravidez indesejada e, conseqüentemente, melhoria na qualidade de vida das mulheres. Além de enfrentar barreiras econômicas, sociais e geográficas no meio em que essas mulheres estão inseridas. Entretanto, o método ainda não é utilizado em larga escala na Estratégia de Saúde da Família (ESF), dentre as barreiras identificadas considera-se a disponibilização apenas com a indicação médica e a obrigatoriedade da realização de diversos exames desnecessários antes da inserção. **Considerações finais:** Portanto, a inserção do DIU na Atenção Básica não se trata apenas de uma medida relacionada à saúde da mulher, mas também uma forma de garantia da igualdade do acesso à saúde e organização do planejamento familiar nas comunidades. Para isso, é importante a ampliação do conhecimento sobre o método para as usuárias dos serviços, além da disponibilização de profissionais capacitados e materiais necessários para a realização do procedimento nas Unidades Básicas de Saúde.

Palavras-chave: Dispositivo Intrauterino (DIU); Atenção Básica; Contracepção.

INTERCORRÊNCIAS OBSTÉTRICAS NA ADOLESCÊNCIA E A MORTALIDADE MATERNA NO BRASIL

Cleber gomes da Costa Silva, Jainara Gomes da Silva

Graduando em enfermagem pelo centro Universitário de Ciências e Tecnologias do Maranhão-UNIFACEMA, Caxias-Ma, Enfermeira pela Universidade Estadual do Maranhão-UEMA

E-mail: klebbehgomez@gmail.com

Introdução: A adolescência é um período crítico na vida de uma mulher, marcado por desafios únicos, especialmente quando se trata de gravidez e parto, no Brasil, as intercorrências obstétricas durante a gestação de adolescentes representam uma preocupação significativa, tendo em vista os riscos aumentados de complicações tanto para as mães quanto para os bebês, estando relacionadas à alta taxa de mortalidade materna no país. **Objetivo:** Analisar as intercorrências obstétricas na adolescência e a relação com a mortalidade materna. **Metodologia:** Trata-se de uma revisão integrativa da literatura, com a seguinte pergunta de pesquisa: quais as intercorrências obstétricas e a relação entre a mortalidade materna. A coleta e análise de dados foi proveniente da Biblioteca Virtual em Saúde (BVS) com bases de dados da Literatura Latino-americana e do Caribe em Ciências da Saúde (LILACS), e Base de Dados de Enfermagem (BDENF), através dos seguintes Descritores em Ciências da Saúde (DeCS) “infecções sexualmente transmissíveis”, “gestantes”, “perfil de saúde”, combinados entre si pelo operador booleano AND. A busca ocorreu no mês de abril de 2024 e foram selecionados como critérios de inclusão: artigos disponíveis na íntegra, nos idiomas português, inglês e espanhol, que abordassem a temática, nos últimos cinco anos. Como critérios de exclusão: teses, dissertações, monografias e artigos que não contemplavam o tema. A partir da busca inicial foram encontrados 222 estudos e selecionados 3 artigos. **Resultados e Discussão:** Os dados sobre intercorrências obstétricas na adolescência e a mortalidade materna no Brasil revelam um cenário preocupante, as adolescentes grávidas enfrentam riscos aumentados de complicações como pré-eclâmpsia, partos prematuros e hemorragias, fatores que contribuem significativamente para a mortalidade materna, a vulnerabilidade dessas jovens é exacerbada por barreiras no acesso aos cuidados de saúde adequados, falta de informação e apoio social insuficiente, políticas públicas focadas na educação sexual, planejamento familiar e melhoria na qualidade do atendimento pré-natal são essenciais para minimizar esses riscos. Nessa mesma linha de raciocínio, o fortalecimento dos sistemas de saúde para oferecer suporte contínuo às adolescentes grávidas pode reduzir significativamente a mortalidade materna, promovendo um ambiente mais seguro para as mães jovens e seus bebês. **Conclusão:** A análise das intercorrências obstétricas na adolescência e sua relação com a mortalidade materna no Brasil destaca a urgência de intervenções efetivas, as adolescentes grávidas enfrentam riscos elevados de complicações graves, o que reforça a necessidade de políticas públicas eficazes que priorizem a educação sexual, o planejamento familiar e a melhoria da qualidade do pré-natal.

Palavras Chaves: Adolescente, Brasil, Mortalidade Materna



INTERNAÇÃO EM UTI MATERNA POR COMPLICAÇÕES DE HEMORRAGIA PÓS-PARTO POR ATONIA UTERINA: RELATO DE EXPERIÊNCIA

Raquel Kevellyn Pacheco Avinte¹; Ana Paula Ribeiro da Costa Faria¹; Rodrigues Ferreira de Souza²;
Raiany Nascimento de Almeida²

Graduanda em enfermagem na Universidade Paulista¹, Graduanda em enfermagem na Universidade Paulista¹, Professor Preceptor na Universidade Paulista – UNIP/Manaus², Professor Preceptor na Universidade Paulista – UNIP/Manaus²

paulafariaenf@gmail.com

Introdução: A hemorragia pós-parto (HPP) se apresenta como um grande problema de saúde, sendo considerada no Brasil como a segunda causa de morte materna no país, e a maioria delas é evitável. Ela se caracteriza pela perda sanguínea acima de 500 ml após parto vaginal e 1000 ml após cesariana, que deve ocorrer nas primeiras 24 horas, causando instabilidade hemodinâmica. Para prevenir a ocorrência de HPP é de extrema importante a identificação dos fatores de risco durante todo o processo de cuidado da gestante, em uma anamnese detalhada e atenção aos antecedentes obstétricos e histórico de morbidade. **Objetivo:** Discorrer sobre um caso de HPP ocorrido em uma maternidade pública da capital do Amazonas ocorrido durante o estágio curricular de enfermagem da Universidade Paulista – UNIP. **Metodologia:** Trata-se de um relato de experiência partindo da vivência de acadêmicos do curso de enfermagem durante o estágio curricular em Saúde da Mulher. O campo de prática se deu em uma maternidade pública de baixo risco que atende mulheres no ciclo gravídico puerperal em Manaus/Am. **Resultados e Discussão:** O presente caso de HPP ocorreu na SPA e Maternidade Chapot Prevost localizado no Bairro Colônia Antônio Aleixo, uma maternidade considerada de risco habitual. Trata-se de um paciente de 24 anos, gesta 2, parto 2, ambas cesarianas, sem histórico de abortamento. Deu entrada na maternidade na fase latente do trabalho de parto, porém por ter cesariana anterior e por ter registro de ultrassonografia obstétrica mostrando feto macrossômico foi indicada para cesariana. As desordens fisiopatológicas surgiram no pós-parto imediato observado por sangramento excessivo com repercussões hemodinâmicas. As medidas para tratar HPP foram instituídas, porém a paciente necessitou de hemotransfusão e internação em leito de UTI materna, sendo transferida no mesmo dia do procedimento para maternidade de alto risco. O desfecho foi positivo para a puérpera que após 3 dias em observação em leito de UTI recebeu alta e retornou ao seu leito de origem. Ressaltamos que durante a internação o recém-nascido ficou sob os cuidados da equipe multiprofissional da maternidade de origem e avó materna. **Considerações Finais:** Notou-se com esse caso a importância da identificação dos antecedentes obstétricos e um acompanhamento pré-natal de qualidade. A identificação de sinais de risco é de suma importância em todo acolhimento nas maternidades, seja de baixo risco ou alto risco para que assim medidas e intervenções sejam melhores conduzidas.

Palavras-chave: hemorragia pós-parto; inércia uterina; gravidez de alto risco.



INTERVENÇÕES NUTRICIONAIS NO MANEJO DO DIABETES GESTACIONAL: UMA REVISÃO DE LITERATURA SISTEMÁTICA RECENTE

Lara Pereira Tavares Cunha¹; Lívia Castro de Sá Lima¹; Ludmyla da Silva Freitas¹; Jéssica Fernandes Carvalho¹; Kauã Paulino dos Santos¹; Laís Netto Borges¹; Danillo Paulo da Silva Vitalino^{1, 2, 3, 4, 5, 6}

Graduanda(o) em Medicina pela Universidade Federal de Catalão - UFCat¹, Cirurgião-dentista graduado pelo Centro Universitário de Goiatuba - Unicerrado², Pedagogo graduado pelo Centro Universitário de Goiatuba³, Especialista em Docência do Ensino Superior e Metodologias Ativas de Aprendizado pela Faculdade Descomplica⁴, Especialista em Tecnologias Aplicadas à Educação pela Faculdade Descomplica⁵, Pós-graduando em Docência em Ciências da Saúde pela Faculdade Iguazu⁶.

lara_cunha@discente.ufcat.edu.br

Introdução: O diabetes gestacional (DG) é uma condição comum que afeta mulheres durante a gravidez, podendo levar a complicações tanto para a mãe quanto para o bebê. Intervenções nutricionais são estratégias importantes no manejo dessa condição, com o objetivo de controlar os níveis de glicose no sangue e promover a saúde materna e fetal. **Objetivo:** Este estudo visa revisar as intervenções nutricionais utilizadas no manejo do diabetes gestacional, destacando as abordagens mais eficazes e suas implicações para a saúde das gestantes e seus bebês. **Metodologia:** Foi realizada uma revisão sistemática da literatura utilizando as bases de dados PubMed, Scielo e Lilacs, focando em artigos publicados de 2022 até o presente. Inicialmente, foram encontrados 112 artigos. Após a aplicação dos critérios de inclusão (artigos em inglês, português ou espanhol, estudos com intervenções nutricionais específicas para diabetes gestacional, e publicações revisadas por pares) e critérios de exclusão (estudos com intervenções farmacológicas predominantes, revisões narrativas e artigos duplicados), 20 artigos foram selecionados para análise. **Resultados e Discussão:** As intervenções nutricionais mais comuns incluíram dietas específicas como a dieta mediterrânea, dietas com baixo índice glicêmico e dietas ricas em fibras. Estudos indicaram que uma dieta balanceada, rica em vegetais, frutas, grãos integrais e proteínas magras, contribui significativamente para o controle glicêmico em mulheres com DG. A dieta mediterrânea, por exemplo, mostrou-se eficaz em reduzir os níveis de glicose e melhorar os desfechos perinatais. Adicionalmente, a implementação de planos de alimentação personalizados, adaptados às necessidades individuais das gestantes, também demonstrou bons resultados na manutenção do controle glicêmico. Outro ponto discutido foi a importância da educação nutricional e do acompanhamento contínuo por profissionais de saúde, que se mostraram essenciais para o sucesso das intervenções. Alguns estudos ressaltaram a eficácia de programas de educação nutricional que incluem sessões de orientação e suporte contínuo. **Considerações Finais:** As intervenções nutricionais desempenham um papel crucial no manejo do diabetes gestacional, contribuindo para o controle glicêmico e a melhoria dos resultados perinatais. Dietas balanceadas e personalizadas, juntamente com a educação nutricional e o suporte de profissionais de saúde, são estratégias fundamentais para o sucesso do tratamento. Futuras pesquisas devem continuar explorando as melhores práticas e adaptando intervenções nutricionais às necessidades específicas de cada gestante.

Palavras-chave: diabetes gestacional; intervenções nutricionais; controle glicêmico.



LEVANTAMENTO EPIDEMIOLÓGICO DE AIDS EM MULHERES NO BRASIL

Samita Samara Silva de Sousa¹; Anny Vitória Santos Fonseca²; Vitória Gabrielle da Silva Gomes³;
Carlos Eduardo da Silva Barbosa⁴

Graduanda em Enfermagem pela Universidade Estadual do Ceará¹, Graduanda em Medicina pela Universidade Federal de Alagoas², Graduanda em Medicina pela Universidade Federal de Alagoas³,
Mestrando em Psicologia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro⁴.

Anny.fonseca@famed.ufal.br

Introdução: A AIDS, ou Síndrome da Imunodeficiência Adquirida, é uma doença causada pela infecção do Vírus da Imunodeficiência Humana (HIV) que ataca o sistema imunológico do indivíduo. O vírus pode ser transmitido de diversas formas, sendo a principal forma de transmissão por relação sexual. Entre as mulheres, diversos fatores, como escolaridade, contribuem para o aumento de infecções com o passar dos anos. Sendo assim, destaca-se a importância de tratamentos eficazes. **Objetivo:** Apresentar o perfil epidemiológico das mulheres com AIDS, ao longo de dez anos (2014-2023) no Brasil, destacando as principais tendências e implicações para a saúde pública. **Metodologia:** Trata-se de um estudo epidemiológico descritivo, no qual será levantado o perfil epidemiológico de mulheres com AIDS, utilizando dados coletados no Sistema de Informações de Agravos de Notificação (SINAN). Critério de inclusão: período entre 2014 e 2023, 2014 por conveniência e 2023 por ser o último ano com registro no banco de dados. Variáveis estudadas: região de ocorrência, ano de diagnóstico, cor/etnia, escolaridade. **Resultado e discussão:** No período de 2014 a 2023, foram constatados 109.555 casos de AIDS no Brasil. Dentre esses, 35,32% (n = 38.698) foram registrados na região Sudeste; 23,34% (n= 25.571) foram registrados na região Nordeste; 22,44% (n= 24.582) foram registrados na região Sul; 11,96% (n= 13.106), na região Norte e 6,93% (n= 7.598) na região Centro-Oeste. Nesse período, o ano de maior registro de casos foi em 2014 com 13,16% (n= 14.418), sendo o ano de 2023 de menor ocorrência 4,29% (n= 4.702). Em relação à cor/etnia das pacientes com AIDS, a maioria foi parda 25,05% (n= 27.447), seguida da branca 19,48% (n= 21.338) e 48,36% (n= 52.980) tiveram essa informação ignorada. Sobre a escolaridade, o total de dados coletados foi de 44.633, sendo que a maioria das pacientes apresentava 24,25% (n= 10.822) ensino médio completo; 23,24% (n= 10.375) 5ª a 8ª série incompleta do ensino fundamental e 12,81% (n= 5.719) ensino fundamental completo. **Conclusão:** Evidenciou-se que a AIDS em mulheres foi predominante na região Sudeste, sendo mais recorrente no ano de 2014. A maior parte dos casos não registrou a raça/cor e dos registrados apresentados, é destacado a maior incidência de pacientes pardas. Em relação a escolaridade, dos casos registrados, a maioria das mulheres com AIDS evidenciam ensino médio completo.

Palavras-chave: epidemiologia; HIV; infecções sexualmente transmissíveis; sistema imunológico.

LEVANTAMENTO EPIDEMIOLÓGICO DE SÍFILIS EM GESTANTES NO BRASIL

Emérson de Sousa Oliveira¹; Anny Vitória Santos Fonseca²; Samita Samara Silva de Sousa³; Vitória Gabrielle da Silva Gomes⁴; Carlos Eduardo da Silva Barbosa⁵

Graduando de Enfermagem pelo Centro Universitário Santo Agostinho – UNIFSA¹, Graduando em Medicina pela Universidade Federal de Alagoas², Graduanda em Enfermagem pela Universidade Estadual do Ceará³, Graduanda em Medicina pela Universidade Federal de Alagoas⁴, Mestrando em Psicologia pela Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro⁵

Vitoria.gomes@famed.ufal.br

Introdução: A Sífilis Gestacional (SG) é uma doença infectocontagiosa causada pelo bacilo treponema pallidum. A maioria dos casos é consequência de transmissão sexual. Durante a gestação, a sífilis pode ser transmitida ao feto de diversas formas, como através da via placentária, representando um risco significativo para o desenvolvimento fetal. Portanto, destaca-se a importância do acompanhamento pré-natal e de cuidados obstétricos para proteger tanto a mãe quanto o feto. **Objetivo:** Apresentar o perfil epidemiológico das gestantes com sífilis, ao longo de dezessete anos (2007-2023) no Brasil, destacando as principais tendências e implicações para a saúde pública. **Metodologia:** Trata-se de um estudo epidemiológico descritivo, no qual será levantado o perfil epidemiológico de gestantes com sífilis, utilizando dados coletados no Sistema de Informações de Agravos de Notificação (SINAN). Critério de inclusão: período entre 2007 e 2023, 2007 por conveniência e 2023 por ser o último ano com registro no banco de dados. Variáveis estudadas: região de ocorrência, ano, cor/etnia, escolaridade. **Resultado e discussão:** No período de 2007 a 2023, foram constatados 537.986 casos de SG no Brasil. Dentre esses, 46,06% (n = 247.779) foram registrados na região Sudeste; 20,8% (n= 111.904) foram registrados na região Nordeste; 15,15% (n= 81.492) foram registrados na região Sul; 9,93% (n= 53.423), na região Norte e 8,06% (n= 43.388) na região Centro-Oeste. Nesse período, o ano de maior registro de casos foi em 2022 com 15,43% (n= 83.033), sendo os anos de 2007 e 2008 de menor e mesma ocorrência 0,002% (n= 9); e 0,009% (n= 48) tiveram essa informação ignorada. Em relação à cor/etnia das pacientes com SG, a maioria foi parda 50,76% (n= 273.098), seguida da branca 28,78% (n= 154.848). Sobre a escolaridade, a maioria das pacientes apresentavam 21,39% (n= 115.083) ensino médio completo; 17,06% (n= 91.789) 5ª a 8ª série incompleta do ensino fundamental; 15,2% (n= 81.812) ensino médio incompleto; e 27,8% (n= 145.732) tiveram essa informação ignorada. **Conclusão:** Evidenciou-se que a Sífilis Gestacional foi predominante na região Sudeste, sendo mais recorrente no ano de 2022 e principalmente na cor/etnia parda. A maior parte dos casos não registrou escolaridade e dos registrados apresentados, é destacado a maior incidência de pacientes com ensino médio completo.

Palavras-chave: cuidado pré-natal; epidemiologia; obstetria; sífilis.



LEVANTAMENTO EPIDEMIOLÓGICO DE SÍFILIS EM GESTANTES NO ESTADO DO PIAUÍ NO ANO DE 2023

Tiago Ferreira Guimarães¹; Ana Carolina Pedrosa Barros¹; Ana Caroline Silva Lemos¹; Maicon Vieira Amaral¹; Paula Emanoeli Da Silva Gomes¹; Pedro Igor Silva Portela¹; Maria Fernanda da Silva Cavalcante¹; Júnior Ribeiro de Sousa².

Graduando em Enfermagem pela Universidade Federal do Piauí¹, Enfermeiro especialista em Saúde da Família².

tiago.guimaraes@ufpi.edu.br

Introdução: A sífilis é uma infecção provocada pelo *Treponema pallidum* que representa um significativo problema de saúde, principalmente entre gestantes, devido aos riscos e complicações clínicas por verticalização ao longo da gestação, resultando a forma congênita da doença ao feto por transfusões sanguíneas ou por meio de transplantes de órgãos. No Piauí, é crucial monitorar a prevalência e os fatores de risco associados à sífilis em gestantes para orientar políticas de saúde eficazes e intervenções preventivas. **Objetivo:** Determinar a prevalência de sífilis em gestantes no Piauí em 2023 e analisar a distribuição por idade e raça, assim apurando o perfil epidemiológico das grávidas residentes no Estado do Piauí. **Metodologia:** Trata-se de um estudo epidemiológico transversal e descritivo com a finalidade de analisar a prevalência de sífilis gestacional entre gestantes no Piauí no ano de 2023, foram incluindo todos os casos registrados, possuindo os dados obtidos a partir do DATASUS/TABNET tendo como variáveis: idade, raça e ano do diagnóstico e artigos da Biblioteca Virtual em Saúde (BVS), utilizando os descritores "Gestantes" e "Sífilis" conforme (DeCS/MeSH). Os critérios de inclusão foram gestantes residentes no Piauí diagnosticadas com sífilis em 2023, excluindo dados incompletos ou inconsistentes, filtrando as variáveis de interesse, assim a análise descritiva foi realizada com base nas tabelas geradas pelo sistema, interpretando frequências e proporções. **Resultados e discussão:** Com base nos dados do DATASUS, a maioria dos casos de sífilis em gestantes ocorreu na faixa etária entre 20 e 39 anos, representando 228 casos (80% do total de 285). Quanto à raça, mulheres classificadas como "Parda" tiveram o maior número de casos, totalizando 169 (59% do total), seguidas por "Não Informado" com 60 casos (21%), "Branca" com 29 casos (10%), "Preta" com 18 casos (6%), "Amarela" com 6 casos (2%), e "Indígena" com 3 casos (1%). Estes dados sublinham a necessidade de atenção específica para a saúde das gestantes, abrangendo todos os grupos raciais e a faixa etária entre 20 e 39 anos, especialmente as mulheres pardas. **Conclusão:** Embora haja uma tendência de associação entre raça e prevalência de sífilis em gestantes, são necessários testes estatísticos adicionais para confirmar essa relação, dessa forma ressaltam a importância de estratégias de prevenção e intervenções públicas de vigilância em saúde direcionadas, especialmente para mulheres na faixa etária mais afetada e para grupos raciais com maior prevalência da doença.

Palavras-chave: gestantes; sífilis; saúde pública.



LEVANTAMENTO EPIDEMIOLÓGICO DE TOXOPLASMOSE EM GESTANTES NO BRASIL

Samita Samara Silva de Sousa¹; Anny Vitória Santos Fonseca²; Vitória Gabrielle da Silva Gomes³; Carlos Eduardo da Silva Barbosa⁴

Graduanda em Enfermagem pela Universidade Estadual do Ceará¹, Graduanda em Medicina pela Universidade Federal de Alagoas², Graduanda em Medicina pela Universidade Federal de Alagoas³, Mestrando em Psicologia pela Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro⁴.

Anny.fonseca@famed.ufal.br

Introdução: A Toxoplasmose Gestacional (TG) é uma doença infectocontagiosa causada pelo parasita *Toxoplasma gondii*, sendo uma das infecções parasitárias mais comuns em humanos. Durante a gestação, a toxoplasmose pode ser transmitida ao feto através da via placentária representando um risco significativo para o desenvolvimento fetal. Sendo assim, destaca-se a importância de medidas de prevenção, do acompanhamento pré-natal e de cuidados obstétricos para proteger tanto a mãe quanto o feto. **Objetivo:** Apresentar o perfil epidemiológico das gestantes com toxoplasmose, ao longo de cinco anos (2019-2023) no Brasil, destacando as principais tendências e implicações para a saúde pública. **Metodologia:** Trata-se de um estudo epidemiológico descritivo, no qual será levantado o perfil epidemiológico de gestantes com toxoplasmose, utilizando dados coletados no Sistema de Informações de Agravos de Notificação (SINAN). Critério de inclusão: período entre 2019 e 2023, 2019 por ser o primeiro ano com registro no banco de dados e 2023, por ser o último. Variáveis estudadas: região de ocorrência, ano, cor/etnia, escolaridade. **Resultado e discussão:** No período de 2019 a 2023, foram constatados 55.716 casos de TG no Brasil. Dentre esses, 31,16% (n = 17.360) foram registrados na região Sudeste; 29,89% (n= 16.656) foram registrados na região Nordeste; 19,22% (n= 10.710) foram registrados na região Sul; 12,17% (n= 6.782), na região Norte; 7,54% (n= 4.204) na região Centro-Oeste e 0,007% (n= 4) tiveram essa informação ignorada. Nesse período, o ano de maior registro de casos foi em 2023 com 26,23% (n= 14.614), sendo o ano de 2019 de menor ocorrência 15,14% (n=8.436). Em relação à cor/etnia das pacientes com TG, a maioria foi parda 49,82% (n= 27.757), seguida da branca 34,09% (n= 18.994). Sobre a escolaridade, a maioria das pacientes apresentavam 26,82% (n= 14.942) ensino médio completo; 13,04% (n= 7.264) ensino médio incompleto; 10,16% (n= 5.663) 5ª a 8ª série incompleta do ensino fundamental; e 30,04% (n= 16.737) tiveram essa informação ignorada. **Conclusão:** Evidenciou-se que a Toxoplasmose Gestacional foi predominante na região Sudeste, sendo mais recorrente no ano de 2023 e principalmente na cor/etnia parda. A maior parte dos casos não registrou escolaridade e dos registrados apresentados, é destacado a maior incidência de pacientes com ensino médio completo.

Palavras-chave: cuidado pré-natal; epidemiologia; obstetrícia; toxoplasmose gestacional.



LEVANTAMENTO EPIDEMIOLÓGICO DOS CASOS DE NEOPLASIA MALIGNA DE MAMA NA REGIÃO NORDESTE DO BRASIL ENTRE OS PERÍODOS DE 2021 A 2023

Anny Celestty Aniceto de Moura¹; Carlos Eduardo da Silva-Barbosa²

Graduanda em Fonoaudiologia pela Universidade Federal de Pernambuco¹, Mestrando em Psicologia pela Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro²

✦ anny..moura@ufpe.br

Introdução: A carcinogênese caracteriza-se como uma doença crônica não transmissível e multifacetada, sendo a principal causa de morte por enfermidades a nível global. Assim como em todo território nacional, na região Nordeste do Brasil, a neoplasia de mama é o tipo de câncer que mais prevalece no sexo feminino. Apesar dos esforços já existentes, as taxas de internação e mortalidade por essa patologia ainda são elevadas e estima-se que o número de óbitos siga crescente associado aos entraves ainda persistentes para intervenção precoce. **Objetivo:** Analisar e comparar a incidência dos casos de internação e óbito por câncer de mama na Região Nordeste do Brasil no Sistema Único de Saúde entre o período de Janeiro de 2021 a Dezembro de 2023 identificando fatores contribuintes para essa configuração. **Metodologia:** Levantamento epidemiológico descritivo transversal, desenvolvido a partir de dados secundários obtidos através do departamento de informática do Sistema Único de Saúde do Ministério da Saúde (DATASUS/MS). **Resultados e Discussão:** Em comparação aos outros estados do Nordeste do país, Pernambuco lidera quanto ao número de internações decorrentes de neoplasia maligna de mama no último triênio, somando um total de 18.129 casos dos 54.719 contabilizados em todo o Estado. Entretanto, a Bahia ultrapassa na quantidade de óbitos consequentes desta patologia com 1.042 casos fatais comparado aos 905 da região pernambucana. Quanto à taxa de mortalidade dos Estados nordestinos destaca-se o Piauí com uma porcentagem de 0,21% seguido de Pernambuco com 0,2%. A nível nacional, considerando o período de 2021 a 2023, o Nordeste encontra-se atrás apenas da região Sudeste que apresenta pouco mais do dobro de internações e óbitos nesses parâmetros, respectivamente e especificamente 113.336 e 9.538 casos. No Sudeste do país, o Estado de São Paulo dispara com 58.929 internações e 4.885 fatalidades. **Conclusão:** Devido a alta incidência do câncer de mama em território nacional ao longo dos anos foram implementadas ações preventivas no combate a essa patologia que são primordiais para obtenção de um bom prognóstico. Todavia, o que se observa é uma configuração ascendente tanto do número de internações quanto de óbitos na região Nordeste do Brasil ao longo do recorte temporal selecionado para o presente estudo.

Palavras-chave: neoplasia maligna de mama; hospitalização; saúde pública.

MAIS UMA FACETA DA VIOLÊNCIA OBSTÉTRICA: O IMPACTO DO RACISMO NAS EXPERIÊNCIAS DE PARTO DAS MULHERES NEGRAS NO BRASIL

Brenna Kurt Reis de Moraes Rezende Dante Machado ¹; Grazielle Maria Coutinho Dias ²; Marenize de Jesus Santos ³; Gabrielle Nascimento de Melo ⁴; Sarah Nascimento de Melo ⁵; Gabriela Nobrega Pereira ⁶; Kelly da Silva Cavalcante Ribeiro ⁷.

Bacharel em Enfermagem pelo Centro de Ensino Superior de Ilhéus- CESUPI ¹; Bacharel em Enfermagem pela Faculdade Estácio de Alagoas - FAL ²; Bacharel em Enfermagem pelo Centro Universitário Maurício de Nassau – Aracaju ³; Graduanda em Enfermagem pela Faculdade Estácio de Alagoas- FAL ⁴; Graduanda em Enfermagem pela Faculdade Estácio de Alagoas- FAL ⁵; Bacharel em enfermagem pelo Centro Universitario do Distrito Federal ⁶; Mestre em Ciências da Saúde pela Escola Superior de Saúde - ESCS/DF ⁷

brennakurt21@hotmail.com

Introdução: O racismo estrutural permeia todo o sistema de saúde, resultando em tratamento diferenciado, discriminação e desrespeitoso para com as mulheres negras (MN) durante o parto, revelando que a violência obstétrica (V.O) conceituada por práticas no pré-natal, parto e pós-parto que ofendam os direitos da gestante, com condutas agressivas e ofensivas, é mais acometida em mulheres negras no Brasil. **Objetivo:** Investigar a interseção entre violência obstétrica e racismo, examinando o impacto do racismo nas experiências de parto das mulheres negras no Brasil. **Metodologia:** Trata-se de uma revisão de literatura realizada por meio de uma busca na Biblioteca Virtual em Saúde (BVS), utilizando as bases de dados indexadas LILACS e MEDLINE. Foram selecionados cinco artigos que abordam a temática. Os critérios de inclusão consideraram abordagens pertinentes ao tema, disponibilidade do texto na íntegra em formato de artigo e idioma português. Os critérios de exclusão incluíram textos incompletos, teses, trabalhos não relacionados ao estudo e textos duplicados. **Resultado e Discussão:** Desde Brasil colônia, padrões eurocêntricos e discriminatórios instaurados resultam em uma exploração da MN. Estudos apontam que as MN sofrem racismo desde o pré até o pós-parto, obtendo o pré-natal insuficiente, com quantitativo menor de consultas e mais rápidas do que o recomendado pelo Ministério da Saúde. Elas também são as que mais precisam ir de hospital em hospital durante o parto e têm mais chances de terem seu direito a um acompanhante violado. Além disso, são as que mais sofrem com violência obstétrica. Falas violentas como: “mulheres pretas são parideiras por excelência”, “negras são fortes, mais resistentes à dor”, “elas não fazem o pré-natal direito” são expressões carregadas não só de V.O, mas também racismo. Pode-se observar uma atenção à saúde menos satisfatórias para as MN, quando se compara às brancas, comprovando que o racismo se fez presente, com malefícios notórios para MN. Com isso pode inferir que MN ainda ocupam um lugar de inferioridade e desigualdade **Conclusão:** Apesar da implementação da Política Nacional de Saúde Integral da População Negra em 2009, as disparidades raciais na saúde persistem no Brasil, evidenciadas por indicadores preocupantes de acesso ao pré-natal e taxas elevadas de mortalidade materna durante a gestação, parto e puerpério entre mulheres negras. Portanto, é crucial reconhecer que a violência obstétrica precisa ser enfrentada levando em conta essa dimensão racial de forma abrangente. Urge a implementação de políticas públicas mais eficazes para abordar essa questão de maneira adequada.

Palavras-chave: Violência obstétrica, Racismo, Saúde da Mulher.



**MANEJO BASEADO EM PROTOCOLO DA VAGINOSE BACTERIANA PELO
ENFERMEIRO NA ATENÇÃO BÁSICA**

Bruna Menezes Souza de Jesus¹; Paula Paulina Costa Tavares²

Graduanda em enfermagem pela Faculdade Adventista da Bahia - FADBA¹, Enfermeira, Mestre,
Docente pela Faculdade Adventista da Bahia - FADBA²

menezesbrunaaa@gmail.com

Introdução: Gardnerella Vaginalis consiste em um agente bacteriano presente na microbiota genital feminina que em baixas concentrações não produz sintomas. Quando a concentração aumenta, em decorrência de alterações do sistema imunológico e da própria microbiota, favorece o desenvolvimento da Vaginose Bacteriana (VB). Dentre a sintomatologia, são encontradas repercussões como: odor fétido, principalmente após o período menstrual e relações sexuais, prurido, dispareunia, corrimento amarelado ou acinzentado. Neste sentido, a identificação da Gardnerella Vaginalis pode ser confirmada através do manejo clínico de queixas ginecológicas ou após a realização da citologia oncológica, com análise do resultado e posterior condução do tratamento de maneira sistemática. Sob este enfoque, a fim de contribuir para efetividade na continuidade dos cuidados, o Conselho Federal de Enfermagem, em conjunto com os municípios, asseguram à competência do profissional enfermeiro a prescrição de medicamentos e exames laboratoriais ou complementares na Atenção Básica, de acordo com protocolos.

Objetivo: Relatar experiência na assistência de enfermagem à saúde da mulher em consultório de Unidade Básica de Saúde, na visão de estudante de enfermagem, no ano de 2024. **Metodologia:** Trata-se de relato de experiência, descritivo e exploratório, com abordagem teórico-reflexiva, vivenciado por estudante de Enfermagem em Unidade Básica de Saúde, situada no recôncavo baiano, durante estágio extracurricular, no primeiro semestre de 2024. A vivência do estágio permitiu à acadêmica observar a realização de coleta de citopatológico com posterior retorno para entrega e interpretação do resultado, além da identificação de queixas ginecológicas, com promoção da gestão do cuidado, bem como a execução do Processo de Enfermagem. **Resultados e Discussão:** O exercício acadêmico no âmbito da assistência de enfermagem à saúde da mulher na Atenção Básica, mostra-se relevante no que tange à perspectiva estudantil da prática laboral do profissional enfermeiro, ancorada em protocolos clínicos e baseada na cientificidade dos processos do cuidado integral ao indivíduo. Neste sentido, a avaliação clínica e direcionamento adequada em casos de Gardnerella Vaginalis, através da explicação do que se trata a infecção, quais sinais e sintomas, como altera microbiota genital, forma de prevenção, conduzem para adesão do tratamento, quando necessário, e efetividade nos processos de cuidado à saúde da mulher.

Considerações Finais: Desta forma, foi possível perceber que a prática clínica com prescrição de tratamentos baseada em protocolos clínicos e educação em saúde pelo enfermeiro, configuram assertividade e autonomia na atuação profissional, bem como, na assistência à paciente, no contexto da atenção básica, com ênfase na saúde da mulher.

Palavras-chave: Gardnerella Vaginalis; saúde da mulher; consulta de enfermagem.



MANEJO EFETIVO DA HEMORRAGIA PÓS-PARTO: ENFOQUE DIAGNÓSTICO E INTERVENCIONISTA

Bruna Menezes Souza de Jesus¹; Alessandra Batista Sabino²; Lara Fernanda Pereira de Souza³; Lara Rebeca Piauilino Freitas de Sá⁴; Joana Pereira Medeiros do Nascimento⁵; Paula Paulina Costa Tavares⁶

Graduanda em enfermagem pela Faculdade Adventista da Bahia - FADBA¹; Graduanda em enfermagem pela Faculdade Adventista da Bahia - FADBA²; Graduanda em enfermagem pelo Centro Universitário Celso Lisboa³; Graduanda em enfermagem pela Universidade Federal do Piauí⁴; Enfermeira pela Universidade Católica de Pernambuco⁵; Mestre em Promoção a Saúde, Enfermeira, Docente pela Faculdade Adventista da Bahia - FADBA⁶

menezesbrunaaa@gmail.com

Introdução: Hemorragia pós-parto (HPP) consiste em um importante quadro frente às emergências obstétricas, devido a sua taxa de morbimortalidade materna. Nesse sentido, perdas sanguíneas excessivas, com valorações maiores que 500 ml são indicativos de HPP. Sob essa perspectiva, a atuação de equipe multidisciplinar, a fim de atuar na assistência, diagnóstico e intervenções são basilares durante este processo. **Objetivo:** Identificar quais as principais intervenções frente a HPP. **Metodologia:** Trata-se de uma revisão integrativa de caráter descritivo e exploratório. As buscas foram realizadas através das bases de dados Biblioteca Virtual em Saúde (BVS), *Medical Literature Analysis and Retrieval System Online* (MEDLINE), Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciências da Saúde (LILACS) e Base de Dados de Enfermagem (BDENF), por intermédio dos descritores: “Hemorragia Pós-parto”, “Enfermagem” e “Diagnóstico”, os termos foram retirados da plataforma Descritores em Ciência da Saúde (DeCs) e empregados através do operador *booleano* “AND”. Os critérios de inclusão considerados foram: artigos originais, com texto completo, no idioma inglês ou português, com recorte temporal entre 2019 a 2024, e que se relacionassem com a temática proposta. Como critérios de exclusão, foram desconsiderados dissertações, teses e trabalhos de conclusão de curso, revisões integrativas. De um total de 65 artigos encontrados, após aplicação dos critérios foram excluídos 57 estudos, resultando numa seleção final de 8 artigos para compor o *corpus*. **Resultados e Discussão:** Dentre os resultados encontrados para o manejo do processo clínico, apresentaram-se principalmente o diagnóstico precoce na avaliação quantitativa da HPP para assistência e intervenções imediatas. Nesta perspectiva, monitoramento dos padrões vitais, bem como, avaliação das condições clínicas também são práticas adotadas para identificação da HPP, seguida da reposição volêmica, além do uso de medidas terapêuticas como ácido tranexâmico e fármacos uterotônicos, como a ocitocina. Destacam-se também a implementação de práticas voltadas à aplicação de escalas de avaliação de risco aumentado para sangramento, avaliação e atuação da equipe multidisciplinar, testes de coagulação, quantificação da perda sanguínea, como intervenções terapêuticas frente a HPP. **Considerações Finais:** Infere-se que durante situações clínicas de Hemorragia Pós-Parto, o diagnóstico precoce evidencia uma importante ferramenta, no que diz respeito, a tomada de decisões assertivas, no manejo intervencionista e sobrevida da vítima. Assim, cabe à equipe através de protocolos e avaliações identificar com celeridade os quadros de HPP, bem como, promover o cuidado baseado nas especificidades e intervenções adequadas.

Palavras-chave: Hemorragia Pós-Parto; enfermagem; diagnóstico.

MÉTODO PILATES COMO RECURSO FISIOTERAPÊUTICO DIFERENCIAL NO PREPARO DO ASSOALHO PÉLVICO DURANTE O PERÍODO GESTACIONAL

Rafaela Caramello de Souza¹; Letícia Opis Karas¹; Ana Cláudia Buchene Pieroni²

Graduando em fisioterapia pela Pontifícia Universidade Católica de Campinas¹, Mestre em Psicologia pela Pontifícia Universidade Católica de Campinas²

rcaramellods@gmail.com

Introdução: Sabe-se que inúmeras disfunções do assoalho pélvico feminino podem estar correlacionadas ao período gestacional e ao momento do parto. Dessa forma, a utilização do Método Pilates como recurso fisioterapêutico é indicado para o preparo do corpo feminino para as modificações advindas da gestação e as demandas do parto. Os exercícios do Pilates concentram-se na força e na estabilização da musculatura postural, obtida por meio da ativação do *Power House*, do qual fazem parte, os músculos abdominais, do assoalho pélvico e eretores de coluna. **Objetivos:** Verificar a eficácia do Método Pilates como um recurso fisioterapêutico diferencial no preparo do assoalho pélvico durante a gestação. **Metodologia:** Foi realizada uma revisão integrativa de literatura nas bases de dados SciELO, PEDro, BVS, PubMed e Periódicos CAPES, dentro do período de 2015 a 2023. Foram utilizados como critérios de inclusão, artigos em português e inglês disponíveis na íntegra, publicados dentro período previamente estabelecido, cuja temática estivesse correlacionada ao Método Pilates durante o período gestacional e os possíveis benefícios para as praticantes, especialmente no preparo do assoalho pélvico. E como critérios de exclusão, artigos que não estejam de acordo com os requisitos acima e/ou duplicados. Sendo assim, foram encontrados 53 artigos, dos quais apenas 9 foram selecionados para incorporar ao estudo. **Resultados e Discussão:** Através da análise dos artigos selecionados, percebe-se que há concordância entre os autores, correlacionando ao princípio que, para realizar os exercícios característicos do Método, é necessária uma estabilização central proveniente da ativação dos músculos do *Power House*, dos quais os músculos do assoalho pélvico (MAP) são componentes representativos e essenciais ao processo referido. Por conseguinte, o Método Pilates possibilita o preparo adequado da musculatura para o trabalho de parto, facilitando e acelerando o período expulsivo, além de promover recuperação otimizada da parturiente. **Conclusão:** O Método Pilates consiste em um recurso eficiente e viável no preparo do assoalho pélvico durante o período gestacional, contribuindo para o fortalecimento e alongamento dos MAP. Assim como, para a redução de desfechos negativos associados ao parto, tais quais, pode-se citar lacerações perineais e episiotomias. A combinação desses benefícios poderia resultar em um aumento do número de mulheres que optam pelo nascimento via vaginal e, na diminuição da dor e duração da fase ativa do trabalho de parto, proporcionando aumento do bem-estar e satisfação materna com o processo.

Palavras-chave: Método Pilates; assoalho pélvico; gestação.

MÉTODOS E ESTRATÉGIAS INOVADORAS PARA ALÍVIO DOS SINTOMAS DA MENOPAUSA E CUIDADOS PREVENTIVOS NO CLIMATÉRIO

Maria de Fátima Cavalcanti de Lima¹; Ana Carolina da Silva Reis², Gabrielly Mendes Coelho³; Luis Henrique de Oliveira Rodrigues⁴; Thailanne Cardoso Soares⁵; Acsa Maélly Chaves Né Barros⁶

Graduada em Serviço Social pela Universidade Pitágoras Unopar - Carpina-PE¹; Graduada em Enfermagem pela Universidade Federal de Pernambuco- UFPE-CAV²; Graduanda em enfermagem pela Faculdade Santo Antônio de Alagoinhas³; Faculdade Santíssima Trindade⁴; Graduanda de enfermagem pela Universidade Federal do Ceará⁵; Graduanda em enfermagem Unopar - Araguaína – TO⁶

Email: ana.reis.enfer.@gmail.com

Introdução: A menopausa é uma fase natural na vida das mulheres, caracterizada por alterações hormonais que marcam o fim dos ciclos menstruais e reprodutivos, iniciando entre 45 à 55 anos, essas mudanças fisiológicas decorrentes da diminuição dos níveis de hormônios sexuais, particularmente o estrogênio. Esses processos podem resultar em uma variedade de sintomas, incluindo ondas de calor, suores noturnos, alterações de humor, insônia, secura vaginal e redução da densidade óssea. **Objetivo:** Investigar novas estratégias para o alívio dos sintomas da menopausa e analisar cuidados preventivos que podem ser implementados durante esta fase, com o objetivo de melhorar a qualidade de vida tornando essencial a implementação de cuidados preventivos eficazes. **Metodologia:** Este trabalho se baseia em pesquisa bibliográfica do tipo revisão integrativa da literatura. A coleta dos dados foi realizada entre janeiro a maio de 2024, foram consultadas as seguintes bases de dados PubMed; Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciências da Saúde (LILACS) e Medical Literature Analysis and Retrieval System Online (MEDLINE), utilizando três descritores em saúde retirados dos Descritores em Ciências da Saúde (DeCS), sendo eles: “sintomas”, “cuidados preventivos” e “menopausa”, combinados entre si pelo operador booleano AND. A busca inicial resultou em um total de 70 artigos, sendo posteriormente reduzido para 10 após a aplicação dos critérios de inclusão, sendo eles: artigos completos originais dos últimos cinco anos acerca da temática em língua portuguesa e inglesa, excluindo notas prévias e revisões bibliográficas. **Resultados:** Os resultados positivos encontrados na revisão de literatura, destacar avanços e métodos utilizados em programas educacionais específicos para as mulheres nessa nova fase, que permiti reduzir os impactos negativos e promove o bem-estar, estimulando exercícios aeróbicos que visam regulação das ondas de calor e distúrbios do sono, aconselhamento nutricional, incluindo alimentos ricos em fitoestrogênios como a soja, que ajuda a equilibrar os níveis hormonais naturais, a terapia cognitiva-comportamental, incluindo terapias hormonais alternativas, intervenções não farmacológicas e abordagens integrativas para melhorar a qualidade de vida durante essa fase. Além de soluções inovadoras, como aplicativos de telessaúde que visa fornecer um suporte contínuo e acessível para as mulheres durante o climatério. **Conclusão:** Os estudos revisados abordam a importância de explorar múltiplas abordagens que prevenir e minimiza os sintomas da menopausa, incorporando na rotina dessas mulheres mudanças no estilo de vida e práticas complementares e integrativas, fornecendo um alívio dos sintomas e promovendo bem-estar holístico, contribuindo para uma melhor qualidade de vida para as mulheres durante a menopausa.

Palavras-chaves: Sintomas; Cuidados Preventivos e Menopausa.

MORBIMORTALIDADE POR NEOPLASIA MALIGNA DO COLO UTERINO, NO BRASIL, DE 2019-2023

Mariana Carvalho Soares¹; Juliane Perdigão Costa Araújo¹; Juliana Silveira Pontes¹; Consuelo Penha Castro Marques²

Graduando em Medicina pela Universidade Federal do Maranhão¹, Doutora em Odontologia pela Universidade Federal do Maranhão²

✦ ✦
mariana.cs@discente.ufma.br

Introdução: O Câncer do Colo do Útero (CCU), é uma das principais causas de óbitos em mulheres no século XXI. Uma das suas etiologias é a infecção por *Papilomavírus Humano* (HPV) quando não tratada e persistente, mesmo em casos sem sintomas. **Objetivo:** Conhecer o perfil epidemiológico da mortalidade por neoplasia maligna do colo de útero, no Brasil, nos últimos 5 anos. **Metodologia:** Estudo epidemiológico, transversal, quantitativo, de série temporal de 2019 a 2023, com dados secundários advindos do DATASUS-MS. **Resultados e Discussão:** No Brasil foram 123.448 internações de 2019-2023 por neoplasia maligna do colo do útero, com maior número concentrado na região Sudeste (n=48.104) e menor na região Centro-oeste (n=9.844). O país evidenciou tendência decrescente de taxa de mortalidade de 2019-2023, sendo a região norte com a maior taxa de mortalidade durante esse período de 15,69. A diminuição da mortalidade por CCU pode ser explicada pela subnotificação de pacientes afetadas durante o período pandêmico causado pela COVID-19 e pela relativa melhora da equidade na acessibilidade aos serviços de saúde. A maior taxa de mortalidade na região norte pode estar atrelada as desigualdades sociais, que prejudicam o acesso aos serviços de saúde e rastreamento de casos na população. Em relação ao número de óbitos, teve maior prevalência na faixa etária de 50 a 59 anos, com 3.099 mortes. No que se refere a relação à raça/cor, notou-se a prevalência na população parda (47,92%). Em relação a faixa etária com maior prevalência de óbitos, esse dado pode estar relacionado com o atraso no diagnóstico das pacientes, o que conseqüentemente favorece ao tratamento em estágios mais avançados do câncer, e conseqüentemente aumenta as chances de mortalidade; em relação à raça/cor, no Brasil este tipo de câncer ocorre mais na raça parda, com pequenas variações entre as regiões, portanto a variabilidade genética pode estar vinculada e ainda precisa ser melhor investigada. **Conclusão:** Diante disso, observou-se grande número de internações, embora tenham demonstrado redução na mortalidade. No entanto, fatores como a dificuldade no acesso à saúde e na continuidade no tratamento das pacientes, dificultam o rastreamento adequado do CCU e a identificação de óbitos preveníveis. Assim, a falta de informação somada às desigualdades econômicas e sociais, são causas importantes para os achados do presente estudo, o que evidencia a necessidade da análise do perfil de morbimortalidade do CCU como forma de nortear políticas públicas e melhorar a qualidade de vida da população feminina.

Palavras-chave: câncer de colo do útero; epidemiologia; morbimortalidade.



MORTALIDADE FEMININA EM IDADE FÉRTIL NO NORDESTE NO PERÍODO DE 2012-2022

Flávia Letícia Miranda Galvão¹; Ana Carolina Matias Pires¹; Karla Rivellyne de Castro Ribeiro¹; Maria Fernanda Marinho Lima¹; Marília Lopes Leal¹; Tales Silva Santana¹; Tarcísio Augusto da Silva Menezes²

Graduando em Medicina pela Universidade Federal do Vale do São Francisco, Graduado em Medicina pela Universidade Federal do Vale do São Francisco²

flavia.miranda@discente.univasf.edu.br

Introdução: Estatísticas de mortalidade são importantes ferramentas para conhecimento do perfil epidemiológico e elaboração de indicadores de saúde. Nesse sentido, estudar os óbitos de mulheres em idade fértil (MIF) contribui para a implementação de políticas públicas efetivas voltadas para a saúde da mulher. **Objetivo:** Analisar o perfil dos óbitos de MIF na região Nordeste, nos anos de 2012 a 2022. **Métodos:** Trata-se de um estudo ecológico que tem como base os dados oriundos do DATASUS. As principais causas de morte de MIF (10-49 anos) foram classificadas por capítulos da Classificação Estatística Internacional de Doenças e Problemas Relacionados à Saúde (CID-10). Os demais dados coletados foram raça, escolaridade e o estado civil das mulheres, além de anos dos óbitos por unidade da federação. **Resultados e Discussão:** No período ocorreram 211.716 óbitos de MIF no Nordeste, sendo a Bahia o estado mais acometido (27,3%). Na amostra analisada, as principais causas de morte foram: Neoplasias (22%), causas externas de morbidade e mortalidade (17,6%), doenças do aparelho circulatório (16,9%) e algumas doenças infecciosas e parasitárias (10,4%). Dentro das causas de neoplasias, destacaram-se a Neoplasia Maligna de Mama (21,7% dos casos) e a de Colo de Útero (15,7%). Em relação às doenças do aparelho circulatório, destaca-se o Infarto Agudo do Miocárdio (IAM) com 23,5% dos casos. A respeito das doenças infecciosas e parasitárias, prevaleceram casos de HIV (21,1%) e doenças por vírus de localização não especificada (36,5%). O grupo étnico mais acometido foi o pardo (65,85%), seguido do branco (19,6%) e o preto (8,9%). Referente à escolaridade, foram classificadas como nenhuma a 7 anos de estudo (49,5%), 8 a 11 anos (23,5%) e 12 anos e mais (6,8%). Acerca do estado civil, a maioria eram solteiras (55%). Ademais, cabe pontuar que houve uma tendência de diminuição dos óbitos entre 2016 a 2019, seguida por um aumento a partir de 2020, com pico em 2021 (24.474). **Conclusão:** O perfil predominante da mortalidade feminina reflete desigualdades socioeconômicas e raciais, haja vista prevalência entre mulheres pardas e com um nível de escolaridade majoritariamente baixo, além da maioria serem solteiras, o que pode indicar uma vulnerabilidade maior. A análise das principais causas de morte revela agravos modificáveis, evidenciando a necessidade de fortalecer políticas de saúde voltadas ao público feminino, com ênfase em diagnósticos precoces, tratamentos eficazes e acompanhamento contínuo.

Palavras-chave: Causas de Morte, Mortalidade, Saúde da Mulher.

MORTALIDADE MATERNA: A IMPORTÂNCIA DA ADERÊNCIA PRÉ-NATAL

Pedro Henrique de Moraes Sanches¹, Luana Barros Moreira¹, Maria Eduarda Pereira Juscelino¹, Anna Alycia Bezerra Cruz¹, Ycaro Deyangells Moreira Carvalho¹, Rodrigo Tobias Aiello¹, Mariana Andrade Oliveira²

Graduandos do Curso de Medicina pela Universidade de Ribeirão Preto-UNAERP¹, Médica pela Universidade de Ribeirão Preto-Unaerp, com mestrado em patologia pela Universidade Federal Triângulo Mineiro-UFTM²

phmoraisanches@gmail.com

Introdução: A morte de mulheres devido a complicações durante o parto ou puerpério ainda é elevada mundialmente, sendo que no ano de 2020 foram notificados 287 mil casos, dos quais apenas 1% ocorreram em países desenvolvidos (dados da OMS) indicando forte correlação com o contexto local da mulher. Em 2021, esse número chegou a 107 no Brasil. Segundo o Ministério da Saúde do Brasil, 95% desses casos poderiam ter sido evitados se houvesse a devida atenção obstétrica, algo que se observa em países desenvolvidos, onde essa taxa chega a 12 mortes a cada 1.000 nascidos vivos, enquanto em países em desenvolvimento esse número chega a 239 óbitos, quase 20 vezes maior (dados novamente extraídos da OMS.) **Objetivos:** O trabalho teve como objetivo analisar a influência do correto acompanhamento médico ao longo da gravidez em relação à mortalidade materna. **Metodologia:** Com o intuito de realizar uma revisão bibliográfica integrativa acerca desse tema, adotou-se um embasamento teórico baseado em artigos científicos, obtidos por meio de pesquisa digital empregando a plataforma digital Scientific Library Online (SciELO), incluindo os termos-chave relevantes: “Cuidado pré-natal; mortalidade materna”. Dos 75 artigos encontrados, 2 foram selecionados para este estudo, os quais tiveram como critério de inclusão os idiomas inglês e português, que apresentavam maior relevância científica, excluindo os demais artigos que não se encaixavam na temática. Ademais, houve embasamento em dados da World Health Organization, OMS. **Resultado e discussão:** Como resultado, foi observada a correlação inversa significativa do número de consultas pré-natais com a razão de mortalidade materna. Outro dado a ser considerado é que a maioria dos óbitos ocorreu em mulheres pretas e baixa escolaridade, grupos sociais com menor taxa de adesão ao programa de consultas pré-natais. Também se evidenciou que mais de 70% das mortes seriam provavelmente evitadas com a devida atenção profissional, das quais 40% seriam “certamente evitadas”. Ao longo dos estudos analisados, houve a implantação do programa “Rede Cegonha”, que propõe a melhoria do atendimento às mulheres durante a gravidez, o que possivelmente resultou em uma redução no número de óbitos nos anos seguintes. **Conclusão:** Por fim, conclui-se que o devido acompanhamento médico pré-natal é de suma importância para um parto de sucesso, podendo até mesmo reduzir pela metade a taxa de mortalidade materna em alguns municípios brasileiros. Ademais, é importante ressaltar a importância do combate à desigualdade social, tendo em vista que uma população carente está mais suscetível à falta de atendimento médico.

Palavras-chave: Pré-natal; mortalidade materna; epidemiologia



**MUDANÇA DE ESTILO DE VIDA EM MULHERES COM SÍNDROME DOS OVÁRIOS
POLICÍSTICOS: UMA REVISÃO DE LITERATURA**

Giovana Domiciano Silveira¹, Caroline Cotta e Silva¹, Rosangela Machado Pereira Malvaccini²

Graduando em medicina pela Faculdade de Ciências Médicas e da Saúde de Juiz de Fora – FCMS/JF¹,
Médica pela Universidade Federal de Juiz de Fora - UFJF²

giovana-silveira@hotmail.com.br

Introdução: A síndrome dos ovários policísticos (SOP) é o distúrbio reprodutivo mais comum em mulheres em idade reprodutiva, sendo o sobrepeso e a obesidade altamente prevalentes nesse público. Dessa forma, a mudança no estilo de vida (MEV) é a primeira linha de tratamento para o manejo de mulheres com SOP, porém, não é uma alternativa ao seu tratamento farmacológico. **Objetivo:** Analisar a eficácia da MEV em pacientes com SOP. **Metodologia:** Foram analisados ensaios clínicos controlados e randomizados publicados originalmente em inglês, dos últimos cinco anos, em humanos, usando como referência as bases de dados National Library of Medicine (MedLine). A busca pelos descritores utilizados foi mediante consulta ao Medical Subject Headings (MeSH) e os utilizados foram: polycystic ovary syndrome; lifestyle; health. Foram excluídos estudos que não estavam de acordo com a temática. A escala PRISMA foi utilizada no intuito de melhorar o relato desta revisão. **Resultados e Discussão:** Inicialmente foram encontrados 108 estudos na base de dados MedLine, e após aplicação dos critérios de inclusão e exclusão, apenas 4 artigos fizeram parte do escopo final. Alguns artigos mostraram a necessidade de uma abordagem terapêutica multidirecional em pacientes com SOP por meio da análise do impacto da dieta, bem como da prática de exercício físico e controle do sono, concluindo que a introdução de uma dieta hipocalórica com IG reduzido, bem como alimentos e nutrientes de padrões alimentares específicos (por exemplo, a dieta mediterrânea) tem efeitos positivos na gravidade clínica da SOP, melhorando o estado inflamatório, a resistência insulínica e a hiperandrogenemia. Além disso, a normalização do sono e a introdução de atividade física também se mostraram necessárias. Outros estudos analisaram o efeito de uma intervenção de três componentes (aconselhamento nutricional, exercício e terapia cognitivo-comportamental) no estilo de vida com ou sem serviços de mensagens curtas (SMS) na prevalência e gravidade da SM e nos parâmetros metabólicos em portadoras de SOP, resultando em uma melhoria na saúde metabólica, bem como significativa perda de peso, sendo essa mais expressiva na presença de SMS. **Conclusão:** Conclui-se que ajustes no estilo de vida são necessários para melhorar o estado metabólico de mulheres com SOP, visto que há um benefício quando é aplicado de forma complementar ao tratamento farmacológico de portadoras de tal condição. Dessa forma, concentrar-se no bem-estar geral e na saúde mental é uma escolha pessoal e, embora não seja uma solução imediata, é um passo importante para uma vida mais plena.

Palavras-chave: polycystic ovary syndrome; lifestyle; health.

MULHER DE FIBRA: QUALIDADE DE VIDA, ATIVIDADE FÍSICA E SAÚDE DE MULHERES COM FIBROMIALGIA

Melissa de Alcântara Nunes¹; Deborah Santana Pereira²

Graduada em Licenciatura e Bacharel em Educação Física pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará - IFCE¹, Doutora em Saúde Coletiva pela Universidade Estadual do Ceará - UECE²

melissaalcantaraed.fisica@gmail.com

A fibromialgia é considerada uma condição crônica que afeta predominantemente as mulheres, despertando sensações de fadiga, dores generalizadas e uma variedade de sintomas somáticos. Pesquisas têm sido realizadas a fim de encontrar estratégias eficazes para o tratamento da doença. O presente estudo trata-se de uma pesquisa transversal, descritiva, de campo com abordagem quantitativa e utilização de dados primários e objetivos, cujo objetivo foi analisar aspectos de saúde e qualidade de vida de mulheres com fibromialgia de Juazeiro do Norte, Região Metropolitana do Cariri, Ceará. Utilizou-se a amostragem de 32 mulheres associadas ao INFIBRECE (Instituto de Fibromialgia e Doenças Relacionadas do Ceará). Os dados foram coletados por meio de questionários sociodemográficos, avaliação da qualidade de vida (WHOOQOL - BREF) e saúde da mulher (WHQ), e analisados com auxílio de programas estatísticos. Este estudo obedeceu aos aspectos éticos contidos na Resolução 466/2012. A coleta aconteceu no período de outubro de 2023 a fevereiro de 2024. A pesquisa demonstra que a maioria das mulheres são casadas (50,0%); mais da metade das mulheres concluíram o Ensino Médio (56,3%), a maioria está desempregada (56,3%) e possuem renda de até 1 salário-mínimo; as comorbidades mais relatadas entre elas foram: hérnia de disco, ansiedade, depressão e artrose. Entre os domínios da qualidade de vida mais prejudicados estão relações sociais (40,89) e físico (42,86). O estudo evidencia que as facetas mais prejudicadas foram: espiritualidade/religião/crenças pessoais; novas informações e habilidades; relações pessoais; suporte e apoio social e atividade sexual. Considerando os dados coletados pode-se concluir que as mulheres com fibromialgia da cidade de Juazeiro do Norte percebem certo declínio em todos os âmbitos da sua qualidade de vida, assim como na saúde física e emocional. A maioria das participantes relatou sentir uma sensação significativa de cansaço, dores frequentes nas costas, braços e pernas, ondas de calor persistentes, inchaço no estômago, dificuldade para dormir e formigamento nas mãos e nos pés. A dificuldade que a maioria tem de conseguir se manter em trabalhos remunerados, afeta consideravelmente o seu acesso a práticas de lazer assim como a um tratamento especial de saúde com profissionais especializados que as ajudem a encontrar estratégias de manejo da fibromialgia. O apoio da família, parentes e amigos se mostrou como um fator muito importante no enfrentamento da doença. Os resultados sugerem que as mulheres com fibromialgia enfrentam uma série de desafios relacionados à saúde e à qualidade de vida.

Palavras-chave: Fibromialgia; Qualidade de vida; Saúde da mulher.



MULHERES NA MENOPAUSA: NUTRIÇÃO E PSICOLOGIA COMO ALIADAS NESSE PROCESSO

Dayane Rívea Cintra Xavier¹; Alexandra Melo da Silva²

Pós-graduada em Psicologia Hospitalar pela Faculdade Venda Nova do Imigrante¹, Nutricionista pelo Centro Universitário Mário Pontes Jucá²

psi.dayanerivea@gmail.com

Introdução: Na menopausa ocorre o fim dos ciclos menstruais devido a redução da atividade dos ovários e da produção de estrogênio. Embora nem todas as mulheres apresentem sintomas, aquelas que apresentam experimentam sintomas e intensidades diferentes. Tais sintomas podem ter impacto negativo na qualidade do sono, desejo sexual e humor. Portanto, torna-se importante que o tratamento da menopausa ocorra de forma multiprofissional, abordando assim de forma mais completa as diferentes questões físicas e emocionais que surgem durante esse período. **Objetivo:** Identificar a importância do acompanhamento nutricional e psicológico para mulheres na menopausa. **Metodologia:** A metodologia utilizada foi a revisão narrativa da literatura. A busca foi realizada na base de dados virtuais SciELO, utilizando-se os Descritores em Ciências da Saúde (DeCS) menopausa AND envelhecimento e nutrição AND saúde da mulher. O estudo foi realizado no mês de abril de 2024 e os critérios para inclusão foram trabalhos publicados no período de 2013 a 2023, escritos em português e que se relacionassem com o objetivo deste trabalho, sendo incluídos ao todo 8 artigos para compor essa revisão. O critério para exclusão foram artigos que não se relacionassem com o tema e/ou objetivo deste trabalho e/ou abordassem sobre os aspectos específicos da menopausa. **Resultados e Discussão:** O acompanhamento psicológico durante a menopausa auxilia a mulher a compreender e lidar melhor com as transformações físicas e sintomas incômodos que podem surgir e a gerenciar melhor sintomas como alterações no humor, ansiedade e baixa libido. Como a menopausa pode desencadear o medo do envelhecimento e alterações na autoestima, o profissional da psicologia pode ajudar no processo de fortalecimento emocional. O acompanhamento nutricional auxilia na prevenção de problemas de saúde associados a essa fase, como osteoporose e ganho de peso. Além disso, uma alimentação variada é capaz de fornecer os nutrientes necessários para o pleno funcionamento do nosso organismo, auxiliando na reposição hormonal de forma não farmacológica e atenuando os efeitos negativos da deficiência de estrogênio. **Conclusão:** Sendo a menopausa uma etapa na vida da mulher que traz consigo alterações físicas e hormonais, necessita de cuidados multidisciplinares para garantir o bem-estar de forma abrangente diante dos sintomas, promovendo assim uma melhor qualidade de vida. Neste sentido, a atuação do psicólogo pode ser fundamental para que as mulheres possam enfrentar essa fase com mais segurança e autoconfiança. Da mesma forma, o nutricionista pode oferecer orientações sobre a importância de uma alimentação saudável e equilibrada durante esse período.

Palavras-chave: Menopausa; Nutrição; Psicologia em saúde.

MULHERES NEGRAS EM SITUAÇÃO DE RUA: OBSTÁCULOS NO ACESSO AOS SERVIÇOS DE SAÚDE

Luciana Yasmin Carvalho Brito¹; Anna Tamilly Rocha Silva¹; Natália da Silva Mota¹; Thamires Regina Trevizan Magalhães¹; Cláudia Regina Silva dos Santos Cunha²

Graduando em enfermagem pela Universidade Federal do Maranhão¹, Mestra em Ciência da Saúde pela Universidade Federal do Maranhão².

✦ ✦
lucianaybrito@gmail.com

Introdução: Mulheres negras em situação de rua enfrentam desafios cotidianamente, entre os quais se destaca a dificuldade de acesso aos serviços de saúde. Esta população vulnerável muitas vezes é marginalizada e excluída dos sistemas de cuidados de saúde, o que resulta em disparidades significativas no acesso aos serviços e na qualidade do atendimento. **Objetivo:** Analisar a realidade de mulheres negras em situação de rua que, em sua maioria, não são vistas pelas políticas de saúde pública e sofrem com a falta de acesso à serviços de saúde. **Metodologia:** Trata-se de uma revisão de literatura, utilizando os Descritores em Ciências da Saúde (DeCs): “Saúde da Mulher Negra”, “Pessoas em Situação de Rua” e “Serviços de Saúde”. As bases de dados utilizadas foram: SciELO e Biblioteca Virtual em Saúde, a partir da busca foram selecionados os artigos, seguindo os critérios de inclusão: serem estudos originais indexados nas bases de dados selecionadas, em português, publicados entre 2019 e 2024. Inicialmente, obteve-se 18 resultados, dos quais foram excluídos os artigos que não versassem sobre o tema. Em seguida, foram selecionados 3 artigos. **Resultados e Discussão:** As pessoas em situação de rua, no geral, já experimentam o acesso restrito às políticas de saúde públicas. Ao considerar a população de mulheres negras nesse caso, alguns autores abordam causas para essa discussão: estigmas sociais, falta de profissionais preparados e a desigualdade de gênero e raça. Nos serviços de saúde, a discriminação baseada em preconceitos é uma barreira emergente, refletida na prática cotidiana. A existência de políticas públicas específicas, como a Política Nacional de Saúde Integral da População Negra, evidencia a necessidade de educação permanente em saúde, assim, podendo facilitar o acesso aos serviços de saúde e promover a cidadania dessa população. É crucial direcionar atenção e recursos para enfrentar as desigualdades enfrentadas pelas mulheres negras em situação de rua, reconhecendo sua complexidade de vivências, desafios e necessidades. **Considerações Finais:** O acesso ao serviço de saúde é algo básico e direito de todo indivíduo, quando ocorre a exclusão de uma minoria, não aborda apenas a injustiça social, mas também enfraquece os pilares da democracia. Assim, é necessário que as políticas de saúde garantam que todas as pessoas tenham acesso igualitário aos serviços de saúde.

Palavras-chave: saúde da mulher negra; pessoas em situação de rua; serviços de saúde.

NARRATIVAS MEMORIALÍSTICAS (AUTOBIOGRAFIA) DE UMA PROFESSORA SOBRE ATUAÇÕES COM O TEMA CORPO NO ENSINO DE QUÍMICA

Larissa Rangel Miranda¹; Priscila Tamiasso-Martinhon²; Célia Sousa³

Mestranda pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, Programa de Pós-Graduação em ensino de Química (PEQui-UFRJ)¹, Professora, doutora pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, Instituto de Química^{2,3}

larissarangel04@gmail.com¹; pris-martinhon@hotmail.com²; sousa@iq.ufrj.br³

Introdução: Ao falar sobre memória autobiográfica docente torna-se importante abrir um espaço para as narrativas das professoras, ceder espaço à docência feminina, pois existe uma necessidade de uma renovação de literatura e que seja conhecida de forma ampla a realidade vivida na docência. Os autores defendem que a memória das educadoras, tenha muito valor histórico para a sociedade, já que para eles a falta de representação na historiografia se justifica de duas formas: devido a ser um grupo que sofre constante exclusão e opressão ou por suas memórias não serem de interesse investigativo. **Objetivo:** Escrever as narrativas memorialística da trajetória docente como professora sobre o tema corpo e destacar a aplicação de uma oficina sobre corpo e ensino de Química, objetivando assim contribuir para a formação do professor(a) reflexivo. **Metodologia:** Utilizou-se uma abordagem qualitativa, aliada a observação foi utilizada a metodologia da história de vida, definida como um relato de um narrador sobre sua trajetória pessoal, reconstituindo fatos vivenciados, buscando assim, transmitir a sua experiência. A observação não participante direta foi desenvolvida com 20 licenciandos em Química da UFRJ, da turma de Química na Escola IV. Na atividade as discutir diferentes percepções sobre papéis sociais adotados por homens e mulheres na escola e sociedade atuais, e como a mídia pode influenciar na formação da identidade pessoal e docente **Resultados e Discussão:** A partir das três charges, cada participante, utilizando *post-it*, escreveu três palavras pensadas a partir da interpretação pessoal sobre a temática. Após as escritas, cada participante em voz alta explicou a escolha das palavras e forneceu suas apreensões a respeito da charge. As palavras explicadas na discussão sobre a primeira charge giraram em torno da culpabilização do próprio indivíduo em torno do seu aumento de peso ou situação de obesidade. Os participantes também discutiram como com o passar dos anos e décadas os padrões de beleza mudam de acordo com a sociedade na qual os jovens, adolescentes e adultos se encontra, e neles corpos magros e em forma, vem sendo expostos em diversas mídias. **Considerações Finais:** O trabalho destaca a importância da autobiografia docente colaborando para prática reflexiva e promoção de saúde.

Palavras-chave: Autobiografia; Corpo; Ensino de Química.



NOTIFICAÇÃO DE AIDS EM MULHERES NO BRASIL DURANTE O PERÍODO DE 2000 A 2023

Laysa de Souza Maia¹; Camila Variani²; Celijane Almeida Silva³; Luiza Mattos Silvestri⁴; Gabriella Fioroto⁵; Giulia Chiavegato Locatelli⁶; Bruno Dias Queiroz²; Danielle de Souza Mometto²

Graduanda em Medicina pela Faculdades Integradas Aparício Carvalho - FIMCA, Jarú RO¹, Graduanda em Medicina pela Universidade Luterana do Brasil - ULBRA, Canoas RS²; Graduanda em Medicina pelo - Centro Universitário Unifacisa - UNIFACISA, Campina Grande-PB³; Graduanda em Medicina pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo Faculdade de Ciências Médicas e da Saúde de Sorocaba- FCMS-PUCSP⁴; Graduanda em Medicina na Universidade de Araraquara- UNIARA, Araraquara SP.⁵; Graduanda em medicina da Universidade Nove de Julho (UNINOVE)- SP⁶; Graduando em Medicina na Escola Superior de Ciências da Santa Casa de Misericórdia de Vitória (EMESCAM)⁷; Médica pela Universidade Potiguar (UnP)⁸

laysamaia1503@gmail.com

Introdução: O vírus da imunodeficiência humana (HIV) causa a síndrome da imunodeficiência adquirida (AIDS). Esta síndrome ainda se configura como um grande problema de saúde pública no país, sustentada por profundas desigualdades sociais e estigmas e preconceitos. **Objetivo:** Descrever o quantitativo de notificações de AIDS em mulheres no Brasil durante o período de 2000 a 2023. **Método:** É um estudo transversal descritivo com coleta de dados no Sistema de Informação de Agravos de Notificação do SUS (SINAN/SUS), vinculado ao Departamento de Informática do Sistema Único de Saúde (DATASUS) realizado no ano de 2024. Foram analisadas a quantidade de notificações de AIDS realizadas em mulheres no período de 2000 a 2023. **Resultado:** Nota-se que o número total de notificações de AIDS em mulheres no período de 2000 a 2023 no Brasil foi de 324.301. Em relação às regiões, a região Sudeste foi a de maior número de notificações, com 140.997 notificações, seguida das regiões Sul, Nordeste, Norte e Centro-Oeste. **Discussão:** Os dados obtidos pela pesquisa ecológica vão de encontro a literatura, observa-se uma queda mais acentuada nas notificações das regiões Sudeste e Sul por serem regiões mais desenvolvidas, com maior nível de escolaridade, assim como nível socioeconômico. Tal quadro, não ocorre na mesma proporção que nas demais regiões, com destaque para as Norte e Nordeste, uma vez que as medidas de saúde, bem como a informação sobre as formas de transmissão e prevenção da doença não chegam com a mesma eficiência nesses locais, pois a escolaridade é menor, o nível socioeconômico é baixo e as desigualdades sociais são mais elevadas. A queda do ano de 2020 pode ser explicada devido à pandemia causada pelo vírus SARS-COV 2, uma vez que os esforços do sistema de saúde ficaram mais voltados ao combate do coronavírus. **Conclusão:** Embora este estudo apresenta limitações devido a impossibilidade da aferição de causa e efeito e o não levantamento de dados mais específicos como idade, etnia e classe social das pacientes, os dados apresentados mostram que o rastreamento de mulheres vivendo com HIV, juntamente com a disseminação das medidas de prevenção e tratamento precoce tem papel na diminuição dos casos. Portanto, é de suma importância que sejam feitas políticas públicas acerca da conscientização dos profissionais da saúde a respeito da importância do rastreamento e da notificação da AIDS nas mulheres no Sistema de Saúde Público.

Palavras-chave: AIDS; mulheres; notificação;



NOVAS PERSPECTIVAS DE FEMINILIDADE: UMA ANÁLISE PSICOSSOCIAL DE MULHERES EM PROCESSO DE ENVELHECIMENTO

Fellipe de Souza Fernandes¹; Ana Laura Ferreira Mendes¹; Arthur Humberto Arruda Duarte¹; João Pedro Freire de Moraes¹; Livia Nantes de Souza¹; Maria Eduarda Pereira Juscelino¹; Verônica Santana Coelho¹; Sofia Banzatto².

Graduando em Medicina pela Universidade de Ribeirão Preto¹, Prof. Ms. de Atenção Básica e Medicina de Família e Comunidade pela Universidade de Ribeirão Preto²

fellipefernandes907@gmail.com

Introdução: As transformações culturais da segunda metade do século XX tiveram como foco, dentre outras questões, a mulher e a feminilidade. No Brasil, os estudos de gênero ganharam um impulso considerável a partir da década de 70 no contexto das lutas pela redemocratização. O momento atual caracteriza-se por mudanças nas quais muitas mulheres têm atuado como protagonistas. Se o papel de passividade e estar a serviço dos demais pôde levar a mulher madura a desempenhar o papel de avó, hoje o envelhecimento tem sido, para algumas, tempo de realização de sonhos postergados. Contudo, estereótipos etaristas demarcados pelo gênero e por modelos de identificação tradicionais, ainda marcam seus cotidianos, saúde mental e experiencição da vida. **Objetivo:** Elucidar os dilemas vivenciados e o redescobrimto da feminilidade entre mulheres senescentes. **Metodologia:** Partindo de uma análise qualitativa e descritiva, a metodologia aqui usada parte de um estudo de caráter integrativo de artigos científicos publicados entre 2009 e 2015 através de pesquisa manual nas plataformas SciElo e PubMed. Foram incluídos os artigos que elencam informações a partir da correlação entre os termos “feminilidade” e “envelhecimento”. **Resultados e Discussão:** Historicamente, a sociedade brasileira assumiu valores da pós-modernidade ocidental, na qual o bem maior é produzir e, quem em tese deixa de produzir, deixa de existir, alusivo a imagem atrelada à velhice: um período de inutilidade e dependência. Somado a isso, engloba-se o recorte de gênero à medida que as mulheres, hoje pertencentes à terceira idade, cresceram em meio a padrões de comportamento que cercearam suas práticas ao ambiente doméstico. Hoje, na dita era de liberdade sexual, houve a expansão das possibilidades de vivência da feminilidade na velhice, logo, não cabe mais a personificação da idosa como incapaz ou obsoleta. Distintivamente, a mulher sexagenária mostra-se ativa e com planos futuros, atrevido-se a dançar em bailes, a viajar com grupos e a aventurar-se em relacionamentos. Concomitante a isso, a aposentadoria representa um primeiro provento próprio que podem gerenciar com certa autonomia. Entretanto, as possibilidades que se abrem não estão isentas de conflitos, desafios e novos cenários produzidos pelo avanço do capitalismo. **Conclusão:** Inúmeras mudanças ocorreram com o decorrer das décadas, porém, ainda há muito a se desconstruir no tocante à feminilidade e ao papel da mulher madura, as quais têm o direito de serem consideradas e estarem engajadas em causas que as transcendam e que dão significado aos seus cotidianos e as suas histórias.

Palavras-chave: mulheres; feminilidade; envelhecimento.

NUTRACÊUTICOS NA INFERTILIDADE FEMININA

Matheus Zanetti Martins¹, Brenda Corisco Hermógenes², Sérgio Ricardo de Brito Bello³.

Graduando em Nutrição pelo Centro Universitário Uniopet¹, Graduanda em Nutrição pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná², Pós Doutorando em Fisiologia Humana pela Universidade Federal do Paraná³.

mathzanemartins7@gmail.com

Introdução: Fertilidade é a capacidade de um organismo produzir descendentes. Acredita-se que 84% dos casais concebem naturalmente dentro do período de um ano. Em contrapartida, estima-se que a infertilidade atinja de 10 a 15% de todos os casais em todo o mundo. As causas da infertilidade podem ser atribuídas tanto ao homem quanto à mulher, ou ambos. De todas as causas, um terço estão relacionadas ao público feminino. Assim, diante do insucesso, a procura por um médico especialista em reprodução assistida (RA) tem se mostrado como a melhor estratégia para o alcance da gestação. Atualmente existem inúmeras alternativas para casais que não conseguem conceber naturalmente: inseminação intrauterina (IIU), fertilização *in vitro* (FIV), injeção intracitoplasmática de espermatozoides (ICSI) e a doação de gametas. Vários fatores podem afetar o sucesso da RA, como condições endócrinas, idade materna, comprometimento dos gametas, doenças crônicas, tabagismo e fatores dietéticos. Dentro desse contexto, os nutracêuticos são substâncias bioativas encontradas em alimentos ou em suplementos que apresentam múltiplas ações biológicas sobre a saúde reprodutiva.

Objetivo: O objetivo da presente revisão é identificar os principais nutracêuticos que atuam melhorando a fertilidade feminina. **Metodologia:** A presente revisão narrativa foi estruturada a partir da pré-seleção de 25 artigos científicos publicados em língua inglesa e portuguesa, nas bases de dados: Scholar, Scielo, PubMed e Biblioteca Virtual da Saúde, de 2015 a 2023. Após aplicação dos critérios de inclusão e exclusão, dos 25 artigos encontrados, 10 foram utilizados na elaboração dessa revisão. **Resultado e discussão:** Os nutracêuticos apresentam múltiplas ações sobre o padrão de fertilidade feminina. O ômega 3 promove prevenção frente a possíveis anormalidades na maturação dos óvulos e melhora o revestimento uterino, potencializando sua vascularização. O iodo atua na manutenção do folículo ovariano enquanto o ácido fólico melhora a taxa de fecundidade. A vitamina A melhora a taxa de implantação de embriões enquanto a vitamina C é importante para o crescimento do folículo ovariano. Além disso, a mesma atua na produção da progesterona; hormônio responsável pela manutenção do endométrio. A vitamina D atua na regulação da reserva ovariana enquanto a vitamina E apresenta efeito direto sobre a espessura do endométrio. A coenzima Q10 está associada a maturação do óvulo, melhores taxas de fertilização e desenvolvimento embrionário inicial. **Considerações finais:** Além dos tratamentos convencionais destinados à melhoria da fertilidade feminina, a utilização de nutracêuticos pode representar uma alternativa capaz de potencializar os resultados levando a mulher à concepção.

Palavras-chave: fertilidade; fertilização; gestação.

O ACESSO AO CÂNCER DE COLO UTERINO EM MULHERES BRASILEIRAS: O INSTITUCIONAL, O VIVIDO E O COMPREENDIDO

Ana Caroline Henrique Sampaio¹; Karina Oliveira Drumond¹

Graduado em Biomedicina pela Universidade Federal do Delta do Parnaíba¹, Docente do curso de Biomedicina da Universidade Federal do Delta do Parnaíba.
(carolinesampaio.h@gmail.com)

Introdução: O câncer de colo do útero vem sendo documentado como um dos maiores agravos na saúde mundial, no Brasil apresenta alta taxa de mortalidade em mulheres, e o controle da doença condiz com ações públicas e rastreio da população alvo, logo os desafios impostos exigem estratégias de esclarecimento do acesso ao diagnóstico. **Objetivo:** Analisar as capacidades institucionais de educação em saúde na atenção primária em torno do acesso ao diagnóstico do câncer de colo do útero, identificar as variáveis socioeconômicas, culturais, raciais e políticas vividas pelas mulheres brasileiras, bem como as suas compreensões sobre a temática. **Metodologia:** Realizou-se uma revisão de escopo em artigos indexados em bases de dados nacionais e internacionais, de acordo com a metodologia *scoping review*. As publicações coletadas foram referentes ao período de 2013 a 2022, nas bases de dados Medline, SciELO, Lilacs, Scopus, Capes e Web of Science, a partir das palavras-chave “Squamous Intraepithelial Lesions of the Cervix” OR “Uterine Cervical Neoplasms” AND “Diagnosis” OR “Health Services Accessibility”. **Resultados e discussão:** Encontraram-se 1.174 artigos, dos quais 22 atenderam aos critérios de inclusão e foram adicionados à revisão. Foram mencionadas ações de trabalho da Atenção Primária à Saúde que favorecem a conexão dos profissionais e da população, no entanto é necessário melhorias públicas e profissionais para que as intervenções incorporem um público maior. Identificaram-se desvantagens de acesso entre os municípios brasileiros, além das influências ao acesso aos serviços de diagnóstico por diversos ângulos, que estão ligados ao contexto socioeconômico, cultural e racial vivido pelas mulheres. Na análise de compreensão da população feminina a respeito do câncer de colo do útero, observou-se a falta de conhecimento ou conhecimento inadequado das mulheres, indicando melhorias a serem aplicadas no sistema de educação em saúde. **Considerações finais:** As intervenções de educação em saúde quando bem aplicadas e aprimoradas favorecem a adesão aos exames de diagnóstico do câncer de colo do útero. O aprimoramento das ações na Atenção Primária à Saúde são táticas potenciais para garantia de acesso aos exames de diagnóstico e melhoria da carga informacional das mulheres brasileiras.

Palavras-chave: Neoplasias do Colo do Útero; Diagnóstico; Acesso aos Serviços de Saúde.



O APAGAMENTO DO CLIMATÉRIO NA ATENÇÃO PRIMÁRIA À SAÚDE

Ana Paula Ribeiro da Costa Faria¹; Raquel Kevellyn Pacheco Avinte¹; Rodrigues Ferreira de Souza²;
Raiany Nascimento de Almeida²

Graduanda em enfermagem pela Universidade Paulista¹, Graduanda em enfermagem pela
Universidade Paulista¹, Professor Preceptor na Universidade Paulista – UNIP/Manaus², Professor
Preceptor na Universidade Paulista – UNIP/Manaus²

✦ ✦
paulafariaenf@gmail.com

Introdução: O climatério é uma fase biológica de transição entre o período reprodutivo e o não reprodutivo da mulher, marcado pelo último ciclo menstrual e acontece em torno dos 48 aos 50 anos. Múltiplas manifestações de ordem física e mental estão atreladas ao climatério, não se limitando somente a eventos endócrinos, mas afetando as esferas sociais e pessoais da vida da mulher. Embora não seja um processo patológico, é essencial um acompanhamento metódico de promoção de saúde, de diagnóstico e tratamento precoce e prevenção de agravos, sendo necessária a atuação estratégica dos serviços e profissionais de saúde, a fim de evitar a perda da oportunidade de prestar assistência adequada à essa população. **Objetivo:** Este trabalho busca relatar a experiência de acadêmicos de enfermagem frente a um caso de uma paciente no processo de compreensão do climatério. **Metodologia:** Trata-se de um relato de experiência realizado por acadêmicos do curso de enfermagem da Universidade Paulista – UNIP que se deu durante o estágio curricular em saúde coletiva no Distrito do Cacau Pirera. **Resultados e Discussão:** Ao realizar visitas domiciliares de busca ativa para pacientes Hipertensão no território da UBS, uma mulher de 49 anos relatou aos acadêmicos que sentia muito calor da barriga para cima, insônia e fadiga. Relatou sentir um enorme sentimento de desesperança, desmotivação e culpa, pois não conseguia mais cuidar de sua casa como antes, nem de seus dois filhos deficientes e estava pensando em “desaparecer”. Outra queixa foi a diminuição de desejo sexual, a perda de lubrificação e como seu marido não entendia seus sintomas e sentimento, atribuindo o conjunto à vontade dela de se divorciar. Relatou também que estava se sentindo sozinha e não tinha ninguém para conversar sobre o que estava passando e que não recebeu tratamento ou informações sobre o que estava acontecendo quando realizou consulta para controle da hipertensão. Os acadêmicos diante destes relatos, acompanhado pela preceptora realizaram uma escuta humanizada, fazendo orientações sobre o climatério como também o encaminhamento da paciente aos serviços de psicologia e serviço social. **Considerações Finais:** Evidencia-se com esse relato de experiência a importância do profissional e do serviço de saúde na identificação precoce dos sinais e sintomas do climatério, dando atenção aos relatos e queixas da paciente, realizando escuta ativa e atenção integral à saúde da mulher. Dessa maneira, evita-se complicações na vida social e pessoal, bem como agravos de ordem física e mental.

Palavras-chave: climatério; saúde da mulher; enfermagem; atenção primária à saúde.



**O ATENDIMENTO COMPARTILHADO À GESTANTE E PUERPERAS NA ESTRATÉGIA
SAÚDE DA FAMÍLIA: RELATO DE EXPERIÊNCIA**

Luine Martins Maia de Alencar¹; Ruan Carlos Dias Santos²;

Psicóloga especialista em Saúde da Família pela Universidade Estadual de Santa Cruz¹, Enfermeiro
especialista em Saúde da Família pela Universidade Estadual de Santa Cruz²

+ luinemaia@gmail.com

Introdução: A Estratégia Saúde da Família (ESF) é uma possibilidade de criar espaços de práticas e relações que promovam a integralidade e resolubilidade à situação de saúde da população. Os atendimentos compartilhados permitem a construção conjunta do cuidado em saúde, devendo ser uma estratégia priorizada, pois possibilita a corresponsabilização e a interdisciplinaridade. Sendo o ciclo gravídico-puerperal um período de importantes mudanças biopsicossociais, o cuidado compartilhado às gestantes e puérperas é uma importante ferramenta para melhoria da assistência à saúde deste grupo populacional. **Objetivo:** Descrever as ações desenvolvidas por uma equipe de Residência Multiprofissional em Saúde da Família no atendimento a gestantes e puérperas, por meio do atendimento compartilhado em uma Unidade de Saúde da Família (USF). **Metodologia:** Trata-se de um estudo qualitativo, do tipo relato de experiência, a partir do atendimento compartilhado e multiprofissional com gestantes e puérperas em uma USF no período de janeiro a dezembro de 2023. Este estudo dispensou a submissão a um Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos. Contudo, resguardou todos os princípios éticos que envolvem a produção científica. **Resultados:** Foram vivenciadas práticas com atendimentos compartilhados entre os profissionais: psicóloga, enfermeiros, nutricionista, fisioterapeuta e assistente social, no acompanhamento do pré-natal e consulta puerperal as quais possibilitaram ampliar o conhecimento acerca do processo gestacional, partilhando os saberes de diferentes áreas e minimizando os encaminhamentos desnecessários. Os atendimentos eram realizados ao menos por dois profissionais simultaneamente, onde eram avaliadas questões sobre saúde mental e emocional, prática de atividade física, trabalho, moradia e condições sociais, avaliação e orientação nutricional, e acompanhamento sistemático do pré-natal/puerpério realizada pelos enfermeiros, levando em consideração os saberes dessas mulheres acerca do momento vivenciado. Além disso, as consultas tinham como objetivo promover a atenção integral através da interprofissionalidade, proporcionando acolhimento e orientação às gestantes/puérperas e sua rede de apoio através de grupos de educação em saúde realizados mensalmente. **Conclusão:** Ademais, a experiência relatada evidencia que a atuação compartilhada no período gravídico-puerperal, através de consultas conjuntas e atividades de educação em saúde individual/grupal, supriram as demandas e necessidades apresentadas pelas gestantes em sua totalidade, sem a fragmentação do cuidado, reforçando a importância no uso de estratégias grupais como recursos para transmitir orientações e socializar experiências com foco no atendimento multiprofissional e interprofissional no contexto da Estratégia de Saúde da Família.

Palavras-chave: atendimento compartilhado; integralidade; pré-natal; puerpério.

O ATENDIMENTO PRESTADO PELA EQUIPE DE SAÚDE AO PACIENTE ONCOLÓGICO EM TEMPOS DE COVID-19

Fernando Soares da Silva Neto¹

Docente da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), Mestre em Saúde Coletiva (UEPB),
Doutorando em Modelos de Decisão e Saúde (UEPB)¹

e-mail para correspondência: fernando.fernandosoares@outlook.com.br

Introdução: Atualmente a Covid-19 tem representado um grande desafio para todos os serviços de saúde por apresentar manifestações clínicas semelhantes a um quadro de gripe tradicional, todavia com agravos determinantes, onde seus sintomas mais comuns relatados inicialmente são febre, tosse, mialgia ou fadiga e dispneia, os pacientes podem apresentar ainda cefaleia aguda e diarreia, entretanto pouco comumente ao quadro. Dessa forma o olhar direcionado para o paciente oncológico é importante, visto que os mesmo que se encontra em tratamento antineoplásico, estão imunossuprimidos e propícios a toxicidade cardíaca, por conta do tratamento do câncer, os tornando mais suscetíveis a complicações mais graves de infecção e agravamento do quadro de Covid-19. **Objetivo:** Descrever e analisar as abordagens realizadas pela equipe de saúde ao paciente oncológico no panorama atual de saúde causado pelo COVID-19. **Metodologia:** Este estudo trata-se de uma revisão integrativa da literatura com abordagem qualitativa, realizado na base de dados Pubmed. Foram incluídos estudos publicados entre os anos de 2019 a 2020, sem restrição linguística, completos e excluídos estudos duplicados e resumos de artigos científicos. Foram utilizados os seguintes descritores: Assistência ao Paciente, Neoplasias, COVID-19. cinco foram incluídos para fazer parte do escopo deste estudo. **Resultados e Discussão:** A perspectiva do cuidado ao paciente oncológico baseia-se na visão que os mesmo apresentam um maior risco de eventos graves relacionados ao Covid-19, quando comparados com pacientes sem câncer, pois mais de 85% dos pacientes com o vírus precisam de ventilação mecânica invasiva, sendo um fator preditor de morte em pacientes oncológicos, visto que os mesmo já apresentam fadiga, dor crônica e fraqueza musculares provenientes do tratamento antineoplásico. A assistência desses pacientes se dá por uma equipe multidisciplinar visando um melhor apoio e análise dos fatores prenunciadores e confundidores da relação do Covid-19 e o paciente oncológico, visando assim a continuidade do tratamento e evitando agravos. **Considerações finais:** Neste cenário é importante ressaltar que o paciente com câncer tem mecanismos fisiopatológicos comuns ao quadro de Covid-19, que podem ser acentuados pela contaminação, sendo necessário um olhar de forma mais atenciosa pela equipe de saúde, visando a prevenção e intervenção nesses sintomas de forma precoce. Atualmente a relação do covid-19 e o câncer está sendo estudo, se dando pelo motivo da escassez de material para subsidiar esta pesquisa.

Palavras-chave: Assistência ao Paciente; Neoplasias; COVID-19; Saúde Humana.

O AUMENTO DA MORTALIDADE MATERNA NO PERÍODO PANDÊMICO DA COVID-19 EM UM ESTADO AMAZÔNICO

Jhonnatan Gabriel Silva de Souza¹; Eduardo Renan Neves Coelho¹; Marcos de Jesus Cardoso
Ferreira¹; Lilia Pimenta de Moraes²

Graduando em enfermagem pela Universidade do Estado do Pará¹; Enfermeira Obstetra pela
Universidade do Estado do Pará²

Jhonnatan.gdsouza@aluno.uepa.br

Introdução: A Organização Mundial da Saúde define a mortalidade materna como o óbito ao longo do período gestacional ou 42 dias após o término da gestação (puerpério). Por ano, mais de 300.000 mulheres morrem mundialmente por conta de complicações durante ou no período pós parto. Com a pandemia de Covid-19, essa taxa de óbito sofreu um agravo influenciado por diferentes fatores. **Objetivo:** Observar os impactos da Covid-19 no aumento da mortalidade materna no Estado do Pará. **Metodologia:** Estudo transversal e quantitativo, com usos de dados secundários da Plataforma Integrada de Vigilância em Saúde. Foram analisados dados relacionados à mortalidade materna entre 2018 a 2023. Utilizou-se os filtros: Óbitos por residência; Estado do Pará; Indicador: óbitos de mulheres em idade de fértil; Grupo etário: de 10 a 49 anos. **Resultados e Análise:** Nos anos de 2018 a 2019, houve 5160 óbitos maternos ao todo. No período de 2020 a 2021, esse número aumentou para 6341 óbitos, um crescimento significativo de aproximadamente 23%, diferente dos anos de 2022 a 2023 que sofreram 5540 mortes, uma redução de 14%. O aumento de 23% na mortalidade materna entre os anos de 2020 e 2021, pode ser associado à pandemia de Covid-19. Alguns fatores podem ter contribuído para essa elevação nos casos: 1 - Gestantes são do grupo de risco de Covid-19; 2 - As cepas mais agressivas do vírus estavam circulando entre a população, ocasionando em uma superlotação em todos hospitais e, consequentemente, limitando a quantidade de leitos e/ou profissionais disponíveis para prestar as devidas assistências para a gestante durante e pós parto; 3 - Pelo risco de infecção, algumas gestantes optavam por não se expor às unidades de saúde, resultando na permanência na própria residência onde não havia equipe/equipamentos profissionais para oferecer o suporte adequado, possibilitando um aumento de intercorrências. Tendo isso em vista, é possível perceber que, entre os anos de 2022 e 2023, com as medidas e vacinação contra a Covid-19, a mortalidade materna teve uma queda significativa, por conta da diminuição de contágio desse grupo de risco e controle da sobrecarga nas unidades de saúde, o que provocou uma redução no receio da população na busca pelo acesso dos serviços de saúde. **Considerações Finais:** Diferentes fatores contribuíram para o agravo da taxa de mortalidade materna no período pandêmico no Pará e, consequentemente, com o controle do vírus, a quantidade de óbitos pôde ser reduzida.

Palavras-chave: Mortalidade materna; Covid-19; Estado Amazônico.



O CÂNCER DE MAMA DURANTE A GRAVIDEZ: ABORDAGENS CLÍNICAS E DESAFIOS

Ana Vitória Ataides de Lima¹; Felipe Srewede Brito Castro Xerente¹; Gustavo Reis Pereira¹; Marcello Oliveira Costa¹; Hugo Paceli Souza Albuquerque^{1,2}

Graduando em Medicina pela Universidade Federal do Tocantins¹, Graduado em Ciências Farmacêuticas pela Universidade de Brasília²

✦
✦
hugopaceli@gmail.com

Introdução: O câncer de mama gestacional (CMG) é um grande desafio para o cuidado materno. Definido como aquela doença que é diagnosticada durante a gravidez ou até um ano após o parto é afetado pelas diversas alterações fisiológicas no corpo da gestante como aumento da densidade mamária, dificultando assim o exame clínico e a interpretação de outras análises, retardando o seu diagnóstico. Nota-se que o manejo dessa neoplasia é complexo, e os profissionais envolvidos devem avaliar cada opção de terapia adequada para a gestante portadora do CMG, o que pode gerar uma angústia para a grávida em relação à saúde de seu bebê e de seus familiares. A abordagem para tratar o câncer de mama durante a gestação deve levar em conta fatores como o estágio do câncer, o trimestre da gravidez, a saúde geral da mãe e os seus desejos. **Objetivo:** O presente trabalho tem como finalidade descrever os diversos desafios associados ao câncer de mama gestacional (CMG), com ênfase no tratamento clínico. **Metodologia:** Trata-se de uma revisão de literatura por meio de artigos científicos relacionados ao tema disponíveis nas bases de dados Scielo e Biblioteca Virtual em Saúde (BVS). **Resultados e Discussão:** O CMG é um quadro em crescimento no cotidiano, devido ao aumento do número de gravidezes em idade avançada. O diagnóstico precoce e o tratamento imediato são de fundamental importância para um bom prognóstico. O tratamento por meio da radioterapia não é indicado durante a gravidez, de forma que, essencialmente no primeiro trimestre, a quimioterapia também não é aconselhável, considerando os riscos ao feto inerentes aos tratamentos. Dessa forma, nos primeiros três meses de gestação, é recomendado a mastectomia radical, levando em consideração a individualização terapêutica. **Considerações Finais:** O câncer de mama é uma das patologias malignas com maior prevalência nas mulheres, e pode ocorrer inclusive durante o período gestacional, gerando uma carga ainda maior de sofrimento mental e físico para a gestante e sua família. Possui dificuldades únicas quanto ao diagnóstico, terapêutica e prognóstico. Dessa maneira, a neoplasia mamária é uma doença que exige cautela e uma análise ampla na escolha do tratamento adequado, haja visto que deve-se considerar o estado emocional e fisiológico da gestante, bem como o estágio do desenvolvimento do feto.

Palavras-chave: câncer de mama; gestação; tratamento.

O CONSUMO DE ÁLCOOL INFLUENCIA NA PREVALÊNCIA DA VAGINOSE BACTERIANA? UMA REVISÃO INTEGRATIVA

Luana Beatriz de Almeida Silva¹

Graduada em Nutrição pela Universidade da Amazônia - UNAMA¹

luanabeatriz680@yahoo.com

Introdução: A vaginose bacteriana é um problema comum no trato reprodutivo feminino, caracterizada pela diminuição de bactérias boas e o aumento de bactérias patogênicas, causando corrimento vaginal com odor desagradável. Pode levar a complicações sérias, como parto prematuro em gestantes e infecções em mulheres não grávidas. Os tratamentos atuais têm limitações devido à resistência de biofilmes gerados por essas bactérias patogênicas da VB. Fatores como atividade sexual, tabagismo, alimentação e outros contribuem para a prevalência de VB. Diante disso, é crucial explorar novas conexões entre fatores de estilo de vida e a condição. **Objetivo:** Analisar e sintetizar criticamente os estudos existentes sobre a influência do consumo de álcool na prevalência da vaginose bacteriana (VB) em mulheres. **Metodologia:** Trata-se de uma revisão integrativa de literatura, com pesquisa na base de dados PUBMED e BVS. Utilizando três Descritores em Saúde (DesCS) em inglês, sendo aplicadas as seguintes combinações “vaginosis bacterial” AND “alcohol drinking” e “vaginosis bacterial” AND “risk factors”. Os critérios inclusão foram artigos disponíveis na íntegra nos idiomas português e inglês, que abordassem a temática no período de 2004 a 2022; Foram excluídas as teses, dissertações, os artigos repetidos e aqueles que não respondiam ao objetivo proposto. Inicialmente, foram encontrados 477 artigos. Após a aplicação dos critérios de inclusão e exclusão, a amostra final foi composta por sete artigos. **Resultados e Discursão:** Os estudos incluídos nesta revisão demonstraram resultados diversos em relação à associação entre consumo de álcool e VB. Enquanto alguns estudos relataram uma associação positiva, outros encontraram resultados contraditórios ou não significativos. Por exemplo, alguns estudos encontraram uma associação direta entre o consumo de álcool e um aumento na prevalência de VB, enquanto um estudo mostrou uma possível redução na presença de bactérias associadas à VB em mulheres que consumiam álcool. No entanto, um estudo não encontrou associações significativas entre o consumo de álcool e a VB. A complexidade da relação é evidenciada pela variação nos resultados, que não apenas dependem do consumo de álcool, mas também da quantidade e frequência desse consumo. Além disso, fatores como comportamentos sexuais de risco, características demográficas e individuais podem modular essa relação. **Conclusão:** Os estudos sugerem uma possível ligação entre o consumo de álcool e a vaginose bacteriana, mas os resultados não são consistentes. Mais pesquisas são necessárias para entender melhor essa relação.

Palavras-chave: vaginosis bacterial; alcohol drinking; risk factors.

O CONTEXTO HISTÓRICO DA VIOLÊNCIA OBSTÉTRICA

Nayama Sant Anna Belbuche¹

Enfermeira pela Universidade Estácio de Sá de Belo Horizonte e Residente em Saúde da Mulher pelo Hospital Odilon Behrens

Nayamasan.1@gmail.com

Introdução: A violência obstétrica é caracterizada por desrespeito à autonomia da mulher, seu corpo e aos seus processos reprodutivos. No período colonial, a assistência em saúde da mulher era realizada exclusivamente por outras mulheres, os partos eram um ritual estritamente feminino, contudo esse cenário modificou-se com o passar dos anos, tornando o processo do nascimento uma prática médica. **Metodologia:** Trata-se de uma revisão de literatura, com abordagem qualitativa e descritiva. O estudo foi fundamentado em 11 publicações nas bases de dados: BVS, LILACS, SciELO, MedLine. Utilizou-se como critérios de inclusão artigos na íntegra que corroborem com tema, em português e inglês, gratuitos e com ano de publicação a partir de 2000, e como critérios de exclusão os artigos de relato ou estudo de caso. **Resultados e Discussões:** No século XII, o conhecimento científico era limitado, hegemonicamente, aos homens e o envolvimento desses na assistência ao parto era irrisória, uma vez que se acreditava que mulheres eram serem inferiores e que os cuidados ao nascimento não estavam à altura da assistência médica, o que culminou na desvalorização do cuidado na saúde feminina. Criou-se, nessa época, o pensamento de que as próprias mulheres deveriam prestar assistência ao parto. Nesse contexto, a atuação das parteiras, mulheres que prestavam assistência ao parto natural domiciliar, foi consolidada. Com o passar dos anos, com a criação de especialidades médicas e advento de novas tecnologias de saúde, à assistência ao parto começou a ser prestada por profissionais médicos, substituindo as parteiras, tornando o parto um procedimento médico, intervencionista, restrito aos leitos e medicalizado. Nesse cenário, as parturientes perdiam sua autonomia e o poder de escolha e o profissional que a assistia tornava-se o protagonista do parto. A realidade obstétrica brasileira é evidenciada pelas altas taxas de cesariana, emprego rotineiro de práticas não recomendadas, uso deliberado de ocitocina e episiotomia. Pesquisas afirmam que uma a cada 4 mulheres já sofreu violência obstétrica no Brasil. **Considerações finais:** As violências sofridas por mulheres permeiam desde o início da organização da sociedade humana e verberam-se até os dias atuais. Mediante isso, faz-se necessário a conscientização dos profissionais de saúde envolvidos na assistência à gestante e parturiente para que seja desenvolvido um cuidado acolhedor e holístico. Além disso, é essencial a criação de políticas públicas de saúde que incorporem o princípio de humanização e o respeito à mulher e aos seus processos reprodutivos para que a ocorrência da violência obstétrica se perfaça.

Palavras-chave: Violência Obstétrica; Saúde da mulher; Violência contra a Mulher.



O DESAFIO DA HUMANIZAÇÃO NO CUIDADO DA PESSOA IDOSA EM UNIDADE DE TERAPIA INTENSIVA.

Daniel Vieira de Souza¹; Alan de Souza²; Alessandra Batista Sabino²; Katherine Rios Almeida Pedreira⁴;

Graduandos em enfermagem pela Faculdade Adventista da Bahia ^{1,2,3}, Mestre em Enfermagem em Mestrado Profissional em Promoção da Saúde pelo Centro Universitário Adventista de São Paulo e Docente na Faculdade Adventista da Bahia⁴

danielcleidereis13@gmail.com

Introdução: O cuidado ao idoso na UTI é crucial devido ao aumento da expectativa de vida e do envelhecimento populacional. O Estatuto do Idoso garante direitos fundamentais, como acesso prioritário à saúde, relevante para a UTI. A qualificação dos profissionais é essencial para um cuidado sensível e eficaz. A humanização do atendimento envolve aspectos legais, éticos e capacitação, promovendo uma experiência digna e compassiva. **Objetivo:** Investigar o cuidado ao idoso na UTI, identificando práticas que humanizem o cuidado, melhorando a qualidade de saúde e bem-estar dos idosos. **Método:** Trata-se de uma revisão da literatura realizada por meio de busca na PubMed, usando os Descritores em Ciências da Saúde (DeCS): “Humanização”, “Idosos”, “Unidades de Terapia Intensiva” e o operador booleano “AND” para realizar o cruzamento dos dados. Dentre os critérios de inclusão estão: artigos em português, inglês e espanhol, artigos originais, textos completos e gratuitos. Os critérios de exclusão foram: textos fora da linha temporal determinada, textos pagos, textos que não se relacionassem com a temática escolhida. Após pesquisa na base de dados, foram encontrados vinte e oito artigos dos quais foram selecionados quatro artigos para compor o proposto trabalho. **Resultados:** Os artigos analisados destacam a importância do acolhimento ao idoso e suas famílias, promovendo tranquilidade e confiança nos profissionais de saúde. A escuta ativa, comunicação verbal e não verbal, e gestos positivos são essenciais. O conhecimento do idoso sobre seu quadro de saúde e a autonomia na escolha do tratamento aumentam a qualidade de vida. A triagem adequada, que inclui o histórico de saúde, contribui para um acolhimento eficaz e tratamentos adequados. Promover a saúde mental, explicando benefícios de práticas como a fisioterapia e a escrita de um diário pessoal, é crucial, especialmente quando o paciente está orientado. O suporte de um geriatra e um psicólogo disponível também melhora a qualidade de vida do idoso na UTI. **Considerações Finais:** É crucial que os idosos tenham autonomia na escolha de seus tratamentos e compreensão do seu quadro de saúde. Profissionais de saúde devem fornecer informações claras sobre as opções de tratamento, respeitando suas decisões. Assim, acolhimento, comunicação eficaz, autonomia, triagem adequada, atenção à saúde mental e suporte especializado formam uma abordagem abrangente que pode melhorar significativamente a qualidade de vida dos idosos na UTI.

Palavras-chave: humanização, idosos, unidade de terapia intensiva.

O EFEITO DAS RELAÇÕES SEXUAIS NA SAÚDE VAGINAL: TRANSFORMAÇÕES NA MICROBIOTA E O RISCO DE VULVOVAGINITE

Thiago Silva de Oliveira Dias¹; Rayana Priscilla dos Santos¹; Lara Vasconcelos Silveira¹; Victoria Cristina de Jesus Carvalho¹; Yasmim Lima de Omena Sampaio¹; Ana Paula Fernandes da Silva²

Graduando (a) em medicina pela AFYA- Faculdade de Ciências Médicas de Jabotão dos Guararapes¹, Doutora pelo Programa de Pós-graduação em Biologia aplicada à saúde (PPGBAS) do Laboratório de Imunopatologia Keizo Asami (LIKA) - UFPE²

thhiagosilva09@gmail.com

Introdução: A vagina é um canal que se estende do colo do útero até o meio externo através do óstio vaginal, composta por uma camada de revestimento que consiste em células epiteliais escamosas não queratinizadas. Essas células, juntamente com as bactérias da microbiota vaginal, formam a primeira linha de defesa do corpo contra infecções. Dentre as bactérias mais comuns estão os *lactobacillus*, que convertem glicogênio em ácido lático, tornando o pH vaginal em torno de 3,8 a 4,5, criando um ambiente ácido que impede o crescimento de bactérias prejudiciais. Essa comunidade de bactérias desempenha um papel crucial na saúde vaginal, mantendo o equilíbrio microbiano e prevenindo infecções. No entanto, atividades como relações sexuais desprotegidas podem introduzir novas bactérias, perturbando esse equilíbrio e aumentando o risco de infecções, como as vulvovaginites.

Objetivo: Investigar as alterações na microbiota vaginal após relações sexuais e sua possível relação com o desenvolvimento de vulvovaginites. **Metodologia:** Trata-se de uma revisão integrativa da literatura com informações obtidas através das bases de dados: MEDLINE e LILACS utilizando os DECs: vulvovaginites, doenças vaginais e relação sexual, na língua inglesa e portuguesa. Dentre os critérios de inclusão e exclusão, foram selecionados artigos publicados nos últimos 5 anos, com exclusão dos artigos não relacionados à temática. Através da busca, foram encontrados 11 artigos, dos quais 5 foram selecionados para leitura. **Resultado e discussões:** A exposição a novos microrganismos durante relações sexuais desprotegidas pode causar modificação significativa na composição microbiana da vagina, isso inclui uma redução nos níveis de *lactobacillus*. Com isso, a diminuição dos destes pode aumentar o pH vaginal tornando-o alcalino, favorecendo o crescimento de microrganismos patogênicos e levando a um aumento da diversidade microbiana, com a proliferação de cepas bacterianas não típicas, exacerbado pela deposição do sêmen (meio alcalino) no epitélio vaginal. Dessa forma, a alta frequência de relações sexuais desprotegidas contribui para troca de patógenos, alterando a microbiota local. **Considerações finais:** Nota-se que as relações sexuais desprotegidas podem perturbar o equilíbrio da microbiota vaginal, propiciando o aparecimento de infecções como vaginose bacteriana e candidíase. Dessa forma, é essencial a instrução do uso regular de preservativos durante as relações sexuais e a realização de práticas de higiene íntima adequadas após o ato, como o uso de produtos íntimos suaves e não irritantes na região da vulva com o intuito de diminuir a recorrência de vulvovaginites desencadeadas pós relação sexual.

Palavras-chave: Relação sexual; Microbiota vaginal; Vulvovaginite.

O ENFERMEIRO COMO AUTOR DA COLETA DO CITOPATOLÓGICO NO SUS – UMA REVISÃO DE LITERATURA

Renata dos Santos Mota¹, Paloma Luiza Santos de Almeida²

¹Bióloga, Enfermeira pela Universidade Estadual de Santa Cruz, Pós-Graduada em Saúde da Mulher pela Faveni, ² Enfermeira pela Universidade Estadual de Santa Cruz, Pós graduanda em Emergência pela Universe

enfa.renatamota@gmail.com

Introdução - O Enfermeiro tem um papel prioritário na prevenção do câncer de colo uterino, desempenhando ações educativas, identificando a população de risco, realizando uma sensibilização das mulheres, oferecendo flexibilidade em horários e aumentando assim o vínculo de confiança. Profissionais na área da saúde, em evidência o Enfermeiro, tem o papel de proporcionar às mulheres acometidas por essa patologia, um ambiente no qual elas tenham a oportunidade de trocar suas experiências vividas, além de auxiliar no tratamento da doença. O câncer do colo do útero leva anos para progredir e um dos principais motivos de seu aparecimento deve-se ao Papilomavírus Humano, que pode ser adquirido por contato sexual. **Objetivo** - Este trabalho teve como objetivo geral analisar artigos que abordem a importância do enfermeiro na coleta de citopatológicos na rede pública. Como objetivos específicos, foi analisado a percepção das usuárias que utilizam este sistema a respeito da atuação do Enfermeiro na Atenção Primária. **Metodologia** - A presente pesquisa é classificada, como descritiva, quanto aos seus fins, qualitativa, e quanto aos seus procedimentos, é classificada como bibliográfico, uma vez que analisou artigos já publicados. Foram selecionados 12 artigos publicados nos últimos 5 anos, tendo como critérios de inclusão artigos que tenham em suas palavras chaves as seguintes palavras: Enfermeiro, Enfermeiro obstetra, Citopatologia e Câncer de colo de útero. Como itens de exclusão, artigos publicados com mais de 5 anos de publicação. As práticas educativas destacadas nos artigos foram: sensibilizar as mulheres com vida sexual ativa, orientar quanto aos cuidados para a realização do exame, orientar sobre dúvidas e quanto aos resultados, usar meios de comunicação eficazes para alcançar as mulheres para a realização do exame Papanicolaou e divulgar os locais e horários de atendimento dos serviços de saúde que podem realizar o procedimento. **Conclusão** - Diante do presente estudo, foi possível averiguar, que o Câncer de colo uterino é um importante problema de saúde pública com elevadas taxas de incidência e mortalidade, que pode ser prevenido a partir da realização do exame citopatológico, e a importância da assistência de enfermagem na realização do exame e das ações preventivas de detecção precoce, concentradas principalmente na atenção básica. Concluiu-se, portanto, que há uma aceitação positiva referente à atuação do profissional Enfermeiro na realização do exame citopatológico. No entanto, ainda há um pequeno número de usuárias que preferem a figura do profissional médico na hora desse atendimento. É preciso ir a fundo e desvendar os motivos que levam a esses resultados, para que a e Enfermagem possa chegar à excelência de sua atuação profissional.

Palavras-chave: enfermeiro; papanicolau; câncer de colo de útero.



**O FAZER DA PSICOLOGIA PERINATAL NO CENTRO OBSTÉTRICO DE UM HOSPITAL
UNIVERSITÁRIO DE RECIFE/PE**

Matheus Elias dos Santos¹

Psicólogo Residente em Saúde da Mulher no Hospital das Clínicas da Universidade Federal
de Pernambuco – HC/UFPE, Recife, Pernambuco, Brasil¹

matheuselias549@gmail.com

Introdução: O ciclo grávido-puerperal é permeado por mudanças nos diversos contextos da vida de quem o vivencia, demarca a modificação da configuração familiar e dos papéis exercidos, acrescidas às responsabilidades a eles vinculados, levam a uma alteração da autoimagem, dos aspectos hormonais para o desenvolvimento do feto até o momento do parto. Conseqüentemente, envolve o surgimento de emoções e sentimentos, que são complexos e únicos para cada gestante frente às demandas da maternidade. A psicologia perinatal está fundamentada no suporte e acolhimento às gestantes, parturientes, puérperas e familiares, atuando nos processos da parentalidade. O acompanhamento psicológico proporciona dar voz à subjetividade, de acessar e tornar consciente os desejos e angústias presentes na maternagem. **Objetivo:** Relatar a experiência de trabalho do profissional de psicologia com gestantes e puérperas e as intervenções realizadas. **Metodologia:** Os atendimentos foram realizados pelo psicólogo residente em Saúde da Mulher, durante os rodízios no Centro Obstétrico/COB de um Hospital Universitário de Recife/Pernambuco, que é referência nas gestações e partos de alto risco. As intervenções ocorreram entre os meses de dezembro de 2023 e fevereiro de 2024. **Resultados e Discussão:** No contexto hospitalar, são demandas presentes no fazer psicológico, por meio da busca ativa ou solicitação da equipe, a escuta frente aos medos e fantasias da gestação, acolhimento às angústias relacionadas à via de parto, identificação dos fatores de riscos para o adoecimento mental relacionado ao período gestacional e puerperal, como a depressão pós-parto, atuando de maneira preventiva. Nesse cuidado, é realizado o acompanhamento da mulher e familiares que vivenciam o luto perinatal, em casos de abortos e óbitos neonatais. São atendidos pela psicologia os casos de gestações não desejadas, onde são realizadas orientações quanto aos direitos da adoção legal, se expressada essa vontade, e busca-se compreender os fatores que possam estar envolvidos nesta escolha, para uma decisão segura e cuidadosa. Outras possibilidades de intervenção, são as ações educativas sobre temáticas presentes nesse ambiente, ao se trabalhar sobre os cuidados para evitar complicações na gestação, métodos contraceptivos para a prevenção de gestações indesejadas e práticas de educação sobre a Unidade Neonatal e rotina quando os recém-nascidos se encontram internados. **Considerações Finais:** É de fundamental importância a presença do profissional de psicologia no COB, ao realizar intervenções com as pacientes e familiares durante o ciclo gestacional e no pós-parto, pois promove um espaço acolhedor para expressão e elaboração mais adequada para os conflitos, expectativas e incertezas existentes no contexto da maternidade. Sob essa perspectiva, o psicólogo possibilita o cuidado aos aspectos emocionais e subjetivos que influenciam a experiência particular de cada mulher atendida.

Palavras-chave: Psicologia Perinatal; Centro Obstétrico; Hospital.

O IMPACTO DO CLIMATÉRIO NA SEXUALIDADE FEMININA

Stela Maria Barros¹, Larissa Silva Viterbo Cabral¹, Nicholas Henrique Silva Cotta²

Graduanda em Medicina pela Universidade Federal de Minas Gerais¹, Graduado em Medicina pela Universidade Federal de Minas Gerais

stelabarro9907@gmail.com

Introdução: A sexualidade tem grande relevância na qualidade de vida da mulher, impactando diretamente em sua saúde geral, e é influenciada por diversos fatores como psicológicos, biológicos, culturais, políticos, religiosos e sociais. O climatério é marcado pela redução do número de folículos ovarianos e por alterações endócrinas, em que se destaca a diminuição dos níveis de estrogênio, culminando em efeitos negativos para a saúde sexual feminina. **Objetivo:** Avaliar os dados disponíveis na literatura sobre o impacto do climatério na sexualidade feminina. **Metodologia:** Foi realizada uma revisão sistemática da literatura por meio do levantamento bibliográfico nas bases de dados da Pubmed e Scielo com os descritores em Ciências da Saúde DeCS: “Climacteric”, “Sexuality” e do descritor booleano “AND”. A revisão engloba estudos dos últimos 6 anos que contemplam a temática escolhida. Foram selecionados 16 artigos, sendo critérios de seleção: estudos disponíveis em texto completo de forma gratuita e serem escritos em português ou inglês. **Resultados e Discussão:** A diminuição dos níveis de estrogênio tem relação com a redução da libido, da elasticidade dos tecidos vaginais, da lubrificação e da excitação sexual, sendo a última devido à menor estimulação de áreas do cérebro relacionadas ao comportamento sexual e de sistemas neurotransmissores, como a via dopaminérgica. A secura vaginal, principal sintoma menopausal relatado, se mostra mais intensa em mulheres que eram menos ativas fisicamente e tem grande relação com a dispareunia. Nota-se uma redução na libido e na frequência sexual devido ao desconforto vaginal e/ou problemas com os parceiros, seja conflitos ou relacionados à disfunção erétil. A atividade física foi apontada como estimuladora do aumento do fluxo sanguíneo genital, da lubrificação e da excitação se praticada por pelo menos 30 minutos/dia e o fortalecimento de músculos pélvicos como capaz de reduzir a dor sexual e aumentar o prazer. **Conclusão:** O climatério tem impacto direto na sexualidade feminina e conseqüentemente na qualidade de vida das mulheres. Assim, os sintomas provenientes desse período merecem atenção e um cuidado efetivo a fim de reduzir tais impactos e propiciar uma melhor saúde sexual.

Palavras chave: Saúde sexual; Desconforto vaginal; Dispareunia.



O MANEJO DA SÍFILIS DURANTE O PRÉ-NATAL: UMA REVISÃO DE LITERATURA

Ana Beatriz Santos de Oliveira¹; Lara Fernanda Pereira de Souza¹; Renata Fontes do Nascimento²
Graduanda em enfermagem pelo Centro Universitário Celso Lisboa¹, Mestre em enfermagem do
Centro Universitário Celso Lisboa²

beatrizkinzel@icloud.com

Introdução: A sífilis é uma patologia de caráter infeccioso causada pelo *Treponema pallidum*, transmissível através da relação sexual ou através da placenta da mãe para o feto. Em 2020, houve 61.441 notificações de casos de sífilis no Brasil. Com a finalidade de garantir um acompanhamento apropriado no pré-natal através do Sistema Único de Saúde (SUS), foi criada a Rede Cegonha em 2011, onde ocorreu a aplicação do rastreamento da sífilis na gestação, reduzindo a incidência da transmissão vertical. As deficiências na assistência pré-natal, as ausências nas consultas e a falta dos exames solicitados durante as consultas são causas que explicam os altos indicadores de sífilis, visto que é uma doença de simples diagnóstico e tratamento disponível no SUS. A realização completa do pré-natal é importante para uma intervenção adequada da doença no momento oportuno. **Objetivo:** Descrever a importância do manejo da sífilis durante o acompanhamento do pré-natal. **Metodologia:** Estudo de revisão literária com pesquisa na base de dados da Biblioteca Virtual de Saúde (BVS). Os critérios de inclusão abrangem artigos disponíveis com texto completo no idioma em português e revisões integrativas no período compreendido entre 2019 a 2024. O critério de exclusão engloba o manejo da sífilis antes ou após o pré-natal e artigos duplicados. **Resultados e Discussão:** Mediante a pesquisa bibliográfica foi evidenciado que a adesão ao tratamento durante a gestação está diretamente relacionada com as realizações de educação em saúde sensibilizando o indivíduo quanto aos riscos e complicações para a saúde do feto e da gestante; a falha na abordagem do aconselhamento dos parceiros sobre a realização do tratamento adequado pois a falta dele torna nula todas as medidas de controle implementadas durante os cuidados pré-natais. **Conclusão:** Portanto, o manejo da sífilis durante o pré-natal tornou-se um serviço árduo, pois as gestantes recebem o diagnóstico e tratamento tarde, logo não realizam o tratamento, e comprometem a sua vida e do feto. Algumas gestantes que recebem este diagnóstico abandonam as consultas de pré-natal por "vergonha". É importante um olhar cauteloso da equipe de saúde para as mesmas, a fim de abordar o diagnóstico de modo humanizado, para que realizem o tratamento e sintam-se confortáveis em comunicar o seu parceiro para que ele adote o tratamento. A equipe multidisciplinar precisa aplicar métodos eficazes para realizar uma educação em saúde durante o período do pré-natal com o intuito de reduzir os casos de sífilis durante a gestação.

Palavras-chave: assistência pré-natal; gestação; sífilis.



O PAPEL DA EDUCAÇÃO SEXUAL ESCOLAR NA PREVENÇÃO DE INFECÇÕES SEXUALMENTE TRANSMISSÍVEIS: UMA REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

Valquíria Baltazar da Silva¹; Leandra Galdino da Silva²; Jônata da Silva Juvêncio³; Maria Raquel Antunes Casimiro⁴

Graduanda em enfermagem pela UNIFSM - Centro Universitário Santa Maria^{1,2}, Graduando em enfermagem pela Universidade Federal de Campina Grande - Campus Cajazeiras³, Docente da UNIFSM e Facilitadora de Aprendizagem da Esp/PB⁴

valquiria.una.vb@gmail.com¹

Introdução: A sexualidade pode ser definida como um processo de evolução e desenvolvimento do sujeito, modelado por aquisições cognitivas e experiências socioculturais, que alude ao prazer e à qualidade de vida. A educação sexual nas escolas é uma estratégia fundamental para a profilaxia de infecções sexualmente transmissíveis (IST's) entre adolescentes e jovens, com foco na promoção, proteção e recuperação da saúde. **Objetivo:** A presente investigação almeja analisar a educação sexual nas escolas para prevenção de infecções sexualmente transmissíveis. **Metodologia:** Constitui-se de uma pesquisa de revisão bibliográfica, sendo selecionados artigos existentes sobre o tema cujos descritores foram: (Infecções Sexualmente Transmissíveis), (Educação sexual) AND (Adolescência), analisados nas principais bases de dados da SCIELO (Scientific Electronic Library Online), LILACS (Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciências da Saúde) e Periódicos CAPES. Com a seguinte pergunta norteadora: "Como a educação sexual na escola pode prevenir as infecções sexualmente transmissíveis entre adolescentes e jovens?". **Resultados:** As descobertas primordiais desta análise evidenciam a premente necessidade de políticas públicas fomentadoras da implantação de programas educativos abrangentes e embasados em evidências no âmbito escolar, cujo impacto é notável na redução da ocorrência de infecções sexualmente transmissíveis entre os adolescentes e jovens. Modelos que enfatizam uma abordagem holística, incorporando informações precisas, diálogos abertos e o fomento de habilidades interpessoais e comunicativas, demonstraram-se especialmente eficazes. **Discussões:** As infecções sexualmente transmissíveis emergem como uma problemática de saúde pública, especialmente em nações em desenvolvimento, onde se evidencia a deficiência nas estratégias governamentais para lidar com esse desafio, resultando em uma precarização dos serviços disponíveis e negligência no atendimento a essa parcela da população. Propõe-se, portanto, a necessidade de um atendimento integral, considerando não apenas os indivíduos afetados, mas também os fatores de risco provenientes de contextos familiares, relacionais e comunitários. No entanto, tais obstáculos incitam uma reflexão aprofundada por parte dos acadêmicos da área da saúde, fomentando a busca por estratégias que visem aprimorar as condições de vida dos adolescentes. Nesse contexto, os profissionais de Enfermagem são incitados a reconhecer e abordar as questões essenciais frequentemente negligenciadas, promovendo a inclusão e estabelecendo parcerias entre as instituições escolares, os profissionais de saúde e as organizações sociais.

Palavras-chave: adolescência; educação sexual; infecções sexualmente transmissíveis.

O QUE MUDA NO RASTREIO DE DIABETES GESTACIONAL APÓS CIRURGIA BARIÁTRICA?

Jaqueline Yonara da Silva Galharo¹; Bruna Luiza Pereira Sturmer¹; Beatriz Barros Rasia¹; Marina Atallah¹; Lucas Ademir de Borba²; Natalye da Silva Ulguim³; Isadora da Silveira Pinto³; Bibiana Ramos Goulart⁴

Graduanda em medicina na Universidade Católica de Pelotas¹, Médico e Residente de Família e Comunidade pela Universidade Católica de Pelotas², Médica pela Universidade Católica de Pelotas³, Residente em Clínica Médica no Hospital São Lucas da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul⁴

Jaqueline.galharo@sou.ucpel.edu.br

Introdução: Obesidade é uma doença crônica e multifatorial que afeta mais de 1 bilhão de pessoas segundo a Organização Mundial da Saúde (OMS). Seu tratamento cirúrgico consiste na cirurgia bariátrica, com capacidade de melhorar a fertilidade das mulheres através do ajuste do painel metabólico e ovulatório. Contudo, apesar da perda de peso, o rastreio para diabetes mellitus gestacional (DMG) ainda se mantém mandatório durante a gravidez tornando a triagem e diagnóstico desafiador. **Objetivo:** Enfatizar as diferenças e particularidades no rastreio de DMG em pacientes pós cirurgia bariátrica, risco de desenvolvimento da doença e manejo à luz do conhecimento atual. **Metodologia:** Revisão narrativa realizada através de pesquisa na base de dados PubMed, no período de maio de 2024, utilizando os descritores “bariatric surgery” AND “gestational diabetes”, sendo encontrados 208 resultados. Os critérios de seleção foram revisões, publicadas nos últimos 10 anos e texto completo gratuito disponível. Foram encontrados 18 artigos. Excluíram-se aqueles com enfoque exclusivamente nutricional e que não discutiram propostas de rastreio de DMG pós-bariátrica. Após exclusão, 11 estudos foram selecionados para a revisão final. **Resultados:** Mulheres submetidas à cirurgia bariátrica, embora apresentem melhora do perfil metabólico com a perda de peso, mantêm risco aumentado para desenvolvimento de DMG quando comparadas com a população geral, apesar de menor em relação àquele conferido pela obesidade. No primeiro trimestre mantém-se glicemia de jejum no rastreio a todas as gestantes. Contudo, mulheres submetidas a cirurgia disabsortiva em “Y de Roux” apresentam baixa tolerabilidade a sobrecarga de glicose com o teste de tolerância oral à glicose (TOTG), apresentando quadro agudo que pode consistir em dor, distensão abdominal, vômitos, taquicardia, sudorese e palpitações chamado “dumping”, tornando seus resultados imprecisos. Dessa forma, sugere-se que realizem triagem alternativa com glicemia capilar em jejum, 1 e 2 horas após desjejum pela manhã durante 7 dias entre 24-28 e, após, 32 semanas de gestação. Aquelas submetidas a técnicas restritivas podem realizar rastreio habitual com TOTG. **Conclusão:** O número de mulheres que engravidam após bariátrica vem crescendo. Todavia, é imprescindível realização da triagem para DMG e a escolha do teste de rastreio deve levar em consideração o elevado risco de *dumping* com a realização do TOTG devido à alta osmolalidade e carga de glicose ingerida levando a resultados imprecisos pela baixa tolerabilidade ao teste. Diante disso, torna-se urgente e necessária a parceria entre obstetras, cirurgiões e endocrinologistas na criação de diretrizes para rastreio e manejo de DMG após o procedimento.

Palavras-chave: diabetes gestacional; cirurgia bariátrica; programas de triagem diagnóstica.

O USO DA FERTILIZAÇÃO IN VITRO E SUA RELAÇÃO COM AS MALFORMAÇÕES FETAIS

Ana Vitória Dias de Sousa¹; Gêmyna Thalita de Sousa Silva¹; Deborah Ozima Mota Aroso¹;
Antonione Santos Bezerra Pinto²

Graduanda em medicina pelo Instituto de Educação Superior do Vale do Parnaíba (IESVAP)¹,
Docente do curso de medicina Instituto de Educação Superior do Vale do Parnaíba (IESVAP)²
anavitoria_dp@hotmail.com

Introdução: De acordo com a Organização Mundial da Saúde, a incidência de infertilidade afeta atualmente aproximadamente 15% dos casais em idade reprodutiva, levando-os a recorrer a métodos alternativos para conceber uma gestação, entre os quais se destaca a Fertilização in vitro (FIV). Esta técnica é considerada superior a métodos como inseminação intrauterina e coito programado, devido à sua maior taxa de efetividade. No entanto, a FIV não está isenta de riscos, podendo interferir na formação fetal e acarretar complicações como restrição de crescimento, prematuridade e, especialmente, malformações fetais. **Objetivo:** Analisar o uso da fertilização in vitro como método de reprodução assistida e sua associação com malformações fetais. **Metodologia:** O estudo consiste em uma Revisão Sistemática da Literatura com base nos Descritores em Ciências da Saúde: Fertilização in Vitro; Anormalidades Congênitas; Infertilidade. Foram selecionados artigos publicados entre os anos de 2019 a 2023 nas bases de pesquisa SCIELO e PubMed. Após a aplicação dos critérios de exclusão e inclusão, foram selecionados 5 artigos considerados mais relevantes. **Resultados e Discussão:** O aumento das taxas de sucesso da FIV nos últimos anos quando comparada com outros métodos de reprodução a tornou mais difundida. No entanto, apesar dos avanços, complicações como malformações ou anormalidades congênitas ainda são observadas. A relação direta entre a FIV e essas anormalidades não é completamente compreendida, mas estudos demonstram um aumento significativo no risco de malformações congênitas em fetos concebidos por FIV em comparação com métodos naturais. Diversos fatores são elencados a partir de análises de casos, como o uso de medicamentos ovulatórios, tempo de armazenamento, congelamento e descongelamento de embriões, idade e causa da infertilidade, influenciam na ocorrência dessas malformações congênitas. **Conclusão:** Há uma associação entre a fertilização in vitro e a ocorrência de anormalidades fetais congênitas, especialmente considerando a diversidade das técnicas e as causas subjacentes da infertilidade. No entanto, essa relação ainda é complexa e requer mais estudos para um entendimento mais abrangente, levando em consideração as diversas variáveis envolvidas. Assim, é necessário realizar pesquisas mais aprofundadas sobre os métodos e técnicas na fertilização in vitro e sua relação com as anormalidades congênitas, visando esclarecer melhor essa associação.

Palavras-chave: Fertilização in Vitro; Anormalidades Congênitas; Infertilidade.

O USO DE ANTICONCEPCIONAIS ORAIS COMBINADOS COMO CAUSA DE ACIDENTE VASCULAR ENCEFÁLICO EM MULHERES JOVENS

Amanda Batista Barrêto¹; Mateus Andrade Ferreira²; Sabrina Lima Leal¹; Wellington Gabriel Alves de Medeiros¹; Marta Lígia Vieira Melo³

Discente de Medicina do Centro Universitário Santa Maria¹, Bacharel em Medicina pelo Centro Universitário Santa Maria, Docente de Medicina do Centro Universitário Santa Maria³

amaanda_barreto@hotmail.com

Introdução: O Acidente Vascular Cerebral (AVC), segunda principal causa de óbito no mundo, caracterizado por déficits neurológicos súbitos de origem vascular, é responsável por acarretar incapacidade física e cognitiva prolongada em adultos. Em mulheres com menos de 35 anos é um evento raro. Porém, atualmente, observa-se um acréscimo exponencial da ocorrência de novos casos nessa faixa etária que podem estar ligados ao uso de anticoncepcionais orais combinados (ACOs), posto que estes aumentam a probabilidade de tromboembolismo venoso. **Objetivo:** Analisar a associação entre o uso de anticoncepcionais orais combinados (ACOs) e a ocorrência de Acidente Vascular Encefálico (AVE). **Metodologia:** Trata-se de uma revisão integrativa da literatura em março de 2024, utilizando as bases de dados LILACS, IBECs, SciELO e PubMed. Foram encontrados 100 artigos, utilizando os descritores “contraceptivos”, “oral” e “stroke”, indexados nos Descritores em Ciências da Saúde (DeCS) e cruzados através do operador booleano “AND”. Foram excluídas revisões de literatura e textos incompletos. Após a leitura dos títulos, dos resumos e da leitura completa, restaram 7 estudos para elaboração da presente revisão. **Resultados e discussão:** Os mecanismos pelos quais os contraceptivos aumentam o risco de Acidente Vascular Encefálico (AVE) podem estar ligados a efeitos pró-trombóticos e pró-inflamatórios, induzidos por hormônios. Nesse viés, há uma prevalência dos efeitos pró-trombóticos arteriais, devido à menor aterosclerose intra e extracraniana e maior incidência de hipoperfusão focal, o que define a maior parte desses AVEs como de origem indeterminada. É importante salientar, no entanto, que o risco absoluto de AVEs dependerá, principalmente, do risco inicial de AVE do paciente e, conseqüentemente, de fatores de risco cerebrovasculares estabelecidos, como a enxaqueca com aura, fator que aumenta em 6 vezes a chance de AVE nas pacientes que fazem uso de ACOs. Além disso, o risco aumentado de AVE também se relaciona ao uso de ACO com doses elevadas de estrogênio, havendo uma elevação de admissões hospitalares quando apresentam dosagem > 30 µg. **Conclusão:** Os estudos analisados mostraram uma relação direta entre o uso de ACOs e a incidência de AVEs, apresentada em números com o aumento da incidência de eventos cerebrovasculares, principalmente em mulheres jovens, e explicada pela ação dos ACOs sobre mecanismos de ação pró-trombóticos e pró-inflamatórios envolvidos na fisiopatologia do AVE. Assim, faz-se necessário mais estudos para ampliação do conhecimento a respeito desses fármacos, principalmente em pacientes com outros fatores de riscos associados.

Palavras-chave: contraceptivos; oral; stroke.

O USO DE TERAPIA ANDROGÊNICA EM CASOS DE DISFUNÇÃO SEXUAL FEMININA

Larissa Silva Viterbo Cabral¹; Stela Maria Barros¹; Nicholas Henrique Silva Cotta²

Graduanda em Medicina pela Universidade Federal de Minas Gerais¹, Graduado em Medicina pela Universidade Federal de Minas Gerais²

larissa.viterbo@hotmail.com

Introdução: Cerca de 40% das mulheres na pós-menopausa têm o desejo sexual diminuído. Esses problemas têm sido associados ao declínio na produção de androgênios. A Disfunção Sexual Feminina é definida como um grupo de distúrbios que abordam a excitação sexual, desejo, orgasmo e dor. Nesse contexto, há um crescente interesse no papel da terapia androgênica para o tratamento da disfunção sexual em mulheres na pós-menopausa. **Objetivo:** Avaliar os dados disponíveis na literatura sobre o impacto da terapia androgênica nos casos de Disfunção Sexual Feminina. **Metodologia:** Foi realizada uma revisão sistemática da literatura por meio do levantamento bibliográfico na base de dados da Pubmed com os descritores em Ciências da Saúde: “Hormone Replacement Therapy”, “Sexuality”, “Women” e “Androgens” interpostos pelo operador booleano “AND”. A revisão engloba estudos dos últimos 6 anos. Foram obtidos 48 resultados e foram selecionados 11 artigos, sendo critérios de seleção: estudos disponíveis em texto completo de forma gratuita e serem escritos em português ou inglês. **Resultados e Discussão:** Ensaios clínicos randomizados e controlados com uso de testosterona transdérmica administrada em mulheres na pós-menopausa com Transtorno do Desejo Sexual Hipoativo demonstraram um aumento significativo no número de episódios sexuais satisfatórios e no desejo sexual, além de menos sofrimento relacionado à vida sexual naquelas que receberam adesivos de 300 µg, em comparação com o placebo. Preparações orais, formulações manipuladas e implantes subdérmicos não devem ser utilizados devido à falta de dados de segurança e eficácia. Apesar das evidências de benefício terapêutico, nenhuma formulação de testosterona para mulheres foi aprovada para uso na maioria dos países, em exceção a Austrália. A única indicação baseada em evidências para terapia com testosterona em mulheres é tratar o Transtorno do Desejo Sexual Hipoativo após a menopausa. Em relação aos efeitos adversos, na forma de aplicação transdérmica, identificou-se maior risco de desenvolvimento de acne e crescimento de pelos, além de um perfil lipídico neutro, sem associação com o aumento da pressão arterial, glicemia, ou níveis de hemoglobina glicada. Infelizmente, a falta de preparações especificamente projetadas aumenta a probabilidade de dosagem inadequada em seu uso off label. **Conclusão:** O papel dos andrógenos nesse contexto ainda é controverso, tendo indicação apenas para o tratamento do Transtorno do Desejo Sexual Hipoativo, a partir de um tratamento individualizado. Evidências de benefícios além destes são mistas e mais pesquisas são necessárias em relação à segurança a longo prazo.

Palavras-chave: terapia de reposição hormonal; androgênios; sexualidade.

OBESIDADE: UM DOS PRINCIPAIS FATORES DE RISCO PARA O CÂNCER DE MAMA.

Maria Bianca Jerônimo Costa¹; Maria Luiza de Oliveira Pereira¹; Jorge Luiz Silva Araujo Filho².

Graduanda em Medicina pela Universidade Maurício de Nassau de Recife¹; Biólogo, especialista em processos de ativação de mudanças, mestre em patologia, doutor em biotecnologia².

mbiancacosta16@gmail.com

Introdução: O câncer de mama é uma neoplasia causada pelo desequilíbrio hormonal, especialmente pelo excesso de estrogênio, resultando em crescimento anormal de células mamárias. O câncer de mama é o segundo tipo de câncer mais comum entre as mulheres, segundo o INCA estima-se mais de 704 mil casos até 2025. O prognóstico vai de acordo com o estadiamento da doença e como cada paciente responde ao tratamento. **Objetivo:** Compreender a obesidade como um fator de risco para o câncer de mama. **Metodologia:** Realizou-se um estudo de levantamento bibliográfico sobre o câncer de mama e o fator de risco da obesidade. Foram selecionados artigos originais e revisões recentes, com análise crítica dos resultados para a síntese das informações relevantes. **Resultados e Discussão:** Vários fatores estão associados a um maior risco de desenvolver câncer de mama, como sexo feminino, idade avançada, histórico familiar, exposição prolongada ao estrogênio e obesidade. Estudos recentes indicam que em pessoas obesas, a gordura periférica pode se transformar em um hormônio que mimetiza o estrogênio. Sendo assim, torna-se necessário ter bons hábitos de vida, como práticas de exercícios e alimentação saudável. A fisiopatologia do câncer de mama envolve mutações nos genes supressores de tumor BRCA1 e BRCA2, juntamente à exposição prolongada ao estrogênio, estimulando o crescimento e divisão das células mamárias, bem como a neoangiogênese. Em casos mais avançados a hiperplasia pode invadir outros tecidos e causar metástase. O tratamento do câncer de mama varia de acordo com o subtipo do câncer e as características individuais da paciente, incluindo cirurgia, imunoterapia, quimioterapia e terapia hormonal. O diagnóstico precoce, por meio de mamografia regulares e acompanhamento médico, é fundamental para aumentar as chances de cura. **Conclusão:** O câncer de mama e a obesidade estão interligados, pois a obesidade é um fator de risco significativo para o câncer de mama. O tecido adiposo produz hormônios, como o estrogênio, que podem promover o crescimento das células mamárias e aumentar o risco de mutações genéticas. Portanto, é importante adotar medidas preventivas, como uma dieta saudável e a prática regular de exercícios, para reduzir o risco de câncer de mama.

Palavras-chave: câncer de mama; fatores de risco; obesidade.

OBSTÁCULOS DO ALEITAMENTO MATERNO EXCLUSIVO

Nádyá Ribeiro Galvão¹; Anna Karoline Pires Araquam Lopes¹; Maria Jeanne de Alencar Tavares²

Graduanda em Medicina pela Faculdade de Medicina Estácio de Juazeiro do Norte-FMJ/IDOMED¹,
Mestre em ciências da educação pela Univerdidad Tecnológica Intercontinental reconhecido pela
Universidade Regional do Cariri²

galvaonadyar@outlook.com

Introdução: O vínculo materno envolve um conjunto de ações biopsicossocioambientais que permitem ao recém-nascido um desenvolvimento adequado. Dentre esses atos podemos citar o Aleitamento Materno Exclusivo (AME) até o sexto mês que, segundo o Ministério da Saúde é o melhor alimento para o bebê, pois além de promover a saúde física e mental, estreita a relação afetiva com a genitora. No entanto, muitas mulheres enfrentam os desafios relacionados à manutenção do AME como: fatores emocionais e sociais, estado nutricional, estilo de vida em geral, além de desconforto e complicações mamárias relacionadas ao posicionamento incorreto do bebê no seio e a sucção ineficaz do bebê, levando à interrupção dessa experiência. **Objetivos:** Identificar as principais dificuldades enfrentadas no aleitamento materno exclusivo. **Metodologia:** Foi realizada uma revisão integrativa da literatura a partir da busca por publicações científicas indexadas nas bases de dados: U.S. National Library of Medicine (PUBMED), Biblioteca Virtual da Saúde (BVS) e Scientific Electronic Library Online (SCIELO), empregando os descritores: “aleitamento materno”, “dificuldades”, “afeto”. Incluíram-se artigos na íntegra publicados nos últimos 5 anos. Excluíram-se os que se enquadram nos critérios de exclusão e fugiam da temática proposta. Foram identificados 10 artigos, dos quais 6 compuseram a amostra final desta revisão. **Resultados/Discussão:** No presente estudo foi observado que dentre os fatores que colaboram com a ação de interromper o AME estão: trabalhar fora do lar, problemas mamários, conhecimento insuficiente e a introdução precoce de alimentos. Através de uma vivência negativa para a puérpera, provavelmente ela terá dificuldades na continuação da amamentação exclusiva, principalmente em se tratando de primíparas. Ao analisar os dados, observamos relatos de algumas mulheres que iniciaram a amamentação e se queixaram de dificuldades, sendo as mais prevalentes: a própria amamentação, engasgo e regurgitação, banho e higiene, choro, vacinas e suas reações adversas, soluços, infecções diarreicas e cólicas. Dessa forma, fica notável que existe uma série de dificuldades que resultam na tomada de decisão sobre o AME. **Conclusão:** O aleitamento materno exclusivo é extremamente importante, trazendo grandes benefícios tanto para a criança quanto para a mãe, sendo uma realidade multifatorial, influenciada por fatores socioeconômicos, culturais, comportamentais e de saúde. Para reforçar esse ato é essencial proporcionar conhecimento às gestantes desde o pré-natal até a continuidade do cuidado no puerpério e na puericultura para orientar nas decisões maternas, compreendendo os obstáculos, as incertezas e as insatisfações, e assim reduzir as chances de desmame precoce.

Palavras-chave: aleitamento materno; dificuldades; afeto; primíparas.

OCITOCINA: UMA ABORDAGEM QUALITATIVA DO SEU USO NA PREVENÇÃO DE HEMORRAGIA PÓS-PARTO

Yasmim Lima de Omena Sampaio¹; Victoria Cristina de Jesus Carvalho¹; Thiago Silva de Oliveira Dias¹; Lara Vasconcelos Silveira¹; Rayana Priscilla dos Santos¹; Matheus Viana Soares Lima²

Graduando(a) em medicina pela AFYA - Faculdade de ciências médicas de Jabotão dos Guararapes¹

Ginecologista e obstetra pelo IMIP - Instituto de Medicina Integral Professor Fernando Figueira²

yasmimomena99@gmail.com

Introdução: A hemorragia pós-parto (HPP) é a principal causa de morte materna no mundo e grande porcentagem desse quadro pode ser evitado com a assistência médica adequada. **Objetivo:** Entender o manejo e eficácia do uso de uterotônicos, como a ocitocina, na prevenção de sangramento pós-parto. **Metodologia:** Trata-se de uma revisão integrativa realizada nas bases de dados: BVS e PubMed, com recorte temporal de 2014 a 2024, tendo como descritores em saúde: “Hemorragia Pós Parto”, “Ocitocina” e “Oxitocina”, utilizando-se o operador booleano AND; sendo considerados apenas artigos completos em português e espanhol e excluídos a literatura cinzenta, sendo localizados 25 artigos; destes, 7 foram incluídos. **Resultados e Discussão:** A HPP é definida pela perda sanguínea maior que 500 mililitros no parto vaginal e maior que 1.000 mililitros após cesariana, e possui quatro causas, sendo elas a atonia uterina, trauma genital, distúrbios de coagulação e retenção de tecidos, dessa forma é importante visualizar sua origem multifatorial, o que englobaria muitas mulheres nos fatores de risco, dessa forma, deve-se realizar métodos preventivos após a dequitação placentária, e um dos principais métodos é o uso da ocitocina 10 unidade internacionais via intramuscular, tal fármaco é considerado um uterotônico e seu mecanismo de ação consiste em contrair a musculatura uterina por meio da estimulação do músculo liso do útero pela liberação de cálcio intracelular devido a ativação dos receptores de ocitocina, na qual possui uma eficácia terapêutica satisfatória. **Conclusão:** A prevenção da HPP é fundamental na redução da morbimortalidade materna, com isso, é de suma importância que a equipe médica saiba realizar a conduta adequada, o que acarretaria uma menor incidência de complicações puerperais, como o choque hipovolêmico e até mesmo a morte.

Palavras chave: Hemorragia Pós Parto; Ocitocina; Prevenção.

OFICINAS SOBRE SAÚDE MENTAL: RELATO DE EXPERIÊNCIA ENTRE MULHERES HOSPITALIZADAS

Jakson Luis Galdino Dourado¹

Mestre em Psicologia da Saúde pela Universidade Estadual da Paraíba¹

jaksonpsi@gmail.com

Introdução: A realização de oficinas sobre saúde mental em ambientes hospitalares tem se mostrado uma estratégia eficaz para promover o bem-estar psicológico de pacientes internados. Este estudo foca na implementação e avaliação de oficinas sobre saúde mental especificamente direcionadas a mulheres hospitalizadas, considerando as particularidades e necessidades dessa população. **Objetivo:** Relatar a experiência e os resultados de oficinas sobre saúde mental realizadas entre mulheres hospitalizadas, destacando os impactos no bem-estar emocional e na compreensão sobre saúde mental. **Metodologia:** As oficinas foram realizadas em um hospital universitário na cidade de João Pessoa/PB, envolvendo 17 mulheres com idades entre 20 e 60 anos, internadas por diversas condições médicas. As oficinas ocorreram semanalmente durante três meses, com duração de uma hora cada. As atividades incluíram discussões em grupo, dinâmicas de relaxamento, exercícios de mindfulness e sessões informativas sobre temas como ansiedade, depressão e autocuidado. Dados qualitativos foram coletados por meio de entrevistas semiestruturadas e questionários de satisfação aplicados antes e após as oficinas. **Resultados e Discussão:** As participantes relataram uma melhora significativa na compreensão sobre saúde mental e na habilidade de manejar sintomas de ansiedade e estresse. As oficinas proporcionaram um espaço seguro para a expressão de sentimentos e troca de experiências, o que fortaleceu o senso de comunidade e apoio mútuo entre as mulheres. Além disso, observou-se uma redução nos níveis de ansiedade e depressão, conforme medido pelos questionários aplicados. No entanto, desafios como a adesão irregular devido a condições clínicas das participantes e a necessidade de adaptação contínua das atividades foram identificados. **Conclusão:** As oficinas sobre saúde mental tiveram um impacto positivo no bem-estar psicológico das mulheres hospitalizadas, promovendo maior compreensão e manejo de suas condições emocionais. Este relato de experiência destaca a importância de incorporar atividades educacionais e terapêuticas no cuidado hospitalar, recomendando a continuidade e expansão desse tipo de intervenção.

Palavras-chave: Mulher; Hospitalização; Saúde Mental.

ÔMEGA 3 NA PREVENÇÃO DO CÂNCER DE MAMA

Matheus Zanetti Martins¹, Brenda Corisco Hermógenes², Sérgio Ricardo de Brito Bello³.

Graduando em Nutrição pelo Centro Universitário Uniopet¹, Graduanda em Nutrição pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná², Pós Doutorando em Fisiologia Humana pela Universidade Federal do Paraná³.

mathzanemartins7@gmail.com

Introdução: O câncer é o nome dado a um conjunto de mais de 100 doenças caracterizadas pelo crescimento desordenado de células e invasão de tecidos e órgãos. Sua origem encontra-se associada a mutação genética e ainda, exposição a fatores ambientais como o consumo de ultraprocessados, dietas ricas em alimentos de origem animal, intoxicação, tabagismo, etilismo e estresse. O câncer de mama é considerado o mais frequente no público feminino brasileiro tendo como característica principal o crescimento desordenado de células. De acordo com o Instituto Nacional do Câncer (INCA), em 2021, 18.139 mulheres no Brasil foram a óbito em função dessa doença; dado esse que reforça a necessidade de adoção de estratégias de prevenção na redução da incidência dessa doença. Acredita-se que a adoção de práticas saudáveis no cotidiano são capazes de evitar 28% de todos os casos da doença. Dentro dessa perspectiva e considerado-se a complexidade do câncer, a prática da suplementação com ácidos graxos ômega 3 pode representar uma estratégia importante na redução das estatísticas dessa doença. **Objetivo:** Identificar os principais achados científicos que dão suporte a importância da suplementação do ômega 3 na prevenção do câncer. **Metodologia:** A presente revisão narrativa foi estruturada a partir da pré-seleção de 25 artigos científicos publicados em língua inglesa e portuguesa, nas bases de dados: Scholar, Scielo, PubMed, Biblioteca Virtual da Saúde, de 2015 a 2023. Após aplicação dos critérios de inclusão e exclusão, 10 artigos foram selecionados. **Resultado e discussão:** O ômega 3 é uma gordura poli-insaturada essencial para o organismo. Sua suplementação reduz a expressão de citocinas inflamatórias e fortalece o sistema imunológico. O quadro inflamatório crônico intensifica os riscos para o desenvolvimento de tumores malignos. Outrossim, o ômega 3 pode inibir a proliferação de células tumorais já existentes e ainda incorporar-se a membrana plasmática das células promovendo melhoria nas funções celulares. A oferta de 1000mg de ômega 3 diariamente na forma de suplementos já seria suficiente para reduzir os casos de câncer de mama. Contudo, na escolha do suplemento, recomenda-se a Certificação do Programa Internacional de Padrões de Óleo de Peixe (IFOS), presença de vitamina E, pureza e isenção de metais pesados e biodisponibilidade. **Considerações finais:** O câncer de mama é uma doença complexa, podendo ainda acometer indivíduos do sexo masculino. A suplementação com o ômega 3 atua na prevenção dessa doença promovendo prevenção frente ao surgimento de outras doenças crônicas.

Palavras-chave: câncer; mama; nutrição.



OS BENEFÍCIOS DA ALIMENTAÇÃO SAUDÁVEL DURANTE A GRAVIDEZ E A AMAMENTAÇÃO

Alexandra Melo da Silva¹; Dayane Rívea Cintra Xavier²

Nutricionista pelo Centro Universitário Mário Pontes Jucá¹, Pós-graduada em Psicologia Hospitalar pela Faculdade Venda Nova do Imigrante²

alexandramelo19silva@gmail.com

Introdução: A gestação é uma fase que demanda um bom estado nutricional da mulher, pois o desenvolvimento do feto depende exclusivamente dos nutrientes captados da mãe. Algumas carências nutricionais podem desencadear em parto prematuro, complicações fetais e/ou neonatais, anemia materna, prejuízos no crescimento e desenvolvimento da prole, entre outras repercussões negativas.

Objetivo: Discorrer sobre os benefícios da alimentação saudável na saúde materna e do bebê durante a gravidez e a amamentação. **Metodologia:** Trata-se de uma revisão narrativa da literatura, sendo o estudo realizado no mês de abril de 2024. A busca foi realizada nas bases de dados virtuais SciELO e LILACS, utilizando-se os Descritores em Ciências da Saúde (DeCS) aleitamento materno AND alimentação saudável e saúde materna AND nutrição materna, sendo encontrados 40 trabalhos. Os critérios para inclusão foram artigos publicados em português no período de 2013 a 2023 e que se relacionassem com o tema do trabalho. Sendo critérios para exclusão os artigos que não se relacionassem com o objetivo deste trabalho, que tratassem de localidade específica e/ou que tratassem da atuação específica de profissionais diferentes do nutricionista. Assim, foram incluídos 5 artigos para compor essa revisão.

Resultados e Discussão: A nutrição é muito importante para o fornecimento dos nutrientes necessários nos períodos da gestação e lactação, sendo uma fase crítica do desenvolvimento humano e que terá repercussões ao longo da vida. Na amamentação, o recém-nascido recebe os anticorpos da lactante para proteção contra doenças como diarreia e infecções. Outros benefícios são a redução dos riscos de obesidade, diabetes tipo 2 e asma. Além disso, uma dieta variada melhora o sabor do leite materno, apresentando desde cedo uma variedade de sabores, facilitando a aceitação de novos alimentos durante a introdução alimentar. A nutrição adequada na gestação e amamentação também é benéfica para a mãe, pois auxilia na perda de peso, ajuda no processo de redução do útero ao seu tamanho normal, reduz as chances do desenvolvimento de anemia, diabetes, pré-eclâmpsia câncer de mama e ovários, dentre outros benefícios. **Conclusão:** Diante disso, temos que a alimentação saudável durante a gravidez e a amamentação é essencial para a garantia de um bom desenvolvimento tanto do bebê quanto da mãe. Sendo importante que a mulher tenha uma dieta saudável e equilibrada para prevenir possíveis complicações durante a gestação e fornecer ao bebê todos os nutrientes necessários para o seu crescimento e desenvolvimento saudável, sendo fundamental um acompanhamento nutricional adequado durante esse período.

Palavras-chave: Nutrição materna; Amamentação; Aleitamento materno.



OS BENEFÍCIOS DO ALEITAMENTO MATERNO PARA A SAÚDE DA MULHER

Kílvia Barbosa Martins¹; Sandy Girão Fonteles²;

Enfermeira pela Universidade Estadual do Ceará e Pós-graduanda em Enfermagem Obstétrica pelo Centro Universitário Christus¹, Enfermeira pela Universidade Estadual do Ceará²

kilviabmartins@gmail.com

Introdução O aleitamento materno é um processo fisiológico que apresenta benefícios bio-psico-social para a mãe e para o bebê. Esse processo, além de resultar na produção de leite, também promove mudanças no organismo materno e em boas condições de saúde física e emocional para a lactante, que se estenderão para a sua vida futura, além de contribuir para o vínculo entre mãe e filho. Contudo, ainda não é tão discutido os benefícios da amamentação para a saúde da mulher. Diante disso elaborou-se a seguinte questão norteadora: Quais os benefícios do aleitamento materno para a saúde da mulher?. **Objetivo** Apresentar os benefícios do aleitamento materno para a saúde da mulher. **Metodologia** Trata-se de uma revisão de literatura, com artigos obtidos em buscas nas bases de dados da Scientific Electronic Library Online (SciELO), Biblioteca Virtual da Saúde (BVS), utilizando os descritores em saúde (Decs) combinados com o operador booleano AND: “aleitamento materno” AND “saúde da mulher” AND “mulheres lactantes”. Como critérios de inclusão delimitou-se artigos publicados nos últimos cinco anos, na língua portuguesa e inglesa, que respondessem à questão-orientadora: “Quais os benefícios da amamentação para a saúde da mulher?”. Os critérios de exclusão foram artigos repetidos. Ao final, foram obtidas uma amostra de cinco artigos científicos. **Resultados e Discussão** De acordo com os dados observados nos estudos selecionados, a amamentação tem ação positiva na saúde da mulher, trazendo benefícios imediatos e a longo prazo. Os imediatos abrangem a redução do sangramento pós-parto, involução uterina, diminuição de infecções, prevenção de depressão pós-parto e redução de estresse e ansiedade. Já nos benefícios a longo prazo pode-se incluir, a proteção contra as neoplasias de mamas e ovários, endometriose, doenças cardiovasculares e diabetes. De acordo com a Sociedade Brasileira de Pediatria (SBP), o risco de surgimento de câncer de mama é 22% menor, comparado às mulheres que nunca amamentaram, chegando a 26%, caso o período tenha sido de, pelo menos, um ano. **Conclusão** A lactação tem importância tanto na recuperação materna após a gestação, como também tende a determinar múltiplos aspectos da saúde materna, com benefícios a curto e longo prazo. Portanto, se torna importante informar, desde o pré-natal sobre os efeitos benéficos da lactação para a saúde da mulher e do bebê, com o intuito de proporcionar conhecimento e fortalecer as intenções de amamentar.

Palavras-chave: aleitamento materno; saúde da mulher; mulheres lactantes.



OS DESAFIOS NA VIDA DA MULHER COM SÍNDROME DO OVÁRIO POLICÍSTICO

Ana Carolina Carvalho Abreu

Graduada em enfermagem pelo Instituto de Ensino Superior Múltiplo – IESM

Ac13abreu@gmail.com

Introdução: A síndrome do ovário policístico é um problema significativo de saúde pública e é um dos distúrbios hormonais mais comuns, que afetam 8–13% das mulheres em idade reprodutiva, e até 70% dos casos não são diagnosticados. Caracterizado pela presença de problemas simples, como irregularidade menstrual, acne, obesidade e infertilidade. O diagnóstico dessa condição é baseado nos critérios de Rotterdam, que consiste em pelo menos dois dos três achados a seguir: oligoovulação ou anovulação crônica, evidência clínica e/ou laboratorial de hiperandrogenismo e ultrassonografia pélvica indicativa de ovários policísticos. **Objetivo:** Analisar a qualidade de vida das mulheres com SOP e os impactos presentes ao conviver com essa patologia. **Método:** Trata-se de um estudo de revisão de literatura do tipo integrativa, com abordagem qualitativa, foi realizado o levantamento de dados bibliográficos utilizando os Descritores em Ciências da Saúde (DeCS), que integram os periódicos online disponíveis na Biblioteca Virtual em Saúde (BVS) e PubMed. Foram selecionados para revisão os estudos disponíveis na íntegra, nos idiomas português e inglês, dentro do recorte temporal dos últimos cinco anos (2019 a 2024). Foram excluídos da revisão teses, dissertações, monografias e outros artigos de revisões, textos incompletos ou textos que não estavam dentro dos critérios de inclusão estabelecidos. Foram encontrados um total de 52 artigos, dos quais 07 fizeram parte desse estudo. **Resultados:** Os estudos refletem que o diagnóstico da SOP influencia diretamente na qualidade de vida das mulheres acometidas, com maior comprometimento nos domínios: alterações de peso, problemas menstruais, excesso de pelos e hirsutismo. Evidenciou-se que as maiores queixas apresentadas estão relacionadas ao acúmulo de gordura abdominal e acne, no qual interferem de forma negativa sobre a qualidade de vida das pacientes, resultando em baixa autoestima, comprometimento da autoimagem, podendo levar a transtornos psicológicos, inclusive, a depressão. **Conclusão:** A influência negativa da síndrome no bem-estar emocional e na qualidade de vida requer uma maior atenção, ressaltando a importância da autoconsciência das mulheres sobre a síndrome para uma participação ativa no processo terapêutico. Viver com a patologia requer paciência e mudança no estilo de vida, desde a alimentação, às rotinas comuns do dia a dia.

Palavras-chave: síndrome do ovário policístico; saúde da mulher; qualidade de vida.



OS EFEITOS DA OSTEOPATIA EM SINTOMAS DE MULHERES COM ENDOMETRIOSE

Ashley Caymmi de Albuquerque Laurindo¹; Talita Maria Araújo de Abreu²; Lúcia Valéria Chaves³.

Graduanda em Fisioterapia pelo Centro Universitário Brasileiro - UNIBRA¹, Graduanda em Fisioterapia pelo Centro Universitário Inta - UNINTA²; Graduada em Enfermagem pela Autarquia Educacional de Belo Jardim - AEB³.

ashleycaymmi@gmail.com

Introdução: A endometriose é uma condição crônica caracterizada pela presença de tecido semelhante ao do endométrio fora do útero, afetando milhões de mulheres em todo o mundo. Os sintomas incluem dor pélvica crônica, dispareunia, disfunção intestinal e infertilidade, podem ter um impacto significativo na qualidade de vida das mulheres. **Objetivo:** Investigar os efeitos da osteopatia como uma terapia complementar no alívio dos sintomas associados à endometriose em mulheres. Especificamente, iremos avaliar a eficácia da osteopatia na redução da dor pélvica, dismenorrea, dispareunia e melhoria na qualidade de vida das pacientes com endometriose. **Metodologia:** Trata-se de uma revisão de literatura, realizada por meio de um levantamento bibliográfico na base de dados da Medical Literature Analysis and Retrieval System Control (Medline) via PubMed e Biblioteca virtual em saúde (BVS), utilizando os descritores “endometriose”, “terapia manipulativa”, “osteopatia” retirados dos descritores em Ciências da Saúde (DeCS). Como critérios de inclusão foram utilizados artigos publicados nos últimos sete anos (2017-2023). Foram excluídos artigos de duplicação em bases de dados, tema não compatível com a pesquisa, assim como artigos incompletos e que não atendem a temática proposta. Por fim, foram selecionados três estudos para a elaboração do trabalho. **Resultados e Discussão:** Segundo pesquisa realizada por Daria et al. (2017), intitulada como “Impacto da terapia manipulativa osteopática em pacientes com endometriose colorretal profunda: uma classificação baseada em sintomas e qualidade de vida”, demonstrou em sua pesquisa que as pacientes com diagnósticos de endometriose submetidas a intervenções osteopáticas apresentaram melhora significativa, principalmente nos sintomas ginecológicos e digestivos contribuindo assim para a melhora da qualidade de vida das pacientes. Assim, segundo Goyal et al. (2017), em sua pesquisa foi evidenciado que as medidas osteopáticas no tratamento da endometriose consiste na liberação de todos os principais diafragmas no qual são: diafragma pélvico, diafragma abdominal, liberação do desfiladeiro torácico e diafragma híóide, onde durante a primeira e segunda sessão já foi obtido melhora de acordo com a escala de questionário de qualidade de vida relacionada à saúde (QVRS) denominado Endometriosis Health Profile Questionnaire (EHP), onde foi de inicialmente EHP-5, 72/100 para 26/100. **Conclusão:** Portanto, conclui-se que as medidas osteopáticas contribuem para a melhora da qualidade de vida de pacientes com endometriose, principalmente nos sintomas ginecológicos e digestivos. Além de as pacientes apresentaram melhora de acordo com a escala de questionário de qualidade de vida relacionado à saúde.

Palavras-chave: endometriose; terapia manipulativa; osteopatia.

OS FATORES DE RISCO ASSOCIADOS A INFECÇÕES SEXUALMENTE TRANSMISSÍVEIS EM ADOLESCENTES

Fernanda Rodrigues Avelar¹; Mayana Aquino Correia de Lima¹; Jorge Luiz da Silva Segundo²; Lohana Maylane Aquino Correia de Lima³.

Graduando em Medicina pela Universidade Federal de Pernambuco¹; Graduando em Medicina pela Universidade Católica de Pernambuco²; Professora substituta; Doutoranda em Clínica Integrada - Universidade Federal de Pernambuco³.

feavelar22@gmail.com

Introdução: Segundo a Organização Mundial de Saúde (OMS), todos os anos são notificados cerca de 375 milhões de Infecções Sexualmente Transmissíveis (IST's), sendo uma preocupação no que tange a saúde pública. Na população jovem as infecções por gonorreia, papilomavírus humano (HPV), sífilis, *Human Immunodeficiency Virus* (HIV), herpes e clamídia têm uma maior prevalência entre adolescentes, haja vista que a problemática é presente no contexto social a partir do início das práticas sexuais. **Objetivo:** Avaliar os riscos precedentes que predisõem infecções sexualmente transmissíveis em adolescentes nos serviços de saúde. **Metodologia:** Pesquisa realizada nas bases de dados PubMed e BVS, pela chave de busca: "Sexually Transmitted Diseases", "Public Health", "Teenagers" com o operador Booleano AND. Houve a inclusão de artigos publicados nos últimos 05 anos e exclusão dos textos duplicados e artigos de opinião. **Resultados e discussão:** A alta taxa de IST's em adolescentes gestantes deve-se à incidência de um significativo número de indivíduos iniciando as atividades sexuais aos 13 anos, à falta ou uso incorreto de preservativos, ao baixo acesso aos serviços de saúde e à ausência de educação social difundida no convívio familiar e nas escolas. Outrossim, estudos observaram que quanto maior a credibilidade no parceiro, maiores são as chances de o preservativo não ser adotado nas relações, promovendo uma visão deturpada de segurança. Ademais, a vulnerabilidade maior dessa faixa etária está associada à fase de transição socioeconômica, biológica e psicológica do grupo, a qual favorece o comportamento de risco às infecções, potencialmente acentuados pelo uso frequente de drogas e álcool. Por fim, é válido considerar que no contexto da adolescência, especialmente, a população negra, lésbica, gay e transgênero têm os índices maiores de infecções, dado ao preconceito, violência e estigma que sofrem desde a infância. **Considerações finais:** A partir do estudo realizado, evidencia-se a complexidade em lidar com os fatores de risco relacionado às infecções sexualmente transmissíveis, haja vista que envolve a promoção de políticas públicas na saúde, assim como a cooperação dos responsáveis legais em promover um diálogo amplo com os adolescentes acerca dos cuidados e riscos presentes ao iniciarem as práticas sexuais. Dessa forma, compreender as fragilidades inerentes a esse grupo, a fim de promover educação em saúde, é fundamental para que as taxas de IST's em adolescentes diminuam.

Palavras-chave: infecções; adolescentes; saúde

OS IMPACTOS DA BARREIRA COMUNICACIONAL NA GESTAÇÃO PELO DESCONHECIMENTO DO USO DAS LIBRAS

Lohanny Vitória Moraes Borges¹, Carla Marcelli Medeiros Ramos², Luzianne Fernandes de Oliveira³

Graduandos em Fonoaudiologia pela Universidade do Estado do Pará^{1,2}; Docente do Curso de Fonoaudiologia da Universidade do Estado do Pará³

lohannyborges09@gmail.com

Introdução: A Comunicação no âmbito da saúde ainda é fragmenta quando se observa a população, surda em especial, a parcela do sexo feminino na fase gestacional, onde a utilização da Língua Brasileira de Sinais ainda é mínima pela categoria da saúde, fica evidente a quebra da relação profissional-paciente, gerando a exclusão de uma parcela significativa e logo a quebra de seus direitos constitucionais. **Objetivo:** Analisar publicações que abordam a utilização de libras na assistência gestacional da mãe com deficiência auditiva. **Metodologia:** Trata-se de uma revisão integrativa com abordagem descritiva, cujos levantamentos bibliográficos foram realizados nas plataformas de busca :BVS e Google Acadêmico, no período de 2017 a 2021. Foram considerados os descritores de busca (DeCs): “Libras AND cuidados com surdo”, “Libras AND saúde” e “Libras AND gestação”, foi empregado o operador booleano para restringir e direcionar a busca. Como critério de inclusão ponderou-se: artigos e dissertações de mestrado na íntegra no idioma português, excluindo aqueles que não estavam relacionados à temática, em idiomas fora do selecionado e em outros formatos. **Resultados e discussão:** Foram encontrados o total de 14.320 materiais com a busca dos descritores, porém ao utilizar os critérios de inclusão e exclusão foram selecionados destes o total de 5 publicações para compor o estudo. Estas mostram que a população surda tem menos oportunidades no acesso de informações sobre prevenção, tratamento e assistência em saúde, principalmente quando se trata dos cuidados gestacionais, isto deve-se ao fato de que os currículos dos cursos de saúde não inserem as LIBRAS como componente obrigatório para médicos, terapeutas e atendentes, sendo somente obrigatório para curso de Fonoaudiologia. Além de que, as gestantes surdas vivenciam um déficit na comunicação profissional-paciente e que no atendimento à gestante a falta de conhecimento em LIBRAS (Língua Brasileira de Sinais), pelos profissionais de saúde deixam lacunas no cuidado, causando insegurança na mãe acerca dos procedimentos a serem realizados e interpretação inadequada das informações. **Conclusão:** Conclui-se que persiste a necessidade da reformulação na grade curricular dos cursos na área da saúde, falta de adequação de serviços que possam atender a população de gestantes surdas, bem como a ausência de intérpretes e treinamento de profissionais no uso desta língua brasileira.

Palavras- chave: Libras; saúde da mulher; comunicação.



OS IMPACTOS DAS INFECÇÕES SEXUALMENTE TRANSMISSÍVEIS NA SAÚDE DA MULHER

Paula Emanoeli da Silva Gomes¹; Ana Caroline Silva Lemos¹; Ana Carolina Pedrosa Barros¹; Maicon Vieira Amaral¹; Pedro Igor Silva Portela¹; Tiago Ferreira Guimarães¹; Maria Fernanda da Silva Cavalcante¹; Daniela Reis Joaquim de Freitas²

Graduando em enfermagem pela Universidade Federal do Piauí-UFPI¹, Docente do Programa de Pós-Graduando em Enfermagem pela Universidade Federal do Piauí – UFPI²

E-mail: paula.gomes@ufpi.edu.br

Introdução: As infecções sexualmente transmissíveis (ISTs) são doenças causadas por bactérias ou vírus e outros microrganismos, transmitidas através de relações sexuais sem uso de preservativos, o contato com o sangue de um indivíduo contaminado ou por meio da gravidez, o que pode também infectar a criança. As ISTs são um grave problema para a saúde pública, em especial nas mulheres por conta de fatores biológicos e sociais, também a vulnerabilidade socioeconômica e a ausência de informações preventivas e de dados epidemiológicos atualizados sobre infecções. Sendo assim, é necessário analisar os impactos das ISTs na saúde da mulher. **Objetivo:** Descrever os impactos das infecções sexualmente transmissíveis na saúde da mulher **Metodologia:** Trata-se de uma revisão narrativa de literatura, executada através de bases de dados: Biblioteca Virtual em Saúde (BVS) e Scientific Electronic Library Online (SCIELO). Com isso, foram selecionados artigos através dos descritores em português DeCS/MeSH: “Doença Sexualmente Transmissível”, “Serviços de Saúde das Mulheres” e “Prevenção”. A pesquisa resultou em 217 trabalhos, sendo utilizados os critérios de inclusão: artigos em português e inglês, publicados entre 2018 e 2023, disponíveis na íntegra; e foram excluídos artigos repetidos, incompletos e que não respondiam ao objetivo do estudo. Com isso, foram selecionados 15 artigos para compor o trabalho. **Resultados e Discussão:** As principais ISTs que afetam gravemente as mulheres e tem mais incidências são: Sífilis, clamídia, gonorreia, papiloma vírus humano (HPV), vírus da imunodeficiência humana (HIV) e tricomoníase. Estas ISTs causam complicações na infertilidade em mulheres, riscos de câncer, doença inflamatória pélvica (DIP), mortalidade neonatal, infecções congênitas. Com isso, é notável as consequências das ISTs na saúde da mulher, afetando a qualidade de vida física e psicológica. Percebe-se que as mulheres que trabalham com sexo, jovens ou adolescentes com baixa escolaridade e falta de acesso a cuidados e proteção de saúde estão mais propícias a infecções por ISTs. Dessa maneira, é necessário medidas preventivas para diminuir estas doenças, como por exemplo: educação em saúde sexual, vigilância epidemiológica, tratamentos específicos para cada agente etiológico, acesso igualitário aos cuidados de saúde. **Conclusão:** Os impactos das ISTs na saúde da mulher prejudicam o bem-estar físico, social, econômico e emocional. Portanto, é essencial um tratamento e informações adequadas às ISTs com profissionais de saúde que abordem a totalidade integral do indivíduo, contribuindo assim para a promoção da saúde das mulheres.

Palavras-chave: doença sexualmente transmissível; saúde das mulheres; prevenção.

OS RISCOS GESTACIONAIS DE MULHERES COM LUPUS ERITEMATOSO SISTÊMICO

Eloá de França Carvalho¹ Camila Brouwers Kur¹ Carolina Lessa Pereira de Melo¹ Laércio Pol Fachin²

¹Graduando em Medicina em Centro Universitário Cesmac

²Docente de Medicina em Centro Universitário Cesmac

eloafrancarvalho@hotmail.com

Introdução: O Lúpus Eritematoso Sistêmico (LES) é uma doença autoimune multissistêmica de caráter crônico degenerativo que apresenta heterogeneidade clínica e grande complexidade, pois possui potencial significativo de morbimortalidade. Para além dos riscos patológicos, a LES contribui para riscos gestacionais em mulheres com a doença, sendo considerada gravidez de alto risco, pela possibilidade de complicações materna e fetais, devido ao possível agravamento da doença durante o período. **Objetivo:** identificar os principais riscos gestacionais em mulheres diagnosticadas com LES. **Metodologia:** Foi realizada uma revisão sistemática da literatura, pela qual foram feitas buscas na base de dados MEDLINE via Pubmed com a estratégia de busca “lupus AND pregnant”. Foi utilizado filtro de 10 anos e exclusão de revisões integrativas e revisões sistemáticas. **Resultados e discussão:** Sendo encontrados 108 artigos, 73 foram excluídos pelo título, 12 selecionados para leitura do resumo e 5 para leitura integral. Com isso, os principais resultados adversos da gravidez em mulheres portadoras de LES foram a ruptura prematura da membrana, pré-eclâmpsia e eclâmpsia e o trabalho de parto prematuro. Ademais, gestantes com LES também apresentaram maiores índices de perda fetal, diabetes gestacional, abortos espontâneos e retardo do crescimento uterino quando comparadas a gestantes sem o diagnóstico da doença. Acrescido a isso, gestantes com diagnóstico de LES necessitam de suporte multidisciplinar na assistência pré e pós-natal, para melhoria do prognóstico e diminuir riscos gestacionais, visto o aumento do risco para saúde da mulher e do risco neonatal após o nascimento. A terapia imunossupressora utilizada durante tratamento é eficaz durante a gestação, mas complicações da doença podem estar presentes mesmo quando a gestante está com atividade lúpica controlada. **Conclusão:** Diante disso, vale ressaltar que gravidezes nas quais há o diagnóstico materno de LES apresentam maiores riscos de complicações do que gestações em mulheres sem a doença. Dessa forma, o acompanhamento da evolução da gestação é fundamental para o monitoramento de crises potenciais e de maiores complicações, por uma equipe multidisciplinar que identifique precocemente os riscos gestacionais, para gerenciar os resultados adversos que possam ocorrer e permitir suporte materno-fetal adequado, diante de possíveis desfechos desfavoráveis ou comorbidades enfrentadas por mulheres diagnosticadas com LES e recém-nascidos.

Palavras-chave: LES; gravidez; riscos.

OS SABERES-FAZERES CULTURAIS DE UM ASSENTAMENTO NA PROMOÇÃO DO CUIDADO EM SAÚDE: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA

Felipe Gonçalves Rocha Santana¹; Joice Brito Moreira¹; Michelle Kristine Bispo dos Santos Lôbo¹; Simone de Fátima Lima Bispo dos Santos².

Graduandos em Enfermagem pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia¹, Bióloga pela Universidade do Estado da Bahia².

✦ ✦
felipesanttana27@gmail.com

Introdução: Fruto da luta popular e camponesa, o Movimento Sem Terra (MST) recolocou a luta pela terra e pela reforma agrária no centro das discussões políticas a partir dos anos 80 e, com isso, fomentou a participação da família camponesa como categoria política capaz de empreender forças na luta pela terra e por melhores condições de existência a partir de, pelo menos, três eixos fundamentais: a reforma agrária, a educação popular e a saúde integrativa e popular. **Objetivo:** Relatar os conhecimentos adquiridos por graduandos em Enfermagem da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, referentes à preservação dos saberes ancestrais no processo de saúde-doença em um assentamento localizado no interior da Bahia. **Metodologia:** Trata-se de um estudo descritivo, do tipo relato de experiência de aula de campo a um assentamento como parte da disciplina de Introdução à Sociologia no ano de 2022, que visava identificar alguns aspectos positivos sobre a contribuição de saberes culturais, entre eles à preservação de práticas ancestrais e culturais em saúde, como também, o comprometimento e união para a manutenção da qualidade de vida. **Resultados e discussão:** Com base na visita, foi possível perceber que a implementação do cuidado em saúde dos assentados se baseia em saberes e práticas integrativas ancestrais que perpassam de geração a geração. Tais práticas são executadas em um espaço dentro do próprio assentamento a partir do conhecimento popular refletido nos saberes ancestrais de plantas fitoterápicas que são utilizadas para fabricação de remédios caseiros com o intuito de proporcionar a cura de determinadas enfermidades, tais como: infecções, doenças respiratórias, gastrointestinais e manejo de feridas. Além disso, eles produzem cones de parafina para limpeza de ouvido e fazem uso de outras PICs como: massoterapia, auriculoterapia, acupuntura e homeopatia. Para a propagação dos saberes populares na saúde são realizadas oficinas que têm o intuito de fomentar a prevenção de doenças através da demonstração e ensino de tais práticas, utilizando-se como lema: “Saúde em primeiro lugar, pois se não houver saúde não tem como trabalhar”. **Conclusão:** A partir das experiências vivenciadas e dos saberes que foram passados no assentamento, percebeu-se a importância dos conhecimentos ancestrais para a promoção do bem-estar em saúde dos trabalhadores do campo, como também foi fundamental para a desconstrução de estereótipos voltados para as práticas integrativas em saúde e, assim, promover o respeito ao saber cultural e popular.

Palavras-chave: assentamento rural; saúde; cultura.



PANORAMA DA COBERTURA VACINAL DA DTPA EM GESTANTES NO BRASIL.

Maria Vitória Albino Gomes¹; Amanda Jassé de Figueiredo Brito¹; Jayana Teixeira Jales Menescal Pinto⁵;

Graduada em Medicina pela Universidade Unigranrio Afya¹, Graduada em Medicina pela Universidade Potiguar⁵.

maria.gomes@unigranrio.br

Introdução: A dTpa é a vacina tríplice bacteriana acelular que protege contra a difteria, tétano e coqueluche. Após 2010 houve um aumento dos casos de coqueluche, sobretudo em lactentes. A imunização das gestantes tem um impacto significativo na prevenção da coqueluche nessa população, e por isso, desde 2014 a dTpa é oferecida durante o pré-natal, a partir da 20ª semana de gestação, para todas as gestantes. **Objetivo:** Avaliar a cobertura vacinal da dTpa em gestantes no Brasil entre os anos de 2014 e 2022. **Metodologia:** Estudo ecológico realizado por meio de dados extraídos do Departamento de Informática do Sistema Único de Saúde (DATASUS) provenientes do Sistema de Informação de Agravos de Notificação (SINAN) referentes a cobertura vacinal da dTpa em gestantes no Brasil nos anos de 2014 a 2022. **Resultados e Discussão:** Durante o período analisado, a cobertura vacinal da dTpa em gestantes foi de 43,43%, assim distribuída: 2014 (9,34), 2015 (44,97), 2016 (33,81), 2017 (42,4), 2018 (60,23), 2019 (63,23), 2020 (46,37), 2021 (43,11) e 2022 (46,95). Em relação às regiões, aquela com a maior cobertura foi a Centro Oeste (48,69), seguida das regiões Sul (44,81%), Nordeste (44,75%), Norte (41,81) e Sudeste (41,36). Desde o início da vacinação, houve um aumento progressivo da cobertura vacinal até atingir seu pico em 2019. No entanto, de 2019 a 2021 observou-se uma redução de 31,8%. Este estudo corrobora a literatura pois demonstrou redução progressiva da cobertura vacinal da dTpa em gestantes, principalmente no período da pandemia do COVID 19. Além disso, há diferença na cobertura entre as regiões. Enquanto a região Centro-Oeste apresenta a maior cobertura, a região Sudeste fica com a menor. Essa disparidade pode ser atribuída a fatores como acesso aos serviços de saúde, infraestrutura de vacinação, e diferenças culturais e socioeconômicas entre as regiões. **Conclusão:** Mesmo com o aumento em 2022, a cobertura vacinal ainda está abaixo da meta de 95% recomendada pelo Ministério da Saúde. Dessa forma, fica clara a necessidade de promoção de estratégias como investimento em campanhas de conscientização da população sobre a vacinação na gestação, bem como garantir acesso equitativo aos serviços de saúde em todas as regiões. Com isso, há maior prevenção da coqueluche durante o período de pré-natal, puerpério e em recém-nascidos.

Palavras-chave: vacina dTpa; cobertura vacinal; Sistema de Informação de Agravos de Notificação.

PERCEPÇÕES DE ESTUDANTE DE ENFERMAGEM NA PASTEURIZAÇÃO DE LEITE MATERNO

Ana Paula Ribeiro da Costa Faria¹; Lucas Rocha dos Santos¹

Graduando em Enfermagem pela Universidade Paulista¹, Bacharel em Enfermagem pela Universidade Paulista¹

paulafariaenf@gmail.com

Introdução: O Brasil é referência internacional em Bancos de Leite Humano, tendo em seu território cerca de 213 bancos. Essa rede é responsável por promover, proteger e apoiar o aleitamento materno, realizando a coleta do leite humano, processando-o e distribuindo para bebês pré-termo e de baixo peso. Para isso, semanalmente os bancos de leite recolhem doações em frascos fornecidos pela unidade, realizando o processo de pasteurização e testes de detecção de coliformes fecais e outras impurezas, para então ser ofertado de forma segura. Os principais objetivos dessa rede de bancos de leite são reduzir a morbimortalidade, tempo de internamento, desnutrição e evitar a exposição do RN às fórmulas industriais. **Objetivo:** Relatar a experiência de uma acadêmica de enfermagem enquanto discente de liga acadêmica em projeto de extensão em um banco de leite humano. **Metodologia:** Trata-se de um relato de experiência, de uma acadêmica de enfermagem no banco de leite em uma maternidade do estado do Amazonas. Os dados foram registrados em um diário de campo sobre os procedimentos de pasteurização realizados, complementado por observação participante. **Resultados e Discussão:** Durante o primeiro semestre de 2024 realizou-se visitas técnicas em um banco de leite de Manaus. Durante as visitas foi possível acompanhar o processo de pasteurização do leite humano. Esse processo se inicia quando o leite chega ao banco e é devidamente registrado com a data de extração e o código da doadora. Posteriormente, o leite é congelado para esperar a pasteurização. Esse processo consiste em aquecer o leite em banho maria até que ele atinja a temperatura de 62,5°C e que deve ser medida a cada 5 minutos. Essa temperatura deve ser mantida por 30 minutos, caracterizando a letalidade térmica. Após esse tempo, o leite deve ser resfriado até atingir 5°C ou menos, para ser armazenado novamente e aguardar a doação. **Conclusão ou Considerações Finais:** Durante o período das visitas técnicas notou-se a grande importância do banco de leite e da precisão das técnicas realizadas para assegurar a sua qualidade. O papel do profissional e o zelo em cada processo é indispensável, uma vez que o leite será ofertado para RN pré-termo e de baixo peso, que são indivíduos com organismos sensíveis e imaturos. Entendeu-se também a importância de um banco de leite na prevenção de agravos pela falta de leite materno e a redução na morbimortalidade infantil.

Palavras-chave: bancos de leite humano; saúde da criança; aleitamento materno.

PERCEPÇÕES DOS ACOMPANHANTES A RESPEITO DO SEU PAPEL DURANTE O PROCESSO DE NASCIMENTO

Vanessa Albano¹; Maria Caroline Rogerio de Almeida²; Keli Regiane Tomeleri da Fonseca Pinto²;

Enfermeira formada pela Universidade Estadual de Londrina¹; Mestranda em Enfermagem pela Universidade Estadual de Londrina²; Docente do departamento de Enfermagem da Universidade Estadual de Londrina³

✦ ✦
mcarolrogerio@hotmail.com

Objetivo: Compreender a percepção do acompanhante sobre o seu papel no processo de nascimento. **Metodologia:** Trata-se de um estudo qualitativo e descritivo, realizado com acompanhantes de gestantes que participaram do projeto de extensão intitulado “Visita à maternidade de alto risco: conhecendo o desconhecido” desenvolvido em um hospital universitário do norte do Paraná. A coleta de dados ocorreu por meio de entrevista direta e individualizada, utilizando um roteiro semiestruturado, gravada e transcrita na íntegra, no período de fevereiro a março de 2020. Foram incluídos neste estudo 155 acompanhantes que participaram da visita guiada à maternidade e aceitaram participar do presente estudo. Para análise dos dados utilizou-se a metodologia de análise de conteúdo de Bardin. **Resultados e Discussão:** Por meio dos relatos obtidos possibilitou-se identificar que prevalentemente os acompanhantes apresentavam algum vínculo familiar com a gestante, em sua maioria, companheiros, com uma média de idade entre 19 e 34 anos. A partir das explicações dos acompanhantes chegou-se a duas categorias para as percepções destes: transmitir tranquilidade e oferecer cuidados para a mulher durante o trabalho de parto, puerpério e para o recém-nascido; e insegurança pela incerteza de qual era seu papel, justificado pela falta de orientação por parte do serviço de saúde sobre como deveria portar-se para auxiliar no processo de nascimento. Percebe-se que é comum o desconhecimento acerca da lei do acompanhante, que permite a presença do acompanhante em todas as fases da gestação, assim como, a falta de orientações por parte dos profissionais de saúde direcionadas ao acompanhante, fazendo com que este se sinta parte menos importante do processo de nascimento. **Conclusão:** O maior número dos acompanhantes demonstrou reconhecer seu papel durante o nascimento como ponto de apoio e tranquilidade, entretanto há necessidade de implementar ações institucionais e capacitação dos profissionais envolvidos para que viabilizem o esclarecimento da participação efetiva do acompanhante nesse processo, visto que, é crucial para o processo de nascimento que a mulher se sinta acolhida e segura com todos os envolvidos no processo de nascimento de seu filho. Em contrapartida, o preparo do acompanhante durante todo o processo de gestar, durante o pré-natal, também pode ser considerado um fator positivo para sua contribuição durante o processo de nascimento e cuidados ao recém-nascido, dessa forma, o acompanhante pode tranquilizar e auxiliar a mulher durante a gestação, parto e puerpério.

Palavras-chave: parto humanizado; humanização da assistência; acompanhantes.



**PERFIL CLÍNICO-EPIDEMIOLÓGICO DAS INTERNAÇÕES HOSPITALARES POR
ENDOMETRIOSE NO BRASIL DE 1998 A 2023**

Tales Silva Santana¹; Ana Carolina Matias Pires¹; Flávia Letícia Miranda Galvão¹; Karla Rivellyne de Castro Ribeiro¹; Marília Lopes Leal¹; Tarcisio Augusto da Silva Menezes².

Graduando(a) em Medicina pela Universidade Federal do Vale do São Francisco¹,
Docente do curso de Medicina pela Universidade Federal do Vale do São Francisco².

Email para correspondência: tales.silva.santana@hotmail.com

Introdução: Endometriose é uma condição comum, cujos sintomas e complicações podem apresentar alta morbidade aos acometidos, promovendo dor intensa, infertilidade e até necessidade de internação hospitalar. **Objetivo:** Definir o perfil clínico-epidemiológico das internações hospitalares por endometriose no Brasil de 1998 a 2023. **Metodologia:** Estudo ecológico de série temporal, realizado com dados provenientes do Sistema de Informações Hospitalares do Sistema Único de Saúde (SIH/SUS). Foram selecionados dados de internações hospitalares por endometriose, entre 1998 e 2023, pela lista de morbidades do CID-10. Foram analisados o número de internações e variáveis dos perfis epidemiológico (região, faixa etária e cor/raça) e clínico (tempo médio de permanência, caráter de atendimento e óbitos) das internações. **Resultados e Discussão:** O número de internações hospitalares por endometriose no Brasil entre os anos 1998 e 2023 foi de 328.304, com média anual de 12.627. O ano com menor número de internações foi 1998 (n=2.720), e o de maior número foi 2002 (n=21.230), com aumento de 315% (16.119) em relação a 2001 - maior crescimento anual observado. Em 2020, houve o maior decréscimo de internações. Todas as regiões brasileiras apresentaram consideráveis números: Sudeste com 137.601 internações, Nordeste com 93.973, Sul com 55.273, Centro-oeste com 15.648 e Norte com 12.008. A maioria das internações se deu entre a 4ª e a 6ª décadas de vida (82,2%), sendo a maior incidência na 5ª década (43,1%). Na variável cor/raça, a maior incidência foi em pessoas brancas ou pardas (72,6%), sendo os dados dessa variável referentes ao período de 2008 a 2023 - intervalo com registros no SIH/SUS. O tempo médio de permanência foi 2,8 dias por internação, enquanto o caráter de atendimento foi registrado como eletivo em 73,2% das internações, e o de urgência em 26,7%. Assim como na variável cor/raça, os dados do caráter do atendimento são referentes ao período de 2008 a 2023. O total de óbitos nas internações por endometriose foi de 446 no período estudado. **Conclusão:** As internações hospitalares por endometriose no Brasil apresentaram considerável incidência entre 1998 e 2023, com perfil epidemiológico marcado principalmente por pessoas brancas e pardas, nas 4ª, 5ª e 6ª décadas de vida. Os atendimentos foram sobretudo de caráter eletivo, com tempo médio de permanência de 2,8 dias e um total de 446 mortes no período estudado.

Palavras-chave: ginecologia; hospitalização; perfil epidemiológico.



PERFIL DAS MULHERES COM INCONTINÊNCIA URINÁRIA EM TRATAMENTO FISIOTERAPÊUTICO ESPECIALIZADO

Maria Beatriz de Macedo Oliveira¹; Leticia Amaro Vieira¹; Maria Beatriz Menezes de Andrade¹; Melissa Silva Rocha Pereira¹; Joyce Maria Pereira de Oliveira²; Maria Leticia Araújo Silva de Carvalho²; Tatiana Camila de Lima Alves da Silva³; Maria Thereza Albuquerque Barbosa Cabral Micussi⁴.

Graduanda em Fisioterapia pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte¹, Mestranda em Ciências Aplicadas à Saúde da Mulher pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte², Doutoranda em Fisioterapia pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte³, Professora do Departamento de Fisioterapia da Universidade Federal do Rio Grande do Norte⁴.

beatriz.oliveira.098@ufrn.edu.br

Introdução: Incontinência Urinária (IU) é um distúrbio definido pela perda involuntária de urina, apresentando como principais tipos a Incontinência Urinária de Esforço (IUE) e Incontinência Urinária de Urgência (IUU). Sabe-se que a IU é mais prevalente em mulheres e impacta negativamente a qualidade de vida, então compreender o perfil mais acometido é essencial para adequar intervenções.

Objetivo: Avaliar as características sociodemográficas e clínicas de mulheres com incontinência urinária atendidas em serviço especializado de fisioterapia. **Metodologia:** Estudo transversal incluindo 58 mulheres com encaminhamento médico ao ambulatório de IU da Maternidade Escola Januário Cicco no período de Agosto de 2023 a Maio de 2024. Foram coletados dados sociodemográficos (idade, estado civil, renda familiar, escolaridade), clínicos (número de gestações, tipo de parto, presença de IUE, IUU e Urge-incontinência, índice de massa corporal (IMC), força muscular dos músculos do assoalho pélvico (MAP), e prática de atividade física. A força muscular foi avaliada por meio da escala de Oxford Modificada. Os dados da amostra foram analisados através do software estatístico SPSS 22.0 (Statistical Package for the Social Science). O teste de Kolmogorov Smirnov foi utilizado para testar a normalidade dos dados. A análise descritiva foi apresentada por meio da mediana (mínimo e máximo) quando continua e em frequência (%) quando categórica. O estudo foi aprovado no Comitê de Ética da Universidade Federal do Rio Grande do Norte sob o parecer: 5.826.563. **Resultados e Discussão:** Em relação aos dados sociodemográficos, as mulheres possuíam mediana de idade de 50 anos (34 - 73) e IMC de 29 (20-29), 48,3% eram casadas, 43,1% possuíam renda de até 1 salário mínimo e 37,9% concluíram o segundo grau. Clinicamente, em número de gestações, apresentaram mediana de 3 (0-9), sendo 2 (0-9) partos normais e 1 (0-3) cesárea. 84,5% possuíam IUE, sendo 37,9% aos médios esforços, 74,1% IUU e 56,9% Urge-incontinência. 50% praticavam atividade física, e, em relação a força muscular do MAP, as participantes apresentaram mediana de 3 (0-5), configurando-se como uma força moderada. **Conclusão:** Percebe-se que a maioria apresenta IUE com associação de outros tipos de IU, metade das pacientes não praticam atividade física e apresentaram um IMC correspondente a sobrepeso, o que pode acentuar a perda urinária. Pode-se ressaltar que o tratamento fisioterapêutico especializado de treinamento para o MAP, junto a modificações de hábitos de vida, contribuirá para melhora do quadro clínico e qualidade de vida dessas mulheres.

Palavras-chave: incontinência urinária; mulheres; fisioterapia.

PERFIL DE MULHERES ATENDIDAS NO CREAS: RETRATOS DA VIOLÊNCIA DOMÉSTICA

Jakson Luis Galdino Dourado¹

Mestre em Psicologia da Saúde pela Universidade Estadual da Paraíba¹

jaksonpsi@gmail.com

Introdução: A violência doméstica é um grave problema social que afeta mulheres de diversas idades, classes sociais e regiões. Os Centros de Referência Especializados de Assistência Social (CREAS) desempenham um papel crucial no apoio às vítimas, fornecendo serviços especializados e multidisciplinares. Este estudo busca traçar o perfil das mulheres atendidas no CREAS, destacando as características da violência doméstica enfrentada por elas. **Objetivo:** Analisar o perfil socioeconômico e demográfico das mulheres atendidas no CREAS e identificar os tipos de violência doméstica mais comuns, bem como os impactos na vida dessas mulheres. **Metodologia:** O estudo foi realizado em um CREAS de uma cidade de médio porte, no interior da Bahia, envolvendo a análise de 45 prontuários de mulheres atendidas no período de um ano. Os dados coletados incluíram idade, escolaridade, situação econômica, tipos de violência sofrida (física, psicológica, sexual, patrimonial e moral) e consequências relatadas. Entrevistas semiestruturadas com 12 mulheres complementaram a análise quantitativa, proporcionando uma compreensão mais profunda das experiências individuais. **Resultados e Discussão:** A análise revelou que as mulheres atendidas tinham entre 25 e 45 anos. Cerca de 62% dos participantes apresentaram baixa escolaridade, com ensino fundamental incompleto, e 73% encontravam-se em situação econômica precária, ganhando menos de um salário mínimo. A violência psicológica foi a mais comum, seguida da violência física e patrimonial. Muitas relataram impactos significativos na saúde mental, incluindo ansiedade, depressão e baixa autoestima. As entrevistas destacaram a dificuldade de romper o ciclo de violência, devido à dependência econômica e à falta de apoio social. O papel do CREAS foi considerado crucial para fornecer suporte emocional e legal, embora os desafios na reintegração social e na conquista de autonomia financeira permaneçam grandes. **Conclusão:** O perfil das mulheres atendidas no CREAS indica uma predominância de vítimas jovens, com baixa escolaridade e condições econômicas desfavoráveis, enfrentando múltiplas formas de violência doméstica. Os resultados reforçam a necessidade de políticas públicas focadas na prevenção da violência, na educação e na capacitação profissional, além de um suporte contínuo e integrado às vítimas.

Palavras-chave: Assistência Social; Saúde Mental da Mulher; Violência Doméstica.

PERFIL EPIDEMIOLÓGICO DA SÍFILIS GESTACIONAL: AVALIANDO SEU IMPACTO NO BRASIL

Christiano Machado Filho¹; Luna Gomes de Oliveira²; Geovanna Rocha de Souza³; Daniel Lopes Araújo⁴

Graduando em Medicina pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná¹, Graduanda em Medicina pela Universidad Central del Paraguay - Ciudad del Este², Graduanda em Medicina pela Universidade Cidade de São Paulo³, Doutorando em Ciência e Saúde Animal pela Universidade Federal de Campina Grande⁴

brchris01@gmail.com

INTRODUÇÃO: A sífilis gestacional é um problema de saúde pública que afeta o Brasil de forma ostensiva. Essa patologia traz consequências não somente para a mãe mas também para a criança que irá se desenvolver. É crucial compreender como esta doença afeta o país, do ponto de vista espacial e demográfico. **OBJETIVO:** Analisar a incidência de sífilis gestacional e seus dados demográficos em todo Brasil. **METODOLOGIA:** Trata-se de um levantamento epidemiológico do tipo ecológico, realizado com dados do Departamento de Informática do SUS (DATASUS), por meio do Sistema de Informação de Agravos de Notificação (Sinan). A pesquisa focou nas cinco regiões do Brasil - Nordeste, Centro-oeste, Norte, Sudeste e Sul, durante o período de 2019 a 2023, tendo como base as variáveis: raça, idade, região, escolaridade e estágio da doença. **RESULTADOS e DISCUSSÃO:** A porcentagem de casos confirmados por região em relação ao total nacional variou entre os anos analisados, respectivamente: Sul (12,95 - 13,70%); Sudeste (43,73 - 44,91%); Centro-Oeste (4,80 - 7,28%); Norte (7,58 - 9,56%) e Nordeste (25,37 - 29,76%). A incidência por raça nas regiões foi maior em pardos, com exceção do sul. Nele, os casos em brancas em relação ao total regional, durante o período completo, foi de 67,51%. Por apresentar maior população branca em proporção, pode haver influência na prevalência de doenças. O estágio clínico mais detectado foi o latente em todas as regiões, seguido do primário. A maioria dos casos de doença ocorreu na faixa etária de 20-39 anos, representando 75,37% do total. A faixa de 15-19 anos teve a segunda maior incidência com 21,68%. As demais faixas etárias representaram 2,95% dos casos. Aproximadamente 1% dos casos ocorreram na faixa de 10-14 anos. Em cinco anos, foram registrados 6 casos em pessoas com mais de 70 anos. A região Sudeste teve a maior incidência de casos no país, possivelmente devido à sua alta densidade populacional e maior notificação de casos em áreas urbanizadas. A faixa etária com dois picos, de 2019 a 2020, é fruto da infecção em gestantes mais jovens, que estavam majoritariamente na metade do ensino fundamental ou com o ensino médio completo. **CONCLUSÃO:** A sífilis gestacional ainda é um problema a ser enfrentado, longe da fase de resolução. Através do conhecimento epidemiológico do acometimento, diferentes formas de campanhas e estratégias podem ser elaboradas para um esforço conjunto contra a sífilis durante a gestação.

Palavras-chave: sífilis; gestação; epidemiologia.



**PERFIL EPIDEMIOLÓGICO DE CASOS DE MIOMA NO BRASIL NO PERÍODO DE 2019
A 2023**

Paulo Victor Nascimento Silva¹; Douglas da Costa Siqueira¹; Sara dos Santos Martins²; Emilly
Conceição Ribeiro¹; Sueli de Souza Costa¹

Graduando em Medicina pela Universidade Federal do Maranhão¹, Graduando em Medicina pelo
Centro Universitário Unichristus²

✦ ✦
paulo.vns@discente.ufma.br

Introdução: Os leiomiomas são tumores benignos que se localizam no útero, podendo ocorrer em três porções: subseroso, intramural e submucoso. O aparecimento da patologia tem correlação com a menarca, ou seja com maior incidência entre a terceira e a quinta década de vida, podendo ser assintomática ou sintomática, cujo sintomas são menorragia, dispareunia, dor na região pélvica, anemia entre outros. No Brasil, a patologia pode acometer até 80% das mulheres em idade fértil. **Objetivos:** A importância de estudar o perfil epidemiológico e analisar a região mais vulnerável à doença, corroborando numa melhor qualidade de vida para essas mulheres. **Metodologia:** Perfil epidemiológico de casos de mioma no Brasil no período de 2019 a 2023. Foi utilizada a plataforma online do Ministério da Saúde do Departamento de Informática do Sistema Único de Saúde (DATASUS), por meio da Morbidade Hospitalar do SUS (SIH/SUS), por local de residência e a Classificação Internacional de Doenças (CID-10), em que foram utilizado o código D25 - leiomioma do útero. Os dados relativos ao mioma foram estratificados em: raça/cor, faixa, por ano de atendimento e unidade de federação. **Resultados:** O total de casos por mioma uterino no Brasil foi 412.328 de 2019 a 2023, com destaque para 2023, com 111.927 casos e com o menor número em 2020 com 49.620. Na faixa etária, houve maior incidência na 30-59 anos com 386.318 e na entre 60 - 80 anos com 17.496 casos. No tocante à raça/cor, houve maior número para a autodeclarada parda, com 223.248, seguida pela branca 90.472 e preta com 26.117 casos. Quanto à Região, o Nordeste ocupa o primeiro lugar, seguida pelo Sudeste, com o número de casos respectivamente por 173.781 e 130.010. Dentre os Estados, o maior número de casos fica em São Paulo, seguido por Bahia, com respectivamente 66.0191 e 58.537. **Conclusão:** Indivíduos de raça/cor autodeclarados parda, entre 30-59 anos, nordestinos tiveram maior incidência de miomatose uterina no período entre 2019 e 2023. Essa análise favorece a incrementação de ações nos atendimentos ginecológicos, por meio da educação continuada dos profissionais e aprimoramento em conhecimentos técnicos sobre a temática, como modo de favorecer uma melhor conduta para o paciente a fim de diminuir a taxa de complicações e o esclarecimento adequado referente à patologia.

Palavras-chave: mioma; epidemiologia; ginecologia.

PERFIL EPIDEMIOLÓGICO DE HANSENÍASE EM MULHERES NO PIAUÍ NO ANO DE 2023

Gustavo Teixeira de Araújo Costa¹; Esteffany Vaz Pierot²

Graduando em enfermagem pela Universidade Federal do Piauí¹, Mestre em Enfermagem pela Universidade Federal do Piauí²

gustavoteixeira@ufpi.edu.br

Introdução: A Hanseníase é uma doença bacteriana transmitida por gotículas, causada pela *Mycobacterium leprae*, sendo uma patologia histórica que remonta ao tempos bíblicos, conhecida popularmente como Lepra, que é, atualmente, considerada um problema de Saúde Pública no Brasil e no estado do Piauí. A transmissão acomete principalmente a população mais vulnerável, como no caso de pessoas com baixa renda, que moram em locais com alto povoamento e com baixo ou nenhum saneamento básico, mas todos são suscetíveis a serem contaminados com a doença de Hansen, como, por exemplo, os profissionais da saúde. A doença é considerada dermatoneurológica, acometendo tecido epitelial e tecido nervoso, além de ser deformante. É rastreada e, preferencialmente tratada, na Atenção Básica. **Objetivo:** Descrever as características epidemiológicas dos casos de Hanseníase em mulheres do estado do Piauí no ano de 2023. **Metodologia:** Trata-se de um estudo descritivo, exploratório, com abordagem quantitativa, no qual foi utilizado como fonte de dados o Sistema de Informação de Agravos de Notificação (SINAN), através da base de dados do Departamento de Informações do Sistema Único de Saúde (DATASUS) e Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), utilizando como base os casos confirmados de Hanseníase em mulheres por ano de diagnóstico segundo Região de Saúde (CIR) de notificação no período de 2023. **Resultados e Discussão:** Percebe-se que, no ano de 2023, houve uma diminuição significativa de aproximadamente 74% no número de casos novos confirmados de Hanseníase em mulheres, passando de 423 em 2022 para 110 casos. A Região de Saúde Entre Rios foi a com maior incidência, com 42 casos novos em mulheres. A escolaridade demonstra que a maior quantidade ocorreu em mulheres com ensino fundamental incompleto, apresentando 21 casos novos confirmados. Quanto à raça, a doença de Hansen foi mais incidente em mulheres pardas, havendo 82 casos novos confirmados em 2023. Tais valores são reflexo de uma procura por rastreio mais assídua por parte dos usuários de saúde, além da divulgação de informações sobre as formas de prevenção e tratamento da Hanseníase. **Conclusão:** Conclui-se que o perfil epidemiológico de Hanseníase em mulheres no estado do Piauí é um relevante problema de saúde pública, sendo crucial o papel da Atenção Básica como porta de entrada para os usuários, além de possibilitar o tratamento e realizar a conscientização dessa doença através de palestras em saúde e oficinas com a população piauiense.

Palavras-chave: Cuidados de Enfermagem; Saúde das Mulheres; Doença de Hansen.



PERFIL EPIDEMIOLÓGICO DE MULHERES SUBMETIDAS A CITOPATOLOGIA DE COLO DE ÚTERO NO BRASIL EM 2023

Juliana Silva de Santana¹; Bianca Gabrielle Chaves Pereira²

Bacharel em Ciências Biológicas e Mestre em Biologia Celular e Molecular Aplicada pela Universidade de Pernambuco¹, Graduanda em Medicina pela Universidade Federal de Pernambuco²

juliana.ssantana3@ufpe.br

Introdução: O exame citopatológico de colo uterino é utilizado para o rastreamento de células preditoras ou que indiquem neoplasia. A população-alvo do exame são mulheres com idade entre 25 e 64 anos, que já teve ou tenha vida sexual, devendo ser realizado a cada três anos após dois exames anuais consecutivos sem alterações. **Objetivo:** Foi investigado o perfil epidemiológico de mulheres que realizaram o citopatológico de colo uterino no Brasil em 2023. **Metodologia:** Foi um estudo ecológico, retrospectivo, descritivo e quantitativo, que investigou mulheres que realizaram o citopatológico do colo uterino no Brasil em 2023. O banco de dados do DATASUS foi utilizado para coleta das variáveis faixa etária, raça, citologia anterior, adequabilidade do material coletado, motivo do exame, inspeção do colo uterino, laudo citopatológico, presença de células endometriais e de representatividade da zona de transformação. Os critérios de inclusão foram mulheres que realizaram o citopatológico no Brasil em 2023. A frequência absoluta das variáveis coletadas foi calculada. Não foi necessária a submissão do estudo em Comitê de Ética em Pesquisa devido ao uso de dados de acesso público. **Resultados e Discussão:** Em 2023, aproximadamente, 7.900 mulheres realizaram o citopatológico de colo uterino no Brasil. Destas, 41% se autodeclararam brancas e 40% estavam entre a faixa etária de 20-40 anos. Com relação ao exame, 98% das mulheres o fizeram como preventivo, 99% das amostras foram consideradas adequadas, 89,6% das mulheres já o tinham realizado anteriormente e 86% tiveram a inspeção clínica do colo do útero realizada antes do exame considerada normal. O laudo citopatológico foi negativo para 96% das mulheres. Entre as mulheres com citopatológico alterado, 0,4% apresentaram carcinoma epidermoide invasor, 0,2% adenocarcinoma in situ, 27,8% neoplasia intraepitelial cervical de alto grau, 20,6% neoplasia intraepitelial cervical de baixo grau e 51% presença de células atípicas não neoplásicas. Além disso, a representatividade do epitélio metaplásico foi vista em 56% dos exames, e em mais de 90% deles foi observada a presença de células endometriais. Esses resultados demonstraram que a adesão feminina para a realização do citopatológico em 2023 foi pequena, quando comparado aos 53 milhões de mulheres com idade entre 25-64 anos no Brasil, segundo o Censo Demográfico de 2022. **Conclusão:** A baixa adesão ao citopatológico em 2023 é preocupante, visto que o câncer de colo uterino é considerado o terceiro tipo de câncer mais comum entre as mulheres e, se não tratado, é quase sempre fatal.

Palavras-chave: epidemiologia; neoplasias do colo do útero; citopatologia.

PERFIL EPIDEMIOLÓGICO DE MULHERES SUBMETIDAS AO EXAME HISTOPATOLÓGICO DE MAMA NO BRASIL EM 2023

Bianca Gabrielle Chaves Pereira¹; Juliana Silva de Santana²

Graduanda em Medicina pela Universidade Federal de Pernambuco¹, Bacharel em Ciências Biológicas e Mestre em Biologia Celular e Molecular Aplicada pela Universidade de Pernambuco²

bianca.gabrielle@ufpe.br

Introdução: A análise histopatológica da mama é um procedimento realizado para diagnóstico de neoplasia mamária, sendo indicada para todas as mulheres com exame de imagem suspeito e/ou sintomatologia altamente sugestiva. **Objetivo:** Avaliar o perfil epidemiológico das mulheres submetidas ao exame histopatológico de mama no Brasil em 2023. **Metodologia:** Trata-se de um estudo ecológico, retrospectivo, descritivo e quantitativo, que analisou mulheres que realizaram o histopatológico de mama no Brasil em 2023. Foi utilizado o banco de dados SISCAN para coleta das variáveis raça, faixa etária, risco elevado, detecção da lesão, diagnóstico por imagem, linfonodo axilar palpável, procedimento cirúrgico e laudo histopatológico. Os critérios de inclusão foram mulheres que realizaram o histopatológico de mama no Brasil em 2023. Os critérios de exclusão foram homens. A análise foi realizada por meio do cálculo da frequência absoluta das variáveis. Não foi necessária a submissão do estudo ao Comitê de Ética em Pesquisa devido ao uso de dados de acesso público. **Resultados e discussão:** Em 2023, o exame histopatológico de mama foi realizado por 40.172 mulheres no Brasil. Cerca de 40% delas se autodeclararam brancas e a maioria encontrava-se na faixa etária de 40-59 anos, correspondendo a 50,42% dos casos. Apenas 30,7% das pacientes possuíam risco elevado para câncer de mama e metade apresentava linfonodo axilar palpável. Em relação a detecção da lesão, 58,9% eram não palpáveis, sendo identificadas por meio de exames de imagem, no qual foram detectados nódulos em mais de 80% dos casos. A coleta do material foi realizada principalmente por biópsia por agulha grossa (70,97%) e o laudo apontou lesão neoplásica maligna em 38,48% das análises. É importante ressaltar que 6.443 mulheres foram submetidas a biópsia cirúrgica com remoção parcial ou total de componentes mamários. Isso indica um possível atraso no diagnóstico contribuindo para casos mais avançados. **Conclusão:** É necessário expandir e melhorar a adesão aos métodos de rastreamento de câncer de mama na população alvo, tendo em vista que a maioria das lesões iniciais são indetectáveis à palpação no exame físico, requerendo o uso de exames de imagem como mamografia e/ou USG de mamas. Assim, é possível detectar essas lesões de forma mais precoce, melhorando o prognóstico das pacientes.

Palavras-chave: mama; neoplasia; biópsia.

PERFIL EPIDEMIOLÓGICO DE SÍFILIS EM GESTANTES RESIDENTES NO MARANHÃO ENTRE 2018 E 2023

Anna Tamilly Rocha Silva¹; Thamires Regina Trevizan Magalhães¹; Luciana Yasmin Carvalho Brito¹;
Natália da Silva Mota¹; Cláudia Regina Silva dos Santos Cunha²

Graduando em enfermagem pela Universidade Federal do Maranhão¹, Mestra em Ciência da Saúde
pela Universidade Federal do Maranhão²

anna.tamilly@discente.ufma.br

Introdução: A sífilis é uma infecção sexualmente transmissível (IST), causada pela bactéria *Treponema pallidum*. É transmitida principalmente por via sexual ou vertical (mais comum no intraútero, mas possível durante o parto normal). Nesse sentido, entende-se que gestantes contaminadas podem transmitir para o feto, causando sífilis congênita, que quando subnotificada ou tratada de forma inadequada, leva ao óbito fetal e neonatal. Assim, sua incidência é considerada ameaça à saúde pública.

Objetivo: Analisar o perfil epidemiológico da sífilis em gestantes residentes no Estado do Maranhão, entre os anos de 2018 e 2023. **Metodologia:** Trata-se de um estudo epidemiológico, descritivo e quantitativo. Os dados foram coletados através do Sistema de Informação de Agravos de Notificação (SINAN), disponíveis na plataforma do Departamento de Informática do Sistema Único de Saúde (DATASUS), dentro do período de 2018 a 2023. Os filtros utilizados para análise foram a faixa etária, escolaridade, região de saúde (CIR) de residência e ano de registro. **Resultados e Discussão:** No período em análise, foram notificados 9.001 casos confirmados de sífilis em gestantes residentes no Estado do Maranhão. A capital maranhense, São Luís, foi a cidade onde mais se registrou casos confirmados de sífilis, com 24,5% (N= 2.653) dos casos de todo o Estado. No que se refere ao ano de diagnóstico, o que teve maior número de notificações foi 2018 (N= 1.892) e o que teve menor número foi 2023 (N= 826). Quanto à faixa-etária, as mulheres entre 20-39 anos foram predominantes, com 72,2% (N= 6.501) dos casos confirmados, em seguida tem-se o grupo entre 15-19 anos, com 24,5% (N= 2.213). Em relação à escolaridade, os maiores números são das mulheres com ensino médio completo, com 30,6% (N= 2.757), logo após, 5º a 8º série incompletas, com 18,6% (N= 1.674). **Considerações Finais:** Observa-se que, os números de sífilis em gestantes no Maranhão são muito altos e, mesmo com a redução do ano de 2023, ainda é uma situação alarmante. Observou-se ainda, que é frequente as notificações incompletas, o que aumenta a subnotificação. Portanto, reforça-se a importância do preenchimento adequado das fichas de notificação, bem como da implementação de projetos de educação em saúde, de forma a atingir principalmente as faixas-etárias mais acometidas, que fazem parte da população ativa da sociedade.

Palavras-chave: sífilis; gestantes; saúde pública.

PERFIL EPIDEMIOLÓGICO DE SÍFILIS EM GESTANTES NO MARANHÃO

Douglas da Costa Siqueira¹; Paulo Victor Nascimento Silva¹; Emilly Conceição Ribeiro¹; Sara dos Santos Martins²; Sueli de Souza Costa³

Graduando em medicina pela Universidade Federal do Maranhão¹, Graduanda em Medicina pelo Centro Universitário Unichristus², Professora pela Universidade Federal do Maranhão³

douglas.siqueira@discente.ufma.br

Introdução: A sífilis é uma doença sistêmica e tem como principais vias de transmissão a relação sexual e a transmissão vertical durante a gestação, com aumento do número de casos no país e, nesse contexto, a necessidade de atenção quanto às suas manifestações clínicas. Em 2022, no Brasil, foram notificados 83034 casos de sífilis em gestantes, com cerca de 20,5% destes localizados na região nordeste. **Objetivo:** identificar um perfil de gestantes com sífilis no estado do Maranhão. **Metodologia:** estudo epidemiológico dos casos de sífilis em gestantes no Maranhão entre 2019 e 2023. Os dados foram retirados do Sistema de Informação de Agravos de Notificação (SINAN), do Ministério da Saúde. As variáveis foram estratificadas em: raça/cor, faixa etária, escolaridade e realização de teste treponêmico. **Resultados e Discussão:** foram notificados 7039 casos de sífilis em gestantes no período de análise e o ano de 2021 apresentou o maior número de casos (n = 1679). Na variável raça/cor, houve predomínio da autodeclarada parda (5453 casos), seguida da preta (736 casos) e da branca (660 casos). Sobre a escolaridade, destacam-se a de ensino médio completo (2190 casos) e a da 5ª a 8ª série incompleta do ensino fundamental (1274 casos), com ênfase no número de casos com esta variável ignorada/em branco (999 casos). Na faixa etária, há enfoque na de 20-39 anos (5099 casos), que também apresenta o maior número de casos isolados em 2021 (1224 casos). Sobre o teste treponêmico, a maioria apresentou reatividade (5742 casos), mas há destaque nos não realizados (620 casos) e nos ignorados/em branco (202 casos). **Conclusão:** mulheres de cor autodeclarada parda, de ensino médio completo, de 20-39 anos e com reatividade no teste treponêmico constituem o perfil de gestantes com sífilis no Maranhão entre 2019 e 2023. Há ênfase na baixa escolaridade de boa parte das mulheres acometidas e no número expressivo, esta variável, que se apresentou em branco/ignorado, além da faixa etária jovem ser a mais acometida pela patologia de análise. Logo, há a necessidade de políticas públicas mais específicas que englobem os fatores socioeconômicos como um dos grandes determinantes de desfecho epidemiológico para alcançar, portanto, a diminuição dos índices de sífilis em gestantes no Maranhão.

Palavras-chave: sífilis; ginecologia; epidemiologia.



PERFIL EPIDEMIOLÓGICO DE SÍFILIS EM GESTANTES NO PIAUÍ NO ANO DE 2023

Gustavo Teixeira de Araújo Costa¹; Esteffany Vaz Pierot²

Graduando em enfermagem pela Universidade Federal do Piauí¹, Mestre em Enfermagem pela Universidade Federal do Piauí²

gustavoteixeira@ufpi.edu.br

Introdução: A Sífilis, causada pela bactéria *Treponema pallidum*, é uma infecção sexualmente transmissível e um desafio significativo de saúde pública, particularmente em populações vulneráveis, como gestantes. A transmissão vertical da Sífilis, que ocorre da mãe infectada para o feto durante a gestação, pode resultar em sérias complicações, incluindo aborto, nartimorto, parto prematuro e Sífilis congênita. No contexto brasileiro, e, especificamente no estado do Piauí, a Sífilis em gestantes tem apresentado tendências epidemiológicas preocupantes. As principais formas de rastreio adotados pelo Ministério da Saúde são por meio de testes rápidos no âmbito da Atenção Básica. **Objetivo:** Descrever as características epidemiológicas dos casos de Sífilis em gestantes no estado do Piauí no ano de 2023. **Metodologia:** Trata-se de um estudo descritivo, exploratório, com abordagem quantitativa, no qual foi utilizado como fonte de dados o Sistema de Informação de Agravos de Notificação (SINAN), através da base de dados do Departamento de Informações do Sistema Único de Saúde (DATASUS) e Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), utilizando como base os casos confirmados de sífilis em gestantes por ano de diagnóstico segundo Região de Saúde (CIR) de notificação no período de 2023. **Resultados e Discussão:** Constatou-se que, no ano de 2023, houve um aumento significativo de aproximadamente 560% no número de casos confirmados de Sífilis em gestantes, passando de 43 casos em 2022 para 284 casos. A Região de Saúde Entre Rios é a que mais possuiu casos confirmados no ano de 2023 (173 casos), sendo que 30 mulheres, entre os casos confirmados, possuíam ensino médio completo e 102 mulheres eram pardas. Tais valores são reflexo de uma procura por diagnóstico mais assídua por parte dos usuários de saúde, além da falta de conscientização sobre as formas de prevenção da Sífilis e de outras ISTs existentes, como também o desconhecimento dos riscos ao feto no caso de pacientes gestantes. **Conclusão:** Conclui-se que o perfil epidemiológico de Sífilis em gestantes no estado do Piauí é um problema de saúde pública, sendo relevante o papel da Atenção Básica como porta de entrada para que os usuários possam ser diagnosticados por meio do rastreio com testes rápidos, além de possibilitar o tratamento por meio de benzilpenicilina, e realizar a prevenção dessa doença através da conscientização e oficinas.

Palavras-chave: Infecções por Treponema; Grávidas; Cuidado Pré-Natal.

PERFIL EPIDEMIOLÓGICO DOS ÓBITOS POR ACIDENTE DE TRABALHO EM GOIÁS, BRASIL

Káryta Lorrane Xavier Oliveira¹; Gabriela Melo¹; Maryangela Melo Peixoto²; Rodrigo Alves Sousa³;

Graduanda em medicina pela Universidade de Rio Verde – campus Goianésia¹, Graduanda em medicina pelo Centro Universitário de Mineiros – campus Trindade², Médico pela Universidade Federal de Goiás³

karytalxo@gmail.com

Introdução: No mundo, ocorrem, anualmente cerca de 2,3 milhões de mortes devido ao trabalho, sendo cerca de 318 mil mortes por acidentes e 2 milhões por doenças relacionadas ao trabalho. Nos países de baixa e média renda, os acidentes de trabalho são responsáveis por 18% dos óbitos, enquanto nos de alta renda, por cerca de 5%. Esse cenário mostra o grande ônus em termos de morbimortalidade provocado pelo trabalho. **Objetivo:** Analisar os casos de óbitos por acidente de trabalho em Goiás entre 2018 a 2021. **Metodologia:** Trata-se de um levantamento epidemiológico observacional descritivo que se utilizou de informações contidas no software Radar SIT em sua área de “Acidentes de trabalho” selecionando o estado Goiás. Foi-se utilizado as variáveis “Perfil acidentário” e “Óbitos” que foram devidamente cruzadas pelo Radar SIT para a obtenção dos resultados. **Resultados e Discussão:** Durante 2018 houve 94 óbitos decorrentes de acidente de trabalho, sendo o “Impacto de pessoa contra objeto” a principal situação geradora, com 37 casos. O agente causador de maior prevalência foi “ferramenta, máquina, equipamento, veículo”, representando 71,27%. Em 2019 foram 79 óbitos, em que o “Impacto de pessoa contra objeto” resultou em 28 óbitos, sendo maioria. O agente causador de maior predomínio fez em “ferramenta, máquina, equipamento, veículo”, evidenciando 78,48%. Em 2020, obteve-se 103 casos, o “Impacto de pessoa contra objeto” se manteve como situação geradora preponderante e o principal agente causador foi “ferramenta, máquina, equipamento, veículo”, sendo 77,66%. Em 2021, com 114 casos, o “Impacto de pessoa contra objeto” continuou sendo preeminente, com 34 casos. O agente causador de maior percentual foi “ferramenta, máquina, equipamento, veículo”, exibindo 70,17%. A principal situação geradora dos óbitos e o agente causador prevalecente foram uniformes durante o período analisado, o que pode ser explicado pela economia agropecuária de Goiás, predispondo a esses acidentes. Houve aumento na porcentagem de óbitos a partir de 2020, o que pode ser atribuído a superlotação de UTIs e hospitais em decorrência dos atendimentos aos acometidos pela covid-19, o que impossibilitou o adequado atendimento as vítimas de acidente de trabalho. **Conclusão:** O Impacto de pessoa contra objeto e o envolvimento de ferramenta, máquina, equipamento e veículo perfazem o perfil dos óbitos por acidente de trabalho de maior prevalência. Nesse ínterim, é imperativo que sejam estabelecida uma ampliação da saúde dos trabalhadores goianos através de uma maior facilidade ao acesso à serviços de saúde, com enfoque na prevenção, identificação precoce e adequado tratamento.

Palavras-chave: epidemiologia; acidentes de trabalho; medicina do trabalho.

PERFIL NUTRICIONAL DE MULHERES COM ESTOMIA EM UMA UNIDADE DE REFERÊNCIA

Ana Paula Albuquerque Silva¹; Vanessa Vieira Lourenço Costa².

Graduando em nutrição pela Universidade Federal do Pará¹, Doutora em Doenças Tropicais pela Universidade Federal do Pará².

E-mail: anaalbuquerque-silva770@gmail.com

Introdução: A estomia refere-se a uma abertura obtida por meio cirúrgico que tem como objetivo exteriorizar uma parte do intestino para eliminação das fezes, que passam a ser excretadas em uma bolsa coletora acoplada ao estoma. Após a criação do estoma, o indivíduo pode apresentar algumas alterações em seu consumo alimentar como redução da ingestão alimentar com receio de vazamentos de efluentes da bolsa, má absorção de nutrientes e exacerbação do consumo de alimentos alta densidade calórica e baixo valor nutricional por falta de orientação nutricional adequada. Assim, é necessário avaliar periodicamente o estado nutricional desses pacientes para verificação de possíveis alterações em seu perfil nutricional. **Objetivo:** Avaliar o perfil nutricional de mulheres com estomia intestinal. **Metodologia:** Trata-se de um estudo transversal, no qual foram avaliados 26 pacientes com estomia intestinal, maiores de 18 anos, mulheres, atendidos no período de janeiro a junho de 2023, na Unidade de Referência Especializada (URES) em Belém-PA. Foi aplicado um questionário socioeconômico, enquanto o estado nutricional foi avaliado através de medidas antropométricas, e o consumo alimentar foi investigado utilizando o questionário de frequência alimentar (QFA). O estudo foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa através do Centro Universitário do Estado do Pará (CESUPA) nº3.761.150. **Resultados e Discussão:** Observou-se, no presente estudo, que a causa etiológica da estomia da maioria das mulheres (47,79%) é devido a neoplasia. Sobre a questão do tabagismo, 89,36% relataram não fumar e 10,64% relataram fazer uso do cigarro, enquanto ao consumo de álcool 96,30% não bebem. Em relação à atividade física a maior parte (91,30%) afirmaram serem sedentários. Por fim, quando analisado o IMC desses indivíduos notou-se que 20,7% estavam abaixo do peso, 29,31% estavam eutróficos, 12,93% com sobrepeso e, a maior parcela (37,06%), com obesidade. Nesse sentido, a obesidade apresentou-se em porcentagens preocupantes, pois é notável que ainda há uma quantidade baixa de pessoas com estomia que praticam atividades físicas devido a bolsa. **Conclusão:** Portanto, a partir dos resultados obtidos é evidente a necessidade do acompanhamento nutricional associado à prática de atividades físicas para corrigir o sobrepeso e obesidade dessas mulheres, visto que elas seguem hábitos saudáveis, mas vêem a bolsa de estomia como um empecilho para a os exercícios, além de que a ajuda do nutricionista em consonância com os outros profissionais de saúde são essenciais para promover conhecimento e auxiliar essa população.

Palavras-chave: estomia; perfil nutricional; saúde.



PLANTAS MEDICINAIS COMO ALTERNATIVA TERAPÊUTICA NO TRATAMENTO DA SÍNDROME CLIMATÉRICA

Adrielly da Silva Santos¹; Débora Suelle da Silva Tenorio¹; Isabella Maria da Cruz Oliveira¹; Renata Emmanuele Assunção Santos²

Graduanda em nutrição pela Universidade Federal de Pernambuco¹, Docente do curso de nutrição da Universidade Federal de Pernambuco²

adriellysantos8@gmail.com

Introdução: O climatério é um fenômeno fisiológico que ocorre com maior frequência entre os 45 e 59 anos, caracterizando-se como uma fase transição entre a idade reprodutiva para a idade não reprodutiva da mulher. Ele ocorre devido à redução da funcionalidade ovariana, que é responsável pelo desenvolvimento da síndrome climatérica. Nesse contexto, estudos mostram que as plantas medicinais apresentam relevância significativa, pois podem ser utilizadas como uma alternativa terapêutica eficaz para o alívio dos sintomas decorrentes desta fase. **Objetivo:** Analisar, através de uma revisão, os benefícios do uso de plantas medicinais como alternativa terapêutica para o alívio dos sintomas da síndrome climatérica. **Metodologia:** Trata-se de uma revisão integrativa da literatura, efetuada a partir da busca de artigos publicados nos últimos sete anos (2018-2024), em língua inglesa e portuguesa, nas bases de dados PubMed, Periódicos CAPES e ScienceDirect, utilizando os descritores: climatério, plantas medicinais e sintomas. Na busca inicial encontrou-se um total de 151 artigos, dos quais cinco foram selecionados para a composição da amostra após a aplicação dos critérios de inclusão e exclusão, que consistiram na escolha de artigos diretamente relacionados à temática de interesse e que apresentavam acesso aberto. **Resultados e Discussão:** Durante o climatério, os ovários reduzem a sua capacidade produtiva, o que resulta na diminuição dos níveis de estrógeno, hormônio sexual feminino. Sendo assim, a síndrome climatérica representa um conjunto de sintomas decorrentes dessa deficiência estrogênica, como as ondas de calor, alterações do sono e problemas psicoemocionais. O tratamento tradicional para a sintomatologia do climatério consiste no uso de terapias de reposição hormonal sintética. No entanto, a ocorrência de efeitos adversos, como sangramentos irregulares, náuseas e desenvolvimento de células cancerígenas é muito comum. Nesse sentido, algumas plantas medicinais apresentam-se como alternativas terapêuticas não medicamentosas, pois são ricas em fitoestrógenos, compostos que possuem propriedades estrogênicas. Como exemplo, destaca-se a *Cimicifuga racemosa* (L.) e *Trifolium pratense* (L.), que possuem propriedades anti-inflamatórias e reduzem as ondas de calor. Além disso, a *Melissa officinalis* (L.) contribui para a melhora dos sintomas psicoemocionais, devido aos seus efeitos calmantes. **Conclusão:** Pode-se constatar que a utilização de recursos naturais é uma importante alternativa terapêutica para o alívio dos sintomas do climatério. No entanto, é válido ressaltar que estudos mais detalhados precisam ser desenvolvidos, visto que a quantidade de plantas medicinais diretamente relacionadas ao período climatérico ainda é limitada.

Palavras-chave: climatério; plantas medicinais; sintomas.

POBREZA MENSTRUAL E SEUS IMPACTOS NA VIDA DAS PESSOAS QUE MENSTRUAM

Laís Gonçalves Martins¹; Ana Laura Inácio Oliveira¹; Bianca Pereira Remedi¹; Gabriela Marins¹; Livia Nantes de Souza¹; Maria Eduarda de Matos Bernardes¹; Livia Maria Della Porta Cosac².

Graduando em Medicina pela Universidade de Ribeirão Preto UNAERP¹; Doutora em Ciências na área de Patologia pela Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo - USP².

laismartins500@gmail.com

INTRODUÇÃO: O termo pobreza menstrual engloba em duas palavras um fenômeno complexo, transdisciplinar e multidimensional, experienciado por pessoas que menstruam, incluindo meninas, mulheres, homens transgênero e pessoas não binárias. Essa situação acontece devido à falta de acesso a produtos de higiene menstrual, à falta de saneamento básico e à falta de informações sobre menstruação. **OBJETIVO:** Mapear as causas e as consequências da pobreza menstrual na vida das pessoas que menstruam. **METODOLOGIA:** Seleção e análise de artigos pela plataforma Scientific Electronic Library Online (SCIELO), Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciências da Saúde (LILACS) e Medical Literature Analysis and Retrieval System Online (MEDLINE), com os seguintes Descritores em Ciências da Saúde (DeCS): Produtos de Higiene Menstrual, Menstruação e Pobreza. **RESULTADOS E DISCUSSÕES:** A falta de acesso a produtos de higiene menstrual leva a utilização de materiais inadequados, como papéis, tecidos, panos, lenços ou folhas, para a contenção do sangue menstrual, o que pode ocasionar infecções e reações alérgicas graves. Além disso, observou-se também o absentismo escolar, quando não há infraestrutura adequada para realizar a higienização e a troca de absorventes descartáveis ou reutilizáveis no ambiente escolar. Assim, o desempenho desses indivíduos nas avaliações do ano letivo é afetado negativamente, que, a longo prazo, pode ocasionar prejuízos no desenvolvimento socioemocional e intelectual desses indivíduos, podendo evoluir a um abandono completo da educação formal. Outrossim, deve-se salientar que muitas culturas possuem estigmas e crenças ligadas ao período menstrual, as quais repercutem negativamente para a educação das pessoas que menstruam, por provocarem a falta de diálogo sobre o assunto, prejudicando a aquisição de informações sobre a fisiologia da menstruação. Com isso, muitos pais se sentem envergonhados para discutirem sobre a temática de saúde genital e menstrual com suas proles por se tratar de um assunto considerado tabu na sociedade que, geralmente, também engloba a educação sexual. Diante desse contexto, o Governo Federal lançou o Programa de Proteção e Promoção da Saúde Menstrual, o qual se propõe a oferecer produtos de higiene menstrual para as pessoas com útero de baixa renda, como também visa qualificar os agentes públicos de saúde e combater a desinformação sobre a menstruação na sociedade. **CONSIDERAÇÕES FINAIS:** Solucionar a pobreza menstrual exige uma abordagem multifatorial da problemática e, apesar do projeto federal abranger algumas áreas importante da sociedade, ainda não se é possível mensurar seus impactos concretos e se ele conseguirá erradicar a pobreza menstrual no país.

Palavras-chave: menstruação; pobreza; produtos de higiene menstrual.

PRÁTICAS EM FISIOTERAPIA PÉLVICA NA FORMAÇÃO ACADÊMICA: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA

Maria Beatriz Teixeira Mendes¹; Carolina Lis Lima Pimentel¹; Gisele Maria Melo Soares Arruda²

Graduando em fisioterapia pelo Centro Universitário Christus¹, Docente em fisioterapia pelo Centro Universitário Christus²

beatrizmendes9@hotmail.com

Introdução: Para as disfunções do assoalho pélvico, a fisioterapia pélvica se destaca como uma opção de tratamento de primeira linha. Diante disso, os projetos de extensão ofertados pela universidade, além de proporcionarem atendimentos gratuitos na área – que dispõe de pouca oferta assistencial no sistema público, possibilitam aos discentes o aperfeiçoamento de habilidades na prática clínica em uma área que muitas vezes não é vivenciada nos estágios obrigatórios. Dessa forma, a extensão, tanto curricular como extracurricular, se torna essencial, gerando serviços gratuitos que proporcionam benefícios tanto para a comunidade, permitindo o acesso a cuidados e suporte de qualidade, quanto para os alunos, que têm a oportunidade de adquirir experiência prática fundamental para a formação profissional. **Objetivo:** relatar a experiência dos estudantes do curso de Fisioterapia durante o projeto de extensão em Saúde da Mulher, analisando sua contribuição no processo de formação acadêmica. **Metodologia:** trata-se de um relato de experiência que aborda o projeto de extensão em Fisioterapia na Saúde da Mulher, realizado no Centro Universitário Christus, de agosto a dezembro de 2023. A atividade consistiu em atendimentos semanais, supervisionados e voltados para mulheres com disfunções do assoalho pélvico. Durante as sessões, foram aplicadas técnicas de educação perineal, educação respiratória, treinamento dos músculos do assoalho pélvico, conscientização corporal, recursos de eletroestimulação e laser. Cada dupla de alunos ficou responsável pela realização de um tratamento fisioterapêutico para cada paciente, desde a avaliação inicial. **Resultados e Discussão:** o projeto proporcionou o alcance de muitas mulheres aos atendimentos, que obtiveram ganhos em sua funcionalidade pélvica e foram treinadas a continuar com os exercícios indicados para cada caso de forma domiciliar. Além disso, os discentes adquiriam habilidades técnicas e atitudinais no cuidado de mulheres com disfunções de assoalho pélvico. **Conclusão:** O projeto de extensão possibilita aprendizado prático, sendo essencial para uma boa formação acadêmica, contemplando também a área de saúde da mulher que muitas vezes é vista apenas de modo teórico e observacional. Além disso, proporciona maior acesso a tratamentos de qualidade à comunidade nessa especialidade.

Palavras-chave: saúde da mulher; ensino; estudantes.

PREDOMÍNIO DE INTERNAÇÕES E ÓBITOS RELACIONADOS AO CID-10 EM MULHERES NA REGIÃO SUDESTE DO BRASIL

Gabriela Martins¹; Larissa Rita Oliveira Araújo¹; Luiz Eduardo Costa Eluf¹; Sofia Banzatto²

Discentes do curso de medicina na Universidade de Ribeirão Preto, campus Ribeirão Preto (UNAERP-RP), São Paulo, Brasil¹

Departamento de Medicina: Docente do curso de medicina na Universidade de Ribeirão Preto, campus Ribeirão Preto (UNAERP-RP), SP, Brasil. Mestre em Atenção Básica e MFC I. Departamento de Biotecnologia: Doutoranda em Biotecnologia aplicada à saúde²

gabriela.martins01@sou.unaerp.edu.br

Introdução: Uma das patologias que afetam mais as pessoas do sexo feminino do que o masculino é a trombose arterial. O uso de anticoncepcional, idade avançada, cirurgias ou internações prolongadas são alguns dos vários fatores que estão correlacionadas a esse fenômeno. A faixa etária das mulheres de 45 a 54 anos é marcada por uma variedade de transformações reprodutivas e hormonais que não devem ser subestimadas quando se trata de avaliar os riscos associados ao sistema cardiovascular do público feminino. Portanto, é indispensável uma pesquisa acerca do padrão de ocorrência desse revés na região mais populosa do país, o Sudeste. **Objetivo:** Averiguar o perfil epidemiológico da trombose arterial em mulheres entre 45 e 54 anos, no período de 2018 a 2022, em Espírito Santo, Minas Gerais, Rio de Janeiro e São Paulo. **Metodologia:** Trata-se de um estudo epidemiológico retrospectivo realizado a partir da coleta de dados no Departamento de Informações do Sistema Único de Saúde (DATASUS) sobre as internações e os óbitos relacionados ao CID-10, entre 2018-2022, levando em conta a prevalência desse fenômeno entre as mulheres de faixa etária de 45-54 anos, no Sudeste. **Resultados e Discussão:** A análise regional identificou 2.863 internações de mulheres, sendo 8,9% delas eletivas e 91,2% de urgência, sendo o período médio de permanência de 7,6 dias. O Estado de São Paulo é responsável pela maior parte das internações totais (58%). As internações relacionadas ao CID-10 foram mais frequentes em 2021 (21,3%), ano marcado pela Pandemia de COVID-19. Além disso, foram registrados 122 óbitos no período analisado, sendo a maior incidência em 2019 (24,6%) e em São Paulo (60,7%). Por fim, verificou-se que a faixa etária entre 50 e 54 anos é responsável pelo maior número de internações, bem como pelo maior número de mortes (76), sendo que as mulheres brancas e pardas são as que mais evoluem para o óbito. **Considerações Finais:** A partir da avaliação dos dados, descobriu-se que as internações por trombose arterial em mulheres no Sudeste são principalmente urgências, com a maioria tanto dos procedimentos quanto dos óbitos ocorrendo no mesmo estado (SP). Tal fato é mais recorrente em mulheres de idade mais avançada e foi agravado durante a pandemia.

Palavras-chave: mortalidade; embolia; trombose.

PREVALÊNCIA DE ÓBITOS ASSOCIADOS A TRANSTORNOS DEPRESSIVOS ENTRE MULHERES NO BRASIL

Gabriela Martins¹; Larissa Rita Oliveira Araújo¹; Luiz Eduardo Costa Eluf¹; Sofia Banzatto²

Discentes do curso de medicina na Universidade de Ribeirão Preto, campus Ribeirão Preto (UNAERP-RP), São Paulo, Brasil¹

Departamento de Medicina: Docente do curso de medicina na Universidade de Ribeirão Preto, campus Ribeirão Preto (UNAERP-RP), SP, Brasil. Mestre em Atenção Básica e MFC I. Departamento de Biotecnologia: Doutoranda em Biotecnologia aplicada à saúde²

gabriela.martins01@sou.unaerp.edu.br

Introdução: A depressão é uma das patologias psiquiátricas mais recorrentes no Brasil e no mundo, no século XIX. Ela pode ser, por sua vez, notada a partir de alguns quadros sintomatológicos, tais como alterações de humor acompanhadas de tristeza profunda, dor, amargura, desesperança, baixa autoestima e culpa, além de distúrbios do sono e apetite. Devido às oscilações hormonais que ocorrem principalmente durante o período fértil, as mulheres parecem ser mais propensas a experimentar os estados depressivos. Desafortunadamente, isso as coloca nos índices de óbitos associados a essas condições. Dessa maneira, faz-se imperioso a investigação da prevalência de óbitos decorrentes dos transtornos depressivos entre as mulheres nas diversas regiões do país. **Objetivo:** Averiguar o aumento das taxas de mortalidade vinculadas aos transtornos depressivos no contexto brasileiro ao longo de 5 anos, período entre de 2018-2022. **Metodologia:** Trata-se de um estudo exploratório retrospectivo realizado a partir de dados que pontuavam acerca dos índices de mortalidade do CID F33 entre 2018 e 2022, os quais foram levantados no Sistema de Informações sobre Mortalidade (SIM), disponíveis ao acesso público no Departamento de Informática do Sistema Único de Saúde (DATASUS). **Resultados e Discussão:** A partir da análise e dos critérios estabelecidos, foram observados 546 óbitos ligados ao CID F33, destacando-se o Paraná, que obteve, de 2018 e 2019, a maior taxa de morte, variando de 9,04% a 9,38% do total, sendo ultrapassado, posteriormente, por São Paulo, que de 2020 a 2022, totalizou entre 6,64% a 9,44% dos óbitos. Cabe sublinhar que há uma maior incidência desse fenômeno na população idosa, com 60 anos ou mais, computando mais de 50% dos falecimentos, chegando a totalizar 69,53% dos óbitos em 2020. Além disso, vale dizer que existe o predomínio do sexo feminino, com diferença de 6,10% a 28,40% (DP:7,547) em relação ao masculino. **Considerações Finais:** Os índices apontam um aumento nas taxas de mortalidade associadas ao CID F33 ao longo de 5 anos no Brasil, principalmente entre as pessoas do sexo feminino, cuja idade é superior ou igual a 60 anos. Tais fatos sinalizam, sobretudo, a necessidade do aprimoramento da assistência e do cuidado à saúde mental entre as mulheres idosas no país.

Palavras-chave: transtornos depressivos; transtornos psiquiátricos; depressão.

PREVALÊNCIA DE VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER NO BRASIL NOS ANOS DE 2018 A 2022

Gabriela Melo¹; Káryta Lorrane Xavier Oliveira¹; Maryangela Melo Peixoto²; Stefânia Domingos de Deus³

Graduanda em medicina pela Universidade de Rio Verde – campus Goianésia¹, Graduanda em medicina pelo Centro Universitário de Mineiros – campus Trindade² Médica pela Universidade de Rio Verde – campus Goianésia³

gabrielamelop3@gmail.com

Introdução: A violência contra a mulher constitui qualquer ação que cause danos à mulher, seja de cunho sexual, psicológico, moral, patrimonial ou físico. **Objetivo:** Identificar a prevalência da violência contra a mulher no Brasil, em suas diversas formas e realizar o comparativo com o sexo masculino. **Metodologia:** Trata-se de um estudo epidemiológico transversal de aspecto quantitativo, utilizando as variáveis, ano de notificação, sexo e tipos de violência, do ano de 2018 a 2022, através da ferramenta de pesquisa DATASUS. **Resultados e Discussão:** A violência com maior prevalência do ano de 2018 a 2022, foi a física, com um total de 755.302 casos do sexo feminino e 300.987 do masculino. Em segundo lugar, destaca-se a violência psicológica/moral, sendo 338.413 casos do sexo feminino e 62.978 do masculino. Em seguida, têm-se a violência sexual, com 209.627 do sexo feminino e 26.165 do masculino. E a menos prevalente, a patrimonial, com 23.653 casos do sexo feminino e 4.615, do masculino. Comparando-se o ano de 2018 ao ano de 2022, houve um aumento considerável, totalizando, em relação a violência física, aumento de 18,2% no sexo feminino e 51,2%, no masculino. A violência psicológica/moral aumentou em 36% no sexo feminino e 42,1%, no masculino. Na violência sexual, elevou 49% de casos no sexo feminino e 25,7%, no masculino. Já a patrimonial, aumentou 59% no sexo feminino e 19,2%, no masculino. Destaca-se que a violência física contra as mulheres é predominante e que a violência patrimonial têm sido a que mais cresce com o passar dos anos. A discrepância de ocorrência de violência contra o sexo feminino e masculino é evidente, observando-se diferenças percentuais que chegam a 701%, no caso da violência sexual, 437% na violência psicológica/moral, 412% na violência patrimonial e 150% na violência física. **Conclusão:** A violência contra a mulher é um grande problema de saúde pública, ocasionando traumas, além de consequências físicas e psicológicas. Dessa forma, é de suma importância a conscientização, independentemente da idade, quanto aos tipos de violência e às formas de denúncia, para que elas consigam identificar situações de perigo e para que se sintam acolhidas e seguras ao saberem como e onde denunciar.

Palavras-chave: violência; mulher; sexual.

PREVALÊNCIA E IMPACTO DA CANDIDÍASE VULVOVAGINAL EM MULHERES: UMA REVISÃO DE LITERATURA

Pedro Igor Silva Portela¹; Ana Carolina Pedrosa Barros¹; Ana Caroline Silva Lemos¹; Maicon Vieira Amaral¹; Maria Fernanda da Silva Cavalcante¹; Paula Emanoeli da Silva Gomes¹; Tiago Ferreira Guimarães¹; Daniela Reis Joaquim de Freitas²

Graduando em Enfermagem pela Universidade Federal do Piauí¹, Docente do Programa de Pós-Graduação em Enfermagem – PPGENF – UFPI²

pedroiestudosetrabalho@gmail.com

Introdução: A candidíase vulvovaginal é uma infecção recorrente entre mulheres em idade fértil, abrangendo todas as esferas da sociedade e afetando significativamente o bem-estar e o conforto das mulheres. Esta infecção acomete o epitélio estratificado da vulva e da vagina, com *Candida albicans* sendo o fungo mais comum envolvido. Este estudo visa discutir os aspectos fundamentais da candidíase vulvovaginal e examinar em profundidade sua prevalência e impacto na saúde feminina. **Objetivo:** Dissertar sobre os aspectos fundamentais da candidíase vulvovaginal e explorar a prevalência e o impacto dessa condição na saúde das mulheres. **Metodologia:** Trata-se de uma revisão integrativa realizada por meio de base de dados como Scielo, BVS e PUBMED, através dos descritores “Candidíase Vulvovaginal”, “Candidiasis”, “Candidiasis Vulvovaginal” AND “Mulheres”, “Women”, “Mujeres” no qual foram incluídos artigos completos que abordassem a temática elencada e que tivessem sido publicados no idioma português, inglês ou espanhol, no recorte temporal entre 2019 e 2024. Após a seleção de estudos, 5 artigos científicos foram considerados. **Resultados e Discussão:** A candidíase vulvovaginal apresenta diversos sintomas que impactam significativamente a qualidade de vida das mulheres afetadas. Estes incluem eritema, fissuras vulvares, corrimento espesso e branco aderido à parede vaginal, edema vulvar, escoriações e lesões, muitas vezes agravadas pelo ato de coçar. É comum observar tanto a vaginite quanto a vulvite, podendo ocorrer isoladamente. Clinicamente, a infecção pode estar associada à dor durante a relação sexual e à micção dolorosa, devido à irritação e lesões locais. Além disso, as lesões brancas, frequentemente intensificadas no período pré-menstrual devido ao aumento da acidez vaginal, são sintomas adicionais que merecem atenção. O tratamento da candidíase vulvovaginal abrange uma variedade de opções, incluindo antifúngicos disponíveis no mercado, tanto por via oral quanto tópica, em formas como cremes, loções, comprimidos, supositórios e tampões revestidos. Durante o tratamento, é essencial suspender as relações sexuais para evitar reinfecções e manter o tratamento contínuo, mesmo durante o período menstrual, para assegurar sua eficácia. Esses resultados destacam a importância de um diagnóstico preciso e de um tratamento adequado para a candidíase vulvovaginal. **Considerações Finais:** Em síntese, a candidíase vulvovaginal é uma infecção fúngica em mulheres, sendo mais ocorrente em idade fértil. Foram discutidos sinais e sintomas que impactam no cotidiano de mulheres, além da importância do diagnóstico e tratamento. A abordagem cuidadosa e completa é essencial para a cura e prevenção de recorrências.

Palavras-chave: Candidíase Vulvovaginal; Mulheres; Saúde Feminina.

PREVENÇÃO DE INFECÇÕES SEXUALMENTE TRANSMISSÍVEIS - ISTS

Rodrigo Tobias Aiello¹; Maria Eduarda Pereira Juscelino¹; Luana Barros Moreira¹; Anna Alycia Bezerra Cruz¹; Pedro Henrique de Moraes Sanches¹; Ycaro Deyangells Moreira Carvalho¹; Mariana Andrade Oliveira²

Graduando em medicina pela Universidade de Ribeirão Preto-UNAERP¹, Médica pela Universidade de Ribeirão Preto- UNAERP, com mestrado em patologia pela Universidade Federal Triângulo Mineiro-UFTM²

Rodrigo.aiello@sou.unaerp.edu.br

Introdução: As Infecções Sexualmente Transmissíveis (IST) são causadas por microrganismos como bactérias, vírus, entre outros. Se caracterizam por ser principalmente transmitidas por meio do contato sexual (oral, vaginal e anal) sem a utilização de preservativos, com uma pessoa previamente infectada. Pode também ocorrer a transmissão de maneira congênita, adquirida durante a amamentação ou por meio de transfusões sanguíneas. **Objetivo:** Este trabalho teve como objetivo incentivar a utilização de métodos preventivos para a transmissão de IST. **Metodologia:** Para realizar uma revisão bibliográfica completa sobre esse tema, foram adotados artigos científicos de alta credibilidade obtidos por meio de pesquisa digital na plataforma Scientific Library Online (SciELO). Foram incluídos termos-chave relevantes como: "IST; Prevenção de IST; saúde sexual; sistemas de informação em saúde; vigilância em saúde pública". Dos 101 artigos encontrados, foram selecionados 2 para este estudo. A seleção baseou-se nos critérios de inclusão de idiomas inglês e português, além da maior relevância científica, excluindo os demais artigos que não se encaixavam na temática. **Resultados e discussão:** O uso da camisinha, masculina ou feminina, em todas as relações sexuais (orais, anais e vaginais) é o método mais eficaz para prevenir a transmissão de IST, HIV/aids e hepatites virais B e C e também, serve para evitar a gravidez. Além disso, é importante ressaltar a prevenção combinada de camisinhas femininas ou masculinas junto de ações de prevenção, tratamento e diagnóstico das IST, testagem para diversas infecções como HIV, sífilis e hepatites B e C, imunização para hepatite B e HPV, precaução pós-exposição ao HIV, prevenção das transmissões congênitas de IST, entre outros. A disponibilidade de serviços de saúde para diversas infecções sexualmente transmissíveis por meio do SUS, é muito importante para permitir a acessibilidade do tratamento para as diversas camadas sociais e, para a manutenção da saúde pública. **Conclusão:** Dessa forma, conclui-se que a prevenção de IST é muito importante para a saúde pública e, para a transmissão da infecção. Ademais, é importante ressaltar a necessidade da notificação do parceiro no caso de infecção com doenças sexualmente transmissíveis e informar sobre as formas de transmissão, o risco, as opções de tratamento e serviços de saúde disponíveis para o tratamento específico da IST.

Palavras-chave: IST; Saúde pública; Prevenção.



PREVENÇÃO DO CÂNCER DE COLO UTERINO: DESAFIOS DA NÃO ADESÃO DAS MULHERES AO EXAME PAPANICOLAU.

Antonia Janielly Negreiros de Moraes¹; Sávio Diego Gomes da Silva²; Alysan Gomes de Vasconcelos³; Wendel de Alcântara Mendes⁴; Gabrielle Oliveira Azevedo Fontes⁵; Leidiane Carvalho de Aguiar⁶; Rodrigo Marques Damasceno⁷; Francisca Samila Pinto Romão⁸

Graduada em enfermagem pela Universidade Estadual Vale do Acaraú¹; Graduado em medicina pelo Centro Universitário Uninovafapi²; Graduada em enfermagem pelo Centro Universitário Inta³; Graduado em medicina pela Universidade de Fortaleza⁴; Graduada em enfermagem pelo Centro Universitário Inta⁵; Graduada em psicologia pela Universidade Federal do Ceará⁶; Graduado em enfermagem pelo Centro Universitário Inta⁷; Graduada em enfermagem pela Universidade Estadual Vale do Acaraú⁸

gabrielle.azzevedof@gmail.com

Introdução: A detecção precoce por meio do exame de citologia oncológica de colo de útero “Papanicolau” é considerada a melhor estratégia para identificar as lesões precursoras de câncer, bem como um método secundário de prevenção que se baseia na história natural da doença e na identificação precoce do vírus do papiloma humano e, por conseguinte, impacta diretamente na redução da mortalidade por câncer de colo de útero. O câncer de colo uterino apresenta alta mortalidade no Brasil, apesar dos programas para rastreamento. **Objetivos** Relatar a inspeção dos fatores que influenciam a não adesão das mulheres submeter-se ao exame citopatológico através de revisão integrativa. **Metodologia:** A pesquisa e coleta de dados foram desenvolvidas através de combinações de descritores feitas na plataforma Scielo, os quais são: “Neoplasias do colo do útero”, “Saúde da mulher”, “Assistência Integral à Saúde”, “Teste Papanicolau”. Foram obtidos o total de 78 artigos, contudo restaram por meio do processo de inclusão e exclusão, 11 artigos para pesquisa e leitura com base no tema definido. Foram considerados artigos que contém caráter quantitativo e qualitativo, questionários e entrevistas, estudos de casos e de delineamento transversal. **Resultados:** Com base na pesquisa e leitura feita através dos artigos escolhidos foram de grande auxílio para o entendimento e aprofundamento do assunto, que se compreendem na abordagem que abrange o reconhecimento da experiência das mulheres sobre a prevenção do câncer de colo uterino, a frequência da assiduidade do exame colpocitológico, os fatores que influenciam a não adesão ao exame, que refletem a percepção individual influenciada por valores e costumes. O processo de Enfermagem e dos demais profissionais de saúde, como meio de intervenção na promoção de medidas preventivas, no auxílio e na colaboração multidisciplinar, é de suma importância para a orientação, não só às mulheres que enfrentam o câncer de colo uterino, como também mulheres que buscam os serviços de Atenção Básica à Saúde. **Conclusão:** Observa-se que a adesão feminina aos programas de prevenção não está diretamente associada à oferta dos serviços de saúde que disponibilizam tais atendimentos. É necessário que haja uma relação íntegra entre paciente e profissional, visto que é de suma importância para o fortalecimento da adesão ao exame. O procedimento exige do profissional ética, propondo o conforto, não visando apenas o procedimento técnico. É importante ressaltar que muitas mulheres relatam inúmeras dificuldades pessoais para procurar os serviços de saúde, questões sociais, educacionais, sentimentais e culturais.

Palavras-chave: câncer de colo uterino; exame papanicolau; atenção básica

PREVENÇÃO E PREVALÊNCIA DAS IST'S EM JOVENS ADULTOS: DESAFIOS E ESTRATÉGIAS

Isadora Oliveira de Castro¹; Paulo Roberto Ferreira Morais¹

Graduados em enfermagem pelo Instituto Educacional Santa Catarina/Faculdade Guarai¹

isadora15castro@gmail.com

Introdução: As Infecções Sexualmente Transmissíveis (IST's) são frequentes, constituindo um problema mundial de saúde pública. Essas infecções incluem doenças como sífilis, gonorréia, clamídia, herpes genital, entre outras. Além de comprometerem a saúde reprodutiva, as IST's podem levar a complicações graves, como infertilidade, câncer e maior vulnerabilidade ao HIV. São um dos cinco principais motivos de procura da população para o atendimento em saúde. A disseminação das IST's é facilitada por fatores comportamentais, sociais e econômicos, que variam amplamente entre diferentes populações e regiões geográficas. Estudos epidemiológicos indicam que cerca de 25% dessas infecções são diagnosticadas em indivíduos abaixo de 25 anos de idade. **Objetivo:** Analisar a prevalência, os fatores de risco e a eficácia das estratégias de prevenção das IST's, com foco na população em geral e especialmente em jovens adultos abaixo de 25 anos de idade. **Metodologia:** Este estudo consiste numa revisão de literatura com artigos acadêmicos em língua portuguesa e inglesa dos últimos 5 anos. Foi realizada uma pré-análise pelos títulos e resumos, seguida de leitura completa dos artigos alinhados à temática, selecionados das plataformas (SciELO, Frontiers in Medicine, Reproductive Health e Plos One). **Resultados e Discussão:** A alta prevalência de IST's em jovens adultos abaixo de 25 anos indica a necessidade urgente de intervenções específicas, pois essa faixa etária representa aproximadamente 25% dos casos diagnosticados. Comportamentos sexuais de risco, falta de educação sexual e desigualdades socioeconômicas contribuem para a disseminação das IST's. Estratégias de prevenção incluem educação sexual, promoção do uso de preservativos, testagem regular e parcerias entre profissionais de saúde e comunidades. Entretanto, desafios persistentes como estigma e acesso limitado aos serviços de saúde dificultam a eficácia das medidas preventivas. Abordagens integradas e culturalmente sensíveis são essenciais para enfrentar esse problema de saúde pública. O estudo enfatiza a importância da vigilância epidemiológica, pesquisa e implementação de estratégias abrangentes de prevenção, especialmente entre jovens adultos, para reduzir a incidência e mitigar as consequências adversas na saúde global. **Conclusão:** Em resumo, este estudo destaca a necessidade de estratégias adaptadas e integradas para prevenir as IST's, especialmente entre jovens adultos. É essencial superar desafios como estigma e barreiras de acesso aos serviços de saúde. Uma abordagem colaborativa entre profissionais de saúde e comunidades é fundamental. Além disso, a pesquisa e a vigilância epidemiológica contínua são cruciais para informar e melhorar as estratégias de prevenção, visando reduzir a incidência e as consequências negativas dessas infecções.

Palavras-chave: infecções sexualmente transmissíveis; estratégias; população.



PRINCIPAIS FATORES CAUSADORES DE ANSIEDADE NO PUERPÉRIO E A INFLUÊNCIA NA AMAMENTAÇÃO

Ana Carolina Pedrosa Barros¹; Ana Caroline Silva Lemos¹; Paula Emanoeli da Silva Gomes¹; Maria Fernanda da Silva Cavalcante¹; Maicon Vieira Amaral¹; Tiago Ferreira Guimarães¹; Pedro Igor Silva Portela¹; Carlos Eduardo da Silva Barbosa².

Graduando (a) em enfermagem pela Universidade Federal do Piauí¹, Mestrando em Psicologia pela Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro².

anacarolinapedrosa41@gmail.com

Introdução: O puerpério é definido como o período pós-parto marcado por alterações fisiológicas, hormonais e psicológicas, nas quais dependendo da intensidade podem vir a causar ansiedade, que influenciará na saúde da mãe, e conseqüentemente do bebê. Nesse período a mulher enfrenta diversas pressões e sentimentos novos que são ocasionados pela chegada de um novo membro na família, e aspectos como dificuldade de amamentar, expectativas sobre a amamentação exclusiva, distanciamento conjugal após o nascimento do bebê e autoestima baixa devido às mudanças corporais, corroboram para sintomas de ansiedade materna, afetando assim o processo de amamentação. **Objetivo:** Destacar os fatores que corroboram para a ansiedade no puerpério e a influência desses fatores na amamentação. **Metodologia:** Estudo de revisão de literatura realizada por meio de base de dados, como Scientific Electronic Library Online (SciELO) e LILACS, utilizando os descritores: "ansiedade" OR "anxiety"; "aleitamento materno" OR "breast feeding" e "período pós-parto". Foram incluídos os artigos na íntegra e gratuitos, em idioma português e inglês, com um recorte temporal de 2019 a 2024, que abordassem a temática presente, resultando numa busca final de 16 artigos. Como critério de exclusão tem-se artigos que não enfatizavam os fatores desencadeadores da ansiedade no puerpério e a sua associação com a amamentação. **Resultados e Discussão:** A ansiedade pós-parto é uma condição prevalente, afetando até 45% das puérperas segundo a literatura. Ela pode ser normal e adaptativa, mas quando intensa pode comprometer a interação entre a mãe e o bebê e o sucesso da amamentação. Tal condição pode provocar na mulher dificuldades na percepção dos sinais de necessidade do bebê, e no enfrentamento de situações cotidianas. Diversos fatores contribuem para o aumento dos sintomas ansiosos, incluindo histórico de aborto, depressão prévia e autoeficácia materna para amamentar. Além disso, ao se tornar mãe, a atenção da mulher se volta para proporcionar o conforto e qualidade de vida do recém-nascido, que demanda mais atenção e cuidado, e devido a isso, problemas conjugais e de autoestima podem se tornar recorrentes. A percepção de falta de apoio prático e emocional do parceiro e familiares associada e o risco de interrupção precoce do aleitamento materno, pode agravar esses sintomas, afetando negativamente a saúde mental materna e a qualidade da relação mãe-bebê. **Considerações Finais:** A ansiedade durante o puerpério é desencadeada por fatores plausíveis e conhecidos cientificamente, sendo um mal que afeta a relação mãe-bebê e conseqüentemente, o processo de amamentação.

Palavras-chave: ansiedade; aleitamento materno; período pós-parto.

PROCESSO SAÚDE-DOENÇA: PERCEPÇÕES E IMPLICAÇÃO DE SER MULHER EM CENÁRIOS SOCIALMENTE MASCULINOS

Amanda Fernandes dos Santos¹, Maria Eduarda Santos Andrade¹, Rayane de Freitas Bessa¹, Laura Elyse Souza de Queiroz¹, Rickelme Dantas da Silva¹, Marla Silvaneide Pinto de Souza¹, Arthur Santiago de Souza Lima²

Graduado em enfermagem pela Universidade Estadual do Rio Grande do Norte¹
Residente em Saúde da Família pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte²

fernandessantos@alu.uern.br

Introdução: O processo de inserção da mulher no mercado de trabalho contribuiu para que ganhassem autonomia e independência e possibilitou a conquista de espaços que antes eram destinados apenas para os homens. Entretanto, ocupar certos postos, com funções que demandam força ou que são estereotipadas como profissões masculinas, ainda geram uma grande discriminação de gênero e nas condições de trabalho. Desse modo, o presente trabalho trata-se de uma revisão bibliográfica com a finalidade de descrever a diferenciação de tratamento e relações dentro do mundo do trabalho de mulheres em profissões socialmente relacionadas a homens. Diante disso, a pesquisa justifica-se pela necessidade de conhecer a realidade vivida por mulheres em trabalhos postulados pela sociedade como de predominância masculina, com foco nos desafios e preconceitos, que possivelmente, devem existir e como isso reflete no processo saúde-doença dessas mulheres. **Objetivo:** Refletir sobre as condições de trabalho da mulher em atividades rotuladas como masculinas. **Metodologia:** Trata-se de uma revisão bibliográfica, com abordagem qualitativa, no qual foi utilizado um levantamento bibliográfico exploratório nos artigos disponíveis Biblioteca Virtual em Saúde (BVS), e nas seguintes bases de dados: Scientific Electronic Library Online (SciELO) e PubMed, para critérios de inclusão foram artigos em português, dos últimos 10 anos (2014-2024) e trabalhos completos, para critérios de exclusão foram eliminados os estudos repetidos, incompletos e que não atendessem a temática. **Resultados e Discussão:** Os estudos analisados apontaram dois eixos reflexivos sobre a temática do estudo, sendo eles: a dupla jornada de trabalho e implicações de gênero vivenciadas no ambiente de trabalho, sendo que as tensões vivenciadas pelas trabalhadoras em cargos tipicamente masculinos, são representadas pela disparidade salarial quando comparadas com homens, o modo como as capacidades intelectuais são questionadas no desenvolvimento de seu trabalho e a vivência diária de assédios morais e sexuais. **Conclusão:** Percebe-se que ainda é frequente uma visão pautada em uma concepção da sociedade que se caracteriza pela divisão social do trabalho baseado nas diferenças biológicas entre homens e mulheres, delineando o espaço do público como pertencente aos homens e o espaço privado às mulheres. Desse modo, a igualdade reflete em aspectos de segurança e saúde, quando essas áreas não estão bem definidas e estruturadas no mercado de trabalho, logo, devem ser analisadas as condições especiais dos grupos sociais considerados como as minorias, que lutam diariamente pela devida efetivação de seus direitos.

Palavras-chave: saúde do trabalhador; mulheres trabalhadoras; saúde.



PROMOÇÃO DO CONTATO PELE A PELE ENTRE MÃES E RECÉM NASCIDOS NA PRIMEIRA HORA DE VIDA

Natália da Silva Mota¹; Anna Tamilly Rocha Silva¹; Luciana Yasmin Carvalho Brito¹; Thamires Regina Trevizan Magalhães¹; Cláudia Regina Silva dos Santos Cunha²

Graduando em Enfermagem pela Universidade Federal do Maranhão¹, Mestra em Ciência da Saúde pela Universidade Federal do Maranhão²

✦ ✦
mota.natalia@discente.ufma.br

Introdução: O contato pele a pele consiste em um simples ato de colocar o recém nascido em contato direto com a pele da mãe, entre a região torácica e abdominal sem qualquer tipo de vestimenta. Nesse sentido, destaca-se entre as boas práticas de atenção ao parto e nascimento a promoção do contato pele a pele como estratégia para fortalecer o vínculo entre mãe e filho, promover benefícios fisiológicos e psicossociais. À vista disso, recomenda-se colocar o recém-nascido em CPP com a mãe no pós-parto imediato. **Objetivo:** Evidenciar a importância e os benefícios do contato pele a pele entre mãe e filho na primeira hora de vida. **Metodologia:** Revisão de literatura, utilizando os descritores em Ciências da Saúde (DeCs): “Contato pele a pele”, “Vínculo afetivo no contato pele a pele”, “CPP imediato”. As bases de dados utilizadas foram: Google acadêmico e BVSMMS, a partir da busca foram selecionados os artigos, seguindo os critérios de inclusão: artigos publicados e entre 2016 a 2021. Os critérios de exclusão foram trabalhos que não tinham relação com a temática. 3 artigos foram selecionados. **Resultados e Discussão:** A primeira hora de vida do recém-nascido é um período muito importante, conhecido em algumas literaturas como “hora de ouro”, crucial para que ocorra a promoção do contato pele a pele ainda na sala de parto. São benefícios do CPP para o recém-nascido: fortalecimento do vínculo afetivo, favorece o início da amamentação, desenvolver uma sucção eficaz, regulação da temperatura corporal e estabilidade cardiorrespiratória. Para a mãe, promove a diminuição da ansiedade e da dor, gera o sentimento de alívio e propicia a liberação de ocitocina, que auxilia na prevenção de hemorragias. Embora a prática seja considerada segura, ainda existem alguns obstáculos para a sua execução, bem como o cumprimento da rotina hospitalar e o pouco conhecimento dos benefícios do CPP por parte dos profissionais. **Conclusão:** Assim, é importante ressaltar sobre a necessidade das gestantes serem orientadas durante o pré-natal e na sala pré-parto sobre os benefícios dessa prática, para que no pós parto esse estímulo faça sentido à elas. Ademais, torna-se essencial a realização do aperfeiçoamento da prática e capacitação dos profissionais, para que a equipe de saúde tenha conhecimento sobre a promoção e benefícios do CPP pós parto imediato para a mãe e RN, contribuindo assim para um atendimento humanizado e efetivo.

Palavras-chave: vínculo afetivo no contato pele a pele; contato pele a pele; cpp imediato.



PROMOVENDO CONFIANÇA NA AMAMENTAÇÃO DURANTE O PUERPÉRIO

Fabrcia Rodrigues Gomes¹; Edvania Cristina Lazaro Lima²

Graduanda em enfermagem pelo Centro Universitário Leonardo Da Vinci¹, Graduada em enfermagem pelo Centro Universitário Uni-Anhanguera²

fabrcia-rodriques-gomes8@hotmail.com

Introdução: O puerpério é um período de transição marcado por mudanças físicas, hormonais, emocionais e sociais na vida das mulheres. Durante esse tempo, é comum que as mães enfrentem inseguranças e dúvidas, especialmente em relação aos cuidados com o recém-nascido. A amamentação é um dos aspectos mais importantes a serem abordados, pois além de fortalecer o vínculo entre mãe e filho e fornecer nutrientes essenciais para o recém-nascido, diminui a morbimortalidade neonatal e reduz as chances da puérpera futuramente desenvolver cânceres como de mama, ovário e endométrio; **Objetivo:** Este estudo visa capacitar profissionais da saúde para auxiliar as mulheres a adquirirem confiança nos cuidados com seus recém-nascidos durante o puerpério. Para isso, traz informações acerca da promoção de uma pega adequada e orientações sobre o leite e sua produção, tornando a experiência materna mais segura e satisfatória; **Metodologia:** Foi realizada uma revisão bibliográfica, analisando artigos científicos e cadernetas das bases SciELO (1979 até 2018) e Medline (2013 até 2022), utilizando cerca de 15 trabalhos, com descritores: amamentação e aleitamento materno; **Resultados e Discussão:** É importante que o profissional oriente a mãe que a forma adequada de segurar o mamilo ao amamentar é com a mão em formato de “c”, que a boca do neonato deve estar bem aberta, com o queixo encostado na mama, nariz livre e lábios para fora. Instruir sobre a quantidade de colostro que é produzido (aproximadamente 30 ml por dia), que o leite leva cerca de 3 a 5 dias para descer e a importância do neonato se alimentar nos três estágios do leite durante a mamada. Destaca-se o estímulo da produção de ocitocina utilizando o método pele a pele (contato mãe com bebê) para auxiliar na liberação do leite pelas glândulas mamárias. Enfatiza-se manter a tranquilidade, já que os níveis de adrenalina e cortisol reduzem a ocitocina. Consultas com profissionais de saúde e recursos online podem desempenhar um papel significativo na promoção da confiança das mães relacionada aos cuidados com o recém-nascido; **Conclusão:** É essencial compreender que para fortalecer a confiança das mulheres nos primeiros dias após o parto é necessário adotar uma abordagem que inclua educação, suporte emocional e acesso facilitado a recursos práticos. Ao fornecer informações claras e manter um suporte contínuo, podemos capacitar as mães a se sentirem mais seguras para cuidarem de seus recém-nascidos, o que contribui para o bem-estar de toda a família.

Palavras-chave: puerpério; amamentação; confiança.

PROTÓCOLOS DE ENFERMAGEM PARA GESTANTES COM HTLV-1: UM OLHAR NA ATENÇÃO PRIMÁRIA

Larissa Barbosa Moreira¹; Isa Valesca dos Santos Coelho¹; Olivana do Socorro Miranda Tavares¹; Samara Rebeca Silva de Miranda¹; Edivinny Caroline Barbosa de Freitas².

Graduanda em Enfermagem pela Universidade Federal do Pará¹, Enfermeira pela Universidade Paulista².

✦ ✦
larissa.moreira@ics.ufpa.br

INTRODUÇÃO: O profissional de enfermagem exerce um papel de suma importância na assistência a gestante com Infecções Sexualmente Transmissíveis, principalmente dentro da atenção primária, onde, em geral é realizado o pré-natal. O acompanhamento dessa gestante abrange desde a triagem, consulta, solicitação de exames, diagnóstico, tratamento, orientações sobre possíveis riscos para o feto, no que se refere ao vírus linfotrópico de células T humanas (HTLV), é primordial que o profissional tenha habilidades e conhecimentos específicos dos protocolos assistenciais, e caso seja necessário realize os possíveis direcionamentos para outras especialidades. Sendo esses requisitos de grande importância para garantir a saúde e o bem-estar das gestantes. **OBJETIVOS:** Destacar a importância da assistência de enfermagem a gestante com HTLV-1. **METODOLOGIA:** Trata-se de uma revisão da literatura, realizada nas bases de dados do Ministério da Saúde e Electronic Library Online (SCIELO) Foram incluídos estudos relevantes ao tema escolhido, selecionados por meio da leitura de títulos e resumos entre 2020 e 2022. Foram excluídos artigos duplicados entre bases de dados e artigos não relacionados ao tema discutido. Os descritores utilizados para pesquisa foram HTLV-1, assistência de enfermagem e pré-natal. **RESULTADOS E DISCUSSÃO:** O diagnóstico preciso de HTLV-1 é fundamental, requerendo exames de sorologia e testes de confirmação para diferenciar entre HTLV-1 e HTLV-2. Na atenção primária, gestantes com HTLV-1 são consideradas de alto risco e devem ser acompanhadas por uma equipe multidisciplinar. A assistência de enfermagem deve ser integral, com orientações claras sobre HTLV, incluindo os riscos e complicações associadas. O enfermeiro deve elaborar um plano de parto junto com a gestante e a equipe multiprofissional para reduzir a exposição do feto ao vírus. No pós-parto, é crucial orientar sobre a não amamentação para evitar a transmissão vertical, oferecendo alternativas como fórmulas infantis e monitoramento do bebê para detectar sinais precoces de infecção. **CONCLUSÃO:** Diante disso, é fundamental que o profissional conheça os protocolos assistenciais, para poder orientar esclarecendo dúvidas, estabelecendo vínculos, a fim de conhecer o quadro de cada paciente, para construir um plano de cuidados individual que atenda a necessidade da gestante e do bebê, visando minimizar os riscos, garantindo atendimento humanizado e assistência qualificada.

Palavras-chave: assistência de enfermagem; HTLV-1; pré-natal.

PUERPÉRIO IMEDIATO APÓS PARTO CESÁRIO NO CENTRO OBSTÉTRICO DE UMA MATERNIDADE PÚBLICA DE BELÉM, PARÁ: RELATO DE EXPERIÊNCIA.

Ísis Martins Guedes¹; Elyade Nelly Pires Rocha Camacho²

Especialista em Enfermagem Obstétrica pela Universidade Federal do Pará¹, Doutora em Doenças Tropicais pelo Núcleo de Medicina Tropical da Universidade Federal do Pará²

+isismguedes@gmail.com

Introdução: O puerpério imediato se dá do 1º ao 10º dia após o parto, assim também compreende a estadia da mulher na maternidade após o parto hospitalar, esse momento requer cuidados mais específicos e criteriosos dos profissionais de saúde, principalmente pelos riscos de hemorragia pós-parto e infecções que podem levar ao óbito. **Objetivo:** Descrever a experiência nos atendimentos realizados durante o puerpério imediato após partos cesáreos no centro cirúrgico obstétrico da maternidade pública de referência em atendimento materno-infantil de Belém do Pará. **Metodologia:** Trata-se de um estudo descritivo, do tipo relato de experiência, foi realizado no setor de centro cirúrgico obstétrico da principal maternidade pública da cidade de Belém do Pará no período de janeiro a fevereiro de 2024, durante o período trabalhado como enfermeira residente do Programa de Residência Uniprofissional em Enfermagem Obstétrica da Universidade Federal do Pará (UFPA). **Resultados e Discussão:** Foi verificado que durante as cirurgias cesarianas não era feito o contato pele a pele entre a mãe e o recém-nascido (RN), era praticado o corte precoce do cordão umbilical em todos os recém-nascidos (RN's) e esses foram separados das mães imediatamente após o nascimento, as mulheres tinham a presença de seus acompanhantes de escolha durante a cirurgia, porém após a sua saída da sala de operação elas ficavam sozinhas com os RN's. A alta demanda de paciente prejudicava a assistência prestada, com isso era rapidamente verificada a involução uterina da paciente, a quantidade de loquiação e era administrada ocitocina endovenosa de acordo com a prescrição médica. Na maioria dos casos, os RN's eram colocados para mamar após uma hora do nascimento. Era nítida a dificuldade de comunicação das puérperas com a equipe devido à falta de estrutura e do acompanhante nesse momento. Geralmente as puérperas e seus RN's aguardavam de duas a seis horas para serem transferidas às enfermarias, contribuindo assim para a superlotação do setor. **Conclusão:** Foi possível observar que a superlotação do setor prejudica tanto a assistência da equipe de enfermagem quanto a assistência médica. Algumas medidas podem ser tomadas nessa questão, por exemplo, as gestantes de menor risco poderiam ser transferidas para outros hospitais e/ou aumentar a demanda de profissionais para assim prestar uma assistência humanizada e adequada ao binômio mãe e filho.

Palavras-chave: cesárea; período pós-parto; gravidez.

QUAIS OS BENEFÍCIOS DO USO DA METFORMINA PARA PACIENTES COM SÍNDROME DO OVÁRIO POLICÍSTICO? UMA REVISÃO DE LITERATURA.

Márcio Antônio Gomes Reis Junior¹; Anny Vitória Santos Fonseca²; Vitória Gabrielle da Silva Gomes³; Carlos Eduardo da Silva Barbosa⁴

Graduando em Medicina pela Universidade Federal de Alagoas¹, Graduanda em Medicina pela Universidade Federal de Alagoas², Graduanda em Medicina pela Universidade Federal de Alagoas³, Mestrando em Psicologia pela Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro⁴.

marcio_reis_jr@hotmail.com

Introdução: A síndrome do ovário policístico (SOP) é uma desordem endócrina comum em mulheres em idade reprodutiva, caracterizada por uma combinação de sintomas, incluindo hiperandrogenia, ciclo menstruais irregulares e presença de cistos ovarianos. Além dos achados clínicos, a síndrome possui relação com hiperinsulinemia. Dessa forma, o uso da Metformina, fármaco utilizado para tratar a diabetes mellitus tipo 2, é viável para a sensibilização dos receptores de insulina, o que pode contribuir para regular os desequilíbrios hormonais subjacentes à SOP. **Objetivo:** Expor os benefícios para o tratamento de mulheres com síndrome do ovário policístico com o uso da Metformina. **Metodologia:** Trata-se de uma revisão de literatura integrativa. Sendo utilizada as bases de dados da Scientific Electronic Library Online (SCIELO) e da Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciências de Saúde (LILACS). Os artigos foram identificados pelos seguintes descritores: "Polycystic Ovary Syndrome" AND "Metformin". Critério de inclusão: período entre 2015 e 2024, 2015 por conveniência e 2024 por ser o último ano com registro no banco de dados. Não houve restrição quanto ao idioma. Critério de exclusão: Estudos observacionais que não abordassem a pergunta principal em questão foram removidos. **Resultado e discussão:** Foram encontrados 29 artigos. Destes somente 9 foram selecionados para a elaboração deste estudo. Com base na análise dos artigos, evidenciou-se que o uso da Metformina, em um período superior a 5 meses, tem um prognóstico positivo para a resistência à insulina em mulheres com SOP que apresentavam esta condição. Os resultados obtidos foram constituídos a partir do mecanismo de ação da Metformina, baseado na diminuição da absorção intestinal de glicose, da lipólise, da gliconeogênese e o aumento da captação periférica de glicose. Com isso, o tratamento apresentou resultados significativos na redução do IMC (Índice de Massa Corpórea), do índice de pulsatilidade do fluxo sanguíneo e do volume dos ovários. Outrossim, os níveis elevados de mediadores inflamatórios como a IL-6, comuns em pacientes com SOP, apresentaram uma redução, principalmente em pacientes que utilizaram a Metformina associada a Pioglitazona. Quanto a fertilidade, foi revelado que o efeito terapêutico da metformina diminui o risco de Síndrome de Hiperestimulação Ovárica, um efeito colateral dos tratamentos de infertilidade. No entanto, a abordagem para o tratamento da SOP eficaz no metabolismo da glicose, com menor risco de efeitos adversos, é a terapia não medicamentosa visando prioritariamente modificadores de estilo de vida. **Conclusão:** A metformina mostrou eficácia no tratamento da Síndrome dos Ovários Policísticos em virtude de seus benefícios voltados a redução de fatores característicos da síndrome, como a resistência à insulina, a hiperandrogenia, a infertilidade e a dislipidemia. Ademais, o tratamento apresenta mais benefícios quando associado a mudanças no estilo de vida e quando combinada com outros fármacos auxiliares.

Palavras-chave: ginecologia; infertilidade; Metformina; síndrome do ovário policístico.



**RASTREAMENTO DO CÂNCER DE COLO UTERINO: UMA ANÁLISE SOBRE
A IMPORTÂNCIA DO EXAME COLPOCITOLÓGICO**

Maria Emília Dantas Oliveira¹; Francisco Gelzo da Silva Neto¹; Ellen Renale Martins Guedes¹; Larah Giovanna Nóbrega Clemente¹; Maria Clara Morais da Silva¹; Vânia Ellen Bezerra Sousa¹; Elza Carla Melo de Souza²

Graduando em enfermagem pela Universidade Federal de Campina Grande¹, Enfermeira pela Universidade Federal de Campina Grande²

emiliaoliveira092@gmail.com

Introdução: O câncer do colo uterino (CCU) está classificado como uma das principais causas de morte feminina no Brasil e no mundo. Essa neoplasia é causada principalmente pela infecção do papilomavírus humano, através da relação sexual desprotegida em associação a diversos fatores de risco, como o início precoce da atividade sexual, múltiplos parceiros sexuais, entre outros. Apesar de sua prevalência elevada, o CCU é de simples prevenção e diagnóstico, realizado através do exame citopatológico, conhecido popularmente como papanicolau e considerado o padrão ouro para a detecção precoce de lesões intraepiteliais precursoras deste tipo de câncer. **Objetivo:** Analisar a importância da realização do exame colpocitológico para o rastreamento do câncer de colo uterino. **Metodologia:** Trata-se de uma revisão da literatura, realizada através da busca por artigos científicos na base de dados online: *Scientific Electronic Library Online (Scielo)*. Para a busca utilizou-se descritores selecionados através dos Descritores em Ciência da Saúde (DECs) combinados da seguinte forma: “câncer de colo uterino” AND “prevenção primária” e “exame papanicolau” AND “enfermagem”. A partir desta combinação, foram encontrados 44 estudos, que passaram por uma seleção, utilizando-se a aplicação dos critérios de inclusão: estudos publicados nos últimos 5 anos e redigidos no idioma português. Após a aplicação dos filtros, selecionou-se 8 estudos para compor a amostragem final. **Resultados e Discussão:** Na atenção primária à saúde, o enfermeiro é o profissional responsável por realizar a coleta do exame colpocitológico, através da coleta de uma amostra de células da junção escamocolumnar do colo do útero, com o auxílio da espátula de ayres e a escova cervical. Para a adequabilidade da amostra, é necessário que o profissional oriente a mulher a evitar o uso de lubrificantes, creme vaginais e não realize relações sexuais até 48 horas antes do exame, além disso, é essencial não estar no período menstrual. Apesar do exame ser gratuito, rápido e minimamente invasivo, a evasão de mulheres ainda é muito elevada, principalmente devido aos sentimentos de vergonha, medo e desconforto. **Considerações Finais:** Dessa forma, é indispensável que o enfermeiro estabeleça uma relação de confiança com a usuária, para promover maior conforto durante o procedimento e um atendimento humanizado. Além disso, ações de educação em saúde são fundamentais para conscientizar a população feminina sobre a importância da realização contínua deste exame, para a prevenção do câncer de colo uterino, e detecção precoce de lesões no estágio inicial, aumentando as chances de cura e consequentemente reduzindo a mortalidade.

Palavras-chave: câncer de colo uterino; prevenção; exame colpocitológico.

REABILITAÇÃO DE PORTADORES DE DOENÇA RENAL CRÔNICA EM HEMODIÁLISE: REVISÃO DE LITERATURA

Keyla Liana Bezerra Machado¹; Caroline Cardoso Bolina Coutinho²; Lucas Monteiro Molina³;
Barbara Priscila Alves de Souza⁴; Camilly Casagrande⁵; Caroline Fernandes de Oliveira⁶

Mestranda em Ciências Farmacêuticas na Universidade Federal do Piauí¹, Graduanda em Medicina na FCM- AFYA Jaboatão dos Guararapes², Graduando em Medicina na Universidade Federal do Acre³, Graduanda em Medicina na Universidade privada Maria serrana -UPMS⁴, Graduanda em Medicina na Universidade de Vila Velha (UVV)⁵, Graduanda em Enfermagem na Universidade Estácio de Sá -UNESA⁶.

lilibezerra2@hotmail.com

Introdução: Com o aumento das doenças crônicas e degenerativas, a doença renal crônica (DRC) tem recebido atenção, sendo considerada um problema de saúde pública devido às suas altas taxas de morbidade e mortalidade. A DRC caracteriza-se por uma perda progressiva e irreversível das funções renais, e sua avaliação é realizada pela Taxa de Filtração Glomerular (TFG). Pacientes com TFG < 60ml/min/1,73m² por mais de três meses são diagnosticados com DRC e podem necessitar de hemodiálise, em que uma máquina filtra o sangue extracorporeamente. Este tratamento, realizado várias vezes por semana, aumenta a expectativa de vida, no entanto, pode causar complicações permanentes. Programas de reabilitação fisioterapêutica durante a hemodiálise podem melhorar significativamente a qualidade de vida desses pacientes, tratando e prevenindo complicações secundárias. **Objetivo:** Analisar os efeitos da reabilitação fisioterapêutica aplicada em pacientes com DRC durante suas sessões de hemodiálise. **Metodologia:** Trata-se de uma revisão de literatura, realizada de acordo com estudos encontrados em bases de dados como PubMed e Scielo. Selecionou-se ensaios clínicos publicados em língua portuguesa e inglesa, e excluiu-se os estudos que não estavam disponíveis na íntegra. Os estudos foram selecionados pela leitura do título, sendo descartados aqueles que não eram relacionados ao objetivo do trabalho. **Resultados e Discussão:** A reabilitação intradialítica tem mostrado benefícios significativos para pacientes renais crônicos em hemodiálise, de forma a melhorar marcadores de saúde. Programas de exercícios intradialíticos, que incluem atividades resistidas, aeróbicas e combinadas, demonstraram melhorias na força muscular, capacidade funcional, parâmetros cardiovasculares e qualidade de vida. Exercícios aeróbicos moderados a intensos podem reduzir processos inflamatórios e infecciosos, assim como exercícios resistidos aumentam a massa muscular e força. Ademais, programas de exercícios combinados melhoram a capacidade submáxima de exercício e a força muscular. A eletroestimulação e a fotobiomodulação demonstram-se como alternativas promissoras, com benefícios na função muscular e capacidade funcional. A prática de exercícios intradialíticos pode também melhorar a qualidade do sono e reduzir a inatividade física. Entretanto, a efetividade desses programas depende da intensidade, frequência e tipo de exercício aplicado. **Considerações Finais:** A partir da revisão de literatura, conclui-se que as principais intervenções foram exercícios aeróbicos, resistidos, combinados e eletroterapia, que melhoraram força muscular, capacidade funcional, modulação de fatores de risco cardiovasculares, qualidade do sono e biomarcadores inflamatórios. Assim como reduziram hipotensão induzida pela hemodiálise e a sensação de boca seca. Um programa de exercícios intradialíticos, realizado três vezes por semana por pelo menos doze semanas, pode beneficiar pacientes com DRC.

Palavras-chave: Hemodiálise; Reabilitação; Doença Renal Crônica.

REABILITAÇÃO DO ASSOALHO PÉLVICO: ANÁLISE DO IMPACTO NA SAÚDE MATERNA PÓS-PARTO

Manoela Tovo Kinner

Graduanda em Medicina pelo Centro universitário Fundação Assis Gurgacz – FAG, Cascavel, Paraná, Brasil

Manutovokinner@gmail.com

Introdução: Disfunção do assoalho pélvico é uma condição multifatorial que se manifesta, comumente, como incontinência urinária, prolapso dos órgãos pélvicos, dores e preocupações sexuais, reduzindo a qualidade de vida. Com isso, busca-se elucidar os benefícios do treinamento dos músculos do assoalho pélvico para prevenção e redução dos sintomas causados pela disfunção em mulheres no pós-parto. **Objetivo:** Analisar os efeitos da reabilitação do assoalho pélvico na prevenção e tratamento de complicações comuns pós-parto. **Metodologia:** Foi realizada, para esta revisão de literatura narrativa, uma busca ativa na plataforma PubMed, por meio de artigos, pelas palavras-chave: *pelvic floor, rehabilitation, postpartum*. A análise se restringiu a estudos originais em mulheres recém-gestantes, realizados a partir do ano 2000, excluindo revisões de literatura e experiências em animais, totalizando 9 artigos escolhidos. **Resultados e Discussão:** A prática da reabilitação do assoalho pélvico no período pós-gestacional foi associada positivamente à prevenção e tratamento de complicações comuns no pós-parto. Esses resultados foram obtidos mediante estudos que ofereceram treinamento muscular do assoalho pélvico para mulheres, com acompanhamento fisioterapêutico, empregando distintas abordagens. Constatou-se a redução da prevalência de incontinência urinária, principalmente relacionada ao esforço. Além disso, observou-se que o número de mulheres que relataram esvaziamento vesical incompleto e incômodo urinário diminuiu significativamente ao realizarem esses exercícios. Em relação à função muscular, encontrou-se um efeito positivo na força dos músculos do assoalho pélvico, refletindo na melhora do desempenho funcional, aumentando a resistência e contração máxima. Ao analisar os efeitos algícos, os resultados revelam melhorias na dor na região pélvica, especialmente lombo-pélvica, refletindo positivamente na qualidade de vida das mulheres. Observou-se que essa intervenção pode ser uma alternativa para o prolapso inicial dos órgãos pélvicos, já que causou a diminuição dos sintomas decorrentes deste. Associado ao treinamento muscular, o dispositivo Magic Kegel Master melhorou significativamente todos os parâmetros da função sexual. Ademais, os presentes estudos não relataram efeitos negativos para a saúde materna, apenas comprovaram, por meio da comparação entre grupos de treinamento e controle, que esses exercícios podem trazer benefícios. **Conclusão:** Dado o exposto, como nenhum dos estudos analisados relatou efeitos adversos, conclui-se que o treinamento dos músculos do assoalho pélvico, associados ou não a outros meios, no período pós-gestacional, pode ser uma alternativa de tratamento para as complicações comuns pós-parto.

Palavras-chave: reabilitação; saúde materna; assoalho pélvico.



REABILITAÇÃO FISIOTERAPÊUTICA EM PACIENTES COM PARALISIA OBSTÉTRICA DO PLEXO BRAQUIAL

Ana Heloísa Moraes Melo¹; Ana Cristina Vieira da Costa¹; Catrine dos Santos Carvalho¹; Maria Gislene Santos Silva²

Graduanda em fisioterapia pela Universidade Federal do Delta do Parnaíba¹, Doutoranda em Fisioterapia pela Universidade Federal do Delta do Parnaíba²

heloisameloufpi@gmail.com

Introdução: A paralisia obstétrica do plexo braquial (PBO) é definida como um estiramento de raízes neurais durante o parto. Comumente, isso ocorre em decorrência a recém-nascidos considerados grandes para a idade gestacional, as técnicas adotadas durante o parto, dificuldade do bebê ao passar pelo o canal vaginal, anatomia da mãe e a posição do feto. Tal acometimento gera inúmeras incapacidades para o indivíduo pediátrico como, diminuição da força muscular, presença de contraturas/retrações musculares, déficits sensoriais e funcionais. Entre as opções de tratamento mais recomendadas para pacientes com essa lesão inclui a fisioterapia, com o intuito de reabilitar as funções motoras e sensitivas, a fim de melhorar as atividades da vida diária e a qualidade de vida. **Objetivo:** Relatar a abordagem fisioterapêutica em pacientes com a paralisia obstétrica do plexo braquial. **Metodologia:** Trata-se de uma revisão integrativa da literatura, realizada nas bases de dados da Biblioteca Virtual em Saúde, PubMed e EMBASE. Utilizando a metodologia PICo para construir a pergunta de pesquisa, e utilizando os termos descritores (*“Rehabilitation” AND “Physiotherapy” OR “Physiotherapeutic” AND “Neonatal Brachial Plexus Palsy”*). Como critérios de inclusão: Estudo com temática central a reabilitação fisioterapêutica em pacientes com paralisia obstétrica do plexo braquial, estudos experimentais, relatos de caso, revisões e metanálise, escrito em qualquer idioma e publicados nos últimos 5 anos. Os critérios de exclusão foram teses, dissertações, resenha de livros, anais de congressos e trabalhos com inadequação à questão norteadora. **Resultados e Discussão:** Após a leitura de títulos e resumos, restaram 16 artigos para a leitura dos textos completos e excluídos aqueles em duplicidade ou que não responderam às questões do estudo, e selecionados 7 artigos para compor a discussão. A reabilitação fisioterapêutica possui diversas formas, técnicas e recursos como, mobilizações passivas, atividades recreativas, órteses, eletroestimulação e *kinesiotape*, que visam intensificar ao máximo a melhora do membro afetado. Também se destaca a importância da colaboração familiar durante o processo, capacitando-as para uma intervenção constante e regular em contexto domiciliário, proporcionando o tratamento mais humanizado e individualizado. **Conclusão:** Portanto, as abordagens fisioterápicas devem ser instituídas precocemente, para que o recém-nascido não tenha sequelas duradouras, e possibilitar a preparação de uma intervenção fisioterapêutica correta, com o objetivo de proporcioná-lo capacidade funcional mais rápida e eficaz, além de desenvolver suas habilidades físicas e motoras.

Palavras-chave: Paralisia Obstétrica do Plexo Braquial; reabilitação; fisioterapia.



REFLEXO DA ENDOMETRIOSE NA INFERTILIDADE E DESAFIOS PARA UM PLANEJAMENTO FAMILIAR: REVISÃO INTEGRATIVA DE LITERATURA

¹Deborah Ozima Mota Aroso ; ¹Gêmynna Thalita de Sousa Silva. ¹Ana Vitória Dias de Sousa.
² Antonione Santos Bezerra Pinto.

¹ Graduanda em Medicina pelo Instituto de Educação Superior do Vale do Parnaíba (IESVAP).
² Docente do curso de Medicina do Instituto de Educação Superior do Vale do Parnaíba (IESVAP).

+

+

deborah100mota@gmail.com

Introdução: A endometriose é uma condição ginecológica crônica que afeta a qualidade de vida da mulher, uma vez que, o tecido semelhante ao revestimento do útero, chamado endométrio, cresce fora da cavidade uterina. Normalmente, o endométrio é expelido durante a menstruação, entretanto, em pacientes com endometriose, esse tecido pode se acumular em outras áreas do corpo, como nos ovários, trompas de Falópio, intestinos ou outras regiões da pelve, que causa inflamação, dor intensa e, na maioria dos casos, o atraso no diagnóstico reflete na dificuldade de concepção, necessitando de intervenções cirúrgicas para resolução do quadro ou alcança um cenário mais desfavorável, a infertilidade permanente. **Objetivo:** Analisar como a endometriose reflete na infertilidade e seus desafios para um planejamento familiar. **Metodologia:** O estudo trata-se de uma Revisão Integrativa da Literatura que se baseou nos Descritores em Ciências da Saúde: Planejamento familiar, Endometriose, Infertilidade. Foram selecionados trabalhos publicados entre os anos de 2019 a 2023 das bases de pesquisa LILACS e SciELO. Mediante aplicação dos critérios de exclusão e inclusão, foram selecionados 5 artigos que apresentam maior relevância dentre os disponíveis. **Resultados e Discussão:** A endometriose, condição onde o endométrio cresce fora do útero, é uma das principais causas de desafios significativos ao tentar conceber ou de infertilidade feminina, devido a fatores como obstrução das trompas de Falópio, cicatrizes nos órgãos reprodutivos e alterações na qualidade dos óvulos. As dores associadas ao quadro, apesar de impactam na qualidade de vida da paciente, podem ser confundidas com cólicas fisiológicas e levam a demora para investigação da patologia, no qual seu diagnóstico tardio pondera na infertilidade com implicações profundas no planejamento familiar, uma vez que muitas mulheres enfrentam dilemas emocionais ao lidar com a incerteza sobre sua capacidade de ter filhos biológicos e podem ser confrontadas com necessidade de recorrer a procedimentos cirúrgicos para resolução da patologia, tratamentos de fertilidade assistida ou adoção. É necessário destacar que enfrentar a endometriose requer uma abordagem multidisciplinar que envolve médicos especialistas, como ginecologistas, especialistas em fertilidade e psicólogos, para oferecer suporte físico e emocional adequado nos desafios para planejamento familiar. **Conclusão:** É essencial fornecer educação em saúde sobre a endometriose, seus sintomas, importância do diagnóstico precoce e opções de resolução de planejamento familiar frente a essa patologia, para que as mulheres possam tomar decisões informadas sobre sua saúde reprodutiva. Ademais, é válido ressaltar que é necessário uma abordagem multidisciplinar e apoio emocional durante o processo.

Palavras-chaves: Endometriose; Planejamento Familiar; Infertilidade.



RELAÇÃO CLÍNICA ENTRE CLIMATÉRIO E OSTEOPOROSE: REVISÃO DE EVIDÊNCIAS RECENTES E ABORDAGENS TERAPÊUTICAS

Lara Pereira Tavares Cunha¹; Lívia Castro de Sá Lima¹; Ludmyla da Silva Freitas¹; Jéssica Fernandes Carvalho¹; Kauã Paulino dos Santos¹; Laís Netto Borges¹; Danillo Paulo da Silva Vitalino^{1, 2, 3, 4, 5, 6}

Graduanda(o) em Medicina pela Universidade Federal de Catalão - UFCat¹, Cirurgião-dentista graduado pelo Centro Universitário de Goiatuba - Unicerrado², Pedagogo graduado pelo Centro Universitário de Goiatuba³, Especialista em Docência do Ensino Superior e Metodologias Ativas de Aprendizado pela Faculdade Descomplica⁴, Especialista em Tecnologias Aplicadas à Educação pela Faculdade Descomplica⁵, Pós-graduando em Docência em Ciências da Saúde pela Faculdade Iguazu⁶.

lara_cunha@discente.ufcat.edu.br

Introdução: A relação clínica entre o climatério e a osteoporose é um campo de grande interesse na saúde da mulher, especialmente devido ao aumento da expectativa de vida e à prevalência dessas condições. O climatério, período de transição da fase reprodutiva para a não reprodutiva na vida da mulher, é marcado por uma diminuição significativa na produção de hormônios ovarianos, especialmente o estrogênio. Essa alteração hormonal tem sido fortemente associada ao desenvolvimento da osteoporose, uma condição caracterizada pela redução da massa óssea e aumento do risco de fraturas.

Objetivo: Este estudo visa analisar a relação entre o climatério e a osteoporose, destacando os mecanismos fisiopatológicos envolvidos e as estratégias de prevenção e tratamento baseadas em evidências recentes. **Metodologia:** Foram revisados artigos científicos publicados entre 2022 e 2024, disponíveis em bases de dados como PubMed, SciELO e Scopus, utilizando os descritores "climatério", "osteoporose" e "saúde da mulher". Inicialmente, foram encontrados 37 artigos relevantes. Após a aplicação dos critérios de inclusão e exclusão, 18 artigos foram selecionados para a escrita deste estudo. Os critérios de inclusão foram: estudos clínicos e revisões sistemáticas publicadas em periódicos revisados por pares, focados na relação entre climatério e osteoporose, e estudos com dados sobre estratégias de prevenção e tratamento. Os critérios de exclusão incluíram: estudos com amostras não humanas, artigos de opinião, e publicações em idiomas que não o português ou inglês. **Resultados e Discussões:** A revisão da literatura indica que a deficiência de estrogênio durante o climatério é um fator crítico na diminuição da densidade mineral óssea. Estudos recentes demonstram que a queda nos níveis de estrogênio acelera o processo de reabsorção óssea ao mesmo tempo que diminui a formação óssea, resultando em uma perda anual de densidade óssea que pode variar de 2% a 5% nos primeiros anos após a menopausa. A terapia de reposição hormonal (TRH) tem sido amplamente estudada e continua a ser uma estratégia eficaz na prevenção da osteoporose pós-menopáusia. Alternativas à TRH, como o uso de bisfosfonatos e a modulação seletiva dos receptores de estrogênio (SERMs), também têm mostrado eficácia em estudos recentes. **Considerações Finais:** A relação entre o climatério e a osteoporose é clara e respaldada por evidências robustas. A identificação precoce das mulheres em risco e a implementação de medidas preventivas e terapêuticas são cruciais para a mitigação dos impactos da osteoporose. Embora a TRH seja eficaz, a individualização do tratamento é essencial, considerando os potenciais efeitos adversos.

Palavras-chave: climatério; osteoporose; saúde da mulher.

RELAÇÃO DA DISBIOSE DA FLORA VAGINAL COM O DESENVOLVIMENTO DAS VAGINOSSES E VAGINITES

Iago dos Santos Beserra¹; Daniel Oliveira Mendonça¹; José Lucas Santos Bezerra¹;
José Humberto Belmino Chaves²;

Graduando em medicina pela universidade federal de alagoas¹, Doutor em bioética e ética medica pela universidade do porto – Portugal; Professor associado de ginecologia da universidade Federal de Alagoas²

Iago.beserra@famed.ufal.br

Introdução: As vaginoses e vaginites são responsáveis por aproximadamente 40% das consultas ginecológicas. Essas duas condições têm em comum a secreção vaginal anormal e a disbiose da flora vaginal. Nas vaginoses não estão presentes sinais de inflamação, enquanto nas vaginites esses sinais estão presentes. **Objetivo:** Investigar como o processo de disbiose da flora vaginal leva ao surgimento das vaginoses e vaginites. **Metodologia:** Realizar uma revisão da literatura a partir de fonte de dados, utilizando-se as plataformas de dados Pubmed e MedLine, com os descritores “vaginites”, “vaginoses” “disbiose da flora vaginal” com o operador booleano “AND”. Na seleção dos estudos foram encontrados 37 artigos que faziam alusão aos temas, sendo eleitos 15 artigos na sua integralidade. Os critérios de inclusão foram artigos originais publicados na última década, em idioma inglês, buscando analisar como a alteração da flora vaginal leva ao desenvolvimento da vaginose citolítica, candidíase vaginal, vaginite descamativa inflamatória, vaginose bacteriana, vaginite atrófica e a tricomoníase. Para a coleta de dados, os artigos identificados pela estratégia de busca inicial foram avaliados independentemente do fator de impacto da revista publicada. **Revisão bibliográfica:** As vaginoses e as vaginites estão diretamente relacionadas a processos de disbiose da flora vaginal. Fatores como alterações hormonais, má higiene, inconfidência no uso de preservativo e tabagismo são eventos que contribuem para esse processo de disbiose, em função da alteração no número de lactobacilos presente no ecossistema vaginal. O aumento do número desses microrganismos provoca uma diminuição do PH vaginal (PH < 4,5), por meio da produção de ácido láctico e peróxido de hidrogênio, provocando assim um aumento da acidez vaginal que predispõe a condições como a vaginose citolítica, candidíase vaginal e a vaginite descamativa inflamatória. Em contraponto a isso, a diminuição dos lactobacilos acarreta uma diminuição na produção de ácido láctico e peróxido de hidrogênio, promovendo um aumento do PH vaginal (PH > 4,5), facilitando o surgimento de condições como a vaginose bacteriana e a tricomoníase. Além desses quadros relacionados com essa disbiose da flora vaginal, foi relatado também a vaginite atrófica, condição relacionada com a diminuição do nível de estrógeno, promovendo perda de elasticidade tecidual e processos descamativos da mucosa vaginal. **Conclusão:** Pode-se observar, a partir dessa revisão da literatura, que o processo de disbiose da flora vaginal merece mais aprofundamento, parece haver muito mais aspecto relacionado a disbiose e o surgimento das vaginoses e vaginites.

Palavras chaves: vaginoses; vaginites; disbiose.



RELAÇÃO DO ALEITAMENTO MATERNO COM A FONOAUDIOLOGIA

Iasmim Corrêa de Souza¹; Carla Marcelli Medeiros Ramos²; Lohanny Vitória Morais Borges³;
Luzianne Fernandes de Oliveira⁴

Graduando em fonoaudiologia pela Universidade do Estado do Pará^{1,2,3}
Docente do Curso de Fonoaudiologia da Universidade do Estado do Pará⁴

✦ ✦
iasmimfox09@gmail.com

Introdução: O aleitamento materno é o ato de alimentar um bebê com leite materno. É uma prática fundamental para o bom desenvolvimento da criança desde seu nascimento, fornecendo benefícios nutricionais, imunológicos e emocionais que contribuem para o bem-estar da criança. Os fonoaudiólogos têm um papel fundamental na avaliação e intervenção de bebês com dificuldades na sucção, deglutição e mastigação. Dessa forma, a fonoaudiologia desempenha um papel crucial no contexto do aleitamento materno. **Objetivo:** Este estudo tem como objetivo investigar e descrever o papel do fonoaudiólogo na promoção do aleitamento materno, com ênfase no suporte às mães para superar desafios relacionados à amamentação. **Metodologia:** Trata-se de uma revisão integrativa da literatura com abordagem descritiva, cujo levantamento bibliográfico foi feito nas bases de dados das plataformas: Google acadêmico e Biblioteca Virtual em Saúde (BVS), no período de 2019 a 2023. Foram usados os descritores de busca como palavras-chave: “Aleitamento materno AND Fonoaudiologia”, “Importância do fonoaudiólogo AND Aleitamento materno”, “Contribuições fonoaudiológicas AND Aleitamento materno”, foi empregado o operador booleano para restringir e direcionar a busca. Como critério de inclusão ponderou-se: artigos na íntegra no idioma português, excluindo aqueles não relacionados à temática, em idiomas fora do selecionado e em outros formatos. **Resultado e discussão:** Foram selecionados o total de 9 artigos, por meio da busca com os descritores, seguindo os critérios de inclusão e exclusão. Estes mostram que o aleitamento materno é amplamente reconhecido como a forma mais saudável e nutritiva de alimentação para o bebê, desde os primeiros meses de vida. Esse ato estabelece um vínculo emocional e afetivo entre a mãe e o filho, promovendo um senso de segurança e conforto para a criança. Durante o período de amamentação, os fonoaudiólogos podem auxiliar as mães e os bebês em casos de dificuldades na pega correta, problemas de sucção, mal posicionamento da língua do bebê, entre outros. Podem fornecer orientações para as mães sobre posições adequadas para amamentar e técnicas que promovam uma alimentação saudável e eficiente. Além disso, a fonoaudiologia desempenha um papel importante na identificação e intervenção precoce em casos de disfagia infantil. **Conclusão:** Portanto, conclui-se que, a fonoaudiologia está intrinsecamente ligada ao aleitamento materno, atuando na promoção da saúde da criança, na orientação das mães e no suporte para superar possíveis desafios relacionados à amamentação e à alimentação infantil. Desse modo, a abordagem multidisciplinar entre fonoaudiólogo, pediatra e outros profissionais de saúde é essencial para garantir uma boa amamentação.

Palavras-chave: Aleitamento materno; Fonoaudiologia; Contribuições fonoaudiológicas.

RELAÇÃO ENTRE RESISTÊNCIA À INSULINA E DIABETES MELLITUS TIPO 2 EM MULHERES COM SOP

Victoria Karolline Silva Rodrigues¹; Renê Humberto Rodrigues²

Graduanda do Curso de Graduação em Enfermagem Bacharelado/Licenciatura pela Universidade Federal de Uberlândia – UFU¹, Graduação em Enfermagem Bacharelado pela Universidade Presidente Antônio Carlos - UNIPAC²

victoriaksr@ufu.br

Introdução: A síndrome dos ovários policísticos (SOP) é uma condição endócrina que afeta uma parcela significativa das mulheres em idade reprodutiva, apresentando desafios tanto metabólicos quanto reprodutivos. A resistência à insulina emerge como um elo crítico entre a SOP e o risco aumentado de diabetes mellitus tipo 2 (DM2), especialmente em pacientes com excesso de peso. Este estudo revelou mecanismos complexos e interconectados que governam essa relação, destacando a importância de uma abordagem terapêutica multifacetada. **Objetivo:** Este estudo tem como objetivo aprofundar a compreensão da interação entre a resistência à insulina e a SOP, com um foco particular na identificação de estratégias terapêuticas personalizadas. Buscamos elucidar os mecanismos moleculares e genéticos que contribuem para o risco elevado de DM2 em pacientes com SOP, visando desenvolver intervenções mais eficazes que possam melhorar a qualidade de vida e os resultados clínicos dessas pacientes. **Metodologia:** Foi realizada uma revisão sistemática na base de dados PubMed usando as palavras-chave "insulin resistance", "type 2 diabetes mellitus" e "polycystic ovary syndrome". A busca inicial resultou em 284 artigos, dos quais 41 foram selecionados. Uma análise detalhada desses artigos foi realizada, avaliando a qualidade metodológica, a relevância dos resultados e a aplicabilidade das descobertas para o objetivo de pesquisa, resultando na seleção final de 8 artigos. **Resultados e Discussões:** A relação entre SOP e resistência à insulina é complexa e envolve múltiplos fatores. A resistência à insulina contribui para sintomas como hiperandrogenismo e irregularidades menstruais em pacientes com SOP, mas não é uma característica presente em todas. A metformina, um medicamento que melhora a sensibilidade à insulina, tem mostrado benefícios no tratamento da SOP, mas sua eficácia pode ser limitada e relacionada à perda de peso. Mecanismos moleculares, como a fosforilação da serina do receptor de insulina, são importantes na resistência à insulina e na regulação da síntese de andrógenos. A SOP e o DM2 têm predisposições genéticas em comum, e disfunções nas células beta pancreáticas e tolerância anormal à glicose são observadas em mulheres com SOP, indicando que o DM2 pode surgir precocemente em indivíduos geneticamente predispostos e com resistência à insulina. **Conclusões:** A SOP é uma condição complexa que exige um tratamento personalizado, levando em conta a resistência à insulina, hiperandrogenismo e risco de DM2. A metformina é um tratamento chave, mas outras opções e estratégias devem ser consideradas individualmente. Pesquisas contínuas são cruciais para compreender melhor os mecanismos da SOP e desenvolver tratamentos mais eficazes.

Palavras-chave: insulin resistance; type 2 diabetes mellitus; polycystic ovary syndrome.

RELAÇÃO ENTRE TERAPIA DE REPOSIÇÃO HORMONAL NA MENOPAUSA E O DESENVOLVIMENTO DE NEOPLASIA

Lara Pinheiro Pessoa Rabelo¹; Luma Rodrigues Picanço¹; Davi Alves Ferreira¹; Milena Silva Costa²

Graduando em Medicina pela Universidade Federal do Cariri¹, Professora adjunta da Universidade Federal do Cariri²

lara.rabelo@aluno.ufca.edu.br

Introdução: A diminuição acentuada dos níveis de estrogênio na menopausa pode causar incômodos que afetam a vida diária. Mais de 75% das mulheres apresentam sintomas desde o climatério. Mulheres têm recusado a Terapia de Reposição Hormonal (TRH) na menopausa após uma publicação da Women's Health Initiative (WHI), em 2002, na qual relatou que o uso de estrogênio mais progesterona (E + P) estava associado a um risco aumentado de câncer de mama. Estudos sobre esse tema são importantes para confirmar a relação entre a TRH e o desenvolvimento de neoplasias. **Objetivo:** Descrever a relação entre a TRH e o desenvolvimento de câncer. **Metodologia:** Trata-se de uma revisão de literatura, realizada no mês de maio de 2024, para a consulta de artigos científicos publicados sobre esse objeto de estudo, na base de dados Pubmed e BVS, nos últimos cinco anos. Para a consulta, utilizou-se os descritores: menopausa, terapia de reposição hormonal e câncer de mama. Após a busca, foram selecionados 9 artigos científicos que embasaram este estudo. **Resultados e Discussão:** Embora a terapia hormonal seja utilizada para tratar alguns sintomas do climatério, ela pode originar outras implicações ponderais para a saúde feminina. O uso de estrogênio aumenta a incidência de câncer endometrial, o qual é normalmente mitigado pela adição de progestina para contrapor ao estrogênio, mas essa adição pode aumentar o risco de câncer de mama em relação à monoterapia com estrogênio. Comparado com nunca usar a terapia de reposição hormonal na menopausa, o uso de monoterapia com estrogênio foi associado a reduções significativas de risco na mortalidade, câncer de mama, câncer de pulmão, câncer colorretal, insuficiência cardíaca congestiva (ICC) e infarto agudo do miocárdio. Por outro lado, o uso de terapia combinada de estrogênio e progesterona foi associada ao aumento do risco de câncer de mama, mas esse risco pode ser mitigado usando baixas doses de progestina E+ transdérmica ou vaginal. Além disso, a progestina E+ exibiu reduções de risco significativas no câncer endometrial, câncer de ovário e ICC. **Conclusão:** A TRH na menopausa, principalmente (E+P), pode contribuir para o desenvolvimento de neoplasias mamárias, mas a sua ausência também pode predispor a outras malignidades. O objetivo da TRH na menopausa é usar a dose mais baixa, pelo menor tempo possível, para controlar os sintomas do climatério.

Palavras-chave: menopausa; terapia de reposição hormonal; câncer de mama.



**RELAÇÃO ENTRE TRANSTORNOS DE ANSIEDADE E COMPLICAÇÕES
OBSTÉTRICAS: REVISÃO DE ESTUDOS RECENTES**

Lais Netto Borges¹; Lara Pereira Tavares Cunha¹; Livia Castro de Sá Lima¹; Ludmyla da Silva Freitas¹; Jéssica Fernandes Carvalho¹; Kauã Paulino dos Santos¹; Danillo Paulo da Silva Vitalino^{1,2,3,4,5,6}

Graduanda(o) em Medicina pela Universidade Federal de Catalão - UFCat¹, Cirurgião-dentista graduado pelo Centro Universitário de Goiatuba - Unicerrado², Pedagogo graduado pelo Centro Universitário de Goiatuba³, Especialista em Docência do Ensino Superior e Metodologias Ativas de Aprendizado pela Faculdade Descomplica⁴, Especialista em Tecnologias Aplicadas à Educação pela Faculdade Descomplica⁵, Pós-graduando em Docência em Ciências da Saúde pela Faculdade Iguaçú⁶.

laisnetto1@hotmail.com

Introdução: Os transtornos de ansiedade são uma preocupação crescente na saúde mental das mulheres grávidas, afetando tanto o bem-estar psicológico quanto os resultados obstétricos. Estudos têm sugerido uma possível ligação entre ansiedade materna e complicações durante a gravidez e o parto, mas as evidências ainda são conflitantes. Este resumo busca esclarecer essa relação à luz de pesquisas recentes.

Objetivo: O objetivo deste estudo é analisar a relação entre transtornos de ansiedade e complicações obstétricas, com base em pesquisas publicadas de 2022 em diante. Buscamos identificar as principais complicações associadas à ansiedade materna e discutir possíveis mecanismos subjacentes.

Metodologia: Foi realizada uma revisão sistemática da literatura utilizando bases de dados de saúde como PubMed, Scopus e Web of Science. Foram encontradas 312 publicações, das quais 25 foram selecionadas para análise detalhada. Os critérios de inclusão foram: artigos publicados entre 2022 e 2024, estudos originais, revisões sistemáticas e metanálises que abordassem a relação entre ansiedade e complicações obstétricas. Foram excluídos artigos em idiomas diferentes do inglês e português, estudos com amostras não representativas e aqueles que não apresentavam dados empíricos claros.

Resultados e Discussão: A análise dos 25 artigos revelou uma associação significativa entre transtornos de ansiedade e várias complicações obstétricas, incluindo parto prematuro, baixo peso ao nascer, pré-eclâmpsia e cesarianas de emergência. Um estudo de coorte com 2.500 gestantes mostrou que mulheres com ansiedade clínica tinham 1,5 vezes mais chances de parto prematuro. Outro estudo apontou um risco aumentado de 30% para pré-eclâmpsia em mulheres ansiosas. A discussão sugere que a ansiedade pode influenciar os resultados obstétricos através de mecanismos como o aumento dos níveis de cortisol e outras respostas fisiológicas ao estresse. No entanto, os autores destacam a necessidade de mais estudos longitudinais para estabelecer causalidade e investigar intervenções eficazes.

Considerações finais: As evidências sugerem substancialmente que os transtornos de ansiedade estão associados a complicações obstétricas adversas. A identificação e o tratamento da ansiedade durante a gravidez podem ser cruciais para melhorar os resultados tanto para a mãe quanto para o bebê. Futuros estudos devem focar em intervenções específicas e estratégias de mitigação para reduzir os impactos negativos da ansiedade materna nas complicações obstétricas.

Palavras-chave: transtornos de ansiedade; complicações na gravidez; saúde mental materna.

RELATO DE EXPERIÊNCIA A UMA GESTANTE UTILIZANDO PROCESSO DE ENFERMAGEM BASEADO NA TEORIA DE OREM

Antonia Janielly Negreiros de Moraes¹; Sávio Diego Gomes da Silva²; Alysan Gomes de Vasconcelos³; Wendel de Alcântara Mendes⁴; Gabrielle Oliveira Azevedo Fontes⁵; Leidiane Carvalho de Aguiar⁶; Rodrigo Marques Damasceno⁷; Francisca Samila Pinto Romão⁸

Graduada em enfermagem pela Universidade Estadual Vale do Acaraú¹; Graduado em medicina pelo Centro Universitário Uninovafapi²; Graduada em enfermagem pelo Centro Universitário Inta³; Graduado em medicina pela Universidade de Fortaleza⁴; Graduada em enfermagem pelo Centro Universitário Inta⁵; Graduada em psicologia pela Universidade Federal do Ceará⁶; Graduado em enfermagem pelo Centro Universitário Inta⁷; Graduada em enfermagem pela Universidade Estadual Vale do Acaraú⁸

gabrielle.azzevedof@gmail.com

Introdução: A adolescência é uma fase da vida humana caracterizada por um conjunto de transformações sócio psicológicas e anátomo-metabólicas, deixando o indivíduo exposto a um modelo de vida até então desconhecido, de certa forma vulnerável, mas ao mesmo tempo estabelecendo padrões comportamentais e sonhos que permearão toda a vida. O autocuidado constitui-se de ações que visam o cuidado de si, o atendimento de necessidades e o alcance de bem-estar. **Objetivos:** Relatar a experiência de estudantes de enfermagem e medicina sobre os cuidados de enfermagem/medicina junto a uma gestante de alto-risco, baseado nos aspectos Teoria do Autocuidado de Orem. **Metodologia:** Trata-se de um relato de experiência de abordagem qualitativa, realizada no período de 18 a 28 de maio de 2023 no interior do Ceará, em um Centro de Saúde da Família que é responsável pelas ações de saúde voltadas para a população da área de sua abrangência, o bairro centro. Teve como referencial teórico a teoria do autocuidado, desenvolvida por Dorothea Elizabeth Orem, já que os conceitos e estratégias abordadas por essa teoria possuem afinidade e aplicabilidade com o estudo com um paciente que tinha hipertensão arterial. Foi aplicado a assistência de enfermagem com um plano de cuidado frente aos diagnósticos de NANDA. **Resultados:** No decorrer da implementação da assistência em saúde e a sua avaliação, constatou-se que muitas vezes o paciente não está consciente da importância da realização do autocuidado para a manutenção da sua vida, saúde e bem-estar. Nesse caso em particular, a paciente, em algumas ocasiões, era conhecedora dessa necessidade. Porém, necessitava ser orientada e incentivada a executá-lo. Observou-se, também, que não é utópico desenvolvimento do autocuidado pela paciente, e que isto envolve, acima de tudo, decisão da mesma. Pode-se dizer que, com sucesso, a meta primordial deste estudo, que foi levar a paciente a realizar o autocuidado, foi alcançada. **Conclusão:** A gravidez na adolescência é um problema que poderia ser evitado, pois apesar da atividade sexual pelos jovens ser cada vez mais precoce, se o adolescente tivesse uma melhor instrução de como se prevenir ou mesmo saber o quão importante é a gravidez, esse risco possivelmente diminuiria. A utilização da teoria fortaleceu o processo de enfermagem e o atendimento às necessidades da gestante. Destaca-se a atuação do enfermeiro, priorizando seu papel de educador, de forma a incentivar, proporcionar conhecimento e orientação para o autocuidado, demonstrando sua compatibilidade com a sistematização da assistência de enfermagem.

Palavras-chave: gestante; autocuidado; atenção básica



**RELATO DE EXPERIÊNCIA DE ATIVIDADE EDUCATIVA SOBRE A CAMPANHA
OUTUBRO ROSA: PREVENINDO O CÂNCER DE MAMA**

Luana Alves de Melo¹; Lara Helen Lemos de Oliveira²; Hanna Grazielli Silva³; Ana Vitória Costa Lima⁴; Thamires dos Santos Ferreira⁵; Emanuely Vieira Pereira⁶

Graduanda em enfermagem pela Universidade Regional do Cariri¹, Graduanda em Enfermagem pela Universidade Regional do Cariri², Graduanda em enfermagem pela Universidade Regional do Cariri³, Graduanda em enfermagem pela Universidade Regional do Cariri⁴, Especialista em Enfermagem na Atenção Primária com Ênfase na Estratégia Saúde da Família pela Faculdade Holística⁵, Doutoranda em Cuidados Clínicos em Enfermagem pela Universidade Estadual do Ceará⁶

e-mail: luana.alvesmelo@urca.br

Introdução: O câncer de mama constitui um dos cânceres mais incidentes no Brasil, depois do câncer de pele, e também, é o que causa mais mortes por câncer em mulheres, de acordo com o Instituto Nacional de Câncer. Diante disso, torna-se imprescindível as ações de promoção à saúde para sensibilizar as mulheres em relação à adoção das medidas de prevenção. **Objetivo:** Relatar a experiência de atividade de promoção da saúde sobre prevenção do câncer de mama vinculada a campanha Outubro Rosa. **Metodologia:** Trata-se de um relato de experiência, oriundo de uma ação educativa sobre o Outubro Rosa promovida pelas extensionistas do Projeto de Extensão “Prevenção de Violência Obstétrica no Parto Institucionalizado”. A ação ocorreu no mês de outubro de 2023, com seis mulheres que estavam na sala de espera da Unidade Básica de Saúde Jardim Óasis, em Iguatu, Ceará. Para a ação, as extensionistas utilizaram papéis com frases sobre o câncer de mama, mamas de crochê para demonstração do autoexame como estratégia de autoconhecimento corporal e laço rosa. A ação teve duração de 30min e visou sensibilizar o público feminino acerca da importância da adesão aos cuidados preventivos do câncer de mama. **Resultados:** Utilizou-se como estratégia de ensino-aprendizagem a metodologia expositiva dialogada, permitindo que as mulheres partilhassem seus saberes e dúvidas ao decorrer da atividade. Foram abordados diversos pontos sobre o câncer de mama, respectivos com a sua ordem de escolha pelas participantes, como: conceito, sinais e sintomas, dados epidemiológicos, formas de prevenção, indicações e periodicidade para realização da mamografia, e alguns mitos sobre o câncer. No decorrer da atividade educativa, algumas mulheres relataram desconhecer algumas das informações abordadas sobre o câncer de mama, bem como partilharam suas experiências e saberes. Demonstrou-se o autoexame das mamas com o uso das mamas de crochê. **Conclusão:** As extensionistas sentiram-se satisfeitas com o engajamento das mulheres na atividade, e observaram que faz-se necessária a realização de educação em saúde na comunidade para ampliar o conhecimento da população e incentivar a promoção da saúde, visto que a explanação e as atividades executadas a respeito do tema, contribuíram significativamente com o aprendizado das mulheres sobre a temática.

Palavras-chave: câncer de mama; enfermagem; promoção da saúde.

RELATO DE EXPERIÊNCIA DE ATIVIDADE EDUCATIVA SOBRE PLANO DE PARTO

Hanna Grazielli Silva¹; Lara Helen Lemos de Oliveira²; Luana Alves de Melo³; Thamires Dos Santos Ferreira⁴; Emanuely Vieira Pereira (orientadora)⁵

Graduanda em enfermagem pela Universidade Regional do Cariri¹, Graduanda em enfermagem pela Universidade Regional do Cariri², Graduanda em enfermagem pela Universidade Regional do Cariri³, Especialista em Enfermagem na Atenção Primária com Ênfase na Estratégia Saúde da Família pela Faculdade Holística⁴, Doutoranda em Cuidados Clínicos em Enfermagem e Saúde pela Universidade Estadual do Ceará⁵

e-mail: lara.helen@urca.br

Introdução: O Plano de Parto constitui instrumento recomendado pelo Ministério da Saúde, que registrado em cartório, possui caráter legal. Este descreve todos os desejos e vontades da mulher para o seu trabalho de parto e parto. **Objetivo:** Relatar a experiência da atividade educativa sobre a utilização do Plano de Parto como instrumento na assistência obstétrica. **Metodologia:** Trata-se de relato de experiência desenvolvida por extensionistas do Projeto de Extensão “Prevenção a Violência Obstétrica no Parto Institucionalizado” em julho de 2023 na Unidade Básica de Saúde Jardim Óasis localizada no município de Iguatu, Ceará. A atividade ocorreu na sala de espera para consulta de pré-natal e teve duração de duas horas. Utilizou-se de um folder intitulado de “meu plano de parto” que continham perguntas e lacunas para as respostas que correspondessem às vontades e desejos da gestante para o momento do parto. Inicialmente, foi questionado o conhecimento das gestantes acerca do plano de parto e sua importância, em segundo momento foram explanadas as explicações sobre quais informações continham o folder e como preenchê-lo. O folder foi construído pelas extensionistas pela plataforma CANVA, e continham informações como: preferência do tipo parto; se mulher permitia ou não a episiotomia, se ela gostaria ou não da presença do acompanhante e entre outros vontades, desejos e preferências. O folder pode ser preenchido em torno de 60 minutos. **Resultados:** Participaram seis mulheres grávidas, que inicialmente afirmaram não conhecer e não saber como preencher o plano de parto. Essas demonstraram interesse e disposição em conhecer e preencher esse instrumento. Consoante a isto, utilizou-se da metodologia expositiva dialogada que permitiu a interação das gestantes para esclarecer dúvidas e possibilitar o compartilhamento de saberes. Ao final da apresentação, as acadêmicas distribuíram folders e deram orientações de como e com quem preencher. As extensionistas sentiram-se satisfeitas com o engajamento das mulheres gestantes na atividade, e observaram que faz-se necessário a realização de educação em saúde na comunidade para maior obtenção de conhecimento da população. **Conclusão:** A ação educativa em saúde desenvolvida contribuiu significativamente no aprendizado das mulheres gestantes sobre a temática, ao passo que a metodologia utilizada possibilitou interação e esclarecimento de dúvidas.

Palavras-chave: enfermagem, gestantes, plano de parto.



**REPERCURSÕES DA VIOLÊNCIA DOMÉSTICA NA SAÚDE MENTAL DAS MULHERES –
UMA REVISÃO BIBLIOGRÁFICA**

Michael Ítalo Parente de Sena¹; Juvêncio César Lima de Assis²

Especialista em Saúde da Família e Comunidade pela Escola de Saúde Pública do Ceará¹, Mestrando em Saúde e Sociedade pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte-UERN²

+ italopsm@hotmail.com

Introdução: A violência contra a mulher tem impactos físicos e mentais decorrentes de uma cultura de submissão. É praticada em contextos privados e gera problemas de saúde mental, como o Transtorno do Estresse Pós-Traumático (TEPT). A violência doméstica causa baixa autoestima, depressão e ansiedade, mesmo com medidas de proteção existentes. As vítimas sofrem consequências significativas em sua saúde mental, refletindo a visão histórica da mulher como frágil e submissa. Mesmo as mulheres financeiramente independentes muitas vezes dependem emocionalmente dos homens. **Objetivo:** Identificar as consequências que a violência doméstica acarreta na saúde mental de mulheres. **Metodologia:** A amostra desse estudo foi constituída com artigos disponibilizados no formato completo, escritos na língua portuguesa entre os anos de 2018 à 2023, disponíveis em base de dados eletrônicas Medline, Lilacs e SciELO, que em seu contexto apresente relação com os objetivos do presente estudo. A estratégia de busca incluiu palavras-chave como "Violência doméstica", "Saúde mental" e "Violência contra as mulheres" Foram excluídos os artigos em duplicata e aqueles que não atenderam aos objetivos da pesquisa. Foram encontrados 72 artigos, 30 foram considerados elegíveis, após leitura minuciosa, apenas 11 alinharam-se aos objetivos da pesquisa. **Resultados e Discussão:** A violência contra a mulher abrange danos físicos, repressão da vida social, abalo psicológico e submissão, refletindo a ideia de domínio masculino. Estudos revelam que as vítimas sofrem consequências como cefaleia, náuseas, insegurança, estresse, depressão e dificuldades em relacionamentos. Além disso, a violência sexual muitas vezes ocorre por meio de força ou medo, afetando a qualidade de vida e a saúde mental das vítimas. TEPT e depressão são frequentes em vítimas de violência doméstica, impactando significativamente sua saúde mental e física. É crucial a detecção precoce de transtornos mentais e fatores de risco, bem como a integração do jurídico com a saúde para proteger e apoiar as vítimas, visando prevenir danos à saúde mental causados pela violência contra a mulher, que é um problema de saúde pública que afeta toda a sociedade. **Considerações Finais:** A violência doméstica tem sérios impactos na saúde mental das mulheres, além de danos físicos, causando repressão social, abalo psicológico e submissão. A violência afeta muitas mulheres globalmente, sendo considerada uma epidemia que necessita de combate urgente. As vítimas enfrentam frequentemente sintomas como ansiedade, insônia, depressão e pensamentos suicidas. É crucial promover mais estudos e discussões para desafiar o sistema prejudicial à vida das mulheres.

Palavras-chave: violência doméstica; saúde mental; violência contra as mulheres.



RESSIGNIFICANDO TRAUMA: USO DE TÉCNICAS NÃO FARMACOLÓGICAS NA ASSISTÊNCIA AO PARTO.

Ruan Carlos Dias Santos¹; Luine Martins Maia de Alencar²; Kleyse Marcelly Santos Silva³

Especialista em Saúde da Família pela Universidade Estadual de Santa Cruz¹, Especialista em Saúde da Família pela Universidade Estadual de Santa Cruz², Graduada em Enfermagem pelo Centro Universitário UNIFTC³.

ruan-c-d-s@hotmail.com

Introdução: A gestação, é uma condição natural e fisiológica à mulher, possibilitando o desenvolvimento de um embrião após a fecundação de um óvulo. Neste cenário, o parto e o parir estão intimamente ligados e durante anos este processo vem passando por inúmeras transformações sendo a principal, a migração do domicílio para o hospital. No histórico da parturição, as mulheres eram protagonistas deste momento, esperando o processo acontecer de maneira natural. Com a evolução das práticas, e a migração dos partos para o hospital, o TP passou a ser associado a uma condição patológica que causava à parturiente longos períodos de dor e sofrimento. **Objetivo:** Analisar na literatura a utilização de técnicas não farmacológicas para alívio da dor durante o trabalho de parto. **Metodologia:** Estudo bibliográfico, de caráter descritivo, e do tipo revisão da literatura, O levantamento dos dados foi realizado entre os meses de janeiro e fevereiro de 2024 tendo como base de dados, *Scientific Electronic Library Online* (SciELO). Os critérios para inclusão foram: artigos completos e publicados no período entre 2019 e 2023 que estivessem de acordo com a necessidade deste trabalho, e para exclusão: obras que não obedecia ao objetivo do trabalho ou estavam fora do período determinado, além de obras incompletas ou duplicadas. **Resultados e discussão:** Com a introdução de práticas humanizadas na assistência ao parto, o Brasil adota um modelo de assistência integral, considerando os aspectos biopsicossocial, e assim, passam a valorizar métodos complementares como, as práticas não medicamentosas para a diminuição da dor no TP. Estas técnicas devolvem à mulher o protagonismo respeitando sua individualidade e desejos. Dentre as práticas mais utilizadas estão: acupressão, auriculoterapia, aromaterapia, bola suíça, exercício respiratório, massagem, métodos térmicos e banho de aspersão que são descritas como alternativas seguras, de baixo custo, e que não trazem efeitos colaterais maternos ou fetais. De acordo com o potencial benéfico tem-se: alívio da dor e ansiedade, promove relaxamento e estimula o bem-estar, acelera o processo do parto, bem como de amadurecimento cervical e contribui com a descida do feto. **Conclusão:** A utilização de terapias complementares durante o trabalho de parto torna-se importante não apenas para o alívio da dor mas, por se tratar de métodos seguros e efetivos que contribuem para a oferta de uma vivência menos traumática e mais humanizada, devolvendo o protagonismo as mulheres.

Palavras-chave: Dor do parto; Terapias complementares; Trabalho de parto.

RISCOS *VERSUS* BENEFÍCIOS DO USO DO MISOPROSTOL PARA INDUÇÃO DO PARTO

Maria Beatriz Pereira de Souza¹; Jardeliny Corrêa da Penha²

Graduando em Enfermagem pela Universidade Federal do Piauí¹, Docente do curso de Enfermagem da Universidade Federal do Piauí²

bêatrizperreira12@gmail.com

Introdução: A prática da indução do parto é recomendada objetivando a redução da mortalidade materna e perinatal. Os métodos mais utilizados para essa prática são os farmacológicos, como por exemplo, o misoprostol. O misoprostol vem sendo utilizado como *off-label* para indução do parto. Dessa forma, vê-se a necessidade de avaliar seus benefícios e efeitos adversos que podem acontecer à gestante. **Objetivo:** Avaliar os riscos e benefícios do uso do misoprostol para a indução do parto. **Metodologia:** Trata-se de uma revisão integrativa de literatura, realizado em maio de 2024, em que foi utilizada a seguinte pergunta norteadora: “Quais os riscos e os benefícios o misoprostol apresenta às mulheres na indução do parto?”. A coleta dos dados foi realizada através das bases de dados PubMed e Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciências da Saúde (LILACS), *Medical Literature Analysis and Retrieval System Online* (MEDLINE) e a Base de Dados de Enfermagem (BDENF) via Biblioteca Virtual de Saúde (BVS), foram utilizados os Descritores em Ciências da Saúde (DECS): ‘Terapias complementares’, ‘Trabalho de parto’ e ‘Dor’ e *Medical Subject Headings* (MESH): ‘Risk Assessment’, ‘Misoprostol’, ‘Labor, Induced’. Foram adotados como critério de inclusão: artigos de revisão sistemática e que respondessem à questão de pesquisa. Foram excluídos aqueles do tipo de revisão integrativa. Foram coletadas as seguintes variáveis: ano de publicação, periódico, resposta à questão de pesquisa e nível de evidência. Os dados quantitativos foram analisados descritivamente no Microsoft Excel e os qualitativos por análise de conteúdo. **Resultados e Discussão:** Foram encontrados 38 artigos, que foram publicados entre 2014 e 2024, o periódico em que se teve mais prevalência sobre a temática foi a PubMed com 25 (65,79%). O uso do misoprostol com o objetivo de induzir ao parto apresenta riscos e benefícios, isso depende de alguns fatores como, a forma em que o fármaco é administrado, se combinado com algum medicamento indutor. Sendo assim, os riscos em que este medicamento submete à parturiente incluem, risco aumentado de ruptura uterina, hiperestimulação do útero com alterações cardíacas fetais, maior perda de sangue no pós-parto e taquissístolia. Contudo, traz muitos benefícios, como, diminui o número de cesáreas, reduz o tempo do trabalho de parto e restringe a necessidade de ocitocina. **Conclusão:** Em suma, os profissionais de saúde devem sempre avaliar e informar os riscos e benefícios do uso misoprostol juntamente com a gestante para que esta possa estar ciente e escolher qual a melhor via da indução do seu parto.

Palavras chaves: medição de risco; misoprostol; trabalho de parto induzido.

SANGRAMENTO PÓS-MENOPAUSA: ETIOLOGIAS RELACIONADAS AO DESEQUILÍBRIO HORMONAL

Ana Vitória Dias de Sousa¹; Gêmynna Thalita de Sousa Silva¹; Deborah Ozima Mota Aroso¹;
Antonione Santos Bezerra Pinto²

Graduanda em medicina pelo Instituto de Educação Superior do Vale do Parnaíba (IESVAP)¹,
Docente do curso de medicina Instituto de Educação Superior do Vale do Parnaíba (IESVAP)²
anavitoria_dp@hotmail.com

Introdução: O termo Sangramento Uterino Anormal (SUA) refere-se a irregularidades e mudança de padrão de sangramento entre os ciclos menstruais, podendo ter diversas etiologias, desde causas estruturais a não estruturais, sendo, portanto, um sangramento em pacientes em idade fértil. Todavia, um sangramento anormal não é restrito apenas a esse intervalo de idade, podendo ocorrer também após a menopausa, sendo uma queixa comum com amplos diagnósticos diferenciais, tanto benignos quanto malignos. Dentre estas, a causa benigna mais comum é a atrofia endometrial, causada pela diminuição da produção de estrogênio, e em relação a maligna tem-se o câncer de endométrio, que se associa a diversos fatores hormonais e pessoais. **Objetivo:** Compreender as diversas etiologias do sangramento pós-menopausa, e sua associação com o desequilíbrio hormonal. **Metodologia:** O estudo trata-se de uma Revisão Sistemática da Literatura que se baseou nos Descritores em Ciências da Saúde: Câncer Endometrial; Pós-menopausa; Sangramento Uterino. Foram selecionados trabalhos publicados entre os anos de 2018 a 2024 das bases de pesquisa SCIELO e PubMed. Mediante aplicação dos critérios de exclusão e inclusão, foram selecionados 5 artigos que apresentam maior relevância dentre os disponíveis. **Resultados e Discussão:** A menopausa refere-se a um período em que ocorre a diminuição da produção de estrogênio, e posteriormente a anovulação, sendo caracterizado pela ausência da menstruação por um período de 12 meses. Sendo assim, esse período é caracterizado pela ausência de sangramento, todavia, este pode ocorrer e ter etiologias diversas, que vão desde causas benignas provenientes dessa mudança de padrão hormonal, ou malignas, que são as mais preocupantes. À vista disso, tem-se como etiologia benigna mais frequente a atrofia do endométrio, ou da mucosa vaginal, gerando um padrão de sangramento proveniente da escassez do hormônio que nutria esse tecido: o estrogênio; de outro modo, também relacionado a esse desequilíbrio hormonal e outros fatores de risco, como obesidade, diabetes, terapia hormonal com estrógeno, entre outros, tem-se o câncer de endométrio, que, por possuir uma etiologia variada e não totalmente conhecida é um importante diagnóstico que por vezes passa despercebido e não diagnosticado, contudo se descoberto nos estágios iniciais, tem uma taxa de sobrevida de quase 90%. **Conclusão:** Diante o exposto, é nítido a influência do desequilíbrio hormonal na ocorrência de sangramentos pós-menopausa, podendo estes serem tanto de etiologia benigna quanto maligna, que interferem diretamente no bem-estar da mulher, necessitando de um rastreio e tratamento adequado, em razão de evitar maior morbimortalidade.

Palavras-chave: Câncer Endometrial; Pós-menopausa; Sangramento Uterino.

SAÚDE BUCAL DA MULHER E CICLO DE VIDA: UMA RELAÇÃO POSSÍVEL?

Ana Beatriz Lima Pinheiro¹; Maneiva Joviane dos Santos Baptista¹; Patrícia Ferreira de Sousa Viana²

¹Graduanda em Odontologia pela Universidade Federal do Piauí.

²Doutora em Educação pela Universidade Federal do Piauí.

E-mail: aanabeatriz2019@gmail.com

Introdução: A mulher passa por vários estágios ao longo da sua vida. Por exemplo, a oscilação dos níveis hormonais que afetam de diferentes maneiras a saúde da mulher, inclusive com impacto na saúde bucal, como o ciclo menstrual, gravidez e menopausa. **Objetivo:** Evidenciar a relação entre as alterações hormonais causadas nas distintas etapas da vida da mulher e as alterações na cavidade bucal. **Metodologia:** Trata-se de uma revisão integrativa da literatura, com busca nas bases de dados PubMed, SciELO e Biblioteca Virtual em Saúde (BVS), de publicações em português e inglês nos últimos dez anos. Utilizou-se os descritores: Menopausa; Gravidez; Saúde Bucal, associados ao operador booleano AND. Foram incluídos estudos na íntegra, pertinentes ao tema. **Resultados e Discussão:** 50 artigos foram recuperados e, após análise rigorosa, 10 foram incluídos. A literatura aponta que o fator hormonal contribui para mudanças na saúde bucal da mulher, a começar pela fase pré-menstrual, em que a gengivite pode surgir ou ser exacerbada em razão do aumento do hormônio progesterona. Outrossim, durante a menstruação, é possível desenvolver gengivite induzida pela formação do biofilme dentário, mediada por um fator sistêmico, que seria o nível elevado dos hormônios esteroides sexuais, causando o aumento da resposta inflamatória gengival. Quando chega na etapa da gravidez, momento tão delicado, é fundamental o acompanhamento odontológico no pré-natal. As principais manifestações bucais que afetam as mulheres no período gestacional incluem a cárie e a doença periodontal que, aliadas à má higiene oral e aos altos níveis hormonais, podem acarretar a deterioração da saúde periodontal. O próximo estágio vem à medida em que envelhecemos, a menopausa, e com ela a ausência de quantidades ideais de hormônios, impedindo o desenvolvimento de processos fisiológicos importantes, como a modulação de respostas do tecido periodontal aos lipossacarídeos, que poderá desencadear efeitos de absorção óssea no periodonto, alterando a expressão de citocinas inflamatórias, ficando suscetíveis à doença periodontal e xerostomia. **Considerações Finais:** Ficou evidente que na cavidade bucal, o periodonto é o mais sensível às mudanças hormonais. Dessa forma, destaca-se a importância de um cuidado especial voltado para as mulheres, o que inclui orientá-las e motivá-las a manter uma boa higiene oral para prevenir ou reduzir alterações em saúde. Ademais, é desejado que o cirurgião-dentista busque promover uma atenção longitudinal e integrada com outras áreas da saúde, no sentido de proporcionar à mulher uma melhor qualidade de vida.

Palavras-chave: Menopausa; Gravidez; Saúde Bucal.



SAÚDE BUCAL E GRAVIDEZ: A INTEGRAÇÃO ESSENCIAL DO PRÉ-NATAL ODONTOLÓGICO

Maria Thais Soares dos Santos ¹; Hítalo Carlos Rodrigues de Almeida ²

¹ Graduanda em Odontologia pelo Centro Universitário Maurício de Nassau.

² Doutor em Estomatologia e Patologia Oral pela Universidade de Pernambuco.

✉ mariatthais2@gmail.com

Introdução: O pré-natal odontológico visa o acompanhamento da saúde bucal da gestante, a prevenção e o tratamento de problemas bucais, evitando assim o surgimento de doenças sistêmicas que podem afetar a saúde da mesma e a do seu feto. **Objetivo:** Abordar a importância da integração do cirurgião-dentista no pré-natal e o impacto que traz na saúde materna e fetal. **Metodologia:** Trata-se de uma revisão de literatura realizada nas principais bases de dados, Pubmed, Scielo e LILACS, utilizando os critérios de elegibilidade: artigos publicados na língua inglesa e portuguesa, no período de Abril de 2009 a Abril de 2024 e que abordasse a importância do pré-natal odontológico, bem como os benefícios para a saúde bucal das gestantes. **Resultados e Discussão:** Foram encontrados 74 artigos e após aplicação dos critérios de exclusão, foram selecionados 20 artigos. O pré-natal odontológico tem como objetivo analisar a saúde bucal das gestantes. As consultas realizadas visam promover uma ação educativa, a prevenção de agravos e o tratamento de doenças que afetam a cavidade oral. Durante a gestação o corpo passa por diversas mudanças, tendo como exemplo a hormonal, que afetam diretamente a saúde bucal podendo ocorrer o maior surgimento de cáries, doenças periodontais e o desenvolvimento do Granuloma gravídico. O cirurgião-dentista deve promover um atendimento seguro e acolhedor para a gestante e buscando principalmente o ensino educativo com o objetivo da melhoria dos hábitos de higiene oral, pois tais hábitos, além de garantir benefícios e conforto durante a gestação, serão repassados para a criança possibilitando com que ela tenha a maior possibilidade de obter uma boa saúde bucal. Atualmente existem programas e políticas públicas de saúde que asseguram e ressaltam a importância do cirurgião-dentista como profissional responsável pela orientação e promoção da saúde bucal, entretanto muitas gestantes de áreas mais remotas do Brasil não recebem essa assistência ou ainda mesmo não sabem sobre a sua importância para a gestação. **Conclusões:** Os estudos e literaturas acerca do tema em questão demonstram os benefícios proporcionados pelo pré-natal odontológico para a saúde da gestante e do seu feto. Portanto é necessário a conscientização da população sobre sua importância e colocar em prática as políticas de saúde que asseguram o atendimento odontológico complementar durante o pré-natal.

Palavras-chave: gravidez; odontologia; saúde bucal; pré-natal odontológico.

SAÚDE BUCAL EM MULHERES EM SITUAÇÃO DE RUA: RELAÇÃO ENTRE GÊNERO E ACESSO

João Pedro Freire de Moraes¹; Arthur Humberto Arruda Duarte²; Fellipe de Souza Fernandes³; Livia Nantes de Souza⁴; Verônica Santana Coelho⁵; Ana Laura Ferreira Mendes⁶; Mariana Andrade Oliveira⁷

Graduandos do Curso de Medicina pela Universidade de Ribeirão Preto-UNAERP¹⁻⁷, Prof. Ms. em Patologia Cirúrgica pela Universidade de Ribeirão Preto-UNAERP⁸

joao.pmorales@sou.unaerp.edu.br

Introdução: O acesso e qualidade da saúde bucal (SB) são de necessidade extra para as pessoas em situação de rua (PSR), estas são vulnerabilizadas por barreiras econômicas e sociais que dificulta este acesso. Neste grupo há outro mais fragilizado, o de mulheres em situação de rua (MSR) que por conta do gênero têm mais chances de terem danos à SB e também mais dificuldade ao acesso à SB. Por mais que programas de acesso à saúde sejam criados pela Secretaria de Atenção à Saúde (SAS) como a Equipe de Consultório na Rua (eCR) no qual possui técnicos de saúde bucal e cirurgiões-dentista o agravamento gerado pelo gênero feminino mostra a complexidade deste problema de necessidade de acesso à saúde.

Objetivo: A meta deste estudo foi entender a relação do gênero das PSR com a saúde bucal.

Metodologia: A metodologia utilizada nessa revisão tem como base um estudo qualitativo norteado de maneira interpretativa baseado na teoria de hermenêutica de Hans-George Gadamer encontrado através de pesquisas, utilizando unitermos de busca como “saúde bucal de moradoras de rua”, no site Scientific Library Online nas quais de dez artigos foram selecionadas quatro para estudo, sob o critério de contemporaneidade destes. **Resultados e discussão:** Notou-se que o gênero é de grande influência na dificuldade de acesso e recorrência de necessidade da SB, pois as mulheres são mais propensas a sofrerem violência (física e sexual) tanto que traumatismos maxilofaciais causados por violência em mulheres é de 63,2% no Brasil, a sífilis possui manifestações bucais trazendo a necessidade do tratamento bucal, a gravidez e uso de substâncias são outros fatores que tornam necessários os tratamentos bucais. Neste estudo houveram relatos como o de Cássia: “Para dor de dente eu tomava logo era cachaça, fica tudo anestesiado” mostrando os problemas do uso de drogas e a consequência na saúde bucal. Vê-se que para que haja eficiente tratamento e acesso a saúde bucal deve-se fornecer conscientização para MSR: métodos de prevenção à infecções sexualmente transmissíveis, uso de contraceptivos, e proteção desses mulheres contra as violências para prevenção de danos à SB e também para que haja facilitação nos tratamentos em curso. **Considerações finais:** Enfatiza-se a importância da conscientização da SAS da influência do gênero tanto na causa quanto na prevalência das doenças bucais, Para que outras formas de cuidado a PSR sejam criadas, dando extra atenção as MSR.

Palavras-chave: acesso à saúde; mulheres em situação de rua; saúde bucal.

SAÚDE MENTAL DA MULHER VÍTIMA DE VIOLÊNCIA SEXUAL

Simone Effren Silva¹; Aline Oliveira Fernandes de Lima Melo²

Graduanda em Enfermagem pela Universidade de Tecnologia e Ciência¹, Enfermeira especialista em Saúde da Mulher pela Faculdade Venda Nova do Imigrante²

bomfimsimone7@gmail.com

Introdução: A violência sexual contra a mulher consiste em um problema de saúde pública preocupante, levando em consideração que o abuso sexual trata-se de uma violência forçada ou coagida, mediante ameaças, intimidação psicológica e ferimentos, onde a mulher tem sua integridade sexual violada, a partir do contato sexual sem seu consentimento, acarretando efeitos negativos à saúde, estando diretamente ligada ao adoecimento mental. **Objetivo:** Descrever os impactos da violência sexual na saúde mental da mulher. **Metodologia:** Revisão integrativa da literatura, de abordagem qualitativa e caráter descritivo, desenvolvida em abril de 2024. Recorreu-se à estratégia PICO (População, Interesse, Contexto) para formulação da pergunta de pesquisa, onde prefere-se às mulheres, I: impactos da violência sexual e Co: saúde mental, resultando na seguinte questão: Quais os impactos da violência sexual na saúde mental das mulheres? Foram realizados levantamentos bibliográficos nas bases de dados: Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciências da Saúde (LILACS), Base de Dados de Enfermagem (BDENF) e *Medical Literature Analysis and Retrieval System Online* (MEDLINE), através da Biblioteca Virtual de Saúde (BVS). Utilizaram-se os Descritores em Ciências da Saúde (DeCS): “Saúde Mental”, “Violência contra a Mulher” e “Delitos Sexuais”, combinados com os operadores booleanos AND e OR. Adotaram-se como critérios de inclusão: trabalhos completos e gratuitos, nos idiomas português e inglês, publicados nos últimos 5 anos (2019-2024), levando em consideração a necessidade de análise de estudos recentes. E como critérios de exclusão: resumos, revisões, estudos incompletos, duplicados nas bases supracitadas e trabalhos de conclusão de curso. **Resultados e discussão:** Emergiram-se na pesquisa 10 estudos qualitativos. Mediante análise desses estudos, constatou-se que os problemas de saúde decorrentes da violência sexual são inúmeros, e podem se manifestar logo após o abuso, ou a médio e longo prazos. As mulheres violentadas sexualmente, além da dor física provocada pela agressão, apresentam problemas sociais e emocionais. Os estudos apontam ainda que, o trauma acarreta não somente sequelas visíveis, mas interferem também no crescimento e desenvolvimento da mulher, independentemente da idade e classe social, constatados a partir de sinais de ansiedade, depressão, estresse pós-traumático, distúrbios alimentares, sexuais e de humor. Resultando ainda, em sintomas como medo, agitação, isolamento social e baixa autoestima. Ademais, evidenciou-se também que as mulheres procuram aliviar a dor e a culpa, a partir da elevação do consumo de álcool e drogas ilícitas. **Considerações finais:** Em síntese, a relação entre a violência sexual e os impactos na saúde mental da mulher mostrou-se persistente, acarretando desfechos graves na qualidade de vida da mulher, que pode desencadear vários distúrbios, como estresse pós-traumático, ansiedade e depressão, além de apresentar o sentimento de culpa, que como consequência prejudica sua autoestima e eleva os riscos de vícios em drogas e bebidas alcoólicas, assim como de outros transtornos.

Palavras-chave: saúde mental; violência contra a mulher; delitos sexuais.

SAÚDE MENTAL DE MULHERES DONAS DE CASA

Maria Luana da Silva Brito¹; José Lucas de Oliveira Sousa¹; Ana Beatriz da Silva Monteiro¹; Ana Luiza de Sousa Soares¹; Maria Berenice Gomes Nascimento²

Graduando em Enfermagem pela Universidade Federal de Campina Grande¹; Enfermeira. Professora da Universidade Federal de Campina Grande, Curso de Graduação em Enfermagem. Doutora em Ciências da Saúde²

✦ ✦
ls7862260@gmail.com

Introdução: O bem-estar mental das mulheres que exercem o papel de donas de casa pode ser significativamente afetado pelas diversas exigências e pressões que enfrentam no dia a dia dos cuidados domésticos e em pressões impostas pela sociedade. **Objetivo:** Analisar as produções científicas sobre a saúde mental de mulheres dona de casa. **Metodologia:** Foi realizada uma revisão integrativa da literatura a partir das bases de dados presentes na Biblioteca Virtual em Saúde (BVS), que possibilita uma busca simultânea nas principais fontes de literatura nacionais e internacionais. Foram utilizadas as palavras-chave, disponíveis nos Descritores em Ciências da Saúde (DECS), associadas aos conectivos booleanos: “Saúde Mental” and “Saúde da Mulher” and “Tarefas Domésticas”. Por último, os resultados foram filtrados através do critério de inclusão “relação com o tema”. **Resultados e Discussão:** Foram encontrados 8 (oito) artigos, que ao passarem pelo processo de inclusão e exclusão e totalizaram-se em 5 (cinco) resultados, dispostos entre os anos 2000 e 2021. Evidenciou-se que a sobrecarga emocional em mulheres domésticas é maior quando elas não têm um parceiro que divida com elas as tarefas domiciliares, incluindo também o cuidado com os filhos, o que gera impacto na saúde mental delas por promover o desenvolvimento da depressão e/ou ansiedade associadas ao esgotamento físico e mental. Com o número alto de afazeres, essas mulheres começam a apresentar descuidos com a aparência, o que resulta em baixa autoestima. Assim, quando seus parceiros compreendem a situação e fazem alguma coisa para ajudar, por mínimo que seja, é perceptível uma redução na insatisfação que elas apresentam. **Conclusão:** Concluiu-se que existe uma baixa produção científica nacional acerca dessa temática, visto que a escassa quantidade de trabalhos relevantes eram internacionais, o que indica que este é uma área pouco explorada no Brasil. O aumento de produções científicas fortalece as discussões e elaborações de Políticas Públicas e auxilia no protagonismo dessas mulheres. Observou-se, também, que o auxílio nas tarefas de casa é de suma importância para a redução da sobrecarga emocional causada pela falta de apoio e, ao dividir responsabilidades, além de aliviar a carga emocional, fortalece-se o vínculo familiar e promove-se igualdade de gênero.

Palavras-chave: saúde mental; saúde da mulher; tarefas domésticas.

SENSAÇÃO DO ZUMBIDO E SEUS IMPACTOS NO ESTADO DE DEPRESSÃO EM MULHERES: REVISÃO DE LITERATURA

Nicolas Calheiros Santos¹; Synara da Silva Ferreira de Freitas²; Élder Vinícius Salustiano Santos³

Graduando em Medicina pela Universidade Federal de Alagoas¹; Graduanda em Medicina pela Universidade Federal de Alagoas²; Mestrando em Fonoaudiologia pela Universidade Estadual de Ciências da Saúde de Alagoas³

(nicolas.santos@famed.ufal.br)

Introdução: O zumbido se trata de um sintoma comum, correspondente a um som que pode ser ouvido sem a presença de estímulo sonoro externo, comumente encontrado em, aproximadamente, 10-15% da população mundial. Pode ser classificado como agudo ou crônico e, em casos primários, quando incluem causas idiopáticas, ou secundários, quando contempla antecedentes como otite externa, cera de ouvido, doenças do ouvido médio ou associado a sintomas de distúrbios sistêmicos, como diabetes mellitus. Em casos não tratados, o zumbido como sintoma primário pode evoluir e resultar em comorbidades psiquiátricas, como depressão e ansiedade. A depressão é um transtorno mental comum que afeta milhões de pessoas mundialmente e, afeta não somente em aspectos sociais, como no trabalho e na família, mas, pode também levar ao suicídio. Majoritariamente, pacientes consideram o zumbido como um incômodo crítico, com impacto negativo e agravante no estado de saúde mental. **Objetivo:** Verificar a associação entre a sensação de zumbido e seus impactos no estado mental depressivo em mulheres. **Metodologia:** Trata-se de uma revisão de literatura com pesquisa realizada nas bases de dados PubMed e BVS, utilizando os descritores “tinnitus” AND “depression” AND “woman”. Utilizou-se como critérios de inclusão artigos completos gratuitos, no período de 2014 a 2024, nos idiomas inglês, espanhol e português. Os critérios de exclusão foram artigos duplicados e que não possuíam pertinência temática. **Resultados e Discussão:** Após análise criteriosa, dos 42 resultados encontrados, somente 7 compuseram o estudo final. Observou-se, além da íntima proporção entre o agravamento do quadro depressivo em mulheres, relacionado ao grau de zumbido, maior sobrecarga por parte da população feminina e forte tendência a quadros de ansiedade e de transtornos somáticos. Como consequência, pacientes com zumbido mostram-se propensas ao desemprego, à baixa renda familiar e a condições subjetivas de saúde ruins, como sonolência diurna e indisposição. Outra afirmativa da literatura é que os processos psicológicos contribuem para a deterioração e gravidade do zumbido, uma vez que este se faz presente. **Conclusão:** Indivíduos que sofrem com zumbido subjetivo crônico experimentam reações angustiantes que afetam sua qualidade de vida e os tornam mais suscetíveis ao desenvolvimento da depressão. No entanto, uma vez estabelecido o zumbido, a depressão contribui de forma mútua no agravamento desse. Assim, é crucial reforçar a importância de terapias cognitivo-comportamentais, além do acompanhamento médico e fonoaudiológico no tratamento para o zumbido, especialmente em pacientes do sexo feminino, que se mostraram mais propensas ao desenvolvimento de depressão, ansiedade e estresse.

Palavras-chave: zumbido; depressão; mulher.



**SILENCIAMENTO FEMININO REFLETIDO NAS ARTES: UMA ANÁLISE CRÍTICA
SOBRE ESCULTURAS EM BRONZE NA CIDADE DO RIO DE JANEIRO**

Brunna Rodrigues Barresi Mello¹; Hysdras Ferreira do Nascimento²; Maria Eduarda Chipoco de Marins³; Ariana Liporace Maia⁴; Grazieli Simões⁵; Priscila Tamiasso Martinhon⁵; Célia Regina Sousa da Silva⁵

Graduanda em Conservação e Restauração pela Universidade Federal do Rio de Janeiro¹; Pós-Graduanda pela União Brasileira de Faculdades²; Graduanda em Licenciatura em Química pela Universidade Federal do Rio de Janeiro³; Doutoranda em Química pela Universidade Federal do Rio de Janeiro⁴, Professora Doutora da Universidade Federal do Rio de Janeiro⁵

rosascordecarmim@gmail.com

Introdução: Um bem cultural pode ser definido como uma obra que deve ser protegida, em função do valor e da representatividade como manifesto histórico-cultural de uma população e/ou localidade. O planejamento de estratégias que viabilizem a preservação desses bens, configura um compromisso de salvaguarda da memória nacional. Na orla da cidade do Rio de Janeiro, foi observada a representação da invisibilização da relevância da mulher brasileira na história, refletida no campo das artes, quando apenas uma das esculturas que homenageiam personalidades brasileiras, é feminina, enquanto outras seis são masculinas. **Objetivo:** Compartilhar reflexões Discente~Docente~Aprendente (D~D~A) que emergiram do (e no) desdobramento do mapeamento de esculturas em bronze para um trabalho que versava sobre inibição da corrosão de bens em bronze, tendo como eixo de análise, a escassez da representatividade feminina nos monumentos presentes na orla Leme/Leblon da cidade do Rio de Janeiro. **Metodologia:** A reflexão foi suleada pelas inquietações que emergiram após o levantamento dos monumentos históricos em bronze na localidade investigada. A partir da observação dos dados da pesquisa sobre corrosão, afluou um olhar crítico sobre a questão da representatividade feminina nessas esculturas e do impacto que a ausência dessa representatividade e de igualdade de gênero causam à saúde mental da mulher. Foram promovidas rodas de conversas pautadas na criação coletiva de saberes e na transdisciplinaridade para se discutir essa problemática. O alicerce metodológico desta última etapa dialoga com a perspectiva D~D~A e seu respectivo potencial formativo e educativo, onde o sujeito é ativo, e se auto reconhece como alguém que está em constantes e simultâneos processos de construção enquanto indivíduo social. **Resultados e Discussão:** Das sete esculturas em bronze da orla Leme/Leblon, apenas uma é feminina, e homenageia a escritora Clarice Lispector. Tal fato evidencia a falta de representatividade da mulher em monumentos, característica que remete à influência do patriarcado na sociedade atual. Os desdobramentos dessa exclusão são prejudiciais às meninas e mulheres, já que a carência e/ou a deterioração dessas esculturas, indica o quanto ainda é preciso lutar para alcançar reconhecimento e garantia de direitos. É relevante pontuar como o olhar para a personificação deste silenciamento pode influenciar a saúde mental da mulher, que sente sua existência sendo apagada e suas esperanças furtadas. **Conclusão:** A desigualdade de gênero impacta, portanto, no campo das artes em um dos maiores cartões postais do mundo. A ausência dessa representatividade apresenta um impacto na saúde mental e na construção identitária feminina.

Palavras-chave: corrosão; artes; mulheres.



**SÍNDROME DE HELLP E SEUS IMPACTOS CLÍNICOS NA PREMATURIDADE:
REVISÃO SISTEMÁTICA DE LITERATURA**

Gêmyna Thalita de Sousa Silva¹; Deborah Ozima Mota Aroso¹; Ana Vitória Dias de Sousa¹
Antonione Santos Bezerra Pinto²

¹Graduanda em Medicina pelo Instituto de Educação Superior do Vale do Parnaíba (IESVAP).

²Docente do curso de Medicina do Instituto de Educação Superior do Vale do Parnaíba (IESVAP).
gemynnathalita165@gmail.com

INTRODUÇÃO: A Síndrome HELLP é uma complicação grave da hipertensão arterial gestacional, caracterizada por hemólise, elevação de enzimas hepáticas e plaquetopenia. Esta síndrome está associada a uma série de desfechos maternos e neonatais adversos, incluindo a prematuridade, que é uma das principais causas de morbidade e mortalidade neonatal em todo o mundo. **OBJETIVO:** Explorar a síndrome de HELLP e seus impactos clínicos na prematuridade. **METODOLOGIA:** O estudo consiste em uma Revisão Sistemática da Literatura com base nos Descritores em Ciências da Saúde: Síndrome de HELLP, Hipertensão Gestacional e Prematuridade. Foram selecionados trabalhos publicados entre 2014 e 2024 nas bases de pesquisa Scopus e PubMed. Após a aplicação dos critérios de exclusão e inclusão, foram selecionados 4 artigos considerados mais relevantes. **RESULTADOS e DISCUSSÃO:** A Síndrome HELLP é uma complicação obstétrica rara, mas grave, que afeta aproximadamente 0,5% a 0,9% das gestações e ocorre mais frequentemente no terceiro trimestre. Além da hipertensão arterial, os sintomas incluem dor abdominal intensa, náuseas, vômitos e edema. Esses sinais podem evoluir rapidamente para complicações que ameaçam a vida, como eclâmpsia (convulsões associadas à pré-eclâmpsia) e descolamento prematuro da placenta. É crucial que os profissionais de saúde possam identificar precocemente os sinais e sintomas da Síndrome HELLP e tomar medidas rápidas para gerenciar essa condição, minimizando os riscos maternos e fetais. Rotineiramente, o parto prematuro é necessário como intervenção terapêutica para salvar a vida da mãe e do bebê diante das complicações graves associadas às alterações hematológicas e hepáticas da síndrome. A prematuridade, definida como o nascimento antes da 37ª semana de gestação, apresenta desafios significativos devido à imaturidade dos órgãos e sistemas do bebê. Crianças nascidas prematuramente de portadoras da síndrome de HELLP têm maior risco de complicações como insuficiência respiratória, distúrbios metabólicos e alterações neurológicas. Além disso, a prematuridade está associada a um aumento do risco de desenvolvimento de doenças crônicas na vida adulta. **CONCLUSÃO:** A Síndrome de HELLP está intimamente associada à prematuridade, e seus impactos clínicos são significativos. O manejo precoce e adequado do quadro pode minimizar os riscos de prematuridade e suas complicações associadas. Além disso, estratégias de prevenção e monitoramento contínuo são essenciais para identificar precocemente os sinais e sintomas da Síndrome HELLP e intervir adequadamente para melhorar os desfechos maternos e neonatais.

Palavras-chaves: Síndrome HELLP; Hipertensão Gestacional; Prematuridade.

TERAPIA DE REPOSIÇÃO HORMONAL EM MULHERES: PODE DESENCADear OU EXACERBAR A ASMA?

Sabrina Lima Leal¹; Flávio Lima Silva¹; Sabrina Alves Saraiva¹; Wellington Gabriel Alves de Medeiros¹; Marta Lígia Vieira Melo²

Graduando em medicina pelo Centro Universitário Santa Maria - UNIFSM¹, Docente do curso de medicina no Centro Universitário Santa Maria²

sabrinylimapicos12@gmail.com

Introdução: Em cerca de 84% das mulheres, a redução hormonal na menopausa gera sintomas vasomotores, como ondas de calor, suores noturnos, atrofia vulvovaginal e incontinência. A terapia de reposição hormonal (TRH) com estrogênio e/ou progesterona é o tratamento mais eficaz para aliviar esses sintomas. Todavia, parece haver associação entre a terapia e o desenvolvimento e à exacerbação da asma. Tal interação deve ser debatida, tendo em vista a complexidade e o potencial de gravidade que envolvem as exacerbações da asma. **Objetivo:** Verificar a associação do desenvolvimento e da exacerbação da asma com a terapia de reposição hormonal. **Metodologia:** Trata-se de uma revisão integrativa da literatura realizada em março de 2024, através da seleção de artigos científicos indexados na base de dados da Medical Literature Analysis and Retrieval System Online (MEDLINE), utilizando os descritores em ciências da saúde: “asthma” e “hormone replacement therapy” cruzados pelo operador booleano “AND”. Foram incluídos artigos publicados no período de 2018 a 2024, sem restrições de idioma, excluindo-se textos incompletos e revisões. Ao total foram encontrados 26 estudos, sendo selecionados apenas 5 trabalhos. Foi realizada a busca manual na seção de referências dos artigos, somando um novo estudo, totalizando, assim, 6 artigos para a realização deste trabalho. **Resultados e discussão:** A hiper-reatividade das vias aéreas é influenciada pelos efeitos pró-inflamatórios do estrogênio isolado ao elevar as citocinas IL-3, IL-4 e IL-17, que podem culminar no desenvolvimento ou na exacerbação da asma. Outros estudos não observaram o uso de TRH à base de estrogênio como fator de risco significativo para o desenvolvimento e piora da asma, uma vez que se notou um efeito anti-inflamatório em pacientes obesas devido ao aumento da resistência insulínica, que contrabalanceou a ação do estrogênio. Em relação à progesterona, em sua forma combinada ou isolada, foi visto um mecanismo protetor ainda não esclarecido. Contudo, esse hormônio, ao atuar como antagonista à ação dos corticoides inalatórios, especialmente a prednisona, pode estimular exacerbações, e aumentar o risco de falha terapêutica. **Conclusão:** A terapia de reposição hormonal apresenta um risco significativo para o desenvolvimento da asma, devido ao efeito inflamatório do estrogênio, salvo nas pacientes obesas em TRH, e para sua exacerbação, devido à interação medicamentosa da progesterona com corticoides inalatórios. Contudo, divergências existentes na literatura apontam a necessidade de novos estudos que comprovem essas associações.

Palavras-chave: asma; terapia de reposição hormonal; exacerbação.



TERAPIA HORMONAL: O USO DE HORMÔNIOS BIOIDÊNTICOS EM MULHERES

Maria Eduarda de Matos Bernardes¹; Ana Laura Inácio Oliveira¹; Bianca Pereira Remedi¹; Gabriela Martins¹; Laís Gonçalves Martins¹; Livia Nantes de Souza¹; Mariana Andrade Oliveira²

Discentes do curso de Medicina da Universidade de Ribeirão Preto (UNAERP-RP), SP, Brasil¹
Docente do curso de Medicina da Universidade de Ribeirão Preto (UNAERP-RP), SP, Brasil. Mestre em Patologia²

✦ ✦
Duda.berr02@gmail.com

Introdução: Com o surgimento de novas intervenções para o tratamento dos sintomas da menopausa, a interação de hormônios bioidênticos para a terapia hormonal (TH) personalizada tem se popularizado nos últimos anos. Os hormônios usados nessas combinações incluem: estrogênio, progesterona, testosterona, androstenediona e desidroepiandrosterona, que podem ser preparados em formas de cremes, comprimidos e até mesmo implantes. Seus defensores alegam que por serem “bioidênticos” estão associados a menos efeitos secundários e podem proporcionar melhor alívio dos sintomas, entretanto, ensaios rigorosos de controle ainda não foram realizados e por isso, as maiorias das alegações não possuem fundamento, além da falta de regulamentação desses produtos. **Objetivo:** Torna-se imprescindível discorrer acerca da supervisão ineficiente da manipulação desses medicamentos e citar os possíveis efeitos adversos em mulheres na pós-menopausa que os utilizam. **Metodologia:** Refere-se a uma revisão bibliográfica em que os métodos utilizados foram a seleção de 4 artigos, em um período de busca definido a partir do ano de 2019 a 2024, da plataforma Scientific Electronic Library Online (SCIELO) com os seguintes descritores: Implantes hormonais, Terapia hormonal e Saúde da mulher. **Resultados e Discussões:** Embora haja uma supervisão a respeito da manipulação de medicamentos, a qualidade e segurança deles é limitada pela disponibilidade de recursos para inspeções e fiscalizações. Em função disso, esses medicamentos não são testados rotineiramente, e não há requisitos de rotulagem de produtos para formulações personalizadas, se diferenciando dos medicamentos disponíveis comercialmente, que devem ser vendidos com bula, detalhando as indicações, contraindicações e eventos adversos. Com isso, as mulheres na pós-menopausa que utilizam os hormônios bioidênticos, preparados de forma personalizada, podem estar sujeitas à dosagem errada desses produtos. E embora os hormônios da TH possuam riscos semelhantes aos dos produtos regulamentados – como o aumento do risco de coágulo sanguíneo, ataque cardíaco, acidente vascular cerebral, etc –, o risco é ainda maior se a dosagem do hormônio ultrapassar o esperado. **Considerações Finais:** Nesse sentido, embora haja uma popularização a respeito dos hormônios bioidênticos usados na terapia hormonal personalizada, é de suma importância que seu uso seja baseado em evidências científicas sólidas. Por esse motivo, é necessário o aumento de pesquisas clínicas para avaliar a segurança e eficácia desses medicamentos, e enquanto isso não acontece, é preciso que os profissionais de saúde informem adequadamente seus pacientes a respeito dos riscos e benefícios das diferentes terapias hormonais, priorizando as convencionais.

Palavras-chave: hormônios bioidênticos; terapia hormonal; pós-menopausa

TRANSTORNO OBSESSIVO-COMPULSIVO NO PERINATAL E NO PUERPÉRIO: IMPACTOS E CORRELAÇÕES

Flávio Lima Silva¹; Guilherme Almeida Barbosa¹; João Victor da Silva Xavier¹; Lucas dos Santos Oliveira Ramos¹; Dr. Ubiraídys Andrade Isidorio²

Graduando em Medicina pelo Centro Universitário Santa Maria - UNIFSM¹, Doutorado em Ciências da Saúde pela Faculdade de Medicina do ABC²

20211056036@fsmead.com.br

INTRODUÇÃO – A rotina materna associada às alterações fisiológicas e hormonais do puerpério geram adversidades culminando em transtornos psiquiátricos, impactando significativamente na saúde da binômio mãe-bebê. No pós-parto essas mudanças são antepostas às expectativas da maternidade, o que exacerba e evidencia acometimentos psicológicos, em destaque o Transtorno Obsessivo-Compulsivo (TOC) que se caracteriza por obsessões, compulsões, comportamentos repetitivos e perturbações, nas puérperas, muito relacionado aos sentimentos de medo e insegurança quanto à possibilidade de causar enfermidades intencionais ou não ao bebê e à uma necessidade constante de verificar a saúde e integridade de seu filho. **OBJETIVO** – Identificar os principais preditores e impactos do TOC na saúde do binômio mãe-filho. **METODOLOGIA** – Trata-se de uma revisão integrativa da literatura realizada em março de 2024, através da seleção de trabalhos indexados nas bases de dados da Biblioteca Virtual da Saúde e do PubMed, utilizando os descritores em ciências da saúde: “postpartum” e “obsessive-compulsive disorder” cruzados por operadores booleanos “AND” e “NOT”. Foram incluídas 27 publicações ao restringir a busca por apenas artigos com cinco anos de publicação, sem restrições de idioma, excluindo-se textos incompletos e revisões. Realizado a avaliação dos títulos, eliminando trabalhos fora do eixo temático, assimilando produções ambíguas das plataformas, restou no total de 6 trabalhos. **RESULTADOS** – Um ambiente neuro-hormonal hiperativo foi relacionado como um gatilho ao aparecimento ou exacerbação dos sintomas do TOC em puérperas, ao notar interação hormonal. Justificado devido ao aumento do cortisol, dopamina e desidroepiandrosterona, com queda serotoninérgica simultânea. Ademais, em um relato de caso foi levantado indícios de TOC autoimune, de tal forma que a ação reguladora de anticorpos durante a gravidez, a fim de evitar rejeição materno-fetal, contribuiu positivamente ao surgimento de novos autoanticorpos no LCR, concomitantemente ao aumento da dopamina e do glutamato, exceto valores intocados de serotonina, que potencialmente promoveram o desenvolvimento de sintomas pós-parto característicos de TOC. Estudos correntes indicam que tanto no TOC isolado quanto na associação com depressão pós-parto (DPP), existe uma maior prevalência de relatos de pensamentos intrusivos sobre a provocação de dano intencional ao bebê, mas não há associação com risco aumentado de dano real. **CONCLUSÃO** – Observou-se que há associação do período puerperal com o surgimento e intensificação do TOC, seja por interação hormonal ou autoimune, seja somado aos fatores psicossociais. Apesar disso, é elucidado nenhum indício de impacto real ao conjunto mãe-bebê. Ainda assim, outros estudos devem ser realizados para um melhor entendimento dessas associações e gatilhos.

Palavras-chave: transtorno obsessivo-compulsivo; impacto; pós-parto.

TRANSTORNOS FACTÍCIOS NA GRAVIDEZ: DESAFIOS CLÍNICOS E IMPLICAÇÕES OBSTÉTRICAS

Mauro Marques Lopes¹; Antônio Carlos Fraga da Silva Sobrinho²; Luka Mendonça Melo Fajardo³; Patricia Adriana Diniz de Souza⁴

Graduando em medicina pela Faculdade da Saúde e Ecologia Humana¹; Graduando em medicina pelo Centro Universitário FG²; Graduando em medicina pela universidade do Sul de Santa Catarina³; Ginecologista e Obstetra pelo Hospital Municipal José Lucas Filho⁴

Email para correspondência: mauromllopes@gmail.com

Introdução: A Síndrome de Münchhausen, também conhecida como Transtorno Factício, é um distúrbio psiquiátrico em que o indivíduo falsifica sintomas físicos ou psicológicos e induz lesões ou doenças em si mesmo. Uma variante particularmente preocupante deste transtorno ocorre quando o comportamento é direcionado a uma pessoa vulnerável, como um feto, denominada Transtorno Factício por Procuração. Embora a prevalência real desses transtornos seja difícil de determinar, sua presença pode representar riscos significativos para na gestação e até mesmo ameaçar a vida da gestante e do feto. **Objetivo:** Conscientizar os profissionais obstetras sobre a existência do transtorno afim de evitar desfechos negativos materno-fetais. **Metodologia:** Trata-se de uma revisão integrativa da literatura, que envolve uma análise abrangente da literatura, construindo discussões através do levantamento bibliográfico de um determinado assunto, interpretando resultados de pesquisas e gerando reflexões sobre o tema. A busca incluiu os descritores em inglês “Pregnancy” e “Munchausen” nas bases de dados Pubmed e BVS, identificando um total de 76 estudos. **Resultados:** Após uma triagem sequencial com cegamento, realizada de forma independente pelos autores, dos títulos, resumos e leitura na íntegra foram identificados 6 estudos relevantes para o escopo da pesquisa. Os critérios de inclusão foram: estudos realizados nos últimos 20 anos, abordando aspectos diagnósticos e manejo da condição. Foram excluídos estudos que não contribuíam diretamente para a compreensão da síndrome, relatos de experiência, editoriais e teses. **Discussão:** O transtorno factício no contexto obstétrico é de difícil detecção, principalmente por ser pouco conhecido pelos profissionais da área. A síndrome se manifesta por padrões dramáticos de admissões clínicas, múltiplas cirurgias e estadias curtas em vários hospitais. É necessária uma alta suspeita quando a paciente possui histórico psiquiátrico positivo ou trabalhou na área da saúde, apresentando discrepâncias entre a apresentação clínica, o uso de terminologia médica não convencional e alterações no prontuário. Doenças prolongadas sem diagnóstico claro devem levantar suspeitas, embora algumas manipulações sejam discretas. Há relatos de falsificação de condições obstétricas, como trabalho de parto prematuro, diminuição dos movimentos fetais, gravidez ectópica, hiperêmese gravídica e ruptura prematura das membranas amnióticas, além de simulação de hemorragias anteparto e restrição do crescimento fetal. Esses sinais podem não ser evidentes de imediato, necessitando várias hospitalizações e investigação detalhada do histórico da paciente. **Conclusão:** A segurança materno-fetal pode ser garantida através do reconhecimento precoce e da intervenção adequada. Compreender o transtorno e suas implicações é essencial na prática obstétrica e pode evitar desfechos potencialmente negativos.

Palavras-chave: Munchausen. transtornos factícios. transtornos factícios por procuração.

TRICOMONÍASE EM MULHERES GRÁVIDAS E POSSÍVEIS COMPLICAÇÕES NO PARTO: UMA REVISÃO INTEGRATIVA DE LITERATURA

Lívia de Castro Bolotari¹; Maria Eduarda Eiterer Moreira¹; Elaine Soares Coimbra²

Graduandas em Medicina pela Universidade Federal de Juiz de Fora¹, Profa. Titular na Universidade Federal de Juiz de Fora²

liviabolotari1107@gmail.com

Introdução: A tricomoníase tem como agente etiológico o protozoário *Trichomonas vaginalis*, o qual infecta o trato urogenital feminino e masculino. Trata-se de uma das infecções sexualmente transmissíveis (ISTs) mais comuns no mundo, acometendo principalmente mulheres e homens entre 15 e 49 anos e podendo ocasionar desde casos assintomáticos a sérios problemas de saúde, especialmente nas mulheres. Com a publicação, em 2015, das diretrizes de tratamento de ISTs pelo Centro de Controle e Prevenção de Doenças dos Estados Unidos (CDC), foram apresentados dados sobre as possíveis sequelas associadas à infecção por *T. vaginalis* em mulheres grávidas, impulsionando diversos estudos que a relacionam a eventos adversos como partos prematuros, ruptura prematura das membranas ovulares e baixo peso do recém-nascido. **Objetivo:** Estabelecer uma revisão integrativa de literatura, visando esclarecer a importância e as principais justificativas da associação entre a infecção por *T. vaginalis* e a ocorrência de partos pré termos. **Metodologia:** Foi realizada uma revisão integrativa de literatura a partir de documentos disponíveis na base Biblioteca Virtual em Saúde (BVS), publicados nos últimos 5 anos com os descritores “Trichomonas vaginalis”, “preterm birth” e “trichomoniasis”. Dos 12 artigos encontrados, 7 foram selecionados por manterem maior associação com os objetivos desta revisão. **Resultados e Discussão:** Os resultados apontam que a infecção de gestantes pelo *T. vaginalis* pode estar associada ao parto prematuro. Nesse sentido, foi encontrado que a cooperação entre a *T. vaginalis* e a microbiota vaginal que a acompanha (tipo IV) é capaz de aumentar a permeabilidade das células do ectocérvice de 5 a 10 vezes. Além disso, esses microrganismos estão associados a mudanças na expressão de citocinas pró-inflamatórias, no fator de necrose tumoral alpha (TNF- α) e no aumento da atividade fosfatase. Esses fatores atuam danificando a integridade da camada ectocervical, promovendo o remodelamento cervical, passo inicial para o nascimento prematuro. Outro risco para as pacientes infectadas com o parasito é o aumento de quase 2 vezes na ocorrência de corioamnionite, infecção intra-amniótica que pode levar a mais complicações, tanto para o feto quanto para a mãe. **Conclusão:** A detecção precoce da tricomoníase em gestantes pode auxiliar na prevenção de ocorrências adversas na gravidez, uma vez que a infecção eleva riscos de parto prematuro. Evidencia-se, portanto, a necessidade de planos educativos permanentes em saúde da mulher, contemplando orientações sobre as consequências das ISTs na gravidez, incluindo aquelas causadas por *T. vaginalis*, para a prevenção e redução de suas complicações, como a mortalidade perinatal.

Palavras-chave: Trichomonas vaginalis; tricomoníase; parto prematuro.

UM ESTUDO ECOLÓGICO: ANÁLISE DA HEMORRAGIA PÓS-PARTO COMO CAUSADORA DE MORTE MATERNA NO BRASIL

Fernanda Gabriela Silva¹; Maria Eduarda Borges Hummel¹; Hugo Acco Jaconi²

Graduando em Medicina pelo Centro Universitário Maurício de Nassau de Cacoal¹, Graduação no curso de medicina pela Faculdade de Ciências Biomédicas de Cacoal²

fernandagabi77@gmail.com

Introdução: A hemorragia pós-parto ou puerperal é causa prevalente de morte materna no Brasil, sendo definida pela perda de 500 ml ou mais de sangue após o parto vaginal e de 1.000 ml ou mais após parto cesáreo ou qualquer perda que curse com instabilidade hemodinâmica em até 24 horas após o evento. Suas principais causas decorrem da atonia uterina, trauma no canal de parto, retenção de tecido placentário e coagulopatias. Seu manejo baseia-se em medidas preventivas universais, e na presença de quadro ativo na adoção de protocolos para o rápido reestabelecimento da hemostasia com ágil identificação do fator desencadeante e resolução, uma vez que a presença de hemorragia importante potencialmente evolui para choque hipovolêmico podendo causar óbito materno. **Objetivo:** Analisar a incidência de mortalidade materna causada por hemorragia pós-parto, através dos dados obtidos por notificações emitidas no Brasil seccionado por região, visando observar o fluxo desta incidência ao decorrer dos últimos 3 anos de dados disponíveis. **Metodologia:** Trata-se de um estudo descritivo, do tipo ecológico, com uma abordagem quantitativa, com análise transversal, abrangendo todas as regiões do Brasil, no período de 2020 a 2022, mediante a coleta de dados, em junho de 2024, no Sistema de Informações sobre Mortalidade-SIM, do SUS, assim como Ministério da Saúde e Secretaria de Vigilância em Saúde e Coordenação-Geral de Informações e Análises Epidemiológicas, vinculado ao DATASUS, utilizando a Classificação Internacional de Doenças (CID-10), código O72. **Resultados e Discussão:** Foram registrados no Brasil durante o período de 2020 a 2022 um total de 331 óbitos notificados. Sendo o maior índice na região Sudeste com 107 óbitos, seguida pela região Nordeste com 96 óbitos, região Norte com 48 óbitos, região Sul com 45 óbitos e a região Centro-Oeste com 35 óbitos. O ano de 2021 apresentou a maior parcela de óbitos totalizando 117. As regiões Sudeste e Nordeste apontaram os maiores números de morte materna em todo o período analisado. **Considerações Finais:** A hemorragia pós-parto é uma emergência obstétrica que ainda possui números elevados no Brasil, apesar de se tratar de uma causa de morte evitável. Este estudo buscou demonstrar a importância da implantação universal de medidas de prevenção, treinamento de equipes para realização do diagnóstico precoce, o manejo imediato e assertivo, visando desta forma incentivar a busca por meios de reduzir morbimortalidade e desfechos desfavoráveis relacionados ao diagnóstico tardio.

Palavras-chave: hemorragia pós-parto; gravidez; complicações na gravidez.

UM ESTUDO ECOLÓGICO: ANÁLISE DA MORTALIDADE DECORRENTE DE NEOPLASIA DE COLO UTERINO NO BRASIL.

Maria Eduarda Borges Hummel¹; Fernanda Gabriela Silva¹; Hugo Acco Jaconi²

Graduando em Medicina pelo Centro Universitário Maurício de Nassau de Cacoal¹, Graduação no curso de medicina pela Faculdade de Ciências Biomédicas de Cacoal²

mariiahummel@hotmail.com¹

Introdução: A neoplasia de colo de útero é o terceiro câncer mais prevalente entre as brasileiras, tendo como etiologia a infecção pelo papilomavírus humano (HPV) tendo como subtipos oncogênicos mais comuns o 16 e 18. A Organização Mundial da Saúde firmou um pacto para a erradicação do câncer de colo uterino até 2030, através de programas efetivos de vacinação, rastreamento precoce, tratamento efetivo de lesões precursoras. No Brasil os óbitos decorrentes dessa condição apresentam números significativos, sendo que cerca de 80% dos casos são diagnosticados em estágio tardio. **Objetivo:** Analisar a incidência de mortalidade por neoplasia maligna de câncer de colo de útero, através dos dados obtidos por notificações emitidas no Brasil seccionado por região, visando observar o fluxo desta incidência ao decorrer dos últimos 3 anos de dados disponíveis. **Metodologia:** Trata-se de um estudo descritivo, do tipo ecológico, com uma abordagem quantitativa, com análise transversal, abrangendo todas as regiões do Brasil, no período de 2020 a 2022, mediante a coleta de dados, em junho de 2024, no Sistema de Informações sobre Mortalidade-SIM, do SUS, assim como Ministério da Saúde e Secretaria de Vigilância em Saúde e Coordenação-Geral de Informações e Análises Epidemiológicas, vinculado ao DATASUS, utilizando a Classificação Internacional de Doenças (CID-10), código C53. **Resultados e Discussão:** Durante o período de 2020 a 2022 foram registrados no Brasil um total de 17.141 óbitos notificados. Sendo o maior índice na região Sudeste com 5.640 registros, seguida pelo Nordeste com 5.356 óbitos, o Sul com 2.527 óbitos, o Norte com 2.301 óbitos e a região Centro-Oeste com 1.317 óbitos. O ano de 2022 apresentou a maior parcela de óbitos totalizando 5.973 registros. As regiões Sudeste e Nordeste apontaram os maiores números em todo o período analisado. **Considerações Finais:** A neoplasia de colo de útero é uma condição preocupante no cenário da população brasileira, pois mesmo com programas nacionais de rastreamento precoce, educação populacional e vacina preventiva ainda apresenta números consideráveis de óbitos. Este estudo buscou demonstrar a necessidade do fortalecimento dos programas de rastreamento precoce e educacionais, voltados a todas as faixas etárias, evidenciando especialmente o papel da vacinação na redução do surgimento de lesões precursoras para que reduza a morbimortalidade e desfechos desfavoráveis relacionados ao diagnóstico tardio.

Palavras-chave: neoplasias do colo uterino; papilomavírus humano; prevenção secundária.

UM ESTUDO ECOLÓGICO: ANÁLISE DA MORTALIDADE POR GESTAÇÃO ECTÓPICA NO BRASIL

Maria Eduarda Borges Hummel¹; Fernanda Gabriela Silva¹; Hugo Acco Jaconi²

Graduando em Medicina pelo Centro Universitário Maurício de Nassau de Cacoal¹, Graduação no curso de medicina pela Faculdade de Ciências Biomédicas de Cacoal²

fernandagabi77@gmail.com

Introdução: Gestação ectópica é a implantação e desenvolvimento do blastocisto fora da cavidade uterina, que se não for precocemente diagnosticada pode cursar com sua rotura, instabilidade hemodinâmica e evoluir para óbito. No Brasil corresponde a principal causa de morte materna no primeiro trimestre gestacional, o que constitui importante desafio para a saúde pública. **Objetivo:** Explorar através das notificações de óbito no Brasil, a incidência de mortes em mulheres causadas por gestação ectópica, nos últimos três anos de dados disponíveis, destacando os dados totais e também seccionados por regiões e os anos analisados. **Metodologia:** Trata-se de um estudo descritivo, do tipo ecológico, com uma abordagem quantitativa, com análise transversal, abrangendo todas as regiões do Brasil, no período de 2020 a 2022, mediante a coleta de dados, em junho de 2024, no Sistema de Informações sobre Mortalidade-SIM, do SUS, assim como Ministério da Saúde e Secretaria de Vigilância em Saúde e Coordenação-Geral de Informações e Análises Epidemiológicas, vinculado ao DATASUS, utilizando a Classificação Internacional de Doenças (CID-10), código O00. **Resultados e Discussão:** Foram observados no período de 2020 a 2022 um total de 131 óbitos notificados por gestação ectópica em todo Brasil, com o maior número de óbitos sendo a região Sudeste com 59 óbitos, seguido da região Nordeste com 38 óbitos, região Norte com 15 óbitos, região Centro-Oeste com 13 óbitos e a região Sul com seis óbitos. Destacando-se o ano de 2022 com a maior parcela de óbitos de 52 em comparação com os anos de 2020 com 40 e 2021 com 39 óbitos, contabilizando todas as regiões. Prevalendo a região Sudeste com o maior número de óbitos durante todo o período analisado. **Considerações Finais:** A gestação ectópica é uma condição clínica, que se precocemente diagnosticada apresenta bom prognóstico, por isso deve ser fortalecida a educação médica para realização de diagnóstico precoce, antes da ruptura, além do manejo adequado, que quando precoce pode ser manejada de forma conservadora ou em casos graves necessita de tratamento cirúrgico imediato. É de suma importância a capacitação para utilização de ferramentas de acompanhamento, que é a ultrassonografia transvaginal associada aos níveis de beta-HCG, para que seja reduzida a morbidade de tais quadros. Além disso, é vital que as pacientes que passaram por tal quadro sejam orientadas quanto a probabilidade de recorrência e acompanhamento adequado junto ao médico assistente.

Palavras-chave: gravidez; gravidez tubária; gravidez ovariana.

USO DA ARTE GESTACIONAL COMO INSTRUMENTO PARA FORTALECER O VÍNCULO ENTRE O BINÔMIO MÃE-BEBÊ.

Beatriz Souza Cruz dos Santos¹

Pós-graduanda em Enfermagem em Ginecologia e Obstetrícia pelo Programa de Pós-graduação Nilton Lins¹

enfbeatrizcruz@gmail.com

Introdução: Desde seu início, a profissão de Enfermagem tem considerado o ser humano em sua relação com o ambiente físico, psicológico e social. Na perspectiva atual de cuidados obstétricos, que enfatiza a humanização, a utilização da arte tem sido expandida. Enfermeiras, obstetrias e outros profissionais de saúde que atuam na atenção obstétrica têm se dedicado a pintar o ventre das mulheres, durante o pré-natal e na maternidade, com o propósito de desenvolver uma assistência humanizada e integral. Essa abordagem combina aspectos lúdicos e científicos, resultando em benefícios significativos para a saúde mental, emocional e física das gestantes. **Objetivo:** Relatar as experiências sobre a humanização da assistência à gestante através da pintura do ventre materno. **Metodologia:** Trata-se de um estudo descritivo do tipo relato de experiência, desenvolvido após a utilização da arte gestacional como ferramenta para construção do vínculo mãe-bebê durante o I Congresso Regional da Liga Acadêmica de Atenção Integral a Saúde da Mulher (LAAISM), em fevereiro de 2024, na cidade de Manaus-AM. Participaram deste momento três gestantes e dois acompanhantes. **Resultados e Discussão:** Antes da abordagem prática, houve exposição da temática por uma residente em obstetrícia, com auxílio de slides, para melhor compreensão da atividade a ser realizada posteriormente. Os procedimentos foram conduzidos em mulheres entre o segundo e terceiro trimestre de gestação para representar o feto intra-útero e as mudanças corporais decorrentes da gravidez. Havia um caso de gestação gemelar entre as mulheres selecionadas. Primeiramente, foram verificados a altura uterina, a manobra de Leopold (para determinar o posicionamento do feto) e a ausculta dos batimentos cardíacos. Em seguida, a pintura no ventre materno foi realizada conforme os resultados do exame físico, representando a posição real do feto e da placenta. Durante o processo artístico, foram utilizados maquiagem e tinta corporal, e as gestantes foram encorajadas a participar da pintura, escolhendo a arte e as cores a serem utilizadas, além disso, foi um momento oportuno para repassar informações importantes a cerca da gestação, autocuidado e a promoção do vínculo entre o binômio mãe-bebê, juntamente com seus acompanhantes. Após finalização das pinturas, as gestantes foram maquiadas e receberam alguns acessórios para que pudessem registrar esse momento especial em fotos. **Conclusão:** A arte gestacional oferece à mulher a oportunidade de recuperar o protagonismo durante a gestação, promovendo o fortalecimento do vínculo afetivo entre mãe e filho, contribuindo na diminuição da ansiedade e favorecendo desfechos positivos durante a assistência ao parto.

Palavras-chave: humanização da assistência; arte gestacional; binômio mãe-bebê.

PRÁTICAS INTEGRATIVAS E COMPLEMENTARES EM SAÚDE NO ALÍVIO DA DOR NO TRABALHO DE PARTO

Maria Beatriz Pereira de Souza¹; Maria Clara Rodrigues Camelo¹, Jardeliny Corrêa da Penha²

Graduando em Enfermagem pela Universidade Federal do Piauí¹, Docente do curso de Enfermagem da Universidade Federal do Piauí²

béatrizperreira12@gmail.com

Introdução: A dor que a mulher sente no trabalho de parto é inerente à circunstância e é uma das dores mais intensas sentida por esse público. As Práticas Integrativas e Complementares em Saúde (PICS) são utilizadas como métodos não farmacológicos seguros de alívio da dor e diminuem a necessidade do uso de analgésicos no parto vaginal. Dessa maneira, vê-se a necessidade da utilização dessas terapias complementares visando a diminuição do uso de métodos farmacológicos. **Objetivo:** Avaliar o uso de PICS no alívio da dor no trabalho de parto. **Metodologia:** É uma revisão integrativa de literatura, realizada em maio de 2024, em que foi utilizada a seguinte pergunta norteadora: “as PICS têm sido usadas para alívio da dor durante o trabalho de parto?”. A coleta dos dados foi realizada através das bases de dados PubMed e *Scientific Electronic Library Online* (SCIELO). Para a busca dos artigos, utilizou-se Descritores em Ciências da Saúde (DeCS) e *Medical Subject Headings* (MESH): ‘Terapias complementares’, ‘Trabalho de Parto’ e ‘Dor’. Os descritores foram utilizados de forma combinada com uso do operador booleano AND. Foram adotados como critério de inclusão: artigos de revisão sistemática e que respondessem à questão de pesquisa. Foram excluídos aqueles do tipo de revisão integrativa. Foram coletadas as seguintes variáveis: ano de publicação, periódico, resposta à questão de pesquisa e nível de evidência. Os dados quantitativos foram analisados descritivamente no Microsoft Excel e os qualitativos por análise de conteúdo. **Resultados e Discussão:** Foram encontrados 45 artigos para a pesquisa, que foram publicados entre os anos de 2014 a 2024, o periódico em que se teve mais prevalência sobre a temática foi a PubMed com 38 artigos (84,4%) e a Scielo teve 7 artigos (15,6%). Quanto ao uso de PICS para alívio da dor, observou-se que existe uma enorme quantidade dessas terapias. Entre as mais citadas, destacam-se: aromaterapia, reflexologia, eletroacupuntura, massagem nos pés, exercícios respiratórios combinados com massagem e aplicação de calor e acupressão. Ademais, a musicoterapia e acupuntura possuem dados conflituosos, visto que alguns artigos citam sobre suas eficácias sob a dor enquanto que alguns relatam que só diminuem o tempo de duração do parto. **Considerações Finais:** O uso de algumas PICS se mostra eficaz no alívio da dor durante o trabalho de parto. Sendo assim, vê-se a necessidade de os profissionais de saúde se capacitarem quanto a temática a fim de prestarem um melhor e mais humanizado atendimento às parturientes.

Palavras-chaves: terapias complementares; trabalho de parto, dor.

OS PERIGOS DO USO INDISCRIMINADO DO ANTICONCEPCIONAL ORAL COMBINADO: REVISÃO INTEGRATIVA DE LITERATURA

¹Deborah Ozima Mota Aroso ; ¹Gêmyna Thalita de Sousa Silva. ¹Ana Vitória Dias de Sousa.
² Antonione Santos Bezerra Pinto.

¹ Graduanda em Medicina pelo Instituto de Educação Superior do Vale do Parnaíba (IESVAP).
² Docente do curso de Medicina do Instituto de Educação Superior do Vale do Parnaíba (IESVAP).

✦ ✦
deborah100mota@gmail.com

Introdução: O método contraceptivo oral combinado é altamente eficaz e de fácil acesso, frequentemente escolhido pelas mulheres a fim de evitar uma gravidez indesejada. Porém, sua utilização demanda uma avaliação médica para considerar os possíveis riscos à saúde. Infelizmente, devido à disponibilidade facilitada, algumas mulheres optam por usá-lo sem orientação médica, aumentando o risco de doenças tromboembólicas e câncer no ovário e endométrio. **Objetivo:** Analisar os riscos do uso indiscriminado de anticoncepcional oral combinado, destacando suas complicações e malefícios decorrentes de uso irregular. **Metodologia:** O estudo trata-se de uma Revisão Integrativa da Literatura, baseando-se nos Descritores em Ciências da Saúde: Anticoncepcionais Orais Combinados; Fatores de Risco; Saúde da Mulher. Foram selecionados artigos publicados entre 2020 e 2024 nas bases de pesquisa LILACS e SciELO. Após critérios de exclusão e inclusão, 7 artigos foram considerados mais relevantes. **Resultados e Discussão:** O anticoncepcional oral combinado consiste em uma formulação contendo dois hormônios sintéticos, como o etinilestradiol (estradiol sintético), combinado com variados tipos de progestágenos, semelhante ao que os ovários produzem, e atuam impedindo a ovulação e modificam o muco cervical, tornando o ambiente hostil e consequentemente dificultando a fecundação. Apesar de sua eficácia e praticidade, seu uso indiscriminado, sem uma avaliação médica adequada, aumenta o risco de efeitos adversos, como risco de certos tipos de câncer, como câncer de mama e câncer cervical, e também de doenças tromboembólicas. Além disso, seu uso inadequado pode causar uma série de efeitos colaterais hormonais, como náuseas, sensibilidade mamária, alterações de humor, dores de cabeça e alterações no ciclo menstrual, e também facilitar o surgimento da hipertensão arterial. Portanto, é necessário uma fornecer informações adequadas sobre uso de pílula anticoncepcional oral combinada, e os riscos que seu uso sem um acompanhamento médico pode ocasionar. **Conclusão:** É crucial fornecer educação em saúde sobre o uso indiscriminado de anticoncepcional oral combinado e os possíveis riscos que o mesmo pode trazer, além de incentivar as mulheres a procurarem orientação médica antes de iniciarem seu uso. Isso é fundamental para prevenir complicações decorrentes do uso inadequado e garantir uma escolha contraceptiva segura e eficaz.

Palavras-chave: Anticoncepcionais Orais Combinados; Fatores de Risco; Saúde da Mulher.

UTILIZAÇÃO DA METODOLOGIA ATIVA NO PROCESSO FORMATIVO NO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GINECOLOGIA E OBSTETRÍCIA.

Beatriz Souza Cruz dos Santos¹; Maria Raika Guimarães Tapajós²

Pós-graduanda em Enfermagem em Ginecologia e Obstetrícia pelo Programa de Pós-graduação Nilton Lins¹, Doutora em Tocoginecologia pela Universidade Estadual Paulista²

enfbeatrizcruz@gmail.com

Introdução: As metodologias ativas defendem a ideia de que o aluno deve ser o foco central do processo de ensino-aprendizagem, incentivando-o ao protagonismo de seu desenvolvimento crítico e reflexivo. Ao utilizar essa ferramenta no processo formativo em ginecologia e obstetrícia, percebe-se uma melhora na assistência profissional, promovendo a autonomia do enfermeiro obstetra em sua prática, assegurando seu desempenho no cenário de assistência ao parto. Enfermeiros que se dedicam à aprendizagem contínua têm a chance de acessar um leque mais amplo de oportunidades de carreira, que podem incluir cargos de liderança e especialização. **Objetivo:** Relatar como pós-graduanda em um programa de pós-graduação na cidade de Manaus, a experiência vivida durante a aplicação de uma metodologia ativa de ensino e aprendizagem no processo formativo especializado, destacando a capacidade de absorção dos conteúdos de maneira autônoma e participativa. **Metodologia:** Trata-se de um estudo descritivo do tipo relato de experiência, desenvolvido no processo formativo de uma enfermeira de um programa de pós-graduação em Enfermagem em Ginecologia e Obstetrícia da cidade de Manaus-AM. **Resultados e Discussão:** No início do módulo de Prevenção e Controle de Infecções e Segurança do Paciente, a turma foi orientada a se dividir em grupos para que, ao final do referido módulo, pudessem realizar um workshop sobre as temáticas: Infecções puerperais; Prevenção e controle de infecção pós-abortamento; Prevenção e controle de infecção das vias urinárias. Os grupos se organizaram utilizando recursos de mídia (slides, banner e infográfico) para a elaboração do trabalho e foram estimulados pela docente a discutirem o papel do profissional enfermeiro frente a esses temas. No ensino tradicional, o docente é visto como a figura central e único detentor do conhecimento e, após a inversão desses papéis, os discentes puderam compreender melhor as várias situações do processo saúde/doença que envolvem mulheres em idade fértil, e conhecer as diferentes ações desempenhadas pelo enfermeiro obstetra nos centros de saúde. A abordagem utilizada permitiu que eles interagissem entre si, identificando as dificuldades remanescentes sobre cada assunto e possibilitando o esclarecimento de dúvidas após as apresentações, contribuindo na formação de profissionais obstetras mais críticos e comprometidos. **Conclusão:** Essa experiência contribuiu positivamente ao despertar a autonomia e o interesse dos discentes de pós-graduação na busca contínua de atualização de conhecimentos e técnicas baseadas em evidências.

Palavras-chave: metodologias ativas; ensino-aprendizagem; enfermagem; ginecologia e obstetrícia.



UTILIZAÇÃO DE TECNOLOGIA LEVE EM SAÚDE PARA ABORDAGEM SOBRE O CÂNCER DE COLO DE ÚTERO EM UMA UNIDADE DE SAÚDE DA FAMÍLIA

Luenne Sinara Ribeiro Pinheiro¹; Laiana Pereira Ribeiro¹.
Graduada em Enfermagem pela Universidade Federal Maranhão¹.

luennepinheiro@gmail.com

Introdução: O câncer de colo de útero (CCU) está entre os tipos de neoplasias que mais causam a morte de mulheres no Brasil, sendo ocasionado a partir da infecção dos subtipos oncogênicos do Papilomavírus Humano (HPV) através de relações sexuais. A evolução lenta da doença possibilita a detecção precoce, o que influencia positivamente no tratamento. Nesse sentido, as ações de realização do exame preventivo e oferta de atividades de educação em saúde são estratégias de combate ao CCU. **Objetivo:** Relatar a experiência de enfermeiras na aplicação de tecnologia leve em uma atividade de educação em saúde sobre o câncer de colo uterino. **Metodologia:** Trata-se de um relato de experiência, advindo da vivência das autoras em parceria com a Unidade de Saúde da Família do bairro João Castelo, cidade de Pinheiro-MA, onde foi realizada a atividade de educação em saúde nomeada “Sensibilização e prevenção ao câncer de colo de útero”, ocorrida no dia 22 de março de 2024, em alusão a campanha Março Lilás. O público foram as mulheres que aguardavam no espaço de espera da unidade para realizar o exame preventivo. A atividade constituiu-se em duas etapas: a primeira consistiu na abordagem objetiva e de fácil entendimento dos principais aspectos sobre o câncer de colo uterino, como: conceituação, cenário epidemiológico, fatores de risco, sinais e sintomas, diagnóstico e prevenção; a segunda etapa consistiu na aplicação de um jogo de Verdadeiro ou Falso sobre o conteúdo abordado na primeira etapa, visando fixar as principais informações sobre o tema, promover a interação e tornar o ambiente acolhedor. Para a realização do jogo, as enfermeiras elaboraram perguntas e confeccionaram plaquinhas para sinalizar as respostas das participantes. **Resultados e Discussão:** Observou-se que as mulheres expressaram interesse e atenção à atividade realizada. O jogo interativo favoreceu a participação ativa do público e a consolidação das informações, além de ter estimulado a realização de perguntas e retirada de dúvidas. O feedback geral positivo constatou o êxito dessa forma de abordagem, que relaciona-se à quebra do modelo tradicional de realizar atividade de educação em saúde, caracterizado predominantemente por palestras. **Considerações Finais:** Na atividade realizada foi possível transmitir as principais informações sobre a temática trabalhada, colaborando para a aquisição de conhecimento pelas participantes. A adoção de tecnologia leve demonstrou ser uma potencial aliada ao processo educativo dos usuários dos serviços de saúde.

Palavras-chave: educação em saúde; tecnologia leve; câncer de colo do útero.

VAGINOSE CITOLÍTICA: UMA REVISÃO DA LITERATURA

Iago dos Santos Beserra¹; Daniel Oliveira Mendonça¹; José Lucas Santos Bezerra¹; José Humberto Belmino Chaves²;

Graduando em Medicina pela Universidade Federal de Alagoas¹, Doutor em bioética e ética medica pela Universidade do Porto – Portugal; Professor associado de ginecologia da Universidade Federal de Alagoas²

Iago.beserra@famed.ufal.br

Introdução: A vaginose citolítica é uma condição relacionada a um processo de mudança no ecossistema vaginal, provocado pelo crescimento excessivo de lactobacilos, no qual acarreta mudança de PH e a ocorrência de processos irritativos do epitélio da vagina. **Objetivo:** Investigar os principais aspectos da vaginose citolítica. **Metodologia:** Foi realizada uma revisão da literatura a partir de fonte de dados, utilizando-se as plataformas de dados Pubmed e MedLine, com os descritores “vaginose citolítica” e “lactobacilos” com o operador booleano “AND”. Na seleção dos estudos foram encontrados 17 artigos que faziam alusão aos temas, sendo eleitos 3 artigos na sua integralidade. Os critérios de inclusão foram artigos originais publicados na última década, em idioma inglês, adotando-se definição, epidemiologia, fisiopatologia, manifestações clínicas, diagnóstico e tratamento da vaginose citolítica. Para a coleta de dados, os artigos identificados pela estratégia de busca inicial foram avaliados independentemente do fator de impacto da revista publicada. **Resultados:** A vaginose citolítica é uma disbiose da flora vaginal com uma prevalência que varia de 1 a 7%. Entre os fatores de risco para o seu desenvolvimento estão eventos que elevam o nível do estrogênio, como a gravidez e a idade menor que 40 anos. Sua fisiopatologia está relacionada com o aumento dos lactobacilos, isso porque o aumento desses microorganismos é responsáveis pela diminuição do PH vaginal, por meio da produção de peróxido de hidrogênio e de ácido lático. Essa modificação promove lesões na mucosa da vagina relacionadas a ruptura das células epiteliais escamosas, achados de citólise e aspectos irritativos. Os principais sintomas dessa patologia são: corrimento vaginal branco, eritema vulvar, prurido, dispareunia e disúria. Seu diagnóstico é feito por meio das manifestações clínicas em conjunto com a exclusão de outras condições similares, aliado a presença de um PH < 4,5. O tratamento é realizado com bicarbonato de sódio que alcaliniza o ambiente vaginal e diminui os sintomas de irritação da mucosa. **Conclusão:** Pode-se observar, a partir dessa revisão da literatura, que o processo de mudança da microbiota vaginal parece ser o principal mecanismo associado com desenvolvimento da vaginose citolítica. Nesse sentido, esse tema ainda merece mais aprofundamento, principalmente com o avanço do reconhecimento mais aprofundado do mecanismo que leva à disbiose da flora da vagina e consequentemente ao aumento da quantidade de lactobacilos e a diminuição do PH.

Palavras chaves: vaginose citolítica; disbiose; lactobacilos.

VIOLÊNCIA OBSTÉTRICA EM MULHERES NEGRAS NO BRASIL: UMA REVISÃO INTEGRATIVA

Maria Divina Vieira de Sá¹; Lara Rebeca Piauilino Freitas de Sá²; Liana Osório Fernandes³

Graduanda em enfermagem pela Universidade Federal do Piauí¹, Graduanda em enfermagem pela Universidade Federal do Piauí², Bacharel em Enfermagem pela Universidade Federal do Piauí, mestranda em Saúde e Comunidade pela Universidade Federal do Piauí³

mdvs@ufpi.edu.br

Introdução: A Violência Obstétrica (VO) é reconhecida mundialmente pela Organização Mundial de Saúde (OMS) como um problema de saúde pública. Embora não haja definição única, a VO pode ser entendida como atos de desrespeito e maus tratos às mulheres durante a assistência ao parto, tais como violência psicológica, violência física e violência sexual. Nas maternidades brasileiras, muitas mulheres sofrem VO, especialmente àquelas em maiores situações de vulnerabilidade, como as mulheres negras. Nesse sentido, não destacar que as mulheres negras estão mais suscetíveis à VO no parto e às mortes maternas no nosso país seria tratar como um problema unicamente de mulheres. **Objetivos:** Avaliar a relação entre a violência obstétrica sofrida por mulheres negras no Brasil e o racismo institucional. **Metodologia:** Pesquisa bibliográfica, qualitativa, do tipo revisão de literatura, realizada nos meses de março a maio de 2024. A coleta de dados se deu através de pesquisa nas bases de dados Scielo, PubMed e Lilacs, utilizando os descritores “Saúde da Mulher”, “Saúde da Mulher Negra” e “Violência Obstétrica” combinados com o operador booleano *AND*. Foram identificados 25 estudos, dos quais, 10 foram selecionados. **Resultados e Discussão:** A análise dos estudos revelou que a desigualdade de raça/cor pode influenciar no tratamento que as mulheres recebem dentro do estabelecimento de saúde, sendo observadas repercussões da VO em mulheres negras, a partir de atendimento desigual, impactando negativamente na saúde dessas mulheres. Os resultados apontam maior suscetibilidade de mulheres negras, decorrente do racismo institucional instalado na sociedade, onde a própria mulher pode não identificar a VO, por falta de conhecimento do termo ou banalização da violência. Observou-se também a influência dos profissionais de saúde na repercussão da VO, devendo eles promoverem ações de humanização destinadas à mulher, sendo esta protagonista no processo do parto. Além disso, destacou-se a importância de estudos sobre a temática, tendo em vista a existência de poucos artigos sobre o tema. **Conclusão:** Encarar a VO contra mulheres negras no Brasil como uma expressão do racismo institucional torna-se relevante, externalizando um processo histórico de violações sofridas por negras, especialmente no sistema de saúde nacional. Para tanto, faz-se necessário a implementação de políticas de saúde a respeito das iniquidades raciais constante nesse público, sendo o mais afetado por VO, além do investimento na melhoria da qualidade da atenção à saúde, incluindo atualização e desconstrução de técnicas ultrapassadas em hospitais e maternidades, fundamentais para promover uma experiência positiva da mulher no processo de parto.

Palavras-chave: saúde da mulher; saúde da mulher negra; violência obstétrica.

VIOLÊNCIA SEXUAL: SEQUELAS E ABORDAGENS DE ASSITÊNCIA PARA MULHERES VITÍMAS DESSE ABUSO

Arthur Humberto Arruda Duarte ¹; Maria Eduarda Pereira Juscelino ¹; Fellipe de Souza Fernandes ¹;
Livia Nantes de Souza ¹; Verônica Santana Coelho ¹; João Pedro Freire de Moraes ¹; Ana Laura
Ferreira Mendes ¹; Mariana Andrade Oliveira ²

Graduandos do Curso de Medicina pela Universidade de Ribeirão Preto-UNAERP ¹, Prof. Ms. em
Patologia Cirúrgica pela Universidade de Ribeirão Preto-UNAERP ²

arthurhad1234@gmail.com

Introdução: A violência sexual é definida pela Organização Mundial da Saúde (OMS) como um ato sexual ou tentativa de obter um coito de forma forçada, ou seja, usando qualquer forma de coerção e agressividade contra o outro. Esse crime é um problema generalizado em todo o mundo e, infelizmente, as incontáveis vítimas desse delito são em sua maioria mulheres, as quais precisam enfrentar sérias consequências físicas e mentais. Somado a isso, observa-se ainda uma frequente diminuição da qualidade de vida dessas mulheres decorrente desse abuso. **Objetivo:** Essa revisão de literatura tem como objetivo elucidar a ligação entre patologias físicas e mentais associadas às mulheres vítimas de violência sexual, além de descrever a complexidade desse tema. **Metodologia:** A metodologia utilizada nesta revisão bibliográfica tem como base artigos científicos publicados entre 2014 e 2024, que foram encontrados através da estratégia de pesquisa manual, nas plataformas digitais PubMed, Scientific Library Online (SciELO) e INCA, utilizando o operador booleano como: Violência Sexual Contra Mulheres; Violência Contra a Mulher e Saúde Mental. Foram incluídas publicações relevantes à tese e aos objetivos, eliminando desvios ao foco. De 10 artigos analisados, três foram essencialmente utilizados. **Resultados e Discussão:** Frente aos resultados obtidos, nota-se que as muitas mulheres vítimas e sobreviventes de violência sexual possuem um grande risco de desenvolver patologias mentais, por exemplo depressão, ansiedade, transtornos de estresse pós-traumático (TEPT), transtornos dissociativos, distúrbios alimentares e distúrbios do sono, além de existirem inúmeras tentativas de suicídio já registradas. Ademais, pesquisas revelaram relatos de baixa autoestima e dificuldade em participar da vida social, o que demonstra ainda mais a grande fragilização dessas vítimas. Essas são apenas algumas das incontáveis consequências que podem surgir na vida dessas mulheres, seja a curto ou a longo prazo. **Considerações Finais:** Conclui-se que a violência sexual afeta milhões de mulheres em todo o mundo com efeitos devastadores em sua saúde mental e física. O estigma social e a falta de denúncias representam desafios significativos na abordagem desse problema. É necessário que o cuidado seja centrado na mulher e suas necessidades sejam completamente atendidas por meio de uma abordagem multidisciplinar. Esse tratamento adequado e o apoio às vítimas são essenciais para mitigar os impactos devastadores desse tipo de violência e promover a recuperação física e emocional das pessoas afetadas.

Palavras-chave: Violência Sexual; Saúde Mental; Saúde da Mulher.

VIVER COM ENDOMETRIOSE: O IMPACTO NA VIDA DAS MULHERES

Erika da Silva Cavalcante

Graduada em enfermagem pelo Instituto de Ensino Superior Múltiplo - IESM

cavalcante.erika987@gmail.com

Introdução: A endometriose é uma doença inflamatória crônica definida como a presença de tecidos semelhantes ao endométrio fora do útero, causando sintomas de dor (dismenorreia, dispareunia, dor pélvica crônica) e infertilidade. Essa condição ginecológica é uma preocupação global crescente, que afeta cerca de 190 milhões de mulheres em idade reprodutiva em todo o mundo. A endometriose muitas vezes tem um impacto negativo na qualidade de vida (QV), pois afeta vários aspectos da vida das mulheres, incluindo vida social, saúde mental, vida sexual e capacidade de trabalho. Embora a endometriose tenha sido identificada pela primeira vez há mais de 160 anos, permanecem lacunas substanciais no conhecimento, incluindo a confirmação da etiologia da doença. **Objetivo:** Analisar a relação entre a endometriose e a qualidade de vida das mulheres afetadas, bem como os impactos físicos, emocionais e sociais na vida da mulher. **Métodos:** Trata-se de uma revisão integrativa, com abordagem qualitativa, disponível nas bases de dados da PubMed: Para a pesquisa utilizaram-se os seguintes filtros: texto completo e grátis, idioma em português e inglês e recorte de tempo nos últimos cinco anos (05 anos). Foram encontrados 206 artigos e após filtrado obteve-se 136 artigos, após leitura mais aprofundada foram incluídos 17 estudos para compor a pesquisa. Sendo os critérios de exclusão: os artigos que não condizem com o tema proposto. **Resultados:** Os estudos evidenciaram que lidar com a endometriose teve um impacto negativo nas atividades diárias. Muitas mulheres mencionaram sentir tensões físicas, especialmente dor, além de enfrentarem altos níveis de angústia emocional e restrições sociais, com níveis mais elevados de dor pélvica média durante a menstruação, além da carga física, consequências psicológicas da endometriose, nomeadamente ansiedade, stress e desamparo são associadas a essa condição, mulheres também descreveram que os sintomas da endometriose dificultavam o exercício ou a realização de atividades de lazer (por exemplo, andar de bicicleta, correr, assistir a concertos/filmes). **Conclusão:** A endometriose está muitas vezes associada a um pior funcionamento do bem-estar físico, mental e social da mulher portadora dessa condição e assim impactando de forma negativa sua qualidade de vida. É importante ressaltar a importância do diagnóstico precoce da endometriose e do manejo imediato das pacientes com dor e tratamento psicológico para melhorar sua qualidade de vida, a fim de melhorar o seu bem-estar e qualidade de vida.

Palavras-chave: endometriose; saúde da mulher; qualidade de vida.



A ATUAÇÃO DA ENFERMAGEM FRENTE A DEPRESSÃO PÓS-PARTO

Nathally Merielly Jansen Pereira Reis¹

Graduado em enfermagem pela Faculdade Edufor¹

Nathally360jansen@gmail.com

Introdução: A depressão pós-parto (DPP) é um transtorno psiquiátrico que evolui negativamente sobre a paciente, se estendendo à criança e às relações familiares e pode prevalecer por anos, estando ligada ao aumento de outros quadros depressivos recorrentes. De acordo com a Fiocruz, a Depressão pós parto afeta mais de 25% das mulheres no Brasil, em cada quatro mulheres, mais de uma apresentam sintomas de depressão no período de 6 a 18 meses após o nascimento do bebê. A predominância desse distúrbio no país foi mais elevada que a estimativa na OMS para países de baixa renda, em que 19,8% das parturientes apresentam o transtorno mental, em sua maioria a depressão **Objetivo:** identificar o papel do Enfermeiro na prevenção da Depressão Pós-Parto, além de conhecer os avanços e desafios destes profissionais na assistência à pacientes com diagnóstico de Depressão Pós-Parto. **Material e Métodos:** O estudo trata-se de uma revisão integrativa de literatura (RIL). Os dados foram coletados utilizando a base de dados Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciências da Saúde (LILACS), Scientific Electronic Library Online (SciELO) e Base de dados em enfermagem (BDENF). **Resultados:** Foram analisados 10 artigos publicados no ano de 2017 a 2022. O profissional de enfermagem possui um papel importante nesse processo, tendo como principais condutas, identificar precocemente os sinais e sintomas da doença e desenvolver ações em saúde em nível individual e coletivo. A atenção primária à saúde (APS) é uma fase fundamental nesse processo, pois é responsável pela atenção às mulheres no pré e pós-parto, atuando na avaliação, tratamento e cuidados às mulheres e encaminhamento para serviços necessários. Os profissionais inseridos dentro desse contexto devem estar aptos a fim de ofertar o melhor cuidado cooperando para a redução de morbidade e mortalidade materna **Conclusão:** Foi verificado que muitas vezes a DPP passa despercebida pelos profissionais de saúde, pois estes associam os sintomas apresentados pela mulher, com o desânimo normal que é vivenciado no pós-parto

Palavras-chave: Depressão; Depressão pós-parto; assistência de enfermagem.



ASSISTÊNCIA DE ENFERMAGEM NO RASTREAMENTO DO CÂNCER DE COLO DE ÚTERO

Nayama Sant'Anna Belbuche¹

Graduada em enfermagem pela Universidade Estácio de Sá e Residente em Saúde da Mulher do Hospital Municipal Odilon Behrens¹

nayamasan.1@gmail.com

RESUMO

O presente estudo aborda o tema assistência de enfermagem no rastreamento do câncer de colo de útero e tem por objetivo demonstrar as principais ações de assistência em enfermagem na neoplasia cervical. O câncer de colo de útero (CCU) é um tipo de câncer que se desenvolve nas células do colo do útero, a parte inferior do útero que se conecta à vagina. O câncer de colo de útero é causado principalmente pela infecção persistente por certos tipos do Papiloma Vírus Humano (HPV), que é transmitido principalmente através de contato sexual. É uma patologia de importante relevância à saúde pública devido suas taxas de incidência e mortalidade. A efetividade do enfrentamento dessa comorbidade está intimamente ligada à adesão ao rastreamento e detecção precoce do câncer de colo útero e lesões precursoras pela população. A atenção primária em saúde detém responsabilidade direta na elucidação da doença pela população por meio da educação em saúde e também na coleta do exame citopatológico, principal cuidado contra o desenvolvimento da moléstia que é realizado, em sua grande maioria pelo enfermeiro, profissional esse que não está envolvido somente na realização do exame, mas sim na assistência integral à prevenção dessa moléstia.

Palavras-chave: neoplasias do colo do útero; programas de rastreamento; papel do profissional de enfermagem.

1 INTRODUÇÃO

O câncer é uma afecção ocasionada pela replicação celular disfuncional, anormal e desordenada que ocasiona a invasão de tecidos adjacentes, sendo capaz de se proliferar e se alastrar para partes do corpo distantes do local de origem da doença, comprometendo o funcionamento do organismo, culminando em efeitos deletérios e, por vezes, fatais do hospedeiro. (FERREIRA, 2022)

O Câncer de Colo de Útero (CCU) é uma moléstia associada à infecção de formas oncogênicas do Papilomavírus Humano, especialmente HPV-16 e HPV-18. É considerado um importante problema de saúde pública uma vez que corresponde ao terceiro tumor mais frequente nas mulheres e também por ser a quarta causa de morte por câncer no Brasil. É uma doença de evolução lenta, imunoprevenível e passível de detecção precoce e rastreamento. (SOARES et al, 2011)

Para o ano de 2022 foram estimados 16.710 casos novos, o que representa um risco considerado de 15,38 casos a cada 100 mil mulheres No Brasil, a taxa de mortalidade por câncer do colo do útero, ajustada pela população mundial foi de 4,51 óbitos/100 mil mulheres em 2021 (INCA,2023).

A citologia oncótica, também conhecida como preventivo e Papanicolau, é a principal estratégia adotada pelo Ministério da Saúde para detecção de lesões precursoras da neoplasia cervical. O rastreamento tem alto potencial para diminuição do índice de mortalidade, bem

como atenuação dos encargos e custos nos sistemas de saúde. No Brasil, recomenda-se o rastreamento em mulheres de 25 a 64 anos que já tiveram relação sexual. O exame deve ser realizado a cada três anos, depois de dois exames anuais consecutivos negativos. (DIAS, 2021)

A Atenção Primária em Saúde (APS) tem papel fundamental no controle e detecção do CCU, uma vez que a Unidade Básica de Saúde (UBS) é a principal porta de entrada do usuário no Sistema Único de Saúde. Os enfermeiros que atuam na APS, principalmente na Estratégia em Saúde da Família (ESF), precisam desenvolver uma escuta qualificada e humanizada para que aja vinculação do usuário com a unidade de saúde. A coleta do material citopatológico não é uma ação privativa do enfermeiro, contudo, rotineiramente, na ESF, o exame é realizado exclusivamente por esse profissional. (FERREIRA, 2022).

A atuação do enfermeiro na prevenção do câncer do colo de útero em Unidades de Saúde é primordial para melhora do prognóstico situacional do CCU no Brasil. Contudo a assistência do enfermeiro frente à essa patologia não se configura apenas na coleta do material, o profissional de enfermagem deve atuar também na educação em saúde para que a população desenvolva consciência da importância da prevenção, como a realização da vacinação e uso de preservativo. (DIAS, 2021).

2 METODOLOGIA

Adotou-se a metodologia bibliográfica do tipo descritiva com método de abordagem qualitativo. O estudo baseou-se nas seguintes bases de dados: LILACS, Biblioteca Virtual em Saúde (BVS), BDNF, e Scielo, além de protocolos do Ministério da Saúde (MS) e do Instituto Nacional do Câncer (INCA). Para a análise de dados foram selecionadas 14 obras científicas, sendo 9 artigos, 2 protocolos do Ministério da Saúde, 1 protocolo da Secretaria Municipal de Saúde de Belo Horizonte, 1 protocolo da Federação Brasileira das Associações de Ginecologia e Obstetrícia (FEBRASGO) e 1 protocolo do INCA. Os critérios de inclusão adotados foram: artigos na íntegra que corroborem com a temática estudada, com disponibilidade completa em suporte eletrônico, em português e inglês, com ano de publicação a partir de 2010. Foram excluídos da análise de dados todos os artigos de relato ou estudo de caso.

3 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Educação em saúde é um conjunto de ações que se concentra em capacitar indivíduos e comunidades a adotarem comportamentos saudáveis e a tomar decisões informadas sobre sua saúde. As estratégias de educação em saúde podem variar desde a distribuição de materiais educativos, como panfletos e folhetos informativos, até a realização de workshops, palestras, grupos de apoio e campanhas de conscientização pública. A educação em saúde não desempenha um papel importante na redução da incidência e mortalidade pelo câncer de colo de útero, mas também sobre a manutenção da saúde ginecológica e sexual da população feminina. (CASARIN, PICOLI, 2011)

O processo de criação de estratégias em educação em saúde faz parte da assistência de enfermagem no rastreamento do Câncer de Colo do Útero uma vez que busca sensibilizar a população acerca do Câncer de colo de útero, sua prevenção, rastreamento e também sobre possíveis sintomas e fatores de risco para que as mulheres consigam reconhecê-los e procurar atendimento, caso necessário, culminando, dessa forma, na autonomia do cuidado em saúde das cidadãs. (FERREIRA, 2022)

A realização do exame citopatológico, também chamado de colpocitologia oncótica cervical, é o principal cuidado de enfermagem realizado para rastreamento do CCU. O exame citopatológico é um teste elaborado para identificação de alterações celulares presentes no colo do útero que podem predizer a presença de lesões precursoras do câncer ou até mesmo o câncer



já estabelecido. O emprego da técnica de coleta correta e as condições oportunas influem diretamente na confiabilidade dos resultados. (DIAS, 2021)

Para que o exame seja realizado, é necessário que algumas instruções prévias sejam seguidas, são elas: a não utilização de lubrificantes, espermicidas ou medicamentos vaginais, abstinência sexual 48 horas antes da realização da coleta, evitar uso de duchas e evitar exames transvaginais 2 dias antes do exame. O citopatológico não deve ser realizada durante o período menstrual, uma vez que a presença do sangue na amostra pode prejudicar o diagnóstico. (BRASIL, 2019)

Na consulta de enfermagem para coleta do exame, o enfermeiro deve propiciar um ambiente acolhedor e respeitoso. Faz-se necessário o desenvolvimento de uma escuta qualificada para a usuária se sinta à vontade e validada para compartilhar informações pessoais íntimas no que tange sua sexualidade. Deve-se explicar à paciente como o exame é feito e suas indicações antes da realização do mesmo. O profissional deve enxergar a paciente de forma holística, não apenas no rastreamento, uma vez que a consulta pode ser um meio para que outras questões relacionadas à saúde da mulher sejam percebidas. (FEBRASGO, 2017)

Para a realização do exame, os materiais necessários devem estar organizados e ao alcance do profissional para facilitar a coleta. A lâmina de vidro deve ser identificada. O espéculo, de tamanho adequado, deve ser inserido no canal vaginal afim da realização e a inspeção da vagina e do colo do útero. A coleta inicia-se começando pela ectocérvice, apoiando a ponta mais longa da espátula de Ayre no orifício cervical e raspando a espátula na ectocérvice, fazendo um movimento de rotação de 360 graus no do orifício. O material coletado deve ser colocado na lâmina em movimentos em sentido único, ocupando metade da lâmina. Para a coleta da endocérvice, deve-se introduzir a escova cervical no canal e realize de 3 a 5 giros completos em toda extensão do canal. (BELO HORIZONTE, 2022)

A fixação é uma etapa fundamental para garantir a qualidade do exame. A lâmina deve ser colocada imediatamente em frasco próprio contendo, preferencialmente, álcool à 96%, contudo, o álcool à 70% também pode ser utilizado. O líquido deve cobrir toda a superfície da lâmina que contenha a amostra colhida. A amostra deve ser acondicionada em local adequado, livre da luz solar, calor excessivo e congelamento para que a manutenção da confiabilidade do diagnóstico. (BRASIL, 2019)

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Foi constatado que a atuação de enfermagem frente ao rastreamento e detecção precoce do câncer de colo de útero é de grande relevância para controle e manutenção das taxas de incidência e de mortalidade referente ao CCU. Demonstrou-se que as principais ações de enfermagem no cuidado ao enfrentamento dessa afecção estão relacionadas com acolhimento, educação em saúde e a coleta da colpocitologia oncótica. Notou-se também a importância do desenvolvimento de uma atenção holística à mulher durante o atendimento para rastreamento do CCU, uma vez que pode ser uma porta de entrada para usuária ao serviço de saúde, sendo possível, dessa forma, perceber e observar outras questões e adoecimentos referentes à saúde e bem-estar da usuária.

REFERÊNCIAS

BELO HORIZONTE. Prefeitura Municipal. Gerência de Rede Ambulatorial Especializada – GERA.E. Coordenação de Apoio Diagnóstico. Diretoria Regional de Saúde Noroeste. **Guia de Coleta de exames Citopatológicos: Rastreamento do câncer do colo uterino.** Belo Horizonte, 2022.

BRASIL. Portal de Boas Práticas em Saúde da Mulher, da Criança e do Adolescente: **Coleta e Indicações para o Exame Citopatológico do Colo Uterino**, 2019.

CASARIN, Micheli Renata; PICCOLI, Jaqueline da Costa Escobar. Educação em Saúde para Prevenção do Câncer de Colo do Útero em Mulheres do Município de Santo Ângelo/RS. **Ciência & Saúde Coletiva**. v. 16, n. 9, 2011.

DIAS et al. Atuação do enfermeiro na prevenção do câncer do colo de útero em Unidades de Saúde. **J. Health Biol Sci**. v. 9, n. 1, p. 1 -6, 2021.

FEBRASGO. Federação brasileira das associações de ginecologia e obstetrícia. **Rastreo, diagnóstico e tratamento do câncer de colo de útero**. São Paulo, 2017.

FERREIRA et al. Detecção precoce e prevenção do câncer do colo do útero: conhecimentos, atitudes e práticas de profissionais da ESF. **Ciênc. saúde coletiva**, v. 27, 2022.

INCA, Instituto Nacional do Câncer. Coordenação de Prevenção e Vigilância. Divisão de Detecção Precoce e Apoio à Organização de Rede. **Dados e números sobre câncer de mama, Relatório Anual**. Rio de Janeiro, 2023.

SOARES et al. Câncer de colo uterino: atenção integral à mulher nos serviços de saúde. **Rev. Gaúcha Enferm**. v. 32, n. 3, p. 502 – 508, 2011



UMA ANÁLISE DA TRAJETÓRIA POLÍTICA DO MOVIMENTO DE MULHERES NEGRAS NO BRASIL

Wellen Tayane Rodrigues Miranda¹

Graduada em Serviço Social pela Universidade Federal do Pará¹

tayane.we23@gmail.com

RESUMO

Este estudo realiza uma análise crítica e abrangente da trajetória política do movimento de mulheres negras no contexto brasileiro. Utilizando uma abordagem interdisciplinar e a percepção da teoria política, da sociologia e estudo de gênero para compreender as dinâmicas, desafios, e conquistas desse movimento ao longo do tempo. Uma das características distintivas desse movimento é sua abordagem interseccional, que reconhece e combate as interseções entre racismo, sexismo, classismo, capacitismo e outras formas de opressão. As mulheres negras enfrentam desafios únicos que resultam da interseção desses sistemas de opressão, e o movimento tem como objetivo enfrentar essas complexidades de maneira holística.

Palavras-chave: gênero; movimento social; mulheres negras.

1 INTRODUÇÃO

O Movimento de Mulheres Negras (MMN) no Brasil emergiu como uma força política significativa ao longo das últimas décadas, impulsionado pela interseccionalidade das lutas contra o racismo, o sexismo e outras formas de opressão. Sua trajetória política é marcada por uma série de momentos chave e estratégias que visam a promoção da igualdade racial e de gênero.

Historicamente, o movimento de mulheres negras no Brasil tem suas raízes nas lutas contra a escravidão e na resistência das mulheres afrodescendentes às múltiplas formas de opressão. No entanto, sua visibilidade e organização ganharam força a partir da década de 1980, com a articulação de grupos, coletivos e organizações que buscavam enfrentar as discriminações específicas enfrentadas pelas mulheres negras.

Procurando estabelecer sínteses entre as identidades coletivas analisamos, respectivamente Alberto Melucci (1996) e Sidney Tarrow (1994), com o fito da emergência do MMN a partir da década de 80 e seus desdobramentos recentes, tanto às suas dinâmicas internas quanto ao seu papel de protagonista social junto ao Estado em diferentes níveis.

Uma das características distintivas desse movimento é sua abordagem interseccional, que reconhece e combate as interseções entre racismo, sexismo, classismo, capacitismo e outras formas de opressão. As mulheres negras enfrentam desafios únicos que resultam da interseção desses sistemas de opressão, e o movimento tem como objetivo enfrentar essas complexidades de maneira holística.

Ao longo dos anos, o movimento de mulheres negras no Brasil adotou uma variedade de estratégias para promover suas demandas e alcançar seus objetivos. Isso inclui a organização de protestos, marches, manifestações e mobilizações em níveis local, nacional e internacional. Além disso, o movimento tem trabalhado na formulação de políticas públicas, na promoção da educação antirracista e feminista, na produção de conhecimento acadêmico e na articulação com outros movimentos sociais.



O reconhecimento das mulheres negras como sujeitos políticos e agentes de mudança tem sido uma conquista importante do movimento, resultando em avanços significativos na legislação e nas políticas públicas relacionadas à igualdade racial e de gênero. No entanto, desafios persistentes, como o aumento da violência contra as mulheres negras, a desigualdade socioeconômica e a sub-representação nos espaços de poder, continuam a ser enfrentados pelo movimento.

Em resumo, a análise da trajetória política do movimento de mulheres negras no Brasil revela sua importância como uma força vital na luta por justiça social, igualdade e empoderamento das mulheres negras. Seu legado continua a inspirar e orientar as futuras gerações de ativistas na busca por um mundo mais justo e inclusivo.

2 METODOLOGIA

Algumas etapas precisam ser concretizadas como a revisão bibliográfica e os levantamentos de artigos, capítulos de livros, livros que demonstram essa pesquisa como uma forma de mapear, localizar, ser instrumento pedagógico em determinado tema de pesquisa.

Após a finalização do levantamento bibliográfico, será feita a seleção das obras que serão lidas e servirão de fundamentação teórica para a pesquisa, vale ressaltar que conhecer a temática é importante, visto que, muitos analistas apresentam os movimentos sociais um contexto amplo e como substitutos da classe operária se desenvolvendo como um capitalismo avançado (Burity, 1999). Logo, de forma explícita acerca disso quando diz sobre o poder se manter e ser aceito, é simplesmente que não pesa como uma força que diz não, mas que de fato ele permeia, produz coisas, induz ao prazer, forma saber, produz discurso.

Na etapa de coleta de dados, apresentamos o levantamento de artigos, livros, que foram produzidos no Brasil, sobre a temática uma Análise da Trajetória Política do Movimento de Mulheres Negras no Brasil, no período de 2010 a 2020, este levantamento será feito na SciELO - Brasil e a Plataforma Sucupira Plataforma Sucupira (capes.gov.br) disponível neste endereço eletrônico. Logo, quando se fala dessa temática, se fala também da função da família e da escola. Exemplificando, “para ele, a escola se mantém tão corporativa, que a solicitação da família para ter acesso ao regimento escolar, ao projeto pedagógico, Faleiros (2011).

Haverá também a análise de dados, nesta etapa, os artigos e livros selecionadas para estudo, terão seus resumos analisados, assim como sua introdução. A análise seguirá os procedimentos previstos na técnica da análise de conteúdo. Quanto a interpretação da análise de conteúdo, transita em dois polos: o rigor da objetividade e a fecundidade da subjetividade. É uma técnica refinada, que exige o desvendar crítico, objetividade nas análises, segundo Bardin (2011). As etapas de análises são as seguintes: etapa da escrita do projeto de pesquisa, e após será apresentado por meio de um artigo científico, que será enviado para publicação em periódico qualificado pela CAPES. Diante do exposto, a análise de conteúdo é um conjunto de técnicas de análise de comunicações que tem como objetivo ultrapassar as incertezas e enriquecer a leitura dos dados coletados.

3 RESULTADOS E DISCUSSÕES

O trabalho apresentará os resultados parciais da pesquisa sobre uma Análise da Trajetória Política do Movimento de Mulheres Negras no Brasil, em andamento, que integra ao nível de conhecimento acadêmico. Ademais, faremos uma breve pesquisa de artigos, capítulos de livros, livros sobre o tema e o levantamento bibliográfico, análise de conceitos, características, dados que os autores abordam de acordo com os anos de publicações e que vão fundamentar a parte teórica da pesquisa que será desenvolvida.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Podemos observar como o Movimento de Mulheres Negras demonstra uma das possibilidades de emergência de antagonismos dentro da sociedade capitalista. Vale destacar o sucesso em traduzir essas demandas específicas que propiciou uma conversação com a sociedade, com o problema entrando em definitivo na vida pública Alexander (1998).

Vale ressaltar a necessidade da realização de mais pesquisas nacionais sobre a temática das mulheres negras, sendo necessária para a implementação de políticas de saúde nos níveis locais que respondam às necessidades desse segmento da população, excluído dos serviços de saúde e dos bens sociais.

Portanto, esses resultados e discussões fornecem uma visão abrangente e aprofundada da trajetória política do movimento de mulheres negras no Brasil, destacando suas conquistas, desafios e impactos na sociedade brasileira.

REFERÊNCIAS

ALEXANDER, J. C. (1998). Ação coletiva, cultura e sociedade civil: secularização, atualização, inversão, revisão e deslocamento do modelo clássico dos movimentos sociais. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, 13(37), 05-31.

BARDIN, L. *Análise do conteúdo*. São Paulo: Ed. 70, 2011.

BURITY, J. (1999). Caminhos sem fim – caminho do fim? Movimentos sociais e democracia. In A. S. M. Breno (Org.), *Movimentos sociais: produção e reprodução de sentido* (pp. 13-57). Recife: Editora Universitária da UFPE.

FALEIROS, E. T. S. A criança e o adolescente. Objetos sem valor no Brasil colônia e no Império. In: RIZZINI, I. P. LOTTI, F. (orgs). *A arte de governar crianças*. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

MELUCCI, A. (1996). *Challenging codes*. Cambridge: Cambridge University Press.

TARROW, S. (1994). *Power in movement: Social movements, collective action and politics*. Cambridge: Cambridge University Press.



VIOLÊNCIA DOMÉSTICA CONTRA MULHERES GESTANTES E O PAPEL DA ENFERMAGEM: UMA REVISÃO INTEGRATIVA

Vanessa Fontana Ribeiro¹; Letícia Gabriele Albano Antunes¹; Giovana Callegaro Higashi².

Graduanda em enfermagem na Universidade Federal de Santa Maria – UFSM, Palmeira das Missões, Brasil¹, Enfermeira. Doutora em ciências da Saúde pela Universidade Federal de Santa Catarina- UFSC, Florianópolis, Brasil².

ribeiro.vanessa@acad.ufsm.br

RESUMO

O presente trabalho tem como o objetivo de revisar a literatura acerca do papel da equipe de enfermagem na assistência de mulheres gestantes vítima de violência doméstica, bem como as consequências para o binômio mãe-bebê. Os resultados do presente estudo evidenciam que a gestação é um período no qual a mulher está em contato frequente com os profissionais da saúde e, portanto, deve ser dada uma atenção maior, pois, ela está mais propensa a revelar a situação de violência que é submetida frequentemente. Trata-se de uma revisão integrativa que investigou a produção do conhecimento acerca da atuação da enfermagem na assistência às mulheres gestantes vítimas de violência doméstica. Foram pesquisadas as seguintes bases de dados: Scientific Eletronic Library Online (SCIELO), Sistema Latino-Americano e do Caribe de Informações e Ciências da saúde (LILACS) e Bancos de Dados em Enfermagem (BDENF), no período de 2013 à 2023, em português. Esse estudo reafirma que a violência constitui um fenômeno presente na vida da mulher, inclusive na fase gestacional, consequentemente, afetando o bem estar do binômio mãe-bebê. Tornando-se necessário melhor preparo profissional da equipe de saúde e, particularmente, da enfermagem, assim, possibilitará maior visibilidade da problemática e adoção de estratégias de enfrentamento.

Palavras-chave: Enfermagem; violência domestica; gestantes.

1 INTRODUÇÃO

De acordo com o art. 5º da Lei Maria da Penha, violência doméstica e familiar contra a mulher é “qualquer ação ou omissão baseada no gênero que lhe cause morte, lesão, sofrimento físico, sexual ou psicológico e dano moral ou patrimonial”. A violência doméstica contra gestantes é uma forma insidiosa de abuso que afeta não apenas a mulher grávida, mas também o feto em desenvolvimento e, consequentemente, toda a estrutura familiar, sendo que suas consequências podem ser devastadoras em termos de saúde física e mental. A violência contra gestantes é uma questão complexa que abrange diversos aspectos, desde a violência física direta até formas mais sutis de abuso emocional e negligência.

No contexto da gestação, a vulnerabilidade da mulher aumenta, pois ela está lidando com mudanças físicas e emocionais significativas, muitas vezes tornando-a mais dependente do parceiro ou da família. Isso pode criar uma dinâmica na qual o abusador exerce controle sobre a gestante, aproveitando-se de sua situação vulnerável. Os profissionais de saúde e, particularmente, a equipe de enfermagem, possuem importância fundamental no atendimento



dessa população, sendo que as ações perpassam tanto pela prevenção quanto a intervenção adequada para garantir a segurança e o bem-estar das mulheres durante o ciclo gravídico puerperal e além. Considerando-se que os profissionais de saúde e, particularmente, a equipe de enfermagem, têm importância fundamental no atendimento dessa população vítima, sendo que a identificação da violência doméstica se dá no atendimento profissional, este resumo expandido é de grande relevância, pois, possibilitará maior entendimento para o desenvolvimento de ações que de fato atendam às necessidades dessas mulheres, com profissionais da saúde capacitados, a fim de que possam oferecer uma atenção especial com práticas humanizadas (Acosta, 2018).

Segundo Francheschini(2015), em 2003 o Brasil já ocupava o 5º lugar, num ranking de 83 países onde mais se matam mulheres. São 4,8 homicídios por 100 mil mulheres, em que quase 30% dos crimes ocorrem nos domicílios, mais de 40% das violências resultam em danos graves a saúde das mulheres decorrentes de chute, espancamento e estrangulamento, sendo um problema de saúde pública, pois afeta a integridade física e a saúde mental da mesma, pois a mulher quando está em uma fase vulnerável que é a gestação, os danos são maiores, agarrando consequências a saúde do binômio mãe-bebê. Segundo Leite (2017), traz um estudo realizado pela OMS onde exhibe as prevalências de violência na gestação, estando o Brasil com preocupantes 32% de relatos de agressões durante a gravidez.

2 METODOLOGIA

Trata-se de uma revisão integrativa que investigou a produção do conhecimento acerca da atuação da enfermagem na assistência às mulheres gestantes vítimas de violência doméstica. Foram pesquisadas as seguintes bases de dados: Scientific Eletronic Library Online (SCIELO), Sistema Latino-Americano e do Caribe de Informações e Ciências da saúde (LILACS) e Bancos de Dados em Enfermagem (BDENF), no período de 2013 à 2023, em português. Os termos de busca utilizados na LILACS e na BDENF foram: enfermagem “AND” violência doméstica em gestantes. No SCIELO foram usados os termos foram: enfermagem “AND” violência doméstica. Nesta busca, foram inicialmente encontrados 20 artigos na base de dados da LILACS e BDENF, 152 na base de dados da SCIELO, totalizando 172 artigos, após filtrados sobraram 93, potencialmente relevantes. Em seguida a leitura exploratória dos títulos e resumos, 82 foram excluídos por não responderem a temática proposta e, então, selecionados 11 estudos que se enquadravam com os critérios de inclusão e que potencialmente respondiam à questão deste estudo e, em seguida foram lidos integralmente. Os critérios de inclusão dessa revisão foi: Estudos em português, disponíveis na íntegra e gratuitos e publicados nos últimos 10 anos. A coleta de dados foi realizada no mês setembro e outubro de 2023.

3 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Os resultados do presente estudo evidenciam que a gestação é um período no qual a mulher está em contato frequente com os profissionais da saúde e, portanto, deve ser dada uma atenção maior, pois, ela está mais vulnerável e propensa a vivenciar e revelar a situação de violência que é submetida dentro do seu núcleo familiar. Nesse contexto, o diálogo, vínculo da paciente com os profissionais de saúde proporcionam uma melhor assistência durante o pré-natal, e nesse pode ser identificado se a mulher sofre alguma violência na gestação, pois, muitas vezes, essa pode ser a única oportunidade de interromper o ciclo vivido por ela. Por outro lado, os estudos também apontaram as situações em que as mulheres buscam tardiamente atendimento pré-natal, em geral no terceiro trimestre da gestação, ou até mesmo são impedidas a acessarem os serviços de saúde. Tais situações podem ser atreladas a atos de violência doméstica.



Neste sentido, torna-se fundamental a quebra desse ciclo, pois as consequências geradas para o binômio mãe-bebê são fatais, uma vez que, podem levar a desfechos de prematuridade, desnutrição do recém-nascido ao nascer e, até mesmo aborto. Os estudos sinalizam sobre situações de separação de casais em que a mulher sofre algum tipo de violência pode se caracterizar como violência velada, uma vez que, estando associadas a fenômenos emocionais, nem sempre se faz visível, tornando difícil o seu reconhecimento como tal, por outro lado a gestação passa a ser o período que está mais vulnerável emocionalmente. Diversas vezes, às mulheres gestantes vítima de violência doméstica, recorrem aos serviços de saúde com lesões físicas, como hematomas e até mesmo problemas psicoemocionais, como depressão, insônia, ansiedade, dessa forma acarreta uma gestação indesejada, aborto, prematuridade, desnutrição do recém-nascido ao nascer e até mesmo doenças sexualmente transmissíveis. Estudos ressaltam para a necessidade de maior conhecimento e capacitação dos profissionais de saúde para o atendimento à mulher vitimada, com objetivo de oferecer um atendimento humanizado, não apenas aquele focado nos problemas físicos, mas incluindo os problemas psicológicos, emocionais que também afetam a saúde da mulher, como também da família e profissionais envolvidos (Fonseca-Machado, 2015).

Portanto, é de extrema importância a equipe de enfermagem e de toda a rede hospitalar oferecer um atendimento humanizado e de qualidade, fornecendo, assim, empatia, respeito, carinho e atenção. Dentro as possíveis estratégias que os profissionais podem utilizar para acolher de forma humanizada a mulher em situação de risco, destacam-se a visita domiciliar que impulsiona a aproximação da equipe de profissionais da saúde com a mulher gestante e, sobretudo, contribui para a identificação de violência doméstica à gestante (Acosta, 2018).

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esse estudo reafirma que a violência constitui um fenômeno presente na vida da mulher, inclusive na fase gestacional, conseqüentemente, afetando o bem estar do binômio mãe-bebê. Dessa forma, sugere-se uma aproximação, atenção e comunicação respeitosa visando maior atenção na relação entre a enfermagem e as mulheres vitimadas, de modo que a assistência seja sistematizada entre os serviços de apoio, tais como hospitais, unidades de saúde, delegacias, comunidade, e domicílios, entre tantos outros. Assim, a presente revisão, reflete sob a necessidade de mais estudos a respeito da temática, visto que, a violência doméstica a mulher gestante implicará diretamente na qualidade de vida do binômio mãe-bebê. Do mesmo modo, vale destacar que o sigilo, a orientação e a privacidade são ações que permeiam o cuidado de enfermagem, torna-se necessário melhor preparo profissional da equipe de saúde e, particularmente, da enfermagem, o que possibilitará maior visibilidade da problemática e adoção de estratégias de enfrentamento. Logo, as mulheres gestantes vítimas de violência doméstica precisam ser ouvidas e acompanhadas/atendidas, sem que elas tenham o sentimento de culpa, acarretado pela violência. Por fim, o atendimento será mais efetivo, de qualidade e humanizado com resultados mais eficazes e, conseqüentemente, com respostas que de fato atendam as expectativas e necessidades dessas mulheres.

REFERÊNCIAS

ACOSTA, Daniele Ferreira *et al.* Aspectos éticos e legais no cuidado de enfermagem às vítimas de violência doméstica. **Texto & Contexto-Enfermagem**, v. 26, 2017. Acesso em: 19 de out. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/tce/a/DM6Cwh66FZBsYz4xfvCtspm/?lang=pt>

ACOSTA, Daniele Ferreira, *et al.* Representações sociais de enfermeiras acerca da violência doméstica contra a mulher: estudo com abordagem estrutural. **Revista gaúcha de enfermagem**,

v. 39, 2018. Acesso em: 19 de out. Disponível em:
<https://www.scielo.br/j/rgenf/a/94ydx8ZRYjZNGc6c83CN9Gx/?lang=pt>

DUARTE, Maiara Cardoso, *et al.* Gênero e violência contra a mulher na literatura de enfermagem: uma revisão. **Revista Brasileira de Enfermagem**, v. 68, p. 325-332, 2015. Acesso em: 19 de out. Disponível em:
<https://www.scielo.br/j/reben/a/CVBKLzXym7TxrjW9r3WDMjz/?lang=pt>

DURAND, Julia Garcia, e Lilia Blima Schraiber. “Violência na gestação entre usuárias de serviços públicos de saúde da Grande São Paulo: Prevalência e fatores associados. **Revista Brasileira de Epidemiologia**, v. 10, n. 3, p. 310-322, 2007. Acesso em: 24 de out, 2023. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbepid/a/M9jYHR4DK8xskdxX7BLdvpD/>

FONECA-MACHADO, Mariana de Oliveira et al. Sob a sombra da maternidade: gravidez, ideação suicida e violência por parceiro íntimo. **Revista Panamericana de Salud Pública**, v. 37, n. 4-5, p. 258-264, 2015. Acesso em: 20 de out, 2023. Disponível em: <https://www.scielosp.org/pdf/rpsp/2015.v37n4-5/258-264/pt>

MARCIANE, Karla Oliveira, *et al.* Prevalência de violência por parceiro íntimo relatada por puérperas. **Acta Paulista de Enfermagem**, v. 26, p. 395-400, 2013. Acesso em: 19 de out, 2023. Disponível em:
<https://www.scielo.br/j/ape/a/xRcX95pHDqdHKvYPw94GxPn/?lang=pt>

MENEZES, Paulo Ricardo de Macedo, *et al.* Enfrentamento da violência contra a mulher: articulação intersetorial e atenção integral. **Saúde e sociedade**, v. 23, p. 778-786, 2014. Acesso em: 19 de out, 2023. Disponível em:
<https://www.scielo.br/j/sausoc/a/43DhBf74XtmrbRQGgMhPDDJ/?lang=pt>

LEITE, Franciele Marabotti Costa et al. Prevalência e fatores associados à violência doméstica: estudo em uma maternidade. 2017. Acesso em 19 de out, 2023. Disponível:
<https://www.scielo.br/j/tce/a/TnLbjRmxHCkMSgSMdWN3Qtf/#>

OKADA, Márcia Massumi *et al.* Violência doméstica na gravidez. **Acta paulista de enfermagem**, v. 28, p. 270-274, 2015. Acesso em: 19 de out, 2023. Disponível:
<https://www.scielo.br/j/ape/a/JjPNPWyPtPRwqnT7m6sn5bm/?lang=pt/>

RAMALHO, Naiany Monise Gomes *et al.* Violência doméstica contra a mulher gestante. **Revista de enfermagem**. UFPE on line, p. 4999-5008, 2017. Acesso em: 20 de out, 2023. Disponível em:
<https://periodicos.ufpe.br/revistas/revistaenfermagem/article/view/22279/25328>

SILVA, C. D., *et al.* Representação da violência doméstica contra a mulher: comparação entre discentes de enfermagem. **Revista Gaúcha de Enfermagem**. V. 39, 2018. Acesso em: 19 de out, 2023. Disponível em:
<https://www.scielo.br/j/rgenf/a/Gzq8qW7py3xZ4LvZwF7pzmB/?lang=pt>

FRANCHESCHINI, M. Brasil é o quinto do mundo em ranking de violência contra a mulher. G1, 2015. Acesso em: 21 de out, 2023. Disponível em:



2° CONSAMU
14, 15 e 16 de Junho

REALIZAÇÃO:



APOIO:



<https://g1.globo.com/hora1/noticia/2015/11/brasil-e-o-quinto-pais-do-mundo-em-ranking-de-violencia-contra-mulher.html>



GESTAÇÃO HETEROTÓPICA PÓS ABORTO

Alessandra Vitoria de Souza dos Santos¹; Raiany Nascimento de Almeida²

Graduanda em enfermagem pela Universidade Paulista do Amazonas¹; Enfermeira. Mestranda em Medicina Tropical e Doenças Infecciosas -UEA-FMT/HVD. Especialista em Saúde Pública com Ênfase em Saúde da Família e Comunidade e Docência do Ensino Superior. Vínculo: Universidade Paulista-UNIP/AM -Enfermeira Jra/Supervisora de Estágio¹.

sandravitoria068@gmail.com

RESUMO

A introdução destaca a gravidez heterotópica como uma ocorrência obstétrica rara, envolvendo gestações simultâneas dentro e fora do útero, com causas variadas. A falta de familiaridade dos profissionais de saúde com essa condição pode levar a diagnósticos tardios e tratamentos inexperientes. Na metodologia, é descrito um relato de experiência clínica baseado em exames, prontuários e revisão de literatura científica. Um caso clínico específico é apresentado, envolvendo uma jovem com histórico médico significativo e sintomas de gravidez heterotópica, cujo diagnóstico foi realizado após avaliação clínica e exames de imagem. Os resultados e discussões revelam a baixa taxa de diagnóstico precoce de gestações heterotópicas, com implicações graves para a saúde materna. São mencionadas complicações potenciais e opções de tratamento, incluindo abordagens medicamentosas e cirúrgicas. O caso apresentado ressalta a importância da identificação precoce dessa condição para evitar complicações graves. Nas considerações finais, considera-se a necessidade de os profissionais de saúde estarem em alerta para a possibilidade de gestação heterotópica e de adotarem abordagens diagnósticas e terapêuticas adequadas para evitar complicações futuras. A habilidade de identificar essa condição vai além do simples diagnóstico clínico, requerendo uma abordagem abrangente e cuidadosa.

Palavras-chave: gravidez heterotópica; diagnóstico precoce; gestação ectópica.

1 INTRODUÇÃO

O A gravidez heterotópica concebida de forma natural, dar-se o nome de gestação heterotópica espontânea, é uma manifestação obstétrica rara, ocorre em concepções de gestação tópica e ectópica simultaneamente. Suas causas podem estar relacionadas a anticoncepcionais hormonais, doença inflamatória pélvica, tuberculose em regiões abdominais, gravidez ectópica e cirurgia pélvica anterior (TAMAYO MILANES, 2019). Geralmente essas gestações se dá por técnicas Reprodução Assistida, com incidências de 1:100-500 gestações. Por sua raridade, este tipo de gravidez os profissionais de saúde não têm familiaridade e acabam postergando um diagnóstico precoce, levando assim, ao atendimento inexperiente sobre o caso (MONTEIRO et. al., 2021).

2 METODOLOGIA

Trata-se de um relato de experiência, no qual foi usado exames e prontuário da paciente. Também foi utilizado revisão de literatura em artigos científicos, onde fora feito busca de dados na Biblioteca Virtual em Saúde (BVS), com descritor: “Gravidez Heterotópica Espontânea”. Apresentação do caso: Paciente 22 anos, com histórico de tuberculose peritoneal, história



obstétrica de 2 cesárias e pré-eclâmpsia, sem uso de dispositivo intrauterino, de anticoncepcionais hormonais, nega endometriose, técnicas de reprodução assistida ou doença inflamatória pélvica. Procurou a unidade da maternidade relatando estar grávida e com sangramento vaginal moderado. Foi indicado exame de ultrassonografia obstétrica de primeiro trimestre, realizado em modo bidimensional dinâmico, com sonda convexa de 8,5 MHz, foi detectado útero em Anteversoflexão (AVF), aumentado de tamanho, contendo em seu interior saco gestacional normoimplantado, apresentando EMBRIÃO sem atividade cardíaca ao exame, com impressão diagnóstica de gestação de 6 semanas e 1 dia. Foi sugerido nova avaliação após 1 semana. Passado o período vigente (8 dias), paciente apresenta piora no quadro, dando entrada novamente na unidade da maternidade, onde foi solicitado ultrassonografia transvaginal de modo bidimensional, com sonda vaginal de 7,5 MHz. Os achados do exame foram: Observa-se junto ao ovário direito massa heterogênia mal definida medindo 4,59 x 4,18 x 4,19 centímetro (cm) e volume de 42,09 cm³, com líquido livre circundando a massa anexial direita e fundo de saco de Douglas, não foi visualizada gravidez intrauterina. No exame físico geral: Paciente lúcida, orientada, responsiva em tempo e espaço, ar ambiente, eupneica, afebril, normotensa, normocorada. Sinais vitais FC: 106 por minuto PA: 117/87 mmHg Escala de dor: 3 / 5. O exame vaginal mostrou útero aumentado de tamanho, em AVF, colo fechado com sangramento leve. Abdômen doloroso a palpação. Exames laboratoriais: Os exames laboratoriais mostraram hemoglobina (Hb): 12,2 g/dL; Hematócrito (Hct): 36,1%; Leucócitos: 15.270/mm³; Linfócitos: 19,1%; Plaquetas: 234.000/mm³; Gonadotrofina Coriônica (HCG Quantitativo): 1802 mUI/mL. Foi realizado o exame Tempo e Atividade de Protrombina (TAP): 13,7 segundos (92,4%); INR: 1,06; Tipagem Sanguínea: O+; Fator RH: positivo; Teste Rápido para Sífilis: Soro não reagente; Teste Rápido para HIV: Soro não reagente; Prova do Laço: Negativo; Tempo de Coagulação: 7 m.00s; tempo de Sangramento: 2 m. 00s. Tratamento cirúrgico: Paciente punccionada com Jelco 18, foi solicitado o tratamento clínico cirúrgico laparotomia exploradora com o diagnóstico pré-operatório de Prenhez Tubária a Direita, onde foi encontrado sangue na cavidade, e feito a lavagem da cavidade com Soro Fisiológico (S.F.) 0,9%, durante o procedimento foi utilizado as medicações Cefalotina 2g, Tilatil 40mg, Nause-dron, Dexametasona, Dimorf: 0,1 e Solução Ringer com Lactato: 500 ml, término do procedimento cirúrgico sem intercorrências. Realizado curativo com S.F. 0,9% +álcool 70%, compressivo. Paciente recebeu alta 3 dias após a cirurgia, com orientações para cuidados em casa.

3 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Apenas 26% das gestações heterotópicas possuem o diagnóstico precoce. Na maior parte do mundo a taxa de mortalidade materna no primeiro trimestre da gestação é altíssima, correspondem até 15% da taxa de mortalidade materna ligada a complicações da gestação ectópica. Casos como este podem desenvolver outras complicações, como ruptura uterina, hemorragia, e perda do feto intrauterino (MONTEIRO et. al., 2021). A gravidez ectópica pode ser tratada de forma medicamentosa, e pela laparotomia ou laparoscopia, o tratamento ainda é controverso, de acordo com cada situação, o Metotrexato é o tratamento não cirúrgico mais comum nos casos de gestação ectópica, sendo contraindicado em gestação heterotópicas com gravidez uterina viável (MONTEIRO et. al., 2021). O relato aqui descrito é de uma gravidez heterotópica distinta, visto que foi diagnosticado após 8 dias de um aborto uterino espontâneo, pode ser acompanhado ou não de sintomas específicos (defesa e dor pélvica), ocorrendo por vezes apenas sangramento vaginal, em casos como o exposto, faz-se necessário utilizar também como complemento diagnóstico a dosagem de B-hcg onde observa-se sua elevação específica. A paciente apresentava fatores de risco para uma gestação heterotópica, infelizmente não diagnosticada precocemente, o que levou a ruptura tubária e princípio de sepse.



4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

É essencial que profissionais da saúde possam identificar a gestação heterotópica precocemente, não apenas estabelecendo gravidez tópica ou aborto espontâneo como causa de sangramentos vaginais, a gestação heterotópica é um grande desafio para Obstetras e Ginecologistas, é preciso mais que um olhar clínico para diagnóstico, devendo evitar complicações posteriores.

REFERÊNCIAS

MONTEIRO D.R, Paula M. C, Tavares Y. A, Bueno VH, Monteiro R. R, Telini A. H. Gestação heterotópica espontânea: relato de caso com diagnóstico e manejo oportunos. *Femina*. 2021;49(5):309-13.

TAMAYO MILANES, Glennis et al. Gravidez heterotópica espontânea. Apresentação de um caso. *Multimed, Granma*, v. 23, não. 3, pág. 562-570, jun. 2019.

ATUAÇÃO DE ENFERMEIROS DE SAÚDE DA FAMÍLIA FRENTE AOS CASOS DE SÍFILIS DIAGNOSTICADOS NA GESTAÇÃO

Caroline Nardi¹.

Enfermeira pela Universidade Federal de Santa Catarina. Residente do Programa Multiprofissional de Saúde da Família pela Escola de Saúde Pública de Florianópolis.

carolnardi2000@gmail.com

RESUMO

A prevenção da sífilis congênita requer uma abordagem abrangente e integrada durante o pré-natal, conforme diretrizes do Ministério da Saúde. Isso inclui a conscientização sobre a importância da testagem precoce para detectar a infecção, garantindo o tratamento imediato para as gestantes e seus parceiros, além do registro adequado para acompanhamento pós-tratamento. Contudo, a escassez de recursos em algumas unidades de saúde compromete não apenas o diagnóstico e tratamento oportunos, mas também a continuidade do acompanhamento. Estudos científicos destacam a relação direta entre a disponibilidade adequada de testes rápidos e a administração de penicilina benzatina na Atenção Primária à Saúde e a redução significativa na transmissão vertical de sífilis. Além disso, os profissionais de enfermagem emergem como protagonistas na realização dos testes e tratamentos das gestantes. Portanto, é essencial fortalecer políticas e práticas que garantam uma assistência completa e o acesso universal a esses recursos em todas as unidades de saúde, investindo em capacitação profissional para efetivar medidas eficazes no combate à sífilis gestacional, visando garantir a saúde pública como um todo.

Palavras-chave: sífilis; pré-natal; enfermeiros e enfermeiras.

1 INTRODUÇÃO

A sífilis, tendo como seu agente etiológico o *Treponema pallidum*, é uma infecção bacteriana sistêmica, crônica, curável e exclusiva do ser humano. De acordo com o Protocolo Clínico e Diretrizes Terapêuticas para Prevenção da Transmissão Vertical do HIV, Sífilis e Hepatites (2022), ela é uma Infecção Sexualmente Transmissível (IST), cuja transmissão ocorre, principalmente, por meio de contato sexual, contudo, se não tratada ou tratada de forma inadequada, pode haver transmissão vertical para o feto durante a gestação.

Segundo o Ministério da Saúde (2023), com o intuito de prevenir a sífilis congênita, deve-se ofertar uma assistência pré-natal adequada, iniciada o mais precoce possível, realizar testagem para ISTs no primeiro trimestre (idealmente na primeira consulta) e no terceiro trimestre de gestação, para que, se o resultado for reagente, seja possível tratar as gestantes e suas parcerias sexuais, bem como realizar o seguimento pós-tratamento antes da parturição. Além disso, deve-se registrar os dados pertinentes em prontuário e na caderneta da gestante, além de notificar os casos de sífilis na gestação e sífilis congênita.

Neste contexto, salienta-se a necessidade de uma abordagem holística e empática por parte dos profissionais de enfermagem na Atenção Primária à Saúde (APS), estabelecendo vínculo e promovendo apoio emocional e educativo às mulheres grávidas. Desta forma, enfermeiros capacitados têm o poder de influenciar positivamente as decisões das mulheres, incentivando práticas de saúde preventivas, como o uso de preservativos e a realização de exames sorológicos. Outrossim, ao monitorar de perto a reatividade e oferecer tratamento

adequado às gestantes com diagnóstico de sífilis, estes profissionais desempenham um papel crucial na interrupção da transmissão vertical da doença, protegendo não apenas a mãe, mas também o feto e, contribuindo assim, para que se garanta a saúde pública como um todo (Lins; Silva; Santos, 2022).

2 METODOLOGIA

O presente estudo trata-se de uma pesquisa bibliográfica do tipo Revisão Narrativa da Literatura, com uma ênfase descritiva em seus objetivos. A autora coletou e interpretou os dados sem interferência direta, fornecendo uma descrição detalhada das características do objeto de estudo em questão. A coleta de dados foi conduzida mediante a busca eletrônica nas seguintes bases de dados relevantes: Literatura Latino Americana e do Caribe em Ciências da Saúde (LILACS), que resultou em 1.519 artigos; PubMed, chegando-se a 06 artigos; e *Scientific Electronic Library Online* (SCIELO), chegando-se a 81 artigos. Destas fontes, foram selecionados 04 artigos para análise e discussão. A estratégia de busca utilizou o vocabulário apropriado, com o emprego dos Descritores em Ciências da Saúde (DeCS) em conjunto com o operador booleano "OR". A estratégia de busca utilizou o vocabulário apropriado, com o emprego dos Descritores em Ciências da Saúde (DeCS) em conjunto com o operador booleano "OR". Os critérios de inclusão adotados foram artigos completos e de acesso gratuito, escritos em português e publicados nos últimos 05 anos (2019 - 2024). Já os critérios de exclusão englobaram artigos pagos, em outros idiomas e publicados fora do período estabelecido. Este método rigoroso de seleção e análise de dados fortalece a credibilidade e a relevância dos resultados obtidos.

3 RESULTADOS E DISCUSSÕES

3.1 DESAFIOS E ESTRATÉGIAS PARA O DIAGNÓSTICO DE SÍFILIS NO PERÍODO GESTACIONAL

Em um estudo transversal, multicêntrico e de abrangência nacional, fazendo uso de dados do Programa de Melhoria da Qualidade da Atenção Básica (PMAQ-AB), do Ministério da Saúde e utilizando dados dos meses de janeiro a dezembro de 2017 e de maio a agosto de 2018, percebeu-se que 47,7% dos serviços não tinham sempre a disposição insumos e/ou testes-rápidos para detecção de sífilis. Desta forma, a limitação da disponibilidade de teste-rápido, bem como benzilpenicilina benzatina comprometem o diagnóstico, assim como o imediato tratamento da sífilis em gestantes (Paula *et al.*, 2022).

Um estudo ecológico realizado em várias localidades do Brasil no ano de 2014, levou em consideração o percentual de equipes da atenção básica que realizavam ações de diagnóstico e tratamento para sífilis gestacional. Ao avaliar os resultados, evidenciou-se que os municípios com redução da transmissão vertical de sífilis foram aqueles que dispuseram de maior oferta de teste-rápido e a devida aplicação de penicilina benzatina na APS, o que reforça a relevância da disposição de recursos e infraestrutura apropriados (Figueiredo *et al.*, 2020).

Segundo um estudo efetuado por Domingues *et al.* (2021), a maioria dos casos de sífilis congênita são consequência de falhas na testagem durante o pré-natal ou, ainda, devido ao tratamento errôneo ou mesmo inexistente da sífilis materna. Além disso, de acordo com uma pesquisa realizada por Araújo e Souza (2020), no Rio Grande do Norte, constatou-se o protagonismo do profissional enfermeiro na testagem da sífilis. Nota-se como um ponto positivo para a profissão na APS, porém destaca-se que é fundamental que a equipe como um todo também se comprometa com esta temática e sinta-se responsável com a testagem desta IST, a fim de que não fique centralizada em uma única profissão e a saúde da gestante seja vista



com maior integralidade.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com base nas pesquisas analisadas e diretrizes estabelecidas pelo Ministério da Saúde, fica claro que a prevenção da sífilis congênita exige uma assistência integral e qualificada. Assim, uma abordagem completa no pré-natal integra a educação e conscientização acerca da realização de testagem para detecção desta IST, constatação precoce dos casos positivos para que seja garantido o tratamento adequado e imediato às gestantes e suas respectivas parcerias, além de garantir o adequado registro em prontuário e caderneta da gestante, propiciando acompanhamento pós-tratamento e prevenindo complicações para o binômio mãe-filho.

Entretanto, observa-se que a limitação de recursos em algumas unidades de saúde compromete não apenas o diagnóstico e tratamento oportunos, como também a continuidade do monitoramento, visto que, conforme estudos científicos na área, demonstrou-se que a oferta adequada de testes-rápido e administração de penicilina benzatina na APS, estão diretamente relacionados a uma diminuição significativa na transmissão vertical de sífilis.

Além do mais, percebe-se que os profissionais enfermeiros realçam sua autonomia na realização dos testes e tratamentos das grávidas. Logo, é imprescindível que políticas e práticas que assegurem uma assistência completam sejam fortalecidas, seja garantido o acesso universal a estes recursos em todas unidades de saúde, invista-se em capacitações para os profissionais de saúde, tornando-se mais eficazes as medidas no combate à sífilis gestacional, almejando melhorar os resultados de saúde materna e infantil em todo o país.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO T. C. V.; SOUZA M. B. Adesão das equipes aos testes rápidos no pré-natal e administração da penicilina benzatina na atenção primária. **Rev Esc Enferm USP**, 2020; 54:e03645. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/reeusp/a/GJKMK7gxhQWLSgz3mkNbCDF/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 28 abr. 2024.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Ministério da Saúde atualiza recomendação sobre o intervalo entre doses de penicilina para tratamento de sífilis em gestantes**, 2023. Disponível em: <https://www.gov.br/saude/pt-br/assuntos/noticias/2023/julho/ministerio-da-saude-atualiza-recomendacao-sobre-o-intervalo-entre-doses-de-penicilina-para-tratamento-de-sifilis-em-gestantes>. Acesso em: 29 abr. 2024.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Ciência, Tecnologia, Inovação e Insumos Estratégicos em Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde. **Protocolo Clínico e Diretrizes Terapêuticas para Prevenção da Transmissão Vertical do HIV, Sífilis e Hepatites Virais** [recurso eletrônico] / Ministério da Saúde, Secretaria de Ciência, Tecnologia, Inovação e Insumos Estratégicos em Saúde, Secretaria de Vigilância em Saúde. – Brasília: Ministério da Saúde, 2022. 224 p. Disponível em: https://bvsm.s.saude.gov.br/bvs/publicacoes/protocolo_clinico_hiv_sifilis_hepatites.pdf. Acesso em: 29 abr. 2024.

DOMINGUES C. S. B. et al. Protocolo Brasileiro para Infecções Sexualmente Transmissíveis 2020: sífilis congênita e criança exposta à sífilis. **Epidemiol. Serv. Saude**, Brasília, 30(Esp.1):e2020597, 2021. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ress/a/SwXRF6pXG3hX58K86jDSckv/?format=pdf&lang=pt>. Acesso

em: 28 abr. 2024.

FIGUEIREDO, D. C. M. M. *et al.* Relação entre oferta de diagnóstico e tratamento da sífilis na atenção básica sobre a incidência de sífilis gestacional e congênita. **Cad. Saúde Pública** 2020; 36(3):e00074519. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/csp/a/8syf4sN3Q5vZSw8mwk6zkDy/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 28 abr. 2024.

LINS, I. V. G.; SILVA, L. B. C.; SANTOS, T. S. Sífilis gestacional na atenção básica: o olhar do enfermeiro. **Brazilian Journal of Development**, Curitiba, v.8, n.5, p.40346-40357, may., 2022. Disponível em:

<https://ojs.brazilianjournals.com.br/ojs/index.php/BRJD/article/view/48500/pdf>. Acesso em: 29 abr. 2024.

PAULA, M. A. *et al.* Diagnóstico e tratamento da sífilis em gestantes nos serviços de Atenção Básica. **Ciência & Saúde Coletiva**, 27(8):3331-3340, 2022. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/csc/a/d4yh3CmkjTbPJvrn63pwbKb/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 28 abr. 2024.

ANÁLISE DA ECLÂMPسيا COMO CAUSADORA DE MORTE OBSTÉTRICA NO BRASIL: UM ESTUDO ECOLÓGICO

Julie Adriane da Silva Pereira¹; Letícia Coelho de Figueiredo Andrade²; Dirceu Leite de Barros Cruz³; Catcherine Tombini Brum⁴; Johny Carlos Queiroz⁵.

Graduando em Medicina pelo Centro Universitário Maurício de Nassau de Cacoal¹, Graduando em Medicina pela Universidade Metropolitana de Santos², Graduando em Medicina pela Uniderp de Campo Grande³, Graduando em Medicina pela Universidade de Passo Fundo⁴, Mestre em Enfermagem pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte⁵.

julieadriane@hotmail.com

RESUMO

Os distúrbios hipertensivos são a maior causa de morte materna no Brasil. Dessa forma, a pré-eclâmpsia, síndrome hipertensiva intercorrente na gestação, denota um importante risco relacionado à saúde materna e infantil. Este estudo tem por objetivo analisar a taxa de mortalidade devido a eclâmpsia na população gestante, comparando as regiões brasileiras. Efetuou-se um estudo descritivo, do tipo ecológico, com uma abordagem quantitativa, de análise transversal, abrangendo todas as regiões do Brasil, no período de 2012 a 2022, mediante coleta de dados por meio do Departamento de Informática do Sistema Único de Saúde (DATASUS) e da plataforma TabNet. Foi escolhida a sessão referente à quantidade de óbitos por eclâmpsia, por local de internação, selecionando-se região/unidade de federação, no período de análise. O total de óbitos por eclâmpsia no período foi de 1685. O ano com maior número absoluto foi o de 2013 (175). O último ano (2022: 147) teve uma redução de apenas 3,92% comparado ao ano inicial (2012: 153). O estudo reforça a extrema significância da eclâmpsia como causa de morte materna no Brasil, com destaque para a região Nordeste, com as maiores porcentagens de óbitos por eclâmpsia no país.

Palavras-chave: eclâmpsia; morte obstétrica; pré-eclâmpsia.

1 INTRODUÇÃO

A pré-eclâmpsia (PE), síndrome hipertensiva intercorrente na gestação, ocasiona um risco real e significativo nos indicadores relacionados à saúde materna e infantil, diagnosticada a partir da 20ª semana (Silva Filho *et. al.*, 2023). A hipertensão arterial ainda é a causa de morte materna mais prevalente. Estima-se que, no mundo, 50.000 mulheres morrem anualmente de eclâmpsia. No Brasil, as síndromes hipertensivas representam a primeira causa de mortalidade materna compreendendo 35% de todos os casos (Amorim *et. al.*, 2001). Além de constituir fator causal relativo às mortes maternas e perinatais, implica em limitações definitivas na saúde materna e graves problemas decorrentes a prematuridade iatrogênica associada, sendo a PE a principal causa de prematuridade eletiva no país (Silva Filho *et. al.*, 2023). Apesar disso, é uma condição de diagnóstico oportuno a partir de exames laboratoriais, que devem ser realizados no pré-natal de gestantes com fator de risco para essa condição, como hipertensão arterial, diabetes mellitus, pré-eclâmpsia em gestação anterior ou histórico de PE na família, pois o tratamento pode ser implantado em tempo hábil antes da 16ª semana de gestação, com cálcio e ácido acetilsalicílico (Urbanetz, 2020). Assim, a eclâmpsia, que se constitui a partir de convulsões e alterações laboratoriais e lesão em órgão-alvo, apresenta um risco grave em decorrência da hipertensão arterial grave, que evolui com hipoperfusão cerebral, ocasionando edema citotóxico

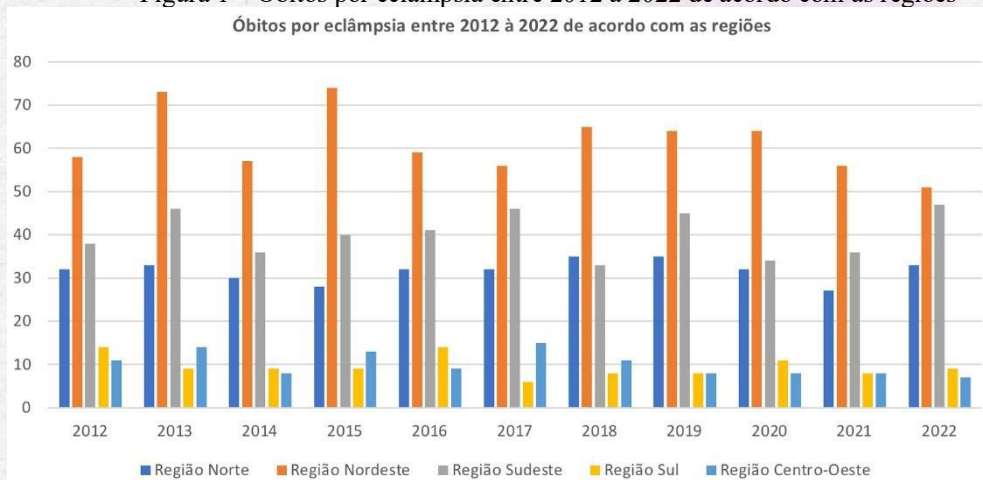


ou vasogênico, associado a disfunção endotelial e isquemia (Norwitz *et. al.*, 2024). Nesse sentido, as consequências das convulsões tônico-clônicas representam uma emergência obstétrica em decorrência da gravidade dos desfechos, que variam de insuficiência cardíaca, hepática e renal, coagulopatia, edema pulmonar a acidente vascular cerebral (Urbanetz, 2020). Assim, sintomas como hipertensão sustentada, epigastralgia, escotomas, náuseas, vômitos, cefaleias e rebaixamento do nível de consciência devem levantar suspeita de um quadro de iminência de eclâmpsia e deve ser manejado com sulfato de magnésio para neuroproteção (Zugaib; Vieira, 2019). Tendo isso em vista, observa-se uma alta prevalência de óbitos por essa causa em território brasileiro, principalmente na região nordeste, seja pelas condições socioeconômicas, por negligência médica ou por falta de intervenção em tempo oportuno que poderiam ser evitados. Posto isso, torna-se necessário o reconhecimento imediato dessa condição, com base em exame físico eficiente, monitorização de sinais vitais, comparação dos exames laboratoriais realizados com frequência adequada e intervenção oportuna, a fim de evitar morbimortalidade materna. O estudo tem como objetivo analisar a taxa de mortalidade devido a eclâmpsia na população gestante, em um comparativo entre as regiões brasileiras, no período de 2012 a 2022.

2 METODOLOGIA

Trata-se de um estudo descritivo, do tipo ecológico, com uma abordagem quantitativa, com análise transversal, abrangendo todas as regiões do Brasil, no período de 2012 a 2022, mediante coleta de dados, em abril de 2024, no Sistema de Informações sobre Mortalidade-SIM, do SUS, assim como Ministério da Saúde e Secretaria de Vigilância em Saúde e Coordenação-Geral de Informações e Análises Epidemiológicas, vinculado ao DATASUS, referente à quantidade de óbitos por eclâmpsia, por local de internação, selecionando-se região/unidade de federação, no período de análise. Os dados foram coletados em 16 de abril de 2024. A população inclui mulheres em idade fértil, gestantes ou puérperas conforme definido no capítulo I da Classificação Internacional de Doenças (CID-10), código O15. Este estudo aderiu às diretrizes para pesquisa científica envolvendo seres humanos, devido ao uso de dados secundários e de domínio público, não houve necessidade de parecer do Comitê de Ética em Pesquisa, de acordo com o artigo 1º da Resolução nº 510, de 07 de abril de 2016. Os dados estatísticos foram organizados em tabelas do Excel e apresentados em gráfico.

Figura 1 – Óbitos por eclâmpsia entre 2012 a 2022 de acordo com as regiões



Fonte: Andrade, L. F. C., et. al., 2014; dados extraídos do Departamento de Informática do Sistema Único de Saúde (DATASUS), 2024.

3 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Durante o período analisado, o Brasil registrou um total de 1685 óbitos de 2012 a 2022. Em 2012, 153 óbitos foram registrados, com o Nordeste obtendo o maior valor de 58, enquanto o Centro-Oeste obteve o menor (11), a região Norte obteve 32 óbitos, Sudeste 38 e Sul 14. Já em 2013, houve aumento do número de óbitos com 175, permanecendo o Nordeste em 1º lugar com 73, a região Sul com o menor número de 9, o Norte com 33, Sudeste 46 e Centro-Oeste 14. Em 2014, houve queda do número total de óbitos para 140, permanecendo o Nordeste com o maior número de 57, Centro-Oeste com o menor 8, a região Norte expressou 30, Sudeste 36 e Sul 9. Em 2015, o valor total de óbitos subiu para 164, o Nordeste obteve 1º lugar com 74, e o Sul 5º lugar com 9, o Norte obteve 28 óbitos, Sudeste 40, Centro-Oeste 13. No ano de 2016 houve queda no valor total de óbitos com 155, Nordeste em 1º lugar com 59 e Centro-Oeste em último com 9, Norte com 32, Sudeste com 41 e Sul 14. Em 2017, o número total de óbitos no Brasil foi o mesmo, sendo a maior parte no Nordeste com 56 e a menor no Sul com 6, Norte com 32, Sudeste com 46 e Centro-Oeste com 15. Em 2018 houve queda no valor total com 152, Nordeste em 1º lugar com 65 e Sul em último com 8, Norte com 35, Sudeste 33 e Centro-Oeste 11. Em 2019 houve aumento para 160 óbitos, Nordeste com o maior valor de 64 e Centro-Oeste e Sul com menores valores de 8 cada uma, Norte 35 e Nordeste 45. Em 2020 houve queda no valor total com 149 óbitos, o Nordeste liderando com 64, seguido pelo Sudeste com 34, Norte com 32, Sul com 11 e Centro-Oeste com 8. Em 2021 houve queda para 135 óbitos, sendo a maioria no Nordeste com 56, seguida do Sudeste com 36, Norte 27, Sul e Centro-Oeste com 8 cada um. Por fim, em 2022 houve aumento do número total com 147 óbitos, liderando a região Nordeste com 51, seguida do Sudeste com 47, Norte 33, Sul 9 e Centro-Oeste 7. De acordo com os dados expostos, evidencia-se que durante a década analisada, o ano de 2013 apresentou a maior taxa de mortalidade. No que diz respeito às regiões brasileiras, durante todos os anos de 2012 a 2022 a região Nordeste apresentou os maiores índices de óbitos por eclâmpsia. Esses dados são semelhantes à literatura, na qual houve uma grande parcela de óbitos em 2019, quando comparado o período de 2017 a 2021, com o Nordeste expressando os maiores índices, dentre todas as regiões, na maior parte do período analisado, conforme os dados observados nesta pesquisa (Silva Filho *et. al.*, 2023).

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esse estudo corrobora com a literatura ao apresentar maior índice de óbitos na Região Nordeste, em decorrência da sua carência de recursos, quando comparado ao Sudeste brasileiro, no entanto, também apresenta limitações, como subnotificação e impossibilidade de associações de causa e efeito. Assim, são necessários mais estudos acerca da epidemiologia da Eclâmpsia como causadora de morte materna, para determinar o seu padrão de distribuição e medidas eficazes para sua prevenção e tratamento, com destinação de verbas públicas para as áreas mais afetadas, insumos medicamentosos, laboratoriais e equipe multiprofissional. Além disso, é necessário a intervenção e acompanhamento médico regular durante o pré-natal, a fim de identificar os fatores de risco associados à eclâmpsia em cada gestante, assim como utilizar medicações para minimizar o risco em pacientes já diagnosticadas com pré-eclâmpsia, como também manejar as crises convulsivas tônico-clônicas e os seus pródromos. Dessa forma, óbitos por essa causa poderão ser reduzidos.

REFERÊNCIAS

AMORIM, M. M. R. de, *et. al.* Risk factors for maternal death in patients with severe preeclampsia and eclampsia. **Rev Bras Saude Mater Infant** [Internet]. v. 1, n. 3, p. 237–247,

2001. Available from: <https://doi.org/10.1590/S1519-38292001000300004>. Acesso em: 22 abr. 2024.

AUGUST, P. *et. al.* Preeclampsia: Clinical features and diagnosis. In: **UpToDate**. Mar, 2024. Disponível em: https://www.uptodate.com/contents/preeclampsia-clinical-features-and-diagnosis?search=pre%20eclampsia&source=search_result&selectedTitle=1%7E150&usage_type=default&display_rank=1. Acesso em: 27 abr. 2024.

Brasil, Ministério da Saúde. **Departamento de Informação e Informática do Sistema Único de Saúde (DATASUS)**. Disponível em: <https://datasus.saude.gov.br/>. Acesso em: 16 abr. 2024.

MONTENEGRO, C. A. B; REZENDE FILHO, J. de. **Rezende obstetrícia**. 13. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2017.

NOVO, J. L. V. G.; GIANINI, R. J. (2010). Mortalidade materna por eclâmpsia. **Revista Brasileira de Saúde Materno Infantil**, v. 10, n. 2, p. 209–217. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/s1519-38292010000200008>. Acesso em: 23 abr. 2024.

NORWITZ, E. R. *et. al.* Eclampsia. In: **UpToDate**. Mar, 2024. Disponível em: https://www.uptodate.com/contents/eclampsia?search=eclampsia&source=search_result&selectedTitle=1%7E127&usage_type=default&display_rank=1. Acesso em: 27 abr. 2024.

LIU, S; JOSEPH, K. S.; LISTON, R. M. *et. al.* Incidence, risk factors, and associated complications of eclampsia. **Obstet Gynecol**, 2011; 118:987.

SILVA FILHO, E. P. da, *et. al.* Perfil Epidemiológico dos Óbitos por Eclâmpsia no Brasil. **Brazilian Journal of Implantology and Health Sciences**, v. 5, n. 5, p. 2021–2029, 2023. Disponível em: <https://doi.org/10.36557/2674-8169.2023v5n5p2021-2029>. Acesso em: 27 abr. 2024.

URBANETZ, A. A. **Ginecologia e Obstetrícia Febrasgo para o médico residente**. 2. ed. São Paulo: Manole, 2020.

ZUGAIB, M.; VIEIRA, R. P. **Zugaib obstetrícia**. 3. ed. Barueri, São Paulo: Manole, 2019.

PARTICULARIDADES DO ACOMPANHAMENTO PSICOLÓGICO DE ADOLESCENTES GESTANTES EM UM CENTRO OBSTÉTRICO: EXPERIÊNCIA NO HOSPITAL UNIVERSITÁRIO

Matheus Elias dos Santos¹

Psicólogo Residente em Saúde da Mulher no Hospital das Clínicas da Universidade Federal de Pernambuco – HC/UFPE, Recife, Pernambuco, Brasil¹

matheuselias549@gmail.com

RESUMO

A gestação na adolescência tem sido uma temática de interesse no âmbito da saúde pública e reprodutiva no Brasil. Deve-se considerar sua complexidade, visto que envolve a vivência de mudanças físicas, hormonais, sociais, psicológicas e emocionais, próprias da fase do desenvolvimento em questão e do período gestacional. O estudo tem por objetivo provocar a discussão acerca das particularidades identificadas durante o acompanhamento psicológico de adolescentes gestantes no contexto hospitalar. Trata-se de um estudo descritivo do tipo relato de experiência a partir dos atendimentos realizados pelo psicólogo residente em Saúde da Mulher. O local de intervenção foi o Centro Obstétrico/COB de um Hospital Universitário localizado na cidade de Recife/Pernambuco. Os atendimentos voltados às parturientes adolescentes devem ser realizados na perspectiva do cuidado integral, para além das alterações físicas ocorridas nesse processo. O profissional de psicologia deve proporcionar um ambiente acolhedor, de modo que se elabore sobre sua vivência, sofrimento e angústias envolvidas.

Palavras-chave: acompanhamento psicológico; adolescentes gestantes; centro obstétrico.

1 INTRODUÇÃO

A gravidez na adolescência tem sua ocorrência entre os 10 e 19 anos, seguindo a definição apresentada pela Organização Mundial da Saúde (OMS), que caracteriza a adolescência como o período dos 10 anos aos 19 anos, subdividido pela pré-adolescência, 10 aos 14 anos, e adolescência, dos 15 aos 19 anos completos (Assis et al., 2022). De acordo com o Sistema de Informações de Nascidos Vivos - SINASC, no Brasil, ocorreram 315.606 nascimentos por parturientes adolescentes, o que representa 12,33% do total de nascidos vivos no ano de 2022. Em Pernambuco foram registrados cerca de 17.010 nascimentos por mães dessa faixa etária (Brasil, 2024).

A vivência da gestação na adolescência tem sido uma temática de interesse no âmbito da saúde pública e reprodutiva no contexto brasileiro, como observado, por exemplo, na promulgação da lei 13.798 (Brasil, 2019), que institui a Semana Nacional de Prevenção da Gravidez na Adolescência, na busca de disseminar informações sobre medidas preventivas e educativas, devido às altas taxas de prevalência e incidência no país.

Vale considerar a complexidade envolvida nos casos de gravidez na adolescência, visto que são vivenciadas experiências da maternidade, propriamente ditas, que iniciam desde a concepção, para possibilitar o crescimento do feto, até o período do puerpério, atreladas, juntamente, às mudanças físicas, ao processo de adaptação ambiental e integração social, aspectos psicológicos e estruturação da personalidade, que fazem parte dessa fase do desenvolvimento humano (Moura et al., 2021).

Está vinculada a altas taxas de morbimortalidade em mulheres que experienciam uma gestação nesse período. Galvão et al. (2023) evidenciam que, apesar da diminuição dos casos de mortalidade no Brasil no decorrer dos anos, ainda são registradas taxas acima do indicado para o país. A Organização das Nações Unidas (ONU), por meio dos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável, indica uma média de 30 óbitos a cada 100 mil nascidos vivos no Brasil. Ocorreram, em 2020, cerca de 50 óbitos a cada 100 mil nascidos vivos, o que equivale a duas vezes mais do esperado para o país. É preocupante, como sinalizam os pesquisadores (Galvão et al., 2023; Santos et al., 2023), pois tem-se como fator de risco ser adolescente e são mortes que poderiam ser evitadas, inicialmente, pelo acompanhamento de pré-natal correto.

Nas gestações ocorridas na adolescência, são evidenciados maiores riscos maternos de aborto inseguro, infecções, quadros hipertensivos, diabetes mellitus gestacional. Enquanto, nos desfechos neonatais negativos, situam-se a prematuridade e a necessidade de internação em Unidade Neonatal, inadequação do peso e do tamanho para idade gestacional (Assis et al., 2022; Damasceno; Cardoso, 2024).

Diante o exposto, justifica-se a importância de se discutir sobre as particularidades identificadas durante o atendimento psicológico de adolescentes gestantes internadas no Centro Obstétrico hospitalar, para que se reflita acerca das estratégias de intervenção que sejam eficazes no cuidado dos aspectos emocionais.

2 METODOLOGIA

A metodologia desta pesquisa é de natureza descritiva, do tipo relato de experiência, baseado nos atendimentos realizados pelo psicólogo residente, vinculado a uma Residência Multiprofissional com área de concentração em Saúde da Mulher. Os atendimentos direcionados às parturientes adolescentes ocorreram ao longo das atividades práticas dos rodízios mensais ocorridos entre dezembro de 2023 e março de 2024.

O ambiente de intervenção foi o Centro Obstétrico (COB) de um Hospital Universitário localizado na cidade de Recife/Pernambuco. Este hospital é uma referência no cuidado de gestações e partos de alto risco, o que confere uma maior complexidade ao contexto de atuação dos profissionais responsáveis pelo cuidado da mulher internada.

Para a coleta dos dados, foram utilizados os registros produzidos durante os atendimentos psicológicos no setor, as supervisões e o olhar atento do profissional. Desta forma, a escolha do relato de experiência como metodologia é justificada pela possibilidade de descrever as práticas e intervenções realizadas.

3 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Durante os atendimentos do serviço de psicologia, foram identificados relatos acerca das angústias motivadas pela sobrecarga de demandas relacionadas à gestação, influenciado pela quantidade de idas ao hospital, consultas de pré-natal realizadas na atenção básica, a própria internação para cuidado à saúde ou pelo processo de parto. São falas que reforçam a necessidade de readequação da rotina das pacientes devido às novas responsabilidades.

A experiência de uma gravidez na adolescência e não desejada evidencia particularidades emocionais, Cavalcante et al. (2022) destacam que podem ser vivenciados sentimentos de sofrimento, relacionados aos medos advindos pelas responsabilidades atreladas à maternidade, à perda da identidade pelas alterações nos papéis sociais vivenciados e perspectivas de futuro, e, se não cuidados, podem provocar agravamento do quadro de saúde mental.

É constatado nos atendimentos psicológicos, quando abordadas questões referentes às alterações emocionais, a relevância quando as parturientes indicam a presença de sintomas ansiosos e depressivos, dificuldades em conciliar o sono e alimentação. Inúmeras são as



repercussões na saúde mental das adolescentes grávidas, o que pode afetar os desfechos gestacionais e outros contextos de suas vidas

Segundo Dalia et al. (2022), em estudo realizado no Instituto de Medicina Integral Professor Fernando Figueira (IMIP), em Recife/PE, observaram a prevalência de 68,75% de possível sofrimento mental nas adolescentes participantes da pesquisa. Cerca de 31,25% relatam diagnóstico de transtorno mental durante a gestação. O primeiro trimestre evidenciou prevalência em casos de ansiedade, insatisfação corporal e tristeza. O apoio social é colocado como fator protetor às angústias apresentadas, pois possibilita maior adaptação às situações do dia a dia, demandas da gestação e estabilidade emocional.

Na pesquisa analisada e em estudos realizados por outros autores (Alves et al., 2021; Oliveira et al., 2023) a educação sexual é um caminho possível para a prevenção de gestações na adolescência e gestações não planejadas. Ao relatar a experiência de intervenção em quatro Unidades Básicas de Saúde de Recife/PE e no Hospital das Clínicas da UFPE, Oliveira et al. (2023) destacaram a falta de acesso e conhecimento, das adolescentes, acerca da variedade de métodos contraceptivos disponibilizados, do conhecimento do próprio corpo e dos possíveis riscos de infecções sexualmente transmissíveis por meio da atividade sexual desprotegida, como consequências a uma educação sexual falha ou inexistente.

Corroborando com o estudo, as percepções do psicólogo, adquiridas no decorrer dos atendimentos realizados, sobre o acesso aos métodos contraceptivos. Existem casos onde as adolescentes compreendem a importância de ter relações protegidas, porém, devido ao julgamento e vergonha, não têm acesso a esses métodos. Faz-se necessária uma abordagem mais direcionada à essa população, para diálogo e troca de saberes, para que se previna a gestação e sua reincidência, afim de que sejam desmistificados aspectos relativos à sexualidade e ao sexo.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A construção da intervenção do psicólogo enquanto atuante no Centro Obstétrico com parturientes adolescentes, deve considerar particularidades da fase do desenvolvimento e a perspectiva de uma experiência que é única, influenciada por aspectos subjetivos e dos contextos da vida. Logo, o cuidado deve ser visualizado e ampliado para além das alterações físicas ocorridas nesse processo.

Estar disponível à escuta atenta, propiciar o espaço para a expressão e validação dos sentimentos e a abordagem de questões que podem afetar o bem-estar psicológico, são possibilidades para que as adolescentes gestantes possam refletir e elaborar sobre sua vivência. Cabe, assim, considerar a relevância do fazer psicológico no trabalho preventivo ao sofrimento, às angústias e temores, para assegurar um espaço acolhedor durante o ciclo gestacional.

REFERÊNCIAS

- ALVES, R. S. S. et al. Adolescent pregnancy: Contributions of health professionals to sexual and reproductive education. **Research, Society and Development**, v. 10, n. 2, p. e20010211282, 2021.
- ASSIS, T.S.C. et al. Reincidência de gravidez na adolescência: fatores associados e desfechos maternos e neonatais. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 27, n. 8, p. 3261–3271, 2022.
- BRASIL. Lei nº 13.798, de 3 de janeiro de 2019. *Acrescenta art. 8º-A à Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990 (Estatuto da Criança e do Adolescente), para instituir a Semana Nacional de Prevenção da Gravidez na Adolescência*. Diário Oficial da União. Brasília, 2019.

BRASIL. Ministério da Saúde. Departamento de informática do Sistema Único de Saúde do Brasil - DATASUS. Sistema de Informações de Nascidos Vivos – SINASC, 2024.

CAVALCANTE, M. M. T. et al. Impactos da gravidez na saúde mental das adolescentes: Impacts of pregnancy on the mental health of adolescents. **Brazilian Journal of Health Review**, v. 5, n. 6, p. 23162–23171, 2022.

DALIA, B. E. et al. Analysis of the mental health of pregnant adolescents in a hospital in Pernambuco. **Research, Society and Development**, v. 11, n. 9, p. e57211932241, 2022.

DAMASCENO, A. A. A.; CARDOSO, M. A. Parturientes adolescentes em Cruzeiro do Sul, Acre: características socioeconômicas e obstétricas. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 29, n. 1, p. e02812023, 2024.

GALVÃO, L. R. et al. Mortalidade materna na adolescência e juventude: tendência temporal e correlação com cobertura pré-natal na Bahia, 2000-2020. **Epidemiol. Serv. Saúde**, v. 32, n. 2, p. e2023103, 2023.

MOURA, F. et al. Determinantes sociais da saúde relacionados à gravidez na adolescência. **Revista de Saúde Pública do Paraná**, v. 4, n. 1, p. 133-150, 2021.

OLIVEIRA, H. F. C. et al. Gravidez na adolescência no Nordeste brasileiro / Adolescent pregnancy in the Brazilian Northeast region. **Journal of Nursing and Health**, v. 12, n. 2, 2022.

OLIVEIRA, M. et al. Abordagem de educação sexual e reprodutiva para mães adolescentes em Recife-PE. **Revista Brasileira de Extensão Universitária**, v. 14, n. 3, p. 331-338, 2023.

SANTOS, B. B. et al. Mortalidade materna entre adolescentes no Brasil: um problema de saúde pública. **Revista Eletrônica Acervo Saúde**, v. 23, n. 5, p. e12257, 2023.

EXAME CITOPATOLÓGICO: ESTRATÉGIAS DA ENFERMAGEM PARA AUMENTAR O ÍNDICE DE COBERTURA NO BRASIL

Caroline Nardi¹.

Enfermeira pela Universidade Federal de Santa Catarina. Residente do Programa Multiprofissional de Saúde da Família pela Escola de Saúde Pública de Florianópolis¹.

carolnardi2000@gmail.com

RESUMO

O exame citopatológico, ou Papanicolau, é um procedimento imprescindível na prevenção do câncer do colo do útero, no entanto, há uma lacuna significativa no entendimento das mulheres sobre sua importância, conforme evidenciado por estudos recentes. A correlação entre o nível de escolaridade e o conhecimento sobre o exame ressalta a necessidade de abordagens educativas mais acessíveis, especialmente para mulheres com menor instrução e renda. Além disso, a associação do exame apenas ao diagnóstico de ISTs demonstra uma fragilidade na educação em saúde oferecida nos serviços, contribuindo para o desconforto e a ansiedade durante a coleta. Melhorias no manejo clínico e na abordagem dos profissionais de saúde são essenciais, com ênfase na sensibilidade, vínculo e acolhimento ao paciente. Em suma, é crucial implementar programas de educação em saúde abrangentes e inclusivos, juntamente com uma abordagem mais humanizada por parte dos profissionais, visando promover uma maior conscientização, adesão e bem-estar das mulheres em relação ao exame de Papanicolau e à prevenção do câncer do colo do útero.

Palavras-chave: exame colpocitológico; papanicolau; cuidados de enfermagem.

1 INTRODUÇÃO

De acordo com o Ministério da Saúde (2022), o exame citopatológico, também conhecido como Papanicolau, é recomendado para mulheres com idade entre 25 e 64 anos, desde que já tenham iniciado atividade sexual. Primeiramente, o exame deve ser coletado em um ano e no ano seguinte em que foi realizada a primeira coleta e, após duas coletas com resultados consecutivos normais, passa a ser feito a cada três anos. Já para mulheres com mais de 64 anos que nunca tenham realizado o exame, é recomendado realizar duas coletas com intervalo de um a três anos, se os dois forem negativos, não é mais necessário se submeter ao exame.

Segundo dados do Instituto Nacional do Câncer (2022), excluindo-se os tumores de pele não melanoma, o câncer do colo do útero é o terceiro tipo de câncer mais incidente entre mulheres no Brasil. Estima-se, para cada ano do triênio 2023-2025, cerca de 17.010 casos novos, o que configura 15,38 casos a cada 100 mil mulheres.

Em um estudo descritivo, exploratório e de abordagem qualitativa realizado no município de Espinosa, Minas Gerais, com nove enfermeiros da Estratégia Saúde de Família (ESF), constatou-se que a coleta do exame citopatológico, apesar de não ser privativo do enfermeiro, é realizado majoritariamente por este profissional. Além disso, as ações de enfermagem para prevenção do câncer do colo do útero são, principalmente, a educação em saúde e a coleta do material citopatológico, de modo que as consultas são organizadas conforme o fluxo previamente estabelecido por cada equipe. Neste contexto, o agente comunitário de saúde (ACS) também se mostra como essencial para auxiliar na mobilização, captação e busca

ativa de mulheres na faixa etária preconizada (Dias *et al.*, 2021).

2 METODOLOGIA

O estudo atual constitui uma pesquisa bibliográfica do tipo Revisão Narrativa da Literatura. A autora conduziu a coleta e interpretação dos dados sem intervenção direta, oferecendo uma descrição minuciosa das características do objeto de estudo em questão. A coleta de dados foi realizada por meio de uma busca eletrônica nas seguintes bases de dados relevantes: Portal de periódicos da Capes, resultando em 4.482 artigos; Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciências da Saúde (LILACS), com um total de 228 artigos; e *Scientific Electronic Library Online* (SCIELO), que proporcionou 104 artigos. Destas fontes, foram selecionados 03 artigos para análise e discussão. A estratégia de busca empregou um vocabulário apropriado, utilizando Descritores em Ciências da Saúde (DeCS), sendo: exame colpocitológico, Papanicolau e cuidados de enfermagem; em conjunto com o operador booleano "OR". Os critérios de inclusão adotados abrangeram artigos escritos em português e publicados nos últimos 05 anos (2019 - 2024). Os critérios de exclusão englobaram artigos pagos, em outros idiomas e publicados fora do período estabelecido. Este método rigoroso de seleção e análise de dados contribui para a credibilidade e relevância dos resultados obtidos.

3 RESULTADOS E DISCUSSÕES

A maioria das mulheres não têm conhecimento sobre o que é o câncer do colo do útero e, ao serem questionadas sobre a importância do exame, a maioria dos estudos revelou que as mulheres não compreendiam a relevância e o propósito do mesmo. Houve também uma correlação entre o nível de escolaridade e o conhecimento sobre o Papanicolau, onde verificou-se que mulheres com menor grau de instrução e renda mais baixa demonstraram menor entendimento sobre o assunto e seus fatores de risco, o que as torna mais vulneráveis à doença (Lima D. E. O. B. *et al.*, 2024).

Outrossim, em um estudo qualitativo, exploratório e descritivo conduzido em uma Escola de Referência em Ensino Médio Clementino Coelho, em Petrolina-PE, que contava com 39 educadoras, revelou-se que a realização do exame de Papanicolau é percebida por essas mulheres de maneiras diversas. Enquanto que para algumas é considerado desconfortável, traumático, constrangedor e doloroso, para outras é visto como algo necessário. Tal disparidade de sentimentos está relacionada às experiências individuais de cada uma, e muitas expressaram falta de conhecimento sobre o procedimento e os instrumentos envolvidos nele (Brito *et al.*, 2022).

Ademais, em um estudo retrospectivo de abordagem qualitativa conduzido em 2019 em uma unidade de atenção primária em Fortaleza, Ceará, observou-se que muitas mulheres associam o exame apenas ao diagnóstico de Infecções Sexualmente Transmissíveis (ISTs), o que evidencia a fragilidade da educação em saúde oferecida nos serviços de saúde. Essas mulheres frequentemente relatam dor, desconforto e incômodo durante o procedimento, o que compromete sua adesão ao mesmo. Ainda, o desconforto gerado causa ansiedade, nervosismo e constrangimento, especialmente em relação aos profissionais do sexo masculino. Além disso, evidencia-se a falta de treinamento por parte de alguns profissionais, não apenas no aspecto técnico e manual do procedimento clínico, mas também nas questões subjetivas envolvidas no processo de cuidado, as quais devem abordar sensibilidade, vínculo, corresponsabilização e acolhimento (Lima J. M. *et al.*, 2023).

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com base nos estudos apresentados, ressalta-se que há uma lacuna significativa no entendimento das mulheres sobre o que é e a importância do exame Papanicolau, com o intuito de prevenir o câncer do colo do útero, uma das principais causas de morbidade entre mulheres no país. Contudo, a correlação entre o nível de escolaridade e o conhecimento sobre o assunto destaca a necessidade de abordagens educativas mais abrangentes e acessíveis, especialmente para mulheres com menor instrução e renda.

Destacou-se a fragilidade da educação em saúde oferecida nos serviços, especialmente no que diz respeito à associação do exame apenas ao diagnóstico de ISTs. O relato frequente de mulheres no que tange à dor, desconforto e ansiedade durante o procedimento, aponta para a necessidade de melhorias no manejo clínico e na abordagem dos profissionais de saúde, com foco não apenas nos aspectos técnicos, mas também na sensibilidade, vínculo e acolhimento ao paciente.

Em suma, diante destes entraves, enfatiza-se a importância de programas de educação em saúde mais abrangentes e inclusivos, bem como a necessidade de uma abordagem mais humanizada e sensível por parte dos profissionais de saúde, visando promover uma maior conscientização, adesão e bem-estar das mulheres em relação ao exame de Papanicolau e, por conseguinte, à prevenção do câncer do colo do útero. Deve-se garantir, também, coleta do exame por meio de abordagem oportunística em consultas que as mulheres vêm para outras demandas e realizar a busca ativa às mulheres faltantes e que estão na idade preconizada de coleta, contando com o auxílio de ACSs para este fim, com o objetivo de aumentar o índice de cobertura no Brasil.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Saúde. **Câncer do colo do útero: exame para detecção é oferecido no SUS**, 2022. Acesso em: 05 mai. 2024.

BRITO, E. N. S. *et al.* Percepções de educadoras ao papanicolau entrelaçadas às questões de corpo. **Revista de Pesquisa Cuidado é Fundamental**, 2022. Acesso em: 05 mai. 2024.

DIAS, E. G. *et al.* Atuação do enfermeiro na prevenção do câncer do colo de útero em Unidades de Saúde. **J. Health Biol Sci.** 2021;9(1):1-6. Acesso em: 05 mai. 2024.

INSTITUTO NACIONAL DE CÂNCER JOSÉ ALENCAR GOMES DA SILVA. **Estimativa 2023: incidência do Câncer no Brasil**. Rio de Janeiro: INCA, 2022. Acesso em: 05 mai. 2024.

LIMA, D. E. O. B. *et al.* Conhecimento de Mulheres acerca do Exame Papanicolaou. **Revista Brasileira de Cancerologia** 2024; 70(1): e-054393. Acesso em: 05 mai. 2024.

LIMA, J. M. *et al.* “Eu me sinto tipo invadida”: Vivência com o exame Papanicolau e o cuidado de enfermagem. **Revista Nursing**, 2023. Acesso em: 05 mai. 2024.

AS DIFICULDADES NA AMAMENTAÇÃO E ESTRATÉGIAS DE PROMOÇÃO EM SAÚDE – RELATO DE EXPERIÊNCIA

Thainara Andrade Carvalho¹

Pós graduanda em enfermagem ginecológica e Obstétrica pela Universidade CENSUPEG, Ponta Grossa¹.

thainara.carvalho@unicesumar.edu.br

RESUMO

O estímulo ao aleitamento materno exclusivo é amplamente defendido pelos órgãos de saúde devido à sua importância na redução da mortalidade infantil e no fortalecimento do sistema imunológico. Apesar dos benefícios, as dificuldades durante a amamentação são significativas. Esse trabalho trata-se de um estudo descritivo de natureza qualitativa na modalidade de relato de experiência, vivenciado por uma interna de enfermagem, em um grupo de gestantes, intitulado “Amigas da cegonha”, realizado em uma unidade básica de saúde no estado do Paraná cujo objetivo era incentivar o aleitamento materno bem como fornecer informações baseadas em evidências científicas. O grupo incluiu oficinas sobre a importância do aleitamento, permitindo uma significativa troca de experiências onde as participantes sentiam-se livres para compartilharem seus medos, sentimentos e dúvidas, além de estabelecer um vínculo com os profissionais de saúde presentes nesse processo. Verificou-se que as puérperas que retornaram para avaliação pós-parto mostraram-se mais seguras e determinadas a amamentar, apesar dos desafios. Concluiu-se que formar grupos para educação em saúde pode ser eficaz na promoção do aleitamento materno, ajudando mais mulheres a alcançar o sucesso na amamentação de forma prazerosa e sem dor.

Palavras-chave: aleitamento materno; estratégias de saúde; enfermagem de atenção primária.

1 INTRODUÇÃO

O estímulo ao Aleitamento Materno exclusivo é amplamente promovido pelos órgãos de saúde, que enfatizam sua importância crucial na redução da mortalidade infantil. Destaca-se a amamentação como fundamental para fornecer nutrientes essenciais e fortalecer o sistema imunológico, o que pode contribuir para a prevenção de problemas de saúde futuros (Kalil; Aguiar, 2016).

O leite materno contém todos os nutrientes necessários para o bebê, incluindo lipídios, vitaminas, aminoácidos e proteínas. Até os seis meses de vida, não é necessário introduzir qualquer outro alimento, nem mesmo água ou chá. Além de fornecer nutrição completa, o aleitamento materno é fundamental para fortalecer o vínculo entre mãe e filho. Durante a amamentação, ocorre uma conexão única através da liberação de ocitocina, possibilitando o estabelecimento de uma relação de amor única entre os dois (Wagner *et al.*, 2019)

No entanto, apesar dos inúmeros benefícios provenientes do aleitamento materno, existem inúmeras dificuldades enfrentadas pelo binômio mãe e filho, que podem comprometer o sucesso do aleitamento materno exclusivo, e dentre essas dificuldades podem ser evidenciadas: falta de informação sobre a importância da amamentação a interferência cultural que dificulta a adesão, o ingurgitamento mamário, fissuras mamilares, primiparidade, vulnerabilidade social além da metodologia utilizada pela equipe de enfermagem na abordagem da gestante e puérpera, sendo assim imprescindível que a referida equipe esteja apta para auxiliar e ajudar na prevenção

de traumas, mastites bem como de outras condições que podem culminar no desmame precoce (Souza *et al.*, 2019; Rocci; Fernandes, 2014).

Por outro lado, diversos fatores influenciam diretamente o sucesso da amamentação. Muitos autores ressaltam que fornece informações de qualidade às gestantes, enfocando os benefícios e as dificuldades enfrentadas, pode aumentar a segurança da mulher para superar obstáculos. É crucial que a equipe de enfermagem da atenção primária adote estratégias para oferecer suporte físico e emocional às mulheres. Nesse sentido, é importante utilizar ferramentas de educação em saúde para promover uma gestação saudável, um parto adequado e um puerpério tranquilo (Souza *et al.*, 2021).

Em 2019, o Ministério da Saúde instituiu uma nota técnica com orientação para saúde da mulher no período de gestação, parto e pós parto, onde estabelece que um pré-natal de qualidade, propicia a escuta ativa da gestante e de sua família, promove ações educativas, dentre elas a “roda de gestantes” que favorece a disseminação da prática do autocuidado.

A realização de ações em saúde pode promover e constituir um ambiente interativo e dinâmico, que possibilite as gestantes o desenvolvimento de autonomia, e confiança, permitindo a construção e transformação de posturas além de oportunizar a criação de saberes conjuntos, conhecimento e superação de limitações bem como propiciar o entendimento sobre seu papel social (Zampieri *et al.*, 2010).

2 METODOLOGIA

Trata-se de um estudo descritivo de natureza qualitativa na modalidade de relato de experiência, a partir da vivência com o grupo de gestantes referenciadas para atendimento em uma Unidade Básica do Paraná, o grupo acontecia de maneira quinzenal na própria unidade de saúde, sendo coordenado pelas enfermeiras, estagiárias e agentes comunitárias. As atividades foram amplamente divulgadas durante as consultas de pré-natal, e aconteciam as quintas-feiras das 13:00 às 16:30h, onde discutiam-se temas relevantes a saúde da mulher e do recém-nascido, sempre com ênfase no aleitamento materno exclusivo. Foram utilizados também materiais didáticos que favorecessem o aprendizado além de jogos, danças, e dinâmicas interativas.

As temáticas abordadas nos encontros foram escolhidas de acordo com a cartilha do Ministério da Saúde, sendo: Importância do pré-natal; cuidados com higiene; preparo para o parto; incentivo e orientações para o parto normal; orientações e incentivo para o aleitamento materno exclusivo.

O projeto desta pesquisa não foi submetido ao Comitê de Ética em Pesquisa visto que a partir das diretrizes definidas pela resolução CNS/MS 196/96, não se faz necessário a submissão para apreciação ética, por tratar-se de um relato de experiência da própria autora, com anuência do local onde ocorreu, garantindo a confidencialidade dos dados apresentados.

3 RESULTADOS E DISCUSSÕES

As atividades e oficinas contaram com 50 gestantes, não tendo restrição de período gestacional. O projeto proporcionou o compartilhamento, e troca de saberes tanto empírico, quanto científico. O aleitamento materno exclusivo é diretamente relacionado a mães que estão mais conscientes a respeito dos seus benefícios (Algarves *et al.*, 2015).

Sendo assim observou-se que os grupo “Amigas da cegonha” através de suas atividades propiciou a geração de resultados satisfatórios, pois de maneira direta favoreceu a ampliação do conhecimento sobre a amamentação tanto nas gestantes, quanto nos profissionais de saúde e internos.

As oficinas e dinâmicas desenvolvidas no projeto permitiram que as gestantes pudessem compartilhar suas inseguranças e que dessa forma houvesse um fortalecimento de vínculo entre

os profissionais e essas mulheres. Nesse sentido nota-se a importância de abordagens e ferramentas que auxiliem na fomentação de uma comunicação assertiva, pois a formação de um vínculo é de suma importância para promover a longitudinalidade do cuidado (Andrade *et al.*, 2018).

Durante as oficinas, foram utilizados bonecas e seios de tecido como material didático para ilustrar a técnica de pega correta, demonstrando a importância do bom posicionamento do binômio mãe e bebê durante a amamentação para que a sucção seja efetiva e possa proporcionar uma nutrição adequada do lactente. Ademais uma pega correta previne as temidas fissuras mamilares (Barbosa *et al.*, 2018).

O projeto teve duração de seis meses e nesse período notou-se que quando as puérperas retornavam para acompanhamento pós-parto, estavam empoderadas, decididas a amamentar e diante de dificuldades procuravam auxílio da equipe presente na unidade Básica, reforçando assim a importância do vínculo na promoção em saúde na atenção primária (Zampieri *et al.*, 2010).

Assim, foi possível observar como esse processo pode ser prazeroso e gratificante, permitindo compreender claramente a transformação da realidade por meio do compartilhamento de experiências. Isso possibilitou que os profissionais direcionassem seu olhar para as singularidades de cada mulher, compreendendo suas dificuldades e potencialidades. Com base nisso, adotaram estratégias verdadeiramente resolutivas. Conclui-se que a formação de grupos para educação em saúde pode ser uma estratégia eficaz para promover a adesão ao aleitamento materno, reduzindo as dificuldades e permitindo que mais mulheres alcancem o sucesso na amamentação, de forma prazerosa e sem dor

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Apesar de ser um desafio de organizar novos grupos, entende-se que faz parte do papel do enfermeiro atuar como agente educador em saúde, buscando melhorar as condições de saúde na comunidade onde atua. Ademais através do presente estudo identificou-se que as práticas de educação em saúde são de extrema importância, pois favorecem o vínculo entre profissionais e gestantes oportunizando que o cuidado seja direcionado, e que as necessidades dessas mulheres em relação ao aleitamento materno sejam identificadas a fim de que sejam elaboradas estratégias que mudem essa realidade.

REFERÊNCIAS

ALGARVES, Talita Ribeiro; DE SOUSA JULIÃO, Alcineide Mendes; COSTA, Herilanne Monteiro. Aleitamento materno: influência de mitos e crenças no desmame precoce/breastfeeding: mythsandbeliefsinfluence in earlyweaning. **Saúde em Foco**, v. 2, n. 1, p. 151-167, 2015.

ANDRADE, Heuler Souza; PESSOA, Raquel Aparecida; DONIZETE, Livia Cristina Vasconcelos. Fatores relacionados ao desmame precoce do aleitamento materno. **Revista Brasileira de Medicina de Família e Comunidade**, v. 13, n. 40, p. 1-11, 2018.

BARBOSA, Gessandro Elpídio Fernandes et al. Dificuldades iniciais com a técnica da mamada e impacto na duração do aleitamento materno exclusivo. **Revista Brasileira de Saúde Materno Infantil**, v. 18, p. 517-526, 2018.

COSTA, Cláudia Sofia Marques Lopes. Dificuldades na amamentação no 1º mês de vida: contextos sociodemográficos e psicológicos. 2016. **Tese de Doutorado**. Disponível em:

<https://repositorio.ipv.pt/handle/10400.19/3342>. Acesso em: 25 abr. 2024.

DE SOUSA, Luzia Fabiana et al. Desafios e potencialidades na assistência de enfermagem no aleitamento materno. *Revista Remecs-Revista Multidisciplinar de Estudos Científicos em Saúde*, v. 4, n. 7, p. 17-26, 2019. Disponível em:

<https://www.revistaremeccs.com.br/index.php/remecs/article/view/41>. Acesso em: 25 abr. 2024.

KALIL, Irene Rocha; AGUIAR, Adriana Cavalcanti de. Trabalho feminino, políticas familiares e discursos pró-aleitamento materno: avanços e desafios à equidade de gênero. *Saúde em debate*, v. 40, p. 208-223, 2016. Disponível em:

<https://www.scielo.org/article/sdeb/2016.v40n110/208-223/pt/>. Acesso em: 25 abr. 2024.

MARQUES, Bruna Leticia et al. Orientações às gestantes no pré-natal: a importância do cuidado compartilhado na atenção primária em saúde. *Escola Anna Nery*, v. 25, p. e20200098, 2020. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/ean/a/hR4MwpCd88cvTfs9ksLJGFs/>. Acesso em: 25 abr. 2024.

BRASIL, Ministério da Saúde. **Nota Técnica para Organização da Rede de Atenção à Saúde com Foco na Atenção Primária à Saúde e na Atenção Ambulatorial Especializada**. Disponível em:

https://www.as.saude.ms.gov.br/wpcontent/uploads/2021/11/notatecnica_saude_mulher.pdf. Acesso em: 25 abr. 2024.

NELAS, Paula et al. Dificuldades na amamentação no primeiro mês de vida: impacto dos contextos de vida. *International Journal of Developmental and Educational Psychology*, v. 3, n. 1, p. 183-191, 2017. Disponível em: <https://dehesa.unex.es/handle/10662/14707>. Acesso em: 25 abr. 2024.

ROCCI, Eliana; FERNANDES, Rosa Aurea Quintella. Dificuldades no aleitamento materno e influência no desmame precoce. *Revista Brasileira de Enfermagem*, v. 67, n. 1, p. 22-27, 2014. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/reben/a/BgSk56gwbzsDh4fpVLpXVSN/>. Acesso em: 25 abr. 2024.

WAGNER, Livia Perissé Baroni et al. Fortalecedores e fragilizadores da amamentação na ótica da nutriz e de sua família. *Revista da Escola de Enfermagem da USP*, v. 54, 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/reeusp/a/TXyDCGxyhpyTVCwXYr7NRbg/?lang=pt>. Acesso em: 25 abr. 2024.

ZAMPIERI, Maria de Fátima Mota et al. Processo educativo com gestantes e casais grávidos: possibilidade para transformação e reflexão da realidade. *Texto & Contexto-Enfermagem*, v. 19, p. 719-727, 2010. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/tce/a/qj7Qyny5PL3SfKGcBDTpqmg/?lang=pt>. Acesso em: 25 abr. 2024.

ABORDAGENS MULTIDISCIPLINARES PARA O TRATAMENTO DO CÂNCER DE MAMA E DE COLO UTERINO

Jaine Joselaine de Souza Medeiros Dantas¹.

Graduada em Serviço Social pela Universidade Potiguar, Especialista em Saúde Mental pela Faculdade Venda Nova do Imigrante, Técnica em Enfermagem pela Escola Técnica de Enfermagem Florence¹.

joselainejaine@gmail.com

RESUMO

Este estudo bibliográfico apresenta abordagens multidisciplinares para o tratamento do câncer de mama e de colo uterino. O objetivo foi analisar diferentes estratégias terapêuticas e sua eficácia na prática clínica. A pesquisa envolveu revisão de artigos científicos e diretrizes clínicas recentes. Os resultados destacam a importância da integração de equipes multidisciplinares para oferecer cuidados abrangentes e personalizados às pacientes. Identificou-se que a colaboração entre profissionais de saúde é fundamental para otimizar os resultados do tratamento e promover a qualidade de vida das pacientes. Conclui-se que a abordagem multidisciplinar não só melhora a eficácia do tratamento, mas também aborda as necessidades físicas, emocionais e sociais das pacientes, contribuindo para uma assistência mais completa e humanizada.

Palavras-chave: multidisciplinaridade; câncer de mama; câncer de colo uterino.

1 INTRODUÇÃO

O câncer de mama e o câncer de colo uterino representam desafios significativos para a saúde pública em todo o mundo. Ambos os tipos de câncer afetam milhões de mulheres anualmente e são uma das principais causas de morbidade e mortalidade entre o sexo feminino. Diante dessa realidade, é essencial adotar abordagens terapêuticas abrangentes e integradas que abordem não apenas a doença em si, mas também as necessidades físicas, emocionais e sociais das pacientes (INCA, 2022).

A abordagem multidisciplinar surge como uma resposta eficaz para enfrentar os complexos desafios impostos pelo câncer de mama e de colo uterino. Esta estratégia envolve a colaboração estreita entre diversos profissionais de saúde, como oncologistas, cirurgiões, radiologistas, enfermeiros, psicólogos e assistentes sociais, entre outros. Cada membro da equipe desempenha um papel único e complementar no planejamento e execução do tratamento, contribuindo para uma assistência mais holística e personalizada (Nóbrega, *et al.*, 2019).

Nesta perspectiva, este trabalho se propõe a explorar as diversas facetas das abordagens multidisciplinares para o tratamento do câncer de mama e de colo uterino. A partir de uma revisão abrangente da literatura científica, serão examinadas as principais estratégias terapêuticas, os avanços recentes, os desafios enfrentados e as melhores práticas clínicas. Ao compreendermos melhor as nuances dessas abordagens integradas, estaremos mais bem preparados para oferecer cuidados de qualidade e promover melhores resultados para as pacientes afetadas por essas doenças devastadoras.



2 METODOLOGIA

Este estudo adotou uma abordagem de revisão bibliográfica para analisar as abordagens multidisciplinares no tratamento do câncer de mama e de colo uterino. O período de pesquisa abrangeu artigos científicos, revisões sistemáticas e diretrizes clínicas publicadas nos últimos 10 anos, com foco nas evidências mais recentes e relevantes para a prática atual.

A técnica utilizada envolveu a busca sistemática em bases de dados eletrônicas, como *PubMed*, *Scopus* e *Web of Science*, utilizando termos de busca específicos relacionados ao tema, como "câncer de mama", "câncer de colo uterino", "abordagem multidisciplinar" e "tratamento". Foram considerados também artigos relevantes identificados por meio da busca manual em revistas especializadas e referências bibliográficas dos estudos selecionados.

Os dados foram analisados de forma qualitativa, utilizando uma abordagem descritiva para identificar padrões, tendências e lacunas na literatura. Foram agrupadas e sintetizadas informações relacionadas às diferentes abordagens multidisciplinares adotadas no tratamento desses tipos de câncer, incluindo estratégias terapêuticas, modalidades de intervenção e resultados clínicos.

A análise dos dados foi guiada pelo objetivo de proporcionar uma visão abrangente e atualizada das práticas de tratamento multidisciplinar para o câncer de mama e de colo uterino, visando contribuir para o conhecimento e aprimoramento dos cuidados oferecidos a essas pacientes.

3 RESULTADOS E DISCUSSÕES

O câncer de mama e de colo uterino são duas das neoplasias mais comuns entre mulheres em todo o mundo, representando um desafio significativo para os sistemas de saúde e para os profissionais que lidam com o seu tratamento. Nesse contexto, a abordagem multidisciplinar tem se destacado como uma estratégia eficaz para otimizar os resultados terapêuticos e promover uma assistência integral e centrada na paciente. Segundo Kesson *et al.* (2014), a multidisciplinaridade no tratamento do câncer de mama não apenas melhora a qualidade dos cuidados, mas também influencia diretamente na sobrevida e na qualidade de vida das pacientes.

A colaboração entre diferentes especialidades, incluindo oncologistas, cirurgiões, radiologistas, enfermeiros, psicólogos e assistentes sociais, é fundamental para garantir uma abordagem abrangente e personalizada ao câncer de mama e de colo uterino (Reis *et al.*, 2018). De acordo com Santos *et al.* (2020), a integração desses profissionais permite uma avaliação mais completa das necessidades da paciente, considerando não apenas os aspectos físicos da doença, mas também os aspectos emocionais, sociais e psicológicos. Prado *et al.* (2024) destaca que:

À medida que avançamos no entendimento e na prática clínica, é imperativo que a comunidade médica permaneça comprometida com a colaboração interdisciplinar, incentivando a pesquisa e inovação. Somente através dessa abordagem coletiva podemos almejar um futuro onde a terapêutica de neoplasias ginecológicas seja cada vez mais eficaz, compassiva e centrada na paciente (Prado, *et al.*, 2024, p.1112).

Além disso, a abordagem multidisciplinar possibilita uma maior coordenação entre as diferentes etapas do tratamento, desde o diagnóstico até a reabilitação, contribuindo para uma melhor continuidade e eficácia dos cuidados (Lee *et al.*, 2022). Segundo Costa *et al.* (2019), essa integração de diferentes especialidades permite a discussão de casos complexos em equipe, possibilitando a tomada de decisões mais assertivas e a escolha das melhores estratégias terapêuticas para cada paciente individualmente.



Portanto, as abordagens multidisciplinares no tratamento do câncer de mama e de colo uterino não apenas refletem uma mudança paradigmática na prática clínica, mas também representam uma oportunidade de proporcionar uma assistência mais humanizada, personalizada e eficaz às pacientes afetadas por essas doenças devastadoras.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise das abordagens multidisciplinares para o tratamento do câncer de mama e de colo uterino revelou a importância crucial da colaboração entre diferentes especialidades na busca por melhores resultados clínicos e na promoção de uma assistência mais completa e centrada na paciente. Ao longo deste trabalho, observamos que a integração de equipes multidisciplinares não só melhora a eficácia do tratamento, mas também contribui para a qualidade de vida das pacientes, abordando suas necessidades físicas, emocionais e sociais de maneira mais abrangente.

É evidente que a comunicação eficaz e a troca de conhecimento entre os membros da equipe são elementos-chave para o sucesso das abordagens multidisciplinares. A discussão conjunta de casos complexos permite uma avaliação mais completa das opções terapêuticas disponíveis, levando a decisões mais informadas e personalizadas para cada paciente. Além disso, a coordenação entre os diferentes profissionais ao longo do continuum de cuidados é essencial para garantir uma transição suave e uma continuidade adequada do tratamento.

No entanto, apesar dos benefícios evidentes, ainda existem desafios a serem enfrentados na implementação efetiva das abordagens multidisciplinares. Barreiras como a falta de recursos, a sobrecarga de trabalho e a resistência à mudança podem dificultar a adoção plena desse modelo de cuidado. Portanto, é crucial investir em políticas e estratégias que promovam a integração e a colaboração entre os profissionais de saúde, visando superar esses obstáculos e garantir um atendimento de qualidade e acessível a todas as pacientes afetadas por essas doenças.

Em última análise, este trabalho ressalta a importância contínua de uma abordagem multidisciplinar no tratamento do câncer de mama e de colo uterino. Ao reconhecer e valorizar o papel de cada membro da equipe no cuidado integral da paciente, podemos avançar na direção de uma assistência mais eficaz, compassiva e centrada na paciente, oferecendo esperança e melhorando a qualidade de vida das mulheres enfrentando essas condições desafiadoras.

REFERÊNCIAS

COSTA, L. F., FERREIRA, E. L., GONÇALVES, A. S., & PRATES, L. A. **O papel da equipe multidisciplinar no tratamento do câncer de mama: revisão integrativa da literatura.** Research, Society and Development, 8(12), e61121269, 2019.

INSTITUTO NACIONAL DE CÂNCER JOSÉ ALENCAR GOMES DA SILVA. **Conceito e Magnitude:** Definição do câncer de mama e dados de incidência e mortalidade no Brasil, Rio de Janeiro: INCA, 2022. Disponível em: <https://www.gov.br/inca/pt-br/assuntos/gestor-e-profissional-de-saude/controlado-cancer-de-mama/conceito-e-magnitude>. Acesso em 12 de mai. 2024.

KESSON, E. M., ALLARDICE, G. M., GEORGE, W. D., BURNS, H. J., MORRISON, D. S. **Effects of multidisciplinary team working on breast cancer survival: retrospective, comparative, interventional cohort study of 13 722 women.** BMJ, 344, e2718, 2014.

LEE, M., CHANG, M. C., LEE, C. H., LEE, J. G., LEE, M. S., & LEE, Y. J. **The Effect of Multidisciplinary Team Approach on the Treatment of Patients With Advanced Stage Cervical Cancer.** *International Journal of Gynecologic Cancer*, 32(1), 142-148, 2022.

NÓBREGA, M. R; COSTA, V. R. X; PINTO, D. L; FEITOSA, A. G; LIBÂNIO, V. M; OLIVEIRA, Z. F. R de. **Abordagem multidisciplinar na terapêutica de neoplasias ginecológicas.** *Revista Saúde & Ciência Online*, ISSN 2317-8469, v. 8, n. 2, (maio a agosto de 2019), p. 24-32. Disponível em: <https://rsc.revistas.ufcg.edu.br/article/download>. Acesso em 12 de mai. 2024.

PRADO, A. C de S; SILVA, J. C. M. da, LEITE, G. A., MELO, I. C. P. de, FAVA, L. F., MARQUETTI, C. P., CAVALCANTE, L. M. B., COSTA, B. L. da S., PONTE, C. H. F. da, FORTES, M. S., BIF, S. M., BEZERRA, D. A. P., ROSI, L. V. BRAVO R., & FERREIRA, C. G. O. (2024). **Abordagem terapêutica de neoplasias ginecológicas por meio de uma perspectiva multidisciplinar.** *Brazilian Journal of Implantology and Health Sciences*, 6(1), 1104–1114. <https://doi.org/10.36557/2674-8169.2024v6n1p1104-1114>. Acesso em 12 de mai. 2024.

REIS, R. D., COUTINHO, F. C. S., SOUSA, A. F. S., MELO, L. C. A., CARNEIRO, P. C. F., CARVALHO, L. A. C., ... & FERNANDES, R. C. P. **Atuação da enfermagem na equipe multidisciplinar de oncologia: uma revisão integrativa.** *Revista Baiana de Enfermagem*, 32, e29473, 2018.

SANTOS, C. M., ARAÚJO, D. C., SOUSA, V. M., RODRIGUES, L. B., BORGES, N. R., & OLIVEIRA, L. S. **A importância da equipe multidisciplinar na assistência à mulher com câncer de mama.** *Research, Society and Development*, 9(6), e3096520875, 2020.

MALFORMAÇÃO ARTERIOVENOSA UTERINA (MAVU) COMO CAUSA RARA DE HEMORRAGIA PÓS PARTO (HPP)

Bruna Rafaela de Oliveira Paiva¹; Diógenes de Souza Pontes Junior¹; José Gabriel da Silva Carvalho¹; Marcos André Pedro da Silva¹; Maria Clara Santos Gomes¹; Pedro Gabriel Martins Vieira¹; Rebeca Penha Gujanski¹, Amanda Soares de Vasconcelos²

¹ Graduando em Medicina pela Universidade Federal de Pernambuco¹, Professora doutora do Núcleo de Ciências da Vida da Universidade Federal de Pernambuco²

bruna.paiva@ufpe.br

RESUMO

Ainda que rara, a MAVU está relacionada à alta morbidade de mulheres, pois pode estar associada a hemorragia como resultado secundário do parto cesáreo. Essa condição pode acometer mulheres de qualquer faixa etária, sendo comum entre aquelas em idade reprodutiva e com histórico de gestação. A MAVU se caracteriza como uma comunicação vascular anormal dos canais arteriais e venosos. Nesse sentido, para a investigação inicial, o método não invasivo ideal é o ultrassom Doppler colorido e a angiografia. No entanto, esta última, na maior parte dos casos, é utilizada na intervenção terapêutica durante a embolização. No que se refere ao tratamento, é necessário analisar a estabilidade da situação hemodinâmica e o resultado dos dados laboratoriais. No tratamento conservador, prioriza-se a terapia farmacológica e a conduta expectante de regressão espontânea da lesão, enquanto isso nos casos de perda sanguínea intensa, opta-se por uma emboloterapia endovascular. O tratamento cirúrgico por meio de histerectomia ou ligadura é considerado em caso de falha da terapia por embolização e quando não existe a possibilidade ou desejo de uma gestação futura. Este trabalho tem como objetivo realizar uma revisão integrativa acerca da malformação arteriovenosa uterina, em especial, sua relação com a hemorragia pós-parto.

Palavras-chave: malformação arteriovenosa uterina; hemorragia pós-parto; sangramento uterino.

1 INTRODUÇÃO

A malformação arteriovenosa uterina (MAVU) consiste em uma alteração vascular rara que cursa com dilatação do espaço intervuloso no interior do miométrio. (Souza *et al.*, 2023) A MAVU pode ser de origem congênita ou adquirida. Quando adquirida, pode ser uma complicação incomum, mas grave, da cesariana. (Lebreton *et al.*, 2022). Tradicionalmente, essa condição pode levar a um sangramento vaginal maciço, que tende a piorar, uma vez feita curetagem ou qualquer tratamento histeroscópico para sanar a hemorragia. Dessa forma, as opções de tratamento incluem histerectomia, ligadura de uma ou ambas as artérias uterinas e, mais recentemente aplicada, a emboloterapia transcater percutânea que é menos invasiva (Maleux; Timmerman; Wilms, 2006).

No que tange à hemorragia pós-parto, esta ocorre em menos de 5% de todos os partos, no entanto é responsável por aproximadamente 15% de todas as mortes maternas (Wald, 2003). Entre as diversas etiologias que podem estar associadas à hemorragia pós-parto, estima-se que as MAVUs representam 1% a 2% dos sangramentos genitais e intraperitoneais. A dificuldade em determinar a verdadeira incidência e prevalência da MAVU é atribuída à escassez de dados disponíveis na literatura (Souza *et al.*, 2023).

2 METODOLOGIA

Neste trabalho buscou-se realizar uma revisão integrativa da literatura, conforme estudos da base de dados BVS, com a finalidade de responder à pergunta: “Como a malformação arteriovenosa uterina pode provocar hemorragia pós-parto?”. Dessa forma, para a chave de busca utilizou-se os Descritores em Ciência de Saúde (DeCS), “ARTERIOVENOUS FISTULA”, “UTERUS”, “POST-PARTUM HEMORRHAGE”, “ARTERIOVENOUS ANASTOMOSIS” e seus sinônimos em português “FÍSTULA ARTERIOVENOSA”, “UTERO”, “HEMORRAGIA PÓS-PARTO”, “ANASTOMOSE ARTERIOVENOSA”, associados aos operadores “AND” e “OR”. Ainda, foram adicionados filtros para a pergunta norteadora, sendo eles duas perguntas secundárias: “Quais as principais consequências da hemorragia pós-parto?” e “Quais as formas de diagnóstico da síndrome de malformação arteriovenosa uterina?”. Nesse sentido, foram encontrados 10 (dez) artigos na base de dados referenciadas. Desses, 6 (seis) foram selecionados para a revisão, utilizando como critérios a presença dos termos fístula arteriovenosa, útero, hemorragia pós-parto e anastomose arteriovenosa e o acesso ao texto completo.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

A malformação arteriovenosa uterina pode ser definida como uma comunicação vascular anormal com proliferação dos canais arteriais e venosos e formação da fístula. A maioria das MAVUs é adquirida, sendo comum a história prévia de infecções, doença trofoblástica gestacional, neoplasias e trauma uterino. Enquanto que a forma congênita é resultante de um defeito no desenvolvimento vascular embrionário. Quanto à epidemiologia, essa condição pode acometer mulheres de qualquer faixa etária, apesar de ser comum entre aquelas em idade reprodutiva e com histórico prévio de gestação. A associação entre a MAVU adquirida e a gravidez sugere que haja um mecanismo hormonal envolvido. De forma semelhante, mulheres que são submetidas ao tratamento para infertilidade que gera aumento do nível de estrogênio estão propensas ao desenvolvimento de uma MAVU devido à proliferação endotelial e diferenciação do endométrio (Souza *et al.*, 2023).

As MAVUs podem ser diagnosticadas ao longo de uma gravidez ou durante tratamentos de infertilidade (Maleux; Timmerman; Wilms, 2006). As manifestações clínicas dessa condição são múltiplas, podendo ser agudas ou crônicas, com destaque para fluxo menstrual intenso e sangramento vaginal volumoso acíclico. Ainda, outros achados incluem abortos espontâneos recorrentes, dor abdominal baixa, dispareunia e anemia secundária à perda sanguínea. (Souza *et al.*, 2023) O método não invasivo preferido para diagnosticar uma MAVU é o ultrassom Doppler colorido que se baseia na presença de espaços hipoecóticos e tortuosos no miométrio nas imagens da ultrassonografia, demonstrando baixa impedância e fluxo de alta velocidade no exame. A desvantagem dessa forma de diagnóstico é a ausência de qualquer critério para diferenciar em um MAVU de alto fluxo e um MAVU de baixo fluxo. (Maleux; Timmerman; Wilms, 2006)

A observação de uma lesão extrauterina nas imagens sugere etiologia congênita, dessa maneira, a MAVU é resultante de um defeito da diferenciação do plexo capilar primitivo durante a angiogênese fetal, em que a angioarquitetura é caracterizada por múltiplas comunicações arteriovenosas com envolvimento de vasos extrauterino. Enquanto que no caso das MAVUs adquiridas, estas são caracterizadas por comunicação arteriovenosa unidirecional entre os ramos da artéria uterina e do plexo venoso miometrial. A angiografia é considerada padrão-ouro para o diagnóstico, contudo atualmente é utilizada majoritariamente na intervenção terapêutica durante a embolização. (Souza *et al.*, 2023)



A hemorragia pós-parto pode ser dividida em imediata e tardia. No caso da hemorragia pós-parto imediata, a exploração manual do útero é realizada para descartar a possibilidade de fragmentos placentários retidos ou laceração genital. Se identificado quaisquer dessas duas condições, deve-se iniciar a massagem uterina manual e administração simultânea de medicamentos para controlar o sangramento, como a ocitocina ou prostaglandinas sintéticas. No que tange à hemorragia pós-parto tardia, ocorre 24 horas ou mais após o parto e, frequentemente, é breve e autolimitado, no entanto, quando o sangramento é mais intenso é necessariamente realizar dilatação e curetagem e, em casos mais graves, a ligadura vascular ou histerectomia cirúrgica. (Wald, 2003)

A formação de fístulas arteriovenosas uterinas ocorre com frequência e geralmente resultam de trauma, como a curetagem ou cirurgia pélvica, em decorrência da malformação arteriovenosa uterina. A maioria dos casos de sangramento abundante após o parto é um resultado secundário de parto cesáreo. Para garantir a sobrevivência da paciente, prioriza-se a revisão combinada da estimativa de perda sanguínea e dos dados laboratoriais pós-nascimento. Uma ultrassonografia espectral do útero oportuna deve ser considerada. (Yi; Xiong; Jin; Peng, 2023)

Enfim, o tratamento conservador (conduta expectante ou tratamento farmacológico) deve ser considerado em MAVU assintomática ou que se manifesta com sangramento em pequeno volume sem sinais hemodinâmicos, quando existe a possibilidade de regressão espontânea da lesão. Em relação aos casos hemodinamicamente instáveis, a emboloterapia endovascular é o tratamento escolhido, (Souza; Torres; De Melo; De Almeida; Martins; Oliveira, 2023) uma vez que apresenta vantagem quanto a outras formas de conter o sangramento como a ligadura arterial ou histerectomia cirúrgica, incluindo facilidade na identificação da fonte do sangramento, rápido controle da hemorragia, baixa incidência de ressangramento e altas taxas de sucesso. O tratamento cirúrgico por meio de histerectomia ou ligadura uni ou bilateral é hoje considerado apenas nos casos de falha da terapia por embolização ou quando a mulher não apresenta desejo ou possibilidade reprodutiva no futuro. (Wald, 2003)

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A malformação arteriovenosa uterina (MAVU) representa cerca de 1% a 2% dos sangramentos genitais e intraperitoneais. Apesar disso, quando adquirida, se torna uma complicação incomum, porém grave, que está associada ao risco de morte materna após o parto. A MAVU é caracterizada por uma comunicação arteriovenosa anormal, em que existe uma proliferação dos canais vasculares e formação de fístula. A epidemiologia dessa condição sugere que haja um mecanismo hormonal envolvido, acometendo, principalmente, mulheres em idade reprodutiva e com histórico prévio de gestação. No que tange ao diagnóstico, a ultrassonografia com Doppler colorido possibilita a investigação não invasiva, baseando-se na na imagem do miométrio. Para o tratamento, é necessário realizar uma observação combinada dos sinais hemodinâmicos e dos dados laboratoriais. Nesse sentido, a terapia por embolização endovascular, apresenta vantagem no controle da hemorragia e possibilita à paciente a chance de engravidar novamente. Enquanto que a intervenção cirúrgica é considerada diante de instabilidade hemodinâmica, podendo ser a histerectomia ou a ligadura endovascular. Por fim, a partir da revisão dos artigos selecionados, compreende-se que existe uma defasagem de estudos acerca da associação entre a malformação arteriovenosa uterina e a hemorragia pós-parto, o que prejudica o desenvolvimento de técnicas mais eficientes para o diagnóstico e para a condução dos casos de hemorragia pós-parto, impactando, assim, no sucesso dos casos.

REFERÊNCIAS

LEBRETON, C.; DEFFIEUX, X.; VIELLEFOSSE, S.; MAITRE, S.; VIVANTI, A. J. An arterio-venous malformation related to a uterine scar defect, an unusual association. **J Gynecol Obstet Hum Reprod**, v. 49, n. 6, p. 101733, 2022.

LV, B.; LIU, X.; SHAN, D. Postpartum hemorrhage resulting from congenital uterine arteriovenous fistula: A case report. **Asian J Surg**, v. 45, n. 11, p. 2542-2543, 2022.

MALEUX, G.; TIMMERMAN, D.; HEYE, S.; WILMS, G. Acquired uterine vascular malformations: radiological and clinical outcome after transcatheter embolotherapy. **Eur Radiol**, v. 16, n. 2, p. 299-306, 2006.

SOUZA, F. P.; TORRES, I. C.; MELO, L. W. R. DE; ALMEIDA, L. A. Q. G. de; MARTINS, M. B. M.; OLIVEIRA, M. M. de. Malformação arteriovenosa uterina: um relato de caso / Uterine arteriovenous malformation: a case report. **Femina**, v. 51, n. 8, p. 497-501, 2023.

WALD, D. A. Postpartum hemorrhage resulting from uterine artery pseudoaneurysm. **Emerg Med**, v. 25, n. 1, p. 57-60, 2003.

YI, S.; XIONG, Y.; JIN, X.; PENG, X. Postpartum hemorrhage as a result of acquired uterine arteriovenous fistula post-vaginal delivery. **Ginekol Pol**, v. 94, n. 12, p. 1034-1035, 2023.



USO DE INIBIDORES SELETIVOS DA RECAPTAÇÃO DE SEROTONINA NO TRATAMENTO DA SÍNDROME DISFÓRICA PRÉ-MENSTRUAL

Marcos André Pedro da Silva¹; Bruna Rafaela de Oliveira Paiva¹; José Gabriel Silva Carvalho¹; Pedro Gabriel Martins Vieira¹; Rebeca Penha Gujanski¹; Maria Clara Santos Gomes¹; Diógenes de Souza Pontes Júnior¹; Amanda Soares de Vasconcelos².

Discente em Medicina pela Universidade Federal de Pernambuco – Campus Acadêmico do Agreste (UFPE-CAA)¹, Docente Doutora do curso de Medicina da Universidade Federal de Pernambuco – Campus Acadêmico do Agreste (UFPE-CAA)².

marcos.andrepedro@ufpe.br

RESUMO

Síndrome Disfórica Pré-Menstrual (SDPM) é uma doença específica da fase lútea por vezes confundida com a Tensão Pré-Menstrual (TPM), e que se mostra como importante fator de redução da qualidade de vida de diversas mulheres, e que é por vezes tratada com os Inibidores Seletivos da Recaptação de Serotonina (ISRS). Não obstante, ao se considerar qualquer terapêutica, é de extrema necessidade que se busque analisar sua eficácia no contexto da doença. Sendo assim, o objetivo deste trabalho foi compilar artigos presentes na literatura científica sobre o uso dos ISRS no tratamento da SDPM, a pesquisa foi realizada na base de dados BVS, como o resultado da pesquisa, foi observado que a SDPM responde aos ISRS em uma relação dose-dependente, não obstante, que é uma terapêutica eficaz. Porém, os autores encontraram uma escassez de artigos na literatura sobre a etiologia da doença, o que torna menor a probabilidade do desenvolvimento de novos fármacos mais efetivos e com menos efeitos colaterais.

Palavras-chave: transtornos de humor; fase lútea; menstruação.

1 INTRODUÇÃO

Síndrome Disfórica Pré-Menstrual (SDPM) é uma desordem menstrual caracterizada por um conjunto de sintomas psicológicos e físicos que ocorrem na fase lútea do ciclo menstrual (Itriyeva, 2022), e afeta aproximadamente 5% das mulheres que menstruam (Sundström-Poromaa; Comasco, 2023). Sua classificação enquanto diagnóstico surge no CID-11 em 2022, e os critérios para diagnosticar SDPM são a presença de ao menos um sintoma psicológico, como irritabilidade ou depressão, e um sintoma somático ou cognitivo, como dor articular e dificuldade de concentração, durante a maior parte dos ciclos do último ano (Schroll; Laurtitsen, 2022). Nos casos mais severos de SDPM, os inibidores seletivos da recaptação de serotonina (ISRS) se mostram como medicamento de primeira linha (Naguy *et al.* 2022), em especial, em doses iniciais para o tratamento de depressão, com uma grande eficácia em um curto período de tempo (Sundström-Poromaa; Comasco, 2023). Dessa forma, urge a necessidade de se investigar de forma mais profunda o uso dos ISRS como tratamento para SDPM.

2 METODOLOGIA

A presente revisão integrativa da literatura foi realizada na base de dados BVS, e busca responder à pergunta: “Quais são os sinais e sintomas da SDPM, e quais os efeitos dos ISRS sobre ela”. Para tal, os autores utilizaram dos descritores “Premenstrual Dysphoric Disorder”,



“Selective Serotonin Reuptake Inhibitors”, “Serotonin and Noradrenaline Reuptake Inhibitors”, “Humor”, associados aos operadores booleanos AND e OR, formando a chave de busca (“Premenstrual Dysphoric Disorder” AND “Selective Serotonin Reuptake Inhibitors” AND “Humor”) OR (“Premenstrual Dysphoric Disorder” AND Serotonin and Noradrenaline Reuptake Inhibitors” AND “Humor”), que foi aplicada à base de dados supracitada, o que gerou um total de 34 artigos. Foram incluídos ensaios clínicos controlados e estudos prognósticos escritos em inglês, realizados entre 2000 e 2024. Foram excluídos artigos que fugiam à temática central, e artigos que não se adequavam aos critérios de inclusão.

3 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Dos 34 artigos, 13 preencheram os critérios de inclusão, não obstante, após aplicação dos critérios de exclusão, foram selecionados 7 trabalhos que foram incluídos na presente revisão.

Aproximadamente 90% das pessoas que menstruam vivenciam algum sintoma físico ou psíquico relacionado ao período pré-menstrual, dessa forma, duas entidades surgem: a TPM e a SDMP (Rapkin; Lewis, 2013). A TPM pode ser definida como um conjunto de alterações emocionais, comportamentais, cognitivas e físicas cíclicas durante a fase lútea do ciclo menstrual, que demonstra ao menos um sintoma emocional associado a um sintoma somático durante cinco dias nos três últimos ciclos menstruais (Jarvis; Lynch; Morin, 2008), enquanto a SDPM é um transtorno de humor ligado à fase lútea, que para seu diagnóstico (tabela 1), necessita de ao menos um sintoma emocional associado a cinco sintomas cognitivos ou comportamentais experimentados apenas durante a fase lútea, com a mulher praticamente assintomática durante a fase folicular. (Sundström-Poromaa; Comasco, 2023).

A fisiopatologia da SDPM ainda é pouco conhecida, não obstante, existem algumas teorias que buscam justificar sua etiologia, no entanto, alguns autores, apontam que o grande responsável para essa alteração do humor seria a variação dos hormônios sexuais ovarianos durante o ciclo, já que mulheres antes da menarca, e mulheres que passam por procedimentos de remoção dos ovários param de apresentar os sintomas de SDPM (Rapkin; Lewis, 2013), outros apontam que na verdade, a SDMP seria multifatorial, e que envolve a variação hormonal, fatores predisponentes e alterações neuroquímicas (Sundström-Poromaa; Comasco, 2023).

Devido às alterações neuroquímicas apresentadas pelas pacientes, medicações psicotrópicas são utilizadas no tratamento da SDPM (Frackiewicz; Shiovitz, 2001), dentre elas, destacam-se diversos ISRS, como a fluoxetina e a sertralina demonstram grande eficácia no tratamento dos sintomas de SDPM. Fluoxetina é o ISRS mais indicado para o tratamento de SDPM, por demonstrar grande eficácia na melhora dos sintomas em doses iniciais para o tratamento de depressão quando comparado ao placebo, em especial, sob a formulação de 20 mg (Lin; Thompson, 2001), diferente da formulação de 10 mg, que não apresenta grandes diferenças quando comparada ao placebo, com a queda da libido sendo o efeito colateral mais frequente (Cohen *et al.* 2002).

Quanto à sertralina, diferente da fluoxetina, em uma primeira análise, seus efeitos sobre os sintomas de SDPM são mínimos quando comparados ao uso de placebos, não obstante, em uma segunda análise, alguns dos aspectos sintomatológicos da doença apresentam um maior controle dose-dependente, em especial, os sintomas associados à irritabilidade (Yonkers *et al.* 2015). Outros ISRS, como paroxetina e citalopram parecem desempenhar uma função maior nos sintomas de TPM, e não de DSPM (Lin; Thompson, 2001).

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em suma, após a análise dos dados encontrados nos artigos selecionados, os autores



concluem que o uso dos ISRS no tratamento da SDPM se mostra adequado até o momento que o presente estudo foi realizado, no entanto, os autores destacam a necessidade de realização de mais estudos focados nos efeitos colaterais desses medicamentos quando aplicados especificamente para o tratamento dessa doença. Para além disso, os autores reforçam ainda, a necessidade de mais pesquisas relacionadas à fisiopatologia da SDPM, para que se descubra qual o grande motivo por trás de seu desenvolvimento, já que, dessa forma, poder-se-á criar planos e estratégias de prevenção da doença e seus agravos, bem como, tratamentos mais eficazes.

REFERÊNCIAS

- COHEN, L. S. *et al.* Premenstrual daily fluoxetine for premenstrual dysphoric disorder: a placebo-controlled, clinical trial using computerized diaries. **Obstetrics & Gynecology**, v. 100, p.435 – 444, 2002.
- FRACKIEWICZ, E. J.; SHIOVITZ, T. M. Evaluation and management of premenstrual syndrome and premenstrual dysphoric disorder. **Journal of the American Pharmaceutical Association (Wash)**, v. 41, n. 3, p. 437- 447, 2001.
- ITRIYEVA, K. Premenstrual Syndrome And Premenstrual Dysphoric Disorder In Adolescents. **Current Problems in Pediatric and Adolescent Health Care**, v. 52, n.5, 2022.
- JARVIS, C. I.; LYNCH, A. M.; MORIN, A. K. Management Strategies For Premenstrual Syndrome/Premenstrual Dysphoric Disorder. **Annals Of Pharmacotherapy**, v. 42, n. 7, p. 967-978, 2008.
- LIN, J.; THOMPSON, D. S. Treating premenstrual dysphoric disorder using serotonin agents. **Journal of Women's Health & Gender-Based Medicine**, v. 10, n. 8, p. 745-750, 2001.
- NAGUY, A. *et al.* Psychopharmacotherapy of Premenstrual Dysphoric Disorder- New Vistas. **Psychopharmacology Bulletin**, v. 52, n. 3, p. 81-83, 2022.
- PRASAD, D. *et al.* Suicidal Risk in Women with Premenstrual Syndrome and Premenstrual Dysphoric Disorder: A Systematic Review and Meta-Analysis. **Journal of Women's Health**, v. 30, n.12, p. 1693-1707, 2021.
- RAPKIN, A. J.; LEWIS, E. I. Treatment of Premenstrual Dysphoric Disorder. **Womens Health (Lond)**, v.9, n.6, p.537-556, 2013.
- SCHROLL, J. B.; LAURTITSEN, M. P. Premenstrual Dysphoric Disorder: A Controversial New Diagnosis. **Acta Obstetrica et Gynecologica Scandinavica**, v. 101, n. 5, p.482-483, 2022.
- SUNDSTRÖM-POROMAA, I. COMASCO, E. New Pharmacological Approaches to the Management of Premenstrual Dysphoric Disorder. **CNS Drugs**, v. 37, n.5, p.371-379, 2023.
- YONKERS, K. A. *et al.* Symptom-Onset Dosing of Sertraline for the Treatment of Premenstrual Dysphoric Disorder: A Randomized Clinical Trial. **JAMA Psychiatry**, v. 72, n. 10, p. 1037 – 1044, 2015.

A IMPORTÂNCIA DO ACOMPANHAMENTO PRÉ-NATAL PARA GESTANTES VIVENDO COM HIV

Diogenes de Souza Pontes Junior¹; Bruna Rafaela de Oliveira¹; José Gabriel Silva Carvalho¹; Maria Clara Santos Gomes¹; Pedro Gabriel Martins Vieira¹; Rebeca Penha Gujanski¹; Amanda Soares de Vascelos².

Graduando em Medicina pela Universidade Federal de Pernambuco¹, Doutora em Biologia de Agentes Infecciosos e Parasitários pela Universidade Federal do Pará².

diogenes.junior@ufpe.br

RESUMO

O acompanhamento pré-natal é uma ferramenta indispensável durante qualquer tipo de gravidez, já que irá mapear a saúde da gestante, durante os meses da gravidez, e principalmente a saúde da criança até o momento do parto. Todavia, mesmo com os diversos avanços científicos no que tange o vírus da imunodeficiência humana (HIV), ainda faz necessário um acompanhamento especial para as gestantes que vivem com o vírus da AIDS, já que além do caso clínico, o vírus do HIV ainda traz consigo diversos estigmas que podem atrapalhar a gestação dos indivíduos soropositivos. Com isso, este artigo busca realizar uma revisão integrativa sobre o período de gestação de pessoas vivendo com HIV com ênfase no pré-natal para essas pessoas. Assim, este trabalho utilizou a base de dados LILACS, para fundamentar o estudo, utilizando os seguintes descritores: “cuidado Pré- Natal”, “Prenatal Care”, “HIV”, “Gravidez”, “Pregnancy”, “Transmissão Vertical de Doenças Infecciosas”, “Infectious Disease Transmission, Vertical”. Dessa forma, elucidando mais sobre a temática principalmente, focando nos aspectos biopsicossociais dessas gestantes nos serviços de saúde, com resultados positivos acerca da assistência em saúde para mulheres gestantes com HIV.

Palavras-chave: pré-natal; hiv; transmissão vertical.

1 INTRODUÇÃO

Desde o seu surgimento no mundo durante a década de 80, o vírus da imunodeficiência humana trouxe uma reviravolta notável na sociedade, sendo o vírus de RNA, e com classificação em HIV-1 e HIV-2, o vírus causador da AIDS levou milhares de pessoas a óbito, devido à escassez de conhecimento da comunidade científica (Perota et al., 2023). Entretanto, com o avanço científico, o panorama clínico dos pacientes que viviam com HIV mudou completamente com a descoberta da terapia antirretroviral (TARV) que com seus diversos esquemas conseguiu deixar pacientes com a carga viral indetectável, ou seja com um número relativamente baixo na circulação periférica do paciente (Cunga *et al.*, 2022). Porém, outra perspectiva importante a ser tratada seria a possibilidade de ocorrer gestação em pessoas que vivem com HIV, já que a transmissão vertical seria a principal via de transmissão para crianças com idade inferior a 5 anos de vida, e com isso a necessidade de atrelar um cuidado global no período de gestação para pacientes que vivem com o vírus da AIDS (Carvalho *et al.*, 2021).. Os espaços entre parágrafos devem ser removidos.

Dessa Forma, a visão global sobre gestantes com HIV deve levar em consideração a individualidade da gestante, caso ela já tenha conhecimento da sua sorologia para o vírus, e principalmente para as mulheres que testam positivo no primeiro contato com o acompanhamento pré-natal, tratando esse momento com empatia e orientação adequada para

não trazer riscos durante a gravidez. Nesse sentido, a busca por esses indivíduos pela equipe de saúde, tanto especialista na figura do infectologista, quanto da unidade básica de saúde, por meio da equipe multiprofissional, precisa ter o foco em estratégias que façam a pessoa que está gestando aderir rápido ao tratamento com antirretroviral (TARV), e com isso mitigar as chances de transmissão vertical na gravidez, no parto e puerpério, diminuindo para menos de 2% de chance de transmissão para o recém-nascido (Pontes; Santos; Monteiro, 2020).

2 METODOLOGIA

Esse trabalho busca fazer uma revisão integrativa levando em consideração a pergunta principal “Qual é a importância da adesão ao pré-natal para mulheres portadoras do HIV?”. Com isso, utilizou-se para a chave de busca, os Descritores em Ciência de Saúde (DeCS) “cuidado Pré- Natal”, “HIV”, “Gravidez”, “Transmissão Vertical de Doenças Infecciosas” e seus sinônimos em inglês “Prenatal Care”, “Pregnancy”, “Infectious Disease Transmission, Vertical”, além dos operadores booleanos “AND” e “OR”. A busca foi feita através da plataforma BVS, utilizando para fundamentar a revisão a base de dados LILACS, além disso foi utilizado os filtros “Texto Completo” e o filtro de tempo delimitando artigos dos últimos 5 anos (2020-2024), dessa forma foram selecionados 8 artigos, onde 7 foram incluídos levando em consideração a presença dos termos de buscas, a temática que relacionava o acompanhamento pré-natal e HIV, apenas 1 artigo foi excluído pois não tratava da gestação de pessoas com HIV.

3 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Sobre os seguintes estudos acerca da importância do pré natal para gestantes vivendo com HIV, é perceptível uma concordância nos aspectos relacionados à efetividade na diminuição dos riscos acerca da transmissão do vírus da imunodeficiência humana entre o binômio mãe-filho, no período gestacional, no momento do parto, e conseqüentemente no período de puerpério, o que abrange as primeiras semanas (Moura *et al.*, 2021). Isso porque, segundo Cabieses, Sepúlveda e Obach, (2020), o acompanhamento pré-natal é a primeira porta de entrada para gestantes na atenção primária de saúde, o que reverbera em um acompanhamento global utilizando mecanismos como programas de triagem para infecções sexualmente transmissíveis, como HIV e Sífilis. Mas, sabe-se que entre pessoas gestando com HIV, divide-se em grupos de pessoas que não sabiam de sua sorologia, e acaba descobrindo por meio da primeira consulta pré-natal, e também pessoas que já sabia de sua sorologia para HIV, que segundo Perota *et al.* (2023) em estudo do perfil demográfico, na região sul do Brasil, constatou que cerca de 66,1% das pessoas que estavam grávidas, e tinha HIV, já sabiam de sua sorologia, o que facilitava as estratégias da equipe de saúde no atendimento pré-natal para garantir uma tratamento adequado e seguro para ambas as partes envolvidas.

Todavia, sabe-se que existe um lapso no que diz respeito HIV no Brasil, e o que é preconizado por organizações de saúde acerca desse acompanhamento, já que devido o preconceito enraizado acerca do HIV diversas gestantes acabam desistindo do acompanhamento pré -natal, de no mínimo 6 consultas, por problemas na prestação de saúde, como a realização dos exames de carga viral, genotipagem do vírus, que influencia diretamente na escolha da via de parto ideal para esse indivíduo, segundo Cunha *et al.* (2022) a má gestão no atendimento pré-natal, principalmente quando o assunto é comunicação, é um importante fator da não adesão do acompanhamento médico e conseqüentemente a não adesão do tratamento antirretroviral, o que implica diretamente na transmissão vertical, já que o diagnóstico precoce associado às primeiras consultas no primeiro trimestre de gravidez são fundamentais para o curso da saúde da criança, isso foi evidenciado em mulheres com idade



entre 20 a 29 anos. Com isso, o que difere uma gestação sem sorologia positiva para HIV, e uma gestação positiva para HIV, é justamente esse cuidado maior durante o período perinatal no incentivo da realização dos exames, como exemplo o exame feito a partir da 34ª semana, totalmente necessário para escolha da via do parto ideal, e também na educação em saúde para a gestante, sobre como lidar com esse momento, desde a primeira consulta até os primeiros seis meses de vida da criança, já que além dos diversos cuidados na gestação e no parto, faz-se necessário utilizar profilaxia pós exposição, no recém-nascido, por cerca de 28 dias, além do serviço de saúde garantir fórmula láctea nos primeiros seis meses de vida (Bonomi *et al.*, 2020; Perota *et al.*, 2023).

Assim, segundo Carvalho *et al.* (2021) em estudos feitos no Brasil com pacientes usuárias de droga, que é um fator crucial para o abandono do acompanhamento pré-natal foi perceptível que, além das alterações imunológicas devido ao abuso de droga, a não adesão ao tratamento com TARV estava relacionado com o risco de transmissão do HIV para os recém-nascidos, e que cerca de 56% das gestantes que não conseguiam acessar o pré-natal só tiveram o seu diagnóstico para HIV no 2º trimestre de gravidez, o que torna-se um risco eminente para transmissão vertical, devido a alta concentração do vírus.

Portanto, esses aspectos sociais que circundam a gravidez de pessoas com HIV atuam dificultando o acompanhamento longitudinal, que pode ser consequências de barreiras econômicas, culturais, que atrapalham diretamente o trabalho da equipe de saúde em atuar de forma ativa buscando pessoas nessa situação, impedindo a criação de estratégias de massa, seja pela educação, propaganda ou protocolos clínicos, que visam mitigar a soroconversão de forma vertical (Cabiezes; Sepúlveda; Obach, 2020). Dessa maneira, a importância do acompanhamento pré-natal para gestantes vivendo com HIV transcende o comum, já que com o conhecimento precoce, somado a uma equipe de saúde, a comunicação e a relação médico-paciente reverbera em saúde para o recém-nascido, além de desconstruir barreiras que historicamente foram impostas a pessoas que vivem com HIV, por meio do preconceito, e o discurso da inviabilidade de viver uma vida comum.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Assim, foi perceptível uma congruência quanto à importância do acompanhamento perinatal para gestantes vivendo com HIV, principalmente, quando levado em consideração o perfil demográfico dessas pessoas, as quais estão predominantemente em situações de vulnerabilidade, o que reflete diretamente na saúde desses indivíduos. Entretanto, foi perceptível também a falta de assistência em saúde pautada na empatia e educação, além de uma necessidade do acompanhamento perinatal associado a serviços de especialidade para guiar o melhor tratamento, refletindo não apenas na saúde da gestante mas também nos baixos índices de transmissão vertical, o que é fundamental para quebrar os paradigmas acerca da gestação em pessoas com o vírus da AIDS.

REFERÊNCIAS

BONOMI, I. B. A. *et al.* Rastreamento de doenças por exames laboratoriais em obstetrícia. **Femina**, São Paulo, v. 48, n. 5, p. 301-310, 2020. Disponível em: <https://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/biblio-1099675>. Acesso em: 04 maio 2024.

CABIESES, B.; SEPÚLVEDA, C.; OBACH, A. Prevención de la transmisión vertical de VIH en mujeres migrantes internacionales: Escenario actual y desafíos. **Revista Chilena de Pediatría**, Santiago, v. 91, n. 6, p. 672-683, out. 2020. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.32641/rchped.vi91i5.1784>. Acesso em: 05 maio 2024.

CARVALHO, N. S. *et al.* Human Immunodeficiency Virus infection associated with crack cocaine use: the impact on perinatal transmission among 890 pregnancies in Brazil. **Jornal Brasileiro de Doenças Sexualmente Transmissíveis**, [S.L.], v. 33, p. 33-40, 2021.

Disponível em: <http://dx.doi.org/10.5327/DST-2177-8264-20213336>. Acesso em: 04 maio 2024.

CUNGA, I. V. A. *et al.* Risk factors for seroconversion of HIV among children exposed in the State of Santa Catarina, 2007-2017. **Revista Brasileira de Saúde Materno Infantil**, [S.L.], v. 22, n. 3, p. 577-584, jul. 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1806-9304202200030008>. Acesso em: 05 maio 2024.

MOURA, M. S. S. *et al.* Congenital infections (syphilis and human immunodeficiency virus) in a federal hospital in Rio de Janeiro. **Jornal Brasileiro de Doenças Sexualmente Transmissíveis**, [S.L.], v. 33, p. 70-75, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.5327/DST-2177-8264-20213308>. Acesso em: 05 maio 2024.

PEROTTA, M. *et al.* Sociodemographic profile and gestational aspects of women with HIV/AIDS in Curitiba, Brazil. **Revista Gaúcha de Enfermagem**, [S.L.], v. 44, p. 1-12, 2023. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1983-1447.2023.20220202.en>. Acesso em: 05 maio 2024.

PONTES, B. S.; SANTOS, A. K.; MONTEIRO, S. Produção de discursos sobre a prevenção do HIV/AIDS e da sífilis para gestantes em materiais educativos elaborados por instituições brasileiras (1995 - 2017). **Interface - Comunicação, Saúde, Educação**, [S.L.], v. 24, p. 1-16, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/Interface.190559>. Acesso em: 04 maio 2024.

A INFLUÊNCIA DA VULNERABILIDADE NA OCORRÊNCIA DE VIOLÊNCIA OBSTÉTRICA

Nayama Sant'Anna Belbuche¹

Graduada em enfermagem pela Universidade Estácio de Sá e Residente em Saúde da Mulher do Hospital Municipal Odilon Behrens¹

nayamasan.1@gmail.com

RESUMO

O presente estudo aborda o tema a influência da vulnerabilidade na ocorrência de violência obstétrica e tem por objetivo demonstrar a influência da vulnerabilidade na ocorrência de violência obstétrica, é um tipo de violência exercida contra mulheres durante a gravidez, o parto e o pós-parto. Ela pode ocorrer em diversos contextos de atendimento obstétrico e envolve atos que desrespeitam a autonomia, a integridade física e emocional das mulheres, além de práticas abusivas e negligentes. Essa violência pode ter consequências físicas e psicológicas severas, tanto imediatas quanto a longo prazo, além de ir contra os princípios de uma assistência humanizada ao parto. A vulnerabilidade refere-se a uma condição em que indivíduos ou grupos possuem uma maior susceptibilidade a danos, riscos ou violações de direitos devido a características sociais, econômicas, físicas, psicológicas ou culturais. No contexto da violência obstétrica, a vulnerabilidade pode amplificar a probabilidade de uma mulher experimentar tratamentos desumanos ou negligentes durante a gravidez, o parto e o pós-parto. Reconhecer e abordar as múltiplas dimensões da vulnerabilidade é essencial para prevenir a violência obstétrica e promover um cuidado humanizado e respeitoso.

Palavras-chave: saúde da mulher; violência obstétrica; vulnerabilidade em saúde.

1 INTRODUÇÃO

A vulnerabilidade refere-se à condição de suscetibilidade a danos físicos, emocionais, sociais ou econômicos devido a características e circunstâncias individuais ou contextuais do indivíduo. Pode se manifestar de diversas maneiras e afetar diferentes grupos populacionais.

A violência obstétrica (VO) é uma forma de violação dos direitos humanos que pode ocorrer durante a gestação, na assistência ao parto e no puerpério, onde a gestante ou parturiente é submetida a práticas desrespeitosas, abusivas, coercitivas ou negligentes por parte dos profissionais de saúde. Essas práticas podem incluir desde violência verbal e psicológica, como humilhações, ameaças e falta de comunicação adequada, até intervenções desnecessárias que podem causar malefícios à saúde da mulher.

O cenário obstétrico brasileiro é complexo e apresenta uma série de desafios. Uma de suas características mais marcantes é a alta taxa de cesarianas, o que pode refletir a tendência de medicalização excessiva ao parto, culminando no aumento do risco de complicações e interferindo na experiência de parto das mulheres.

O acesso aos cuidados obstétricos no Brasil é marcado por desigualdades socioeconômicas e regionais. Mulheres de baixa renda e residentes em áreas remotas têm maior dificuldade em acessar serviços de saúde de qualidade, o que pode resultar em maiores complicações durante o ciclo gravídico-puerperal.

A vulnerabilidade desempenha um papel significativo na ocorrência de violência obstétrica, uma vez que mulheres vulneráveis apresentam maior possibilidade de vivenciar



práticas desrespeitosas, abusivas e negligentes durante o processo de parto e nascimento. Para garantir práticas de assistência ao parto centradas na autonomia feminina baseadas em evidências, é fundamental abordar as desigualdades sociais, econômicas, de gênero e étnico-raciais que contribuem para a vulnerabilidade das mulheres durante o cuidado em saúde.

2 METODOLOGIA

Trata-se de um estudo de revisão de literatura, com método de abordagem qualitativa. A pesquisa baseou-se nas seguintes bases de dados: BDNF, Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciências da Saúde (LILACS), Biblioteca Virtual em Saúde (BVS) e Scielo. Além disso, foram utilizados 2 protocolos do Ministério de Saúde. Foram adotados os seguintes critérios de inclusão: Artigo na íntegra que corroborem com a temática estudada, com disponibilidade completa em suporte eletrônico, em português e inglês, com ano de publicação a partir de 2010. Foram excluídos da análise de dados todos os artigos de estudo ou relato de caso.

3 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Foi observado que mulheres em situações de maior vulnerabilidade social, econômica e de saúde enfrentam um maior risco de sofrer violência obstétrica. Isso ocorre devido a uma série de fatores interligados. As desigualdades de acesso aos serviços de saúde é um aspecto que influi diretamente nos desfechos materno-infantis. Mulheres que enfrentam inequidades no acesso à serviços de saúde detêm maior risco de desenvolver complicações obstétricas evitáveis, uma vez que o processo de educação em saúde pode ser prejudicado, desencadeando um ciclo de desinformação e falta de compreensão sobre os cuidados necessários durante a gravidez e o parto e sobre a violência obstétrica. (FERREIRA *et al*, 2021)

A falta de conhecimento sobre a VO pode levar as mulheres a aceitarem práticas abusivas como normais, sem reconhecerem que estão sendo vítimas de violência ou sem saberem como denunciar tais práticas. Isso ocorre porque a VO pode se manifestar de maneiras sutis e, muitas vezes, é enraizada em práticas culturais ou institucionais que são socialmente aceitas, mas que violam os direitos e a dignidade feminina. Além disso, a falta de conhecimento sobre a VO pode contribuir para a perpetuação do estigma e da vergonha em torno do parto, impedindo as gestantes e parturientes de falarem abertamente sobre suas experiências de violência ou de buscar ajuda e apoio. Dessa forma, A falta de acesso a informações e educação em saúde pode dificultar que as mulheres em situação de vulnerabilidade tomem decisões informadas sobre sua saúde reprodutiva e os cuidados durante a gravidez e o parto. Isso pode resultar em escolhas inadequadas de cuidado ou em uma falta de compreensão sobre seus direitos durante o processo de parto. (MACEDO *et al*, 2020)

Mulheres também podem enfrentar desigualdades de gênero no sistema de saúde, incluindo falta de representação feminina entre os profissionais de saúde, incremento de práticas médicas que interferem em sua autonomia, falta de pesquisa e financiamento para condições de saúde específicas do corpo feminino. O estigma e discriminação de grupos marginalizados, como mulheres negras, indígenas, migrantes, refugiadas, LGBTQ+ e pessoas com deficiência influenciam diretamente no cuidado prestado, propiciando barreiras ao acesso à direitos em saúde, culminando em uma inequidade na assistência do paciente. (SCHIAVI *et al*, 2023)

A falta de empatia e sensibilidade cultural por parte dos profissionais de saúde pode contribuir para uma desconexão com a paciente, dificultando a construção de uma relação de confiança e colaboração durante o cuidado obstétrico. Em casos extremos, o preconceito pode levar à negligência e abuso por parte dos profissionais de saúde em relação aos pacientes

vulneráveis. (SOUZA *et al*, 2016)

A falta de recursos, escassez de conhecimento teórico- científico dos profissionais, falta de treinamento profissional e distanciamento de práticas pautadas em evidências científicas também são fatores que influenciam na manutenção de desigualdades na assistência à mulher inserida em um contexto vulnerável. (SARAIVA, CAMPOS, 2023)

Evidenciou-se, também, que a violência obstétrica não ocorre de maneira equânime e imparcial, mesmo dentro do contexto da vulnerabilidade. As disparidades segundo raça/cor também têm sido evidenciadas em pesquisas em saúde, com os segmentos socialmente menos favorecidos, incluindo pretos, pardos e indígenas, apresentando níveis mais expressivos de adoecimento e de falecimento por causas evitáveis, desde as doenças infectoparasitárias até aquelas que estão relacionadas à violência. Mulheres negras apresentam 50% mais chances de não receber analgesia durante o trabalho de parto quando comparadas a mulheres brancas. As mulheres negras também apresentam maior risco de dispor de um pré-natal inadequado, realizando menos consultas do que o proposto, são impedidas mais vezes de ter um acompanhante durante o parto e são as que mais peregrinam em busca de atendimento em hospitais e maternidades. (LEAL *et al*, 2017)

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A relação entre vulnerabilidade e violência obstétrica é complexa e multifacetada. A melhoria da qualidade da atenção à saúde está diretamente relacionada com a eliminação de iniquidades raciais. Para combater a violência obstétrica na população vulnerável, é fundamental abordar as desigualdades sociais, econômicas e de saúde que contribuem para essa violência. Isso inclui promover políticas e práticas de saúde centradas na mulher, respeitosas e baseadas em evidências científicas, fornecer educação em saúde culturalmente sensível e acessível, e garantir que todos os profissionais de saúde sejam treinados para reconhecer e responder à violência obstétrica de maneira apropriada. Além disso, é importante criar redes de apoio e recursos para mulheres em situação de vulnerabilidade, para que elas possam acessar cuidados de saúde seguros e de alta qualidade durante o ciclo gravídico-puerperal. Ao garantir que todos tenham acesso equitativo a cuidados de saúde de alta qualidade, promovendo a sensibilidade cultural e abordando os determinantes sociais de saúde, é possível desenvolver um sistema de saúde mais justo e inclusivo para todos.

REFERÊNCIAS

FERREIRA *et al*. Fatores que contribuem para a ocorrência da violência obstétrica no Brasil: revisão integrativa de literatura. **Revista AcervoSaúde**. Belém; 2021.

LEAL *et al*. A cor da dor: iniquidades raciais na atenção pré-natal e ao parto no Brasil. **Cadernos de Saúde Pública**. 33° ed. Rio de Janeiro; 2017.

MACEDO *et al*. Vulnerabilidade e suas dimensões: cuidados de enfermagem. **Rev enferm UERJ**. 28° ed. Rio de Janeiro; 2020.

SARAIVA Vanessa Cristina dos Santos; CAMPOS, Daniel de Souza. A carne mais barata do mercado é a carne negra: notas sobre o racismo e a violência obstétrica contra mulheres negras. **Ciênc. saúde coletiva**. 28° ed. Rio de Janeiro; 2023.

SCHIAVI *et al*. Vulnerabilidades entre mulheres em situação de rua vivenciando a gestação, parto e puerpério. **Rev. Anna Nery**. 27° ed. Porto Alegre; 2023.

SOUZA *et al.* Fatores associados à ocorrência de violência obstétrica institucional: uma revisão integrativa da literatura. **Rev. Ciênc. Méd.** 25º ed. Campinas; 2016.

+





OS BENEFÍCIOS DA PRÁTICA DE MEDITAÇÃO COMO MÉTODO ALTERNATIVO DE CONFORTO PARA AS GESTANTES

Gabriela Busatta¹; Mylena Goelzer².

Graduanda em enfermagem pelo Instituto Federal do Paraná - Campus Palmas¹, Docente de enfermagem no Instituto Federal do Paraná - Campus Palmas².

gabi.busatta@hotmail.com

RESUMO

Introdução: a meditação é um conjunto de práticas mentais que influenciam diretamente nas emoções, tendo como uma de suas técnicas o *mindfulness*. As mulheres passam por diversas mudanças durante o período gestacional, que geram certa vulnerabilidade, onde o manejo adequado é primordial para a prevenção do excesso de emoções nocivas. **Objetivo:** identificar os benefícios da prática de meditação como um método alternativo de conforto para as gestantes. **Metodologia:** trata-se de uma revisão de literatura, tendo como fonte de pesquisa os sites Scielo (*Scientific Electronic Library Online*) e Biblioteca Virtual em Saúde (BVS), para o levantamento bibliográfico. Como critério de inclusão foram selecionados artigos publicados nos últimos 6 anos. **Resultados:** mesmo tendo suas origens nos primórdios, a meditação possui como resultado o aprimoramento da conscientização, cognição e a regulação emocional. Com a prática de *mindfulness*, a desordem mental é substituída por um estado de maior clareza. Devido a gestação ser um período com altos níveis de sofrimento psicológico, as práticas de meditação apresentam benefícios comportamentais, físicos e psicológicos para a gestante. **Conclusão:** a utilização de métodos alternativos de conforto, como a meditação, contribui para a promoção da saúde, auxiliando na melhor qualidade de vida, resultando em benefícios para o binômio mãe-bebê.

Palavras-chave: meditação; gestantes; saúde da mulher.

1. INTRODUÇÃO

A meditação pode ser compreendida como um conjunto de práticas mentais que influenciam diretamente na cognição, emoção, eventos mentais e somáticos, através da conscientização e direcionamento da atenção, tendo como uma de suas técnicas o *mindfulness* (Varginha; Moreira, 2020). A gravidez é um período de certa vulnerabilidade para a mulher, há alterações corporais, sexuais, novos papéis sociais, mudanças de humor, queda no nível de energia, desconforto físico e elevados níveis de sofrimento psicológico (Oliveira *et al.*, 2023). O manejo adequado dessas características é primordial para a prevenção do excesso de emoções nocivas, estresse materno e aumento de cortisol no sangue. Este conjunto de eventos, resulta em um corpo mais suscetível a infecções e ao trabalho de parto prematuro (Romero; Cassino, 2018). A partir disso, se faz necessário o reconhecimento dessas mudanças e a busca por uma alternativa não farmacológica para o manejo desta situação, como é o caso da meditação. Neste sentido, o objetivo deste resumo é identificar os benefícios da prática de meditação como um método alternativo de conforto para as gestantes.

2. METODOLOGIA

Trata-se de uma revisão de literatura, realizada por meio de um levantamento



bibliográfico, onde foram analisados os efeitos da prática de meditação como um método alternativo de conforto, durante o período gestacional. O referencial teórico teve como fonte de pesquisa os sites: Scielo (*Scientific Electronic Library Online*), Biblioteca Virtual em Saúde (BVS) e o DeCS (Descritores em Ciências da Saúde), para obtenção dos descritores: Meditação, Gestantes e Saúde da Mulher. Como critério de inclusão foram selecionados artigos publicados nos últimos 6 anos, relacionados à temática.

3. RESULTADOS E DISCUSSÕES

A prática meditativa é antiga, tendo suas origens nos primórdios e nas tradições orientais, relacionada com as filosofias do yoga e do budismo. Entretanto, mesmo contemplada por diversas tradições, o treino mental relacionado à meditação, tem como resultado o aprimoramento da conscientização, cognição e a regulação emocional (Varginha; Moreira, 2020). O *mindfulness* ou atenção plena, é um estilo de meditação atingido quando o praticante alcança os estágios mais profundos de concentração. Neste estado, a desordem mental será substituída, aos poucos, por um estado de clareza, onde os níveis de consciência e conhecimento são desenvolvidos (Santos *et al.*, 2021). O *mindfulness* está relacionado com o aumento da atividade do sistema nervoso parassimpático, levando, conseqüentemente, à diminuição da atividade do sistema nervoso simpático, relacionado com a resposta ao estresse (Varginha; Moreira, 2020). Durante o período gestacional, as mulheres apresentam altos níveis de sofrimento psicológico, provendo dos riscos obstétricos relacionados à evolução de uma gestação, gerando um estado de vulnerabilidade à ansiedade e outros transtornos associados (Oliveira *et al.*, 2023). Em síntese, os principais efeitos psicológicos encontrados, acerca da utilização de práticas meditativas no período gestacional, dizem respeito à redução da depressão, ansiedade, estresse e medo do parto, aumento da autoconsciência materna e melhora da saúde perinatal. Além disso, há benefícios comportamentais e físicos desta prática, entre eles, o aumento do vínculo materno-fetal, melhor temperamento dos bebês, eficácia no trabalho de parto, regulação das próprias experiências à dor e menor taxa no uso de opióides durante o parto (Santos *et al.*, 2021).

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os resultados da presente análise, ilustram as vantagens da meditação durante a gestação. A meditação é uma prática que proporciona maior calma, aumento da atenção e percepção das situações cotidianas, auxiliando a encarar o dia a dia, bem como a gestação com mais leveza. Diante do exposto, conclui-se que a busca pelo conhecimento e utilização de meios alternativos de conforto para promoção de saúde, como a meditação, auxiliam na melhor qualidade de vida das gestantes, trazendo benefícios para o binômio mãe-bebê. Contudo, cabe ressaltar a necessidade do desenvolvimento de mais pesquisas sobre o assunto, devido a carência de referências atualizadas sobre a temática.

REFERÊNCIAS

OLIVEIRA, C. B. S. *et al.* Práticas integrativas e complementares em saúde e sua utilização durante a gestação: uma revisão integrativa. **Rev. Cereus**, v. 15, n. 4, 2023.

ROMERO, S. L; CASSINO, L. Saúde mental no cuidado à gestante durante o pré-natal. **Rev. Brasileira de Ciências da Vida**, v. 6, n. 2, 2018.

SANTOS, A. C. B. *et al.* Efeitos do *mindfulness* em gestantes: uma revisão sistemática da



2º CONSAMU 14, 15 e 16 de Junho

REALIZAÇÃO:



APOIO:



literatura entre 2010 e 2020. **Research, Society and Development**, v. 10, n. 14, p. 1-12, 2021.

VARGINHA, E; MOREIRA, A. Meditação e seus benefícios na promoção da saúde. **Rev. de Medicina de Família e Saúde Mental**, v. 2, n. 1, p. 13-21, 2020.



ATUAÇÃO DO ENFERMEIRO NA ESTRATÉGIA SAÚDE DA FAMÍLIA FRENTE A MULHER VÍTIMA DE VIOLÊNCIA

Dayane de Paula Reis¹; Mateus Goulart Alves²; Amanda Aparecida Borges²; Nariman de Felicio Bortucan Lenza²; Camilla Borges Lopes Sousa³; Iácara Santos Barbosa Oliveira³.

Graduanda em Enfermagem pela Universidade do Estado de Minas Gerais¹; Docentes Dr. da Universidade do Estado de Minas Gerais e Faculdade Atenas²; Docentes Me. da Universidade do Estado de Minas Gerais e Faculdade Atenas³.

E-mail : iacara.oliveira@uemg.br

RESUMO

A violência contra a mulher é considerada um grave problema de saúde pública e se apresenta de diversas formas. Durante a vida, 1 a cada 3 mulheres é submetida a violência física ou sexual por parte de seus parceiros, ou violência sexual por um não parceiro. Considerando isso, esse trabalho objetiva identificar a atuação do Enfermeiro frente a violência contra a mulher, nas Estratégias de Saúde da Família (ESFs). Trata-se de um estudo descritivo, de natureza qualitativa, realizado em um município mineiro, nos meses entre maio e novembro de 2023. Participaram da pesquisa 7 enfermeiros que atuam nas ESFs, sendo a maioria do sexo feminino (85,7). A partir das respostas das participantes, surgiram 04 categorias: 1) Atendimento com escuta qualificada; 2) Sigilo e ética profissional; 3) Atendimento multiprofissional e 4) Notificação compulsória. O enfermeiro como membro da equipe de Saúde possui um papel primordial que perpassa o acolhimento até o encaminhamento a outros setores. Através dessa pesquisa foi possível identificar a atuação do enfermeiro nas Estratégias de Saúde da Família, frente a mulher vítima de violência, além de conhecer o perfil sociocultural dos enfermeiros e identificar as condutas desses durante o atendimento à mulher vítima de violência.

Palavras-chave: violência doméstica; enfermeiro; atenção primária à Saúde.

1 INTRODUÇÃO

A violência contra a mulher constitui qualquer ação ou omissão baseada no gênero que cause morte, lesão, sofrimento físico sexual ou psicológico, e dano moral ou patrimonial. Sendo assim, são consideradas violência doméstica e familiar contra a mulher a violência física, psicológica, sexual, patrimonial e a violência moral (BRASIL, 2020a).

O Código de Ética dos Profissionais da Enfermagem (CEPE) dispõe que é dever dos profissionais realizar a comunicação externa para os órgãos de responsabilização criminal, independente de autorização, quando há riscos à comunidade ou a vítima, a juízo do profissional e com conhecimento prévio da vítima ou do seu responsável (COFEN, 2017).

As unidades de Estratégia Saúde da Família (ESF) são consideradas a porta de entrada prioritária para os serviços do Sistema Único de Saúde (SUS), sendo o enfermeiro o integrante da equipe mínima para o funcionamento desses serviços, cabendo ao enfermeiro ações como: realizar atenção à saúde de todos os indivíduos vinculadas à equipe em todos os ciclos de vida, realizar acolhimento com escuta qualificada e classificação de risco, assim como realizar consulta de enfermagem, procedimentos, solicitação de exames complementares, entre outros (BRASIL, 2017).



Dessa forma, a assistência de enfermagem deve ser planejada para promoção da segurança, acolhimento, respeito e satisfação das mulheres de acordo com suas necessidades individuais e coletivas. Para a proteção das vítimas e prevenção de possíveis futuros agravos é necessário que haja reflexão sobre o planejamento, de acordo com deveres éticos dos profissionais de enfermagem, das legislações vigente e das políticas públicas (OLIVEIRA; TAYSSA; BARRETO, 2020). A presente pesquisa visa identificar a atuação do Enfermeiro frente a violência contra a mulher, nas ESFs.

2 METODOLOGIA

Trata-se uma pesquisa descritiva, exploratória e de natureza qualitativa. Foram convidados a fazer parte do estudo os sete enfermeiros que atuavam nas ESFs do município do estudo. Foram incluídos todos os profissionais que aceitaram participar da pesquisa através da assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). Os critérios de inclusão adotados foram enfermeiros que atuam há mais de um ano na USF. Todos os enfermeiros abordados aceitaram fazer parte do estudo e a pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética e Pesquisa da Universidade do Estado de Minas Gerais, sob o parecer n°. 6220.048. A coleta de dados foi realizada de forma presencial, nas SF, em um ambiente adequado escolhido pelos enfermeiros, sendo aplicado um questionário estruturado. Para a análise de dados foi utilizada a análise de conteúdo.

3 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Ao total, participaram do estudo 07 enfermeiros, sendo 06 do sexo feminino, 01 do sexo masculino. O intervalo de idade mais prevalente foi entre 31 e 40 anos. O menor tempo de formação foi de 1 a 3 anos. 04 eram especialistas em saúde da família e 06 já atenderam casos de violência contra a mulher. A partir das respostas das participantes, surgiram 04 categorias:

Acolhimento com escuta qualificada: Os relatos trazem que o atendimento às mulheres vítimas de violência acontece na sala de enfermagem, de forma que ofereça segurança a mulher e a deixe confortável para relatar o acontecido. Os mesmos mostraram se importar com o bem-estar da mulher, tentando garantir o máximo de privacidade e respeito com os casos, mostrando serem acolhedoras, o que facilita a criação de vínculo com as vítimas. Essa questão corrobora com o estudo de Silva e Ribeiro (2019), que aponta que criar um vínculo com as mulheres na unidade de saúde é um fator que facilita a assistência e é essencial para prevenção e enfrentamento da violência.

Sigilo e ética profissional: A maioria das participantes relataram que durante o atendimento, deixam claro para a mulher sobre o sigilo e ética profissional. O dever de promover o sigilo profissional durante o atendimento às mulheres vítimas de violência, muitas vezes está relacionado com a não notificação compulsória dos casos atendidos na ESF (BRASIL, 2019).

Atendimento multiprofissional: O atendimento às mulheres vítimas de violência não ocorre apenas nas ESFs embora essa seja a porta de entrada do SUS. Há atendimentos em diversos outros setores (Hospitais, Unidades de Pronto Atendimento, Ambulatórios especializados, Centros Sociais, entre outros) (TRACZ; GONÇALVES; MARCOVICZ, 2022). Os participantes do estudo relataram que encaminham os casos de violência para outros setores e profissionais, contando com o apoio principal do psicólogo.

Notificação compulsória: Todos participantes do estudo relataram que realizam a notificação compulsória dos casos de violência contra a mulher através do SINAN (Sistema de Informação de Agravos de Notificação) e encaminham para a setor de vigilância epidemiológica do município. Os sistemas de informação em saúde são de extrema importância

para identificação da realidade epidemiológica de determinada área geográfica, assim como para elaboração de políticas e programas de saúde, definição de prioridades, avaliação do impacto das intervenções, entre outros (FIOCRUZ, 2018).

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Embora a violência contra a mulher seja um grave problema de saúde pública, existem diversas estratégias, políticas, leis, diretrizes etc. disponíveis para enfrentamento dessa questão. O enfermeiro como membro da equipe de Saúde, nas Unidades de ESF, possui um papel primordial que perpassa o acolhimento até o encaminhamento a outros setores. Sendo assim, a pesquisa possibilitou a ampliação do conhecimento em relação a atuação frente as situações de violência contra a mulher.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos. **Balanco 2019: Ligue 180. Central de Atendimento à Mulher**, 2020.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Portaria nº 2.436, de 21 de setembro de 2017**. Aprova a Política Nacional de Atenção Básica, estabelecendo a revisão de diretrizes para a organização da Atenção Básica, no âmbito do Sistema Único de Saúde (SUS), 2017.

BRASIL. **Lei nº 13.931, de 10 de dezembro de 2019**. Altera a Lei nº 10.778, de 24 de novembro de 2003, para dispor sobre a notificação compulsória dos casos de suspeita de violência contra a mulher, 2019.

COFEN. Conselho Federal de Enfermagem. **RESOLUÇÃO COFEN Nº 564/2017**. Aprova o novo Código de Ética dos Profissionais de enfermagem, 2017.

FIOCRUZ. Fundação Oswaldo Cruz. **Violência contra as mulheres: O que podem fazer os profissionais de saúde**. Fundação Oswaldo Cruz, Instituto Fernandes Figueira. Ministério da Saúde. Portal de Boas Práticas em Saúde da Mulher, da Criança e do Adolescente, 2018.

Oliveira, A.F.S; TAYSSA, E; BARRETO, C.A. O cuidar em enfermagem à mulher vítima de violência sexual. **Revista Saúde em Foco.**, n. 11, p. 567-573, 2019.

SILVA, P; RIBEIRO, P. M. Violência contra as mulheres na prática de enfermeiras da atenção primária à saúde. **Esc. Anna. Nery.**, n. 4, v. 24, p.1-7, 2020.

TRACZ, R.; GONÇALVES, A. F.; MARCOVICZ, G. V. Atuação do(a) enfermeiro(a) à mulheres vítimas de violências. **Rev Recien.**, n. 39, v. 12, p. 3-12, 2022.



O IMPACTO DA INOVAÇÃO TECNOLÓGICA NO ACOMPANHAMENTO PRÉ-NATAL

Victoria Karolline Silva Rodrigues¹; Maria Cristina de Moura-Ferreira².

Graduanda do Curso de Graduação em Enfermagem Bacharelado/Licenciatura pela Universidade Federal de Uberlândia - UFU¹, Doutora em Enfermagem Fundamental EERP-USP e Docente Associado 4 no Curso de Graduação em Enfermagem Bacharelado/Licenciatura da Universidade Federal de Uberlândia – UFU².

victoriaksr@ufu.br

RESUMO

Este estudo explora o impacto da inovação tecnológica no acompanhamento pré-natal. Através de uma revisão de literatura nas bases de dados LILACS e SciELO, identificamos uma variedade de tecnologias aplicadas ao cuidado pré-natal. As Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs) têm desempenhado um papel crucial na continuidade do cuidado às gestantes, especialmente durante a pandemia da COVID-19. Aplicativos móveis, software web e telemedicina mostraram-se eficazes, permitindo o monitoramento das gestantes e a tomada de decisões estratégicas. A tecnologia educativa, como o “Almanaque da Gestante”, mostrou-se eficaz na promoção da saúde e na educação em saúde. No entanto, a eficácia dessas tecnologias depende de vários fatores, incluindo a aceitação e o engajamento ativo das gestantes, a capacitação dos profissionais de saúde para utilizar a tecnologia e a adaptação das tecnologias às necessidades específicas das gestantes. Sendo assim, é essencial a conscientização das gestantes e educação continuada da equipe para utilizar adequadamente as tecnologias e para que a mesma seja eficiente e eficaz nesta área do conhecimento.

Palavras-chave: health technology; mHealth; prenatal care.

1 INTRODUÇÃO

Este estudo buscou explorar a crescente influência da tecnologia no cuidado pré-natal, um campo que tem visto inovações significativas nos últimos anos. Com o advento da tecnologia da saúde e da saúde móvel, o cuidado pré-natal está se transformando, oferecendo novas possibilidades para gestantes e profissionais de saúde. A tecnologia da saúde, definida como a aplicação organizada de conhecimentos e habilidades na forma de dispositivos, medicamentos, vacinas, procedimentos e sistemas desenvolvidos para resolver problemas de saúde e melhorar a qualidade de vida, está no centro desta transformação. E a saúde móvel, em particular, refere-se ao uso de dispositivos móveis e sem fio para apoiar a prática da medicina e da saúde pública, proporcionando um meio acessível e conveniente para o cuidado pré-natal.

A necessidade deste estudo é evidenciada pela lacuna no entendimento de como as inovações tecnológicas impactam o cuidado pré-natal. Com a pandemia da COVID-19 destacando a importância da continuidade do cuidado à distância, torna-se imperativo investigar como as tecnologias podem ser otimizadas para apoiar gestantes e profissionais de saúde. Este estudo visa preencher essa lacuna por meio de uma revisão da literatura abrangente, identificando tendências, lacunas e oportunidades na interseção da tecnologia da saúde e do cuidado pré-natal. Além disso, buscamos entender como essas tecnologias podem ser usadas para melhorar a qualidade do cuidado pré-natal e a experiência das gestantes.



2 METODOLOGIA

Neste estudo, empregamos uma abordagem de revisão de literatura para investigar o impacto da tecnologia no cuidado pré-natal. Inicialmente, identificamos as bases de dados relevantes para a área da saúde. Optamos por utilizar as bases LILACS e SciELO, reconhecidas por sua abrangência e qualidade de conteúdo. Para garantir uma busca abrangente, escolhemos as palavras-chave “health technology” ou “mHealth” e “prenatal care”. Essas palavras foram selecionadas com base em sua relevância para o nosso objeto de estudo.

Realizamos buscas nas bases de dados selecionadas, considerando artigos publicados entre 2019 e 2024. Essa faixa de tempo nos permitiu abordar as tendências mais recentes na aplicação da tecnologia ao cuidado pré-natal. Limitamos nossa busca aos idiomas inglês e português para garantir a acessibilidade dos artigos selecionados.

A busca inicial resultou em 21 artigos relevantes. No entanto, após aplicarmos os critérios de inclusão, relevância direta ao tema do cuidado pré-natal e tecnologia, publicação entre 2019 e 2024 e disponibilidade nos idiomas especificados, 18 artigos foram considerados adequados para nossa revisão.

Examinamos cada um dos 18 artigos em detalhes. Avaliamos a qualidade metodológica, a relevância dos resultados e a aplicabilidade das descobertas para o nosso objetivo de pesquisa. Essa análise nos permitiu extrair informações valiosas sobre o uso da tecnologia no cuidado pré-natal, incluindo exemplos de aplicativos móveis, telemedicina e outras inovações.

3 RESULTADOS E DISCUSSÕES

A análise dos 18 artigos selecionados revelou tendências significativas e insights sobre o uso da tecnologia no cuidado pré-natal. As Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs) emergiram como um componente vital na prestação de cuidados contínuos às gestantes, particularmente evidente durante os desafios impostos pela pandemia da COVID-19 (Cunha, 2022).

Os aplicativos móveis, como “GestAção” e “GESTAQ”, receberam avaliações positivas das gestantes, destacando-se como ferramentas essenciais para o suporte materno-infantil e educação em saúde. Estes aplicativos demonstraram ser não apenas facilitadores da comunicação entre gestantes e profissionais de saúde, mas também plataformas eficazes para o monitoramento da saúde e promoção de práticas saudáveis durante a gravidez (Santiago *et. al.*, 2020; Queiroz *et. al.*, 2021).

Além disso, a implementação de software web e aplicativos móveis para acompanhamento pré-natal mostrou-se promissora, permitindo o monitoramento remoto das gestantes e facilitando a tomada de decisões estratégicas por parte dos profissionais de saúde (Souza *et. al.*, 2021; Pires *et. al.*, 2024). A telemedicina, por sua vez, provou ser uma ferramenta valiosa, possibilitando diagnósticos precoces, como no caso de cardiopatias congênitas, e melhorando o acesso a cuidados pré-natais de baixo risco (Rojas-Senzano *et. al.*, 2023).

A tecnologia educativa, exemplificada pelo “Almanaque da Gestante”, foi desenvolvida com base nas necessidades expressas pelas gestantes e se mostrou eficaz na promoção da saúde e educação (Silva *et. al.*, 2021).

Essas inovações tecnológicas estão transformando o cuidado pré-natal, oferecendo novas oportunidades para aprimorar a qualidade do cuidado e enriquecer a experiência das gestantes. No entanto, é importante notar que a eficácia dessas tecnologias depende de vários fatores, incluindo a aceitação e o engajamento ativo das gestantes, a capacitação dos profissionais de saúde para utilizar a tecnologia e a adaptação das tecnologias às necessidades específicas das gestantes.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

É essencial continuar a pesquisa e o desenvolvimento nesta área, a fim de explorar ainda mais o potencial das tecnologias de saúde aplicadas ao cuidado pré-natal. Além disso, é crucial garantir que essas tecnologias sejam acessíveis e úteis para todas as gestantes, independentemente de sua localização geográfica ou status socioeconômico. Sendo assim, é essencial a conscientização das gestantes e educação continuada da equipe para utilizar adequadamente as tecnologias e para que a mesma seja eficiente e eficaz nesta área do conhecimento.

Finalmente, é importante ressaltar que, embora a tecnologia possa melhorar o cuidado pré-natal, ela deve ser usada como um complemento, e não como um substituto, para o cuidado humano personalizado. A tecnologia tem o potencial de melhorar a qualidade e a eficácia do cuidado pré-natal, mas o cuidado humano personalizado continua sendo uma parte essencial do cuidado à saúde. Portanto, enquanto continuamos a explorar e desenvolver novas tecnologias para melhorar o cuidado pré-natal, também devemos continuar a valorizar e aprimorar o cuidado humano personalizado. Afinal, a tecnologia é apenas uma ferramenta; o verdadeiro coração do cuidado à saúde são as pessoas, os profissionais de saúde que prestam o cuidado e as gestantes que recebem esse cuidado.

REFERÊNCIAS

- CARVALHO, L. L. D.; TEIXEIRA, J. M. D. S.; UNGER, R. J. G.; MOTTI, V. G.; LOVISI, G. M.; GRINCENKOV, F. R. D. S. Technologies Applied to the Mental Health Care of Pregnant Women: A Systematic Literature Review. **Rev. bras. ginecol. obstet.** ; 45(3): 149-159, Mar. 2023. tab, graf.
- COLOMBO, T.; TODESCHINI, L. B.; ORLANDINI, M.; NASCIMENTO, H. D.; GABRIEL, F. C.; ALVES, R. J. V.; STEIN, A. T. Low-Risk Antenatal Care Enhanced by Telemedicine: A Practical Guideline Model. **Rev. bras. ginecol. obstet.** ; 44(9): 845-853, Sept. 2022. tab, graf.
- CUNHA, C. S. D.; MOREIRA, M. A.; MORAIS, W. R. D.; MARQUES, P. F.; NASCIMENTO, S. S.; OLIVEIRA, D. S. Assistência multiprofissional à gestante no contexto da pandemia pela COVID-19. **Nursing (Ed. bras., Impr.)** ; 25(288): 7770-7779, maio.2022.
- FRANZON, A. C. A.; OLIVEIRA-CIABATI, L.; BONIFÁCIO, L. P.; VIEIRA, E. M.; ANDRADE, M. S.; SANCHEZ, J. A. C.; BRAGA, G. C.; NOGUEIRA-PILEGGI, V.; FERNANDES, M.; SOUZA, J. P. Estratégia de comunicação e informação em saúde e a percepção de sentir-se preparada para o parto: ensaio aleatorizado por conglomerados (PRENACEL). **Cad. Saúde Pública** (Online) ; 35(10): e00111218, 2019. tab.
- JUNQING, L.; JIMEI, Y.; MIN, L.; XIANG, W.; ZHIJING, C.; NA, Z.; XUETAO, H.; ZHEN, S. Development and internal validation of a clinical prediction model for spontaneous abortion risk in early pregnancy. **Clinics**, 79. 2024.
- NEVES, P. V. T.; RODRIGUES, I. L. A.; PEREIRA, A. A.; ANDRADE, E. G. R. D.; NOGUEIRA, L. M. V.; MAIA, R. P.; MORAES, C. M. D. S. Tecnologia educativa sobre infecção do trato urinário para gestantes ribeirinhas: construção compartilhada. **Cogit. Enferm.** 28, 2023



NOVOA, R. H.; MEZA-SANTIBAÑEZ, L.; RODRÍGUEZ-HILARIO, N.; TORRES-OSORIO, J.; JÁUREGUI-CANCHARI, V.; HUANG-YANG, X.; MELGAREJO, W. E.; BAZO-ALVAREZ, J. C.; VENTURA, W. Development of a Mobile Health Application Based on a Mixed Prenatal Care in the Context of COVID-19 Pandemic. **Rev. bras. ginecol. obstet.** ; 45(4): 179-185, 2023. tab, graf.

PIRES, M. O.; VIEIRA, SA.; FERREIRA, C. L.; LOMBA, M. L.; DAL SASSO, G. T.; BACKES, D. S. Desenvolvimento e validação de software web de apoio à gestão da assistência pré-natal. **Acta Paul Enferm.** 2024;37:eAPE01111.

QUEIROZ, F. D. S. N.; BRADIL, C. C. P.; SILVA, R. M. D.; BEZERRA, I. C.; COLLARES, P. M. C.; VASCONCELOS FILHO, J. E. D. Avaliação do aplicativo “Gestação” na perspectiva da semiótica: o olhar das gestantes. **Ciênc. Saúde Colet.** 26 (02). Fev 2021.

RANGEL, R. C. T.; SOUZA, M. L.; BENTES, C. M. L.; SOUZA, A. C. R. H.; LEITÃO, M. N. C.; LYNN, F. A. Care technologies to prevent and control hemorrhage in the third stage of labor: a systematic review. **Rev. Latino-Am. Enfermagem.** 2019;27:e3165.

ROJAS-SENZANO, A.; FUENTE-GALLEGOS, S. D. L.; ENRÍQUEZ-GUZMÁN, G.; AGUILERA-PEÑA, S.; CISTERNAS-OLGUÍN, D.; NARVÁEZ-PULGAR, S.; RODRÍGUEZ-ARIS, J. G. Antenatal diagnosis of congenital heart disease by telemedicine: experience in CERPO, 2017-2022. **Rev. chil. obstet. ginecol.** (En línea) ; 88(1): 16-24, 2023. ilus, graf, tab

SALES, R. O.; DILTS, L. M.; SILVA, R. M.; BRASIL, C.C.P.; VASCONCELOS FILHO, J. E. Development and evaluation of an application for syphilis control. **Rev Bras Enferm.** 2019;72(5):1326-32.

SANTIAGO, R. F.; ANDRADE, E. M. L. R.; MENDES, I. A. C.; VIANA, M. C. A.; NERY, I. S. Avaliação de objeto virtual de aprendizagem sobre pré-natal para adolescentes grávidas na atenção básica. **Acta Paul Enferm.** 2020; eAPE20190063.

SILVA, A. B.; ASSUMPCÃO, A. M. B. D.; ANDRADE FILHA, I. G. D.; REGADAS, C. T.; CASTRO, M. C. D.; SILVA, C. R. A.; ASSUMPCÃO, M. R.; SANTOS, R. C. B. D.; SILVÉRIO, T. O.; SANTOS, P. B. D.; SILVA, D. A. D.; PAULINO, B. V.; PASTORELLI, P. P. L. Adaptação transcultural do aplicativo Zero Mothers Die para dispositivos móveis no Brasil: contribuições para a saúde digital com abordagem do cuidado centrado na e-gestante. **Rev. Bras. Saúde Mater. Infant.** (Online) ; 19(4): 751-762, Sept.-Dec. 2019. tab, graf.

SILVA, B. C.; PRIMO, C. C.; ALMEIDA, M. V. S.; CABRAL, I. E.; SANT'ANNA, H. C.; LIMA, E. F. A. Pregnant women's contribution in the construction and evaluation of an educational technology: the “Comics for Pregnant Women”. **Rev Bras Enferm.** 2021;74(Suppl 4):e20201243.

SILVA, M. S. C. D.; ARAÚJO JÚNIOR, E.; ELITO JÚNIOR, J. Psychological follow-up during prenatal care of pregnant women: insights during the covid-19 pandemic. **Rev. bras. ginecol. obstet.** ; 43(1): 72-73, Jan. 2021.

SOUZA, F. M. L. C.; SANTOS, W. N.; SANTOS, R. S. C.; SILVA, V. L. M.; ABRANTES, R. M.; SOARES, V. F. R. et al. Effectiveness of mobile applications in pregnant women's adherence to prenatal consultations: randomized clinical trial. **Rev Bras Enferm.** 2021;74(Supp15):e20190599.

SOUZA, F. M.; SANTOS, W. N.; DANTAS, J. C.; SOUSA, H. R.; MOREIRA, O. A.; SILVA, R. A. Desenvolvimento de aplicativo móvel para o acompanhamento pré-natal e validação de conteúdo. **Acta Paul Enferm.** 2022;35:eAPE01861.



O USO DE TECNOLOGIAS ATIVAS EM SALA DE ESPERA PARA MULHERES CLIMATÉRICAS: RELATO DE EXPERIÊNCIA

Isa Valesca dos Santos Coelho¹; Larissa Barbosa Moreira¹; Samara Rebeca Silva de Miranda¹; Olivana do Socorro Miranda Tavares¹; Edivinny Caroline Barbosa de Freitas².

Graduanda em Enfermagem pela Universidade Federal do Pará¹, Enfermeira pela Universidade Paulista².

enf.isavalesca@gmail.com

RESUMO

Este relato descreve a vivência de acadêmicas de Enfermagem no uso de tecnologias ativas voltadas para mulheres em fase de climatério, no contexto da sala de espera de uma Unidade Básica de Saúde (UBS) em Belém - PA. Ele delinea uma abordagem com o intuito de oferecer suporte e informações pertinentes durante essa etapa da vida feminina. A narrativa destaca a introdução de tecnologias educativas no ambiente hospitalar, visando equipar as mulheres com ferramentas de autoconhecimento e promover a saúde, dada a observação de um significativo grau de desinformação entre as participantes sobre o climatério, ressaltando a necessidade de intervenções educativas sobre o tema. Tais tecnologias desempenham o papel de auxiliares no entendimento dos sintomas associados ao climatério, como fogachos, flutuações de humor e distúrbios do sono, ao mesmo tempo em que oferecem diretrizes sobre cuidados ginecológicos e nutricionais apropriados para este período. Ao converter o ambiente da sala de espera da UBS em um espaço interativo e educativo, essa iniciativa contribui para a melhoria da qualidade de vida das mulheres em climatério, fortalecendo o vínculo com os serviços de saúde e promovendo uma abordagem mais humanizada e inclusiva na atenção primária.

Palavras-chave: saúde da mulher; climatério; tecnologia ativa.

1 INTRODUÇÃO

O climatério representa uma fase biológica na trajetória da vida, caracterizada não como um processo patológico, mas sim como a transição entre os períodos reprodutivo e não reprodutivo da existência feminina. A menopausa, ponto de referência neste estágio, assinala o término do ciclo menstrual, sendo oficialmente reconhecida após decorridos doze meses desde sua última ocorrência, manifestando-se geralmente entre os 48 e 50 anos de idade. Embora algumas mulheres transitem por essa fase sem manifestar queixas significativas ou demanda por intervenções medicamentosas, outras experimentam uma variedade de sintomas em termos de sua natureza e intensidade (Brasil, 2008). Dentre os sintomas frequentemente relatados, destacam-se os fogachos, ou ondas de calor, que representam um marcador do hipostrogenismo. Estes se caracterizam por sensações súbitas de calor, tipicamente localizadas na região superior do corpo, envolvendo tronco e cabeça, frequentemente acompanhadas de sudorese, palpitações e mal-estar. Quando ocorrem durante a noite, comprometem a qualidade do sono, resultando em uma sensação de fadiga persistente. Além disso, outras queixas relevantes incluem a secura vaginal, dor durante a relação sexual (dispareunia), alterações psicológicas, oscilações de humor, disfunções sexuais, dores articulares e distúrbios urinários (Secretaria Municipal de Saúde, 2020). Os serviços de saúde, especialmente aqueles voltados para a Atenção Primária à Saúde (APS), desempenham um papel crucial ao proporcionar uma abordagem integral da saúde das mulheres durante o climatério, por meio de intervenções

profissionais destinadas a mitigar os impactos das alterações associadas a este período. Este enfoque visa promover uma vivência mais saudável, qualitativa e respeitosa desta fase. Nesse contexto, a consulta de enfermagem emerge como um elemento fundamental para uma visão holística e integral da assistência à saúde, particularmente neste ciclo biológico feminino (Carvalho *et al.*, 2023).

2 METODOLOGIA

Trata-se de um estudo descritivo do tipo relato de experiência, conduzido com um grupo de mulheres em uma Unidade Básica de Saúde situada no município de Belém - PA. A pesquisa foi realizada como parte da disciplina "Enfermagem na Saúde da Mulher na Atenção Primária", ofertada pela Faculdade de Enfermagem da Universidade Federal do Pará. O estudo foi conduzido por alunas do sétimo semestre da graduação em Enfermagem. Utilizou-se a distribuição de folhetos informativos abordando temáticas relacionadas à saúde da mulher durante o período climatérico, visando abordar também a qualidade de vida das participantes.

3 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Na sala de espera aberta de uma unidade de saúde em Belém, o grupo de acadêmicas de enfermagem, acompanhado pela professora, conduziram uma sessão de esclarecimentos sobre o tema do climatério para mulheres que estavam passando por essa fase de transição em suas vidas. Munidas de conhecimento e orientadas pela professora, abordaram o assunto de forma clara e concisa, apresentando informações relevantes sobre os sintomas, as mudanças fisiológicas e as estratégias de manejo durante o climatério. Durante a sessão, demonstraram habilidade em comunicar conceitos complexos de forma acessível, garantindo que as mulheres presentes na sala compreendessem plenamente os aspectos importantes relacionados ao climatério, além de fazê-las sentir à vontade para questionamentos e elucidação de dúvidas. De modo que as alunas responderam a todas as perguntas e dúvidas das mulheres, bem como de seus parceiros que lá estavam presentes, de maneira atenciosa e precisa, oferecendo explicações detalhadas e fornecendo orientações personalizadas conforme necessário. A presença da professora proporcionou um suporte adicional, garantindo a precisão das informações transmitidas e incentivando o engajamento ativo durante a sessão, haja vista que ajudou a criar um ambiente de aprendizado acolhedor e inclusivo, onde as participantes presentes na ação sentiram-se mais confiantes em questionar as alunas e compartilhar suas preocupações, além de buscar esclarecimentos sobre o climatério. No final da sessão, as mulheres expressaram sua gratidão pelo conhecimento compartilhado e pela oportunidade de esclarecer suas dúvidas sobre o climatério, tendo em vista que é um assunto pouco discutido entre as mulheres e os profissionais de saúde. A experiência destacou a importância da educação em saúde e do papel fundamental que os futuros profissionais de enfermagem desempenham na promoção do bem-estar das mulheres durante essa fase de transição em suas vidas, de forma que a qualidade de vida durante esse período seja efetiva.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em síntese, esta experiência destacou a importância do conhecimento e da orientação fornecidos por acadêmicas de enfermagem, sob a supervisão de uma professora, durante uma sessão de educação em saúde acerca do climatério. Ao abordar de forma clara e concisa os sintomas, mudanças fisiológicas e estratégias de manejo relacionadas a essa fase de transição na vida das mulheres, foi possível proporcionar um ambiente de aprendizado acolhedor e inclusivo na sala de espera da unidade de saúde em Belém. A resposta positiva das mulheres

presentes, expressando gratidão pelo conhecimento compartilhado e pela oportunidade de esclarecer dúvidas, reforçou a relevância da educação em saúde e do papel dos futuros profissionais de enfermagem na promoção do bem-estar durante o climatério. Esta experiência ilustra o potencial da consulta de enfermagem como uma ferramenta fundamental para fornecer suporte integral, promover a autonomia e contribuir para uma transição saudável e consciente nesta fase da vida das mulheres para que assim esse público tenha uma boa qualidade de vida durante toda as suas fases.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. **Manual de Atenção à Mulher no Climatério/Menopausa**, Brasília: Editora do Ministério da Saúde, 2008, p. 192, Caderno n.9.

SÃO PAULO, Secretaria Municipal da Saúde de. Departamento de Atenção Básica. **Climatério Abordagem da Mulher na Peri e Pós-Menopausa**. São Paulo, 2020.

CARVALHO, Maria Lefol Nani *et al.* Assistência de enfermagem às mulheres no climatério na atenção primária à saúde: revisão integrativa. **Arquivos de Ciências da Saúde da UNIPAR**, Umuarama, v.27, n.5, p.3151-3167, 2023.

DESAFIOS E ESTRATÉGIAS NO MANEJO DO CLIMATÉRIO: UMA REVISÃO ABRANGENTE

Yasmin Thalita Oliveira do Nascimento¹; Maria Isabel Ferreira de Lima²; Rafaela Coelho da Silva³; Ana Paula Martins de Oliveira⁴.

Graduanda em enfermagem pelo Centro Universitário Unisãomiguel¹, Graduanda em enfermagem pelo Centro Universitário Unisãomiguel², Graduanda em enfermagem pelo Centro Universitário Unisãomiguel³, Cirurgiã-dentista pela Universidade de Pernambuco⁴.

thalitay299@gmail.com

RESUMO

O climatério é um período de transição na vida da mulher, marcado por alterações hormonais e uma série de mudanças físicas e psicológicas. Esta revisão de literatura examinou os aspectos relacionados ao climatério, incluindo suas características fisiopatológicas, sintomas, complicações de saúde e estratégias de manejo. Os resultados destacaram a associação entre as mudanças hormonais e sintomas como ondas de calor e distúrbios do sono, além do aumento do risco de doenças crônicas. As estratégias terapêuticas, incluindo a terapia de reposição hormonal e hábitos de vida saudáveis, foram discutidas, ressaltando a importância da individualização do tratamento. São necessárias mais pesquisas para elucidar melhor essas questões e fornecer evidências robustas para orientar a prática clínica.

Palavras-chave: climatério; saúde da mulher; terapia de reposição hormonal.

1 INTRODUÇÃO

O climatério é um período de transição na vida da mulher que marca o fim da fase reprodutiva, caracterizado por alterações hormonais significativas e uma série de mudanças físicas e psicológicas. Este período compreende a transição da fase reprodutiva para a não reprodutiva e termina com a menopausa, definida retrospectivamente após 12 meses consecutivos de amenorreia. Durante o climatério, ocorrem mudanças nas concentrações de hormônios sexuais, como estrogênio e progesterona, que afetam o funcionamento de vários sistemas do corpo, incluindo do sistema endócrino, cardiovascular, musculoesquelético e nervoso central.

Essas alterações hormonais estão associadas a uma variedade de sintomas, incluindo ondas de calor, sudorese noturna, alterações de humor, distúrbios do sono, ressecamento vaginal e diminuição da libido. Além disso, as mulheres no climatério têm um maior risco de desenvolver doenças crônicas, como osteoporose, doenças cardiovasculares e disfunções metabólicas.

O manejo adequado do climatério é essencial para minimizar o impacto negativo dos sintomas e prevenir complicações de saúde a longo prazo. No entanto, o tratamento do climatério continua sendo um desafio clínico devido à complexidade dos sintomas e à variabilidade na sua resposta individual aos diferentes regimes terapêuticos disponíveis.

Durante o climatério, é essencial adotar cuidados específicos para promover a saúde. Uma dieta equilibrada e atividade física regular ajudam a aliviar sintomas e prevenir doenças. Consultas médicas e exames rotineiros são fundamentais para monitorar alterações hormonais e metabólicas, detectando precocemente condições como osteoporose e doenças cardiovasculares. O apoio psicológico e terapias comportamentais também são benéficos para



lidar com mudanças de humor e distúrbios do sono. Terapias complementares, como acupuntura e fitoterapia, podem aliviar sintomas específicos. Discutir com o médico as opções de tratamento, incluindo terapias farmacológicas e não farmacológicas, é essencial para um cuidado personalizado durante essa fase de transição.

2 METODOLOGIA

Esta revisão de literatura teve como objetivo analisar os impactos do período do climatério na saúde da mulher, bem como identificar e avaliar as estratégias terapêuticas e preventivas mais eficazes para mitigar os efeitos adversos dessa fase. A pergunta norteadora deste estudo foi: “Quais são os principais impactos do climatério na saúde da mulher e quais as estratégias são mais eficazes para seu manejo?”

A busca por fontes de informações foi realizada em bases de dados eletrônicas, incluindo Revista Eletrônica Acervo Saúde, Brazilian Journal of Development, Conjecturas, Revista de Enfermagem UFPE Online e Google Scholar, utilizando os seguintes termos de busca: “climatério”, “saúde da mulher”, “estratégias terapêuticas”, “exames preventivos”, “nutrição durante o climatério”, entre outros. Foram incluídos estudos publicados em periódicos científicos e dissertações que abordassem o tema do climatério e sua relação com a saúde da mulher, com ênfase em aspectos como mudanças hormonais, impacto na qualidade de vida, doenças associadas e intervenções terapêuticas. Não houve restrição quanto ao idioma dos artigos; todos os artigos revisados estavam em português, e o período de publicações dos estudos analisados foi de 2019 a 2024. O universo da pesquisa incluiu sete artigos, dos quais quatro foram selecionados após a exclusão de três que não atendiam aos critérios de inclusão.

A análise dos estudos foi realizada de forma sistemática, considerando a relevância dos achados para a compreensão do fenômeno em questão. Os resultados foram agrupados e discutidos de acordo com as principais tendências identificadas na literatura, destacando-se as lacunas de conhecimento e as recomendações para futuras pesquisas. É importante ressaltar que esta revisão de literatura não envolveu a coleta de dados primários, mas sim a síntese e interpretação de estudos previamente publicados. Dessa forma buscou-se fornecer uma visão abrangente e atualizada sobre o tema, contribuindo para uma melhor compreensão dos desafios e oportunidades relacionados ao climatério e à saúde da mulher.

3 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Os estudos revisados nesta análise destacaram uma série de aspectos relevantes relacionados ao impacto do climatério na saúde da mulher. Entre os principais resultados encontrados, observou-se uma associação significativa entre as mudanças hormonais características dessa fase e diversos sintomas físicos e psicológicos, tais como ondas de calor, alterações no humor, distúrbios do sono e diminuição da libido. Esses sintomas podem afetar significativamente a qualidade de vida das mulheres durante o climatério, interferindo em suas atividades diárias e relacionamentos interpessoais.

Além disso, diversos estudos evidenciaram uma maior prevalência de doenças crônicas, como osteoporose, doenças cardiovasculares e distúrbios metabólicos, em mulheres na pós-menopausa. Essas condições estão intimamente relacionadas às alterações hormonais e ao envelhecimento do organismo, sendo importantes fatores de risco para morbidade e mortalidade nesse grupo populacional.

No que diz respeito às estratégias terapêuticas e preventivas adotadas durante o climatério, os resultados foram mais heterogêneos. Enquanto algumas intervenções farmacológicas, como terapia de reposição hormonal (TRH), demonstraram eficácia na redução de sintomas vasomotores e na prevenção de doenças osteometabólicas, outras abordagens,



como o uso de fitoterápicos e suplementos nutricionais, apresentaram resultados inconsistentes ou inconclusivos.

Além disso, foi observada uma crescente ênfase na promoção de hábitos de vida saudáveis durante o climatério, incluindo prática regular de atividade física, uma dieta balanceada e a cessação do tabagismo. Essas medidas são importantes não apenas para mitigar os sintomas associados ao climatério, mas também para prevenir o desenvolvimento de doenças crônicas e promover o bem-estar geral da mulher nessa fase da vida.

No entanto, é importante reconhecer que ainda existem lacunas significativas no conhecimento sobre o climatério e suas implicações para a saúde da mulher. Muitos dos estudos revisados foram transversais ou retrospectivos, limitando nossa compreensão dos mecanismos fisiopatológicos subjacentes e da eficácia de diferentes intervenções terapêuticas. Portanto, são necessárias mais pesquisas longitudinais e ensaios clínicos randomizados para elucidar melhor essas questões e fornecer evidências mais robustas para orientar a prática clínica.

Em suma, esta revisão de literatura destacou a complexidade do climatério como uma fase de transição na vida da mulher, marcada por mudanças hormonais significativas e uma série de desafios para a saúde física e mental. Apesar dos avanços na compreensão e no manejo dessa condição, ainda há muito a ser feito para garantir uma abordagem holística e baseada em evidências para o cuidado das mulheres durante o climatério.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise dos estudos revisados sobre o climatério e sua influência na saúde da mulher ressalta a importância de uma abordagem holística e baseada em evidências para lidar com essa fase de transição. O climatério é um período complexo, caracterizado por mudanças hormonais significativas que podem impactar diversos aspectos da saúde física, mental e emocional das mulheres.

Os resultados discutidos indicam que os sintomas associados ao climatério, como ondas de calor, alterações de humor e distúrbios do sono, podem ter um impacto substancial na qualidade de vida das mulheres. Além disso, a maior prevalência de doenças crônicas, como osteoporose e doenças cardiovasculares, durante a pós-menopausa destaca a importância da atenção à saúde preventiva nessa fase da vida.

Embora algumas intervenções terapêuticas, como a terapia de reposição hormonal, tenham demonstrado eficácia na redução de sintomas vasomotores e na prevenção de doenças osteometabólicas, é evidente que não existe uma abordagem única que funcione para todas as mulheres. A individualização do tratamento, levando em consideração os sintomas específicos, o perfil de risco e as preferências da paciente, é essencial para garantir resultados positivos e minimizar os riscos.

Além disso, a promoção de hábitos de vida saudáveis, incluindo a prática regular de atividade física, uma dieta equilibrada e a cessação do tabagismo, emerge como uma estratégia fundamental para melhorar a saúde e o bem-estar das mulheres durante o climatério.

No entanto, é importante reconhecer que ainda existem lacunas significativas no conhecimento sobre o climatério e suas implicações para a saúde da mulher. São necessárias mais pesquisas longitudinais e ensaios clínicos randomizados para elucidar melhor os mecanismos fisiopatológicos subjacentes e a eficácia de diferentes abordagens terapêuticas.

Em resumo, esta revisão destaca a necessidade de uma abordagem multidisciplinar e centrada na paciente para o manejo do climatério, com ênfase na individualização do tratamento, na promoção de hábitos de vida saudáveis e na busca contínua por evidências científicas robustas. Ao adotar uma abordagem integrada, os profissionais de saúde podem melhorar significativamente a qualidade de vida e o bem-estar das mulheres durante essa fase de transição.

REFERÊNCIAS

BANAZESKI, A.C. *et al.* PERCEPÇÕES DE ENFERMEIROS SOBRE A ATENÇÃO AO CLIMATÉRIO. **Revista de Enfermagem UFPE online**, v. 15, n. 1, 10 jan. 2021.

BOTELHO, T. A. *et al.* Saúde da mulher no climatério, aspectos biológicos e psicológicos uma revisão integrativa. **Revista Eletrônica Acervo Saúde**, v. 15, n. 4, p. e10088, 21 abr. 2022.

MORAES DE ARAÚJO SOUZA, M. DAS G.; PALACIOS MARTÍNEZ, N. I. O impacto do período do climatério na saúde da mulher. **Conjecturas**, v. 22, n. 8, p. 316-325, 5 jul. 2022.

OLIVEIRA, A. R. *et al.* Promoção à saúde da mulher: desmistificando o climatério. **Brazilian Journal of Development**, v. 5, n. 10, p. 21431-21442, 2019.



A EFICÁCIA DE MÉTODOS COMPRESSIVOS NA MELHORA DA DIÁSTASE ABDOMINAL PÓS-PARTO: ESTUDO DE METANÁLISE

Laura Isabel Martins de Almeida¹; Maria Clara Fagundes Lúcio¹; Laís Campos de Oliveira²

Mestranda em Ciências do Movimento Humano pela Universidade Estadual do Norte do Paraná¹, Doutora em Ciências da Reabilitação pela Universidade Norte do Paraná².

laura.almeida@discente.uenp.edu.br

RESUMO

A diástase de reto abdominal (DRA) se caracteriza pelo afastamento dos músculos reto abdominais ao longo da linha alba, sendo a gestação a causa mais prevalente. A prescrição e eficácia do uso da cinta abdominal e do tapping têm sido investigados. Sendo o objetivo deste estudo verificar a eficácia dos métodos compressivos, quando comparado a exercícios abdominais isométricos, para a melhora da DRA pós parto. Foi realizada uma busca sistemática nas seguintes bases de dados: PubMed, EMBASE, CENTRAL, CINAHL, Web of Science, LILACS, SportDiscus e PEDro. Foram elegíveis ensaios clínicos randomizados (ECR) que intervieram com abordagens fisioterapêuticas e avaliaram seu efeito para a diástase de reto abdominal em mulheres pós-parto. A qualidade metodológica de cada ECR foi avaliada pela escala PEDro e as meta-análises foram conduzidas por média da diferença (MD). O cálculo de metanálise demonstrou que os métodos compressivos, quando comparados a exercícios abdominais isométricos, não foram efetivos para melhora da diástase em mulheres pós-parto (SMD = -1,69 [IC95% -6,03, 2,64] I² = 77%, p = 0,44, 63 participantes, 3 estudos. Portanto, não é possível recomendar os métodos compressivos para a redução da DRA após o parto, sendo necessário a realização de mais estudos sobre a temática.

Palavras-chave: saúde da mulher; reabilitação; período pós-parto.

1 INTRODUÇÃO

A diástase de reto abdominal (DRA) se caracteriza pelo afastamento dos músculos reto abdominais ao longo da linha alba, ou seja, pelo aumento da distância inter-retal (DIR). É motivada pela fraqueza da musculatura da região central do corpo, principalmente da parede abdominal anterior (Gluppe; Engh; Bø, 2021). Sua ocorrência pode gerar dores e sensação de instabilidade abdominal, além de provocar uma redução da atividade muscular (Benjamin *et al.*, 2019).

Nesse sentido, alguns aspectos podem favorecer o aparecimento da DRA, contudo, fatores gestacionais são os mais prevalentes. Sendo justificado pelo aumento do volume uterino e da pressão intra-abdominal, bem como alterações de causa hormonal no tecido conjuntivo e o deslocamento dos órgãos abdominais (Wu *et al.*, 2021). Sua prevalência varia de 33% a 100% durante o período gestacional e cerca de 53% se mantém no pós-parto. Ainda, quando não realizadas intervenções para corrigi-la, pode se manter ao longo de toda vida, gerando prejuízos físicos e emocionais, além de agravar-se em gestações subsequentes (Lee *et al.*, 2008).

Visando evitar os danos causados pela ocorrência da DRA, através da sua correção, rotineiramente, são prescritas diversas modalidades de tratamento. Os exercícios de fortalecimento isométrico dos músculos abdominais parecem ser efetivos para esse desfecho. Contudo, métodos compressivos, como é o caso da cinta abdominal e do tapping, têm sido



investigados. No entanto, até o momento não existe um consenso na literatura sobre a eficácia do uso de métodos compressivos para melhorar a DRA após a gestação (Benjamin *et al.*, 2023; Gluppe; Engh; Bø, 2021).

Desse modo, o objetivo desta metanálise é verificar a eficácia dos métodos compressivos, quando comparados a exercícios abdominais isométricos, para a melhora da DRA em mulheres pós-parto.

2 METODOLOGIA

Este estudo caracteriza-se como uma metanálise prospectivamente registrada na PROSPERO (CRD42024519630). A busca foi realizada nas seguintes bases de dados: PubMed, EMBASE, CENTRAL, CINAHL, Web of Science, LILACS, SportDiscus e PEDro, além de bancos de registro de ensaios clínicos, a fim de encontrar estudos não publicados. Não houveram filtros que limitassem a data das publicações ou idioma. Para formulação da busca foi utilizada a estratégia PICO.

Os critérios de inclusão foram: ensaios clínicos controlados e randomizados (ECRs) que intervíram com abordagens fisioterapêuticas e avaliaram seu efeito para a diástase de reto abdominal em mulheres pós-parto. Foram excluídos: desenhos de estudo que não eram ECRs (motivo 1 - desenho do estudo); estudos com informações duplicadas em outro ECR (motivo 2 - estudos duplicados); estudos que não intervíram com abordagens compressivas e exercícios abdominais (motivo 3 - intervenção); estudos que não avaliaram a diástase do reto abdominal (motivo 4 - desfecho) estudos que não incluíram somente mulheres pós-parto (motivo 5 - população).

Um revisor realizou a estratégia inicial de pesquisa nas bases de dados. Posteriormente, a seleção dos estudos, avaliação e extração dos dados foi conduzida de forma independente por dois autores. Os artigos potencialmente elegíveis foram lidos integralmente. Foi realizada uma busca manual nas listas de referências de todos os artigos elegíveis, na tentativa de encontrar novas referências. O mesmo formulário para extração dos dados foi utilizado pelos autores. Quando os dados necessários para realização da metanálise estavam ausentes ou pouco claros, os autores foram contatados por e-mail.

A qualidade metodológica foi avaliada utilizando a escala PEDro (*Physiotherapy Evidence Database*), por intermédio da pontuação disponível na própria base de dados ou dois revisores independentes realizaram a classificação de forma cega. Cada item que atende aos critérios exigidos recebe um ponto, possibilitando classificar cada estudo como qualidade: excelente (9-10), boa (6-8), justa (4-5) ou pobre (<4). Estudos com pontuação ≥ 6 foram considerados de alta qualidade.

Para metanálise, a medida de efeito utilizada foi a média da diferença (mean difference - MD) entre os grupos Intervenção vs. Controle no momento pós-intervenção. O teste *Q de Cochran* para heterogeneidade foi realizado, e considerado estatisticamente significativo, se $p < 0,10$. A heterogeneidade também foi quantificada com a estatística de I^2 , e considerada elevada quando maior que 50% (HIGGINS; GREEN, 2011). Foi utilizado um modelo de efeito aleatório devido a heterogeneidade encontrada. Os valores referentes ao efeito da intervenção foram considerados significativos se $p < 0,05$. As análises foram feitas com o programa Review Manager (RevMan) [Computer program], version 5.4, Copenhagen: The Nordic Cochrane Centre, The Cochrane Collaboration.

3 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Um total de 679 registros foram identificados na busca inicial dentro das bases de dados, desses, 91 foram excluídos por serem duplicados. Após leitura de título/resumo e texto

completo, apenas três foram incluídos no presente estudo, de acordo com os critérios já mencionados. O diagrama de fluxo de PRISM ilustra os eventos de identificação, triagem e inclusão dos artigos (Figura 1). Cada estudo incluído foi chegado em relação a sua qualidade metodológica. Dois estudos apresentam qualidade satisfatória (escore PEDRro ≥ 6 pontos). A média geral da pontuação foi de 6 ± 1 , variando de cinco até sete pontos.

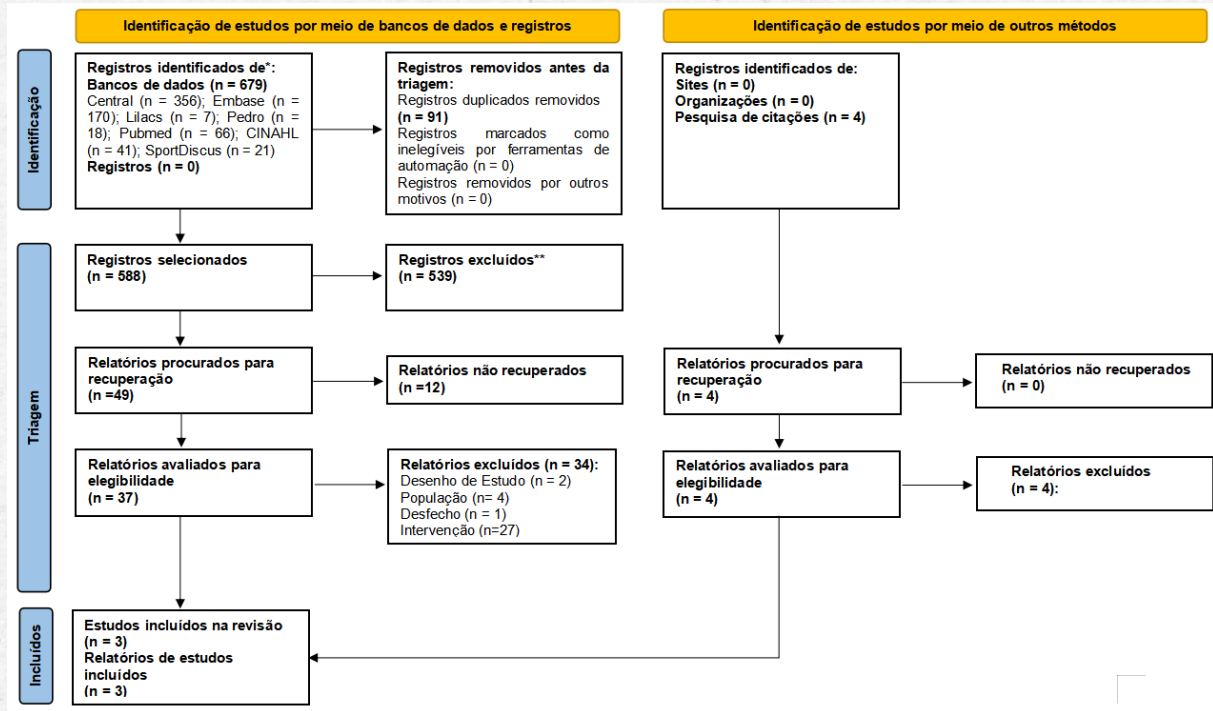


Figura 1. Diagrama de Fluxo Prisma.

O cálculo de metanálise demonstrou que os métodos compressivos, quando comparados a exercícios abdominais isométricos, não foram efetivos para melhora da diástase em mulheres pós-parto (SMD = -1,69 [IC95% -6,03, 2,64] $I^2 = 77\%$, $p = 0,44$, 63 participantes, 3 estudos; (Figura 2). Nossos achados corroboram com Weingerl, Kozinc e Šarabon (2023), que encontraram efeitos inconsistentes realizando uma comparação entre método compressivo e exercícios abdominais.

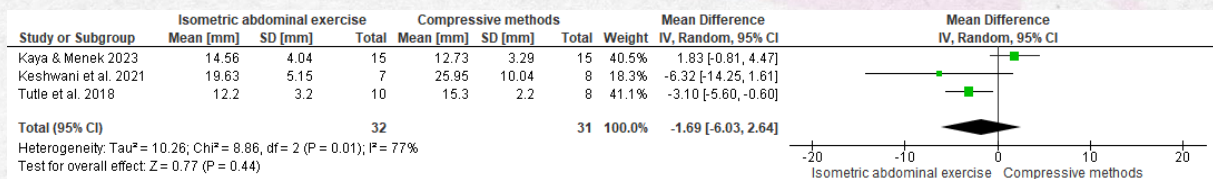


Figura 2. Análise primária dos efeitos de exercícios abdominais isométricos vs métodos compressivos (cinta abdominal e kinesiotaping) na diástase abdominal pós-parto.

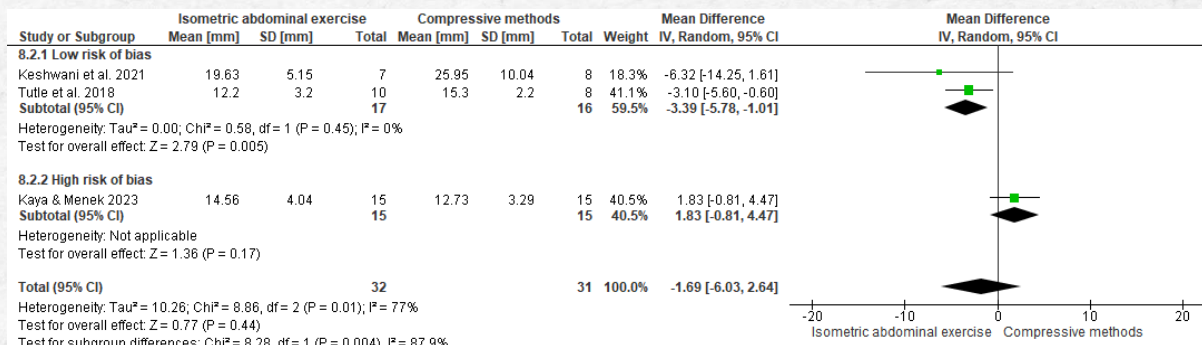


Figura 3. Análise de sensibilidade (estudos com baixo risco de viés e alto risco de viés) dos efeitos de exercícios abdominais isométricos vs métodos compressivos (cinta e taping) na diástase abdominal pós-parto.

Contudo, diante da análise de sensibilidade (Figura 3), é possível observar que os estudos com boa qualidade metodológica apresentam resultados significativos a favor do exercício abdominal isométrico. Em contrapartida, o estudo que apresentou alto risco de viés influenciou o resultado final da análise em favor dos métodos compressivos. Tal fato corrobora com estudos anteriores (Benjamin *et al.*, 2023; Gluppe; Engh; Bø, 2021), que afirmam que os exercícios abdominais são eficientes na redução da diástase abdominal.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste momento, não é possível recomendar os métodos compressivos para a redução da diástase abdominal em mulheres pós-parto. Contudo, é necessária a realização de mais estudos sobre a temática, uma vez que apenas três ensaios clínicos foram incluídos no presente trabalho e, apenas dois destes apresentaram qualidade metodológica satisfatória.

REFERÊNCIAS

- BENJAMIN, D. R.; FRAWLEY, H. C.; SHIELDS, N.; VAN DE WATER, A. T. M.; TAYLOR, N. F. Relationship between diastasis of the rectus abdominis muscle (DRAM) and musculoskeletal dysfunctions, pain and quality of life: a systematic review. **Physiotherapy**, v.105, n.1, p.24–34, 2019.
- GLUPPE, S. B.; ENGH, M. E.; BØ, K. Women with diastasis recti abdominis might have weaker abdominal muscles and more abdominal pain, but no higher prevalence of pelvic floor disorders, low back and pelvic girdle pain than women without diastasis recti abdominis. **Physiotherapy**, v.111, p.57-65, jun. 2021.
- HIGGINS, J.; GREEN, S. **Cochrane Handbook for Systematic Reviews of Interventions**. The Cochrane Collaboration. 2011.
- LEE, D. G.; LEE, L. J.; MCLAUGHLIN, L. Stability continence and breathing: the role of fascia following pregnancy and delivery. **Journal of Bodywork Movement Therapies**, v.12, p.333–48, 2008.
- WEIGERL, L.; KOZINC, Z.; SARABON, N. The Effects of Conservative Interventions for Treating Diastasis Recti Abdominis in Postpartum Women: a Review with Meta-analysis. **SN Comprehensive Clinical Medicine**, v. 5, n.1, p. 10, 2023.



2° CONSAMU 14, 15 e 16 de Junho

REALIZAÇÃO:



APOIO:



WU, L.; GU, Y.; GU, Y.; WANG, Y.; LU, X.; ZHU, C.; LU, Z.; XU, H. Diastasis recti abdominis in adult women based on abdominal computed tomography imaging: Prevalence, risk factors and its impact on life. **Journal of Clinical Nursing**, 14 dez. 2020.



ACOLHIMENTO DE ENFERMAGEM A SAÚDE MENTAL DA MULHER VÍTIMA DE VIOLÊNCIA SEXUAL: RELATO DE EXPERIÊNCIA

João Paulo Barros Ibiapina¹; Nanielle Silva Barbosa².

Graduando em enfermagem pela Universidade Federal do Piauí¹, Doutoranda em Enfermagem pela Universidade Federal do Piauí².

Email: joaoibiapina@ufpi.edu.br

RESUMO

Introdução: No Brasil, ao longo dos últimos anos, tem sido observado um crescimento alarmante nos casos de violência contra a mulher e existe uma conexão direta entre esta experiência traumática e diversos problemas psicopatológicos. **Objetivo:** Relatar a experiência de acadêmicos de enfermagem no acolhimento a saúde mental da mulher vítima de violência sexual. **Metodologia:** Relato de experiência realizado por acadêmicos do curso de Enfermagem de uma Instituição Pública de Ensino Superior, localizada em Teresina, Piauí, no mês de outubro de 2021. **Resultados e Discussão:** A violência sexual expõe a pessoa à repercussões negativas relacionadas à saúde mental. A enfermagem assume papel crucial no atendimento às mulheres vítimas de violência. Os discentes se preocuparam em aplicar diálogo sensível, livre de julgamentos e paternalismos, centrado na escuta atenta e na promoção do conforto e segurança. Em sala de aula, os discentes enfatizaram a importância do suporte psicológico e do apoio familiar após situações de violência sexual. **Considerações finais:** A experiência proporcionou o compartilhamento de conhecimentos e discutiu abordagens alternativas para lidar com questões delicadas, promovendo o uso do diálogo humano e acolhedor como ferramenta essencial nesse processo.

Palavras-chave: Violência; Violência contra a mulher; Saúde mental.

1 INTRODUÇÃO

No Brasil, ao longo dos últimos anos, tem sido observado um crescimento alarmante nos casos de Violência Contra a Mulher (VCM). Mais de 18 milhões de mulheres foram vítimas de violência em 2022, resultando em uma média de mais de 50 mil vítimas por dia. Esse fenômeno pode ser interpretado como um reflexo de uma sociedade enraizada em valores culturais que perpetuam a desigualdade de gênero, onde a ideia de uma estrutura machista e patriarcal persiste, considerando tal desigualdade como algo normal (Bueno, 2023).

Uma das manifestações dessa violência é o abuso sexual. A Organização Mundial da Saúde (OMS), define o abuso sexual como qualquer ato sexual, tentativa de realização de ato sexual ou outro comportamento que visa atingir a sexualidade de uma pessoa por meio de coerção, independentemente da relação com a vítima ou do contexto envolvido. Essa realidade representa não apenas um desafio para os sistemas de saúde pública, mas também uma violação flagrante dos direitos humanos (Freitas; Farinelli, 2016).

Muitas das causas subjacentes à violência estão ligadas aos relacionamentos conjugais. A nível global, mais de 30% das mulheres enfrentam violência sexual, sendo perpetrada por agressores que podem ou não ser seus parceiros. É notável que esses índices se mantenham consistentes ao longo da última década, indicando uma persistência preocupante desse

fenômeno (WHO, 2021).

Quanto às consequências da violência sexual para a saúde mental, estabelece-se uma conexão direta entre a experiência traumática e diversos problemas psicopatológicos. O impacto da violência sexual na saúde mental das vítimas é particularmente significativo em comparação com outros tipos de traumas (Kelley *et al.*, 2009; Dworkin *et al.*, 2017). Mulheres que foram vítimas de violência sexual frequentemente enfrentam angústia psicológica e uma série de outros problemas de saúde decorrentes do trauma vivenciado, como depressão, uso de substâncias psicoativas e comportamento suicida. Em muitos casos, os enfermeiros são os primeiros profissionais de saúde a entrarem em contato com a vítima, nos serviços de saúde (Mota; Aguiar, 2020).

A partir disso, esse trabalho tem como objetivo relatar a experiência de acadêmicos de enfermagem no acolhimento a saúde mental da mulher vítima de violência sexual.

2 METODOLOGIA

Trata-se de um estudo do tipo relato de experiência, com a finalidade de descrever as vivências de acadêmicos no desenvolvimento de uma atividade proposta pela disciplina de Psicologia Aplicada, do curso de Enfermagem de uma Instituição Pública de Ensino Superior, localizada em Teresina, Piauí, no mês de outubro de 2021.

Participaram seis discentes, uma convidada da comunidade e a docente orientadora da disciplina. A atividade foi desenvolvida em três etapas: aprofundamento teórico sobre o tema, diálogo com uma convidada da comunidade (vítima de violência sexual) e posterior compartilhamento da experiência com os demais discentes da disciplina por meio de aula expositivo-dialogada. Os encontros foram realizados de forma virtual por intermédio da plataforma de videoconferência Google Meet®.

Foi utilizado um roteiro, elaborado pelos discentes e orientadora, para nortear os questionamentos e discussões, bem como foram realizadas anotações e registros documentados sobre a percepção dos acadêmicos acerca da atividade desenvolvida.

Ressalta-se que, por se tratar de um relato de experiência, no qual o intuito é compartilhar as descrições e opiniões dos autores, para fins de produção do conhecimento científico, em nenhum momento foram utilizados dados oriundos do depoimento da convidada, sem a devida autorização e respaldo legal. Portanto, não houve a necessidade de apreciação pelo Comitê de Ética em Pesquisa.

3 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Inicialmente, os discentes foram orientados a realizar um levantamento bibliográfico de forma a aprofundar o conhecimento sobre a violência contra a mulher e embasar as discussões em grupo e junto à convidada. Dúvidas existentes foram compartilhadas com a orientadora.

A partir da entrevista realizada, evidenciou-se que a realidade é mais cruel do que se pode imaginar. O processo de superação da violência sexual varia consideravelmente de caso para caso, podendo ir desde o silêncio absoluto sobre o assunto até a sublimação dos sentimentos internalizados. Neste contexto, os discentes puderam compreender o papel crucial da equipe de enfermagem no atendimento às mulheres vítimas de violência. Ela assume a responsabilidade pelo cuidado, oferecendo um atendimento humanizado com uma escuta empática, auxiliando na compreensão da gravidade do fenômeno e removendo barreiras que dificultam o acolhimento eficaz (Rodrigues *et al.*, 2021).

A vítima torna-se exposta a situações de vulnerabilidade, portanto, os discentes se preocuparam em aplicar diálogo sensível, livre de julgamentos e paternalismos, centrado na escuta atenta e na promoção do conforto e segurança. É essencial manter o respeito pela

privacidade e confidencialidade das informações e permitir que a pessoa vulnerável seja protagonista do seu próprio processo de recuperação, exercendo autonomia para expressar suas necessidades e solicitar cuidados e atenção especializados.

Com a experiência proporcionada pela atividade, ficou evidente que a violência sexual expõe a pessoa à repercussões negativas relacionadas à saúde mental. Os momentos pós agressão são perturbadores. Além disso, há o receio de que as pessoas descubram o ocorrido e culpabilizem a vítima. É comum a vítima atribuir a culpa da situação a si mesma e buscar questionamentos que tentem explicar a situação de violência (Alves *et al.*, 2020).

Em sala de aula, os discentes enfatizaram a importância do suporte psicológico após situações de violência sexual. Os aspectos da violência estão profundamente ligados à saúde mental, e o suporte psicológico é essencial para ajudar as vítimas a superarem o trauma. Acredita-se que, ao conectar a experiência da vítima com outros casos de violência sexual, os impactos podem ser ainda mais devastadores, especialmente considerando que os transtornos psicológicos podem persistir ao longo da vida da vítima (Fontes; Conceição; Machado, 2017).

Outro tópico debatido foi a necessidade do apoio familiar nos momentos seguintes à ocorrência de violência sexual. Este apoio é essencial porque oferece à vítima um suporte emocional e um ambiente reconfortante para enfrentar e superar a situação traumática. No entanto, é sabido que este apoio muitas vezes é inadequado e pode até mesmo agravar os sentimentos de culpa, angústia e medo (Pinto, 2016). O apoio entre vítimas que compartilham ou compartilharam experiências semelhantes fortalece a rede de suporte e valida as ações contra esse crime que ainda permeia na sociedade.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A experiência revelou que a violência sexual é uma realidade, assumindo formas diversas na maneira como é perpetrada e no impacto que causa no estado mental e espiritual das vítimas. Isso inspira a busca por novas abordagens para melhorar a identificação e proteção das vítimas, bem como a implementação de ações proativas e eficazes para lidar com as fragilidades subjacentes.

Por meio da atividade realizada, foi possível destacar o papel do enfermeiro no cuidado com o ser humano, enfatizando a importância de atuar com sensibilidade, honestidade, empatia e fornecendo o apoio necessário para a recuperação física, emocional e social das vítimas. Além disso, este estudo oferece uma contribuição para a sociedade e para a ciência, ao proporcionar o compartilhamento de conhecimentos entre acadêmicos das áreas da saúde, e discutir abordagens alternativas para lidar com questões delicadas, promovendo o uso do diálogo humano e acolhedor como ferramenta essencial nesse processo.

REFERÊNCIAS

ALVES, R. S. S. *et al.* "Pode gritar, ninguém vai acreditar em você": A saúde mental de mulheres vítimas de violência sexual. **Research, Society and Development**, v. 9, n.11, 2020.

BUENO, S. **Brasil está diante de um aumento de violência contra a mulher**. UOL, 2023. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/agencia-estado/2023/03/03/brasil-esta-diante-de-um-aumento-de-violencia-contra-a-mulher-diz-pesquisadora.htm?cmpid=copiaecola>. Acesso em 02 mai. 2023.

DWORKIN, E. R. *et al.* Sexual assault victimization and psychopathology: A review and meta-analysis. **Clinical Psychology Review**, v. 56, p. 65-81, 2017.



FREITAS, M. L.; FARINELLI, C. A. As consequências psicossociais da violência sexual. **Revista em Pauta: teoria social e realidade contemporânea**, v. 14, n. 37, 2016.

FONTES, L. F. C.; CONCEIÇÃO, O. C.; MACHADO, S. Violência sexual na adolescência, perfil da vítima e impactos sobre a saúde mental. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 22, n. 9, p. 2919-2928, 2017.

KELLEY, L. P. *et al.* A comparison of PTSD symptom patterns in three types of civilian trauma. **Journal of Traumatic Stress**, v. 22, n. 3, p. 227-235.

MOTA J, A.; AGUIAR R, S. Percepciones de las enfermeras de atención primaria en el cuidado de las mujeres víctimas de violencia sexual. **Revista Nursing**, v.23, n. 262, p. 3648-61, 2020.

PINTO, C. S. **Violências vivenciadas por mulheres, suas marcas e significados**. [Dissertação de Mestrado]. São Paulo: Faculdade de Saúde Pública da USP, 2016.

RODRIGUES, J. B. DE S. *et al.* Atuação do enfermeiro frente a mulher vítima de violência sexual. **Revista Eletrônica Acervo Saúde**, v. 13, n. 2, p. e5801, 2021.

WHO. World Health Organization. **Devastatingly pervasive: 1 in 3 women globally experience violence**, 2021. Disponível em: <https://www.who.int/news/item/09-03-2021-devastatinglypervasive-1-in-3-women-globally-experience-violence>. Acesso em 08 abr. 2024.

HIGIENE CORPORAL: O LÚDICO COMO FERRAMENTA DE EDUCAÇÃO EM SAÚDE

Larissa Barbosa Moreira¹; Isa Valesca dos Santos Coelho¹; Oliviana do Socorro Miranda Tavares¹; Samara Rebeca Silva de Miranda¹; Edivinny Caroline Barbosa de Freitas².

Graduanda em Enfermagem pela Universidade Federal do Pará¹, Enfermeira pela Universidade Paulista².

larissa.moreira@ics.ufpa.br

RESUMO

O presente resumo descreve a importância da educação em saúde através da ludicidade pela enfermagem, especialmente no cuidado infantil, ressaltando a Política Nacional de Atenção Integral à Saúde da Criança (PNAISC) e o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA). A ação educativa, relatada por acadêmicos de enfermagem da Universidade Federal do Pará, abordou a higiene corporal para alunos do 3º ano do ensino fundamental. A atividade incluiu uma apresentação lúdica utilizando uma boneca feita de materiais de higiene e um jogo da memória com imagens relacionadas ao tema. Além disso, os alunos participaram de uma dinâmica de lavagem das mãos, aprendendo a técnica correta de forma prática e divertida, com o uso de tinta para simular a disseminação de germes. A ação demonstrou a eficácia de métodos lúdicos na educação em saúde, facilitando a compreensão e retenção das informações pelas crianças. O envolvimento dos acadêmicos em diferentes aspectos da atividade promoveu a vivência prática e a interação com o público infantil. A iniciativa destacou a relevância da higiene corporal na prevenção de doenças e a importância da educação em saúde fora do ambiente hospitalar, promovendo hábitos saudáveis desde a infância e contribuindo para a formação integral das crianças.

Palavras-chave: higiene corporal; educação em saúde; saúde da criança.

1 INTRODUÇÃO

A enfermagem como profissão que se responsabiliza pelo cuidado integral ao indivíduo, perpassa por diferentes modos de atenção, entre elas a prevenção de doenças, dessa maneira o profissional de enfermagem deve prestar assistência de maneira humanizada, buscando estratégias que alcancem o público alvo de acordo com suas particularidades. A humanização é composta por transformações efetivas que atendem as reais necessidades de determinado público, buscando compreender esse indivíduo de maneira universal considerando os diversos aspectos que compõem o ser humano (OPAS, 2023). Tratando-se do público infantil, a Política Nacional de Atenção Integral à Saúde da Criança (PNAISC) evidencia que para alcançar um padrão de saúde satisfatório é necessário que o indivíduo tenha acesso à saúde, educação e ao lazer, de forma que todos os seus direitos sejam garantidos e sua dignidade seja preservada (Brasil, 2015). Dito isso, o Artigo 16 do Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) afirma que a criança e o adolescente deve ter assegurados o direito de brincar, praticar esportes e divertir-se, dessa forma é fundamental que o profissional de enfermagem ofereça a essa faixa etária uma atenção especializada e integral, buscando estratégias lúdicas que facilitem o processo da assistência, além da aprendizagem no momento da educação em saúde, garantindo



que este público receba de forma efetiva as orientações prestadas relacionadas ao seu próprio cuidado (Brasil, 1990). Diante do exposto, o conceito de higiene corporal configura-se como um importante tema para ser abordado com crianças e adolescentes, visto que, uma boa higiene corporal é essencial para evitar a disseminação de bactérias e até mesmo de doenças infecciosas, tal prática inclui ações simples e básicas como tomar banho, lavar as mãos, escovar os dentes, cortar as unhas e utilizar roupas limpas (Fundação Casa, 2020). Dessa forma, o estudo busca expandir o conhecimento de maneira lúdica e utilizar os alunos como meios de transmissão e propagação das práticas de higiene corporal.

2 METODOLOGIA

Trata-se de um relato de experiência que descreve uma ação educativa realizada por acadêmicos de enfermagem do 7º semestre, tendo como tema a higiene corporal e a importância do autocuidado. Com o intuito de desenvolver educação em saúde para o público infantil, foi realizada uma ação vinculada a disciplina de Enfermagem na Saúde da Criança e do Adolescente da Faculdade de Enfermagem da Universidade Federal do Pará, a ação ocorreu no dia 14 de novembro de 2023 durante o período da manhã em uma escola Municipal de ensino fundamental na cidade de Belém - PA. A atividade foi desenvolvida em duas turmas do 3º ano do ensino fundamental composta por em média 30 alunos com a faixa etária de 8 a 9 anos, e contou com a presença de acadêmicos de enfermagem e a professora da disciplina. A dinâmica da ação iniciou com uma breve explanação sobre o conceito de higiene corporal, mostrando a importância deste ato através de uma boneca lúdica feita de caixas de materiais utilizados na higiene como sabonetes, perfumes e creme dental. Após este momento, iniciou-se o segundo momento, a dinâmica do Jogo da memória, onde foram selecionadas imagens de produtos utilizados durante o momento de higiene assim como imagens de crianças realizando tal ação. A atividade foi conduzida por uma parte do grupo de acadêmicos de enfermagem, enquanto os outros ficaram responsáveis por auxiliar e chamar a atenção das crianças para o jogo. Inicialmente a turma foi dividida em dois grupos, o jogo foi composto por 8 pares de imagens e cada equipe teve a chance de escolher duas cartas passando a vez para o outro grupo, oportunizando que todos participassem. Além disso, as crianças foram incentivadas a encontrar os pares decidindo em conjunto, estimulando o trabalho em equipe e socialização. Ademais, na medida que os pares foram encontrados, foi realizada uma pequena discussão acerca das imagens, sobre a importância da higiene corporal e como ela influencia na saúde, reforçando sua relevância e fazendo questionamentos para que os alunos pudessem relacionar com o seu cotidiano. No segundo momento, foi realizada a dinâmica da lavagem das mãos, conduzida pela outra parte do grupo de acadêmicos, invertendo os papéis, foi feita a distribuição de luvas primeiramente para todos os alunos presentes em sala, após a entrega, foi realizada a explicação do método correto de lavagem das mãos por um dos acadêmicos, sendo solicitado que eles acompanhassem realizando os mesmos movimentos, em seguida a equipe de acadêmicos colocou uma pequena quantidade de tinta na mão dos alunos, e foi solicitado que eles repetissem os movimentos que executaram anteriormente, após este momento os universitários observaram e mostraram onde as crianças não conseguiram cobrir com tinta, abordando a importância da execução correta para melhor higiene e prevenção de infecções e/ou doenças. Finalizando a ação foi solicitado que retirasse com cuidado as luvas para serem desprezadas e foi entregue lenços umedecidos para a limpeza das crianças que se sujaram, posteriormente foi entregue pipocas como brinde pela participação na atividade.

3 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Através da ação ressaltou-se a importância das ações de Educação em Saúde nos mais



diversos cenários, seja dentro ou fora do âmbito hospitalar. Neste sentido, o grupo de acadêmicos buscou estratégias para que os alunos se mantivessem atentos e colaborassem para o êxito do que foi pensado para a dinâmica da ação, foi possível constatar a importância do lúdico durante a educação em saúde para o público infantil, observou-se que ao incorporar abordagens lúdicas, os enfermeiros podem tornar o processo de aprendizagem mais atrativo e eficaz, estimulando conhecimentos prévios do público, auxiliando o pensamento crítico contribuindo para a formação de hábitos saudáveis desde a infância. O rodízio dos membros da equipe durante a dinâmica proporcionou que todos os acadêmicos pudessem vivenciar a ação em todos os aspectos, seja na apresentação, ou na orientação aos estudantes. Durante a execução, as crianças foram colaborativas com o grupo, respondendo às perguntas, trabalhando em equipe e participando de maneira efetiva. Observou-se que muitos já possuíam um conhecimento mediano sobre higiene corporal, pois ao longo da atividade eles relacionavam o que era exposto com o próprio cotidiano. Por fim, a ação conseguiu fortalecer não só o conhecimento acerca da temática, mas também, por meio do jogo da memória, foi possível despertar alguns aspectos cognitivos das crianças, como a capacidade de comunicação, memorização, concentração, aprendizagem e, socialmente, o trabalho em equipe. A ação foi relevante para abordar os hábitos e costumes não saudáveis das crianças, os riscos que a má higiene pode ocasionar na saúde desse público, assim como aprenderam, de forma prática e divertida mediante a dinâmica de lavagens das mãos, a técnica correta para evitar possíveis infecções, estimulando a sua autonomia no processo de aprendizagem e estimulando seu autocuidado.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em resumo, a educação em saúde sobre higiene corporal desempenha um papel vital na promoção, proteção e prevenção de doenças e desenvolvimento da criança, as estratégias lúdicas e atrativas são diferenciais que o enfermeiro pode utilizar para chamar a atenção do público infantil e fazê-los colaborar para construção de conhecimento através do estímulo de brincadeiras educativas, a dinâmica ressaltou a importância da higiene adequada e como realizá-la, além disso foi possível o compartilhamento de saberes prévios das crianças sobre a temática abordada. Diante disso, ressalta-se a importância da enfermagem na educação em saúde, com ações educativas dentro ou fora do ambiente hospitalar, estimulando os cuidados individuais e coletivos, corroborando para uma melhor qualidade de vida da população.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Lei 8.069, de 13 de julho de 1990. Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências. Diário Oficial da União, Brasília, 1990. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l8069.htm. Acesso em: 7 nov. 2023.

BRASIL. Ministério da Saúde. Portaria nº 1.130, de 5 de agosto de 2015. Institui a Política Nacional de Atenção Integral à Saúde da Criança (PNAISC) no âmbito do Sistema Único de Saúde (SUS). Diário Oficial da União. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l8069.htm. Acesso em: 7 nov. 2023.

FUNDAÇÃO CASA. Centro de Atendimento Socioeducativo ao Adolescente. Manual de higiene, limpeza, desinfecção e esterilização. Disponível em: https://justica.sp.gov.br/wpcontent/uploads/2020/03/FCasa_Livreto_Higienizacao_DIGITAL.pdf. Acesso em: 7 nov. 2023.



2º CONSAMU

14, 15 e 16 de Junho

REALIZAÇÃO:



APOIO:



ORGANIZAÇÃO PAN-AMERICANA DA SAÚDE (OPAS). Enfermagem. Washington, D.C., 2023. Disponível em: <https://www.paho.org/pt/topicos/enfermagem>. Acesso em: 22 mai. 2024.





IMPLEMENTAÇÃO DE CUIDADOS EM SAÚDE: FOCO NA HIPERTENSÃO ARTERIAL E DIABETES MELLITUS: UMA REVISÃO INTEGRATIVA

Olivana do Socorro Miranda Tavares¹; Isa Valesca dos Santos Coelho¹; Larissa Barbosa Moreira¹; Samara Rebeca Silva de Miranda¹; Edivinny Caroline Barbosa de Freitas².

Graduanda em Enfermagem pela Universidade Federal do Pará¹, Enfermeira pela Universidade Paulista².

olivanatavares52@gmail.com

RESUMO

As Doenças Crônicas Não Transmissíveis (DCNT), como Hipertensão Arterial e Diabetes Mellitus, caracterizam-se por um conjunto de fatores de risco, curso da doença prolongado e silencioso e a perspectiva de mudança em diversos hábitos de vida. O objetivo deste estudo consiste em identificar os cuidados de enfermagem que são direcionados à pessoa com condições crônicas como Hipertensão Arterial e Diabetes Mellitus. Delimita os cuidados de enfermagem como processo de trabalho fundamental na construção da promoção, prevenção, proteção e reabilitação de agravos em saúde. A análise do estudo realizada por meio de uma revisão de literatura dos últimos cinco anos delinea que as maiores dificuldades encontradas para a implementação dos cuidados de enfermagem concentram-se na baixa capacitação profissional para o cuidado integralizado, e aspectos culturais, socioeconômicos dos usuários do Sistema Único de Saúde, provocando desse modo, maiores discussões, capacitações e plano de cuidados individualizado aos pacientes.

Palavras-chave: cuidados de enfermagem; hipertensão; diabetes mellitus.

1 INTRODUÇÃO

As linhas de cuidado em saúde, implementadas pelo governo, tem como foco principal expandir o acesso da população brasileira aos serviços de saúde com qualidade assistencial consideradas eficazes e satisfatórias (BRASIL, 2019). Essa assistência contínua é conceituada como a elaboração de estratégias que visam associar os recursos da saúde e as práticas, sendo estas traçadas por diretrizes assistenciais que orientam as possibilidades diagnósticas e terapêuticas, considerando suas relevâncias epidemiológicas. Sendo necessário para a efetivação dessas linhas de cuidado a comunicação entre as equipes, serviços e usuários da Rede de Atenção, padronizando as atividades que devem ser prestadas e os recursos, unindo as ações e tarefas realizadas pelos diferentes níveis assistenciais e a equipe multiprofissional, permitindo assim o atendimento dentro do estabelecido para o cuidado ao usuário. (BRASIL, 2020) Ao que se refere à atenção integral centrada e desenvolvida de linhas de cuidados ao diagnóstico e tratamento de Doenças Crônicas Não Transmissíveis (DCNT) como Hipertensão Arterial Sistêmica (HAS) e Diabetes Mellitus (DM), objetiva a atuação em condicionais específicas e voltadas para acometimentos, com o acompanhamento e o controle desses agravos por parte da equipe de enfermagem. (CAMPOS et. al., 2021). Sob esse prisma cabe a necessidade de validar a importância da consulta de enfermagem para o reconhecimento das necessidades e incapacidades que cerceiam a vida do paciente e as ações imprescindíveis para a manutenção e melhora do quadro de saúde do mesmo, e assim, após a identificação das condições que impossibilitam o bem-estar, é possível a tomada de decisão e intervenções de saúde, a partir da investigação e identificação dos cuidados ao indivíduo com hipertensão e diabetes mellitus..



2 METODOLOGIA

Trata-se de um estudo do tipo revisão integrativa de literatura, realizada por meio de seleção dos estudos a partir da busca nas bases de dados Biblioteca Virtual em Saúde (BVS) e Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciências da Saúde (LILACS). Os critérios de inclusão se dispõem a partir dos critérios de elegibilidade, que foram estudos pertinentes ao tema de escolha, publicados nos últimos cinco anos, com textos em português, completos na íntegra, foram excluídos teses, dissertações, textos pagos, que não possuísem relação com o tema escolhido, e que não se enquadrar no período definido. nos anos de 2019 a 2024, sendo os descritores utilizados: Cuidados de Enfermagem, Hipertensão, Diabetes Mellitus. Os textos foram selecionados a partir da leitura de títulos e resumos, seguido da análise completa dos textos que correspondiam aos critérios de inclusão.

3 RESULTADOS E DISCUSSÕES

No exercício de enfermagem em consultas, o enfermeiro possui diversas atribuições, sendo estes deveres como o acolhimento e a prestação de cuidados humanizados, atenção à saúde de forma integral e integrada, de modo holístico, sendo responsável pelo cuidado, realizar ações de promoção, prevenção e recuperação da saúde, bem como as atividades previstas, coletivas e de vigilância (OLIVEIRA et al., 2022). Para a execução de tais atribuições, em particular, voltada para doenças crônicas como diabetes mellitus e hipertensão arterial sistêmica, é necessário realizar a estratificação de riscos, atribuição específica do enfermeiro, que garante a viabilização de um cuidado integral ao usuário e a tomada de decisão estabelecida conforme a necessidade de cada caso, alinhado a gravidade e as ações planejadas na intervenção, para isso, ressalta-se os cuidados essenciais a esse público, como o acesso aos medicamentos, o cuidado com a alimentação, o autocuidado como o monitoramento dos valores pressóricos e os glicêmicos. (OLIVEIRA et al., 2022). Também, é importante a orientação aos sinais de risco, acesso a urgência e emergência, a centralização do cuidado prestado pela equipe multiprofissional e o cuidado com a atividade física, sendo esta importante para o bem estar corporal e mental, a educação em saúde, o cuidado social, comunicação entre o usuário e a equipe e entre os profissionais e o acesso aos serviços, sendo a articulação de todos estes parâmetros condicionantes para a manutenção da saúde (LABEGALINI et al., 2022). De acordo com o Ministério da Saúde, em 2022, a Hipertensão Arterial Sistêmica e a Diabetes Mellitus foram os principais fatores de riscos no país, sendo os fatores sociais, econômicos, hábitos de vida, o acesso aos serviços de saúde e com fatores tecnológicos, os principais causadores do aumento progressivo e continuado de acometidos por essas doenças crônicas. Para o alcance da melhora do quadro clínico do paciente é necessário a mudança de hábitos, para condições mais saudáveis, práticas de exercício físico, e o autocuidado. Para isso, é necessário o diagnóstico correto, tratamento adequado e a linha de cuidado correta para o fluxo assistencial com o planejamento seguro para o paciente, sendo o acompanhamento essencial para a prevenção de agravos e intervenções corretas (PRATES et al., 2020). O papel do enfermeiro é de suma importância na prevenção e promoção de saúde, realizando ações estratégicas de manutenção de saúde e sistematização do cuidado por meio do trabalho prático aliado ao conhecimento teórico. No entanto, a realidade de cuidados por parte da equipe profissional direcionado de forma integrada e eficaz ainda encontra-se fragilizada e fragmentada no serviço de saúde, obtendo falhas da adesão de tratamento, baixa capacitação por parte dos enfermeiros e aspectos culturais e socioeconômicos, constituindo problemas na concretização de tratamento, reabilitação e promoção de cuidado em saúde (LABEGALINI et. al., 2022). Reforçando assim que as linhas de cuidado e a prática dos processos de trabalho voltados ao cuidado ao paciente vivendo com doenças crônicas precisa-se de fomento e articulação, bem como sua



implementação, para a realidade do cuidado estabelecer-se de modo integrado e integral, para o cuidado individual e coletivo, por fim, é de suma importância o diagnóstico de necessidade de cuidados, o planejamento assistencial e, após analisar e identificar os aspectos que possuem relevância para o fim de diagnóstico, junto a equipe multiprofissional, a implementação de cuidados integral, e se necessário, encaminhando o usuário no fluxo de saúde para outras especialidades (PRATES et al., 2020). É importante atentar-se em consultas de enfermagem, aos indivíduos que possuem condições crônicas de saúde, a necessidade de articulação de diversas ferramentas na constituição de saúde, como a ação em saúde, para a realização do autocuidado e autonomia das ações, bem como a autoconsciência de seu quadro clínico, a estratificação de risco, a fim de realizar a melhor assistência para sua comorbidade, bem como o acompanhamento a equipe multiprofissional em saúde, observar as adversidades que permeiam a implementação do cuidado frente HAS e DM como a manutenção de saúde (CAMPOS et al., 2021) aspectos sociais ligados à realidade da coletividade, para o correto diagnóstico de enfermagem, assim como o direcionamento aos outros integrantes da equipe multiprofissional ou a outros serviços da rede de saúde que segundo o Ministério da Saúde, são pontos de atenção à saúde, ofertando serviços e a manutenção da integralidade do cuidado, organizando o processo de trabalho junto à comunidade como meio de integração e formação de vínculos para o alcance de adesão ao tratamento e promoção de saúde, delineando todas essas ações de maneira conjunta, assegurando o cuidado em sua integralidade. (BRASIL, 2020) É necessário o conhecimento científico associado às práticas assistenciais, capacidade cognitiva, verbal, pensamento crítico e o cuidado holístico para o acompanhamento do indivíduo em sua totalidade, para um cuidado individualizado e satisfatório, com o plano de cuidado e sistematizado adequadamente para o paciente, oferecendo a melhor alternativa para a sua vivência, esclarecimento de informações, orientações quanto o empoderamento em saúde e atenção às especificidades em saúde (LABEGALINI et al., 2022). Bem como a seguridade do fluxo assistencial dentro das redes de atenção, que atendem o usuário para melhora clínica e manejo do cuidado frente às necessidades desse indivíduo e melhora da adesão ao tratamento, que encontra-se fragilizado por aspectos como o esquecimento de medicamentos, baixa escolaridade, analfabetismo, entre outras dificuldades que precisam ser identificadas e reduzidas em meios possíveis para a obtenção de qualidade de vida e execução do plano de cuidados direcionado para esses usuários. (LABEGALINI et al., 2022; OLIVEIRA et al., 2022).

4 CONCLUSÃO

Diante do exposto, é evidente a relevância da assistência de enfermagem direcionados para pessoas com condições crônicas, como Hipertensão Arterial e Diabetes Mellitus, a complexidade assistencial constitui-se de um conjunto de medidas que são essenciais para o cuidado e a promoção de saúde, bem como o bem-estar dos indivíduos. Percebe-se ao longo do estudo a necessidade de estratificação dos riscos, promoção de autonomia, independência e autocuidado, educação em saúde, além de acompanhamento por toda a equipe multiprofissional de saúde, sendo importante fomento de capacitação da equipe de enfermagem na atuação de promoção e prevenção de saúde voltada ao paciente com doenças crônicas não transmissíveis, bem como a atenção integral e integralizada de saúde e as redes de atenção à saúde. Foi identificado que existe a urgência de realização de ações que alcancem a adesão ao tratamento do paciente, para o acompanhamento, controle e cuidados voltados para prevenção de agravos e reabilitação de possíveis danos à saúde do paciente, reconhecendo as limitações e as adversidades que se apresentam no processo de assistência em saúde e o tratamento do usuário, sistematizando o cuidado de modo que o fluxo assistencial e a qualidade assistencial encontrem-se para atender as necessidades do paciente frente suas demandas e que ofereçam segurança de cuidado, assegurados pelo Sistema Único de Saúde (SUS), bem como, identifica-se também a



2º CONSAMU

14, 15 e 16 de Junho

REALIZAÇÃO:



APOIO:



carência de educação em saúde de modo oportuno e estratégico, visando a melhora do paciente, reduzindo possíveis danos à saúde e melhora da adesão ao tratamento, sendo assim, imprescindível o cuidado em enfermagem de modo holístico, integralizado, e que atende as demandas da coletividade, considerando as individualidades de cada usuário. Portanto, a realização do estudo concluiu que a educação em saúde, capacitação de profissionais da equipe de enfermagem, e a estruturação do trabalho são bases para o cuidado integral ao paciente com doenças crônicas e a articulação de estratégias que solucionem desafios dispostos no diagnóstico, tratamento, reabilitação e promoção de saúde.

REFERÊNCIAS

Ministério da Saúde (Brasil). Linhas de cuidado. Disponível em:

<https://www.gov.br/saude/pt-br/composicao/saps/ecv/linhas-de-cuidado>. Acesso em: 20 de abr. de 2024.

CAMPOS, J. F. et al. Percepção dos usuários hipertensos e diabéticos sobre consulta de enfermagem na estratégia saúde da família. ID on line: revista de Psicologia: periódico multidisciplinar, v. 15, n. 57, 2021.

GOMES LABEGALINI, C. M. et al. Atendimento de saúde a pessoas hipertensas e diabéticas: percepção de enfermeiros. Ciência, Cuidado e Saúde, v. 21, 2022.

OLIVEIRA, A. S. F. S. R. et al. Desafios encontrados pelos enfermeiros na consulta de enfermagem ao paciente hipertenso na atenção primária. Glob Acad Nurs, v. 3, Sup. 1, 2022.

PRATES, E. J. S. et al. Perfil clínico-epidemiológico de portadores de diabetes e hipertensão arterial associada. Revista de Enfermagem UFPE Online, v. 14, 2020.

Ministério da Saúde (Brasil). As redes de atenção à saúde. Disponível em:

<https://www.gov.br/pt-br/servicos-estaduais/as-redes-de-atencao-a-saude-1>. Acesso em: 20 de abr. de 2024.

VIVÊNCIA DE ACADÊMICOS DE ENFERMAGEM NA REALIZAÇÃO DA TESTAGEM RÁPIDA PARA COVID-19: RELATO DE EXPERIÊNCIA

Samara Rebeca Silva de Miranda¹; Larissa Barbosa Moreira¹; Isa Valesca dos Santos Coelho¹; Olivana do Socorro Miranda Tavares¹; Edivinny Caroline Barbosa de Freitas².

Graduanda de Enfermagem pela Universidade Federal do Pará¹, Enfermeira pela Universidade Paulista²

samara.miranda@ics.ufpa.br

RESUMO

A Enfermagem como ciência do cuidado, compreende a importância de tratar do enfermo e não apenas da doença, possuindo um olhar holístico e integralizado ao indivíduo que necessita de uma assistência singular. Dito isso, devido a pandemia da COVID-19 que se alastrou rapidamente em diferentes continentes, surgiu a necessidade de implementar estratégias para o controle da disseminação do vírus, através das testagens rápidas. Com isso, o seguinte trabalho trata-se de um relato de experiência vivenciado por acadêmicos vinculados à Faculdade de Enfermagem da Universidade Federal do Pará, durante uma ação de testagem da COVID-19 realizada na cidade de Belém/PA, a qual contemplou a população da região metropolitana. Através da ação, os acadêmicos puderam adquirir habilidades e competências importantes para a formação acadêmica e futuramente profissional, além de possibilitar experiências que até então havia carência, como o contato direto com a população prestando serviços de saúde, tendo em vista que devido a pandemia, as atividades práticas foram suspensas. Dessa forma, a extensão universitária possibilitou aos discentes um olhar crítico, segurança e compreensão da relevância da assistência de enfermagem à comunidade diante desse cenário tão delicado.

Palavras-chave: assistência de enfermagem; COVID-19; testagens rápidas.

1 INTRODUÇÃO

Para Matta *et. al.*, (2021) pandemia é um conceito de fator epidemiológico indicativo quando há muitos casos de determinada doença ocorrendo ao mesmo tempo por diferentes regiões, com intensidades, formas e agravos distintos. Essa condição está diretamente relacionada a fatores socioeconômicos, culturais, ambientais, entre outros. Tem-se como exemplo dessa disseminação a pandemia da COVID-19, que se alastrou rapidamente por diferentes continentes. Considerando o cenário de Belém no início de 2022 que se atrelava a outros vírus como o da influenza, a população encontrava-se constantemente em dúvidas sobre o seu estado de adoecimento. Devido às medidas de relaxamento, esse fator se tornou preocupante, pela possível disseminação do vírus de forma desenfreada. Com isso, a testagem em massa foi uma estratégia fundamental para compreender o perfil epidemiológico de Belém. Além disso, foi essencial para a tomada de decisão e desenvolvimento de estratégias para frear o avanço da COVID-19, pois a partir desses dados o Governo pode tomar decisões que viabilizaram atualizações de planejamento frente ao vírus, bem como permitiram a criação de estratégias e ações que estariam voltadas para o achatamento da curva, monitorando o número de casos e traçando condutas para o controle da doença, em vista disso, é válido ressaltar o papel da epidemiologia nesse processo. Segundo Last (1995) a epidemiologia é definida como



“o estudo da distribuição e dos determinantes de estados ou eventos relacionados à saúde, em populações específicas, e a aplicação desse estudo para o controle de problemas de saúde”. Essa área do conhecimento parte do princípio de que o ser humano não é isolado, pois convive em sociedade e está inserido em redes, sejam elas específicas a populações ou no que tange a um sentido macro, logo, diversos fatores podem influenciar na sua saúde, como o aspecto social, cultural, econômico, etc. E isso se torna visível em função de uma doença de caráter coletivo e pandêmico. Durante a campanha de testagem foi possível notar sua importância e como ela se desenvolve na prática. Com isso, este trabalho tem por objetivo compartilhar as experiências adquiridas no período da testagem da COVID-19 realizada na Universidade Federal do Pará.

2 METODOLOGIA

Trata-se de um estudo descritivo do tipo relato de experiência, vivenciado por acadêmicos do curso de enfermagem ao participarem de uma campanha de testagem da COVID-19, que ocorreu no ano de 2022 no Ginásio Poliesportivo da Universidade Federal do Pará, coordenada em parceria com a Secretaria de Saúde do Pará. As ações ocorreram para a população da região metropolitana. Antes da participação na ação e triagem da população, ocorreu uma capacitação com orientações pelos docentes responsáveis pela organização da campanha, expondo informações sobre todo o processo, desde a triagem, preenchimento de fichas, coleta de dados e organização das filas através das senhas, para grupos prioritários e não prioritários. Ademais, houve a realização de testes rápidos entre os acadêmicos, tanto para compreender os passos da técnica correta, quanto para a segurança da população caso houvesse casos positivos entre os estudantes. Os discentes foram divididos em duplas e assim puderam aplicar o que foi ensinado. Durante a realização, os discentes foram divididos em equipes para desempenhar funções como a triagem, coleta de dados e realização dos testes, nesse momento foi possível implementar estratégias de educação em saúde através de orientações sobre prevenção e formas de transmissão do vírus. Para finalizar, ao final da campanha foram refeitos os testes para constatar se durante o trabalho havia ocorrido contaminações, presumindo que foram cinco dias em constante contato com pessoas que positivaram para o vírus.

3 RESULTADOS E DISCUSSÕES

A Enfermagem como ciência do cuidado, compreende a importância de tratar do enfermo e não apenas da enfermidade, possuindo um olhar holístico e integralizado ao indivíduo que se é prestado a assistência. Segundo Souza (2013) “O processo de enfermagem é um método aplicado à prática da profissão. Sendo definido em três dimensões: propósito, organização e propriedade”. Isso evidencia como o conhecimento teórico é importante, pois sem ele não há embasamento para as ações e a realização da profissão, no entanto, ele deve ser acompanhado da prática, para a sua execução de maneira que possua a percepção de respeito, livre de valores de juízo e com ética, considerando que todos possuem uma história, crenças e costumes. Perante a realidade da qual foi vivenciada pelos acadêmicos no ano de 2020 que ingressaram na universidade no ano da pandemia da COVID-19, esse contato com a população foi fundamental para adquirir conhecimento e experiências, pois através dessas oportunidades foi possível ganhar segurança e melhorar habilidades, visando sempre o bem-estar dos usuários dos serviços, contribuindo para a formação profissional que atende ao cuidado, fornecendo a prática que os estudantes buscavam desde o início do curso. Foram ao todo cinco dias intensos de trabalho na campanha, atendendo jovens, adultos, crianças e idosos, realizando a triagem e os testes. Houve a percepção dos discentes da importância do papel da enfermagem naquele momento, assim como a necessidade de ter um olhar humanizado para atender, acalmar, explicar o procedimento e auxiliar com informações pertinentes através da educação em saúde



durante a realização dos testes.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do exposto, a campanha de testagem foi uma ação essencial para compreender o perfil epidemiológico da região metropolitana de Belém acerca do vírus da COVID-19, além de ter contribuído para o surgimento de novas estratégias com a finalidade de reduzir a disseminação entre a população. Pode-se afirmar que foram dias de muito aprendizado, pois a ação possibilitou vivências valiosas, os conhecimentos adquiridos foram além de conteúdos repassados em sala de aula e contribuiu de forma significativa na formação acadêmica dos estudantes. Ademais, foi possível realizar educação em saúde através de orientações essenciais sobre prevenção e formas de transmissão do vírus, sendo esta uma ferramenta fundamental para compartilhar saberes e contribuir na promoção da saúde. Esta vivência demandou esforço, responsabilidade, humanidade, ética e cuidado, sendo estes, grandes pilares da enfermagem.

REFERÊNCIAS

LAST, J. M. **A dictionary of epidemiology**. 3rd ed. New York: Oxford University Press. 1995, p. 152-153.

MATTA, G.C., REGO, S., SOUTO, E.P., and SEGATA, J., eds. **Os Impactos sociais da Covid-19 no Brasil: populações vulnerabilizadas e Respostas à pandemia** [online]. Rio de Janeiro: Observatório Covid 19; Editora FIOCRUZ, 2021.

SOUZA, M. F. G; SANTOS, A. D. B; MONTEIRO, A. I. O processo de enfermagem na concepção de profissionais de Enfermagem de um hospital de ensino. **Revista Brasileira de Enfermagem**, Brasília, v. 66, n. 2, p. 167-73, 2013.

QUALIDADE DE VIDA DE MULHERES CLIMATÉRICAS E PÓS-MENOPÁUSICAS

Gabriela Martins¹; Ana Laura Inácio Oliveira¹; Bianca Pereira Remedi¹; Laís Gonçalves Martins¹; Livia Nantes de Souza¹; Maria Eduarda de Matos Bernardes¹; Sofia Banzatto²

Discente do curso de medicina na Universidade de Ribeirão Preto, campus Ribeirão Preto (UNAERP-RP), SP, Brasil¹; Doutoranda em Biotecnologia Aplicada à Saúde pela UNAERP-RP. Mestre em Atenção Básica e MFCI pela Universidade Estadual de São de Paulo, campus Botucatu (UNESP), SP, Brasil. Docente do curso de medicina na UNAERP-RP²

gabriela.martins01@sou.unaerp.edu.br

RESUMO

Introdução: O climatério compreende a três fases distintas: a pré-menopausa, perimenopausa e pós-menopausa. Esse pode ser considerado um grande desafio para muitas mulheres, tendo em vista que elas precisarão lidar, nessa etapa, com transformações tanto a nível hormonal, quanto biopsicossocial. **Objetivos:** Atestar a qualidade de vida (QVD) de mulheres climatéricas e pós-menopáusicas, com o fito de ressaltar os agravos vivenciados por esse grupo. **Metodologia:** Trata-se de uma pesquisa exploratória feita nas plataformas Scientific Electronic Library Online (SciELO) e Medical Literature Analysis and Retrieval System Online (MEDLINE), a partir dos seguintes Descritores em Ciências da Saúde (DeCS): Climatério, Pré-Menopausa, Menopausa e Pós-Menopausa. **Resultados e Discussões:** O público feminino conta, no decorrer do processo de envelhecimento, com alguns quadros sintomatológicos que o podem prejudicar suas relações intra e interpessoais. Entre os mais comuns observados em 60-80% das mulheres, convém destacar: instabilidade vasomotora, distúrbios menstruais, transtornos psicológicos e atrofia geniturinária. **Conclusão:** Devido a influência dos fatores emocionais, culturais, sociais e psicológicos, as mulheres visualizam o climatério sob um viés negativo. Com isso, é imprescindível o aprimoramento do cuidado à saúde desse grupo, a fim de minimizar os agravos experimentados por elas nesse íterim.

Palavras-chave: climatério; menopausa; perimenopausa; pós-menopausa.

1 INTRODUÇÃO

O climatério é um período marcado pela transição entre a fase reprodutiva e não reprodutiva da vida de uma mulher (Freitas *et al.*, 1997). Ele tem o seu início, dentro de um padrão de normalidade, após os 40 anos (Bacaract; Lima, 2005) e conta com um marco, a menopausa. Esta corresponde a uma data em que haverá interrupção permanente da menstruação graças à inatividade folicular dos ovários. Tal fenômeno pode ser observado entre as pessoas de em média 51 anos (Smith, 2005) e determinado depois de 12 meses da amenorréia. Ambos não são quadros patológicos, mas sim ocorrências naturais do ciclo da vida das mulheres. Vale sublinhar que elas, devido a suas singularidades, viverão experiências diversas durante a passagem por esses eventos, isto é, não necessariamente contaram com sinais ou sintomas padronizados.

Nesses estágios, em virtude do declínio da fertilidade, diversas flutuações hormonais podem ser notadas, as quais podem interferir diretamente no bem-estar do público feminino (Aldrighi *et al.*, 2005). Entre as principais, convém destacar a instabilidade vasomotora, os distúrbios menstruais e a atrofia geniturinária. Além disso, as mulheres estão sujeitas a



transtornos psíquicos, tais como irritabilidade, instabilidade emocional, choro descontrolado, depressão, distúrbios de ansiedade e alterações do humor (Ministério da Saúde, 2008). Assim sendo, o presente estudo tem o intuito de averiguar, mediante uma revisão da literatura, a QVD de mulheres climatéricas e pós-menopáusicas, com o fito de ressaltar os obstáculos vivenciados por esse grupo.

2 METODOLOGIA

Trata-se de uma pesquisa exploratória do tipo revisão da literatura feita nas plataformas Scientific Electronic Library Online (SciELO) e Medical Literature Analysis and Retrieval System Online (MEDLINE), a partir dos seguintes Descritores em Ciências da Saúde (DeCS): Climatério, Pré-Menopausa, Menopausa e Pós-Menopausa. Assumiu-se como critério de inclusão: artigos disponíveis na íntegra, em português e inglês, e de exclusão: trabalhos que ora não contemplavam o tema, ora estavam repetidos nas bases de dados. Após da leitura prévia dos títulos e dos resumos, 5 artigos foram escolhidos para serem analisados. Entre eles, sobretudo, apenas 3 foram considerados aptos.

3 RESULTADOS E DISCUSSÕES

O envelhecimento populacional é uma realidade demográfica brasileira. As mulheres, conforme prevê o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) em um levantamento realizado em 2022, possuem uma expectativa de vida de 79 anos, 7 anos a mais da estabelecida aos homens. Em decorrência disso, espera-se que, com o passar do tempo, exista uma maior demanda na procura dos serviços de saúde por esse público, especialmente com queixas relacionadas ao climatério (Ministério da Saúde, 2008).

O climatério é, por sua vez, um processo que compreende três fases distintas: a pré-menopausa, perimenopausa e pós-menopausa (Ministério da Saúde, 2008). A primeira diz respeito a ausência de menstruação por um período mínimo de 3 meses. A segunda é uma condição clínica na qual a amenorreia ocorre por 3 a 11 meses devido à exaustão ovariana, ocasionando em uma redução nos níveis de estrogênio e um aumento dos hormônios FSH e LH como uma forma compensatória à não produção de folículos pelos ovários. A terceira, por fim, corresponde ao período em que há uma escassez da conversão dos hormônios androgênicos em estrogênios devido à ausência de folículos, resultando em uma maior concentração de androgênios séricos (Ministério da Saúde, 2008).

Vale sublinhar que o diagnóstico clínico é feito a partir da idade, das irregularidades menstruais e dos sintomas, sendo os mais comuns em cerca de 60-80% das mulheres: a instabilidade vasomotora, os distúrbios menstruais, os transtornos psicológicos e a atrofia geniturinária (Miranda *et al.*, 2014). Outras queixas frequentes incluem depressão, fogachos, sudorese noturna, ansiedade, esquecimento, dispareunia, secura vaginal, perda da libido, insônia, palpitações, dores articulares, tonturas, cefaleia, irritabilidade e dificuldade de concentração (Ministério da Saúde, 2008). Ademais, podem ser notadas modificações relacionadas ao metabolismo ósseo e ao lipídico, as quais podem propiciar o desenvolvimento de osteoporose e elevar os níveis de colesterol e triglicérides, aumentando o risco de doenças cardiovasculares (Ministério da Saúde, 2008).

Durante esses estágios de repercussões endócrinas, o público feminino tem uma vivência singular, com quadros sintomatológicos leves ou intensos, bem como transitório ou não transitório (Alvarenga *et al.*, 2021). Esses são, sobretudo, potencialmente capazes de afetar negativamente a QVD desse grupo, haja vista que impactam não apenas a nível biológico, como também emocional e psicológico (Carneiro *et al.*, 2020). Tal fato está relacionado com o envelhecimento aparente, o que produz a sensação de perda da beleza típica da juventude e do

potencial reprodutivo, crenças socioculturais outorgadas à mulher nessa fase (Silva *et al.*, 2016). Diante disso, fica evidente que as climatéricas e pós-menopáusicas possuem alguns impasses, os quais as prejudicam em suas relações intra e interpessoais.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo aponta que a grande maioria das pessoas do sexo feminino pode visualizar o climatério e a pós-menopausa sob um viés negativo. Isso ocorre graças a influência das manifestações sintomatológicas, assim como dos fatores emocionais, culturais, sociais e psicológicos. É indiscutível, por outro lado, que cada mulher possui suas singularidades. Todavia, sabe-se que esses períodos geram amplas repercussões na QVD e no bem-estar desse grupo. Posto isto, é indispensável o aprimoramento do cuidado à saúde da mulher, a fim de minimizar os agravos vivenciados por elas nessa etapa.

REFERÊNCIAS

- ALVARENGA, A. N.; VISGUEIRA, C. L.; ARAÚJO, R. V.. A vivência da mulher no período do climatério: revisão integrativa. **Pesquisa, Sociedade e Desenvolvimento**, v. 10, n. 13, p. e184101321093-e184101321093; 2021.
- ALDRIGHI, J. M.; BUCHALLA, C. M.; CARDOSO, M. R. A. Epidemiologia dos Agravos à Saúde da Mulher. 1a ed. São Paulo: **Atheneu**; 2005.
- BARACAT, E. C.; LIMA, G. R. Guia de Ginecologia. 1a ed. São Paulo: **Manole**; 2005.
- CARNEIRO, M. D. E. S. G.; SILVA, P. A.; MARKUS, G. W. S.; PEREIRA, R. A.; COUTO, G. B. F. D.; DIAS, A. K. Assistência de enfermagem a mulher climatérica: estratégias de inclusão na rotina das unidades básicas de saúde. **Revista Extensão**, v. 4, n. 2, p. 115-126; 2020.
- FREITAS, F.; MENKE, C. H.; RIVOIRE, W.; PASSOS, E. P. Rotinas em Ginecologia. 3a ed. Porto Alegre: **Artes Médicas**, p. 317-26, 1997.
- MIRANDA, J. S.; FERREIRA, M. L. S. M.; CORRENTE, J. E. Qualidade de vida em mulheres no climatério atendidas na Atenção Primária. **Rev Bras Enfermagem**, v. 67, p. 803-809, 2014.
- MINISTÉRIO DA SAÚDE, BRASIL. Manual de Atenção à Mulher no Climatério/Menopausa. 1. ed. Brasília (DF): **MS**; 2008.
- SILVA, V. H.; ROCHA, J. S. B.; CALDERA, A. P. Fatores associados à autopercepção negativa de saúde em mulheres climatéricas. **Revista Ciência e Saúde Coletiva**, v. 23, p. 1611-1620, 2018.
- SMITH, R. P. Ginecologia e Obstetrícia de Netter. 1a ed. Porto Alegre: **Artmed**; 2005.

VISITA DOMICILIAR A UMA ADOLESCENTE PUÉRPERA: RELATO DE EXPERIÊNCIA

Gabriela Martins¹; Ana Laura Inácio Oliveira¹; Bianca Pereira Remedi¹; Laís Gonçalves Martins¹; Livia Nantes de Souza¹; Maria Eduarda de Matos Bernardes¹; Sofia Banzatto²

Discente do curso de medicina na Universidade de Ribeirão Preto, campus Ribeirão Preto (UNAERP-RP), SP, Brasil¹; Doutoranda em Biotecnologia Aplicada à Saúde pela UNAERP-RP. Mestre em Atenção Básica e MFCI pela Universidade Estadual de São de Paulo, campus Botucatu (UNESP), Sp, Brasil. Docente do curso de medicina na UNAERP-RP²

gabriela.martins01@sou.unaerp.edu.br

RESUMO

Introdução: As visitas domiciliares (VD) tem o intuito de acompanhar de perto a realidade dos usuários do Sistema Único de Saúde (SUS), principalmente àqueles que estão inseridos em cenários que requerem maior cuidado, como as puérperas. **Objetivo:** Compartilhar uma experiência da discente do curso de medicina durante uma atividade proposta pela ementa da disciplina de Atenção Básica II. **Metodologia:** Trata-se de um estudo do tipo relato de experiência, modelo que não requer submissão ao Comitê de Ética em Pesquisa, desenvolvido a partir de uma VD realizada a uma família atendida pela Unidade de Saúde da Família Jardim Marchesi. **Relato de Caso:** A adolescente recebeu a estudante e Agente Comunitária de Saúde (ACS) na sua residência e respondeu a todos questionamentos de modo aprazível. Ela relatou que realizou um parto cesariano e apresentou uma síncope. A puérpera negou dor ao amamentar, e, apesar de contar com boa produção de leite, o RN tem apresentado muitas cólicas intestinais. Além disso, ela informou que, em decorrência da escassez de sono, tem tido, diariamente, cefaleia e alterações de humor. **Considerações Finais:** A partir disso foi possível aprimorar os conhecimentos adquiridos em sala de aula, bem como apreender conceitos e valores não ensináveis.

Palavras-chave: atenção básica; atenção primária; unidade básica de saúde.

1 INTRODUÇÃO

O cuidado domiciliar é um método que envolve ações de promoção da saúde em sua totalidade, incluindo a prática de políticas econômicas e sociais que influenciam o processo saúde-doença (Giacomozzi; Lacerda, 2006). Esse conceito amplo engloba, por sua vez, as visitas domiciliares (VD), serviço realizado na Atenção Primária à Saúde (APS), cujo intuito é acompanhar de perto a realidade dos usuários do Sistema Único de Saúde (SUS) principalmente àqueles que estão inseridos em cenários que requerem maior cuidado, como as puérperas. Nesse contexto, é possível abordar questões de ordem emocional, não se atendo apenas às doenças físicas. (Sakata *et al.*, 2007). Todavia, as VD contam com alguns impasses, tais como: a dificuldade de lidar com uma demanda que não é diagnosticada e por isso possui necessidades desconhecidas, vivenciar o contato direto com o imprevisível, adentrar na casa das pessoas e suas intimidades e prescrever estilos de vida (Cunha; Sá, 2013).

Cabe sublinhar que a Estratégia de Saúde da Família (ESF) incorporou as VD às atividades atribuídas à equipe de saúde, fato que concede um expressivo diferencial na prestação de cuidado em saúde no Brasil (Sakata *et al.*, 2007). Assim sendo, o presente trabalho tem o objetivo de compartilhar uma experiência vivida por uma discente do 2º período da



faculdade de medicina durante uma VD proposta pela ementa da disciplina de Atenção Básica II à uma família atendida pela Unidade de Saúde da Família Jardim Marchesi, a qual conta, entre os seus componentes, com uma adolescente de 17 anos puérpera e um RN de 27 dias.

2 METODOLOGIA

Trata-se de um estudo do tipo relato de experiência, modelo que não requer submissão ao Comitê de Ética em Pesquisa, desenvolvido a partir da vivência de uma acadêmica da 2ª etapa do curso de medicina durante uma VD à residência de uma adolescente puérpera.

As VD estão previstas na ementa da disciplina W2557D, Competência Médica II – Atenção Básica II, da UNAERP-RP. No dia 21 de maio de 2024, no período matutino, os estudantes junto da professora Sofia Banzatto e da ACS da equipe verde, foram até a casa de uma família atendida pela Unidade de Saúde da Família Jardim Marchesi, Ribeirão Preto, SP, Brasil. A família em questão era composta por: mãe (49a), filha 1 (17a), filha 2 (11a), namorado da filha 1 (19a) e recém-nascido (27d).

3 RELATO DE EXPERIÊNCIA

A filha 1 e o RN receberam a estudante e ACS na porta de entrada de sua residência e respondeu a todos questionamentos de modo aprazível. Ela relatou que, após 41 semanas de gestação, realizou um parto cesariano e apresentou, ainda no hospital, uma síncope, episódio em que houve o rompimento dos pontos cirúrgicos, decorrente de um quadro anêmico, sendo necessário realizar uma suplementação com sulfato ferroso via oral, 4 vezes ao dia. Atualmente, os pontos estão em processo de cicatrização normal.

A puérpera negou dor ao amamentar, e, apesar de contar com boa produção de leite, o RN tem apresentado muitas cólicas intestinais, fato que está relacionado aos hábitos alimentares não saudáveis da mãe. Ela informou que, embora conte com a ajuda da sua mãe, não conseguiu estabelecer uma rotina com o RN e, em decorrência da escassez de sono, tem apresentado, diariamente, cefaleia e alterações de humor. Além disso, referiu que há, em sua casa, alguns conflitos entre sua irmã e seu namorado, os quais interferem no bem-estar geral da família.

A adolescente diz que foi a uma consulta médica com o RN no dia 20/05/24 e que ele apresenta desenvolvimento normal esperado. Ademais, ela referiu que retornará aos estudos em agosto no período noturno, pois pretende concluir apenas o Ensino Médio e se dedicar aos cuidados do seu filho e da sua casa.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir dessa experiência foi possível aprimorar os conhecimentos adquiridos em sala de aula, bem como apreender conceitos e valores não ensináveis, como o modo de agir e lidar com os pacientes inseridos em contextos vulneráveis.

REFERÊNCIAS

CUNHA, M. S.: Sá, M. *Home visits within the Family Health Strategy (Estrategia de Saude da Familia--ESF): the challenges of moving into the territory/A visita domiciliar na Estrategia de Saude da Familia: os desafios de se mover no territorio/Las visitas a domicilio en la Estrategia de Salud de la Familia (ESF): los desafios de movimiento en el territorio*. **Interface: Comunicação Saúde Educação**, v. 17, n. 44, p. 61-74, 2013

GIACOMOZZI, C. M.: Lacerda, M. R. A prática da assistência domiciliar dos profissionais da

estratégia de saúde da família. **Texto & Contexto Enfermagem**, v. 15, p. 645-653, 2006.

SAKATA, K. N.: Almeida, M. C. P.: Alvarenga, A. M.: Craco, P. F.: Pereira, M. J. B. .
Conceptions of the family health team about home visits. **Revista Brasileira de Enfermagem**,
v. 60, p. 659-664, 2007.

+





ATENDIMENTO INTEGRAL PARA MULHERES COM GESTAÇÃO DECORRENTE DE VIOLÊNCIA SEXUAL: UMA REVISÃO DE LITERATURA

Lara Fernanda Pereira de Souza¹; Nathalia Nunes Ferreira²; Gislane Damasceno Chaves³;
Lara Rebeca Piauilino Freitas de Sá⁴; Nyanne Vieira Lima⁵; Sabrina Rabaquini de Oliveira⁶;
Renata Oliveira Carvalho⁷; Joana Pereira Medeiros do Nascimento⁸

Graduanda em enfermagem pelo Centro Universitário Celso Lisboa¹, Graduanda em enfermagem pela Universidade Estácio de Sá², Graduanda em enfermagem pela Universidade Estadual do Maranhão³, Graduanda em Enfermagem pela Universidade Federal do Piauí⁴; Graduanda em Enfermagem pela Universidade Regional do Cariri⁵, Graduanda de medicina pela Universidade de São Caetano do Sul⁶; Enfermeira especialista em Saúde Pública pela Faculdade Estácio de Sergipe⁷; Enfermeira pela Universidade Católica de Pernambuco⁸.

enf.larafernanda@gmail.com

RESUMO

INTRODUÇÃO: Violência sexual é qualquer ato sexual praticado sem o consentimento da vítima, podendo ser tentado ou realizado por meio de força ou intimidação, usando ameaça, temor psicológico e agressão física. **OBJETIVO:** Avaliar práticas de atendimento integral a mulheres grávidas por violência sexual, destacando desafios e estratégias eficazes. **METODOLOGIA:** Consiste em um estudo bibliográfico descritivo qualitativo, do tipo integrativo, realizado na Biblioteca Virtual em Saúde (BVS). Foram utilizados descritores Booleanos com a combinação: “gestação” e “violência sexual”. A busca foi realizada na base de dados MEDLINE, SCIELO e LILACS. Foram incluídos estudos primários, disponíveis integralmente, publicados nos idiomas português e inglês. Foram excluídas publicações duplicadas entre as bases de dados, bem como outras formas de revisões, resultando numa amostra final de 07 artigos. **RESULTADOS E DISCUSSÃO:** A maioria das vítimas de violência sexual sofre não apenas danos imediatos à saúde, mas também consequências negativas e duradouras sobre a saúde em geral. **CONSIDERAÇÕES FINAIS:** O acolhimento e o atendimento de qualidade humanizados têm um impacto positivo na redução dos danos à saúde causados pela violência sexual, bem como na garantia dos direitos humanos, sexuais e reprodutivos.

Palavras-chaves: gestante; violência contra a mulher; violência sexual.

1 INTRODUÇÃO

A gravidez indesejada é uma séria consequência para as mulheres que sofrem violência sexual. No Brasil, assim como em diversos países do mundo, a violência sexual (VS) representa um sério problema de saúde pública, constituindo-se como um dos principais indicadores da discriminação de gênero contra mulher (Nunes, 2016). A violência contra as mulheres é uma das principais causas de mortalidade. Uma em cada três mulheres do mundo já sofreu violência física ou sexual por parte do parceiro íntimo ou de qualquer outro agressor ao longo da vida. É uma violência oculta que deve ser identificada para permitir o acolhimento e assistência adequada às vítimas (Febrasgo, 2021).

Um estupro ocorre a cada oito minutos no Brasil. A maioria das vítimas de violência sexual sofre não apenas danos imediatos à saúde, mas também consequências negativas e duradouras sobre a saúde em geral e, particularmente, sobre a sua saúde sexual e reprodutiva.



Essas repercussões também são percebidas em mulheres que sofrem violência de outras naturezas, como a física e psicológica (Febrasgo, 2021).

O Brasil possui uma das mais altas taxas de prevalência de estupro no mundo, com um caso registrado a cada oito minutos, conforme dados dos registros policiais. Estima-se que cerca de 90% dos casos não sejam notificados, o que indica que os números reais podem ser até dez vezes maiores (Anuário Brasileiro de Saúde Pública, 2014). Quando uma mulher é vítima de violência sexual, ela deve procurar imediatamente atendimento de saúde especializado para tomar a anticoncepção de emergência (AE) como profilaxia da gestação resultante da violência sexual, com o objetivo de reduzir a necessidade de um aborto futuro. No entanto, caso haja a gestação, a vítima pode solicitar a interrupção conforme o artigo 128 do Código Penal (Drezett *et al.*, 2021).

Algumas consequências físicas podem aparecer decorrente da violência sexual, como lesões, infecções sexualmente transmissíveis e a gravidez. Alguns diagnósticos podem ser evidenciados, como por exemplo o transtorno de estresse pós-traumático, ansiedade, depressão, padrões de auto culpa e a baixa autoestima. Muitas dessas mulheres que escolheram prosseguir com a gestação, após o parto continuam recebendo ameaças a si mesmas e ao seu bebê. No momento do parto essa mulher pode desencadear diversas memórias sensoriais e/ou intrusivas do abuso que na qual foi submetida, como a crise de pânico (Lissmann *et al.*, 2023).

As mulheres com história de algum tipo de abuso são mais propensas a enfrentar complicações para saúde materna durante gravidez e/ou parto. Além disso, quanto mais tipos de experiências de abuso relatadas por essas mulheres, maior o risco de complicações mais graves (Suarez *et al.*, 2024).

Sendo assim, este estudo objetiva avaliar as práticas e abordagens de atendimento integral a mulheres que engravidaram devido à violência sexual, destacando desafios e estratégias eficazes para um cuidado holístico e humanizado.

2 METODOLOGIA

Trata-se de uma revisão integrativa da literatura científica. Na abordagem do contexto que envolve o problema de pesquisa, foi elaborada a questão norteadora: "Como garantir um atendimento integral e humanizado para mulheres em gestação decorrente de violência sexual, considerando suas necessidades físicas, emocionais e sociais?". Foi realizado o levantamento de estudos indexados nas bases de dados disponíveis na Biblioteca Virtual de Saúde (BVS): MEDLINE, LILACS e SCIELO – Enfermagem, utilizando-se dos Descritores em Ciências da Saúde: “gestação” e “violência sexual”, unidos pelo operador booleano AND. Foram selecionados 71 estudos, dos quais passaram por uma pré-seleção por meio da leitura de títulos e resumos, a fim de selecionar pesquisas que respondessem à questão norteadora.

Para o refinamento dos estudos encontrados, foram utilizados os seguintes critérios de inclusão: artigos com textos completos publicados nos últimos 5 anos e em língua portuguesa e inglesa. Os critérios de exclusão foram: artigos que não respondiam à questão norteadora e que não foram publicados no período de tempo determinado. Deste modo, uma amostra final para análise, foi composta de 07 artigos, dos quais 3 estão indexados na MEDLINE, 3 na SCIELO e 1 na LILACS.

3 RESULTADOS E DISCUSSÕES

No estudo de Drezett (2022), a trajetória ou rota crítica das mulheres brasileiras que sofrem de crime sexual (CS), indica que a maioria não procura atendimento médico urgente nem comunica para as autoridades de segurança pública. A proximidade com o agressor pode



estar relacionada à recusa em ter acesso aos procedimentos e cuidados, o que a torna mais vulnerável ao constrangimento, à intimidação ou à percepção de uma grave ameaça.

A Organização Mundial de Saúde (OMS), considera que mulheres que sofrem abuso sexual podem sofrer danos emocionais, como Transtorno de Estresse Pós-Traumático - TEPT, além de depressão, ansiedade, distúrbios alimentares, baixa autoestima e distúrbios sexuais, o que pode afetar negativamente o reconhecimento dos riscos à saúde a que estão sujeitas (OMS, 2012).

De acordo com o estudo de Campos (2005), a integração entre os serviços de saúde e de segurança pública é crucial para assegurar a integralidade, qualidade e eficiência no atendimento às mulheres que sofrem de CS. Contudo, há uma falta de capacitação dos serviços públicos de saúde em relação ao fenômeno. Ainda são fortemente influenciados pelas estruturas e crenças vigentes.

Batista (2018), aponta que poucos têm consciência do seu papel no combate à violência contra a mulher. Em geral, desconhecem as leis que tratam do tema, não estão familiarizados com os protocolos e normas técnicas de assistência à saúde, o que dificulta o acolhimento e as intervenções necessárias às mulheres. Na Zâmbia, as instalações de saúde não estavam adequadamente preparadas para lidar com casos de VS, e apenas 16% garantiam a profilaxia para HIV e Aids (Dennis, 2019).

A adoção e a acessibilidade aos protocolos médicos e à capacitação das equipes de saúde mostram-se fundamentais na qualificação do AMU em casos de VS. Na Bélgica, o atendimento considerado ideal, que inclui investigações das infecções sexualmente transmissíveis, profilaxia antibiótica, AE (anticoncepção de emergência) e seguimento médico e psicológico, aumentou de 10% para 90% após medidas abrangentes para a aplicação de protocolos e preparo técnico das equipes de saúde (Gilles, 2019).

De acordo com o estudo de Drezett (2022), 16,5% das mulheres com gravidez decorrente de estupro não receberam AE nos serviços de saúde aos quais recorreram, apesar da elegibilidade para sua administração. Uma revisão sistemática realizada com estudos em diversos cenários de atenção à saúde identificou que 40% a 70% das mulheres atendidas relataram vivências violentas no decorrer da vida. Madeiro e Diniz (2016), observaram que, dos 68 serviços existentes no Brasil entre 2013 e 2015, somente 37 realizavam a interrupção da gestação decorrente de um estupro e estavam concentrados nas regiões Sudeste e Nordeste do país.

Entretanto, apesar de sua alta frequência e das sérias implicações sobre a saúde da mulher, os profissionais do sistema de saúde não estão sensíveis à questão da violência sexual. Tal fato possivelmente se relaciona à ausência de instrumentalização teórica e prática durante a formação dos profissionais. Enquanto não souberem identificar os sintomas e sinais que fazem suspeitar que uma mulher sofre esse tipo de violência, os profissionais não poderão identificar o problema e prestar o cuidado e acolhimento necessários (Madeiro, 2016).

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo revela a seriedade e a complexidade das consequências da violência sexual, especialmente no que diz respeito à gravidez decorrente desse tipo de agressão. Fica clara a necessidade de um atendimento integral e humanizado, considerando as diversas dimensões físicas, emocionais e sociais envolvidas. Por isso, é crucial capacitar adequadamente os profissionais de saúde para que possam identificar e lidar com sensibilidade e competência os casos de violência sexual. A formação contínua e específica é fundamental para que esses profissionais possam oferecer um acolhimento adequado e eficaz às vítimas, reconhecendo os sinais de abuso e sabendo como proceder de acordo com as necessidades dessas mulheres.



Ademais, a integração entre os serviços de saúde e segurança pública é fundamental para assegurar que as vítimas recebam o suporte necessário de forma ágil e eficiente. A adoção de protocolos padronizados e a disseminação de informações sobre os direitos das vítimas e os procedimentos a serem seguidos podem contribuir significativamente para a melhoria do atendimento. A subnotificação dos casos de violência sexual, mencionada em diversos estudos, é uma barreira crítica que precisa ser superada. Esforços devem ser direcionados para criar um ambiente em que as vítimas se sintam seguras e encorajadas a denunciar os abusos sofridos.

Por fim, a revisão evidencia que, apesar das legislações e políticas existentes, a implementação efetiva dessas normas ainda é insuficiente em muitos contextos. É imprescindível que haja um compromisso real por parte das autoridades e dos gestores de saúde para garantir que as diretrizes sejam seguidas e que as vítimas recebam o apoio necessário. Somente através de esforços coordenados e contínuos será possível proporcionar às vítimas a assistência e o acolhimento de que necessitam para reconstruir suas vidas e recuperar sua saúde e bem-estar.

REFERÊNCIAS

Anuário Brasileiro de Segurança Pública [Internet]. São Paulo: **Fórum Brasileiro de Segurança Pública**. 2014. Acesso em: 10 mai. 2024.

CAMPOS, M.A. *et al.* Violência sexual: integração saúde e segurança pública no atendimento imediato à vítima. *Saúde Soc.* 2005;14(1):101-9. doi: 10.1590/S0104-12902005000100011. Acesso em: 13 mai. 2024.

DREZETT, J. *et al.* Atendimento de urgência de mulheres grávidas em decorrência de violência sexual: características e tendências observadas em 20 anos. **Femina**. 2022;50(8), p. 498-504. Acesso em: 10. mai. 2024.

Federação Brasileira das Associações de Ginecologia e Obstetrícia (FEBRASGO). Tratado de ginecologia. 2021. Rio de Janeiro: Revinter;

GILLES, C. *et al.* Genotte AF, Rozenberg S. Implementation of a protocol and staff educational sessions improves the care of survivors of sexual assault. *Maturitas*. 2019; 124:39-42. doi: 10.1016/j.maturitas.2019.03.004. Acesso em: 15 mai. 2024.

LISSMANN, R; LOKOT, M; MARSTON, C. Understanding the lived experience of pregnancy and birth for survivors of rape and sexual assault. **BMC Pregnancy Childbirth**. 2023 Nov 16;23(1):796. doi: 10.1186/s12884-023-06085-4. PMID: 37974064; PMCID: PMC10652570. Acesso em: 15 mai. 2024.

MADEIRO, A.P; DINIZ, D. Serviços de aborto legal no Brasil – um estudo nacional. **Ciênc Saúde Coletiva**. 2016;21(2):563-72. doi: 10.1590/1413-81232015212.10352015. Acesso em: 14 mai. 2024.

Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Ações Programáticas Estratégicas. Prevenção e tratamento dos agravos resultantes da violência sexual contra mulheres e adolescentes: norma técnica. Brasília (DF): Ministério da Saúde; 2012. Acesso em: 16 mai. 2024.

NUNES, M. C. A.; MARAIS, N. A. Relatos das vivências de mulheres antes e após o desfecho



2º CONSAMU 14, 15 e 16 de Junho

REALIZAÇÃO:



APOIO:



da gestação. **Estudos de psicologia**, v. 21, n. 4, p. 468-476, dez. 2016. Disponível: <https://doi.org/10.5935/1678-4669.20160045>. Acesso em: 17 mai. 2024

SUAREZ, A; YAKUPORA, V. Childbirth experiences of women with a history of physical, sexual, and child abuse: a cross-sectional study of 2,575 Russian women. **BMC Pregnancy Childbirth**, v. 66, n.3, p. 389-398, mar. 2024. Disponível em: <https://dx.doi.org/10.1186/s12884-024-06369-3>. Acesso em: 17 mai. 2024.

✦ ✦



SAÚDE MENTAL DA MULHER DURANTE O PERÍODO DE PUERPÉRIO: UMA REVISÃO DA LITERATURA

Andressa Souza Brito¹; Daniel Vieira de Souza²; Alessandra Batista Sabino³; Alan de Souza⁴; Elailson Faustino Braz⁵; Jailson Vieira Machado⁶.

Graduandos em Enfermagem pela Faculdade Adventista da Bahia^{1, 2, 3, 4, 5} Mestre em Enfermagem pela Escola Bahiana de medicina e saúde pública e Docente na Faculdade Adventista da Bahia⁶.

andressasouzabrito2018@gmail.com

RESUMO

A gravidez e o período pós-parto são fases de transição caracterizadas por significativas mudanças físicas, emocionais e sociais para as mulheres. O objetivo da pesquisa é analisar os estudos já realizados e promover uma discussão da temática. Trata-se de uma revisão da literatura, realizada em abril de 2024. A busca por literaturas foi realizada nas bases de dados Lilacs, Medline e BDNF - Enfermagem. Utilizando os Descritores em Ciências da Saúde (DECS) e o operador booleano “and”, utilizando os descritores, “saúde mental”, “mulher” e “puerpério” resultando em 4 artigos para o desenvolvimento do estudo. Constatamos que os principais fatores desencadeadores de problemas mentais no período puerpério são: faixa etária, escolaridade, raça, naturalidade, ocupação, renda familiar e situação conjugal. Foi observado também que a baixa escolaridade das puérperas pode influenciar no desenvolvimento de Depressão Pós-Parto (DPP), resultando em uma maior insegurança por parte dessas mães diante de seus bebês. Mulheres que receberam apoio social afetivo demonstraram melhor percepção de seu estado de saúde quando comparadas com as mulheres que não receberam esse apoio social afetivo. Concluindo, destaca-se a importância da promoção da saúde mental de mulheres, tanto no período gestacional quanto no puerpério.

Palavras-chave: saúde da mulher; saúde mental; puerpério.

1 INTRODUÇÃO

A gestação ou o puerpério são momentos de transição marcados por mudanças físicas, emocionais e sociais significativas para as mulheres. Durante essa jornada, a saúde mental emerge como um componente essencial, especialmente para aquelas que enfrentam transtornos psicológicos pré-existentes. Inúmeras investigações têm ressaltado a significativa ocorrência de sintomas depressivos, ansiosos e outros distúrbios psicológicos entre mulheres grávidas e no período pós-parto, indicando a urgência de uma abordagem integrada que combine cuidados obstétricos com serviços de saúde mental. (Teixeira. *et.al.* 2019).

Além disso, políticas públicas desempenham um papel crucial na promoção da saúde materna e infantil. A Rede Cegonha, implantada pelo Ministério da Saúde, é um exemplo emblemático desse esforço, buscando garantir acesso universal a uma assistência humanizada e segura ao longo do ciclo gravídico-puerperal. Com o intuito de proporcionar uma abordagem abrangente e multidisciplinar, é imperativo explorar os diversos aspectos relacionados à saúde mental durante a gestação e o pós-parto. Considerando o contexto multifacetado desses períodos e a complexidade das necessidades das mulheres, é essencial uma compreensão ampla e sensível das questões envolvidas. (Brasil 2021).

Ao fazê-lo, podemos não apenas aprimorar a qualidade dos cuidados oferecidos, mas



também promover o bem-estar integral das mulheres e de suas famílias, contribuindo para uma experiência gestacional e puerperal mais positiva e saudável. (Assef. B. *et. al.* 2021).

2 METODOLOGIA

Esse estudo trata-se de uma revisão da literatura, realizada em abril de 2024, com o objetivo de apresentar uma análise de estudos já realizados e promover uma discussão da temática. Para essa revisão foram selecionadas como base de dados a Lilacs, Medline e BDNF- Enfermagem, utilizando os seguintes descritores em ciência da saúde (DeCS) e o operador booleano "and", a busca inicial envolveu os termos "saúde da mulher", "saúde mental" e "puerpério", sendo encontrado um total de 631 artigos.

Foram utilizados como critérios de inclusão os artigos disponíveis de maneira completa nos seguintes idiomas, Inglês, Português e Espanhol, com um recorte temporal dos anos de 2019 a 2024, aplicou-se os critérios de exclusão, incluindo artigos pagos ou duplicados, fora do recorte temporal e da temática proposta, após a leitura de títulos e uma profunda análise criteriosa dos artigos foram selecionados um total de cinco artigos para a elaboração dos resultados.

Esse estudo dispensou a submissão ao Comitê de Ética e Pesquisa, pois não envolveu pesquisas em seres animais e humanos, atentando-se aos direitos autorais vigentes.

3 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Destacam-se diversos fatores que influenciam na saúde mental da mulher durante o puerpério. A prevalência de fatores que desencadeiam o desenvolvimento dos transtornos mentais está associada à faixa etária, quanto menor a idade da puérpera, maior o risco de desenvolver, também a escolaridade, raça, naturalidade, ocupações (se ela possui emprego), renda familiar, se recebe algum auxílio do governo e situação conjugal. (Silva JKAM. *et. al.* 2023)

Em seu estudo, Silva JKAM. *et. al.* (2023), trazem dados estatísticos realizado com 20 puérperas que continham idade entre 18 e 39 anos, na cidade de Maceió-AL, apontando que das participantes 35% sentiam-se alegres no pós-parto, 45% estavam estressadas ou ansiosas, 15% calmas e 5% tristes. No mesmo estudo, 100% das entrevistadas relataram não possuir nenhum diagnóstico de transtorno mental, mas, relataram ter momentos de ansiedade ou tristeza. O que se refere a relação das pacientes com a família, 65% afirmaram ser satisfatória, 15% muito satisfatória, 5% pouco satisfatória e 15% não satisfatória. A qualidade de sono das mesmas, 20% afirmaram ser satisfatório, 0% muito satisfatório, 40% pouco satisfatório e 40% não satisfatório. Na relação das mães com o RN, 0% afirmaram ser muito satisfatório, 30% pouco satisfatório e 70% não satisfatório.

Enfatiza-se mães jovens que são expostas a situações de vulnerabilidade, preocupações e estresse, e muitas têm que abnegar de seus desejos e metas para dedicar-se à responsabilidade de cuidar de um recém-nascido. (Santos MLC. *et. al.* 2022). Muitas adolescentes relatam renunciar principalmente aos estudos após a descoberta da gravidez, por alegarem preconceito de outros colegas, logo, afastam-se da escola e outros meios sociais para evitar constrangimentos causados por outros adolescentes. (Cremonese L. *et. al.* 2019).

Um estudo realizado no Rio Grande do Sul apontou que quanto maior os anos completos de estudo, maior a proteção no desenvolvimento de Depressão Pós-Parto (DPP), pois a baixa escolaridade interfere nas habilidades da puérpera para agir diante dos desafios da maternidade, ocasionando o sentimento de insegurança. (Santos MLC. *et. al.* 2022).

As mulheres que recebem baixo apoio social afetivo podem ter disfunções nas demonstrações físicas de amor e afeto, em contrapartida, aquelas que recebem maior apoio

social afetivo têm melhor percepção de seu estado de saúde. (Santos MLC. *et. al.* 2022).

Com isso, se reconhece também a necessidade do estabelecimento de vínculo entre a equipe multidisciplinar que está em contato com a paciente, principalmente da Unidade Básica de Saúde, a fim de informar as alterações físicas ocorridas durante e após a gestação, incentivar também o autocuidado dessas mulheres, tornando o período pós parto melhor para a puerpera, recém-nascido e todo o ciclo familiar. (Silva JKAM. *et. al.* 2023).

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por fim, este trabalho destaca a importância da promoção da saúde mental durante a gestação e o puerpério. Através deste estudo, identificamos múltiplos fatores que influenciam na saúde mental durante o período da gestação e puerpério, tais como faixa etária, escolaridade, raça, renda familiar e situação conjugal.

Observamos que as mulheres jovens, especialmente aquelas que são expostas a situações de vulnerabilidade, enfrentam maiores desafios durante o puerpério, onde muitas vezes acabam renunciando seus estudos devido ao preconceito e estigma social.

Portanto, ao reconhecer e abordar os fatores que influenciam a saúde mental durante a gestação e puerpério, podemos não somente prestar uma melhor qualidade da assistência dos cuidados ofertados, mas também promover o bem-estar físico e emocional dessas mulheres e suas famílias.

REFERÊNCIAS

TEIXEIRA, B. *et. al.* ASPECTOS DA GESTAÇÃO E PUERPÉRIO DE MULHERES COM TRANSTORNOS MENTAIS. *J Nurs UFPE* online.2019;13:e239705.

PORTARIA Nº 1.459, DE 24 DE JUNHO DE 2011. Institui no âmbito do Sistema Único de Saúde -SUS- a Rede Cegonha. ASSEF. B. *et. al.* 2011

Aspectos dos transtornos mentais comuns ao puerpério. *Revista Eletrônica Acervo Científico-* ISSN 2595-7899. Vol. 29. 2021.

SILVA JKAM. *at. al.* Identificação de sinais precoces de alteração/transtornos mentais em puerperas para promoção do autocuidado. *R Pesq. Cuid. Fundam* online. 2023.

CREMONESE L, Wilhelm LA, Demori CC *et. al.* Vivências do Período Gravídico-Puerperal na Perspectiva de Mulheres Adolescentes. *Rev Fund Care* Online.2019.

SANTOS MLC, Reis JF, Silva RP, Santos DF, Leite FMC. Sintomas depressivos pós parto e fatores associados. *Pesquisa Escola Anna Nery* online. 2021.

ESTIGMA, VIOLÊNCIA E SAÚDE MENTAL DE MULHERES TRABALHADORAS DO SEXO: UMA REVISÃO INTEGRATIVA

Samily Suelen da Silva¹; Echilly Suellen de Cunha Carvalho¹; Maria Angélica Bezerra de Oliveira².

Graduanda em Psicologia pela Faculdade Pernambucana de Saúde (FPS)¹, Mestre em Avaliação em Saúde pelo Instituto de Medicina Integral Professor Fernando Figueira (IMIP)².

samilyfps@gmail.com

RESUMO

Introdução: O trabalho sexual é a troca de sexo por benefícios econômicos, é frequentemente associado a estigma, legitimando a violência contra as Mulheres Trabalhadoras do Sexo (MTS). **Metodologia:** Esta revisão integrativa teve como objetivo compreender como o estigma e a violência impactam a saúde mental das MTS. Foram utilizadas quatro bases de dados: PUBMED, MEDLINE via BVS, Science Direct e Periódicos CAPES, usando os descritores: *Mental Health, Woman, Sex Workers, Stigma e Violence*. Inicialmente, foram encontrados 99 artigos, dos quais, após critérios de elegibilidade, restaram 9, sendo incluídos 6. **Resultados e Discussões:** A análise dos 6 artigos resultou em quatro categorias exploradas: prevalência de problemas de saúde mental em MTS; impacto da violência na saúde mental dessas mulheres; associação entre violência e pobreza na infância com a entrada no trabalho sexual; e impactos do estigma e do autoestigma na saúde mental e no acesso aos cuidados de saúde. **Conclusão:** A violência e o estigma afetam não apenas a saúde mental das MTS, mas também o acesso aos serviços de saúde. É urgente promover a humanização nos serviços de saúde e políticas para prevenir e mitigar a violência, estigma e problemas de saúde mental enfrentados pelas MTS.

Palavras-chave: trabalho sexual; estigma social; violência.

1 INTRODUÇÃO

O trabalho sexual é definido como a troca do ato sexual por benefícios econômicos, como dinheiro ou bens materiais. Em muitos países, esse ato é criminalizado, o que contribui para a manutenção do estigma e da violência cometida contra essa população (Jewkes *et al.*, 2021a). No Brasil, a prostituição não é criminalizada, porém também não é regulamentada, o que implica no reforço dos estigmas e da invisibilidade legal e social para com essas mulheres (Pfuhl, 2020).

O Estigma é uma forma de categorizar as pessoas de determinado grupo social, por meio da atribuição de referências profundamente depreciativas, menosprezando o sujeito que se desvia do que é considerado “normal” na sociedade. A prostituição, na contemporaneidade, ainda é encarada como Tabu, pois muitas Mulheres Trabalhadoras do Sexo (MTS) sofrem com vários estereótipos que as estigmatizam como seres imorais, reverberando em inúmeras consequências na sua vida (Pfuhl, 2020).

A exposição à violência e estigma aumentam o sofrimento psicológico. Esses fatores prejudicam gravemente a saúde mental das MTS, que apresentam maiores taxas de depressão e Transtorno de Estresse Pós-Traumático, em comparação à população feminina em geral. (Tomko *et al.*, 2022).

Com base no exposto, esse estudo teve como objetivo compreender, por meio de uma Revisão Integrativa da Literatura, como o estigma social e a violência experimentada por

mulheres trabalhadoras do sexo influenciam na sua saúde mental.

2 METODOLOGIA

A pesquisa adotou a metodologia da Revisão Integrativa da Literatura, seguindo as seis fases propostas por Sousa *et al.* (2017). A pergunta norteadora dessa pesquisa foi: “De que forma os estigmas e as violências afetam a saúde mental de mulheres profissionais do sexo?”. Os dados foram coletados entre abril e maio de 2024 nas bases de dados PUBMED, MEDLINE, Science Direct e Periódicos CAPES, utilizando os descritores: "Mental Health", "Woman", "Sex Workers", "Stigma" e "Violence". Os critérios de inclusão foram artigos dos últimos 5 anos, texto completo disponível e foco em mulheres cisgênero profissionais do sexo, e critérios de exclusão, como artigos fora do período estabelecido e que não respondessem à pergunta de pesquisa. Inicialmente encontrou-se 99 artigos, dos quais 41 atenderam aos critérios de inclusão. Após revisão dos títulos e resumos, 10 artigos foram selecionados, e após análise completa, 9 foram selecionados para a Revisão integrativa. Os 9 artigos foram avaliados quanto ao rigor metodológico, apresentando boa qualidade e baixo viés. 6 deles foram incluídos nesse resumo.

3 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Tabela 1. Artigos incluídos para discussão.

Procedência	Autor (ano)	Tipo de estudo	País
Periódicos CAPES	Beattie, T. et al. (2020)	Revisão sistemática e Metanálise	-
Periódicos CAPES	Beksinska, A. et al. (2021)	Quantitativo longitudinal	Quênia
Science Direct	Jewkes, R. et al. (2021a)	Quantitativo transversal	África do Sul
Periódicos CAPES	Jewkes, R. et al. (2021b)	Quantitativo transversal	África do Sul
Periódicos CAPES	Tomko, C. et al. (2022)	Qualitativo Longitudinal	Estados Unidos
Periódicos CAPES	Wanjiru, R. et al. (2022)	Qualitativo Longitudinal	Quênia

Fonte: autoria própria.

3.1 PREVALÊNCIA DE PROBLEMAS DE SAÚDE MENTAL EM MULHERES TRABALHADORAS DO SEXO

As Mulheres Trabalhadoras do Sexo (MTS) constituem uma população vulnerável e socialmente marginalizada, por vezes expostas a vários tipos de violência, estigmas e violação da decência básica humana. A violência, pobreza, estigma, discriminação, baixa-escolaridade, consumo de álcool e drogas e o acometimento pelo Vírus da Imunodeficiência Humana (HIV) são alguns dos principais fatores de risco para o desenvolvimento de desordens mentais em MTS (Beattie *et al.*, 2020).

O estudo de Beattie *et al.* (2020), após a análise de 68 artigos, constatou uma prevalência combinada de 41,8% de depressão, 21,0% de ansiedade e 22,8% de ideação suicida recente em MTS de países de baixa e média renda. Corroborando com esses resultados, o estudo de Beksinska *et al.* (2021), do qual participaram 1003 MTS, evidenciou que 49,3% delas relataram sintomas depressivos e 38,4% sintomas ansiosos. Um quarto das mulheres deste estudo, apresentaram depressão moderada/grave ou ansiedade moderada/grave e 1 a cada 10 mulheres relataram pensamentos e/ou comportamentos suicidas nos últimos 30 dias.

Evidencia-se através desses dados a urgência em trabalhar formas de promover saúde mental entre essas mulheres, e, além disso, a implementação de estratégias preventivas e mitigatórias para os danos sofridos.



3.2 IMPACTO DA VIOLÊNCIA NA SAÚDE MENTAL DE MULHERES TRABALHADORAS DO SEXO

A violência é trazida como um dos principais fatores de risco para a saúde mental das MTS (Jewkes *et al.*, 2021a). Pode-se analisar que 5 — Jewkes *et al.* (2021a); Beksinska *et al.* (2021); Jewkes *et al.* (2021b); Beattie *et al.* (2020); Wanjiru *et al.* (2022) — dos 6 estudos incluídos neste Resumo expandido trouxeram associações diretas entre violência e problemas relacionados à saúde mental.

O estudo de Jewkes *et al.* (2021a), o qual analisou 3005 MTS, evidenciou que 54,9% foram violentadas no último ano. Sendo 40,8% vítimas de estupro, 40,3% vítimas de agressão física e 23,4% vítimas de violência sexual por vários perpetradores ao mesmo tempo — estupro coletivo —. Os perpetradores mais comuns da violência contra essa população são clientes, policiais ou parceiros íntimos.

17 estudos analisados por Beattie *et al.* (2020), apresentaram associações entre a experiência de violência e problemas de saúde mental, 13 estudos associaram depressão a experiência de violência e 3 estudos relacionaram a experiência recente de violência à tentativa de suicídio. Também foi possível identificar relação entre a vivência de violência e a presença de Transtorno de Estresse Pós-Traumático.

3.3 ASSOCIAÇÃO ENTRE EXPERIÊNCIA DE VIOLÊNCIA NA INFÂNCIA COM A POSTERIOR ENTRADA NO TRABALHO SEXUAL

As experiências de violência, muitas vezes, estão presentes na vida das MTS desde a mais tenra idade. Os ambientes nos quais essas mulheres cresceram e continuaram a viver, refletiram e impactaram fortemente em suas vidas. Algumas mulheres relataram a vivência de combinações de violências física, emocional e sexual por parte dos próprios pais e responsáveis. Muitas delas cresceram em ambientes tóxicos e que impossibilitaram sua formação acadêmica e o desenvolvimento de importantes competências, colocando essas mulheres em posições vulneráveis e preconizando a entrada no trabalho sexual. As mulheres que vivenciaram trauma na infância, especialmente abuso sexual e negligência, apresentaram maior predisposição no ingresso ao trabalho sexual comparado com aquelas que não foram expostas a essas violências (Wanjiru *et al.*, 2022; Jewkes *et al.*, 2021b). Dessa forma, ressalta-se a importância de políticas públicas que protejam a infância e adolescência, fornecendo um ambiente seguro para o desenvolvimento.

3.4 IMPACTOS DO ESTIGMA E DO AUTOESTIGMA NA SAÚDE MENTAL E NO ACESSO AOS CUIDADOS DE SAÚDE

O estigma contra as MTS pode ser proferido em multiníveis, sendo uma barreira para o acesso aos sistemas de saúde, para a busca de ajuda e o apoio social. Isso ocorre devido ao estigma ser uma construção estrutural e enraizada dentro das várias sociedades. Por vezes, as mulheres internalizam os estigmas que lhes são atribuídos, configurando o autoestigma. Conseqüentemente, sentem-se culpadas pelos problemas em suas vidas, enxergando-os como sendo originados do trabalho sexual (Tomko *et al.*, 2022).

Nessa perspectiva, o estigma também adentra os sistemas de saúde, onde os profissionais muitas vezes culpabilizam e julgam as MTS, demonstrando o estigma explícito. Muitas MTS relataram terem sido maltratadas ou terem suas necessidades ignoradas ao procurarem os serviços de saúde (Wanjiru *et al.*, 2022). Esses fatores impactam a saúde dessas mulheres, visto que se colocam como barreiras para a procura de ajuda médica em um cenário



futuro (Tomko *et al.*, 2022). O estigma também afeta a saúde mental delas, por ser um fator relacionado com o desenvolvimento de depressão e ansiedade (Jewkes *et al.*, 2021b).

4 CONCLUSÃO

Os estudos analisados revelaram associação significativa entre violência, estigma e impactos na saúde mental das MTS, bem como altas taxas de comorbidades mentais entre essa população. A experiência de traumas na infância emerge como precursora do envolvimento no trabalho sexual. A formação de profissionais de saúde humanizados e capacitados para atender grupos marginalizados é essencial para o enfrentamento do estigma nesse campo. Nenhuma pesquisa dos últimos 5 anos foi encontrada no Brasil, tal fator pode ser reflexo dos estigmas também presentes na educação e na pesquisa. Esse estudo destaca-se por ampliar a compreensão e visibilidade dessa população, entretanto não se pode generalizar os resultados para o contexto brasileiro devido às diferenças geográficas e culturais dos países dos estudos. Por fim, destaca-se a urgência de políticas públicas que garantam a saúde mental e segurança das MTS, bem como pela necessidade de mais investigação sobre o tema, especialmente no contexto brasileiro.

REFERÊNCIAS

BEATTIE, T. S. et al. Mental health problems among female sex workers in low- and middle-income countries: A systematic review and meta-analysis. **PLoS Medicine**, v. 17, n. 9, p. e1003297, 2020. DOI: <https://doi.org/10.1371/journal.pmed.1003297>. Acesso em: 05 de maio de 2024.

Beksinska, A. et al. Prevalence and correlates of common mental health problems and recent suicidal thoughts and behaviours among female sex workers in Nairobi, Kenya. **BMC psychiatry**, v. 21, n. 1, p. 503, 2021. DOI: 10.1186/s12888-021-03515-5. Acesso em: 03 de maio 2024.

JEWKES, R. et al. Sexual IPV and non-partner rape of female sex workers: Findings of a cross-sectional community-centric national study in South Africa. **SSM Mental health**, v. 1, p. None, 2021a. DOI: 10.1016/j.ssmmh.2021.100012. Acesso em: 28 de abril 2024.

JEWKES, R. et al. Intersections of Sex Work, Mental Ill-Health, IPV and Other Violence Experienced by Female Sex Workers: Findings from a Cross-Sectional Community-Centric National Study in South Africa. **International journal of environmental research and public health**, v. 18, n. 22, p. 11971, 2021b. DOI: 10.3390/ijerph182211971. Acesso em: 29 de abril de 2024.

PFUHL, F. **Estigma, vergonha e maternidade: estudo compreensivo sobre a vida de trabalhadoras sexuais**. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação, Universidade do Porto, Porto, 2020. Disponível em: <https://hdl.handle.net/10216/130421>. Acesso em: 19 de maio de 2024.

SOUSA, L. et al. A metodologia de revisão integrativa da literatura em enfermagem. **Revista investigação em enfermagem**, v. 21, n. 2, p. 17-26, 2017. Disponível em: <https://www.sinaisvitais.pt/images/stories/Rie/RIE21.pdf#page=17>. Acesso em: 26 abr. 2023.

TOMKO, C. et al. External resilience in the context of drug use and socio-structural vulnerabilities: a qualitative exploration among women who use drugs and sell sex in



2º CONSAMU
14, 15 e 16 de Junho

REALIZAÇÃO:



APOIO:



Baltimore, Maryland. **Harm reduction journal**, v. 19, n. 1, p. 94, 2022. DOI:
10.1186/s12954-022-00678-6. Acesso em: 09 de maio de 2024.

WANJIRU, R. et al. Beaten but not down! Exploring resilience among female sex workers (FSWs) in Nairobi, Kenya. **BMC public health**, v. 22, n. 1, p. 965, 2022. DOI:
10.1186/s12889-022-13387-3. Acesso em: 05 de maio de 2024.

+





MORTALIDADE MATERNA ENTRE MULHERES NEGRAS NO BRASIL

Gabrielle da Costa Nascimento; Gisele dos Santos; Luiza Cosendey Souza. Graduando em enfermagem pela Faculdade Santo Antônio de Pádua- Fasap.

gabriellecostonascimento18@gmail.com

RESUMO

A mortalidade materna no Brasil configura-se como um grave problema de saúde pública que atinge várias regiões do país de forma desigual e está relacionada à qualidade da atenção obstétrica oferecida pelo SUS. Tais mortes não se distribuem aleatoriamente entre as mulheres, mostrando assim a desigualdade no âmbito social onde vivem, é consenso que as mulheres acometidas pela morte materna são as de menor renda e escolaridade, em conjunto com questões socioeconômicas e raciais. Este estudo tem como objetivo investigar e destacar as disparidades socioeconômicas e raciais que contribuem para o elevado índice de mortalidade materna entre mulheres negras no Brasil. Pesquisas realizadas entre os anos de 2018 a 2021 são capazes de confirmar o revés social estabelecido pelo estudo. O presente estudo foi realizado em maio de 2024, por buscas em documentos oficiais da União, como o Sistema de Informação sobre Mortalidade (SIM), pertencente ao DATASUS, registros da Organização Mundial da Saúde (OMS) e o Ministério da Saúde, os critérios de inclusão consideraram artigos científicos publicados há cinco anos ou menos, e aos critérios de exclusão, foram selecionadas publicações como: revistas, livros e artigos com mais de cinco anos de duração para fim da elaboração do tema abordado. Perante isso, entende-se que os resultados obtidos nos estudos entre o período de 2018 a 2021 constataram aproximadamente 150 óbitos em 2019, 160 em 2020, aproximadamente 200 e em 2020 e 321 em 2021, em todas as regiões do Brasil. O presente estudo é capaz de afirmar o maior índice de mortalidade materna entre mulheres negras e de baixa renda, caracterizando assim como um revés na saúde pública que deve e pode ser evitado com o auxílio governamental das 3 esferas, federal, municipal e estadual.

Palavras-chave: mortalidade materna; mulheres negras; direitos humanos.

1 INTRODUÇÃO

A crescente taxa de mortalidade materna (MM) no Brasil configura-se como um problema de saúde pública. A Organização Mundial de saúde (OMS) definiu morte materna como a morte de mulheres durante a gestação ou em um período de 42 dias após o término da gravidez, devida a qualquer causa relacionada com ou agravada pela gravidez ou por medidas tomadas em relação a ela, porém não devida a causas acidentais ou incidentais (OMS, 1994). Dados preliminares referentes a 2022 apontam que, enquanto o número de mortes maternas está em 46,56 para mulheres brancas, no caso das mulheres negras, é mais que o dobro: 100,38 óbitos para cada 100 mil nascidos vivos (Brasil, 2023).

Tais mortes não se distribuem aleatoriamente entre as mulheres e revelam a iniquidade das sociedades onde ocorrem, pois se concentram nos países em desenvolvimento, afetando principalmente mulheres negras, de menor renda e menor escolaridade. Ter uma série de direitos assegurados pelo Estado, não é e nunca foi o suficiente para que essas mulheres



tenham acesso ao básico para enfrentar uma gravidez segura e livre de quaisquer danos (Junior, 2020).

Documentadamente, a sociedade carrega a morte em massa de pessoas negras desde a época da escravidão, onde já eram apresentados registros de mães que perdiam seus filhos por conta de insalubridade, fome, maus tratos, doenças, etc. Sob tal ótica, entende-se que racismo estrutural é capaz de banalizar e negligenciar a saúde da população negra, o que reflete atualmente em uma naturalização das barbáries que pessoas negras sofriam e sofrem, trazendo uma normalidade para tal revés (Aiquoc, 2021).

Este estudo tem como objetivo investigar e destacar as disparidades socioeconômicas e raciais que contribuem para o elevado índice de mortalidade materna entre mulheres negras no Brasil. Ao analisar dados de mortalidade materna coletados entre 2018 e 2021, o estudo visa revelar a desigualdade na distribuição dessas mortes, correlacionando-as com fatores de renda e escolaridade, e enfatizar a necessidade de intervenções eficazes das esferas governamentais federal, estadual e municipal para mitigar este grave problema de saúde pública.

2 METODOLOGIA

Trata-se de um resumo da literatura que aborda o tema sobre a mortalidade materna (MM), especialmente entre mulheres negras e periféricas nos anos de 2018 a 2021. O estudo foi realizado em maio de 2024, por buscas em documentos oficiais da União, como o Sistema de Informação sobre Mortalidade (SIM), pertencente ao DATASUS, registros da Organização Mundial da Saúde (OMS) e o do Ministério da Saúde. As leituras foram elaboradas rigorosamente em português, e conforme os critérios de inclusão consideraram artigos científicos publicados há cinco anos ou menos, e aos critérios de exclusão, foram selecionadas publicações como: revistas, livros e artigos com mais de cinco anos de duração para fim da elaboração do tema abordado.

3 RESULTADOS E DISCUSSÕES

MORTALIDADE MATERNA ENTRE AS MULHERES NEGRAS, UM GRAVE PROBLEMA DE SAÚDE PÚBLICA

A Política Nacional de Saúde Integral da População Negra aprovada pela portaria n.º 992 de 13 de maio de 2009, “define os princípios, a marca os objetivos, as diretrizes, as estratégias e as responsabilidades de gestão voltada para melhoria das condições de saúde desse segmento da população” (Brasil, 2017).

Torna-se, então, imprescindível compreender que políticas públicas como essas, são sim necessárias para o desenvolvimento da população, no entanto, não significa dizer que são eficazes. No Brasil, foram observados avanços nas últimas décadas, sobretudo no que concerne ao acesso da população à atenção básica à saúde. Entretanto, quando analisamos os indicadores de mortalidade materna evitável, as estratégias utilizadas têm se mostrado pouco efetivas (Junior, 2020).

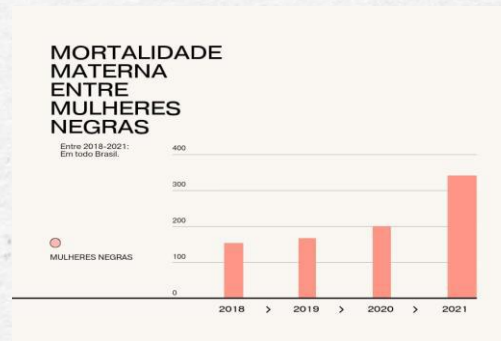
Tendo em vista que a mortalidade materna difere segundo classe social, nível de renda, escolaridade e entre outros, analisar esses indicadores torna-se imprescindível para compreender tal revés. O boletim epidemiológico do Ministério da Saúde, de 2023, afirma



que 70% dos pré-natais inadequados no Brasil são os de mulheres pretas e pardas, o que é equivalente a três vezes mais do que o percentual das mulheres brancas (Brasil, 2023).

No Brasil, segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) o primeiro trabalho nacional conhecido com este recorte e óbitos maternos ocorridos em 1997 no Rio Grande do Norte, Mato Grosso e Pará, Tanaka e Mitsuiki, indicou em seu recorte o óbito materno de mulheres cor branca de 28,5%, e o de cores pardas, morenas, negras e morenas claras como sendo uma só, a soma destas atingiu 51,5% dos óbitos (IBGE, 1997).

Ao analisar um recorte mais atual sobre os dados de mortalidade materna, o SIM (Sistema de Informação sobre Mortalidade) do DATASUS entre os anos de 2018 a 2021, assim como presente na (Figura 1). É possível ver uma percentagem significativa no número de mortalidade materna.



Fonte: MS/SVS/CGIAE - Sistema de Informações sobre Mortalidade – SIM

Observa-se de acordo com o gráfico que entre o período de 2018 a 2021 foram constatados aproximadamente 150 óbitos em 2018, 160 em 2019, aproximadamente 200 em 2020 e 321 em 2021, em todas as regiões do Brasil. No somatório são aproximadamente 831 óbitos de mulheres negras. É notória a crescente taxa nos dois últimos anos por conta da pandemia do, Covid-19.

Para a coordenadora do Observatório Obstétrico Brasileiro, Rossana Francisco, “O Brasil já tinha várias fragilidades na atenção obstétrica e, quando o sistema de saúde foi testado pelo aumento de gestantes e puérperas precisando de internação em unidades de gestação de alto risco e de terapia intensiva especializada na atenção às gestantes, essa fragilidade que já existia se tornou mais evidente ainda” (Francisco, 2021).

Quando aprofundamos o olhar sobre a mortalidade materna de mulheres negras atendidas pelo SUS no Brasil e suas interfaces com a implementação das políticas de saúde nos territórios, percebemos a necessidade de melhorias nas interfaces entre as políticas específicas e suas aplicabilidades nas linhas de atenção à saúde. Identificamos também as lacunas do não reconhecimento dos determinantes sociais que levaram essas mulheres negras gestantes às situações de vulnerabilidade e risco para a morte materna. O racismo existe, está presente no SUS e deve ser tratado como uma das formas de adoecimento e morte (Brasil, 2023).

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo conclui que o índice de mortalidade materna entre as mulheres negras é um problema de saúde pública e que deve ser evitado com o auxílio governamental das três esferas, federal, municipal e estadual. Além disso, tornou-se notório que as classes mais vulneráveis estarão sempre à mercê da sociedade sem acesso ao básico para sobreviver. Portanto, é imprescindível, compreender o papel do Governo na tomada de decisões eficazes para favorecer toda a sua população, em suma aquela que fica marginalizada e negligenciada



e, ainda busca enfatizar a importância de traçar estratégias para a redução da mortalidade materna.

REFERÊNCIAS

AIQUOC, K. M; SILVA, P. H. A; MONTEIRO, B. R. **Raça e saúde: Múltiplos olhares sobre a saúde da população negra no Brasil.** Natal, 2021. cap.9. p. 128.

GÓES, E. F.; FERREIRA, A. J. F.; RAMOS, D. **Racismo antinegro e morte materna por covid-19: o que vimos na Pandemia?** Ciência e Saúde Coletiva, v. 28, n. 9, p. 2501–2510, set. 2023.

BRASIL, Ministério da Saúde. **Boletim epidemiológico: Saúde da mulher brasileira: uma perspectiva integrada entre vigilância e atenção à saúde.** Brasil, 2023, edição especial.

BRASIL, Ministério da saúde. Secretaria de Atenção Primária à Saúde **1ª Oficina De Trabalho: Morte Materna de Mulheres Negras no Contexto do Sistema Único de Saúde (SUS).** Brail, 2023.

BRASIL, Ministério da Saúde. **Política Nacional de Saúde Integral da População Negra.** Brasil, 2009, v. 1. p. 5-6.

FRANCISCO. R. P. V. **A razão da mortalidade materna no Brasil aumentou 94% durante a pandemia.** Centro Departamento de Obstetrícia e Ginecologia da Faculdade de Medicina da USP, São Paulo, 2022.

JÚNIOR, R. A. O. F. **Mortalidade materna evitável enquanto injustiça social.** Revista Brasileira de Saúde Materno Infantil, Centro de Educação e Pesquisa em Saúde Anita Garibaldi. Instituto de Ensino e Pesquisa Alberto Santos Dumont, Recife, 2020.

OMS, Organização Mundial da Saúde. **Classificação Estatística Internacional de Doenças e Problemas Relacionados à Saúde**, 10ª Revisão. 2ª ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo; 1994.

IBGE, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Censo demográfico 1991: Características gerais da população e instrução.** Rio de Janeiro, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística; 1992.

DESAFIOS NO ACESSO À SAÚDE PARA MULHERES TRANS E URGÊNCIA DO COMBATE ÀS DOENÇAS MENTAIS

Livia Nantes de Souza¹; Ana Laura Inacio Oliveira¹; Ana Rosária de Castro Monteiro¹, Bianca Pereira Remedi¹; Gabriela Martins¹; Lais Gonçalves Martins¹; Maria Eduarda de Matos Bernades¹; Sofia Banzatto²

Discente do curso de medicina pela Universidade de Ribeirão Preto, campus Ribeirão Preto (UNAERP-RP), SP, Brasil¹, Departamento de Biotecnologia: Doutoranda em Biotecnologia Aplicada à Saúde na Universidade de Ribeirão Preto, campus Ribeirão Preto (UNAERP-RP), SP, Brasil. Departamento de Medicina: Docente do curso de medicina na Universidade de Ribeirão Preto, campus Ribeirão Preto (UNAERP-RP), SP, Brasil.²

livinhanantes@gmail.com

RESUMO

Introdução: Este trabalho aborda os desafios enfrentados pelas mulheres transexuais no acesso à saúde e a urgência no combate ao desenvolvimento de doenças mentais por elas. **Metodologia:** Realizou-se uma pesquisa qualitativa, de caráter exploratório, com base em artigos científicos, relatos de caso e revisões de literaturas, o que permitiu explorar determinadas questões que o método quantitativo não corresponderia. **Resultados e discussões:** Foi possível notar que a maioria das mulheres transexuais, além de realizarem a troca do nome social e iniciar a hormonoterapia, almejam a realização da redesignação, visto como um divisor para esse processo. Contudo, a discriminação e a falta de compreensão por parte dos profissionais de saúde, aliadas à escassez de serviços especializados e à ausência de políticas públicas adequadas, contribuem para barreiras significativas no acesso a cuidados médicos de qualidade. Além disso, temos a perpetuação de estigmas sociais e as experiências de marginalização contribuindo para taxas alarmantes de problemas de saúde mental nessa população. **Conclusão:** Neste contexto, são discutidas estratégias para promover a inclusão e a equidade no sistema de saúde, visando melhorar a qualidade de vida das mulheres transexuais e prevenir doenças mentais, destacando a importância de políticas inclusivas, serviços de saúde mental acessíveis e apoio comunitário.

Palavras-chave: transexualidade; acesso aos sistemas de saúde; saúde mental

1 INTRODUÇÃO

As mulheres trans enfrentam inúmeros desafios no acesso aos serviços de saúde, muitas vezes resultando em cuidados inadequados e discriminação. De acordo com a Organização Mundial da Saúde (OMS), "As populações trans são frequentemente sujeitas a discriminação estrutural, que impacta negativamente sua saúde física e mental" (OMS, 2015). Nesse sentido, a marginalização social e a estigmatização podem levar a barreiras significativas, incluindo a falta de profissionais de saúde capacitados e a ausência de políticas de saúde inclusivas.

Ademais, temos também que a prevalência de doenças mentais, como depressão e ansiedade, é desproporcionalmente alta entre as mulheres trans, exacerbada por experiências de violência e rejeição social (Budge *et al.*, 2013). Desta maneira, há urgente necessidade de um combate ao desenvolvimento de doenças mentais entre mulheres trans é clara, visto que essas condições não tratadas podem levar a consequências severas, incluindo o suicídio. A literatura mostra que "o suporte social adequado e o acesso a cuidados de saúde mental são cruciais para



reduzir o risco de suicídio entre pessoas trans" (Haas et al., 2014).

Portanto, este estudo visa analisar os desafios específicos que as mulheres trans enfrentam no acesso à saúde e destacar a urgência de intervenções eficazes para prevenir e tratar doenças mentais nessa população. A fim de concretizar sua cidadania e, conseqüentemente, melhorar a qualidade de vida dessas mulheres.

2 METODOLOGIA

A abordagem metodológica utilizada nesta revisão de literatura foi leitura de artigos científicos, obtidos por meio de pesquisa manual nas plataformas digitais Scientific Library Online (SciELO) e Google Acadêmico utilizando termos de busca como “acesso à saúde”, “transexuais” e “processo transexualizador” e “saúde mental” identificando 15 artigos, publicados no período de 2013 a 2023, dos quais foram selecionados oito para estudo. Nesse sentido, foram analisadas informações acerca do processo transexualizador de mulheres trans, os fatores que o influenciam e suas dificuldades que o permeiam. Foi utilizado o método qualitativo, de caráter exploratório, com base no material selecionado, o que permitiu explorar todas as faces do assunto, do campo social até o psíquico, que o método quantitativo não corresponderia.

3 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Os resultados da revisão literária destacam várias barreiras no acesso à saúde para mulheres transexuais. Entre eles, a falta de conhecimento e sensibilidade por parte dos profissionais de saúde sobre questões relacionadas à identidade de gênero, resultando em tratamento inadequado e discriminação. Além disso, a escassez de serviços especializados, como clínicas de saúde transgênero e profissionais treinados em cuidados sensíveis ao gênero, dificulta o acesso a cuidados de qualidade.

Diante disso, Petry (2015) destaca que as mulheres transgênero vivenciam uma variedade de emoções durante o processo de adaptação corporal, incluindo submissão, angústia e satisfação. Com isso, outro desafio significativo analisado foi a falta de cobertura de saúde para procedimentos relacionados à transição de gênero, como terapia hormonal e cirurgias. Muitos planos de saúde excluem esses procedimentos de sua cobertura, tornando-os inacessíveis para mulheres transexuais de baixa renda. Isso resulta em disparidades de saúde e limita o direito delas de viverem de acordo com sua identidade de gênero.

Outrossim, apontou-se que os transexuais enfrentam taxas desproporcionalmente altas de problemas de saúde mental em comparação com o restante da população. De acordo com Sampaio e Coelho (2012), a transexualidade apresenta não apenas aspectos psicológicos complexos, mas também traz novas demandas ao setor saúde, destacando a importância de abordagens integradas e sensíveis às necessidades dessa população. Em vista disso, há uma emergência no cuidado da saúde mental dessas pacientes, pois o preconceito e a falta de apoio social podem levar a transtornos de ansiedade, depressão, idealização suicida e outros problemas psicológicos. Também, evidencia-se que a violência de gênero e o trauma relacionado à rejeição familiar ou comunitária são fatores significativos que contribuem para o sofrimento psicológico dessa população. Pois, além de enfrentarem toda uma confusão de pensamentos ao se sentir pertencente de outro gênero, temos a rejeição da sociedade impactando seu psicológico.

Por último, identificamos que a falta de políticas públicas específicas para a saúde das pessoas transexuais contribui para a marginalização e exclusão dessa população nos sistemas de saúde. No estudo de Monteiro e Brigeiro (2019), são destacados os desafios enfrentados pelas mulheres trans/travestis ao tentar acessar os serviços de saúde, enfatizando a necessidade



de políticas mais inclusivas e sensíveis às suas demandas. Por isso, é fundamental que os formuladores de políticas reconheçam as necessidades únicas das mulheres transexuais e desenvolvam políticas inclusivas que garantam seu acesso a cuidados de saúde adequados. Isso inclui a criação de programas de apoio comunitário, o desenvolvimento de serviços de saúde mental acessíveis e inclusivos, a capacitação de profissionais de saúde na prestação de cuidados sensíveis ao gênero e a promoção de políticas antidiscriminatórias.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os desafios no acesso à saúde para mulheres transexuais são complexos e multifacetados, envolvendo questões de discriminação, falta de serviços especializados e políticas inadequadas. No entanto, existem oportunidades para melhorar esta situação, por meio da sensibilização e treinamento de profissionais de saúde, da expansão de serviços especializados e da formulação de políticas públicas inclusivas

Portanto, é imprescindível reavaliar o treinamento dos profissionais que atuam nos serviços de saúde, a fim de melhorar a experiência das mulheres trans no acesso a todos os níveis de assistência oferecidos, tornando-se de fato integral. Sendo essencial, também, que sejam adotadas medidas para promover o bem-estar psicológico das mulheres transexuais, incluindo a implementação de estratégias que fortaleçam os serviços de saúde mental e o apoio comunitário. Com intuito de criar um ambiente seguro e acolhedor, onde todas as pessoas possam viver autenticamente, e poderão verdadeiramente proteger a saúde mental e promover a igualdade para mulheres transexuais.

REFERÊNCIAS

PETRY, A. R. Transgender women and the Gender Reassignment Process: subjection experiences, suffering and pleasure in body adaptation. *Revista Gaúcha de Enfermagem* [online], Porto Alegre, v. 36, n. 2, pp. 70-75, 2015. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1983-1447.2015.02.50158>. Acesso em: 21 de maio 2024.

SAMPAIO, Liliana Lopes Pedral; COELHO, Maria Thereza Ávila Dantas. Transexualidade: aspectos psicológicos e novas demandas ao setor saúde. *Interface - Comunicação, Saúde, Educação* [online], Botucatu, v. 16, n. 42, pp. 637-649, 2012. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1414-32832012000300005>. Acesso em: 21 de maio 2024.

LOBO, Bernardo Haylan de Souza do Carmo et al. Transphobia as a social disease: discourses of vulnerabilities in trans men and transmasculine people. *Revista Brasileira de Enfermagem* [online], 2023, v. 76, n. Suppl 2. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/0034-7167-2022-0183>. Acesso em: 21 maio 2024.

Organização Mundial da Saúde (OMS)*. (2015). Transgenderpeopleand HIV. Disponível em: <https://www.who.int/hiv/topics/transgender/en/>. Acesso em: 21 de maio de 2024.

BUDGE, S. L.; ADELSON, J. L.; HOWARD, K. A. S. Anxiety and depression in transgender individuals: The roles of transition status, loss, social support, and coping. *Journal of Consulting and Clinical Psychology*, v. 81, n. 3, p. 545-557, 2013. Disponível em: <https://psycnet.apa.org/doi/10.1037/a0031774>. Acesso em: 22 de maio 2024.

HAAS, A. P., Rodgers, P. L., & Herman, J. L.* (2014). Suicide

attempts among transgender and gender non-conforming adults: Findings of the National Transgender Discrimination Survey. American Foundation for Suicide Prevention and the Williams Institute. Disponível em: [<https://williamsinstitute.law.ucla.edu/publications/suicide-attempts-trans-adults/>]. Acesso em: 15 de maio 2024.

MONTEIRO, Simone; BRIGEIRO, Mauro. Experiências de acesso de mulheres trans/travestis aos serviços de saúde: avanços, limites e tensões. Cadernos de Saúde Pública [online], Rio de Janeiro, v. 35, n. 4, e00111318, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/0102-311X00111318>. Acesso em: 26 maio 2024.

OLIVEIRA, Itauane de; ROMANINI, Moises. (Re)escrevendo roteiros (in)visíveis: a trajetória de mulheres transgênero nas políticas públicas de saúde. Saúde e Sociedade [online], v. 29, n. 1, e170961, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0104-12902020170961>. Acesso em: 26 maio 2024.



**RELEVÂNCIA DA RADIOLOGIA NO DIAGNÓSTICO E CONDUTA DA
OSTEOPOROSE EM MULHERES EM MENOPAUSA OU COM DÉFICIT DE
ESTROGÊNIO.**

José Gabriel Silva Carvalho¹; Bruna Rafaela de Oliveira Paiva¹; Diógenes de Souza Pontes Júnior¹; Marcos André Pedro da Silva¹; Maria Clara Santos Gomes¹; Pedro Gabriel Martins Vieira¹; Rebeca Penha Gujanski¹, Amanda Soares de Vasconcelos².

Graduando em medicina pela Universidade Federal de Pernambuco¹. Professora doutora pela Universidade Federal de Pernambuco².

josegabriel.carvalho@ufpe.br

RESUMO

Compreender a saúde da mulher como um fenômeno multifacetado é imprescindível na prática médica da atualidade. Nesse âmbito policromático, os riscos na saúde da mulher associados à menopausa e ao déficit de estrogênio são pautas importantes no meio científico-acadêmico, trazendo à tona uma patologia bastante associada e comumente discutida em consonância com o fenômeno hormonal supracitado: a osteoporose. Dessa forma, tendo em vista o âmbito multifatorial dessa relação, a radiologia se configura como uma área promissora com grande potencial de auxílio na prevenção, diagnóstico e conduta dos casos de osteoporose. Assim, este trabalho busca fazer uma revisão de literatura, sobre a relevância dos exames radiológicos, em mulheres em menopausa, no diagnóstico e tratamento da osteoporose.

Palavras-chave: radiologia; menopausa; osteoporose.

1. INTRODUÇÃO

A osteoporose é uma condição comum que deteriora o tecido ósseo, aumentando o risco de fraturas leves. Devido ao papel do estrogênio na densidade óssea, as mulheres, especialmente na pós-menopausa, têm um maior risco de fraturas, pois seus níveis de estrogênio caem drasticamente. Recomendações incluem promover um estilo de vida saudável e melhorar o acesso a exames de rastreio, como tomografias computadorizadas (pQCT) e absorciometria de raios X de dupla energia (DXA), para diagnóstico e mapeamento da osteoporose. Estudos sugerem que mulheres na pós-menopausa, incluindo as mais jovens e as em transição, façam testes de densidade mineral óssea (DMO), considerando também fatores de risco como tabagismo e obesidade. Dessa forma, esta revisão de literatura explora os potenciais tecnológicos da incorporação dos exames radiológicos no diagnóstico e tratamento da osteoporose em mulheres em menopausa ou com níveis diminuídos de estrogênio.

2. METODOLOGIA

Este trabalho foi desenvolvido a partir do mapeamento e da revisão de literatura científica nas plataformas BVS e PubMed. Nestas plataformas, foi utilizada a chave de busca: "diagnosis" AND "x-ray" AND "estrogen" AND "menopause" AND "osteoporosis" AND "women". A partir disto, foram utilizados os filtros: texto completo disponível na íntegra e estudos publicados nos últimos 5 anos (2019 a 2024) como critérios de inclusão. Foram excluídos revisões de literatura, artigos de opinião, teses e dissertações. Além disso, também foram excluídos artigos que após a análise do título e do resumo constatou-se que não se

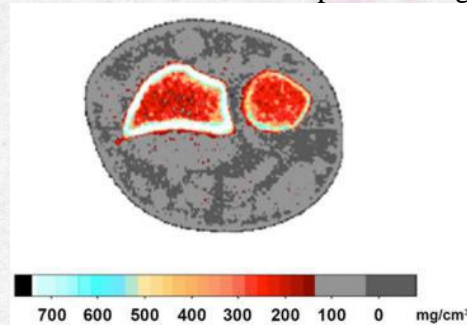


enquadraram com a temática proposta. Por fim, após a aplicação dos critérios de inclusão e exclusão, 9 (nove) artigos foram selecionados para compor esta revisão.

3. RESULTADOS E DISCUSSÕES

Diversas investigações têm explorado a administração controlada de estrogênio em mulheres pós-menopáusicas, com o intuito de restabelecer seus níveis hormonais pré-menopausa, visando avaliar seu impacto na densidade óssea e, conseqüentemente, na incidência de fraturas. A utilização da tomografia computadorizada quantitativa periférica tem se destacado como uma ferramenta valiosa nesse contexto, permitindo a análise da densidade óssea em distintas regiões corporais das pacientes. Em particular, em virtude de a fratura radial ser uma ocorrência comum, a densidade óssea tem sido investigada primordialmente no antebraço, apresentando resultados promissores para o escopo do estudo (Jacke *et al*, 2020). Um exemplo da aplicação deste cenário supracitado pode ser visto a seguir, em que é possível observar a densidade mineral óssea (em mg/cm^3) do rádio num corte axial, onde a escala de cor simboliza a densidade no local específico do corte.

Figura 1: Análise da Densidade Mineral Óssea pela Tomografia Computadorizada.



Fonte: Jacke *et al* (2020).

Além disso, é evidente a relevância da radiologia no contexto da validação e aprofundamento de premissas fisiológicas estabelecidas. Apesar do entendimento existente sobre a associação entre estrogênio e fraturas na literatura científica, há uma demanda por investigações adicionais para elucidar essas relações de maneira mais abrangente. Uma abordagem para analisar essa questão foi empregando a técnica de Absorciometria Radiológica de Dupla Energia (DXA), num estudo que analisou as características das mulheres pós-menopáusicas. Aquelas cuja menarca ocorreu em idades igual ou superior a 16 anos, apresentando densidade mineral óssea (DMO) significativamente inferior na região lombar em comparação àquelas cujas menarcas ocorreu aos 12 anos de idade ou menos. Conseqüentemente, os resultados deste estudo sugerem que mulheres pós-menopáusicas com menarca tardia podem estar mais suscetíveis a fraturas osteoporóticas lombares e, portanto, necessitam de intervenções médicas voltadas para a melhoria da qualidade óssea (Yang; Wang; Cong, 2023).

Ainda na região lombar, outros estudos também utilizaram a técnica DXA para analisar, como o tabagismo pode impactar nos níveis de densidade mineral óssea em mulheres na menopausa. O estudo aponta, também com o auxílio da medição do PTH (hormônio paratormônio) sérico, que fumar pode afetar indiretamente a saúde óssea porque os hábitos de fumar tendem a coexistir com outros hábitos de risco, como a atividade física limitada ou consumo excessivo de álcool. A dosagem deste hormônio foi importante pelo seu papel na reabsorção de cálcio do osso para o sangue, sendo um bom indicador da saúde óssea do indivíduo. De acordo com essa hipótese supracitada, o tabagismo pode promover uma série de



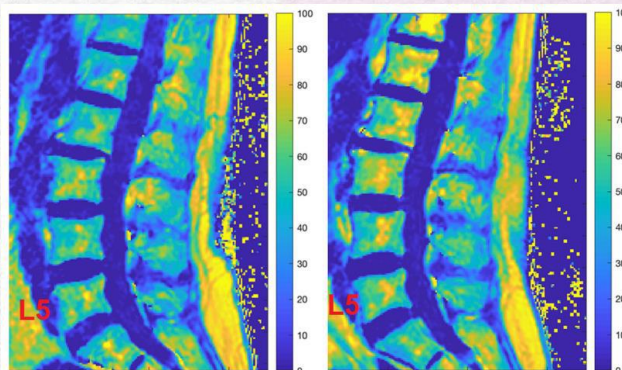
complicações (como a Doença Renal Crônica), também promovendo um maior risco de fraturas pelo desequilíbrio da produção da forma ativa da vitamina D (25-hidroxicálciferol) (Trevisan *et al*, 2020). Para a prevenção destes distúrbios no sistema ósseo, a reposição hormonal com estrógeno e progesterona também foi analisada por comparativos de imagem radiográficas pelo método da DXA, demonstrando sua importância também no âmbito farmacológico (Zhu *et al*, 2019)

Outro método aplicável da DXA, foi a análise da densidade mineral óssea em pacientes com Síndrome de Turner. Observou-se que a perda de massa mineral óssea relacionada à idade ocorreu mais cedo em mulheres portadoras da síndrome do que em mulheres saudáveis ou em mulheres na pré-menopausa, descritas em outros estudos de coorte, sugerindo que esta perda foi acelerada pela desordem (Itonaga *et al*, 2020).

Outra metodologia promissora foi a medida da densidade mineral na mandíbula de pacientes antes e depois da menopausa a partir da Cone Beam Computed Tomography (Levit *et al*, 2024). Foi analisado o corpo ósseo mandibular de diversas pacientes, contribuindo na consolidação do conhecimento de que as mulheres na pós-menopausa apresentam uma diminuição estatisticamente significativa do volume ósseo do côndilo mandibular, maior separação trabecular e menor número trabecular em comparação com mulheres na pré-menopausa.

Além dos quadros supracitados, mais uma condição que foi estudada a partir da radiologia para a análise da massa óssea na saúde da mulher foram os casos de câncer de mama. Tendo em vista a alteração na composição água-gordura da medula óssea em casos de osteoporose, a Ressonância Magnética com Chemical Shift Encoding-based Water-Fat MRI (Magnetic Resonance Imaging) consegue auxiliar na análise deste padrão. Em pacientes que sofrem da patologia supracitada, é comum a utilização de terapia com Inibidores de Aromatase, o que causa uma diminuição no processo de conversão de testosterona em estrogênio, promovendo um maior risco de fraturas (Dieckmeyer *et al*, 2019). O uso destas imagens pode ser exemplificado abaixo, o qual é possível analisar a atuação dos inibidores de aromatase na fração gordurosa da densidade óssea da coluna lombar (escala policromática indicando a densidade em questão).

Figura 2: Ressonância Magnética na análise da composição bioquímica da lombar.



Fonte: Dieckmeyer *et al* (2019).

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os exames de imagem desempenham um papel importante na avaliação da eficácia terapêutica e na validação de premissas fisiológicas na osteoporose e outras condições relacionadas à saúde óssea na mulher. Estudos recentes destacam a importância da Tomografia Computadorizada Quantitativa Periférica e da DXA na análise da densidade mineral óssea em



diferentes regiões do corpo. Além disso, descobertas sobre a relação entre osteoporose, estrogênio, tabagismo, síndromes como a de Turner e o câncer de mama foram possíveis graças às técnicas radiológicas avançadas, fornecendo dados substanciados para o desenvolvimento de intervenções médicas e farmacológicas direcionadas. A integração contínua da radiologia na pesquisa e prática clínica é essencial para avançar na compreensão e manejo dessas condições que afetam a saúde óssea da mulher, e este debate precisa ser fomentado no âmbito acadêmico, a fim de que novas propostas da radiologia sejam aplicadas na prevenção e promoção de saúde.

REFERÊNCIAS

JÄCKLE, K. et al. Analysis of low-dose estrogen on callus BMD as measured by pQCT in postmenopausal women. **BMC Musculoskeletal Disorders**, v. 21, p. 1-10, 2020.

YANG, Yimei; WANG, Shanshan; CONG, Hui. Association between age at menarche and bone mineral density in postmenopausal women. **Journal of Orthopaedic Surgery and Research**, v. 18, n. 1, p. 51, 2023.

LEVIT, Michael et al. Menopause-Associated Changes in Mandibular Bone Microarchitecture Are Site-Specific. **Journal of Oral and Maxillofacial Surgery**, 2024.

ITONAGA, Tomoyo et al. A retrospective multicenter study of bone mineral density in adolescents and adults with Turner syndrome in Japan. **Endocrine Journal**, v. 67, n. 10, p. 1023-1028, 2020.

TREVISAN, Caterina et al. The impact of smoking on bone metabolism, bone mineral density and vertebral fractures in postmenopausal women. **Journal of Clinical Densitometry**, v. 23, n. 3, p. 381-389, 2020.

DIECKMEYER, Michael et al. Vertebral bone marrow fat fraction changes in postmenopausal women with breast cancer receiving combined aromatase inhibitor and bisphosphonate therapy. **BMC Musculoskeletal Disorders**, v. 20, p. 1-7, 2019.

SAOJI, Rucha et al. Estrogen receptor α and β gene polymorphism in relation to bone mineral density and lipid profile in Northeast Indian women. **Gene**, v. 710, p. 202-209, 2019.

STANCZYK, Frank Z.; CLARKE, Nigel J. Measurement of estradiol—challenges ahead. **The Journal of Clinical Endocrinology & Metabolism**, v. 99, n. 1, p. 56-58, 2014.

ZHU, Shi-Yang et al. Bone protection for early menopausal women in China: standard or half-dose estrogen with progestin? A one-year prospective randomized trial. **Gynecological Endocrinology**, v. 35, n. 2, p. 165-169, 2019.

REEVES, Katherine W. et al. Urinary phthalate biomarkers and bone mineral density in postmenopausal women. **The Journal of Clinical Endocrinology & Metabolism**, v. 106, n. 7, p. e2567-e2579, 2021.

A MENOPAUSA E SEU IMPACTO SEXUAL EM IDOSAS UMA REVISÃO DE LITERATURA

Eduarda Eguchi de Andrade Souza¹ Aline Barreto Hora²

¹Graduanda em Medicina, Universidade Tiradentes, Aracaju. Sergipe

²Enfermeira, Mestra em Saúde e Ambiente, Universidade Tiradentes, Aracaju. Sergipe

eduarda.eguchi@souunit.com.br

RESUMO

A menopausa é definida como a ausência de menstruação por um período de 12 meses consecutivos, sem outra causa patológica ou fisiológica subjacente. Este fenômeno é uma mudança fisiológica natural no organismo feminino, acompanhada por alterações biológicas, clínicas e psicológicas, decorrentes da perda sustentada da atividade folicular ovariana e do consequente declínio hormonal. No entanto, devido à falta de conhecimento, a menopausa muitas vezes é tratada como uma condição patológica e estigmatizada entre as mulheres. Um dos aspectos significativamente afetados durante esta fase é a sexualidade feminina, que erroneamente é percebida pela sociedade como inexistente. Este artigo visa explorar a menopausa e seu impacto nas relações sexuais, bem como nos aspectos físicos e psicológicos, oferecendo uma compreensão mais aprofundada e correta dessa etapa da vida da mulher.

Palavras-chave: Menopausa; Saúde da mulher; Sexualidade.

1 INTRODUÇÃO

A menopausa é a ausência da menstruação por um período de 12 meses consecutivos sem outra causa patológica ou fisiológica, sendo muitas vezes confundida com o climatério, o qual por sua vez é a transição da fase reprodutiva para a não reprodutiva da vida de uma mulher. Dessa forma, a menopausa representa um marco do climatério, ocorrendo em média aos 50 anos, podendo acometer de forma precoce ou tardia, a depender de inúmeros fatores (FERREIRA et al., 2024).

Essa mudança é fisiológica do organismo feminino, sendo acompanhada com alterações biológicas, clínicas e psicológicas, devido à perda sustentada da atividade folicular ovariana e por consequência o declínio hormonal (SILVA et al., 2020).

No entanto, por falta de conhecimento sobre tal acaba sendo tratada como algo patológico e estigmatizado nas mulheres acometidas, na maioria dos casos, uma vez que o padrão imposto pela sociedade contemporânea, a “produtividade” e beleza feminina, abre brechas para a negação da menopausa (GUERRA, 2017).

Nessa fase fisiológica do organismo feminino, os sinais e sintomas mais comuns incluem sintomas vasomotores; distúrbios de sono; aspectos psicológicos como ansiedade e acometimentos sexuais. Dentre os acometimentos sexuais a diminuição da lubrificação e a dispareunia, mas não necessariamente o desejo sexual. Um dos maiores mitos presentes no envelhecimento é que com ele vem a assexualidade das mulheres, apesar de haver uma dificuldade por aspectos físicos e psicológicos, a sexualidade é um pilar para boa qualidade de vida, sendo vista não apenas como ato sexual, mas como sensualidade, respeito e carinho. Assim, deve estar presente em qualquer ciclo da vida (SILVA et al., 2020).

A propagação da ideia arcaica de papel de gênero onde a mulher é atrelada a reprodução da espécie e a maternidade afeta a sexualidade feminina no climatério, inibindo a



busca por soluções e esclarecimentos como retomar essa parte da vida, seja por vergonha seja por tabu imposto pela sociedade patriarcal (GUERRA, 2017).

2 METODOLOGIA

A revisão narrativa da literatura foi realizada a partir de uma busca criteriosa de artigos científicos sobre o tema em português e inglês, utilizando os descritores “menopausa” e “sexualidade”, utilizado o operador booleano AND entre os termos. As bases de dados consultadas incluíram a Biblioteca Virtual em Saúde (BVS), SciELO e Google Scholar. Foram selecionados estudos relevantes que abordassem os diversos aspectos da menopausa e seu impacto na sexualidade feminina, assegurando uma análise abrangente e fundamentada das evidências disponíveis.

Os critérios de inclusão para a seleção dos artigos foram: (1) publicações em português ou inglês; (2) estudos que abordassem a menopausa e seu impacto na sexualidade feminina; (3) artigos publicados entre 2010 e 2023; e (4) estudos disponíveis na íntegra.

Os critérios de exclusão foram: (1) publicações que não fossem artigos científicos, como resenhas de livros, editoriais e cartas ao editor; (2) estudos que não abordassem diretamente a relação entre menopausa e sexualidade; (3) artigos duplicados nas bases de dados; e (4) pesquisas que não estivessem disponíveis na íntegra ou que não apresentassem dados metodológicos claros.

3 RESULTADOS E DISCUSSÕES

- A menopausa: conceitos, sinais e sintomas.

A menopausa é um episódio pontual que pertence ao climatério durante o ciclo vital do organismo feminino que deve estar presente em todas as mulheres saudáveis. Muitas vezes sendo considerada sinônimo de climatério, erroneamente, uma vez que este é a transição da fase reprodutiva para a não reprodutiva (FERREIRA et al., 2024).

A menopausa acontece em média dos 40 a 60 anos de idade, sendo a interrupção fisiológica dos ciclos menstruais confirmada após 12 meses consecutivos, sem outra causa patológica ou fisiológica, devido o fim da secreção hormonal dos ovários. Pode ser considerada precoce, quando ocorre antes dos 40 anos, ou tardia, após 55 anos (FERREIRA et al., 2024).

Não se trata somente de uma mudança química, mas sim física e psicológica e por ser de forma tão abrupta a população que a enfrenta, muitas vezes, não sabem lidar com essas alterações, seja por desconhecer esse fenômeno fisiológico, seja pela falta de apoio ao chegar nessa etapa da vida. Assim, o padrão de beleza e “produtividade” valorizados pela sociedade patriarcal leva a mulher a negar essa fase da vida, gerando baixa autoestima e isolamento social (SILVA et al., 2020).

Alguns sintomas físicos, comumente presentes, nessa fase são causadas pela inibição da produção de estrogênio pelos ovários, como as sensações de calor, insônia e fadiga, disfunção urinária, secura vaginal, menor excitação sexual, lubrificação inadequada e até dor no ato sexual, instabilidade emocional. Infelizmente, acaba sendo visto com constrangimento pela influência de tabus relacionados (SILVA et al., 2020).

- A sexualidade na menopausa

A sexualidade não se limita às relações sexuais abrangendo gestos, atitudes e interações. Tal qual está presente em todos os ciclos da vida, sendo restabelecida a partir de



influências sociais e culturais, apresentando particularidades em cada etapa da vida. Um grande mito é limitar a sexualidade a função reprodutiva, implicando que mulheres no climatério não sentem desejo (GUERRA, 2017).

No contexto social em que os idosos foram inseridos ao longo da vida, a sexualidade feminina foi fortemente atrelada à procriação. Essa visão limitada influenciou negativamente a imagem da menopausa na sociedade, perpetuando estigmas e preconceitos. A menopausa é frequentemente percebida não apenas como um marco fisiológico, mas como um sinal de perda de feminilidade e capacidade reprodutiva. Consequentemente, isso afeta não só a autopercepção da mulher, mas também a forma como seu parceiro (a) a vê, aceita e lida com essa fase da vida feminina (SILVA et al., 2022).

A resposta sexual durante a menopausa torna-se mais lenta devido ao hipostrogenismo e às mudanças corporais, que podem levar a dificuldades na relação sexual. Entre essas dificuldades, destacam-se a dispareunia (dor durante a relação sexual) e a diminuição da lubrificação vaginal. Estas são consequências diretas da atrofia do epitélio vaginal, que se torna mais fino e menos elástico com o envelhecimento e a mudança hormonal (SILVA et al., 2020).

Além disso, o hipostrogenismo pode causar uma série de outros sintomas que influenciam a sexualidade feminina, incluindo a redução do desejo sexual, alterações no humor e uma menor resposta sexual geral. A secura vaginal, resultante da redução da produção de estrogênio, agrava o desconforto durante a relação sexual, levando muitas mulheres a evitarem a intimidade (SILVA et al., 2022). Esses fatores, combinados com o impacto psicológico das mudanças corporais e o estigma social, podem contribuir para um ciclo de baixa autoestima e frustração sexual.

- O papel da atenção básica

Existem inúmeras políticas públicas voltadas para a saúde da mulher, abrangendo áreas como pré-natal, parto, puerpério e câncer. No entanto, o período do climatério ainda não recebe a atenção necessária na atenção básica de saúde. Essa lacuna é particularmente preocupante, pois a menopausa e o envelhecimento representam fases críticas que exigem suporte específico e informado.

A inclusão ativa da menopausa nas políticas públicas de saúde permitiria uma abordagem mais holística da saúde feminina. Profissionais de saúde precisam estar preparados para abordar o climatério e a menopausa de maneira abrangente, oferecendo informações e suporte necessários para que as mulheres compreendam melhor seu corpo e as mudanças que ocorrem durante essa fase (DELBEM et al., 2014). A educação e a orientação adequadas podem capacitar as mulheres a lidarem com essas alterações de forma a minimizar o desconforto e melhorar sua qualidade de vida.

Além disso, é essencial desestigmatizar a sexualidade durante a menopausa, uma questão que raramente é abordada nas unidades de saúde do país, tanto por profissionais quanto pelas mulheres, as quais não relatam suas queixas por insegurança e medo de discutirem suas dúvidas (SILVA et al., 2022).

Ademais, é crucial que as políticas públicas incentivem a formação contínua dos profissionais de saúde, garantindo que eles estejam atualizados sobre as melhores práticas e tratamentos disponíveis para gerenciar os sintomas da menopausa. Dessa forma, profissionais da saúde, nas consultas diárias com esse público alvo, devem abordar esclarecimentos e estímulos que podem contribuir para uma melhor qualidade de vida. Outrossim, é o apoio da rede familiar e de amigos proporcionando uma escuta livre de julgamentos e suporte em momentos de dificuldade (KANTOVISKI; VARGENS, 2010).

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em suma, a revisão destaca a complexidade da sexualidade durante a menopausa e os múltiplos fatores envolvidos, incluindo preconceitos e tabus relacionados ao sexo na mulher idosa. No entanto, ainda são escassas as ações educacionais sobre esse tema tão relevante na sociedade brasileira. Portanto, é necessário um investimento contínuo em pesquisa, programas educacionais e iniciativas de conscientização para auxiliar as mulheres a se adaptarem melhor às mudanças fisiológicas do corpo, visando promover uma melhor qualidade de vida.

REFERÊNCIAS

DELBEM, Aline Cláudia Bertoni; FERNANDES, Aline; SCHIAVO, Renata de Aquino Castro; NOGUEIRA, Andressa Aparecida; POLL, Marlei. Função sexual e fatores associados à disfunção sexual em mulheres no climatério. **Revista Brasileira de Ginecologia e Obstetrícia**, v. 36, n. 4, p. 183-189, 2014. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0100-720320140004985>. Acesso em: 22 maio 2024.

FERNANDES, A. F. C.; SOARES, G. M. P.; SOBREIRA, T. T. O significado da menopausa e os fatores que interferem no relacionamento sexual da mulher. **Revista Brasileira de Enfermagem**, v. 48, n. 4, p. 415-422, 1995.

FERREIRA, V. N.; CHINELATO, R. S. de C.; CASTRO, M. R.; FERREIRA, M. E. C. Menopausa: Marco biopsicossocial do envelhecimento feminino [ou Menopause: Biopsychosocial landmark of female aging]. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/psoc/a/Wb8Js5hSLSnXVJ4LkqBCvLt/?format=pdf>. Acesso em: 07 de maio de 2024.

GUERRA, Juliana de Farias Pessoa. Repercussões da Menopausa para a Sexualidade de Idosas: Revisão Integrativa da Literatura. **Revista de Enfermagem da UFPE**, 2017. DOI: 10.25248/reas.e3413.2020.

KANTOVISKI, A. L. L.; VARGENS, O. M. da C. O cuidado à mulher que vivencia a menopausa sob a perspectiva da desmedicalização. **Faculdade de Enfermagem da Universidade do Estado do Rio de Janeiro**, 2010. DOI: 10.5216/ree.v12i3.7589.

SILVA, Glauciane Rego Rodrigues da; ACÁCIO, Juliana Santos da Silva; SILVA, Alexandre Marques Paes da; SANTOS, Livia Fajin de Mello dos; FERREIRA, Dennis de Carvalho. Aspectos que influenciam a vivência da sexualidade pela mulher climatérica. **Revista de Ciências da Saúde da UNIGRANRIO**, v. 12, n. 1, p. 1-14, 2022. Disponível em: <https://publicacoes.unigranrio.edu.br/index.php/rcs/article/view/6243/3537>. Acesso em: 22 maio 2024.

SILVA, J. M. R. et al. Avaliação da função sexual de mulheres na menopausa. **Revista Brasileira de Ginecologia e Obstetrícia**, v. 42, n. 3, p. 112-119, 2022.



OS IMPACTOS DA SÍNDROME DE OVÁRIOS POLICÍSTICOS NO DESENVOLVIMENTO DE ANEMIA FERROPRIVA EM MULHERES

Rebeca Penha Gujanski¹; Maria Clara Santos Gomes¹; José Gabriel Silva Carvalho¹; Marcos André Pedro da Silva¹; Bruna Rafaela de Oliveira Paiva¹; Diógenes de Souza Pontes Júnior¹; Pedro Gabriel Martins Vieira¹; Nara Miranda Portela²

Discente do curso de Medicina, Núcleo de Ciências da Vida, Centro Acadêmico do Agreste, Universidade Federal de Pernambuco, Caruaru-PE¹

Docente do curso de Medicina, Núcleo de Ciências da Vida, Centro Acadêmico do Agreste, Universidade Federal de Pernambuco, Caruaru-PE²

rebeca.gujanski@ufpe.br

RESUMO

A síndrome dos ovários policísticos (SOP) é uma condição endócrina e metabólica prevalente em mulheres ao redor do mundo, afetando significativamente a qualidade de vida da paciente por estar intimamente ligado a uma série de sintomas, incluindo acne, resistência à insulina, obesidade e complicações cardiovasculares. Além disso, a SOP está associada a irregularidades menstruais, como sangramento uterino anormal, e pode desencadear desequilíbrios relacionados aos níveis de ferro e ferritina, agravando o quadro clínico. O sangramento menstrual intenso, característico da SOP, eleva o risco de anemia por deficiência de ferro, enquanto os níveis elevados de estrogênio podem contribuir para a ruptura do revestimento endometrial, exacerbando a anemia. Estudos também indicam uma relação entre altos níveis de ferritina e resistência à insulina, dificultando a absorção de ferro. A obesidade, frequentemente observada na SOP, pode agravar a anemia ao aumentar os níveis de hepcidina e citocinas. Portanto, é crucial que os profissionais de saúde considerem a anemia por deficiência de ferro como uma consequência do sangramento relacionado à SOP, buscando abordagens individualizadas para o seu tratamento. Esta revisão integrativa possui como base a análise de trabalhos da plataforma PubMed, reunindo temas da literatura científica como a SOP e a relação com a anemia ferropriva.

Palavras-chave: síndrome do ovário policístico; anemia ferropriva; sangramento uterino anormal;

1 INTRODUÇÃO

A síndrome de ovários policísticos (SOP), conhecida por afetar milhares de mulheres ao redor do mundo, é um distúrbio endócrino e metabólico intimamente ligado à ovulação, causando um desequilíbrio no ciclo menstrual que acompanha sintomas como acne, resistência à insulina, obesidade, diabetes e doenças cardiovasculares (Al-Akabie, Hafth, 2023). Nesta perspectiva, a desproporção de produção de andrógenos ligados à SOP também influencia em cenários de sangramento anormal uterino, haja vista que a síndrome de ovários policísticos é comprovadamente responsável por internações devido a distúrbios hemorrágicos (Elmaogullari, Aycan, 2018). Além de provocar diretamente modificações metabólicas drásticas na vida de pacientes, a SOP também está relacionada a baixos níveis de ferro e altas taxas séricas de ferritina. Assim, a persistência de um quadro inflamatório recorrente e de um sangramento anormal podem também gerar deficiências vitamínicas e consequências negativas para a qualidade de vida da paciente (Aycan *et al.*, 2023).



Neste sentido, torna-se necessária a exploração de possibilidades como o desenvolvimento de anemias ferroprivas em pacientes com SOP, haja vista que a menorragia, intimamente ligada ao desequilíbrio menstrual advindo do quadro endócrino da SOP, aumenta as chances do desenvolvimento de deficiência de ferro em mulheres (BITZER, Johannes *et al.* 2014). Assim, esta revisão integrativa busca entender e analisar a extensão desse processo no aspecto fisiológico e patológico, entendendo como a anemia ferropriva pode ser associada ao quadro clínico inicial das pacientes, estimulando que este assunto seja melhor instigado e fomentado em ambientes acadêmicos e de amplo debate clínico.

2 METODOLOGIA

Esta revisão integrativa possui como questionamento principal o modo que a síndrome do ovário policístico impacta o desenvolvimento da anemia ferropriva em mulheres, e teve como base a busca da literatura científica na plataforma PubMed, através da chave de busca “Polycystic Ovary Syndrome” AND “Uterine Bleeding” AND Anemia, incluindo Descritores em Ciências da Saúde “Síndrome de Ovários Policísticos”, “Sangramento Uterino”, “Anemia ferropriva”. Nesse sentido, para uma busca mais focada na temática, a chave foi procurada no texto completo de artigos dos últimos 10 anos (2014 a 2024), incluindo somente trabalhos que abordassem a temática apresentada. Além disso, foram excluídos artigos de opinião ou artigos que não citavam a síndrome de ovários policísticos, bem como outros termos desta revisão. Após a análise completa acerca da proposta de cada artigo encontrado, foram selecionados 6 artigos para a realização desta revisão integrativa.

3 RESULTADOS E DISCUSSÕES

A partir da leitura da literatura científica, percebe-se que a SOP pode ser responsável por elevar os níveis de estrogênio no sangue, o que pode ocasionar a ruptura do revestimento endometrial, aumentando os riscos de anemia (BITZER, Johannes *et al.* 2014). Além disso, com base em Maslyankaya *et al.* (2017), a SOP está intrinsecamente ligada ao quadro de sangramento anormal uterino. Entretanto, alguns outros achados são fundamentais para compreender que essa relação vai além do processo fisiológico de perda de sangue, possuindo como base também a apresentação de estudos que relatam uma associação entre níveis elevados de ferritina e a resistência à insulina, comumente causada pela SOP.

Ainda, de acordo com Al-Akabi, Hafth (2023), a baixa hepcidina, hormônio produzido pelo fígado e responsável pela absorção do ferro no organismo, surge como um obstáculo para a manutenção dos níveis estáveis de ferro no intestino. Ademais, distúrbios variados desse hormônio peptídico podem contribuir para a obtenção de níveis anormais de ferro no sangue, afirmando a existência de um desequilíbrio da regulação dos níveis de ferro em pacientes com SOP. Por fim, há também a relação acerca da contribuição da obesidade como parte do quadro clínico da SOP para a diminuição dos níveis de ferro sérico, aumentando hepcidina e citocinas, tornando a anemia um fator de risco para o desenvolvimento de outras doenças, evidenciando uma correlação entre a anemia e fatores endócrinos e hormonais da SOP (Al-Akabi, Hafth, 2023).

Nesse sentido, de acordo com Tan, Voon e Ngeh (2018), é necessário que ginecologistas também considerem a anemia ferropriva severa como uma condição secundária a perda de sangue advinda da SOP, necessitando de uma abordagem que inclua as consequências fisiológicas de ambos quadros clínicos.

Nessa perspectiva, torna-se importante também destacar, com base Maslyankaya *et al.* (2017), a relação intrínseca entre períodos menstruais prolongados e irregulares e a fadiga, tornando-se essa uma manifestação da anemia secundária à menorragia como uma condição



subjacente de SOP. Ademais, estudos afirmam que, compreendendo o impacto clínico da perda crônica de sangue, associado à anemia quando excede ≥ 80 mL, é crucial considerar essa interação no manejo da SOP (Elmaogullari, Aycan, 2018).

Dessa forma, entende-se que a SOP - juntamente com a obesidade e a diabetes - não somente pode aumentar os níveis de estrogênio, como também é capaz de provocar a ruptura do revestimento endometrial, o que eleva o risco de anemia. Além disso, há uma ligação entre SOP, resistência à insulina e níveis altos de ferritina, o que atrapalha a absorção de ferro devido a mudanças na hepcidina. Assim, compreende-se que um manejo adequado para proporcionar estabilidade hemodinâmica se torna essencial no contexto de pacientes que apresentam anemia ferropriva por SOP, incluindo abordagens de tratamento hormonais e suplementação de ferro. Segundo Elmaogullari e Aycan (2018), tais opções dependerão da gravidade da anemia, podendo incluir contraceptivos orais combinados, progesterona, antiinflamatórios não esteroidais, antifibrinolíticos, desmopressina e análogos do hormônio liberador de gonadotrofina.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise da literatura científica revela uma complexa interconexão entre a SOP e a anemia, indo além das manifestações clínicas evidentes como a hemorragia uterina. A relação dessas condições parte do princípio da desregulação endócrina e metabólica associada ao risco de sangramento uterino anormal e desregulação dos níveis de ferritina e ferro no organismo. Logo, a interação entre altos níveis de ferritina, baixos níveis de hepcidina e resistência à insulina dificultam ainda mais a absorção de ferro no intestino delgado, tornando a anemia ferropriva um desafio adicional no contexto da SOP. Além disso, a presença de obesidade, comum nesses pacientes, intensifica esse quadro, aumentando os níveis de hepcidina e citocinas, o que pode contribuir para o desenvolvimento de outras doenças como distúrbios inflamatórios e autoimunes, doença renal crônica e resistência à insulina. Diante disso, é crucial que os ginecologistas reconheçam a anemia severa como uma complicação secundária ao sangramento associado à SOP, necessitando de estratégias de tratamento integradas à realidade de cada paciente, adotando abordagens terapêuticas que incluam, não apenas, os sintomas visíveis, mas também as complexas interações hormonais e metabólicas subjacentes.

REFERÊNCIAS

ELMAOĞULLARI, Selin; AYCAN, Zehra. Abnormal uterine bleeding in adolescents. **Journal of clinical research in pediatric endocrinology**, v. 10, n. 3, p. 191, 2018. Disponível em: <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC6083466/>. Acesso em: 24 abr. 2024.

MASLYANSKAYA, Sofya et al. Polycystic ovary syndrome: an under-recognized cause of abnormal uterine bleeding in adolescents admitted to a children's hospital. **Journal of pediatric and adolescent gynecology**, v. 30, n. 3, p. 349-355, 2017. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/27903446/>. Acesso em: 24 abr. 2024.

Aycan, Z. et al. Evaluation of abnormal uterine bleeding in adolescents: single center experience. **Journal of clinical research in pediatric endocrinology**, v. 15, n. 3, p. 230-237, 2023. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/36794870/>. Acesso em: 25 abr. 2024.

BITZER, Johannes et al. Gynecological care in young women: a high-risk period of life. **Gynecological Endocrinology**, v. 30, n. 8, p. 542-548, 2014. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/24819317/>. Acesso em: 25 abr. 2024.



2º CONSAMU

14, 15 e 16 de Junho

REALIZAÇÃO:



APOIO:



TAN, Y. L.; VOON, H. Y.; NGEH, N. Ryzophagia secondary to PCOS-related menorrhagia. **The Medical journal of Malaysia**, v. 73, n. 3, p. 170-171, 2018. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/29962501/>. Acesso em: 25 abr. 2024.

AL-AKABI, Dalal F.; HAFTH, Hanadi A. Physiological effect of iron status on patients with polycystic ovary syndrome in Basrah city. **Journal of Medical Biochemistry**, v. 42, n. 3, p. 530, 2023. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/37790203/>. Acesso em: 26 abr. 2024.



EXPERIÊNCIA DA GESTAÇÃO EM MULHERES COM ESTOMIA: REFLEXÕES A PARTIR DE UMA REVISÃO DE LITERATURA

Maria Carolina de Araújo Gonçalves¹; Amanda Estevam Orth¹; Angélica Dalmolin Rozinelli²;

Graduanda em medicina pela Universidade Federal de Santa Maria¹, Doutora em enfermagem pela Universidade Federal de Santa Maria².

maria.araujo@acad.ufsm.br

RESUMO

Os estomas intestinais são uma forma alternativa de comunicação do trato gastrointestinal com o meio exterior a partir de uma conexão feita entre um órgão e a parede abdominal. Em mulheres, a presença de uma ostomia durante o período gestacional traz à tona múltiplas reflexões sobre o procedimento. Desse modo, esta revisão bibliográfica narrativa, realizada em maio de 2024, via PubMed - National Library of Medicine, a partir da estratégia de busca ostomy OR “surgical stomas” AND pregnancy OR pregnant, objetiva conhecer a experiência de gestação em mulheres com estomia intestinal. Após a leitura na íntegra de 6 artigos, os resultados apontaram que essas mulheres apresentam vieses tanto positivos quanto negativos acerca dos estomas intestinais que possuem. Além disso, os artigos também elucidaram as particularidades da gestação de mulheres com ostomia, que devem receber um cuidado especial por uma equipe de saúde especializada.

Palavras-chave: Gestantes; ostomias; gestação

1 INTRODUÇÃO

As estomias intestinais são provenientes da abertura da parede ileal ou cólica, seguida da sua exteriorização através do abdômen, tendo por objetivo eliminar os efluentes fecais, as quais são feitas propositalmente, podendo ser temporárias ou permanentes. São realizadas com o intuito de manejar diversas patologias, como obstrução do cólon, doença inflamatória intestinal, neoplasias ou anormalidades congênitas. (Cataldo, 2008).

A cirurgia para confecção de uma estomia intestinal é invasiva e agressiva, sendo percebida como uma experiência traumática, haja vista as alterações físicas, fisiológicas, emocionais e psicológicas, com repercussões importantes no estilo de vida (Cruz; Taveira, 2020). Para as mulheres, a presença de uma estomia pode alterar os planos e projeções para o futuro, sendo a gestação um grande desafio.

Entretanto, é válido destacar que, mesmo ante essas adversidades, a estomia não impede que as mulheres possam gestar (Pedrosa, et al., 2024).

Conforme a literatura, em mulheres gestantes, o tipo mais comum de estoma intestinal é a ileostomia e, considerando as mudanças corporais e fisiológicas do período gestacional, surge o ensejo de compreender essa experiência na perspectiva de mulheres com estomia intestinal, haja vista a escassez de trabalhos sobre esse tema. Ainda, tal assunto é uma incógnita para muitos profissionais da saúde, o que justifica a necessidade de ampliar o conhecimento, a fim de subsidiar perspectivas que auxiliem a elucidar a experiência da gestação para mulheres com estomia (Aukamp, Sred, 2004).

Ante ao exposto, questiona-se: “Qual a produção científica sobre a experiência da gestação em mulheres com estomia intestinal?”. E para poder respondê-la, objetiva-se conhecer



a experiência da gestação em mulheres com estomia intestinal através de uma revisão de literatura.

2 METODOLOGIA

O presente artigo consiste em uma revisão narrativa da literatura, realizada em maio de 2024, na seguinte fonte de dado: PubMed - National Library of Medicine, em que foram selecionados artigos a partir de uma pesquisa avançada com a seguinte estratégia de busca: ostomy OR “surgical stomas” AND pregnancy OR pregnant, o que resultou na localização de 102 artigos.

A seleção dos estudos seguiu os seguintes critérios de inclusão: ser artigo, apresentar texto completo disponível em suporte eletrônico e acesso nos idiomas português, inglês ou espanhol. Foram excluídos estudos sobre estomas respiratórios, gástricos e urinários e que não tivessem relação com o período gestacional.

A partir dessa análise inicial, foi realizada a leitura dos títulos e resumos, sendo elencados para leitura na íntegra seis artigos pertinentes ao tema, os quais foram analisados em profundidade, a fim de permitir insight reflexivos e a construção de um recorte temático.

3 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Dos artigos utilizados como bibliografia para este trabalho, pôde-se fazer uma divisão em três categorias temáticas que serão abordadas por ordem de apresentação: mulheres que tiveram a experiência de gestar com um estoma como algo positivo; as gestantes que o viam como algo negativo; e as particularidades que devem receber atenção especial pelos profissionais de saúde nas gestantes com estoma.

Mulheres que tiveram uma experiência de gestar com um estoma como algo positivo: Os argumentos dessas mulheres foram diversos, mas majoritariamente envolvem a presença da estomia como uma forma de manejar os sintomas das doenças que apresentavam, de modo que três gestantes entrevistadas se referiam à doença inflamatória intestinal que possuíam como um “inferno”, alegando sintomas de perda de peso, fadiga, dor, diarreia debilitante e sangramentos (Whiteley, Gullick, 2017). Com isso, muitas delas declararam aprender a apreciar a estomia, além de atribuírem a ela a melhora na condição de vida que tiveram. Uma gestante citou que jamais imaginaria poder engravidar antes da ostomia por estar tão incapacitada pela Doença de Chron (Whiteley, Gullick, 2017).

Sobre as gestantes que tiveram experiências ruins com a estomia, geralmente os argumentos expostos envolviam as complicações apresentadas pela estomia durante o período gestacional. Isso porque, enquanto o útero tem seu tamanho aumentado, pode haver a redução ou o completo bloqueio da passagem de resíduos pelo estoma (Horn, Barrett, 1997). E, por mais que as complicações com as estomias sejam, geralmente, de fácil resolução, foram mencionadas alterações no seu tamanho, vazamentos, sangramento, retração, prolapso, estenose e lacerações (Horn, Barrett, 1997). Uma outra questão central da experiência dessas gestantes refere-se a escassez de literatura específica destinada a elas, além de não conhecerem mulheres com experiências semelhantes e de profissionais de saúde terem experiências limitadas sobre o assunto, de forma que sentiam, em várias situações, que estavam enfrentando suas gestações sozinhas (Horn, Barrett, 1997; Whiteley, Gullick, 2017; Sred, Aukamp, 2006). Essas circunstâncias negativas faziam com que as mulheres se tornassem extremamente vigilantes e ansiosas sobre o que poderia dar errado com suas gestações (Whiteley, Gullick, 2017).

Outro ponto importante e muito relevante envolve os cuidados especiais que as gestantes com estomia necessitam receber em comparação a outras gestantes. As náuseas e vômitos, que podem ser causadoras de desidratação em pacientes com estomia, devem ser



observadas de perto caso haja vômitos mais de uma vez ao dia ou sinais claros de desidratação, como boca seca ou urina concentrada. Isso se dá, pois, essas mulheres têm um risco muito maior de desequilíbrio eletrolítico, sendo necessária, em alguns casos, a reposição de fluidos e eletrólitos (Aukamp, Sred, 2004). Outro aspecto importante compreende a questão nutricional. Todas as gestantes devem receber uma alimentação variada, balanceada e a suplementação de ferro e ácido fólico, e, especialmente as mulheres com estomia, as quais devem ser orientadas a não ingerir alimentos que possam causar gases intestinais para evitar posterior desconforto (Aukamp, Sred, 2004). Além disso, a constipação – que é um contratempo comumente observado em gestantes no terceiro trimestre – deve ser observada com cautela, pois, nas pacientes com estomias pode ser um indicativo de obstrução intestinal e pode significar uma complicação importante (Aukamp, Sred, 2004). Também, o cuidado especial com as gestantes com estomia inclui a necessidade de uma avaliação diária do estoma como método de evitar complicações. Nesse ponto faz-se extremamente necessária a presença de um profissional capacitado para auxiliar no manejo adequado do estoma, como uma enfermeira estomaterapeuta.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta revisão elucidou como a experiência das mulheres com estomia durante o período gestacional podem ser variadas: positivas, quando relacionadas à ressignificação da presença da estomia em seus corpos e negativas quando consideradas suas complicações.

E, se, no passado, mulheres com estomia eram orientadas a não engravidar, atualmente há pesquisas indicando que gestantes com estomia podem ter períodos pré, intra e pós parto como os de mulheres sem estoma (Whiteley, Gullick, 2017).

Para tanto, é preciso uma equipe multidisciplinar composta por enfermeira estomaterapeuta para acompanhar as gestantes durante esse percurso e médicos bem orientados sobre as alterações fisiológicas apresentadas por mulheres com estomias durante a gestação, de modo a oferecer um atendimento mais especializado para esse público. Além disso, é necessário também o acompanhamento psicológico contínuo para integrar as preferências, crenças e valores da paciente ao processo de gestar com uma estomia, visando torná-lo o mais positivo possível (Sredl, D.; Aukamp, V, 2006).

REFERÊNCIAS

AUKAMP, V.; SREDL, D. Collaborative care management for a pregnant woman with an ostomy. **Complement Ther Nurs Midwifery**. 2004 Feb;10(1):5-12. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/14744501/>. Acesso em 08 mai. 2024.

CATALDO, P. A. Technical tips for stoma creation in the challenging patient. In: **UpToDate**. 2008. Disponível em: <https://www.uptodate.com/contents/overview-of-surgical-ostomy-for-fecal-diversion?csi=4dcb80f9-4f9a-48ec-bed3-c59816b752a3&source=contentShare>. Acesso em 10 mai. 2024.

CRUZ, NS; TAVEIRA, LM. Cotidiano de mulheres colostomizadas e o impacto na sexualidade. **Revista Pró-UniverSUS**. 2020 Jul./Dez.; 11 (2): 121-128.

PEDROSA, P. H. B., et al. Interfaces of intestinal stomas in life cycles. **Brazilian Journal of Science**, 3(2), 19–32, 2024. Disponível em: <https://doi.org/10.14295/bjs.v3i2.404>. Acesso em 27 mai. 2024

SREDL, D.; AUKAMP, V. Evidence-based nursing care management for the pregnant woman with and ostomy. **J Wound Ostomy Continence Nurs.** 2006 Jan/Feb 33: 42-51. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/16444102/>. Acesso em 19 mai. 2024.

VAN HORN, C.; BARRETT, P. Pregnancy, delivery, and postpartum experiences of fifty-four women with ostomies. **J Wound Ostomy Continence Nurs.** Mai. 1997. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/9224023/>. Acesso em 10 mai. 2024

WHITELEY, I. GULLICK, J. The embodied experience of pregnancy with an ileostomy. **J Clin Nurs.** 2018. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/29968264/>. Acesso em 08 mai. 2024.



ACUPUNTURA NO TRATAMENTO DA INFERTILIDADE EM MULHERES COM SOP

Alessandra Almeida Paiva¹; Ana Tedesco Vourodimos¹; Maria Eduarda do Carmo Oliveira¹; Michele Birman Anijar¹; Márcia Lika Yamamura².

Graduandas em medicina pela Universidade Municipal de São Caetano do Sul (USCS) ¹,
Mestra em Epidemiologia pela UNIFESP²

alessandra.paiva@uscsonline.com.br

RESUMO

Introdução: A síndrome dos ovários policísticos atinge 6 a 20% das mulheres em idade reprodutiva, sendo causa de infertilidade anovulatória nestas. A acupuntura surge como uma abordagem integrativa e não farmacológica para o tratamento da SOP. **Metodologia:** Trata-se de um estudo de revisão literária realizada a partir de três etapas, sendo elas a definição dos critérios de inclusão e exclusão, busca nas bases de dados Pubmed, Bvsalud e LILACS e seleção cega dos artigos pela ferramenta “Rayyan”. **Resultados:** Apresenta a acupuntura como uma opção favorável para a reversão de distúrbios anovulatórios causados pela SOP, bem como melhoria nos ciclos menstruais e desenvolvimento folicular. **Considerações finais:** A acupuntura tem potencial para reverter distúrbios hormonais, e assim, induzir a ovulação em mulheres sindrômicas. Contudo, estudos que comprovem a eficácia desse método são deficitários.

Palavras-chave: acupuncture therapy; infertility; polycystic ovary syndrome.

1 INTRODUÇÃO

A Síndrome dos Ovários Policísticos (SOP) é um distúrbio endócrino reprodutivo comum em mulheres em idade reprodutiva, caracterizado por irregularidade menstrual, hirsutismo e infertilidade, com prevalência de 6 a 20% (Stepho et al., 2013). O consenso de Rotterdam define o diagnóstico de SOP pela presença de hiperandrogenismo, ciclos menstruais irregulares e ovários policísticos à ultrassonografia (US). Ademais, a acupuntura se destaca como terapia complementar menos invasiva para distúrbios anovulatórios causados pela SOP. Este estudo examina seu uso como abordagem terapêutica para infertilidade em mulheres com SOP.

A Medicina Tradicional Chinesa (MTC) baseia-se nos conceitos de yin-yang, Qi e canais de energia, utilizando recursos terapêuticos como acupuntura, ventosa terapia, eletroestimulação e moxabustão para restabelecer o equilíbrio vital (Ministério da Saúde, 2015).

A acupuntura induz respostas biológicas mediadas por neurônios sensitivos que estimulam o Sistema Nervoso Central e liberam peptídeos analgésicos (Yamamura, 2015).

A SOP é responsável por cerca de 80% dos casos de infertilidade anovulatória, sendo tratada com mudanças no estilo de vida, indução farmacológica da ovulação, técnicas de reprodução assistida e drilling ovariano laparoscópico (Febrasgo, 2019).

Este resumo relaciona a acupuntura à SOP e à infertilidade, avaliando como ela pode melhorar a condição sintomática da SOP.

2 METODOLOGIA



Uma revisão de literatura narrativa foi conduzida em três fases. Inicialmente, foram estabelecidos critérios de inclusão, abrangendo terapia com acupuntura, infertilidade feminina e síndrome do ovário policístico. Os critérios de exclusão contemplaram estudos com mais de 10 anos, artigos inacessíveis por necessidade de compra e artigos em chinês sem possibilidade de tradução. Em seguida, procedeu-se à busca em bases de dados como Pubmed, Bvsalud e LILACS, utilizando os descritores em ciências da saúde: (Acupuncture Therapy); (Infertility); (Polycystic Ovary Syndrome) e o operador booleano and. Os achados foram agrupados por meio da ferramenta “Rayyan”, com seleção cega dos artigos pelos quatro autores, os quais reavaliaram os artigos em conflito. Posteriormente, a leitura dos artigos foi realizada também em conjunto, sintetizando os achados para a elaboração do presente resumo. Além disso, foi feita uma busca na Revista Indexada “ft”, resultando na seleção de um artigo. A amostragem deste resumo foi exclusivamente mascarada, com análise estatística dupla aleatória simples. As variáveis consideradas para esta confecção incluíram: localidade e tipo de estudo do artigo.

3 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Foram encontrados 20 artigos não repetidos nas bases de dados, mas apenas 4 foram incluídos devido à restrição de acesso por serem pagos ou estarem em chinês. Destes, havia um ensaio clínico fatorial, um estudo clínico randomizado controlado, um relato de caso e uma revisão sistemática. Um último artigo foi selecionado em outra base de dados para completar a análise.

Quadro 1. Conclusões referentes aos estudos selecionados.

Nome do artigo	Autor principal	Tipo de Estudo	Conclusão
Acupuncture and clomiphene for Chinese women with polycystic ovary syndrome (PCOSAct): statistical analysis and explanation.	Hong-Li Ma	Ensaio clínico fatorial	Não foram encontradas interações significativas entre as intervenções de clomifeno e acupuntura, resultando em ajustes significativos na abordagem estatística e nos conjuntos de dados para refletir essas mudanças.
A multicenter randomized trial of personalized acupuncture, fixed acupuncture, letrozole, and placebo letrozole on live birth in infertile women with polycystic ovary syndrome	Shiya Huang	Estudo clínico randomizado controlado	O estudo trata a SOP na MTC focando nos rins, fígado e baço, com deficiência de yin ou yang como causa essencial. A proposta terapêutica deve reforçar o yin do fígado e dos rins, semelhante à prática clínica real e aplicável em estudos futuros. O regime fixo de acupuntura é controverso na teoria da MTC.
Observation on efficacy and underlying mechanism of cheek acupuncture on ovulation induction for intertile women with PCOS: Case series	Yi Yang	Relato de caso	Após 2 a 3 meses de acupuntura, ambas as pacientes ovularam e engravidaram. Durante 2 anos de acompanhamento, tiveram gestações bem-sucedidas e deram à luz bebês saudáveis. A acupuntura nas bochechas pode promover a ovulação regulando o eixo HPO e reduzindo a testosterona, mas estudos adicionais são necessários.



Overview of systematic reviews of non-pharmacological interventions in women with polycystic ovary syndrome	Jyotsana Pundir	Revisão sistemática	Intervenções no estilo de vida melhoram glicemia, sintomas androgênicos e medidas antropométricas em mulheres com SOP, mas faltam evidências sobre seu impacto na fertilidade.
Acupuntura sistêmica, auriculoterapia e moxabustão no controle dos sintomas da síndrome do ovário policístico – estudo clínico	Ângela Aparecida Lima *	Estudo clínico *	Os tratamentos propostos mostraram eficácia, aliviando dores, dismenorrea e cefaleia causadas pelo desequilíbrio hormonal na SOP. Também houve melhorias na qualidade do sono, disposição física, acne, hirsutismo e ansiedade.

Fonte: Elaborado pelas autoras

A partir dos resultados dos artigos, todos eles reconhecem a importância do estímulo dos meridianos pela acupuntura na interrupção da progressão da SOP, bem como melhoria de ciclos menstruais, melhora analgésica, reequilíbrio das energias corporais, reversão de quadro de infertilidade através de alterações de neurotransmissores moduladores da dor, aumento da secreção dos hormônios funcionais dos ovários, restauração da homeostase disfuncional da glicose e a expressão genética do tecido adiposo, parcialmente devido à ativação do sistema nervoso autônomo (Lima, 2020).

Ademais, a estimulação dos pontos de acupuntura é capaz de regular o eixo hipotálamo hipófise ovariano melhorando o desenvolvimento folicular e ovulação nas pacientes, uma vez que há a regulação dos níveis de liberação de hormônio luteinizante e redução dos níveis de testosterona nesse tratamento (Yang, 2024).

Apesar de nem todos os estudos terem resultados favoráveis, todos concordam sobre a necessidade de estudos mais aprofundados sobre o tema. Além disso, nenhum deles questiona a eficácia da acupuntura em si, apenas alguns não conseguiram relacionar diretamente uma melhora da infertilidade na SOP. Sendo assim, está consolidado que as bases da patologia na MTC envolvem diretamente, os rins, fígado e baço, o que leva a pensar em pontos na acupuntura que reestabeleçam esse reequilíbrio dentro dos cinco movimentos.

Assim, com a Medicina Tradicional Chinesa (MTC), foi observado que esses métodos terapêuticos proporcionam alívio significativo dos sintomas, melhorando a regularidades dos ciclos menstruais, reduzindo o índice de massa corporal (IMC) e equilibrando os níveis hormonais em mulheres com Síndrome dos Ovários Policísticos (SOP), o que aprimora a qualidade de vida das pacientes, sendo também acessíveis e viáveis de serem implementados.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como demonstrado acima a acupuntura faz parte da MTC e pode ser usada em diversas patologias, principalmente de forma complementar com os tratamentos tradicionais. Em relação a infertilidade por SOP e a acupuntura conclui-se que ainda precisam de mais estudos para entender essa relação. As limitações deste estudo envolvem a falta de dados de longo prazo, a inclusão restrita de artigos na revisão e a ausência de estudos controlados com amostras adequadas. Destaca-se a necessidade de pesquisas mais robustas para confirmar os benefícios da acupuntura na infertilidade relacionada à SOP.

REFERÊNCIAS:

BUEHLER, A.M. et al. Protocolo clínico e diretrizes terapêuticas da síndrome de ovários policísticos. Brasília, DF, 2020. Disponível em: <<https://www.gov.br/conitec/pt->



br/midias/protocolos/publicacoes_ms/pcdt_sndrome-ovrios-policsticos_isbn.pdf>. Acessado em: 04/06/2024.

FILHO, A.L.S. et al. Febrasgo: Síndrome dos Ovários Policísticos. São Paulo, 2020. Disponível em: < <https://www.febrasgo.org.br/media/k2/attachments/sindrome-.pdf>>. Acessado em: 04/06/2024.

HUANG, S. et al. A multicenter randomized trial of personalized acupuncture, fixed acupuncture, letrozole, and placebo letrozole on live birth in infertile women with polycystic ovary syndrome. **Trials**, v. 21, n. 1, 4 mar. 2020.

LIMA, A.A. et al. Acupuntura sistêmica, auriculoterapia e moxabustão no controle dos sintomas da síndrome do ovário policístico - Estudo clínico. Revista ft; 31 de maio de 2020; Disponível em: <<https://revistaft.com.br/acupuntura-sistemica-auriculoterapia-e-moxabustao-no-controle-dos-sintomas-da-sindrome-do-ovario-policistico-estudo-clinico/>>; Acesso em: 4/06/2024.

MA, H.-L. et al. Acupuncture and clomiphene for Chinese women with polycystic ovary syndrome (PCOSAct): statistical analysis approach with the revision and explanation. **Trials**, v. 19, n. 1, 1 nov. 2018.

PUNDIR, J. et al. Overview of systematic reviews of non-pharmacological interventions in women with polycystic ovary syndrome. **Human Reproduction Update**, v. 25, n. 2, 4 jan. 2019.

STEPTO, N. K. et al. Women with polycystic ovary syndrome have intrinsic insulin resistance on euglycaemic-hyperinsulaemic clamp. **Human Reproduction**, v. 28, n. 3, p. 777–784, 12 jan. 2013.

YANG, Y. et al. Observation on efficacy and underlying mechanism of cheek acupuncture on ovulation induction for infertile women with PCOS: Case series. **Medicine**, v. 103, n. 10, p. e37370–e37370, 8 mar. 2024.



VISITA TÉCNICA A UM SERVIÇO DE ATENÇÃO ESPECIALIZADA COM ÊNFASE NA GESTÃO: RELATO DE UMA EXPERIÊNCIA

Ana Karoline Alves da Silva¹; Simony de Freitas Lavor¹; Solange de Freitas Lavor²

Mestre em Enfermagem pela Universidade Regional do Cariri - URCA¹, Enfermeira graduada pela Universidade Regional do Cariri - URCA; Especialista em Gestão e Administração em Saúde pela Faculdade de Tecnologia e Ciências do Alto Paranaíba²

karol.alves@urca.br

RESUMO

Objetivou-se relatar uma visita técnica realizada por estudantes de enfermagem a um serviço de atenção especializada com ênfase no processo de gestão. Trata-se de um estudo descritivo, do tipo relato de experiência, sobre uma visita técnica ao Centro Microrregional Especializado de Atenção à Saúde Reprodutiva e Sexual de Iguatu, Ceará, realizado em parceria com a disciplina de Gestão das Ações nos Serviços de Enfermagem, ofertada no oitavo semestre em uma universidade pública de Iguatu. A experiência ocorreu no mês de novembro de 2019, com duração de uma hora, na sede do serviço, onde os discentes foram recebidos e guiados pela enfermeira do CEMEAR. A visita técnica ao serviço permitiu a aquisição de conhecimentos sobre o funcionamento e a atuação da enfermeira enquanto gestora do serviço. Além disso, foi possível identificar a importância do trabalho intersetorial e multiprofissional para a assistência de qualidade.

Palavras-chave: gestão em saúde; enfermagem; visita técnica.

1 INTRODUÇÃO

A gerência constitui-se como uma ferramenta de grande relevância para o cumprimento das políticas públicas, já que integra um caráter articulador e integrativo, onde a ação gerencial é marcada pelo processo de organização nos serviços de saúde. É necessária a presença de gerentes nessas unidades, que têm como objetivos principais a solução de problemas, o dimensionamento de recursos, a efetivação de diagnósticos de situações e o desenvolvimento de estratégias, que contribuam para um melhor andamento dos profissionais que compõem a equipe (Jacob *et al.*, 2020).

A Política Nacional de Humanização sugere um modelo de gestão centralizada no trabalho em grupo. Já no Sistema Único de Saúde (SUS), na assistência humanizada à equipe de enfermagem, uma vez que forma uma categoria que representa a maior classe de trabalhadores em unidades básicas e hospitalares no Brasil. No âmbito da clínica moderna, a gestão compartilhada é considerada um instrumento de aptidão no que diz respeito ao gerenciamento e preparação de recursos humanos em entidades hospitalares (Adorno *et al.*, 2017).

Além da ação de cuidar, o profissional de enfermagem possui a função de administrar. No entanto, esta última não é realizada por todas as categorias da enfermagem, e sim, pelo enfermeiro, cuja ação é organizar, controlar e favorecer as práticas de cuidar (Bardella, 2024; Jacob *et al.*, 2020).

Assim, é importante que haja, durante a graduação, a integração entre a universidade e os serviços de saúde que possibilitem uma maior aproximação pelos acadêmicos de enfermagem sobre o funcionamento e gestão dos serviços e, a partir disso, o discente torne-se



capaz de executar e gerenciar suas atribuições durante sua prática profissional (Berghetti; Franciscatto; Getelina, 2019).

Dessa forma, objetivou-se relatar uma visita técnica realizada por estudantes de enfermagem a um serviço de atenção especializada com ênfase no processo de gestão.

2 METODOLOGIA

Trata-se de um estudo descritivo, do tipo relato de experiência, sobre uma visita técnica ao Centro Microrregional Especializado de Atenção à Saúde Reprodutiva e Sexual (CEMEAR) de Iguatu, Ceará, realizado em parceria com a disciplina de Gestão das Ações nos Serviços de Enfermagem, em que a equipe se constituiu por cinco estudantes coordenados pela docente da disciplina que é ofertada no oitavo semestre do curso de enfermagem da Universidade Regional do Cariri (URCA). A experiência ocorreu no mês de novembro de 2019, com duração de uma hora, na sede do serviço, onde os discentes foram recebidos e guiados pela enfermeira do CEMEAR.

Para melhor compreensão do funcionamento do serviço utilizou-se um roteiro semiestruturado (composto por questões relacionadas ao processo de gestão, como as principais demandas realizadas no serviço e as atribuições do gestor), disponibilizado pela docente via *e-mail* e adaptado pelos próprios discentes de acordo com as etapas do processo administrativo, classificadas como: planejamento, organização, direção, avaliação e controle (Barbieri, Hortali, 2005).

3 RESULTADOS E DISCUSSÕES

O Centro Microrregional Especializado de Atenção à Saúde Sexual e Reprodutiva (CEMEAR) da Secretaria de Saúde de Iguatu - Ceará, funciona no município há 17 anos e atende demandas que necessitam de um olhar clínico especializado, exames e cirurgias nas áreas de urologia, pré-natal de alto risco, ginecologia e mastologia. Somente a partir de 2017 incluiu em suas ações consulta especializada com infectologista, exames específicos e o fornecimento de medicamentos para o manejo de Infecções Sexualmente Transmissíveis (IST) AIDS/hepatites, transformando-se de um programa para um serviço de atenção especializada.

A equipe era composta por médicos, atendentes, auxiliar administrativo, auxiliar de laboratório e uma enfermeira, sendo esta especialista em educação continuada. Dessa forma, a equipe de enfermagem é composta por apenas uma profissional que desempenha atividades de caráter técnico, assistencial e de gestão.

Alguns procedimentos de enfermagem realizados são a retirada de pontos após cirurgia, coleta do Papanicolau, aconselhamento sexual e reprodutivo, distribuição de preservativos, profilaxia pré-exposição (PrEP) e profilaxia pós exposição (PEP). Todos os equipamentos de proteção individual (EPI) e aparatos utilizados durante os procedimentos eram descartados e levados ao expurgo (local de remoção das impurezas) até que a empresa contratada pelo município fizesse a coleta.

A enfermeira administrava os recursos humanos e materiais, já os recursos financeiros eram administrados pelo município. A solicitação de materiais ocorre via Coordenação Administrativo-Financeira (CAF) ou via Secretaria Municipal de Saúde através do envio de ofício ou preenchimento de ficha.

A gestora era responsável ainda pela elaboração de escalas referentes às férias dos profissionais, como também pelo preenchimento e entrega da ficha de produção, que serve para planejar e controlar os materiais e a demanda de usuários. Além disso, eram promovidas pela enfermeira estratégias de capacitação dos profissionais, para qualificação dos trabalhadores, enfatizando sempre a importância da ética e sigilo quanto aos pacientes atendidos.

Desde Florence Nightingale, em meados do século XX, observa-se a dicotomia entre gerenciar e assistir. O ato de cuidar manifesta a execução das ações com vistas ao atendimento integral de acordo com as necessidades da população. Já o processo de gerenciar o serviço visa a organização dos recursos para a consumação e qualidade de tal cuidado (Silva *et al.*, 2018).

Dentre algumas características que o enfermeiro precisa desenvolver para ser um bom gestor estão a capacidade de liderança e a de gerir conflitos. Estudos apontam que os enfermeiros defronte uma situação conflituosa, procuram resolvê-la juntamente com os demais trabalhadores, expondo o valor da equipe e do processo de tomada de parecer coletivo na estruturação do trabalho e qualidade do atendimento multiprofissional (Santos; Garlet; Lima, 2009).

Durante a realização da visita, foi possível identificar as principais atividades desenvolvidas no serviço e sua relação com a Enfermagem e a Gestão. Houveram algumas dificuldades como o curto espaço de tempo para a realização da abordagem, mas pode-se observar que as ações de ensino ao desenvolver metodologias ativas para a aprendizagem e aproximação do conteúdo ministrado em sala com a realidade tem um potencial benéfico na atuação dos futuros profissionais (Dutra *et al.*, 2019).

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conclui-se que a visita técnica realizada a um serviço especializado foi de suma importância para os acadêmicos, visto que houve uma troca de conhecimentos entre a enfermeira da unidade com os discentes, como também pode-se conhecer o funcionamento do serviço, quais as demandas atendidas e as principais funções de um gestor.

REFERÊNCIAS

- ADORNO, A. M. N. G. *et al.* Gestão hospitalar como ferramenta do cuidado hospitalar. **Revista de Enfermagem UFPE on line**, v. 11, n. 8, p. 3143-3150, 2017.
- BARBIERI, A. R; HORTALE, V. A. Desempenho gerencial em serviços públicos de saúde: estudo de caso em Mato Grosso do Sul, Brasil. **Revista Caderno de Saúde Pública**, v. 21, n. 5, p. 1349-1356, 2005.
- BARDELLA, A.C.S. O papel do enfermeiro na Gestão Hospitalar e suas competências. **Scientific Electronic Archives**, v. 17, n. 3, p. 1-7, 2024.
- BERGHETTI, L.; FRANCISCATTO, L.H.G.; GETELINA, C.O. Formação do enfermeiro acerca do gerenciamento: entraves e perspectivas. **Revista de Enfermagem do Centro-Oeste Mineiro**, v. 9, n. 2820, p. 1-11, 2019.
- DUTRA, H. S. *et al.* Utilização da visita técnica no ensino da administração em enfermagem. **Revista de Enfermagem do Centro-Oeste Mineiro**, v. 9, n. 2502, p. 1-9, 2019.
- JACOB, M.S. *et al.* O planejamento das organizações de saúde no contexto da pandemia da covid-19 e o papel do enfermeiro gerente. **Anais do Seminário Científico do UNIFACIG**, n. 6, 2020.
- SANTOS, J. L. G, GARLET, E. R, LIMA, M. A. D. S. Revisão sistemática sobre a dimensão gerencial no trabalho do enfermeiro no âmbito hospitalar. **Revista Gaúcha de Enfermagem**, v. 30, n. 3, p. 525-532, 2009.
- SILVA, J. C. B. *et al.* Perfil do enfermeiro no gerenciamento dos serviços hospitalares. **Revista de Enfermagem UFPE on line**, v. 12, n. 10, p. 2883-2890, 2018.



ASSISTÊNCIA DE ENFERMAGEM À GESTANTE PORTADORA DE PRÉ-ECLÂMPسيا/ECLÂMPسيا

Luis Henrique de Oliveira Rodrigues¹; Gabrielly Mendes Coelho²; Thailanne Cardoso Soares³; Maria de Fátima Cavalcanti de Lima⁴; Acsa Maélly Chaves de Barros⁵; Ana Carolina da Silva Reis⁶

Graduado em enfermagem pela Faculdade Santíssima Trindade¹, Graduanda em enfermagem pela Faculdade Santo Antônio de Alagoinhas², Graduanda em enfermagem pela Univeridade Federal do Ceará³, Graduada em serviço social pela Univeridade Pitágoras Unopar⁴, Graduanda em enfermagem pela Unopar⁵, Graduada em enfermagem pela Univeridade Federal de Pernambuco - CAV⁶

luishenriqueor@gmail.com

RESUMO

A gestação é um evento fisiológico que dura cerca de 40 semanas. Dentre esse período a gestante está suscetível a várias complicações, como as síndromes hipertensivas da gestação que são caracterizadas pela pressão arterial igual ou maior que 140/80 mmHg e é classificada em Hipertensão Gestacional, Pré-eclâmpsia, Pré-eclâmpsia sobreposta a Hipertensão Crônica e Eclâmpsia. O presente estudo teve como objetivo investigar quais os cuidados de enfermagem prestados as gestantes com pré-eclâmpsia/eclâmpsia. A pesquisa de caráter bibliográfico, seguiu uma metodologia narrativa, investigando os cuidados de enfermagem para gestantes portadoras de pré-eclâmpsia/ eclâmpsia. Constatou-se que a assistência de enfermagem é fundamental na atuação às gestantes portadoras de pré-eclâmpsia/eclâmpsia sendo o enfermeiro o protagonista da detecção precoce e prevenção da doença. Portanto, o profissional de enfermagem tem que adquirir competência no uso da comunicação terapêutica, de modo a permitir a aquisição de conhecimento que o levarão a prestar uma assistência de enfermagem humanizada e qualificada. Conclui-se que os profissionais de enfermagem ainda carecem de uma preparação melhor para a realização da detecção precoce e prevenção dessas síndromes. Dessa forma, é necessário também a atuação da equipe multidisciplinar para atingir os resultados de forma mais efetiva e rápida.

Palavras-chave: Assistência de enfermagem; Pré-eclâmpsia; Eclâmpsia

1 INTRODUÇÃO

A doença hipertensiva da gravidez constitui-se em uma das mais importantes complicações do ciclo gravídico-puerperal por apresentar alto risco de morbidade e mortalidade para o binômio mãe-filho. A classificação das doenças hipertensivas na gestação, segundo o Ministério da Saúde são: hipertensão crônica, pré-eclâmpsia, eclâmpsia, pré-eclâmpsia sobreposta à hipertensão crônica e hipertensão gestacional (KERBER e MELERE, 2017).

Define-se pré-eclâmpsia (PE) como uma doença de vários fatores e sistemas, reporta-se no período da gestação, diagnosticada por uma hipertensão arterial associada à proteinúria, após a 20ª semana de gestação, que pode ser identificada nos exames de pré-natal da paciente (OLIVEIRA, 2001; GONÇALVES, 2019; MORAES, 2019; SANTANA, 2019; SARMENTO, 2020).

Durante o período gestacional essa complicação pode relacionar-se a condições socioeconômicas e clínicas desfavoráveis como escolaridade insuficiente, baixa renda

familiar, gestações de risco e circunstâncias nutricionais e obstétricas inadequadas.

As principais complicações maternas e perinatais da pré-eclâmpsia grave são respectivamente: hipertensão e acidente vascular cerebral, eclâmpsia, descolamento prematuro da placenta (DPP), coagulação intravascular disseminada, insuficiência cardíaca, edema pulmonar, síndrome aspirativa, HELLP, insuficiência renal aguda e trombose venosa, retardo do crescimento intra-uterino, parto prematuro, pneumotórax, anóxia cerebral, infecção neonatal, morte perinatal (AGUIAR *et al.*, 2010).

Conforme Nunes *et al.*, 2021, a pré-eclâmpsia deve ser diferenciada de outras doenças hipertensivas gestacionais, tais como a hipertensão gestacional ou da hipertensão arterial crônica. O que difere essas toxemias são: A hipertensão gestacional é definida como hipertensão após a 20ª semana, porém sem sinais de lesão de órgão alvo e sem proteinúria. Enquanto a hipertensão arterial crônica ocorre quando a gestante já apresentava hipertensão antes da gravidez também na ausência de proteinúria ou lesão de órgão alvo. Vale ressaltar que essas categorias podem evoluir para pré-eclâmpsia com sobreposição caso haja sinal de gravidadesuficiente para seu diagnóstico (NUNES *et al.*, 2021).

Todavia, a eclampsia diferencia-se da pré-eclâmpsia apenas pela presença de convulsões, ou seja, na eclâmpsia vamos encontrar além de níveis pressóricos elevado, perda de proteínas pela proteinúria e as convulsões, sendo descartados outros diagnósticos como epilepsia, meningite, sepsis, entre outros (FERREIRA *et al.*, 2016).

Contudo, a consulta pré-natal representa um papel fundamental na prevenção de detecção precoce durante a gestação sendo realizada por profissionais da saúde qualificados. Dentre esses profissionais destaca-se o enfermeiro, sendo este habilitado para prestar assistência adequada durante toda a gestação. (SARMENTO *et al.*, 2020).

O profissional de enfermagem tem de adquirir competência no uso da comunicação terapêutica, de modo a permitir a aquisição de conhecimento que o levarão a prestar uma assistência de enfermagem humanizada (CUNHA *et al.*, 2007).

O objetivo da presente pesquisa foi investigar quais os cuidados de enfermagem prestados as gestantes com pré-eclâmpsia/eclâmpsia.

2 METODOLOGIA

A presente pesquisa de caráter bibliográfico, seguiu uma metodologia narrativa, investigando a atuação do enfermeiro frente a gestante portadora de pré-eclâmpsia/eclampsia. Os materiais que deram suporte à presente revisão foram buscados nas bases de dados SciELO, LILACS e PubMed utilizando-se para tal busca os descritores “Assistência de enfermagem”, “pré-eclâmpsia” e “eclâmpsia”. Os descritores foram utilizados nas bases de dados juntamente com o operador booleano “and”.

Como critérios de inclusão para a seleção dos materiais definiu-se: artigos completos, de acesso livre, artigos exclusivamente em português, e artigos que apresentassem convergência com o objetivo proposto. Como critérios exclusão definiu-se: excluir materiais que não fossem artigos, como teses, dissertações, monografias e materiais com pouca relação com o tema proposto.

3 RESULTADOS E DISCUSSÕES

A hipertensão gravídica é caracterizada pela elevação dos níveis pressóricos superiores a 140X90mmHg a partir da vigésima semana de gestação. De acordo com os estudos, a técnica de aferição da PA deve ser efetiva para que não ocorra falsos positivos ou negativos (NUNES *et al.*, 2021; SOUSA *et al.*, 2021; FERREIRA *et al.*, 2016; AGUIAR *et al.*, 2010).

A consulta de enfermagem, na atenção primária à saúde, é realizada de acordo com o

roteiro estabelecido pelo Ministério da Saúde. Esse roteiro proporciona a orientação adequada e que favorece a abordagem apropriada das necessidades peculiares das mulheres com quem os profissionais interagem em consultas no pré-natal, onde as UBS's que devem ser a porta de entrada de referência da gestante, enfatizando que o cuidado da enfermagem é capaz de fornecer educação e vigilância de forma continuada diante dessa desafiadora missão relacionada a essa doença (SARMENTO *et al.*, 2020).

É recomendável a suplementação de cálcio e uma dose baixa de ácido acetilsalicílico para prevenção em mulheres com riscos elevados. Já às gestantes acometidas com essas patologias é prescrito fármacos anti-hipertensivos como: hidralazina, metildopa, nifedipino, atenolol, dentre outros (OLIVEIRA *et al.*, 2017).

No estudo de SOUSA *et al.*, 2021, constatou-se que a assistência de enfermagem diante dessa patologia em situação de emergência se dá por meio de intervenções rápidas como chamar ajuda, administrar oxigênio, estabelecer 2 acessos venosos calibrosos, dar início a terapia com sulfato de magnésio e com isso levar a gestante a estabilização do seu quadro. Após a estabilização, realizar a educação em saúde durante o ciclo gravítico puerperal e na alta hospitalar, são ações de enfermagem que garantem um cuidado assistencial de excelência reduzindo a mortalidade materno fetal.

Deste modo, o atendimento, cuidados assistenciais e estabilização da paciente, entra em ação a equipe multidisciplinar que atua em conjunto dando assistência não só a paciente, mais também para sua família informando e enfatizando do ocorrido, como se pode e deve conduzir a partir de presente momento, para que a evolução da gestante e/ou puérpera seja seguida à risca as condutas prescritas pelo médico e enfermeiro (SOUSA *et al.*, 2021).

Portanto, embora as intervenções de enfermagem se caracterize pela atuação do enfermeiro, orientando, supervisionando, ajudando ou encaminhando a paciente, percebe-se também que a prevenção existe através de ações educativas específicas. Alguns fatores são importantes na decisão terapêutica, como o tipo de síndrome hipertensiva, a gravidade da doença, o período da gestação que acomete o aparecimento do quadro e a manutenção da homeostase mãe-feto.

A humanização e qualificação a atenção em saúde é primordial, aprendendo a compartilhar saberes e reconhecê-los. A atenção humanizada e de boa qualidade implica no estabelecimento de relações entre os sujeitos, seres semelhantes, ainda que possam apresentar-se muito distintos conforme suas condições sociais, raciais, étnicas, culturais e de gênero (CUNHA *et al.*, 2007).

Dessarte, a criação e adoção de protocolos de cuidado pautados em evidência científica na prática clínica do enfermeiro, diariamente, pode ser útil para nortear o processo de tomada de decisão e garantir uma assistência de qualidade e segura. Ter como base o conhecimento dos fundamentos da atuação da Enfermagem implementada ao tratamento da Pré-Eclâmpsia é importante para garantir a qualidade do atendimento ofertado.

No entanto, a cura da pré-eclâmpsia ocorre apenas com a retirada da placenta, por isso a conduta clínica baseia-se na gravidade do quadro e da idade gestacional. A existência de um feto maduro é suficiente para realizar seu nascimento consequentemente o tratamento para a enfermidade.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como conclusão, podemos observar que assistência de enfermagem a uma gestante portadora de pré-eclâmpsia/eclâmpsia se dá através de medidas farmacológicas à não-farmacológicas visando o tratamento e a prevenção de complicações. Contudo, os estudos mostraram que os profissionais ainda carecem de uma preparação melhor para realização ações para prevenir e detectar de forma mais precoce essas síndromes. Foi visto que foram

relatados a falta de um acompanhamento dificulta o diagnóstico precoce e a escolha para um tratamento adequado.

Vale ressaltar a importância de uma equipe multidisciplinar para o acompanhamento das gestantes portadoras dessas toxemias. Por fim, uma gestante com pré-eclâmpsia/eclâmpsia precisa de um acompanhamento mais detalhado para evitar algumas complicações que foram citados nos artigos como síndrome HELLP, crise hipertensiva, o óbito fetal intrauterino, o óbito neonatal e a prematuridade.

REFERÊNCIAS

AGUIAR, M. I. F. et. al. Sistematização da assistência de enfermagem a paciente com síndrome hipertensiva específica da gestação. **Rev. Rene. Fortaleza**, v. 11, n. 4, p. 66-75, out./dez.2010.

CUNHA KJB, OLIVEIRA JO, N IS. Assistência de enfermagem na opinião das mulheres com pré-eclâmpsia. **Esc Anna Nery R Enferm** 2007 jun; 11 (2): 254 – 60.

FERREIRA, M. B. G. et. al. Assistência de enfermagem a mulheres com pré-eclâmpsia e/ou eclâmpsia: revisão integrativa. **Rev Esc Enferm USP** · 2016;50(2):324-334.

GONÇALVES R, FERNANDES RAQ, SOBRAL DH. Prevalência da Doença Hipertensiva Específica da Gestação em hospital público de São Paulo. **Rev Bras Enferm**. 2005 jan-fev; 58(1):61-4.

KERBER, G. F., MELERE, C. Prevalência de síndromes hipertensivas gestacionais em usuárias de um hospital no sul do Brasil. **Rev Cuid**. 2017; 8(3): 1899-906.

MORAES, L. S. L. et. al. Síndromes hipertensivas na gestação: perfil clínico materno e condição neonatal ao nascer. **Revista Baiana de Saúde Pública**, v. 43, n. 3, p. 599-611 jul./set. 2019.

NUNES, L. A., NETO, A. L., LOPES, J. M. S. Importância da implantação do rastreamento de pré-eclâmpsia no primeiro trimestre da gestação – a prevenção universal é possível? **Brazilian Journal of Development**, Curitiba, v.7, n.7, p. 70810-70822 jul. 2021.

OLIVEIRA, S. M. J. V., PERSINOTTO, M. O. A. Revisão de literatura em enfermagem sobre hipertensão arterial na gravidez. **Rev Esc Enferm USP** 2001;35(3):214-22.

SANTANA, R. S. et. al. Importância do conhecimento sobre sinais e sintomas da pré-eclâmpsia para implementação dos cuidados de Enfermagem. **Revista Eletrônica Acervo Saúde**, Terezina, v.11(15), e1425, 2019.

SARMENTO, R. S. et. al. Pré-eclâmpsia na gestação: ênfase na assistência de enfermagem. **Enfermagem Brasil**. 2020;19(3):261-267.

SILVA, J. C. B. T. et. al. Tratamento da eclâmpsia: uma análise acerca da atuação do enfermeiro. **Temas em Saúde**, João Pessoa, v.22, n.4, p. 104-116, 2019.

SOUSA, R. S. S. et. al. Atuação da enfermagem no atendimento às emergências obstétricas: Eclâmpsia e Pré-eclâmpsia. **Brazilian Journal of Health Review**, Curitiba, v.4, n.1, p.1022-1032jan./feb. 2021.

+





AÇÕES DE ENFERMAGEM NO PRÉ-NATAL: PROMOÇÃO DA SAÚDE E PREVENÇÃO NA ATENÇÃO PRIMÁRIA

Letícia Mirelly Fagundes Xavier¹; Nyanne Vieira Lima¹; Sabrina de Alencar Ribeiro¹; João Carlos Henrique Cordeiro².

Graduanda em enfermagem pela Universidade Regional do Cariri¹, Graduado em Enfermagem pela Universidade Regional do Cariri².

leticia.fagundes@urca.br

RESUMO

Na Atenção Primária à Saúde (APS), o enfermeiro presta cuidados integrais e humanizados às gestantes, implementando estratégias de promoção da saúde e prevenção de doenças. Este estudo objetiva identificar as principais ações de enfermagem no pré-natal, enfatizando a importância da consulta de enfermagem. As atividades envolvem exame físico, acolhimento, promoção da autonomia, educação em saúde e intervenções preventivas. Também incluem orientações sobre puerpério e aleitamento materno, prevenção da violência obstétrica, além de apoio psicológico e emocional. O uso de protocolos estabelecidos e o encaminhamento para atendimento especializado são cruciais. Ações bem estruturadas e executadas promovem a saúde, previnem complicações e garantem um parto respeitoso e seguro.

Palavras-chave: Assistência de Enfermagem; Cuidado Pré-Natal; Atenção Primária à Saúde.

1 INTRODUÇÃO

Na Atenção Primária à Saúde (APS), é responsabilidade do enfermeiro prestar cuidados aos indivíduos, visando resolver problemas de saúde e garantindo o respeito necessário durante a assistência (Silva; Andrad; Sepúlveda, 2018). Durante a assistência ao pré-natal, é de competência do enfermeiro prestar assistência integral às gestantes, como também garantir seu acolhimento durante todo o processo de acompanhamento do pré-natal (Simão *et al.*, 2019).

O enfermeiro é fundamental na assistência pré-natal, implementando metodologias de promoção da saúde, fornecendo cuidados humanizados e adotando medidas para a prevenção de doenças. (Gomes *et al.*, 2019). O enfermeiro elabora estratégias para o pré-natal com base nas necessidades identificadas, organiza o fluxo das ações e encaminha para outros serviços especializados quando necessário. (Gomes *et al.*, 2019).

Além disso, a abordagem do enfermeiro deve ser individualizada e contextualizada, proporcionando à gestante, durante o acolhimento, um espaço para expressar suas inseguranças, medos e angústias (Assunção, 2019). Por esse motivo, é considerado importante investigar a consulta de enfermagem pré-natal realizada na Atenção Básica, uma vez que este é um momento de atendimento no qual as gestantes frequentemente apresentam problemas de enfermagem.

Portanto, o objetivo é identificar as principais ações de enfermagem que são empregadas durante o período pré-natal no contexto da Atenção Primária à Saúde.

2 METODOLOGIA

Trata-se de um estudo de revisão bibliográfica do tipo integrativa. A elaboração da questão norteadora se deu a partir da estratégia Population, Variables e Outcomes (P: população, V: Variáveis e O: Resultados) (Silva; Otta, 2014). Foram determinados: P -



Assistência ao pré-natal, V - Assistência de enfermagem e O - Identificar as ações de enfermagem que são empregadas durante a assistência de enfermagem.

A partir dessas definições foi elaborada a seguinte questão norteadora: Quais são as principais ações de enfermagem que são utilizadas durante a assistência ao pré-natal no contexto da atenção primária à saúde?

A busca bibliográfica foi realizada na Biblioteca Virtual em Saúde (BVS), selecionando-se as bases de dados eletrônicas: Literatura Latino Americana e do Caribe em Ciências e Saúde (LILACS), *Medical Literature Analysis and Retrieval System Online* (MEDLINE/PubMed) e Banco de dados Bibliográficos Especializado na Área de Enfermagem do Brasil (BDENF).

A busca foi realizada a partir do cruzamento dos Descritores em Ciências da Saúde (DeCS): “Assistência de Enfermagem”, “Cuidado Pré-Natal”, “Atenção Primária à Saúde”, Cruzados com o operador booleano AND. Utilizou-se como critérios de inclusão os seguintes filtros: texto completo disponível, idiomas português, inglês e espanhol, estudos publicados entre 2019 e 2024 e como critério de exclusão artigos que não seguissem a questão norteadora. Após a aplicação dos filtros, as buscas resultaram em 88 artigos. Destes, 13 foram lidos na íntegra e 11 artigos foram escolhidos criteriosamente para a construção deste estudo.

3 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Ao final da seleção, foram selecionadas para análise 13 produções, que foram classificadas de acordo com as variáveis Autor, Título, Ano e Ações do enfermeiro.

QUADRO 1 - Descrição das ações dos profissionais enfermeiros. Iguatu, Ceará, Brasil, 2024.

ID*	AUTOR	TÍTULO	ANO	AÇÕES DO ENFERMEIRO
A4	Araújo <i>et al.</i>	Gravidez na adolescência: percepção dos enfermeiros sobre a assistência de enfermagem	2023	Assistência Pré-natal; Educação e Orientação; Suporte Emocional; Identificação e Encaminhamento
A5	Dias <i>et al.</i>	A consulta de enfermagem no pré-natal por equipes de Saúde da Família em uma cidade mineira	2023	Consulta de enfermagem; Exame físico; Desenvolvimento de comunicação profissional paciente.
A9	Amorim <i>et al.</i>	Gestão do cuidado de Enfermagem para a qualidade da assistência pré-natal na Atenção Primária à Saúde	2022	Acolhimento e vínculo; Promoção da autonomia; Educação em Saúde; Intervenções preventivas.
A12	Callegaro <i>et al.</i>	Práticas de enfermeiros e a influência sociocultural na adesão ao aleitamento materno	2021	Orientações sobre puerpério; Empoderamento para o aleitamento materno
A13	Silva; Aguiar.	Conhecimento de enfermeiros da atenção primária acerca da violência obstétrica	2020	Sensibilização e educação das gestantes; Capacitação; Implementação de protocolos para prevenção de violência obstétrica;
A14	Misquita <i>et al.</i>	Atendimento de gestantes na atenção primária à saúde pela enfermagem durante a pandemia do SARS-COV-2	2020	Apoio psicológico e emocional; Consulta de enfermagem; Educação em saúde.
A16	Sehnem <i>et al.</i>	Consulta de pré-natal na atenção primária à saúde: fragilidades e potencialidades da intervenção de enfermeiros brasileiros	2020	Consulta de enfermagem; Uso de protocolos estabelecidos; Educação em saúde; Referência para atendimento especializado.
A21	Silva <i>et al.</i>	Contribuição do enfermeiro ao aleitamento materno na atenção básica	2020	Orientação e educação; Suporte emocional; Identificação de potenciais problemas.

Fonte: Dados da pesquisa.



A atenção básica é considerada a porta de entrada preferencial dos usuários do sistema de saúde e, também, o ponto estratégico para o acolhimento e acompanhamento contínuo e longitudinal do pré-natal (Nascimento, *et al.*, 2021).

O enfermeiro contribui de forma significativa nesse contexto, devido às características da própria profissão, que permitem a criação de forte vínculo com o paciente e a família (Busatto, *et al.*, 2024).

A consulta de enfermagem de pré-natal é orientada por um roteiro de entrevista que busca coletar dados que compreende desde o planejamento da gravidez até aspectos da história pregressa, história familiar, história da moléstia atual, histórico socioeconômico, nutrição, dados vitais, antropometria, estilo de vida, relacionamento com parceiro e queixas da gestante (Dias, *et al.*, 2023).

A consulta de enfermagem de pré-natal deve ser realizada com o intuito de alcançar a integralidade do cuidado (Almeida, *et al.*, 2021). Destaca-se ainda a importância de se atentar ao exame físico, nele, o enfermeiro deve coletar dados sobre o peso materno, a altura uterina e os batimentos cardíacos fetais, para que com essas informações, juntamente com os dados coletados durante a anamnese, seja possível realizar a classificação de risco da gestante e guiar a conduta clínica a ser realizada (Silva, *et al.*, 2021).

Acredita-se que as(os) enfermeiras(os) da atenção primária devem garantir que os cuidados de enfermagem promovam a autonomia e o empoderamento maternos. Os cuidados pré-natais devem assegurar uma gestação saudável e preparar para um parto e nascimento respeitosos e seguros, em consonância com a fisiologia do processo de gestar, tornando a mulher conhecedora de seus direitos e capaz de tomar decisões (Amorim, *et al.*, 2022).

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A atuação do enfermeiro na assistência pré-natal na Atenção Primária à Saúde é crucial para proporcionar cuidado integral e humanizado às gestantes. As principais ações identificadas incluem coleta de dados, exames físicos, educação em saúde e encaminhamento para serviços especializados. A consulta de enfermagem pré-natal é essencial para estabelecer confiança, promover autonomia e atender às necessidades específicas das gestantes, contribuindo para uma gestação segura.

É importante que os enfermeiros estejam sempre atualizados e sigam diretrizes baseadas em evidências para garantir um atendimento de qualidade, reduzir riscos e melhorar os desfechos maternos e neonatais.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, C.P.F. *et al.* Assistência ao pré-natal no Rio Grande do Norte: Acesso e qualidade do cuidado na Atenção Básica. **Rev. Ciên. Plural**. 2021; 7(3):61-80. Disponível em: <https://doi.org/10.21680/2446-7286.2021v7n3ID22151>.

AMORIM, T.S. *et al.* Gestão do cuidado de Enfermagem para a qualidade da assistência pré-natal na Atenção Primária à Saúde. **Escola Anna Nery**, v. 26, p. e20210300, 2022. DOI: <https://doi.org/10.1590/2177-9465-EAN-2021-0300>.

ARAÚJO, L.G. *et al.* Gravidez na adolescência: percepção dos enfermeiros sobre a assistência de enfermagem. **Enferm. foco (Brasília)**, p. 1-8, 2023. DOI: <https://doi.org/10.21675/2357-707X.2023.v14.e-202369>.



ASSUNÇÃO, C.S. *et al.* The Nurse in Prenatal Care: The Pregnant Women Expectations. **Revista de Pesquisa: Cuidado e Fundamental**, v. 11, n. 3, 2019. DOI: 10.9789/2175-5361.2019.v11i3.576-581.

BUSATTO, L.S. *et al.* Atenção à saúde da mulher na atenção primária: percepções sobre as práticas de enfermagem. **Enferm. foco** (Brasília), p. 1-6, 2024. DOI: <https://doi.org/10.21675/2357-707X.2024.v15.e-202403SUPL1>.

CALLEGARO, G.H. *et al.* Práticas de enfermeiros e a influência sociocultural na adesão ao aleitamento materno. **Revista baiana de enfermagem**, v. 35, 2021. DOI 10.18471/rbe.v35.38540.

DIAS, E.G. *et al.* A consulta de enfermagem no pré-natal por equipes de Saúde da Família em uma cidade mineira. **Espaço para a Saúde**, v. 24, 2023. DOI: <https://doi.org/10.22421/1517-7130/es.2023v24.e962>.

GOMES, C.B.A. *et al.* Prenatal nursing consultation: narratives of pregnant women and nurses. **Texto & Contexto-Enfermagem**, v. 28, p. e20170544, 2019. DOI: <https://doi.org/10.1590/1980-265X-TCE-2017-0544>.

MISQUITA, M.S. *et al.* Atendimento de gestantes na atenção primária a saúde pela enfermagem durante a pandemia do SARS-COV-2. **Nursing (São Paulo)**, v. 23, n. 269, p. 4723-4730, 2020. DOI: <https://doi.org/10.36489/nursing.2020v23i269p4723-4730>.

NASCIMENTO, D.S. *et al.* Assistência de enfermagem ao pré-natal na atenção básica: uma revisão integrativa. **Revista Artigos. Com**, v. 27, p. e7219-e7219, 2021.

SEHNEM, G.D. *et al.* Consulta de pré-natal na atenção primária à saúde: fragilidades e potencialidades da intervenção de enfermeiros brasileiros. **Revista de Enfermagem Referência**, n. 1, p. e19050-e190050, 2020. DOI: 10.12707/RIV19050.

SILVA, A.L.M. *et al.* Os impactos no pré-natal e na saúde mental de gestantes durante a pandemia de COVID-19: uma revisão narrativa. **Revista Eletrônica Acervo Científico**, v. 34, p. e8633-e8633, 2021. DOI: <https://doi.org/10.25248/reac.e8633.2021>.

SILVA, C.A.F.; ANDRAD, C.I.L.; SEPÚLVEDA, M.P.S. La gestión del cuidado en la Atención Primaria en salud en Chile. **Rev Iberoam Educ Invest Enferm**. 2018; 8(2):18-29. Disponível em: <https://www.enfermeria21.com/revistas/aladefe/articulo/277/la-gestion-del-cuidado>.

SILVA, G. A.; OTTA, E. Revisão sistemática e meta-análise de estudos observacionais em Psicologia. **Revista Costarricense de Psicologia**, v. 33, n. 2, p. 137-153, 2014.

SILVA, L. S. *et al.* Contribuição do enfermeiro ao aleitamento materno na atenção básica. **Rev. Pesqui.**(Univ. Fed. Estado Rio J., Online), p. 774-778, 2020. DOI: 10.9789/2175-5361.rpcfo.v12.7180.

SILVA, M.I.; AGUIAR, R.S. Conhecimento de enfermeiros da atenção primária acerca da violência obstétrica. **Nursing (São Paulo)**, v. 23, n. 271, p. 5013-5024, 2020. DOI: <https://doi.org/10.36489/nursing.2020v23i271p5013-5024>.



2° CONSAMU
14, 15 e 16 de Junho

REALIZAÇÃO:



APOIO:



SIMÃO, A.M.S. *et al.* Gestão do cuidado de enfermagem pré-natal num Centro de Saúde de Angola. **Revista Brasileira de Enfermagem**, v. 72, p. 129-136, 2019. DOI: <https://doi.org/10.1590/0034-7167-2017-0685>.





A LUZ DOS DIÁLOGOS: RELATO DE EXPERIÊNCIA DE RODA DE CONVERSA EM PRÉ-NATAL DE RISCO HABITUAL

Bruna Menezes Souza de Jesus¹; Paula Paulina Costa Tavares².

Graduanda em enfermagem pela Faculdade Adventista da Bahia - FADBA¹, Enfermeira, Mestre, Docente pela Faculdade Adventista da Bahia - FADBA²

menezesbrunaaa@gmail.com

RESUMO

Introdução: O pré-natal é um importante instrumento para a implementação do cuidado, visando promover a saúde, prevenir complicações e implementar condutas durante o período gestacional, além de viabilizar o bem-estar do binômio materno-fetal. **Objetivo:** Relatar a experiência da realização de uma prática educativa em roda de conversa referente ao pré-natal. **Metodologia:** Trata-se de um estudo descritivo, do tipo relato de experiência, vivenciado durante o estágio curricular da disciplina Saúde do Adulto I em Unidade Básica de Saúde (UBS), o qual ocorreu por meio de sala de espera no Centro de Referência da Assistência Social (CRAS), realizada por acadêmicos de Enfermagem de uma instituição de ensino privada no Recôncavo Baiano, em abril de 2023. As ações foram realizadas por discentes de Enfermagem, tendo como público-alvo 10 gestantes residentes na comunidade. **Resultados e Discussão:** A realização da educação em saúde através da roda de conversa com gestantes, promove repercussões importantes no que diz respeito ao conhecimento sobre o ciclo gravídico-puerperal. **Considerações Finais:** Em suma, a atuação de discentes em educação em saúde com gestantes é basilar para conferir aspectos promotores à saúde e preventivos para agravos durante o período gestacional.

Palavras-chave: pré-natal; educação em saúde; gestantes.

1 INTRODUÇÃO

O pré-natal é um importante instrumento para a implementação do cuidado, visando promover a saúde, prevenir complicações e implementar condutas durante o período gestacional, para promover o bem-estar do binômio materno-fetal. Com esse objetivo, o Ministério da Saúde, através da Rede Cegonha, preconiza o número mínimo de seis consultas na assistência ao pré-natal, sendo uma no primeiro trimestre, duas no segundo trimestre e três no terceiro trimestre (Leal et al, 2020; Brasil, 2022).

É de suma relevância realizar o pré-natal, a fim de contribuir para uma gestação saudável, repercutindo no trabalho de parto, parto e puerpério, de acordo com o previsto no Programa de Humanização no Pré-natal e Nascimento (Brasil, 2000). Durante o pré-natal deve ser realizado o rastreamento e acompanhamento de diversas patologias que podem acometer a gestante e feto. Nesse sentido, é relevante a realização com periodicidade dos exames pertinentes à pauta do ciclo gravídico, imunização e ultrassonografias durante este período. Vale destacar, também, que a assistência multidisciplinar às gestantes conduz a uma integralidade nos cuidados prestados (Leal et al, 2020; Brito et al, 2021).

Sob essa perspectiva, por tratar-se de um período com diversas mudanças e alterações biopsicossociais, há o surgimento de dúvidas, que são naturais durante este momento, e requerem uma integralidade e assistência holística (Duarte e Andrade, 2008). Nesse viés, a fim de contribuir positivamente para integração da assistência no ciclo gravídico, a realização de



práticas de educação em saúde para gestantes tem-se mostrado favorável a integração do público-alvo, sanar questionamentos, curiosidades e dúvidas relativas ao ciclo gravídico-puerperal (Brasil, 2000).

Assim, a realização de práticas de educação em saúde, a exemplificar, a roda de conversa, são relevantes para fomentar a integração com a comunidade e o exercício discente para levar informações e conhecimentos a população referida. Dessa forma, esse estudo possui como objetivo relatar a experiência durante a realização de prática educativa em roda de conversa referente ao pré-natal.

2 METODOLOGIA

Trata-se de um estudo descritivo, do tipo relato de experiência, realizado durante o estágio curricular na disciplina de Saúde do Adulto I em Unidade Básica de Saúde (UBS), o qual ocorreu por meio de uma roda de conversa no Centro de Referência da Assistência Social (CRAS), realizada por acadêmicos de Enfermagem, de uma instituição de ensino privada no Recôncavo Baiano, em abril de 2023. As ações foram realizadas por discentes de Enfermagem, tendo como público-alvo 10 gestantes residentes na comunidade.

No que se refere às atividades executadas, foram elaboradas as seguintes disposições: orientação, planejamento e execução (Mussi et al, 2021). Na etapa de orientação, os discentes foram separados em equipes e orientados pela supervisora do componente curricular para a realização de material teórico, utilização e apresentação em roda de conversa para gestantes. Os alunos agruparam-se para o encadeamento de ideias relativas à temática do pré-natal e divisão das respectivas atividades.

Com apoio da literatura e planos preliminarmente definidos, em concomitância com planejamento curricular, os discentes responsáveis pela sala de espera para gestantes, com a temática do pré-natal, planejaram a abordagem através da subdivisão de tarefas entre a equipe, apresentação da equipe para instituição, acolhimento das gestantes e explanação da atividade educativa.

Para efetivação da roda de conversa, os discentes introduziram a temática através da explanação do conteúdo visual, que foi subdividido em: o que é pré-natal, quais serviços são ofertados, exames realizados e suas funções, importância da realização adequada do pré-natal, direitos da gestante, atuação do enfermeiro frente ao pré-natal, principais dúvidas relativas à gestação, trabalho de parto, parto e aleitamento, principais intercorrências clínicas-patológicas, bem como, os cuidados pertinentes ao período.

Durante toda a ação educativa, houve o incentivo à participação das gestantes, na forma de bate-papo para sanar dúvidas, compartilhamento de vivências e escuta ativa em relação aos anseios. Após a finalização da ação, houve uma dinâmica com as gestantes e agradecimentos.

3 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Atividades de educação em saúde realizadas através de discentes são de extrema relevância no que tange aos contextos do reconhecimento precoce de problemas, promoção da saúde e prevenção de agravos para gestantes. Nesse sentido, levar conhecimentos referentes ao vínculo materno-fetal e suas especificidades, atuando diante deste processo tão importante, através de ações práticas, é fundamental também para prática estudantil (Silvano et al, 2023).

No intuito de conceber um viés integralizado no aprendizado discente, bem como a explanação de informações à comunidade referida, as práticas educativas foram recebidas de maneira positiva pela instituição e pelas gestantes participantes. No primeiro momento a equipe conduziu para seguimento dos tópicos abordados, com o apoio da supervisora do componente curricular, compartilhando vivências nos aspectos da saúde da mulher, com ênfase no pré-natal.



Durante a ação educativa, foi possível observar que as gestantes compreenderam de forma facilitada os aspectos referentes ao pré-natal e mostraram-se receptivas às informações levantadas e sugestões para mudança do estilo de vida durante o ciclo gestacional. Nesse viés, foram acolhidas diversas dúvidas e anseios, evidenciados através da escuta ativa dos problemas relativos ao período gravídico, que foram sanados conforme o decorrer da ação.

No que diz respeito à ferramenta metodológica, o uso de recursos visuais contribuiu para a adequação da ação. Sob essa perspectiva, foram realizadas apresentações com ilustrações relativas aos tópicos abordados, o que demonstrou melhor entendimento e interatividade com a população referida. Nesse sentido, o envolvimento das gestantes com a apresentação foi importante para o alcance do objetivo principal da ação educativa, sendo este levar assistência educativa relacionada ao pré-natal para as gestantes assistidas pela UBS da comunidade.

Por fim, foi possível observar, durante a realização da ação, o estabelecimento de interação entre o público-alvo e os realizadores da prática educativa, garantindo a integração dos pilares ensino-serviço-comunidade, o que efetivou os aspectos da condução do profissional em formação em perceber a educação continuada em diversos âmbitos.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em suma, a atuação de discentes em educação em saúde com gestantes acerca do pré-natal é relevante para conferir aspectos promotores à saúde e preventivos para os agravos nessa população, caracterizando essas atividades como fundamentais para interação entre a população alvo e os futuros profissionais em formação.

Por fim, destacaram-se as estratégias de compartilhamento do conhecimento por intermédio dos discentes sobre os aspectos relativos ao pré-natal e ciclo gravídico-puerperal, contribuindo assim para a melhoria do processo gestacional, para uma assistência assertiva de acordo com as especificidades do grupo, minimização de riscos e atenção às perspectivas biopsicossociais. No prisma estudantil, as práticas de educação em saúde aproximaram o discente da práxis laboral do profissional enfermeiro, enquanto educador em todas as esferas sociais.

REFERÊNCIAS

BRASIL. **Ministério da Saúde**. Secretaria de Atenção Primária à Saúde, Departamento de Ações Programáticas Estratégicas NOTA TÉCNICA Nº 4/2022-DAPES/SAPS/MS.

BRASIL. **Ministério da Saúde**. PORTARIA Nº 569, DE 1º DE JUNHO DE 2000, Programa de Humanização no Pré-natal e Nascimento (PHPN).

BRITO, L. M. E., *et al.* A importância do pré-natal na saúde básica: uma revisão bibliográfica. **Research, Society and Development**, v. 10, n. 15, e51101522471, 2021

DUARTE, S. J. H.; ANDRADE, S. M. O. D. O significado do pré-natal para mulheres grávidas: uma experiência no município de Campo Grande - Brasil. **Revista Saúde e Sociedade**, 17, 132-139, 2008.

LEAL, M. D. C., *et al.* Prenatal care in the Brazilian public health services. **Revista de saúde pública**, 54, 08. 2021.

MUSSI, R. F. F., *et al.* Pressupostos para a elaboração de relato de experiência como conhecimento científico. **Revista Práxis Educacional**, v. 17, n. 48, p. 60-77, 2021.



2º CONSAMU 14, 15 e 16 de Junho

REALIZAÇÃO:



APOIO:



SILVANO, I.C., *et al.* Ensino e aprendizagem em enfermagem: olhares discentes para as estratégias de ensino. In: BARBOSA ES. **Educação em Saúde: teorias, metodologias e experiências**. Mato Grosso do Sul: Inovar, 2023. p. 31-43.





ATUAÇÃO DO FISIOTERAPEUTA NO PUERPÉRIO DE PARTO HUMANIZADO

Talita Maria Araújo de Abreu¹; Ashley Caymmi de Albuquerque Laurindo²; Lúcia Valéria Chaves³.
Graduanda em Fisioterapia pelo Centro Universitário Inta - UNINTA¹, Graduanda em Fisioterapia
pelo Centro Universitário Brasileiro - UNIBRA²; Graduada em Enfermagem pela Autarquia
Educativa de Belo Jardim - AEB³.

talitamaría017@gmail.com

RESUMO

O período puerperal, conhecido como pós-parto, é uma fase crucial na vida da mulher, marcada por intensas transformações físicas, emocionais e sociais. Nesse contexto, a atuação do fisioterapeuta no puerpério de parto desempenha um papel relevante, oferecendo suporte físico e emocional. Trata-se de uma revisão de literatura, realizada por meio de um levantamento bibliográfico da Medline via PubMed e biblioteca virtual em saúde, utilizando os descritores “fisioterapia”, “puerpério”, “obstétrica” retirados dos DeCS. Como critérios de inclusão foram utilizados artigos publicados nos últimos cinco anos (2019-2024). Foram excluídos artigos de duplicação, tema não compatível com a pesquisa, assim como artigos incompletos e que fugissem da temática proposta. Por fim, foram selecionados quatro estudos. Sendo assim, segundo a pesquisa realizada por Souza et al. (2024) em sua obra afirma que a fisioterapia no pós parto, irá favorecer o condicionamento cardiovascular, além de contribuir para a melhora da função respiratória, analgesia, fortalecimento da musculatura do assoalho pélvico e abdominais. Portanto conclui-se que existe a necessidade de mais estudos voltados para a área, pois existe uma carência na falta de artigos voltados para a atuação da fisioterapia no puerpério, haja em vista sua grande importância no retorno da qualidade de vida da mulher.

Palavras-chave: fisioterapia; puerpério; obstétrica.

1 INTRODUÇÃO

O período puerperal, conhecido como pós-parto, é uma fase crucial na vida da mulher, marcada por intensas transformações físicas, emocionais e sociais. O parto humanizado, centrado no respeito aos direitos da gestante e na valorização da sua autonomia, tem ganhado destaque como uma abordagem que busca proporcionar uma experiência mais humanizada e satisfatória durante o nascimento. Nesse contexto, a atuação do fisioterapeuta no puerpério de parto humanizado desempenha um papel relevante, oferecendo suporte físico e emocional à mulher nesse momento delicado e de grande vulnerabilidade.

O objetivo deste estudo é explorar a atuação do fisioterapeuta no puerpério de parto humanizado, destacando suas intervenções e contribuições para a promoção da recuperação física, bem-estar emocional e adaptação à nova fase pós-parto. Serão abordados aspectos como a reabilitação do assoalho pélvico, o controle da dor pós-parto, a orientação sobre atividade física segura e a promoção do vínculo mãe-bebê.

2 METODOLOGIA

Trata-se de uma revisão de literatura, realizada por meio de um levantamento bibliográfico na base de dados da Medical Literature Analysis and Retrieval System Control (Medline) via PubMed e Biblioteca Virtual em Saúde (BVS), utilizando os descritores “fisioterapia”, “puerpério”, “obstétrica” retirados dos descritores em Ciências da Saúde (DeCS). Como critérios de inclusão foram utilizados artigos publicados nos últimos cinco anos



(2019-2024). Foram excluídos artigos de duplicação em bases de dados, tema não compatível com a pesquisa, assim como artigos incompletos e que fugissem da temática proposta. Por fim, foram selecionados quatro estudos para a elaboração do trabalho.

3 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Sendo assim, segundo a pesquisa realizada por Souza et al. (2024) em sua obra intitulada como “Atuação da fisioterapia em puérperas” afirma que a fisioterapia no pós parto, irá favorecer o condicionamento cardiovascular, além de contribuir para a melhora da função respiratória, analgesia, fortalecimento do MAP (musculatura do assoalho pélvico) e abdominais.

Souza et al. (2024), também afirma que a fisioterapia no pós parto também irá contribuir para a restauração do funcionamento do sistema gastrointestinal, além de orientar os cuidados quanto ao bebê, bem como posicionamento durante o momento de amamentação. Contudo é evidenciado por Souza et al. (2024) que além da fisioterapia o apoio emocional é fundamental, além da presença da família, para de evitar ou prevenir problemas futuros auxiliando na qualidade de vida da mulher.

Segundo pesquisa realizada por Buriti et al. (2016), em sua obra intitulada como “Assistência ao puerpério imediato: o papel da fisioterapia”, foi realizado uma pesquisa com mulher de pós parto através de intervenções por quarenta e cinco minutos, essas atividades consistiam em: educação diafragmática: dez repetições; recrutamento abdominal isométrico: dez repetições com contração sustentada de três a cinco segundos; contrações da musculatura do AP: dez contrações rápidas seguidas de seis segundos de contração sustentada; movimentos alternados de dorsiflexão e plantiflexão dos pés: dez repetições, associado à elevação do membro se este estivesse com grande volume de edema, manobra de eliminação de flatos: massagem circular abdominal por seis minutos; e caminhada: dois a cinco minutos. Assim, obteve-se resultados satisfatórios no retorno da qualidade de vida das puérperas.

Após essas intervenções realizadas na pesquisa de Buriti et al. (2016), também eram prescritas às pacientes orientações a respeito das mudanças de decúbito, posicionamento no leito, posturas adequadas para a amamentação e cuidados com o bebê. Com tudo, foi possível evidenciar que a fisioterapia atua desde as complicações até orientação das pacientes no pós parto proporcionando um bem-estar para as puérperas.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Sendo assim, foi possível destacar a importância que as intervenções fisioterapêuticas possuem na vida das puérperas, no qual vão desde as orientações, e exercícios, fortalecimentos, restauração dos sistemas corporais como gastrointestinal, além dos posicionamentos não somente da paciente como também no momento da amamentação.

Portanto conclui-se que existe a necessidade de mais estudos voltados para a área, pois existe uma carência na falta de artigos voltados para a atuação da fisioterapia no puerpério, haja em vista sua grande importância no retorno da qualidade de vida da mulher.

REFERÊNCIAS

BURITI, J. S., et al., Assistência ao puerpério imediato: o papel da fisioterapia, **Fisioter bras** 2016.

Daronco, Karolyne Fernandes; Muller, Lavinia Almeida; Arruda, Edson Henrique Pereira de. Prevalence of premenstrual syndrome in female nursing students at a public university:



2º CONSAMU 14, 15 e 16 de Junho

REALIZAÇÃO:



APOIO:



cross-sectional study / Prevalência da síndrome pré-menstrual em acadêmicas do curso de enfermagem de uma universidade pública: estudo transversal, **BrJP**;7: e20240006, 2024.

Duarte, Camilla de Paula; Barbosa, Rafaela da Silva Coelho; Couto, Larissa Gonçalves do; Barcelos, Vitória Coutinho; Santos, Aline de França dos; Souza, Karen Abrahão de; Alves, Danielle de Paula Aprígio. Percepção das gestantes atendidas na atenção básica à saúde sobre a atuação fisioterapêutica obstétrica. **Rev. baiana saúde pública** ; 46(3): 134-149, 20220930.

DE SOUZA, A. A. C.; NORONHA, F. L. de. A. Atuação da fisioterapia em puérperas. **Brazilian Journal of Health Review**, [S. l.], v. 7, n. 1, p. 1965–1973, 2024



IMPORTÂNCIA DA ASSISTÊNCIA FISIOTERAPÊUTICA NO PERÍODO GESTACIONAL

Talita Maria Araújo de Abreu¹; Ashley Caymmi de Albuquerque Laurindo²; Lúcia Valéria Chaves³.
Graduanda em Fisioterapia pelo Centro Universitário Inta - UNINTA¹, Graduanda em Fisioterapia pelo Centro Universitário Brasileiro - UNIBRA²; Graduada em Enfermagem pela Autarquia Educacional de Belo Jardim - AEB³.

talitamaria017@gmail.com

RESUMO

A assistência fisioterapêutica desempenha um papel fundamental para o cuidado da mulher durante todo o período gestacional, onde há mudanças no corpo da mulher, e a fisioterapia oferece uma grande abordagem que não é invasiva de forma segura para auxiliar na adaptação a essas transformações. Trata-se de uma revisão de literatura, realizada por meio de um levantamento bibliográfico na base de dados da Medline via PubMed, Biblioteca virtual em saúde e Scientific Electronic Library Online, utilizando os descritores “fisioterapia”, “período gestacional”, “obstétrica” retirados dos descritores DeCS. Como critérios de inclusão foram utilizados artigos publicados nos últimos oito anos (2016-2023). Foram excluídos artigos de duplicação em bases de dados, tema não compatível com a pesquisa. Por fim, foram selecionados cinco estudos. Segundo Araújo et al. (2023) afirma que durante o período gestacional a mulher vivencia diversas modificações fisiológicas, emocionais, comportamentais esse processo gera diversas questões internas na gestante no qual podem ser amenizadas com as ações e intervenções da fisioterapia. Com isso, faz a necessidade de mais estudos voltados para análise da assistência fisioterapêutica no período gestacional, haja em vista a grande importância que significa na qualidade de vida da mulher durante o período gestacional.

Palavras-chave: fisioterapia; período gestacional; obstétrica.

1 INTRODUÇÃO

A assistência fisioterapêutica desempenha um papel fundamental para o cuidado da mulher durante todo o período gestacional. Ao longo das últimas décadas, tem havido um reconhecimento pertinente e crescente da importância da fisioterapia na promoção da saúde e também do bem-estar durante a gravidez. A gestação é um período onde há mudanças no corpo da mulher, e a fisioterapia oferece uma grande abordagem que não é invasiva de forma segura para auxiliar na adaptação a essas transformações, pois na prevenção, o alívio de possíveis desconfortos e complicações são de extrema importância. Exploraremos os benefícios da assistência fisioterapêutica durante o período de gestação, destacando como essa prática pode contribuir para uma gravidez mais saudável e uma transição mais suave para o parto e o pós-parto.

A fisioterapia tem como meta principal prevenir e tratar alterações musculoesqueléticas, como dores lombares e pélvicas, além de melhorar a postura e a função respiratória, e além disso, a fisioterapia no período gestacional busca fortalecer o assoalho pélvico, o que pode contribuir para uma recuperação mais rápida após o parto e ajudar na prevenção de problemas como incontinência urinária. Ela também pode proporcionar alívio para sintomas comuns da gravidez, como edema nas pernas, má circulação sanguínea e desconforto postural.

O objetivo mais importante, é educar a gestante sobre exercícios seguros e técnicas de



relaxamento que podem ser úteis durante o trabalho de parto e facilitar o parto vaginal. Dessa forma, a assistência fisioterapêutica visa não apenas o bem-estar físico, mas também a preparação emocional da mulher para o momento do parto, promovendo uma experiência mais positiva e gratificante.

2 METODOLOGIA

Trata-se de uma revisão de literatura, realizada por meio de um levantamento bibliográfico na base de dados da Medical Literature Analysis and Retrieval System Control (Medline) via PubMed, Biblioteca virtual em saúde (BVS) e Scientific Electronic Library Online (SciELO), utilizando os descritores “fisioterapia”, “período gestacional”, “obstétrica” retirados dos descritores em Ciências da Saúde (DeCS). Como critérios de inclusão foram utilizados artigos publicados nos últimos oito anos (2016-2023). Foram excluídos artigos de duplicação em bases de dados, tema não compatível com a pesquisa. Por fim, foram selecionados cinco estudos para a elaboração do trabalho.

3 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Segundo Araújo et al. (2023) afirma que durante o período gestacional a mulher vivencia diversas modificações fisiológicas, emocionais, comportamentais esse processo gera diversas questões internas na gestante no qual podem ser amenizadas com as ações e intervenções da fisioterapia.

Assim, o fisioterapeuta além de atuar na questão de mudanças fisiológicas, comportamentais, também atua no emocional da gestante, sendo um suporte para a mulher, utilizando recursos para o controle da dor durante o parto. Através do fisioterapeuta contribui não somente para um período gestacional saudável, como um ótimo trabalho de parto e posteriormente um bem estar mãe e filho (Silva, 2019).

Sendo assim, pesquisa realizada por Freitas et al. (2017) demonstra acerca das intervenções realizadas pelo fisioterapeuta na fase gestacional, tais como: Estimulação de movimentos entre as contrações, no qual irão ajudar no encaixe e saída do bebê. Além de exercícios de mobilidade pélvica, técnicas manuais. Além disso, a utilização do TENS (Estimulação Elétrica Nervosa Transcutânea), foi abordado também como meio não farmacológico e não invasivo que ajuda a minimizar o desconforto e reduz a dor do trabalho de parto.

Segundo Araújo et al. (2023), foi evidenciado que a atuação do fisioterapeuta no fortalecimento do assoalho pélvico, com o propósito de ganhar resistência, força e controle das contrações da musculatura. Além de atividades que desenvolvam força e alongamento, se fazem de grande importância para ajudar a facilitar a passagem do bebê no canal vaginal e evitar possíveis lacerações.

Assim, o trabalho fisioterapêutico, sendo Araújo et al. (2023), durante o período gestacional obtém-se de forma positivamente na adaptação do corpo da mulher ao crescimento do feto no período gestacional, contribuindo para minimização de disfunções ocasionada pela gestação, prevenção de complicações pós-parto, diminuição do tempo de internação em leitos e aceleração do processo de recuperação da gestante.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Assim, conclui-se que, as intervenções fisioterapêuticas são fundamentais durante o período gestacional, pois irão contribuir para uma gestação, parto e um pós-parto saudáveis. Além disso, o acompanhamento, fortalecimento, exercícios e alongamento, possuem grande



significância prevenindo possíveis lacerações durante o parto

Com isso, faz a necessidade de mais estudos voltados para análise da assistência fisioterapêutica no período gestacional, haja em vista a grande importância que significa na qualidade de vida da mulher durante o período gestacional.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, A. F. C.; PINHEIRO, G. D. S.; FERREIRA, S. C. S.; SALEME, A. P. D. F. A ATUAÇÃO DO FISIOTERAPEUTA DURANTE A GESTAÇÃO E NO PÓS-PARTO. **Revista Multidisciplinar do Nordeste Mineiro**, [S. l.], v. 7, n. 1, 2023.

DUARTE, Camilla de Paula; Barbosa, Rafaela da Silva Coelho; Couto, Larissa Gonçalves do; Barcelos, Vitória Coutinho; Santos, Aline de França dos; Souza, Karen Abrahão de; Alves, Danielle de Paula Aprígio. Percepção das gestantes atendidas na atenção básica à saúde sobre a atuação fisioterapêutica obstétrica. **Rev. baiana saúde pública**; 46(3): 134-149, 2022.0930.

ELIZA Orsolin de Borba, Michael Vieira do Amarante, Débora D'Agostini Jorge. Assistência fisioterapêutica no trabalho de parto, 2021. **Fisioterapia e Pesquisa**. Volume: 28 Page: 324–330 DOI: 10.1590/1809-2950/21000628032021.

FREITAS et al. Atuação da Fisioterapia no Parto Humanizado. **De Ciência Em Foco**, v. 1 n.1, 2017.

SILVA, Ricardo Barreto et al. Atuação do fisioterapeuta no período gestacional: uma revisão integrativa de literatura. **Revista Ciência & Saberes-UniFacema**, v. 4, n. 4, 2019.

ANÁLISE DOS ÓBITOS NO BRASIL POR NEOPLASIA EM DIFERENTES REGIÕES UTERINAS DE 2002 A 2022.

Ana Carolina Matias Pires¹; Tales Silva Santana¹; Flávia Letícia Miranda Galvão¹; Karla Rivellyne de Castro Ribeiro¹; Marília Lopes Leal¹; Tarcísio Augusto da Silva Menezes².

Graduando em medicina pela Universidade Federal do Vale do São Francisco¹, Docente do curso de medicina pela Universidade Federal do Vale do São Francisco².

carolina.mpires@discente.univasf.edu.br

RESUMO

O objetivo deste estudo é analisar a mortalidade por neoplasia maligna em diferentes porções uterinas no Brasil entre 2002 e 2022. Trata-se de um estudo ecológico, com dados adquiridos do Sistema de Informações sobre Mortalidade (SIM). Foram incluídos óbitos por neoplasias malignas do colo do útero, de outras porções deste mesmo órgão e de regiões uterinas não especificadas, Estes óbitos foram analisados segundo ano de atendimento, cor/raça, faixa etária e região do país. Com a análise destes dados foi possível concluir que os óbitos por neoplasia maligna na região do corpo do útero foram os que tiveram maior crescimento percentual no número de mortes com o passar dos anos e o câncer de colo de útero foi responsável pelo maior número de mortes em valores absolutos. Além disso, foi observado que houve maior incidência de óbitos na cor/raça branca, na região Sudeste, e na faixa-etária de 60 a 69 para as neoplasias uterinas do corpo ou de região não especificada e na de 50 a 59 anos no câncer de colo do útero.

Palavras-chave: neoplasias do colo do útero; neoplasias uterinas; epidemiologia.

1 INTRODUÇÃO

As neoplasias uterinas são responsáveis por um terço dos casos de câncer nas mulheres no Brasil, sendo as neoplasias do colo uterino o terceiro e as neoplasias de corpo do útero o sétimo câncer mais incidente nas mulheres quando excluídos os tumores de pele não melanoma (INCA, 2023) (INCA, 2022).

O câncer de colo uterino é uma doença prevenível e curável se detectada precocemente e tratada adequadamente (WHO, 2020). Devido a isso, o Ministério da Saúde recomenda no Brasil a realização de testes preventivos como o Papanicolau para rastreamento e diagnóstico precoce da doença. Já o câncer de corpo de útero é uma neoplasia que pode ter sua origem em diferentes regiões do órgão, mas mais comumente se inicia no endométrio e que apesar de não ter rastreamento possui sinais clínicos, como sangramentos e corrimentos uterinos anormais, que se conhecidos podem levar à suspeita precoce. (INCA, 2022). Porém, apesar dos esforços ainda há muitos casos de óbitos por neoplasias uterinas, ocorrendo estes muitas vezes devido a atendimentos inadequados e exames citopatológicos tardios (Albano; Fizinus; Tomaz, 2016)(Miranda; Rezende; Romero, 2018). Dito isto, este estudo tem como objetivo analisar a mortalidade por neoplasia maligna em diferentes porções uterinas, no Brasil entre 2002 e 2022.

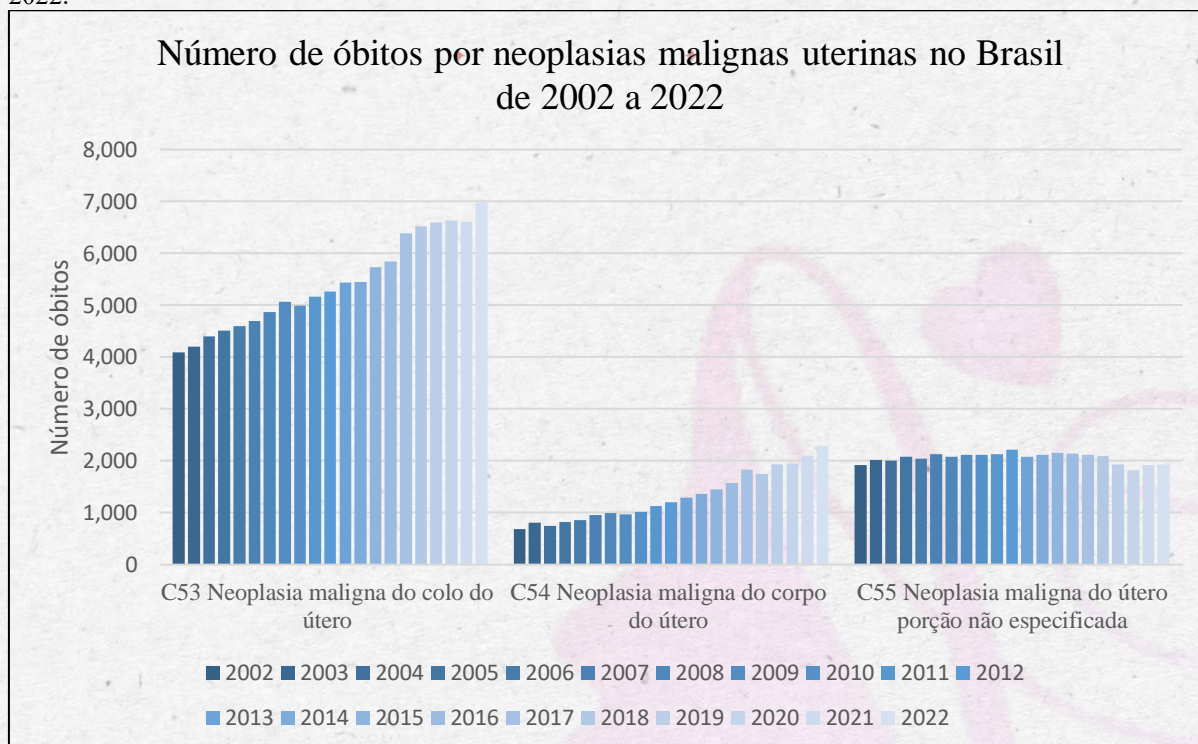
2 METODOLOGIA

Trata-se de um estudo ecológico, com dados adquiridos do Sistema de Informações sobre Mortalidade (SIM). Foram incluídos neste estudo óbitos por neoplasias malignas do colo do útero, de outras porções deste mesmo órgão e de regiões uterinas não especificadas, que

correspondem aos CID-10: C53, C54 e C55. Estes óbitos foram analisados segundo ano de atendimento, cor/raça, faixa etária e região do país.

3 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Gráfico 1 – Distribuição do número de óbitos por neoplasia maligna uterina segundo ano no Brasil, de 2002 a 2022.



Fonte: Elaborado pelos autores com base nos dados do Sistema de Informação sobre Mortalidade (SIM).

No gráfico 1 observa-se que no período de 2002 a 2022 houve um aumento no número de óbitos por neoplasias uterinas, seja no colo ou em outras regiões do órgão, salientando que o número é bem maior nos casos de câncer do colo do útero. Além disso, é possível perceber também que a quantidade de neoplasia maligna do útero em porção não especificada se manteve constante com o passar dos anos.

Tabela 1 – Distribuição do número de óbitos por neoplasia maligna uterina segundo região do Brasil, de 2002 a 2022.

Região do país	Região Norte	Região Nordeste	Região Sudeste	Região Sul	Região Centro-Oeste
C53 Neoplasia maligna do colo do útero	13.944	34.862	39.485	16.884	8.831
C54 Neoplasia maligna do corpo do útero	977	5.328	15.167	4.605	1.639
C55 Neoplasia maligna do útero porção não especificada	2.396	11.159	19.877	7.031	2.667
Total	17.317	51.349	74.529	28.520	13.137

Fonte: Elaborada pelos autores com base nos dados do Sistema de Informação sobre Mortalidade (SIM).

Na tabela 1 é possível perceber que em todas as situações a região Sudeste apresentou a maior incidência, representando 40,32% (n=74.529) dos óbitos, sendo seguida pela região Nordeste com 27,78% (n= 51.349), que se comparando apenas com os casos de câncer de colo uterino houve uma diferença de incidência menor, no Sudeste houve 34,63% (n= 39.485) dos



óbitos por neoplasia no colo do útero, e no Nordeste 30,58% (n=34.862) destes.

Tabela 2 – Distribuição do número de óbitos por neoplasia maligna uterina segundo faixa etária no Brasil, de 2002 a 2022.

Faixa Etária	C53 Neoplasia maligna do colo do útero	C54 Neoplasia maligna do corpo do útero	C55 Neoplasia maligna do útero porção não especificada
10 a 14 anos	3	2	6
15 a 19 anos	54	8	21
20 a 29 anos	3.146	101	551
30 a 39 anos	14.017	418	2.664
40 a 49 anos	23.524	1.472	6.118
50 a 59 anos	25.315	4.560	8.471
60 a 69 anos	21.819	8.693	9.663
70 a 79 anos	16.039	7.745	8.713
80 anos e mais	10.068	4.714	6.904
Idade ignorada	19	3	16
Total	114.004	27.716	43.127

Fonte: Elaborada pelos autores com base nos dados do Sistema de Informação sobre Mortalidade (SIM).

Observa-se na tabela 2 que o número total de óbitos aumentou com a idade atingindo seu pico aos 60-69 anos com 31,36% (n=8.693) das mortes, após isso há uma redução gradual no número de óbitos, conforme visto na tabela 3. Porém, no caso específico das neoplasias do colo uterino, apesar de seguir o mesmo padrão de aumento com a idade, o pico de ocorrência dos óbitos é na faixa etária de 50-59 anos, uma década antes dos outros casos, após isso há redução gradual assim como nos outros casos.

Tabela 3 – Distribuição do número de óbitos por neoplasia maligna uterina segundo cor/raça no Brasil, de 2002 a 2022.

Óbitos por Cor/raça	Branca	Preta	Amarela	Parda	Indígena	Ignorado
C53 Neoplasia maligna do colo do útero	49.543	9.092	503	49.074	568	5.224
C54 Neoplasia maligna do corpo do útero	17.045	2.262	216	7.126	39	1.028
C55 Neoplasia maligna do útero porção não especificada	22.587	3.547	244	14.255	128	2.366
Total	89.175	14.901	963	70.455	735	8.618

Fonte: Elaborada pelos autores com base nos dados do Sistema de Informação sobre Mortalidade (SIM).

É constatado na tabela 3 que quanto à cor/raça 61,5% (n= 17.045) dos casos foram da raça branca, 25,71% (n=7.126) parda, 8,16% (n=2.262) preta, 0,14% (n=39) indígena, 0,78% (n=216) amarela. Especificando por cada CID é possível ver individualmente a maior incidência da raça branca em todos, porém é importante enfatizar que no caso das neoplasias de colo uterino a cor parda tem incidência bastante semelhante à branca.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Óbitos por neoplasia maligna na região do corpo do útero foram os que tiveram maior

crescimento percentual no número de mortes com o passar dos anos e o câncer de colo de útero foi responsável pelo maior número de mortes em valores absolutos. Além disso, a cor/raça branca é a mais prevalente nos três casos, porém a parda tem prevalência semelhante nos casos de óbitos por câncer no colo uterino. O ápice do número de óbitos por câncer de colo de útero acontece uma década antes, na faixa etária dos 50-59 anos, se comparado aos casos de neoplasia em outras regiões uterinas, que é aos 60-69 anos. Por fim, foi também possível concluir que é na região Sudeste do Brasil que há maior número absolutos de óbitos por neoplasias uterinas e que a incidência no Nordeste se torna mais semelhante à do Sudeste quando se compara apenas os óbitos por câncer de colo do útero.

REFERÊNCIAS

INCA - Instituto Nacional de Câncer. Dados e números sobre câncer do colo do útero - **Relatório Anual 2023**. [S.l.]: [s.n.], 2023a. Disponível em:

<<https://antigo.inca.gov.br/publicacoes/relatorios/dados-e-numeros-sobre-cancer-do-colo-do-utero-relatorio-anual-2023>>. Acesso em: 20 maio 2024.

INCA - Instituto Nacional de Câncer. Estimativa 2023 : incidência de câncer no Brasil / Instituto Nacional de Câncer. Rio de Janeiro : INCA, 2022.. p. 1–155. Disponível em: <<https://www.inca.gov.br/publicacoes/livros/estimativa-2023-incidencia-de-cancer-no-brasil>>. Acesso em: 20 maio 2024.

WORLD HEALTH ORGANIZATION. Global strategy to accelerate the elimination of cervical cancer as a public health problem. **World Health Organization**, 2020. p. 1–56. Disponível em: <<https://www.who.int/publications/i/item/9789240014107>>. Acesso em: 20 maio 2024.

ALBANO, M. E.; FIZINUS, J. C.; TOMAZ, A. A omissão de informações em prontuários médicos de mulheres que foram a óbito por neoplasias do útero. **ENCICLOPEDIA BIOSFERA**, 5 dez. 2016. v. 13, n. 24. Disponível em: <<https://conhecer.org.br/ojs/index.php/biosfera/article/view/1123>>. Acesso em: 20 maio 2024.

MIRANDA, A. P.; REZENDE, E. V.; ROMERO, N. S. A. Percepção e adesão das mulheres quanto ao exame citopatológico. **Nursing (Ed. bras., Impr.)**, 2018. p. 2435–2438. Disponível em: <<https://fi-admin.bvsalud.org/document/view/jacva>>. Acesso em: 20 maio 2024.

COMPARAÇÃO DA MORTALIDADE MATERNA NO BRASIL POR SÍNDROMES HIPERTENSIVAS NA GESTAÇÃO DE 2002 A 2022

Ana Carolina Matias Pires¹; Tales Silva Santana¹; Flávia Letícia Miranda Galvão¹; Karla Rivellyne de Castro Ribeiro¹; Marília Lopes Leal¹; Tarcísio Augusto da Silva Menezes².

Graduando em medicina pela Universidade Federal do Vale do São Francisco¹, Docente do curso de medicina pela Universidade Federal do Vale do São Francisco².

carolina.mpires@discente.univasf.edu.br

RESUMO

Este estudo objetiva comparar a mortalidade materna associada à diferentes quadros de síndromes hipertensivas na gestação, no Brasil entre 2002 e 2022. Trata-se de um estudo ecológico, com dados provenientes do Sistema de Informação sobre Mortalidade (SIM). Foram incluídos nesse estudo óbitos que envolviam as categorias CID-10: O10, O11, O13, O14, O15 e O16. Estas categorias foram analisadas segundo ano do óbito, raça/cor, faixa etária e região do Brasil em que ocorreu, durante o período de 2002 a 2022. Com a avaliação desses dados concluiu-se que o número de óbitos maternos seguiu de forma decrescente a ordem: eclâmpsia, hipertensão gestacional com proteinúria, hipertensão pré-existente à gestação, hipertensão materna não especificada, hipertensão gestacional sem proteinúria, hipertensão pré-existente com proteinúria. A maioria dos casos ocorreu em mulheres pardas na faixa etária de 20 a 39 anos na região do Nordeste.

Palavras-chave: mortalidade materna; hipertensão; epidemiologia.

1 INTRODUÇÃO

A gestação é uma condição clínica que pode induzir hipertensão arterial sistêmica (HAS) ou mesmo agravar uma hipertensão crônica pré-existente (Moraes *et al.*, 2019). Ambas as situações ocorrem devido a alterações patológicas na gravidez que levam a ativação inflamatória sistêmica no organismo materno, disfunção endotelial e limitação na vascularização da placenta (FEBRASGO, 2017).

Estes quadros de HAS na gravidez são chamados de síndromes hipertensivas gestacionais (SHG) e além de serem a intercorrência clínica mais comum da gestação também são uma das mais importantes causas de morbimortalidade materna mundialmente (Ministério da Saúde, 2022; Xavier *et al.*, 2015). As SHG podem causar diversas complicações como encefalopatia hipertensiva, falência cardíaca, comprometimento da função renal, hemorragia retiniana, coagulopatia, prematuridade fetal e culminar na morte materna (Araújo *et al.*, 2017; Moraes *et al.*, 2019; FEBRASGO, 2017).

Este estudo objetiva comparar a mortalidade materna associada à diferentes quadros de síndromes hipertensivas na gestação, no Brasil entre 2002 e 2022.

2 METODOLOGIA

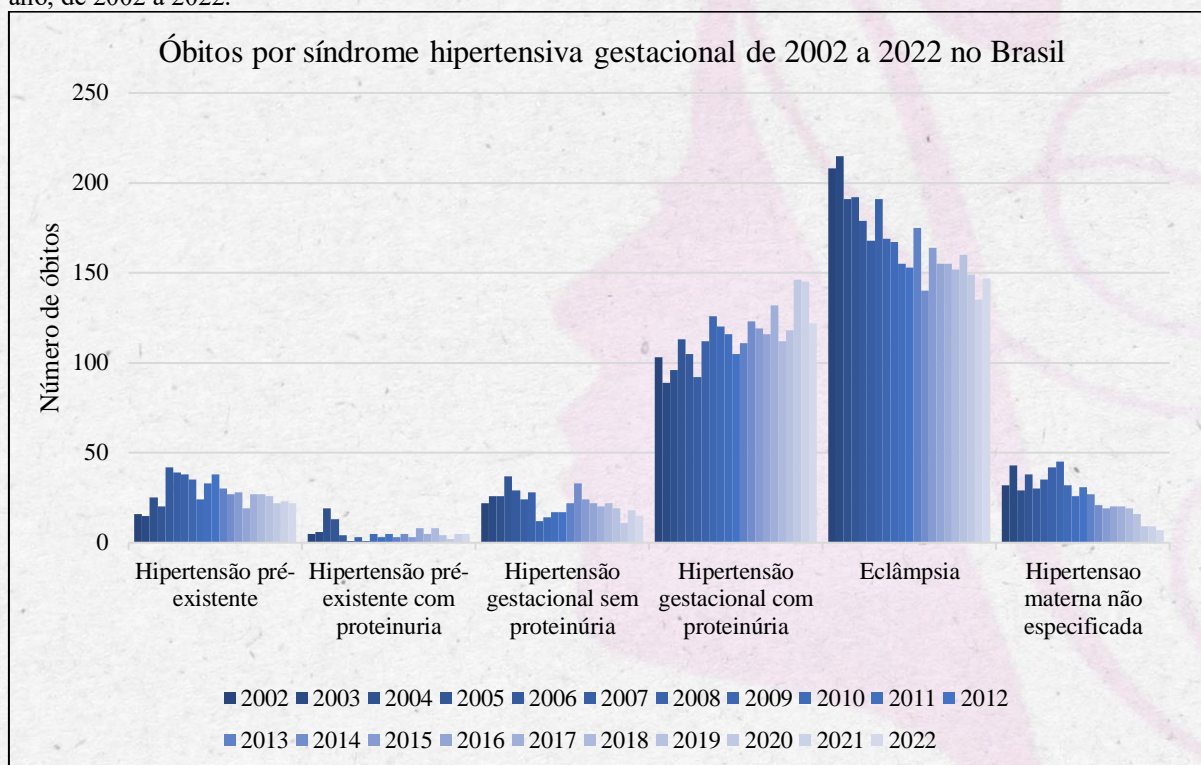
Trata-se de um estudo ecológico, com dados provenientes do Sistema de Informação sobre Mortalidade (SIM). Foram incluídos nesse estudo óbitos que envolviam as categorias CID-10: O10 - Hipertensão pré-existente complicando a gravidez, o parto e o puerpério; O11 - Distúrbio hipertensivo pré-existente com proteinúria superposta. O13 - Hipertensão gestacional

sem proteinúria significativa; O14 - Hipertensão gestacional com proteinúria significativa; O15 – Eclâmpsia e O16 - Hipertensão materna não especificada. Estas categorias foram analisadas segundo ano do óbito, raça/cor, faixa etária e região do Brasil em que ocorreu, durante o período de 2002 a 2022.

3 RESULTADOS E DISCUSSÕES

No gráfico 1 pode-se observar que a principal responsável pelos óbitos por síndromes hipertensivas na gestação é a eclâmpsia, porém ao mesmo tempo ela vem tendo uma maior e mais constante redução no número de óbitos desde o início do período avaliado, se comparado aos outros quadros, quando desconsiderada a redução importante no número de casos de óbitos por hipertensão materna não especificada, que pode indicar uma melhor descrição etiológica dos casos.

Gráfico 1 - Distribuição dos óbitos por diferentes manifestações de síndrome hipertensiva gestacional segundo o ano, de 2002 a 2022.



Fonte: Elaborado pelos autores com base nos dados do Sistema de Informação sobre Mortalidade (SIM).

É possível analisar pela tabela 1 que a região Nordeste é a que apresenta o maior número de casos de óbitos, sendo ultrapassada apenas pela região Sudeste nos casos de mortes por hipertensão pré-existente à gestação e gestacional sem proteinúria, e pela região Sul nos casos pré-existentes com proteinúria.

Tabela 1 - Distribuição do número de óbitos por diferentes manifestações de síndrome hipertensiva gestacional, de acordo com divisão do CID 10, segundo região do Brasil, de 2002 a 2022.

Região do País	Região Norte	Região Nordeste	Região Sudeste	Região Sul	Região Centro-Oeste
O10 - Hipertensão pré-existente	53	202	243	47	31
O11 - Hipertensão pré-existente com proteinúria	6	28	39	31	9



O13 - Hipertensão sem proteinúria	45	170	187	15	41
O14 - Hipertensão com proteinúria	241	878	816	266	220
O15 - Eclâmpsia	632	1473	935	236	244
O16 Hipertensão materna não especificada	63	226	181	27	53
Total	1040	2977	2401	622	598

Fonte: Elaborada pelos autores com base nos dados do Sistema de Informação sobre Mortalidade (SIM).

Com a tabela 2 é possível observar que a faixa etária com maior número de óbitos total é a de 20 a 29 anos de vida, com valor semelhante na de 30 a 39 anos, que apresenta números maiores nos casos de hipertensão pré-existente e hipertensão gestacional sem proteinúria, enquanto na faixa de 20-29 anos há mais casos de óbitos por quadro hipertensivo que surgiu durante a gestação com proteinúria e eclâmpsia

Tabela 2 – Distribuição do número de óbitos por diferentes manifestações de síndrome hipertensiva gestacional, de acordo com divisão do CID 10, segundo faixa etária no Brasil, de 2002 a 2022.

Faixa etária	10 a 14 anos	15 a 19 anos	20 a 29 anos	30 a 39 anos	40 a 49 anos	50 a 59 anos	70 a 79 anos
O10 - Hipertensão pré-existente	1	31	151	283	106	4	-
O11 - Hipertensão pré-existente com proteinúria	1	6	34	50	22	-	-
O13 - Hipertensão sem proteinúria	3	51	178	181	44	1	-
O14 - Hipertensão com proteinúria	19	266	992	946	196	1	1
O15 - Eclâmpsia	59	636	1.388	1.193	242	2	-
O16 Hipertensão materna não especificada	59	202	230	57	2	-	-
Total	142	1192	2973	2710	612	8	1

Fonte: Elaborada pelos autores com base nos dados do Sistema de Informação sobre Mortalidade (SIM).

Na tabela 3 é possível perceber que quanto a variável cor/raça, a cor parda foi a mais incidente, exceto nos óbitos por hipertensão pré-existente com proteinúria superposta, em que a cor branca tem maior incidência.

Tabela 3 – Distribuição do número de óbitos por diferentes manifestações de síndrome hipertensiva gestacional, de acordo com divisão do CID 10, segundo cor/raça no Brasil, de 2002 a 2022

	Branca	Preta	Amarela	Parda	Indígena	Ignorado
O10 - Hipertensão pré-existente	162	93	-	292	2	27
O11 - Hipertensão pré-existente com proteinúria	46	20	-	39	-	8
O13 - Hipertensão sem proteinúria	139	63	1	231	3	21
O14 - Hipertensão com proteinúria	776	296	8	1.207	22	112
O15 - Eclâmpsia	940	420	17	1.881	59	203
O16 Hipertensão materna não especificada	146	71	3	284	5	41
Total	2209	963	29	3934	91	412

Fonte: Elaborada pelos autores com base nos dados do Sistema de Informação sobre Mortalidade (SIM).

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O número de óbitos maternos seguiu de forma decrescente a ordem: eclâmpsia, hipertensão gestacional com proteinúria, hipertensão pré-existente à gestação, hipertensão materna não especificada, hipertensão gestacional sem proteinúria, hipertensão pré-existente com proteinúria. A maioria dos casos ocorreu em mulheres pardas na faixa etária de 20 a 39 anos na região do Nordeste, sendo apenas ultrapassado pelo Sudeste quando analisados os números individuais de hipertensão pré-existente e hipertensão gestacional sem proteinúria e pela região Sul nos casos pré-existentes com proteinúria.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, I. F. M. *et al.* Síndromes hipertensivas e fatores de risco associados à gestação.

Rev. enferm. UFPE on line, p. 4254–4262, 2017. Disponível em:

<<https://periodicos.ufpe.br/revistas/revistaenfermagem/article/view/231189/25175>>. Acesso em: 20 maio 2024.

Federação Brasileira das Associações de Ginecologia e Obstetrícia (FEBRASGO). Pré-eclâmpsia nos seus diversos aspectos. **Série Orientações e Recomendações FEBRASGO**. n. 8, 2017. Disponível em: <https://www.febrasgo.org.br/media/k2/attachments/12-PRE_ECLAYMPSIA.pdf>. Acesso em: 20 maio 2024.

MINISTÉRIO DA SAÚDE. Secretaria de Atenção Primária à Saúde. Departamento de Ações Programáticas. Manual de gestação de alto risco [recurso eletrônico], Brasília: **Ministério da Saúde**, 692 p., 2022. Disponível em: <

https://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/manual_gestacao_alto_risco.pdf> . Acesso em: 20 maio 2024

MORAES, L. S. L. *et al.* Síndromes hipertensivas na gestação: perfil clínico materno e condição neonatal ao nascer. **Revista Baiana de Saúde Pública**, v. 43, n. 3, p. 599–611, nov. 2019. Disponível em: <<https://rbsp.sesab.ba.gov.br/index.php/rbsp/article/view/2974>>. Acesso em: 20 maio 2024.

XAVIER, R. B. *et al.* Itinerários de cuidados à saúde de mulheres com história de síndromes hipertensivas na gestação. **Interface - Comunicação, Saúde, Educação**, v. 19, n. 55, p.

1109–1120, 25 ago. 2015. Disponível em:

<<https://www.scielo.br/j/icse/a/SjzdFmgBcCw7kr9H8b6G6SP/?lang=pt>>. Acesso em: 20 maio 2024.



SÍFILIS NO NORDESTE NO ANO DE 2022: DESAFIOS E ESTRATÉGIAS DE DIAGNÓSTICO NO PRÉ-NATAL

Bruna Menezes Souza de Jesus¹; Paula Paulina Costa Tavares².

Graduanda em enfermagem pela Faculdade Adventista da Bahia - FADBA¹, Mestre em Promoção a Saúde, Docente pela Faculdade Adventista da Bahia - FADBA².

menezesbrunaaa@gmail.com

RESUMO

Introdução: A sífilis na gestação possui importante relação com a morbimortalidade no binômio materno-infantil. Nesse sentido, a sífilis durante gestação repercute em aspectos adversos como aborto, nascimento prematuro, sífilis congênita, dentre outros fatores. **Objetivo:** Descrever os casos de sífilis em gestantes diagnosticadas durante pré-natal no Nordeste, em 2022. **Metodologia:** Trata-se de um estudo retrospectivo, descritivo, realizado a partir do Sistema de Informação de Agravos de Notificação (SINAN) do Sistema Único de Saúde (SUS), disponibilizado pelo departamento de Informática do SUS (DataSUS) em informações de saúde (TABNET). Sendo concedidas pelo Ministério da Saúde (MS). **Resultados e Discussões:** No ano de 2022, o Nordeste totalizou um somatório de 14.222 diagnósticos de sífilis em gestantes, durante o pré-natal. A Unidade da Federação com maior número de diagnósticos foi o estado da Bahia, com 3.388 casos de sífilis em gestantes, correspondendo a 23,82%, seguido por Pernambuco, com 18,54% dos casos, totalizando 2.638 diagnósticos de sífilis em gestantes. **Considerações Finais:** Diante do exposto, a realização da assistência à saúde da mulher durante o pré-natal para o diagnóstico de sífilis, configura como de extrema importância, no que refere à prevenção de agravos para o binômio materno-fetal, bem como, manejo clínico diante da possibilidade de transmissão vertical.

Palavras-chave: Sífilis; Gestantes; Pré-natal.

1 INTRODUÇÃO

Em *Verona*, por *Girolamo Fracastoro*, surge a primeira nomenclatura para sífilis, através do manuscrito, em forma de poema *Syphilis sive morbus gallicus*, no entanto, a terminologia da sífilis foi reconhecida posteriormente como um quadro clínico apenas na idade moderna (Magalhães *et al*, 2011; Geraldês Neto *et al*, 2009). Causada pelo agente etiológico *Treponema Pallidum*, a sífilis é uma Infecção Sexualmente Transmissível (IST), classificada nos estágios: primário, secundário e terciário (SINAN, 2022).

Esta infecção afeta globalmente cerca de um milhão de mulheres no ciclo gravídico, reverberando uma média de trezentas mil mortes de fetos e neonatos. Sob esse enfoque, a sífilis na gestação possui importante relação na morbimortalidade no binômio materno-infantil (Fiocruz, 2023). Nesse sentido, a sífilis no período gestacional repercute em aspectos adversos como aborto espontâneo, nascimento prematuro, malformação fetal, sífilis congênita, dentre outros fatores (Brasil, 2024).

No Brasil, durante o ano de 2021 foram identificados 167.000 casos de sífilis adquirida, sendo 74.000 dos casos no ciclo gestacional, ainda neste período, 27.000 casos diagnosticados foram de sífilis congênita (Brasil, 2023). Em relação às regiões brasileiras, o Nordeste têm sido loco de dados alarmantes, uma vez que, apresentou-se como uma das áreas com maiores diagnósticos de sífilis gestacional (Sousa *et al*, 2022).



Diante desse contexto, há um desafio relativo ao diagnóstico, adequado manejo clínico, educação em saúde e a morbimortalidade materno-fetal frente aos casos de sífilis gestacional. Nessa óptica, estratégias para o rastreamento durante a triagem pré-natal, por meio da realização do teste rápido e da solicitação do *Venereal Disease Research Laboratory* (VDRL), configuram como ferramentas úteis para o tratamento assertivo e em tempo hábil, já ações educativas surgem como forma de prevenção da sífilis e disseminação de conhecimento e orientação à população (Sousa *et al*, 2022).

Assim, um pré-natal integral, baseado na assistência humanizada, através do rastreamento, tratamento, prevenção de agravos e promoção à saúde, contribuem para o adequado gerenciamento dos casos de sífilis gestacional. Assim, este estudo tem como objetivo descrever os casos de sífilis em gestantes diagnosticadas durante pré-natal no Nordeste, em 2022.

2 METODOLOGIA

Trata-se de um estudo retrospectivo, descritivo, realizado a partir do Sistema de Informação de Agravos de Notificação (SINAN) do Sistema Único de Saúde (SUS), disponibilizado pelo departamento de Informática do SUS (DataSUS) em informações de saúde (TABNET). Sendo concedidas pelo Ministério da Saúde (MS), as informações do presente estudo foram coletadas em abril de 2024.

Foram incluídas as variáveis como sífilis em gestantes, por região, Unidade Federativa (UF) de notificação, UF Pré-natal e casos confirmados. Os dados compreenderam o ano de 2022, além de compreender as UF da região do nordeste, sendo: Alagoas, Bahia, Ceará, Maranhão, Paraíba, Pernambuco, Piauí, Rio Grande do Norte e Sergipe.

Com os dados agrupados, foram realizadas as análises, organização dos cálculos, criação dos gráficos, através do programa Google Sheets, por intermédio do Google Planilhas. Estes cálculos foram transformados em porcentagem (%), envolvendo as variáveis da pesquisa, conforme citadas previamente. Vale ressaltar, que este estudo utilizou dados secundários disponibilizados pelo MS, portanto, não se pode fornecer a garantia de informações incontestáveis, haja visto o fator das subnotificações e notificações incorretas durante o período determinado. Todavia, é válida a discussão referente a esses dados que fornecem informações relevantes.

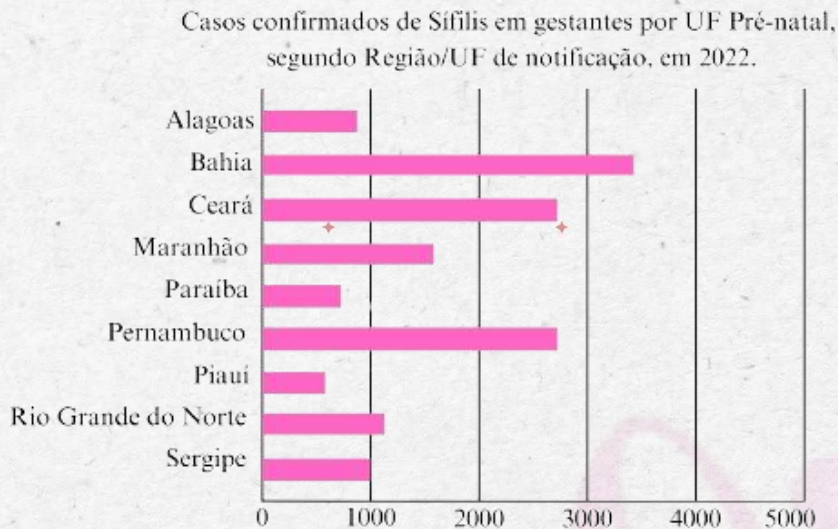
O presente estudo dispensou submissão ao Conselho de Ética e Pesquisa (CEP), por não se tratar de pesquisas clínicas que envolvessem animais ou seres humanos, tratando-se apenas da realização da coleta de informações em sistemas secundários disponibilizados ao público.

3 RESULTADOS E DISCUSSÕES

No ano de 2022, o Nordeste totalizou uma soma de 14.222 diagnósticos de sífilis em gestantes durante o pré-natal. A UF com maior número de diagnósticos foi o estado da Bahia, com 3.388 casos de sífilis em gestantes, correspondendo a 23,82%, seguido por Pernambuco, com 18,54% dos casos, totalizando 2.638 diagnósticos de sífilis em gestantes. Já o estado do Ceará apresentou 2.609 casos, equivalente a 18,34% do total, subseqüentemente o Maranhão com 11,1%, 1580 casos de sífilis em gestantes.

Nessa perspectiva, a apreciação de informações referentes a dados epidemiológicos proposta por Sousa *et al*. (2022), conferem que os estados da Bahia, Pernambuco, Ceará e Maranhão são os que correspondem a confirmação das maiores totalidades de casos de gestantes com sífilis na região Nordeste, tendo o estado da Bahia números mais expressivos.

Imagem 1. Tabela Casos confirmados por UF Pré-natal segundo Região Nordeste/UF de notificação



Fonte: Sistema de Informação sobre Mortalidade (SIM) disponibilizado pelo DataSUS.

O Rio Grande do Norte (RN) apresentou 1039 casos, sendo em porcentagem 7,30% de sífilis em gestantes. Nesse sentido, o estudo descritivo realizado por Câmara *et al* (2022) no RN, descreveu e relacionou os casos de sífilis no período gestacional com fatores de baixa escolaridade, o que leva ao parecer causal que a falta de acesso adequado a instituições de ensino é relevante no que diz respeito a escassez de informações e conhecimentos, repercutindo em casos de sífilis no ciclo gravídico.

No que diz respeito aos dados do estado de Sergipe, foram identificados 909 casos, correspondendo a 6,46% dos diagnósticos de sífilis na gestação. Um estudo ecológico conduzido por Albuquerque *et al.* (2022), notou-se que os casos descritos de sífilis na gestação, relacionaram-se com o aumento de diagnósticos de sífilis congênita.

Os estados com menores somatórios de sífilis durante o ciclo gravídico foram Alagoas com 800 notificações ou 5,62% do total, já o estado da Paraíba apareceu com 5,15%, em números absolutos, ou seja, 733 casos e por fim, o Piauí com 516 casos, correspondendo a 3,62%. Nesse viés, apesar de serem os estados com menores diagnósticos de sífilis na gestação, estudos comprovam que o aumento destes casos tem sido crescentes.

Um estudo epidemiológico, quantitativo, conduzido por Almada *et al* (2023), com o objetivo de analisar o perfil epidemiológico dos casos de sífilis congênita no Piauí, coaduna com os dados encontrados, uma vez que, denota distanciamento nas orientações e metas da Organização PanAmericana de Saúde (OPAS), estipuladas em concordância com o Ministério da Saúde (MS), referentes a finalidade do decréscimo dos casos de sífilis.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do exposto, a realização da assistência à saúde da mulher durante o pré-natal para diagnóstico de sífilis é de extrema importância no que se refere à prevenção de agravos para o binômio materno-fetal, bem como, o manejo clínico diante da possibilidade de transmissão vertical. O pré-natal tem sido um instrumento de grande importância, no que se refere à promoção da saúde e prevenção de agravos relacionados ao ciclo gravídico.

Atuar diante do processo clínico para rastreio da sífilis e diagnóstico são formas de realizar assistência integral à população referida e reduzir os casos de morbimortalidade materno-infantil. Estudos baseados na epidemiologia são fundamentais para continuidade do



fomento à pesquisa e meios de minimizar os riscos destas.

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE, A. T., *et al.* Sífilis congênita no estado de Sergipe: uma análise epidemiológica dos últimos dez anos. **Research, Society and Development**, v. 11, n. 15, e135111537134, 2022

ALMADA, A. G. C., *et al.* Perfil epidemiológico dos casos de Sífilis Congênita notificados no município de Teresina – Piauí, no período de 2012 a 2022. **Brazilian Journal of Health Review**, Curitiba, v. 6, n. 6, p. 26587-26599, 2023.

BRASIL. **Ministério da Saúde.** Sífilis congênita, 2024. Disponível em: <<https://www.gov.br/saude/pt-br/assuntos/saude-de-a-a-z/s/sifilis-congenita>> Acesso em: 25 mai 2024.

BRASIL. **Ministério da Saúde.** Sífilis: entre janeiro e junho de 2022, Brasil registrou mais de 122 mil novos casos da doença, 2023. Disponível em: <<https://www.gov.br/saude/pt-br/assuntos/noticias/2023/fevereiro/sifilis-entre-janeiro-e-junho-de-2022-brasil-registrou-mais-de-122-mil-novos-casos-da-doenca#:~:text=Em%202021%2C%20foram%20registrados%20no,por%20esse%20tipo%20de%20s%C3%ADfilis.>> Acesso em: 25 mai 2024.

CÂMARA, A. G., *et al.* Perfil epidemiológico de Sífilis gestacional no Rio Grande do Norte: um comparativo entre os anos de 2019 e 2020. **Research, Society and Development**, v. 11, n. 13, e470111335184, 2022.

FIOCRUZ. **Fundação Oswaldo Cruz.** Sífilis: diagnóstico e tratamento na gestação, 2023. Disponível em: <https://portaldeboaspraticas.iff.fiocruz.br/atencao-mulher/sifilis-teste-rapido-e-tratamento-na-gestacao/>> Acesso em: 25 mai 2024.

GERALDES NETO, B. G., *et al.* A sífilis no século XVI- o impacto de uma nova doença. **Arq Ciênc Saúde**, v. 16, n. 3, 127-129, 2009.

MAGALHÃES, D. M. S., *et al.* A sífilis na gestação e sua influência na morbimortalidade materno-infantil. **Com. Ciências Saúde** - 22 Sup 1:S43-S54, 2011.

SINAN. **Sistema de Informação de Agravos de Notificação.** Sífilis em gestante, 2022. Disponível em: <<https://portalsinan.saude.gov.br/sifilis-em-gestante>> Acesso em: 25 mai 2024.

SOUSA, S. S., *et al.* Aspectos clínico-epidemiológicos da sífilis gestacional no Nordeste do Brasil. **Revista Ciência Plural**, [S. l.], v. 8, n. 1, p. e22522, 2022.



FISIOTERAPIA OBSTÉTRICA E OS SEUS BENEFÍCIOS NA SAÚDE DA GESTANTE

Ashley Caymmy de Albuquerque Laurindo¹; Talita Maria Araújo de Abreu²; Lúcia Valéria Chaves³.
Graduanda em Fisioterapia pelo Centro Universitário Brasileiro - UNIBRA¹, Graduanda em Fisioterapia pelo Centro Universitário Inta - UNINTA²; Graduada em Enfermagem pela Autarquia Educacional de Belo Jardim - AEB³.

ashleycaymmy@gmail.com

RESUMO

A gravidez é um período de grande transformação física e emocional na vida de uma mulher, marcado por uma série de mudanças fisiológicas e biomecânicas que podem afetar sua saúde e bem-estar. Esta revisão tem como objetivo destacar a importância da fisioterapia obstétrica na promoção da saúde da gestante. Trata-se de uma revisão de literatura, realizada por meio de um levantamento bibliográfico na base de dados da Medical Literature Analysis and Retrieval System Control (Medline) via PubMed, Biblioteca virtual em saúde (BVS) e Scientific Electronic Library Online (SciELO) utilizando os descritores “Fisioterapia obstétrica”, “Gestacional”, “Saúde da gestante” retirados dos Descritores em Ciências da Saúde (DeCS). Como critérios de inclusão foram utilizados artigos publicados em (2019-2022). Foram selecionados seis estudos para a elaboração do trabalho. Na preparação para o momento do trabalho de parto, as intervenções fisioterapêuticas juntamente com a equipe multiprofissional, fazem com que as gestantes se sintam mais seguras e confiantes para vivenciar todo o momento do ato de gerar e o início da maternidade. Foi evidenciado na literatura que muitas gestantes não possuem ainda o conhecimento necessário sobre a atuação que o fisioterapeuta tem durante o período gestacional e os seus benefícios.

Palavras-chave: fisioterapia obstétrica; gestacional; saúde da gestante.

1 INTRODUÇÃO

A gravidez é um período de grande transformação física e emocional na vida de uma mulher, marcado por uma série de mudanças fisiológicas e biomecânicas que podem afetar sua saúde e bem-estar. Nesse contexto, a fisioterapia obstétrica surge como uma modalidade terapêutica fundamental, oferecendo uma abordagem holística e integrada para promover a saúde e o conforto da gestante durante essa fase crucial da vida.

A fisioterapia obstétrica, também conhecida como fisioterapia em obstetrícia ou fisioterapia perinatal, visa prevenir e tratar as disfunções musculoesqueléticas, neurológicas e respiratórias associadas à gestação, parto e pós-parto. Por meio de técnicas especializadas, exercícios terapêuticos, educação postural, preparação para o parto e orientações sobre o autocuidado, o fisioterapeuta obstétrico trabalha em colaboração com a gestante para promover uma gravidez saudável, um parto mais tranquilo e uma recuperação pós-parto mais rápida e eficaz.

Os benefícios da fisioterapia obstétrica são diversos e abrangentes, pois durante a gestação, a fisioterapia pode ajudar a aliviar dores lombares e pélvicas, melhorando a postura e o equilíbrio, previne lesões musculoesqueléticas, facilita a respiração, e promover o relaxamento, pois durante o trabalho de parto, as técnicas de fisioterapia podem auxiliar no alívio da dor, já no progresso do trabalho de parto e na adoção de posições confortáveis para o parto, pois no pós-parto, a fisioterapia obstétrica pode ajudar na recuperação da musculatura abdominal e do assoalho pélvico, no tratamento de disfunções do pavimento pélvico, na prevenção de incontinência urinária e no fortalecimento dos músculos do core.



Apesar dos inúmeros benefícios da fisioterapia obstétrica, ainda há desafios a serem enfrentados, como a falta de conscientização sobre a importância desses cuidados, a escassez de profissionais qualificados e a acessibilidade aos serviços de fisioterapia perinatal em algumas comunidades. Portanto, esta revisão tem como objetivo destacar a importância da fisioterapia obstétrica na promoção da saúde da gestante, fornecendo uma visão abrangente sobre os benefícios dessa abordagem terapêutica e identificando áreas para melhoria e desenvolvimento.

2 METODOLOGIA

Trata-se de uma revisão de literatura, realizada por meio de um levantamento bibliográfico na base de dados da Medical Literature Analysis and Retrieval System Control (Medline) via PubMed, Biblioteca virtual em saúde (BVS) e Scientific Electronic Library Online (SciELO) utilizando os descritores “Fisioterapia obstétrica”, “Gestacional”, “Saúde da gestante” retirados dos Descritores em Ciências da Saúde (DeCS). Como critérios de inclusão foram utilizados artigos publicados em (2019-2022). Foram excluídos artigos de duplicação em bases de dados, tema não compatível com a pesquisa, assim como artigos incompletos e que não atendem a temática proposta. Por fim, foram selecionados seis estudos para a elaboração do trabalho.

3 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Silva *et al.* (2021). Evidenciaram que as intervenções fisioterapêuticas irão auxiliar a mulher diante das mudanças físicas durante a gestação até o parto e pós-parto. Através da avaliação do padrão respiratório, tratando a postura das pacientes, como também na preparação para o momento do trabalho de parto. Assim, terá como objetivo, não apenas tratar, mas também a prevenção, orientação. Uma pesquisa realizada por Keil *et al.* (2021), evidenciou alguns benefícios que a atuação do fisioterapeuta tem, durante a gestação, tais como a redução da dor lombar, melhora da flexibilidade, redução do estresse, auxílio no controle do peso, redução dos riscos de diabetes gestacional, prevenção de distúrbios do assoalho pélvico como diminuição de incidência de incontinência urinária, como também redução da percepção de dores durante o parto, assim como redução de edema, cãibras. Muitas são as técnicas utilizadas pelo fisioterapeuta durante a gestação, que irão contribuir para o bem-estar dos pacientes, tais como: a deambulação, adoção de posturas verticais, exercícios respiratórios, alongamentos ativos e passivos, analgesia através da estimulação elétrica nervosa transcutânea (TENS), técnicas de relaxamento, massagens, hidroterapia e crioterapia (Souza, 2019).

Sendo assim, o conhecimento da mulher acerca da atuação da fisioterapia durante a gestação é de extrema importância para que a mulher possa cuidar de seu corpo durante cada fase de desenvolvimento da criança. Um estudo realizado por Duarte *et al.* (2022), demonstrou que as gestantes ainda possuem pouco conhecimento sobre a fisioterapia obstétrica e sua importância durante a fase gestacional, no qual poucas conhecem as áreas de atuação do fisioterapeuta e algumas das técnicas utilizadas para beneficiar a mulher no período gravídico. Uma pesquisa realizada por Keil *et al.* (2022), mostrou algumas respostas de gestantes perante seu conhecimento acerca da importância da fisioterapia durante o período gravídico, onde as respostas foram que a maioria, não possuem conhecimento sobre.

Assim, foi evidenciado por Duarte *et al.* (2022) que uma gestante bem informada, orientada, preparada emocionalmente e fisicamente através das intervenções fisioterapêuticas e juntamente com a equipe multiprofissional, faz com que se sintam mais segura e confiante para vivenciar toda o momento do ato de gestar e o início da maternidade.

4 CONCLUSÃO



Assim, foi evidenciado a importância que a atuação do fisioterapeuta obstétrica tem durante o período gestacional, tendo como objetivo melhorar a qualidade de vida dessas gestantes. Foi evidenciado na literatura que muitas gestantes não possuem ainda o conhecimento necessário sobre os benefícios que a atuação do fisioterapeuta tem durante o período estacional e os seus benefícios. Ficando assim, evidente a necessidade da inserção do fisioterapeuta durante a fase gestacional bem como mais estudos voltados para a temática.

REFERÊNCIAS

DELGADO. Birth ball use for women in labor: A systematic review and meta-analysis. **Complement Ther Clin Pract**, v.35, n.9, p.2-101, 2019.

BRASIL. **Lei nº 7.723 de 6 de janeiro de 2022**. Dispõe/ regulamenta sobre a permanência do profissional Fisioterapeuta nas maternidades públicas e privadas. Teresina: Governo do Estado do Piauí; 2022.

DUARTE. Percepção das gestantes atendidas na atenção básica a saúde sobre a atuação fisioterapêutica obstétrica. **Revista Baiana de Saúde Pública**, v. 46, n. 3, p. 134-149 set. 2022.

SOUZA. A atuação da fisioterapia obstétrica: revisão de literatura. **Revista Saúde e Desenvolvimento**. vol.13, n.15, 2019.

KEIL. Marina Joice. Fisioterapia em obstetrícia pelos olhos das gestantes: um estudo qualitativo. **Fisioter. Mov**, v. 35, n.3, p.560170, 2022.

SILVA. Josiany Resplandes da. Importância do fisioterapeuta no período gestacional. **Research, Society and Development**, v. 10, n. 11, n.4, p. 80101119977, 2021.



A ATUAÇÃO DO FISIOTERAPEUTA DERMATOFUNCIONAL NO PÓS-OPERATÓRIO DE CIRURGIA PLÁSTICA DE PRÓTESE MAMÁRIA

Ashley Caymmi de Albuquerque Laurindo¹; Talita Maria Araújo de Abreu²; Lúcia Valéria Chaves³.

Graduanda em Fisioterapia pelo Centro Universitário Brasileiro - UNIBRA¹, Graduanda em Fisioterapia pelo Centro Universitário Inta - UNINTA²; Graduada em Enfermagem pela Autarquia Educacional de Belo Jardim - AEB³.

ashleycaymmi@gmail.com

RESUMO

A cirurgia de prótese mamária é uma intervenção comum realizada por mulheres em busca de melhorias estéticas ou reconstrutivas das mamas. Apesar dos avanços tecnológicos e das técnicas cirúrgicas refinadas, o período pós-operatório desse procedimento pode ser desafiador, com potenciais complicações. Trata-se de uma revisão de literatura, realizada por meio de um levantamento bibliográfico na base de dados da Medical Literature Analysis and Retrieval System Control (Medline) via PubMed, Biblioteca virtual em saúde (BVS) e Scientific Electronic Library Online (SciELO), utilizando os descritores “pós-operatório”, “fisioterapia”, “cirurgia plástica” retirados dos descritores em Ciências da Saúde (DeCS). Como critérios de inclusão foram utilizados artigos publicados nos últimos seis anos (2018-2023). Por fim, foram selecionados cinco estudos para a elaboração do trabalho, existem as cicatrizes que são resultados do processo cirúrgico e o fisioterapeuta dermatofuncional irá atuar na minimização dessas cicatrizes. Assim, conclui-se que o fisioterapeuta dermatofuncional entra em cena com o objetivo de realizar de proporcionar ao paciente o sentimento de satisfação e melhora na qualidade de vida no pós-operatório de implante mamário. Seja através da prevenção de edema, equimoses e até mesmo redução de cicatrizes, em prol do retorno da autoestima da paciente.

Palavras-chave: pós-operatório; fisioterapia; cirurgia plástica.

1 INTRODUÇÃO

A cirurgia de prótese mamária é uma intervenção comum realizada por mulheres em busca de melhorias estéticas ou reconstrutivas das mamas. Apesar dos avanços tecnológicos e das técnicas cirúrgicas refinadas, o período pós-operatório desse procedimento pode ser desafiador, com potenciais complicações, desconforto e alterações na aparência e sensibilidade da região mamária. Nesse contexto, a atuação do fisioterapeuta dermatofuncional emerge como uma peça fundamental no processo de recuperação e reabilitação das pacientes submetidas à cirurgia de prótese mamária. A fisioterapia dermatofuncional é uma especialidade da fisioterapia que se dedica ao tratamento de disfunções estéticas e funcionais da pele, músculos, tecido conjuntivo e sistema linfático. No contexto da cirurgia plástica de prótese mamária, o fisioterapeuta dermatofuncional desempenha um papel importante na prevenção e tratamento de complicações pós-operatórias, na redução do edema e da dor, na melhoria da cicatrização, na recuperação da sensibilidade e na otimização dos resultados estéticos. Por meio de técnicas especializadas, como massagem terapêutica, drenagem linfática manual, terapia por ultrassom, terapia a vácuo, eletroestimulação e orientação postural, o fisioterapeuta dermatofuncional trabalha em colaboração com a equipe cirúrgica para promover uma recuperação mais rápida, confortável e eficaz para as pacientes submetidas à cirurgia de prótese mamária. Além disso, a



abordagem holística da fisioterapia dermatofuncional considera não apenas os aspectos físicos, mas também os aspectos emocionais e psicossociais envolvidos no processo de recuperação pós-cirúrgica. No entanto, apesar da importância da atuação do fisioterapeuta dermatofuncional no pós-operatório de cirurgia plástica de prótese mamária, ainda há uma necessidade de mais pesquisas e evidências para elucidar os benefícios específicos dessa intervenção, identificar as melhores práticas clínicas e garantir o acesso equitativo a esses serviços. Portanto, esta revisão tem como objetivo destacar a importância da atuação do fisioterapeuta dermatofuncional no pós-operatório de cirurgia plástica de prótese mamária, fornecendo uma visão abrangente sobre os benefícios e desafios dessa abordagem terapêutica. Ao fazer isso, esperamos promover uma maior conscientização sobre o papel crucial do fisioterapeuta dermatofuncional na promoção da recuperação e bem-estar das pacientes submetidas a esse procedimento cirúrgico, contribuindo assim para uma abordagem mais abrangente e integrada da saúde e estética mamária.

2 METODOLOGIA

Trata-se de uma revisão de literatura, realizada por meio de um levantamento bibliográfico na base de dados da Medical Literature Analysis and Retrieval System Control (Medline) via PubMed, Biblioteca virtual em saúde (BVS) e Scientific Electronic Library Online (SciELO), utilizando os descritores “pós-operatório”, “fisioterapia”, “cirurgia plástica” retirados dos descritores em Ciências da Saúde (DeCS). Como critérios de inclusão foram utilizados artigos publicados nos últimos seis anos (2018-2023). Foram excluídos artigos de duplicação em bases de dados, tema não compatível com a pesquisa, assim como artigos incompletos e que não atendem a temática proposta. Por fim, foram selecionados cinco estudos para a elaboração do trabalho.

3 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Segundo estudo de Chi et al. (2018), entre as principais ocorrências que o fisioterapeuta dermatofuncional atende em pacientes pós-operatório de implante mamário se dá através da formação de edema intenso e a equimose. No qual são as intercorrências que representam um grande desafio na atuação do fisioterapeuta, que, ao longo dos últimos anos. Assim, foi evidenciado por Mascarenhas et al. (2020) além de outras complicações do pós de implante mamário, existem as cicatrizes que são resultados do processo cirúrgico e o fisioterapeuta dermatofuncional irá atuar na minimização dessas cicatrizes, através do microagulhamento, pois é um recurso que possui a função de amenizar cicatrizes, bem como a estimulação da produção de colágeno e irá ser um recurso bastante utilizado no que diz respeito o pós operatório de cirurgia de implante mamária para redução das cicatrizes. Segundo Souza et al. (2019), destaca-se em sua pesquisa que para a cirurgia ocorrer de forma correta, o fisioterapeuta deve orientar a hidratação da pele do paciente, com a utilização de cosméticos e juntamente com a drenagem linfática que irá atuar promovendo a melhora da circulação sanguínea e linfática na região mamária, além da troca de metabolismo, irão contribuir para o sucesso da cirurgia.

4 CONCLUSÃO

Assim, conclui-se que o fisioterapeuta dermatofuncional entra em cena com o objetivo de realizar de proporcionar ao paciente o sentimento de satisfação e melhora na qualidade de vida no pós-operatório de implante mamário. Seja através da prevenção de edema, equimoses e até mesmo redução de cicatrizes, em prol do retorno da autoestima da paciente.



REFERÊNCIAS

ANNY CHI, et al. Prevenção e tratamento de equimose, edema e fibrose no pré, trans e pós-operatório de cirurgias plásticas, 2018. **Revista Brasileira de Cirurgia Plástica (RBCP)** – Brazilian Journal of Plastic Surgery, v. 33 n. 3, p. 343-454.

Breast Implants. **Am Fam Physician**. 2021 Nov v.1, n.1, p.14.

CHI A, et al. Prevenção e tratamento de equimose, edema e fibrose no pré, trans e pós-operatório de cirurgias plásticas. **Rev. Bras. Cir. Plást.**2018. v.33, n.3, p.343-354.

Souza, Silmara Regia dos S, et al. A atuação da fisioterapia dermatofuncional no pré e pós-operatório de mamoplastia e abdominoplastia: Uma revisão de Literatura, **Revista Saberes da Faculdade São Paulo – FSP**, v.9, n.1, 2019.

Larissa Silva Mascarenhas et al., A atuação da fisioterapia dermatofuncional no pré e pós-operatório de mamoplastia: Uma revisão narrativa. **International Journal of Development Research**, v.10, n. 6, p.36705-36708, June, 2020.



TERAPIA DE REPOSIÇÃO HORMONAL: EFEITOS E ATUAÇÃO DA ENFERMAGEM

Thailanne Cardoso Soares¹; Ana Carolina da Silva Reis²; Gabrielly Mendes Coelho²; Luiz Henrique de Oliveira Rodrigues²; Maria de Fátima Cavalcanti de Lima²; Acsa Maélly Chaves Né Barros²; Nirvana Magalhães Sales³

¹Acadêmica de Enfermagem pela Universidade Federal do Ceará; ²Enfermeira pela Universidade Federal de Pernambuco; ²Acadêmica de Enfermagem pela Faculdade Santo Antônio de Alagoinhas; ²Enfermeiro pela Faculdade Santíssima Trindade; ²Graduada em Ciências Sociais pela Universidade Pitágoras Unopar; ²Graduada em Enfermagem pela Unopar; ³Enfermeira, residente de Enfermagem Obstétrica pela Maternidade Escola Assis Chateaubriand/UFC.

thailanne2010@alu.ufc.br

RESUMO

A área da saúde da mulher abrange diversas questões como, a saúde reprodutiva, a prevenção de doenças e a saúde mental. Nessa conjuntura, é fundamental referenciar acerca da menopausa. Tal situação traz consigo diversos sintomas como irritabilidade, calor excessivo e alterações vaginais, por exemplo. Além disso, a enfermagem atua de forma presente em mulheres que estão passando pelo climatério e pela menopausa, promovendo cuidado integral e escuta desse público. Dessa maneira, foi desenvolvido esta pesquisa bibliográfica que analisou os efeitos da terapia de reposição hormonal na menopausa e o papel da enfermagem nessa situação. Após a análise aprofundada dos artigos selecionados, observou-se que a terapia possui benefícios para a saúde feminina, visto que reduz as transformações acarretadas por esse momento vivenciado pela mulher. Assim, pôde-se concluir que a terapia de reposição hormonal ocasiona melhor bem-estar feminino durante a menopausa e que a colaboração da enfermagem é de suma importância para esse público-alvo.

Palavras-chave: terapia de reposição hormonal; cuidados de enfermagem; menopausa.

1 INTRODUÇÃO

A saúde da mulher é um ramo muito heterogêneo na área da saúde que compreende uma variedade de questões, o que se pode listar: saúde reprodutiva, prevenção de doenças, saúde mental e bem-estar (Brasil, 2021). Nesse contexto, é importante citar uma das áreas que está compreendida no âmbito da saúde da mulher, como a menopausa, que define-se como último ciclo menstrual, ou seja, a última menstruação que ocorre, em geral, entre os 45 e 55 anos, sendo fundamental que não tenha mais o período menstrual, apenas sendo identificada após 12 meses de amenorreia. Ademais, caso as menstruações parem antes desse período, pode-se chamar de menopausa precoce (Alves, 2024). É de suma importância mencionar que o climatério não é a mesma coisa que a menopausa, e que muitas mulheres confundem os dois períodos. Pode-se afirmar que diferentemente da menopausa, no climatério a mulher ainda tem o ciclo menstrual, mesmo que irregular, e é considerado um período de transição entre o seu período reprodutivo/fértil para o período não reprodutivo, no qual se inicia antes da última menstruação e se perdura por alguns anos até a menopausa (Alves, 2024).

Um dos possíveis tratamentos para os efeitos da menopausa seria a reposição hormonal. Nesse cenário, temos que desde a década de 1960, a terapia de reposição hormonal na menopausa



(THM), tem estado em discussão e tem sido objeto de estudo. Tal fenômeno tomou maior proporção nesta época devido que havia a prescrição de estrogênio terapia isolada para as mulheres que estavam na menopausa, o que dava origem a problemas a nível endometrial. Ademais, em 1980, a THM conseguiu outra promoção após o efeito protetor das progestinas, que são definidos como compostos que agem com os receptores da progesterona nos tecidos alvos com efeito similar à progesterona. Além disso, o THM alcançou seu ápice em 1990 e foi observado que a estrogênio terapia pós menopausa poderia prevenir a doença coronária e a demência (Pardini, 2024). Essa terapia é um tratamento aplicado para amenizar os sintomas da menopausa e precaver condições de saúde que estão associadas à deficiência hormonal nas mulheres (Pfizer, 2024).

Tendo isso em vista, a atuação do enfermeiro é fundamental para garantir cuidado integral à essas mulheres, uma vez que o profissional atua no cuidado direto com a paciente, por meio de educação em saúde, informando a paciente sobre o que é na menopausa, suas mudanças hormonais e as opções de tratamento, o que inclui a terapia de reposição hormonal, explicando os benefícios e riscos. Atua, também, na avaliação e no monitoramento realizando as avaliações periódicas da eficácia da TRH. Somado a isso, age no suporte emocional e psicológico, o que irá ajudar a mulher a lidar com as transformações físicas e/ou psicológicas que podem estar relacionadas à menopausa. Assim, o enfermeiro é imprescindível para fornecer às mulheres na menopausa um cuidado holístico, centrado na paciente envolvendo todos seus aspectos.

2 METODOLOGIA

O presente estudo consiste em uma pesquisa bibliográfica e documental que buscou avaliar os benefícios da terapia de reposição hormonal na menopausa e a atuação da Enfermagem no qual foram realizadas leituras e interpretações das leituras entre os meses de abril e maio de 2024. A coleta de dados ocorreu nas seguintes bases de dados: PubMed, BVS, LILACS e SciELO no idioma Português. Foi utilizado os descritores correspondentes em inglês disponíveis no Vocabulário Controlado em Ciências da Saúde (DeCs) como “Hormone Replacement Therapy AND Nursing Care”. O operador booleano “AND” foi utilizado para associar os descritores na busca. Foram selecionados esses descritores para identificar estudos relevantes, o que garantiu ampliação das buscas de artigos. Durante o processo, foram excluídos do estudo: Estudos que não estivessem de forma direta ligada à temática da terapia hormonal, artigos de opinião e artigos que não estivessem disponíveis para leitura completa. Com isso, os artigos que fossem identificados nas bases de dados foram inicialmente filtrados pelo seu título. Assim, foram obtidos 14 artigos que, após análise mais aprofundada, foram selecionados 6 para esse estudo.

3 RESULTADOS E DISCUSSÕES

De acordo com uma revisão sistemática da literatura que utilizou 602 artigos, pode-se afirmar que a TRH consegue ajudar a mulheres com os sintomas na pós-menopausa e, além disso, auxilia, também, as mulheres na pós-menopausa que possuem comorbidades, como a osteoporose, patologias cardiovasculares e diabetes tipo II, melhorando assim, a qualidade de vida e conseqüentemente a longevidade dessas mulheres (Canderelli, 2007).

Ademais, em outro estudo, de revisão integrativa, composta por 26 artigos analisados, no qual foi evidenciado os benefícios cardioprotetores da TRH, observou-se que a TRH em mulheres na menopausa consegue reduzir de forma significativa os riscos de eventos cardiovasculares. Uma vez que os elevados níveis de estrogênio favorecem os efeitos cardioprotetores, tornando



as mulheres fiquem mais preservadas para doenças cardiovasculares (Costa, 2023). Em uma pesquisa qualitativa realizada no município de Pesqueira, em Pernambuco, foi verificado que 80% dos profissionais enfermeiros entrevistados não explicaram detalhadamente sobre os tipos de terapias hormonais, sendo indicado apenas as terapias formuladas de estrogênio e progesterona. Outrossim, os profissionais referiram que não tinham recebido nenhum tipo de capacitação voltada para a assistência à mulheres nesse período (Campos, 2022). Durante a pesquisa, foi possível notar a inexperiência dos entrevistados acerca da temática para ações de educação e promoção da saúde das mulheres que vivenciam esse período da vida.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conclui-se, então, que a terapia em questão fornece benefícios que são significativos para o alívio dos sintomas da menopausa na saúde da mulher, como nos sintomas vasomotores, urogenitais, previne a osteoporose, densidade óssea, ajuda na saúde cardiovascular, humor, função cognitiva e na saúde mental e no bem-estar. No entanto, é indispensável mais pesquisas contínuas acerca da temática. O crescimento de conhecimentos sobre o assunto contribuirá para melhorias na prática profissional e conseqüentemente aperfeiçoará a assistência às mulheres. O desenvolvimento da TRH circunda uma avaliação minuciosa, escolha adequada da terapia, para assim, expandir os seus resultados. Com isso, é fundamental que os profissionais aprimorem seus estudos acerca do tema para que a enfermagem promova qualidade durante a assistência.

REFERÊNCIAS

PARDINI, D. Terapia de reposição hormonal na menopausa. *Arquivos brasileiros de endocrinologia e metabologia*, v. 58, n. 2, p. 172–181, 2014.

Terapia de reposição hormonal. Disponível em: <<https://www.pfizer.com.br/sua-saude/mulher/terapia-de-reposicao-hormonal>>. Acesso em: 20 maio. 2024.

Saúde da mulher contempla cuidados específicos. Disponível em:<<https://www.gov.br/pt-br/noticias/saude-e-vigilancia-sanitaria/2021/05/saude-da-mulher-contempla-cuidados-especificos>>.

ALVES, B. / O. / Menopausa e climatério. Disponível em:

<<https://bvsm.sau.gov.br/menopausa-e-climaterio/>>. Acesso em: 20 maio. 2024.

CAMPOS, P. F. et al. Climatério e menopausa: conhecimento e condutas de enfermeiras que atuam na Atenção Primária à Saúde. *Rev. enferm. UFSM*, p. e41–e41, 2022.

Zhang GQ, Chen JL, Luo Y, Mathur MB, Anagnostis P, Nurmatov U, Talibov M, Zhang J, Hawrylowicz CM, Lumsden MA, Critchley H, Sheikh A, Lundbäck B, Lässer C, Kankaanranta H, Lee SH, Nwaru BI. Menopausal hormone therapy and women's health: An umbrella review. *PLoS Med.* 2021 Aug 2;18(8):e1003731. doi: 10.1371/journal.pmed.1003731. PMID: 34339416; PMCID: PMC8366967.

PARDINI, D. Terapia de reposição hormonal na menopausa. *Arquivos Brasileiros de Endocrinologia & Metabologia*, v. 58, n. 2, p. 172–181, mar. 2014.

Canderelli R, Leccesse LA, Miller NL, Unruh Davidson J. Benefits of hormone replacement therapy in postmenopausal women. *J Am Acad Nurse Pract.* 2007 Dec;19(12):635–41. doi: 10.1111/j.1745-7599.2007.00269.x. PMID: 18042129.



2º CONSAMU 14, 15 e 16 de Junho

REALIZAÇÃO:



APOIO:



Vega V. Cardioprotective benefits of hormone replacement therapy. *J Am Acad Nurse Pract.* 2001 Feb;13(2):69-76; quiz 77-9. doi: 10.1111/j.1745-7599.2001.tb00220.x. PMID: 11930400.

Briggs P, Barber K, Cooke K, Hillard T, Mansour D, Panay N, Pearson K, Tanna N, Wokoma T. Consensus-led recommendations supporting choice and personalisation of Hormone replacement therapy in menopause care. *Post Reprod Health.* 2022 Jun;28(2):71-78. doi: 10.1177/20533691221084827. Epub 2022 Apr 20. PMID: 35443829.

CAMPOS, P. F. et al. Climatério e menopausa: conhecimento e condutas de enfermeiras que atuam na Atenção Primária à Saúde. *Rev. enferm. UFSM*, p. e41–e41, 2022.

COSTA, A. L. M. P. et al. O impacto da terapia de reposição hormonal na saúde cardiovascular em mulheres após menopausa: uma revisão de literatura. *Brazilian Journal of Health Review*, v. 6, n. 5, p. 22161–22172, 19 set. 2023.



O IMPACTO PSICOSSOCIAL DO DIAGNÓSTICO E TRATAMENTO DO CÂNCER DO COLO DO ÚTERO

Paula Georgia Oliveira Lima¹; Ludymila Leal Rego dos Anjos¹; Ana Carlyne Portela Radtke¹; Isadora Aires Godinho¹; João Vítor Oliveira Silva¹; Ariana Carneiro de Sousa Batista¹; Marcus Vinicius Moreira Barbosa²

Graduando em Medicina pela Universidade de Gurupi - campus Paraíso do Tocantins¹
Docente da graduação em medicina da Universidade de Gurupi - campus Paraíso do Tocantins²

joao.v.o.silva@unirg.edu.br

RESUMO

O câncer do colo de útero é uma das neoplasias mais comuns entre as mulheres, causando impactos físicos e psicossociais como depressão, estresse, baixo autoestima e isolamento social. A revisão literária utilizou dados da Biblioteca Virtual em Saúde, Scielo e PubMed, focando em artigos entre 2009 e 2024, para investigar o impacto psicossocial dessa neoplasia. Embora o diagnóstico precoce com exame Papanicolau tenha reduzido a mortalidade, o câncer do colo de útero ainda é um desafio, especialmente em regiões de baixo desenvolvimento socioeconômico. Muitas pacientes passam por diagnósticos tardios, restringindo as possibilidades de tratamento curativo e elevando os custos financeiros. Os efeitos do tratamento incluem distúrbios do sono, fadiga, disfunção sexual, sintomas da menopausa, e problemas psicológicos como depressão e ansiedade. Em suma, intervenções psicológicas personalizadas juntamente com medidas integradas de saúde, apoio familiar e social são fundamentais para melhorar o prognóstico e a qualidade de vida das mulheres afetadas por esta doença.

Palavras-chave: Câncer do colo do útero; Impacto psicossocial; Diagnóstico precoce.

1 INTRODUÇÃO

Há décadas o câncer é considerado uma das doenças de maior incidência e mortalidade do planeta, seu próprio nome carrega um estigma, em que desde o diagnóstico do paciente, independente de características de malignidade ou não, já promovem um quadro de tristeza e perda de esperança. Nesse sentido, as mulheres são afetadas de forma agressiva, o Câncer de Colo de Útero, é uma das neoplasias mais comuns entre as mulheres, que atinge características femininas e sua autoestima, o que torna o acompanhamento de ciclos reprodutivos, histórico familiar, estilo de vida, acesso e qualidade dos serviços de saúde fatores determinantes para o tratamento e diagnóstico preciso, muitas vezes não realizados com a frequência necessária pela paciente (Lichtenfels *et al.*, 2023).

No Brasil, acredita-se que a mortalidade por essa neoplasia apresenta diminuição pela promoção de saúde, como por exemplo o incentivo ao “Preventivo” ou Exame Preventivo de Colo de Útero, o Papanicolau – uma das diversas tentativas para prevenção e diagnóstico da doença, o que aumenta as chances de sobrevivida ao evitar tratamentos e diagnósticos tardios. No entanto, as altas taxas de mortalidade continuam em locais de menor desenvolvimento socioeconômico como as regiões Norte e Nordeste, mostrando que apesar da grande cobertura da realização do exame, ainda existem locais desfavorecidos (Luizaga *et al.*, 2023).

O impacto psicossocial na mulher é iniciado desde a suspeita, o medo da morte e as possíveis mudanças no futuro causam efeitos físicos e neurológicos, não só na aparência, mas



também na saúde mental, através da depressão, estresse e diminuição de libido, e o abandono familiar, seja pela falta de apoio ou afastamento por parte do cônjuge, por exemplo, são alguns aspectos. Atualmente, a busca por melhores intervenções tem sido de grande ajuda e o apoio nessa fase da mulher em tratamento ou após ele, que auxiliam na “promoção” de esperança e superação para reabilitação em aspectos psíquicos, sociais e culturais (Santos; Souza, 2019).

Assim, é necessária uma maior atenção a essa repercussão na vida das mulheres com câncer, em que o impacto psicossocial provocado por sentimento de culpa, insegurança, depressão e estresse, podem causar mais tarde um isolamento e a má adesão ao tratamento. Em um estudo com mulheres em tratamento do Câncer de Mama, que também é de grande frequência entre as mulheres, as participantes relataram a decisão de “abraçar” a possibilidade de cura, mesmo em estágios mais avançados, onde a comunicação médico – paciente, além de fatores familiares, por exemplo, estabelecem uma relação de confiança e maior adesão, demonstrando que todo o conjunto envolvido, desde a suspeita ao tratamento, reduzem esses impactos e favorecem um bom prognóstico da paciente (Rossi; Santos, 2003).

2 METODOLOGIA

Realizou-se uma revisão literária com base em material já publicado, baseada em evidências sobre o impacto psicossocial do diagnóstico e tratamento do câncer do colo uterino. As referências da pesquisa foram buscadas nos dados da Scielo e PubMed e utilizou os seguintes descritores: neoplasias do colo uterino, oncologia psicossocial e saúde da mulher. Os artigos foram filtrados de acordo com os seguintes critérios de inclusão: I) artigos que abordavam a temática delimitada; II) disponibilizados gratuitamente e no formato eletrônico; III) recorte temporal entre 2009 e 2024; IV) publicados na língua portuguesa e inglesa. Após a etapa de busca, iniciou-se a leitura dos estudos e delimitação de 5 trabalhos relevantes para a escrita da revisão literária.

3 RESULTADOS E DISCUSSÕES

O câncer do colo do útero é responsável por mais de 0,3 milhões de mortes por ano em todo o mundo e os adenocarcinomas representam cerca de 25% de todos os cânceros do colo do útero (Kobayashi *et al.*, 2024). Embora a maioria dos cânceros do colo do útero se devam à infecção por papilomavírus humano (HPV) de alto risco, cerca de 15% dos adenocarcinomas cervicais não têm qualquer ligação com a infecção por HPV. As taxas de incidência colocam o câncer cervical entre os três principais tipos de câncer em mulheres com menos de 45 anos (Arbyn *et al.*, 2019).

O câncer do colo do útero continua a ser um problema de saúde pública significativo, com cerca de 0,6 milhões de casos e 0,3 milhões de mortes anualmente, o que o coloca como o quarto cancro mais comum em termos de incidência e mortalidade entre as mulheres em todo o mundo (Arbyn *et al.*, 2019). Há uma década, o câncer do colo do útero era o terceiro cancro mais comum entre as mulheres a nível mundial; no entanto, em 42 países com poucos recursos, reinou como o mais prevalente. A compreensão de que a infecção persistente por tipos cancerígenos do papilomavírus humano (HPV) é o principal factor desencadeante do desenvolvimento do cancro do colo do útero levou a abordagens inovadoras na prevenção primária e secundária (Arbyn *et al.*, 2019).

Embora a incidência do câncer do colo do útero invasivo esteja a diminuir gradualmente devido à ferramenta de diagnóstico precoce que utiliza o exame de Papanicolaou do colo do útero, o cancro do colo do útero ainda se mantém como uma das principais causas de mortes por cancro nos países em desenvolvimento. As mulheres com esta doença não estão apenas em risco, mas também sobrecarregadas com custos financeiros substanciais – relacionados não só



com o tratamento, mas também com questões relacionadas com os órgãos reprodutivos e o útero (Shyu *et al.*, 2019).

Apesar dos progressos alcançados na detecção e tratamento do cancro do colo do útero, a maioria dos casos identificados nos países em desenvolvimento estão em fases avançadas. Isto limita a possibilidade de cirurgia curativa, uma vez que as estruturas vizinhas vitais já estão comprometidas após a fixação ao tumor; essas estruturas incluem a bexiga, os intestinos e o reto. Nestas situações, a radioterapia pélvica isolada ou combinada com quimioterapia destaca-se como uma escolha mais eficaz (Pimentel *et al.*, 2023).

As consequências do diagnóstico e tratamento do cancro do colo do útero muitas vezes mergulham os sobreviventes em vários efeitos secundários que levam à deterioração da qualidade de vida. Estes podem incluir: distúrbios do sono e fadiga; distúrbios urológicos, sintomas gastrointestinais, linfedema, disfunção sexual, sintomas da menopausa, problemas de infertilidade – até mesmo sintomas psicológicos como depressão e ansiedade (Shyu *et al.*, 2019). Além do desconforto físico devido à própria doença durante o seu curso ou como resultado de sequelas pós-tratamento (efeitos colaterais do tratamento), os pacientes frequentemente enfrentam encargos financeiros – gerenciando os custos relacionados aos cuidados, juntamente com o sofrimento emocional que envolve não apenas eles, mas também seus familiares. Além dos efeitos no funcionamento geral, as pessoas com depressão podem não aderir às recomendações de tratamento (Shyu *et al.*, 2019).

Após a cirurgia, vários pacientes apresentam disfunções depressivas e sexuais; os efeitos podem impedir gravemente o progresso da sua reabilitação e o seu bem-estar total. Em resposta a esta questão, a intervenção psicológica é indispensável – deve ser adaptada individualmente para cada paciente com base na sua condição psicológica. Isso ajudará na estabilização emocional que leva a ver a vida de forma positiva. Entre as pessoas mais vulneráveis devido ao diagnóstico clínico e à cirurgia estão as pacientes com câncer do colo do útero; eles passam por vários desafios tanto psicológicos quanto fisiológicos e até mesmo dentro de suas famílias após o período da operação cirúrgica. Na verdade, eles merecem apoio rápido da sociedade, bem como dos seus familiares após a cirurgia. (Sun *et al.*, 2022).

A histerectomia está associada a trauma significativo e pode levar a inúmeras complicações, que são contraproducentes para a recuperação perioperatória. Os pacientes muitas vezes têm preocupações irracionais sobre a perda do útero junto com o amor do marido, o que contribui ainda mais para emoções negativas. Porém, fornecer aconselhamento psicológico pós-operatório para essas pacientes têm a capacidade de restabelecer os nervos corticais cerebrais sem útero instalado, o que afeta a neuroendócrina e a imunorreatividade por ainda promover a restauração após esse tipo de perda; a própria perda já está estabelecida durante a cirurgia (Sun *et al.*, 2022).

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A compreensão do impacto psicossocial, causado na vida de milhares de mulheres devido diagnóstico e tratamento do câncer do colo do útero, é um fator importante para traçar medidas que irão intervir no processo de reabilitação e melhora do prognóstico das pacientes acometidas. Dessa forma, mesmo com as novas tecnologias ligadas ao processo de descoberta e processo terapêutico deste câncer, os sintomas psicológicos apresentam consequências que podem afetar qualidade de vida e remissão da doença. Ademais, os efeitos supracitados podem ser fisiológicos, os quais podem atingir diversos sistemas corporais, podem ser mentais, tais como, depressão e ansiedade, ou ainda financeiros. Posto isso, é de suma importância que existam intervenções, tanto no momento de descoberta, como no tratamento e após remissão da doença, que acolham as pacientes na proporção de suas disfunções, diante disso, deve ainda ser reforçando o papel primordial do acolhimento da sociedade e dos familiares.

REFERÊNCIAS

ARBYN, M. *et al.* Estimativas de incidência e mortalidade do câncer do colo do útero em 2018: uma análise mundial. **Saúde Lancet Glob**, v. 8, n. 2, 2020.

KOBAYASHI, N. *et al.* Carbon ion radiotherapy for mesonephric adenocarcinoma of the uterine cervix: a case report. **Journal of Medical Case Reports**, v. 18, n. 1, p. 228, 2024.

LICHTENFELS, M. *et al.* A New Brazilian Device for Cervical Cancer Screening: Acceptability and Accuracy of Self-sampling. **Revista Brasileira de Ginecologia e Obstetrícia**, v. 45, p. 235–241, Ago. 2023.

LUIZAGA, C. T. DE M. *et al.* Recent changes in trends of mortality from cervical cancer in Southeastern Brazil. **Revista de Saúde Pública**, v. 57, p. 25, Abr. 2023.

PIMENTEL, N. B. L. *et al.* Repercussões psicossociais do tratamento radioterápico para o câncer do colo uterino: uma abordagem qualitativa. **Cogitare Enferm**, Curitiba, v. 28, 2023.

ROSSI, L.; SANTOS, M. A. DOS. Repercussões psicológicas do adoecimento e tratamento em mulheres acometidas pelo câncer de mama. **Psicologia: Ciência e Profissão**, v. 23, n. 4, p. 32–41, Dez. 2003.

SANTOS, M. A. DOS; SOUZA, C. DE. Intervenções Grupais para Mulheres com Câncer de Mama: Desafios e Possibilidades. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, v. 35, 2019.

SHYU, I. L. *et al.* Fatores de risco para desenvolver depressão em mulheres com câncer do colo do útero: um estudo populacional nacional em Taiwan. **Revista Internacional de Saúde da Mulher**, v. 11, p. 135-141, 2019.

SUN, L. *et al.* Efeito da intervenção psicológica combinada com o modelo familiar na reabilitação pós-operatória em pacientes com câncer do colo do útero. **Minerva Med**, 2022.



PRINCIPAIS DESFECHOS OBSTÉTRICOS DURANTE A PANDEMIA DE COVID-19

Andressa Ádylla da Silva Cunha¹; Sabrina de Araújo Nicoletti¹; Stefany Silva Gonçalves¹; Açucena Ramos Alencar Vieira¹; Maria Eugênia de Souza Martins¹; Ana Carolina Vanzeler Miranda¹; Marcus Vinicius Moreira Barbosa²

Graduando em Medicina pela Universidade de Gurupi - campus Paraíso do Tocantins¹
Docente da graduação em medicina da Universidade de Gurupi - campus Paraíso do Tocantins²

andressa.cunha@unirg.edu.br

RESUMO

O vírus SARS-CoV-2 causa a doença COVID-19, transmitida pelas vias aéreas. A gestação traz inúmeros riscos para a gestante e o feto, devido às mudanças fisiológicas e à imunossupressão, no contexto da pandemia causada pelo COVID-19. Esta revisão bibliográfica integrativa aborda sobre as complicações obstétricas - aborto, pré-eclâmpsia, parto prematuro, sofrimento fetal agudo e óbito fetal, além do contexto socioeconômico, que também desempenha um papel significativo nesse âmbito. Nesse viés, são abordados os desfechos gestacionais relacionados à infecção das vias respiratórias causada pelo SARS-CoV-2.

Palavras-chave: COVID-19; gestação; agravos.

1 INTRODUÇÃO

A COVID-19 é causada pelo SARS-Cov-2, um tipo viral da classe de RNA envelopado, conhecido como coronavírus, e é transmitido pelas vias aéreas (Kazemi *et al.*, 2021; Chen *et al.*, 2020; Li *et al.*, 2020). Com o grande avanço desse vírus, as gestantes e sua prole foram classificadas como grupo de alto risco, uma vez que as alterações fisiológicas da gravidez e o quadro de imunossupressão facilitam as complicações dessa doença respiratória (Qi *et al.*, 2020). Segundo o Manual de Recomendações para a assistência à gestante e puérpera frente à Pandemia do Covid-19, as gestantes que estão no terceiro trimestre e as puérperas até o décimo quarto dia de pós-parto foram assistidas mais vigorosamente pelos órgãos governamentais e recomendado a vacinação contra a COVID-19 para esse grupo de risco (Acog, 2021).

Consequentemente, as respostas da inflamação resistentes à infecção por esse vírus causam diversas complicações obstétricas, as quais resultam em efeitos maternos e fetais adversos de curto a longo prazo (Guo; Yang, 2021), como o aborto, parto prematuro e pré-eclâmpsia (Kwak *et al.*, 2020), além do sofrimento fetal agudo, hemorragia pós-parto, admissão na UTI com necessidade de ventilação mecânica e progressão de hemotransfusão e óbito fetal (Hcini *et al.*, 2021).

Até o ano de 2020, cerca de 29 milhões de indivíduos em todo o mundo foram diagnosticados com COVID-19, resultando em mais de 900.000 mortes, o que equivale a uma taxa de letalidade de aproximadamente 3,2% (Qadri *et al.*, 2020). Dessa forma, mulheres grávidas enfrentam um alto risco de complicações graves e mortalidade durante epidemias de doenças respiratórias anteriores, como demonstrado por dados da gripe sazonal, da pandemia de H1N1 de 2009 e da epidemia de SARS-CoV-2. Esses dados revelam taxas



significativamente mais altas de admissão na UTI, necessidade de intubação e mortalidade em comparação com pacientes não grávidas (Blauvelt, 2020).

Portanto, levando em conta as lacunas no entendimento da evolução da COVID-19 em mulheres grávidas, a variabilidade nos resultados clínicos e a significativa morbimortalidade associada, esta pesquisa é justificada.

2 METODOLOGIA

O estudo vigente trata-se de uma revisão bibliográfica integrativa, com uma abordagem metodológica que busca a identificação de estudos relevantes que abordam as complicações durante a gestação, parto e pós-parto, bem como suas causas e impacto na saúde materno e neonatal durante a pandemia do COVID-19. Após a definição do tema, foi conduzido um levantamento bibliográfico utilizando recursos da base de dados SCIELO (*Scientific Electronic Library online*) e LILACS (Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciências da Saúde). A abordagem de pesquisa considerou os termos utilizados nos bancos de dados do Descritores em Ciências da Saúde (DeCS). Foi feita uma busca avançada utilizando dois descritores por vez, com operador lógico AND. Os descritores aplicados numa busca avançada foram: “Complicações na gravidez” e “COVID-19”, aplicando o operador booleano AND.

Houve uma seleção dos trabalhos dos últimos 5 anos nos idiomas inglês e português, com texto completo, disponíveis gratuitamente, excluindo os artigos duplicados. A busca nas bases de dados identificou 87 publicações, sendo 14 da base SCIELO e 73 da LILACS. Após a remoção daqueles que não foram relevantes ao tema por meio da leitura do título e resumo, restaram 23 artigos. Quanto à análise dos resultados, estes foram examinados de maneira qualitativa, centrando-se na identificação das semelhanças entre os estudos correlatos. A ênfase principal recaiu sobre a análise dos principais desfechos relacionados às gestantes e recém-nascidos durante a pandemia do COVID-19.

3 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Os coronavírus constituem uma ampla categoria de vírus, incluindo o recentemente identificado SARS-CoV-2, que é o sétimo coronavírus conhecido por sua capacidade de infectar humanos. A COVID-19, doença resultante da infecção por este vírus, emergiu como uma séria ameaça à saúde pública global. No caso das gestantes, as informações sobre os desfechos da doença ainda são escassas. A análise dos materiais para este artigo destacou desfechos obstétricos de relevância e recorrência, como morbimortalidade materna, parto prematuro, pré-eclâmpsia e comprometimento fetal.

A infecção por COVID-19 tem sido associada a um aumento na morbimortalidade entre gestantes, especialmente aquelas com fatores de risco pré-existentes para formas graves da doença (Botim *et al.*, 2023). Além disso, esses mesmos autores destacaram uma taxa mais elevada de morbimortalidade materna em comparação com mulheres não grávidas, identificando as gestantes como um grupo de alto risco para complicações graves da COVID-19. Takemoto *et al.* (2020) observaram que, em países em desenvolvimento, onde as taxas de natalidade são elevadas e os recursos de saúde são limitados, a pandemia de COVID-19 pode aumentar o risco de mortalidade materna. Resultados semelhantes foram encontrados por Villar *et al.* (2021) em um estudo multinacional e prospectivo, que constatou que o risco de morte em mulheres com COVID-19 é significativamente maior em regiões menos desenvolvidas, onde os serviços de UTI podem estar menos disponíveis.

Durante a gravidez, as infecções virais por SARS, MERS e COVID-19 apresentam riscos significativos. Uma revisão sistemática (Di Mascio *et al.*, 2020) revelou uma incidência



umentada de aborto espontâneo, pré-eclâmpsia, cesariana e morte perinatal em mulheres afetadas. Além disso, estudos específicos com gestantes com COVID-19 no segundo trimestre mostram taxas elevadas de parto prematuro, associadas à rotura prematura das membranas, natimorto e sofrimento fetal, influenciadas pelos altos níveis de interleucina (IL)-1 β , IL-6, fator de necrose tumoral alfa (TNF- α) e outras citocinas (Hanna *et al.*, 2020; Dang *et al.*, 2020). Ademais, de acordo com a revisão sistemática de Diriba *et al.*, das 1.316 mulheres grávidas infectadas com coronavírus, 46,5% dão à luz com mais de 37 semanas de gestação, enquanto as taxas de TBP (trabalho de parto prematuro) abaixo de 34 e abaixo de 37 semanas de gestação foram de 9,5% e 14,3%, respectivamente, com sofrimento fetal relatado em 26,5% dos casos. Além disso, tais informações estão associadas a uma prevalência de parto cesáreo de 57%.

Outrossim, evidências sugerem uma associação entre infecção por COVID-19 e distúrbios hipertensivos da gravidez (DHG), como pré-eclâmpsia, devido a alterações na expressão da ECA-2 placentária mediada pelo sistema renina-angiotensina aldosterona (RAAM) (Jing *et al.*, 2020; Burrell *et al.*, 2004; Papageorghiou *et al.*, 2021). A infecção por SARS-CoV-2 pode causar vasoconstrição devido à disfunção do sistema renina-angiotensina (Yan *et al.*, 2020), e a disfunção endotelial sistêmica associada à DHG pode compartilhar uma via comum com a infecção por SARS-CoV-2 (Wei *et al.*, 2021).

No estudo de Papageorghiou *et al.* (2021), que envolveu 2.184 gestantes, foi observada uma maior incidência de pré-eclâmpsia entre mulheres com COVID-19 em comparação com aquelas não diagnosticadas. Após ajustes para fatores sociodemográficos e condições associadas à COVID-19 e à pré-eclâmpsia, o risco de desenvolver pré-eclâmpsia permaneceu significativamente elevado entre todas as mulheres, especialmente nulíparas. Essas descobertas sublinham a importância de monitorar de perto gestantes infectadas pela COVID-19 para mitigar esses riscos obstétricos significativos.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O vírus SARS-CoV-2 traz sérias complicações à gestante e ao feto que variam desde condições amenas à morte fetal. Foram observados fatores que corroboram para maior índice de complicação gerada pelo COVID-19: países subdesenvolvidos, infecções virais e mulheres com gestação de alto risco. Dessa forma, é imprescindível que esses pontos citados sejam acompanhados e instigados nas estratégias de prevenção e cuidado à saúde da gestante, a fim de amenizar os agravos atrelados à infecção por COVID-19.

REFERÊNCIAS

AMERICAN COLLEGE OF OBSTETRICIANS AND GYNECOLOGISTS (ACOG). Definition of term pregnancy. Committee Opinion No. 579. American College of Obstetricians and Gynecologists. **Obstet Gynecol**, v. 122, n. 5, p. 1139–40, Nov. 2013.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção Primária à Saúde. Departamento de Promoção da Saúde. Manual de recomendações para assistência à gestante e puérpera frente à pandemia de COVID-19. [Brasília]: Ministério da Saúde, 2021.

BLAUVELT, C. A. *et al.* Acute Respiratory Distress Syndrome in a Preterm Pregnant Patient With Coronavirus Disease 2019 (COVID-19). **Obsteto Ginecol**, v. 136, n. 1, Jul. 2020.



BOTIM, T. R.; JACOVINE, L. S.; GOMES, A. P. Mortalidade fetal em gestantes com COVID-19 e outros desfechos materno-fetais: uma revisão integrativa da literatura. **FEMINA**, v. 51, n. 1, Jan. 2023.

CHEN, M. *et al.* Mudanças na fisiologia e no sistema imunológico durante a gravidez e infecção por coronavírus: uma revisão. **Eur J Obstet Gynecol Reprod Biol**, v. 255, p. 124-128, Dec. 2020.

GHAFOOR, H.; ABDUS SAMAD, A.; BEL KHAIR, A. O. M.; AHMED, O. *et al.* Critical Care Management of Severe COVID-19 in Pregnant Patients. **Cureus**, v. 14, n. 5, May. 2022.

GUO, F.; YANG, X. Uma revisão abrangente do manejo de mulheres grávidas com COVID-19: informações úteis para obstetras. **Infectar resistência a drogas**, v. 14, p. 3363-3378, 2021.

HCINI, N. *et al.* Maternal, fetal and neonatal outcomes of large series of SARS-CoV2 positive pregnancies in peripartum period: A single-center prospective comparative study. **European journal of obstetrics, gynecology, and reproductive biology**, v. 257, p. 11-18, feb. 2021.

KWAK-KIM, J.; OTA, K.; SUNG, N. *et al.* COVID-19 e tratamento de imunomodulação para mulheres com falhas reprodutivas. **J Reprod Immunol**, v. 14, n. 1, p. 103168, 2020.

KAZEMI, S. N.; HAJIKHANI, B.; DIDAR, H. *et al.* COVID-19 e causa da perda de gravidez durante a pandemia: uma revisão sistemática. **PLoS Um**, v. 16, p. 0255994, 2021.

LI, Q.; GUAN, X.; WU, P. *et al.* Dinâmica de transmissão precoce em Wuhan, China, de nova pneumonia infectada por coronavírus. **N Engl J Med**, v. 382, p. 1199-1207, 2020.

NAKAMURA-PEREIRA, M.; AMORIM, M. M. R.; PACAGNELLA, R. D. C.; TAKEMOTO, M. L. S. *et al.* Covid-19 and maternal death in Brazil: An invisible tragedy. **Rev Bras Ginecol Obstet**, v. 42, n. 8, 2020.

POON, L.C. *et al.* Global interim guidance on coronavirus disease 2019 (COVID-19) during pregnancy and puerperium from FIGO and allied partners: Information for healthcare professionals. **Int J Gynaecol Obstet**, v. 149, n. 3, Jun. 2020.

QADRI, S. K. *et al.* Critically Ill Patients with COVID-19: A Narrative Review on Prone Position. **Pulm Ther**, v. 6, n. 2, Dec. 2020.

QI, H. *et al.* Safe delivery for pregnancies affected by COVID-19. **BJOG: an international journal of obstetrics and gynaecology**, v. 127, n. 8, p. 927-929, 2020.

SILVERSTEIN, J. S. *et al.* Descompensação respiratória aguda que requer intubação em gestantes com SARS-CoV-2 (COVID-19). **Representante AJP**, v. 10, n. 2, Apr. 2020.

VILLAR, J.; GUNIER, R. B.; PAPAGEORGHIU, A. T. Further Observations on Pregnancy Complications and COVID-19 Infection-Reply. **JAMA Pediatr**, v. 175, n. 11, Oct. 2021.



ABORDAGENS NA ASSISTÊNCIA PRÉ-NATAL PARA MULHERES COM HIV GESTACIONAL

Ana Cristina de Aquino Antero¹; Luana Mendonça Marques Ramos Bueno¹; Isabella Bandeira Asmar¹; Gemyma Araujo Dantas¹; Raíssa Pexe Gouveia¹; Brenda de Carvalho Mariano¹; Marcus Vinicius Moreira Barbosa²

Graduando em Medicina pela Universidade de Gurupi - campus Paraíso do Tocantins¹
Docente da graduação em medicina da Universidade de Gurupi - campus Paraíso do Tocantins²

anacris.antero@gmail.com

RESUMO

O HIV é um vírus que acomete a população mundial há décadas e seus impactos para o sistema imunológico são relevantes. Um grupo afetado diretamente por esse vírus são as gestantes, cujos os prejuízos devem ser mitigados, buscando evitar a transmissão vertical para o bebê. Dada a importância do tema, esta pesquisa busca compreender o perfil e a melhor abordagem para disponibilizar assistência às gestantes diagnosticadas com HIV.

Palavras-chave: cuidados pré-natais; HIV; gravidez.

1 INTRODUÇÃO

O HIV é um vírus que causa uma enfermidade que afeta o sistema imunológico (Síndrome da Imunodeficiência Adquirida - SIDA). O vírus penetra linfócitos TCD4+, altera o seu DNA, se multiplica e infecta outras células, enfraquecendo assim o sistema imunológico. Desde o surgimento da SIDA, nos anos 1980 até junho de 2017, o Brasil registrou 882.810 casos dessa patologia. Em 2016, foram diagnosticados 18,5 casos a cada 100.000 habitantes no Brasil. Entre junho de 2000 e junho de 2017, foram notificados 108.134 casos envolvendo gestantes com HIV (Fernandes *et al.*, 2022).

A propagação do vírus da imunodeficiência humana da grávida para o feto durante a gestação, parto, ou para o bebê durante a amamentação, pode causar complicações graves. Essas situações são consideradas como evitáveis causas de óbito em crianças com menos de cinco anos. Felizmente, existem medidas eficazes disponíveis para prevenir a transmissão vertical desta enfermidade. Além disso, o diagnóstico precoce da infecção e a adesão a protocolos de assistência bem estabelecidos são fundamentais nesse processo. O acompanhamento pré-natal tem um papel crucial na detecção da infecção, permitindo não apenas a prevenção da transmissão vertical, mas também facilitando o acesso a cuidados médicos para grávidas e parceiros, colaborando assim para a diminuição da morbimortalidade associada a esse problema na população adulta (Domingues; Hartz; Leal, 2012).

O Ministério da Saúde introduziu, nos anos 2000, o Programa de Humanização no Pré-natal e Nascimento (PHPN) por meio da Portaria GM N°. 569 de 01/06/2000. Esta portaria estipula que, para um acompanhamento adequado durante a gravidez e após o parto, os serviços de saúde devem realizar a primeira consulta pré-natal até o quarto mês de gestação. Além disso, devem garantir no mínimo seis consultas, preferencialmente distribuídas da seguinte forma: uma consulta no primeiro trimestre, uma no segundo trimestre, três no terceiro trimestre e uma no período pós-parto (até 42 dias após o nascimento) (Mendes *et al.*, 2015).

A qualidade de vida da mãe e do bebê está intrinsecamente ligada ao atendimento das necessidades e expectativas vivenciadas durante a gestação, parto e puerpério. Uma equipe



interdisciplinar, devidamente sensibilizada e capacitada, desempenha um papel crucial no acolhimento pré-natal, oferecendo cuidados que consideram aspectos antropológicos, psicológicos, sociais e culturais de forma individualizada e humanizada. Embora a implementação desse modelo de cuidado seja desafiadora, sua efetivação pode promover a conscientização das gestantes sobre a importância das consultas pré-natais, facilitar a compreensão das informações fornecidas e encorajar a tomada de decisões responsáveis para a saúde da mãe e do bebê. Essa abordagem também pode contribuir significativamente para a prevenção de diversas patologias, em especial a infecção pelo Vírus da Imunodeficiência Humana, garantindo assim o bem-estar do binômio mãe-bebê (Mendes *et al.*, 2015).

Desse modo, estabeleceu-se como objetivo norteador deste estudo: analisar e identificar as principais estratégias utilizadas na abordagem de gestantes portadoras de HIV na assistência pré-natal.

2 METODOLOGIA

O presente estudo trata-se de uma revisão integrativa da literatura, no formato “resumo expandido”, o que permite a incorporação das evidências na prática clínica, a fim de concatenar e sintetizar, de maneira organizada, os resultados de trabalhos sobre o assunto abordado. Como fonte de busca, foram utilizados os dados da PubMed e BVS (Biblioteca Virtual em Saúde). Para fins de consulta, utilizou-se como palavras-chave, devidamente indexadas a partir dos Descritores em Ciências da Saúde (DeCS/MeSH), em língua inglesa e associadas pelo operador booleano “AND”: *Prenatal Care; HIV Seropositivity; Pregnancy*.

Além disso, para fins de seleção dos estudos utilizados, definiu-se como critérios de inclusão: artigos com textos completos e gratuitos, publicados dentro dos últimos dez anos (2014-2024), nos idiomas inglês e português e que fossem relevantes para a discussão do tema. Trabalhos que fuissem dos critérios acima mencionados e que fossem duplicados foram descartados.

3 RESULTADOS E DISCUSSÕES

A infecção pelo HIV afeta mulheres em idade reprodutiva, em maior parte de forma não intencional. Em que, mais de 90% dos casos de infecções em crianças estão relacionados à transmissão vertical, podendo ocorrer durante a gestação, no intraparto e pela amamentação. Partindo desse princípio, é necessário o rastreamento do HIV durante o pré-natal e tratamento farmacológico nas mulheres grávidas infectadas (Cunga, 2022).

Perfil epidemiológico das infecções em gestantes no Brasil caracteriza-se por um aumento do número de casos em mulheres mais jovens, pessoas que têm baixos níveis de escolaridade e sem emprego remunerado. Esses fatores podem estar relacionados a maior dificuldade de compreensão das informações disponíveis de conscientização sobre a suscetibilidade à infecção, o que gera a manutenção dos comportamentos de risco (Trindade, 2021). Assim, quanto menor o nível de escolaridade e maior a vulnerabilidade econômica, menor será o acesso à informação e, conseqüentemente, há o risco aumentado de contaminação por HIV (Teixeira, 2020).

A região norte possui um dos menores índices de realização do teste de HIV durante o primeiro trimestre, o que demonstra o rastreamento tardio das gestantes e a demora no início da profilaxia antirretroviral (Domingues, 2018). Em caso de carga viral desconhecida ou maior do que 1.000 cópias/mL, o Ministério da Saúde recomenda a cesárea eletiva (Brasil, 2024).

A prevenção da transmissão engloba quatro estratégias principais, sendo elas, orientar mulheres em idade fértil a evitar o contágio do HIV, diminuir a demanda de gestantes que não realizam o acompanhamento pré-natal; ofertar medicação antirretroviral de forma profilática durante a gestação, trabalho de parto (TP) e amamentação; fornecer apoio às mães e suas famílias (UNAIDS, 2017). Existem uma série de ações no Brasil que podem reduzir a possibilidade de



transmissão de mãe para filho, como a testagem no pré-natal anti-HIV, terapia antirretroviral durante a gestação e o TP, realização de cesariana em gestante com alta carga viral, antirretrovirais para os recém-nascidos e substituição do leite materno por fórmula láctea (Brasil, 2014).

Durante o pré-natal para gestantes infectadas pelo HIV, devem ser realizados pelo menos três testes de carga viral do HIV (HIV-CV). Esses exames devem ser realizados nas seguintes ocasiões: na primeira consulta de pré-natal, com o objetivo de estabelecer a magnitude da viremia; duas a quatro semanas após a introdução da terapia antirretroviral, para avaliar a resposta ao tratamento e a partir da 34ª semana, relacionada à indicação da via de parto (Brasil, 2022). Já para gestantes que não possuem o diagnóstico, a triagem sorológica do HIV no pré-natal proporciona a descoberta do diagnóstico em fases iniciais da doença. Em que, os testes rápidos são oferecidos na primeira consulta, no terceiro trimestre de gestação e na admissão do parto. Porém, quando não aderido o pré-natal, resulta em diagnósticos tardios, aumentando a probabilidade de transmissão vertical (Portilho, 2019).

A adesão ao tratamento afeta diretamente na transmissão vertical, visto que os recém-nascidos de mães HIV positivas com baixa adesão apresentam mais risco de adquirir infecção pelo HIV do que os filhos de mães soropositivas para o HIV, cuja adesão foi boa. A possível diferença de risco pode ser devida ao fato de que a má adesão materna causa resistência aos medicamentos, o que leva à elevação da carga viral materna, colocando os recém-nascidos expostos em alto risco de positividade para o HIV (Ebuy, 2020). A terapia antirretroviral impede a multiplicação do HIV e evita o enfraquecimento imunológico (Brasil, 2016). O ministério da saúde indica o início entre as semanas 14-28 da gestação, podendo ocorrer durante a gravidez, parto e amamentação (Brasil, 2014).

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A assistência para gestantes HIV positivo tem como objetivo assegurar os cuidados a mulher e ao concepto tanto durante a gestação como no parto e puerpério. Essa assistência é oferecida nos três níveis de atenção à saúde solicitando teste rápido do HIV, atuando no aconselhamento pré e pós teste, elaborando estratégias em conjunto com a gestante para enfrentar a situação que é cheia de temores. Seguindo das consultas pré-natal com tratamento apropriado para o caso onde os antirretrovirais tem papel de destaque tanto no tratamento da gestante como na prevenção da transmissão vertical.

REFERÊNCIAS

Brasil. Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde. Departamento de Doenças de Condições Crônicas e Infecções Sexualmente Transmissíveis. Protocolo Clínico e Diretrizes Terapêuticas para Prevenção da Transmissão Vertical do HIV, Sífilis e Hepatites Virais. Brasília (DF): Ministério da Saúde; 2022. Disponível em: https://www.gov.br/aids/pt-br/central-de-conteudo/pcdts/2022/ist/pcdt-ist-2022_isbn-1.pdf/view. Acesso em 14 de maio 2024.

Brasil. Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde. Departamento de Infecções Sexualmente Transmissíveis, do HIV/Aids e das Hepatites Virais. Protocolo clínico e diretrizes terapêuticas para manejo da infecção pelo HIV em adultos. Brasília: Ministério da Saúde, 2018. Disponível em: <http://www.aids.gov.br/pt-br/pub/2013/protocolo-clinico-e-diretrizes-terapeuticas-para-manejo-da-infeccao-pelo-hiv-em-adultos>. Acesso em 14 de maio 2024.



BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde. Departamento de IST, Aids e Hepatites Virais. Protocolo de Investigação da Transmissão Vertical. Brasília: Ministério da Saúde, 2014.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde. Departamento de IST, Aids e Hepatites Virais. Quais são os antirretrovirais. 2016. Disponível em: 127 <http://www.aids.gov.br/pagina/quais-sao-os-antirretrovirais>. Acesso em: 13 de maio. 2024.

CUNGA, I. V. A. *et al.* Fatores de risco para a soroconversão de crianças expostas ao HIV no Estado de Santa Catarina, 2007-2017. **Revista Brasileira de Saúde Materno Infantil**, v. 22, 2022.

DOMINGUES, R. M. S. M.; SARACENI, V.; LEAL, M. C. Reporting of HIV-infected pregnant women: estimates from a Brazilian study. **Rev Saude Publica**, v. 52, n. 43, 2018.

DOMINGUES, R. M. S. M.; HARTZ, Z. M. A.; LEAL, M. C. Avaliação das ações de controle da sífilis e do HIV na assistência pré-natal da rede pública do município do Rio de Janeiro, Brasil. **Revista brasileira de saúde materno infantil**, v. 12, 2012.

EBUY, H.; BEKELE, A.; REDAE, G. HIV testing, test results and factors influencing among infants born to HIV positive mothers in public hospitals of Mekelle City, North Ethiopia: a cross-sectional study. **BMC Infectious Diseases**, v. 20, n. 1, p. 67, 21 jan. 2020.

FERNANDES, D. L. *et al.* HIV em gestantes e os desafios para o cuidado no pré-natal. **Revista Pró-UniverSUS**, v. 13, n. 1, 2022.

MENDES, R. S. *et al.* Realização da sorologia para HIV no pré-natal: conhecimento e percepção da gestante. **Revista enfermagem contemporânea**, v. 4, n. 1, 2015.

PORTILHO, R. C. B. Gestantes vivendo com HIV e o cuidado de si: um estudo de representações sociais. 2019. 137 f. Dissertação (Mestragem em enfermagem) - Universidade Federal do Pará / Universidade Federal do Amazonas, Belém, 2019.

TEXEIRA, S.P.; AGUIAR, D.S.; NEMER, C. R. B.; MENEZES, R. A. O. Perfil epidemiológico de gestantes com HIV internadas em uma maternidade de referência no Amapá. **REAS/EJCH**. 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.25248/reas.e2543.2020>. Acesso em 14 de maio 2024

TRINDADE, L.N.M.; NOGUEIRA L.M.V.; RODRIGUES, I.L.A.; FERREIRA, A.M.R.; CORRÊA, G.M., ANDRADE, N.C.O. Infecção por HIV em gestantes e os desafios para o cuidado pré natal. **Rev. enferm.** 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/0034-7167-2019-0784>. Acesso em 14 de maio 2024.

QUALIDADE DE VIDA DE MULHERES PORTADORAS DA SÍNDROME DOS OVÁRIOS POLICÍSTICOS: UMA REVISÃO INTEGRATIVA

Millena Freitas Nascimento¹, Victor Erick Cardoso Costa².

Graduada em Enfermagem pela Universidade Tiradentes (UNIT), Pós-graduanda em Auditoria em Serviços de Saúde pelo COFEN/DNA Cursos¹; Graduado em Enfermagem pela Universidade Tiradentes (UNIT), Pós-graduando em Saúde Mental pelo COFEN/DNA Cursos².

millenafreitas2013@gmail.com

RESUMO

A Síndrome dos Ovários Policísticos (SOP) é um distúrbio endócrino complexo, que tem como característica anovulação crônica e hiperandrogenismo, sendo comum em mulheres em idade reprodutiva. Identificar os fatores que interferem na qualidade de vida de mulheres portadoras de SOP. Trata-se de uma revisão integrativa da literatura, partindo da questão norteadora “Quais os fatores que interferem na qualidade de vida de mulheres portadoras de SOP?”. Foram utilizadas como base de dados: SciELO, BVS, PUBMED e LILACS, utilizando-se dos descritores: Síndrome do ovário policístico, qualidade de vida e saúde. A busca foi realizada no mês de fevereiro de 2023 e contemplou trabalhos publicados entre os anos de 2018 a 2022, nos idiomas português, inglês e espanhol. A amostra final desta revisão foi constituída por quatorze artigos científicos, onde mostram que sobrepeso, insatisfação com a imagem corporal, hirsutismo, infertilidade, irregularidades menstruais, disfunção sexual e propensão a desenvolver ansiedade e depressão são os fatores que interferem na qualidade de vida da mulher com SOP. É notável que a maioria dos estudos citam fatores considerados externos, sendo as características morfológicas mais preocupantes em relação às queixas reprodutivas, entretanto, a insatisfação da mulher com seu próprio corpo pode refletir na saúde mental.

Palavras-chave: síndrome do ovário policístico; qualidade de vida; saúde.

1 INTRODUÇÃO

A Síndrome dos Ovários Policísticos (SOP) é um distúrbio endócrino complexo, que tem como característica anovulação crônica e hiperandrogenismo, sendo comum em mulheres em idade reprodutiva, tendo sua prevalência de 9 a 18%, a depender dos critérios de diagnóstico empregados e população analisada. Sua etiopatogenia é composta por fatores endócrinos, genéticos e metabólicos, além da influência de fatores ambientais, o que faz com que essa patologia apresente uma série de manifestações (CAVALCANTE *et al.*, 2021; MIRANDA; CAMPOS; JÚNIOR, 2022).

No contexto do gerenciamento da SOP, esses fatores repercutem negativamente sobre a aparência física, feminilidade e fertilidade, manifestando-se em uma fase crítica da vida em que questões como encontrar um parceiro, iniciar a vida sexual, casar e constituir família são primordiais para muitas mulheres, gerando, portanto, grande ansiedade e desajustes em nível psicossocial (ALMEIDA *et al.*, 2019).

2 METODOLOGIA



Trata-se de uma revisão integrativa da literatura no contexto da produção do conhecimento acerca da influência da síndrome dos ovários policísticos na qualidade de vida da mulher diagnosticada com SOP, cuja coleta de dados foi realizada através do levantamento bibliográfico.

O levantamento dos artigos foi realizado durante o mês de maio de 2024 nas bases *Scientific Electronic Library Online* (SciELO), Biblioteca Virtual em Saúde (BVS), *National Library of Medicine* (PUBMED) e Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciências da Saúde (LILACS). Para tanto, utilizou-se os Descritores em Ciências da Saúde (DeSC): “Síndrome do ovário policístico”, “Qualidade de vida” e “Saúde”, utilizando o operador booleano AND.

Assim, os artigos foram selecionados em primeiro plano por leitura do título, seguido do objetivo e resultados, e por fim, do texto completo. A amostra final foi analisada através da leitura crítica, que possibilitou comparar e associar os estudos. Em vista disso, foram encontrados 236 artigos, dos quais 14 constituíram a amostra final.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Assim, diante da análise dos 14 artigos associada ao objetivo e à pergunta norteadora deste estudo, elegeu-se quatro categorias temáticas para a discussão, sendo elas: Interferência na vida sexual e reprodutiva, Insatisfação com a imagem corporal, Sobrepeso e obesidade e Relação com ansiedade e depressão.

3.1 Interferência na vida sexual e reprodutiva

As mulheres com SOP apresentaram um número maior de irregularidades menstruais (BAHADORI *et al.*, 2022). Essas informações sugerem que aquelas que possuem alterações no ciclo menstrual devido ao acometimento pela síndrome, possuem maiores chances de ter uma disfunção sexual por conta da ação hormonal e níveis mais altos de andrógenos.

A sensação de falta de atratividade devido à dermatopatia hiperandrogênica e ao excesso de peso podem levar à diminuição da autoestima da mulher e causar problemas nas relações sexuais com seus parceiros (CASTELO-BRANCO; NAUMOVA, 2019). Além disso, Pastoor *et al.*, (2018) e Sá, Medrado e Evangelista (2022) identificaram que a excitação, lubrificação, orgasmo e satisfação sexual foram prejudicadas em mulheres com SOP por conta da distorção de sua imagem corporal, devido a condição de hirsutismo.

3.2 Insatisfação com a imagem corporal

Mulheres com SOP possuem sua autoestima afetada em decorrência dos aspectos estéticos da síndrome. Em alusão à aparência física, o hirsutismo e a obesidade são os aspectos que mais repercutem na percepção da imagem corporal, em específico, a obesidade se torna o fator mais importante na redução da qualidade de vida, repercutindo na má percepção que a mulher tem de seu próprio corpo (BORGUI, 2018). Authier *et al.* (2020) atribuem como causa do distúrbio de imagem corporal as consequências da SOP como o peso corporal e excesso de pêlos em áreas do corpo feminino, conforme os padrões tipicamente masculinos.

3.3 Sobrepeso e obesidade

Neste quesito, Rao *et al.* (2022) evidenciaram dificuldade para perda de peso em 57% das mulheres de sua amostra, sendo uma das preocupações associadas à SOP mais relatadas. Quanto a principal causa de sobrepeso, mulheres do estudo de Cao, Li e Ren (2023),

expressaram um comportamento sedentário com inatividade física, aspectos considerados pelos autores como relevantes no impacto da qualidade de vida das mulheres com SOP. Com isso, encontraram uma relação direta entre qualidade de vida, IMC, preocupações dismórficas e sintomatologia de transtorno alimentar, estando as preocupações relacionadas à percepção da aparência física sendo relacionadas ao IMC e à sintomatologia do transtorno alimentar.

3.4 Relação com ansiedade e depressão

Observam-se que distúrbios mentais são significativamente mais graves em mulheres com SOP, em comparação com mulheres saudáveis, e esses reverberam na saúde mental dessa população, de modo que elas experimentam fortes respostas emocionais para a síndrome, lutando, especialmente, contra a percepção das diferenças e anormalidades corporais (Yin *et al.*, 2020).

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Portanto, os fatores que influenciam na redução da qualidade de vida de mulheres com SOP são hirsutismo, peso, infertilidade, irregularidades menstruais, disfunção sexual, insatisfação com o próprio corpo e propensão a desenvolver ansiedade e depressão. Também, foi observado que há uma estreita relação entre a SOP e a autoimagem, quando mulheres evidenciam que se sentem desconfortáveis com as manifestações da síndrome, tornando-as masculinizadas, além do sobrepeso ser um fator que pesa diretamente na satisfação com a autoimagem. Por isso, mais estudos são necessários para elucidar como a síndrome pode influenciar no estilo de vida da mulher, portanto, sugere-se contemplar a necessidade de compreender a SOP, sob o contexto psicológico, de modo a identificar novas estratégias de tratamento para melhorar a qualidade de vida desse público.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Y. F. et al. Qualidade de vida em mulheres com Síndrome do Ovário Policístico. **Revista Eletrônica Acervo Saúde**, n. 35, p. e1464-e1464, 2019.

AUTHIER, M. et al. Estudo qualitativo de experiências auto-relatadas de mulheres inférteis com síndrome dos ovários policísticos por meio de fóruns de discussão on-line. **Annales d'Endocrinologie**, v. 81, n. 5, p. 487–492, out. 2020.

BAHADORI, F. et al. Sexualidade e bem-estar psicológico em diferentes fenótipos da síndrome dos ovários policísticos em comparação com controles saudáveis: um estudo transversal. **BMC Women's Health**, v. 22, n. 1, 2022.

BORGHI, L. et al. Sofrimento psicológico, raiva e qualidade de vida na síndrome dos ovários policísticos: Associações com fatores bioquímicos, fenotípicos e sociodemográficos. **Journal of Psychosomatic Obstetrics & Gynecologic**, v. 39, 2018.

CAO; LI; REN. Associação entre comportamento sedentário autorrelatado e qualidade de vida relacionada à saúde entre mulheres inférteis com síndrome dos ovários policísticos. **BMC Women's Health**, v. 23, n. 1, 2023.

CASTELO-BRANCO; NAUMOVA. Qualidade de vida e função sexual em mulheres com síndrome dos ovários policísticos: uma revisão abrangente. **Endocrinologia Ginecológica**, v.

1, n. 8, 2019.

MIRANDA; CAMPOS; JÚNIOR. Conceitos Gerais Sobre a Síndrome dos Ovários Policísticos. **Revista Eletrônica Acervo Médico**, v. 19, p. e11267-e11267, 2022.

PASTOOR, H. et al. Função sexual em mulheres com síndrome dos ovários policísticos: uma revisão sistemática e meta-análise. **Reproductive BioMedicine Online**, v. 37, n. 6, p. 750–760, 2018.

RAO, V. *et al.* Uma pesquisa global de mulheres indianas étnicas que vivem com a síndrome dos ovários policísticos: comorbidades, preocupações, experiências de diagnóstico, qualidade de vida e uso de métodos de tratamento. **International Journal of Environmental Research and Public Health**, v. 19, n. 23, p. 15850, 2022.

SÁ; MEDRADO; EVANGELISTA. Padrão da função sexual em pacientes com síndrome do ovário policístico: Uma revisão sistemática. **Pesquisa, Sociedade e Desenvolvimento**, v. 11, n. 13, 2022.

YIN, X. *et al.* A saúde mental de mulheres com síndrome dos ovários: Uma revisão sistemática e meta-análise. **Archives of Women's Mental Health**, v. 24, n. 1, p. 11–27, 2020.



ORIENTAÇÕES NUTRICIONAIS PARA MULHERES COM DIABETES GESTACIONAL E ANALFABETISMO: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA

Thaiany de Medeiros Sobral¹; Nayara Pereira Soares².

Graduada em nutrição pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte¹, Doutora pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte².

thaiannynutri2024@gmail.com

RESUMO

Este trabalho descreve a experiência da elaboração de um material visual de orientações nutricionais que possui como público-alvo as gestantes com o diagnóstico de diabetes *mellitus* gestacional (DMG) e analfabetismo do Instituto Santos Dumont (ISD), no Rio Grande do Norte. A DMG é definida como a hiperglicemia que tem início na gestação, e cerca de 07% das gestantes apresentam complicações pela doença. Essa condição é uma das maiores demandas do serviço de nutrição no ISD, assim como a prevalência da taxa de analfabetismo das usuárias do serviço. O trabalho objetivou a protagonização da mulher no processo de cuidado da saúde, promovendo melhor adesão às orientações nutricionais.

Palavras-chave: diabetes *mellitus* gestacional; analfabetismo; orientação nutricional.

1 INTRODUÇÃO

A diabetes *mellitus* gestacional (DMG) é definida como a hiperglicemia com início ou conhecimento na gravidez. De acordo com a Sociedade Brasileira de Diabetes (SBD), a disglucemia, ou seja, a alteração nos padrões glicêmicos, é muito evidenciada durante a gestação. Estudos relataram que aproximadamente 16% dos nascidos vivos foram gerados por mulheres que apresentaram essas alterações (Sociedade Brasileira de Diabetes, 2021). Além disso, estima-se que cerca de 07% das gestantes venham a apresentar algum tipo de complicação relacionada à DMG, o que resulta em 200 mil diagnósticos por ano (Batista *et al.*, 2021). Esses dados evidenciam o aumento da prevalência da DMG e a necessidade de uma maior atenção com essas gestantes, tendo em vista o risco de complicações como parto prematuro, pré-eclâmpsia, hipoglicemia e desconforto respiratório pelo bebê ao nascer (Sociedade Brasileira de Diabetes, 2021).

Foi possível observar essa prevalência durante os atendimentos ambulatoriais no Instituto Santos Dumont (ISD), que é realizado por meio do Sistema Único de Saúde (SUS), em Macaíba, município do Rio Grande do Norte, durante o exercício do último estágio da graduação, de outubro a dezembro de 2023. A DMG tratava-se da maior demanda do ambulatório de pré-natal de alto risco e cerca de 90% das gestantes que procuraram o serviço, possuíam o diagnóstico. A nutrição possui fundamental importância para o tratamento dessas gestantes e precisa estar alinhada com essas pacientes, orientando sobre a importância da alimentação saudável para o controle da glicemia e alertando sobre os sintomas associados ao aumento desses valores, o que chamou atenção para a necessidade de uma maior propagação da informação acerca do tema.

Entretanto, uma barreira foi bastante evidenciada durante a vivência como estagiária. Grande parte das mulheres que chegavam no serviço não sabiam ler e escrever, e os materiais das orientações nutricionais ainda não estavam adaptados para esse público. Em 2021, os dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), indicaram que em média 09 milhões



de pessoas relataram não saber ler e escrever (Oliveira, 2022). Esse dado indica a necessidade de inclusão dessas pessoas na sociedade de forma que passem a absorver o maior número de informações necessárias, principalmente no que diz respeito aos cuidados em saúde. Esse fato trouxe uma preocupação sobre o nível de entendimento das orientações que são repassadas e, conseqüentemente, na eficiência do tratamento nutricional para essas mulheres. Portanto, em acordo com a preceptora de estágio, foi elaborado um material intitulado “Orientações Nutricionais Ilustradas”, com o objetivo de facilitar o acesso à informação em nutrição para mulheres com DMG e analfabetismo.

2 METODOLOGIA

O presente trabalho descreve a experiência da elaboração do material visual de orientações nutricionais, o qual contou com as gestantes diagnosticadas com diabetes *mellitus* gestacional e analfabetismo como público-alvo. O material fez parte da vivência do estágio de Nutrição em Saúde Coletiva, no segundo semestre de 2023, no Instituto Santos Dumont (ISD), em Macaíba, Rio Grande do Norte, e foi elaborado pela estagiária de nutrição, com orientação da nutricionista preceptora do instituto.

Para a elaboração das orientações nutricionais, por sua vez, foi necessário elaborar uma dieta padrão para as gestantes com DMG de, em média, 1500 a 1600 kcal, como solicitado pela preceptora nutricionista. Para isso foi utilizado um software de nutrição, o “Web Diet”, para a realização do planejamento alimentar para as gestantes. Já para representar esses alimentos na forma de medida caseira visual, foi utilizado como base os materiais “Orientações nutricionais para analfabetos”, publicado pela Sociedade Brasileira de Diabetes (2021) e o Manual Fotográfico de Quantificação Alimentar, de autoria de Sandra Crispim (2017).

Ao que se refere a ideiação do material, foi preferível utilizar a ferramenta Canva, tendo em vista sua facilidade de acesso e uso, além de ser uma plataforma gratuita. Assim, foi possível trazer imagens de maiores qualidades para o material, facilitando a visualização e compreensão das informações.

Pode-se afirmar, portanto, que esse trabalho contou com uma elaboração de baixo custo e fácil execução, mas com alto impacto para as usuárias do serviço de saúde. A divulgação do material ocorreu através da sua impressão e, para evitar a estigmatização das mulheres com analfabetismo e a possível sensação de exclusão das demais pacientes, o material foi disponibilizado para todas as usuárias do serviço.

3 RESULTADOS E DISCUSSÕES

É possível afirmar que o trabalho elaborado está em sintonia com o Marco de Referência de Educação Alimentar e Nutricional (2012). Um dos princípios do documento traz a importância da promoção da autonomia e autocuidado, onde diz que “O autocuidado é um dos aspectos do viver saudável. É a realização de funcionamento de acordo com seus interesses na vida; funcionamento integrado e de bem-estar” (Brasil, 2012). Ainda no que se refere a esse princípio, o autocuidado tem o objetivo de permitir que os indivíduos possam experimentar, decidir, reorientar e, assim, ampliar os graus de liberdade em relação aos aspectos envolvidos no comportamento alimentar (Brasil, 2012), aspecto importante que o presente trabalho procurou alcançar.

Portanto, a ideia do trabalho veio da observação da necessidade de ofertar acesso mais fácil às informações passadas nas consultas ambulatoriais, além de evitar a terceirização do cuidado, o que também foi observado como algo comum. Isso se dá, pois, aquelas mulheres que não sabem ler e escrever, necessitam da ajuda do companheiro ou de outros familiares para o acesso às orientações sobre alimentação e nutrição. O trabalho objetivou a protagonização da



mulher no processo de cuidado da saúde.

Com isso, foi possível perceber o maior envolvimento dessas mulheres nos processos em saúde, aumentando a adesão às orientações nutricionais e diminuindo os agravos relacionados à diabetes *mellitus* gestacional. Possibilitar o acesso à educação em alimentação e nutrição também é dever do profissional nutricionista.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir do exposto acima, portanto, é possível concluir que o trabalho elaborado se apresenta como de extrema importância para a garantia da educação alimentar e nutricional para as gestantes do serviço. A humanização do cuidado também é um importante característica do papel do nutricionista, o que foi possível atingir com a elaboração e divulgação do material visual. Além disso, a inclusão é essencial para que o trabalho realizado seja bem-sucedido e que as gestantes possuam bom prognóstico no tratamento da diabetes *mellitus* gestacional e maior bem-estar até a chegada do seu bebê.

REFERÊNCIAS

BATISTA, M. H. J, *et al.* DIABETES GESTACIONAL: origem, prevenção e riscos. **Brazilian Journal Of Development**, [S.L.], v. 7, n. 1, p. 1981-1995, 2021. Brazilian Journal of Development.

BRASIL. Diretrizes da Sociedade Brasileira de Diabetes 2019-2020. Brasília: Sociedade Brasileira de Diabetes, 2019. 491

Marco de Referência de Educação Alimentar e Nutricional para as Políticas Públicas. **Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome**. Brasília, 2012.

OLIVEIRA, B. A. É POSSÍVEL ERRADICAR O ANALFABETISMO ABSOLUTO NO BRASIL ATÉ 2024?. **Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira**, abr. 2022.



AS ALTERAÇÕES E CONSEQUÊNCIAS DA SÍFILIS NA GESTAÇÃO: IMPACTOS MATERNOS E FETAIS

Giovana Di Iorio Bellarosa¹, Anyara de Moraes Brito¹; Isabella Silva Premero¹; Monique Andréia de Mira¹; Roberta D'Assunção Rodrigues¹; Júlia D'Ottaviano Brondi².
Graduando em medicina pela Universidade de Araraquara¹; Graduado em medicina pela Universidade de Araraquara².

✦ gdebellarosa@uniara.edu.br ✦

RESUMO

A sífilis congênita, a qual afeta metade das gestações, resulta em desfechos perinatais adversos em 10-15% dos casos. Nota-se um aumento no número de casos no Brasil, especialmente no Norte e Nordeste, devido a fatores socioeconômicos e manejo inadequado na gestação. Embora os testes diagnósticos sejam sensíveis e os tratamentos eficazes, a persistência do aumento de casos de sífilis na gestação destaca a urgência de melhorar os cuidados pré-natais para identificação e tratamento precoces. O desafio para a saúde pública é expandir o diagnóstico e garantir tratamento adequado durante a gestação e o parto, visando prevenir sérios danos à saúde da mãe e do feto.

Palavras-chave: sífilis na gestação; impactos maternos e fetais; consequência no feto.

1. INTRODUÇÃO

A sífilis é uma doença infecciosa, de notificação compulsória, que é atribuída à uma bactéria chamada *Treponema pallidum*, na qual, na maioria das vezes, é transmitida sexualmente (SECRETARIA DO ESTADO DE SAÚDE DE SP, 2008). A maior parte das mulheres que contraem o vírus são diagnosticadas durante a gravidez ou no momento do parto, tal infecção traz um agravamento à saúde pública, tendo como consequência um aumento significativo na morbimortalidade intrauterina (MAGALHÃES DMS et al., 2011). A transmissão da doença também pode ocorrer através da transfusão sanguínea, embora seja rara devido aos rigorosos controles de segurança nos hemocentros.

O aumento do risco de óbito fetal, óbito neonatal, baixo peso, prematuridade e malformações congênitas são desfechos comuns na gestação de mulheres com a doença, mas podem ser evitados com um pré-natal controlado. Embora o tratamento seja eficaz e de baixo custo, ainda é um grande desafio na saúde pública (ALMEIDA AS et al., 2022). Ademais, a Sífilis também pode manifestar-se com sintomas, visíveis ou invisíveis, os quais podem afetar a qualidade de vida do indivíduo, já que, se não for tratada da maneira correta, pode causar uma variedade de complicações, incluindo problemas de pele, nervosos, ósseos e cardiovasculares (SOUZA e SANTANA 2013). Dessa forma, o acompanhamento adequado do pré-natal é um fator essencial para diminuir a incidência da doença na população. Tal acompanhamento deve seguir requisitos, como o número de consultas e o tempo de início do tratamento, assim como a qualidade desses atendimentos e o rastreamento periódico de possíveis infecções (MAGALHÃES DMS et al., 2011).

Outro fator de suma importância seria a análise de fatores de risco e a monitorização do tratamento, para que o mesmo ocorra de maneira eficaz. Assim, nota-se que a realização de um pré-natal de qualidade, associado ao tratamento adequado, são cruciais para prevenir a transmissão vertical, juntamente à Atenção Primária assumindo responsabilidade pelo cuidado integral das gestantes (RODRIGUES et al., 2024).



2. METODOLOGIA

Foram utilizados artigos originais e artigos de revisão para a elaboração desta revisão, redigidos em inglês e português. As bases de dados utilizadas foram PubMed, Scielo e Google Scholar, utilizando os termos “sífilis na gestação”, “impactos maternos e fetais”, “consequências no feto”, de forma isolada ou em conjunto para melhor atender os objetivos desta revisão. Os critérios de exclusão adotados envolveram artigos de relato de caso e estudos não randomizados, com pequeno número amostral. Ao final da seleção dos artigos para redação desta revisão, foram usados nove artigos publicados nos último dezesseis anos.

3. RESULTADOS E DISCUSSÕES

A sífilis na gestação é um grave problema de saúde pública, responsável por altos índices de morbimortalidade intrauterina. Estima-se que afete pelo menos 50% das gestações, resultando em desfechos perinatais adversos em 10% a 15% de todas as gestações (MAGALHÃES DMS et al., 2011). No Brasil, houve um aumento progressivo na incidência nos últimos anos, especialmente nas regiões Norte e Nordeste. Fatores como baixa escolaridade, condições socioeconômicas desfavoráveis e manejo inadequado durante a gestação contribuem para a persistência do problema (FEITOSA et al., 2016). Apesar de existirem testes diagnósticos sensíveis e tratamentos efetivos de baixo custo, a sífilis ainda é considerada um importante problema de saúde pública devido ao aumento crescente de casos, especialmente em gestantes (MOZER, 2021).

É uma doença com características variadas e peculiares que, quando presente na gestação, pode levar a efeitos nocivos à saúde, tanto da mãe como para a do feto. A Sífilis pode se apresentar de forma sintomática e assintomática, podendo afetar qualquer órgão do corpo humano e se não tratada, pode ocasionar vários problemas, dentre eles distúrbios dermatológicos, neurológicos, ósseos e cardiovasculares (SOUZA e SANTANA 2013). Estudos apontam que aproximadamente 40% dos fetos infectados evoluem para aborto espontâneo (ocorrida antes de 22 semanas de gestação, ou peso menor a 500 gramas), natimorto (após 22 semanas de gestação ou peso igual ou maior a 500 gramas) ou morte Perinatal, sendo essas as consequências mais frequentes, apesar de a sífilis congênita ser uma causa de morte Perinatal evitável. A mulher pode ser infectada antes ou durante a gestação, portanto o espectro de desfechos possíveis se torna variado, de acordo com o estágio gestacional e da infecção (SOUZA e SANTANA 2013).

A sífilis congênita pode ocorrer precocemente, antes do 2º ano de vida, causando prematuridade e baixo peso ao nascer, e tardiamente, após o 2º ano, com impactos mais severos na saúde da criança. Suas manifestações clínicas afetam diversos sistemas, incluindo lesões cutâneo-mucosas, ósseas, do sistema nervoso central, respiratório e visual, entre outras. (SOUZA e SANTANA 2013).

Os impactos da sífilis na saúde da mulher durante a gestação são diversos e graves, especialmente se a infecção ocorrer durante a formação fetal. Nas fases primária e secundária, os sintomas podem passar despercebidos, aumentando o risco de transmissão vertical. Mesmo sem tratamento, os sintomas tendem a desaparecer, mas a infecção persiste e pode evoluir para a fase terciária, causando complicações neurológicas e cardiovasculares. Não obstante, além dos impactos físicos, a sífilis pode ter efeitos psicológicos e sociais profundos, especialmente em mulheres que lidam com a perda de filhos ou anomalias congênitas causadas pela doença. Essa compreensão destaca a importância da prevenção, diagnóstico precoce e tratamento adequado durante a gestação para evitar complicações tanto para a mãe quanto para o bebê. (SOUZA e SANTANA 2013).



Um estudo realizado em gestantes positivas para sífilis investigou a recorrência da doença em gestações subsequentes. Os resultados mostraram que a sífilis congênita (SC) foi evidenciada em 81,9% das gestações iniciais e em 68,4% das subsequentes. As principais causas da SC nas gestações subsequentes foram positividade do VDRL (Venereal Disease Research Laboratory) no parto e tratamento não documentado (HEBMULLER et al., 2015).

A maioria das mulheres infectadas é identificada durante a gestação ou no momento do parto, mas entre 38% e 48% delas chegam às maternidades sem os resultados de sorologias importantes. Por essa razão, a Organização Mundial da Saúde (OMS) estabeleceu em 2005 quatro pilares para sua eliminação: políticas governamentais, acesso a serviços de saúde de qualidade, identificação e tratamento de gestantes infectadas, e vigilância do sistema de saúde (FEITOSA et al., 2016). Por conseguinte, as atuais recomendações do Ministério da Saúde para o rastreamento da sífilis durante o pré-natal é que devem ser realizadas na primeira consulta, ainda no primeiro trimestre, e no terceiro trimestre da gestação (MAGALHÃES DMS et al., 2011).

O tratamento adequado para gestantes inclui a administração completa de penicilina, sendo concluído até 30 dias antes do parto, com tratamento simultâneo para o parceiro. As gestantes alérgicas comprovadas à penicilina devem passar por dessensibilização e receber tratamento com penicilina, caso essa alternativa ainda assim seja inviável, pode ser utilizada eritromicina, porém não é considerada adequada para prevenção da transmissão fetal, sendo necessários investigação e tratamento adequado do recém-nascido (SECRETARIA DO ESTADO DE SAÚDE DE SP, 2008). Para o neonato cuja mãe tem sífilis tratada inadequadamente ou não tratada, independente do teste VDRL deve-se tomar algumas condutas se houver alterações clínicas, hematológicas ou sorológicas com a administração de penicilina G cristalina endovenosa nas primeiras duas semanas de vida ou penicilina G procaína intramuscular durante 10 dias (SECRETARIA DO ESTADO DE SAÚDE DE SP, 2008).

É essencial que o número do Sistema de Acompanhamento do Programa de Humanização no Pré-Natal e Nascimento (SISPRENATAL), resultados e datas das sorologias, além das informações sobre o tratamento (droga, dose e data) sejam registrados na carteira da gestante. A mesma deve ser instruída a manter a carteira consigo durante o pré-natal até o parto, para que haja um acompanhamento regular e efetivo. (SECRETARIA DO ESTADO DE SAÚDE DE SP, 2008).

É de extrema relevância reforçar a educação sobre os riscos associados à infecção pelo *T. pallidum* através da transmissão sexual, encorajando as mulheres com sífilis e seus parceiros a praticarem sexo seguro, utilizando preservativos, durante o tratamento. Além disso, é altamente recomendado que o parceiro seja adequadamente tratado para que não haja reinfecções da mãe no período de gestação. O acompanhamento da cura deve ser mensal, avaliando a resposta ao tratamento através da diminuição dos títulos do VDRL (SECRETARIA DO ESTADO DE SAÚDE DE SP, 2008). Em suma, o desafio para a saúde pública reside em aumentar a cobertura e a qualidade do pré-natal, expandir o diagnóstico laboratorial do *T. pallidum* e garantir o tratamento adequado durante a gestação e o parto (SECRETARIA DO ESTADO DE SAÚDE DE SP, 2008).

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os resultados desse estudo evidenciaram a relevância de realizar um acompanhamento pré-natal eficaz, além de destacar a importância de implementar estratégias voltadas para as mulheres em situação de vulnerabilidade. Ademais, um plano específico para esse grupo pode contribuir significativamente para diminuir a transmissão vertical da sífilis, mitigando os impactos para as famílias e os recém-nascidos.



REFERÊNCIAS

Feitosa, J.A.S., Rocha, C.H.R., Costa, F.S. Artigo de Revisão: **Sífilis congênita**. Revista de Medicina e Saúde de Brasília, Brasília, v.5, n.2, p.286-297, 2016.

<<https://portalrevistas.ucb.br/index.php/rmsbr/article/download/6749/4573>>. Acesso em: 26 de maio de 2024.

Hebmuller, Marjorie Garlow, Fiori, Humberto Holmer e Lago, Eleonor Gastal. **Gestações subsequentes em mulheres que tiveram sífilis na gestação**. *Ciência & Saúde Coletiva* [online]. 2015, v. 20, n. 9. pp. 2867-2878. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/1413-81232015209.20332014>>. Acesso em: 25 maio 2024.

Macêdo VC, Romaguera LMD, Ramalho MOA, Vanderlei LCM, Frias PG, Lira PIC. Sífilis na gestação: **Barreiras na assistência pré-natal para o controle da transmissão vertical**. *Cad Saúde Colet*, 2020;28(4): 518-528.

<https://doi.org/10.1590/1414-462X202028040395>

Magalhães, Daniela & Kawaguchi, Inês & Dias, Adriano & Calderon, Iracema 2011. **A sífilis na gestação e sua influência na morbimortalidade materno-infantil**. Disponível em: <https://bvsmms.saude.gov.br/bvs/artigos/sifilis_gestacao.pdf>. Acesso em: 27 maio 2024.

Mozer, Bruna 2021. **Exposição à Sífilis na gestação e suas consequências perinatais e no neuroses envolvimento infantil**. Disponível

em: <<https://www.arca.fiocruz.br/bitstream/handle/icict/54555/000250963.pdf?sequence=2&isAllowed=y>> Acesso em: 27 maio 2024.

Rodrigues, E.A., Souza, R.O., Ogliaria, K.B., Barbosa, J.S.P., Soares, S.M.B., Caldeira, A.G., Goulart, C.B., Pereira, D., Brasileiro, L.R.S., & Santos, W.L. 2024. **A notificação compulsória de sífilis em gestantes e a ocorrência de sífilis congênita: um estudo comparativo**. *Pubsaúde*, 16, a502. DOI: <<https://dx.doi.org/10.31533/pubsaude16.a502>>. Acesso em: 26 maio 2024.

Secretaria de Estado da Saúde – SES-SP. **Sífilis congênita e sífilis na gestação**. *Rev Saúde Pública* 2008;42(4):768-72. Acesso em: 25 de maio de 2024.

Souza, B. C., & Santana, L. S. (2013). **As consequências da sífilis congênita no binômio materno-fetal: um estudo de revisão**. *Interfaces Científicas - Saúde E Ambiente*, 1(3), 59–67. <<https://doi.org/10.17564/2316-3798.2013v1n3p59-67>>. Acesso em: 25 de maio de 2024.

TORRES, Paula Marília Afonso, et al. **Fatores associados ao tratamento inadequado da sífilis na gestação: revisão integrativa**. *Rev. Bras. Enferm.* 75 (06), 2022.

<<https://doi.org/10.1590/0034-7167-2021-0965pt>>. Acesso em: 24 de maio de 2024.



EVOLUÇÃO NA ADEQUAÇÃO DA ASSISTÊNCIA PRÉ-NATAL NO NORDESTE BRASILEIRO DE 2014 A 2022

Tales Silva Santana¹; Ana Carolina Matias Pires¹; Flávia Letícia Miranda Galvão¹; Karla Rivellyne de Castro Ribeiro¹; Marília Lopes Leal¹; Tarcisio Augusto da Silva Menezes².

Graduando(a) em Medicina pela Universidade Federal do Vale do São Francisco¹,
Docente do curso de Medicina pela Universidade Federal do Vale do São Francisco².

Email para correspondência: tales.silva.santana@hotmail.com

RESUMO

A qualidade da assistência pré-natal é um dos principais determinantes avaliativos da assistência à saúde da mulher, estando muito relacionada à morbimortalidade materna e neonatal. Este trabalho objetiva descrever a evolução na adequação da assistência pré-natal no Nordeste brasileiro nos anos de 2014 a 2022. É um estudo ecológico de série temporal, utilizando dados provenientes do Sistema de Informação sobre Nascidos Vivos (SINASC). Foi estudada a adequação quantitativa da assistência pré-natal (PN) entre nascidos vivos para a região Nordeste, nos anos de 2014 a 2022. Para este estudo, foi denominada taxa de adequação pré-natal (TAP) o percentual dos nascidos vivos cujos PN se encaixam nas categorias “adequado” ou “mais que adequado”. Durante o período estudado, a TAP no Nordeste apresentou aumento de 13,8%. O crescimento da TAP de cada estado foi, em ordem decrescente: 19,2% (MA), 18,6% (AL), 15% (BA), 14,5% (SE), 14,3% (RN), 12,8% (PI), 11,2% (PE), 9,9% (CE) e 8,7% (PB). Conclui-se que houve aumento significativo da adequação quantitativa da assistência pré-natal na região Nordeste no período de 2014 a 2022, cuja única queda percentual se deu em 2020, ano de auge da pandemia de COVID-19.

Palavras-chave: cuidado pré-natal; indicadores de qualidade em assistência à saúde; COVID-19.

1 INTRODUÇÃO

Manter a saúde materno-infantil e aprimorá-la estão entre os objetivos do Ministério da Saúde, a ser postos em prática por ações do Sistema Único de Saúde (SUS) (Tomasi *et al*, 2017). A qualidade da assistência pré-natal é um dos principais determinantes dos indicadores de assistência à saúde da mulher, estando muito relacionada à morbimortalidade materna e neonatal (Brasil, 2012). Pré-natal inadequado está entre os fatores fundamentais associados ao óbito fetal (Barbeiro *et al*, 2015). Já após o nascimento, o acesso à assistência pré-natal talvez seja o principal indicador de prognóstico (Brasil, 2012).

Há diversos fatores a se observar na análise da adequação pré-natal, sendo essenciais para uma assistência adequada o início precoce do pré-natal e um número mínimo de consultas ao longo do acompanhamento (Brasil, 2012). O número de consultas ainda permanece controverso, sendo considerado pelo Ministério da Saúde um mínimo de 6 (seis), para gestações de risco habitual (Brasil, 2012). No entanto, vale salientar que apenas o número de consultas não é capaz de sintetizar a qualidade da assistência pré-natal, pois a maior ênfase no conteúdo de cada consulta também se mostrou elemento determinante na ocorrência de adversidades perinatais (Brasil, 2012).

Desta forma, o objetivo do presente estudo foi descrever e analisar a evolução na adequação quantitativa da assistência pré-natal na região Nordeste nos anos de 2014 a 2022.



2 METODOLOGIA

O trabalho foi desenvolvido por meio de estudo ecológico de série temporal, utilizando dados provenientes do Sistema de Informação sobre Nascidos Vivos (SINASC). Foi estudada a adequação quantitativa da assistência pré-natal entre nascidos vivos para os estados da região Nordeste, a qual foi analisada nos anos de 2014 a 2022, definindo sua evolução ao longo do período.

3 RESULTADOS E DISCUSSÕES

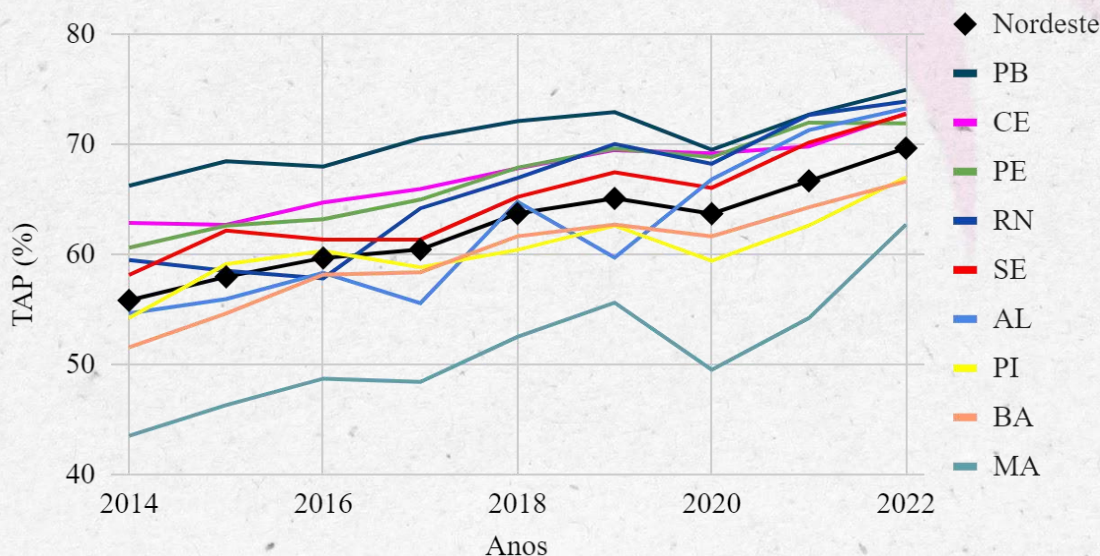
A adequação quantitativa de pré-natal é categorizada no SINASC com base no número de consultas feitas no pré-natal (PN) e a idade gestacional (IG) na primeira consulta realizada. É considerado “pré-natal adequado” o PN que incluir 6 (seis) ou mais consultas, sendo sua primeira consulta realizada até o primeiro trimestre da gestação. As outras categorias no SINASC para a adequação quantitativa são “não fez pré-natal”, “inadequado”, “intermediário”, “não classificado” e “mais que adequado”. Esta última define casos em que a gestante iniciou atendimento PN durante o primeiro trimestre da gestação e teve número de consultas igual ou superior a 110% do total esperado para sua idade gestacional.

Para este estudo, foi denominada taxa de adequação pré-natal (TAP) o percentual dos nascidos vivos cujos pré-natais se encaixam nas categorias “adequado” ou “mais que adequado”.

No Nordeste, foram registrados 7.180.756 nascidos vivos de 2014 a 2022, sendo a TAP média na região 62,3% (n=4.476.237) nesse período. As TAP da região NE em cada ano, de 2014 a 2022, foram respectivamente 55,8%, 57,9%, 59,6%, 60,4%, 63,6%, 65%, 63,6%, 66,6% e 69,6%, registrando-se, portanto, queda apenas em 2020, ano de início e auge da pandemia de COVID-19, como observado no Gráfico 1. Esse fato é explicado pela grande restrição aos cuidados de saúde considerados eletivos no período, devido à situação de saúde que o mundo vivenciava.

Durante os nove anos estudados, a TAP da região Nordeste apresentou um aumento total de 13,8% (Gráfico 1). O crescimento da TAP, por estado do Nordeste, foi (em ordem decrescente): 19,2% (Maranhão), 18,6% (Alagoas), 15% (Bahia), 14,5% (Sergipe), 14,3% (Rio Grande do Norte), 12,8% (Piauí), 11,2% (Pernambuco), 9,9% (Ceará) e 8,7% (Paraíba).

Gráfico 1 - Taxa de adequação pré-natal (TAP) nos estados do Nordeste brasileiro, nos anos de 2014 a 2022.





Alagoas (AL) foi o único estado do Nordeste cuja TAP aumentou de 2019 para 2020 - ano de início da pandemia de COVID-19. Em contrapartida, AL apresentou duas quedas percentuais no período estudado, uma em 2017 e outra em 2019 (Gráfico 1), o que indica evolução mais instável da adequação quantitativa pré-natal no estado - ou pelo menos de seus registros -, em comparação aos demais.

Em 2014, primeiro ano analisado no estudo, as TAP dos estados do Nordeste, em ordem decrescente, eram: 66,2% (PB), 62,8% (CE), 60,5% (PE), 59,4% (RN), 58,1% (SE), 54,6% (AL), 54,2% (PI), 51,5% (BA) e 43,5% (MA), como visto no Gráfico 1. Já em 2022, último ano estudado, as TAP, em ordem decrescente, foram: 74,9% (PB), 73,8% (RN), 73,2% (AL), 72,77% (CE), 72,71% (SE), 71,8% (PE), 67% (PI), 66,6% (BA) e 62,7% (MA).

4 CONCLUSÃO

Conclui-se que houve significativo aumento da adequação quantitativa de pré-natal na região do Nordeste brasileiro, no período de 2014 a 2022, com crescimento total de 13,8%. A única queda percentual observada ao longo dos anos se deu entre 2019 e 2020, progressão relativamente esperada da adequação, devido ao início e auge da pandemia de COVID-19, que promoveu isolamento social intenso e restrição temporária aos cuidados de saúde considerados eletivos.

Ao longo do período estudado, o estado do Nordeste com maior crescimento da taxa de adequação pré-natal foi o Maranhão (MA), e o estado com maior percentual de adequação ao final do tempo estudado, em 2022, foi a Paraíba (PB).

Vale ressaltar que, apesar de dados qualitativos ser essenciais para uma definitiva análise da assistência pré-natal, a observação quantitativa já indica sua progressiva evolução.

REFERÊNCIAS

TOMASI, Elaine et al. Qualidade da atenção pré-natal na rede básica de saúde do Brasil: indicadores e desigualdades sociais. **Cadernos de saúde pública**, v. 33, 2017.

BRASIL; MINISTÉRIO DA SAÚDE (MS). Atenção ao pré-natal de baixo risco. **Caderno de Atenção Básica**, n. 32, 2012.

BARBEIRO, Fernanda Morena dos Santos et al. Óbitos fetais no Brasil: revisão sistemática. **Revista de Saúde Pública**, v. 49, 2015.

LANSKY, Sônia et al. Pesquisa Nascer no Brasil: perfil da mortalidade neonatal e avaliação da assistência à gestante e ao recém-nascido. **Cadernos de saúde pública**, v. 30, p. S192-S207, 2014.

DOS REIS, Síntia Nascimento et al. Adequação da assistência ao pré-natal para mulheres do Vale do Jequitinhonha, Minas Gerais-Brasil: 10.15343/0104-7809.202145130139. **O Mundo da Saúde**, v. 45, n. s/n, p. 130-139, 2021.



BIOMARCADORES NO RASTREIO DE PRÉ-ECLÂMPSIA NO PRÉ-NATAL EM GESTANTES

Maria Clara Santos Gomes¹; Rebeca Penha Gujanski¹; José Gabriel Silva Carvalho¹; Marcos André Pedro da Silva¹; Diógenes de Souza Pontes Júnior¹; Bruna Rafaela de Oliveira Paiva¹; Pedro Gabriel Martins Vieira¹; Nara Miranda Portela²

Graduando em medicina pela Universidade Federal de Pernambuco¹. Professora doutora do Núcleo de Ciências da Vida, Centro Acadêmico do Agreste, Universidade Federal de Pernambuco, Caruaru - Pernambuco².

maria.clarag@ufpe.br

RESUMO

A pré-eclâmpsia é caracterizada pela presença de hipertensão arterial somada à proteinúria e/ou inflamação materna sistêmica durante ou após 20 semanas de gestação. É uma condição crucial a ser prevista durante o pré-natal, utilizando fatores de risco e métodos de rastreamento, a fim de evitar complicações na gestação. Os biomarcadores, por sua vez, vêm sendo promissores quanto ao rastreamento dessa condição, visto que eles refletem os processos fisiológicos e principalmente patológicos dos sistemas. Com o objetivo de analisar a eficácia de biomarcadores nesse contexto, o estudo realizou uma revisão na literatura sobre o tema utilizando as bases de dados PUBMED e BVS. Assim, os autores encontraram evidências sobre o benefício da utilização desses biomarcadores para rastreamento da PE, como a detecção precoce e precisa da condição, mas, que não devem ser utilizadas de forma isolada. Além disso, notou-se que alguns biomarcadores possuíam mais eficiência que outros, como exemplo o fator de crescimento placentário (PIGF) e a tirosina quinase-1 (SFI-1), o que evidencia a necessidade de mais estudos para comprovar tal aplicabilidade de forma ampla.

Palavras-chave: pré-natal; biomarcadores; pré-eclâmpsia.

1 INTRODUÇÃO

A pré-eclâmpsia (PE) é uma das complicações mais comuns durante a gravidez, sendo caracterizada pela presença de hipertensão arterial durante ou após 20 semanas de gestação e pela coexistência de, pelo menos uma, das condições: proteinúria, disfunção materna e problema útero-placentário (Poon *et al.*). O diagnóstico precoce pode ser alcançado durante o pré-natal da gestante, ressaltando a importância dessa etapa para a prevenção e identificação precoce de complicações na gestação, reduzindo os riscos materno-fetal. (Fernandes, Sá, 2019). São utilizados diferentes tipos de ferramentas para o rastreamento de pré-eclâmpsia na gravidez, sendo as mais comuns a medição pressórica ambulatorial, histórico clínico e fatores de risco, ultrassonografia e biomarcadores. (Amon; Dickert, 2020).

Biomarcadores são marcadores biológicos mensuráveis que refletem processos fisiológicos normais ou patológicos, sendo utilizado no rastreamento de pré-eclâmpsia devido ao seu possível potencial de prever tal ocorrência. No contexto da pré-eclâmpsia, esses biomarcadores podem incluir os angiogênicos, como o fator de crescimento placentário (PIGF) e tirosina quinase-1 (SFI-1), os placentários, como PAPP-A (Proteína A associada à gravidez), e os marcadores metabólicos e renais, o que inclui a razão sérica proteína/creatinina e o lactato (Rana *et al.*, 2019). Dessa maneira, esse trabalho visa analisar sobre a eficácia desses biomarcadores no rastreamento da pré-eclâmpsia, abordando os aspectos importantes que devem ser



considerados nesse contexto.

2 METODOLOGIA

Esse trabalho tem como objetivo a realização de uma revisão integrativa nas bases de dados PUBMED e BVS guiada pela pergunta “Qual é a eficácia dos biomarcadores como ferramentas de rastreio para pré-eclâmpsia durante o pré-natal em gestantes?”. Assim, foi-se definida a chave de busca a partir dos Descritores em Ciências da Saúde (DeCS) “Cuidado Pré-Natal”, “Biomarcadores”, “Pré-Eclâmpsia” e “Gravidez”, e pelos descritores em inglês (MeSH) “Prenatal Care”, “Biomarkers”, “Pre-Eclampsia” e “Pregnancy”. A partir disso, foram incluídos artigos completos, escritos em inglês e português do ano 2019 ao ano 2024. Foram excluídos artigos de opinião, trabalhos duplicados e fora da temática.

3 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Foram encontrados 32 artigos nas bases de dados pesquisadas e, após, a leitura e triagem com base nos critérios citados, 9 foram selecionados para a revisão e 22 foram excluídos. Assim, com base na literatura disponível dos artigos selecionados, percebe-se a concordância da necessidade de utilização de biomarcadores em conjunto com as usuais ferramentas de rastreio para o diagnóstico da pré-eclâmpsia e consequente redução dos riscos materno-fetal (Hayes-Ryan et al., 2021). Isso pode ser explicado pela fisiopatologia da pré-eclâmpsia, que envolve uma disfunção na implantação placentária e no desenvolvimento de vasos sanguíneos na placenta, ocasionando um desequilíbrio entre fatores pró e antiangiogênicos. Nessa condição, observa-se um aumento da produção de fatores antiangiogênicos, como o SFlt-1 (tirosina quinase-1 solúvel), que possui um receptor capaz de ligar-se e neutralizar fatores pró-angiogênicos, como PlGF (Fator de crescimento placentário), reduzindo suas concentrações e consequentemente gerando prejuízo na formação adequada de vasos sanguíneos na placenta, causando hipoperfusão e isquemia, que são características da pré-eclâmpsia (De sá *et al.*, 2020). Nesse contexto, a utilização desses dois biomarcadores, junto à relação SFlt-1/PlGF, a qual evidencia o desequilíbrio entre tais fatores, são promissoras para o diagnóstico dessa condição. (De sá *et al.*, 2020)

Os estudos também demonstraram o biomarcador PAPP-A (Pregnancy-Associated Plasma Protein-A) como útil, juntamente com os outros, para somar na previsão da ocorrência da pré-eclâmpsia. Esse marcador seria uma proteína produzida pela placenta que desempenha um papel importante na remodelação dos vasos sanguíneos uterinos, e, seus níveis reduzidos podem acarretar anormalidades na formação dos vasos sanguíneos da placenta, contribuindo para o desenvolvimento da pré-eclâmpsia. (Hu *et al.*, 2021). De sá *et al.* (2020) também ressalta que a relação sérica proteinúria/creatinina foi evidenciada como importante nesse rastreio, pois, além de ser um método acessível nos diferentes níveis de saúde, esses biomarcadores associados conseguem, de forma isolada, mostrar a possível ocorrência da pré-eclâmpsia. No contexto da PE, a proteinúria e a creatinina sérica são importantes biomarcadores devido às alterações fisiopatológicas que ocorrem nos rins durante a doença.

Além disso, os biomarcadores, como as proteínas necrófagas, exemplo da hemopexina (Hpx) e alfa-1-microglobulina (A1M) foram sugeridos como rastreio para pré-eclâmpsia, pois estão associados ao estresse oxidativo devido ao desequilíbrio entre a produção de radicais livres e a capacidade do corpo de neutralizá-los, fato característico dessa condição. A hemopexina atua na ligação do heme livre (moléculas de heme que estão liberadas no organismo geralmente como resultado da degradação de hemoglobina ou de outras hemoproteínas), enquanto a alfa-1-microglobulina possui propriedades antioxidantes para neutralizar os radicais livres, sendo ambas indicativas de processos fisiopatológicos presentes



na pré-eclâmpsia, mas, que ainda necessitam de mais estudos que comprovem essa relação. (Edvinsson *et al.*, 2022).

Outrossim, é importante destacar que os biomarcadores supracitados não devem ser analisados de forma isolada e ainda necessitam de estudos acerca do aprimoramento dos referenciais e considerar a possibilidade de tornar esses biomarcadores mais específicos para diferentes populações (Yang *et al.*, 2021). Também foi estudado o potencial do lactato como um biomarcador metabólico nesse rastreamento, porém, segundo Peguero *et al.* (2019), não foram encontradas evidências quanto a isso. Ainda, Kenny *et al.* (2020) e Ghaemi *et al.* (2022) expõem a necessidade de mais estudos sobre esses novos biomarcadores para reforçar as evidências e discussões sobre a real eficácia e aplicabilidade deles nos mais diferentes contextos da saúde.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Várias abordagens de rastreamento para o diagnóstico de pré-eclâmpsia foram avaliadas, sendo a relação proteinúria/creatinina a mais precisa até o momento. No entanto, os biomarcadores sFlt-1 e PIGF mostraram-se úteis em aumentar a precisão do diagnóstico quando são somados aos outros métodos citados devido à fisiopatologia da PE, mas, que não podem ser analisados de forma isolada. Além disso, a proporção sFlt-1/PIGF também é uma boa ferramenta para ser adicionada ao rastreio. Outros biomarcadores, como PAPP-A, hemopexina (Hpx) e alfa-1-microglobulina (A1M) necessitam de mais estudos para a comprovação da eficácia de suas utilizações no rastreamento dessa condição. Por outro lado, o lactato não demonstrou um bom resultado nesse quadro, não sendo evidenciado, até o momento, como favorável na análise de ocorrência da pré-eclâmpsia. Nesse sentido, conclui-se que os biomarcadores no rastreio da pré-eclâmpsia no pré-natal em gestantes é um tema promissor e importante para redução da mortalidade materno-fetal, mas, que ainda necessita de mais estudos acerca das novas implementações e aplicações nos diferentes contextos.

REFERÊNCIAS

AMON, Erol; DICKERT, Erin. Gestational hypertension and pre-eclampsia. **Clinical Maternal-Fetal Medicine**. CRC Press, 2021. p. 6.1-6.14. Disponível em: https://journals.lww.com/greenjournal/abstract/2020/06000/gestational_hypertension_and_pre_eclampsia__acog.46.aspx Acesso em: 26 abr. 2024.

DE SÁ, Catherine Primo Nogueira et al. Evaluation of angiogenic factors (PIGF and sFlt-1) in pre-eclampsia diagnosis. **Revista Brasileira de Ginecologia e Obstetrícia/RBGO Gynecology and Obstetrics**, v. 42, n. 11, p. 697-704, 2020. Disponível em: <https://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/biblio-1144172> Acesso em: 25 abr. 2024.

EDVINSSON, Camilla et al. Intensive care patients with preeclampsia—Clinical risk factors and biomarkers for oxidative stress and angiogenic imbalance as discriminators for severe disease. **Pregnancy Hypertension**, v. 30, p. 88-94, 2022. Disponível em: <https://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/mdl-36108544> Acesso em: 25 abr. 2024.

FERNANDES, César Eduardo; SÁ, Marcos Felipe Silva de. **Tratado de ginecologia Febrasgo**. In: Tratado de ginecologia Febrasgo. 2019. p. 998-998.

GHAEMI, Mohammad S. et al. Proteomic signatures predict preeclampsia in individual cohorts but not across cohorts—implications for clinical biomarker studies. **The Journal of**



Maternal-Fetal & Neonatal Medicine, v. 35, n. 25, p. 5621-5628, 2022. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/33653202/> Acesso em: 26 abr. 2024.

HAYES-RYAN, D. et al. Placental growth factor in assessment of women with suspected pre-eclampsia to reduce maternal morbidity: a stepped wedge cluster randomised control trial (PARROT Ireland). **The Bmj**, v. 374, 2021. Disponível em: <https://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/mdl-34389547> Acesso em: 26 abr. 2024.

HU, J. et al. Prospective evaluation of first-trimester screening strategy for preterm pre-eclampsia and its clinical applicability in China. **Ultrasound in Obstetrics & Gynecology**, v. 58, n. 4, p. 529-539, 2021. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/33817865/> Acesso em: 26 abr. 2024.

KENNY, Louise C. et al. Prediction of preeclampsia risk in first time pregnant women: Metabolite biomarkers for a clinical test. **PLoS One**, v. 15, n. 12, p. e0244369, 2020. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/33370367/> Acesso em: 25 abr. 2024.

PEGUERO, Anna et al. Association of plasma lactate concentration at admission of severe preeclampsia to maternal complications. **Pregnancy Hypertension**, v. 17, p. 89-93, 2019. Disponível em: <https://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/mdl-31487663> Acesso em: 26 abr. 2024.

POON, Liona C. et al. The International Federation of Gynecology and Obstetrics (FIGO) initiative on preeclampsia (PE): a pragmatic guide for first trimester screening and prevention. **International journal of gynaecology and obstetrics: the official organ of the International Federation of Gynaecology and Obstetrics**, v. 145, n. Suppl 1, p. 1, 2019. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/31111484/> Acesso em: 24 abr. 2024

RANA, Sarosh et al. Preeclampsia: pathophysiology, challenges, and perspectives. **Circulation research**, v. 124, n. 7, p. 1094-1112, 2019. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/30920918/> Acesso em: 24 abr. 2024.

YANG, Yingying et al. Preeclampsia prevalence, risk factors, and pregnancy outcomes in Sweden and China. **JAMA Network Open**, v. 4, n. 5, p. e218401-e218401, 2021. Disponível em: <https://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/mdl-33970258> Acesso em: 26 abr. 2024.



EFEITOS DO MÉTODO PILATES NA DIÁSTASE EM MULHERES NO PUERPÉRIO: UMA REVISÃO DE LITERATURA

Ellen Nohara Elias Rodrigues¹; Ana Beatriz da Fonseca Nunes²

Graduanda em Fisioterapia pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte¹, Mestranda em Ciências da Reabilitação pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte²

nohararodrigues@hotmail.com

RESUMO

Introdução: Durante a gestação ocorrem algumas mudanças físicas como o afastamento dos músculos reto abdominais, caracterizando a diástase abdominal (DMRA) e após o trabalho de parto, esta tende a aumentar. O método pilates, por sua vez, é uma atividade que proporciona aos praticantes, dentre outros benefícios, aumento da força global, consciência corporal, redução da dor e melhora da postura. **Objetivo:** Diante disso, esse trabalho se propõe a identificar os efeitos do método pilates sobre a diástase abdominal. **Metodologia:** Para isso foi realizado um levantamento bibliográfico nos principais bancos de dados de indexação de artigos, incluindo aqueles publicados nos últimos 5 anos e excluindo as revisões sistemáticas e de literatura. **Resultados:** Ao final da análise foram selecionadas cinco publicações que se incluíam na temática e exploravam variáveis como tamanho da diástase, força muscular e ativação dos músculos abdominais, dor lombar e qualidade de vida. **Conclusão:** Ao analisar os estudos, foi possível concluir que a prática do método pilates durante o puerpério proporciona, dentre outras melhorias das condições físicas em puérperas, a redução das medidas da diástase abdominal. Contudo, devido a baixa quantidade de estudos e pequeno número amostral destes, se faz necessário a elaboração de mais trabalhos de boa qualidade metodológica.

Palavras-chave: diástase abdominal; pilates; puerpério.

1 INTRODUÇÃO

Dentre as mudanças físicas que ocorrem na gestação durante o desenvolvimento do feto, estão o crescimento do útero e por consequência a separação dos ventres do músculo reto abdominal. O processo de afastamento total ou parcial desses músculos é conhecido como Diástase do Músculo dos Reto Abdominal (DMRA), que por sua vez acaba gerando um enfraquecimento da parede abdominal, estrutura esta, que é responsável por dar suporte às funções viscerais e respiratórias, pela estabilização do tronco e pelve (Costa; Oliveira Júnior e Alves, 2021).

Apesar de haver controvérsias na literatura sobre os valores da distensão necessária para diferenciá-la entre patológica e fisiológica, a primeira apresenta mais de 3cm de distensão abdominal. Esse estiramento patológico do abdômen pode interferir na vida diária dos indivíduos provocando sintomas como, dor lombar, incontinência urinária, alterações nas funções viscerais, funcionamento gastrointestinal irregular e aumento da frequência respiratória (Pagotto *et al.*, 2022).

O puerpério se trata de um período que se inicia logo após o parto com o nascimento do bebê e a dequitação da placenta. Esta primeira fase é definida como puerpério imediato, e segue até o 10º dia do pós parto; o segundo estágio é o tardio que permanece do 11º ao 45º dia, sendo nesse período que a genitália feminina começa a se recuperar; por último, o puerpério remoto, que se inicia no 46º dia, porém não tem uma duração exata, já que se estende até o retorno da



menstruação da mulher (Silva *et al.*, 2023; Albuquerque, 2021).

Como forma de reverter a diástase e proporcionar uma melhor qualidade de vida para as puérperas, a fisioterapia pode atuar na recuperação da musculatura abdominal por meio de exercícios que melhorem a sua tonicidade. De acordo com estudos recentes, um dos vários tipos de tratamento para auxiliar na redução da diástase é o pilates, método de condicionamento físico que permite o fortalecimento dos músculos abdominais e do assoalho pélvico (Coitinho *et al.*, 2019).

Desenvolvido por Joseph Pilates, no início da segunda guerra mundial, o método pilates é uma atividade capaz de proporcionar aos praticantes, dentre outros benefícios, aumento da força global, consciência corporal, redução da dor e melhora da postura (Bezerra; Araújo e Alves, 2020). Os exercícios podem ser realizados por meio de equipamentos ou no solo. Segundo Melo, Silva Ugrinowitsch (2023) o método Pilates possui princípios fundamentais que norteiam toda a prática, sendo eles: concentração, centralização, precisão, respiração, controle e fluidez.

Diante do exposto, este trabalho tem como objetivo realizar uma revisão de literatura, nos principais bancos de dados, acerca dos efeitos do método pilates sobre a DMRA em mulheres no período pós-gestacional.

2 METODOLOGIA

Para a confecção deste trabalho, foi realizado um levantamento bibliográfico nos principais bancos de dados de indexação de artigos (Pubmed = 8, PeDro = 1, Google Acadêmico = 306, Scielo = 1 e Biblioteca Virtual de Saúde = 31), utilizando-se dos seguintes descritores em conjunto ou separados: puerpério, diástase e método pilates.

Foram considerados os seguintes critérios de inclusão: trabalhos publicados entre os anos de 2019 a 2024 e escritos na língua portuguesa, inglesa ou espanhola e artigos do tipo ensaio clínico e estudos de caso com puérperas. Ao realizar a primeira seleta de artigos, foram excluídos aqueles que não se adequaram à temática trabalhada, artigos que não foi possível ter acesso ao texto completo, bem como as revisões de literatura e sistemáticas.

3 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Ao todo foram retornados 347 trabalhos, porém apenas 5 produções que melhor concordavam com a temática principal deste trabalho foram selecionadas. Os mesmos foram publicados entre os anos de 2019 e 2023. Os estudos repetidos e os que não se enquadram nos critérios de inclusão foram excluídos (n = 342). Dentre os trabalhos eleitos, 3 deles avaliaram outras variáveis além da diástase, sendo elas: qualidade de vida, dor lombar, ativação do transversos do abdômen e força muscular dos músculos transversos do abdômen e reto abdominal; circunferência da cintura e espessura do reto abdominal.

No ano de 2019, Pires dissertou sobre um trabalho realizado com 12 puérperas entre 12 e 14 semanas de pós-parto, as participantes foram divididas em 2 grupos sendo elas Controle (n=6) e Intervenção (n=6). Ao final de 12 sessões de pilates realizadas 2 vezes por semana com duração de 60 minutos, o grupo intervenção apresentou reduções significativas da diástase nas medições de 2cm e 5cm supraumbilical em comparação ao grupo controle. Porém a autora se deparou com a impossibilidade de verificar se as reduções foram em virtude do pilates ou referente ao efeito acumulado do exercício, salientando a necessidade da realização de mais estudos (Pires, 2019).

Ao avaliarem 40 mulheres de idade entre 22 e 35 anos e com um período de pós-parto entre 3 e 6 meses, Thabet e Alshehri (2019) concluíram que um programa de fortalecimento e estabilidade central profunda realizado 3x/semana por um período de 8 semanas se mostrou



eficiente e superior, em relação a exercícios com abdominais tradicionais, na redução e tratamento da diástase dos retos abdominais e qualidade de vida. Os exercícios de estabilidade de core profundo foram: respiração diafragmática, contração do assoalho pélvico, prancha, contração abdominal isométrica e exercícios abdominais (Thabet e Alshehri, 2019).

Em um estudo de caso produzido com o intuito de avaliar o efeito do método pilates em uma mulher com idade de 28 anos e em período de puerpério remoto (9 meses), os pesquisadores concluíram que 20 sessões de pilates realizadas 3x/semana foram capazes de proporcionar a participante uma redução de 2 pontos da dor lombar, aumento de 2 pontos na força muscular dos músculos reto abdominal e transverso do abdômen, melhorar significativamente o tempo de ativação do transverso do abdômen, além de reduzir expressivamente a diástase nos pontos supra e infraumbilical (Ferreira *et al.*, 2019).

Ao analisar o tamanho da diástase do músculo reto abdominal nas porções supra e infraumbilical de 12 puérperas pré e pós intervenção, os pesquisadores Bom-Fim, Martins e Fernandes (2020) observaram que, após 15 sessões de pilates, realizadas 2 vezes por semana, com equipamentos (*ladder barrel, wunda chair, reformer e cadillac*), houve uma redução significativa da diástase abdominal. Com isso, este estudo concluiu que, a ativação do músculo transverso do abdômen associado a respiração diafragmática foi capaz de reduzir as medidas das DMRA supra e infraumbilical (Bom-Fim; Martins e Fernandes, 2020).

Ademais, recentemente, um grupo de pesquisadores buscou examinar o efeito do método pilates em puérperas (2 – 12 meses de pós-parto), dividindo-as em grupo controle (n=15) e intervenção (n=20). No grupo intervenção foram realizados exercícios de pilates por um tempo de 4 semanas, nesse período, durante 3 dias da semana eram realizados exercícios em grupo e nos outros 2 dias os exercícios eram realizados de forma individual em casa. Ao final da pesquisa, os investigadores concluíram que houve melhora na diástase, circunferência da cintura e resistência muscular abdominal em relação ao grupo controle, porém entre os grupos não houve diferenças significativas na espessura do músculo reto abdominal (Lee *et al.*, 2023).

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir da análise dos dados coletados no contexto pesquisado, foi possível concluir que aparentemente a prática do Método Pilates durante o puerpério proporciona uma influência positiva em relação a melhoria das condições físicas de mulheres no pós parto, visto que, nos estudos supracitados tal prática promoveu, dentre outros efeitos, a redução da distância inter-retos abdominais e da circunferência da cintura, fortalecimento dos músculos transversos do abdômen e retos abdominais, além de reduzir a dor lombar e melhorar a qualidade de vida das praticantes.

Portanto, de acordo com os estudos abordados, a prática do método pilates se mostrou eficaz na redução da DMRA da população estudada, contudo, em decorrência das limitações envolvendo o baixo número de trabalhos publicados nos últimos 05 anos, destes, contendo uma baixa quantidade amostral de participantes. Diante dessas circunstâncias, mais estudos de boa qualidade metodológica se fazem necessários, a fim de esclarecer os efeitos benéficos do método pilates neste público, buscando avaliar também outras variáveis associadas às alterações consequentes do processo do ciclo gravídico-puerperal.

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE, C. R. de. **Invisibilidade da mulher no puerpério: uma revisão integrativa.** 2021. 37 f. TCC (Graduação) - Curso de Enfermagem, Universidade Federal de Campina Grande, Cuité, 2021.



BOM-FIM, F. C.; MARTINS, T.; FERNANDES, I. **Efeito do método pilates no tratamento de mulheres com diástase do músculo reto abdominal.** 2020. 24 f. TCC (Graduação) - Curso de Fisioterapia, Centro Universitário UniAmérica, [S.L.], 2020.

BEZERRA, S. de O.; ARAÚJO, E. M. de; ALVES, A. E. O. de A. Benefícios do Método Pilates na Saúde. **Revista de Saúde - Rsf**, Brasília, v. 7, n. 1, p. 5-13, jan./jul. 2020.

COITINHO, L. M. F. *et al.* Eficiência dos tratamentos fisioterapêuticos para a diástase do músculo reto abdominal no puerpério: uma revisão integrativa. **Rechst**, [S.L.], v. 8, n. 1, p. 39-52, jan./jul. 2019.

COSTA, A. S. P.; OLIVEIRA JÚNIOR, P. L. de; ALVES, A. E. O. de A. Fisioterapia na recuperação muscular de diástase abdominal em puérperas. **Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação**, [S.L.], v. 7, n. 11, p. 577-597, 30 nov. 2021.

FERREIRA, L; da S. *et al.* O pilates no controle da diástase do músculo reto abdominal no puerpério remoto. **CPAQV**, [S.L.], v. 11, n. 1, p. 1-9, 2019.

LEE, N. *et al.* Effects of Pilates on inter-recti distance, thickness of rectus abdominis, waist circumference and abdominal muscle endurance in primiparous women. **Bmc Women'S Health**, [S.L.], v. 23, n. 1, p. 1-11, 27 nov. 2023.

MELO, C. C. de; SILVA, M. S. de C.; UGRINOWITSCH, H. O método pilates: princípios e especificidades para a saúde. **Zenodo**, [S.L.], v. 27, n. 1, p. 1-23, 17 jul. 2023.

PAGOTTO, I. Z. *et al.* **A efetividade do hipopressivo na correção da diástase abdominal:** estudo de caso. 2022. 48 f. TCC (Graduação) - Curso de Fisioterapia, Centro Universitário Vale do Cricaré, São Mateus, 2022.

PIRES, S. J. **Recuperação no Pós-Parto:** efeito do pilates na diástase dos retos abdominais. 2019. 42 f. Dissertação (Mestrado) - Fisioterapia na Especialidade de Saúde da Mulher, Escola Superior de Saúde do Alcoitão, [S.L.], 2019.

THABET, A. A; ALSHEHRI, M. A. Eficácia do programa de exercícios de estabilidade central profunda em mulheres no pós-parto com diástase reticular: um ensaio clínico randomizado. **Journal of Musculoskeletal and Neuronal Interactions**, v. 19, n. 1, p. 62 – 68, mar/2019.

SILVA, M. R. da *et al.* Desafios do puerpério: visão de mulheres nas mídias sociais. **Enfermagem em Foco**, [S.L.], v. 14, p. 1-7, jan. 2023. Conselho Federal de Enfermagem - Cofen.

DESFECHOS DA ENDOMETRIOSE NA QUALIDADE DE VIDA DE MULHERES JOVENS

Keyla Liana Bezerra Machado¹; Yasmin Duarte Silva²; Thaylla Pereira dos Santos³; Jonas Felipe Bonato⁴; Fillipe Eduardo Amorim Mesquita⁵; Gabriel Henrique Morimã de Oliveira⁶; Cristiany Schultz⁷;

Mestranda em Ciências Farmacêuticas - Universidade Federal do Piauí¹; Graduanda em Enfermagem pela Faculdade de Tecnologia e Ciência²; Mestranda em Enfermagem na Universidade Federal do Mato Grosso do Sul³; Médico pela Universidade Federal de Pelotas⁴; Acadêmico de Medicina pela Universidade do Estado de Mato Grosso⁵; Graduando em Enfermagem pela Faculdades do Vale do Rio Arinos-AJES⁶; Mestre em Biociências e Fisiopatologia, Universidade Estadual de Maringá⁷.

lianakeyla02@gmail.com

RESUMO

A endometriose é um distúrbio ginecológico representado por uma inflamação crônica definida pela presença de tecidos nas partes externas da cavidade uterina, como a região pélvica e abdômen. O objetivo da presente pesquisa é relatar os desfechos da endometriose na qualidade de vida de mulheres jovens. Trata-se de uma revisão de literatura integrativa, qualitativa e de natureza descritiva realizada as bases de dados Scientific Electronic Library Online (SCIELO), Literatura Latino-americana e do Caribe em Ciências da Saúde (LILACS), sobre utilização dos descritores em Ciências da Saúde (DeCs), interligados pelo operador booleano “AND”. A literatura relata que a juventude da década atual, na maioria das vezes modifica sua vivência a depender das situações ocasionadas. Esse aspecto é verificado diante dos papéis que algumas transformações são desencadeadas como “limitantes” para esse grupo, ao exemplo da endometriose, patologia que possibilita diferentes impactos nas dimensões individuais e sociais de mulheres ainda jovens. Em consideração, a incidência da endometriose em adolescentes e jovens parece ser mais comum do que se pensava inicialmente. Portanto, torna-se importante considerar que identificá-la precocemente pode proporcionar benefícios como alívio dos sintomas, melhorar a qualidade de vida e retardar sua evolução.

Palavras-chave: juventude; fases de vida; saúde.

1 INTRODUÇÃO

De acordo com Silva *et al.* (2019), classifica-se a endometriose como um distúrbio ginecológico representado por uma inflamação crônica que se é definida pela presença de tecidos nas partes externas da cavidade uterina, como a região pélvica e do abdômen. Nessa condição, estimasse por consequência o acometimento dos demais seguimentos, incluindo: ovário, peritônio, bexiga e intestino.

Caracterizada como uma doença de aspecto benigno, estimasse que 10% das mulheres em idade reprodutiva poderão ser diagnosticadas como portadoras dessa patologia. Essa observação também se correlaciona ao fato de que, 50% das mulheres acometidas ficam suscetíveis a desencadarem o processo de infertilidade, possibilitando uma mudança de vida e a dificuldade para uma possível gravidez (Magalhães *et al.*, 2018).

Nesse cenário, a endometriose se destaca como um desafio que classifica diversas consequências no padrão evolutivo feminino, pois segundo a literatura de Araújo *et al.* (2020),



é possível observar que a doença pode se iniciar ainda na adolescência e se prolongar até a fase adulta. Mediante esse contexto, essa doença ocasiona diversos fatores que podem modificar a vivência de mulheres ainda jovens, principalmente por causar malefícios não só físicos mas também psicológicos que comprometem a qualidade de vida e o bem-estar como um todo.

Com base aos aspectos mencionados, o objetivo da presente pesquisa é relatar os desfechos da endometriose na qualidade de vida de mulheres jovens.

2 METODOLOGIA

O estudo apresenta uma revisão de literatura qualitativa e de natureza descritiva. Assim, o desenvolvimento dessa temática baseou-se na seguinte questão norteadora: “O que a literatura aponta sobre a qualidade de vida de mulheres jovens portadoras de endometriose?”.

De acordo com essa metodologia, iniciou-se a busca científica na qual se definiu de acordo com pesquisas referenciadas nas bases de dados *Scientific Electronic Library Online* (SCIELO), *Literatura Latino-americana e do Caribe em Ciências da Saúde* (LILACS), sobre utilização dos descritores em Ciências da Saúde (DeCs), interligados pelo operador booleano “AND”: Juventude, and; Fases de vida, and; Saúde.

Após o achado dos trabalhos, foram observadas diversas publicações com referência a temática. Desse modo, para seleção minuciosa, foram formulados critérios de inclusão, tais como: trabalhos recentemente publicados, incluindo pesquisas completas, gratuitas e descritas em idiomas espanhol, inglês e português com possibilidade do inglês e espanhol para tradução. Em contrapartida, para critérios de exclusão, adotaram-se os estudos repetidos, que fossem sem referências e que não respondessem a pergunta do estudo.

Foram encontrados 63 artigos, destes 31 foram excluídos por texto incompleto, 12 por não estarem disponíveis de forma gratuita, 9 por estarem fora das linguagens escolhidas e não apresentarem disponibilidade para tradução. Por fim, 11 foram selecionados para leitura, onde, desses, 5 não se fizeram necessários e apenas 6 fizeram parte da escrita final dessa revisão.

3 RESULTADOS E DISCUSSÕES

A literatura identificada por Baetas *et al.* (2021) relata que a juventude da década atual, na maioria das vezes modifica sua vivência a depender das situações ocasionadas. Esse aspecto é verificado diante dos papéis que algumas transformações são desencadeadas como “limitantes” para esse grupo, ao exemplo da endometriose, patologia que possibilita diferentes impactos nas dimensões individuais e sociais de mulheres ainda jovens.

Em meio a esse cenário, buscam-se maneiras associadas ao desenvolvimento de uma melhor qualidade de vida para esse público, nas quais se tornam um tanto pouco resolutivas ao considerar a abrangência que a doença proporciona. Nesse aspecto, evidências são relatadas desde tempos passados, para Sampson (1927), em investigação ao motivo inicial dessa doença, retratasse que a endometriose pode estar relacionada a questões hormonais e a imunidade, fundamento ainda não conclusivo até a década atual.

Dessa forma, correlacionando os desfechos da endometriose em jovens, a maneira como a mesma se manifesta nessa idade pode variar, tornando difícil diferenciá-la de uma dor menstrual comum. A esse posto, a dor pélvica crônica e a dismenorreia desempenham um papel importante no diagnóstico da endometriose, mas devido à sua ocorrência frequente, especialmente nessa faixa etária, muitas vezes não é realizado um exame detalhado, resultando em um grande número de casos não diagnosticados adequadamente ou com tratamento adiado, sendo obtido um diagnóstico de forma tardia (Pinheiro, 2022).

No estudo realizado por Dias *et al.* (2023), o autor indaga a endometriose como condição crônica e incapacitante, que impacta significativamente a qualidade de vida (QdV) das mulheres



jovens que a possuem. Na fase da adolescência, por exemplo, tem sido relatada a ligação entre faltas na escola ou dificuldades nas atividades diárias em decorrência das dores ocasionadas no período menstrual. Assim, os transtornos de origem psicológica também começam a surgirem, o medo, ansiedade e a angústia se tornam recorrentes e dão início a outras problemáticas capazes de alterar o bem-estar por completo da jovem.

Adicionalmente, as mulheres começam a enfrentar a sobrecarga de pensar em sua estrutura familiar futura, bem como em seu contexto social e profissional, o que intensifica os sintomas e desenvolve a fadiga. Muitas vezes, o cansaço se torna extremo, pois se é buscado uma causa que não é encontrada, garantindo o sentimento de frustração (Apolinário *et al.*, 2023).

Mediante esse desfecho, além do acompanhamento por diversos médicos torna-se notório a necessidade do acompanhamento psíquico. Algumas, principalmente em idade média desencadeiam resistência em relação à abordagem psicológica sobre sua condição de saúde, já que estes focam principalmente em alterações físicas e funcionais (Campos; Costa, 2023). Por essa razão, discute-se que a endometriose causa redução significativa na qualidade de vida de suas portadoras. A convivência com essa doença e suas decorrências acarretadas entre o período de sintomatologia, diagnóstico e tratamento além de afetar negativamente a saúde da mulher, modifica os eixos da vida social, sexual, emocional e profissionalmente.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A incidência da endometriose em adolescentes e jovens parece ser mais comum do que se pensava inicialmente. Portanto, torna-se importante considerar que identificá-la precocemente pode proporcionar benefícios como alívio dos sintomas, melhorar a qualidade de vida e retardar sua evolução, potencialmente protegendo a fertilidade de mulheres em idade inicial.

No entanto, apesar de sua necessidade, as pesquisas encontradas sobre esse assunto quando se desejava interpretar o acometimento em jovens foram superficiais, com publicações disponíveis que se limitaram a investigar diretamente as interjeições não só físicas, mas sociais e psicológicas desencadeadas em decorrência da endometriose nessa população. Contudo, para melhorar a compreensão sobre sua origem e desenvolvimento em idade precoce, é crucial direcionar uma maior atenção para a identificação de fatores de risco e as modificações na qualidade de vida em adolescentes. Pode ser que a fisiopatologia na população adolescente seja única, no entanto, há poucos dados epidemiológicos disponíveis para apoiar ou refutar essa especulação.

REFERÊNCIAS

APOLINÁRIO, P. A. et al. O papel da cirurgia na endometriose. **Revista Eletrônica Acervo Saúde**, v. 23, n. 1, p. 112-117, 2023.

ARAÚJO, F. W.; SCHMIDT, D. B. Endometriose um problema de saúde pública: revisão de literatura. **Revista Saúde e Desenvolvimento**, v. 14, n. 18, 2020.

BAETAS, B. V. et al. Endometriose e a qualidade de vida das mulheres acometidas. **Revista Eletrônica Acervo Científico**, v. 19, p. e5928-e5928, 2021.

CAMPOS, K. S.; DA COSTA, R. S. FATORES PSICOSSOMÁTICOS DECORRENTES DA ENDOMETRIOSE. **RECIMA21- Revista Científica Multidisciplinar-ISSN 2675-6218**, v. 4, n. 6, p. 46-49, 2023.

DIAS, V.; MARTINHO, M. Efeito da Fisioterapia na dispareunia e qualidade de vida de uma jovem com endometriose: estudo de caso. **RevSALUS-Revista Científica Internacional da Rede Acadêmica das Ciências da Saúde da Lusofonia**, v. 5, n. Supii, p. 91-91, 2023.

MAGALHÃES, T. F. et al. Endometriose com ascite e peritonite encapsulante: uma revisão sistemática com descrição de um caso clínico. **Revista Brasileira de Ginecologia e Obstetrícia**, v. 40, p. 147-155, 2018.

PINHEIRO, B. S. **O impacto da endometriose na qualidade de vida da mulher em idade fértil. 2022.** Tese de Doutorado. Instituto Politecnico de Viseu (Portugal).

SAMPSON, J. A. Metastatic or embolic endometriosis, due to the menstrual dissemination of endometrial tissue into the venous circulation. **The American journal of pathology**, v. 3, n. 2, p. 93, 1927.

SILVA, M. Q. et al. Endometriose: uma causa da infertilidade feminina e seu tratamento. **Cadernos da Medicina-UNIFESO**, v. 2, n. 2, 2019.



A INCIDÊNCIA DA SÍFILIS CONGÊNITA NO ESTADO DE PERNAMBUCO: O IMPACTO NA SAÚDE DO RECÉM-NASCIDO

Fernanda Rodrigues Avelar¹; Mayana Aquino Correia de Lima¹; Jorge Luiz da Silva Segundo²; Lohana Maylane Aquino Correia de Lima³.

Graduando em Medicina pela Universidade Federal de Pernambuco¹; Graduando em Medicina pela Universidade Católica de Pernambuco²; Professora substituta; Doutoranda em Clínica Integrada - Universidade Federal de Pernambuco³.

feavelar22@gmail.com

RESUMO

As infecções sexualmente transmissíveis constituem um grande impasse para a saúde pública há muitos anos, embora o diagnóstico seja bem estabelecido e o tratamento de baixo custo. A transmissão bacteriana ocorre verticalmente, o que ressalta a importância da assistência pré-natal adequada para que haja a testagem no primeiro e terceiro trimestre. A manutenção das taxas de sífilis congênita está relacionada aos fatores: falta de instrução materna, dificuldade de acesso ao pré-natal, vulnerabilidade social e baixa adesão do parceiro ao acompanhamento gestacional. O impacto observado na saúde materno-infantil vai desde complicações no parto à mortalidade infantil, sendo observadas nos recém-nascidos as complicações físicas e cognitivas causadas pela sífilis congênita.

Palavras-chave: sífilis; gestação; recém-nascido

1 INTRODUÇÃO

A sífilis congênita é transmitida verticalmente, por meio da via placentária de uma mãe infectada por bactérias espiroquetas do tipo *Treponema pallidum*, durante a gestação. A manifestação dessa doença no recém-nascido é ampla podendo variar de achados cutâneos e viscerais a casos assintomáticos, assim como a ocorrência de natimortos e óbitos neonatais. Outrossim, a gravidade varia de acordo com o tempo de contágio da gestante, haja vista que a morbimortalidade é maior quando a infecção ocorre durante o primeiro e o segundo trimestre. Sendo assim, a recomendação da Organização Mundial de Saúde (OMS) e do Ministério da Saúde é a testagem não treponêmica (VDRL e RPR) no início do primeiro e o terceiro trimestre, pois a identificação precoce e o tratamento previnem sequelas tardias (Serra *et al.*, 2022).

No Brasil, a sífilis congênita passou a ser uma doença de notificação compulsória em 1986, a qual tem seus dados armazenados e tabulados pelo SINAN. Por isso, grande parte do aumento de casos está relacionado, para além das desigualdades sociais e à baixa assistência pré-natal, à melhoria do sistema de notificação (Trinh *et al.*, 2019).

Ademais, há o desafio para que o parceiro se insira no acompanhamento pré-natal, tendo em vista a resistência e a baixa importância dada ao processo. Tal fato não só é uma das causas de infecção e reinfecção por sífilis durante o período gestacional, como também desestimula a gestante para que esta siga o tratamento corretamente. Dessa forma, foi observado em um estudo que dos casos de sífilis congênita apenas 14% das mães tiveram adesão ao tratamento adequado, sendo mais preocupante o fato de que somente 11% dos parceiros receberam tratamento. Logo, é válido salientar a importância do incentivo ao acompanhamento materno-infantil, assim como da estratégia de inserção do parceiro nas unidades básicas de saúde (Favero *et al.*, 2019; Viana Filho *et al.*, 2020).



2 METODOLOGIA

O estudo trata-se de uma revisão integrativa de literatura, a partir da busca por artigos científicos na base de dados Biblioteca Virtual em Saúde (BVS), PubMed. A pesquisa foi feita a partir dos seguintes descritores de busca: "Syphilis Congenital" AND "Newborn" AND effects". Assim foram incluídos artigos com texto disponível de forma gratuita, em português e inglês, que consistiam em estudos observacionais, pesquisas qualitativas e ensaios clínicos controlados. Foram excluídos trabalhos fora do recorte temporal de publicação do período de 2019 a 2024. A aplicação de tais critérios resultou em 7 artigos para essa revisão. Ademais, a base de dados DataSUS foi utilizada para recorte de dados epidemiológicos que embasam a discussão, sendo o período analisado entre 2019 e 2023.

3 RESULTADOS E DISCUSSÕES

A sífilis é uma das infecções sexualmente transmissíveis que acometem as gestantes, sendo necessário a identificação precoce durante o pré-natal para que seja realizado os cuidados necessários tanto para o feto quanto para a mãe, assim, evitando a sífilis congênita. Em geral, há uma estimativa que entre 50 e 80% dos casos de sífilis gestacional resultarem em eventos adversos no parto, a exemplo da prematuridade, recém-nascidos com baixo peso e a própria transmissão vertical da bactéria da sífilis para o bebê (Trinh *et al.*, 2019).

Ademais, a região nordeste, sudeste e sul apresentam as maiores taxas de casos de sífilis congênita, sendo a região nordeste e sudeste responsáveis pelas altas taxas de mortalidade infantil por esta infecção. A vulnerabilidade social não é um determinante para o aumento dos casos confirmados, visto que é um índice variável entre os locais com maiores taxas, entretanto o quantitativo de perdas fetais após o primeiro trimestre e de natimortos por sífilis congênita foi mais elevado em regiões com alta vulnerabilidade social, a exemplo do Nordeste. A implantação e expansão da Estratégia de Saúde da Família, a partir de 2013, teve como foco ampliar o acesso das gestantes ao pré-natal e às testagens para a melhoria da saúde materno-infantil, sendo a região Nordeste a que obteve mais sucesso com cerca de 64,7% de cobertura (Trinh *et al.*, 2019; Ribeiro *et al.*, 2020).

Entretanto, ao analisar os dados coletados no DataSUS, no portal do Sistema de Informação e Agravos e Notificação (SINAN), observa-se que Pernambuco apresentou 8492 casos de sífilis congênita entre o período de 2019 a 2023. A média considerada alta teve uma redução significativa no último ano, o que evidencia a importância de promover o acompanhamento gestacional adequado (Brasil, 2024).

Figura 1 - Casos confirmados de sífilis congênita em Pernambuco (2019-2024).



Fonte: Autoria própria, baseada em Brasil (2024).

Outrossim, o potencial patogênico da sífilis congênita está associado a um vasto conjunto de sequelas. Sendo assim, os recém-nascidos infectados apresentam icterícia, esplenomegalia, lesões de pele, dentre outras condições menos comuns, como hepatomegalia, osteocondrose e pseudoparalisia. Vale ressaltar que essas manifestações tendem a ser confundidas com outras condições, sendo importante considerar o diagnóstico diferencial para sífilis congênita a partir da sintomatologia e das anormalidades hematológicas, mesmo que a testagem sorológica da gestante tenha sido negativa. Além disso, observa-se o comprometimento do sistema nervoso central, embora tardiamente, o qual interfere no desenvolvimento psicomotor da criança, haja vista que a grande maioria dos recém-nascidos com neurosífilis é assintomática (Ribeiro *et al.*, 2020; Hegde; Srinivasan; Dinakar, 2023; Pires *et al.*, 2024).

Por fim, um estudo realizado com um bebê prematuro acometido pela sífilis congênita identificou o aumento no perfil de citocinas inflamatórias com células do tipo Th1 e Th2, assim como uma ampla gama de interleucinas responsáveis por mediar reações de ataque ao sistema imunológico. Dessa forma, é possível inferir que além das complicações mais comuns da doença, como aborto espontâneo, parto prematuro, má formação fetal, surdez, cegueira, alterações ósseas e mentais, há ainda a carga inflamatória que pode alterar as funções cardíacas, hepáticas, renais, cerebrais e pulmonares (Fukama *et al.*, 2023).

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por meio da conclusão desse estudo, é possível entender a alta incidência de casos confirmados de sífilis congênita, bem como as suas repercussões na saúde materno-infantil. Ademais, percebe-se a relação entre locais de vulnerabilidade social com o maior quantitativo de morbimortalidade pela transmissão vertical da bactéria. Dessa forma, é válido salientar a importância do incentivo ao pré-natal, não só da gestante como também do parceiro, a fim de cumprir com a recomendação da OMS acerca da realização da testagem rápida para sífilis no primeiro e terceiro trimestre gestacional, uma vez que a redução das manifestações clínicas observadas em recém-nascidos infectados é fruto da identificação e tratamento precoce da gestante e parceiro com testagem positiva para sífilis ainda durante a gestação.

REFERÊNCIAS

FAVERO, M. L. D. C. *et al.* Congenital and gestational syphilis: notification and pre-natal care. **Archives of Health Sciences**, v. 26, n.1, p. 2-8, 2019. (referência de periódico).



FUKAMA, E. *et al.* Cytokine profiles in an extremely preterm infant congenital syphilis. **Fukushima Journal of Medical Science**, v. 69, n. 3, p. 185-189, 2023.

HEGDE, A.; SRINIVASAN, R.; DINAKAR, C. Congenital syphilis: a rare presentation of a forgotten infection. **The Journal of Infection in Developing Countries**, v. 17, n. 1, p. 135-138, 2023.

BRASIL. Ministério da Saúde. DATASUS. **Tabnet**. Brasília, DF: Ministério da Saúde, 2024.

PIRES, C. P. *et al.* Associated factors, incidence, and management of gestational and congenital syphilis in a Brazilian state capital: a cross-sectional study. **Revista do Instituto de Medicina Tropical de São Paulo**, v. 66, n.1, p. 1-10, 2024.

RIBEIRO, A. D. da C. *et al.* Neurosífilis em recém-nascidos brasileiros: um problema de saúde que poderia ser evitado. **Revista do Instituto de Medicina Tropical de São Paulo**, v. 62, n. 1, p. 1-9, 2020.

SERRA, G. *et al.* Congenital syphilis in a preterm newborn with gastrointestinal disorders and postnatal growth restriction. **Italian Journal of Pediatrics**, v. 48, n.1, p. 2-9, 2022.

TRINH, T. *et al.* Syphilis management in pregnancy: a review of guideline recommendations from countries around the world. **Sexual and Reproductive Health Matters**, v. 27, n. 1, p. 69-82, 2019.

VIANA FILHO, L. de P. *et al.* Difficulties in approaching and managing syphilis during pregnancy. **Brazilian Journal of Health Review**, v. 3, n. 4, p. 11163-11179, 2020.

ASSISTÊNCIA MULTIPROFISSIONAL A MULHERES DIABÉTICAS NA TERCEIRA IDADE

Aline Oliveira da Silva¹; Thaylla Pereira dos Santos²; Jonas Felipe Bonato³; Fillipe Eduardo Amorim Mesquita⁴; Gabriel Henrique Morimã de Oliveira⁵; Diogo Amate de Figueiredo⁶; Cristiany Schultz⁷.

Graduanda em Nutrição pela Universidade do Grande Rio¹; Mestranda em Enfermagem na Universidade Federal do Mato Grosso do Sul²; Médico pela Universidade Federal de Pelotas³; Graduando em Medicina pela Universidade do Estado de Mato Grosso – UNEMAT⁴; Graduando em Enfermagem pela Faculdade do Vale do Rio Arinos-AJES⁵; Graduando em Enfermagem pela Faculdades do Vale do Rio Arinos-AJES⁶; Mestre em Biociências e Fisiopatologia, Universidade Estadual de Maringa⁷.

alineoliveirasilva234@gmail.com

RESUMO

O envelhecimento, período no qual demarca a terceira idade pode ser compreendido como progressivo em toda a população mundial. O objetivo desse estudo é identificar na literatura científica a importância da assistência multiprofissional a mulheres diabéticas na terceira idade. Trata-se de um estudo descritivo com abordagem bibliográfica, foram analisados artigos produzidos entre 2019 a 2023 acerca do tema, logo após, foram lidos os resumos de cada um dos selecionados. Mediante a leitura na íntegra, foram selecionados 05 estudos para composição da amostra final. As mudanças no cenário da população, acompanhadas pelas transformações baseadas no campo demográfico e epidemiológico destacam questionamentos de vasta relevância para os gestores e profissionais que atuam no sistema de saúde. Interpretando a temática para mulheres idosas portadoras de diabetes mellitus, reconhecer a importância dos planos terapêuticos associados a medicamentos ou a mudança no estilo de vida torna-se uma ênfase fundamental. Pode-se concluir que em algumas das vezes o êxito no tratamento se torna um pouco complexo. Por isso, os profissionais de saúde abordam um acompanhamento permanente afim de evitar desfechos desfavoráveis na sobrevivência de tal paciente.

Palavras-chave: senescência; doenças endócrinas; idosas.

1 INTRODUÇÃO

De acordo com Malta *et al.* (2022), a terceira idade apresenta diversas transformações inevitáveis a qualquer indivíduo enquanto representante do desenvolvimento humano. Desse modo, torna-se considerável refletir que o envelhecimento, período no qual demarca a terceira idade pode ser compreendido como progressivo em toda a população mundial.

Nesse aspecto, estimativas descrevem que até o ano de 2050 em média uma a cada cinco pessoas irão apresentar 60 anos ou mais, representando um número elevado de indivíduos para inclusão no grupo da terceira idade. Com base nessa perspectiva, deve-se considerar que esse fator não se interpreta apenas pelo passar da idade, mas também pelos crescentes registros epidemiológicos de idosos portadores de doenças crônicas não transmissíveis (Araújo, 2021).

Sobre esse fundamento, pode-se mencionar a doença do diabetes mellitus (DM) como um agravo a saúde dessa população. Segundo a Organização Mundial de Saúde (2012), tornou-se possível identificar a porcentagem de 5,6 % de acometimento do DM na população adulta e que a maior parte desse número são pessoas do gênero feminino. As peculiaridades de uma

mulher idosa com diabetes demonstram cada vez mais o vínculo com algumas fragilidades e o aumento de custos frente aos recursos necessários para suporte no cuidado dessa patologia (Partezani *et al.*, 2023).

Apesar de situações adversas, todo idoso deve ser tratado de forma igualitária, uma vez que o envelhecimento, ainda que sem doenças, implica uma perda funcional. Frente a isto, o envelhecimento por si só demanda a necessidade de cuidados e sua conjunção com o diabetes no grupo feminino pode acarretar substancialmente o risco de complicações micro e macrovasculares, influenciando efeitos negativos em sua qualidade de vida (Guamán *et al.*, 2021).

O objetivo desse estudo é identificar na literatura científica a importância da assistência multiprofissional a mulheres diabéticas na terceira idade.

2 METODOLOGIA

Trata-se de um estudo descritivo com abordagem bibliográfica com objetivo de sintetizar conceitos sobre a temática proposta. A coleta de dados foi realizada por meio de levantamentos nas bases de dados: Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciências da Saúde (LILACS), através da Biblioteca Virtual de Saúde (BVS), e na *Scientific Electronic Library Online* (SciELO). Para facilitar a busca das pesquisas foram utilizados os Descritores em Ciências da Saúde (DeCS): senescência; doenças endócrinas; idosas, combinados pelos operadores booleanos “AND”.

Foram analisados artigos produzidos entre 2019 a 2023 acerca do tema, logo após, foram lidos os resumos de cada um dos selecionados. Após a análise e interpretação da leitura, definiu-se os seguintes critérios de inclusão: artigos disponíveis gratuitamente e na íntegra, nos idiomas português e inglês para tradução, publicados nos últimos anos e com relevância a discussão da temática. Por outro lado, os critérios de exclusão foram permeados entre: resumos, literaturas sem referências, estudos incompletos, não avaliados por pares e trabalhos duplicados nas bases de dados.

Durante a busca foram encontrados 54 estudos, sendo 37 duplicados e com texto completo. Logo após a coleta de dados, foram aplicados os critérios de inclusão e exclusão, restando 17 estudos. Dessa forma, mediante leitura mais aprofundada e na íntegra, desses, foram selecionados 05 estudos para composição da amostra final.

3 RESULTADOS E DISCUSSÕES

As mudanças no cenário da população, acompanhadas pelas transformações baseadas no campo demográfico e epidemiológico destacam questionamentos de vasta relevância para os gestores e profissionais que atuam no sistema de saúde. Essa situação enfatiza os impactos que o diabetes mellitus acarreta, bem como seus fatores a níveis sociais que estimulam cada vez mais a necessidade do acompanhamento assistencial de várias profissões (Shimoe *et al.*, 2021).

Nesse contexto, interpretando a temática para mulheres idosas portadoras de diabetes mellitus, reconhecer a importância dos planos terapêuticos associados a medicamentos ou a mudança no estilo de vida torna-se uma ênfase fundamental. Para isso, a presença de médicos, nutricionistas, enfermeiros, farmacêuticos, psicólogos, dentistas, educadores físicos e entre outros profissionais de saúde é observada como uma abordagem facilitadora à adesão do tratamento por um longo período de tempo (Ferreira *et al.*, 2019).

Ao que tange sobre pacientes idosas, pode-se verificar que em alguns casos muitas dessas mulheres são consideradas ativas e responsáveis pelos próprios costumes diários, relacionando mediante esse aspecto o papel da equipe multiprofissional em orientar a promoção

de práticas de autocuidado, bem como melhorias na alimentação e na frequência de exercícios físicos para que o índice glicêmico seja controlado. Pode-se mencionar que essas são as principais características que se destacam como desafiadoras: a glicemia em níveis adequados e a adoção de hábitos saudáveis (Freitas *et al.*, 2020).

Nessa questão, a assistência prestada por profissionais de saúde tem um papel relevante no empoderamento de idosas em relação ao seu cuidado pessoal, por meio de estratégias que permitam compreender alguns aspectos objetivos, emocionais, sociais e ambientais que afetam a capacidade de prosseguir o tratamento, o que torna possível a definição de metas e o acompanhamento sistemático de cada caso clínico de forma integral e individualizada, além da atenção no cuidados com os pés, uso correto de medicamentos e realização de avaliações com maior frequência (Carvalho *et al.*, 2019).

Por esse critério, ao considerar mulheres idosas com maiores limitações, a assistência multiprofissional vai além do cuidado apenas com a paciente, pois a equipe apresenta a necessidade de oferecer suporte também ao grupo familiar e de cuidadores para que obtenham entendimento sobre a patologia e quais as práticas facilitadoras para a melhoria da qualidade de vida da idosa e de seu processo senescência (Nunes *et al.*, 2023).

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esse resumo permitiu uma visão da importância da equipe multiprofissional ao paciente diabético e em especial a idosas portadoras dessa patologia. Pode-se identificar que em algumas das vezes o êxito no tratamento se torna um pouco complexo. Algumas idosas, identificadas com uma cultura enraizada desde seu início de vida podem recusar as estratégias permeadas, do mesmo modo, em outros casos, a família não aceita algumas dessas condições, por isso, os profissionais de saúde abordam um acompanhamento permanente afim de evitar desfechos desfavoráveis na sobrevivência de tal paciente.

Dessa forma, a atuação dos profissionais requer uma preparação para a competência prática, como escutar, dar suporte e apoiar, respeitar decisões, estar presente e ter empatia com os pacientes e familiares para que a resolução do problema seja efetiva para ambas as partes, refletindo com um só objetivo que é o bem-estar do indivíduo. Assim, considera-se evidente a importância do trabalho desses profissionais.

REFERÊNCIAS

CARVALHO, S. L. *et al.* **Conversation map: an educational strategy in the care of elderly people with diabetes mellitus.** Revista brasileira de enfermagem, v. 71, p. 925-929, 2019.

CASTRO, R. M. *et al.* Diabetes mellitus e suas complicações-uma revisão sistemática e informativa. **Brazilian Journal of Health Review**, v. 4, n. 1, p. 3349-3391, 2021.

FERREIRA, D. L. *et al.* O efeito das equipes multiprofissionais em saúde no Brasil em atividades de cuidado com o diabetes. **Revista Eletrônica Acervo Saúde**, n. 17, p. e91-e91, 2019.

FREITAS, A. J. *et al.* Identificação de portadores de diabetes mellitus tipo 2 e incentivo as mudanças no estilo de vida. **BIOFARM-Journal of Biology & Pharmacy and Agricultural Management**, v. 16, n. 3, p. 334-345, 2020.

GUAMÁN, C. *et al.* Diabetes e doença cardiovascular. **Revista Uruguaya de Cardiología**, v. 36, n. 1, 2021.

MALTA, D. C. *et al.* Diabetes autorreferido e fatores associados na população adulta brasileira: Pesquisa Nacional de Saúde, 2019. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 27, p. 2643-2653, 2022.

NUNES, C. *et al.* Cuidados de enfermagem ao idoso com diabetes mellitus tipo 2: uma revisão integrativa. **Revista JRG de Estudos Acadêmicos**, v. 6, n. 13, p. 2418-2426, 2023.

PARTEZANI, R. A. *et al.* Fragilidade em pessoas idosas com Diabetes Mellitus e fatores associados: estudo longitudinal. **Revista Cuidarte**, v. 14, n. 3, 2023.

SHIMOE, C. B. *et al.* Assistência de enfermagem ao paciente com diabetes mellitus gestacional: uma revisão de literatura. **Revista Acadêmica Global de Enfermagem**, v. 3 n. 2, p. 208-208, 2021.



**BENEFÍCIOS DO MÉTODO PILATES SOBRE A DIÁSTASE EM MULHERES NO
PUERPÉRIO: UMA REVISÃO DE LITERATURA**

Ellen Nohara Elias Rodrigues¹; Ana Beatriz da Fonseca Nunes²

Graduanda em Fisioterapia pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte¹, Mestranda
em Ciências da Reabilitação pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte²

nohararodrigues@hotmail.com

RESUMO

Introdução: Durante a gestação ocorrem algumas mudanças físicas como o afastamento dos músculos reto abdominais, caracterizando a diástase abdominal (DMRA) e após o trabalho de parto, esta tende a aumentar. O método pilates, por sua vez, é uma atividade que proporciona aos praticantes, dentre outros benefícios, aumento da força global, consciência corporal, redução da dor e melhora da postura. **Objetivo:** Diante disso, esse trabalho se propõe a identificar os benefícios proporcionados pelo método pilates sobre a diástase abdominal. **Metodologia:** Para isso foi realizado um levantamento bibliográfico nos principais bancos de dados de indexação de artigos, incluindo aqueles publicados nos últimos 5 anos e excluindo as revisões sistemáticas e de literatura. **Resultados:** Ao final da análise foram selecionadas quatro publicações que se incluíam na temática e exploravam variáveis como tamanho da diástase, circunferência da cintura e qualidade de vida. **Conclusão:** Ao analisar os estudos, foi possível concluir que a prática do método pilates durante o puerpério proporciona, dentre outras melhorias das condições físicas em puérperas, a redução das medidas da diástase abdominal. Contudo, devido à baixa quantidade de estudos e pequeno número amostral destes, se faz necessário a elaboração de mais trabalhos de boa qualidade metodológica.

Palavras-chave: diástase abdominal; método pilates; puerpério.

1 INTRODUÇÃO

Dentre as mudanças físicas que ocorrem na gestação durante o desenvolvimento do feto, estão o crescimento do útero e por consequência a separação dos ventres do músculo reto abdominal. O processo de afastamento total ou parcial desses músculos é conhecido como Diástase do Músculo dos Reto Abdominal (DMRA), que por sua vez acaba gerando um enfraquecimento da parede abdominal, estrutura esta, que é responsável por dar suporte às funções viscerais e respiratórias, pela estabilização do tronco e pelve (Costa; Oliveira Júnior e Alves, 2021).

Apesar de haver controvérsias na literatura sobre os valores da distensão necessária para diferenciá-la entre patológica e fisiológica, a primeira apresenta mais de 3cm de distensão abdominal. Esse estiramento patológico do abdômen pode interferir na vida diária dos indivíduos provocando sintomas como, dor lombar, incontinência urinária, alterações nas funções viscerais, funcionamento gastrointestinal irregular e aumento da frequência respiratória (Pagotto *et al.*, 2022).

O puerpério se trata de um período que se inicia logo após o parto com o nascimento do bebê e a dequitação da placenta. Esta primeira fase é definida como puerpério imediato, e segue até o 10º dia do pós parto; o segundo estágio é o tardio que permanece do 11º ao 45º dia, sendo nesse período que a genitália feminina começa a se recuperar; por último, o puerpério remoto, que se inicia no 46º dia, porém não tem uma duração exata, já que se estende até o retorno da



menstruação da mulher (Silva *et al.*, 2023; Albuquerque, 2021).

Como forma de reverter a diástase e proporcionar uma melhor qualidade de vida para as puérperas, a fisioterapia pode atuar na recuperação da musculatura abdominal por meio de exercícios que melhorem a sua tonicidade. De acordo com estudos recentes, um dos vários tipos de tratamento para auxiliar na redução da diástase é o pilates, método de condicionamento físico que permite o fortalecimento dos músculos abdominais e do assoalho pélvico (Coitinho *et al.*, 2019).

Desenvolvido por Joseph Pilates, no início da segunda guerra mundial, o método pilates é uma atividade capaz de proporcionar aos praticantes, dentre outros benefícios, aumento da força global, consciência corporal, redução da dor e melhora da postura (Bezerra; Araújo e Alves, 2020). Os exercícios podem ser realizados por meio de equipamentos ou no solo. Segundo Melo, Silva Ugrinowitsch (2023) o método Pilates possui princípios fundamentais que norteiam toda a prática, sendo eles: concentração, centralização, precisão, respiração, controle e fluidez.

Diante do exposto, este trabalho tem como objetivo realizar uma revisão de literatura, nos principais bancos de dados, acerca dos efeitos do método pilates sobre a DMRA em mulheres no período pós-gestacional.

2 METODOLOGIA

Para a confecção deste trabalho, foi realizado um levantamento bibliográfico nos principais bancos de dados de indexação de artigos (Pubmed = 8, PeDro = 1, Scielo = 1 e Biblioteca Virtual de Saúde = 31), utilizando-se dos seguintes descritores em conjunto ou separados: puerpério, diástase e método pilates.

Foram considerados os seguintes critérios de inclusão: trabalhos publicados entre os anos de 2019 a 2024 e escritos na língua portuguesa, inglesa ou espanhola e artigos do tipo ensaio clínico com puérperas. Ao realizar a primeira seleção de artigos, foram excluídos aqueles que não se adequaram à temática trabalhada, artigos que não foi possível ter acesso ao texto completo, bem como as revisões de literatura e sistemáticas.

3 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Ao todo foram retornados 41 trabalhos, porém apenas 4 produções que melhor concordavam com a temática principal deste trabalho foram selecionadas. Os mesmos foram publicados entre os anos de 2019 e 2023. Os estudos repetidos e os que não se enquadram nos critérios de inclusão foram excluídos (n = 37). Dentre os trabalhos eleitos, 2 deles avaliaram outras variáveis além da diástase, sendo elas: qualidade de vida, circunferência da cintura e espessura do reto abdominal.

No ano de 2019, Pires dissertou sobre um trabalho realizado com 12 puérperas entre 12 e 14 semanas de pós-parto, as participantes foram divididas em 2 grupos sendo elas Controle (n=6) e Intervenção (n=6). Ao final de 12 sessões de pilates realizadas 2 vezes por semana com duração de 60 minutos, o grupo intervenção apresentou reduções significativas da diástase nas medições de 2cm e 5cm supraumbilical em comparação ao grupo controle. Porém a autora se deparou com a impossibilidade de verificar se as reduções foram em virtude do pilates ou referente ao efeito acumulado do exercício, salientando a necessidade da realização de mais estudos (Pires, 2019).

Ao avaliarem 40 mulheres de idade entre 22 e 35 anos e com um período de pós-parto entre 3 e 6 meses, Thabet e Alshehri (2019) concluíram que um programa de fortalecimento e estabilidade central profunda realizado 3x/semana por um período de 8 semanas se mostrou eficiente e superior, em relação a exercícios com abdominais tradicionais, na redução e



tratamento da diástase dos retos abdominais e qualidade de vida. Os exercícios de estabilidade de core profundo foram: respiração diafragmática, contração do assoalho pélvico, prancha, contração abdominal isométrica e exercícios abdominais (Thabet e Alshehri, 2019).

Ao analisar o tamanho da diástase do músculo reto abdominal nas porções supra e infraumbilical de 12 puérperas pré e pós intervenção, os pesquisadores Bom-Fim, Martins e Fernandes (2020) observaram que, após 15 sessões de pilates, realizadas 2 vezes por semana, com equipamentos (*ladder barrel, wunda chair, reformer e cadillac*), houve uma redução significativa da diástase abdominal. Com isso, este estudo concluiu que, a ativação do músculo transverso do abdômen associado a respiração diafragmática foram capazes de reduzir as medidas das DMRA supra e infraumbilical (Bom-Fim; Martins e Fernandes, 2020).

Ademais, recentemente, um grupo de pesquisadores buscou examinar o efeito do método pilates em puérperas (2 – 12 meses de pós-parto), dividindo elas em grupo controle (n=15) e intervenção (n=20). No grupo intervenção foram realizados exercícios de pilates por um tempo de 4 semanas, nesse período, durante 3 dias da semana eram realizados exercícios em grupo e nos outros 2 dias os exercícios eram realizados de forma individual em casa. Ao final da pesquisa, os investigadores concluíram que houve melhora na diástase, circunferência da cintura e resistência muscular abdominal em relação ao grupo controle, porém entre os grupos não houve diferenças significativas na espessura do músculo reto abdominal (Lee *et al.*, 2023).

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir da análise dos dados coletados no contexto pesquisado, foi possível concluir que aparentemente a prática do Método Pilates durante o puerpério proporciona uma influência positiva em relação a melhoria das condições físicas de mulheres no pós parto, visto que, nos estudos supracitados tal prática promoveu, dentre outros efeitos, a redução da distância inter-retos abdominais e da circunferência da cintura, além de melhorar a qualidade de vida das praticantes.

Portanto, de acordo com os estudos abordados, a prática do método pilates se mostrou eficaz na redução da DMRA da população estudada, contudo, em decorrência das limitações envolvendo o baixo número de trabalhos publicados nos últimos 05 anos, destes, contendo uma baixa quantidade amostral de participantes. Diante dessas circunstâncias, mais estudos de boa qualidade metodológica se fazem necessários, a fim de esclarecer os efeitos benéficos do método pilates neste público, buscando avaliar também outras variáveis associadas às alterações consequentes do processo do ciclo gravídico-puerperal.

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE, C. R. de. **Invisibilidade da mulher no puerpério: uma revisão integrativa.** 2021. 37 f. TCC (Graduação) - Curso de Enfermagem, Universidade Federal de Campina Grande, Cuité, 2021.

BOM-FIM, F. C.; MARTINS, T.; FERNANDES, I. **Efeito do método pilates no tratamento de mulheres com diástase do músculo reto abdominal.** 2020. 24 f. TCC (Graduação) - Curso de Fisioterapia, Centro Universitário UniAmérica, [S.L.], 2020.

BEZERRA, S. de O.; ARAÚJO, E. M. de; ALVES, A. E. O. de A. Benefícios do Método Pilates na Saúde. **Revista de Saúde - Rsf**, Brasília, v. 7, n. 1, p. 5-13, jan./jul. 2020.

COITINHO, L. M. F. *et al.* Eficiência dos tratamentos fisioterapêuticos para a diástase do



músculo reto abdominal no puerpério: uma revisão integrativa. **Rechst**, [S.L.], v. 8, n. 1, p. 39-52, jan./jul. 2019.

COSTA, A. S. P.; OLIVEIRA JÚNIOR, P. L. de; ALVES, A. E. O. de A. Fisioterapia na recuperação muscular de diástase abdominal em puérperas. **Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação**, [S.L.], v. 7, n. 11, p. 577-597, 30 nov. 2021.

LEE, N. *et al.* Effects of Pilates on inter-recti distance, thickness of rectus abdominis, waist circumference and abdominal muscle endurance in primiparous women. **Bmc Women'S Health**, [S.L.], v. 23, n. 1, p. 1-11, 27 nov. 2023.

MELO, C. C. de; SILVA, M. S. de C.; UGRINOWITSCH, H. O método pilates: princípios e especificidades para a saúde. **Zenodo**, [S.L.], v. 27, n. 1, p. 1-23, 17 jul. 2023.

PAGOTTO, I. Z. *et al.* **A efetividade do hipopressivo na correção da diástase abdominal: estudo de caso.** 2022. 48 f. TCC (Graduação) - Curso de Fisioterapia, Centro Universitário Vale do Cricaré, São Mateus, 2022.

PIRES, S. J. **Recuperação no Pós-Parto: efeito do pilates na diástase dos retos abdominais.** 2019. 42 f. Dissertação (Mestrado) - Fisioterapia na Especialidade de Saúde da Mulher, Escola Superior de Saúde do Alcoitão, [S.L.], 2019.

THABET, A. A; ALSHEHRI, M. A. Eficácia do programa de exercícios de estabilidade central profunda em mulheres no pós-parto com diástase reticular: um ensaio clínico randomizado. **Journal of Musculoskeletal and Neuronal Interactions**, v. 19, n. 1, p. 62 – 68, mar/2019.

SILVA, M. R. da *et al.* Desafios do puerpério: visão de mulheres nas mídias sociais. **Enfermagem em Foco**, [S.L.], v. 14, p. 1-7, jan. 2023. Conselho Federal de Enfermagem - Cofen.

CÂNCER DE MAMA E OS BENEFÍCIOS DO EXERCÍCIO FÍSICO NA PREVENÇÃO: UMA REVISÃO DA LITERATURA

Ana Carolina da Silva Reis¹; Maria de Fátima Cavalcanti de Lima²; Gabrielly Mendes Coelho³; Luis Henrique de Oliveira Rodrigues⁴; Thailanne Cardoso Soares⁵; Acsa Maélly Chaves Né Barros⁶

Graduada em Enfermagem pela Universidade Federal de Pernambuco- UFPE-CAV¹;
Graduada em Serviço Social pela Universidade Pitágoras Unopar - Carpina-PE²; Graduada em enfermagem pela Faculdade Santo Antônio de Alagoinhas³; Graduado pela Faculdade Santíssima Trindade⁴; Graduada de enfermagem pela Universidade Federal do Ceará⁵;
Graduada em enfermagem Unopar - Araguaína – TO⁶

Email: ana.reis.enfer@gmail.com

RESUMO

A falta de atividade física é uma preocupação global devido ao seu impacto na saúde e qualidade de vida. Estudos sugerem que a prática regular de exercícios pode prevenir o câncer de mama, a segunda neoplasia mais comum no mundo, cuja etiologia está relacionada ao estilo de vida. Objetiva-se investigar a relação entre a prática regular de atividade física e a prevenção do câncer de mama. Esta revisão bibliográfica examinou artigos publicados entre 2019 e 2024, foram encontrados 270 estudos relevantes, aqueles que atendiam aos critérios de análise, sendo selecionados para compor resultados e discussões, 10 artigos após a aplicação dos critérios de inclusão. Os resultados destacam que a atividade física é um fator protetor contra o câncer de mama, influenciando não apenas sua etiologia, mas também o prognóstico e a qualidade de vida, que contribuem para atrasar a menarca, reduzir agentes inflamatórios e fortalecer o sistema imunológico, além de diminuir a morbidade e mortalidade das pacientes pós-diagnóstico. Portanto, promover a atividade física é crucial para a saúde e o bem-estar, exigindo estímulo dos profissionais de saúde à adoção de hábitos saudáveis, incluindo exercícios e alimentação balanceada, para prevenir o câncer e facilitar a detecção precoce, e seus efeitos adversos.

Palavras-chave: neoplasias da mama; atividade física e prevenção.

1 INTRODUÇÃO

Segundo o Instituto Nacional de Câncer (INCA), o câncer de mama é uma das doenças mais frequentes entre as mulheres em todo o mundo, representando uma grande parte dos diagnósticos oncológicos anuais, ficando atrás apenas do câncer de pele não melanoma, essa neoplasia é caracterizada pela multiplicação desordenada de células da mama, que apresentam características incomuns e podem se tornar um tumor. Embora possa afetar homens, sua incidência é significativamente inferior em relação às mulheres (INCA, 2023).

A falta de atividade física é um problema global devido aos efeitos prejudiciais à saúde e qualidade de vida. Todos os anos, a inatividade física causa a morte de mais de cinco milhões de pessoas no mundo. Vários estudos indicam que a prática regular de exercícios físicos pode ter um efeito preventivo no câncer de mama, o câncer de mama é o segundo câncer mais frequente em todo o mundo e está entre os que têm um duplo programa de etiologia, que é tanto ambiental quanto dependente do estilo de vida. Por estas razões, a relação entre a falta de atividade física no sentido de saúde da mulher e, especificamente, os benefícios à saúde da

mulher, devem ser totalmente compreendidos, incluindo o risco de câncer de mama, cujo diagnóstico precoce tem sempre prognóstico favorável (LOKAJ, K. et al 2023).

Segundo um estudo desenvolvido pela BioMed Central relatou que o exercício regular diminui a probabilidade de desenvolver câncer de mama, especialmente em mulheres após a menopausa. O estudo declarou que as mulheres que participaram de atividades físicas, especialmente vigorosas, tinham uma probabilidade 19% menor de ter câncer de mama na pós-menopausa, em relação as que eram menos ativas, este efeito benéfico é atribuído a vários mecanismos, incluindo regulação hormonal, redução da intensidade crônica e manutenção de um peso corporal normal (SMITH; JOHNSON; WILLIAMS, 2023).

A regulação hormonal é uma das principais maneiras pelas quais a prática de exercícios tem um efeito benéfico, o exercício físico auxilia na diminuição dos níveis de estrogênio no organismo, um hormônio que, quando em excesso, está associado ao surgimento de câncer de mama. Ademais, a prática de atividades físicas reduz a inflamação persistente, um fator de risco conhecido para diversas formas de câncer, incluindo o de mama (Sheikh et al., 2020).

Conforme o estudo de Friedenreich et al. 2019, a personalização das intervenções de exercício físico é crucial para maximizar os benefícios da atividade física na prevenção e tratamento de doenças, incluindo o câncer de mama, o tratamento garante que as terapias de exercícios sejam projetadas de maneira adequada para atender às necessidades dos pacientes, com base em fatores como idade, nível de aptidão, histórico médico e disposições genéticas de saúde e doença. Por exemplo, as mulheres com determinadas mutações genéticas podem se beneficiar com mais eficácia de um exercício específico, que regula as vias metabólicas envolvidas no câncer de mama.

O objetivo deste presente pesquisar é investigar a relação entre a prática regular de atividade física e a prevenção do câncer de mama, com base em uma revisão da literatura de estudos publicados entre 2019 e 2024.

2. METODOLOGIA

A presente pesquisa de caráter bibliográfica, seguiu uma metodologia narrativa, investigando o benefício do exercício físico na prevenção do câncer de mama. Os materiais que deram suporte à presente revisão foram buscados nas bases de dados entre janeiro a maio de 2024, foram consultadas as seguintes bases de dados PubMed; Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciências da Saúde (LILACS) e Medical Literature Analysis and Retrieval System Online (MEDLINE), utilizando três descritores em saúde retirados dos Descritores em Ciências da Saúde (DeCS), sendo eles: “Neoplasias da Mama”, “Atividade Física” e “Prevenção” combinados entre si pelo operador booleano AND. A busca inicial resultou em um total de 270 artigos, que atendiam aos critérios de análise, sendo selecionados para compor resultados e discussões, 10 artigos após a aplicação dos critérios de inclusão, sendo eles: artigos completos originais dos últimos cinco anos acerca da temática em língua portuguesa e inglesa, excluindo notas prévias e revisões bibliográficas.

3. RESULTADOS E DISCUSSÕES

Todos os estudos científicos revisados comprovam de maneira consistente que a prática regular de exercícios físicos tem um impacto positivo significativo na diminuição do risco de câncer de mama. Esses benefícios são notados em diversas comunidades e compreendem mecanismos como a regulação hormonal, a diminuição da inflamação e alterações na expressão genética.

Um estudo publicado no Journal of Clinical Oncology mostrou que mulheres que se dedicam a atividades físicas moderadas a intensas apresentaram uma diminuição de 25% no



risco de desenvolver câncer de mama em comparação com aquelas que são sedentárias. A pesquisa destacou a relevância da honestidade e da regularidade na realização de atividades físicas (LI et al., 2021).

O estudo liderado por Johnson et al. 2020, envolveu uma amostra de mulheres com diferentes níveis de atividade física. Os estudiosos monitoraram a frequência, duração e intensidade dos exercícios físicos executados pelas participantes durante um período determinado. Além disso, as amostras de sangue foram coletadas de forma regular para verificar os níveis de estrogênio e progesterona. Os resultados do estudo indicaram que aquelas que praticavam atividades físicas regularmente apresentaram níveis significativamente mais baixos de estrogênio e progesterona em comparação com aquelas que tinham um estilo de vida sedentário. A diminuição nos níveis desses hormônios foi mais intensa em indivíduos que se dedicavam a atividades físicas de intensidade moderada a alta. Vale salientar, que a diminuição dos níveis de estrogênio e progesterona é crucial, uma vez que esses hormônios desempenham um papel no crescimento e desenvolvimento do câncer de mama.

O estudo conduzido por Kim et al. 2023, envolveu a análise de mulheres que praticavam atividades físicas com frequência antes dos 30 anos, que tiveram uma redução significativa no risco de desenvolver câncer de mama antes da menopausa. A análise estatística revelou que aquelas que praticavam atividades físicas regularmente tinham um risco até 25% menor de contrair a enfermidade em comparação com aquelas que estavam sedentárias. Este efeito protetor do exercício foi percebido independentemente de outros fatores de risco, como histórico familiar de câncer de mama e consumo de álcool.

O estudo conduzido por Garcia D. et al 2020, acompanhou um grande número de mulheres diagnosticadas com câncer de mama ao longo de vários anos. Durante este período, as participantes foram avaliadas periodicamente através de questionários e registros de saúde. Os pesquisadores compararam os resultados de sobrevivência e recorrência entre mulheres que mantiveram ou aumentaram seus níveis de atividade física com aquelas que mantiveram ou diminuíram a atividade após o diagnóstico. Os resultados mostraram que as mulheres que mantiveram ou aumentaram a sua atividade física após o diagnóstico apresentaram uma maior chance de sobreviver e um menor risco de recidiva do câncer. O estudo revelou, especificamente, que essas mulheres tiveram um aumento de 30% na sobrevivência e uma redução de 25% no risco de recidiva em comparação com aquelas que permaneceram sedentárias.

O estudo SMITH, P. et al. 2021, avaliou ao longo de um ano, os principais efeitos da prática regular de exercícios físicos na diminuição dos indicadores de inflamação corporal e o potencial impacto na prevenção do câncer de mama. Os resultados do estudo mostraram uma redução significativa nos níveis de marcadores inflamatórios, tais como a proteína C-reativa e o fator de necrose tumoral alfa, em mulheres que se exercitaram regularmente, em comparação com o grupo controle. Esses dados destacam a redução dos níveis da inflamação corporal em resultado a uma rotina de atividade física regular, que exerce um papel na prevenção do desenvolvimento do câncer de mama.

A prática do exercício físico regular ajuda em vários aspectos físicos e emocionais, proporcionando um aumento na disposição e na capacidade funcional diária, das mulheres diagnosticadas por câncer de mama. Os resultados do estudo de SILVA, A. B.; SANTOS, e C. D.; PEREIRA (2022), reforçam a importância de incluir programas de exercícios físicos supervisionados como parte integrante do tratamento de mulheres com câncer de mama, e assim desempenhando um papel fundamental na redução dos níveis de ansiedade e sintomas depressivos, ajudando as participantes a lidarem melhor com o estresse e as preocupações associadas ao diagnóstico e ao tratamento do câncer de mama.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em síntese, os estudos revisados fornecem uma base sólida para incentivar a prática de exercícios físicos como uma tática preventiva e terapêutica essencial no combate ao câncer de mama. Os especialistas em saúde devem reconhecer a relevância do exercício na saúde das mulheres e incorporar recomendações de atividade física individualizada em suas práticas clínicas. Além disso, as políticas de saúde devem focar na promoção de hábitos de vida saudáveis desde o início da vida, com o objetivo de maximizar os benefícios a longo prazo na prevenção e tratamento do câncer de mama. É importante enfatizar o benefício do exercício na manutenção da saúde e na qualidade de vida das mulheres diagnosticadas com câncer de mama, tanto as melhoras significativas na sobrevivência global e na diminuição no risco de recidivação da enfermidade. Essas vantagens são atribuídas ao impacto do exercício em diversas áreas da saúde, incluindo a regulação hormonal, a função imunológica, a diminuição da inflamação e a saúde mental.

REFERÊNCIAS

INSTITUTO NACIONAL DE CÂNCER. **Tipos de câncer: câncer de mama**. 2023.

Disponível em: <https://www.inca.gov.br/tipos-de-cancer/cancer-de-mama>. Acesso em: 08 jun. 2024.

LOKAJ, K. et al. **Impacto da atividade física na prevenção do câncer de mama**. Revista de Oncologia, v. 10, n. 2, p. 123-134, 2023.

GARCIA, D. et al. **Physical activity and breast cancer survival**. Journal of the National Cancer Institute, 2020. Disponível em: <https://www.jnci.oxfordjournals.org/survival>. Acesso em: 28 maio 2024.

JOHNSON, H. et al. **Physical activity and hormone levels**. British Journal of Sports Medicine, 2020. Disponível em: <https://www.bjsm.bmj.com/physical-activity-hormones>. Acesso em: 28 maio 2024.

KIM, S. et al. **Physical activity in young women**. **Breast Cancer Research and Treatment**, 2023. Disponível em: <https://www.breastcancerresearchtreatment.com/young-women>. Acesso em: 28 maio 2024.

SMITH, P. et al. **Exercise and systemic inflammation**. JAMA Oncology, 2021. Disponível em: <https://www.jamaoncology.com/exercise-inflammation>. Acesso em: 28 maio 2024.

SILVA, A. B.; SANTOS, C. D.; PEREIRA, J. A. **Os benefícios dos exercícios físicos no câncer de mama**. Revista Brasileira de Medicina do Esporte, v. 28, n. 2, p. 123-134, 2023. DOI: 10.1590/1517-869220232802034567.

SMITH, J.; JOHNSON, M.; WILLIAMS, R. **The impact of regular exercise on breast cancer risk in postmenopausal women**. **BioMed Central**, v. 15, n. 4, p. 250-260, 2023. DOI: 10.1186/s12916-02302453-7.

FRIEDENREICH, C. M.; NEILSON, H. K.; LYNCH, B. M. **The role of physical activity in breast cancer prevention**. Cancer Epidemiology, Biomarkers & Prevention, v. 28, n. 4, p. 667-676, 2019. DOI: 10.1158/1055-9965.EPI-18-0917



A HUMANIZAÇÃO DA ASSISTÊNCIA AO ABORTO PELA EQUIPE DE ENFERMAGEM

Raiane da Silva Rachid¹; Raphaela de Azevedo Monteiro Ribeiro²; Jenyfer Santana Alves do Nascimento³; Ana Clara Oliveira dos Santos Amaral⁴; Abilene do Nascimento Gouvea⁵

Graduanda em enfermagem pela Universidade Veiga de Almeida^{1,2,3 e 4}; Enfermeira Obstetra⁵

raianerachid485@gmail.com

RESUMO

O aborto é um sério problema de saúde pública e uma das principais causas de morte materna no Brasil, sendo a quarta mais frequente, com mais de um milhão de casos anuais. Este estudo de revisão integrativa da literatura buscou identificar a humanização da assistência de enfermagem para a saúde da mulher em processo de abortamento. Foram utilizadas as bases de dados Biblioteca Virtual em Saúde (BVS), Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciências Sociais (LILACS) e Base de Dados de Enfermagem (BDENF), com os descritores "Saúde da Mulher", "Aborto", "Enfermagem", "Cuidados de enfermagem", "Humanização da assistência". As mulheres que passam por esse processo enfrentam sentimentos intensos como medo, dor e solidão, frequentemente sem apoio, o que pode resultar em culpa, depressão e revolta. A enfermagem desempenha um papel crucial, porém necessita de melhorias. Conclui-se que atualizações em políticas públicas e formação complementar são essenciais para avançar no atendimento humanizado, com empatia e solidariedade, fundamental para proporcionar uma experiência menos traumática.

Palavras-chave: aborto; assistência de enfermagem; humanização.

1 INTRODUÇÃO

O aborto é um sério problema de saúde pública mais prevalente em países em desenvolvimento e uma das principais causas de mortalidade materna global, incluindo o Brasil. Este tema é intensamente debatido internacionalmente, abrangendo aspectos jurídicos, morais, religiosos, sociais e culturais. Vulnerabilidades socioeconômicas e vários determinantes e moderadores de saúde contribuem para altas taxas de aborto em comunidades pobres e entre mulheres marginalizadas (BRASIL, 2011).

No Brasil, apesar da proibição legal, o aborto é a quarta principal causa de morte materna e representa um grave problema de saúde pública, com mais de 1 milhão de casos anuais. Segundo a Pesquisa Nacional de Aborto de 2021, 43% dos casos exigiram hospitalização. A pesquisa também revelou que 52% das mulheres realizaram seu primeiro aborto aos 19 anos ou menos, e 21% passaram por dois ou mais abortos. Predominantemente, as mulheres que recorrem ao aborto são negras, com baixa escolaridade e enfrentam dificuldades financeiras, entre outras motivações (DINIZ, 2023).

Portanto, é crucial adotar uma abordagem sensível e compreensiva no cuidado dessas mulheres, oferecendo apoio emocional, informações precisas e um ambiente seguro para expressarem suas emoções. Cuidar e acolher são atitudes fundamentais na assistência a essas pacientes, promovendo um diálogo aberto e produtivo entre profissionais de saúde e usuárias, com o objetivo de aliviar o sofrimento e promover o bem-estar. (MINCOV, 2022 e SILVA, 2020).

Em vista disso, o presente estudo tem como objetivo identificar na literatura a humanização da assistência de enfermagem para saúde da mulher em processo de abortamento.

2 METODOLOGIA

Este trabalho trata-se de uma revisão integrativa da literatura, que seguiu seis fases: a) definição da pergunta norteadora do estudo; b) definição dos descritores e dos critérios de inclusão e de exclusão dos trabalhos; c) categorização dos estudos; d) análise dos estudos; e) interpretação dos resultados obtidos; f) síntese dos resultados (MENDES, 2008).

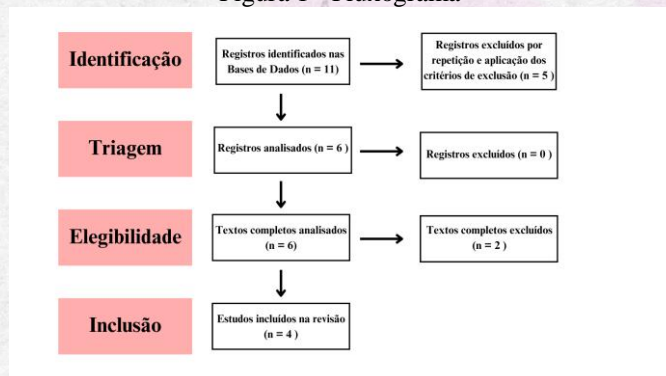
O presente trabalho de revisão é guiado pela seguinte questão norteadora: Qual o papel da enfermagem para uma assistência humanizada frente a saúde da mulher no processo do aborto?

A pesquisa eletrônica foi realizada na Biblioteca Virtual em Saúde (BVS), utilizando as bases de dados LILACS e BDENF. Os descritores usados foram “Saúde da Mulher”, “Aborto”, “Enfermagem”, “Cuidados de enfermagem” e “Humanização da Assistência”, presentes no Descritores em Ciências da Saúde (DeCS), entrecruzados com o operador booleano AND.

Foram obtidos 11 artigos, sendo apenas 6 selecionados após os critérios estabelecidos como idioma português, inglês e espanhol; recorte temporal dos últimos cinco anos de publicação; país no qual se baseava o estudo, restringindo o Brasil; estudo que abrangesse pesquisa qualitativa, estudo de avaliação e estudo observacional; além de assunto principal relacionado a assistência e humanização em enfermagem, saúde da mulher e aborto.

Após, foi feita a leitura na íntegra dos artigos, selecionando 4 estudos para a amostra final e síntese dos resultados. A figura 1 representa o fluxograma detalhado da seleção dos estudos.

Figura 1 - Fluxograma



Fonte: Autores, 2024.

Por fim, este trabalho respeita todos os princípios éticos, não necessitando de submissão ao Comitê de Ética e Pesquisa (CEP), visto que foram utilizados dados de domínio público resultantes de pesquisas secundárias.

3 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Pesquisas indicam que o acolhimento às mulheres que passam pelo aborto deve ser aprimorado, pois muitos profissionais não oferecem orientação adequada, priorizam opiniões pessoais sobre o profissionalismo, são críticos e não compreendem a história individual da mulher, violando o princípio da integridade. Um acolhimento humanizado pode tornar o processo de aborto menos traumático e mais compassivo (DINIZ, 2021).

Vale ressaltar que o Código de Ética dos Profissionais de Enfermagem enfatiza que: “a assistência deve ser prestada sem qualquer discriminação, com dignidade, competência e responsabilidade, sem uso de qualquer forma de violência e de forma que atenda



adequadamente as necessidades de saúde de forma integral preservando a autonomia das pessoas”. Outrossim, a Constituição Federal valoriza há mais de 20 anos a atenção universal e integral à saúde em todos os níveis, sem preconceitos e privilégios. Quaisquer que sejam as circunstâncias, é responsabilidade de cada profissional de saúde garantir que estes direitos sejam garantidos (COFEN, 2022).

Além disso, alguns artigos reiteraram a viabilidade no processo de ajuda, acrescentando que deveria ser acompanhada de assistência social e psicológica. Após o aborto, é de suma importância que a mulher receba cuidados psicossociais e práticas multidisciplinares, um tratamento holístico que aborde o seu estado emocional. Na maternidade, durante o pré - natal, por exemplo, o desejo de ser mãe, o sexo, o relacionamento com o companheiro, a expressão verbal dos sentimentos, a compreensão do significado do aborto e os motivos da interrupção da gravidez, podem ser incluídos no roteiro de atendimento (VESCOVI, 2023 e SILVA, 2020).

Para isso, os profissionais de saúde precisam estar capacitados para prestar uma assistência humanizada às mulheres que passam por esse momento. Neste sentido, a enfermagem desempenha um papel importante, proporcionando uma ajuda humana e de forma ética, atendendo às necessidades reais, respeitando a vida, a dignidade e os direitos durante todo o ciclo de vida humana, e livre de discriminação de qualquer natureza e mantendo o sigilo profissional (SILVA, 2020).

No entanto, profissionais de saúde frequentemente carecem de preparo para lidar com perda fetal e aborto, incluindo o suporte ao luto. É crucial implementar um processo contínuo de capacitação. Além disso, a escassez de estudos científicos sobre cuidado integral e de qualidade para mulheres que passam por aborto revela uma lacuna na formação acadêmica. Essa falta de discussão demonstra a necessidade urgente de avançar no conhecimento teórico e prático, além de propor políticas públicas mais eficazes para o planejamento desse cuidado recorrente. (MINCOV, 2022).

Ao ouvir o relato, é essencial mostrar confiança sem culpabilizar a mulher, manter imparcialidade nas decisões. Notificação compulsória se aplica em casos de violência sexual, com testes para infecções sexualmente transmissíveis. Durante o procedimento, apoio emocional e ferramentas para aliviar dor são fundamentais. (VESCOVI, 2023 e CARDOSO, 2021).

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Devido à importância e complexidade deste tema na sociedade, especialmente devido à alta taxa de mortalidade, é crucial integrá-lo na formação de enfermeiros. Isso envolve sensibilizar e preparar estudantes e profissionais com conhecimentos necessários para oferecer uma assistência diferenciada e humanizada. Este artigo enfoca a reflexão sobre cuidado, acolhimento e escuta ativa na assistência a mulheres que enfrentam abortos. Além do conhecimento técnico, aborda questões éticas, emocionais e culturais, visando melhorar a qualidade e a integralidade do atendimento, conforme preconiza o Ministério da Saúde.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Ações Programáticas e Estratégicas. **Atenção humanizada ao abortamento: norma técnica**. Brasília: Ministério da Saúde, 2011. Acesso em: 15 de maio 2024.

MENDES, K. D. S. et. Al. Revisão integrativa: método de pesquisa para a incorporação de evidências na saúde e na enfermagem. **Texto & contexto enfermagem**, v. 17, n. 4, p. 758–764, 2008. 15 de maio 2024.



DINIZ, D. et. Al. Pesquisa Nacional de Aborto - Brasil, 2021. **Ciênc. saúde coletiva**, v. 28, n. 6, jun. 2023. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/csc/a/mDCFKkqkyPbXtHXY9qcpMqD/abstract/?lang=pt#>. Acesso em: 15 maio 2024.

VESCOVI, G. et. Al. Percepção sobre o cuidado à perda gestacional: estudo qualitativo com casais brasileiros. *Psicologia: Ciência e Profissão*, v. 43, 2023. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pcp/a/j7KK37rYQfJMjHJqCdkYfmw/?lang=pt>. Acesso em: 15 de maio 2024.

CARDOSO, V. B. et. Al. Humanização na assistência de enfermagem à mulher em situação pós-abortamento. **Revista de Enfermagem UFPE on line**, v. 15, 2021. Disponível em: <https://periodicos.ufpe.br/revistas/revistaenfermagem/article/view/245659/37517>. Acesso em: 17 maio 2024.

MINCOV, B. M. et. Al. A enfermagem na assistência às mulheres em situação de perda fetal e aborto: revisão integrativa. **Revista de Enfermagem UFPE on line**, v. 16, 2022. Disponível em: <https://periodicos.ufpe.br/revistas/revistaenfermagem/article/view/253023/41282>. Acesso em: 17 maio 2024.

SILVA, L; SALES, N. Percepção das mulheres em situação de abortamento frente ao cuidado de enfermagem. **Revista Ciência Plural**, 2020. Disponível em: https://1drv.ms/b/s!AqG-gsqmPFoigQ0qxUD-9gYuk3_v?e=ev9Nl3. Acesso em 17 maio 2024.

CONSELHO FEDERAL DE ENFERMAGEM (COFEN). **Resolução COFEN No. 706**, de 2022. Brasília, DF, 2022. Disponível em: <https://www.cofen.gov.br/resolucao-cofen-no-706-2022/>. Acesso em: 17 maio 2024.



ALEITAMENTO MATERNO EXCLUSIVO E A RELAÇÃO COM O CÂNCER DE MAMA: REVISÃO INTEGRATIVA

Melissa Domingos Lins de Aquino¹; Maria Aparecida Rodrigues Pinto¹; Ingrid Beatriz Rodrigues Rocha¹; Evelyn Luara de Medeiros Farias¹; Alianny Raphaely Rodrigues Pereira²; Brenda Nayara Paiva Tavares³; Adriana Gomes Magalhães⁴; Laiane Santos Eufrásio⁵.

¹Discente do curso de Fisioterapia da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Faculdade de Ciências da Saúde do Trairi (FACISA/UFRN), Santa Cruz/RN, ²Fisioterapeuta da EBSEH do Hospital Universitário Ana Bezerra, Santa Cruz/RN, ³Residente do programa materno infantil do Hospital Universitário Ana Bezerra - UFRN, Santa Cruz/RN, ⁴Docente do curso de Fisioterapia da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal/RN, ⁵Docente do curso de Fisioterapia da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Faculdade de Ciências da Saúde do Trairi (FACISA/UFRN), Santa Cruz/RN.

melissa.lins.105@ufrn.edu.br

RESUMO

Objetivo: Analisar artigos que ressaltam a relação entre o aleitamento materno exclusivo e o câncer de mama. **Resultados e Discussão:** Revisão integrativa da literatura com levantamento de artigos com a temática. A pesquisa se deu pelas bases de dados: LILACS, Cochrane Library e U.S. National Library of Medicine/ National Institutes of Health (Pubmed), descritores: breastfeeding AND breast neoplasia AND breast cancer. Estudos no PubMed mostram que o aleitamento materno é geralmente considerado protetor contra o câncer de mama, especialmente quando exclusivo. Revisões sistemáticas reforçam esse efeito protetor, apesar de variações de acordo com idade, histórico familiar e estilo de vida. Populações específicas enfrentam desafios de baixas taxas de amamentação e maiores incidências de câncer de mama. A análise dos tipos de artigos revela predominância de revisões e ensaios clínicos, com muitos excluídos por não serem pertinentes. Na Cochrane Library e LILACS, a busca não encontrou artigos relevantes. **Considerações Finais:** A maioria dos estudos afirma que o aleitamento materno reduz o risco de câncer de mama, especialmente em períodos mais longos. Incentivar essa prática é uma estratégia eficaz e preventiva contra o câncer de mama. É essencial promover o aleitamento como parte de uma estratégia abrangente de saúde pública.

Palavras-chave: mama; aleitamento materno; neoplasias da mama.

1 INTRODUÇÃO

O câncer de mama é uma neoplasia maligna que começa nas células das mamas, se caracterizando pelo crescimento descontrolado dessas células, podendo se manifestar de diversas formas e graus de agressividade (INCA, 2023). O câncer de mama é o tipo mais prevalente entre as mulheres no Brasil. Dessa maneira, o Instituto Nacional de Câncer (INCA) traz dados significativos, com uma margem de 73.610 casos novos previstos para os anos 2023 a 2025. A taxa de incidência prevista é de 41,89 acometimentos para 100.000 mulheres, sendo a faixa etária mais impactada entre o grupo de 50 a 69 anos, correspondendo a uma porcentagem de 45% do total de óbitos por esta patologia. Com isso, se fazem necessárias buscas acerca de



alternativas de prevenção para o câncer de mama, e a partir desse pensamento hipóteses sobre a relação do aleitamento materno exclusivo foram geradas.

O aleitamento materno é a melhor fonte de alimentação para lactentes, de acordo com dados da Organização Pan-Americana de Saúde (OPAS), e a Organização Mundial da Saúde (OMS) recomenda ser exclusivo até os seis meses de vida da criança. São vários os benefícios, como: nutrição, preventivos contra doenças, égide para o meio ambiente e apego emocional entre mãe e bebê, e ainda promove à mãe menos chances de desenvolver certas doenças. Uma análise de 47 estudos epidemiológicos realizados em 30 países mostrou que, em média, mulheres com câncer de mama tendem a ter menos filhos e menos histórico de amamentação. O risco relativo de desenvolver câncer de mama foi reduzido em 4,3% (IC95% 2,9–5,8) para cada ano de amamentação e em 7,0% (IC95% 5,0–9,0) para cada nascimento (Collaborative Group on Hormonal Factors in Breast Cancer, 2002). Diante disso, objetivou-se buscar estudos relativos ao assunto, não só trazendo o aleitamento materno exclusivo como fator protetor, mas também como atuante na melhoria da saúde e bem-estar das mulheres.

2 METODOLOGIA

Trata-se de uma revisão integrativa executada em maio de 2024, mediante obtenção de dados bibliográficos, através de pesquisas realizadas nas seguintes bases de dados: Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciências da Saúde (LILACS), *Cochrane Library* e *U.S. National Library of Medicine/ National Institutes of Health (Pubmed)*, as pesquisas foram realizadas em língua inglesa e os descritores (DECS) utilizados cruzados foram: *breastfeeding AND breast neoplasia AND breast cancer*. A pergunta norteadora da pesquisa foi: Existe relação entre o aleitamento materno e a incidência de câncer de mama? A partir disso, analisar a relação entre o aleitamento materno exclusivo e o câncer de mama, tendo como critérios de inclusão qualquer tipo de estudo clínico relacionado ao aleitamento materno e câncer de mama, publicado nos últimos 24 anos, e como critérios de exclusão os que fugiam do tema no seu resumo. Também foram levantadas referências epidemiológicas no site do INCA e OPAS.

Para uma visão de análise mais quantitativa foram separados artigos que cruzavam as informações dos descritores em livros e documentos, ensaio clínico, meta-análise, teste controlado e aleatório, revisão sistemática e outros tipos de revisões. Para uma melhor descrição da eficácia do aleitamento na prevenção do câncer de mama foram usadas revisões.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Um total de 861 artigos foram encontrados, no entanto, 76 foram incluídos, sendo 785 excluídos por não fazer parte dos critérios de inclusão (Tabela 1).

Tabela 1 - Pesquisa realizada na base de dados *PubMed* com os descritores cruzados.

Tipos de Artigo	Anos	Encontrados	Excluídos	Incluídos
Livros e Documentos	2006-2023	16	11	5
Ensaio Clínico	2005-2024	112	105	7
Meta análise	2000-2024	85	75	10
Teste controlado e aleatório	2005 -2023	86	84	2
Revisões	2000-2024	473	437	36



Revisão Sistemática	2005-2024	89	73	16
---------------------	-----------	----	----	----

Fonte: Autores, 2024.

Houveram muitos artigos descartados da pesquisa por se tratarem de outro tipo de neoplasia. Dentre os artigos, as revisões sistemáticas oferecem um arcabouço de informações mais amplo da literatura, dessa maneira, se permite ver que há necessidade de um delineamento de estudos adicionais que investiguem a relação entre amamentação e câncer de mama (Oikonomou *et. al*, 2024).

Na base de dados da *Cochrane Library* não foram encontrados artigos que cruzassem os descritores escolhidos, na busca aparecem apenas os descritores separados, assim como na base de dados da *LILACS*, em que nenhum documento coincidiu com os termos de pesquisa.

As pesquisas realizadas no *PubMed*, seguindo os critérios de elegibilidade previamente estabelecidos apresentaram estudos que em sua maioria inseriram o aleitamento materno como fator protetor para o câncer de mama, poucos estudos não foram favoráveis à amamentação nesse aspecto. A amamentação exclusiva em puérperas reduz o risco de câncer de mama em comparação com aquelas que não amamentam exclusivamente (Unar-Munguía *et. al*, 2017). Outro viés de pesquisa que relaciona o aleitamento ao câncer de mama se dá através da curta duração de amamentação e após o câncer, sendo pouquíssimos estudos sobre.

De acordo com a OPAS (n.d.), mulheres que amamentam têm um risco 32% menor de diabetes tipo 2, um risco 26% menor de câncer de mama e um risco 37% menor de câncer de ovário, em comparação com mulheres que não amamentam ou que amamentam menos. Anstey *et. al* (2017), afirmam ainda que a amamentação é de particular interesse para a prevenção do câncer da mama porque é um fator de risco modificável. A amamentação não só reduz o risco de câncer de mama, mas também confere outros benefícios à saúde da mãe, incluindo a redução do risco de câncer do endométrio e do ovário e a redução do risco de doenças crônicas que também são fatores de risco para o câncer, como hipertensão e diabetes.

Os resultados de revisões sistemáticas afirmaram que o aleitamento materno tem um efeito protetor contra o câncer de mama. Este efeito foi observado em diversos contextos, sugerindo que a amamentação pode reduzir o risco de desenvolver a doença. No entanto, é importante notar que a extensão desse efeito protetor pode variar dependendo de outros fatores, como a idade da mulher, histórico familiar de câncer de mama e estilo de vida. Esses resultados ressaltam a importância da promoção da amamentação como uma estratégia de prevenção do câncer de mama, especialmente considerando a sua eficácia potencial e os benefícios adicionais para a saúde materna e infantil (Oikonomou *et. al*, 2024).

Também foram realizados estudos em localidades isoladas, como na China, Tunísia e Reino Unido e com populações específicas, mulheres negras e hispânicas. Em uma revisão constituída por mulheres negras nos EUA mostrou que enquanto a amamentação tem sido associada à redução do risco de câncer de mama, as taxas de amamentação são mais baixas entre as mulheres negras, que também enfrentam taxas mais altas de câncer de mama triplo-negativo (Anstey *et. al*, 2017).

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com base nas evidências apresentadas, fica claro que o aleitamento materno desempenha um papel crucial na redução do risco de câncer de mama. Estudos epidemiológicos corroboram essa relação, indicando que períodos mais longos de amamentação estão associados a redução cumulativa deste risco.

Portanto, incentivar a amamentação é uma estratégia eficaz e multifacetada que beneficia significativamente a saúde e o bem-estar de mães e filhos, além de atuar como uma importante medida preventiva no combate ao câncer de mama. Diante disso, esta prática deve



ser incentivada como parte de uma estratégia abrangente de saúde pública para reduzir a incidência dessa doença.

REFERÊNCIAS

INSTITUTO NACIONAL DE CÂNCER JOSÉ ALENCAR GOMES DA SILVA. **Dados e números sobre câncer de mama: relatório anual 2023**. Rio de Janeiro: INCA, 2023.

Disponível em: https://www.inca.gov.br/sites/ufu.sti.inca.local/files/media/document/relatorio_dados-e-numeros-ca-mama-2023.pdf. Acesso em: 21 maio 2024.

ORGANIZAÇÃO PAN-AMERICANA DE SAÚDE. **Aleitamento materno e alimentação complementar**. Disponível em: <https://www.paho.org/pt/topicos/aleitamento-materno-e-alimentacao-complementar>. Acesso em: 22 maio 2024.

COLLABORATIVE GROUP ON HORMONAL FACTORS IN BREAST CANCER. **Breast cancer and breastfeeding: collaborative reanalysis of individual data from 47 epidemiological studies in 30 countries, including 50302 women with breast cancer and 96973 women without the disease**. *The Lancet*, v. 360, n. 9328, p. 187-195, 2002.

Disponível em: [https://doi.org/10.1016/S0140-6736\(02\)09454-0](https://doi.org/10.1016/S0140-6736(02)09454-0). Acesso em: 23 maio 2024.

UNAR-MUNGUÍA, M. et al. **Modo de amamentação e risco de câncer de mama: uma meta-análise dose-resposta**. *Journal of Human Lactation*, v. 33, n. 2, p. 422-434, 2017.

DOI: 10.1177/0890334416683676. Disponível em:

<https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/28196329>. Acesso em: 23 maio 2024.

OIKONOMOU, G. et al. **Amamentação e sua associação com o câncer de mama: uma revisão sistemática da literatura**. *Maedica*, v. 19, n. 1, p. 106-115, 2024. DOI: 10.26574/maedica.2021.19.1.106.

ANSTEY, E. H. et al. **Amamentação e redução do risco de câncer de mama: implicações para mães negras**. *American Journal of Preventive Medicine*, v. 53, n. 3, p. 366-373, 2017.

DOI: 10.1016/j.amepre.2017.04.024.

AGUILERA EGUÍA, R. A. et al. **Lactancia materna y su rol preventivo en el cáncer de mama**. *Nutr Hosp*, [S.l.], v. 39, n. 4, p. 955-957, 2022. DOI: 10.20960/nh.04212. PMID: 35815752.

O PESO INVISÍVEL DA SOP: CONSEQUÊNCIAS PSICOSSOCIAIS NA SAÚDE FEMININA

Victoria Karolline Silva Rodrigues¹; Renê Humberto Rodrigues².

Graduanda do Curso de Graduação em Enfermagem Bacharelado/Licenciatura pela Universidade Federal de Uberlândia - UFU¹, Graduação em Enfermagem Bacharelado pela Universidade Presidente Antônio Carlos - UNIPAC².

victoriaksr@ufu.br

RESUMO

A Síndrome do Ovário Policístico (SOP) é uma condição endócrina prevalente que afeta mulheres em idade reprodutiva, manifestando-se através de sintomas como irregularidades menstruais, resistência à insulina e obesidade. Este estudo realizou uma revisão sistemática da literatura para investigar as consequências psicossociais da SOP, destacando seu impacto significativo na saúde mental e qualidade de vida das mulheres. A análise de artigos selecionados revelou que a SOP contribui para o desenvolvimento de depressão, ansiedade, distúrbios alimentares, diminuição da autoestima e satisfação com a vida. Os resultados enfatizam a necessidade de uma abordagem holística no tratamento da SOP, que integre apoio psicossocial ao cuidado médico, reconhecendo as experiências pessoais e o contexto cultural das afetadas. Barreiras no gerenciamento do peso e a interação entre peso e saúde mental foram identificadas como desafios adicionais. O estudo conclui que o tratamento da SOP deve ser individualizado e multidisciplinar, considerando o bem-estar emocional e o contexto cultural das mulheres, para melhorar sua qualidade de vida e tratar a condição de forma abrangente.

Palavras-chave: polycystic ovary syndrome; psychosocial; impact.

1 INTRODUÇÃO

A Síndrome do Ovário Policístico (SOP) é reconhecida como uma das condições endócrinas mais comuns e heterogêneas que afetam mulheres em idade reprodutiva. Caracterizada por uma combinação de hiperandrogenismo e anovulação crônica, a SOP apresenta uma prevalência estimada entre 6% a 20% nesta população, variando conforme os critérios diagnósticos adotados. Os sintomas da SOP, que incluem irregularidades menstruais, resistência à insulina e obesidade, começam frequentemente a se manifestar durante a adolescência, um período crítico de transição e desenvolvimento para as jovens (Witchel; Oberfield; Peña, 2019).

Além dos desafios físicos, a SOP impõe um impacto psicossocial considerável, afetando a saúde mental e a qualidade de vida das mulheres. Pesquisas indicam que mulheres com SOP estão mais suscetíveis a desenvolver condições como depressão, ansiedade e distúrbios alimentares, além de experimentarem uma diminuição na autoestima e satisfação com a vida. Essas dimensões psicossociais da SOP, apesar de sua gravidade, são frequentemente subestimadas e negligenciadas tanto na prática clínica quanto na pesquisa científica (Simon; Peigné; Dewailly, 2023).

Este estudo se propõe a realizar uma revisão sistemática da literatura existente sobre as consequências psicossociais da SOP, com o objetivo de elucidar o espectro completo do impacto desta condição na vida das mulheres. Através de uma análise criteriosa de estudos anteriores, busca-se compreender como a SOP afeta não apenas a saúde física, mas também a



psicológica e social das mulheres, influenciando sua autoimagem, relações interpessoais e capacidade de enfrentar os desafios cotidianos.

2 METODOLOGIA

Para investigar as implicações psicossociais da SOP na saúde feminina, adotamos uma metodologia de revisão de literatura. Inicialmente, realizamos uma busca nas bases de dados PubMed e LILACS, reconhecidas por sua abrangência e relevância na área da saúde. As palavras-chave utilizadas para conduzir nossa busca foram “polycystic ovary syndrome”, “psychosocial” e “impact”.

A busca inicial resultou em um total de 20 artigos. Para garantir a relevância e atualidade dos estudos incluídos em nossa revisão, estabelecemos critérios de inclusão específicos. Os artigos selecionados deveriam ter sido publicados entre os anos de 2019 e 2024, abordar a temática da SOP e suas consequências psicossociais, e estar disponíveis nos idiomas inglês ou português.

Após uma análise criteriosa, identificamos 7 artigos que atendiam a esses critérios e eram, portanto, pertinentes ao nosso objeto de estudo. Realizamos uma análise detalhada desses artigos para extrair informações relevantes sobre o impacto psicossocial da SOP na saúde feminina. Esta análise envolveu uma avaliação da qualidade metodológica dos estudos, a relevância dos resultados para nosso objetivo de pesquisa e a aplicabilidade dos achados para aprimorar o cuidado psicossocial para mulheres com SOP.

3 RESULTADOS E DISCUSSÕES

A SOP é uma condição complexa que afeta mulheres em múltiplas dimensões, estendendo-se além dos sintomas físicos para impactar profundamente o bem-estar psicossocial. Estudos recentes enfatizam a necessidade de uma visão holística da SOP, reconhecendo as experiências pessoais e o contexto cultural e social das mulheres afetadas (Dewani *et al.*, 2023). Em particular, a pesquisa de Alsumri *et al.* (2023) ilumina as pressões culturais em Omã, onde a infertilidade é altamente estigmatizada e as mulheres são muitas vezes responsabilizadas, refletindo a importância social da maternidade.

A ambivalência em relação ao diagnóstico de SOP é comum, com algumas mulheres encontrando alívio e validação, enquanto outras enfrentam ansiedade e preocupação com o futuro (Copp *et al.*, 2019). A ausência de reconhecimento e suporte de familiares e amigos pode intensificar essas emoções, conforme relatos pessoais que sublinham a importância de um tratamento que considere tanto o bem-estar psicológico quanto os sintomas físicos (Patel, 2022).

Foram identificadas barreiras significativas no gerenciamento do peso corporal, incluindo fatores pessoais como a baixa autoestima e fatores ambientais como a falta de suporte profissional (Lim *et al.*, 2019). Tais desafios são exacerbados por influências sociais e culturais que moldam a percepção e o manejo da SOP. A complexa interação entre peso e saúde mental é evidenciada pela associação entre estresse e ganho de peso em mulheres com SOP, ressaltando a importância de abordar esses aspectos no tratamento da condição (Awoke *et al.*, 2021).

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os estudos analisados demonstram que a SOP não é apenas uma condição endócrina, mas também uma experiência vivida que afeta a saúde mental, a autoimagem e a qualidade de vida das mulheres. A literatura sugere uma mudança de paradigma na abordagem da SOP, onde o apoio psicossocial deve ser integrado ao tratamento médico (Alsumri *et al.*, 2023; Dewani;

Karwade; Mahajam, 2023). É imperativo que os profissionais de saúde reconheçam as lutas invisíveis das mulheres com SOP e adotem uma abordagem centrada no paciente que priorize suas diversas necessidades (Copp *et al.*, 2019; Patel, 2022).

A individualização do tratamento, a inclusão de uma equipe multidisciplinar e a atenção ao bem-estar emocional são essenciais para um cuidado eficaz e compassivo (Lim *et al.*, 2019; Patel, 2022). Além disso, é crucial que as intervenções considerem o contexto cultural e social das mulheres, bem como eventos globais que possam afetar seu manejo da SOP (Eyupoglu *et al.*, 2022; Alsumri *et al.*, 2023).

Em conclusão, a SOP é uma condição multifacetada que afeta as mulheres de maneira abrangente, exigindo uma resposta igualmente abrangente dos profissionais de saúde. A compreensão dessas nuances é essencial para melhorar a qualidade de vida das mulheres afetadas pela SOP, enfatizando que o tratamento deve ser tão multifacetado quanto a condição em si.

REFERÊNCIAS

ALSUMRI, H.; SZATKOWSKI, L.; GIBSON, J.; FIASCHI, L.; BAINS, M. Psychosocial Impacts of Infertility among Omani Women with Polycystic Ovarian Syndrome: A Qualitative Study. **Int J Fertil Steril**. 2023 Feb 1;17(2):107-114.

AWOKE, M. A.; EARNEST, A.; JOHAN, A. E.; HODGE, A. M.; TEEDE, H. J.; BROWN, W. J.; MORAN, L. J. Weight gain and lifestyle factors in women with and without polycystic ovary syndrome. **Hum Reprod**. 2021 Dec 27;37(1):129-141.

COPP, T.; HERSCH, J.; MUSCAT, D. M.; MCCAFFERY, K. J.; DOUST, J.; DOKRAS, A.; MOL, B. W.; JANSEN, J. The benefits and harms of receiving a polycystic ovary syndrome diagnosis: a qualitative study of women's experiences. **Hum Reprod Open**. 2019 Oct 31;2019(4):hoz026.

DEWANI, D.; KARWADE, P.; MAHAJAN, K. S. The Invisible Struggle: The Psychosocial Aspects of Polycystic Ovary Syndrome. **Cureus**. 2023 Dec 30;15(12):e51321.

EYUPOGLU, N. D.; AKSUN, S.; OZTURK M.; YILDIZ, B. O. Impact of social isolation during COVID-19 pandemic on health behaviors and weight management in women with polycystic ovary syndrome. **Eat Weight Disord**. 2022 Oct;27(7):2407-2413.

LIM, S.; SMITH, C. A.; COSTELLO, M. F.; MACMILAN, F.; MORAN, L.; EE, C. Barriers and facilitators to weight management in overweight and obese women living in Australia with PCOS: a qualitative study. **BMC Endocr Disord**. 2019 Oct 23;19(1):106.

PATEL, V. H. Polycystic Ovarian Syndrome: Na Autobiographical Case Report of na Often Overlooked Disorder. **Cureus**. 2022 Jan 12;14(1):e21171.

SIMON, V.; PEIGNÉ, M.; DEWAILLY, D. The Psychosocial Impact of Polycystic Ovary Syndrome. **Reprod. Med**. 2023, 4(1), 57-64;

WITCHEL, S. F.; OBERFIELD, S. E.; PEÑA, A. S. Polycystic Ovary Syndrome: Pathophysiology, Presentation, and Treatment With Emphasis on Adolescent Girls. **J Endocr Soc**. 2019 Aug 1; 3(8): 1545–1573.



REALIDADE DA GESTAÇÃO EM CONTEXTO CARCERÁRIO E PERSPECTIVAS DE SAÚDE: UMA REVISÃO DA LITERATURA

Alessandra Batista Sabino¹; Bruna Menezes Souza de Jesus²; Elenilda Farias de Oliveira³

Graduanda em Enfermagem pela Faculdade Adventista da Bahia^{1 2}; Doutora em Enfermagem pela Universidade Federal da Bahia e Docente na Faculdade Adventista da Bahia³

alessandrassabino@gmail.com

RESUMO

Introdução: A gestação é um momento de transformações na mulher, tanto fisicamente quanto emocionalmente. O ambiente, relacionamentos, alimentação e outros fatores determinantes da saúde, impactam sobremaneira a gestação, parto e a experiência de gestar das mulheres. Em especial quando se fala em mulheres privadas de liberdade, que estão em uma situação de vulnerabilidade e fragilidade. **Objetivo:** investigar as condições emocionais e físicas relacionados à saúde das mulheres gestantes privadas de liberdade. **Metodologia:** Trata-se de uma revisão integrativa, de caráter descritivo e exploratório, realizada através das bases de dados: Lilacs, Medline e BDENF. **Resultados e Discussões:** Observou-se que algumas mães relataram que sentiam suas necessidades e do bebê melhor atendidas no Centro de Referência à Gestante Privada de Liberdade, em comparação quando estavam em outras unidades penitenciárias, em relação a alimentação, condições, higiene, atendimento à saúde. Também foram evidentes sentimentos de medo do parto, privação física e tristeza por estar gestando em situação de privação de liberdade. **Considerações Finais:** Em suma, a privação da liberdade reflete diretamente na experiência da gestação e parto das mulheres, principalmente nos aspectos físicos e mentais.

Palavras-chave: mulheres; privadas de liberdade; gestantes.

1 INTRODUÇÃO

A gestação é um momento de transformações na mulher, nos aspectos físicos, mentais e sociais. O ambiente, relações sociais, nutrição e demais fatores determinantes da saúde impactam sobremaneira a gestação, o parto e a experiência de gestar das mulheres. Em especial, mulheres privadas de liberdade que estão em uma situação de vulnerabilidade e fragilidade, muitas vezes com maior risco de desenvolver comorbidades e expostas a violências (Sales *et al.*, 2021).

O confinamento não absolve as mulheres de passar por todas as fases do ciclo reprodutivo, gestação, parto e amamentação. A maternidade no cárcere, além dos possíveis efeitos desfavoráveis que a detenção poderá ocasionar à mulher, gerar um filho neste período pode ocasionar efeitos divergentes na gravidez e, conseqüentemente, na criança que está sendo gerada (Belizário, 2019).

Segundo dados da Secretaria Nacional de Políticas Penais, no segundo semestre de 2023, no Brasil a população privada de liberdade feminina correspondia a 27.010 mulheres, entre as quais 230 eram gestantes e 103 eram lactantes, esses números reforçam a necessidade de realizar e implementar ações de promoção, acompanhamento e intervenções em saúde para essa população em situação de vulnerabilidade (Brasil, 2023).

A Política Nacional de Atenção Integral à Saúde das Pessoas Privadas de Liberdade, lançada em janeiro de 2014, estende a cobertura efetiva do SUS a todas as pessoas privadas de



liberdade, concretizando a universalização do SUS. Assim, cada unidade prisional passará a ser também um ponto de atenção da Rede de Atenção à Saúde (RAS), e nele serão estruturados serviços e equipes de saúde no sistema prisional no âmbito do SUS (Brasil, 2014).

O Brasil se comprometeu a alcançar os objetivos do milênio, dentre os quais estão previstas ações referentes à saúde das gestantes e das crianças, à diminuição da mortalidade materna e à prevenção do HIV/Aids. A inclusão das mulheres em privação de liberdade é um passo necessário para que todas as brasileiras acessem uma atenção pública à saúde reprodutiva, integral e de qualidade (Brasil 2014). Assim, este estudo tem como objetivo investigar as condições emocionais e físicas relacionados à saúde das mulheres gestantes privadas de liberdade.

2 METODOLOGIA

Este estudo consiste em uma revisão da literatura, que tem como objetivo responder a seguinte pergunta norteadora: quais são as condições de saúde da gestante privada de liberdade? Foram utilizadas as seguintes bases de dados para revisão: Literatura Latino Americana e do Caribe em Ciências da Saúde (LILACS), Medical Literature Analysis and Retrieval System Online (MEDLINE) e Bases de Dados de Enfermagem (BDENF). Os Descritores em Ciência da Saúde (DeCS) aplicados foram "Mulher", "Privada de liberdade" e "Gestantes", através do operador booleano "and", sendo encontrados 29 artigos.

Foram incluídos estudos originais, estudos de caso relacionados à temática, disponíveis na íntegra nas bases de dados, selecionadas e publicados no recorte temporal entre 2019 a 2024, nos idiomas português, inglês ou espanhol. Foram excluídas teses, dissertações, revisões integrativas, e outros que não correspondem à temática. Dessa maneira, dos 29 artigos encontrados inicialmente, 25 foram excluídos, ocasionando um total de 04 artigos selecionados para compor esta revisão.

3 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Código	Título	Autor/Ano/ Base de dado	Objetivo	Metodologia	Principais Resultados
01	Gestação e maternidade em cárcere: cuidados de saúde a partir do olhar das mulheres presas em uma unidade materno-infantil.	Chaves, Luana Hordones, e Isabela Cristina Alves de Araújo. LILACS (2020)	Tratar das impressões que as mulheres presas no Centro de Referência à Gestante Privada de Liberdade (CRGPL) têm acerca dos cuidados de saúde ofertados pela instituição.	Pesquisa qualitativa	Como resultado, tem-se uma avaliação em certa medida positiva dos cuidados de saúde na perspectiva das gestantes e recém-mães do Centro, e isso é muito marcado, segundo os relatos, pelas experiências prisionais anteriores das entrevistadas. Por outro lado, alguns problemas enfrentados no Centro de Referência à Gestante Privada de Liberdade foram levantados pelas internas, e descritos como fonte de diversos sofrimentos.
02	O gestar em prisões por traficantes de drogas / Gestação de mulheres presas por tráfico de	Silva, Amanda Batista da ; Nascimento, Vagner Ferreira do ; Hatorri,	Descrever a vivência da gravidez no ambiente prisional de mulheres	Estudo descritivo-exploratório com abordagem qualitativa	Todas as mulheres foram presas por tráfico de drogas e consumiram substâncias psicoativas antes da prisão



	drogas / Gestação de mulheres presas por tráfico de drogas	Thalise Yuri ; Atanaka, Marina Terças-Trettel, Ana Cláudia Pereira LILACS (2023)	envolvidas no tráfico de drogas .		devido à ruptura de vínculos familiares e/ou influência de parceiros afetivos. A atual gravidez não foi planejada, e foi acompanhada da separação dos demais filhos , além da ansiedade e angústia que as cerca com a expectativa do parto e da amamentação no ambiente prisional.
03	Experiences of midwifery care in English prisons.	Abbott, Laura ; Scott, Tricia ; Thomas, Hilary MEDLINE (2023)	O objetivo desta pesquisa foi examinar as experiências e percepções das mulheres grávidas presas e das equipes de custódia sobre os cuidados obstétricos nas prisões inglesas .	Pesquisa quantitativa.	As experiências das mulheres incluíram o enfraquecimento devido à escolha limitada; medo de parir sozinha; e falta de informação sobre direitos, com uma sensação de não receber direitos. Algumas mulheres relataram favoravelmente à continuidade dos cuidados obstétricos prestados. Houve confusão em torno do papel legal da obstetrícia no Reino Unido .
04	Suarez, Alicia MEDLINE (2021) "I Wish I Could Hold Your Hand": Inconsistent Interactions Between Pregnant Women and Prison Officers.	Suarez, Alicia MEDLINE (2021)	Esta pesquisa acrescenta uma contribuição única ao explorar as interações das mulheres com os agentes penitenciários durante a gravidez, o trabalho de parto e o nascimento	Pesquisa qualitativa	As descobertas exploram as interações com os agentes penitenciários a partir das perspectivas das mulheres durante a gravidez, o trabalho de parto e o nascimento. Os agentes podem ser guardiões e defensores dos cuidados médicos e, simultaneamente, envolver-se em comportamentos desumanizados

Observou-se num estudo realizado por Chaves *et al* (2020) que algumas mães relataram que sentiam suas necessidades, quanto a sua saúde e do bebê melhor atendidas no Centro de Referência à Gestante Privada de Liberdade, em comparação quando estavam em outras unidades penitenciárias, em relação a alimentação, condições, higiene, atendimento à saúde. Também de acordo com Silva *et al* (2023), é evidente o sentimento de medo do parto, privação física e tristeza por estar gestando em situação de privação de liberdade. Nas entrelinhas evidencia-se o sentimento de abandono, a falta de atendimento humanizado e preparo da equipe para atender as gestantes

Abott *et al* (2023), em estudo qualitativo com gestantes privadas de liberdade na Inglaterra, demonstra que a carga emocional explicitou-se de forma evidente, principalmente em relação à supressão ao respeito das escolhas das gestantes, negligência e falta de informações relativas à gestação, o que reverberou na insegurança no período gestacional, do



mesmo modo que, a sensação do cerceamento dos seus direitos enquanto cidadãs e gestantes. Em concomitância com Abbott *et al.*, (2022), Suarez (2021) também salienta em estudo qualitativo com mulheres em situação carcerária, que as ações desumanas por parte dos agentes penitenciários, expõem as gestantes em privação de liberdade, que já estão em contexto delicados devido a gestação e parto, a encontrarem ainda maior vulnerabilidade devido ao tratamento hostil e negligente.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em suma, a privação da liberdade reflete diretamente na experiência da gestação e parto das mulheres, principalmente nos aspectos físicos e mentais. Assim, ações que priorizem a qualidade de vida da gestante nos âmbitos físicos, como alimentação adequada, ambiente seguro, boa higienização, assistência à saúde humanizada, apoio emocional no pré-parto, parto e puerpério, são medidas que tornam este processo mais digno para a mulher gestante privada de liberdade, destacam-se a necessidade de estudos e intervenções voltadas a essa população, por vezes esquecida e negligenciada.

REFERÊNCIAS

SALES, A. C. *et al.* (2021) Cuidado em saúde das mulheres grávidas privadas de liberdade: revisão integrativa. **Revista Baiana de Enfermagem**, v. 35, p. e36114.

BELIZÁRIO, K. S. (2022). O Perfil das Gestantes Privadas de Liberdade em uma Penitenciária do Rio de Janeiro. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Enfermagem), **Universidade Federal Fluminense**, Niterói.

BRASIL. **Ministério da Justiça e Segurança Pública**. (2023). Relatório Integrado de Informações Penitenciárias - 2º Semestre de 2023. Brasília, DF: Sistema Integrado de Informações Penitenciárias.

BRASIL. **Inclusão das Mulheres Privadas de Liberdade na Rede Cegonha/Ministério da Saúde**, Secretaria de Atenção à Saúde, Departamento de Ações Programáticas Estratégicas, Coordenação de Saúde no Sistema Prisional – 1. Ed – Brasília: Ministério da Saúde, 2014.

BRASIL. **Ministério da Saúde**. Portaria nº 2.436, de 21 de setembro de 2017.

CHAVES, Luana Hordones; ARAÚJO, Isabela Cristina Alves de. Gestação e maternidade em cárcere: cuidados de saúde a partir do olhar das mulheres presas em uma unidade materno-infantil. **Physis: Revista de Saúde Coletiva**, v. 30, p. e300112, 2020.

SILVA, Amanda Batista da; NASCIMENTO, Vanessa Freitas de; HATORRI, Thais Yukari; ATANAKA, Maria; TERÇAS-TRETTEL, Ana Claudia Pereira. O gestar em prisões por traficantes de drogas. **Revista Uruguaya de Enfermería (En línea)**, v. 18, n. 2, 2023.

ABBOTT, Laura; SCOTT, Tricia; THOMAS, Hilary. *Experiences of midwifery care in English prisons*. **Birth**, v. 50, n. 1, p. 244-251, 2023.

SUAREZ, Alicia. “I wish I could hold your hand”: inconsistent interactions between pregnant women and prison officers. **Journal of Correctional Health Care**, v. 27, n. 1, p. 23-29, 2021.



ASSISTÊNCIA DE ENFERMAGEM ÀS MULHERES INDÍGENAS: APLICANDO A TEORIA TRANSCULTURAL PARA UM CUIDADO INTEGRAL

Ellen Renalle Martins Guedes¹; Maria Emília Dantas Oliveira¹; Francisco Gelzo da Silva Neto¹; Maria Clara Morais da Silva¹; Larah Giovanna Nóbrega Clemente¹; Vânia Ellen Bezerra Sousa¹; Elza Carla Melo de Souza²

Graduanda em enfermagem pela Universidade Federal de Campina Grande¹, Enfermeira pela Universidade Federal de Campina Grande².

renalleellen1@gmail.com

RESUMO

Objetiva-se analisar a assistência de enfermagem às mulheres indígenas no Brasil e como é possível garantir seus direitos utilizando a teoria transcultural. Trata-se de uma revisão de literatura na qual utilizou-se os Descritores de Saúde: “enfermagem”, “mulheres indígenas” e “assistência de enfermagem”. A busca foi realizada nas bases de dados online: Biblioteca Virtual de Saúde, Scielo e Medline. As comunidades indígenas, marginalizadas pela sociedade, sofrem com a diminuição de suas reservas e acesso precário aos serviços de saúde. Para as mulheres, isso é agravado pela assistência inadequada às suas necessidades particulares. Entre as barreiras está a baixa procura por serviços de saúde, exigindo que enfermeiros de atenção básica intervenham compreendendo suas especificidades culturais e dificuldades de locomoção. A educação em saúde é crucial para conscientizar essas mulheres sobre a prevenção de doenças, tornando-as protagonistas de suas vidas. Além disso, o autocuidado nas comunidades indígenas muitas vezes envolve práticas ritualísticas, afastando-as do atendimento especializado. O enfermeiro deve criar vínculos com a comunidade, respeitando suas crenças e tradições, temas como a importância do exame citopatológico, alimentação, amamentação, saúde mental e sexualidade devem ser abordados de forma respeitosa. Desta forma, pode-se garantir a integralidade, universalidade e equidade da assistência à saúde.

Palavras-chave: enfermagem; teoria transcultural; mulheres indígenas.

1 INTRODUÇÃO

O Brasil é um país de tamanho continental e carrega consigo uma diversidade de culturas e povos, nos quais devem ser garantidos seus direitos, principalmente o direito à saúde de forma integral e sem discriminações. Segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), 1.693.535 pessoas indígenas residem em território nacional, representando 0,83% da população total do país. A partir desses dados, pode-se perceber a necessidade do Estado em criar novas políticas públicas para atender as necessidades dessa população, assegurando a equidade, universalidade e integralidade (IBGE, 2023).

Ao realizar uma análise histórica das políticas voltadas a essa população, é notável a jovialidade de departamentos específicos para população indígena, como observa-se apenas na década de 1990 a criação dos Distritos Sanitários Especiais Indígenas (DSEIs), visando um atendimento sanitário voltado para as necessidades étnicas e culturais. Em 2010 o Ministério da Saúde através da Secretária Especial de Saúde Indígena (SESAI) assumiu a execução e a coordenação do Subsistema de Atenção à Saúde Indígena em todo território nacional. Entretanto, a qualidade dos serviços de saúde e a prática da assistência ainda é uma preocupação, no que concerne sobre a saúde da mulher indígena.



O crescimento populacional da mulher indígena e os locais que as mesmas começam a ocupar acarretam uma maior vulnerabilidade e exposição a violências, abandono e até mesmo a perda da identidade cultural, afetando sua saúde e qualidade de vida. Em contrapartida, muitas mulheres indígenas ainda não conseguem ter o acesso regular a consultas, aconselhamentos e exames, em muitos momentos devido à dificuldade dos profissionais de saúde em alcançarem os locais de sua residência e pelo distanciamento sobre a sua cultura e costumes.

Estudiosos como Leininger, enfatizam a necessidade de associar a cultura com a promoção de saúde, tendo em vista que a percepção de saúde-doença se difere em comunidades e etnias, no caso das pessoas indígenas os conceitos de ter saúde e estar doente são particulares (Lima *et al.*, 2023). Desta maneira, é essencial mergulhar em sua cultura de maneira a entender como agir em situações de assistência, garantindo a integralidade do cuidado. Outrossim, a finalidade deste trabalho é analisar a assistência de enfermagem às mulheres indígenas no Brasil e como é possível garantir seus direitos utilizando a teoria transcultural.

2 METODOLOGIA

Trata-se de uma revisão narrativa de literatura na qual utilizou-se o operador booleano “AND” para combinar os Descritores de Saúde (DECS) da seguinte forma: “enfermagem” AND “mulheres indígenas”; “assistência de enfermagem” AND mulheres AND indígenas. A busca foi realizada no mês de maio de 2024 nas bases de dados online: Biblioteca Virtual de Saúde (BVS), *Scientific Electronic Library Online* (Scielo) e Medline, através da pergunta norteadora: “Como garantir a assistência de enfermagem às mulheres indígenas no Brasil respeitando sua cultura de maneira integral?”. Como quesito de seleção foram utilizados: idioma português e artigos originais publicados entre os anos de 2018 a 2024. Inicialmente foram encontrados 50 artigos com a temática, porém no momento de leitura do resumo foram excluídos 25, considerados fora da temática. A partir da análise de seleção entre os estudos restantes, foram selecionadas revisões bibliográficas e estudos transversais, restando-se 10 com tais características. Dentre os 10 estudos, foi realizada a leitura minuciosa na íntegra, a partir disto, foram excluídos 2 por duplicidade e 2 por ilegibilidade, constituindo a amostra final de 6 estudos para compor a presente revisão.

3 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Apesar das discussões e políticas voltadas às pessoas indígenas, a saúde da mulher indígena ainda tem espaços vagos e ações fragilizadas. Baggio *et al.* (2018), aborda sobre a carência de pesquisas em relação à saúde da mulher indígena, com a necessidade de identificar suas vulnerabilidades, costumes e cotidiano. Analisando que povos indígenas se constituíram à margem da sociedade, em decorrência da diminuição de suas reservas, do acesso precário aos serviços de saúde e do contato com o contexto estranho ao seu cotidiano.

Para as mulheres, esse processo é ainda mais problemático devido ao distanciamento da assistência em saúde para com as suas necessidades e particularidades. Entre as barreiras a serem enfrentadas na oferta da promoção da saúde está a não procura das mulheres aos serviços, cabendo ao enfermeiro da atenção básica acompanhar e intervir nos fatores que as impedem a aproximação aos ambientes de saúde, buscando entender suas especificidades culturais, barreiras de locomoção e anseios. Ademais, é de extrema importância a implementação de educação em saúde a estas mulheres, visando a conscientização da prevenção de doenças e agravos, tornando-as protagonistas de suas vidas (Monteiro *et al.*, 2022).

Outrossim, outra barreira a ser ultrapassada é o autocuidado no interior das civilizações em situações de adoecimento, práticas ritualísticas muitas vezes distanciam a busca por atendimento especializado. Em contrapartida, é necessário respeitar e compreender suas



crenças e tradições, desta forma o enfermeiro tem o papel fundamental de criar vínculo com a comunidade preconizado na portaria nº 2.436 de 21/09/2017 da Política Nacional de Atenção Básica (PNAB), em busca da aceitação dos profissionais no interior da comunidade, para que assim possa alinhar a cultura de cada tribo com a educação em saúde (Brasil, 2017).

O enfermeiro da Atenção Básica de Saúde pode encontrar resistência no cuidado da mulher por meio de seus companheiros e tradições em alguns procedimentos e tabus sobre o corpo das mulheres indígenas, dialogar sobre temas como: a importância do exame citopatológico para prevenir o câncer do colo do útero buscando prolongar a vida dessas mulheres, a alimentação, amamentação, saúde mental, vidas sexuais entre outros aspectos devem ser introduzidas de maneira respeitosa e estratégica (Arruda *et al.*, 2022).

A teoria de Madeleine Leininger sobre o cuidado transcultural aborda a necessidade de entender o contexto sócio-político-cultural de um indivíduo ou coletividade, para que possa então entender sua cultura e visão sobre os sistemas de saúde popular. Desta forma, o enfermeiro em conjunto com a equipe da atenção básica pode estabelecer três tipos de relação com o cuidado cultural em mulheres indígenas: preservação/manutenção, acomodação/adaptação e reestruturação/repadronização (Lima *et al.*, 2023).

Essa teoria propõe o modelo de “sol nascente” a fim de nortear o enfermeiro na sua assistência para o cuidar, o modelo é composto por quatro níveis: I) Universo cultural de cada grupo, é necessário que o enfermeiro compreender para exercer o cuidado de acordo as crenças e tradições de cada comunidade; II) Indivíduo e família no contexto de um sistema de saúde, a fim de entender o pertencimento e valor de cada indivíduo para a comunidade e o sistema de saúde; III) Saberes profissionais e populares a fim estreitar as semelhanças e diminuir as diferenças; IV) Cuidado de enfermagem coerente com as culturas. De forma prática, para aplicar a teoria transcultural pode-se investir em tecnologias leves como: escuta ativa, diálogo, respeito a singularidade de cada ser cuidado e a implementação de ações voltadas para a tradição de seus costumes (Lima *et al.*, 2023).

Um estudo realizado com enfermeiros da província de Yunnan, na China, sobre o cuidado transcultural para minorias étnicas revelou que esses profissionais enfrentam desafios no atendimento de enfermagem e se preocupam com a qualidade dos cuidados oferecidos. Para melhorar e superar esses obstáculos, foi recomendada a capacitação que inclua conhecimento e sensibilidade transcultural, compreensão de línguas minoritárias e vivências multiculturais. Outras estratégias sugeridas para facilitar esse processo incluem a criação de uma sala equipada com recursos para apoiar a assistência e os cuidados em saúde, a adaptação às práticas religiosas e culturais dos usuários, e a formação de uma equipe especializada em cuidados transculturais nos hospitais (Lima *et al.*, 2023).

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conclui-se que os povos indígenas já conquistaram um grande espaço na saúde brasileira, porém ações voltadas para as necessidades femininas ainda são frágeis e mal implementadas. Outrossim, é necessário investir em capacitações para os profissionais da Atenção Básica que estejam vinculados em áreas de comunidades indígenas garantindo a equidade da assistência e sua integralidade. Preservar a cultura das mulheres indígenas e sua ancestralidade também envolve assistência de enfermagem, permitindo que esse grupo tenha a liberdade de manejar práticas terapêuticas no enfrentamento de doenças e melhora na qualidade de vida. Aprofundar e incentivar o estudo transcultural na enfermagem é essencial para relacionar estratégias de cuidado a esse grupo social no Brasil, principalmente nas regiões Norte e Nordeste – onde esta população se encontra mais concentrada. Este movimento incentiva as ciências humanas a discorrer melhor sobre a problemática e preparar as instituições brasileiras para gerir e lidar com esse processo complexo.



REFERÊNCIAS

- ARRUDA, S. C. O. *et al.* Enfermagem na saúde Indígena. In: SOUZA, E. S. *et al.* (Orgs.). **Enfermagem no cuidado à saúde de populações em situação de vulnerabilidade: volume 2.** Brasília, Editora ABen, 2022. p. 55-69.
- BAGGIO, E; *et al.* O cuidar da saúde para a mulher indígena Haliti-Paresí. **Rev Enferm UFPE on line.** Recife, v. 12, n. 3, p. 729-737, 2018.
- BRASIL. Ministério da Saúde. Portaria n. 2.436, de 21 de setembro de 2017. Aprova a Política Nacional de Atenção Básica (PNAB). **Diário Oficial da União:** seção 1, Brasília, DF, 2017.
- IBGE. Brasil tem 1,7 milhão de indígenas e mais da metade deles vive na Amazônia Legal: Censo Demográfico 2022. **Agência de Notícias IBGE,** 2023.
- LIMA, A, F, S. *et al.* Cuidados de enfermagem ao povo Warao: um relato de experiência baseado na teoria transcultural. **Rev Esc Enferm USP,** Maceió, v. 57, p. 1-8, 2023.
- MONTEIRO, B. N. *et al.* Saúde além das tribos: uma revisão literária sobre as ações de enfermagem com mulheres brasileiras de cultura indígena. **Salud, Ciencia y Tecnología,** v.2, n. 109, p. 1-6, 2022.



IMPLEMENTAÇÃO DE ORIENTAÇÕES E CHECK-LIST PARA ALTA SEGURA NO ALOJAMENTO CONJUNTO: RELATO DE EXPERIÊNCIA

Camila Gonçalves da Silva¹; Sarah Dany Zeidan Yassine¹; Carla Gisele Vaichulonis²

Residente de Enfermagem do Programa de Residência em Saúde Materno Infantil da Maternidade Darcy Vargas ¹. Enfermeira. Coordenadora do Departamento de Ensino, Pesquisa e Treinamento da Maternidade Darcy Vargas².

camilagoncalvesenfer@gmail.com

RESUMO

INTRODUÇÃO: O enfermeiro possui um papel de extrema importância no Alojamento Conjunto, o ambiente se torna propício para que o profissional realize a assistência e também a promoção e educação em saúde com a puérpera, pai e/ou acompanhante a fim de garantir uma alta hospitalar segura. **OBJETIVOS:** Relatar a experiência de implementar uma rotina de orientações para alta segura no alojamento conjunto de uma maternidade pública do norte de Santa Catarina. **METODOLOGIA:** O presente estudo trata-se de um relato de experiência sobre um projeto desenvolvido no Programa de Residência Multiprofissional em Saúde da Mulher e da Criança da Maternidade Darcy Vargas (MDV). **RESULTADOS E DISCUSSÃO:** A rotina implementada consiste em um documento com orientações ao binômio mãe e bebê com cuidados puerperais e com o recém-nascido que deve ser aplicado pelo enfermeiro assistencial durante a internação na unidade, como atribuição do técnico de enfermagem ficou a conferência da documentação necessária para que o binômio receba a alta hospitalar através de um check-list. **CONCLUSÃO:** A experiência desenvolveu e implementou uma rotina que busca a educação em saúde e reforça a importância da atuação de enfermagem em uma maternidade.

Palavras-chave: alojamento conjunto; período pós-parto; educação em saúde.

1 INTRODUÇÃO

O Alojamento Conjunto (AC) destina-se para as mulheres e recém-nascido (RN) clinicamente estáveis para permanecerem juntos em tempo integral logo após o parto, até o momento de alta hospitalar. A permanência do binômio nesse local garante os cuidados integrais da equipe multiprofissional além de estabelecer maior vínculo entre o RN com a puérpera, pai e/ou acompanhante (Brasil, 2016). Nesse período, a puérpera necessita de cuidados específicos assim como o RN, além de orientações detalhadas pela equipe multiprofissional quanto aos cuidados com o binômio, visto que atualmente ainda é presente a disseminação de informações que não são comprovadas cientificamente.

A Portaria N° 2.069, de 21 de outubro de 2016, estabelece diretrizes para que ocorra a organização do atendimento integral ao binômio no AC, considerando leis, portarias e normativas já existentes. No âmbito do Sistema Único de Saúde (SUS), pode-se considerar a Rede Cegonha; Iniciativa Hospital Amigo da Criança como estratégia de promoção, proteção e apoio ao aleitamento materno e à saúde integral da criança e da mulher; a Política Nacional de Atenção Integral à Saúde da Criança e entre outras portarias, normativas e leis que favorecem a organização e maior qualidade do atendimento prestado no AC (Brasil, 2016).

O enfermeiro possui um papel de extrema importância no AC, o ambiente se torna propício para que o profissional realize a sistematização da assistência, através das prescrições



dos cuidados de enfermagem, educação em saúde com a puérpera, pai e/ou acompanhante, promoção e proteção do aleitamento materno, troca de conhecimentos e momento para sanar as dúvidas da puérpera, orientações de cuidados com o RN de acordo com a realidade da mulher (Furlan *et al.*, 2021).

A partir disso, é necessário proporcionar a continuidade do cuidado do binômio após alta hospitalar para garantir a autonomia dos genitores e segurança da mãe e do bebê no ambiente domiciliar, a fim de prevenir fatores de riscos para infecções puerperais, o desmame precoce e falta de conhecimento em cuidados com o RN tais prevenção de infecção ou identificar sinais de alerta e emergência (Brasil, 2017). Esta puérpera continua em acompanhamento na rede de saúde, atribuído aos profissionais a partir da Estratégia Saúde da Família (ESF), considerando que o cuidado durante o puerpério deve ser imediato, pois visa a uma assistência individual e holística, estabelecendo vínculo de confiança com a puérpera e toda sua família (Oliveira *et al.*, 2022).

Por fim, o presente estudo descreve uma ação elaborada por enfermeiras residentes em saúde da mulher e da criança com o objetivo de relatar a experiência da implementação de uma rotina de orientações para alta segura no alojamento conjunto de uma maternidade pública do norte de Santa Catarina (SC) de forma a impactar e fazer com que os enfermeiros desenvolvam a prática na assistência ao paciente.

2 METODOLOGIA

Trata-se de um relato de experiência de um projeto desenvolvido no Programa de Residência Multiprofissional em Saúde da Mulher e da Criança da Maternidade Darcy Vargas (MDV) e aplicado no serviço de prática, buscando melhoria no funcionamento do setor de alojamento conjunto e de internação de alto risco de gestantes da MDV. Os aspectos éticos constam na Resolução nº 510 de 07 de abril de 2016, sendo essa uma proposta de ação a partir das necessidades e seus determinantes identificados pelos residentes de enfermagem, sob orientação de preceptores (Brasil, 2016).

O estudo foi desenvolvido na MDV, localizada no município de Joinville no estado de SC. A MDV é uma maternidade fundada em 1947, sendo referência no atendimento obstétrico e neonatologia humanizado no SUS, atendendo a região norte e nordeste de SC, sendo vinculado à Secretaria Estadual de Saúde de Santa Catarina (SES-SC). A maternidade atende as gestantes, puérperas e RN de baixo, médio e alto risco (Maternidade Darcy Vargas, 2023).

A primeira etapa do estudo consistiu em questionar aos enfermeiros assistenciais que atuam nos setores de internação e centro obstétrico da MDV através de um questionário de pesquisa no *Google Forms* com a pergunta “Quais orientações você considera importante no momento de alta hospitalar à mãe e ao bebê?”. Após o envio do questionário, foi realizada uma reunião de forma remota com os enfermeiros dos setores envolvidos, com o objetivo sensibilizar e envolver os profissionais quanto à proposta do projeto. A partir disso, a segunda etapa do estudo foi a construção de um material de apoio para a rotina de orientação para alta hospitalar por parte dos enfermeiros assistenciais e um check-list de conferência de documentação pela enfermagem.

3 RESULTADOS E DISCUSSÕES

A rotina implementada consiste em um documento com orientações ao binômio mãe e bebê com cuidados puerperais e com o recém-nascido que deve ser aplicado pelo enfermeiro assistencial durante a internação na unidade, como atribuição do técnico de enfermagem ficou a conferência da documentação necessária para que o binômio receba a alta hospitalar através de um check-list. As equipes foram organizadas e capacitadas a fim de sanar dúvidas, os



documentos possuem o título de “Orientações para alta hospitalar” e “Check-list de alta hospitalar” e foram integrados ao prontuário eletrônico utilizado na instituição.

O documento “Orientações para alta hospitalar” envolve cuidados e orientações com embasamento científico. Sendo dividido entre os tópicos: cuidados puerperais incluindo pós parto normal, pós cesárea, lóquios, relação sexual após o parto e atividade física após o parto, aleitamento materno, cuidados ao RN incluindo aspectos gerais e cuidados com higiene, puericultura, teste do pezinho, calendário vacinal da criança, cuidados com o coto umbilical, sinais de alerta e atendimento hospitalar de referência em situações de emergência, e planejamento familiar. O documento é aplicado à beira leito e entregue uma via a paciente e a outra consta em prontuário, sendo sugerido a divisão de atribuição aos enfermeiros assistenciais dos setores conforme escala de plantões.

O check-list de alta hospitalar é um documento em que o técnico de enfermagem realiza a impressão através do prontuário da paciente, registrado no documento de forma automática o nome da paciente, registro de atendimento, setor, quarto de internação e a data da impressão do documento que indica a data de alta. No documento constam tópicos em que o técnico de enfermagem deve conferir no momento da alta hospitalar do binômio e deve assinalar, sendo que os itens em não conformidade devem ser repassados ao enfermeiro e o mesmo deve buscar resolutividade junto a equipe multiprofissional antes da paciente sair da instituição.

A conferência consiste em: verificar a pulseira de identificação da puérpera e do recém-nascido, carteirinha da criança com identificação correspondente a pulseira de identificação, preenchimento dos testes de triagem neonatal, se a carteirinha da gestante foi entregue para a puérpera, se a mesma recebeu a receita médica, se foi entregue o atestado e se a paciente levou todos os pertences pessoais do leito. No final do check list, contém o aviso de saída, em que o profissional deve assinalar se a paciente está indo de alta, preencher o nome do enfermeiro assistencial do plantão, assinar o documento e solicitar que a paciente assine o documento, o profissional de enfermagem deve acompanhar a paciente até a saída e entregar na recepção juntamente com a pulseira de identificação da puérpera. Esse documento retorna ao prontuário da paciente e fica anexado no Serviço de Arquivo Médico e Estatística (SAME).

A construção deste relato é de extrema importância para as residentes, pois possibilita descrever a importância do papel da enfermagem no alojamento conjunto e a assistência voltada ao binômio e suas necessidades, sendo um período de alterações fisiológicas e hormonais. Segundo Oliveira *et al.* (2022), o puerpério inicia-se logo após o parto, e classifica-se como imediato do 1º ao 10º dia, tardio do 10º ao 45º dia e remoto após o 45º dia. Considerando que no pós-parto imediato, a puérpera se encontra em ambiente hospitalar, é papel dos profissionais orientar esta mulher sobre os cuidados neste período. De acordo com Cheffer *et al.* (2021), os profissionais de saúde de modo geral, devem olhar para esta mulher de forma holística, tendo em vista que, neste momento, o enfoque maior fica na amamentação, deixando em segundo plano orientações importantes acerca das mudanças fisiológicas, e ações em educação em saúde.

Além disso, o puerpério é definido como um momento crítico e de transição na vida das mulheres, com início logo após o parto e possui duração variável (Cheffer *et al.*, 2021). Caracteriza-se por um momento de mudanças físicas, como a recuperação do corpo pós-parto, amamentação, alterações hormonais, emocionais e demais mudanças. Considerando todo o cuidado que o recém-nascido necessita, esta puérpera demanda de um cuidado especial, principalmente no ambiente hospitalar, para melhor adaptação desta fase acerca do binômio e puerpério. No puerpério as mulheres não estão doentes, no entanto, a possibilidade de intercorrências clínicas como anemias, hemorragias, infecções e morte materna, fazem com que o puerpério seja considerado um período de risco (Cheffer *et al.*, 2021).

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS



A experiência desenvolveu e implementou uma rotina que promove a educação em saúde e reforça a importância da atuação de enfermagem em uma maternidade. O enfermeiro no alojamento conjunto é essencial para assegurar a transição entre a maternidade e o domicílio do binômio mãe-bebê oferecendo suporte e estimulando o desenvolvimento de habilidades fundamentais à puérpera, promovendo o bem-estar do RN, contribuindo na construção do vínculo afetivo e garantindo a continuidade do cuidado fornecendo orientação sobre a contra referência de cuidado em saúde.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Saúde. **Diretrizes Nacionais De Assistência Ao Pós Parto**. 2017. Disponível em:

https://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/diretrizes_nacionais_assistencia_parto_normal.pdf. Acesso em: 21 ago 2023.

BRASIL. Ministério da Saúde. Gabinete do Ministro. **Portaria nº 2.068, de 21 de outubro de 2016**. Brasília, 2016. Disponível em:

https://bvsmms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/gm/2016/prt2068_21_10_2016.html. Acesso em: 07 jun 2023.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Resolução nº 510, de 07 de abril de 2016**. Brasília, 2016. Disponível em:

https://conselho.saude.gov.br/images/comissoes/conep/documentos/NORMAS-RESOLUCOES/Resoluo_n_510_-_2016_-_Cincias_Humanas_e_Sociais.pdf. Acesso em: 07 jun 2023.

CHEFFER, M. H. *et al.* Assistência de Enfermagem frente às mudanças biopsicossociais da mulher no puerpério: uma revisão da literatura. **Varia Scientia - Ciências da Saúde**, v. 6, n. 2, p. 157-164, 8 jan. 2021. Universidade Estadual do Oeste do Paraná - UNIOESTE.

Disponível em: <http://dx.doi.org/10.48075/vscs.v6i2.26526>. Acesso em: 08 jun 2023.

FURLAN, B. G. *et al.* Cuidados ao recém-nascido e orientações às puérperas no alojamento conjunto. **Research, Society and Development**, v. 10, n. 16, 2021. Disponível em:

<https://rsdjournal.org/index.php/rsd/article/view/24065/21216>. Acesso em: 07 jun 2023.

OLIVEIRA, A. J. G. *et al.* Cuidados de enfermagem no puerpério. **Research, Society And Development**, v. 11, n. 2, p. 2-14, 6 fev. 2022. Research, Society and Development.

Disponível em: <http://dx.doi.org/10.33448/rsd-v11i2.25816>. Acesso: 09 jun 2023.

MATERNIDADE DARCY VARGAS. Programa de Residência Multiprofissional em Saúde da Mulher e da Criança. **Manual do Residente**. Joinville, 2023. Acesso em: 21 jun 2023.



**SAÚDE DAS MULHERES ENCARCERADAS: DESAFIOS E IMPORTÂNCIA DOS
CUIDADOS DE ENFERMAGEM**

Vânia Ellen Bezerra Sousa¹; Francisco Gelzo da Silva Neto¹; Ellen Renale Martins Guedes¹; Larah Giovanna Nóbrega Clemente¹; Maria Clara Morais da Silva¹; Maria Emília Dantas Oliveira¹; Elza Carla Melo de Souza²

Graduando em enfermagem pela Universidade Federal de Campina Grande¹, Enfermeira pela Universidade de Campina Grande²

vaniaellen054@gmail.com

RESUMO

O presente estudo discute a situação das mulheres encarceradas no Brasil, enfatizando o papel vital da enfermagem nos cuidados de saúde dessa população vulnerável. Destacam-se as condições precárias no ambiente prisional, além de lacunas na implementação de políticas de saúde específicas. Deve-se analisar a eficácia e os obstáculos da assistência de enfermagem à saúde das mulheres privadas de liberdade. Trata-se de uma revisão integrativa da literatura, realizada por meio de consultas nas bases de dados SciELO, LILACS, BDENF-Enfermagem, em maio de 2024. Foram utilizados os seguintes descritores: “Assistência em Enfermagem”, “Saúde da Mulher” e “Prisões”, conectados pelo operador booleano *AND*. Selecionaram-se 31 artigos sobre a temática abordada; quando aplicados os critérios estabelecidos, restaram 9. As mulheres encarceradas enfrentam condições de má higiene, violência institucional, comprometimento da saúde mental e física, nutrição inadequada e falta de celas adequadas para necessidades gestacionais. É urgente uma abordagem mais humanizada nos cuidados, reconhecendo suas necessidades específicas. A enfermagem oferece suporte físico, emocional e psicológico crucial. Melhorias são necessárias para garantir direitos humanos e uma melhor qualidade de vida para essas mulheres

Palavras-chave: assistência de enfermagem; saúde da mulher; penitenciária.

1 INTRODUÇÃO

Segundo Moraes (2023, p. 2) “O Brasil contém a quarta maior população carcerária feminina do mundo, com 37,2 mil mulheres presas, o que corresponde a 4,9% da população prisional de todo o país, segundo o último levantamento do sistema de informações estatísticas do Sistema Penitenciário Brasileiro (Infopen) [...]”.

Sendo assim, o papel da enfermagem abrange o planejamento, organização, execução e avaliação dos cuidados aos pacientes. Em qualquer situação, o enfermeiro acolhe os pacientes, oferece orientações, presta cuidados e monitora sua saúde. Ademais, conduz ações educativas e de promoção da saúde para prevenir complicações, sempre respeitando os princípios éticos e legais da profissão (Souza; Cabral, 2018).

O cuidado de saúde no ambiente prisional precisa ser planejado para atender às necessidades dos indivíduos privados de liberdade (IPLs). De acordo com a Organização das Nações Unidas (ONU), a população carcerária apresenta alta prevalência de doenças infecciosas, como gripe, tuberculose, HIV/AIDS, e doenças sexualmente transmissíveis, além de problemas não transmissíveis como transtornos mentais e violência. Nesse contexto, a enfermagem desempenha um papel essencial, oferecendo assistência humanizada, escuta qualificada, orientação, cuidado e acompanhamento da saúde, além de promover ações educativas e preventivas, especialmente para mulheres encarceradas (Barbosa *et al.*, 2019).



A melhoria dos serviços de saúde para mulheres encarceradas é urgente. Em 2014, a Política Nacional de Atenção à Saúde das Mulheres em Situação Prisional e Egressas (PNASMPEP) foi criada para ampliar cuidados e prevenir violência, com diretrizes adaptadas às necessidades específicas dessas mulheres. No entanto, a implementação enfrenta desafios como superlotação, instalações inadequadas e acesso precário a serviços de saúde, incluindo a falta de medicamentos e cuidados ginecológicos (Silva; Morais, 2021; Araújo *et al.*, 2020).

Mediante isso, pode-se afirmar que para a realização de um cuidado integral, a equipe de enfermagem deve dominar o conhecimento teórico-prático, tendo como objetivo analisar a disponibilidade de acesso das mulheres encarceradas aos serviços de saúde pública, garantindo uma atenção integral e de qualidade, por meio da utilização efetiva dos recursos disponíveis dentro das diretrizes do Sistema Único de Saúde (SUS). Isso deve ser feito levando em consideração as condições de vulnerabilidade em que essas mulheres se encontram.

2 METODOLOGIA

Consiste em uma revisão narrativa integrativa de literatura, a partir da realização de seis etapas: identificação, identificação do tema e seleção da questão de pesquisa; estabelecimento dos descritores de assuntos; busca dos artigos nas bases de dados; análise dos critérios de inclusão e exclusão; avaliação dos estudos incluídos; interpretação dos resultados e apresentação da revisão. Para busca dos artigos utilizou-se os termos identificados nos Descritores em Ciência da Saúde (DeCS): “Assistência de enfermagem”, “Saúde da mulher” e “Prisões”. O Levantamento bibliográfico foi realizado no período de 22 a 25 de maio de 2024. Foi realizada uma busca nas bases de dados: Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciências da Saúde (LILACS), Base de Dados de Enfermagem (BDENF-Enfermagem) e Scientific Electronic Library Online (SciELO). Como critérios de elegibilidade, considerou-se artigos originais, disponíveis na íntegra, que respondessem ao objetivo do estudo, no idioma português. Ademais, foram excluídos os que não contemplaram o tema desta pesquisa e textos incompletos. Para análise da literatura, considerou-se 31 publicações, quando aplicado os critérios de inclusão restaram 14 estudos, por fim, selecionou-se 9, na qual essas contemplavam a temática da pesquisa.

3 RESULTADOS E DISCUSSÕES

A assistência de enfermagem no sistema prisional para mulheres é fundamental e abrangente, considerando as necessidades médicas, psicossociais e reprodutivas únicas dessas detentas. Ademais, os enfermeiros têm uma função essencial no acesso equitativo aos cuidados de saúde, garantindo triagem, exames preventivos e tratamento oportuno de condições médicas. Esses profissionais de saúde não apenas fornecem cuidados imediatos, mas também desempenham um papel importante na educação em saúde, ajudando as detentas a entenderem melhor suas condições e tratamentos (Oliveira *et al.*, 2020).

Diante da situação referente a população carcerária feminina, onde vem enfrentando desafios significativos que afetam profundamente sua saúde e bem-estar. A superlotação, as condições insalubres e o acesso limitado a serviços de saúde adequados nas prisões agravam a situação das mulheres encarceradas, tornando-as mais vulneráveis a uma variedade de problemas de saúde. Visto que, doenças infecciosas, oportunistas e crônicas se propagam facilmente devido ao contato próximo e à falta de ventilação adequada, umidade, alimentação precária, enquanto problemas de saúde mental, como depressão e ansiedade, são exacerbados pelo ambiente adverso e pelo trauma vivido. Além disso, a saúde reprodutiva dessas mulheres é comprometida pela falta de cuidados ginecológicos e serviços de saúde materna apropriados (Schultz *et al.*, 2020).



Equitativamente, os enfermeiros realizam triagem, exames preventivos e tratamento oportuno, garantindo o acesso aos cuidados de saúde. A educação em saúde é essencial para a prevenção de doenças, incluindo DSTs e HIV, enfocando a higiene pessoal, a nutrição adequada e o uso seguro de medicamentos, além do correto uso de preservativos. A priorização da saúde mental é evidente, com enfermeiros oferecendo apoio emocional, triagem e encaminhamento para tratamento especializado quando necessário (Menezes *et al.*, 2024).

Devendo, assim cumprir os fundamentos primordiais do Sistema Único de Saúde (SUS) para assegurar assistência médica à população carcerária, na qual os Ministérios da Saúde e da Justiça estabeleceram o Plano Nacional de Saúde no Sistema Penitenciário pela Portaria Interministerial nº 1777, de 09 de setembro de 2003. Esse plano visa implementar ações e serviços de saúde para garantir o cuidado abrangente à população carcerária. No contexto das mulheres privadas de liberdade, é essencial adaptar essas ações às suas necessidades específicas, garantindo uma abordagem humanizada e sensível às questões de gênero (Conceição *et al.*, 2023).

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo evidenciou, que as políticas como o Plano Nacional de Saúde no Sistema Penitenciário (PNSSP) e a Política Nacional de Atenção às Mulheres Privadas de Liberdade (PNAMPE) representam passos significativos na promoção dos cuidados de saúde adequados para essa população vulnerável. No entanto, apesar dos esforços dessas políticas de saúde, é evidente que existem lacunas na implementação efetiva das mesmas, resultando em condições precárias de saúde e acesso inadequado aos serviços de saúde para as mulheres encarceradas.

Portanto, urge uma abordagem mais holística e humanizada na prestação de serviços de saúde para as mulheres em situação de prisão, que reconheça suas necessidades específicas e assegure o apoio necessário para alcançar e manter uma saúde ótima, independentemente do seu status legal. É essencial que medidas sejam tomadas para melhorar as condições de saúde dessas mulheres encarceradas, promovendo uma melhor qualidade de vida e garantindo a efetividade dos direitos humanos de todas as mulheres privadas de liberdade.

Nesse contexto, a equipe de saúde desempenha um papel essencial na prestação de cuidados adequados, oferecendo suporte físico, emocional e psicológico em um ambiente muitas vezes hostil. Para isso, é essencial que os profissionais de enfermagem recebam o apoio e a capacitação necessários para lidar com as complexidades dessas mulheres e garantir a entrega de cuidados sensíveis, levando em consideração as particularidades de gênero. A colaboração entre as instituições de saúde, as autoridades penitenciárias e as organizações da sociedade civil é fundamental para implementar efetivamente políticas e programas que atendam às necessidades de saúde das mulheres encarceradas e garantam seu bem-estar geral.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, M. M. DE *et al.* Assistência à saúde de mulheres encarceradas: análise com base na Teoria das Necessidades Humanas Básicas. **Escola Anna Nery**, Londrina, v. 24, n. 3, 2020. Disponível em:
<<https://www.scielo.br/j/ean/a/QHkfskQfG88yTr3yWBPfcMs/?format=pdf&lang=en>>.
Acesso em: 25 maio 2024.

BARBOSA, M. L. *et al.* Nursing actions for liberty deprived people: a scoping review. **Escola Anna Nery**, [s.l.] v. 23, n. 3, p. 1-9, 2019. Disponível em:
<<https://www.scielo.br/j/ean/a/8W3787SLwcbBmmyTtYDzLNq/?format=pdf&lang=pt>>.



Acesso em: 22 maio 2024.

CONCEIÇÃO, F.H *et al.* Assistência de enfermagem às mulheres privadas de liberdade.

Revista Eletrônica Acervo Saúde, Minas Gerais, v. 23, n. 12, p.1-12, 2023. Disponível em:
<<https://acervomais.com.br/index.php/saude/article/view/14275/8130>>. Acesso em: 25 maio 2024.

MENEZES, R.P. et al. Atenção à saúde da mulher em unidade prisional. In: Encontro Internacional de jovens investigadores. **Anais III JOIN/Edição Brasil**. Campina Grande. Realize Editora, 2017, p. 1-12. Disponível em:

<<https://editorarealize.com.br/artigo/visualizar/49583>>. Acesso em: 22 maio 2024.

MORAES, L. F. *et al.* Maternity in prison: influence on physical and emotional health.

Revista Brasileira de Saúde Materno Infantil, Recife, v. 23, p. 1-9, 2023. Disponível em:
<<https://www.scielo.br/j/rbsmi/a/ftxD6FkbyjHgbTNLYGfftJt/abstract/?lang=pt#>>.

Acesso em: 25 maio 2024.

OLIVEIRA J. L. T. *et al.* Vulnerabilidade de mulheres às infecções sexualmente transmissíveis e câncer de colo uterino em uma unidade prisional. **Revista APS [s.l]** v. 23, n. 4, p. 1-7, 2020. Disponível em: <<https://periodicos.ufjf.br/index.php/aps/article/view/16424>> . Acesso em: 25 maio 2024.

SCHULTZ, Á. L. V. *et al.* Limites e desafios para o acesso das mulheres privadas de liberdade e egressas do sistema prisional nas Redes de Atenção à Saúde. **Physis: Revista de Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 30, n. 3, p. 1-19, 2020. Disponível em:

<<https://www.scielo.br/j/physis/a/9ZG5kXknWnwXNJFkyTmBV9m/>>. Acesso em: 25 maio 2024.

SILVA, L. DA S.; MORAIS, M. M. A. DE; SILVA, A. D. M. Assistência de enfermagem à saúde de mulheres privadas de liberdade. **Revista Científica Multidisciplinar [s.l]** v. 2, n. 10, p. 5-16, 2021. Disponível em:

<<https://recima21.com.br/index.php/recima21/article/view/882/734>>. Acesso em: 22 maio 2024.

SOUZA, G. C.; CABRAL, K. D. S.; LEITE-SALGUEIRO, C. D. B. Reflexões sobre a assistência em enfermagem à mulher encarcerada: um estudo de revisão integrativa. **Arq. ciências saúde UNIPAR**, [s.l] v. 22, n. 1, p. 55–62, 2018. Disponível em:

<<https://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/biblio-883543>>. Acesso em: 22 maio 2024.

O IMPACTO DA ASSISTÊNCIA DE ENFERMAGEM EM MULHERES COM CÂNCER DE COLO DE ÚTERO

Gustavo Teixeira de Araújo Costa¹; Esteffany Vaz Pierot²

Graduando em enfermagem pela Universidade Federal do Piauí¹, Mestre em Enfermagem
pela Universidade Federal do Piauí²

gustavoteixeira@ufpi.edu.br

RESUMO

Objetivos: Avaliar a importância do profissional enfermeiro referente à prevenção do câncer de colo de útero. **Metodologia:** Trata-se de uma revisão integrativa da literatura realizada a partir do levantamento bibliográfico da literatura dos últimos 10 anos. Como critérios de inclusão foram utilizados os Descritores em Ciências da Saúde (DECs): “Cuidados de Enfermagem”, “Saúde da Mulher” e “Neoplasias de Colo de Útero”. Como critérios de exclusão estudos duplicados, debates, resenhas, editoriais, resumos ou artigos publicados em anais de eventos e não fossem pertinentes ao objetivo do presente estudo. **Resultados e Discussão:** Nota-se alguns impeditivos quanto a realização do exame citopatológico, principal forma de prevenção, por parte das mulheres aptas, como a falta de conhecimento sobre a finalidade e o constrangimento em realizá-lo. **Considerações finais:** Reitera-se a importância do enfermeiro no combate ao câncer de colo de útero, e afirma a necessidade da conscientização e encorajamento das mulheres sobre a temática.

Palavras-chave: cuidados de enfermagem; saúde da mulher; neoplasias de colo de útero.

1 INTRODUÇÃO

O colo do útero é uma região localizada no final do canal vaginal composta por dois principais tipos de células, um formado por células escamosas estratificadas, denominada ectocérvice, e por células do tipo colunar simples secretora de muco, denominado endocérvice (Brasil, 2022).

O câncer de colo de útero (CCU) é um problema de saúde pública que atinge um grande número de mulheres em idade fértil e que possuam vida sexual ativa (Brasil, 2022). Tal patologia é promovida pela infecção do Papilomavirus Humano (HPV), mais especificamente dos tipos 16 e 18, decorrente de relação sexual sem uso de preservativo (Brasil, 2022). Consoante a isso, a mulher acometida pelo câncer de colo de útero apresenta lesões que podem regredir espontaneamente ou evoluir para lesões malignas, deixando o colo dolorido e friável, ou seja, suscetível ao sangramento a partir do toque.

Todo o território nacional possui, por meio da Atenção Básica, uma cobertura de saúde que permite o rastreamento desse câncer para mulheres de 25 a 64 anos que já possuem atividade sexual, do exame citopatológico (Brasil, 2016). Esse exame consiste no uso do espéculo para inserir no canal vaginal, possibilitando a visualização do colo de útero e a consequente retirada de amostra da ectocérvice e da endocérvice, por meio da espátula de Ayres e pela escova cervical, respectivamente, para avaliação em lâmina microscópica. A análise das células, o rastreamento permite a suspeita e direcionamento pelo profissional da saúde para o serviço especializado e às devidas orientações.

O profissional enfermeiro, responsável pela consulta de enfermagem, necessita de conhecimento teórico e prático para, a partir das queixas da mulher, realizar o exame escapular,



saber interpretá-lo e promover o direcionamento adequado. Logo, tal profissional de enfermagem é fundamental para a prestação de serviço de saúde de qualidade.

2 METODOLOGIA

Trata-se de uma revisão integrativa da literatura, visto que proporciona uma ampla abordagem com rigor metodológico que contempla a literatura teórica e empírica, possibilitando gerar um panorama consistente que abrange um vasto leque de conceitos, teorias e problemas relevantes (Souza; Silva; Carvalho, 2010).

A busca foi realizada na Base de Dados de Enfermagem (BDENF) via Biblioteca Virtual em Saúde (BVS). A consulta no acervo contou com o uso dos Descritores em Ciências da Saúde (DECs): “Cuidados de Enfermagem”, “Saúde da Mulher” e “Neoplasias de Colo de Útero” cruzados com o operador booleano “AND”.

Foram definidos como critérios de exclusão: estudos duplicados, debates, resenhas, editoriais, resumos ou artigos publicados em anais de eventos e não fossem pertinentes ao objetivo do presente estudo. E como critério de inclusão: artigos publicados entre 2014 e 2024.

No total, foram encontradas 138 produções, e a partir dessas, foram selecionados 5 artigos na amostra final. Para seleção dos estudos, foi realizada a leitura do título e resumo dos mesmos, julgando com base nos critérios de elegibilidade supracitados. Em seguida, realizou-se a leitura criteriosa dos estudos selecionados para a coleta de dados.

3 RESULTADOS E DISCUSSÕES

A partir da leitura dos artigos, percebe-se a relevância do trabalho assistencial prestado pela enfermagem no que tange na consulta com escuta ativa e na realização de procedimentos e exames, como o exame citopatológico, também chamado de exame Papanicolaou.

A realização do citopatológico pode causar constrangimento, principalmente quando o enfermeiro é do sexo masculino, aspecto que pode postergar a busca por parte da população feminina (Rafael; Moura, 2017). Por conseguinte, é necessário a participação de uma técnica de enfermagem ou de um acompanhante durante a realização do procedimento para gerar mais conforto a paciente e garantir o resguardo profissional.

A falta de conhecimento sobre o câncer de colo de útero por parte da comunidade feminina pode gerar um bloqueio para a devida efetivação da cobertura de rastreamento pela Atenção Básica, além de impedir a detecção precoce do câncer de colo de útero, que é o principal intuito do exame (Do Nascimento; Araújo, 2014). Tal fator influencia diretamente no prognóstico da doença e na qualidade de vida da mulher, uma vez que, o tratamento nos estágios iniciais da neoplasia cervical garante melhores resultados a longo prazo (Silva *et al.*, 2018). Em um estudo realizado na cidade de Caxias, no estado do Maranhão, constatou-se que de um universo de 320 mulheres, 28 mulheres aptas para o exame afirmaram que nunca realizaram (Silva *et al.*, 2021). Aspecto que demonstra como a cobertura.

A atuação do enfermeiro em parceria com o Agente Comunitário em Saúde, por meio da busca ativa, é uma importante ferramenta na assistência de saúde, pois permite que a comunidade seja assistida e que mulheres que nunca realizaram ou que já passaram do prazo para realização de um novo exame possam ser atendidas. Temática crucial na continuidade do cuidado voltada para saúde da mulher.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Reitera-se a relevância do papel do profissional enfermeiro no rastreamento ativo do câncer de colo de útero, como profissional que realiza o exame e que promove a consulta inicial com

a mulher.

Ademais, a Atenção Básica, por meio da equipe de saúde, formado por enfermeiros, médicos, técnicos e auxiliares de enfermagem, atuante na UBS, deve promover rodas de conscientização para encorajar e educar em saúde as mulheres aptas para realizá-lo.

REFERÊNCIAS

DO NASCIMENTO, R. G.; ARAÚJO, A. Falta de periodicidade na realização do exame citopatológico do colo uterino: motivações das mulheres. **REME-Revista Mineira de Enfermagem**, v. 18, n. 3, 2014.

NOGUEIRA, I. S. *et al.* Atuação do enfermeiro na atenção primária à saúde na temática do câncer: do real ao ideal. **Revista de Pesquisa: Cuidado é Fundamental**, p. 725-731, 2019.

Protocolo Clínico e Diretrizes Terapêuticas para Atenção Integral às Pessoas com Infecções Sexualmente Transmissíveis – IST [recurso eletrônico] / Ministério da Saúde, Secretaria de Vigilância em Saúde, Departamento de Doenças de Condições Crônicas e Infecções Sexualmente Transmissíveis. – Brasília: Ministério da Saúde, 2022.

RAFAEL, R.; MOURA, A. Health Belief Model and cervical cancer screening: assessing vulnerabilities. **Rev Enferm UERJ**, v. 25, p. e26436, 2017.

SILVA, L. A. *et al.* Conhecimento e prática de mulheres atendidas na atenção primária à saúde sobre o exame papanicolaou. **Rev. Pesqui. (Univ. Fed. Estado Rio J., Online)**, p. 1013-1019, 2021.

SILVA, R. C. G. *et al.* Profile of women with cervical cancer attended for treatment in oncology center. **Revista Brasileira de Saúde Materno Infantil**, v. 18, p. 695-702, 2018.

SOUZA, M. T.; SILVA, M. D.; CARVALHO, R. Revisão integrativa: o que é e como fazer. **Einstein (São Paulo)**, v. 8, p. 102-106, 2010.



ESTRATÉGIAS DE SUPORTE FAMILIAR NA ABORDAGEM DO TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA: O PAPEL DA ENFERMAGEM

Mariana Ingrid da Conceição Almeida Silva¹; Roberta Luise de Santana Silva²; Maria Beatriz da Silva Lima³; Maria Thais Soares dos Santos⁴; Bianca Silva Moreira⁵; Sabrina Gomes de Oliveira⁶; Mikael Lima de Sousa⁷; Paulyne Souza Silva Guimarães⁸.

Graduanda em Enfermagem pela Universidade Estadual do Maranhão¹, Graduada em Serviço Social pela Universidade Federal do Recôncavo da Bahia², Graduanda em Enfermagem pela Universidade Pitágoras Unopar Anhanguera³, Graduanda em Odontologia pelo Centro Universitário Mauricio de Nassau⁴, Graduanda em Enfermagem pela Universidade Regional do Cariri^{5,6,7}, Mestre em Ensino da Saúde pela Universidade Federal de Alagoas⁸.

almeida12marianaway@gmail.com

RESUMO

O Transtorno do Espectro Autista (TEA) é um transtorno do neurodesenvolvimento que afeta a comunicação social e provoca comportamentos repetitivos, impactando tanto os indivíduos diagnosticados quanto suas famílias. Este estudo busca entender as vivências familiares no diagnóstico do TEA para a prática da enfermagem. Uma revisão integrativa analisou 10 artigos das bases de dados PUBMED, LILACS e BVS, publicados entre 2019 e 2023, com a pergunta norteadora: Como a enfermagem pode melhorar o suporte emocional e educacional às famílias durante o diagnóstico e gestão do TEA? A literatura revela que as famílias enfrentam choque, negação e culpa ao receber o diagnóstico, sentimentos agravados pela comunicação inadequada e falta de empatia dos profissionais de saúde. É crucial a formação dos enfermeiros, incluindo treinamentos específicos sobre TEA nos currículos acadêmicos. A simulação clínica mostrou-se eficaz para desenvolver habilidades necessárias no atendimento a pacientes com TEA. Programas de intervenção devem focar nas necessidades específicas das famílias, oferecendo suporte emocional e informações claras. Além disso, são essenciais políticas de saúde que promovam triagem precoce e intervenções rápidas. Materiais educativos, como cartilhas informativas, ajudam na disseminação de conhecimento e apoio contínuo às famílias. Futuros estudos devem integrar cuidados primários e suporte especializado para um atendimento mais humanizado e eficaz.

Palavras-chave: transtorno do espectro autista; enfermagem; implicações familiares.

1 INTRODUÇÃO

O Transtorno do Espectro Autista (TEA) é uma condição complexa do neurodesenvolvimento, definida por déficits na comunicação social, interação social e padrões restritos e repetitivos de comportamento, interesses e atividades (Souza; Cardoso; Matos, 2023). O impacto do TEA transcende o indivíduo afetado, afetando diretamente suas famílias, que frequentemente enfrenta dificuldades significativas ao lidar com os desafios associados ao diagnóstico e manejo dessa condição (Bonfim *et al.*, 2020).

De acordo com Reis (2023) afirmam que o surgimento de uma criança com transtorno do espectro autista (TEA) evidencia a intrincada dinâmica das relações familiares, que são moldadas pelo cuidado e interação com essas crianças, além de frustrar expectativas previamente estabelecidas. A acessibilidade aos serviços de assistência em saúde e o apoio disponível às famílias durante esse processo também são frequentemente limitados (Bonfim *et*



al., 2020).

Inclusive segundo Bonfim *et al.* (2020) após diagnóstico, as famílias enfrentam a necessidade de adaptação a uma nova realidade, que muitas vezes inclui uma reorganização significativa da dinâmica familiar e das relações sociais. A busca por serviços especializados e terapias de estimulação precoce é crucial para o desenvolvimento da criança com TEA, embora a disponibilidade desses recursos varie significativamente (Souza; Cardoso; Matos, 2023).

Nesse contexto, Appah *et al.* (2024) reforça como a enfermagem desempenha um papel crucial na promoção do bem-estar e na oferta de suporte às famílias de crianças com TEA. Através de intervenções educativas, orientação sobre o diagnóstico e suporte emocional, os enfermeiros podem auxiliar as famílias na adaptação a essa nova realidade e na navegação pelos desafios associados ao TEA (Souza; Cardoso; Matos, 2023).

Assim, o objetivo deste estudo é identificar as vivências das famílias no processo de descoberta e manejo do Transtorno do Espectro Autista (TEA) na prática da enfermagem. Por meio de uma revisão integrativa da literatura, busca-se oferecer insights para o desenvolvimento de estratégias de apoio mais eficazes para famílias com crianças com TEA.

2 METODOLOGIA

Trata-se de uma revisão integrativa da literatura que buscou responder à seguinte questão norteadora: Como a enfermagem pode melhorar o suporte emocional e educacional às famílias durante o diagnóstico e gestão do TEA? Este estudo foi conduzido seguindo as etapas: escolha de tema, construção da pergunta norteadora, critérios de inclusão e exclusão, busca na base de dados, análise dos dados coletados e interpretação e discussão dos dados. Utilizamos as bases de dados MEDLINE, LILACS e BDEF, por meio dos descritores "Transtorno do Espectro Autista", "família" e "enfermagem", com os combinados booleanos AND, entre o período 2019 a 2023, esse intervalo permite uma análise abrangente das práticas atuais e emergentes na área, garantindo identificar tendências e mudanças significativas na abordagem do TEA.

Os critérios de inclusão foram trabalhos em formato de artigo completo disponível, com texto nos idiomas português, inglês e espanhol, e que cujo o tema respondeu à questão norteadora. Dados irrelevantes foram excluídos. Critérios de exclusão artigos incompletos, duplicados, pagos, inconsistentes metodologicamente, cartas ao editor e sem relação com a temática ou com o objetivo do estudo. Foram encontrados 70 artigos, dos quais após análise dos critérios de inclusão e exclusão foram excluídos 50 artigos, dos quais 20 estudos foram analisados, que após leitura mais criteriosa, visto que fugiam da linha de raciocínio da pesquisa, sendo por fim utilizados para compor o artigo 10 estudos.

3 RESULTADOS E DISCUSSÕES

A síntese das principais vivências relatadas pelas famílias durante o processo de descoberta do TEA revela uma gama complexa de sentimentos, incluindo choque, negação, culpa, estresse e incerteza em relação ao futuro da criança. Muitos pais relatam um profundo impacto emocional ao receber o diagnóstico, frequentemente associado a um sentimento inicial de descrença e negação (Mota *et al.*, 2022). Esses sentimentos são acompanhados de culpa, onde os cuidadores se questionam se poderiam ter percebido os sinais mais cedo, e estresse devido à incerteza sobre o futuro e os desafios diários na criação de uma criança com TEA (Bulhões *et al.*, 2023).

Segundo Bonfim *et al.* (2020) Essas emoções iniciais indicam a dificuldade em aceitar o diagnóstico, corroborada pelos relatos de mães sobre a percepção e aceitação dos sinais atípicos das crianças. Os desafios variam conforme os estágios do diagnóstico. Desde a suspeita



inicial até a aceitação e busca por suporte, as famílias enfrentam obstáculos significativos. Observação criteriosa dos primeiros sinais pelos cuidadores é essencial, pois são os primeiros a notar comportamentos atípicos. No entanto, a falta de conhecimento sobre o TEA pode retardar a busca por ajuda profissional, o que retarda intervenções essenciais para o desenvolvimento da criança (Mota *et al.*, 2022). Após o diagnóstico, a busca por recursos adequados e suporte emocional é frequentemente dificultada pela inexperiência e falta de formação adequada dos profissionais de saúde, incluindo enfermeiros (Calisto-Moreira *et al.*, 2022).

Mota *et al.* (2022) Enfatiza-se a importância da enfermagem familiar em oferecer cuidados holísticos, apoio emocional e educação, com abordagem acolhedora e ética. Enfermeiros bem treinados são essenciais para identificar precocemente sinais de TEA e encaminhar para avaliações diagnósticas (Hamp *et al.*, 2023). Contudo, estudos apontam falhas significativas na formação dos enfermeiros, resultando em assistência ineficaz e na ausência de estratégias adequadas para lidar com o comportamento e as necessidades individuais das crianças com TEA. (Díaz-Agea *et al.*, 2022).

As vivências das mães de crianças com TEA destacam a vitalidade do diagnóstico precoce para o desenvolvimento e integração social. A empatia, confiança e expertise dos enfermeiros são cruciais para oportuno diagnóstico e cuidados abrangentes. (Calisto-Moreira *et al.*, 2022). Contudo, a falta de preparo e a inabilidade de muitos profissionais em estabelecer uma comunicação eficaz e desenvolver um vínculo terapêutico são desafios frequentes, sublinhando a necessidade de maior educação e treinamento especializado (Calisto-Moreira *et al.*, 2022).

A integração entre os setores de saúde e educação também é crucial para o reconhecimento precoce dos sinais de TEA e para o desenvolvimento de estratégias de apoio mais eficazes. O ambiente escolar, quando bem preparado, pode desempenhar um papel significativo no suporte às crianças e suas famílias, reduzindo sentimentos de isolamento e discriminação (Bonfim *et al.*, 2020).

A criação de materiais educativos, como cartilhas informativas, apoia o entendimento e manejo do TEA, fornecendo informações essenciais sobre o transtorno, direitos e recursos. Isso ajuda a reduzir o estresse das famílias (Weissheimer *et al.*, 2023). Estratégias de comunicação adequadas e táticas focadas em criar vínculos com a criança e cuidadores são essenciais para um cuidado eficaz (Calisto-Moreira *et al.*, 2022).

Compreender as vivências familiares na descoberta do TEA e suas implicações para a enfermagem é crucial para desenvolver estratégias de apoio eficazes. Suporte emocional, educação contínua e capacitação dos profissionais de saúde são fundamentais para melhorar o atendimento às crianças com TEA e suas famílias. Políticas públicas e abordagens multidisciplinares são necessárias para garantir diagnóstico precoce e intervenções adequadas, melhorando prognóstico e qualidade de vida, reduzindo a estigmatização e promovendo o desenvolvimento socioemocional das crianças com TEA. (Calisto-Moreira *et al.*, 2022).

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente revisão permitiu observar as implicações dos resultados desta revisão integrativa para a prática da enfermagem familiar são profundas. Primeiramente, há uma necessidade urgente de aprimorar a formação e capacitação dos profissionais de enfermagem, incluindo treinamentos específicos sobre Transtorno do Espectro Autista (TEA) nos currículos acadêmicos, como evidenciado pelo estudo sobre estudantes de enfermagem. A simulação clínica mostrou-se eficaz no desenvolvimento das habilidades necessárias ao atendimento adequado de pacientes com TEA. Além disso, a prática de enfermagem deve incorporar sensibilidade cultural e comunicação eficaz, visto que a falta de empatia pode agravar o estresse



familiar e retardar intervenções essenciais. Programas de intervenção devem ser centrados nas necessidades específicas dessas famílias, oferecendo suporte emocional e informações claras sobre o manejo do TEA. Políticas de saúde que promovam a triagem precoce e intervenções rápidas são fundamentais, assim como a criação de materiais educativos, como cartilhas informativas. Futuras pesquisas devem investigar a integração dos cuidados primários com o suporte especializado, promovendo um ambiente inclusivo e acolhedor para crianças com TEA.

REFERÊNCIAS

APPAH, J. *et al.* Uma investigação qualitativa sobre os papéis desafiadores dos cuidadores que cuidam de crianças com transtornos do espectro do autismo em Gana. **Journal of Pediatric Nursing**, v. 76, p. 23–29, 1 maio 2024.

BONFIM, T. DE A. *et al.* Vivências familiares na descoberta do Transtorno do Espectro Autista: implicações para a enfermagem familiar. **Revista Brasileira de Enfermagem**, v. 73, n. 6, 2020.

BULHÕES, T. *et al.* Maternidade atípica: narrativas de uma mãe com três filhos com Transtorno do Espectro Autista. **Revista de Pesquisa: Cuidado é Fundamental Online**, v. 15, p. 1–6, 2 set. 2023.

CALISTO-MOREIRA, C. *et al.* Percepções sobre o cuidado de enfermagem em mães de crianças com transtornos do espectro do autismo. **Index De Enfermería Digital**, p. 260–264, 7 dez. 2022.

DÍAZ-AGEA, J. L. *et al.* O que pode ser melhorado no aprendizado de cuidar de pessoas com autismo? Estudo qualitativo baseado em simulação clínica de enfermagem. **Educação de Enfermeiros na Prática**, v. 65, p. 103488, 1 nov. 2022.

HAMP, N. *et al.* Perspectivas dos pediatras da atenção primária sobre o cuidado do autismo. **Pediatrics**, v. 151, n. 1, 23 dez. 2022.

MOTA, M. V. DA S. *et al.* Contribuições da enfermagem na assistência à criança com transtorno do espectro autista: uma revisão da literatura. **Rev. baiana saúde pública**, p. 314–326, 2022.

REIS, A. P. T. Vivências sobre o relacionamento conjugal em famílias neurodiversas. **Pesquisa.bvsalud.org**, p. 98–98, 2023.

SOUZA, K. O. DE; CARDOSO, K. T.; MATOS, A. H. C. O papel da enfermagem no cuidado com crianças do espectro autista. **Arq. Ciências Saúde UNIPAR**, p. 2391–2407, 2023.

WEISSHEIMER, G. *et al.* Elaboração de uma cartilha informativa para familiares e cuidadores de crianças com autismo. **Revista Baiana de Enfermagem**, v. 37, 2023.

O OLHAR DE ENFERMEIRAS RESIDENTES EM OBSTETRICIA EM UM CENTRO DE PARTO NORMAL EM PERNAMBUCO

Maria Andreza Marques da Silva¹.

Residente em Enfermagem obstétrica pela Secretária de Saúde do Recife¹

andreza14200@gmail.com

RESUMO

Introdução: O Programa Nacional de Residência em Enfermagem Obstétrica tem como objetivo incentivar instituições de educação superior a formarem profissionais para um cuidado humanizado, no intuito de contribuir na transformação e melhora do modelo de atenção à saúde da mulher. **Objetivo:** Descrever a vivência de Residentes em Enfermagem Obstétrica durante a sua atuação na sala de parto. **Metodologia:** Trata-se de um estudo descritivo, exploratório, com abordagem qualitativa por meio de um relato de experiência, realizado no período de março de 2023 a março de 2024, através das experiências de Enfermeiras residentes em obstetrícia da Secretária de saúde do Recife. O cenário do estudo é em uma maternidade de referência em gestação de baixo risco do Estado do Pernambuco. **Resultados e Discussão:** A atuação das residentes no cenário de prática de estudo destacou-se por promover uma assistência pautada na humanização, apoiando a parturiente a esclarecer suas dúvidas quanto ao trabalho de parto e a incentivando a buscar posições facilitadoras com base em suas necessidades. **Considerações finais:** O Programa de Residência em Enfermagem Obstétrica, enquanto estratégia para qualificação dos profissionais, proporciona a diminuição do número de intervenções obstétricas desnecessárias, refletindo diretamente na melhoria da saúde da mulher e recém-nascido.

Palavras-chave: parto humanizado; enfermeiras obstétricas; trabalho de parto.

1 INTRODUÇÃO

Historicamente, a assistência materno-infantil tem sido considerada prioritária para os gestores públicos, principalmente no que diz respeito aos cuidados durante a gestação, parto e puerpério. No entanto, o cenário atual da assistência obstétrica no Brasil apresenta um panorama epidemiológico de caráter preocupante, em razão do alto índice de mortalidade materna e perinatal, uso indiscriminado de intervenções e elevadas taxas de cesáreas (Santos *et al.*, 2024).

Nesse contexto, o Ministério da Saúde (MS) em 2012 lançou o Programa Nacional de Residência em Enfermagem Obstétrica, um programa com o objetivo de incentivar instituições de educação superior a formarem profissionais de enfermagem especialistas em obstetrícia. Esta estratégia busca promover a qualificação da assistência obstétrica, por meio da capacitação de enfermeiras para um cuidado humanizado, no intuito de contribuir na transformação e melhora do modelo de atenção à saúde da mulher (Santana *et al.*, 2019).

No Estado de Pernambuco, o Programa de Residência Uniprofissional em Enfermagem Obstétrica teve início em 2016, através da parceria entre o Ministério da Saúde e a Escola de Saúde Pública de Pernambuco. Com a premissa de Pós Graduar na modalidade lato sensu e qualificar em enfermeiros obstetras para atuar de forma humanizada no âmbito do ciclo gravídico-puerperal, de forma descentralizada e regionalizada (Silva, 2018).

Diante disso, a atuação das residentes em obstetrícia se direciona a contribuir na atenção



integral no pré-natal de baixo risco e alto risco, atuando também de modo holístico no cuidado a parturiente e ao recém-nascido na sala de parto, através do ensino prático-teórico que lhes proporciona competências e habilidades para acompanhar o processo fisiológico do nascimento, orientadas pelas boas práticas obstétricas (Silva *et al.*, 2020).

Nessa perspectiva, as enfermeiras obstetras possuem qualificação e competência para acompanhar o processo fisiológico do nascimento, contribuindo para a sua evolução natural, reconhecendo e corrigindo os desvios da normalidade, e encaminhando aquelas que demandem assistência especializada (Jardim *et al.*, 2021). Diante do exposto, este trabalho tem como objetivo descrever a vivência de Residentes em Enfermagem Obstétrica durante a sua atuação em uma sala de parto.

2 METODOLOGIA

Trata-se de um estudo descritivo, exploratório, com abordagem qualitativa por meio de um relato de experiência, cujo tipo de pesquisa se caracteriza como uma produção de conhecimento acerca da vivência acadêmica e/ou profissional em um dos pilares da formação universitária (ensino, pesquisa e extensão), cuja característica principal é a descrição de experiência, o que contribui para o meio acadêmico e a sociedade, por possibilitar embasamento teórico e subsídio para elaborar possíveis intervenções (Castro *et al.*, 2022).

Este relato foi realizado no período de março de 2023 a março de 2024, através das experiências de Enfermeiras residentes em obstetrícia da Secretária de saúde do Recife. O cenário do estudo é em uma maternidade de referência em gestação de baixo risco do Estado do Pernambuco, localizada no município de Recife, onde oferta um atendimento para a assistência obstétrica e neonatal.

Nesse ambiente de prática o residente perpassa por diversos cenários, no qual o mesmo é responsável pela paciente desde a admissão no centro de Parto Normal (CPN) até a sua transferência para as unidades de internação, como também atua durante o processo de trabalho de parto, puerpério e cuidados com o recém-nascido, sob a orientação de um enfermeiro obstetra plantonista.

3 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Até o século XIX, a vivência do parto pertencia ao universo feminino e era um momento privado da mulher que paria com o apoio de outras mulheres. Dessa forma, existia uma cultura de solidariedade feminina extremamente associada ao processo de nascer, proporcionando às um ambiente de apoio e compreensão, que ocorria em grande parte no conforto do seu lar.

No entanto, com a transição do parto normal domiciliar para o hospital, o controle do ator de nascer passou para os profissionais de saúde, que não promoviam autonomia a parturiente sobre suas preferências, necessidades ou sentimento em relação ao parto, culminando com o processo de despersonalização da mulher na parturição.

Assim, a atuação das enfermeiras residentes em obstetrícia foi introduzida nesse contexto com o intuito de possibilitar o protagonismo da mulher em relação ao seu corpo e a forma de nascimento. Dessa maneira, a atuação das residentes no cenário de prática de estudo destacou-se por promover uma assistência pautada na humanização, apoiando a parturiente a esclarecer suas dúvidas quanto ao trabalho de parto e a incentivando a buscar posições facilitadoras com base em suas necessidades (Silva *et al.*, 2020).

Para mais, durante a admissão da gestante na triagem obstétrica era informado sobre os seus direitos previsto em lei e estimulado a presença de um acompanhante, em conformidade como Lei Federal nº 11.108/2005, mais conhecida como lei do acompanhante, que determina



que os serviços de saúde possuem obrigação de permitir que as mesmas tenham direito a acompanhante de livre escolha durante o trabalho de parto, parto e pós-parto imediato.

Sendo assim, o estímulo da enfermagem pela presença de um acompanhante se baseia na perspectiva que, de acordo com Nogueira, Araújo e Correia (2020), contribui para segurança e tranquilidade das parturientes, bem como reduz o tempo de trabalho de parto, número de cirurgias cesarianas, analgesia epidural, medicações intraparto e menos escores de Apgar abaixo de sete.

No que se refere ao uso de métodos farmacológicos de alívio da dor, foram utilizadas pelas residentes o banho de aspersão, visto que promove relaxamento e controle dos níveis de estresse, diminuindo a sensação de queixas algícas. Corroborando com esses dados, em uma análise de parâmetros neuroendócrinos, sua utilização no trabalho de parto diminui a liberação de cortisol e β -endorfinas, assim como aumenta a secreção de noradrenalina, fatores intimamente ligados ao alívio do estresse e de condições estressoras (Mascarenhas et., 2019).

Nesse estudo, em relação ao uso das boas práticas e intervenções no trabalho de parto, os partos assistidos pelos enfermeiros residentes em obstetrícia permitiram a secção e o complemento oportuno do cordão de acordo com as evidências científicas. Concomitante, era realizado contato pele a pele e estímulo a amamentação na primeira hora de vida.

Essas práticas de cuidado com o Recém-nascido também visam à redução do número de procedimentos dirigidos a ele, a fim de proporcionar maior interação entre mãe e bebê sobretudo na primeira hora de vida, favorecendo assim, na criação de um vínculo e permitindo maior tranquilidade a mulher com ele em seu colo.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O Programa de Residência em Enfermagem Obstétrica, enquanto estratégia para qualificação dos profissionais, proporciona a diminuição do número de intervenções obstétricas desnecessárias, refletindo diretamente na melhoria da saúde da mulher e recém-nascido. Nesse sentido, este estudo evidenciou-se sobre a importância da enfermeira obstetra em conjunto com o residente como ponto importante no processo de humanização, autonomia e protagonismo da mulher no parto, associando-se diretamente ao aumento dos índices de partos normais, a maior utilização de boas práticas na assistência ao parto e a redução de violência obstétrica.

REFERÊNCIAS

AYRES, Lilian Fernandes Arial et al. Fatores associados ao contato pele a pele imediato em uma maternidade. Escola Anna Nery, [S.L.], v. 25, n. 2, p. 1-8, 2021. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/2177-9465-ean-2020-0116>.

CASTRO, Alice Dayenne Moraes et al. Residência em enfermagem obstétrica no cuidado a mulher no processo de parto e nascimento em tempos de covid- 19: um relato de experiência., [S.L.], p. 148-160, 2022. Editora Científica Digital. <http://dx.doi.org/10.37885/220910310>.

JARDIM, D. M. B et al. O Programa de Residência em Enfermagem Obstétrica do Hospital Sofia Feldman sob a perspectiva dos residentes: potencialidades e desafios. **Saúde em Redes.**, v. 7, n. 3, p. 55-69, 2021.

MASCARENHAS, V. H. M et al. Evidências científicas sobre métodos não farmacológicos para alívio a dor do parto. **Acta Paulista de Enfermagem.**, v. 32, n. 3, p. 350-357, 2019.

NOGUEIRA, A. G. ARAÚJO, C. L. F; CORREIA, LUIZIANE, O. G. S. A percepção das

mulheres sobre a participação do acompanhante no trabalho de parto / Women's perception about patient escort in labor. **Brazilian Journal Of Health Review.**, v. 3, n. 4, p. 11316-11327, 2020.

SANTANA, A. T de et al. Performance of resident nurses in obstetrics on childbirth care. **Revista Brasileira de Saúde Materno Infantil.**, v. 19, n. 1, p. 135-144, 2019.

SANTOS, A. P et al. Assistência ao parto e nascimento por enfermeiras residentes de obstetrícia: estudo em duas maternidades sergipanas. **Contribuciones A Las Ciencias Sociales.**, v. 17, n. 4, p. 1-19, 2024.

SILVA, G. F e et al. A formação na modalidade residência em enfermagem obstétrica: uma análise hermenêutico-dialética. **Escola Anna Nery**, v. 24, n. 4, p. 1-8, 2020.



ARTE DA PINTURA GESTACIONAL: RELATO DE EXPERIÊNCIA

Kétlin Castoldi¹; Fabiane Ferreira Francioni²; Fernanda Demutti Pimpão Martins³.

Graduanda em Enfermagem pela Universidade Federal do Rio Grande¹, Doutora em Enfermagem pela Universidade Federal de Santa Catarina², Doutora em Enfermagem pela Universidade Federal de Pernambuco³.

ketlin.castoldi@gmail.com

RESUMO

Trata-se de um relato de experiência de uma acadêmica de enfermagem quanto às ações desenvolvidas no projeto de extensão vinculado ao Programa Viver Mulher, da Escola de Enfermagem (EENF) da Universidade Federal do Rio Grande (FURG) intitulado “Arte da Pintura Gestacional”. A arte da pintura gestacional é uma atividade artística e terapêutica que envolve técnicas em delimitar de forma manual o posicionamento do bebê no ventre e realizar uma pintura no abdome da gestante. O estudo foi iniciado em setembro de 2023 e os resultados descritos compreendem o período até abril de 2024. Foram abordadas 35 gestantes que estavam internadas na maternidade do Hospital Universitário da FURG do município do Rio Grande/RS. foi observado a partir da experiência da pintura gestacional, que o ambiente proporcionado às gestantes e a atividade em si permitiram que elas se sentissem à vontade para conversar e relatar suas fragilidades e assim demonstrar sentimentos de acolhimento, tranquilidade e bem-estar. O projeto possibilitou que a estudante conseguisse se conectar com a comunidade, proporcionando levar parte dos conhecimentos adquiridos na universidade para auxiliar as gestantes internadas na maternidade, além de feedbacks recebidos das gestantes participantes que compartilharam registros e agradecimentos do momento.

Palavras-chave: pintura; gestação; arte.

1 INTRODUÇÃO

A mulher como um ser repleto de complexidades em seus diversos ciclos vitais demanda a necessidade de cuidado dos seus processos saúde/doença a partir de um olhar sob suas especificidades. Nesse sentido, é essencial entender este organismo aproximando-o das diferentes realidades da comunidade. A Escola de Enfermagem (EENF) constrói desde 2010 através do Programa Viver Mulher um compromisso de aproximação da Universidade Federal do Rio Grande (FURG) com a comunidade feminina, proporcionando espaços de troca de experiências, fortalecimento de laços entre a instituição acadêmica e a população, o que de modo geral estreita relações e estrutura a importância do cuidado com a saúde da mulher. Sob um olhar atento com as gestantes do município, o programa criou o projeto “Arte da Pintura Gestacional” com intuito de poder auxiliá-las na vinculação da mãe com o bebê, propiciando um momento de prazer, relaxamento e sentimentos positivos importantes para o bem-estar materno.

A arte da pintura gestacional não é uma atividade apenas artística, mas também terapêutica que envolve técnicas em delimitar de forma manual o posicionamento do bebê no ventre e realizar uma pintura no abdome da gestante. Essa pintura tem como objetivo representar o bebê, cordão umbilical, placenta, útero e o líquido amniótico de forma a tornar a experiência da gestação visualmente real, pois muitas mulheres acabam criando em sua mente um bebê imaginário, por não ter noção da forma e dimensões que o feto se encontra no útero.



É uma prática que pode ser executada por enfermeiras, doulas, obstetrias e outros profissionais da área obstétrica (Mata; Shimo, 2019). Portanto, esse estudo tem como objetivo relatar a experiência de uma acadêmica de enfermagem durante as atividades do projeto de extensão “Arte da Pintura Gestacional”.

2 METODOLOGIA

Trata-se de um relato de experiência de uma acadêmica de enfermagem quanto às ações desenvolvidas no projeto de extensão vinculado ao Programa Viver Mulher, da Escola de Enfermagem (EENF) da Universidade Federal do Rio Grande (FURG) intitulado “Arte da Pintura Gestacional”. O estudo foi iniciado em setembro de 2023 e os resultados descritos compreendem o período até abril de 2024. A estudante desenvolveu atividades periódicas, duas vezes por semana, totalizando a abordagem de 35 gestantes que estavam internadas na maternidade do Hospital Universitário da FURG do município do Rio Grande/RS. Para realização da atividade também participaram outras acadêmicas de enfermagem, que haviam sido previamente capacitadas no referido projeto.

Para a realização da atividade, as gestantes internadas na maternidade eram abordadas e questionadas sobre a vontade de participar. Com a resposta positiva, as gestantes assinaram um termo de autorização de uso de imagem. Durante a execução, foram utilizadas músicas suaves conforme preferência da gestante, no intuito de deixá-la à vontade e relaxada. Foram questionadas sobre características do bebê: como imaginavam a criança, cor e forma dos cabelos, além de cores de preferência e objetos criativos que a gestante tivesse aproximação e que remetesse ao bebê. Foi utilizado o sonar doppler para a ausculta dos batimentos cardíacos e foram realizadas as manobras de Leopold para ver o posicionamento do bebê, o que permitiu tornar a pintura mais fidedigna. Foram utilizados stencils e moldes de bebê em papel para ajudar no desenho na barriga, além de tintas corporais à base de água e lápis faciais. O material foi escolhido de forma a evitar reações alérgicas. Em geral, cada arte da pintura gestacional teve duração entre 20 minutos a 1 hora, dependendo da complexidade do desenho e da prática de quem a realizava. Após, as fotos e vídeos das pinturas foram divulgadas no instagram oficial do projeto Grupo de Gestantes @gestantes.extensao, permitindo divulgar o projeto na comunidade, além de manter um meio de contato com as gestantes participantes.

3 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Das 35 gestantes participantes, 32 delas encontravam-se no 3º trimestre de gestação, enquanto duas encontravam-se no 2º trimestre e uma no 1º trimestre. Há uma preferência pela realização da pintura no 3º trimestre da gestação, pois o bebê encontra-se maior, tornando mais fácil a identificação da sua posição e situação na aplicação da técnica. Entretanto, se há a possibilidade de acompanhar a gestante durante todo seu pré-natal, é interessante a realização da pintura em cada trimestre, para que se possa ter uma percepção do desenvolvimento do feto intra-útero.

Grande parte das participantes encontravam-se internadas por gestações de alto risco, como por situações de pré-eclâmpsia e diabetes gestacional, fazendo com que o período de internação despertasse medos, ansios e dúvidas quanto à própria saúde e do bebê. Dessa forma, foi observado a partir da experiência da pintura gestacional, que o ambiente proporcionado às gestantes e a atividade em si permitiram que elas se sentissem à vontade para conversar e relatar suas fragilidades e assim demonstrar sentimentos de acolhimento, tranquilidade e bem-estar. Foi possível notar a diferença na tensão das participantes entre o início e o final da atividade, como a mudança de humor da tristeza pela internação, para a



alegria, curiosidade em ver o resultado e a sensação de distração dentro do ambiente hospitalar.

Isso se dá pelo fato de muitas gestantes possuírem uma visão abstrata do bebê que está sendo gerado em seu ventre. Nesse sentido, a pintura gestacional traz uma aproximação da realidade em que o bebê se encontra no útero, servindo como um facilitador para a criação do vínculo entre mãe e filho, além de colaborar para o aumento da autoestima da mulher e a valorização na experiência do crescimento abdominal, visto que o corpo feminino passa por uma série de modificações corporais e que podem repercutir na autoestima feminina (Tsuha et al, 2020). Ademais, a pintura do ventre materno é uma maneira eficaz de promover a conexão entre mãe e feto, permitindo uma participação efetiva no processo de gestação. Através dessa prática, a mulher retorna ao protagonismo da gestação, fortalecendo o vínculo emocional e valorizando sua experiência como gestante (Dias et al, 2022).

A partir de uma perspectiva individual como bolsista, foi experienciada uma situação de desconexão afetiva da mãe com o bebê que estava gestando, demonstrando a possibilidade de entregá-lo para a adoção após o nascimento. Ao longo da pintura, houve uma oportunidade de diálogo que sanou dúvidas que afligiam a gestante, além de expor suas inseguranças, pois não conseguia imaginar que realmente tinha uma criança em seu útero e como essa criança era, mas foi se empolgando ao longo da realização da arte. Algumas semanas após isso, essa mesma gestante entrou em contato com a estudante via rede social do projeto (instagram @gestantes.extensao) revelando a descoberta do sexo e relatando a decisão de permanecer com a guarda da criança.

Nesse contexto, a realização da pintura gestacional é de suma importância para as gestantes, pois representa um momento de felicidade, carinho, emoção e gratidão. Ao visualizar o desenho do bebê com as características imaginadas por elas, as gestantes conseguem compreender melhor a posição que o bebê no ventre. Além disso, a pintura pode ser considerada um presente para as mães, especialmente quando realizada em ambiente hospitalar, proporcionando lembranças positivas da hospitalização. Essa atividade oferece momentos de interação e descontração, aliviando a tensão e permitindo um afastamento temporário das preocupações do contexto hospitalar (Oliveira; Ribeiro, 2021).

Assim, a pintura do ventre materno tem o poder de transformar a experiência da hospitalização, promovendo bem-estar emocional e criando uma ligação mais profunda entre a mãe e o bebê, como exemplificado pela experiência da bolsista. Dessa forma, a realização dessa arte não apenas beneficia emocionalmente as gestantes, mas também pode influenciar decisões importantes sobre a maternidade, demonstrando seu valor integral na jornada das futuras mães.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

As iniciativas do projeto da Arte da Pintura Gestacional possibilitaram à estudante estabelecer conexões significativas com a comunidade, ao compartilhar parte dos conhecimentos adquiridos na universidade para auxiliar as gestantes internadas na maternidade. Essa experiência permitiu que a estudante aprimorasse suas habilidades em pintura gestacional, tornando-se mais ágil e eficiente na criação dos desenhos, e desenvolvesse mais destreza nas manobras de Leopold. Além disso, o projeto serviu como estímulo para aprofundar sua pesquisa sobre questões de saúde da mulher e pré-natal que mais preocupam as gestantes, capacitando-a a oferecer orientações corretas e realizar uma escuta atenta e compreensiva. Ademais, a experiência proporcionou feedbacks das gestantes participantes e até mesmo de familiares que estavam presentes na pintura, os quais compartilharam registros do momento. Houve também o recebimento de fotos dos bebês recém-nascidos no instagram do projeto, acompanhadas de agradecimentos pelas memórias



que foram criadas.

REFERÊNCIAS

DIAS, J.F.; CICOLELLA, D.A.; SKALSKI, S.A.; MARIOT, M.D.M. Humanização da assistência à gestante através da pintura do ventre materno. IN: MOSTRA CIENTÍFICA DO CESUCA, 2022, Cachoeirinha. **Anais da XVI Mostra Científica do CESUCA**. Cachoeirinha, nov. 2022. ISSN – 2317-5915

MATA, J.A.L.; SHIMO, A.K.K. Arte da pintura do ventre materno: termo, conceito e técnica. **Rev. Bras. Enferm.** v. 72, p. 32–40, dez. 2019.

OLIVEIRA, B.B; RIBEIRO, J.P. A experiência da pintura no ventre materno. **Rev. Recien**, 11(36):602-611, 2021.

TSUHA, A.A.Y.; MARETO, L.K; LIMA, R.S.; SOUZA, G.L.R.; BENTO, G.R.A.M.; SILVA, G.L.; FERNANDES, C.O.; GOMES, H.M.B.; FREITAS, S.L.F. Pintura gestacional como estratégia de empoderamento e desenvolvimento da autoestima. **Perspectivas Experimentais e Clínicas, Inovações Biomédicas e Educação em Saúde (PECIBES)**, v. 5, n. 2, p. 70, 25 jun. 2020.

VIGILÂNCIA DO ÓBITO MATERNO EM RECIFE SOB O OLHAR DE UMA RESIDENTE EM OBSTETRÍCIA

Maria Andreza Marques da Silva¹; Anvete Leal de Albuquerque².

Residente em Enfermagem Obstétrica pela Secretária de Saúde do Recife¹, Enfermeira e Mestre pela Universidade Federal de Pernambuco².

andreza14200@gmail.com

RESUMO

Introdução: A vigilância do óbito materno, tem se mostrado uma ferramenta essencial na visibilidade da morte materna, visto que promove foco na responsabilização das ações para o melhoramento dos resultados de saúde. **Objetivo:** descrever e refletir sobre a importância da vigilância do óbito em Recife para a investigação das causas de morte materna para subsidiar políticas públicas. **Metodologia:** Trata-se de um relato de experiência. O relato foi colhido através da vivência de residentes em enfermagem obstétrica da Secretaria de Pernambuco, durante o rodízio na vigilância epidemiológica (VE) do Recife, ao longo dos meses de março de 2023 a maio de 2024. **Resultados e Discussão:** A vivência das residentes através da participação na discussão do óbito realizada pela secretária de vigilância de saúde, proporcionou uma visão holística sobre os determinantes e medidas de prevenção, de modo que permitiu um olhar clínico sobre as possíveis causas associadas a esse óbito e forma de melhorar os níveis de atenção à saúde. **Considerações finais:** percebe-se que o enfrentamento e redução da mortalidade materna é uma tarefa premente e requer esforços contundentes. Também é evidente a necessidade da promoção do bem estar das mulheres e de melhores índices de sobrevivência e qualidade de vida.

Palavras-chave: mortalidade materna; vigilância epidemiológica; sistemas de informação.

1 INTRODUÇÃO

Ao longo da história da saúde pública, a gestação, parto e nascimento tem sido consideradas áreas prioritárias no desenvolvimento de ações e políticas, a fim de possibilitar na criação e execução de atividades que garantam a redução das taxas de óbito maternos e infantis. Tais procedimentos, atrelados à condição de vida e as vulnerabilidades sociais de uma população, constituem um dos maiores desafios da assistência à saúde (Carvalho *et al.*, 2023).

No Brasil, houve um processo de declínio dos indicadores de óbito materno durante o período de 2000 a 2015, mas atualmente tem sofrido com um período de estagnação, que varia em torno de 223 por 100 mil nascidos vivos. Em relação ao nordeste, no triênio 2009-2011, e especialmente Pernambuco, tiveram razões de morte materna de 80,8 por 100 mil nascidos-vivos e 63,3 por 100 mil nascidos-vivos, respectivamente, superiores à média nacional; e possivelmente, ainda maiores, devido ao subregistro (Motta; Moreira, 2021)

Com base nessa problemática, muitos estudiosos tem voltado seu olhar para a mortalidade materna, visto que altas taxas de óbitos em mulher com idade fértil refletem as condições de acesso aos serviços de saúde e restrições na garantia de direitos inalienáveis à vida. Foi a partir dessas reflexões, que foi elaborado o Manual dos Comitês de Prevenção do Óbito, com o objetivo de estimular a avaliação da qualidade da assistência prestada para subsidiar as políticas públicas e estratégias de intervenção (Mendonça *et al.*, 2022).

Nessa perspectiva, o estado de Pernambuco, desde 1955, através da Secretária Estadual

de Saúde (SES) definiu em portarias que todas as mortes em mulheres em idade fértil (MIF), deveriam ser investigadas pelos municípios. Assim, o sistema de vigilância do óbito materno, independentemente da causa declarada, transcendendo as recomendações nacionais vigentes (investigação de óbitos maternos e MIF com causa presumível). Desde então, Recife desenvolve essas atividades sistematicamente e concentra o maior contingente populacional de MIF e de óbitos maternos (Carvalho *et al.*, 2023).

Assim, a vigilância dos óbitos maternos, fetais e infantis tem se mostrado uma ferramenta essencial na visibilidade dessas mortes, visto que promove foco na responsabilização das ações para o melhoramento dos resultados de saúde à medida que integra dados qualitativos e quantitativos, e fornece subsídio na tomada de decisão baseada em evidências (Araújo *et al.*, 2022).

Nesse sentido, a participação na discussão do óbito realizada pela secretária de vigilância de saúde, que tem como objeto de debate analisar a causa real dos óbitos, seus determinantes, sua evitabilidade, responsabilidade e medidas de prevenção, possibilitou as residentes a construção um olhar clínico e criterioso sobre as possíveis causas associadas a esse óbito e forma de intervir diante dessa situação. Portanto, este trabalho tem como objetivo descrever e refletir sobre a importância da vigilância do óbito em Recife para a investigação das causas de morte materna e dessa forma subsidiar políticas públicas.

2 METODOLOGIA

Trata-se de um estudo qualitativo, de corte transversal, do tipo relato de experiência. O relato foi colhido através da vivência de residentes em enfermagem obstétrica da Secretaria de Pernambuco, durante o rodízio na vigilância epidemiológica (VE) do Recife, ao longo dos meses de março de 2023 a maio de 2024.

Nesse sentido, a construção do ensino teórico-prático durante o rodízio na vigilância epidemiológica, foi realizado através de três etapas. Sendo a primeira relacionada ao processo de identificação da morte materna através da busca da declaração de óbito (DO), como também por meio da identificação dos eventos que levaram a morte materna, através das fichas disponibilizados pelo serviço de verificação do óbito (SVO).

Já na segunda etapa, era feita a investigação da morte materna nos estabelecimentos de atenção à saúde da mulher e da criança (desde a sua gestação) e nos serviços de necropsia, conforme o caso. Para essa etapa, utiliza-se uma ficha confidencial própria, composta de variáveis a respeito da identificação da criança e da mãe, relacionadas as características da família, dados da gestação, pré-natal e ao nascimento, além da ocorrência do óbito. Por fim, após a investigação, era feito a execução de uma discussão sobre óbito.

Assim, na terceira etapa, os residentes participavam da discussão do óbito, que possui como objetivo compreender o papel do setor Saúde na ocorrência dessas mortes. Esta discussão é composta pela equipe de saúde da Estratégia de Saúde da Família (ESF), coordenador da vigilância do óbito do distrito sanitário, profissionais dos hospitais envolvidos na atenção à gestante e à criança. Assim, possui caráter não punitivo, e tem como intuito compreender as possíveis causas do óbito e a partir disso elaborar intervenções para reduzir a incidência de mortes maternas.

3 RESULTADOS E DISCUSSÕES

A vivência na vigilância epidemiológica com base no olhar das residentes em enfermagem obstétrica, apresenta um caráter inovador ao proporcionar uma visão crítica relacionadas ao óbito materno, além de favorecer trabalhadores cada vez mais qualificados para atuarem neste pilar do Sistema único de Saúde (SUS), seja na gestão ou nas práticas de campo.



Sendo assim, a experiência neste campo de prática possibilitou conteúdo técnico e de formação continuada, visto que também mobiliza mentes e corações, abrindo um espaço de debate político e de gestão sobre o SUS. O investimento na qualificação de profissionais incentivará a defesa do SUS e tem a potência de criar fortes dispositivos para a mobilização de um sistema de saúde cada vez mais universal, público, integral e de qualidade para a sociedade brasileira (Domingues *et al.*, 2024)

Nesse cenário, as principais situações identificadas pelo Comitê estão relacionadas a: gestação não planejada; falta de dados no pré-natal; falta de busca ativa pela unidade básica (UBS); Falta de exames e insumos em tempo oportuno; Ausência de ações de redução de danos; usuárias de saúde em uso de drogas; Falta de discussões clínicas pela equipe multidisciplinar; Falta de educação em saúde Infecção do Trato Urinário materno; obesidade; trabalho de parto prematuro e doença hipertensiva específica da gravidez.

Desse modo, observa-se que à saúde reprodutiva enfrentados pelas mulheres não são meras adversidades e nem desvantagens inevitáveis, próprias da gravidez, mas desigualdades que as sociedades têm o poder de solucionar, através dos seus sistemas políticos, jurídicos e de saúde. Assim, emerge a necessidade de discussão ampliada a respeito desse complexo fenômeno social, agregando multiplicidade de visões e agregando coalizão de forças para que os estados cumpram seu dever de proteção à vida e à maternidade segura.

Corroborando com essa perspectiva, foram vistos nos estudos levantados que a deficiência na qualidade da assistência está associada em especial à ausência de infraestrutura dos serviços de pré-natal e hospitalar, falta de exames disponibilizados em tempo oportuno e equipamentos, além da lacuna na educação em saúde fornecida as mulheres em consonância a carência de profissionais qualificados (Santos *et al.*, 2021)

Já em relação a atenção pré-natal, outra pesquisa demonstra que, apesar do aumento na cobertura no pré-natal e no número de consultas, a assistência prestada não tem se mostrado de qualidade e satisfatória, o que dificulta nas taxas de prevenção, diagnóstico e tratamento do binômio mãe-bebê (Mendonça *et al.*, 2022).

Para mais, nessas reuniões são propostas estratégias de saúde que deverão ser propostas às instituições e autoridades, com a intenção de promover melhorias e avanços nos níveis de assistência, por meio de relatórios que são encaminhados à secretaria municipal de saúde. Portanto, é notório a importância da vigilância no âmbito para investigação de possíveis causas obstétricas e a partir promover subsídio para criação de políticas públicas voltadas a atenção a mulher.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A atuação das residentes em obstetrícia no rodízio de vigilância contribuiu para a construção de uma visão holística e crítica quanto a essencialidade do sistema de vigilância do âmbito materno, em virtude de ser uma ferramenta que apresenta grandes impactos diretos de melhoria na agilidade da captação e detecção da informação, assim como na investigação das causas associadas a mortalidade materna, o que possibilita a agilidade do reconhecimento dos determinantes circunstanciais para planejamento e ações em saúde preventiva.

Assim, percebe-se que o enfrentamento e redução da mortalidade materna é uma tarefa premente e requer esforços contundentes. Também é evidente a necessidade da promoção do bem estar das mulheres e de melhores índices de sobrevivência e qualidade de vida, de modo que é de extrema importância a atuação qualificada dos profissionais, de modo diários nos serviços, para que possam ser produzidos resultados concretos na direção de mudanças desse cenário inseguro, porém evitável.

REFERÊNCIAS

- ARAÚJO, C. R. C et al. Evitabilidade do óbito materno, fetal e infantil: a experiência do comitê de mortalidade em sobral-ce. Sanare. **Revista de Políticas Públicas.**, v. 21, n. 2, p. 1-7, 29 dez. 2022.
- CARVALHO, P. I. Comitê de mortalidade materna e a vigilância do óbito em Recife no aprimoramento das informações: avaliação ex-ante e ex-post. **Revista Brasileira de Saúde Materno Infantil.**, v. 23, p. 1-8, 2023.
- CRISTINA, M. N. Desafios do comitê de prevenção de mortalidade materna e infantil em um município Cearense . **Cadernos ESP [Internet]**, v.13, n. 10, p.113-28, 2018.
- DOMINGUES, R. M. S. M et al. Painel de vigilância da saúde materna: uma ferramenta para ampliação da vigilância epidemiológica da saúde das mulheres e seus determinantes. **Revista Brasileira de Epidemiologia.**, v. 27, p. 1-10, 2024.
- MENDONÇA, I. M et al. Tendência da mortalidade materna no Estado do Rio de Janeiro, Brasil, entre 2006 e 2018, segundo a classificação CID-MM. **Cadernos de Saúde Pública.**, v. 38, n. 3, p. 1-15, 2022.
- MOTTA, C. T, MOREIRA, M. G. O Brasil cumprirá o ODS 3.1 da Agenda 2030? Uma análise sobre a mortalidade materna, de 1996 a 2018. **Ciência & Saúde Coletiva.**, v. 26, n. 10, p. 4397-4409, out. 2021.
- OLIVEIRA, C. M et al. Vigilância do óbito infantil no Recife, Pernambuco: operacionalização, potencialidades e limites. **Epidemiologia e Serviços de Saúde.**, v. 26, n. 2, p. 413-419, 2017.
- SANTOS, L. O et al. Estudo da mortalidade materna no Nordeste Brasileiro, de 2009 a 2018. **Revista Eletrônica Acervo Saúde.**, v. 13, n. 2, p. 1-9, 2021.



NUTRIÇÃO COMO FATOR PROTETOR DA SAÚDE MENTAL EM MULHERES

Erika de Carvalho Brito¹; Maria Gabryelle Ferreira²; Laisa Estevão e Silva³; Maria Zilda de Sousa Alves⁴; Jamyne Victorya Figueredo da Silva⁵; Antonio Guilhermy Rodrigues da Silva⁶; Leandro Victor Martins Menezes⁷; Emyle Horrana Serafim de Oliveira⁸.

Graduando em Nutrição pela Universidade Federal do Piauí, Picos PI^{1,2,3,4,5,6,7}. Nutricionista e Mestranda pela Universidade Federal do Piauí – UFPI, Teresina PI⁸.

erikacarvb@ufpi.edu.br

RESUMO

A Organização Mundial da Saúde (OMS) caracteriza a saúde como um estado de total bem-estar físico, mental e social, e não simplesmente como a ausência de doença ou enfermidade. Nesse contexto, a ausência de saúde não está relacionado apenas com a presença de doença física do indivíduo, mas também a com fatores mentais e emocionais. O presente estudo teve como objetivo destacar a importância da nutrição na promoção da saúde mental das mulheres. Trata-se de um estudo descritivo com abordagem quantitativa, foram utilizadas as bases de dados do PubMed e SciELO. Os estudos demonstraram que a ingestão alimentar e o estado nutricional dos indivíduos são fatores importantes que afetam significativamente a saúde mental e o desenvolvimento de transtornos psiquiátricos. Nesse sentido, uma dieta equilibrada, rica em nutrientes essenciais como vitaminas e minerais, está associada à melhora do humor, aumento da capacidade cognitiva e redução dos sintomas de depressão e ansiedade. Ainda assim, são necessários mais estudos para compreender melhor esses efeitos e elaborar diretrizes específicas. Pesquisas futuras devem se concentrar nas necessidades nutricionais em diferentes etapas da vida e na avaliação de intervenções dietéticas a longo prazo.

Palavras-chave: nutrição; saúde mental; mulher.

1 INTRODUÇÃO

A Organização Mundial da Saúde (OMS) caracteriza a saúde como um estado de total bem-estar físico, mental e social, e não simplesmente como a ausência de doença ou enfermidade. Assim, a saúde não está relacionado apenas com a doença física do indivíduo, mas também a parte mental e emocional. A interconexão entre corpo e mente implica que para alcançar um estado de saúde ideal, é necessário considerar todos os fatores que influenciam o bem-estar, incluindo a qualidade da alimentação, o manejo do estresse, a qualidade das relações interpessoais, e o acesso a cuidados de saúde mental (Manca, 2021).

A prevalência de certos transtornos mentais, como o transtorno depressivo maior e o transtorno de ansiedade, é significativamente maior entre as mulheres em comparação aos homens. Transtornos de ansiedade são os distúrbios mentais mais comuns em adultos, afetando as mulheres duas vezes mais frequentemente que os homens. A depressão e a ansiedade frequentemente ocorrem de forma comórbida, coexistindo com outros transtornos mentais. Estudos abordam a relação da depressão e a ansiedade em mulheres, com outras condições comórbidas associadas a esses transtornos, como doenças cardíacas, obesidade, deficiência de vitamina D e síndrome do intestino irritável (Zender; Ellen, 2010).

Alguns estudos demonstram que hábitos alimentares podem contribuir negativamente ou positivamente na qualidade da saúde mental de mulheres. Em sua pesquisa Lee et al., 2022 relacionou um consumo exagerado de fast food com níveis mais elevados de depressão entre



mulheres jovens, bem como foi demonstrado que a ingestão de frutas esteve associada a níveis mais baixos de depressão. Além disso, o estudo destaca que tanto a qualidade da alimentação quanto o ambiente profissional desempenham papéis cruciais no bem-estar psicológico das mulheres.

Ainda assim, as mulheres que sofrem de insegurança nutricional tendem a ter uma saúde mental pior em comparação com aquelas que possuem segurança nutricional, com essa diferença sendo principalmente acentuada em mulheres grávidas. Essas descobertas reforçam as preocupações de especialistas em saúde pública de que a insegurança nutricional pode se tornar uma emergência de saúde pública significativa. Além disso, uma nutrição adequada é crucial para vários aspectos do funcionamento cerebral e pode ser um fator de risco modificável para o desenvolvimento da depressão. Somado a isso, estudos com suplementos de óleo de peixe e ácido fólico têm demonstrado sucesso no tratamento da condição (Power et al., 2017).

Desta forma, promover uma nutrição balanceada e rica em nutrientes essenciais pode ser uma estratégia vital para a manutenção e melhora da saúde mental e emocional de indivíduos, promovendo uma redução na incidência de depressão e ansiedade e melhorando a resposta aos tratamentos convencionais existentes. Assim, o presente estudo teve como objetivo descrever a influência de aspectos nutricionais na promoção da saúde mental de mulheres.

2 METODOLOGIA

O estudo trata-se de um estudo descritivo com abordagem quantitativa, foram utilizadas as bases de dados do PubMed e SciELO. Para o estudo em questão, empregou-se, em todos os bancos de dados, os descritores pertencentes ao DeCS: Nutrição; Saúde Mental; Mulher, e no MeSH: Nutrition; Mental health; Woman. Aplicando os termos com os operadores booleanos "AND" e "OR".

Os estudos inseridos foram estudos publicados nos seguintes idiomas: português, inglês e espanhol, que abordaram aspectos relacionados à temática específica. Para essa seleção utilizou-se critérios de inclusão e exclusão previamente estabelecidos pelos autores, garantindo assim a possibilidade de responder à questão proposta com embasamento teórico preciso e rigoroso. Os critérios de inclusão e exclusão podem ser observados no Quadro 1.

Quadro 1: Critérios de inclusão e exclusão

Critérios de inclusão	Estudos publicados variando entre estudos originais, revisões sistemáticas e metanálise, nos seguintes idiomas: português, inglês e espanhol, disponíveis na íntegra.
Critérios de exclusão	Estudos que não trabalhem com a condição clínica de saúde mental e aqueles que não estavam disponíveis para leitura na íntegra.

Fonte: Elaborado pelos autores. Picos-PI. Brasil, 2024.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os estudos demonstraram que a ingestão alimentar e o estado nutricional dos indivíduos são fatores importantes a serem considerados, por possuir capacidade de afetar significativamente a saúde mental e o desenvolvimento de transtornos psiquiátricos. Nesse sentido, uma dieta equilibrada, rica em nutrientes essenciais como vitaminas e minerais, está associada à melhora do humor, aumento da capacidade cognitiva e redução dos sintomas de depressão e ansiedade. Além disso, a má alimentação, caracterizada por alto consumo de açúcares e gorduras saturadas, favorece o agravamento de doenças mentais e dificultar a recuperação (Lim et al., 2016).



Ja e Kirang, 2020, observaram que a insegurança alimentar foi vinculada a um risco aumentado de diversos problemas de saúde mental, a exemplo: ansiedade, depressão, transtornos de humor e estresse, além disso, foi relatado pelos pesquisadores uma maior prevalência do desenvolvimento de obesidade em mulheres. Os resultados encontrados demonstraram que a nutrição/alimentação possui uma importante participação como fator protetor não só de doenças com características mentais.

Nesse sentido, o estudo de Maddahi et al., 2022, explorou a relação entre nutrição e saúde mental em mulheres, com foco específico nos níveis de vitamina D e na proteína de ligação da vitamina D (VDBP). Os achados indicaram que níveis séricos mais elevados de vitamina D foram relacionados à diminuição das chances de estresse. Isso sugere que a vitamina D pode exercer um efeito protetor contra fatores estressantes, possivelmente devido ao seu papel na modulação do sistema imunológico e na regulação da neurotransmissão. Por outro lado, observou-se que níveis mais elevados de VDBP foram relacionados ao aumento das chances de depressão.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A nutrição desempenha um papel crucial na saúde mental das mulheres, impactando aspectos emocionais, cognitivos e comportamentais. Embora existam evidências de que dietas balanceadas podem ajudar na prevenção e tratamento de transtornos mentais, são necessários mais estudos para compreender melhor esses efeitos e elaborar diretrizes específicas. Pesquisas futuras devem se concentrar nas necessidades nutricionais em diferentes etapas da vida e na avaliação e intervenções dietéticas a longo prazo. Com uma base científica sólida, será possível desenvolver políticas de saúde pública mais eficazes, aprimorando a qualidade de vida das mulheres e beneficiando a sociedade como um todo.

REFERÊNCIAS

BODNAR, L. M.; KATHERINE L. . Nutrição e depressão: implicações para a melhoria da saúde mental entre mulheres em idade fértil. **Psiquiatria biológica.**, v. 58, n. 9, p. 679-85, 2005.

JA, K. H.; KIRANG, K. Efeitos combinados da gestão de doenças e da insegurança alimentar na saúde física e mental em adultos coreanos. **Nutrição em saúde pública.**, v. 23, n. 1, 2020.

LEE et al. Consumo alimentar e saúde mental das mulheres jovens: o papel do emprego. **Saúde da mulher. BMC.**, v. 22, n. 1, p. 91-92, 2022.

LIM, S. T. et al. Fatores nutricionais que afetam a saúde mental. **Pesquisa em nutrição clínica.**, v. 5,3, p.143-52, 2016.

MADDAHI, N. et al. Associação dos níveis séricos de vitamina D e proteína de ligação à vitamina D com a saúde mental de mulheres com sobrepeso/obesas: um estudo transversal. **Nutrição clínica ESPEN.**, v. 47, p. 260-266, 2022.

MANCA, C. S. **Nutrição na promoção da saúde.** Editora Senac São Paulo, 2021.

POWER, M. et al. Insegurança alimentar e saúde mental: uma análise de dados de rotina de cuidados primários de mulheres grávidas na coorte Born in Bradford. **Jornal de epidemiologia e saúde comunitária.**, v. 71, n. 4, p. 324-328, 2017.



2º CONSAMU
14, 15 e 16 de Junho

REALIZAÇÃO:



APOIO:



ZENDER, R.; ELLEN O. Saúde mental das mulheres: depressão e ansiedade. **As clínicas de enfermagem da América do Norte**, v. 44, n. 3, p. 355-64, 2010.





EDUCAÇÃO EM SAÚDE NO PRÉ NATAL: ACOLHIMENTO E PREVENÇÃO DE COMPLICAÇÕES MATERNAS E NEONATAIS

Vânia Ellen Bezerra Sousa¹; Francisco Gelzo da Silva Neto¹; Ellen Renale Martins Guedes¹; Larah Giovanna Nóbrega Clemente¹; Maria Clara Morais da Silva¹; Maria Emília Dantas Oliveira¹; Elza Carla Melo de Souza²

Graduando em enfermagem pela Universidade Federal de Campina Grande¹, Enfermeira pela Universidade de Campina Grande²

vaniaellen054@gmail.com

RESUMO

A educação em saúde durante o período pré-natal é indiscutível, na qual visa proporcionar uma atenção especializada por parte dos profissionais de saúde para incentivar uma saúde coletiva e individual. Analisar a importância da educação em saúde na atenção pré-natal. O estudo trata-se de uma revisão integrativa, para a busca dos artigos utilizou-se os seguintes descritores: “Educação em saúde”, “Saúde da mulher”, “Cuidado Pré-natal”, que foram combinados por meio do operador booleano *AND*. O Levantamento bibliográfico foi realizado no período de 07 a 15 de maio de 2024, por meio de bases de dados: Medline, LILACS e *Scientific Electronic Library Online* (SciELO) na qual foi selecionado 8 artigos para essa revisão. Ressaltou-se a importância da abordagem completa na saúde da mulher durante o pré-natal, além de consultas e exames. Sessões educativas em grupo oferecem informações sobre saúde, preparando gestantes e familiares para os desafios da gestação e parto. A pesquisa permitiu observar que a educação em saúde é considerada uma prática em que ouvir, compartilhar e construir juntos é a principal ação, emergindo como um pilar fundamental nesse contexto.

Palavras-chave: educação em saúde; saúde da mulher; pré-natal.

1 INTRODUÇÃO

A relevância das ações de educação em saúde durante o pré-natal é fundamental, proporcionando atenção especializada e incentivando a saúde coletiva e individual. A gestação, um marco na vida da mulher, é repleta de significados e transformações únicas. Esse período, marcado por mudanças físicas e emocionais, destaca a importância do acompanhamento pré-natal com ênfase no acolhimento e suporte emocional. É essencial fornecer informações e apoio para lidar com sentimentos de medo, ansiedade, incertezas e curiosidade sobre as transformações corporais durante a gravidez (Souza *et al.*, 2011).

De acordo com o Ministério da Saúde, a assistência pré-natal deve seguir diretrizes que garantam o bem-estar da mulher desde o início da gravidez até o nascimento do bebê. Isso inclui atitudes acolhedoras, preparação física e psicológica, atividades educativas contínuas e o estabelecimento de laços sólidos entre a gestante e a equipe de saúde. Procedimentos como anamnese, exame físico, solicitação de exames laboratoriais, determinação da Data Provável do Parto (DPP) e cálculo da Idade Gestacional (IG) são essenciais, sendo responsabilidade do profissional de enfermagem conduzir a consulta (Georgia; Moreira, 2013).

Consequentemente, práticas como exames periódicos, acompanhamento nutricional e odontológico, avaliação do desenvolvimento fetal e ações educativas desempenham um papel fundamental na promoção da saúde tanto da mãe quanto do bebê. Portanto, é necessário que programas como o de Atenção Integral à Saúde da Mulher (PAISM) e o de Humanização do



Pré-Natal e Nascimento (PHPN) ofereçam uma assistência qualificada e empática, visando promover a saúde e prevenir complicações durante a gestação. Dessa forma, um pré-natal de qualidade, focado na prevenção, detecção precoce e tratamento adequado, é essencial para evitar doenças específicas da gravidez, complicações obstétricas e perinatais, e até mesmo perdas fetais (Silva *et al.*, 2023).

Portanto, o objetivo deste estudo é analisar a importância da educação em saúde na atenção pré-natal, enfatizando a necessidade de acolhimento, suporte emocional e fornecimento de informações para promover uma gestação saudável e prevenir complicações tanto para mãe quanto para o bebê.

2 METODOLOGIA

O presente estudo trata-se de uma revisão integrativa de literatura, a partir da realização de seis etapas: identificação do tema e seleção da questão de pesquisa; estabelecimento dos descritores de assuntos; busca dos artigos nas bases de dados; análise dos critérios de inclusão e exclusão; avaliação dos estudos incluídos; interpretação dos resultados e apresentação da revisão. Para a busca dos artigos utilizou-se os termos Descritores em Ciência da Saúde (DeCS) os seguintes descritores: “Educação em saúde”, “Saúde da mulher”, “Cuidado Pré-natal”, que foram combinados por meio do operador booleano *AND*. O Levantamento bibliográfico foi realizado no período de 07 a 15 de maio de 2024, na qual a busca dos artigos para compor os resultados deste trabalho foi feita em bases de dados virtuais Medline, LILACS e *Scientific Electronic Library Online* (SciELO). Como critérios de elegibilidade, considerou-se artigos originais, disponíveis na íntegra, que respondessem ao objetivo do estudo, no idioma português. Ademais, foram excluídos os estudos duplicados e não indexados, publicações que não correspondiam à mesma temática. Para a primeira análise na literatura, foram identificados 203 estudos e mediante a apreciação dos títulos e leitura completa dos artigos, selecionaram-se 8 produções científicas que se encaixam adequadamente no tema proposto.

3 RESULTADOS E DISCUSSÕES

A atenção à mulher durante o período pré-natal é uma prática consolidada nos serviços de saúde pública do país. No entanto, enfrenta desafios significativos em termos de qualidade e alinhamento aos princípios fundamentais de cuidado. Ainda é predominante um modelo de assistência marcado pela medicalização, centralização hospitalar e abordagem tecnocrática (Georgia; Moreira 2013).

Para assegurar a saúde da mulher, é vital um acompanhamento contínuo e abrangente. Segundo o Ministério da Saúde recomenda que o pré-natal comece no primeiro trimestre da gravidez, com um mínimo de seis consultas, sendo pelo menos duas com um médico. Dessa forma, nas consultas, devem ser realizados diversos exames. Primeiramente, são necessários exames físicos, avaliando o peso e o estado nutricional, medindo a altura, verificando o pulso e a temperatura, aferindo a pressão arterial, inspecionando a pele, mucosas e tireoide, além de auscultar o coração e os pulmões. Simultaneamente, realizam-se exames ginecológicos, incluindo o exame das mamas, a medição da altura uterina, o monitoramento dos batimentos cardíacos fetais, a palpação de gânglios e genitália, além do exame especular. Ademais, é fundamental a realização de exames laboratoriais de rotina, como tipagem sanguínea, VDRL, análise de urina e hemoglobina. Igualmente importante, todas as gestantes devem receber suplementação de ferro e orientações sobre amamentação. Eventualmente, quando necessário, exames de secreção vaginal para prevenção do câncer do colo do útero e a administração da vacina antitetânica também são realizados. Desse modo, com esses cuidados, é possível garantir uma gestação saudável tanto para a mãe quanto para o bebê (Dias, 2014).



Diante deste cenário, a atenção à saúde da mulher vai além de consultas e exames, envolvendo uma abordagem humanizada e integral que considera as necessidades físicas, emocionais e sociais da gestante. Sessões educativas em grupo proporcionam informações essenciais sobre saúde, preparando gestantes e seus familiares para os desafios da gestação e do parto. Essas atividades incluem workshops com orientações sobre cuidados pré-natais, planejamento familiar e nutrição, além de aulas práticas como yoga para gestantes e cursos de preparação para o parto (Araújo *et al.*, 2011).

Ao enfatizar a prevenção e o autocuidado, programas educativos capacitam gestantes e suas famílias a adotarem comportamentos saudáveis e a tomarem decisões informadas. Além disso, orientam sobre atividades simples como banho do recém-nascido, cuidados com o coto umbilical e higiene bucal, destacando a importância do aleitamento materno nos primeiros seis meses. Assim, as gestantes aprendem a cuidar de si mesmas e de seus bebês desde o início. Esses momentos práticos complementam os conhecimentos das sessões educativas, reforçando a importância da educação em saúde durante o pré-natal. Dessa forma, gestantes e familiares não só recebem informações essenciais, mas também são incentivados a participar ativamente do cuidado, fortalecendo o vínculo e promovendo uma saúde materna e neonatal mais consciente e colaborativa (Borges, 2015).

A Política Nacional de Atenção à Saúde da Mulher reconhece isso como uma prioridade, visando não apenas melhorar as condições de vida e saúde das mulheres, mas também garantir que tenham acesso a informações e recursos essenciais para uma gestação saudável. Isso inclui não apenas o acesso a serviços de saúde, mas também a educação sobre cuidados pré-natais, nutrição adequada, atividade física e outros aspectos relevantes para a saúde materna e fetal. Portanto, a educação em saúde é uma ferramenta vital na promoção da saúde durante o pré-natal, contribuindo para a redução de complicações e garantindo melhores resultados (Fagundes; Oliveira 2017).

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa permitiu observar que a educação em saúde é considerada uma prática em que ouvir, compartilhar e construir juntos é a principal ação, emergindo como um pilar fundamental nesse contexto. Ao fornecer informações abrangentes, capacitar gestantes e suas famílias a adotarem comportamentos saudáveis e promover um ambiente de apoio e colaboração, os programas educativos têm o potencial de melhorar significativamente os resultados da gravidez. Onde deve se olhar com mais atenção, de forma geral, suas particularidades, por meio de um acesso facilitado a serviços de qualidade, desde o atendimento básico até o suporte hospitalar em situações de maior complexidade. Ademais, espera-se que ao fortalecer o vínculo entre gestantes, familiares e profissionais de saúde, essas iniciativas contribuem para uma abordagem mais humanizada e integrada da assistência pré-natal. Portanto, investir em educação em saúde durante o pré-natal não só é essencial para prevenir complicações e melhorar a saúde materna e neonatal, mas também representa um investimento fundamental no bem-estar das futuras gerações.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, M. L. A. *et al.* Educação em saúde: estratégia de cuidado integral e multiprofissional para gestantes. **Revista da ABENO**, v. 11, n. 2, p. 8–13, 2011. Disponível em: <http://revodonto.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-59542011000200002>. Acesso em: 15 maio 2024.



SOUZA, V. B.; S.; ROECKER, S. MARCON, S. S. Ações educativas durante a assistência pré-natal: percepção de gestantes atendidas na rede básica de Maringá-PR. **Rev. Eletrônica de Enfermagem**, v.16, n. 2, p. 199-210, 2011 Disponível em:
<<https://revistas.ufg.br/fen/article/download/10162/9621/63422>>. Acesso em: 15 maio. 2024.

BORGES, Viviane Paz. Educação e promoção da saúde no pré-natal. Dissertação (Graduação na Enfermagem) - Universidade Federal do Rio Grande do sul, Porto Alegre, 2015.
Disponível em:
<<https://lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/135527/000987931.pdf?sequence=1&isAllowed=y>>. Acesso em: 9 maio 2024.

DIAS, R. A importância do pré-natal na atenção básica. Dissertação (Curso de especialização em atenção básica em saúde da família) - Universidade federal de Minas Gerais, Minas Gerais, 2014 Disponível em:
<https://www.nescon.medicina.ufmg.br/biblioteca/imagem/Importancia_pre_natal_aten%C3%A7ao_basica.pdf>. Acesso em: 09 maio 2024.

FAGUNDES, D. Q.; OLIVEIRA, A. E. Educação em saúde no pré-natal a partir do referencial teórico de Paulo Freire. **Trabalho, Educação e Saúde**, v. 15, n. 1, p. 223–243, 2016. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/tes/a/xdY5FV53MNjFMcV989pSqgn/#>>. Acesso em: 15 de maio.2024.

GEÓRGIA, M.; MOREIRA, M. A importância da educação em saúde na atenção ao pré-natal. Dissertação (Curso de especialização em atenção básica em saúde da família) - Universidade Federal de Minas Gerais, Minas Gerais, 2013. Disponível em:
<<https://www.nescon.medicina.ufmg.br/biblioteca/imagem/4024.pdf>>. Acesso em: 09 de maio.2024.

SOUZA, V. B. DE; ROECKER, S.; MARCON, S. S. Ações educativas durante a assistência pré-natal: percepção de gestantes atendidas na rede básica de Maringá-PR. **Revista Eletrônica de Enfermagem**, v. 13, n. 2, p. 199–210, 2011. Disponível em:
<<https://revistas.ufg.br/fen/article/view/10162/9621>>. Acesso em: 09 maio 2024.

SILVA ,I. *et al.* Estratégias de educação em saúde para gestantes na atenção básica. In: MARTINS, A. C. S. *et al.* **Tecendo cuidados e semeando saúde: experiências e relatos inspiradores de atenção básica**. Jardim do Seridó, 2023, p. 51-58. Disponível em:
<<https://agronfoodacademy.com/estrategia-de-educacao-em-saude-para-gestantes-na-atencao-basica/>>. Acesso em: 9 maio .2024.



**ASSISTÊNCIA MULTIDISCIPLINAR DA GESTANTE COM SÍNDROME DE
HELLP: REVISÃO INTEGRATIVA DA LITERATURA**

Lara Fernanda Pereira de Souza¹; Aline de Oliveira Farias²; Vitória Aguiar Sousa³; Larissa Braga Lisboa⁴; Bruna Menezes Souza de Jesus⁵; Felipe Magdiel Bandeira Montenegro⁶; Stherfâni Porfírio da Silva⁷; Joana Pereira Medeiros do Nascimento⁸

Graduanda em enfermagem pelo Centro Universitário Celso Lisboa¹; Graduanda em medicina pela Universidade Federal do Paraná²; Fisioterapeuta pela Universidade da Amazônia³; Mestranda em ciências da nutrição pela Universidade Federal Fluminense⁴; Graduanda em enfermagem pela Faculdade Adventista da Bahia⁵; Graduanda em Enfermagem pela Faculdade do Complexo Educacional Santo André⁶; Graduanda em enfermagem pela Faculdade Pio Décimo Canindé⁷; Enfermeira pela Universidade Católica de Pernambuco⁸

enf.larafernanda@gmail.com

RESUMO

INTRODUÇÃO: A síndrome de HELLP que consiste na síndrome de hemólise, enzimas hepáticas elevadas e trombocitopenia corresponde a uma complicação do período gravídico que pode comprometer a vida desta mulher, quando não tomada as medidas cabíveis precocemente. Ocorre em gestantes com pré-eclâmpsia ou eclâmpsia, entre a 27^a semana e a 37^a semana, podendo acontecer no período pós-parto. **OBJETIVO:** Identificar quais são as abordagens da equipe de saúde empregadas na gestante com síndrome de HELLP. **METODOLOGIA:** Este trabalho consiste em uma revisão integrativa da literatura sobre a análise multidisciplinar na gestante com Síndrome HELLP. Foram utilizados artigos científicos provenientes da base de dados Scientific Electronic Library Online (SciELO) e da Literatura Internacional em Ciências da Saúde (PubMed/Medline). **RESULTADOS E DISCUSSÕES:** os profissionais de saúde devem identificar os riscos desde o início da gestação vigente, aconselhando a paciente sobre o seu estilo de vida e medidas para melhorar sua saúde, e o que pode contribuir para desenvolver essa síndrome, sendo assim é imprescindível uma avaliação de eficácia no primeiro trimestre para obter um diagnóstico precoce identificando qualquer alteração que seja. **CONSIDERAÇÕES FINAIS:** A investigação atual demonstra a relevância da identificação e diagnóstico precoce da Síndrome de HELLP, bem como, a pertinência da atuação multiprofissional na assistência assertiva às gestantes com este diagnóstico.

Palavras-chaves: complicações na gravidez; gestante; síndrome hellp.

1 INTRODUÇÃO

A síndrome cuja condição apresenta um quadro clínico de hemólise, altos níveis de enzimas hepáticas e trombocitopenia é caracterizada com a sigla HELLP. Descrita pela primeira vez em 1982 por Weinstein *et al.*, a síndrome de HELLP (SH) ocorre nas gestações com uma prevalência de 0,5 a 0,9%, em que cerca de 70% dos casos acontecem preferencialmente entre a vigésima sétima e trigésima sétima semana do período gestacional e os outros 30% após o parto, principalmente nas primeiras 48 horas ou em até 7 dias. Ainda, há uma predileção por gestantes de etnia branca (Dusse *et al.*, 2015).

Complicações severas estão associadas a SH, como morte fetal e/ou materna. A SH é classificada como uma síndrome hipertensiva, o que é considerado um fator de risco para hemorragia pós-parto (HPP). Estima-se que cerca de 25 a 35% das mortes maternas são



causadas por HPP. No Brasil, o percentual sobe para mais de 41% (Ruiz *et al.*, 2015).

A etiopatogenia da doença não é bem estabelecida, mas sabe-se que há uma incidência maior em gestantes com pré-eclâmpsia e/ou proteinúria, o que não exclui a ocorrência em gestantes saudáveis (10-20% dos casos). Mulheres com SH comumente apresentam sinais de edema, proteinúria e hipertensão. Cefaleia, dor abdominal epigástrica e no hipocôndrio direito, náusea e vômito podem ocorrer em menor número. Todavia, em alguns casos não há nenhum sintoma específico, o que torna o diagnóstico um desafio. Lesões hepáticas podem estar associadas em alguns casos, como resultado da deposição de fibrina intravascular, que culmina em obstrução e congestão vascular hepática. Ainda, em 0,5% dos casos, há ruptura hepática e consequente hemorragia severa. (Dusse *et al.*, 2015).

Além do quadro clínico, exames laboratoriais, como o hemograma e teste de perfil hepático, também são importantes ferramentas complementares de diagnóstico, visto que alterações como trombocitopenia, baixo nível de hematócrito e de hemoglobina são notáveis. Ademais, as injúrias de microcirculação hepática se refletem numa elevação sérica de alanina aminotransferase (ALT) e aspartato aminotransferase (AST). (Dusse *et al.*, 2015).

Uma vez estabelecido o diagnóstico, o tratamento ocorrerá de forma sintomática, tendo em vista que a causa da SH não é bem elucidada. A administração de anti-hipertensivos para as gestantes com pressão arterial elevada é estabelecida e, em casos de trombocitopenia, é possível considerar o uso de corticosteroides para correção dos níveis plaquetários, embora os benefícios em relação à morte materna não sejam bem descritos. Sendo assim, o parto é considerado o principal mecanismo de resolução da SH (Dusse *et al.*, 2015).

É crucial o acompanhamento pré-natal multidisciplinar, portanto, para que a percepção dos fatores de risco ao desenvolvimento de SH, como hipertensão arterial, trombocitopenia, aumento de enzimas hepáticas, edema pulmonar, proteinúria, entre outros sintomas associados à pré-eclâmpsia, ocorra de forma precoce e assertiva (Res Rev News, 2023).

2 METODOLOGIA

Este trabalho consiste em uma revisão integrativa da literatura sobre a análise multidisciplinar na gestante com Síndrome HELLP. Foram utilizados artigos científicos provenientes da base de dados *Scientific Electronic Library Online* (SciELO) e da Literatura Internacional em Ciências da Saúde (*PubMed/Medline*).

Para definir a pergunta norteadora deste estudo, adotamos a estratégia PICO, buscando direcionamento para a pesquisa qualitativa. As partes consideradas foram: P - população (gestantes com Síndrome HELLP), I - interesse (impacto da Síndrome HELLP na gestação) e Co - contexto (diagnóstico, tratamento e cuidados clínicos). Dessa forma, a questão central da pesquisa é: Quais abordagens multidisciplinares são empregadas na gestante com Síndrome HELLP?

Na pesquisa realizada nas plataformas de artigos, foram utilizados os Descritores em Ciências da Saúde (DECS): “Hipertensão Arterial”; “Eclâmpsia”; “Toxemia gravídica”. Os critérios de inclusão englobam artigos em qualquer idioma, publicados entre 2010 e 2024, e disponíveis integralmente nas plataformas. Artigos duplicados foram excluídos da análise. Após a busca nas plataformas foram identificados 28 artigos e após a aplicação desses critérios, identificamos um total de 11 artigos.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os obstetras, enfermeiros, intensivistas, hematologistas e hepatologistas dentre outras especialidades colaboram em uma abordagem multidisciplinar para o manejo seguro e eficaz do paciente. A vigilância da paciente em UTI torna-se um mandatório para vigilância regular



de sinais vitais, função hepática, função renal e parâmetros hematológicos. A terapia medicamentosa, incluindo o controle da pressão sanguínea, a prevenção de convulsões e, ocasionalmente, a terapia com corticosteroides aceleraram a maturidade e a contagem plaquetária com a retirada se necessário. (Mousseaux,2016)

De acordo com Gomez-Aviles, P., *et al.*, (2024), os profissionais de saúde devem identificar os riscos desde o início da gestação vigente, aconselhando a paciente sobre o seu estilo de vida e medidas para melhorar sua saúde, e o que pode contribuir para desenvolver essa síndrome, sendo assim é imprescindível uma avaliação de eficácia no primeiro trimestre para obter um diagnóstico precoce identificando qualquer alteração que seja.

Em um estudo feito por Moura C, *et al.*, (2016), a ruptura hepática em paciente com síndrome de HELLP é uma complicação rara, que pode acarretar em morte. É de extrema importância que a equipe multidisciplinar tenha o reconhecimento e diagnóstico precocemente para uma abordagem de eficácia, reduzindo assim a taxa de mortalidade materna, porém muitas das vezes o diagnóstico só aparece no intraoperatório que requer uma intervenção ágil e eficiente.

Segundo o relato do caso feito por Zuccolotto, E. B., *et al* (2016), a escolha do método anestésico em pacientes com síndrome de hellp no momento do parto é de grande valia, visto que a intubação traqueal com indução e o uso de medicamentos pode minimizar as possíveis complicações associadas ao procedimento.

O seguimento pós-parto da mãe deve ser uma atenção próxima, pois podem ocorrer complicações persistindo ou começando a aparecer. A mãe precisa ser educada sobre os sinais de alerta e a importância de acompanhamento médico. O presente estudo com revisão integrativa da literatura destaca a importância de protocolos padronizados para o manejo da Síndrome de HELLP, seguindo as melhores práticas e os mais recentes dados científicos, bem como a formação e educação continuada a profissionais de saúde para a identificação precoce e intervenção eficaz. Pesquisas em novas abordagens terapêuticas e métodos de monitoramento da Síndrome de HELLP também são necessárias para uma melhor gestão dessa condição. (Vogin, 2016)

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A investigação atual demonstra a relevância da identificação e diagnóstico precoce da SH, bem como, a pertinência da atuação multiprofissional na assistência assertiva às gestantes com esta síndrome. Neste sentido, vale destacar que o encaminhamento ao pré-natal de alto risco é de suma importância, uma vez que, esta gestante será acompanhada por uma equipe especializada, o que concerne repercussões positivas, no que diz respeito a promoção da saúde e prevenção destes agravos durante a gestação.

Ademais, considerando os aspectos fisiopatológicos da SH, a utilização de ferramentas para guiar o processo clínico através da assistência no cuidado e tratamento são basilares. Sob essa perspectiva, condutas relativas ao acompanhamento dos exames laboratoriais intrínsecos a SH e tratamento farmacológico de acordo com as especificidades e orientações relativas estilo de vida, explicitam as condutas e atuações principais dos profissionais diante deste quadro.

Em síntese, a assistência multiprofissional ao pré-natal tem se evidenciado como um dos principais mecanismos que conferem seguimento no que tange o manejo clínico SH. Diante do exposto, os aspectos atitudinais do profissional concebem grande valoração para assegurar qualidade da assistência no binômio materno-fetal.

REFERÊNCIAS

DUSSE LM., ALPOIM P. N., SILVA JT, Rios DR, BRANDÃO AH, CABRAL AC.



Revisiting HELLP syndrome. *Clin Chim Acta*. 2015 Dec 7;451(Pt B):117-20. doi: 10.1016/j.cca.2015.10.024. Epub 2015 Oct 23. PMID: 26525965. Acesso em: 09 de maio de 2024

Editorial Office of Asian Biomedicine. Hypertension, preeclampsia, and HELLP syndrome in pregnancy. **Asian Biomed (Res Rev News)**. 2023 Oct 26;17(5):206-207. doi: 10.2478/abm-2023-0061. PMID: 37899761; PMCID: PMC10602631. Acesso em: 10 de maio de 2024

GOMEZ-AVILES, P, et al. “Caring for Patients with Gestational Hypertensive Disorders: Essential Takeaways”. **Methodist Debaquey Cardiovascular Journal**, v. 20, n. 2, p. 120-123, 2024. Disponível em: <https://doi.org/10.14797/mdcvj.1311>. Acesso em: 15 de maio de 2024

MOUSSEAUX C., et al. Síndrome HELLP grave disfarçada de púrpura trombótica trombocitopênica: relato de caso. **BMC Nefrol**. 2020 29 de maio;21(1):204. doi: 10.1186/s12882-020-01865-y. PMID: 32471388; PMCID: PMC7260815. Acesso em: 11 de maio de 2024

MOURA C, et al., Hepatic rupture in HELLP syndrome, **Journal of Surgical Case Reports**, vol 10 (2019), rjz277, <https://doi.org/10.1093/jscr/rjz277>. Acesso em: 15 de maio de 2024

RUIZ, M. T., et al. Associação entre síndromes hipertensivas e hemorragia pós-parto. **Revista Gaúcha De Enfermagem**, 36(spe), 55–61. (2015) <https://doi.org/10.1590/1983-1447.2015.esp.56776>. Acesso em: 17 de maio de 2024

VOGIN G., et al. Uma síndrome HELLP complica uma neoplasia trofoblástica gestacional em uma mulher na perimenopausa: relato de caso. **Câncer BMC**. 2 de agosto de 2016;16:573. doi: 10.1186/s12885-016-2641-2. PMID: 27485461; PMCID: PMC4970248. Acesso em: 17 de maio de 2024

ZUCCOLOTTO, E. B., et al., Anesthesia in pregnant women with HELLP syndrome: case report. **Revista brasileira de anesthesiologia** vol. 66,6 (2016): p. 657-660. Disponível em: doi:10.1016/j.bjan.2014.05.013. Acesso em: 15 de maio de 2024.

CÂNCER DE MAMA E O IMPACTO NA FERTILIDADE

Larissa Santos Machado¹; Samita Samara Silva de Sousa²; Melissa de Araújo Tavares²; Anny Celestty Aniceto de Moura³; Sabrina de Alencar Ribeiro⁴; Nayanne Vieira Lima⁴; Vitória Gabrielle da Silva Gomes⁵; Flávia Lavínia de Carvalho Macedo⁶.

Graduanda em Enfermagem pela Universidade Federal da Bahia¹, Graduanda em Enfermagem pela Universidade Estadual do Ceará², Graduanda em Fonoaudiologia pela Universidade Federal de Pernambuco³, Graduanda em Enfermagem pela Universidade Regional do Cariri⁴, Graduanda em Medicina pela Universidade Federal de Alagoas⁵, Doutoranda em Enfermagem e Saúde pela Universidade Federal da Bahia⁶.

larissasmachado2001@gmail.com

RESUMO

INTRODUÇÃO: O câncer de mama é a neoplasia que acomete principalmente as mulheres, tanto em território nacional quanto mundial. Nos últimos anos tem aumentado o número de casos entre pacientes com menos de 35 anos, podendo ocorrer devido ao estilo de vida das novas gerações com maior consumo de alimentos ultraprocessados. **OBJETIVO:** Descrever acerca dos principais achados sobre o impacto do câncer de mama na fertilidade da mulher. **METODOLOGIA:** Trata-se de uma revisão integrativa da literatura realizada por meio da análise nas bases de dados, disponíveis na BVS, sendo elas: MEDLINE e LILACS. Foram utilizados os DeCS em cruzamento com o operador booleano and, sendo selecionados nove trabalhos após aplicação dos critérios de elegibilidade. **RESULTADOS E DISCUSSÃO:** O impacto que o câncer de mama causa na fertilidade é significativo, envolvendo tanto os efeitos diretos e indiretos dos tratamentos que podem causar implicações na fertilidade. **CONSIDERAÇÕES FINAIS:** Portanto, é evidente a necessidade de individualizar os tratamentos para minimizar os efeitos adversos e aumentar o acesso a informações e serviços de oncofertilidade.

Palavras-chave: neoplasias da mama; preservação da fertilidade; saúde da mulher.

1 INTRODUÇÃO

O Instituto Nacional do Câncer (INCA) estima que em 2024 o câncer de mama tenha 73.610 novos casos registrados no período. O câncer de mama é a neoplasia que acomete principalmente as mulheres, tanto em território nacional quanto mundial. É definido como a multiplicação desordenada de células anormais na região da mama (INCA, 2024).

Inúmeros estudos se debruçam sobre a qualidade de vida de mulheres acometidas por esta neoplasia e, embora um dos fatores de risco para o câncer de mama seja a idade, casos já são notificados em mulheres em idade fértil. Nos últimos anos tem aumentado o número de casos entre pacientes com menos de 35 anos, podendo ocorrer devido ao estilo de vida das novas gerações com maior consumo de alimentos ultraprocessados (Federação Brasileira de Instituições Filantrópicas de Apoio à Saúde da Mama, 2020).

Existem diferentes tipos de câncer de mama, assim como seus tratamentos são personalizados para cada indivíduo. Desta forma, cada tratamento terá um desfecho diferente, de acordo com cada organismo. O tratamento contra o câncer de mama pode evoluir para a infertilidade em, pelo menos, cerca de 40% a 50% dos casos (Sociedade Brasileira de

Reprodução Assistida,2022). Portanto, este trabalho tem como objetivo descrever acerca dos principais achados sobre o impacto do câncer de mama na fertilidade da mulher.

2 METODOLOGIA

Trata-se de uma revisão integrativa da literatura, tendo como o objetivo principal utilizar métodos para identificar, selecionar e sintetizar os resultados sobre uma determinada área de conhecimento. Foi utilizada a estratégia PICO (Quadro 1), para formulação da pergunta norteadora: “Quais os principais impactos do câncer de mama na fertilidade?”. No qual o “P”, identifica-se como população de análise do estudo, o “I” o conceito que se pretende investigar e o “Co” está relacionado ao contexto.

Quadro 1. Aplicação da estratégia PICO.

Acrônimo	Definição	Aplicação
P	População	Mulheres com câncer de mama
I	Interesse	Impactos na fertilidade
Co	Contexto	Mulheres com câncer de mama e o desejo de gestar

Fonte: Elaborado pelos autores, 2024.

A busca foi realizada por meio da análise nas bases de dados, disponíveis na Biblioteca Virtual em Saúde (BVS), sendo elas: *Medical Literature Analysis and Retrieval System Online* (MEDLINE) e *Literatura Latino-americana e do Caribe em Ciências da Saúde* (LILACS). Foram utilizados os Descritores em Ciências da Saúde (DeCS) em cruzamento com o operador booleano *and*, da seguinte forma: ‘*Breast Neoplasms AND Health Care AND Fertility*, encontrando 294 trabalhos.

Foram estabelecidos como critérios de inclusão: artigos publicados na íntegra, nos últimos cinco anos (2019-2024), na língua inglesa, portuguesa e espanhola, encontrando 83 artigos após a aplicação dos critérios. Posteriormente, foi realizada a leitura minuciosa dos títulos e resumos, seguidos dos artigos elegíveis na íntegra, descartando artigos conforme os critérios de exclusão: publicações que não contemplasse o objetivo do estudo, artigos na modalidade de tese, dissertações e revisões. Desta forma, foram selecionados nove artigos para compor a amostra bibliográfica desta revisão.

3 RESULTADOS E DISCUSSÕES

A preservação da fertilidade (PF) é um aspecto crucial no tratamento, devido aos efeitos colaterais gonadotóxicos pelos tratamentos oncológicos. O impacto que o câncer de mama causa na fertilidade é significativo, envolvendo tanto os efeitos diretos e indiretos dos tratamentos que podem causar implicações na fertilidade (Addamiano *et al.*, 2024).

Razeti *et al.* (2023) apontam três estratégias para garantir a PF e das funções ovarianas em mulheres na pré-menopausa sendo elas a criopreservação de oócitos e/ou embriões, a criopreservação de tecido ovariano e a supressão ovariana temporária com agonistas do hormônio liberador de gonadotrofina (GnRHa) durante a quimioterapia para pacientes com idade \leq a 40 anos, \leq 36 anos e \leq 45 anos, respectivamente, no momento diagnóstico. Ademais, o teste alfa proposto por Speller *et al.* (2019) adiciona ainda alternativas opções para PF após o tratamento como a supressão ovariana e o banco de esperma.

De acordo com Brown, Armstrong e Potdar (2022), em estudo realizado na Inglaterra, evidenciou que a perspectiva de infertilidade poderia ser mais traumática para mulheres mais jovens, com idades entre 20 e 30 anos. Outro estudo identificou entraves na garantia da fertilidade de mulheres com câncer de mama, tais como a carência do conhecimento especializado em profissionais da saúde sobre a fertilidade, a falta de apoio a saúde mental e a negação da escolha da paciente do tipo de tratamento a ser seguido, sendo submetidas a tratamentos mais agressivos sem serem consultadas sobre a fertilidade (Jones, 2020).

Hawkins *et al* (2019) realizou uma amostra nacional de mulheres norte-americanas com câncer de mama antes dos 45 anos, avaliando suas repercussões sobre a fertilidade. A amostra foi conduzida com 432 mulheres, sendo constatado que 67% das mulheres sobreviventes não discutiram os efeitos do tratamento na fertilidade com um profissional de saúde antes ou durante o tratamento. Mesmo que 20% das entrevistadas tenham referido interesse na fertilidade futura no momento do diagnóstico, poucas delas receberam aconselhamento sobre o impacto do tratamento na sua fertilidade.

Estudo mostrou que a escolha da melhor estratégia para preservar a fertilidade e as funções ovarianas de mulheres em idade reprodutiva diagnosticadas com câncer de mama apresenta variáveis como a idade da paciente e o tipo/dose da quimioterapia proposta. O recomendado pelas atuais diretrizes é que o aconselhamento sobre oncofertilidade preceda o início da terapia antineoplásica sistêmica discutindo com a paciente sobre a gonadotoxicidade, principal efeito colateral do tratamento, atrelada a insuficiência ovariana prematura (IOP) e a infertilidade como consequência desse estado (Razeti *et al.*, 2023).

Além disso, destaca-se a necessidade de mais pesquisas para desenvolver intervenções que possam aliviar os efeitos adversos sem comprometer a eficácia, bem como, a necessidade de individualização do tratamento e a preservação da fertilidade (Lambertini *et al.*).

Ademais, constatou-se o medo das mulheres em realizar o tratamento de preservação da fertilidade devido ao risco da recorrência do câncer, outro ponto constatado foi que mulheres solteiras têm menor probabilidade de preservar a fertilidade, visto que, em muitos casos, os profissionais presumem que elas não desejam realizar a PF. Outrossim, essa má conduta também ocorre em mulheres que já possuem filhos, na qual os profissionais também presumem que elas não querem ter outros filhos e não discutem opções de fertilidade.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante dos achados, é evidente a necessidade de individualizar os tratamentos para minimizar os efeitos adversos e aumentar o acesso a informações e serviços de oncofertilidade.

Assim, descobriu-se que as perspectivas de infertilidade foram particularmente afetadas por jovens pacientes, principalmente aqueles com idades entre 20 e 30 anos. Isso mostra a importância de programas dedicados que possam facilitar o acesso a serviços de fertilidade sem adiar a terapia oncológica. Esses programas são vitais para atender aos desejos dessas pessoas de ter um filho após a terapia do câncer.

Por fim, fornecer informações claras e detalhadas pode ajudar as pacientes a entender melhor suas opções de fertilidade, melhorar o aconselhamento oferecido e garantir que todas as mulheres, independentemente de sua situação familiar, possam tomar decisões informadas sobre sua saúde reprodutiva.

REFERÊNCIAS

ADDAMIANO, M. C. *et al.* Increasing access to fertility preservation for women with breast cancer: protocol for a stepped-wedge cluster randomized trial in France. **BMC Public Health**, v. 24, n. 1, p.231. 2024.

BROWN, K; Armstrong, N; Potdar, N. Fertility preservation decisions in young women with breast cancer: a qualitative study of health care professionals' views and experiences. **Human Fertility**. vol. 25, no. 5, 903–911, 2022.

HAWKINS, B. L. *et al.* Fertility-related experiences after breast cancer diagnosis in the Sister and Two Sister Studies. **Cancer**, v. 125, n. 15, p. 2675-2683, 1 ago. 2019.

HUANG, Sheng-Miauh *et al.* Oncofertility to Evidence-Based Practice: Changes in Fertility Intention and Symptom Burden in Reproductive-Age Women With Breast Cancer. **Worldviews on Evidence-Based Nursing**, v. 16, n. 5, p. 381-388, 2019.

JONES, R. How are women supported in making decisions regarding fertility preservation after a breast cancer diagnosis? **Br J Nurs**, p. s12–s21, 2020.

LAMBERTINI, M. *et al.* Advances in the Management of Menopausal Symptoms, Fertility Preservation, and Bone Health for Women With Breast Cancer on Endocrine Therapy. **Am Soc Clin Oncol Educ Book**. v. 43. May. 2023.

MARKLUND, A. *et al.* Reproductive Outcomes After Breast Cancer in Women With vs Without Fertility Preservation. **JAMA oncology**, v. 7, n. 1, p. 86–86, 1 jan. 2021.

RAZETI, M. G. *et al.* Approaches to Fertility Preservation for Young Women With Breast Cancer. **Clinical Breast Cancer**, Estado, v. 23, n. 3, p.241-248, abr. 2023.

SPELLER, B. *et al.* The "Begin Exploring Fertility Options, Risks and Expectations" (BEFORE) decision aid: development and alpha testing of a fertility tool for premenopausal breast cancer patients. **BMC medical informatics and decision making**, v.19, n.203. 28, out. 2019.



ANÁLISE EPIDEMIOLÓGICA DA MORBIDADE DO CÂNCER DE COLO DE ÚTERO NO BRASIL, ENTRE 2019 A 2023

Rayanne Barbosa Anacleto de Arruda¹; Amanda Suassuna Cortez Dos Santos¹; Heloísa de Lima Martins Dias; José Geraldo Dinoá Medeiros Neto².

Graduanda em Medicina pela Faculdade de Medicina Nova Esperança¹, Médico Especialista em Ginecologista e Obstetrícia pela Universidade Federal da Paraíba².

barbosarayanne@hotmail.com

RESUMO

O câncer de colo de útero (CCU) é uma neoplasia maligna que se caracteriza pela replicação desordenada das células do epitélio que reveste o órgão. O CCU surge de uma lesão precursora que tem como principal causador o papilomavírus (HPV). Além do HPV diversos outros fatores contribuem para a formação das lesões precursoras. Trata-se de um estudo epidemiológico observacional do tipo descritivo, com abordagem quantitativa, no qual foram utilizados os dados notificados referente a neoplasia maligna de colo de útero no Brasil. No período analisado de 2019 a 2023 foram registrados até a data de elaboração deste estudo 123.448 internações pelo câncer de colo no Brasil. A faixa etária de incidência dos casos encontra-se entre 40-60 anos, o que corrobora com os dados obtidos. Assim, a Organização Mundial da Saúde (OMS) instituiu o rastreamento entre as mulheres na faixa de 25 a 64 anos, por meio do citopatológico, visando reduzir em até 80% a mortalidade decorrente desta patologia. Dessa maneira, através desse estudo foi possível determinar o perfil epidemiológico dos casos e determinar os grupos de riscos, trazendo a possibilidade de direcionar ações de promoção, prevenção e reabilitação da saúde para esse público-alvo.

Palavras-chave: câncer de colo de útero; saúde da mulher; prevenção.

1 INTRODUÇÃO

O câncer de colo de útero (CCU) é uma neoplasia maligna que se caracteriza pela replicação desordenada das células do epitélio que reveste o órgão, seja em sua porção externa também chamada de ectocérvice, ou em sua porção interna denominada endocérvice. Além disso, pode desencadear o comprometimento do tecido subjacente, bem como invadir estruturas e órgãos adjacentes (FILHO et. al, 2021).

Nesse sentido, os carcinomas invasores do colo do útero dividem-se em dois grupos: o carcinoma epidermóide o qual apresenta-se com maior incidência dos casos, afetando especialmente o epitélio escamoso e sendo responsável por cerca de 80% dos casos, e em seguida o adenocarcinoma que é menos prevalente que o anterior e atinge especialmente o epitélio glandular (MOURA, 2022).

O CCU surge de uma lesão precursora que tem como principal causador o papilomavírus (HPV), se dando sua transmissão por via sexual e, ocorrendo de maneira assintomática, o que leva a dificuldade em seu diagnóstico. Ademais, o HPV possui diversos tipos, sendo o 16 e 18 os mais ligados ao CCU. Além do HPV diversos outros fatores contribuem para formação das lesões precursoras, sendo esses: a idade, infecções sexualmente transmissíveis, tabagismo, multiparidade e atividade sexual precoce (LIMA, et al. 2022).

Tais lesões possuem um longo intervalo de tempo para que possam evoluir para um processo invasivo, ocorrendo em torno de 10 até 20 anos. Assim, quando diagnosticadas



precocemente e tratadas de maneira efetiva possuem uma alta taxa de cura. Por isso, o Ministério da Saúde preconiza o rastreamento por meio do exame citopatológico, iniciando em mulheres a partir de 25 anos que já tenham iniciado sua vida sexual e finalizando aos 64 anos se obter dois exames negativos sucessivos nos últimos cinco anos (FILHO et. al, 2021).

De acordo com dados do Instituto Nacional de Câncer (INCA) o câncer de colo de útero é a terceira neoplasia mais comum entre as mulheres no Brasil na faixa etária de 15 a 44 anos. No Brasil, o número de casos por essa patologia encontra-se em um crescente, associado a isso observa-se a prevalência em idades cada vez mais jovens, bem como a alta taxa de mortalidade. Assim, tal fato torna-se uma problemática de saúde pública, visto que é a quarta causa de mortalidade no Brasil (LIMA, et al. 2022).

Diante disso, levantou-se a seguinte questão norteadora: Como está posto nos dados de saúde o perfil epidemiológico das mulheres internadas por neoplasia maligna no colo de útero no Brasil. Dessa forma, o objetivo deste estudo é avaliar e descrever o perfil epidemiológico da morbidade dos casos de câncer de colo de útero no Brasil entre os anos de 2019 a 2023.

2 METODOLOGIA

Trata-se de um estudo epidemiológico observacional do tipo descritivo, com abordagem quantitativa, no qual foram utilizados os dados notificados referente a neoplasia maligna de colo de útero no Brasil de acordo com a CID-10: C53, entre os anos 2019 e 2023. Os dados do presente estudo foram coletados no Sistema de Informações Hospitalares do SUS (SIH/SUS), no qual estão armazenados no Departamento de Informática do Sistema Único de Saúde (DATASUS), acessado via TABNET.

Assim, a população analisada neste trabalho foi composta pelo número de internações por neoplasia do colo de útero, utilizando-se das seguintes variáveis: faixa etária, etnia, região e distribuição cronológica. Por meio das informações alcançadas, foram compostas tabelas por meio do Microsoft Excel. Ressalta-se que devido tais dados serem de domínio público não se faz necessário a submissão do projeto ao Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) conforme a Resolução nº 510/2016 em seu segundo inciso III. Ademais, estudos bibliográficos foram utilizados embasando a pesquisa por meio das bases de dados eletrônicas Scielo, Medline e Pubmed.

3 RESULTADOS E DISCUSSÕES

No período analisado de 2019 a 2023 foram registrados até a data de elaboração deste estudo 123.448 internações por neoplasia maligna do colo do útero, no Brasil. Observou-se que, no que tange o total de internações por ano, esse número variou de 23.768 em 2019 a 27.868 em 2023, sendo seu maior número no último ano analisado e seu menor número em 2020. Além disso, foi evidenciado um crescente no número de internações quando comparados os números de hospitalizações de 2020 a 2023. Na Tabela 1, observa-se o número de internações por neoplasia maligna do colo do útero no Brasil por ano, de 2019 a 2023.

Tabela 1 - Número de internações por neoplasia maligna do colo do útero no Brasil por ano, de 2019 a 2023.
Brasil, 2024.

Ano	Nº de Internações	Percentual (%)
2019	23.768	19,25
2020	22.457	18,19
2021	23.111	18,72
2022	26.244	21,26
2023	27.868	22,58

Fonte: SIH/SUS, DATASUS. Brasil, 2024.



No que diz respeito à faixa etária, verificou-se que houve prevalência das internações nas pacientes da faixa etária a partir de 30 anos até os 59 anos, somando-se cerca de 71% dos casos, e sendo o pico de incidência entre as pacientes com 40 a 49 anos, seguido de pacientes com idade entre 30 a 39 anos e, em terceiro lugar as mulheres com 50 a 59 anos. Na Tabela 2, observa-se o número de internações por neoplasia maligna do colo do útero no Brasil por faixa etária, de 2019 a 2023.

Tabela 2 - Número de internações por neoplasia maligna do colo do útero no Brasil por faixa etária, de 2019 a 2023. Brasil, 2024.

Faixa etária	Nº de Internações	Percentual (%)
0 a 19 anos	207	0,17
20 a 29 anos	7.574	6,14
30 a 39 anos	28.235	22,87
40 a 49 anos	34.391	27,79
50 a 59 anos	25.128	20,36
60 a 69 anos	17.016	13,78
70 a 79 anos	8.343	6,76
80 anos e mais	2.644	2,14

Fonte: SIH/SUS, DATASUS. Brasil, 2024.

Nesse sentido, a faixa etária de incidência dos casos de CCU encontra-se entre 40-60 anos, o que corrobora com os dados obtidos e demonstrados acima. Assim, a Organização Mundial da Saúde (OMS) instituiu o rastreamento entre as mulheres na faixa de 25 a 64 anos, por meio do citopatológico e tratamento adequado das lesões precursoras identificadas ao exame, visando reduzir em até 80% a mortalidade decorrente desta patologia (SILVA et al. 2022).

Observou-se que a maioria das internações por Neoplasia maligna do colo do útero no Brasil ocorreram entre pessoas pardas (45,66%), seguidas por pessoas brancas (36,52%). Sendo válido destacar que 10,21% do total de internações não apresentaram informações quanto à raça/cor.

Tabela 3 - Número de internações por neoplasia maligna do colo do útero no Brasil por etnia, de 2019 a 2023. Brasil, 2024.

Etnia	Nº de Internações	Percentual (%)
Branca	45.083	36,52
Preta	7.254	5,88
Parda	56.372	45,66
Amarela	1.931	1,56
Indígena	207	0,17
Sem informação	12.601	10,21

Fonte: SIH/SUS, DATASUS. Brasil, 2024.

Ao analisar as taxas médias de internações entre as regiões brasileiras, observa-se uma concentração de internações no Sudeste, seguida pela região Nordeste e Sul. Em contrapartida, as regiões menos afetadas foram Centro Oeste e Norte.

Tabela 4 - Número de internações por neoplasia maligna do colo do útero no Brasil por região, de 2019 a 2023. Brasil, 2024.

Região	Nº de Internações	Percentual (%)
Norte	10.023	8,12
Nordeste	31.953	25,88
Sudeste	48.837	39,56
Sul	23.478	19,02



Centro Oeste	9.157	7,42
--------------	-------	------

Fonte: SIH/SUS, DATASUS. Brasil, 2024.

Assim, a partir da análise dos dados traçou-se que o perfil epidemiológico dos casos de internações por câncer de colo uterino foram mulheres de etnia pardas, moradoras da região Sudeste do país e da faixa etária entre 40 a 49 anos, com o ano de maior incidência sendo 2023.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Dessa maneira, através desse estudo foi possível determinar o perfil epidemiológico dos casos e determinar os grupos de riscos, trazendo a possibilidade de direcionar ações de promoção, prevenção e reabilitação da saúde para esse público-alvo.

Assim, apesar da alta taxa de cura e da existência de uma vacina, as lesões de HPV costumam ser diagnosticadas de forma crescente e tardia. Tal fato decorre da carência de informações destinadas às mulheres, visando o esclarecimento da importância do exame de rastreamento por meio do citológico e da vacinação para o HPV, reforçando a deficiência das campanhas educativas dentro das comunidades.

Diante do exposto, verifica-se com este trabalho, o papel fundamental que a pesquisa tem no processo saúde-doença, impulsionando o desenvolvimento de novas técnicas e métodos que favoreçam os exames já existentes. Vale salientar a importância que a comunidade acadêmica tem ao investir em pesquisas, capacitação e educação em saúde nessa área, a fim de que os exames de Papanicolau sejam realizados de forma adequada e periódica, auxiliando na prevenção e cura do câncer de colo de útero, trazendo bem-estar e qualidade de vida para as mulheres.

REFERÊNCIAS

LIMA, Delza Correia et al. Aspectos epidemiológicos dos casos de câncer de colo de útero no Brasil de 2016 a 2021. **Research, Society and Development**, [S. l.], v. 11, n. 12, p. 1-8.

2022. Disponível em: <https://rsdjournal.org/index.php/rsd/article/view/34432/29112>. Acesso em: 22 de maio de 2024.

FILHO, José Lima Pereira et al. Câncer do colo do útero: Análise epidemiológica e citopatológica no Município de São Luís, Estado do Maranhão, Brasil. **Research, Society and Development**, [S. l.], v. 10, n. 8, p. 1-11. 2021. Disponível em:

<https://rsdjournal.org/index.php/rsd/article/view/17074>. Acesso em: 22 de maio de 2024.

MOURA, Hemeson Lira et al. Panorama epidemiológico dos casos de câncer de colo do útero no estado do Acre entre os anos de 2015 e 2020. **Scientia Naturalis**, Rio Branco, v. 4, n. 1, p. 186-197, maio-set. 2022. Disponível em:

<https://periodicos.ufac.br/index.php/SciNat/article/view/6132>. Acesso em: 20 de maio de 2024.

SILVA, Ana Caroline Costa et al. ANÁLISE DO PERFIL EPIDEMIOLÓGICO DAS PACIENTES E DOS ACHADOS CITOPATOLÓGICOS DO COLO ÚTERO REALIZADO NO CSC MORADA DO SOL, TAQUARALTO, PALMAS - TO. **Revista Humanidades e Inovação**, Palmas, v.9, n.8, p. 217-228. 2022. Disponível em:

<https://revista.unitins.br/index.php/humanidadeseinovacao/article/view/6000>. Acesso em: 21 de maio de 2024.

SAÚDE MENTAL DA MULHER DURANTE O PERÍODO DE PUERPÉRIO: UMA REVISÃO DA LITERATURA

Andressa Souza Brito¹; Daniel Vieira de Souza²; Alessandra Batista Sabino³; Alan de Souza⁴; Elailson Faustino Braz⁵; Jailson Vieira Machado⁶.

Graduandos em Enfermagem pela Faculdade Adventista da Bahia^{1, 2, 3, 4, 5} Mestre em Enfermagem pela Escola Bahiana de medicina e saúde pública e Docente na Faculdade Adventista da Bahia⁶.

andressasouzabrito2018@gmail.com

RESUMO

A gravidez e o período pós-parto são fases de transição caracterizadas por significativas mudanças físicas, emocionais e sociais para as mulheres. O objetivo da pesquisa é analisar os estudos já realizados e promover uma discussão da temática. Trata-se de uma revisão da literatura, realizada em abril de 2024. A busca por literaturas foi realizada nas bases de dados Lilacs, Medline e BDNF - Enfermagem. Utilizando os Descritores em Ciências da Saúde (DECS) e o operador booleano “and”, utilizando os descritores, “saúde mental”, “mulher” e “puerpério” resultando em 4 artigos para o desenvolvimento do estudo. Constatamos que os principais fatores desencadeadores de problemas mentais no período puerpério são: faixa etária, escolaridade, raça, naturalidade, ocupação, renda familiar e situação conjugal. Foi observado também que a baixa escolaridade das puérperas pode influenciar no desenvolvimento de Depressão Pós-Parto (DPP), resultando em uma maior insegurança por parte dessas mães diante de seus bebês. Mulheres que receberam apoio social afetivo demonstraram melhor percepção de seu estado de saúde quando comparadas com as mulheres que não receberam esse apoio social afetivo. Concluindo, destaca-se a importância da promoção da saúde mental de mulheres, tanto no período gestacional quanto no puerpério.

Palavras-chave: saúde da mulher; saúde mental; puerpério.

1 INTRODUÇÃO

A gestação ou o puerpério são momentos de transição marcados por mudanças físicas, emocionais e sociais significativas para as mulheres. Durante essa jornada, a saúde mental emerge como um componente essencial, especialmente para aquelas que enfrentam transtornos psicológicos pré-existentes. Inúmeras investigações têm ressaltado a significativa ocorrência de sintomas depressivos, ansiosos e outros distúrbios psicológicos entre mulheres grávidas e no período pós-parto, indicando a urgência de uma abordagem integrada que combine cuidados obstétricos com serviços de saúde mental. (Teixeira. *et.al.* 2019).

Além disso, políticas públicas desempenham um papel crucial na promoção da saúde materna e infantil. A Rede Cegonha, implantada pelo Ministério da Saúde, é um exemplo emblemático desse esforço, buscando garantir acesso universal a uma assistência humanizada e segura ao longo do ciclo gravídico-puerperal. Com o intuito de proporcionar uma abordagem abrangente e multidisciplinar, é imperativo explorar os diversos aspectos relacionados à saúde mental durante a gestação e o pós-parto. Considerando o contexto multifacetado desses períodos e a complexidade das necessidades das mulheres, é essencial uma compreensão ampla e sensível das questões envolvidas. (Brasil 2021).

Ao fazê-lo, podemos não apenas aprimorar a qualidade dos cuidados oferecidos, mas



também promover o bem-estar integral das mulheres e de suas famílias, contribuindo para uma experiência gestacional e puerperal mais positiva e saudável. (Assef. B. *et. al.* 2021).

2 METODOLOGIA

Esse estudo trata-se de uma revisão da literatura, realizada em abril de 2024, com o objetivo de apresentar uma análise de estudos já realizados e promover uma discussão da temática. Para essa revisão foram selecionadas como base de dados a Lilacs, Medline e BDNF- Enfermagem, utilizando os seguintes descritores em ciência da saúde (DeCS) e o operador booleano "and", a busca inicial envolveu os termos "saúde da mulher", "saúde mental" e "puerpério", sendo encontrado um total de 631 artigos.

Foram utilizados como critérios de inclusão os artigos disponíveis de maneira completa nos seguintes idiomas, Inglês, Português e Espanhol, com um recorte temporal dos anos de 2019 a 2024, aplicou-se os critérios de exclusão, incluindo artigos pagos ou duplicados, fora do recorte temporal e da temática proposta, após a leitura de títulos e uma profunda análise criteriosa dos artigos foram selecionados um total de cinco artigos para a elaboração dos resultados.

Esse estudo dispensou a submissão ao Comitê de Ética e Pesquisa, pois não envolveu pesquisas em seres animais e humanos, atentando-se aos direitos autorais vigentes.

3 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Destacam-se diversos fatores que influenciam na saúde mental da mulher durante o puerpério. A prevalência de fatores que desencadeiam o desenvolvimento dos transtornos mentais está associada à faixa etária, quanto menor a idade da puérpera, maior o risco de desenvolver, também a escolaridade, raça, naturalidade, ocupações (se ela possui emprego), renda familiar, se recebe algum auxílio do governo e situação conjugal. (Silva JKAM. *et. al.* 2023)

Em seu estudo, Silva JKAM. *et. al.* (2023), trazem dados estatísticos realizado com 20 puérperas que continham idade entre 18 e 39 anos, na cidade de Maceió-AL, apontando que das participantes 35% sentiam-se alegres no pós-parto, 45% estavam estressadas ou ansiosas, 15% calmas e 5% tristes. No mesmo estudo, 100% das entrevistadas relataram não possuir nenhum diagnóstico de transtorno mental, mas, relataram ter momentos de ansiedade ou tristeza. O que se refere a relação das pacientes com a família, 65% afirmaram ser satisfatória, 15% muito satisfatória, 5% pouco satisfatória e 15% não satisfatória. A qualidade de sono das mesmas, 20% afirmaram ser satisfatório, 0% muito satisfatório, 40% pouco satisfatório e 40% não satisfatório. Na relação das mães com o RN, 0% afirmaram ser muito satisfatório, 30% pouco satisfatório e 70% não satisfatório.

Enfatiza-se mães jovens que são expostas a situações de vulnerabilidade, preocupações e estresse, e muitas têm que abnegar de seus desejos e metas para dedicar-se à responsabilidade de cuidar de um recém-nascido. (Santos MLC. *et. al.* 2022). Muitas adolescentes relatam renunciar principalmente aos estudos após a descoberta da gravidez, por alegarem preconceito de outros colegas, logo, afastam-se da escola e outros meios sociais para evitar constrangimentos causados por outros adolescentes. (Cremonese L. *et. al.* 2019).

Um estudo realizado no Rio Grande do Sul apontou que quanto maior os anos completos de estudo, maior a proteção no desenvolvimento de Depressão Pós-Parto (DPP), pois a baixa escolaridade interfere nas habilidades da puérpera para agir diante dos desafios da maternidade, ocasionando o sentimento de insegurança. (Santos MLC. *et. al.* 2022).

As mulheres que recebem baixo apoio social afetivo podem ter disfunções nas demonstrações físicas de amor e afeto, em contrapartida, aquelas que recebem maior apoio



social afetivo têm melhor percepção de seu estado de saúde. (Santos MLC. *et. al.* 2022).

Com isso, se reconhece também a necessidade do estabelecimento de vínculo entre a equipe multidisciplinar que está em contato com a paciente, principalmente da Unidade Básica de Saúde, a fim de informar as alterações físicas ocorridas durante e após a gestação, incentivar também o autocuidado dessas mulheres, tornando o período pós parto melhor para a puerpera, recém-nascido e todo o ciclo familiar. (Silva JKAM. *et. al.* 2023).

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por fim, este trabalho destaca a importância da promoção da saúde mental durante a gestação e o puerpério. Através deste estudo, identificamos múltiplos fatores que influenciam na saúde mental durante o período da gestação e puerpério, tais como faixa etária, escolaridade, raça, renda familiar e situação conjugal.

Observamos que as mulheres jovens, especialmente aquelas que são expostas a situações de vulnerabilidade, enfrentam maiores desafios durante o puerpério, onde muitas vezes acabam renunciando seus estudos devido ao preconceito e estigma social.

Portanto, ao reconhecer e abordar os fatores que influenciam a saúde mental durante a gestação e puerpério, podemos não somente prestar uma melhor qualidade da assistência dos cuidados ofertados, mas também promover o bem-estar físico e emocional dessas mulheres e suas famílias.

REFERÊNCIAS

TEIXEIRA, B. *et. al.* ASPECTOS DA GESTAÇÃO E PUERPÉRIO DE MULHERES COM TRANSTORNOS MENTAIS. *J Nurs UFPE* online.2019;13:e239705.

PORTARIA Nº 1.459, DE 24 DE JUNHO DE 2011. Institui no âmbito do Sistema Único de Saúde -SUS- a Rede Cegonha. ASSEF. B. *et. al.* 2011

Aspectos dos transtornos mentais comuns ao puerpério. *Revista Eletrônica Acervo Científico-* ISSN 2595-7899. Vol. 29. 2021.

SILVA JKAM. *at. al.* Identificação de sinais precoces de alteração/transtornos mentais em puerperas para promoção do autocuidado. *R Pesq. Cuid. Fundam* online. 2023.

CREMONESE L, Wilhelm LA, Demori CC *et. al.* Vivências do Período Gravídico-Puerperal na Perspectiva de Mulheres Adolescentes. *Rev Fund Care* Online.2019.

SANTOS MLC, Reis JF, Silva RP, Santos DF, Leite FMC. Sintomas depressivos pós parto e fatores associados. *Pesquisa Escola Anna Nery* online. 2021.



CONSULTA DE ENFERMAGEM DE PRÉ-NATAL E IDENTIFICAÇÃO DE FATORES DE RISCO PARA PRÉ-ECLÂMPسيا: REVISÃO INTEGRATIVA

Dávila Cavalcante Pinho¹; Maria Emília Dantas Oliveira²; Jardeliny Côrrea da Penha³.

Graduando em enfermagem pela Universidade Federal do Piauí¹, Graduando em enfermagem pela Universidade Federal de Campina Grande², Doutora em enfermagem pela Universidade Federal do Ceará³.

davilacavalcantepinho@gmail.com

RESUMO

A pré-eclâmpسيا é responsável por elevada morbimortalidade materna e apresenta vários fatores de risco, que podem ser identificados no pré-natal. Assim, objetivou-se analisar o papel da consulta de enfermagem de pré-natal na identificação dos fatores de risco para a pré-eclâmpسيا. Revisão integrativa da literatura, realizada entre abril e maio de 2024, a partir da pergunta norteadora: “Qual o papel da consulta de enfermagem de pré-natal na identificação dos fatores de risco para a pré-eclâmpسيا?”. Foram utilizados como descritores: “cuidados de enfermagem OR nursing care” AND “cuidado pré-natal OR prenatal care” AND “fatores de risco OR risk factors” AND “pré-eclâmpسيا OR pre-eclâmpسيا”. A coleta se deu na *Medical Literature Analysis and Retrieval System online*, no *Cumulative Index to Nursing and Allied Health Literature* e Biblioteca Virtual em Saúde. Percebeu-se que a consulta de enfermagem de pré-natal é fundamental na identificação dos fatores de risco de pré-eclâmpسيا, pois proporciona anamnese detalhada, exame clínico com aferição de pressão arterial e peso da gestante, solicitação de exames complementares e classificação de risco gestacional. Logo, evidencia-se que uma consulta de enfermagem de pré-natal efetiva, que identifique em tempo oportuno os fatores de risco da pré-eclâmpسيا, prevenir essa doença e promover a saúde das gestantes.

Palavras-chave: cuidados de enfermagem; cuidado pré-natal; fatores de risco; pré-eclâmpسيا.

1 INTRODUÇÃO

A gestação é um evento característico do ciclo reprodutivo e de vida da mulher, repleto de diversas mudanças fisiológicas, emocionais, sociais e culturais. É uma condição de saúde que, em sua grande maioria, evolui fisiologicamente segura. Contudo, uma parte das mulheres, por possuir particularidades fisiológicas ou agravos durante a gestação, apresentam complicações obstétricas, evoluindo para um quadro de alto risco com intercorrências materna e/ou fetal (Nunes *et al.*, 2020), como as Síndromes Hipertensivas na Gestação (SHEG), que causam morbimortalidade materna em grandes proporções.

Dentre as SHEG, destaca-se a pré-eclâmpسيا, uma doença multissistêmica, identificada pela combinação da pressão arterial elevada (pressão arterial sistólica maior ou igual a 140mmHg e/ou pressão arterial diastólica maior ou igual a 90 mmHg), a partir da vigésima semana de gestação, associada a proteinúria e/ou a outro estado hipertensivo (Ferreira *et al.*, 2019; Nunes *et al.*, 2020). As complicações maternas da pré-eclâmpسيا incluem diminuição do fluxo sanguíneo placentário, descolamento de placenta, síndrome HELLP, eclâmpسيا e doenças cardiovasculares, e até mesmo a morte. Já as fetais são: restrição de crescimento intrauterino (CIR), sinais de sofrimento fetal, oligoidramnia e óbito fetal (Rezende, 2008).

Frente ao exposto, percebe-se a importância do (a) enfermeiro (a) investigar de forma



minuciosa durante a consulta de pré-natal os fatores de risco associados à pré-eclâmpsia em uma gestante, os quais são: primiparidade, extremos de idade reprodutiva, doenças crônicas, histórico familiar e/ou pessoal de pré-eclâmpsia, dietas hipoprotéicas e hipersódicas, ganho ponderal importante, estado nutricional pré-gestacional ou gestacional inadequado, más condições socioeconômicas, obesidade, baixa escolaridade (Cortinhas *et al.*, 2019).

A investigação pormenorizada desses fatores de risco permite a adoção de estratégias de prevenção da pré-eclâmpsia em tempo oportuno. Sendo assim, este estudo objetiva analisar, a partir da literatura científica, o papel da consulta de enfermagem de pré-natal na identificação dos fatores de risco para a pré-eclâmpsia.

2 METODOLOGIA

Trata-se de uma revisão integrativa da literatura (RIL), qualitativa e descritiva, realizada entre abril e maio de 2024, em que foi utilizado as etapas propostas por Whittemore e Knafl (2005): formulação da pergunta norteadora/problema da pesquisa: busca na literatura e coleta de dados; análise crítica dos achados; e apresentação e interpretação dos resultados.

Na primeira etapa da RIL, elaborou-se a questão da pesquisa, que foi organizada de acordo com a estratégia PICO (P- população; I- intervenção/área de interesse; Co- contexto (Aromataris; Munn, 2017) “Qual o papel da consulta de enfermagem de pré-natal na identificação dos fatores de risco para a pré-eclâmpsia?”

Para a busca na literatura, segunda etapa da RIL, foi utilizado um esquema lógico de construção de estratégia de busca (Araújo, 2020), com descritores disponíveis no site dos Descritores em Ciências da Saúde (DeCS) e *Medical Subject Headings* (MeSH). Os descritores utilizados foram: “cuidado de enfermagem” AND “cuidado pré-natal” AND “fatores de risco” AND “pré-eclâmpsia”/“*nursing care*” AND “*prenatal care*” AND “*risk factors*” AND “pre-eclampsia”. Ressalta-se que a busca se deu: na *Medical Literature Analysis and Retrieval System on line* (MEDLINE via PubMed®), no *Cumulative Index to Nursing and Allied Health Literature* (CINALH - EBSCO) e na Biblioteca Virtual em Saúde.

Como critérios de inclusão foram definidos: artigos, teses e dissertações disponibilizados na íntegra e gratuitos, sem delimitação de tempo e idioma, e que respondessem à questão da pesquisa. Excluíram-se protocolos de pesquisa e artigos do tipo revisão, exceto revisão sistemática e revisão integrativa de literatura.

Inicialmente foram encontradas 143 publicações, mas, após leitura dos títulos e resumos e aplicação dos critérios de inclusão, restaram 12, as quais compuseram a amostra final.

Para a coleta de dados, utilizou-se um instrumento padronizado que continha as seguintes variáveis: ano de publicação, periódico, nível de evidência e resposta à questão de pesquisa. Ademais, a análise dos dados quantitativos se deu por análise descritiva (frequências absolutas e relativas), no Microsoft Excel, versão 1.0; e dos dados qualitativos por meio da análise de conteúdo categorial temática.

3 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Dentre as 12 publicações científicas que compuseram a amostra desta pesquisa, três (25%) foram publicadas no ano de 2021 e sete (58%) estavam disponíveis na CINALH. Quanto ao nível de evidência, observou-se que o mais prevalente foi o nível IV, estudos de abordagem qualitativa com oito (67%) publicações.

Ademais, a análise dos artigos em relação à questão de pesquisa permitiu evidenciar que o papel da enfermagem na busca de fatores de riscos da pré-eclâmpsia durante a consulta de pré-natal é essencial, visto que os(as) enfermeiros(as) prestam uma assistência de qualidade,



capaz também de prevenir complicações provenientes dessa enfermidade (Araújo *et al.*, 2021).

O papel da consulta de enfermagem de pré-natal na identificação dos fatores de riscos da pré-eclâmpsia abrange: anamnese minuciosa, buscando antecedentes familiares com histórico de pré-eclâmpsia e históricos pessoal de pré-eclâmpsia em gravidez anteriores; exame físico criterioso, com aferição da pressão arterial, acompanhamento do peso da gestante, verificação da presença de edemas e avaliação fetal; solicitação de exames complementares (hemograma completo, sumário de urina); classificar a gestação (risco habitual, risco intermediário ou alto risco) (Abrahão *et al.*, 2020; Sarmiento *et al.*, 2020; Araújo *et al.*, 2021).

Ressalta-se que, aliado à identificação dos fatores de risco de pré-eclâmpsia, é essencial que o(a) enfermeiro(a) registre na caderneta da gestante os fatores encontrados durante a consulta, a fim de garantir uma assistência de qualidade e segura (Araújo *et al.*, 2021). Além disso, é fundamental uma atenção à saúde pautada em ações de educação em saúde para a gestante, no sentido de orientá-la sobre os fatores que desencadeiam a doença e sanar dúvidas, fazendo com que ela se envolva no processo de autocuidado e obtenha uma gestação saudável (Abrahão *et al.*, 2020; Sarmiento *et al.*, 2020).

Dessa forma, percebe-se que a consulta de enfermagem de pré-natal é primordial na busca ativa de fatores de risco para a pré-eclâmpsia, doença que pode levar a complicações durante a gestação e puerpério para o binômio mãe-bebê. Quando identificados precocemente, o(a) enfermeiro(a) pode proporcionar à mulher a prevenção dessa doença, e assim haver a redução das taxas de morbimortalidade (Sarmiento *et al.*, 2020).

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante dos resultados obtidos neste estudo, evidenciou-se a importância de uma consulta de pré-natal efetiva para a busca de fatores que predispõem o desenvolvimento da pré-eclâmpsia. Sendo assim, faz-se necessário um acompanhamento de qualidade da mulher durante o ciclo gravídico-puerperal a fim de prevenir a ocorrência dessa SHEG, reduzindo complicações ao binômio mãe-filho.

Ademais, observou-se que a atuação do (a) enfermeiro (a) na consulta de pré-natal é indispensável, visto que é um (a) profissional capacitado e que realiza uma assistência de qualidade, de forma individualizada e integral, promovendo um tratamento adequado de acordo com as necessidades das parturientes.

REFERÊNCIAS

ABRAHÃO, A.C.M., *et al.* Atuação dos enfermeiros a pacientes portadores de síndrome de hipertensão específica da gestação. **Rev Cient Esc Estadual Saúde Pública Goiás**. v. 6, n. 1, p. 51-63, 2020.

ARAÚJO, H. V. S., *et al.* Assistência de enfermagem a mulheres acometidas por eclampsia e pré-eclâmpsia: revisão integrativa. **Saúde Coletiva**, v. 11 n. 67, p. 6729-6742, 2021.

ARAÚJO, W.C.O. Recuperação da informação em saúde: construção, modelos e estratégias. **Convergências em Ciência da Informação**, Aracaju, v. 3, n. 2, p. 100-134, 2020.

AROMATARIS, E.; MUNN, Z. Joanna Briggs Institute reviewer's manual [Internet]. **Adelaide: The Joanna Briggs Institute**, 2017. Chapter 5.

CAHYANTI, M. HERMAYANTI, Y. MAULANA, I. Prevention Measures And How To Handle Pre-Eclampsia (Literature Review). **Journal of Numerical Cognition**, v. 4, n. 3,

2021.

CORTINHAS, A. B. B. *et al.* Pré- Eclâmpsia e Mortalidade Materna. **Revista Caderno de Medicina**, v. 2, n. 1, p. 62-72, 2019.

CARVALHO, C. R. Análise da Revisão Cochrane: O Papel dos Antiagregantes Plaquetários para Prevenir a PréEclâmpsia e as Suas Complicações. **Revista Científica da Ordem dos Médicos**, v. 34, n. 12, p. 810-814, 2021.

FERREIRA, E. T. M. *et al.* Características maternas e fatores de risco para pré-eclâmpsia em gestantes. **Rev Rene**, v. 20, n. 403, 2019.

FERREIRA, M. B. G. Nursing care for women with pre-eclampsia and/or eclampsia: integrative review. **Rev Esc Enferm USP**, v. 50 n. 2, p. 320-330, 2016.

GUIMARAES, N. O. Atuação do enfermeiro na prevenção das toxemias gravídicas. **Rev Enferm Atual in Derme**, v. 96, n. 32, 2022.

NUNES, F. J. B. P. *et al.* Cuidado clínico de enfermagem à gestante com pré-eclâmpsia: Estudo reflexivo. **Brazilian Journal of health Review**, Curitiba, v. 3, n. 4, p. 10483-10493, 2020.

RANEY, J. H., *et al.* Simulation-enhanced nurse mentoring to improve preeclampsia and eclampsia care: an education intervention study in Bihar, India. **BMC Pregnancy and Childbirth**, v. 19, n. 41, 2019.

REZENDE, J. Obstetrícia, 11º ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2008.

RODRIGUES, A. R. M., *et al.* Necesidades humanas básicas en gestantes con alto riesgo obstétrico analizado bajo la Teoría de Wanda Horta. **Cultura de los Cuidados**, v. 68, p. 227-240, 2024.

SARMENTO, R. S., *et al.* Pré-eclâmpsia na gestação: ênfase na assistência de enfermagem. **Enfermagem Brasil**, v. 19 n. 3, p. 261-267, 2020.

VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER E SUAS IMPLICAÇÕES NO PERÍODO GRAVÍDICO-PUERPERAL

Francisca Maria Lopes dos Santos¹; Nerley Pacheco Mesquita²; Kaliny Vieira dos Santos Alves Pereira³

Graduanda em enfermagem pela Universidade Pitágoras Unopar Anhanguera¹; Residente em Atenção à Saúde da Mulher-HUUFMA²; Mestranda em Saúde e Comunidade pela Universidade Federal do Piauí³

f13101359@gmail.com

RESUMO

A violência contra a mulher destaca-se como um importante fator de risco para morbimortalidade feminina e no ambiente familiar, geralmente ocorre pelo parceiro íntimo onde ficam expostas às agressões inclusive no período gestacional e puerperal. Objetivou-se explicar as principais implicações causadas pela violência contra a mulher no período gravídico-puerperal. Trata-se de uma revisão integrativa da literatura, que ocorreu no mês de maio de 2024, utilizando os descritores: Violência Contra a Mulher, Gravidez e Puerpério, na base eletrônica (BVS) e na biblioteca da (SciELO), resultando em 9 artigos que foram avaliados na íntegra para a construção do trabalho. Quanto às implicações causadas pela violência contra a mulher no período gravídico-puerperal, destacam-se sintomas de depressão, isolamento social, ideação suicida, baixa autoestima, uso de álcool e outras drogas, descolamento de placenta, hemorragias intensas e abortos espontâneos, além de complicações ao feto como parto prematuro, baixo peso ao nascer, apgar abaixo do normal, cianose e óbito. É imprescindível a realização de um acolhimento a essas mulheres bem como o fornecimento de orientações necessárias, esclarecendo sobre a importância dos cuidados maternos e riscos que o contexto de violência oferece para a saúde física e mental tanto da mulher quanto da criança.

Palavras-chave: violência contra a mulher; gravidez; puerpério.

1 INTRODUÇÃO

A violência doméstica consiste em qualquer ação ou omissão capaz de afetar a integridade física, mental e sexual incluindo também os casos de danos morais ou patrimoniais. Esse tipo de violência ocorre com maior frequência no ambiente familiar, sendo causada geralmente por familiares mais próximos, onde o convívio com o agressor é constante. No contexto de vulnerabilidade social, o número de casos de violência contra a mulher tem aumentado significativamente, pois muitas das vezes este ato impetuoso contra o público feminino ainda é visto culturalmente como forma de disciplinar as mulheres (Martins *et al.*, 2022; Araújo *et al.*, 2023).

Na gestação a mulher passa por diversas transformações físicas e psicológicas e por esse motivo, o período gestacional é considerado como porta de entrada para a ocorrência de vários tipos de violência, com destaque para as agressões verbais e psicológicas podendo causar consequências tanto para a saúde da mãe quanto para o feto. A violência contra a mulher pode afetar a integridade física e emocional da vítima, além de gerar regressos aos estabelecimentos de saúde devido às consequências causadas, que muitas vezes são irreversíveis, portanto, essa realidade é considerada como um grave problema de saúde pública (Araújo *et al.*, 2023; Bonifácio *et al.*, 2023).



A violência contra a mulher destaca-se como um importante fator de risco para morbimortalidade feminina e no ambiente familiar, geralmente ocorre a violência pelo parceiro íntimo (VPI) onde as mulheres ficam expostas às agressões em todas as fases da sua vida inclusive no período gestacional e puerperal, causando inúmeros efeitos negativos na saúde materno-infantil (Marcacine *et al.*, 2018; Silva *et al.*, 2022).

Diante do exposto, levando em consideração a complexidade e os impactos da violência contra a mulher, inclusive na gravidez e puerpério, o presente estudo tem como objetivo explicar as principais implicações causadas pela violência contra a mulher no período gravídico-puerperal.

2 METODOLOGIA

Trata-se de uma revisão integrativa da literatura, que tem como principal objetivo sintetizar dados obtidos em pesquisas desenvolvidas através de um tema ou questão norteadora fornecendo informações e detalhes a respeito da temática a ser estudada, proporcionando um conhecimento amplo permitindo uma análise mais detalhada para desenvolvimento do estudo. (Ercole; Melo; Alcoforado, 2014).

A elaboração da revisão seguiu as seguintes etapas: escolha do tema, elaboração da pergunta norteadora, escolha dos descritores, definição dos critérios de inclusão/exclusão, coleta, análise e discussão dos dados dos estudos selecionados, exposição da síntese das evidências encontradas. A questão norteadora foi definida a partir do acrônimo PICO (P=Paciente/Problema, I=interesse, Co=contexto), sendo esta “Quais as repercussões causadas pela violência contra a mulher no período da gestação e puerpério?”.

A pesquisa ocorreu no mês de maio de 2024, tendo como base o objetivo do estudo, sendo utilizado os Descritores em Ciências da Saúde (DeCs): Violência contra a mulher, Gravidez e Puerpério que foram cruzadas com o conectivo booleano AND para auxiliar na busca na base eletrônica Biblioteca Virtual em Saúde (BVS) e na biblioteca da *Scientific Electronic Library Online* (SciELO).

Posteriormente, foi realizada a aplicação dos critérios de inclusão que foram trabalhos que destacavam as principais implicações causadas pela violência contra a mulher no período gravídico-puerperal, artigos completos publicados nas bases de dados nos idiomas português, inglês e espanhol, entre os anos de 2017 a 2023, sendo excluídos artigos duplicados, incompletos, resumos, resenhas, monografias, dissertações, teses, trabalhos publicados em anais de eventos bem como os que não apresentavam nenhuma relação com a temática.

A partir da análise dos estudos indexados nas bases de dados citadas, foram identificados inicialmente 49 artigos científicos. Após aplicação dos critérios de inclusão e exclusão, 40 estudos foram excluídos, resultando em 9 artigos científicos que foram avaliados na íntegra e utilizados na construção deste trabalho. Vale ressaltar que todos os artigos escolhidos estão conforme os critérios de inclusão exigidos para a pesquisa e foram devidamente referenciados ao final do presente trabalho.

3 RESULTADOS E DISCUSSÕES

A violência contra a mulher durante a gravidez e puerpério pode resultar em implicações passíveis de comprometer o binômio mãe/filho, pois é um período marcado por intensa vulnerabilidade onde ocorrem alterações hormonais e sentimentais. Quanto às consequências que podem surgir durante a gestação destacam-se quadros de cefaleia, dores crônicas, casos de infecções sexualmente transmissíveis (ISTs) além de distúrbios gástricos, desconforto respiratório, contrações uterinas, hemorragias intensas, amniorrexe prematura, descolamento prematuro de placenta (DPP) e abortos espontâneos (Marcacine *et al.*, 2018; Campos *et al.*,



2019; Leite *et al.*, 2019). Vale ressaltar que estas características são percebidas de forma mais intensa nesse período, visto que na gravidez, a mulher encontra-se mais fragilizada emocionalmente e por esse motivo, necessitam de apoio familiar e profissional pois o diagnóstico precoce de casos de violência contra mulheres, pode diminuir os impactos causados na vida dessas vítimas e de seus filhos.

Ainda nesse certame, podem surgir sintomas de ansiedade, e estresse pós-traumáticos resultando em sentimento de insegurança, sintomas de depressão, diminuição da libido, alteração na alimentação e nos padrões de sono, isolamento social, ideação suicida, baixa autoestima, uso de álcool e outras drogas (Campos *et al.*, 2019; Araújo *et al.*, 2023). Além disso, mulheres vítimas de violência podem se sentir envergonhadas pelo fato de muitas vezes ficarem com hematomas nas regiões agredidas do corpo, o que pode interferir na busca por ajuda e comprometer o acompanhamento do pré-natal que é fundamental no período gestacional

Quanto às complicações fetais e neonatais, pode ocorrer parto prematuro, resultando em baixo peso ao nascer (<2,500g), escores de Apgar abaixo do normal, cianose ao nascer e mortalidade fetal ou neonatal. Além disso, os traumas gerados após episódios de violência contra a mulher inclusive no período gravídico-puerperal podem influenciar no comportamento parental da mulher, onde a mesma pode apresentar comportamentos compensatórios e agressivos, refletindo a experiência de violência vivida na rotina diária dos filhos, realidade esta, que pode aumentar o risco do uso de práticas educativas violentas (Silva; Lima; Ludermir, 2017; Campos *et al.*, 2019). Frente a essa problemática, vale destacar a importância da Estratégia Saúde da Família e seus profissionais para manter às mulheres esclarecidas a respeito dos cuidados maternos, sempre orientando sobre as repercussões e riscos que o contexto de violência oferece para a saúde física e mental.

No puerpério, a mulher fica susceptível à depressão pós-parto, podendo interferir diretamente na sua qualidade de vida e recuperação e quando expostas a qualquer tipo de agressão nesse momento, podem perder o interesse nos cuidados com o recém-nascido, inclusive na prática do aleitamento materno (AM), podendo comprometer o desenvolvimento da criança (Campos *et al.*, 2019). Diante do exposto, é notória a importância da assistência às mulheres vítimas de violência portanto, é necessário saber identificar a situação, agir adequadamente e prestar atendimento integral e humanizado, para que as mesmas se sintam acolhidas e seguras para procurarem os serviços de saúde, manter o acompanhamento na gestação e puerpério para prevenção de maiores agravos.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A violência contra a mulher no período gravídico-puerperal causa repercussões importantes para o binômio mãe/filho, o que reforça a necessidade de intervenções por parte dos profissionais de saúde para que possam identificar precocemente as gestantes em risco, prestando uma assistência humanizada à essas mulheres e famílias. Além disso, é necessário manter uma atenção especial às grávidas que não iniciaram ou pararam de frequentar as consultas do pré-natal, objetivando reduzir os riscos de as mulheres serem vítimas de violência e das morbidades relacionadas ao período gestacional.

Portanto, é imprescindível a realização de um acolhimento a essas mulheres bem como o fornecimento de orientações necessárias, esclarecendo sobre a importância dos cuidados maternos e riscos que o contexto de violência oferece para a saúde física e mental tanto da mulher quanto da criança.

REFERÊNCIAS

ARAUJO, S. G et al. Gravidez e violência doméstica no contexto da atenção básica. **Revista Científica da Faculdade de Medicina de Campos**, v. 18, n. 2, p. 22-26, 2023.

BONIFÁCIO, L. M. M et al. Violência doméstica e depressão pós-parto: uma revisão da literatura. **Research, Society and Development**, v. 12, n. 3, p. e26412340774-e26412340774, 2023.

CAMPOS, L. M et al. A violência conjugal expressa durante a gestação e puerpério: o discurso de mulheres. **Revista Mineira de Enfermagem**, v. 23, n. 1, p. 1-7, 2019.

CAMPOS, L. M et al. Violência conjugal e suas implicações para o binômio mãe-filho: o discurso feminino. **Revista Eletrônica de Enfermagem**, v. 21, p. 1-7, 2019.

ERCOLE, Flávia. Falci.; DE MELO, Laís. Samara.; ALCOFORADO, Carla. Lúcia. Goulart. Constant. Revisão integrativa versus revisão sistemática. **Revista Mineira de Enfermagem**, v. 18, n. 1, p. 9-12, 2014.

LEITE, F. M. C et al. Implicações para o feto e recém-nascido da violência durante a gestação: revisão sistemática. **Revista Online de Pesquisa Cuidado é Fundamental**, v. 11, n. spec, p. 533-539, 2019.

MARCACINE, K. O et al. Violência por parceiro íntimo entre puérperas: fatores associados. **Revista Brasileira de Enfermagem**, v. 71, n. 3, p. 1306-1312, 2018.

MARTINS, N. G. S et al. Violência contra a mulher: o cuidado pré-natal e a importância da atuação humanizada. **Revista Científica Multidisciplinar-ISSN 2675-6218**, v. 3, n. 9, p. e391853-e391853, 2022.

SILVA, J. M. M.; LIMA, M. C.; LUDERMIR, A. B. Violência por parceiro íntimo e prática educativa materna. **Revista de Saúde Pública**, v. 51, p. 1-11, 2017.

SILVA, R.P et al. Violência por parceiro íntimo na gestação: um enfoque sobre características do parceiro. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 27, n. 5, p. 1873-1882, 2022.



HUMANIZAÇÃO E ASSISTÊNCIA: ESTREITANDO LAÇOS POR MEIO DA UTILIZAÇÃO DA MÚSICA

Ayrlla Vytória Pereira¹; Izabel Pereira da Silva¹.

Enfermeira. Residente em Atenção Básica pela Escola Multicampi de Ciências Médicas do Rio Grande do Norte (EMCM/UFRN)¹, Assistente social. Residente em Atenção Básica pela Escola Multicampi de Ciências Médicas do Rio Grande do Norte (EMCM/UFRN)¹.

ayrlla2011@live.com

RESUMO

A prática profissional exercida na Atenção Primária deve ser orientada por princípios como universalidade e acessibilidade. Neste cenário, destaca-se a necessidade de realização de ações de promoção, entre as quais destacam-se aquelas relacionadas ao controle do câncer do colo de útero. Mesmo diante dos benefícios do exame preventivo para rastreamento, muitas mulheres temem a sua realização por medo e vergonha. Neste contexto, a música utilizada durante a realização do exame pode auxiliar na promoção de uma assistência qualificada, trazendo benefícios durante os atendimentos. Trata-se de um estudo descritivo, do tipo relato de experiência, desenvolvido a partir da vivência experienciada por residentes atuantes em um serviço de Atenção Básica no município de Currais Novos. Considerando que as coletas de preventivos correspondem a uma prática recorrente e que muitas mulheres se sentem envergonhadas com a sua realização, foi adotada a utilização da música ao longo dos atendimentos realizados, com o objetivo de tornar o ambiente do consultório mais tranquilo e acolhedor para as usuárias, o que colaborou para que estas se sentissem menos nervosas e envergonhadas. Tal conhecimento pode servir de incentivo para que outros profissionais adotem a prática em seus atendimentos, sendo acessível em diferentes contextos e serviços de saúde.

Palavras-chave: teste de papanicolaou; saúde da mulher; musicoterapia.

1 INTRODUÇÃO

Considerando o contexto da Atenção Primária no Brasil, conforme preconiza o Ministério da Saúde, a prática profissional exercida neste cenário deve ser orientada pelos princípios da universalidade, da acessibilidade, do vínculo, da continuidade do cuidado, da integralidade da atenção, da responsabilização, da humanização, da equidade e da participação social (Brasil, 2012).

Dentre as atribuições comuns a todos os profissionais atuantes nesse cenário, destaca-se a necessidade de realização de ações de promoção, proteção e recuperação da saúde e prevenção de agravos, com vistas a garantir a atenção à saúde de maneira integral (Brasil, 2012).

Entre as ações desenvolvidas por tais equipes, destacam-se as ações relacionadas ao controle dos cânceres do colo de útero e da mama (Brasil, 2013). Segundo as estimativas do Instituto Nacional de Câncer, no triênio 2023-2025, o número de novos casos de neoplasia maligna do colo do útero para o Brasil corresponde a 17.010 (Inca, 2022).

Diante do exposto, é fundamental a realização do exame citopatológico de colo uterino, também conhecido como preventivo, ferramenta importante no rastreamento do câncer e essencial para a prevenção e diagnóstico precoce. O rastreamento deve ocorrer dos 25 anos, para mulheres que já iniciaram a vida sexual, até os 64 anos de idade.



Mesmo diante dos benefícios deste exame, muitas mulheres temem a sua realização motivadas por fatores como dificuldade de acesso aos serviços de saúde, falta de acolhimento por parte dos profissionais atuantes nos estabelecimentos de saúde e mesmo o desconhecimento sobre a importância e o objetivo do rastreamento, atrelando-se ainda sentimentos como o medo e a vergonha em expor o próprio corpo (Santos; Gomes, 2022).

Neste contexto, reconhecendo a música como um recurso terapêutico durante a realização do exame preventivo e os seus muitos benefícios (Taets; Barcellos, 2010), busca-se, no cenário descrito, promover uma assistência qualificada e holística durante os atendimentos em saúde da mulher por meio da sua utilização.

2 METODOLOGIA

Trata-se de um estudo descritivo, do tipo relato de experiência, de abordagem qualitativa, desenvolvido a partir da vivência experienciada por residentes atuantes em um serviço de Atenção Básica localizado no município de Currais Novos, Rio Grande do Norte.

As atividades da Residência Multiprofissional em Atenção Básica tiveram início em março de 2023, com duração até fevereiro de 2025, tendo como foco, especialmente, os atendimentos compartilhados entre as diferentes categorias profissionais existentes no programa, entretanto, os atendimentos individuais são realizados conforme a necessidade e demanda do serviço.

No que diz respeito aos atendimentos em saúde da mulher, a maioria das consultas realizadas por enfermeiros na UBS compreende esclarecimento de dúvidas a respeito de planejamento familiar, realização de testes rápidos contra IST's, avaliação das mamas e, especialmente, a realização de coletas de exame citopatológicos de colo uterino.

Considerando que as coletas de preventivos correspondem a uma prática extremamente recorrente e que muitas mulheres se sentem envergonhadas com a sua realização, foi adotada a prática de utilização da música ao longo dos atendimentos realizados desde março de 2023, estando em vigor até a presente data, com o objetivo de tornar o ambiente do consultório mais tranquilo e acolhedor para as usuárias.

Ao iniciar a consulta, preenche-se a ficha de requisição de exame citopatológico disponibilizada pelo Ministério da Saúde com os dados da mulher; em seguida, são realizados alguns questionamentos a respeito da sua condição atual e histórico pessoal e familiar de saúde, como forma de anamnese, com registro em Prontuário Eletrônico.

Partindo disto, realiza-se uma pequena abordagem para explicação sobre como é realizada a coleta e apresentação dos materiais que são utilizados durante o procedimento, a fim de que a mulher possa compreender como se dará o momento.

As músicas são postas para tocar durante a coleta do preventivo e permanecem até o fim do atendimento em aparelho telefônico próprio da profissional responsável pela realização do exame.

Por fim, são avaliados os achados clínicos e abre-se um espaço para a troca de conhecimentos e esclarecimentos de dúvidas, conforme a necessidade de cada usuária, podendo ocorrer também a solicitação de outros exames, como é o caso da mamografia bilateral para rastreamento do câncer de mama.

3 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Como forma de resultados, pode-se mencionar o ganho para a comunidade e para a unidade de saúde no que diz respeito ao âmbito da assistência à saúde da mulher, visto que ao proporcionar um ambiente acolhedor para a realização das consultas, as usuárias tendem a se



sentir menos nervosas e envergonhadas, abrindo espaço para o diálogo, troca de saberes e o fortalecimento de vínculos.

Santee *et al* apontam benefícios da utilização da música como recurso terapêutico capaz de proporcionar relaxamento nos indivíduos, sendo uma importante ferramenta para a humanização e um recurso para o cuidado de enfermagem, mostrando-se de grande relevância durante a realização de exames como o preventivo.

Neto *et al* afirmam que além destes benefícios mencionados, a musicoterapia utilizada durante a realização do exame citopatológico também é capaz de favorecer a melhora do vínculo e da receptividade ao profissional do sexo masculino, ao passo em que aumenta a adesão ao exame.

Ainda, estudos apontam que a música possui potencial para contribuir com a qualidade de vida e promoção da saúde das pessoas, como também, pode ajudar o indivíduo a enfrentar melhor o contexto no qual está inserido e auxiliar com a redução do estresse (Panacione, 2012), contudo, a sua utilização está condicionada à existência e funcionalidade de recursos tecnológicos, como exemplo, aparelhos de som ou telefone celular que pode necessitar de acesso à internet, o que não faz parte da realidade de todos os serviços de saúde no âmbito do SUS.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Através da prática relatada, percebe-se que a música pode auxiliar como instrumento de promoção da saúde, pois foi possível observar que ela de fato é capaz de promover relaxamento e reduzir o estresse das usuárias durante os momentos de atendimento.

Tal conhecimento pode servir de incentivo para que outros profissionais adotem a prática em seus atendimentos, haja vista, esta configura-se como uma estratégia de fácil manutenção e de baixo custo, sendo acessível em diferentes contextos e serviços de saúde.

Para além disso, destaca-se ainda o engajamento e a forte atuação da residência multiprofissional no âmbito da atenção primária do município de Currais Novos, que oportuniza a vivência de um trabalho colaborativo entre diferentes categorias profissionais e entre diferentes atores sociais.

REFERÊNCIAS

Brasil. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Atenção Básica. Controle dos cânceres do colo do útero e da mama. Brasília, 2013. 124 p.

Brasil. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Atenção Básica. Política Nacional de Atenção Básica. Brasília, 2012. 110 p.

DOS SANTOS, J. N.; GOMES, R. S. Percepções da Mulher na Prevenção do Câncer do Colo Uterino. Revista Brasileira de Cancerologia, v. 68, n. 2, Rio de Janeiro, 2022.

Instituto Nacional de Câncer (Brasil). Estimativa 2023: incidência de câncer no Brasil. Rio de Janeiro, 2022. Disponível em: <https://www.inca.gov.br/publicacoes/livros/estimativa-2023-incidencia-de-cancer-no-brasil>. Acesso em: 22 abr. 2024.

NETO, E. D; PALHANO, P. S; ESPÍNDOLA, A. S; LIMA, E. S. A musicoterapia como uma estratégia de relaxamento durante o exame do preventivo - um relato de experiência. In: Congresso Internacional da Rede Unida Suplemento, 2016, Mato Grosso do Sul. **Anais do 12º Congresso Internacional da Rede Unida Suplemento**, Mato Grosso do Sul, 2016.



2º CONSAMU 14, 15 e 16 de Junho

REALIZAÇÃO:



APOIO:



PANACIONI, G. F. A. Musicoterapia na promoção da saúde: um cuidado para a qualidade de vida e controle do estresse acadêmico. 2012. 126 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Música na Contemporaneidade, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2012.

SANTEE, K. M; OLIVEIRA, T. S; SANTOS, T. R; LIMA, M. R. G; FERNANDES, C. N. S; PILGER, C. O uso da música nos serviços de saúde: uma revisão integrativa. J. nurs. health, v. 9, n. 2, p. 1-15, 2019.

TAETS, G. G. de C; BARCELLOS, L. R. M. Música no cotidiano de cuidar: um recurso terapêutico para enfermagem. Revista de Pesquisa Cuidado é Fundamental Online, v. 2, n. 3, 2010.





ESTRATÉGIAS DE SUPORTE FAMILIAR NA ABORDAGEM DO TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA: O PAPEL DA ENFERMAGEM

Mariana Ingrid da Conceição Almeida Silva¹; Roberta Luise de Santana Silva²; Maria Beatriz da Silva Lima³; Maria Thais Soares dos Santos⁴; Bianca Silva Moreira⁵; Sabrina Gomes de Oliveira⁶; Mikael Lima de Sousa⁷; Paulyne Souza Silva Guimarães⁸.

Graduanda em Enfermagem pela Universidade Estadual do Maranhão¹, Graduada em Serviço Social pela Universidade Federal do Recôncavo da Bahia², Graduanda em Enfermagem pela Universidade Pitágoras Unopar Anhanguera³, Graduanda em Odontologia pelo Centro Universitário Mauricio de Nassau⁴, Graduanda em Enfermagem pela Universidade Regional do Cariri^{5,6,7}, Mestre em Ensino da Saúde pela Universidade Federal de Alagoas⁸.

almeida12marianaway@gmail.com

RESUMO

O Transtorno do Espectro Autista (TEA) é um transtorno do neurodesenvolvimento que afeta a comunicação social e provoca comportamentos repetitivos, impactando tanto os indivíduos diagnosticados quanto suas famílias. Este estudo busca entender as vivências familiares no diagnóstico do TEA para a prática da enfermagem. Uma revisão integrativa analisou 10 artigos das bases de dados PUBMED, LILACS e BVS, publicados entre 2019 e 2023, com a pergunta norteadora: Como a enfermagem pode melhorar o suporte emocional e educacional às famílias durante o diagnóstico e gestão do TEA? A literatura revela que as famílias enfrentam choque, negação e culpa ao receber o diagnóstico, sentimentos agravados pela comunicação inadequada e falta de empatia dos profissionais de saúde. É crucial a formação dos enfermeiros, incluindo treinamentos específicos sobre TEA nos currículos acadêmicos. A simulação clínica mostrou-se eficaz para desenvolver habilidades necessárias no atendimento a pacientes com TEA. Programas de intervenção devem focar nas necessidades específicas das famílias, oferecendo suporte emocional e informações claras. Além disso, são essenciais políticas de saúde que promovam triagem precoce e intervenções rápidas. Materiais educativos, como cartilhas informativas, ajudam na disseminação de conhecimento e apoio contínuo às famílias. Futuros estudos devem integrar cuidados primários e suporte especializado para um atendimento mais humanizado e eficaz.

Palavras-chave: transtorno do espectro autista; enfermagem; implicações familiares.

1 INTRODUÇÃO

O Transtorno do Espectro Autista (TEA) é uma condição complexa do neurodesenvolvimento, definida por déficits na comunicação social, interação social e padrões restritos e repetitivos de comportamento, interesses e atividades (Souza; Cardoso; Matos, 2023). O impacto do TEA transcende o indivíduo afetado, afetando diretamente suas famílias, que frequentemente enfrenta dificuldades significativas ao lidar com os desafios associados ao diagnóstico e manejo dessa condição (Bonfim *et al.*, 2020).

De acordo com Reis (2023) afirmam que o surgimento de uma criança com transtorno do espectro autista (TEA) evidencia a intrincada dinâmica das relações familiares, que são moldadas pelo cuidado e interação com essas crianças, além de frustrar expectativas previamente estabelecidas. A acessibilidade aos serviços de assistência em saúde e o apoio disponível às famílias durante esse processo também são frequentemente limitados (Bonfim *et*



al., 2020).

Inclusive segundo Bonfim *et al.* (2020) após diagnóstico, as famílias enfrentam a necessidade de adaptação a uma nova realidade, que muitas vezes inclui uma reorganização significativa da dinâmica familiar e das relações sociais. A busca por serviços especializados e terapias de estimulação precoce é crucial para o desenvolvimento da criança com TEA, embora a disponibilidade desses recursos varie significativamente (Souza; Cardoso; Matos, 2023).

Nesse contexto, Appah *et al.* (2024) reforça como a enfermagem desempenha um papel crucial na promoção do bem-estar e na oferta de suporte às famílias de crianças com TEA. Através de intervenções educativas, orientação sobre o diagnóstico e suporte emocional, os enfermeiros podem auxiliar as famílias na adaptação a essa nova realidade e na navegação pelos desafios associados ao TEA (Souza; Cardoso; Matos, 2023).

Assim, o objetivo deste estudo é identificar as vivências das famílias no processo de descoberta e manejo do Transtorno do Espectro Autista (TEA) na prática da enfermagem. Por meio de uma revisão integrativa da literatura, busca-se oferecer insights para o desenvolvimento de estratégias de apoio mais eficazes para famílias com crianças com TEA.

2 METODOLOGIA

Trata-se de uma revisão integrativa da literatura que buscou responder à seguinte questão norteadora: Como a enfermagem pode melhorar o suporte emocional e educacional às famílias durante o diagnóstico e gestão do TEA? Este estudo foi conduzido seguindo as etapas: escolha de tema, construção da pergunta norteadora, critérios de inclusão e exclusão, busca na base de dados, análise dos dados coletados e interpretação e discussão dos dados. Utilizamos as bases de dados MEDLINE, LILACS e BDNF, por meio dos descritores "Transtorno do Espectro Autista", "família" e "enfermagem", com os combinados booleanos AND, entre o período 2019 a 2023, esse intervalo permite uma análise abrangente das práticas atuais e emergentes na área, garantindo identificar tendências e mudanças significativas na abordagem do TEA.

Os critérios de inclusão foram trabalhos em formato de artigo completo disponível, com texto nos idiomas português, inglês e espanhol, e que cujo o tema respondeu à questão norteadora. Dados irrelevantes foram excluídos. Critérios de exclusão artigos incompletos, duplicados, pagos, inconsistentes metodologicamente, cartas ao editor e sem relação com a temática ou com o objetivo do estudo. Foram encontrados 70 artigos, dos quais após análise dos critérios de inclusão e exclusão foram excluídos 50 artigos, dos quais 20 estudos foram analisados, que após leitura mais criteriosa, visto que fugiam da linha de raciocínio da pesquisa, sendo por fim utilizados para compor o artigo 10 estudos.

3 RESULTADOS E DISCUSSÕES

A síntese das principais vivências relatadas pelas famílias durante o processo de descoberta do TEA revela uma gama complexa de sentimentos, incluindo choque, negação, culpa, estresse e incerteza em relação ao futuro da criança. Muitos pais relatam um profundo impacto emocional ao receber o diagnóstico, frequentemente associado a um sentimento inicial de descrença e negação (Mota *et al.*, 2022). Esses sentimentos são acompanhados de culpa, onde os cuidadores se questionam se poderiam ter percebido os sinais mais cedo, e estresse devido à incerteza sobre o futuro e os desafios diários na criação de uma criança com TEA (Bulhões *et al.*, 2023).

Segundo Bonfim *et al.* (2020) Essas emoções iniciais indicam a dificuldade em aceitar o diagnóstico, corroborada pelos relatos de mães sobre a percepção e aceitação dos sinais atípicos das crianças. Os desafios variam conforme os estágios do diagnóstico. Desde a suspeita



inicial até a aceitação e busca por suporte, as famílias enfrentam obstáculos significativos. Observação criteriosa dos primeiros sinais pelos cuidadores é essencial, pois são os primeiros a notar comportamentos atípicos. No entanto, a falta de conhecimento sobre o TEA pode retardar a busca por ajuda profissional, o que retarda intervenções essenciais para o desenvolvimento da criança (Mota *et al.*, 2022). Após o diagnóstico, a busca por recursos adequados e suporte emocional é frequentemente dificultada pela inexperiência e falta de formação adequada dos profissionais de saúde, incluindo enfermeiros (Calisto-Moreira *et al.*, 2022).

Mota *et al.* (2022) Enfatiza-se a importância da enfermagem familiar em oferecer cuidados holísticos, apoio emocional e educação, com abordagem acolhedora e ética. Enfermeiros bem treinados são essenciais para identificar precocemente sinais de TEA e encaminhar para avaliações diagnósticas (Hamp *et al.*, 2023). Contudo, estudos apontam falhas significativas na formação dos enfermeiros, resultando em assistência ineficaz e na ausência de estratégias adequadas para lidar com o comportamento e as necessidades individuais das crianças com TEA. (Díaz-Agea *et al.*, 2022).

As vivências das mães de crianças com TEA destacam a vitalidade do diagnóstico precoce para o desenvolvimento e integração social. A empatia, confiança e expertise dos enfermeiros são cruciais para oportuno diagnóstico e cuidados abrangentes. (Calisto-Moreira *et al.*, 2022). Contudo, a falta de preparo e a inabilidade de muitos profissionais em estabelecer uma comunicação eficaz e desenvolver um vínculo terapêutico são desafios frequentes, sublinhando a necessidade de maior educação e treinamento especializado (Calisto-Moreira *et al.*, 2022).

A integração entre os setores de saúde e educação também é crucial para o reconhecimento precoce dos sinais de TEA e para o desenvolvimento de estratégias de apoio mais eficazes. O ambiente escolar, quando bem preparado, pode desempenhar um papel significativo no suporte às crianças e suas famílias, reduzindo sentimentos de isolamento e discriminação (Bonfim *et al.*, 2020).

A criação de materiais educativos, como cartilhas informativas, apoia o entendimento e manejo do TEA, fornecendo informações essenciais sobre o transtorno, direitos e recursos. Isso ajuda a reduzir o estresse das famílias (Weissheimer *et al.*, 2023). Estratégias de comunicação adequadas e táticas focadas em criar vínculos com a criança e cuidadores são essenciais para um cuidado eficaz (Calisto-Moreira *et al.*, 2022).

Compreender as vivências familiares na descoberta do TEA e suas implicações para a enfermagem é crucial para desenvolver estratégias de apoio eficazes. Suporte emocional, educação contínua e capacitação dos profissionais de saúde são fundamentais para melhorar o atendimento às crianças com TEA e suas famílias. Políticas públicas e abordagens multidisciplinares são necessárias para garantir diagnóstico precoce e intervenções adequadas, melhorando prognóstico e qualidade de vida, reduzindo a estigmatização e promovendo o desenvolvimento socioemocional das crianças com TEA. (Calisto-Moreira *et al.*, 2022).

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente revisão permitiu observar as implicações dos resultados desta revisão integrativa para a prática da enfermagem familiar são profundas. Primeiramente, há uma necessidade urgente de aprimorar a formação e capacitação dos profissionais de enfermagem, incluindo treinamentos específicos sobre Transtorno do Espectro Autista (TEA) nos currículos acadêmicos, como evidenciado pelo estudo sobre estudantes de enfermagem. A simulação clínica mostrou-se eficaz no desenvolvimento das habilidades necessárias ao atendimento adequado de pacientes com TEA. Além disso, a prática de enfermagem deve incorporar sensibilidade cultural e comunicação eficaz, visto que a falta de empatia pode agravar o estresse



familiar e retardar intervenções essenciais. Programas de intervenção devem ser centrados nas necessidades específicas dessas famílias, oferecendo suporte emocional e informações claras sobre o manejo do TEA. Políticas de saúde que promovam a triagem precoce e intervenções rápidas são fundamentais, assim como a criação de materiais educativos, como cartilhas informativas. Futuras pesquisas devem investigar a integração dos cuidados primários com o suporte especializado, promovendo um ambiente inclusivo e acolhedor para crianças com TEA.

REFERÊNCIAS

APPAH, J. *et al.* Uma investigação qualitativa sobre os papéis desafiadores dos cuidadores que cuidam de crianças com transtornos do espectro do autismo em Gana. **Journal of Pediatric Nursing**, v. 76, p. 23–29, 1 maio 2024.

BONFIM, T. DE A. *et al.* Vivências familiares na descoberta do Transtorno do Espectro Autista: implicações para a enfermagem familiar. **Revista Brasileira de Enfermagem**, v. 73, n. 6, 2020.

BULHÕES, T. *et al.* Maternidade atípica: narrativas de uma mãe com três filhos com Transtorno do Espectro Autista. **Revista de Pesquisa: Cuidado é Fundamental Online**, v. 15, p. 1–6, 2 set. 2023.

CALISTO-MOREIRA, C. *et al.* Percepções sobre o cuidado de enfermagem em mães de crianças com transtornos do espectro do autismo. **Index De Enfermería Digital**, p. 260–264, 7 dez. 2022.

DÍAZ-AGEA, J. L. *et al.* O que pode ser melhorado no aprendizado de cuidar de pessoas com autismo? Estudo qualitativo baseado em simulação clínica de enfermagem. **Educação de Enfermeiros na Prática**, v. 65, p. 103488, 1 nov. 2022.

HAMP, N. *et al.* Perspectivas dos pediatras da atenção primária sobre o cuidado do autismo. **Pediatrics**, v. 151, n. 1, 23 dez. 2022.

MOTA, M. V. DA S. *et al.* Contribuições da enfermagem na assistência à criança com transtorno do espectro autista: uma revisão da literatura. **Rev. baiana saúde pública**, p. 314–326, 2022.

REIS, A. P. T. Vivências sobre o relacionamento conjugal em famílias neurodiversas. **Pesquisa.bvsalud.org**, p. 98–98, 2023.

SOUZA, K. O. DE; CARDOSO, K. T.; MATOS, A. H. C. O papel da enfermagem no cuidado com crianças do espectro autista. **Arq. Ciências Saúde UNIPAR**, p. 2391–2407, 2023.

WEISSHEIMER, G. *et al.* Elaboração de uma cartilha informativa para familiares e cuidadores de crianças com autismo. **Revista Baiana de Enfermagem**, v. 37, 2023.

COMUNICAÇÃO PREJUDICADA COMO IMPASSE NO EXAME CITOPATOLÓGICO DE PESSOAS COM ÚTERO RETROVERTIDO: RELATO DE EXPERIÊNCIA

Maria Gabriela Joana Clemente ¹; Liniker Scolfield Rodrigues da Silva ².

Graduanda no Curso de Bacharel em Enfermagem na Universidade Federal de Pernambuco (UFPE)¹, Docente do Departamento de Enfermagem da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), Mestre em Hebiatria - Determinantes da Saúde do Adolescente pela Universidade de Pernambuco (UPE) e Doutorando pelo Programa de Pós-Graduação em Ciências da Saúde (PPGCS) pela Faculdade de Ciências Médicas (FCM)/Universidade de Pernambuco (UPE) ².

maria.jclemente@ufpe.br

RESUMO

Introdução: O rastreamento do exame citológico identifica alterações anormais e lesões precursoras do câncer no colo uterino. O útero retrovertido é um posicionamento diferente da normalidade que pode ocorrer por vários fatores e gerar desconfortos durante o citopatológico. Diante disso, a comunicação efetiva entre paciente-profissional se faz essencial. **Objetivos:** Relatar a experiência de uma graduanda do curso de Enfermagem da UFPE no estágio em Citologia Oncótica com uma paciente com útero retrovertido e a carência de comunicação efetiva entre paciente-profissional durante o estágio no IMIP. **Metodologia:** Trata-se de um estudo qualitativo, descritivo, do tipo relato de experiência. O caso aconteceu através do estágio de uma discente no setor da Citologia Oncótica do IMIP em Recife-PE, em 15 de março de 2024. **Resultados e Discussão:** Colo uterino em retroversão com posicionamento bem anterior lateralizado para direita, de difícil localização. Foi necessário auxílio da equipe, outro profissional de saúde esteve presente para encontrar a cérvix para realização do exame. **Conclusão:** Se faz necessário atentar os profissionais acerca dos cuidados ao identificar diferenças anatômicas que possam repercutir negativamente durante o citopatológico. Além disso, indicando a necessidade de atribuir conhecimento para as (os) pacientes e profissionais sobre a situação, evitando desconforto e evasão no exame.

Palavras-chave: teste de papanicolau; retroversão uterina; enfermagem.

1 INTRODUÇÃO

O rastreamento do exame citológico, ou preventivo (exame Papanicolau), é realizado em nível ambulatorial com o intuito de identificar alterações anormais e lesões precursoras no colo uterino, prevenir o crescimento celular agressivo e verificar as populações de risco (Yaman, Özcan, Bakir, 2022). Segundo o Ministério da Saúde (MS), é um teste de grande importância, rápido, indolor, de fácil execução e feito na população feminina com vida sexual ativa como também entre 25 e 64 anos, em que estão mais suscetíveis a desenvolver infecções pelo papilomavírus humano (HPV) e lesões precursoras do câncer (Brasil, 2022).

O útero retrovertido é um posicionamento diferente da normalidade que pode ocorrer por vários fatores, entre eles a gravidez e durante o parto. Essa retroversão uterina pode gerar desconfortos durante o citopatológico (Berek, 2014). A comunicação efetiva entre o profissional de saúde e o paciente é essencial, sua carência compromete a qualidade da assistência em saúde, causando danos ao paciente (Souza, 2020).



À vista disso, um dos objetivos principais da Enfermagem é o cuidado integral para com o indivíduo levando em consideração toda sua singularidade, fato esse que faz correlação com as etapas do Processo de Enfermagem (PE): 1º Coleta de dados, 2º Diagnóstico de Enfermagem, 3º Planejamento, 4º Implementação e 5º Avaliação de enfermagem (Bitencourt, 2023).

No caso em questão, a coleta de material para citologia oncológica é um procedimento que pode causar incômodos, dessa forma, a informação adquirida sobre a retroversão uterina e sua correta localização nessa 1ª etapa do PE é de extrema importância para evitar impasses. O diagnóstico de enfermagem referente ao útero retrovertido deve ser informado a paciente e o planejamento de cuidados para não ocorrer algias deve ser realizado, como explicar a pessoa sobre seu caso, bem como, orientá-la a repassar aos próximos profissionais quando for realizar o exame. Ainda assim, o profissional que fez o diagnóstico pode implementar alguma notificação escrita para a paciente levar consigo nos citológicos posteriores. Assim, pode-se garantir uma melhor avaliação de enfermagem (Bitencourt, 2023).

Este estudo tem como objetivo relatar a experiência de uma graduanda do curso de Enfermagem da Universidade de Federal de Pernambuco (UFPE) no estágio em Citologia Oncológica com uma paciente com útero retrovertido e a carência de comunicação efetiva entre paciente-profissional durante o estágio no Instituto de Medicina Integral Prof. Fernando Figueiras (IMIP).

2 METODOLOGIA

Trata-se de um estudo qualitativo, descritivo, do tipo relato de experiência que aborda os impasses identificados por uma graduanda do curso de Enfermagem da UFPE no estágio em Citologia Oncológica na busca pelo colo do útero, os incômodos sentidos pela paciente devido à posição diferenciada do útero, bem como os danos causados pela ausência da comunicação efetiva/comunicação prejudicada entre profissional-paciente. O caso aconteceu no IMIP, localizado em Recife, Pernambuco (PE), Brasil, em 15 de março de 2024. O estágio realizado pela discente faz parte da disciplina de Saúde da Mulher na Atenção Básica (AB) da UFPE.

3 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Paciente compareceu para o exame citopatológico de rastreamento queixando-se de algia na região de baixo ventre e vaginal, que por vezes se concentra na região direita pélvica e irradia para membro inferior direito (MID), informou ainda que, o seu ciclo menstrual mudou passando a dura entre 5 a 7 dias com sangramento em grande intensidade e com presença de coágulos, tudo isso após a última gestação gemelar. Na ausência do período menstrual alega sentir dores, porém sem sangramento. Realizou citológico em 2023 e relata ter relações sexuais com o marido com presença de dispareunia, sem sangramentos. Ultrassonografia (USG) Endovaginal realizada em 07/02/2024 conclui útero globoso, adenomiose e miomatose uterina. Na avaliação especular: introito vaginal úmido e canal vaginal sem alterações. Colo do útero visualizado, róseo, Orifício Cervical Externo (OCE) em fenda. Evidenciada secreção cervical fisiológica em pouca quantidade em canal vaginal e fundo de saco. Colo uterino em retroversão com posicionamento bem anterior lateralizado para direita, de difícil localização, sendo necessário tempo maior para encontrá-lo. Coleta de material para exame citopatológico (ectocérvice e endocérvice não friáveis). Paciente queixando-se de algia abdominal intensa durante exame especular. Para isso, foi necessário auxílio da equipe, sendo assim, outro profissional de saúde esteve presente para auxiliar na busca do colo uterino. Foi utilizado um espéculo na horizontal e outro na vertical para busca



da cérvix obtendo ajuda também das Pinça Sheron. Após várias tentativas e com isso tempo prolongado, a consulta citopatológica obteve êxito. Paciente orientada a não ter relação sexual 72h antes do exame, não utilizar cremes vaginais, não usar duchas de higiene, sentar com as mãos abaixo das nádegas para melhor visualização entre as nem como a levar a cada citologia o receituário e/ou a informação da localização do colo do útero, visto que é de difícil localização, empatando assim momentos dolorosos.

De acordo com a pesquisa elaborada por Milhomen (2024), o profissional de enfermagem é a peça-chave para que as pessoas com útero sejam encorajadas para efetuarem o exame citopatológico. É a partir da equipe de enfermagem dotada de habilidades e eficácia que a(o) paciente se sente confiante, e assim, é ofertado um atendimento humanizado. Deste modo, todos esses cuidados em saúde para com a pessoa dificulta a evasão ao exame, conforme foi prestada toda assistência possível ao caso em questão, mesmo em momentos dolorosos, necessitando da ajuda de outros profissionais para realizar o procedimento.

Segundo estudos realizados por Duarte e Boeck (2015), um dos principais pontos que afetam a comunicação eficaz e a qualidade da assistência em saúde é a falha de fornecimento de informações sobre o paciente. Mediante a essa análise, pode-se evidenciar que a continuidade da ausência e informação sobre a localização de uma cérvix em retroversão causa mais momentos dolorosos nos exames citopatológicos, assim como a pessoa com útero decidir não buscar realizar esse procedimento posteriormente. Fatores esses que poderiam ser evitados por profissionais anteriores na situação em questão, mas também se generaliza a outras ocasiões.

4 CONCLUSÃO

A retroversão uterina não é classificada como doença, mas sim, uma diferenciação na normalidade uterina, a qual pode ocorrer em qualquer pessoa com útero. O Exame Citopatológico é de suma importância na detecção de câncer de colo de útero e outras anormalidades que existam, podendo ser mais bem tratadas com a descoberta precoce. A algia persistente de grande intensidade na região abdominal durante o exame citopatológico pode levar a ausência do interesse e procura dessas pessoas com útero pela realização da prevenção.

Com isso, a falta de atenção dos profissionais de saúde em facilitar os próximos exames foi notória no caso em questão, já que a paciente tinha ciência da diferente posição uterina, porém não sabia sua localização com precisão, o que levou a procura demorada do colo do útero, ocasionando dores intensas e quase desistência da paciente, chegando a mencionar a desmotivação em continuar sua prevenção de rotina.

Desse modo, foi informada a correta localização do colo do útero e escrito em um receituário para que todas às vezes que a paciente for coletar o exame mostrar e mencionar ao profissional a localização precisa, evitando assim algias e desconfortos intensos tal como garantia de continuidade da prevenção. Ressalta-se a extrema importância dos profissionais terem uma comunicação efetiva com seus pacientes, tal como, se atentarem as essas situações envolvendo todas as pessoas com útero para não ocorrer casos dolorosos. Sendo assim, auxiliando as pessoas com útero retrovertido ou outras anormalidades a tomarem ciência da correta localização e, assim, obterem êxito e continuidade em seus exames.

REFERÊNCIAS

BRASIL, Ministério da Saúde. Câncer do colo do útero- Exame para detecção e oferecido no sus. **Ministério da Saúde**. 2022. Disponível em: <https://www.gov.br/saude/pt-br/assuntos/noticias/2022/setembro/cancer-do-colo-do-utero-exame-para-deteccao-e-oferecido-no-sus>. Acesso em: 17 mai. 2024.

BEREK, J.S. **Tratado de Ginecologia**. São Paulo: Barueri, 2014, 15ª edição, 1184p.

BITENCOURT, J.V.O.V. *et al.* Resinificando o aprendizado acerca do processo de enfermagem para desenvolver raciocínio clínico. **Rev. Univ. Ind. Santander. Salud.** Bucaramanga, Colômbia, vol.55, dez. 2023. Disponível em:
http://www.scielo.org.co/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0121-08072023000100042.
Acesso em: 27 mai. 2024.

DUARTE, M. de L.C.; BOECK, J.N. O trabalho em equipe na enfermagem e os limites e possibilidades da estratégia saúde da família. **Trab. Educ. Saúde**, Rio de Janeiro, v. 13 n. 3, p. 709-20, set./dez. 2015. Disponível em:
<https://www.scielo.br/j/tes/a/GJdz4vbrmb7vJhCzKNZSmRp/abstract/?lang=pt#>. Acesso em: 27 mai. 2024.

MACIEL, L. A. M; AOYAMA, E. de A; SOUZA, R.A. de G. A importância do exame de Papanicolau realizado pelo enfermeiro para o diagnóstico do câncer no colo uterino. **Revista Brasileira Interdisciplinar de Saúde. Brasília**, 2022. Disponível em:
<https://revistateste2.rebis.com.br/index.php/revistarebis/article/view/155>. Acesso em: 17 mai. 2024.

MILHOMEM, H. G. A. S. *et al.* A atuação da enfermagem diante da não adesão ao exame citopatológico. **Revista Brasileira Militar de Ciências**, [S. l.], v. 10, n. 24, 2024. DOI: 10.36414/rbmc.v10i24.167. Disponível em:
<https://rbmc.emnuvens.com.br/rbmc/article/view/167>. Acesso em: 27 mai. 2024.

PEIXOTO, H. de A. *et al.*, Adesão de mulheres ao exame papanicolau: uma revisão integrativa / Women's adherence to the pap smear: an integrative review. **Brazilian Journal of Health Review**, [S. l.], v. 3, n. 6, p. 19314–19326, 2020. DOI: 10.34119/bjhrv3n6-311. Disponível em: <https://ojs.brazilianjournals.com.br/ojs/index.php/BJHR/article/view/22072>. Acesso em: 17 mai. 2024.

SILVA, L.A. *et al.* Conhecimento e prática de mulheres atendidas na atenção primária a saúde sobre o exame papanicolau. **Revista de Pesquisa Cuidado é Fundamental Online**. 2021 jan/dez; 13:1013-1019. Disponível em:
<https://seer.unirio.br/cuidadofundamental/article/view/9845>. Acesso em: 18 mai. 2024.

SOUSA, J. B. A. *et al.* Comunicação efetiva como ferramenta de qualidade: Desafio na segurança do paciente. **Brazilian Journal of Health Review**, v. 3, n. 3, p. 6467-6479, 2020. Disponível em: <https://ojs.brazilianjournals.com.br/ojs/index.php/BJHR/article/view/11713>. Acesso em: 18 mai. 2024.

YAMAN, M; ÖZCAN, H.E.A; BAKIR, A. High-Risk Human Papilloma Virus Genotype Distribution and Correlation with Cervical Cytomorphological Data in Turkish and Immigrant Women in Mersin Province. **New Microbiologica**, 47, 1, 88-97, 2024, ISSN 1121-7138. Disponível em: https://newmicrobiologica.org/wp-content/uploads/2024/05/MICRO_1_2024_2.9_FULL_496N434-Yaman_88-97-OK.pdf. Acesso em: 17 mai. 2024.

QUEBRANDO O CICLO: UM OLHAR PROFUNDO SOBRE A VIOLÊNCIA CONTRA AS MULHERES E CAMINHOS PARA A LIBERTAÇÃO

Alessandra Vitoria de Souza dos Santos¹; Suzanne Tainá Matos de Lima².

Graduando em enfermagem pela Universidade Paulista do Amazonas¹, Enfermeira. Especialista em Saúde Coletiva, Urgente e Emergência, Educação à Distância: Gestão e Tutoria e Docência do Ensino Superior. Vínculo: Faculdade Metropolitana FAMETRO- Professor de Nível Superior na área de prática de ensino².

sandravitoria068@gmail.com

RESUMO

O artigo examina a violência contra mulheres, destacando seu impacto global e suas causas profundas. Utilizando uma metodologia que combina relatos de experiência com revisão sistemática de literatura, ele explora o ciclo de abuso em relacionamentos, destacando as complexidades psicológicas e sociais envolvidas. Ao narrar a história de uma mulher que enfrenta violência doméstica desde tenra idade, o texto ilustra as dinâmicas de poder desequilibradas e os desafios enfrentados pelas vítimas. Discute-se a persistência da mulher em situações abusivas, destacando motivos como esperança de mudança, medo das consequências e manipulação do parceiro. A conclusão enfatiza a importância do apoio emocional, acesso a recursos de segurança e assistência jurídica para ajudar as mulheres a quebrar o ciclo de abuso e construir vidas livres de violência.

Palavras-chave: abuso; medo; psicológico.

1 INTRODUÇÃO

Nos últimos cinco anos, a discussão sobre a violência contra as mulheres tem ganhado destaque globalmente, refletindo uma crescente preocupação com a segurança e os direitos das mulheres em várias sociedades. Esse aumento de atenção para a questão é evidenciado por avanços significativos na conscientização pública e nas políticas de combate à violência contra as mulheres, além de retrocessos preocupantes, especialmente durante crises como a pandemia de COVID-19. Em meio a esses cenários, é crucial examinar de perto o estado atual da violência contra as mulheres, suas causas profundas e estratégias eficazes para prevenir e combater esse problema. Nesse contexto, é essencial reconhecer que a violência de gênero persiste como uma realidade alarmante em muitas partes do mundo (Gomes et al. 2022), em países com normas conservadoras e patriarcais, mais de 50% das mulheres sofrem abusos perpetrados por seus parceiros íntimos. No Brasil, essa realidade é igualmente preocupante, com uma porcentagem elevada de mulheres em situação de violência nos relacionamentos. A violência contra as mulheres não se limita apenas à esfera física. Ela também possui componentes psicológicos profundos, como traumas, estresse crônico, baixa autoestima e depressão (Sousa et al. 2024) e (Gomes et al. 2022).

2 METODOLOGIA

Neste estudo, adotamos uma abordagem que combina relato de experiência e revisão sistemática de literatura para compreender a dinâmica da violência no relacionamento. Os indivíduos envolvidos são referidos anonimamente como "Elizabete" (Pessoa A) e "Silvio"



(Pessoa B). No relato de experiência, exploramos os detalhes fornecidos sobre a vida conjugal de Elizabeth e Silvio desde o ano de 1990, quando Elizabeth, aos 13 anos de idade, se casou com Silvio no interior do Amazonas, até os episódios de controle coercitivo, traições e violência física testemunhada ao longo do relacionamento. Para a revisão sistemática, buscamos na base de dados do Scientific Electronic Library Online (Scielo) com os descritores "Abuso Doméstico" e "Violência no Relacionamento". Selecionamos estudos relevantes sobre violência contra as mulheres, priorizando causas, consequências e estratégias de prevenção e intervenção. Excluímos artigos duplicados e fora do escopo. Essa abordagem visa compreender a violência contra as mulheres, combinando a experiência vivencial de Elizabeth e Silvio com a análise crítica da literatura.

3 RESULTADOS E DISCUSSÕES

A violência contra a mulher é um flagelo que transcende os limites do âmbito privado, tornando-se uma questão de saúde pública. As estatísticas alarmantes e os impactos devastadores sobre a saúde feminina destacam a urgência de enfrentar esse problema (Gomes et al., 2022). Quando uma mulher enfrenta violência doméstica, os efeitos podem penetrar profundamente em sua saúde mental, alterando sua visão de si mesma e do mundo ao seu redor. O constante ciclo de abuso pode criar um ambiente de medo e ansiedade, onde a vítima se sente constantemente ameaçada e impotente. Essa experiência pode resultar em diversos impactos psicológicos. O relato de uma mulher (Elizabeth) de meia idade, mãe de 5 filhos, que casou aos 13 anos, virgem, com um homem (Silvio) de 24 anos, no qual seu companheiro Silvio a tratava bem na frente de amigos e familiares, mas em íntimo era totalmente o contrário, Elizabeth era privada de sua liberdade, não podendo visitar familiares e amigas, seu modo de vestir era estipulado por Silvio, que lhe fazia usar longos vestidos, com gola alta e manga comprida para que não mostrasse detalhes de seu corpo, ao sair Elizabeth relata que não podia virar o rosto para que não fosse acusada de adultério, teria sempre que esta cabisbaixa, era privada de possuir emprego, enquanto seu companheiro Silvio a submetia a diversas traições e acusações, muitas vezes sendo agredida fisicamente, hoje Elizabeth relata que aprendeu a viver desta forma, aceitando a situação. A persistência das mulheres em relacionamentos abusivos, mesmo diante do risco iminente de mais violência, destaca a necessidade de uma compreensão mais profunda dos fatores que as mantêm nessa condição (Gomes et al., 2022).

A situação descrita é extremamente preocupante e ilustra um cenário de abuso e controle coercitivo dentro de um relacionamento. Quando uma mulher se casa tão jovem, como aos 13 anos, e é submetida a um relacionamento onde enfrenta traições, violência física e emocional, restrições sobre sua liberdade pessoal e expressão, isso pode ter impactos devastadores em sua saúde mental, autoestima e senso de autonomia. Primeiramente, é importante destacar que casar-se tão jovem, especialmente com uma grande disparidade de idade, pode criar dinâmicas de poder desequilibradas, onde a mulher pode sentir-se incapaz de questionar ou desafiar o comportamento abusivo do parceiro. O fato de ser virgem na época do casamento pode aumentar ainda mais a vulnerabilidade da mulher, criando expectativas de submissão e obediência. A imposição de restrições severas sobre sua vestimenta e movimentos, como usar apenas roupas específicas e não poder sair de casa sem permissão, é uma forma de controle coercitivo que visa manter a mulher isolada e dependente do parceiro. Essas restrições limitam sua liberdade e autonomia, minando sua autoconfiança e senso de identidade própria. Além disso, a violência física e emocional, juntamente com as traições do parceiro, cria um ambiente de medo e insegurança para a mulher. Ela pode sentir-se presa em um ciclo de abuso, onde a esperança de mudança é frequentemente frustrada pela manipulação e pelo controle do parceiro.

A persistência da mulher nessa relação abusiva pode ser influenciada por uma série de fatores, incluindo medo das consequências de deixar o parceiro, sentimentos de vergonha ou



culpa, falta de recursos financeiros ou suporte social, e até mesmo a crença de que o abuso é normal ou merecido. Essa história serve como um lembrete da importância de abordar questões como violência doméstica e controle coercitivo em todos os níveis da sociedade. Ao explorar essa história, somos convidados a refletir sobre as maneiras pelas quais podemos apoiar e capacitar aqueles que enfrentam situações semelhantes. Isso pode incluir o fornecimento de recursos de apoio, educação sobre relacionamentos saudáveis e o incentivo a uma cultura de respeito mútuo e igualdade de gênero. Ela nos lembra da importância de permanecer vigilantes em relação à violência e ao abuso, e de trabalhar juntos para criar um mundo onde todas as pessoas possam viver com segurança, dignidade e liberdade. É ético e sensível abordar essa situação delicada considerando o bem-estar e a dignidade da mulher envolvida: Refletir sobre a experiência de uma mulher que se casou aos 13 anos, sob circunstâncias desafiadoras, nos convida a contemplar a complexidade das relações interpessoais e os impactos profundos que podem surgir de dinâmicas desiguais.

Nesse relato, somos confrontados com a realidade dolorosa de uma jovem que, desde tenra idade, enfrentou um relacionamento marcado por traições, conflitos e até mesmo violência física. Essa mulher, cuja juventude e vulnerabilidade foram comprometidas desde o início, relata restrições impostas a sua expressão pessoal e liberdade individual. Isso pode criar um ambiente de vulnerabilidade e dependência, onde ela se sente incapaz de tomar decisões autônomas sobre sua própria vida. A limitação na escolha de suas roupas, a proibição de visitar entes queridos e amigos, e a sensação de constante vigilância ao sair de casa ilustram um ambiente opressivo e controlador. O mais importante é mostrar apoio e estar disponível para ajudar quando ela estiver pronta. E se essa mulher já aceita essa situação? Se a mulher já aceita a situação de abuso, o desafio de ajudá-la se torna ainda mais complexo. Nesses casos, é importante abordar a situação com ainda mais delicadeza e consideração pela autonomia e vontade da pessoa. Quando um parceiro abusivo mantém uma fachada de comportamento aceitável na frente de outras pessoas, mas é abusivo em particular, isso pode tornar ainda mais difícil para a mulher reconhecer e sair do relacionamento abusivo. Isso pode acontecer por vários motivos: Mantendo a imagem de "bom parceiro": O abusador pode estar preocupado com sua reputação social e desejar manter uma imagem de ser um bom parceiro na frente de outras pessoas. Ele pode agir de forma charmosa, gentil e atenciosa em público para mascarar o abuso que ocorre em particular. Manipulação e controle: O abusador pode usar o comportamento gentil em público como uma forma de manipulação e controle sobre a mulher. Ele pode usá-lo para fazê-la duvidar de si mesma e de sua percepção da realidade, convencendo-a de que o abuso em particular é apenas um "incidente isolado" e que ele é realmente um bom parceiro. Isolamento e dependência: O abusador pode usar a fachada de comportamento aceitável em público para reforçar o isolamento da mulher e sua dependência emocional dele. Ela pode se sentir ainda mais isolada e sem apoio, porque outras pessoas não veem o abuso que ela enfrenta em particular. Medo de não ser acreditada: A mulher pode temer que outras pessoas não acreditem em sua experiência de abuso se ele se comportar bem na frente delas. Ela pode se sentir envergonhada ou culpada por não conseguir "provar" o abuso que enfrenta em particular.

Há várias razões complexas pelas quais uma mulher pode se submeter a perdoar repetidamente um parceiro abusivo, mesmo sabendo que a relação não é saudável: Esperança de mudança: Ela pode ter esperança de que o parceiro mudará seu comportamento abusivo e se tornará um parceiro amoroso e respeitoso no futuro. Essa esperança pode ser alimentada por promessas de mudança feitas pelo parceiro durante os períodos de reconciliação. Medo das consequências: Ela pode temer as consequências de deixar o relacionamento, como retaliação do parceiro, falta de recursos financeiros ou apoio social, ou até mesmo preocupações com a segurança dela e dos filhos. Culpa e autoestima prejudicada: Ela pode internalizar a culpa pelo comportamento abusivo do parceiro e acreditar que merece ser tratada dessa maneira. Sua

autoestima pode estar tão prejudicada que ela duvida de sua própria capacidade de encontrar um relacionamento saudável e feliz. Manipulação e controle: O parceiro abusivo pode usar táticas de manipulação e controle para manter a mulher presa no relacionamento, como promessas de mudança, ameaças de retaliação ou isolamento social. Ciclo de abuso: O relacionamento pode estar enraizado em um ciclo de abuso, com períodos de abuso seguidos por períodos de carinho e arrependimento por parte do parceiro. Esses momentos de reconciliação podem criar uma sensação de falsa esperança de que o relacionamento pode melhorar. Falta de suporte: Ela pode se sentir isolada e sem suporte social ou familiar para deixar o relacionamento. A falta de recursos financeiros ou moradia segura também pode tornar difícil para ela deixar o parceiro. Diante dessa narrativa, é crucial reconhecer o sofrimento e a coragem dessa mulher, que, apesar das adversidades, persevera em seu desejo por autonomia e dignidade.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para ajudar uma mulher nessas circunstâncias, é essencial oferecer-lhe apoio emocional, acesso a recursos de segurança e assistência jurídica, e encorajá-la a buscar ajuda de profissionais especializados em violência doméstica. É fundamental que ela saiba que não está sozinha e que existe ajuda disponível para ajudá-la a romper com esse ciclo de abuso e construir uma vida livre de violência. Respeitar sua jornada é essencial, assim como oferecer apoio compassivo e recursos para que ela possa encontrar segurança e emancipação (Machineski et al., 2023). É somente através do diálogo aberto e do apoio solidário que podemos criar um ambiente onde todas as pessoas possam viver livres de abuso e opressão.

REFERÊNCIAS

GOMES, N. P. et al. PERMANÊNCIA DE MULHERES EM RELACIONAMENTOS VIOLENTOS: DESVELANDO O COTIDIANO CONJUGAL. *Cogitare Enfermagem*, v. 27, p. e78904, 2022.

Machineski, Gicelle Galvan O significado da atenção à mulher vítima de Violência Doméstica no contexto da Atenção Primária à Saúde. *Saúde em Debate* [online]. v. 47, n. 139 [Acessado 30 Maio 2024], pp. 931-940. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/0103-1104202313915>>. ISSN 2358-2898. <https://doi.org/10.1590/0103-1104202313915>.

SOUZA, Josiane Pinheiro Prestes de; MATOS, Fátima Regina Ney; PRESTES, Ivanez Pinheiro. Violência Doméstica, Lei Maria da Penha e os Fatores Que Influenciam a Denúncia. *NTQR, Oliveira de Azeméis*, v. 19, e858, mar. 2024. Disponível em <http://scielo.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S218477702024000100012&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 31 maio 2024. Epub 15-Fev-2024.



NUTRIÇÃO COMO FATOR PROTETOR DA SAÚDE MENTAL EM MULHERES

Erika de Carvalho Brito¹; Maria Gabryelle Ferreira²; Laisa Estevão e Silva³; Maria Zilda de Sousa Alves⁴; Jamyne Victorya Figueredo da Silva⁵; Antonio Guilhermy Rodrigues da Silva⁶; Leandro Victor Martins Menezes⁷; Emyle Horrana Serafim de Oliveira⁸.

Graduando em Nutrição pela Universidade Federal do Piauí, Picos PI^{1,2,3,4,5,6,7}. Nutricionista e Mestranda pela Universidade Federal do Piauí – UFPI, Teresina PI⁸.

erikacarvb@ufpi.edu.br

RESUMO

A Organização Mundial da Saúde (OMS) caracteriza a saúde como um estado de total bem-estar físico, mental e social, e não simplesmente como a ausência de doença ou enfermidade. Nesse contexto, a ausência de saúde não está relacionado apenas com a presença de doença física do indivíduo, mas também a com fatores mentais e emocionais. O presente estudo teve como objetivo destacar a importância da nutrição na promoção da saúde mental das mulheres. Trata-se de um estudo descritivo com abordagem quantitativa, foram utilizadas as bases de dados do PubMed e SciELO. Os estudos demonstraram que a ingestão alimentar e o estado nutricional dos indivíduos são fatores importantes que afetam significativamente a saúde mental e o desenvolvimento de transtornos psiquiátricos. Nesse sentido, uma dieta equilibrada, rica em nutrientes essenciais como vitaminas e minerais, está associada à melhora do humor, aumento da capacidade cognitiva e redução dos sintomas de depressão e ansiedade. Ainda assim, são necessários mais estudos para compreender melhor esses efeitos e elaborar diretrizes específicas. Pesquisas futuras devem se concentrar nas necessidades nutricionais em diferentes etapas da vida e na avaliação de intervenções dietéticas a longo prazo.

Palavras-chave: nutrição; saúde mental; mulher.

1 INTRODUÇÃO

A Organização Mundial da Saúde (OMS) caracteriza a saúde como um estado de total bem-estar físico, mental e social, e não simplesmente como a ausência de doença ou enfermidade. Assim, a saúde não está relacionado apenas com a doença física do indivíduo, mas também a parte mental e emocional. A interconexão entre corpo e mente implica que para alcançar um estado de saúde ideal, é necessário considerar todos os fatores que influenciam o bem-estar, incluindo a qualidade da alimentação, o manejo do estresse, a qualidade das relações interpessoais, e o acesso a cuidados de saúde mental (Manca, 2021).

A prevalência de certos transtornos mentais, como o transtorno depressivo maior e o transtorno de ansiedade, é significativamente maior entre as mulheres em comparação aos homens. Transtornos de ansiedade são os distúrbios mentais mais comuns em adultos, afetando as mulheres duas vezes mais frequentemente que os homens. A depressão e a ansiedade frequentemente ocorrem de forma comórbida, coexistindo com outros transtornos mentais. Estudos abordam a relação da depressão e a ansiedade em mulheres, com outras condições comórbidas associadas a esses transtornos, como doenças cardíacas, obesidade, deficiência de vitamina D e síndrome do intestino irritável (Zender; Ellen, 2010).

Alguns estudos demonstram que hábitos alimentares podem contribuir negativamente ou positivamente na qualidade da saúde mental de mulheres. Em sua pesquisa Lee et al., 2022 relacionou um consumo exagerado de fast food com níveis mais elevados de depressão entre



mulheres jovens, bem como foi demonstrado que a ingestão de frutas esteve associada a níveis mais baixos de depressão. Além disso, o estudo destaca que tanto a qualidade da alimentação quanto o ambiente profissional desempenham papéis cruciais no bem-estar psicológico das mulheres.

Ainda assim, as mulheres que sofrem de insegurança nutricional tendem a ter uma saúde mental pior em comparação com aquelas que possuem segurança nutricional, com essa diferença sendo principalmente acentuada em mulheres grávidas. Essas descobertas reforçam as preocupações de especialistas em saúde pública de que a insegurança nutricional pode se tornar uma emergência de saúde pública significativa. Além disso, uma nutrição adequada é crucial para vários aspectos do funcionamento cerebral e pode ser um fator de risco modificável para o desenvolvimento da depressão. Somado a isso, estudos com suplementos de óleo de peixe e ácido fólico têm demonstrado sucesso no tratamento da condição (Power et al., 2017).

Desta forma, promover uma nutrição balanceada e rica em nutrientes essenciais pode ser uma estratégia vital para a manutenção e melhora da saúde mental e emocional de indivíduos, promovendo uma redução na incidência de depressão e ansiedade e melhorando a resposta aos tratamentos convencionais existentes. Assim, o presente estudo teve como objetivo descrever a influência de aspectos nutricionais na promoção da saúde mental de mulheres.

2 METODOLOGIA

O estudo trata-se de um estudo descritivo com abordagem quantitativa, foram utilizadas as bases de dados do PubMed e SciELO. Para o estudo em questão, empregou-se, em todos os bancos de dados, os descritores pertencentes ao DeCS: Nutrição; Saúde Mental; Mulher, e no MeSH: Nutrition; Mental health; Woman. Aplicando os termos com os operadores booleanos "AND" e "OR".

Os estudos inseridos foram estudos publicados nos seguintes idiomas: português, inglês e espanhol, que abordaram aspectos relacionados à temática específica. Para essa seleção utilizou-se critérios de inclusão e exclusão previamente estabelecidos pelos autores, garantindo assim a possibilidade de responder à questão proposta com embasamento teórico preciso e rigoroso. Os critérios de inclusão e exclusão podem ser observados no Quadro 1.

Quadro 1: Critérios de inclusão e exclusão

Critérios de inclusão	Estudos publicados variando entre estudos originais, revisões sistemáticas e metanálise, nos seguintes idiomas: português, inglês e espanhol, disponíveis na íntegra.
Critérios de exclusão	Estudos que não trabalhem com a condição clínica de saúde mental e aqueles que não estavam disponíveis para leitura na íntegra.

Fonte: Elaborado pelos autores. Picos-PI. Brasil, 2024.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os estudos demonstraram que a ingestão alimentar e o estado nutricional dos indivíduos são fatores importantes a serem considerados, por possuir capacidade de afetar significativamente a saúde mental e o desenvolvimento de transtornos psiquiátricos. Nesse sentido, uma dieta equilibrada, rica em nutrientes essenciais como vitaminas e minerais, está associada à melhora do humor, aumento da capacidade cognitiva e redução dos sintomas de depressão e ansiedade. Além disso, a má alimentação, caracterizada por alto consumo de açúcares e gorduras saturadas, favorece o agravamento de doenças mentais e dificultar a recuperação (Lim et al., 2016).



Ja e Kirang, 2020, observaram que a insegurança alimentar foi vinculada a um risco aumentado de diversos problemas de saúde mental, a exemplo: ansiedade, depressão, transtornos de humor e estresse, além disso, foi relatado pelos pesquisadores uma maior prevalência do desenvolvimento de obesidade em mulheres. Os resultados encontrados demonstraram que a nutrição/alimentação possui uma importante participação como fator protetor não só de doenças com características mentais.

Nesse sentido, o estudo de Maddahi et al., 2022, explorou a relação entre nutrição e saúde mental em mulheres, com foco específico nos níveis de vitamina D e na proteína de ligação da vitamina D (VDBP). Os achados indicaram que níveis séricos mais elevados de vitamina D foram relacionados à diminuição das chances de estresse. Isso sugere que a vitamina D pode exercer um efeito protetor contra fatores estressantes, possivelmente devido ao seu papel na modulação do sistema imunológico e na regulação da neurotransmissão. Por outro lado, observou-se que níveis mais elevados de VDBP foram relacionados ao aumento das chances de depressão.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A nutrição desempenha um papel crucial na saúde mental das mulheres, impactando aspectos emocionais, cognitivos e comportamentais. Embora existam evidências de que dietas balanceadas podem ajudar na prevenção e tratamento de transtornos mentais, são necessários mais estudos para compreender melhor esses efeitos e elaborar diretrizes específicas. Pesquisas futuras devem se concentrar nas necessidades nutricionais em diferentes etapas da vida e na avaliação e intervenções dietéticas a longo prazo. Com uma base científica sólida, será possível desenvolver políticas de saúde pública mais eficazes, aprimorando a qualidade de vida das mulheres e beneficiando a sociedade como um todo.

REFERÊNCIAS

BODNAR, L. M.; KATHERINE L. . Nutrição e depressão: implicações para a melhoria da saúde mental entre mulheres em idade fértil. **Psiquiatria biológica.**, v. 58, n. 9, p. 679-85, 2005.

JA, K. H.; KIRANG, K. Efeitos combinados da gestão de doenças e da insegurança alimentar na saúde física e mental em adultos coreanos. **Nutrição em saúde pública.**, v. 23, n. 1, 2020.

LEE et al. Consumo alimentar e saúde mental das mulheres jovens: o papel do emprego. **Saúde da mulher. BMC.**, v. 22, n. 1, p. 91-92, 2022.

LIM, S. T. et al. Fatores nutricionais que afetam a saúde mental. **Pesquisa em nutrição clínica.**, v. 5,3, p.143-52, 2016.

MADDAHI, N. et al. Associação dos níveis séricos de vitamina D e proteína de ligação à vitamina D com a saúde mental de mulheres com sobrepeso/obesas: um estudo transversal. **Nutrição clínica ESPEN.**, v. 47, p. 260-266, 2022.

MANCA, C. S. **Nutrição na promoção da saúde.** Editora Senac São Paulo, 2021.

POWER, M. et al. Insegurança alimentar e saúde mental: uma análise de dados de rotina de cuidados primários de mulheres grávidas na coorte Born in Bradford. **Jornal de epidemiologia e saúde comunitária.**, v. 71, n. 4, p. 324-328, 2017.



2º CONSAMU
14, 15 e 16 de Junho

REALIZAÇÃO:



APOIO:



ZENDER, R.; ELLEN O. Saúde mental das mulheres: depressão e ansiedade. **As clínicas de enfermagem da América do Norte**, v. 44, n. 3, p. 355-64, 2010.





DEPRESSÃO PÓS-PARTO: UMA ABORDAGEM INTEGRAL SOBRE DIAGNÓSTICO, TRATAMENTO E SUPORTE SOCIAL

Danillo Paulo da Silva Vitalino^{1,2,3,4,5,6}; Kauã Paulino dos Santos⁵; Ludmyla da Silva Freitas⁵; Lívia Castro de Sá Lima⁵; Jéssica Fernandes Carvalho⁵; Laís Netto Borges⁵; Lara Pereira Tavares Cunha⁵.

Cirurgião-dentista graduado pelo Centro Universitário de Goiatuba - Unicerrado¹, Pedagogo graduado pela Faculdade de Piracanjuba², Especialista em Docência do Ensino Superior e Metodologias Ativas de Aprendizado pela Faculdade Descomplica³, Especialista em Tecnologias Aplicadas à Educação pela Faculdade Descomplica⁴, Discente do curso de Medicina da Universidade Federal de Catalão - UFCat⁵, Discente do curso de pós-graduação em Docência em Ciência das Saúde da Faculdade Iguazu⁶.

danillo_vitalino@discente.ufcat.edu.br

RESUMO

Introdução: A depressão pós-parto é uma condição prevalente que afeta a saúde física e emocional de várias mulheres, sendo uma preocupação global de saúde pública. Este trabalho apresenta uma análise sobre a depressão pós-parto, abordando diagnóstico, tratamento e suporte social. **Metodologia:** A metodologia envolveu uma pesquisa criteriosa em bases de dados de saúde, resultando na seleção de seis artigos. No diagnóstico, destacam-se ferramentas de triagem como a Escala de Depressão Pós-Parto de Edimburgo (EPDS) e a importância da avaliação clínica detalhada. O tratamento eficaz inclui intervenções combinadas, como psicoterapia cognitivo-comportamental e farmacoterapia, adaptadas às necessidades individuais. **Resultados e Discussão:** Os artigos selecionados abordam critérios diagnósticos, métodos de triagem e ferramentas de avaliação da depressão pós-parto. No tratamento, destacam-se intervenções terapêuticas combinadas, como psicoterapia e farmacoterapia, e a importância do suporte social na recuperação das mulheres afetadas. A personalização das intervenções e o acesso facilitado a serviços de saúde mental são fundamentais para prevenir e tratar a depressão pós-parto. **Considerações Finais:** Este estudo destaca a necessidade de abordagens multidimensionais e políticas públicas eficazes para enfrentar esse desafio significativo. A personalização das intervenções e o acesso facilitado a serviços de saúde mental são fundamentais para prevenir e tratar a depressão pós-parto.

Palavras-chave: depressão pós-parto; diagnóstico; tratamento.

1 INTRODUÇÃO

A depressão pós-parto é uma condição clínica que afeta mulheres após o parto, trazendo consigo uma série de desafios emocionais e físicos que podem comprometer significativamente sua qualidade de vida e bem-estar. Estima-se que entre 10% a 15% das mulheres experimentam sintomas depressivos após o parto, tornando essa condição uma preocupação de saúde pública global. Neste contexto, este resumo expandido visa oferecer uma análise abrangente sobre a depressão pós-parto, abordando os aspectos de diagnóstico, tratamento e suporte social. A metodologia utilizada incluiu uma busca rigorosa e criteriosa por artigos científicos em bases de dados especializadas em saúde, com uma análise detalhada dos critérios de inclusão e exclusão. Os resultados obtidos destacam a importância de uma abordagem integrada no manejo dessa condição, considerando a complexidade dos sintomas e as necessidades



individuais das mulheres afetadas. Por fim, são apresentadas considerações finais que ressaltam a relevância de políticas públicas e intervenções personalizadas para prevenir e tratar eficazmente a depressão pós-parto.

2 METODOLOGIA

O objetivo da metodologia é descrever o processo de pesquisa e seleção de artigos científicos utilizados para a elaboração de um resumo expandido sobre "Depressão Pós-Parto: Diagnóstico, Tratamento e Suporte Social". A pesquisa abrange publicações de 2021 até 2024, utilizando bases de dados especializadas em saúde.

Para garantir a relevância e qualidade das fontes, foram utilizadas as bases de dados em saúde: PubMed, Scopus, Web of Science e PsycINFO. As buscas foram realizadas utilizando combinações de descritores específicos para cobrir diferentes aspectos do tema, incluindo os termos: "Postpartum Depression", "Diagnosis", "Treatment" e "Social Support". Operadores booleanos (AND, OR) e filtros específicos de cada base de dados foram aplicados para incluir apenas artigos revisados por pares e publicados a partir de 2021.

Os critérios de inclusão foram definidos para assegurar a pertinência e qualidade dos artigos selecionados, incluindo artigos publicados entre janeiro de 2021 e o ano de 2024, estudos revisados por pares, artigos em inglês, português ou espanhol, estudos focados em diagnóstico, tratamento ou suporte social em casos de depressão pós-parto, e pesquisas empíricas, revisões sistemáticas ou meta-análises. Os critérios de exclusão contemplaram artigos publicados antes de 2021, estudos não revisados por pares, artigos em idiomas diferentes de inglês, português ou espanhol, estudos que não abordam diretamente a depressão pós-parto, e relatos de caso, opiniões ou editoriais sem base empírica robusta.

O processo de seleção iniciou-se com a identificação de artigos nas quatro bases de dados mencionadas, resultando em um total inicial de 760 artigos (PubMed: 210, Scopus: 190, Web of Science: 180, PsycINFO: 180). Após a remoção de duplicatas (120 artigos duplicados), 640 artigos foram triados com base nos títulos e resumos para verificar a relevância em relação aos critérios de inclusão e exclusão. Dessa triagem, 520 artigos foram excluídos por não atenderem aos critérios de inclusão.

Na etapa de elegibilidade, os 120 artigos restantes foram avaliados na íntegra, envolvendo uma leitura detalhada para assegurar a pertinência e qualidade dos estudos em relação ao diagnóstico, tratamento e suporte social na depressão pós-parto. Nessa fase, 114 artigos foram excluídos por não abordarem diretamente o tema ou por não possuírem dados empíricos robustos. Finalmente, 06 artigos foram selecionados para compor o referencial teórico do resumo expandido.

Os artigos selecionados foram categorizados de acordo com os três principais eixos temáticos do estudo: diagnóstico, tratamento e suporte social. No eixo diagnóstico, foram avaliados os critérios diagnósticos utilizados, métodos de triagem e ferramentas de avaliação. No eixo tratamento, foram revisadas as intervenções terapêuticas, incluindo farmacoterapia, psicoterapia e abordagens complementares. No eixo suporte social, foram analisadas as redes de apoio social, programas comunitários e políticas públicas voltadas para o suporte às mulheres com depressão pós-parto. Cada artigo foi resumido em relação à sua metodologia, principais achados e conclusões, compondo o corpo principal do resumo expandido e garantindo uma abordagem abrangente e baseada em evidências.

3 RESULTADOS E DISCUSSÕES

A pesquisa resultou na seleção de 06 artigos científicos, categorizados nos três principais eixos temáticos: diagnóstico, tratamento e suporte social em casos de depressão pós-



parto.

Os artigos selecionados para o eixo diagnóstico abordam critérios diagnósticos, métodos de triagem e ferramentas de avaliação da depressão pós-parto. Diversos estudos destacaram a importância de ferramentas de triagem como o Edimburgo Postnatal Depression Scale (EPDS), que demonstrou alta sensibilidade e especificidade para a detecção de sintomas depressivos pós-parto (De Fátima Rocha, Albuquerque, 2022). Outros estudos ressaltaram a necessidade de integração de avaliações clínicas detalhadas para confirmar diagnósticos preliminares obtidos por questionários (De Alcantara et al., 2024). A utilização de critérios diagnósticos claros e consistentes é fundamental para a identificação precoce e precisa da condição, contribuindo para intervenções mais eficazes (Da Ressurreição Santos, 2022).

No eixo tratamento, foram analisadas intervenções terapêuticas, incluindo farmacoterapia, psicoterapia e abordagens complementares. A combinação de terapias, especialmente a integração de psicoterapia cognitivo-comportamental (TCC) e farmacoterapia com antidepressivos específicos para o período pós-parto, mostrou-se eficaz no manejo dos sintomas de depressão pós-parto (Silva et al., 2021). Intervenções baseadas em mindfulness e terapias de grupo também foram identificadas como complementares eficazes, promovendo bem-estar emocional e reduzindo os níveis de estresse e ansiedade (Silva, Botelho, 2024). Estudos indicam que a personalização do tratamento, levando em consideração a severidade dos sintomas e as preferências das pacientes, pode otimizar os resultados terapêuticos (Da Silva Bomfim et al., 2022).

O suporte social emergiu como um fator crítico no manejo da depressão pós-parto. Redes de apoio, como grupos de suporte de pares, programas comunitários e políticas públicas de suporte social, foram identificadas como elementos essenciais para a recuperação das mulheres afetadas (Silva et al., 2021). Programas de suporte social, especialmente aqueles que envolvem a participação ativa de familiares e amigos, demonstraram uma redução significativa nos sintomas depressivos e uma melhoria geral na qualidade de vida das mulheres (De Fátima Rocha, Albuquerque, 2022). A criação de políticas públicas que promovam o acesso a serviços de saúde mental e apoio comunitário é vital para o suporte contínuo e eficaz às mulheres com depressão pós-parto (Da Ressurreição Santos, 2022).

Os resultados evidenciam a complexidade da depressão pós-parto e a necessidade de abordagens multidimensionais para o seu manejo eficaz. A utilização de ferramentas de triagem precisas e a integração de avaliações clínicas são essenciais para um diagnóstico preciso. O tratamento combinado, que inclui tanto intervenções farmacológicas quanto psicoterapêuticas, oferece uma abordagem holística que atende às diversas necessidades das pacientes. Além disso, o suporte social desempenha um papel crucial na recuperação e manutenção do bem-estar das mulheres, destacando a importância de políticas públicas e programas comunitários de suporte.

Estudos futuros devem focar na personalização das intervenções, levando em consideração fatores individuais e contextuais das pacientes, para otimizar os resultados. A implementação de políticas públicas que facilitem o acesso a serviços de saúde mental e programas de suporte social também é crucial para a prevenção e tratamento eficaz da depressão pós-parto.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa sobre depressão pós-parto destaca a importância de abordagens integradas para seu manejo eficaz. A utilização de ferramentas de triagem precisa, diagnóstico clínico detalhado e tratamento combinado são essenciais. Além disso, o suporte social, incluindo redes de apoio e políticas públicas, desempenha um papel crucial na recuperação das mulheres



afetadas. A personalização das intervenções e a facilitação do acesso a serviços de saúde mental são imperativos para a prevenção e tratamento eficaz da depressão pós-parto.

REFERÊNCIAS

DA SILVA BOMFIM, Vitoria Vilas Boas *et al.* Depressão pós-parto: prevenção e tratamentos. **Research, Society and Development**, v. 11, n. 7, p. e0111728618-e0111728618, 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.33448/rsd-v11i7.28618>. Acesso em: 02 de junho de 2024.

DA RESSURREIÇÃO SANTOS, Ester. Depressão pós-parto: dificuldades para o seu diagnóstico pelos médicos no SUS em Salvador-BA. **Revista dos Seminários de Iniciação Científica**, v. 4, n. 1, 2022. Disponível em: <http://www.atenas.edu.br/revista/index.php/resic/article/view/213>. Acesso em: 02 de junho de 2024.

DE ALCANTARA, Patrícia Pereira Tavares *et al.* Assistência de enfermagem diante do diagnóstico precoce da depressão pós-parto. **Revista Enfermagem Atual In Derme**, v. 98, n. 1, p. e024245-e024245, 2024. Disponível em: <https://doi.org/10.31011/reaid-2024-v.98-n.1-art.1959>. Acesso em: 02 de junho de 2024.

DE FÁTIMA ROCHA, Karolayne; ALBUQUERQUE, Ana Maria dos Santos Silva. Depressão pós-parto: importância da prevenção e do diagnóstico precoce. **Faculdade Sant'Ana em Revista**, v. 6, n. 2, p. 417-429, 2022. Disponível em: <https://www.iessa.edu.br/revista/index.php/fsr/article/view/1925>. Acesso em: 02 de junho de 2024.

SILVA, Ana Lúcia Santos; BOTELHO, Lívia Carvalho Murta. Benefícios das terapias alternativas no tratamento da depressão pós-parto: uma revisão integrativa. **Bionorte**, v. 13, n. Suppl. 3, p. 33-40, 2024. Disponível em: <https://doi.org/10.47822/bn.v13iSuppl.3.951>. Acesso em: 02 de junho de 2024.

SILVA, Natália Lopes *et al.* Depressão pós-parto: características, fatores de risco, prevenção e tratamento. **Revista Eletrônica Acervo Saúde**, v. 13, n. 8, p. e8658-e8658, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.25248/reas.e8658.2021>. Acesso em: 02 de junho de 2024.

A SUPLEMENTAÇÃO DE VITAMINA D E SEUS POTENCIAIS FATORES DE IMPACTO NO CICLO MENSTRUAL EM MULHERES

Nicolas Calheiros Santos¹; Élder Vinícius Salustiano Santos².

Graduando em Medicina pela Universidade Federal de Alagoas¹, Mestrando em Fonoaudiologia pela Universidade Estadual de Ciências da Saúde de Alagoas².

nicolas.santos@famed.ufal.br

RESUMO

Estudos recentes comprovam o envolvimento da vitamina D, composto orgânico esteroide, aos processos fisiológicos do sistema reprodutor feminino, estando associados de modo mais intrínseco ao ciclo menstrual. Desse modo, objetivou-se no presente estudo a verificação da suplementação de vitamina D e seus potenciais fatores de impacto no ciclo menstrual em mulheres. Trata-se de uma revisão integrativa de literatura, realizada por meio das bases de dados PubMed e MEDLINE, com o uso dos descritores “*menstruation cycle*” e “*vitamin D*” com o auxílio do operador booleano “*AND*”. Após análise criteriosa e aplicação dos critérios de inclusão e exclusão, somente 5 artigos compuseram o estudo final. Níveis reduzidos de vitamina D foram diretamente associados à probabilidade de até 13,3 vezes ao desenvolvimento de desregulações menstruais, como também à intensidade da dismenorreia e dos fatores emocionais. A suplementação do composto orgânico mostrou-se promissora na atenuação dos sinais e sintomas desencadeados por quadros de hipovitaminose. Assim, evidencia-se a influência da vitamina D associada ao ciclo menstrual, entretanto, faz-se ainda importante a realização de mais ensaios clínicos que ampliem o conhecimento acerca dos impactos diretos desse composto, com o fito de enriquecer o conhecimento terapêutico para melhores abordagens clínicas relacionadas à saúde menstrual.

Palavras-chave: vitamina D; ciclo menstrual, mulheres.

1 INTRODUÇÃO

A vitamina D (25(OH)D), na forma de metabólito ativo calcitriol, é um composto orgânico esteroide, cujos amplos efeitos bioquímicos e fisiológicos ainda são objeto de estudos clínicos. Sua principal função corresponde à regulação do metabolismo cálcio-fosfato e aumento do pool de cálcio através da ativação de uma via metabólica. (Lejman-Larysz, K *et al.*, 2023).

A vitamina D tem importante papel estabelecido no sistema reprodutor feminino, como também existem evidências de associação entre os níveis metabólicos na ocorrência de fatores menstruais, como a síndrome pré-menstrual (TPM) e a dismenorreia. O composto orgânico 25(OH)D tem também, como processo de síntese, a exposição da pele à luz solar, especificamente à radiação ultravioleta B. Seu baixo nível se tornou problema de saúde pública, com maior prevalência em mulheres em idade reprodutiva e, este indicativo tem sido associado à menarca precoce, miomas uterinos e outros fatores de impacto na saúde da mulher. (Subramanian, A; Gernand, A.D., 2019).

Pacientes com síndrome dos ovários policísticos (SOP) apresentam concentrações séricas desta vitamina mais baixas, em comparativo com a população feminina geral e, essas concentrações são ainda menores em mulheres que lutam contra a obesidade. (Arabnezhad, L *et al.*, 2022).

Evidências apontam o envolvimento da vitamina D no processo de proliferação celular e na regulação imunológica, onde essa tende a exercer papel diversificado, influenciando na fisiologia reprodutiva feminina, como no funcionamento dos ovários, do útero e da placenta. A provável justificativa se encontra em sua execução no controle sobre a função ovariana e, portanto, sobre o ciclo menstrual, através de receptores do hormônio anti-mulleriano (AMH). A suplementação dessa vitamina em altas doses pode propiciar a correção de distúrbios metabólicos associados à SOP, bem como nos quadros de dismenorrea. (Singh, V *et al.*, 2021).

Diante do exposto, o objetivo deste trabalho é analisar os efeitos dos níveis e da suplementação de vitamina D e seus fatores de impacto no ciclo menstrual em mulheres.

2 METODOLOGIA

Trata-se de uma revisão integrativa de literatura em etapas, que corresponde a um instrumento de estudo ímpar no campo das ciências e da saúde, pois sintetiza pesquisas disponíveis sobre determinada temática e direciona a prática fundamentando-se em conhecimento científico (Souza *et al.*, 2010).

A metodologia estruturou-se em: (1) Elaboração da pergunta norteadora; (2) Seleção dos descritores e realização de busca de artigos primários; (3) Extração de dados dos artigos primários; (4) Avaliação crítica do referencial teórico; (5) Síntese dos resultados encontrados e elaboração da revisão e (6) Apresentação da revisão.

Seguindo as etapas de orientação da revisão, utilizou-se a estratégia PICO para construção da pergunta norteadora, resultando em “Quais os potenciais impactos da suplementação de vitamina D no ciclo menstrual em mulheres?”

A revisão foi realizada nas bases de dados PubMed e MEDLINE. Foram considerados os termos “menstruation cycle” e “vitamin D” como descritores de busca, presentes no Descritores em Ciências da Saúde (DeCS), com o auxílio do operador booleano “AND” para viabilidade de resultados. Como critérios de inclusão, considerou-se os artigos publicados no período de 2019 a 2024, disponíveis em texto completo gratuito e nos idiomas inglês e português. Os critérios de exclusão foram artigos associados à Covid-19, duplicados e que não possuíam pertinência temática.

Diante da aplicação dos critérios desta revisão, a busca resultou em 10 e 7 artigos encontrados nas bases de dados PubMed e MEDLINE, respectivamente. Dos 17 totalizados, somente 5 artigos compuseram o estudo final.

A análise, interpretação e síntese dos dados obtidos foram direcionados por meio de fichamentos, com o fito de elencar as informações científicas mais relevantes para fundamentação e discussão teórica.

3 RESULTADOS E DISCUSSÕES

A maioria dos pacientes selecionadas para um estudo de caso-controle e, diagnosticadas previamente com SOP, apresentou níveis séricos de vitamina D deficientes ou subótimos, o que pressupõe que fatores associados ao ciclo reprodutivo feminino possuem íntima relação com as variáveis percentuais do composto orgânico. Em análise de regressão logística da 25 (OH)D, foi demonstrado que, um aumento unitário dessa vitamina reduz em, aproximadamente, 7% as chances do desenvolvimento de síndrome metabólica em pacientes com síndrome dos ovários policísticos (Lejman-Larysz, K *et al.*, 2023).

A suplementação de vitamina D não teve efeito significativo na perda de sangue menstrual, entretanto, pode diminuir a intensidade da dismenorrea primária, bem como o uso de analgésicos para alívio da dor durante o ciclo feminino. A prescrição de 50.000 UI de vitamina D, semanalmente, durante o período de oito semanas consecutivas, reduziu a



intensidade da dor, o número de dias com dor e a necessidade de remediação farmacológica em 116 estudantes do sexo feminino, de 18 a 32 anos. Os resultados do estudo revelaram que dentro do período de dois meses após prescrição de vitamina D, o nível de gravidade da dismenorreia foi estatisticamente menor em comparação com o grupo controle. Um mês após intervenção, o nível sérico de 25(OH)D aumentou significativamente no grupo experimental (Amjazerdi, A *et al.*, 2023).

Conforme analisado em um estudo observacional transversal, níveis reduzidos de vitamina D, classificados como hipovitaminose, foram associados em aproximadamente 13,3 vezes a possibilidade de instauração de um ciclo menstrual irregular, tanto a ciclos menstruais longos, quanto a fases foliculares longas e com tendência a fases lúteas curtas. As associações observacionais foram mais evidentes para deficiências de vitamina D inferiores a 20ng/ml e, a probabilidade de uma fase folicular longa, simultânea a probabilidade de uma fase lútea curta, aumentaram com a diminuição do composto orgânico (Singh, V. *et al.*, 2021).

Em complementariedade, suplementos de curcumina ingeridos por mulheres com TPM e dismenorreia levaram a uma melhora significativa dos níveis de 25(OH)D, bilirrubina direta e outros marcadores, mas não afetaram o perfil glicêmico, ácido úrico, cálcio, fósforo e perfil lipídico (Arabnezhad, L. *et al.* 2024).

Resultados coletados após um estudo transversal demonstraram uma significativa redução em alguns sintomas característicos da síndrome pré-menstrual após suplementação de vitamina D, em casos de deficiência do composto verificada previamente nas pacientes, os quais podem ser a ansiedade, irritabilidade, vulnerabilidade emocional, saudades de casa e choro frequente (Fatemi, M. *et al.* 2019).

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os níveis de vitamina D afetam bioquimicamente e, por efeito em cascata, fisiologicamente no ciclo menstrual e reprodutivo feminino, tornando-se evidente a íntima relação dos níveis desse composto orgânico com os sinais e sintomas desencadeados de modo proporcional, quando elevados ou reduzidos. Além disso, observou-se grande fator de impacto sobre a influência da suplementação de 25(OH)D na redução da gravidade da dismenorreia e da necessidade de ingestão de analgésicos, beneficiando as usuárias desses fármacos atenuantes do desconforto, decorrente da diminuição dos efeitos colaterais farmacológicos. Entretanto, notou-se durante o estudo a necessidade e essencialidade do desenvolvimento de futuros ensaios clínicos, com maior número de amostra e maior duração de tratamento e acompanhamento de pacientes em análise, a fim de ampliar o conhecimento sobre grau de eficácia da suplementação e os amplos efeitos da vitamina D associados à saúde da mulher.

REFERÊNCIAS

SOUZA, M. T. DE; SILVA, M. D. DA; CARVALHO, R. DE. Integrative review: what is it? How to do it? **Einstein (Sao Paulo, Brazil)**, v. 8, n. 1, p. 102–106, 2010.

WHITTEMORE, R.; CHAO, A.; JANG, M. et al. Methods for knowledge synthesis: an overview. **Heart Lung**, v. 43, n. 5, p.453-461, 2014.

AMZAJERDI, A. et al. The effect of vitamin D on the severity of dysmenorrhea and menstrual blood loss: a randomized clinical trial. **BMC women's health**, v. 23, n. 1, 2023.

ARABNEZHAD, L. et al. Effects of curcumin supplementation on vitamin D levels in women with premenstrual syndrome and dysmenorrhea: a randomized controlled study. **BMC complementary medicine and therapies**, v. 22, n. 1, 2022.

LEJMAN-LARYSZ, K. et al. Influence of vitamin D on the incidence of metabolic syndrome and hormonal balance in patients with polycystic ovary syndrome. **Nutrients**, v. 15, n. 13, p. 2952, 2023.

SINGH, V. et al. Association between serum 25-hydroxy vitamin D level and menstrual cycle length and regularity: A cross-sectional observational study. **International journal of reproductive biomedicine (Yazd, Iran)**, v. 19, n. 11, p. 979, 2021.

FATEMI, M.; ALLAHDADIAN, M.; BAHADORANI, M. Comparison of serum level of some trace elements and vitamin D between patients with premenstrual syndrome and normal controls: A cross-sectional study. **International journal of reproductive biomedicine (Yazd, Iran)**, v. 17, n. 9, p. 647, 2019.

SUBRAMANIAN, A.; GERNAND, A. D. Vitamin D metabolites across the menstrual cycle: a systematic review. **BMC women's health**, v. 19, n. 1, 2019.



ANTICONCEPCIONAL E CÂNCER GINECOLÓGICO: EXISTE RELAÇÃO?

Lilian Vitória Dantas¹; Alany Joyce da Silva Fonseca¹; Emily Marianne de Medeiros Silva¹;
José Airton da Silva Júnior¹; Maria Amélia Pires Soares da Silva²; Alianny Raphaely
Rodrigues Pereira³; Adriana Gomes Magalhães⁴; Laiane Santos Eufrásio⁵.

Graduando em fisioterapia pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte¹;
Fisioterapeuta e mestranda do Programa de Pós Graduação em Ciências da Reabilitação²;
Fisioterapeuta da EBSEH do Hospital Universitário Ana Bezerra, Santa Cruz/RN³; Docente
do curso de Fisioterapia da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal/RN⁴,
Docente do curso de Fisioterapia da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Faculdade
de Ciências da Saúde do Trairi (FACISA/UFRN), Santa Cruz/RN.⁵

lilian.dantas.104@ufrn.edu.br

RESUMO

Introdução: As neoplasias ginecológicas englobam uma diversidade de neoplasias malignas que acometem o sistema reprodutor feminino, dentre elas, estão presentes o câncer endometrial, câncer cervical e o câncer de ovário. **Objetivo:** Abordar a relação entre câncer ginecológico e o uso de anticoncepcionais hormonais a partir de dados da literatura científica. **Metodologia:** Este estudo consiste em uma revisão integrativa da literatura construída através da pesquisa de estudos na *PubMed* e base de dados *Web Of Science*, publicados no período de 2017 a 2024 e foram incluídos artigos que respondiam à questão norteadora: Qual é a relação entre o uso de anticoncepcionais hormonais e o risco de desenvolvimento de neoplasias ginecológicas, considerando diferentes tipos de neoplasias e variáveis como a duração do uso e tipos específicos de anticoncepcionais? **Resultados e discussões:** A partir dos 16 artigos selecionados, foram apontados quatro tipos de neoplasias associadas à utilização de anticoncepcionais, sendo eles câncer de ovário, endométrio, cervical e de mama. **Conclusão:** Constatou-se que o uso prolongado de anticoncepcional hormonal aumenta a incidência de câncer cervical e câncer de mama, e para câncer de ovário e de endométrio, os anticoncepcionais diminuem o risco para o desenvolvimento de câncer.

Palavras-chave: anticoncepcionais; neoplasias do genitais femininos; mulher.

1 INTRODUÇÃO

O advento e avanço da contraceção hormonal representaram uma conquista significativa para a emancipação da mulher em diversos aspectos, incluindo os âmbitos familiar, sexual e social, quanto psicológico e profissional (Borges *et. al.*, 2018). Desde a introdução dos anticoncepcionais orais na década de 1960, houve uma transformação na vida reprodutiva de mulheres globalmente, proporcionando um método de planejamento familiar eficaz (Bovo *et. al.*, 2023). Contraceptivos Oraís (COs) geralmente consistem em uma combinação de estrogênio e progestina, embora existam COs que contêm apenas progestógeno, estes são menos prescritos (Li *et al.*, 2020). Nos últimos anos, houve uma crescente preocupação aos efeitos adversos dos COs, o que resultou no desenvolvimento de dosagens mais baixas dos hormônios que o compõem (Bovo, *et. al.*, 2023).

A prevalência no uso dos COs tem experimentado um incremento contínuo ao longo dos últimos anos (Borges *et. al.*, 2018). No Brasil, é o contraceptivo preferencial entre mulheres em idade reprodutiva (Bovo *et. al.*, 2023). Alguns fatores de risco existentes foram identificados



como modificadores dos riscos de câncer, como genéticos, endógenos e exógenos, este que refere-se ao uso de anticoncepcionais. Eles têm o potencial de influenciar o desenvolvimento do câncer por alterar as proporções de estradiol para progesterona, as respostas imunológicas e até mesmo o metabolismo de 1 carbono (Bommel *et. al.*, 2023).

As neoplasias ginecológicas englobam uma diversidade de neoplasias malignas que acometem o sistema reprodutor feminino, dentre elas, estão: câncer endometrial, câncer cervical e câncer de ovário (Aliabadi *et. al.*, 2024). Nesse sentido, diversos estudos analisam a relação entre o uso prolongado de COs e cânceres reprodutivos. O câncer endometrial é a neoplasia ginecológica mais comum, além de possuir alguns precedentes, como o uso contínuo de estrogênios sem a devida oposição durante a terapia de reposição hormonal, fator que eleva o risco de desenvolver esta neoplasia (Ignatov *et. al.*, 2020).

Na população brasileira, o câncer cervical ocupa o terceiro lugar entre as neoplasias malignas que afetam as mulheres e, segundo estimativas, um intervalo de dois anos é o suficiente para atingir uma incidência de 15,38 casos da doença a cada 100 mil mulheres (Bovo *et. al.*, 2023). Além disso, o uso prolongado de COs e infecções sexualmente transmissíveis (ISTs) são dois dos principais achados para fatores de impacto (Bovo *et. al.*, 2023). Desta forma, o presente estudo tem o objetivo de abordar a relação entre câncer ginecológico e o uso de anticoncepcionais hormonais a partir de dados da literatura científica.

2 METODOLOGIA

Trata-se de uma revisão integrativa da literatura. Sua construção seguiu as seguintes etapas: elaboração da questão norteadora, definição das bases de dados e estabelecimento de critérios para inclusão e exclusão de estudos, seleção ou busca na literatura, definição das informações a serem extraídas dos estudos selecionados, avaliação dos estudos incluídos na revisão integrativa, interpretação dos resultados e, por fim, apresentação da revisão e síntese do conhecimento.

O levantamento bibliográfico foi realizado em maio de 2024, mediante acesso virtual às bases de dados: *International Medical Literature Analysis and Retrieval System Online (MEDLINE)* via *PubMed* e *EMBASE*, como também na base de dados *Web Of Science*, por meio do Portal de Periódicos da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). Nestas bases de dados foram utilizados *Medical Subject Heading Terms (MeSH)* e termos *Emtree*. Os principais descritores adotados na estratégia de busca para estudos primários foram: Anticoncepcionais; Neoplasias do genitais femininos; Mulher.

Foram inseridos os artigos publicados em inglês, espanhol e português, que apresentassem resumos e informações sobre a relação de câncer ginecológico e uso de anticoncepcionais hormonais. Adotaram-se como critérios de inclusão: Estudos clínicos, revisões sistemáticas, meta-análises, estudos de coorte, estudos de caso-controle e ensaios clínicos randomizados, publicados nos últimos 8 anos (2016-2024), tendo como população mulheres em idade reprodutiva que utilizam ou utilizaram anticoncepcionais hormonais (pílulas, implantes, injeções, adesivos) e que avaliaram a prevalência ou risco de neoplasias ginecológicas como câncer de ovário, câncer de mama, endométrio e colo do útero.

A busca foi conduzida simultaneamente por quatro pesquisadores independentes, que padronizaram a sequência de utilização dos descritores e dos cruzamentos em cada base de dados e, em seguida, compararam os resultados obtidos. Para garantir uma busca ampla, todos os artigos foram acessados através do portal de periódicos da *PUBMED* e da *CAPES*.

Foram identificados 1.492 publicações que, pela leitura dos títulos e resumos, foi possível excluir aqueles que possuíam duplicidade em diferentes bases de dados. Após aplicação dos critérios de elegibilidade, foram selecionados para a amostra artigos. Todos foram filtrados através da leitura de seus títulos, resumos e, quando necessário, era realizada uma



leitura breve do conteúdo. Os artigos selecionados foram 16 analisados inicialmente e, posteriormente, lidos em mais detalhes quanto ao conteúdo. Por fim, dados foram sintetizados.

3 RESULTADOS E DISCUSSÕES

A partir da análise feita de todo o material encontrado, tornou-se possível considerar uma resposta para a problemática deste estudo, que se apresenta na seguinte questão: Qual é a relação entre o uso de anticoncepcionais hormonais e o risco de desenvolvimento de neoplasias ginecológicas, considerando diferentes tipos de neoplasias e variáveis como a duração do uso e tipos específicos de anticoncepcionais? Assim sendo, elencam-se descritivamente as respostas a seguir.

Os estudos abordaram resultados semelhantes. Para Machado (2018) e Bosco *et. al.* (2018), a associação entre o aumento na incidência de câncer de mama e o uso de contraceptivos hormonais são baixos e relativamente baixos, respectivamente, levando em consideração usuárias de uso prolongado de COs, sem duração definida (em anos). Entretanto, o estudo de Morch *et. al.* (2017), trouxe que o risco de neoplasia mamária tende a ser mais elevado entre usuárias de COs do que as não usuárias, no entanto, a incidência se mantém baixa, em concordância com os outros autores. Para Karlsson *et. al.* (2021), não há associação significativa entre os anticoncepcionais e o risco de câncer de mama, porém, sua maior duração de uso parece estar relacionada com um ligeiro aumento desse risco, resultado este, semelhante ao estudo trazido por Michels *et. al.* (2018), no qual afirmou que o uso de COs estaria associado ao câncer de mama e seu uso prolongado está atrelado ao aumento do risco, sobretudo em mulheres em idade mais avançada no início do estudo. As pílulas anticoncepcionais orais, para Bommel *et. al.* (2023), revelou um aumento significativo (HR) de 1,55, enquanto a análise (OR) foi de 1,06, para o risco de câncer de mama entre mulheres que foram usuárias e interromperam seu uso há mais de 10 anos.

Para o câncer de ovário, os achados analisados foram coincidentes. No estudo de Mazidimoradi *et. al.* (2022), este tipo de neoplasia é comumente maior em países onde os contraceptivos hormonais que são consumidos são utilizados há mais tempo pelas mulheres, isso tem relação com as altas dosagens administradas em anticoncepcionais mais antigos, logo continham mais efeitos adversos (Bovo *et. al.*, 2023). Neste sentido, Li *et. al.* (2020), necessitou encontrar achados acerca da relação entre o estrogênio, um dos hormônios que compõem os contraceptivos hormonais, e o câncer de ovário. Os resultados deste estudo afirmam que o estrogênio surtiu um efeito positivo em células de câncer de ovário, promovendo uma melhora na proliferação e migração de células cancerígenas, apresentando um risco diminuído para a neoplasia. Para Iversen *et. al.* (2018), Michels *et. al.* (2018), Karlsson *et. al.* (2021) e Bommel *et. al.* (2023), o risco de câncer de ovário é diminuído com a administração da contracepção hormonal oral e afirmam que o efeito protetor permanece crescente de forma proporcional à duração de seu uso, com uma ressalva para os estudos de Iversen *et. al.* (2018) e Bommel *et. al.* (2023), que sugerem uma diminuição da proteção após a interrupção do uso do anticoncepcional.

Além disso, o câncer endometrial também foi mencionado na literatura por estar associado aos anticoncepcionais, de maneira que, para Iversen *et. al.* (2020), especificamente os COs combinados apresentam um risco diminuído da neoplasia em mulheres que possuem menos de 50 anos, mostrando ser uma proteção duradoura contra o câncer, até após sua interrupção. Outro estudo (Michels *et. al.*, 2018) de resultado similar afirmou que os COs conseguem reduzir o risco de câncer no ovário em casos de mais tempo de uso do contraceptivo, além de que, mulheres com histórico de tabagismo e obesidade, mesmo sendo fatores de risco adicionais, estão relacionados à diminuição significativa desse risco. Em mulheres na fase de menopausa, Burchardt *et. al.* (2020), sugere que o uso prolongado de COs mostraram ser



eficazes na diminuição do risco de câncer de endométrio. Sob este mesmo viés, estudos (Karlsson *et. al.*, 2021; Michels *et. al.*, 2018; Ignatov *et. al.*, 2020) comprovam que os COs está associado a uma redução de câncer endometrial em relação a um longo período de duração, levando a uma diminuição global de 3%, para Michels *et. al.* (2018) e 31% a 43% na incidência, para Ignatov *et. al.* (2020).

Por último, o câncer cervical também representou uma parte significativa na bibliografia ao sugerir, em estudos como o de Bovo *et. al.* (2020), que COs combinados estão associados ao aparecimento de casos de câncer cervical, quando estes são administrados por mais de 5 anos. No mesmo sentido, para Gadducci *et. al.* (2020), a contracepção oral representa um resultado significativo para risco aumentado de neoplasia cervical, para usuárias acima de 97 meses de utilização. Entretanto, o mesmo estudo sugere que, apesar do risco existir, ele não é absoluto, o que se configura como um risco limitado, haja vista seus benefícios oferecidos.

4 CONCLUSÃO

Desta forma, com base nas informações apresentadas no estudo, constatou-se que o uso prolongado de anticoncepcional hormonal aumenta a incidência de câncer cervical e câncer de mama, porém não possuem resultados significativos para o risco. Já em relação às demais neoplasias, sendo elas, câncer de ovário e câncer de endométrio, foi constatado que o uso de métodos contraceptivos hormonais diminui o risco para o seu desenvolvimento.

REFERÊNCIAS

ALIABADI, A. R., *et al.* Contraceptive strategies for reducing the risk of reproductive cancers. **International journal of gynecology and obstetrics: the official organ of the International Federation of Gynaecology and Obstetrics**, 2024.

BORGES, J.B.R, *et. al.* Breast cancer and hormonal contraception: Should we rethink our concepts? **Rev. Assoc. Med. Bras.**, v. 64, n. 3, p. 201-203, 2018.

BOVO, A.C., *et. al.* Combined Oral Contraceptive Use and the Risk of Cervical Cancer: Literature Review. **Rev. Bra. Ginecol. Obstet.**, v. 45, n. 12, 2023.

GADDUCCI, A. *et. al.* Estro-progestin Contraceptives and Risk of Cervical Cancer: A Debated Issue. **Anticancer Research November**, v, 40. n. 11, 2020.

IGNATOV, A. *et. al.* Endocrine risk factors of endometrial cancer: Polycystic ovary syndrome, oral contraceptives, infertility, tamoxifen. **Cancers**, v. 12, n. 7, p. 1766, 2020.

IVERSEN, L. *et. al.* Association between contemporary hormonal contraception and ovarian cancer in women of reproductive age in Denmark: prospective, nationwide cohort study. **BMJ.**, v. 26, n. 362, 2018.

KARLSSON, T. *et. al.* Time-Dependent Effects of Oral Contraceptive Use on Breast, Ovarian, and Endometrial Cancers. **Cancer Res**, v. 81, n. 4, p. 1153–1162, 2021.

LI, S. *et al.* Estrogen enhances the proliferation and migration of ovarian cancer cells by activating transient receptor potential channel C3. **Journal of ovarian research.**, v.13 n. 1, 2020.



2º CONSAMU

14, 15 e 16 de Junho

REALIZAÇÃO:



APOIO:



MACHADO, R.B. Hormonal Contraceptives and Risk of Breast Cancer: How to Explain it without Controversy. **Rev. Bra. Ginecol. Obstet.**, v. 40, n. 2, p. 57-58, 2018.

MAZIDIMORADI, A., *et. al.* The global, regional and national epidemiology, incidence, mortality, and burden of ovarian cancer. **Health Sci Rep.** v. 22, n. 6, 2022.

MICHELS, K. A. *et al.* Modification of the associations between duration of oral contraceptive use and ovarian, endometrial, breast, and colorectal cancers. **JAMA oncology**, v. 4 n. 4, p. 516, 2018.

MORCH, L.S. *et. al.* Contemporary Hormonal Contraception and the Risk of Breast Cancer. **N. Engl. J. Med.** v. 377, n. 23, 2017.





PERFIL EPIDEMIOLÓGICO DOS CASOS DE AIDS EM MULHERES NO ESTADO DO PIAUÍ EM 2023

Gustavo Teixeira de Araújo Costa¹; Esteffany Vaz Pierot²; Fernanda Valério Alves Dantas Avelino³

Graduando em enfermagem pela Universidade Federal do Piauí¹, Mestre em Enfermagem pela Universidade Federal do Piauí², Doutora em Enfermagem pela Universidade Federal do Rio de Janeiro³.

gustavoteixeira@ufpi.edu.br

RESUMO

Objetivo: Descrever as características epidemiológicas dos casos de AIDS em mulheres do estado do Piauí no ano de 2023. **Metodologia:** Trata-se de um estudo descritivo, exploratório, com abordagem quantitativa, no qual foi utilizado como fonte de dados o Sistema de Informação de Agravos de Notificação, através da base de dados do Departamento de Informações do Sistema Único de Saúde e Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. A tabulação dos dados foi realizado por meio do TABNET. Os dados foram tabulados considerando as seguintes variáveis: 1) Casos confirmados de AIDS por Região/UF Res.; 2) Por sexo; 3) Por faixa etária; 4) Por raça/cor; 5) Por nível de escolaridade, no ano de 2023. **Resultados e Discussão:** O ano de 2023, registrou apenas 20 casos de AIDS confirmados. A faixa etária foi entre 35 e 49 anos, 9 casos no total. Reitera-se que 6 casos possuem o ensino fundamental incompleto. Quanto a raça/cor, o destaque foi em relação às pardas, com 11 casos registrados. **Conclusão:** Conclui-se que o Ministério da Saúde poderá realizar medidas para o controle da AIDS no Piauí, evitando novos casos e possibilitando o tratamento das pacientes infectadas no âmbito do Sistema Único de Saúde (SUS).

Palavras-chave: vírus da imunodeficiência humana; saúde da mulher; perfil de saúde.

1 INTRODUÇÃO

O vírus da imunodeficiência humana (HIV), o qual é o agente etiológico da síndrome da imunodeficiência adquirida (AIDS), é uma infecção sexualmente transmissível (IST), a qual afeta o sistema imunológico do indivíduo e, conseqüentemente, a torna suscetível a diversas doenças (Brasil, 2022). A patologia ainda pode ser transmitida verticalmente, da mãe para o feto, além de que a mulher que vive com o HIV (Brasil, 2022). Aspecto que pode comprometer o desenvolvimento do feto e dificultar o vínculo entre mãe e filho.

O HIV é um problema de saúde pública em todo território nacional. Trata-se de uma doença de notificação compulsória, logo, os profissionais de saúde devem notificar para alimentar as bases de dados do Sistema de Informação de Agravos de Notificação (SINAN) e possibilitar que o Ministério de Saúde (MS) possa ter o devido dimensionamento, e, então, tomar as medidas cabíveis para tratar a população infectada e evitar novas infecções pelo HIV.

Apesar do alto risco de contaminação quando há relação sexual sem o uso de preservativo, existe a profilaxia pré-exposição (PrEP), que consiste no uso de duas drogas antes da relação sexual, tenofovir e a entricitabina, por 7 dias antes da mulher realizar sexo anal e por 20 dias antes da mulher realizar sexo por via vaginal (Brasil, 2022). Ademais, ainda há a profilaxia pós-exposição (PEP), que é utilizada em casos de violência sexual, relação sexual desprotegida ou acidente ocupacional, trata-se do uso de medicamentos antirretrovirais em até

72 após a exposição, após iniciado o tratamento dura 28 dias (Brasil, 2022).

No Piauí, também há casos de infecção de mulheres pelo HIV (Brasil, 2023). Tal fator não deve ser desconsiderado, a partir disso, será realizado o perfil epidemiológico do grupo feminino que vive com HIV.

2 METODOLOGIA

Trata-se de um estudo descritivo, exploratório, com abordagem quantitativa, no qual foi utilizado como fonte de dados o Sistema de Informação de Agravos de Notificação (SINAN), através da base de dados do Departamento de Informações do Sistema Único de Saúde (DATASUS) e Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) utilizando como base os casos de AIDS confirmados em mulheres, no ano de 2023, no estado do Piauí.

A tabulação dos dados foi realizado por meio do programa TABNET. Além disso, os dados foram tabulados considerando as seguintes variáveis: 1) Casos confirmados de AIDS por Região/UF Res.; 2) Por sexo; 3) Por faixa etária; 4) Por raça/cor; 5) Por nível de escolaridade, no ano de 2023.

3 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Nota-se, após análise dos dados que a população feminina acometida pelo HIV no estado do Piauí possui algumas características que formam um perfil epidemiológico consistente.

Em relação ao ano de 2022, que contou com 56 novos casos de AIDS confirmados, o ano de 2023, que registrou apenas 20 casos de AIDS confirmados, teve uma diminuição de, aproximadamente, 64%. Tal aspecto, pode ser justificado pela conscientização do uso de preservativos ou pela falta de busca por diagnóstico pelas mulheres piauienses que se expuseram ao vírus, seja por medo ou por falta de conhecimento sobre o tema.

Quando levado em consideração a idade dessas mulheres que vivem com o HIV, destaca-se que a maior frequência ocorreu em adultas com idade entre 35 e 49 anos, apresentando 9 casos no total.

Sobre a escolaridade, destaca-se que a grande maioria, 6 casos, possuem o ensino fundamental incompleto, demonstrando baixa instrução das piauienses acometidas com a IST, aspecto que influencia na prevenção da patologia, aumentando a exposição ao vírus em decorrência do desconhecimento sobre as formas de transmissão do patógeno e das formas de tratá-la uma vez exposta. Quanto a raça/cor, o principal valor mensurado foi em relação às pardas, apresentando um total de 11 casos registrados no SINAN em 2023.

Após o exposto supracitado, entende-se que o perfil de saúde no estado de Piauí de mulheres que vivem com HIV em 2023 é de um público que é vulnerável nos âmbitos sócio-econômico-educacional, o qual não tem acesso a informação e, conseqüentemente, não compreende as formas de prevenção e de tratamento dessa patologia crônica, a qual não possui cura, mas não é sinônimo de fim de vida, uma vez que, após seguir o tratamento e diminuir os níveis do vírus no sangue ao ponto de ficar indetectável aos exames, gera uma diminuição dos sintomas e, conseqüentemente, possibilita uma sobrevida sem muitos transtornos, além de um promover um ótimo prognóstico.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conclui-se que o Ministério da Saúde, tendo em vista os dados expressos no SINAN sobre esse perfil epidemiológico, poderá realizar medidas para o controle da epidemia de AIDS no Piauí, evitando novos casos e possibilitando o tratamento das pacientes infectadas no âmbito do Sistema Único de Saúde (SUS).

Além de promover, utilizando as mídias digitais e equipes da estratégia saúde da família, programas de conscientização sobre a transmissão de ISTs como o HIV e as formas de prevenção, seja com o uso de preservativo ou com uso do PrEP, sejam em conjunto ou separados, como também divulgar as formas de tratamento de pessoas infectadas com o vírus.

REFERÊNCIAS

TRINDADE, Lidiane de Nazaré Mota et al. Human immunodeficiency virus infection in pregnant women and its correlation with socioeconomic determinants. **Revista da Escola de Enfermagem da USP**, v. 57, p. e20220321, 2023.

GUILLAUME, Dominique. The Impact of Human Immunodeficiency Virus on Women in the United States. **Nursing Clinics**, v. 59, n. 2, p. 165-181, 2024.

Ministério da Saúde. DATASUS. Tabnet. Brasília, DF: Ministério da Saúde, 2023.

MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2022. Disponível em: <https://www.gov.br/aids/pt-br/assuntos/prevencao-combinada/prep-profilaxia-pre-exposicao/prep#:~:text=A%20PrEP%20n%C3%A3o%20protege%20de,preservativos%20durante%20as%20rela%C3%A7%C3%B5es%20sexuais..> Acesso em: 01 mai de 2024.

Protocolo Clínico e Diretrizes Terapêuticas para Atenção Integral às Pessoas com Infecções Sexualmente Transmissíveis – IST [recurso eletrônico] / Ministério da Saúde, Secretaria de Vigilância em Saúde, Departamento de Doenças de Condições Crônicas e Infecções Sexualmente Transmissíveis. – Brasília : Ministério da Saúde, 2022.

SOUZA, M. T.; SILVA, M. D.; CARVALHO, R. Revisão integrativa: o que é e como fazer. **Einstein (São Paulo)**, v. 8, p. 102-106, 2010.

FATORES GENÉTICOS RELACIONADOS AO DIABETES MELLITUS

Keyla Liana Bezerra Machado¹, Rian Ricardo Henrique da Silva², Caroline Fernandes de Oliveira³

Mestranda em Ciências Farmacêuticas na Universidade Federal do Piauí¹, Estudante de Nutrição na Universidade Federal de Pernambuco², Estudante de Enfermagem na Universidade Estácio de Sá³

lilibezerra2@hotmail.com

RESUMO

Introdução: O Diabetes Mellitus é uma doença endócrina caracterizada por hiperglicemia, que causa complicações macrovasculares e microvasculares, como doenças cardiovasculares e renais. Pesquisas genéticas revelam subtipos diferentes de DM2, de modo a contribuir para avanços na medicina. **Metodologia:** Este trabalho constitui-se como uma revisão de literatura com o objetivo de analisar os avanços na análise genômica do DM. A pesquisa foi realizada em bases de dados como PubMed, Google Acadêmico e SciELO, utilizando descritores relacionados a complicações macrovasculares, microvasculares, fatores genéticos e DM. **Resultados e discussão:** Todas as formas de diabetes possuem um componente genético significativo. No DM1, a genética se concentra na região HLA, com GWAS identificando mais de 50 loci. Um GWAS sobre DM2, envolvendo 32 coortes europeias, encontrou 243 loci com significância genômica. Uma análise de exoma em 81 mil casos de DM2 e 370 mil controles identificou 40 sinais de variantes codificantes. Estudos em populações isoladas contribuíram para a descoberta genética, de modo a revelar variantes únicas. **Considerações Finais:** A análise genética em populações diversas identificou variantes únicas, destacando a importância da genética na medicina de precisão para o manejo do DM2. O estudo contínuo é necessário para aprimorar a prevenção, diagnóstico e tratamento do diabetes.

Palavras-chave: diabetes; fatores genéticos; complicações.

1 INTRODUÇÃO

O Diabetes Mellitus (DM), uma doença do sistema endócrino, é diagnosticada quando há níveis elevados de glicose no sangue, sendo, também, uma das doenças mais comuns e de rápido crescimento mundialmente, até 2045, projeta-se que pode afetar aproximadamente 690 milhões de adultos. As complicações do sistema macrovascular (doença cardiovascular (DCV)) e do sistema microvascular (como a retinopatia diabética, neuropatia e doença renal diabética (DKD)), causam morbimortalidade em pacientes portadores de diabetes tipo 2, ocasionando gastos financeiros em cuidados à saúde (MORRISH *et al.*, 2001).

O DM é um grupo de condições que são categorizadas por um critério único de diagnóstico, como a hiperglicemia, uma consequência comum em que convergem distúrbios metabólicos distintos. Pesquisas implicam que a diabetes tipo 2 (DM2), subtipo de diabetes predominante, possui diferentes mecanismos de ação. Abordagens de agrupamento utilizando biomarcadores clínicos ou genéticos identificaram subtipos de DM2 que são clinicamente distintos e possuem diferentes associações com complicações diabéticas. Tais pesquisas enaltecem um risco aumentado de diminuição da função renal entre pacientes agrupados em categorias de resistência à insulina, um risco elevado de retinopatia diabética entre pacientes no grupo de deficiência grave de insulina e um risco aumentado de doença arterial coronariana (DAC) entre pacientes com função reduzida das células β e agrupamentos genéticos de distribuição de gordura semelhante à lipodistrofia (UDLER *et al.*, 2018).

A diabetes é uma doença metabólica crônica que se caracteriza por níveis elevados de glicose no sangue, que são resultados de deficiência absoluta ou relativa de insulina, devido à disfunção das células β , resistência à insulina ou ambas. Embora o diabetes seja dividido em uma forma autoimune de início precoce (diabetes tipo 1) e uma não autoimune de início tardio (diabetes tipo 2), há subtipos adicionais clinicamente reconhecidos, como diabetes gestacional e diabetes autoimune latente no adulto. O DM2 é relacionado a qualquer forma de diabetes que não seja de natureza autoimune ou monogênica e, reconhece-se que pode representar um conglomerado de estados fisiopatológicos variados (AHLQVIST *et al.*, 2018).

As complicações da diabetes, assim como a condição em si, são multifatoriais e complexas, com componentes ambientais e genéticos. Identificou-se diferenças na suscetibilidade a complicações diabéticas em pacientes que pareciam semelhantes em termos de controle glicêmico, manejo do diabetes e características clínicas. Aliado a isso, os estudos subsequentes familiares demonstraram diferenças notáveis na incidência de complicações microvasculares e macrovasculares entre indivíduos com familiares que apresentavam diabetes e suas complicações, comparando-se com aqueles que portavam diabetes, no entanto, estavam livres de complicações. Não obstante, os primeiros estudos genéticos apresentavam limitações significativas que restringiam as descobertas genéticas, uma vez que a análise de ligação não conseguiu identificar loci com grandes efeitos robustos, os estudos de genes candidatos eram suscetíveis a falsos positivos por conta da adoção de limites estatísticos flexíveis, e os primeiros estudos de associação genômica ampla (GWAS) não possuíam amostras de forma suficiente para detectar os modestos tamanhos de efeito subjacentes a características mais complexas (QUINN *et al.*, 1996; SEAQUIST *et al.*, 1989). Para tanto, este trabalho possui como objetivo revisar na literatura os avanços na análise genômica, focando em GWAS, estudos que concederam descobertas genéticas e aumentaram o número de loci associados ao DM2 e descobriram novos genes candidatos a complicações macro e microvasculares.

2 METODOLOGIA

Este trabalho constitui uma revisão de literatura, elaborada a partir da coleta de artigos científicos publicados com o objetivo de responder à questão norteadora: "Quais os avanços na análise genômica do Diabetes Mellitus?". Realizou-se, na literatura, a busca nas bases e dados como, National Library of Medicine (PubMed/Medline), Google Acadêmico® e Scientific Electronic Library Online (SciELO). Utilizou-se descritores como: "Complicações macrovasculares", "Complicações microvasculares", "Fatores genéticos" e "Diabetes Mellitus".

Os artigos foram selecionados de acordo com os títulos e resumos que respondiam ao objetivo desta pesquisa. Os trabalhos que não estavam publicados na íntegra, ou não eram acessíveis gratuitamente ou que não abordavam o tema de maneira específica foram excluídos desta abordagem.

3 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Independentemente da heterogeneidade da DM, todas as formas de diabetes possuem um componente genético significativo. A exploração genética do DM1 concentra-se, de forma majoritária, na região HLA, embora os estudos de associação genômica ampla (GWAS) tenham identificado mais de 50 loci que contribuem para o risco de DM1 (UDLER *et al.*, 2018).

Um dos estudos de associação genômica ampla (GWAS) mais relevantes sobre DM2 é uma meta-análise de 32 coortes europeias, que envolvem aproximadamente 74 mil casos e 824 mil controles. Esta pesquisa identificou 243 loci com significância em todo o genoma, incluindo 403 sinais de associação distintos. Aliado a isso, foram encontrados 152 loci posteriormente ao ajuste para IMC (231 no modelo não ajustado), 135 novos loci e 56 loci de baixa frequência (frequência <5%), além disso, 24 loci de muito baixa frequência (frequência <0,5%) que levam a variantes em 60 loci, dos quais 14 têm razão de chances (OR) >2. Tais sinais de GWAS evidenciaram mais de 17% da variação fenotípica no DM2. Entretanto, os escores poligênicos atuais que agregam o risco genético para DM2 em múltiplos loci genéticos não demonstram ser melhores que os marcadores clínicos para prever DM2, os indivíduos nos 2,5% superiores da distribuição de escores poligênicos salientam um risco 3,4 vezes maior e 9,4 vezes maior de desenvolver DM2, em comparação com a mediana e os 2,5% inferiores da distribuição, respectivamente, de modo a destacar a genética na medicina de precisão para DM2 (FAJANS; BELL, 2011).

Uma análise de associação de exoma que envolveu, aproximadamente, 81 mil casos de DM2 e 370 mil controles de cinco grupos populacionais, foi responsável por identificar 40 sinais de associação de variantes codificantes em 38 loci com $P < 2,2 \times 10^{-7}$, em que 16 deles eram novos. A maioria das associações foi compartilhada entre as meta-análises exclusivamente europeias e transétnicas, com 25 alcançando significância em todo o estudo em ambas as análises e 14 com $P < 0,05$ na meta-análise complementar (outrossim, a meta-análise na qual o locus não atingiu significância em todo o genoma); o *PAX4* específico do Leste Asiático foi a exceção. As associações demonstraram distinções mínimas



no tamanho do efeito entre as populações. Paralelo a isso, as variantes de baixa frequência não foram proeminentes e não apresentaram efeitos relevantes, com 5 das 40 variantes com frequência <5% e OR variando de 1,09 a 1,29 (CHEN *et al.*, 2019; MAHAJAN *et al.*, 2018).

Nessa perspectiva, estudos sobre a genética do DM2 em populações isoladas (em que reduzem a variabilidade genética de base e aumentam potencialmente frequências alélicas específicas) fizeram contribuições substanciais para a descoberta genética. Embora os GWAS em populações não europeias tenham identificado relativamente poucos novos loci e demonstrado efeitos predominantemente homogêneos entre as populações, a análise genética do DM2 em populações diversas e isoladas pode identificar variantes únicas para essas populações ou que alcançam significância genômica, enquanto sua baixa frequência nos europeus impede sua detecção. Ressalta-se que estas descobertas podem facilitar os esforços de mapeamento preciso para identificar variantes causais, auxiliando em estudos posteriores (ANDERSEN *et al.*, 2016)

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O Diabetes Mellitus é uma doença crônica e complexa, caracterizada por níveis elevados de glicose no sangue devido a deficiência absoluta ou relativa de insulina. Com projeções alarmantes, em que a gestão e tratamento do DM e suas complicações são relevantes. A DM2 é multifatorial, de maneira que envolve componentes ambientais e genéticos.

Pesquisas recentes utilizando biomarcadores clínicos e genéticos identificaram subtipos de DM2 que são clinicamente diferentes e possuem distintas associações com complicações diabéticas. Embora os estudos iniciais de genética obtiveram limitações significativas, os avanços na análise genômica, principalmente por meio de estudos de associação genômica ampla (GWAS), têm sido promissores. Identificou-se novos loci e genes candidatos, aumentando a compreensão acerca dos mecanismos subjacentes ao DM2 e suas complicações. A análise genética em populações diversas e isoladas também revelou variantes únicas, de modo a destacar o potencial da genética na medicina para o manejo do DM2. Dessa forma, a pesquisa contínua faz-se necessária para melhorar a prevenção, diagnóstico e tratamento do diabetes e suas complicações.

REFERÊNCIAS

AHLQVIST, E. *et al.* Novel subgroups of adult-onset diabetes and their association with outcomes: a data-driven cluster analysis of six variables. **The Lancet Diabetes & Endocrinology**, v. 6, n. 5, p. 361–369, maio 2018.

ANDERSEN, M. K. *et al.* Genetics of Type 2 Diabetes: the Power of Isolated Populations. **Current Diabetes Reports**, v. 16, n. 7, 17 maio 2016.

CHEN, J. *et al.* Genome-wide association study of type 2 diabetes in Africa. **Diabetologia**, v. 62, n. 7, p. 1204–1211, 2 maio 2019.

FAJANS, S. S.; BELL, G. I. MODY. **Diabetes Care**, v. 34, n. 8, p. 1878–1884, 25 jul. 2011.

MAHAJAN, A. *et al.* Refining the accuracy of validated target identification through coding variant fine-mapping in type 2 diabetes. **Nature Genetics**, v. 50, n. 4, p. 559–571, 1 abr. 2018.

MORRISH, N. J. *et al.* Mortality and causes of death in the WHO multinational study of vascular disease in diabetes. **Diabetologia**, v. 44, n. S2, p. S14–S21, set. 2001.

QUINN, M. *et al.* Familial factors determine the development of diabetic nephropathy in patients with IDDM. **Diabetologia**, v. 39, n. 8, p. 940–945, ago. 1996.

SEAQUIST, E. R. *et al.* Familial Clustering of Diabetic Kidney Disease. **New England Journal of Medicine**, v. 320, n. 18, p. 1161–1165, 4 maio 1989.

UDLER, M. S. *et al.* Type 2 diabetes genetic loci informed by multi-trait associations point to disease mechanisms and subtypes: A soft clustering analysis. **PLOS Medicine**, v. 15, n. 9, p. e1002654, 21 set. 2018.



PADRÕES ALIMENTARES E RISCO DE DOENÇAS CARDIOVASCULARES EM MULHERES

Laisa Estevão e Silva¹; Maria Gabryelle Ferreira¹; Luana Loiola Alves¹; Ellen Victória de Jesus Rodrigues¹; Ana Carolyn Rodrigues Gomes¹; Antonio Valdeir Lopes da Silva¹; Leandro Victor Martins Menezes¹; Ticiania Maria Lúcio de Amorim²

Graduanda em nutrição pela Universidade Federal do Piauí¹, Docente do curso de medicina - UFPI, Graduação em Ciências Biológicas - UEPB, Doutorado em Bioquímica - UFRN²

laisaee92@ufpi.edu.br

RESUMO

As DCV são as doenças não transmissíveis mais comuns no mundo, responsáveis por aproximadamente 31% de todas as mortes globais. A adoção de padrões alimentares saudáveis tem sido amplamente reconhecida como uma estratégia eficaz na prevenção das DCV, uma vez que pode influenciar positivamente os níveis de lipídios e promover a saúde cardiovascular. O presente estudo busca compreender como os padrões alimentares específicos afetam a saúde cardiovascular feminina permitindo a criação de recomendações dietéticas mais precisas e eficazes. Esta pesquisa caracteriza-se como uma revisão bibliográfica, sendo consultadas as bases de dados Science Direct e PubMed. Alimentos como cereais integrais, legumes e peixe reduzem o risco de doenças cardiovasculares, assim como dietas com potencial anti-inflamatórias. Estudos comparativos de dietas, como DASH mediterrânea, nórdica e vegetariana, destacam a importância de padrões alimentares específicos na prevenção de DCV. Assim, investigar como diferentes dietas impactam as mulheres pode fornecer informações valiosas para o desenvolvimento de estratégias preventivas mais eficazes e direcionadas. A falta de estudos sobre a influência dos padrões alimentares na saúde cardiovascular do público feminino, em específico, torna essencial um aprofundamento e ampliação de pesquisas nessa área.

Palavras-chave: comportamento alimentar; doenças cardiovasculares; mulheres.

1 INTRODUÇÃO

As DCV são as doenças não transmissíveis mais comuns no mundo, responsáveis por aproximadamente 31% de todas as mortes globais. Estas doenças são geralmente causadas pelo acúmulo de placas de gordura nas paredes internas dos vasos que irrigam o coração e o cérebro (Shan *et al.*, 2020). A aterosclerose, uma doença progressiva e reversível dos vasos sanguíneos, é a principal causa subjacente das DCV. O manejo dos fatores de risco associados à aterosclerose, como hipertensão, dislipidemia, sobrepeso/obesidade e diabetes tipo 2, bem como comportamentos de risco como tabagismo, dieta inadequada e sedentarismo, é fundamental para retardar ou reverter o desenvolvimento da doença e reduzir o risco de DCV (Trautwein; Mckay, 2020).

Alterações na alimentação são uma das principais formas de prevenir DCV. Diversos estudos investigam a associação entre alimentos, nutrientes e o risco do desenvolvimento dessas patologias. Como os nutrientes não são consumidos de forma isolada, os padrões alimentares refletem práticas alimentares globais, sendo a melhor forma de entender a combinação de nutrientes e alimentos no contexto do mundo real (Shan *et al.*, 2020).



Embora as DCV afetem ambos os gêneros, as mulheres apresentam características únicas que influenciam sua manifestação clínica, fatores de risco e estratégias de tratamento. Condições específicas como hipertensão gestacional e diabetes gestacional são preditores importantes de DCV futuras, ressaltando a necessidade de vigilância contínua e intervenções precoces. A menopausa, com a consequente diminuição nos níveis de estrogênio, agrava o perfil lipídico e a função endotelial, exacerbando a aterosclerose e aumentando a vulnerabilidade cardiovascular. A “American Heart Association” enfatiza a importância de abordagens que considerem as particularidades biológicas e de gênero, visando melhorar os resultados cardiovasculares em mulheres (Mehta *et al.*, 2016).

Assim, o presente estudo busca compreender como os padrões alimentares específicos afetam a saúde cardiovascular feminina permitindo a criação de recomendações dietéticas mais precisas e eficazes, adaptadas às necessidades particulares deste grupo, promovendo uma prevenção mais eficaz e uma melhor gestão das DCV.

2 METODOLOGIA

Esta pesquisa caracteriza-se como uma revisão bibliográfica. Foram consultadas as bases de dados Science Direct e PubMed, utilizando os descritores "Comportamento alimentar", "Doenças cardiovasculares" e "Mulheres", unidos pelo operador booleano "AND". Foram incluídos estudos originais e de revisão disponíveis na íntegra, em português ou inglês. Excluíram-se artigos que não abordassem a relação entre padrões alimentares e doenças cardiovasculares em mulheres, que não estivessem nos idiomas mencionados ou que não estivessem disponíveis na íntegra.

3 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Foi observado que uma elevada ingestão de cereais integrais, legumes, peixe, chocolate e o consumo diário de uma xícara de café reduziram significativamente o risco de mortalidade por DCV. Uma alta ingestão de legumes, nozes e chocolate, além de uma dieta vegetariana, podem diminuir o risco de doença coronariana. Ademais, o elevado consumo de vegetais, frutas, azeite e nozes, bem como a ingestão de 1 a 3 xícaras diárias de chá verde, reduziram significativamente o risco de acidente vascular cerebral (Chareonrungrueangchai *et al.*, 2020).

Em concordância, estudos também sugerem que dietas com menor potencial inflamatório contribuem para a redução do risco de DCV. O índice dietético empírico baseado em alimentos, em comparação com a pontuação de índice inflamatório dietético, demonstrou associações mais robustas com a redução de DCV total, doença coronariana e acidente vascular cerebral, independentemente de outros fatores de risco. Apontando a modulação da inflamação, por meio de uma alimentação anti-inflamatória, como uma estratégia positiva para a prevenção de DCV (Li *et al.*, 2020).

Em estudos comparativos entre algumas das dietas DASH, mediterrânea, nórdica e vegetariana, e sua relação com as DCV, observou-se que a dieta DASH reduziu a incidência de DCV em 20%, doença coronariana em 21% e acidente vascular cerebral em 19%. A dieta mediterrânea mostrou uma redução de 19% no risco de DCV, 30% na doença coronariana, 27% no acidente vascular cerebral e 18% no acidente vascular cerebral isquêmico. A dieta nórdica apresentou resultados mais conflitantes, enquanto alguns estudos indicaram uma redução no risco de DCV em homens e mulheres, outros não encontraram associações significativas em mulheres. As dietas vegetarianas associaram-se a uma redução de 22% na mortalidade por doença coronariana e 28% no risco de doença coronariana, embora não mostrem associações significativas com DCV ou mortalidade por acidente vascular cerebral (Trautwein; McKay 2020).



Dessa forma é importante compreender, embora haja carência de estudos, como os padrões alimentares específicos afetam a saúde cardiovascular feminina, permitindo a criação de recomendações dietéticas mais precisas e eficazes, adaptadas às necessidades particulares deste grupo, embasando uma prevenção mais eficaz e melhor gestão das DCV.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Investigar como diferentes dietas impactam as mulheres pode fornecer informações valiosas para o desenvolvimento de estratégias preventivas mais eficazes e direcionadas. A alimentação desempenha um papel fundamental na modulação dos fatores de risco para DCV, e compreender suas particularidades no contexto feminino pode contribuir significativamente para a redução da incidência dessas doenças e para a promoção de uma saúde cardiovascular mais robusta entre as mulheres. Devido à falta de estudos sobre a influência dos padrões alimentares na saúde cardiovascular do público feminino em específico, torna-se essencial um aprofundamento e ampliação de pesquisas nessa área.

REFERÊNCIAS

CHAREONRUNGRUEANGCHAI, K. *et al.* Dietary factors and risks of cardiovascular diseases: an umbrella review. **Nutrients**, v. 12, n. 4, p. 1088, 2020.

LI, J. *et al.* Dietary inflammatory potential and risk of cardiovascular disease among men and women in the US. *Journal of the American College of Cardiology*, v. 76, n. 19, p. 2181-2193, 2020.

MEHTA, L. S. *et al.* Acute myocardial infarction in women: a scientific statement from the American Heart Association. **Circulation**, v. 133, n. 9, p. 916-947, 2016.

SHAN, Z. *et al.* Association between healthy eating patterns and risk of cardiovascular disease. **JAMA internal medicine**, v. 180, n. 8, p. 1090-1100, 2020.

TRAUTWEIN, E. A.; MCKAY, S. The role of specific components of a plant-based diet in management of dyslipidemia and the impact on cardiovascular risk. **Nutrients**, v. 12, n. 9, p. 2671, 2020.



EFEITOS TERAPÊUTICOS DOS SINTOMAS DO CLIMATÉRIO EM MULHERES NA MENOPAUSA

Michelle dos Santos Almeida¹; Maria Eduarda Nascimento Barbosa¹; Cauã Borges dos Santos¹; Clesimary Evangelista Molina Martins².

Graduandos em Medicina pela Universidade Tiradentes¹, Graduada em Fisioterapia² e Mestre em Saúde Coletiva².

michelledossantos193@gmail.com

RESUMO

O climatério é um processo fisiológico do sexo feminino onde há redução da produção hormonal, já a menopausa consiste na data a partir da qual não há mais ciclos menstruais e tanto um como o outro surgem com sintomas que interferem negativamente na vida da mulher. O objetivo deste estudo foi demonstrar, através de evidências científicas, o impacto do tratamento dos sintomas do climatério em mulheres na menopausa. Para isso, foi realizada uma revisão bibliográfica utilizando artigos selecionados da Biblioteca Virtual de Saúde (BVS), com critérios de inclusão que abarcavam publicações dos últimos cinco anos, nos idiomas português, inglês e espanhol. Os artigos escolhidos foram lidos na íntegra e analisados de forma crítica. As descobertas mostraram que embora a sintomatologia da menopausa tenha grande influência no bem estar feminino, poucas mulheres recorrem aos serviços de saúde com tais queixas para tratamento. Contudo, embora a Terapia Hormonal (TH) seja o principal tratamento, deve-se levar em consideração os riscos promovidos por ela quando não indicação, além de estudos terem mostrado a maior utilidade do estradiol em detrimento de outros estrogênios. Além disso, a evidência das complicações associadas à TH tornou essenciais as práticas não hormonais para a amenização dos sintomas do climatério.

Palavras-chave: climatério; qualidade de vida; terapia de reposição hormonal.

1 INTRODUÇÃO

A menopausa condiz com a diminuição fisiológica e gradual dos hormônios ovarianos, assim como é representada pela cessação dos ciclos menstruais (Martins *et al.*, 2021). Segundo Brasil (2023) a confirmação clínica da menopausa se dá com um período de 12 meses de amenorréia, o que, geralmente, ocorre de forma natural entre 45 e 55 anos, entretanto, caso esse fenômeno ocorra antes de 40 anos é considerado uma menopausa precoce. Logo, a transição da condição reprodutiva da mulher para uma vida não reprodutiva é denominada climatério, o qual está incluso não só a menopausa, mas também a sintomatologia desse contexto (Pinto, 2021). Contudo, para Martins *et al.* (2021) essa mudança pode ser assintomática ou sintomática.

Ademais, de acordo com Pinto (2021) a evolução tecnológica e a geração de pesquisas referentes a área da saúde contribuíram para o aumento da expectativa de vida nos últimos anos, devido a isso, perante a epidemiologia estudada, em 2050 cerca de 22% da população brasileira será idosa. Em suma, esses índices demonstram que futuramente mais mulheres alcançaram o climatério e menopausa, visto que são condições inerentes ao sexo feminino, e, por conseguinte, sofreram com os sintomas relacionados a esses mecanismos.

Além disso, outros estudos estimam que em 2030 no planeta cerca de 1,2 mil milhões de pessoas estarão na menopausa e pós-menopausa. Os índices apontam que 25% das mulheres possuem sintomas substanciais e debilitantes que afetam sua vida quando estão no climatério



(Martins, 2021). Sob tal viés, esse trabalho objetiva atestar a importância e a tamanha repercussão causada pelos sintomas do climatério nas mulheres, uma vez que comprometem significativamente sua qualidade de vida, devido à diversidade de efeitos gerados.

2 METODOLOGIA

Trata-se de uma revisão bibliográfica, a base de dados utilizada foi a Biblioteca Virtual em Saúde (BVS) do Ministério da Saúde - sendo utilizados artigos do LILACS, SciELO, IBECs e outros -, além de dados oficiais. Foram utilizados os descritores Sintomatologia e Climatério, sob a articulação do operador Booleano “AND”, e teve como critérios de inclusão aplicados a delimitação temporal entre 2019 e 2024, publicações em português, inglês e espanhol.

3 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Na busca inicial, foram encontrados 160 artigos. Após a aplicação dos critérios de inclusão e exclusão, 147 artigos foram descartados, restando 13. A leitura dos títulos desses 13 artigos levou à exclusão de 1 artigo duplicado, resultando em 10 artigos. Esses 10 artigos foram lidos na íntegra, e ao final, 8 artigos foram selecionados para compor esta pesquisa.

QUALIDADE DE VIDA

Acerca da qualidade de vida, os estudos comparativos apontam que mulheres no climatério tem uma qualidade do sono ruim em relação a mulheres que menstruam regularmente. Diante disso, o déficit na qualidade de sono reflete diversos distúrbios, como: “dificuldade em iniciar o sono; dificuldade em manter o sono, com múltiplos despertares durante a noite; despertar cedo; sono não restaurativo; movimentos/comportamento anormais durante a noite; fadiga ou sonolência diurna; dificuldade de concentração.” Além disso, sudorese e fôlegos são os sintomas mais precoces durante o climatério e estas ondas de calor interferem, dependendo da intensidade e frequência, no sono e nas atividades de vida diária das mulheres (Silva, 2020). Outrossim, pode-se citar como fatores debilitantes do bem-estar feminino gerados pela menopausa são: aumento da irritabilidade, instabilidade emocional, manifestações genitourinárias, risco cardiovascular, mudanças na distribuição da gordura corporal e outros (Brasil, 2023).

A disfunção sexual atinge em média cerca 60% das brasileiras com idade entre os 40 e 65 anos. As principais queixas atreladas a tal problemática incluem fatores como a insatisfação com as alterações corporais e a diminuição do desejo sexual. A redução dos níveis hormonais no corpo feminino interfere diretamente em sua resposta sexual, pois tais hormônios desempenham um papel fundamental no desejo sexual (Gonçalves, *et al.*, 2023). Além disso, a falta de estrogênio afeta diretamente o epitélio vaginal, ocasionando o ressecamento, fator que afeta ainda mais negativamente as relações sexuais. A combinação de fatores físicos e psicológicos afeta diretamente o desejo sexual, a satisfação e o orgasmo (Figueroa Sanchez, *et al.*, 2022). A utilização de exercícios para o fortalecimento do assoalho pélvico pode ser uma excelente ferramenta eficaz na melhora da resposta sexual da mulher no climatério, ajudando em aspectos como excitação, orgasmo e satisfação (Amaral, *et al.*, 2020).

TRATAMENTO HORMONAL

A menopausa e o climatério são eventos que atingem a mulher no final da sua vida reprodutiva e devido a isso são acompanhados por um quadro clínico característico, o qual é responsável por afetar de inúmeras maneiras a qualidade de vida dessas pacientes, por isso que



esses fatores são tratados como uma essencial questão de saúde pública. Contudo, apesar de 10-40% das mulheres menopausadas serem afetadas, apenas cerca de 25% das sintomáticas procuram o serviço de saúde, sendo que poucas recebem terapia de reposição hormonal, confirmando sua condição de subdiagnóstico e subtratamento (Espitia De La Hoz e Orozco Gallego, 2019).

Nesse sentido, a principal terapêutica usada é a Terapia Hormonal (TH) que faz uso do estrogênio isolado ou combinado com progestagênios (Martins *et al.*, 2021). A recomendação para a sua prática é em pacientes com 50 a 59 anos ou com menos de 10 anos de menopausa, assim como manutenção por até 5 anos, a fim de evitar complicações.

Todavia, em 2002 e 2004 publicações referentes a estudos da Women's Health Initiative (WHI) apontaram suspeitas quanto à probabilidade da associação da terapia combinada com o Câncer de Mama (CM) (Martins *et al.*, 2021). Diante disso, mostrou-se que sua prescrição deve ser feita de maneira individualizada e cuidadosa, respeitando as particularidades de cada mulher, um exemplo disso é a utilização de acordo com Martins *et al.* (2021) isolada do estrogênio em histerectomizadas e a terapia combinada naquelas não histerectomizadas, uma vez que a opção isolada nesses casos propiciam o surgimento da neoplasia endometrial.

Outrossim, a Síndrome Genitourinária da menopausa contribui para a dificuldade na persistência da atividade sexual no sexo feminino, por englobar deficiências na situação vulvovaginal do aparelho genital. Todavia, o uso tópico de estrogênio demonstrou-se favorável no tratamento desses sintomas, dentre suas formas hormonais o mais indicado, segundo um estudo randomizado e controlado feito por Espitia De La Hoz e Orozco Gallego (2019), foi o estriol em conjunto com lubrificantes (eficácia de 82,7% e menor relação com efeitos adversos).

Por fim, é válido ressaltar a importância do uso fitoterápico das isoflavonas no combate aos sintomas do climatério. Segundo os estudos revisados por Frigo *et al.* (2021), o uso de doses entre 45 mg a 160 mg diárias de isoflavonas por pelo menos 12 semanas levam a melhora dos sintomas globais, especialmente dos vasomotores. Elas são compostos bioativos de fitoestrógenos que possuem afinidade com os receptores estrogênicos diminuindo os sintomas ocasionados pelo hipoestrogenismo.

TRATAMENTO NÃO HORMONAL

Com o surgimento de algumas complicações decorrentes da TH buscou-se novas alternativas para o tratamento dos sintomas derivados da queda hormonal feminina, desse modo, para Pinto (2021) hábitos saudáveis, como dieta equilibrada e atividade física regular tornaram-se mecanismos importantes para a diminuição dessas manifestações clínicas. Em suma, o exercício físico é essencial, haja vista que melhora a disposição física, mantém o peso adequado, fortalece os músculos do assoalho pélvico, ajuda na contenção da urina e nos aspectos psicoemocionais e na qualidade do sono (Pinto, 2021). Ademais, esses fatores se correlacionam de maneira positiva com o contexto da mulher menopausada, pois elas estarão sujeitas ao aumento da irritabilidade, instabilidade emocional, ansiedade, insônia, perda de massa óssea e risco cardiovascular (Brasil, 2023).

Dessarte, esses benefícios foram observados em um estudo que avaliou a influência de medidas terapêuticas em piscinas com prevalência aeróbica na sintomatologia da menopausa e na depressão de mulheres acima de 55 anos, observando redução deles (Pinto, 2021). Ademais, a prática constante de exercícios físicos, realizados ao menos 3 vezes na semana com uma duração mínima de 60 minutos, é responsável por aumentar a produção de β -endorfinas hipotalâmicas, substâncias capazes de estabilizar a termorregulação e aliviar a presença dos sintomas vasomotores (Amaral, *et al.*, 2020).

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS



Sendo assim, a significativa prevalência dos sintomas do climatério em mulheres menopausadas é primordial na imprescindibilidade do seu manejo clínico, haja vista que impacta de forma negativa na vida feminina, seja de maneira física com a disfunção sexual e fogachos ou psicológicas, representada pela irritabilidade e instabilidade emocional. Em síntese, apesar da Terapia Hormonal ser a principal medida terapêutica recomendada nessas situações, diante das possíveis complicações derivadas a ela, há um incentivo e estudos acerca do uso de ferramentas não hormonais, por exemplo, mudanças de hábitos de vida, atividade física e boa alimentação, as quais possuem efeito benéfico comprovado cientificamente em estudos observacionais.

REFERÊNCIAS

AMARAL, Maria Teresa Pace do et al. Impact of an exercise protocol on sexuality and quality of life of climacteric women. *ABCS health sci*, p. [1-6], 2020.

BRASIL, Ministério da Saúde. Menopausa marca processo de mudanças físicas e mentais; 2023. Disponível em: <https://www.gov.br/saude/pt-br/assuntos/noticias/2023/janeiro/menopausa-marca-processo-de-mudancas-fisicas-e-mentais#:~:text=A%20menopausa%20%C3%A9%20definida%20pela,mudan%C3%A7as%20f%C3%ADsicas%20ocorrem%20nessa%20passagem>. Acesso em: 24 mai. 2024.

ESPITIA DE LA HOZ, Franklin José; OROZCO GALLEGO, Hoover. Avaliação da eficácia da combinação de duas terapias com estrogênio local com um lubrificante vaginal, para o controle dos sintomas da síndrome geniturinária da menopausa. *Investigaciones Andina*, v. 21, n. 38, p. 167-183, 2019.

FIGUEROA SANCHEZ, Ibeth Catherine et al . Síntomas climatéricos y calidad de vida mediante índice de Kupperman-Blatt y escala de Cervantes. *Rev Cubana Med Gen Integr*, Ciudad de La Habana , v. 38, n. 2, p. , jun. 2022 . Disponível em <http://scielo.sld.cu/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0864-21252022000200004&lng=es&nrm=iso >. Acesso em: 27 maio 2024. Epub 01-Jun-2022.

FRIGO M, Barros E, Santos PCB, Koehnlein EA. Isoflavonas como tratamento alternativo na sintomatologia climatérica: uma revisão sistemática. *Rev Inst Adolfo Lutz*. São Paulo. 2021;80:1-14,e37249.

GONÇALVES, Jaqueline Teixeira Teles et al. Disfunção sexual no climatério e fatores associados. *Revista Brasileira de Saúde Materno Infantil*, v. 23, p. e20230079, 2023.

MARTINS, Sara Custódio et al. Terapia de reposição hormonal e câncer de mama: uma revisão da literatura sobre a influência do tratamento hormonal no desenvolvimento neoplásico. *Revista Médica de Minas Gerais*, 2021.

PINTO, R. G. P. et al. Exercício físico como estratégia terapêutica e coadjuvante nos sintomas do climatério: revisão baseada em evidências. *J. health sci*, v. 23, n. 1, p. 35-8, 2021.

SILVA CS, Oliveira BC, Souza SMO, Silva HGN, Ykeda DS. Estudo comparativo da qualidade do sono e insônia entre mulheres no climatério e com ciclo menstrual regular. *Rev Pesqui Fisioter*. 2020;10(2):163-171. doi: 10.17267/2238-2704rpf.v10i2.2779.



PREVENÇÃO A NEOPLASIA MAMÁRIA ATRAVÉS DA EDUCAÇÃO EM SAÚDE COMUNITÁRIA: RELATO DE EXPERIÊNCIA

Fernanda Damasceno Silva¹; Giselle Pereira da Silva¹; Laura Pereira da Silva Dantas¹;
Sonnaly Alexandre Pinto¹.

Enfermeira pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte¹, Mestrando em Saúde e
Sociedade pela do Estado do Rio Grande do Norte².

gisellepereira@alu.uern.br

RESUMO

Introdução: Este estudo tem por **objetivo** compartilhar os métodos, resultados e impactos de uma intervenção educativa em saúde, em face à falta de informações precisas sobre neoplasia mamária, métodos de prevenção e utilização dos recursos de saúde. **Metodologia:** Trata-se de um relato de caso vivenciado durante o estágio Supervisionado IV do curso de Enfermagem da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. Para tal, foram percorridas quatro fases: 1) Roda de Conversa; 2) Dinâmica de integração; 3) Reflexão pós-dinâmica. 4) Demonstração prática do autoexame físico de mamas. **Resultados e Discussão:** A atividade mostrou-se relevante e com resultados satisfatórios, alcançando os objetivos de disseminação de conhecimentos e envolvendo ativamente as mulheres, tornando-as participantes engajadas. Além disso, foi proveitosa para as estagiárias, que adquiriram habilidades valiosas e experiência prática em educação em saúde, enriquecendo sua formação e preparando-as para a atenção primária à saúde. **Considerações Finais:** Foi possível alcançar a conscientização dos participantes sobre a importância da prevenção do câncer mamário, além de alcançar grandes contribuições para o processo formativo enquanto acadêmicos, propiciando uma formação humanística que possa contribuir de fato para a melhoria na qualidade de vida da população.

Palavras-chave: neoplasia de mama; educação em saúde; saúde da mulher .

1 INTRODUÇÃO

Embora existam avanços nas ferramentas de sequenciamento para suporte significativo à problemática da doença por carcinoma mamário, o índice de novos casos segue em aumento constante. A principal causa, segundo estudos, é a falta de informações precisas sobre a própria doença, métodos de prevenção, ciclo e utilização das instalações disponíveis no sistema de saúde (Kashyap et.al, 2022).

Smith et.al (2018) afirmou que o agravante desta problemática pode ser reduzido com a educação em saúde, que se faz crucial para a promoção do diagnóstico precoce e a adoção de medidas preventivas eficazes pela sua eficiência comprovada na influência de comportamentos e disseminação de informações. Anos depois, o estudo de Kashyap et.al (2022) seguiu na afirmativa que a abordagem preventiva mais eficaz para a neoplasia mamária é o processo de conscientização sobre a doença.

Como efeito, um estudo realizado por Zafar et.al (2024) mostrou que programas de educação em saúde aumentam a participação das mulheres em mamografias e outras formas de rastreamento preventivo, especialmente em comunidades carentes. Logo, a educação em saúde é uma competência chave que permite aos profissionais não apenas tratar, mas também educar e tornar seus pacientes mais empoderados, promovendo uma abordagem holística do cuidado (Parker & Smith, 2019).



Em face a estes aspectos, o presente estudo tem como objetivo compartilhar os métodos, resultados e impactos de uma intervenção educativa em saúde, destacando sua relevância tanto no âmbito social quanto acadêmico, pois ao documentar e analisar essa experiência, espera-se contribuir para o desenvolvimento de práticas educativas mais eficazes e inclusivas, fortalecendo a saúde pública e comunitária.

2 METODOLOGIA

Trata-se de um relato de caso vivenciado durante o estágio Supervisionado IV do curso de Enfermagem da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. Na ocasião, ocorreu uma ação de educação em saúde alusiva ao outubro rosa produzida pelas estagiárias em uma unidade básica de saúde no período da noite.

Inicialmente, foi conduzida uma roda de conversa abordando os seguintes tópicos relacionados ao câncer de mama: definição da doença, a importância da campanha Outubro Rosa, fatores de risco associados, estratégias de prevenção e reconhecimento dos sinais e sintomas.

Na sequência, foi realizada uma dinâmica envolvendo a participação de cinco mulheres. Durante essa atividade, uma das participantes foi instruída a, com os olhos fechados, tocar a mão de uma outra mulher enquanto era solicitado que ela prestasse atenção em todos os detalhes sensoriais. Em seguida, ainda com os olhos fechados, a participante foi desafiada a identificar qual era a mão que ela havia tocado inicialmente, dentre as mãos de todas as mulheres participantes da dinâmica.

A reflexão pós-dinâmica concentrou-se na analogia entre a percepção sensorial durante a atividade e a importância do autoexame físico da mama. Ao refletir sobre sua capacidade de reconhecer a mão tocada inicialmente, as participantes foram incentivadas a considerar a importância de um exame minucioso das próprias mamas. Destacou-se a necessidade de realizar o autoexame com atenção aos detalhes, visando à detecção precoce de quaisquer anormalidades que possam surgir.

Por fim, encerrou-se a atividade com a demonstração prática da técnica adequada para a realização do autoexame da mama. Durante essa etapa, foram fornecidas instruções claras e detalhadas sobre os procedimentos a serem seguidos para uma avaliação eficaz da saúde mamária, com ênfase na importância da realização regular deste autoexame como parte integrante dos cuidados com a saúde feminina.

3 RESULTADOS E DISCUSSÕES

As ações realizadas no Outubro Rosa são essenciais para a disseminação de conhecimento sobre o câncer de mama. Essa campanha é uma das maiores e com maior adesão da sociedade, permitindo que as mulheres compreendam o processo de adoecimento e o rastreamento da doença. Além disso, ela estimula a participação nos programas de diagnóstico e prevenção (Agostinho; Lima; Ferreira, 2019).

As ações de educação em saúde nesse processo se estabelecem como uma das ações mais importantes dos serviços de atenção primária à saúde, podendo/devendo ser realizada por todos os profissionais de saúde, independentemente do cargo. Principalmente, tendo em vista que a promoção da saúde, é prevista como um direito do cidadão desde a Constituição Federal de 1988, se estabelecendo como um processo contínuo de criação de conhecimento e transformação da realidade por meio da ação e reflexão humana (Conceição *et al.*, 2020).

A atividade de educação em saúde realizada obteve resultados satisfatórios, incluindo um alto nível de engajamento e interesse das participantes. As mulheres demonstraram compreensão dos conceitos de câncer de mama, a importância do Outubro Rosa, os fatores de

risco, as formas de prevenção, e os sinais e sintomas da doença. A dinâmica mostrou-se efetiva, sendo bem recebida pelas usuárias e gerando uma reflexão profunda sobre a importância do autoexame das mamas. Além disso, foi possível compreender a analogia entre reconhecer o toque das mãos e a importância de se familiarizar com os próprios seios para identificar alterações.

O método da roda de conversa enriquece os momentos de educação em saúde, pois proporciona o compartilhamento de conhecimentos, valorizando os saberes e a experiência dos participantes. Conforme preconizado por Paulo Freire nos "Círculos de Cultura", o cidadão, por meio do diálogo, interage e se relaciona com os outros, tendo a capacidade de ensinar, aprender, fortalecer e ser fortalecido, raciocinar, refletir e decidir pelo bem-estar pessoal e coletivo, considerando suas vivências e experiências (Camargo; Almeida; Souza *et al.*, 2018).

Dessa forma, a atividade se mostrou relevante e com resultados satisfatórios, pois, além de alcançar os objetivos de disseminação de conhecimentos, incluiu dinâmicas que envolveram ativamente as mulheres no processo, tornando-as participantes engajadas e donas do seu processo de conhecimento. Além de ter sido um processo proveitoso para as estagiárias envolvidas no processo, que conseguiram adquirir habilidades valiosas e experiência prática, com atividades de educação em saúde, enriquecendo a formação e preparando-as para a realidade da atenção primária à saúde.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A ação de educação em saúde sobre a prevenção da neoplasia mamária foi satisfatória, cumprindo-se com os objetivos esperados, pois as informações divulgadas foram bem recebidas pelas os participantes, havendo interação do público presente, pois compartilhavam seus relatos pessoais acerca da doença.

Ademais, os conhecimentos transmitidos serviram para esclarecer as dúvidas e medos que ainda existiam, pois a ação idealizada identificou que a falta de informação ainda permeia o imaginário popular sobre o câncer de mama, com isso a ação, através de métodos lúdicos para educação em saúde, contribuiu para transformar esse cenário, diante dos conhecimentos científicos abordados e esclarecidos, pois o assunto abordado foi pautado além do diagnóstico, priorizando a prevenção e as maneiras de rastreamento, evidenciando a necessidade de procurar os serviços médicos no tempo adequado para o exame de mamografia e o incentivo ao autoconhecimento pelo autoexame das mamas.

Bem como, foi um momento que permitiu às acadêmicas desenvolverem competências e habilidades inerentes da profissão, pois desempenharam a escuta qualificada, o planejamento da ação, a educação em saúde e a promoção e prevenção da saúde, o que proporcionou um processo de formação holístico e humano.

REFERÊNCIAS

AGOSTINHO, Juliano Cualhato; LIMA, Talys Vinícius; FERREIRA, Rita de Cássia Valente. Análise dos fatores de risco do Câncer de Mama e avaliação da campanha preventiva "Outubro Rosa". **Revista Saúde UniToledo**, v. 3, n. 2, 2019.

CAMARGO, Rafaela Cristina Coenga; ALMEIDA, Adriana de; SOUZA, Fernanda Alice Almeida de; NOBREGA, Mariana Gomes. Roda de conversa como estratégia de educação em saúde para a enfermagem. **Revista de Pesquisa: Cuidado é Fundamental Online**, Rio de Janeiro, v. 10, n. 2, p. 523-530, 2018.

Com casos de câncer em crescimento, OMS pede igualdade no acesso a cuidados. **ONU News**, 01 de fevereiro de 2024. Disponível em: <https://news.un.org/pt/story/2024/02/1827107>. Acesso em: 6 jun. 2024.

CONCEIÇÃO, Dannicia Silva et al. A educação em saúde como instrumento de mudança social. **Brazilian Journal of Development**, v. 6, n. 8, p. 59412-59416, 2020.

KASHYAP, Dharambir et.al. Global Increase in Breast Cancer Incidence: Risk Factors and Preventive Measures. **Biomed Research International**, v. 16, p. 1-16, 2022.

PARKER, Marylin. SMITH, Marlaine. **Nursing Theories and Nursing Practice**. Philadelphia: F.A. Davis Company, 2019.

SMITH, Robert et.al. Cancer screening in the United States, 2018: A review of current American Cancer Society guidelines and current issues in cancer screening. **CA: A Cancer Journal for Clinicians**, v. 68, n. 4, p. 297-316, 2018.

ZAFAR, Nadia et.al. Effectiveness of Community Education for Breast Cancer Screening. **Journal Breat Imaging**, v. 6, n. 2, p. 166-174, 2024.



A ESCOLHA DA VIA DE PARTO E A AUTONOMIA DAS MULHERES NO BRASIL

Maria Clara Oliveira de Aquino¹; Caroline Fernandes de Oliveira²; Thamiris Sales de Oliveira³; Mariana Ingrid da Conceição Almeida Silva⁴; Keyla Liana Bezerra Machado⁵; Elina Fernandes de Oliveira⁶

Graduanda em Enfermagem pela Universidade Estácio de Sá^{1,2,3}, Graduanda em Enfermagem pela Universidade Estadual do Maranhão⁴, Mestranda em Ciências Farmacêuticas pela Universidade Federal do Piauí⁵, Mestra em Enfermagem pela Universidade Federal Fluminense⁶

mariaclaraaquino99@gmail.com

RESUMO

Introdução: O parto, no Brasil, tornou-se um assunto imprescindível nas discussões em saúde pública nos últimos anos devido à grande taxa de mortalidade materna e neonatal. **Objetivo:** O objetivo deste estudo é investigar as escolhas e a autonomia das gestantes em relação à via de parto. **Metodologia:** Trata-se de uma revisão integrativa, em que a questão norteadora consiste em: “Como se procede à escolha da via de parto e como se define a autonomia das gestantes em relação ao seu próprio cuidado nesse contexto?”. A pesquisa foi estruturada por meio dos Descritores Em Ciências Da Saúde (DeCS): “Parto”; “Autonomia”; “Enfermagem”. As bases de dados consultadas foram LILACS, MEDLINE e BDENF. Foram encontrados 235 artigos, 25 foram analisados, e 7 foram utilizados para compor o artigo nos último cinco anos (2019-2023). **Resultados e discussões:** No Brasil, a alta taxa de cesáreas é frequentemente uma decisão médica, com pouca participação da mulher. Portanto, a atuação da enfermagem obstétrica, no centro de parto normal, é necessária para assistência prestada a parturiente. **Considerações Finais:** A pesquisa realizada evidenciou a importância de educar as mulheres acerca das diferentes opções de parto e ressaltar sua autonomia nas decisões relacionadas à saúde e cuidado.

Palavras-chave: parto; enfermagem; autonomia.

1 INTRODUÇÃO

O parto, no Brasil, tornou-se um assunto relevante nas discussões em saúde pública nos últimos anos devido à grande taxa de mortalidade materna e neonatal. Nas orientações de reestruturação do cenário, busca-se o cuidado centrado na mulher de uma forma mais humanizada. O padrão obstétrico brasileiro é caracterizado pelos altos índices de parto cesáreas, que tem sido indicado como causa dos elevados índices de óbito materno e neonatal. Esse fato distintivo de uso intenso de medicamentos no processo do nascimento, resulta em números expressivos de morbimortalidade materna e perinatal (Rocha; Ferreira, 2020).

Para opor esse modelo obstétrico, estudos indicam que mulheres gestantes estão buscando pelo Parto Domiciliar Planejado (PDP). Esta prática refere-se à assistência profissional realizada à gestante, o parto e puerpério de forma imediata, no ambiente domiciliar, possuindo plano de transferência caso necessário. Estudos indicam que os partos domiciliares em gestações de risco são considerados tão seguros quanto os hospitalares, além de apresentarem menos intervenções obstétricas (Floriano; Costa; Silva, 2023).

No que se refere à efetivação do protagonismo feminino quanto à escolha da via de parto, é necessário que haja a participação do enfermeiro, evidenciando a sua importância em



promover informações que possam auxiliar as gestantes na escolha e na oferta de cuidados íntegros, favorecendo-nas experiências positivas e satisfeitas. As perspectivas e desejos de cada gestante devem ser respeitadas, uma vez que engloba aspectos físicos, emocionais e socioculturais que carecem de ser prezados de forma individual e integral. Esses aspectos são capazes de induzir não somente a escolha do tipo de parto, mas também a vontade e a forma de encarar o processo (Pereira *et. al.*, 2022).

Nessa perspectiva, com base nas informações coletadas durante esta pesquisa, objetivou-se apresentar a mulheres as diferentes vias de parto, assim como conscientizar gestantes acerca de sua autonomia para escolha e destacar a importância do profissional de saúde de forma auxiliadora na tomada de decisão.

2 METODOLOGIA

Trata-se de uma Revisão Integrativa da Literatura e, para isso, seguiu-se a definição de tema e questão norteadora, adoção de critérios de inclusão e exclusão, definição de descritores, coleta de dados nas bases, análise dados, aplicação dos critérios para seleção dos estudos, e síntese dos dados selecionados.

Assim, construiu-se a seguinte pergunta norteadora: “Como se procede à escolha da via de parto e como se define a autonomia das gestantes em relação ao seu próprio cuidado nesse contexto?”, a pesquisa foi estruturada por meio dos Descritores Em Ciências Da Saúde (DeCS): “Parto”; “Autonomia”; “Enfermagem”. Na seleção dos artigos empregados o operador booleano “AND”. As bases de dados consultados foram a LILACS, MEDLINE e BDEF. Os critérios de inclusão consistiram em artigos completos e disponíveis, nos idiomas português, inglês e espanhol, publicados nos últimos 5 anos (2019-2023). Os critérios de exclusão foram artigos duplicados, incompletos, pagos, inconsistentes metodologicamente e que não respondesse à pergunta norteadora.

Foram encontrados 235 artigos, em que após análise dos critérios de inclusão e exclusão, foram excluídos 210 artigos. Por fim, foram analisados 25 artigos e, após leitura na íntegra, as informações de 7 artigos serviram de base para construção dos resultados, com o intuito de responder aos objetivos da pesquisa.

3 RESULTADOS E DISCUSSÕES

PANORAMA BRASILEIRO SOBRE VIAS DE PARTO

A questão cultural do medo influencia na escolha da via de parto uma vez que, em relação ao parto normal, por meio do conhecimento empírico, há a ideia que este acarreta dor e sofrimento, sendo corriqueiro a mulher associar o parto normal a agonia e aflição. Dessa maneira, a escolha pelo tipo de parto consiste em uma composição de vivências de predecessoras e contemporâneas, influenciadas pelo modelo obstétrico intervencionista (Pereira *et al.*, 2022; Honnenf; Melo; Cardoso, 2020).

O ambiente do local de parto, a luminosidade, o som e a presença do acompanhante amparada pela Lei n 11.108/2005, em que é responsável por regulamentar em relação à presença do acompanhante durante o período do trabalho de parto, na rede de saúde pública ou privada. Nesse sentido, estes são alguns dos fatores que contribuem para a excelência e sucesso do parto e conforto da parturiente durante o período do trabalho de parto, o parto e pós-parto produzindo um ambiente acolhedor e humanizado para a mulher (Floriano; Costa; Silva, 2023).

A escolha de via de parto confere a responsabilidade reprodutiva da mulher, além da autonomia sobre o período gestacional, produz um ambiente acolhedor e livre de violência. A inclusão do acompanhante na sala de parto, doulas e enfermeiras obstétricas apontam também



para uma assistência obstétrica fundamentada na humanização do cuidado. Paralelo a isso, o modelo de humanização baseia-se na conexão entre a assistência da enfermagem obstétrica no Centro de Parto Normal (CPN) e uma filosofia do cuidado, que repercute na forma metódica do exercício profissional, no ato de cuidar e na esfera política. Por intermédio do apoio e acolhimento o conceito de humanização ruptura o modelo obstétrico intervencionista (Mauadie, 2022; Silva *et al.*, 2022).

Em vista disso, é necessário observar que a autonomia da mulher na via do parto contribui para a gradativa ruptura do modelo obstétrico intervencionista, em que dispõe e recorre ao uso de medicamentos, analgesia peridural e outros procedimentos que são associados a procedimentos preventivos e curativos sustentando, devido ao medo de desfechos desfavoráveis ao bem-estar materno e fetal (Mauadie, 2022).

Nessa vertente, o trabalho das enfermeiras obstétricas é fundamental, pois por intermédio da humanização do tratamento há maior acesso à informação possibilitando uma afetividade na relação enfermeira-paciente, garantindo uma assistência em que a mulher será capaz de ter respostas para questionamentos sobre o período gestacional e via de parto. No modelo hospitalar brasileiro, a enfermagem é a profissão que mais dedica tempo e acompanha a gestante durante todos os momentos da internação (Nazaré *et al.*, 2022; Rocha; Ferreira, 2020).

Nesta perspectiva, a atuação da Enfermeiro Obstétrico (EO) no Centro de Parto Normal (CPN), é imprescindível para excelência da assistência prestada à parturiente e acata e pratica o que confere na Lei nº 7.498, de 25 de junho de 1986 (Lei do Exercício Profissional da Enfermagem), deste modo, a EO torna-se uma aliada e auxiliadora, em que ocupa a posição e função de educador em saúde, contemplando a parturiente como um ser biopsicosocioespiritual.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O debate acerca do parto no Brasil tem sido importante nas discussões de saúde pública, especialmente devido às altas taxas de mortalidade materna e neonatal. O modelo obstétrico predominante, marcado pela alta incidência de cesarianas, associa-se a essas taxas alarmantes. A busca por uma abordagem mais humanizada e centrada na mulher é necessária para reverter este cenário.

O Parto Domiciliar Planejado (PDP) tem sido realizado como uma alternativa para algumas gestantes, sendo seguro como os partos hospitalares, no entanto, com menor intervenção obstétrica. Isso reflete a busca das mulheres por autonomia e escolha na forma como desejam dar à luz. O enfermeiro obstétrico é importante nesse contexto, de maneira a fornecer informações e apoio para as gestantes tomarem decisões informadas sobre sua saúde e cuidados no momento do parto. Respeitar as perspectivas individuais e necessidades das gestantes é fundamental para garantir experiências satisfatórias.

A pesquisa realizada evidenciou a importância de educar as mulheres acerca das diferentes opções de parto e ressaltar sua autonomia nas decisões relacionadas à sua saúde e cuidado. O trabalho do enfermeiro obstétrico no Centro de Parto Normal é importante para promover uma assistência de qualidade e centrada na mulher, alinhada com os princípios da humanização do parto.

REFERÊNCIAS

HONNEF, F.; PADOIN, S. M. DE M.; PAULA, C. C. DE. Reasons for women's autonomous actions in the childbirth process: an understanding based on social phenomenology. **Texto & Contexto - Enfermagem**, v. 29, 2020.



Lei da Parturiente: a permissão concedida à gestante ainda muito desconhecida - CEVID - TJPR. Disponível em: <https://www.tjpr.jus.br/web/cevid/noticias/-/asset_publisher/b0bN0gNEc6Uo/content/lei-da-parturiente#:~:text=A%20Lei%20Federal%20n%C2%BA%2011.108>.

MARIA EDUARDA FLORIANO; DA, R.; MARCELA. Motivações para escolha do parto domiciliar planejado. **Revista Baiana de Enfermagem**, v. 37, 1 jan. 2023.

MAUADIE, R. A. et al. **Práticas discursivas acerca do poder decisório da mulher no parto.** **Interface - Comunicação, Saúde, Educação**, v. 26, 2022.

PEREIRA, C. DA S. et al. Desired versus actual delivery route: nursing students' perception about their type of delivery. **Revista da Escola de Enfermagem da USP**, v. 56, p. e20220217, 5 dez. 2022.

ROCHA, N. F. F. DA; FERREIRA, J. A escolha da via de parto e a autonomia das mulheres no Brasil: uma revisão integrativa. **Saúde em Debate**, v. 44, n. 125, p. 556–568, jun. 2020.

SILVA, C. A. DA et al. **Percepções atribuídas por parturientes sobre o cuidado de enfermeiras obstétricas em centro de parto normal.** **Revista de Enfermagem da UFSM**, v. 12, p. e22, 20 jun. 2022.

JACOB, T. DE N. O. et al. A percepção do cuidado centrado na mulher por enfermeiras obstétricas num centro de parto normal. **Escola Anna Nery**, v. 26, 2022.



PROMOVENDO A SAÚDE MATERNA: ESTRATÉGIAS DE ASSISTÊNCIA DE ENFERMAGEM NA PREVENÇÃO DA MORTALIDADE MATERNA

Andréa Santos Moreira¹; Weverson Dias Silva¹; Mísia Luany Baía da Gama Braga¹; Silvia Cristina Santos da Silva².

Graduanda em enfermagem pela Faculdade Cosmopolita¹, Mestra em Enfermagem pela Universidade Federal do Pará².

andrea.pjc2013@gmail.com

RESUMO

A OMS define mortalidade materna como morte de uma mulher relacionada à gravidez. Países em desenvolvimento enfrentam altas taxas. É crucial investir em cuidados pré-natais e investigar óbitos para prevenir mortes evitáveis. A implementação de estratégias de saúde materna, como o acompanhamento pré-natal de qualidade e a investigação dos óbitos maternos, é essencial para reduzir as taxas de mortalidade materna e atingir as metas estabelecidas pela OMS até 2030. Esse estudo trata-se de uma revisão integrativa da literatura sobre mortalidade materna e assistência de enfermagem, onde foram selecionados 6 artigos relevantes após análise criteriosa. A pesquisa enfatiza a importância da investigação de óbitos para melhorar a qualidade dos sistemas de informação e das políticas de saúde, além de destacar fatores socioeconômicos, educacionais e raciais que influenciam diretamente os índices de mortalidade materna. O papel dos enfermeiros é crucial para garantir um cuidado eficaz e humanizado durante o ciclo gravídico-puerperal, promovendo a saúde materna e perinatal. Portanto, é fundamental investir na capacitação dos profissionais de saúde e na melhoria da qualidade da assistência para reduzir as taxas de mortalidade materna e garantir o bem-estar das mulheres em idade fértil.

Palavras-chave: mortalidade materna; assistência de enfermagem; morte materna.

1 INTRODUÇÃO

A OMS define mortalidade materna como morte de uma mulher durante a gestação ou até 42 dias após o parto, devido a causas relacionadas à gravidez. A maioria dos países com altas taxas está na África subsaariana, enquanto países desenvolvidos têm taxas mais baixas. No Brasil, houve redução na mortalidade materna, mas ainda não atingiu a meta estabelecida. O pré-natal é fundamental para identificar e tratar problemas que possam surgir durante a gestação. Estratégias como o PHPN e a Rede Cegonha visam melhorar a qualidade do acompanhamento pré-natal. Lacunas no pré-natal podem impactar na assistência à gestante e na mortalidade materna (Cá et al., 2022).

Mais de meio milhão de mulheres morrem diariamente por complicações no ciclo gravídico-puerperal, sendo 99% dessas mortes em países em desenvolvimento. A morbidade materna grave é uma condição potencialmente letal que requer atenção e prevenção. Fatores de risco incluem idade avançada, hipertensão prévia à gestação, antecedente de aborto e falta de consultas pré-natais. O monitoramento das complicações obstétricas é crucial para melhorar a qualidade da assistência em países em desenvolvimento, contribuindo para a criação de estratégias de prevenção e cuidados mais eficazes (Loureiro et al., 2017).

A investigação dos óbitos de mulheres em idade fértil é fundamental para melhorar os



dados sobre mortalidade materna no Brasil. Essa prática visa detectar e corrigir casos de óbitos maternos não declarados, além de identificar fatores determinantes para prevenir mortes evitáveis. A mortalidade materna é um indicador de saúde importante, refletindo a qualidade dos serviços de saúde oferecidos. Reduzir a taxa de mortalidade materna é um desafio global, com a OMS propondo metas para 2030. Apesar dos esforços das autoridades de saúde, a redução da mortalidade materna ainda é uma preocupação. A saúde materna é uma questão de interesse público devido ao seu impacto na sociedade e na economia (de Souza et al., 2021).

A busca por mecanismos de gestão da mortalidade materna resultou em um marco regulatório internacional que visa atender às necessidades das mulheres em idade fértil. No entanto, ainda há um alto número de mortes maternas diariamente, especialmente em países mais pobres. O enfermeiro desempenha um papel fundamental nesse cenário, atuando em diversos contextos e contribuindo para a prevenção da morte materna por meio de práticas baseadas em evidências científicas (Guarnizo-Tole; Olmedillas-Fernandez e Vicente-Rodriguez, 2018).

Em suma, a mortalidade materna é um problema global que afeta principalmente mulheres em países em desenvolvimento. O enfermeiro desempenha um papel fundamental na prevenção e tratamento de complicações relacionadas à gravidez e ao parto, contribuindo para reduzir a mortalidade materna e garantir uma melhor qualidade de vida para as gestantes e seus bebês. Os enfermeiros também têm o dever de garantir o acesso a cuidados adequados e baseados em evidências para as gestantes. Sendo assim, o presente estudo tem como objetivo, propor estratégias de assistência de enfermagem na prevenção da mortalidade materna, priorizando a investigação dos óbitos de mulheres em idade fértil e a melhoria do acesso aos cuidados pré-natais para reduzir as taxas de mortalidade materna.

2 METODOLOGIA

Trata-se de uma Revisão Integrativa da Literatura, onde inicialmente, pesquisou-se as palavras-chave: “Mortalidade materna AND Assistência de enfermagem”. Foram incluídos apenas artigos dos últimos 10 anos (2014–2024), nas línguas: inglesa, portuguesa e espanhola. Utilizou-se os descritores: Mortalidade materna; Cuidados de enfermagem; Morte materna para filtrar os resultados de busca e foram encontrados 55 artigos. Posteriormente, depois da leitura do título e resumo foram excluídos 8 artigos duplicados e 41 que não se encaixavam ao assunto do presente estudo. E por fim foram selecionados 6 artigos para compor o presente estudo.

3 RESULTADOS E DISCUSSÕES

A investigação dos óbitos de mulheres em idade fértil é crucial para a melhoria dos sistemas de informação e para a compreensão dos padrões de mortalidade na população. A identificação das causas de morte possibilita a formulação de políticas de saúde mais eficazes, contribuindo para a redução da mortalidade materna. No entanto, a falta de investigação adequada e a subnotificação de óbitos comprometem a qualidade dos dados e dificultam a implementação de políticas públicas eficazes (Souza et al., 2021).

Foram identificados fatores como socioeconômicos, educacionais e raciais que influenciam a mortalidade materna. Mulheres negras e de baixa renda são as mais afetadas, devido à discriminação racial e acesso limitado a cuidados pré-natais de qualidade. A baixa escolaridade materna também é um fator de risco obstétrico, afetando a compreensão das orientações durante o pré-natal. Condições socioeconômicas precárias são apontadas como precursoras da alta mortalidade materna em países de baixo status socioeconômico (Cá et al.,



2022).

Estudos mostram que a morbidade materna grave durante o ciclo grávido-puerperal, tem a hipertensão como a principal causa de agravos, seguida pela hemorragia. Fatores como sedentarismo, tabagismo e doenças crônicas aumentam o risco de complicações durante a gravidez. O acesso a cuidados pré-natais de qualidade e a intervenções eficazes são essenciais para prevenir complicações e mortes maternas. Profissionais de saúde devem incorporar práticas que promovam a equidade de gênero e direitos humanos das mulheres (Loureiro et al., 2017).

Foi observado que a localização dos serviços de saúde afeta a acessibilidade das gestantes, com mulheres em áreas rurais tendo menos acesso a consultas pré-natais. A falta de infraestrutura e de profissionais qualificados também impacta a qualidade da assistência pré-natal, contribuindo para altas taxas de mortalidade materna, especialmente entre mulheres negras e de baixa escolaridade. A escassez de profissionais de saúde em regiões afastadas e os desafios socioeconômicos são fatores que dificultam o acesso aos serviços de saúde (Cá et al., 2022).

Pesquisas evidenciaram que a maioria dos profissionais realiza de 10 a 20 atendimentos por mês. Quanto ao número de consultas necessárias durante a gestação, a maioria considera necessário mais de seis consultas para um bom desempenho materno-fetal. As enfermeiras solicitam vários exames na primeira consulta, porém, enfrentam dificuldades com a demora na entrega dos resultados. As orientações transmitidas durante o pré-natal incluem amamentação, vacinação, alimentação e cuidados com o recém-nascido, mas há baixo índice de orientações sobre métodos contraceptivos (Baptista et al., 2015).

Estudos analisaram a prática profissional dos enfermeiros que prestam cuidados maternos, destacando a importância do conhecimento científico e da formação especializada na promoção da qualidade do cuidado. Embora a maioria dos enfermeiros atue no primeiro nível de atenção, há uma lacuna na assistência ao parto, que é geralmente realizada por médicos. No entanto, os enfermeiros desempenham um papel crucial na detecção precoce de complicações e na implementação de práticas para prevenir a mortalidade materna. Embora a participação em projetos de pesquisa não seja comum entre os enfermeiros, isso pode aumentar o conhecimento e a qualidade do cuidado prestado. Apesar das limitações do estudo, os resultados destacam a importância da enfermagem na promoção da saúde materna e perinatal (Guarnizo-Tole; Olmedillas-Fernandez e Vicente-Rodriguez, 2018).

O cuidado de enfermagem na perspectiva da subjetividade da mulher que vivencia uma gravidez de alto risco envolve a compreensão dos aspectos subjetivos das gestantes, que muitas vezes são negligenciados. A gravidez acima dos 35 anos, associada a patologias crônicas, contribui para resultados indesejáveis, como morte fetal e aborto espontâneo. A interação entre aspectos fisiológicos e sócio psíquicos demonstra a importância da abordagem integral na assistência à gestante. A comunicação aberta e o apoio emocional são essenciais para reduzir o estresse e promover o bem-estar da paciente. Intervenções de enfermagem individualizadas e uma abordagem holística são fundamentais para garantir um cuidado eficaz e humanizado durante o ciclo grávido-puerperal de gestantes de alto risco (Amorim et al., 2017).

Em resumo, a investigação dos óbitos de mulheres em idade fértil é crucial para melhorar os sistemas de informação e entender os padrões de mortalidade. A identificação das causas de morte é essencial para elaborar políticas de saúde eficazes, especialmente para reduzir a mortalidade materna. No entanto, a falta de investigação adequada e a subnotificação de óbitos prejudicam a qualidade dos dados e dificultam a implementação de políticas públicas eficazes. A equidade de gênero, o acesso a cuidados de saúde de qualidade e a formação especializada dos profissionais são fundamentais para melhorar a assistência



pré-natal e reduzir as taxas de mortalidade materna.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Assim, evidencia-se a importância da investigação e identificação das causas de morte de mulheres em idade fértil para a formulação de políticas de saúde mais eficazes, visando a redução da mortalidade materna. O enfermeiro pode contribuir para a redução da mortalidade materna através do acompanhamento pré-natal, planejamento reprodutivo, avaliação de risco durante a gestação, assistência durante o parto, intervenção em emergências obstétricas, suporte emocional às gestantes e promoção da educação em saúde sobre cuidados pré e pós-parto. Estas atividades visam garantir um parto seguro, saudável e reduzir complicações que possam levar ao óbito materno. Fatores socioeconômicos, educacionais e raciais influenciam diretamente os índices de mortalidade, destacando a necessidade de abordagens integradas e equitativas na assistência pré-natal. A atuação dos profissionais de saúde, em especial dos enfermeiros, é essencial para garantir um cuidado eficaz e humanizado durante o ciclo gravídico-puerperal, promovendo a saúde materna e perinatal. É fundamental superar as barreiras de acesso aos serviços de saúde e investir na capacitação contínua dos profissionais, visando à melhoria da qualidade da assistência e à redução das taxas de mortalidade materna.

REFERÊNCIAS

AMORIM, Thaís Vasconcelos et al. Perspectivas de los cuidados de enfermería en el embarazo de alto riesgo: revisión integradora. **Enferm. glob.**, Murcia, v. 16, n. 46, p. 500-543, 2017. Epub 01-Abr-2017. <https://dx.doi.org/10.6018/eglobal.16.2.238861>.

BAPTISTA, Rosilene Santos et al. Atención prenatal: acciones esenciales desempeñadas por los enfermeros. **Enferm. glob.**, Murcia, v. 14, n. 40, p. 96-111, oct. 2015. Disponível em <http://scielo.isciii.es/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1695-61412015000400005&lng=es&nrm=iso>.

CÁ, Abdel Boneensa et al. Lacunas Da Assistência Pré-natal Que Influenciam Na Mortalidade Materna: Uma Revisão Integrativa. **Rev Enferm Atual In Derme**, v. 96, n. 38, 2022 e-021257. <https://doi.org/10.31011/reaid-2022-v.96-n.38-art.1372>.

GUARNIZO-TOLE, Mildred; OLMEDILLAS-FERNANDEZ, Hugo; VICENTE-RODRIGUEZ, Germán. Prácticas en enfermería para prevenir la mortalidad materna de la mujer en edad fértil. **Rev Cubana Obstet Ginecol**, Ciudad de la Habana, v. 44, n. 3, p. 1-14, sept. 2018. Disponível em http://scielo.sld.cu/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0138-600X2018000300006&lng=es&nrm=iso.

LOUREIRO, Camila Marcelino et al. Aspectos Sociodemográficos e Obstétricos da Morbidade Materna Grave. **Cienc. enferm.**, Concepción, v. 23, n. 2, p. 21-32, may. 2017. <http://dx.doi.org/10.4067/S0717-95532017000200021>.

SOUZA, Sabrina da Silva et al. Indicador Básico de Saúde: Atenção Primária e Óbitos Mulheres Idade Fértil. **Rev enferm UFPE online**. 2021;15(2):e245560. DOI:10.5205/1981-8963.2021.245560. Disponível em: <https://periodicos.ufpe.br/revistas/revistaenfermagem>.



VIOLÊNCIA OBSTÉTRICA: IMPACTOS PARA A SAÚDE DA MULHER E ABORDAGENS DE INTERVENÇÃO

Maria Emília Dantas Oliveira¹; Ellen Renalle Martins Guedes¹; Francisco Gelzo da Silva Neto¹; Larah Giovanna Nóbrega Clemente¹; Maria Clara Morais da Silva¹; Vânia Ellen Bezerra Sousa¹; Elza Carla Melo de Souza²

Graduando em enfermagem pela Universidade Federal de Campina Grande¹, Enfermeira pela Universidade Federal de Campina Grande.

emiliaoliveira092@gmail.com

RESUMO

Objetivou-se analisar os impactos da violência obstétrica para a saúde da mulher e quais as abordagens de intervenção para mitigar este problema. Trata-se de uma revisão sistemática da literatura, a busca dos estudos ocorreu nas bases de dados online: Biblioteca Virtual em Saúde (BVS) e MedLine, utilizando o descritor “violência obstétrica. Através da pergunta norteadora: “Quais os impactos da violência obstétrica para a saúde da mulher e quais as abordagens de intervenção para mitigar este problema?”, foram escolhidos 8 estudos para compor a amostra final. A violência obstétrica (VO) é definida como a ocorrência de diferentes tipos de comportamentos de violência, abusos, desrespeitos e discriminação realizada por profissionais de saúde durante a gestação, parto, puerpério e demais assistências que envolvam o contexto reprodutivo. violência obstétrica é reproduzida principalmente através da omissão, ato no qual os profissionais não informam ou não obtém o consentimento do usuário para a realização de procedimentos, ou até mesmo não impedem a realização destas práticas inadequadas pela equipe. Conclui-se portanto que promover um ambiente humanizado e respeitoso na assistência ao parto é crucial para garantir a autonomia da mulher sobre seus direitos reprodutivos e assegurar um atendimento de qualidade.

Palavras-chave: violência obstétrica; direitos reprodutivos; saúde da mulher.

1 INTRODUÇÃO

A violência contra a mulher manifesta-se de diferentes formas, física, psicológica, sexual, moral e patrimonial. No Brasil, diversas mulheres sofrem maus tratos, desrespeitos e situações de violência por parte dos profissionais de saúde durante o parto, comprometendo os direitos humanos fundamentais estabelecidos pela Constituição de 1988, a qual contempla o dever do Estado de garantir o direito à saúde, integralidade física e mental, além da não discriminação. A Lei n. 11.340/2006, conhecida como Lei Maria da Penha, desempenha um papel fundamental na proteção à mulher contra atos de violência doméstica e familiar, porém, não abrange todo os tipos de violência que a mulher pode estar vulnerável a enfrentar, como a violência no ambiente de assistência à saúde, antes, durante e após o parto (Leite et al., 2022).

Os profissionais de saúde, muitas das vezes utilizam de sua autoridade técnica-científica para interagir com os usuários dos serviços de saúde de maneira autoritária e expressando uma relação de poder e hierarquia, através da manifestação de ordens, utilização abusiva de intervenções desnecessárias e imposição de procedimentos sem a autorização do indivíduo, isto possibilita a fragilização dos vínculos interpessoais e desumanização do cuidado. Esse tipo de assistência, acarreta na perda da autonomia da mulher sobre os seus direitos reprodutivos, gerando consequências à sua saúde física e mental (Jardim; Modena, 2018). Dessa forma,



objetivou-se através deste estudo analisar os impactos da violência obstétrica para a saúde da mulher e quais as abordagens de intervenção para mitigar este problema.

2 METODOLOGIA

Trata-se de uma revisão sistemática da literatura e para a sua construção delimitou-se a questão norteadora: “Quais os impactos da violência obstétrica para a saúde da mulher e quais as abordagens de intervenção para mitigar este problema?”. A busca dos estudos ocorreu no período de junho de 2024, nas bases de dados online: Biblioteca Virtual em Saúde (BVS) e MedLine, utilizando o descritor “violência obstétrica”, identificado nos Descritores em Ciência da Saúde (DECs). Definiu-se como critérios de inclusão: estudos redigidos no idioma português e inglês, com texto completo disponível na íntegra e publicados no período entre 2018 e 2023. Inicialmente, encontrou-se 218 estudos, após a utilização dos filtros de inclusão foram encontrados 98 estudos, os quais passaram por um processo de leitura minuciosa dos títulos e resumos, delimitando 8 estudos para compor a amostra final.

3 RESULTADOS E DISCUSSÕES

A violência obstétrica (VO) é definida como a ocorrência de diferentes tipos de comportamentos de violência, abusos, desrespeitos e discriminação realizada por profissionais de saúde durante a gestação, parto, puerpério e demais assistências que envolvam o contexto reprodutivo. Segundo Jardim e Modena (2018), a Organização Mundial de Saúde (OMS) categoriza as formas de VO em cinco principais tipos: 1. medicalização e intervenções rotineiras e desnecessárias; 2. abuso, humilhação e agressão; 3. ausência de insumos e instalações inadequadas; 4. práticas realizadas sem o consentimento da mãe; 5. discriminação baseada em motivos culturais, econômicos, religiosos e étnicos.

De acordo com o estudo realizado por Terribile e Filho (2023), o termo violência obstétrica representa qualquer interação utilizada por médicos e enfermeiros obstetras e pela equipe de saúde para alcançar um resultado desejado, que comprometa a autonomia e dignidade das usuárias. Porém, uma parcela considerável de profissionais considera o termo nocivo ou prejudicial para o exercício profissional e que a má interpretação pode afetar negativamente a relação profissional-usuário, visto que juridicamente, o termo retrata o ato de causar dano e ferir intencionalmente.

Martinez-Galiano et al., (2023) expõe sobre a perspectiva das parteiras em relação à violência obstétrica. Segundo resultados, a maioria das parteiras afirmam que presenciaram VO em seu local de trabalho e observou-se que as profissionais com menor experiência, capacitação adequada e as que participam de partos em domicílio possuem maior chance de identificar situações de VO. Em consonância, o estudo de Martín-Badia e colaboradores (2021), retrata que a violência obstétrica é reproduzida principalmente através da omissão, ato no qual os profissionais não informam ou não obtêm o consentimento do usuário para a realização de procedimentos, ou até mesmo não impedem a realização destas práticas inadequadas pela equipe.

Embora a maioria dos integrantes da equipe assistencial relatem que testemunharam comportamentos inadequados durante a assistência à mulher no momento do parto, estes profissionais negam a realização dessas práticas, isso explica-se pela padronização e normalização de condutas clínicas que podem ferir aos direitos humanos e anular a autonomia da mulher em seu processo reprodutivo. Além disso, verificou-se que alguns profissionais consideram que a violência obstétrica depende da percepção da mulher, porém, a usuária pode não estar ciente que está sofrendo algum tipo de violência, devido a normalização de algumas práticas como a episiotomia, manobra de Kristeller, exigência da posição ginecológica, entre



outras, e o desconhecimento de que estas práticas não são recomendadas (Martín-Badia; Obregón-Gutiérrez; Obregón-Gutiérrez, 2021).

Através dos resultados obtidos por Lima, Pimentel e Lyra (2021) observou-se que as mulheres auto classificadas como negras e pardas, quando comparadas às brancas, possuem riscos mais elevados de sofrer VO durante a assistência à saúde, na maioria dos casos, estas mulheres possuem menos consultas pré-natais, ausência de acompanhante e quando submetidas a episiotomia recebem menos anestesia local. Contatou-se que percentualmente, mulheres negras estão mais expostas a condições de vulnerabilidade, pois parte desta população possui incerteza sobre o local do parto, menor vínculo na relação usuário-profissional, além da possibilidade de sofrer discriminação por raça, condição socioeconômica e baixa escolaridade.

A partir dos estudos realizados por Diniz et al., (2018), Govender, Topp e Tunçalp (2022), evidenciou-se a necessidade da criação e regulamentação de políticas públicas que proporcionem a garantia dos direitos das mulheres na assistência antes, durante e após o parto, além disso, ressalta-se a importância da capacitação profissional sobre a identificação de práticas de VO e como evitá-la. É essencial que os serviços de saúde assegurem a autonomia da mulher em todo o seu processo reprodutivo, promovendo o direito de decisão sobre a presença de acompanhante, liberdade de posição durante o trabalho de parto, utilização de métodos não farmacológicos para o alívio da dor e evitar a realização de práticas invasivas desnecessárias.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante das diversas abordagens e perspectivas apresentadas sobre a violência obstétrica, torna-se evidente a complexidade e a gravidade dessa questão que afeta diretamente a saúde e a dignidade das mulheres. As análises revelam que a violência obstétrica não se restringe a um único tipo de comportamento abusivo, mas abrange uma série de práticas, desde a imposição de intervenções desnecessárias até a discriminação com base em diferentes fatores sociais.

Combater a VO requer uma abordagem multifacetada, que envolva não apenas mudanças nas políticas e nos sistemas de saúde, mas também uma transformação cultural que reconheça e respeite os direitos das mulheres em todos os aspectos de sua saúde reprodutiva. Além disso, é fundamental investir na formação e na sensibilização dos profissionais de saúde, capacitando-os para identificar e prevenir essas abordagens inadequadas.

Conclui-se portanto que promover um ambiente humanizado e respeitoso na assistência ao parto é crucial para garantir a autonomia da mulher sobre seus direitos reprodutivos e assegurar um atendimento de qualidade. É essencial promover a valorização da dignidade e as escolhas da mulher, permitindo que ela tenha controle sobre seu próprio corpo e suas decisões durante o processo de parto. A humanização do cuidado contribui para a redução de práticas invasivas e desnecessárias, diminuindo o risco de traumas físicos e emocionais, além disso, um atendimento respeitoso e centrado na mulher fortalece os vínculos entre as usuárias e os profissionais de saúde, estabelecendo uma relação de confiança e segurança essencial para uma experiência de parto positiva e saudável.

REFERÊNCIAS

DINIZ, C. S. G. et al. Disrespect and abuse in childbirth in Brazil: social activism, public policies and providers' training. **Reprod Health Matters**. v. 26, n. 53, p. 19-35, 2018. DOI: <https://doi.org/10.1080/09688080.2018.1502019>.

GOVENDER, V.; TOPP, S. M.; TUNÇALP, O. Repensando a confiança no contexto dos maus tratos à mulher durante o parto: um enfoque negligenciado. **BMJ Glob Saúde**. v. 7, n.



5, p. 1-3, 2022. DOI: <https://doi.org/10.1136/bmjgh-2022-009490>.

JARDIM, D. M. B.; MODENA, C. M. A violência obstétrica no cotidiano assistencial e suas características. **Rev. Latino-Am. Enfermagem.** v. 26, p. 1-12, 2018. DOI: <https://doi.org/10.1590/1518-8345.2450.3069>.

LEITE, T. H. et al. Desrespeitos e abusos, maus tratos e violência obstétrica: um desafio para a epidemiologia e a saúde pública no Brasil. **Ciência & Saúde Coletiva.** v. 27, n. 2, p. 483-491, 2022. DOI: <https://doi.org/10.1590/1413-81232022272.38592020>.

LIMA, K. D. DE; PIMENTEL, C.; LYRA, T. M. Disparidades raciais: uma análise da violência obstétrica em mulheres negras. **Ciência & Saúde Coletiva.** v. 26, v. 3, p. 4909-4918, 2021. DOI: <https://doi.org/10.1590/1413-812320212611.3.24242019>.

MARTÍN-BADIA, J.; OBREGÓN-GUTIÉRREZ, N.; GOBERNA-TRICAS, J. A violência obstétrica como violação dos princípios bioéticos básicos. Reflexões inspiradas em grupos focais com parteiras. **Int J Environ Res Saúde Pública.** v. 18, n. 23, p. 2-15, 2021. DOI: <https://doi.org/10.3390/ijerph182312553>.

MARTINEZ-GALIANO, J. M. et al. Obstetric Violence from a Midwife Perspective. **Int J Environ Res Public Health.** v. 20, n. 6, p. 1-13, 2023. DOI: <https://doi.org/10.3390/ijerph20064930>.

TERRIBILE, D. C.; FILHO, C. I. S. Perceptions of the Brazilian obstetrics physicians about the term obstetric violence: a cross-sectional study. **Rev Assoc Med Bras.** v. 69, n. 2, p. 252-256, 2023. DOI: <https://doi.org/10.1590/1806-9282.20220945>.



IMPORTÂNCIA DO PLANEJAMENTO FAMILIAR: ACONSELHAMENTO E GESTÃO DA SAÚDE REPRODUTIVA

Maria Emília Dantas Oliveira¹; Ellen Renalle Martins Guedes¹; Francisco Gelzo da Silva Neto¹; Larah Giovanna Nóbrega Clemente¹; Maria Clara Morais da Silva¹; Vânia Ellen Bezerra Sousa¹; Elza Carla Melo de Souza²

Graduando em enfermagem pela Universidade Federal de Campina Grande¹, Enfermeira pela Universidade Federal de Campina Grande.

emiliaoliveira092@gmail.com

RESUMO

Objetivou-se analisar a relevância do planejamento reprodutivo e a efetividade do aconselhamento contraceptivo para a saúde da mulher. Trata-se de uma revisão sistemática da literatura, na qual a busca dos estudos ocorreu na base de dados *Scientific Electronic Library Online*, considerando os descritores, identificados dos Descritores em Ciência da Saúde: enfermagem, planejamento familiar e saúde reprodutiva. Observou-se que muitas das práticas realizadas por profissionais de saúde ainda são baseadas no modelo biomédico, o qual consiste em uma abordagem autoritária e que impõem ações ao invés de aconselhar e proporcionar ao usuário a autonomia sobre a sua saúde. O aconselhamento em contracepção consiste em uma estratégia que busca promover ao usuário o acesso e a escolha consciente aos métodos contraceptivos e ao uso adequado. Ademais, é essencial que os serviços públicos de saúde estejam estruturalmente preparados para oferecer métodos contraceptivos que possam atender a necessidade da população feminina, proporcionando a eficiência na qualidade do cuidado e garantindo os direitos reprodutivos das usuárias. Conclui-se que a formação continuada dos profissionais de saúde, é fundamental para assegurar que o planejamento familiar seja efetivo, visando assegurar que todas as mulheres possam exercer plenamente seus direitos reprodutivos.

Palavras-chave: planejamento reprodutivo; saúde reprodutiva; métodos contraceptivos.

1 INTRODUÇÃO

A saúde sexual e reprodutiva compreende um estado de bem-estar emocional, físico e social em relação à sexualidade, livre de discriminações e violências. No Brasil o planejamento reprodutivo (PR) é devidamente regulamentado pela Lei nº 9.263 de 1996, a qual determina a garantia das ações e serviços de saúde que promovam a autonomia reprodutiva, ou seja, o indivíduo tem o direito de decidir conscientemente sobre os seus processos reprodutivos, como o uso de métodos contraceptivos, gravidez e nascimento. Apesar desta regulamentação, o número de gestações indesejadas ainda ultrapassa mais da metade do total de gestações, aumentando a morbimortalidade materna, perinatal e infantil. Porém, torna-se evidente que essas taxas seriam reduzidas se os direitos reprodutivos fossem garantidos (Ramos *et al.*, 2022; Borges; Dias; Ale, 2023).

A Atenção Primária à Saúde (APS) estrutura-se como a porta de entrada do Sistema Único de Saúde (SUS), essa estratégia visa garantir a promoção, manutenção e melhoria da saúde. Na APS, a atenção à saúde da mulher deve ser integral, abrangendo os cuidados em todas as fases da vida, incluindo os materno-infantis. Observou-se que o público que frequenta a APS baseia-se principalmente em mulheres em idade reprodutiva, para os serviços de consultas ginecológicas, pré-natal e ações educativas e preventivas. Dessa forma, é essencial que os



profissionais de saúde, principalmente a equipe de enfermagem, promovam ações efetivas para garantir a implementação e adesão do planejamento familiar a fim de promover uma maior qualidade de vida para esta população (Martins *et al.*, 2022).

O planejamento reprodutivo não baseia-se apenas na concepção, mas também na contracepção, visto que muitas mulheres utilizam métodos para prevenir a gravidez, porém a falta de aconselhamento contraceptivo possibilita o uso inadequado e descontínuo, além da utilização de métodos ineficazes, resultando em uma gravidez indesejada. Nesse contexto, é essencial disponibilizar à mulher as informações necessárias para a tomada de decisão em relação a sua saúde reprodutiva, promovendo instruções esclarecedoras através de um aconselhamento efetivo. Portanto, objetivou-se com o presente estudo analisar a relevância do planejamento familiar e a efetividade do aconselhamento contraceptivo para a saúde da mulher.

2 METODOLOGIA

Trata-se de uma revisão sistemática da literatura e para a sua construção a questão norteadora foi delimitada como: “Qual a relevância do planejamento familiar e como o aconselhamento contraceptivo pode influenciar na qualidade de vida da mulher?”. A busca dos estudos ocorreu no período de 01 a 04 de junho de 2024, na base de dados *Scientific Electronic Library Online* (SciELO), considerando os descritores, identificados dos Descritores em Ciência da Saúde (DECs), combinados através do operador booleano “AND” da seguinte forma: “Planejamento familiar” AND “Enfermagem” e “Saúde reprodutiva” AND “Enfermagem”.

Inicialmente, encontrou-se 329 estudos, em seguida, foram utilizados os critérios de inclusão para delimitar a amostra, entre eles: estudos redigidos no idioma português e publicados no período entre 2018 e 2023. Após a aplicação dos filtros, foram encontrados 109 estudos, os quais passaram por um processo de leitura minuciosa dos títulos e resumos, delimitando a amostra final para 9 estudos selecionados. Excluí-se estudos não indexados na íntegra e estudos duplicados foram analisados e contabilizados somente uma vez.

3 RESULTADOS E DISCUSSÕES

De acordo com Padrón e Flores (2023), muitas das práticas realizadas por profissionais de saúde ainda são baseadas no modelo biomédico, o qual consiste em uma abordagem autoritária e que impõem ações ao invés de aconselhar e proporcionar ao usuário a autonomia sobre a sua saúde. Observou-se que nesses casos, o planejamento familiar não é abordado de maneira reflexiva, integrativa e humanizada, mas sim como uma prescrição de métodos a serem seguidos, independente das particularidades biopsicossociais da mulher. Dessa maneira, é de suma importância evidenciar que o planejamento reprodutivo vai além da garantia ao acesso de métodos contraceptivos e cumprimento de políticas institucionais, mas também baseia-se em proporcionar às usuárias informações que as possibilitem exercer o seu direito de escolha.

Segundo Silva *et al.*, (2022), o aconselhamento em contracepção consiste em uma estratégia que busca promover ao usuário o acesso e a escolha consciente aos métodos contraceptivos e ao uso adequado. Além disso, a tomada de decisão compartilhada compreende um método essencial para o cuidado centrado na mulher e uma assistência à saúde humanizada. Para a escolha inicial do contraceptivo é necessário que o enfermeiro promova o acolhimento à usuária e o estabelecimento de uma relação de confiança durante a consulta de enfermagem, para que a partir disto, a mulher sinta-se confiante para compartilhar suas preferências, em relação ao tipo de método, eficácia e frequência. O processo de escolha deve ser personalizado e realizado de forma que atenda ao propósito desejado. Além da escolha do contraceptivo, é essencial fornecer informações sobre o mecanismo de ação e os efeitos adversos, incorporando esclarecimento de dúvidas e promovendo a utilização de instrumentos que ampliem a



compreensão da usuária.

Trindade *et al.*, (2021) retrata em seu estudo a relação entre o uso de contraceptivos e a desigualdade do planejamento reprodutivo entre as mulheres brasileiras. Evidenciou-se que embora grande proporção de mulheres usem algum método contraceptivo, mais de 50% das gestações não são planejadas ou indesejadas, principalmente devido à utilização inadequada de métodos de curta duração, como preservativos, anticoncepcionais orais e contraceptivo de emergência. Ademais, destaca-se que uma parcela da população feminina não utiliza nenhum método contraceptivo, por ausência de informações sobre como adquiri-los e como utilizá-los, constatando a presença de falhas no planejamento reprodutivo.

Em consonância as informações, Melo *et al.*, (2020) aborda que o uso de métodos contraceptivos aumentou de maneira relevante no Brasil, porém, muitas das vezes a prática contraceptiva é baseada na subjetividade. Outro aspecto pertinente, constitui-se no fato de que algumas mulheres interrompem o uso de métodos contraceptivos por estarem insatisfeitas com a sua interferência na função sexual, como os efeitos colaterais negativos, a exemplo da diminuição da libido e a não concordância do parceiro, a exemplo do uso de preservativos. Além disso, Melo *et al.*, (2022) retrata em seu estudo que uma grande parcela de mulheres participantes, estavam vulneráveis a vivenciar uma gravidez não planejada, pois mesmo não possuindo intenção de gestar, não utilizavam nenhum método de contracepção ou apenas métodos de baixa eficácia.

Trigueiro *et al.*, (2021) ressalta que é essencial que os serviços públicos de saúde estejam estruturalmente preparados para oferecer métodos contraceptivos que possam atender a necessidade da população feminina, proporcionando a eficiência na qualidade do cuidado e garantindo os direitos reprodutivos das usuárias. Os métodos contraceptivos disponibilizados gratuitamente pelo SUS consistem em: diafragma, preservativos femininos e masculinos, injeção hormonal combinada e apenas de progesterona, contraceptivo hormonal oral e Dispositivo Intrauterino (DIU) de cobre.

Além disso, Trigueiro *et al.* (2021) enfatiza que o DIU tem longa duração e alta eficácia, por até 12 anos após sua implantação, e age causando reações inflamatórias na cavidade uterina, tornando o ambiente estéril. Embora esse método seja seguro e proporcione menores chances de gravidez, ele possui uma baixa oferta no SUS e existem alguns riscos que podem proporcionar ressalvas às mulheres, como a possibilidade de perfuração uterina, falha contraceptiva e gravidez ectópica. Nesse contexto, o enfermeiro possui respaldo legal para aconselhar a usuária em seu planejamento reprodutivo, como também pode realizar a inserção do DIU, após capacitação adequada. A realização dessa prática permite a ampliação da oferta de contraceptivos e melhoria do acesso a um método de longa duração.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise destacou a necessidade de políticas públicas que não só garantam a disponibilidade de métodos contraceptivos, mas também promovam uma abordagem educativa e de aconselhamento que empodere as mulheres. A persistência de gestações não planejadas reflete lacunas na educação sexual, no acesso a informações adequadas e na capacitação dos profissionais de saúde para uma abordagem mais humanizada e centrada nas necessidades individuais das mulheres.

O papel dos enfermeiros é central no planejamento familiar, não apenas na orientação sobre os métodos contraceptivos disponíveis, mas também na construção de uma relação de confiança que facilite a escolha consciente e informada pelas usuárias. É necessário um afastamento do modelo biomédico autoritário, promovendo uma prática baseada na autonomia do paciente e na tomada de decisão compartilhada. O aconselhamento efetivo deve abranger uma explicação detalhada sobre os mecanismos de ação dos contraceptivos, seus efeitos



colaterais e a correlação com as preferências e condições de vida das mulheres.

A formação continuada dos profissionais de saúde, especialmente da equipe de enfermagem, é fundamental para assegurar que o planejamento familiar seja efetivo, respeitando as particularidades biopsicossociais das usuárias e visando assegurar que todas as mulheres possam exercer plenamente seus direitos reprodutivos.

REFERÊNCIAS

BORGES, A. L. V.; DIAS, A. C. DA S. Autonomia reprodutiva associada ao uso de métodos contraceptivos entre mulheres em idade reprodutiva. **Rev Gaúcha Enferm.** v. 44, p. 1-16, 2023. DOI: <https://doi.org/10.1590/1983-1447.2023.20230072.en>.

MELO, C. R. M. *et al.* Uso de anticoncepcionais e intenção de engravidar entre mulheres atendidas pelo Sistema Único de Saúde. **Rev. Latino-Am. Enfermagem.** v. 28, p. 1-11, 2020. DOI: <https://doi.org/10.1590/1518-8345.3451.3328>.

MELO, C. R. M. *et al.* Vulnerabilidade a vivenciar uma gravidez não intencional entre mulheres usuárias do Sistema Único de Saúde. **Acta Paul Enferm.** v. 35, p. 1-9, 2022. DOI: <https://doi.org/10.37689/acta-ape/2022AO0310345>.

MARTINS, D. C. *et al.* Assessment of the attributes of Primary Health Care with women of reproductive age. **Rev Bras Enferm.** v. 75, n. 3, p. 1-10, 2022. DOI: <https://doi.org/10.1590/0034-7167-2021-0015>.

PADRÓN, G. J.; FLORES, Y. Y. R. Perspectives and practices of personnel involved in family planning with women at reproductive risk. **Rev Esc Enferm USP.** v. 57, p. 1-8, 2023. DOI: <https://doi.org/10.1590/1980-220X-REEUSP-2023-0001en>.

RAMOS, D. F. *et al.* Consulta de enfermagem em planejamento reprodutivo: validação de cenário e checklist para o debriefing. **Acta Paul Enferm.** v. 35, p. 1-9, 2022. DOI: <https://doi.org/10.37689/acta-ape/2022AO0296345>.

SILVA, R. R. DA. *et al.* Woman-centered shared decision-making to promote contraceptive counseling: an integrative review. **Rev Bras Enferm.** v. 75, n. 5, p. 1-9, 2022. DOI: <https://doi.org/10.1590/0034-7167-2021-0104>.

TRIGUEIRO, T. H. *et al.* Inserção de dispositivo intrauterino por médicos e enfermeiros em uma maternidade de risco habitual. **Rev. Gaúcha Enferm.** v. 42, p. 1-9, 2021. DOI: <https://doi.org/10.1590/1983-1447.2021.20200015>

TRINDADE, R. E. DA. *et al.* Uso de contracepção e desigualdades do planejamento reprodutivo das mulheres brasileiras. **Ciência & Saúde Coletivo.** v. 26, n. 2, p. 3493-3504, 2021. DOI: <https://doi.org/10.1590/1413-81232021269.2.24332019>.



MANEJO DA RADIODERMITE: UMA REVISÃO DA EFICÁCIA DA FOTOBIMODULAÇÃO EM PACIENTES COM CÂNCER DE MAMA

Talita de Oliveira Lima¹, Renata Gomes Lemos do Nascimento¹, Liliane Maciel Barreto¹.

Mestranda em fisioterapia e funcionalidade pela Universidade Federal do Ceará¹.

talitadelvrlima@gmail.com

RESUMO

A radiodermite é uma complicação da radioterapia em pacientes com câncer de mama, causando reações cutâneas de eritema a úlceras graves, afetando a qualidade de vida. A fotobiomodulação (FBM) utiliza luz de baixa intensidade para promover a regeneração tecidual e reduzir a inflamação, mostrando potencial no tratamento desta condição. Trata-se de uma revisão de literatura, onde foram realizadas buscas nas bases de dados PubMed, Scopus e Scielo utilizando as palavras-chaves "fotobiomodulação", "radiodermite" e "câncer de mama". Estudos publicados entre 2010 e 2024 foram incluídos. A revisão indicou que a FBM é eficaz na redução dos sintomas da radiodermite. Bensadoun *et al.*, (2020) demonstraram uma redução significativa na severidade da radiodermite em pacientes tratados com FBM. Robijns *et al.*, (2018) observaram menor incidência de lesões graves e recuperação mais rápida da pele com a aplicação de FBM durante a radioterapia. Silva *et al.*, (2020) concluíram que a FBM não só diminui a gravidade das lesões, mas também acelera a cicatrização. A FBM mostrou-se uma intervenção promissora para o manejo da radiodermite. A variação nos parâmetros de tratamento destaca a necessidade de padronização para otimizar os resultados clínicos. Futuros estudos devem padronizar os parâmetros de tratamento e avaliar os efeitos a longo prazo.

Palavras-chave: fotobiomodulação; radiodermite; câncer de mama.

1 INTRODUÇÃO

A radioterapia (RT) é uma das modalidades terapêuticas para o tratamento do câncer de mama. Consiste em um método locorregional de tratamento do câncer que utiliza feixes de radiação ionizante, que provoca efeitos químicos e biológicos que impedem a replicação de células neoplásicas. Dentre os efeitos adversos mais comuns em pacientes submetidos à radioterapia para o tratamento do câncer de mama destaca-se a radiodermite, condição caracterizada por reações cutâneas que variam de leve eritema a úlceras graves, afetando significativamente a qualidade de vida dos pacientes (Rocha *et al.*, 2022).

A fotobiomodulação (FBM), que utiliza luz de baixa intensidade que atua no metabolismo celular para promovendo a regeneração tecidual e redução da inflamação, tem sido investigada como uma possível intervenção para atenuar os efeitos da radiodermite (Bensadoun *et al.*, 2020). Este resumo expandido revisa a literatura atual sobre a eficácia da FBM no tratamento da radiodermite em pacientes com câncer de mama.

2 METODOLOGIA

Trata-se de uma revisão de literatura. A busca na literatura foi realizada nas bases de dados PubMed, Scopus e Scielo utilizando as palavras-chaves da lista de vocabulário do DeCS: "fotobiomodulação", "radiodermite" e "câncer de mama". Foram incluídos estudos publicados entre 2010 e 2024, que avaliaram a eficácia da fotobiomodulação no tratamento ou prevenção



da radiodermite em pacientes com câncer de mama. Critérios de inclusão abrangeram estudos randomizados controlados (RCTs), estudos clínicos e revisões sistemáticas. Estudos com amostras não humanas, artigos de opinião e relatos de caso foram excluídos.

3 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Os estudos revisados em sua maioria abordam a fotobiomodulação de forma benéfica e eficaz na redução dos sintomas da radiodermite. As recomendações internacionais da Diretriz de prática clínica da Associação Multinacional de Cuidados de Apoio ao Câncer (MASCC) para a prevenção e manejo da dermatite por radiação aguda consideram a fotobiomodulação com uma das seis intervenções poderiam a serem recomendadas para a prevenção da dermatite por radiação aguda (Behroozian, *et al.*, 2023).

Um estudo randomizado controlado realizado por Robijns *et al.*, (2019) demonstrou que pacientes tratados com FBM apresentaram uma redução significativa na severidade da radiodermite e especialmente da descamação úmida em mulheres com câncer de mama submetidas a RT em comparação ao grupo controle. O mesmo estudo dispõe de uma incidência de descamação úmida significativamente maior no controle do que no grupo FBM no final da RT.

Outro estudo publicado por Robijns *et al.*, (2018), utilizou a FBM para prevenção de dermatite aguda por radiação. Foram incluídas 120 mulheres com câncer de mama recebendo radioterapia convencional fracionada, pela modalidade infravermelho com 4 J/cm², duas vezes por semana. A dermatite por radiação de grau 2 e 3 ocorreu em 30% das mulheres no grupo controle em comparação com 7% das mulheres no grupo de FBM que apresentaram reações cutâneas de grau 2.

Além disso, Silva *et al.*, (2021) concluiu que a FBM não só diminui a gravidade da radiodermite, mas também promove aceleração do reparo tecidual, modulação do processo alérgico, redução do linfedema, fibrose e conseqüentemente, promoção de qualidade de vida.

Os resultados indicam que a fotobiomodulação pode ser uma intervenção eficaz e segura para o tratamento da radiodermite em pacientes com câncer de mama. Entretanto, existem variações nos parâmetros de tratamento, como a intensidade da luz, frequência e duração das sessões, o que destaca a necessidade de padronização para otimizar os resultados clínicos.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A fotobiomodulação emerge como uma intervenção promissora no manejo da radiodermite em pacientes com câncer de mama, demonstrando eficácia na redução da severidade das lesões cutâneas e na aceleração da cicatrização. A evidência atual sugere que a FBM pode ser integrada aos protocolos de tratamento da radioterapia para melhorar a qualidade de vida dos pacientes. Futuras pesquisas devem focar na padronização dos parâmetros de tratamento e na avaliação de longo prazo dos efeitos da FBM.

REFERÊNCIAS

BEHROOZIAN, T. *et al.* Associação Multinacional de Cuidados de Apoio ao Câncer (MASCC) Grupo de Estudo de Oncodermatologia Grupo de Trabalho de Diretrizes de Dermatite de Radiação. Diretrizes de prática clínica da Associação Multinacional de Cuidados de Apoio ao Câncer (MASCC) para a prevenção e manejo da dermatite por radiação aguda: recomendações internacionais baseadas no consenso Delphi. **Lancet Oncol.** 2023 Abr;24(4):e172-e185. doi: 10.1016/S1470-2045(23)00067-0. PMID: 36990615.



BENSADOUN, R. J. *et al.* World Association for Laser Therapy (WALT). Safety and efficacy of photobiomodulation therapy in oncology: A systematic review. **Cancer Med.** 2020 Nov;9(22):8279-8300. doi: 10.1002/cam4.3582. Epub 2020 Oct 26. PMID: 33107198; PMCID: PMC7666741.

ROCHA, S. *et al.* Photobiomodulation Therapy in the Prevention and Treatment of Radiodermatitis in Breast Cancer Patients: Systematic Review. **J Lasers Med Sci.** 2022 Oct 2;13:e42. doi: 10.34172/jlms.2022.42. PMID: 36743146; PMCID: PMC9841382.

ROBIJNS, J. *et al.* Photobiomodulation for Cancer Therapy Side Effects A Narrative Review on the Use of Photobiomodulation Therapy for the Prevention and Management of Acute Radiodermatitis: Proposed Mechanisms, Current Clinical Outcomes, and Preliminary Guidance for Clinical Studies. **Photobiomodulation, Photomedicine, and Laser Surgery.** 38. 10.1089/photob.2019.4761.

ROBIJNS, J. *et al.* Prevention of acute radiodermatitis by photobiomodulation: A randomized, placebo-controlled trial in breast cancer patients (TRANSDERMIS trial). **Lasers Surg Med.** 2018 Feb 10. doi: 10.1002/lsm.22804. Epub ahead of print. PMID: 29427390.

ROBIJNS, J. *et al.* Medições biofísicas da pele para avaliar a eficácia da terapia de fotobiomodulação na prevenção da dermatite por radiação aguda em pacientes com câncer de mama. **Apoie o Câncer de Cuidados.** 2019 Abr;27(4):1245-1254. doi: 10.1007/s00520-018-4487-4. Epub 2018 1o de outubro PMID: 30270415.

COSTA, M.M. *et al.* Fototerapia 660 nm para a prevenção de radiodermatite em pacientes com câncer de mama que recebem radioterapia: protocolo de estudo para um ensaio controlado randomizado. **Ensaio.** 2014 Aug 20;15:330. doi: 10.1186/1745-6215-15-330. PMID: 25141962; PMCID: PMC4148541.

SILVA, C. R. *et al.* Photobiomodulation therapy combined with radiotherapy in the treatment of triple-negative breast cancer-bearing mice. **Journal of photochemistry and photobiology.** B, Biology, v. 220, 1 jul. 2021.

O USO DE DINÂMICAS COMO ALTERNATIVA PARA PROMOÇÃO EM SAÚDE NA ATENÇÃO PRIMÁRIA A GESTANTES

Evelyn Luara de Medeiros Farias¹; Maria Letícia Mendes Acirole¹; Maria Natielly de Medeiros Araujo¹; Francisca Maíza Oliveira Silva¹; Larissa Silva da Costa Martins¹; Ana Beatriz Bezerra Soares²; Beatriz Fonseca Fernandes²; Mayra Ruana de Alencar Gomes³.

Graduanda em Fisioterapia pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte¹, Graduanda em Psicologia pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte², Docente do curso de Fisioterapia da Faculdade de Ciências da Saúde do Trairi - UFRN/FACISA³.

evelyn.medeiros.711@ufrn.edu.br

RESUMO

Objetivo: Propor a discussão sobre a importância do uso de dinâmicas como alternativa para promoção da saúde de gestantes no contexto da Atenção Primária à Saúde (APS). **Metodologia:** O estudo descreve a elaboração de dinâmicas pelo projeto de extensão da FACISA/UFRN, que visa promover educação em saúde para gestantes. Foram desenvolvidas dinâmicas sobre temas relacionados à gravidez, como direitos da gestante, atividade física, mudanças gestacionais e amamentação. As dinâmicas foram planejadas para serem informativas e descontraídas e serão realizadas nas Unidades Básicas de Saúde em Santa Cruz/RN. **Resultados e discussão:** A implementação de programas educativos de saúde para gestantes é fundamental para enriquecer os cuidados pré-natais. Atividades como dinâmicas em grupo associadas a rodas de conversa facilitam a interação e troca de experiências. A educação pré-natal sobre amamentação e exercícios físicos na gestação mostraram-se eficazes em promover uma atitude positiva em relação à lactação e controlar aspectos da saúde materna. Além disso, o conhecimento dos direitos das gestantes e parturientes é essencial para garantir sua autonomia e cumprimento das políticas de saúde voltadas para a maternidade. **Conclusão:** Os programas educativos de saúde para gestantes são essenciais para enriquecer os cuidados pré-natais, esclarecendo dúvidas, ampliando conhecimentos e promovendo interações significativas.

Palavras-chave: dinâmica de grupo; promoção da saúde; gestantes.

1 INTRODUÇÃO

O documento "Carteira de Serviços da Atenção Primária à Saúde" fornece diretrizes abrangentes para a promoção da saúde e a prestação de cuidados na Atenção Primária à Saúde (APS), como por exemplo os cuidados e atenção à saúde da mulher, que devem ser norteados na assistência ao pré-natal da gestante e do parceiro, com a utilização da Caderneta da Gestante e do parceiro e na assistência no puerpério, além da assistência ao longo de todo o ciclo de vida da mulher (Ministério da Saúde, 2020). Desse modo, enquanto parte da equipe interdisciplinar da APS o fisioterapeuta pode contribuir com conhecimentos específicos voltados às condições de saúde e funcionalidade dos indivíduos, bem como com ações voltadas à educação em saúde. No contexto da Saúde da Mulher, o profissional da Fisioterapia deve contribuir com ações de prevenção e tratamento de disfunções neuromusculares, cardiovasculares, respiratórias e do assoalho pélvico (AP) relacionadas às etapas de vida da mulher. Além disso, deve participar ativamente de ações que promovam a saúde sexual e reprodutiva (Coordenação de NASF-AB e Academia da Cidade, 2023).

A gestação é um momento único na vida da mulher e junto com ela emergem emoções e sentimentos, além das mudanças físicas/fisiológicas (hormonais e biomecânicas) que caracterizam expressivo aumento de demandas para os diversos sistemas fisiológicos, como os sistemas neuromuscular e cardiorrespiratório (Coordenação de NASF-AB e Academia da Cidade,



2023). Assim, considerando que cada pessoa tem a sua história e experiências de vida, é natural que cada mulher viva a gestação de forma individual, podendo ter sentimentos positivos ou negativos, mudanças corporais que não impactam na sua função e nem na qualidade de vida ou mudanças que geram grandes impactos no seu trabalho, nas suas relações que podem limitar sua capacidade funcional e restringir a sua participação social. Logo, a psicologia promove a adaptação às transformações tanto físicas quanto mentais, visando desenvolver estratégias eficazes, a fim de minimizar o sofrimento psíquico e prevenir futuros transtornos mentais que possam surgir no peripêrio (Sarmiento e Setúbal, 2003).

O conhecimento adquirido através de atividades pautadas na educação em saúde é de extrema importância para o desenvolvimento da confiança não só durante a gestação, mas também no período pós parto, pois permite que a gestante receba orientações dos profissionais de saúde, compartilhe seus conhecimentos e experiências anteriores e responda a quaisquer dúvidas que possam ajudá-la a se sentir segura e empoderada durante esses processos (D'Avila, 2022).

A psicologia também desempenha um papel importante no cuidado em saúde da mulher durante o período da gestação, visto que as práticas médicas que se baseiam apenas em habilidades técnicas são insuficientes, pois precisam ser complementadas com uma compreensão dos processos psicológicos que ocorrem nessa fase. Nesse sentido, o psicólogo aborda aspectos emocionais, psicológicos e sociais que influenciam tanto a mãe quanto o desenvolvimento do feto (Sarmiento e Setúbal, 2003).

Atividades lúdicas, e em grupo, podem fornecer apoio psicológico durante esse período. A comunicação sem ruídos e o compartilhamento de experiências ajudam a reduzir a sensação de isolamento e solidão que algumas gestantes sentem, auxiliando-as a vivenciar o período da gravidez de forma mais tranquila e segura (Silva, 2002). Sendo assim, um dos objetivos das atividades é promover estratégias que possibilitem uma melhor compreensão sobre as diversas mudanças que estão enfrentando, o que acaba contribuindo para o seu bem-estar emocional e mental, aspectos importantes para uma boa gestação.

Em seus livros " pedagogia do oprimido" e "pedagogia da autonomia" Paulo Freire discorre sobre as experiências no campo da pedagogia que o fizeram entender como a valorização do conhecimento prévio, a relação com a vida cotidiana e a dinamização do aprendizado atua como agente transformador na vida das pessoas. O conhecimento passado de maneira dinâmica e compreensível é imprescindível, assim propor formas de aprender ativa e não imposta as grávidas têm como objetivo inseri-las no aprendizado, introduzindo-as aos conhecimentos mais amplamente aceitos cientificamente, ao passo que são incluídas de maneira efetiva nas discussões de maneira lúdica.

Diante do exposto, o objetivo do presente estudo é propor a discussão sobre a importância do uso de dinâmicas como alternativa para promoção da saúde de gestantes no contexto da Atenção Primária à Saúde (APS).

2 METODOLOGIA

Trata-se de um estudo descritivo de relato de experiência, realizado pelos alunos no projeto de extensão, Projeto Informa, da Faculdade de Ciências da Saúde do Trairi - FACISA/UFRN. Através de discussões entre os alunos e coordenadora do projeto foi analisada a importância de uso de dinâmicas para promoção de educação em saúde às gestantes, que serão o público-alvo do projeto.

Considerando que o projeto dispõe de doze discentes, ocorreu a divisão de quatro grupos, onde cada grupo foi composto por dois alunos de fisioterapia e um de psicologia. Os grupos foram divididos em temas, cuja as temáticas das dinâmicas pudessem trazer informações e reflexões sobre os direitos da gestante, a importância da atividade física no pré natal, mudanças que acontecem durante a gravidez e a amamentação. Depois de dispostos em seus respectivos grupos a elaboração das dinâmicas partiram da ideia de informar e promover um momento de descontração com as participantes do projeto, que em suas discussões visavam engajar as gestantes nas dinâmicas elaboradas com materiais de fácil acesso. As dinâmicas elaboradas serão realizadas nas UBS da cidade de Santa Cruz/RN, buscando assim gerar um momento de troca de experiências entre as usuárias que fazem parte da UBS. Pensando não apenas nas gestantes, mas também nos



acompanhantes e parceiros das usuárias, algumas das dinâmicas contarão com a sua participação, para que também possam estar informados e assim ajudar às gestantes, principalmente em relação ao momento do parto, trazendo informações sobre as posições na hora do parto e como o acompanhante poderá ajudar.

A dinâmica elaborada sobre a temática da amamentação foi organizada para ter a duração de 30 minutos, sendo dividida em dois momentos. No primeiro momento, dispondo de imagens e ilustrações será apresentado às gestantes a anatomia e fisiologia da mama e as diferenças anatômicas que podem ocorrer em cada indivíduo, além disso, irá tratar sobre as principais recomendações sobre o aleitamento materno, o autocuidado com a mama, a pega correta para evitar dor ao amamentar e o empoderamento materno na amamentação. No segundo momento será feito um quiz de perguntas, usando dados e envelopes, com duração de 15 minutos. Os envelopes serão enumerados e a gestante após jogar o dado, pegará um envelope de número correspondente, no mesmo terão perguntas sobre a amamentação que serão feitas às gestantes de forma dinâmica.

A temática da atividade física na gravidez, irá dispor de uma ação educativa que terá a duração de 30 minutos e abordará sobre a importância da atividade física na gestação. No primeiro momento será feito uma roda de conversa sobre os possíveis exercícios que podem ser incrementados na rotina da gestante. Ademais, no segundo momento haverá o sorteio de exemplos de atividades físicas, usando balões que irão conter exemplos de atividades físicas e exercícios, assim, quando a gestante escolher um balão, a atividade sorteada entrará em discussão, e será explicado quais os seus riscos e benefícios e se é recomendada para gestantes.

A prática sobre o direito das gestantes e parturientes terá a duração de 20 minutos, e utilizará pequenas placas com duas faces (uma para verdade, outra para mito) confeccionadas pela equipe de alunos. No momento da dinâmica serão feitas 15 afirmações sobre os direitos da gestante e da parturiente, a cada afirmação as gestantes irão escolher um dos lados para responder se a declaração é de fato verdadeira ou não, após as respostas a equipe irá fazer uma pequena explanação sobre cada alegação, destacando quais são os direitos das gestantes e parturientes.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

A aplicação de programas educativos de saúde em um grupo de gestantes pode permitir difundir estratégias simples que enriquecem os cuidados pré-natais que elas já recebem. Essas iniciativas educacionais mostraram-se cruciais para esclarecer dúvidas das gestantes e ampliar seu conhecimento sobre os diversos aspectos da gravidez. As atividades realizadas, como discussões em grupo e rodas de conversa, podem ser eficazes para facilitar a interação com os temas abordados e promover a troca de experiências entre todas as participantes do grupo (Lima, 2019).

Segundo Kehinde (2023), a educação pré-natal sobre amamentação é eficaz em aumentar a compreensão das mulheres e promover uma atitude positiva em relação à lactação. Isso resulta em um aumento na prática de amamentação após o parto, evidenciando a eficácia da instrução pré-natal nesse aspecto. Além disso, a prática de exercícios físicos na gestação é eficaz no controle da pressão arterial (Corso, 2022) e ganho de peso gestacional (Wang, 2019), desse modo é de suma importância desenvolver ações educativas que promovam essa prática no pré-natal.

A efetivação dos direitos das gestantes e parturientes, pode dar-se apenas através do conhecimento, a não ciência acerca dos direitos da gestante pode torná-las reféns ou vítimas de estabelecimentos que, uma vez, não cumpram com seu papel durante o processo de pré-parto, parto e puerpério (Gouveia e Lessa, 2019). Posto isto, garantir e promover o acesso à informação sobre os direitos da gestante e parturiente é imprescindível para promover sua autonomia e garantir a efetivação da portaria 1.459, de 24 de junho de 2011, da Rede Cegonha.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os programas educativos de saúde para gestantes desempenham um papel fundamental na promoção de cuidados pré-natais eficazes. Ao esclarecer dúvidas, ampliar conhecimentos e promover interações significativas, essas iniciativas contribuem para uma gestação mais saudável e informada. A educação pré-natal sobre amamentação e exercícios físicos demonstrou ser especialmente eficaz, resultando em benefícios tangíveis para a saúde materna. Além disso, a



garantia dos direitos das gestantes e parturientes por meio do conhecimento é essencial para sua autonomia e para garantir a qualidade dos serviços de saúde durante o pré-parto, parto e puerpério. Portanto, é imperativo continuar desenvolvendo e implementando ações educativas que capacitem as gestantes, promovendo assim uma experiência positiva e segura durante a gravidez e o parto.

REFERÊNCIAS

CORSO, M. et al. **Effects of aerobic, strength, and combined training during pregnancy in the blood pressure: A systematic review and meta-analysis.** *Frontiers in physiology*, Pubmed, v. 13, 30 ago 2022. Disponível em: <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/ez18.periodicos.capes.gov.br/pmc/articles/PMC9468920/> Acesso em: 6 jun 2024

Dossiê, Diálogo entre as áreas do campo da Saúde Coletiva • *Interface (Botucatu)* 27 • 2023 • <https://doi.org/10.1590/interface.220362>

FREIRE, Paulo . **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa.** São Paulo: Paz e Terra, 2004. 148p.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido.** 42. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005. 213 p. ISBN 8521900058.

GOUVEIA, Greice da Silva; LESSA, Gessilda Meira. **Conhecimento da gestante e direitos assegurados pela rede cegonha: contribuição gestora.** *BVS, LILACS*, v. 43, p. 138-151, 2019. DOI 10.22278/2318-2660.2019.v43.n0.a3221. Disponível em: <https://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/biblio-1140345>. Acesso em: 7 jun. 2024

KEHINDE, J.; O'DONNELL, C.; GREALISH, A. **The effectiveness of prenatal breastfeeding education on breastfeeding uptake postpartum: A systematic review.** *Midwifery*. Pubmed, v. 118, n. 103579, março de 2023. DOI: 10.1016/j.midw.2022.103579. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/36580847/> Acesso em: 6 jun 2024.

KLEIN, M. M. DE S.; GUEDES, C. R.. **Intervenção psicológica a gestantes: contribuições do grupo de suporte para a promoção da saúde.** *Psicologia: Ciência e Profissão*, v. 28, n. 4, p. 862-871, 2008.

SARMENTO, R.; SETÚBAL, M.S.V. Abordagem psicológica em obstetrícia: aspectos emocionais da gravidez, parto e puerpério. **Revista de Ciências Médicas**, [S. l.], v. 12, n.3, 2003. Disponível em: <https://periodicos.puc-campinas.edu.br/cienciasmedicas/article/view/1260>. Acesso em: 7 de junho de 2024.

SILVA LIMA, V. K. et al. **Health education for pregnant women: the search for maternal empowerment over the puerperal-pregnancy cycle.** *LILACS*, v. 11, p. 968-975, jul.-set. 2019. Disponível em: <https://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/biblio-1005817>. Acesso em: 6 jun 2024.

WANG, J. et al. **Impact of exercise on maternal gestational weight gain: An updated meta-analysis of randomized controlled trials.** *Medicine*, v. 98, n. 27, p. e16199, 2019. DOI:10.1097/MD.00000000000016199 Disponível em: <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/ez18.periodicos.capes.gov.br/pmc/articles/PMC6635273/> Acesso em: 6 jun 2024.



ASSISTÊNCIA DE ENFERMAGEM AS MULHERES VÍTIMAS DE VIOLÊNCIA: ABORDAGENS E DESAFIOS

Larissa Barbosa Moreira¹; Isa Valesca dos Santos Coelho¹; Olivana do Socorro Miranda Tavares¹; Samara Rebeca Silva de Miranda¹; Edivinny Caroline Barbosa de Freitas².

Graduanda em Enfermagem pela Universidade Federal do Pará¹, Enfermeira pela Universidade Paulista².

larissa.moreira@ics.ufpa.br

RESUMO

A violência contra a mulher, abrangendo diversas formas como física, sexual, psicológica e patrimonial, persiste em todas as classes sociais. O enfrentamento desse problema requer uma abordagem multidisciplinar, envolvendo tanto a atenção primária quanto ações intersetoriais para garantir os direitos e a segurança das vítimas. No entanto, há obstáculos, como a falta de reconhecimento da violência pelos profissionais de saúde e a crença arraigada de que os problemas devem ser resolvidos dentro do âmbito familiar. A literatura destaca a importância da capacitação dos profissionais de saúde para lidar com casos de violência contra a mulher, incluindo o manejo adequado e o suporte emocional às vítimas. A revisão da literatura revela a necessidade de orientar as vítimas sobre exames e profilaxia de doenças, além do papel do profissional na coleta de provas, respeitando a autonomia e integridade das vítimas. Conclui-se que o atendimento humanizado e multidisciplinar, aliado ao conhecimento sobre protocolos de assistência e coleta de provas, é essencial para garantir o bem-estar e a assistência integral às mulheres vítimas de violência.

Palavras-chave: violência contra mulher; saúde da mulher e assistência de enfermagem.

1 INTRODUÇÃO

A violência contra mulher é uma questão persistente na sociedade, frequentemente ocorrendo no ambiente doméstico e familiar. Além do abuso físico, também envolve violência sexual, psicológica, moral e patrimonial. Essas formas de violência são difundidas em todas as classes sociais, sem distinção de meio (Marques, 2023). É inegável que a violência contra a mulher ainda é um tema complexo e demanda uma gestão de planejamento e encaminhamentos não somente no âmbito de atendimento da atenção primária e/ou hospitalar, que fornecem assistência por meio de equipes multiprofissionais, mas também são necessárias ações intersetoriais dedicadas a garantir os direitos e a segurança das vítimas. No que corresponde a atenção primária é imprescindível que os profissionais estejam capacitados e possuam o conhecimento para realizar o atendimento dessas mulheres tendo em vista que por vezes o serviço é o primeiro lugar onde a vítima irá procurar atendimento já que corresponde a porta de entrada para o sistema único de Saúde (Leite; Fontanella, 2019). A literatura demonstra que ainda existem alguns obstáculos no que se refere ao reconhecimento da violência contra a mulher pelos profissionais de Saúde, e alguns fatores como a falta de treinamento manejo de casos acaba corroborando para a falta de segurança na prestação do atendimento a vítima. Destaca-se ainda outros fatores que dificultam ainda mais a resolução da problemática, tendo em vista que ainda é enraizado o pensamento de que os problemas devem ser resolvidos no seio familiar e/ou doméstico. Por fim, grande parte dos profissionais não compreendem a



problemática dentro do seu campo de atuação, mas possuem a ideia de que compete apenas a esfera da justiça, o que dificulta todo o processo (Nascimento, 2020).

2 METODOLOGIA

Trata-se de uma revisão da literatura, que teve como objetivo identificar os desafios da assistência de enfermagem frente ao atendimento mulher vítima de violência, a pesquisa foi realizada nas bases de dados Base do Google academic, Scientific Electronic Library Online (SciELO) bem como na Medical Literature and Revitrial System Online (MEDLINE/PubMed). Os descritores utilizados foram: “Violência contra Mulher”, “Saúde da Mulher” e “Assistência de enfermagem”. Foram incluídos textos completos, estudos pertinentes a temática escolhida, publicados nos últimos seis anos, textos em português completos na íntegra dos anos de 2019 a 2023, foram excluídos textos pagos, incompletos, e textos que não atendiam a escolha do tema abordado. A escolha dos textos foi realizada depois da análise e leitura criteriosa, afim de selecionar os que melhor atendiam a proposta descrita.

3 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Os profissionais de enfermagem por vezes são os primeiros que realizam o atendimento das mulheres vítimas de violência que chegam até o sistema de saúde, em geral a consulta causa desconforto à vítima pela situação que ela vivenciou, seja pelo medo de relatar os fatos ou pelo trauma causado pela violência; portanto, é fundamental que o enfermeiro saiba utilizar a comunicação ativa como parte importante do processo, é necessário que utilize de sua destreza para que ela se sinta confortável para realização dos procedimentos (Leite; Fontanella, 2019). Silva e Lima (2020) Destacam que para a prestação de assistência a vítima o enfermeiro deve utilizar o processo de enfermagem, para identificar necessidades de cada mulher; no que corresponde aos procedimentos que serão realizados, o exame físico é primordial e deve abranger palpação, ausculta, inspeção e avaliação dos sinais vitais. Além disso, acabe o enfermeiro realizar o exame físico detalhado para documentar as lesões, avaliar a necessidade de tratamentos para os ferimentos e observar a necessidade dos cuidados médicos e de outros profissionais. Outrossim, é sobre a importância de o suporte emocional, de modo a evitar complicações de saúde mental, como depressão, ansiedade e transtorno de estresse pós-traumático, e compreender a necessidade de possuir uma comunicação e uma escuta sensível sem julgamentos a fim de oferecer o melhor atendimento a esta mulher. Além disso, no que diz respeito ao atendimento à vítima, é crucial orientá-la a realizar exames, especialmente se estiver no período reprodutivo. Da mesma forma, é importante instruí-la sobre a profilaxia para doenças sexualmente transmissíveis não virais, bem como a profilaxia pós-exposição do HIV e da hepatite B. Adicionalmente, é essencial que a vítima receba a vacina contra a hepatite B, se o teste realizado der negativo, a vítima deve ser aconselhada pelo profissional a retornar para acompanhamento clínico após 30 dias (Xavier E Silva, 2019). O profissional desempenha um papel importante no que diz respeito a coleta provas, sendo essencial pedir o consentimento da vítima antes de realizar qualquer procedimento, tentar manter um ambiente acolhedor para que a mulher se sinta acolhida e sinta que está no controle de suas ações respeitando sua autonomia, a fim de que não sinta que seu espaço está sendo invadido evitando uma assim uma nova violência. Somente após ter a permissão concedida o profissional pode coletar as evidências físicas das lesões entre outras, além de descrever tudo no prontuário da vítima. Ressaltando o cuidado e a ética para ser assegurar a integridade das provas (Ribeiro C. et al., 2021). Contudo, ainda existe uma grande barreira de conhecimento para prestação da assistência às mulheres vítimas de violência segundo estudos muitos profissionais declaram que não se sentem ainda qualificados para atender a essas demandas, pois possuem lacunas tanto nas bases de sua

formação acadêmica quanto em relação a capacitações teóricas estratégicas e operacionais que possuem de modo superficial. Sendo assim, demonstra-se um cenário de grande desafio para a obtenção de dispositivos técnicos e também legais para que essas mulheres tenham a garantia desse direito assistido. Ademais, a literatura demonstra que os profissionais que compõem a gestão de atenção à saúde não se consideram capacitados o suficiente para oferecer uma atenção de qualidade e resolutiva as mulheres expostas à violência e até mesmo demonstram certo desconhecimento das práticas procedimentais e orientações cada caso de violência que chega até o serviço, demonstrando a importância da educação continuada para todos os profissionais de saúde (Leite; Fontanella, 2019).

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Mediante ao exposto, ressalta-se a importância da atualização do profissional de enfermagem e sua participação em treinamentos e capacitações visando adaptar-se às mudanças das políticas e procedimentos relacionados ao atendimento à mulher vítima de violência. O atendimento e orientação a vítima deve ocorrer de maneira humanizada visando o acolhimento e respeito, conforme as necessidades específicas de cada uma, para tal o profissional deve possuir conhecimento sobre os protocolos assistenciais as vítimas de violência e saber para onde encaminhá-las, ademais ressalta-se a importância de o profissional possuir conhecimento sobre coleta e registro de provas que auxiliem a justiça no apoio a esta mulher. Todo esse processo requer responsabilidade, conhecimento e principalmente uma abordagem multiprofissional visando o bem-estar da mulher e garantido que ela seja assistida em todas as esferas de assistência necessária.

REFERÊNCIAS

LEITE AC e FONTANELLA BJB. **Violência doméstica contra a mulher e os profissionais da APS: predisposição para abordagem e dificuldades com a notificação.** Rev. Bras. Med. Fam. Comunidade, 2019; 14(41):1-12.

MARQUES IP. **Violência Intrafamiliar.** Monografia (Serviço Social). Faculdades Unidoctum. Almenara, 2023; 18p.

RIBEIRO, C. L., Maia, I. C. V. de L., Souza, J. F. de., Santos, V. dá F., Santos, J. S. dos., & Vieira, L. J. E. de S.. (2021). **Atuação do enfermeiro na preservação de vestígios na violência sexual contra a mulher: revisão integrativa.** Escola Anna Nery, 25(5), e20210133. <https://doi.org/10.1590/2177-9465-EAN-2021-0133>.

SILVA; LIMA; 2020. **ABORDAGEM DO ENFERMEIRO À VÍTIMA DE VIOLÊNCIA DOMÉSTICA NAS DIFERENTES FAIXAS ETÁRIAS NA 6ª ESTRATÉGIA DE SAÚDE DA FAMÍLIA.** Disponível em: <https://www.unaerp.br/revista-cientifica-integrada/edicoes-anteriores/volume-4-edicao-5/4174-rci-violenciadomestica-122020/file>.

XAVIER, A. de A. P.; SILVA, E. G. da. **Assistência de enfermagem no atendimento de mulheres em situação de violência na atenção básica.** Revista de Iniciação Científica e Extensão, [S. l.], v. 2, n. Esp.2, p. 293–300, 2019. Disponível em: <https://revistasfasesa.senaaires.com.br/index.php/iniciacao-cientifica/article/view/279>.



A IMPORTÂNCIA DA IDENTIFICAÇÃO E MANEJO DE HEMORRAGIAS PÓS PARTO POR ENFERMEIROS

Maria Clara Morais da Silva¹; Ellen Renalle Martins Guedes¹; Larah Giovanna Nóbrega Clemente¹; Maria Emília Dantas Oliveira¹; Vânia Ellen Bezerra Sousa¹; Elza Carla Melo de Souza².

Graduando em enfermagem pela Universidade Federal de Campina Grande¹, Enfermeira pela Universidade Federal de Campina Grande².

mariaclaramorais132@gmail.com

RESUMO

Objetivou-se analisar a importância da identificação e manejo das hemorragias pós-parto precocemente por enfermeiros. Trata-se de uma revisão integrativa da literatura, na qual a busca dos estudos ocorreu nas bases de dados Scielo e Biblioteca Virtual em Saúde, considerando os descritores identificados dos Descritores em Ciência da Saúde: hemorragia pós-parto, enfermagem e mortalidade materna. A hemorragia pós-parto é uma emergência obstétrica crítica, sendo responsável por cerca de 27% das mortes maternas. A enfermagem desempenha um papel vital na identificação e manejo da HPP, sendo frequentemente os primeiros a reconhecer os sinais de complicações. A formação em técnicas avançadas de avaliação e manejo, como o uso de protocolos de resposta rápida, administração de medicamentos e habilidades em procedimentos é essencial para reduzir a mortalidade e morbidade materna. Programas de educação continuada e simulações práticas garantem que os enfermeiros estejam preparados para agir de maneira eficiente e rápida. Conclui-se o destacando a necessidade de políticas de saúde que apoiem a educação e treinamento contínuos, protocolos clínicos claros e melhor capacitação do profissional para melhorar os cuidados maternos e reduzir a mortalidade associada à HPP.

Palavras-chave: Hemorragia pós-parto; Manejo; Enfermagem.

1 INTRODUÇÃO

A hemorragia pós-parto (HPP) é uma emergência obstétrica e uma das principais causas de mortalidade materna, responsável por cerca de 27% destas em todo o mundo. A prevalência geral da HPP é de cerca de 5 a 8% , somando aproximadamente 150.000 mortes por ano. Além de representar uma causa importante de morbidade em médio e longo prazos nas mulheres sobreviventes (Delaney *et al.*, 2018). Dados como esses trazem à tona a necessidade de se discutir essa temática a fim de trazer mais resolutividade para a problemática.

Por definição, segundo o novo roteiro 2023-2030 da Organização Mundial da Saúde (OMS), a hemorragia pós parto (HPP) é definida como um fluxo sanguíneo intenso e excessivo após quaisquer formas de parto. Diante desse cenário, torna-se imperativo explorar estratégias que possam mitigar as altas taxas de mortalidade e morbidade associadas a essa condição, tais como investigar fatores que podem predispor o quadro, na questão da suscetibilidade por síndromes, infecções, fatores associados a via de parto, intercorrências, monitoramento rigoroso e adequado no puerpério imediato, preparação do profissional com um olhar clínico de respaldo técnico e científico frente a essa urgência obstétrica: como prevenir, diagnosticar, medicamentos, manobras e aconselhamentos. É indispensável que uma das maiores classes trabalhadoras e linha de frente a essas pacientes, pode e deve atuar rapidamente mediante essa



problemática. Portanto, objetivou-se com esta revisão, analisar a importância da identificação e manejo das hemorragias pós-parto precocemente por enfermeiros.

2 METODOLOGIA

Trata-se de uma revisão integrativa da literatura, na qual a questão norteadora indaga “Como um enfermeiro(a) deve agir em um caso de HPP?”. A busca dos estudos ocorreu no período de 01 a 06 de junho de 2024, nas bases de dados *Scientific Electronic Library Online* (SciELO) e Biblioteca Virtual em Saúde (BVS), considerando os descritores, identificados dos Descritores em Ciência da Saúde (DECs): hemorragia pós-parto, enfermagem e mortalidade materna. Para a busca, utilizou-se a combinação dos descritores através do operador booleano “AND” da seguinte forma: “Hemorragia pós-parto” AND “Enfermagem” e “Hemorragia pós-parto” AND “Mortalidade materna”. Inicialmente, encontrou-se 270 estudos, em seguida, foram utilizados os critérios de inclusão para delimitar a amostra, entre eles: estudos redigidos no idioma português e publicados no período entre janeiro de 2018 à junho de 2024. Após a aplicação dos filtros, foram encontrados 24 estudos, os quais passaram por um processo de leitura minuciosa dos títulos e resumos, delimitando a amostra final para 7 estudos selecionados.

3 RESULTADOS E DISCUSSÕES

De acordo com o protocolo assistencial multidisciplinar sobre manejo da hemorragia pós-parto do Hospital Municipal e Maternidade Escola Dr. Mário de Moraes Altenfelder Silva (2022), há dois tipos de hemorragia, a pós parto é definida como a perda sanguínea acima de 500 ml após parto vaginal ou acima de 1000 ml após parto cesariana nas primeiras 24 horas ou qualquer perda de sangue pelo trato genital capaz de causar instabilidade hemodinâmica. Já a hemorragia pós-parto maciça é definida como o sangramento que ocorre nas primeiras 24 horas após o parto, por qualquer via, superior a 2000 ml ou que necessite da transfusão mínima de 1200 ml (4 unidades) de concentrado de hemácias ou que resulte na queda de hemoglobina \geq 4g/dL ou em distúrbio de coagulação (Prefeitura de São Paulo, 2022).

O diagnóstico da HPP é feito através do reconhecimento de um sangramento maior do que o esperado (\geq 500ml) ao exame físico da paciente. O sangramento é geralmente mensurado visualmente, como consequência muitas vezes é subestimado. A maioria dos *guidelines* não estabelece um método de escolha para quantificação do sangramento e sugere que mais estudos sejam realizados a fim de estabelecer um parâmetro fidedigno para diagnóstico adequado e precoce (Delaney *et al.*, 2018). A maneira de diagnosticar uma HPP sendo visualmente, é tendo uma certa noção de quantas ml de sangue a paciente está perdendo e definir a partir de quantos ml deixa de ser fisiológico e passa a ser patológico. Podemos também observar em conjunto a isso os parâmetros dos sinais vitais como pressão arterial, aumento da frequência cardíaca e sinais de choque.

Entre as causas associadas à hemorragia puerperal, um estudo randomizado revelou que o peso ao nascer, indução e aumento do tempo do parto, corioamnionite, uso de sulfato de magnésio e HPP anterior podem elevar o risco de hemorragia puerperal. Uma das maneiras de prevenir a hemorragia puerperal é o manejo ativo da terceira fase do parto. Essa abordagem é considerada “padrão ouro” para reduzir a incidência de hemorragia puerperal e combina intervenções não medicamentosas com a administração de drogas uterotônicas (Lima *et al.*, 2022).

Ainda dito por Lima *et al.*, (2022) por ser responsável por 80% das hemorragias puerperais, a atonia uterina deve ser a primeira a ser checada. É importante destacar a “hora de ouro” em hemorragias puerperais, em que a equipe necessita localizar o local do sangramento



dentro de 60 minutos após o seu diagnóstico, evitando o agravamento do quadro clínico, proporcionando maiores chances de reversão deste quadro e prevenindo a evolução para óbito materno. Diante do exposto pela autora, é discutido o papel da palpação do útero, sendo uma técnica essencial para avaliar a contração uterina e detectar a presença de atonia (que é a falta da contração uterina), uma das principais causas de HPP. Exames laboratoriais, como hemograma completo e testes de coagulação, podem fornecer informações adicionais sobre a gravidade da perda sanguínea e a função hemostática da paciente, como descobrir fontes de infecções, condições e síndromes coagulativas.

Outro cuidado importante diante da atonia uterina é a massagem no fundo do útero. Um estudo traz como medidas importantes desse manejo o esvaziamento da bexiga e, posteriormente, a manobra uterina (compressão bimanual). Um trabalho produzido na Holanda, com enfermeiros, obstetras e parteiras, sobre a qualidade em gestão de HPP, evidenciou que apenas 26% dos profissionais tinham conhecimento sobre os benefícios da compressão uterina em HPP (Braga *et al.*, 2022). Importante frisar que isso deve-se ao papel do enfermeiro obstetra, devidamente capacitado para essa manobra.

Além disso, para que a assistência ocorra de forma segura e em tempo hábil, os serviços precisam dispor de capacidade de coordenação de pessoas, equipamentos e processos de trabalho bem estabelecidos. Logo, a existência das técnicas e tecnologias, assim como dos protocolos, não assegura, por si só, a prevenção e o controle da hemorragia; há necessidade de pessoal, em quantidade e qualidade, para responder às demandas nos serviços assistenciais (Rangel *et al.*, 2019). Na prevenção, o papel da enfermagem pode ser aplicado realizando avaliações pré-natais fidedignas para identificar fatores de risco, administrar ocitocina durante o parto para ajudar na contração uterina, administrar uterotônicos profiláticos e tudo isso seguindo prescrição médica. Sempre monitorando sinais vitais e fluxo sanguíneo, além de educar pacientes e a própria equipe envolvida no caso sobre sinais de alerta.

Durante a pesquisa dos artigos, foram mencionados na literatura a importância de manter o vínculo da mãe com o bebê, seja por meio da amamentação ou não, mas a presença afetiva dele, traz a essa puérpera mais tranquilidade, e conseqüentemente uma liberação hormonal favorável a prevenção da HPP, assim afirma Moraes *et al.*, (2020), que a redução da hemorragia no período pós-parto e o auxílio na involução uterina citados pelas mães como benefícios para a saúde materna são ocasionados pela produção de ocitocina, por meio de terminações nervosas na hipófise, e a sua produção é estimulada durante as mamadas. A amamentação também previne o cancro do ovário, mama e o aparecimento de fraturas a que as mulheres estão propensas na menopausa. Dito isso dos autores, conclui-se que é uma série de benefícios provenientes do fisiológico, tirando toda a terapêutica medicamentosa.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A identificação de problemas e a aplicação de intervenções de enfermagem são essenciais para melhorar o cuidado prestado às mulheres após o parto, especialmente aquelas que enfrentam hemorragias. A síntese de todos esses resultados é: manter se possível o vínculo da mãe com o bebê; por meio da amamentação, identificar rapidamente os sinais e sintomas de hemorragia, implementar o tratamento indicado, monitorar a paciente, prevenir complicações, e proporcionar conforto à puérpera através de uma comunicação eficaz que a instrua sobre cuidados pós-parto. Uma equipe de enfermagem bem treinada e com recursos adequados desempenha um papel fundamental na prevenção e no tratamento imediato dessas situações. O enfermeiro é essencial em todas as etapas do processo, desde a gestação até o pós-parto, oferecendo orientações sobre os fatores de risco para hemorragia e as medidas a serem tomadas caso ocorram complicações, essa abordagem abrangente e proativa é fundamental para garantir a segurança e o bem-estar das mães e de seus bebês. É importante ressaltar também a



necessidade de pesquisas contínuas sobre a HPP, visando aprimorar as estratégias de prevenção, diagnóstico e tratamento. Novos avanços em tecnologia médica, como o uso de agentes hemostáticos e técnicas minimamente invasivas de controle da hemorragia, podem oferecer esperança para uma abordagem mais eficaz e segura da HPP no futuro.

REFERÊNCIAS

BRANGA, L. *et al.* Cuidados de enfermeiros frente às hemorragias puerperais: revisão integrativa. **Rev. Enferm. UFSM.** v. 12, n. 45, p. 1-22, 2022. DOI: <https://doi.org/10.5902/2179769270177>.

CARMO, A. L.; RODRIGUES, V. S. D.; FONSECA, D. S. DA. A importância do conhecimento da enfermagem obstétrica na prevenção da hemorragia pós-parto. **Conjecturas.** v. 22, n. 5, p. 888-901, 2022. DOI: <https://doi.org/10.53660/CONJ-1035-005>.

DELANEY, L. *et al.* Hemorragia Pós-Parto. **Acta méd.** Porto Alegre, v. 37, n. 7, p. 1-7, 2018.

LIMA, D. J. S. *et al.* Atuação da equipe de enfermagem no manejo da hemorragia pós-parto. **International Journal of Development Research.** v. 12, n. 4, p. 55356-55360, 2022. DOI: <https://doi.org/10.37118/ijdr.24368.04.2022>.

MORAES, I. C. DE. *et al.* Percepção sobre a importância do aleitamento materno pelas mães e dificuldades enfrentadas no processo de amamentação. **Rev. Enf. Ref.** Coimbra, v. 2, p. 19065-19065, 2020. DOI: <https://doi.org/10.12707/RIV19065>.

PREFEITURA DE SÃO PAULO. Protocolo assistencial multidisciplinar: manejo da hemorragia pós-parto. **Secretária Municipal de Saúde; Hospital Municipal e Maternidade Escola Dr. Mário de Moraes Altenfelder Silva.** Vila Nova Cachoeirinha, São Paulo. 2022, p. 1-30.

RANGEL, R. DE C. T. *et al.* Tecnologias de cuidado para prevenção e controle da hemorragia no terceiro estágio do parto: revisão sistemática. **Revista Latino-Americana de Enfermagem,** v. 27, p. 1-18, 2019. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/1518-8345.2761.3165>.

ATIVIDADE FÍSICA E FATORES SOCIODEMOGRÁFICOS RELACIONADOS À QUALIDADE DE GESTANTES

Mel França Pereira¹; Camila Fernandes Silva¹; Claudio Melibeu Bentes²

Graduada em Educação Física pela Universidade Federal do Rural do Rio de Janeiro¹; Doutor em pesquisa clínica pela Fundação Oswaldo Cruz/RJ; Professor Adjunto Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro/RJ²

mfp01010@gmail.com

RESUMO

Durante a gestação, as mulheres passam por várias mudanças físicas, psicológicas e sociais, influenciando sua qualidade de vida (QV). Mesmo que a prática de atividade física (AF) seja recomendada durante a gestação, tais transformações também refletem no nível dessa prática. Desse modo, o presente trabalho tem como objetivo analisar a influência da AF, junto a outros fatores sociodemográficos, na QV de gestantes. O estudo apresenta uma revisão bibliográfica integrativa acerca do tema. Os artigos utilizados foram publicados até o mês de setembro de 2022, utilizando os descritores 'Gestantes', 'Atividade Física' e 'Qualidade de Vida'. As fontes como Biblioteca Virtual em Saúde (BVS) e Scientific Electronic Library Online (SciELO) foram consultadas. Os estudos revelaram que fatores sociodemográficos, obstétricos e comportamentais podem influenciar a QV das gestantes. Mulheres fisicamente ativas durante a gestação apresentaram melhores níveis de QV. Por outro lado, fatores como classe social, nível educacional e raça estiveram associados a menores níveis de AF e, conseqüentemente, de QV. Conclui-se que, a promoção da AF durante a gestação por um profissional qualificado, é crucial para melhorar a QV das gestantes, especialmente entre aquelas de grupos socioeconômicos desfavorecidos, contribuindo na prevenção de complicações associadas à gravidez e promoção de uma gestação saudável.

Palavras-chave: grávidas; exercício; qualidade de vida.

1 INTRODUÇÃO

O período gestacional desencadeia uma série de transformações na vida das mulheres, abrangendo aspectos físicos, psicológicos, emocionais, hormonais, econômicos, sociais e culturais. Embora seja um processo natural, a gravidez pode ter repercussões negativas na qualidade de vida das mulheres. Segundo a definição da Organização Mundial da Saúde (OMS, 2013), a qualidade de vida é uma percepção individual que abarca diversos aspectos, tais como o bem-estar físico, o contexto social, os valores, expectativas de vida e as circunstâncias pessoais (Lima *et al.*, 2017; Soares *et al.*, 2020).

A prática de atividade física durante a gestação é recomendada pela OMS como uma medida para promover a saúde da gestante e prevenir complicações como pré-eclâmpsia, hipertensão e diabetes gestacional, além de reduzir o risco de ganho excessivo de peso e depressão pós-parto, contribuindo conseqüentemente para a melhoria da qualidade de vida. Apesar dos benefícios evidentes, muitas gestantes não se engajam em atividades físicas em níveis suficientes, sendo a própria gravidez um fator associado a essa redução. A falta de engajamento e a interrupção da prática de atividade física durante a gestação são multifatoriais, incluindo a percepção das mulheres de que o exercício durante a gravidez representa um risco para a própria saúde ou para a saúde do feto, levando-as a adotar comportamentos mais sedentários (Borodulin *et al.*, 2008; Fell *et al.*, 2009).

Estudos recentes ressaltam a importância de aprimorar os cuidados pré-natais, especialmente no que diz respeito à promoção do exercício físico (Krzepota *et al.*, 2018). No



entanto, é possível observar que, em relação aos quatro domínios de atividade (doméstica, deslocamento, lazer e ocupacional), a maioria das gestantes é classificada como insuficientemente ativa, destacando-se o baixo nível de atividade no domínio de lazer e o maior nível de atividade doméstica. Fatores como educação, classe social e raça podem ser determinantes significativos que influenciam nos níveis insuficientes da prática de atividade física de lazer por esse grupo (Soares *et al.*, 2020; Souza *et al.*, 2019).

Além dos baixos níveis de atividade física, outros fatores sociodemográficos afetam a qualidade de vida das gestantes. Embora pesquisas demonstrem uma relação positiva entre a prática de atividade física durante a gravidez e a melhoria da qualidade de vida, ainda há lacunas de conhecimento, especialmente sobre a continuidade dessa prática ao longo da gestação. A falta de dados representativos da população brasileira gestante dificulta a compreensão da frequência, temporalidade e tipo de exercício praticado durante a gravidez, embora o monitoramento da atividade física da população em geral seja uma prioridade da Política Nacional de Promoção da Saúde (Rinaldi *et al.*, 2021).

Diante do exposto, o presente estudo tem como objetivo analisar a influência da atividade física, juntamente com outros fatores sociodemográficos, tais como idade, nível de estudos, classe social, filhos anteriores, estado civil, fórmula obstétrica, altura, peso corporal, Índice de Massa Corporal (IMC), comportamento sedentário, tabagismo, consumo de álcool, saúde mental, atividade física e seus domínios, tipo de parto, raça e trabalho remunerado, na qualidade de vida de gestantes.

2 METODOLOGIA

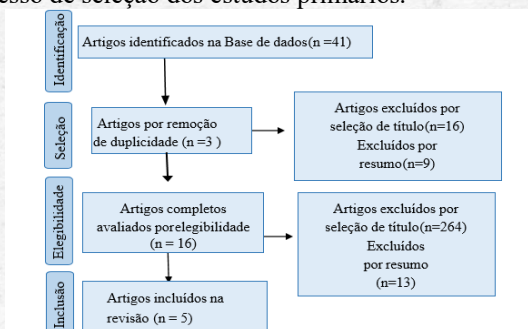
O estudo em questão constitui uma revisão bibliográfica integrativa da literatura, conforme delineado por Souza *et al.* (2010), esta abordagem metodológica permite a síntese de conhecimento e a aplicabilidade de resultados de estudos relevantes na prática científica. Sua amplitude é notável, pois abarca estudos conduzidos com diferentes metodologias.

Para atingir os objetivos propostos, adotaram-se os estágios metodológicos preconizados por Lima e Miotto (2007). Estes estágios envolvem a seleção da temática, dos descritores pertinentes e a organização da metodologia, seguidos pela condução da pesquisa e avaliação dos materiais selecionados.

A pesquisa eletrônica foi conduzida na Biblioteca Virtual em Saúde (BVS) e na base de dados Scielo, abrangendo o período até o mês de setembro de 2022. Os termos utilizados como descritores foram 'Gestantes', 'Atividade Física' e 'Qualidade de Vida', conforme definido no Descritores em Ciências da Saúde (DeCS), e foram entrecruzados utilizando o operador booleano AND.

Foram incluídos estudos sobre a influência da atividade física na qualidade de vida de gestantes nos últimos cinco anos, em inglês, português ou espanhol. E, foram excluídos artigos duplicados, teses, dissertações, estudos sobre doenças específicas, temas não relacionados à qualidade de vida de gestantes, artigos sobre COVID-19, com diferentes públicos-alvo, acesso restrito.

Figura 1: Fluxograma do processo de seleção dos estudos primários.



Fonte: Autores 2022



3 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Os estudos selecionados evidenciam a importância da promoção da atividade física como parte integrante dos cuidados pré-natais para melhorar a qualidade de vida das gestantes (Krzepota *et al.*, 2018). No entanto, constatou-se que a maioria das gestantes não atinge os níveis recomendados de atividade física, com destaque para a insuficiência de atividades no domínio de lazer, ou seja, essas mulheres não destinam tempo suficientes para a prática de exercícios físicos específicos, como treinamento resistido e esportes (Souza *et al.*, 2019). Além disso, fatores como renda mensal e escolaridade estão associados a níveis insuficientes de AF durante a gravidez (Souza *et al.*, 2019).

A partir dos resultados analisados, foi possível identificar que as variáveis como: maior idade, escolaridade, estado civil, classe social, tipo de parto, religião, gravidez planejada, acesso a cuidados privados e nível de atividade física elevados influenciam positivamente na QV das gestantes (Soares *et al.*, 2020; Rinaldi *et al.*, 2021). Contudo, ficou evidente que muitas gestantes não cumprem as recomendações mínimas de atividade física devido a fatores como desconfortos físicos, falta de conscientização sobre os benefícios da atividade física, falta de acesso a espaços adequados para exercícios, medo de prejudicar o bebê e a mitigação dos riscos, acreditando erroneamente que a gestação é um momento para reduzir drasticamente a atividade física ou até mesmo evitar completamente o exercício.

Pesquisas e orientações médicas enfatizam que, para a maioria das gestantes saudáveis, a prática de exercícios moderados é segura e traz benefícios significativos. Estudos conduzidos por Blanque *et al.* (2020) mostram que gestantes que aderem a diretrizes específicas de atividade física experimentam melhorias notáveis em diversos aspectos da qualidade de vida, abrangendo tanto a saúde física quanto a mental. Dentre os benefícios, destacam-se melhora da saúde cardiovascular e circulatória, controle adequado do peso e prevenção do ganho excessivo de peso, redução do risco de desenvolver diabetes gestacional e pré-eclâmpsia, alívio de dores e aumento da resistência física, o que pode facilitar o trabalho de parto, melhora do humor, redução do estresse, promoção do bem-estar emocional e apresentam um menor risco de desenvolver depressão pós-parto em comparação com gestantes sedentárias.

Aspectos sociodemográficos, como nível educacional, classe social, estado civil e baixo nível de atividade física, foram identificados como fatores associados a uma qualidade de vida inferior durante esse período. Paralelamente, observou-se uma maior participação em atividades domésticas em contraste com as atividades de lazer durante a gestação. (Souza *et al.*, 2019; Soares *et al.*, 2020; Rinaldi *et al.*, 2021). Essas descobertas ressaltam a importância de intervenções direcionadas para promover estilos de vida mais ativos e melhorar o bem-estar das gestantes, especialmente aquelas em situações socioeconômicas desfavorecidas.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A revisão incluiu estudos que investigaram a relação entre a prática de atividades físicas e fatores sociodemográficos na percepção da qualidade de vida de gestantes. Evidenciou-se uma alta prevalência de níveis insuficientes de atividade física entre as gestantes avaliadas nos estudos revisados. No entanto, é importante ressaltar que a atividade física pode trazer melhorias tanto físicas quanto psicológicas para as mulheres durante a gravidez, resultando em uma melhor qualidade de vida.

Diante disso, torna-se fundamental considerar a inclusão do profissional de educação física nos serviços públicos de saúde, além de promover discussões e incentivos para a ampliação de programas que visem promover a prática de atividades físicas para mulheres grávidas. A disponibilidade de locais adequados e orientações apropriadas pode facilitar significativamente a adesão a essas práticas por parte desse grupo específico. Essas medidas não apenas contribuiriam para a melhoria da qualidade de vida das gestantes, mas também para a promoção de uma gravidez mais saudável e para a redução de potenciais complicações.



REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Saúde. 5 passos para uma melhor qualidade de vida: uma meta ao seu alcance. (Fôlder). **Dica em Saúde**. Secretaria de Saúde do Distrito Federal, 2013. Acesso em: 8 setembro 2022.

BLANQUE, Raquel et al., Water Exercise and Quality of Life in Pregnancy: A Randomised Clinical Trial. **International Journal of Environmental Research and Public Health**. v. 17, n. 1288, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.3390/ijerph17041288>. Acesso em: 8 setembro 2022.

Borodulin, Katja M et al. Physical activity patterns during pregnancy. **Medicine and science in sports and exercise** vol. 40,11 (2008): 1901-8. Disponível em [i:10.1249/MSS.0b013e31817f1957](https://doi.org/10.1249/MSS.0b013e31817f1957). Acesso em: 8 setembro 2022.

FELL, Deshayne et al. The impact of pregnancy on physical activity level. **Maternal and child health journal**. v. 13, 597–603, 2009. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1414-462X201900020451>. Acesso em: 8 setembro 2022.

KRZEPOTA, Justyna et al. Relationships between Physical Activity and Quality of Life in Pregnant Women in the Second and Third Trimester. **Int J Environ Res Public Health**. v. 15,12 2745. 5 Dec. 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.3390/ijerph15122745>. Acesso em: 8 setembro 2022.

LIMA, Marlise et al. Depressive symptoms in pregnancy and associated factors: longitudinal study. **Acta Paulista de Enfermagem**. São Paulo, Brasil, v. 30, n. 1, p. 39-46, 2017. Disponível em: [10.1590/1982-0194201700007](https://doi.org/10.1590/1982-0194201700007). Acesso em: 8 setembro 2022.

Organização Mundial da Saúde. OMS Diretrizes sobre atividade física e comportamento sedentário. Genebra: Organização Mundial da Saúde, 2020. Disponível em: <https://www.paho.org/pt/noticias/26-11-2020-oms-lanca-novas-diretrizes-sobre-atividade-fisica-e-comportamento-sedentario>. Acesso em: 8 setembro 2022.

Physical Activity and Exercise During Pregnancy and the Postpartum Period: ACOG Committee Opinion, Number 804. **Obstetrics and gynecology**, 135(4), e178–e188, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1097/AOG.0000000000003772>. Acesso em: 8 setembro 2022.

RINALDI, Ana et al. Tendência dos padrões de atividade física de gestantes residentes nas capitais brasileiras. **Revista Saúde Pública**. 56:42, 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.11606/s1518-8787.2022056003300> Acesso em: 8 setembro 2022.

SOARES, Paula et al. Qualidade de vida relacionada à saúde de gestantes e fatores associados. **Acta Paulista de Enfermagem** [online]. São Paulo, Brasil, v. 34, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.37689/acta-ape/2021AO002075>. Acesso em: 8 setembro 2022.

SOUZA, Vilson; MUSSI, Ricardo e QUEIROZ, Bruno. Nível de atividade física de gestantes atendidas em unidades básicas de saúde de um município do nordeste brasileiro. **Cadernos Saúde Coletiva** [online]. v. 27, n. 2 ,p. 131-137, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1414-462X201900020451>. Acesso em: 8 setembro 2022.



O PÃO DE CADA DIA NA CONSTRUÇÃO DA EQUIDADE DE GÊNEROS

Maria Celeste de Jesus^{1,3,4}; Célia Regina Sousa da Silva^{2,4}; Priscila Tamiasso Martinhon^{2,4}.

Mestranda no Programa de Pós-Graduação em História das Ciências e das Técnicas e Epistemologia (HCTE) pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)¹, Docente no Programa de Pós-Graduação em História das Ciências e das Técnicas e Epistemologia (HCTE/UFRJ)², Pesquisadora no Grupo Interdisciplinar de Educação, Eletroquímica, Saúde, Ambiente e Arte (GIEESAA)³, Pesquisadora no Grupo Interinstitucional e Multidisciplinar de Ensino, Pesquisa e Extensão em Ciências (GIMEnPEC)⁴.

celeste@ov.ufrj.br

RESUMO

Nas últimas décadas, a crescente inserção da mulher no mercado de trabalho, incluindo na educação superior e na pesquisa científica, traz à baila alguns dilemas na construção da equidade de gênero. O objetivo deste trabalho consistiu em, por meio de uma oficina sobre pães artesanais de longa fermentação, observar as percepções sensoriais provocadas por esse alimento, capaz de transportar as memórias afetivas de quem o prepara e de quem dele se alimenta, refletir quanto ao direito de toda mulher de estudar, trabalhar, cuidar de si e da família e partindo de uma perspectiva de que ela pode ser o que quiser, romper com o conceito patriarcal da família tradicional: cozinhar e as tarefas da casa ficavam, não devem ser consideradas como restritas a elas.

Palavras-chave: pão artesanal; equidade de gênero; oficina educativa.

1 INTRODUÇÃO

Nas últimas décadas, a crescente inserção da mulher no mercado de trabalho, incluindo na educação superior e na pesquisa científica, traz à baila alguns dilemas na construção da equidade de gênero: as tarefas domésticas não mais serem compreendidas como de exclusividade feminina, como também o direito cabível de estudar, trabalhar, cuidar de si e da família. Encarregada da alimentação da família, o trabalho fora de casa reduz o tempo disponível para cozinhar, encontra no consumo de alimentos pré-preparados, um suporte a esta nova realidade. Além disso, a elevação do nível de vida facilita a transferência das refeições com compras de comida por *delivery*, idas à restaurantes, *fast food* e afins. Entretanto, as medidas restritivas e o isolamento social devido à pandemia da COVID-19 implicaram na retomada de antigos hábitos pela população: observou-se aumento expressivo em buscas de receitas na internet, cursos *on line* de culinária a fim de preparar a refeição em casa. No entanto, vale destacar que, desde a metade do século XX, as pessoas passaram a investir cada vez menos tempo no preparo das próprias refeições e podemos observar na cultura moderna do bem-estar, as diferentes relações que as pessoas têm com a comida.

Mazzonetto *et al.* (2020) aponta algumas percepções de homens e mulheres de diferentes países, tais como Canadá, Estados Unidos, Reino Unido, França e China sobre o ato de cozinhar: sinônimo de autossuficiência, independência e responsabilidade no que diz respeito ao preparo de suas próprias refeições (canadenses); poderia ser uma atividade de lazer e uma forma de experimentação e demonstração criativa (homens canadenses e suecos); imprescindível para atender as necessidades cotidianas (homens suecos); prazer em se dedicar a essa prática (homens e mulheres estadunidenses); sensação de prazer e valorização do aspecto



social, especialmente em finais de semana configurada como uma atividade de lazer com a presença de amigos e familiares (britânicos); atividade prioritária e incorporada na rotina diária (estadunidenses, britânicos e franceses); motivado pela responsabilidade pelo provimento de alimentos aos filhos (indivíduos britânicos, especialmente mães). O ato de cozinhar no ambiente doméstico possibilita romper com a ideia de ser uma atividade aparentemente enfadonha, difícil, configurando-se como uma perda de tempo e até menor quando pensada dentro de uma perspectiva cognitiva.

O pão, objeto dessa pesquisa, também foi um alimento cuja confecção atraiu muitos cozinheiros amadores. Com origem que remonta à Antiguidade, o pão historicamente atravessa a própria trajetória da civilização ocidental (Jacob, 2003) carrega importantes referências culturais, religiosas e sociais, atreladas a um sistema diverso de valores e simbologias, trazendo em si o registro das tradições, práticas, saberes, memórias e identidades. Fruto da escolha de muitas gerações ao longo de vários séculos, entre os hábitos alimentares adotados na contemporaneidade, o pão de trigo inventado pelos egípcios, mais ou menos em 4000 AEC, tornou-se o principal alimento da civilização humana, dominando o Mundo Antigo, material e espiritualmente, como nenhum outro produto foi capaz de fazer (Jacob, 2003). À parte da função biológica nutricional do corpo, a técnica ancestral de longa fermentação empregada na confecção de pães com o uso do fermento natural contendo leveduras selvagens, com suas especificidades e diferenças, nos conduz a percebê-lo como um alimento capaz de transportar as memórias afetivas de quem o prepara e de quem dele se alimenta. Se partirmos da ideia de que “somos o que comemos” tanto nos aspectos fisiológicos como espiritual, ao incorporarmos psicossocialmente os elementos culturais daquilo que ingerimos, sejam os ligados à espiritualidade ou à memória afetiva vale a premissa de que “comemos o que somos” (Lima et al., 2015).

Vivemos hoje não apenas no Brasil, mas também em diversos países do mundo, um movimento de valorização do resgate da produção de pães verdadeiramente artesanais. É inegável que o pão agrada as pessoas em vários aspectos. No caso particular do tipo fermentado com *levain* ou massa azeda, nossos sentidos são estimulados seja pela sua textura que varia de crocante a borrachuda, granulometria (alvéolos) mais aberta, presença intensa e acentuada no paladar e aroma únicos. Além de ser um alimento delicioso, é prático e versátil. O pão é composto essencialmente de porções de farinha de cereais, água, sal e fermento – atuando como o agente responsável pelo crescimento e expansão da massa. O processo básico de feitura do pão requer que a farinha transformada em massa a partir da junção com os demais ingredientes, siga uma sequência de etapas: sova e/ou dobras, modelagem, fermentação e cozedura. Colocado para fermentar, o aumento de volume da massa resulta do ar produzido que fica aprisionado entre os alvéolos. No forno, esses gases se expandem e tentam se desprender, mas o processo é limitado devido à ação do calor, tornando os poros à superfície da massa progressivamente mais rígidos, formando assim uma casca que envolve todo o miolo (Ritcher, 2019). O binômio arte-ciência que acompanha a feitura do pão se apresenta como um experimento científico cujas reações físico-químicas desencadeadas no processamento são convertidas em aromas, texturas e sabores no produto final.

Embora a técnica de confecção de pães de longa fermentação seja complexa, que requer paciência quanto aos tempos de cada etapa e a necessidade de alta temperatura do forno, é, ao mesmo tempo, algo simples, pois precisamos destacar que era produzido pelas antigas civilizações, com muito menos recursos disponíveis que na atualidade. Ou seja, adentrar ao território da cozinha, iniciando com o preparo de pães caseiros, fez com que muitos homens descobrissem o prazer pela arte da panificação e o gosto pela culinária, além de possibilitar o consumo de um alimento mais saudável, com um custo menor, garantindo do uso de ingredientes de boa qualidade e também assegurando uma melhor higiene. Este trabalho tem por objetivo trazer algumas reflexões, a partir da temática pão e do seu preparo, sobre a



perspectiva do ser mulher na contemporaneidade: a importância da equidade de gêneros no que diz respeito a cobrança e responsabilização da mulher com o cuidado dos filhos e da casa, quase sempre negado o seu direito de um tempo para si, tornando premente o reconhecimento do compartilhamento das atividades domésticas. Romper com os pré-conceitos estabelecidos, por exemplo, de que “cozinha é lugar de mulher”. O simples ato de misturar os ingredientes para confeccionar o pão é um exercício construtivo, capaz de gerar memórias nas mãos de quem o produz no que diz respeito à técnica, de modo a percebê-lo como um objeto capaz de transportar impressões afetivas tanto de quem o prepara quanto de quem dele se alimenta. Na sequência, busca compartilhar as percepções a partir dessa experiência singular, as lembranças e afetos evocados, de modo a estimular o diálogo e uma forma de conexão entre as pessoas, possibilitando o estreitamento nas relações. Preparar esse alimento milenar em casa pode atuar como uma forma de manter tradições familiares e culturais.

2 METODOLOGIA

O presente resumo é fruto de pesquisa de campo do tipo qualitativa realizada no V Encontro Anual dos Grupos Interdisciplinares de Pesquisa GIEESAA (Grupo Interdisciplinar de Educação, Eletroquímica, Saúde, Ambiente e Arte) e GIMEnPEC (Grupo Interinstitucional e Multidisciplinar de Ensino, Pesquisa e Extensão em Ciências), ambos associados ao Departamento de Físico-Química, do Instituto de Química (IQ) da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), em fevereiro de 2024, no IQ/UFRJ.

Tal pesquisa foi desenvolvida como parte da investigação da minha dissertação de Mestrado em História das Ciências e das Técnicas e Epistemologia (HCTE) da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) visando trazer à baila a importância de ações educativas apoiadas em uma perspectiva discente-docente-aprendente empregada para o alicerçamento da tríade ensino, pesquisa e extensão universitária, de modo a democratizar o conhecimento científico e tornar o ensino de Ciências mais atrativo (Coelho *et al.*, 2020).

No que concerne à metodologia utilizada, pautada em uma perspectiva epistemológica de construção coletiva do conhecimento, reconhecido e valorizando a pluralidade de saberes, a pesquisa de campo realizou-se por meio da promoção de uma oficina sobre pães artesanais de longa fermentação.

A dinâmica desenvolveu-se em quatro momentos: (1) a pré-visão geral da mesa; (2) atenção voltada apenas para os pães: olhar, cheirar, ouvir, pegar e apertar; (3) degustação em duas etapas: primeiro do pão sem quaisquer complementos e, em seguida, com a adição de pastas de livre escolha; e (4) rede de afetos.

Figura 1. Apresentação mesa com pães artesanais.



Fonte: foto tirada pela pesquisadora no V Encontro Anual dos

Grupos Interdisciplinares de Pesquisa GIEESAA e GIMEnPEC

No decorrer de toda a oficina, o ato dos participantes, homens e mulheres, se reunirem em torno da mesa e comerem juntos possibilitou que a dinâmica envolvesse a comensalidade



de uma maneira bastante descontraída, estimulando o diálogo entre eles e as possíveis conexões estabelecidas entre as pessoas, possibilitando a formação de um ambiente mais integrado.

O objetivo da ação consistiu em, a partir da abstração conceitual do pão, observar as percepções dos partícipes provocadas pelas características sensoriais próprias do pão, tais como a coloração, a consistência, a textura, o aroma e sabor. A atenção às memórias afetivas disparadas por tais aspectos e qual o significado desse alimento para elas após essa jornada.

3 RESULTADOS E DISCUSSÕES

No que tange a produção dos pães, as percepções revelaram que o processo se mostrou como um exercício construtivo, capaz de gerar memórias nas mãos de quem o produz no que diz respeito à técnica. Nesse processo de manipulação da massa, a percepção tátil é quase, simultaneamente, reavivada.

À medida que sua produção exige a compreensão do decurso necessário, quase ritualístico, destinado a cada etapa para que os processos de natureza química e biológica ocorram, pensamentos sobre a vida e a singularidade do tempo podem emergir, apontando para o sujeito os significados individuais do seu próprio tempo interno.

Particularmente, a interpretação dos atributos sensoriais relativos ao pão, percebidos pelos cinco sentidos humanos - visão, olfato, audição, tato e paladar - determina a qualidade da sensação gerada no comensal, compreendida pelas propriedades organolépticas e ligado às suas condições fisiológicas, psicológicas e os referenciais sociais e culturais.

Portanto, qual o significado, real ou simbólico, do pão para os participantes após essa jornada? Qual a possível relação do pão com o dilema da equidade de gênero, de modo a assegurar às mulheres o que lhe é de direito: para além dos cuidados com a família, obrigações de atender às atividades dos filhos, a agenda de trabalho, poder cuidar de si, como também estudar, trabalhar, ter momentos de lazer, ser feliz?

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A produção caseira do pão artesanal consiste em uma ação que abarca tanto os aspectos relacionados à cultura de um povo como também a valorização e o reconhecimento de saberes e técnicas ancestrais empregados.

Assim, no decorrer de toda a oficina, a reunião dos participantes em torno da mesa, comendo juntos e dialogando possibilitou que a dinâmica envolvesse a comensalidade de uma maneira bastante descontraída.

Desse modo, o pão mostrou-se como um elemento capaz de criar vínculos entre os integrantes, favorecendo a tessitura de uma rede de afetos nesses grupos interdisciplinares.

Ao considerarmos as oficinas educativas como ações promotoras da produção de conhecimento, em que a aprendizagem é propiciada pela participação interativa entre os sujeitos, esse compartilhamento estimula uma maior sociabilidade entre as pessoas.

A máxima de que primeiro comemos com os olhos, originária da Roma Antiga, sem dúvidas se confirmou não apenas pela apresentação da mesa, mas, todo repertório de sentidos foi exercitado associado às condições fisiológicas, psicológicas e socioculturais destes indivíduos.

Enquanto experiência vivenciada, a afetividade aparece como uma disposição desses indivíduos serem afetados por sensações de natureza subjetiva, possibilitando traduzir esse objeto para além de nutrir e sustentar o corpo. Contrariamente, o pão contém substâncias decisivas para nutrir esse conjunto complexo de relações e percepções que é o ser humano, em constante transformação.



Entre os vários descritores apresentados pelos partícipes os mais frequentes foram: “família”, “memórias afetivas”, “sensação de pertencimento”, “acolhimento”, “aproximação”, “conexões”, “partilha”, “comunhão”, “diálogo”, “senso de compartilhamento”, “criatividade” e “curiosidade”, apontam o desdobramento do pão, para além da função biológica nutricional, configurado-o como um sistema representativo diverso de valores e significados.

Diante da existência de novas modalidades de estruturas familiares e da inserção das mulheres no mercado de trabalho, dentro de uma perspectiva de que ela pode ser o que quiser, possibilita romper com o conceito patriarcal da família tradicional: cozinhar e as tarefas da casa ficavam, não devem ser consideradas como restritas a elas. Afinal, exercendo ou não uma atividade profissional, ainda contribuem com a administração e controle do orçamento doméstico, além da organização da casa.

Concluindo, a promoção de uma oficina de pães também nos conduziu a refletir sobre a importância dessas ações na formação de sujeitos críticos, comprometidos e o seu papel social dentro e fora do âmbito familiar, incentivando-os a atuarem como multiplicadores do conhecimento científico e na sustentação indissociada da tríade ensino, pesquisa e extensão universitária.

REFERÊNCIAS

JACOB, Heinrich Eduard. **Seis mil anos de pão: a civilização humana através de seu principal alimento**. Tradução de: José M. Justo. Nova Alexandrina, São Paulo, 2003.

LIMA, R. S.; NETO, J. A. F.; FARIAS, R. C. P. Alimentação, comida e cultura: o exercício da comensalidade. **Demetra**, v. 10, n. 3, p. 507-522. 2015.

MAZZONETTO, A. C.; DEAN, M.; FIATES, G. M. R. Percepções de indivíduos sobre o ato de cozinhar no ambiente doméstico: revisão integrativa de estudos qualitativos. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 25, n. 11, p. 4559–4571, nov. 2020.

RITCHER, Vanusa Rossi. **Panificação**. Centro Universitário Leonardo Da Vinci/UNIASSELVI, 1ª ed., Indaial, 2019.



REALIDADE DA GESTAÇÃO EM CONTEXTO CARCERÁRIO E PERSPECTIVAS DE SAÚDE : UMA REVISÃO DA LITERATURA

Alessandra Batista Sabino¹; Bruna Menezes Souza de Jesus²; Elenilda Farias de Oliveira³

Graduanda em Enfermagem pela Faculdade Adventista da Bahia^{1 2}; Doutora em Enfermagem pela Universidade Federal da Bahia e Docente na Faculdade Adventista da Bahia³

alessandrassabino@gmail.com

RESUMO

Introdução: A gestação é um momento de transformações na mulher, tanto fisicamente quanto emocionalmente. O ambiente, relacionamentos, alimentação e outros fatores determinantes da saúde, impactam sobremaneira a gestação, parto e a experiência de gestar das mulheres. Em especial quando se fala em mulheres privadas de liberdade, que estão em uma situação de vulnerabilidade e fragilidade. **Objetivo:** investigar as condições emocionais e físicas relacionados à saúde das mulheres gestantes privadas de liberdade. **Metodologia:** Trata-se de uma revisão integrativa, de caráter descritivo e exploratório, realizada através das bases de dados: Lilacs, Medline e BDENF. **Resultados e Discussões:** Observou-se que algumas mães relataram que sentiam suas necessidades e do bebê melhor atendidas no Centro de Referência à Gestante Privada de Liberdade, em comparação quando estavam em outras unidades penitenciárias, em relação a alimentação, condições, higiene, atendimento à saúde. Também foram evidentes sentimentos de medo do parto, privação física e tristeza por estar gestando em situação de privação de liberdade. **Considerações Finais:** Em suma, a privação da liberdade reflete diretamente na experiência da gestação e parto das mulheres, principalmente nos aspectos físicos e mentais.

Palavras-chave: Mulheres; Privadas de liberdade; Gestantes.

1 INTRODUÇÃO

A gestação é um momento de transformações na mulher, nos aspectos físicos, mentais e sociais. O ambiente, relações sociais, nutrição e demais fatores determinantes da saúde impactam sobremaneira a gestação, o parto e a experiência de gestar das mulheres. Em especial, mulheres privadas de liberdade que estão em uma situação de vulnerabilidade e fragilidade, muitas vezes com maior risco de desenvolver comorbidades e expostas a violências (Sales *et al.*, 2021).

O confinamento não absolve as mulheres de passar por todas as fases do ciclo reprodutivo, gestação, parto e amamentação. A maternidade no cárcere, além dos possíveis efeitos desfavoráveis que a detenção poderá ocasionar à mulher, gerar um filho neste período pode ocasionar efeitos divergentes na gravidez e, conseqüentemente, na criança que está sendo gerada (Belizário, 2019).

Segundo dados da Secretaria Nacional de Políticas Penais, no segundo semestre de 2023, no Brasil a população privada de liberdade feminina correspondia a 27.010 mulheres, entre as quais 230 eram gestantes e 103 eram lactantes, esses números reforçam a necessidade de realizar e implementar ações de promoção, acompanhamento e intervenções em saúde para essa população em situação de vulnerabilidade (Brasil, 2023).

A Política Nacional de Atenção Integral à Saúde das Pessoas Privadas de Liberdade, lançada em janeiro de 2014, estende a cobertura efetiva do SUS a todas as pessoas privadas de



liberdade, concretizando a universalização do SUS. Assim, cada unidade prisional passará a ser também um ponto de atenção da Rede de Atenção à Saúde (RAS), e nele serão estruturados serviços e equipes de saúde no sistema prisional no âmbito do SUS (Brasil, 2014).

O Brasil se comprometeu a alcançar os objetivos do milênio, dentre os quais estão previstas ações referentes à saúde das gestantes e das crianças, à diminuição da mortalidade materna e à prevenção do HIV/Aids. A inclusão das mulheres em privação de liberdade é um passo necessário para que todas as brasileiras acessem uma atenção pública à saúde reprodutiva, integral e de qualidade (Brasil 2014). Assim, este estudo tem como objetivo investigar as condições emocionais e físicas relacionados à saúde das mulheres gestantes privadas de liberdade.

2 METODOLOGIA

Este estudo consiste em uma revisão da literatura, que tem como objetivo responder a seguinte pergunta norteadora: quais são as condições de saúde da gestante privada de liberdade? Foram utilizadas as seguintes bases de dados para revisão: Literatura Latino Americana e do Caribe em Ciências da Saúde (LILACS), Medical Literature Analysis and Retrieval System Online (MEDLINE) e Bases de Dados de Enfermagem (BDENF). Os Descritores em Ciência da Saúde (DeCS) aplicados foram "Mulher", "Privada de liberdade" e "Gestantes", através do operador booleano "and", sendo encontrados 29 artigos.

Foram incluídos estudos originais, estudos de caso relacionados à temática, disponíveis na íntegra nas bases de dados, selecionadas e publicados no recorte temporal entre 2019 a 2024, nos idiomas português, inglês ou espanhol. Foram excluídas teses, dissertações, revisões integrativas, e outros que não correspondem à temática. Dessa maneira, dos 29 artigos encontrados inicialmente, 25 foram excluídos, ocasionando um total de 04 artigos selecionados para compor esta revisão.

3 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Código	Título	Autor/Ano/ Base de dado	Objetivo	Metodologia	Principais Resultados
01	Gestação e maternidade em cárcere: cuidados de saúde a partir do olhar das mulheres presas em uma unidade materno-infantil.	Chaves, Luana Hordones, e Isabela Cristina Alves de Araújo. LILACS (2020)	Tratar das impressões que as mulheres presas no Centro de Referência à Gestante Privada de Liberdade (CRGPL) têm acerca dos cuidados de saúde ofertados pela instituição.	Pesquisa qualitativa	Como resultado, tem-se uma avaliação em certa medida positiva dos cuidados de saúde na perspectiva das gestantes e recém-mães do Centro, e isso é muito marcado, segundo os relatos, pelas experiências prisionais anteriores das entrevistadas. Por outro lado, alguns problemas enfrentados no Centro de Referência à Gestante Privada de Liberdade foram levantados pelas internas, e descritos como fonte de diversos sofrimentos.
02	O gestar em prisões por traficantes de drogas / Gestação de mulheres presas por tráfico de	Silva, Amanda Batista da ; Nascimento, Vagner Ferreira do ; Hatorri,	Descrever a vivência da gravidez no ambiente prisional de mulheres	Estudo descritivo-exploratório com abordagem qualitativa	Todas as mulheres foram presas por tráfico de drogas e consumiram substâncias psicoativas antes da prisão



	drogas / Gestação de mulheres presas por tráfico de drogas	Thalise Yuri ; Atanaka, Marina Terças-Trettel, Ana Cláudia Pereira LILACS (2023)	envolvidas no tráfico de drogas .		devido à ruptura de vínculos familiares e/ou influência de parceiros afetivos. A atual gravidez não foi planejada, e foi acompanhada da separação dos demais filhos , além da ansiedade e angústia que as cerca com a expectativa do parto e da amamentação no ambiente prisional.
03	Experiences of midwifery care in English prisons.	Abbott, Laura ; Scott, Tricia ; Thomas, Hilary MEDLINE (2023)	O objetivo desta pesquisa foi examinar as experiências e percepções das mulheres grávidas presas e das equipes de custódia sobre os cuidados obstétricos nas prisões inglesas .	Pesquisa quantitativa.	As experiências das mulheres incluíram o enfraquecimento devido à escolha limitada; medo de parir sozinha; e falta de informação sobre direitos, com uma sensação de não receber direitos. Algumas mulheres relataram favoravelmente à continuidade dos cuidados obstétricos prestados. Houve confusão em torno do papel legal da obstetria no Reino Unido .
04	Suarez, Alicia MEDLINE (2021) "I Wish I Could Hold Your Hand": Inconsistent Interactions Between Pregnant Women and Prison Officers.	Suarez, Alicia MEDLINE (2021)	Esta pesquisa acrescenta uma contribuição única ao explorar as interações das mulheres com os agentes penitenciários durante a gravidez, o trabalho de parto e o nascimento	Pesquisa qualitativa	As descobertas exploram as interações com os agentes penitenciários a partir das perspectivas das mulheres durante a gravidez, o trabalho de parto e o nascimento. Os agentes podem ser guardiões e defensores dos cuidados médicos e, simultaneamente, envolver-se em comportamentos desumanizados

Observou-se num estudo realizado por Chaves *et al* (2020) que algumas mães relataram que sentiam suas necessidades, quanto a sua saúde e do bebê melhor atendidas no Centro de Referência à Gestante Privada de Liberdade, em comparação quando estavam em outras unidades penitenciárias, em relação a alimentação, condições, higiene, atendimento à saúde. Também de acordo com Silva *et al* (2023), é evidente o sentimento de medo do parto, privação física e tristeza por estar gestando em situação de privação de liberdade. Nas entrelinhas evidencia-se o sentimento de abandono, a falta de atendimento humanizado e preparo da equipe para atender as gestantes

Abott *et al* (2023), em estudo qualitativo com gestantes privadas de liberdade na Inglaterra, demonstra que a carga emocional explicitou-se de forma evidente, principalmente em relação à supressão ao respeito das escolhas das gestantes, negligência e falta de informações relativas à gestação, o que reverberou na insegurança no período gestacional, do



mesmo modo que, a sensação do cerceamento dos seus direitos enquanto cidadãs e gestantes. Em concomitância com Abott *et al.*, (2022), Suarez (2021) também salienta em estudo qualitativo com mulheres em situação carcerária, que as ações desumanas por parte dos agentes penitenciários, expõem as gestantes em privação de liberdade, que já estão em contexto delicados devido a gestação e parto, a encontrarem ainda maior vulnerabilidade devido ao tratamento hostil e negligente.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em suma, a privação da liberdade reflete diretamente na experiência da gestação e parto das mulheres, principalmente nos aspectos físicos e mentais. Assim, ações que priorizem a qualidade de vida da gestante nos âmbitos físicos, como alimentação adequada, ambiente seguro, boa higienização, assistência à saúde humanizada, apoio emocional no pré-parto, parto e puerpério, são medidas que tornam este processo mais digno para a mulher gestante privada de liberdade, destacam-se a necessidade de estudos e intervenções voltadas a essa população, por vezes esquecida e negligenciada.

REFERÊNCIAS

SALES, A. C. *et al.* (2021) Cuidado em saúde das mulheres grávidas privadas de liberdade: revisão integrativa. **Revista Baiana de Enfermagem**, v. 35, p. e36114.

BELIZÁRIO, K. S. (2022). O Perfil das Gestantes Privadas de Liberdade em uma Penitenciária do Rio de Janeiro. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Enfermagem), **Universidade Federal Fluminense**, Niterói.

BRASIL. **Ministério da Justiça e Segurança Pública**. (2023). Relatório Integrado de Informações Penitenciárias - 2º Semestre de 2023. Brasília, DF: Sistema Integrado de Informações Penitenciárias.

BRASIL. **Inclusão das Mulheres Privadas de Liberdade na Rede Cegonha/Ministério da Saúde**, Secretaria de Atenção à Saúde, Departamento de Ações Programáticas Estratégicas, Coordenação de Saúde no Sistema Prisional – 1. Ed – Brasília: Ministério da Saúde, 2014.

BRASIL. **Ministério da Saúde**. Portaria nº 2.436, de 21 de setembro de 2017.

CHAVES, Luana Hordones; ARAÚJO, Isabela Cristina Alves de. Gestação e maternidade em cárcere: cuidados de saúde a partir do olhar das mulheres presas em uma unidade materno-infantil. **Physis: Revista de Saúde Coletiva**, v. 30, p. e300112, 2020.

SILVA, Amanda Batista da; NASCIMENTO, Vanessa Freitas de; HATORRI, Thais Yukari; ATANAKA, Maria; TERÇAS-TRETTEL, Ana Claudia Pereira. O gestar em prisões por traficantes de drogas. **Revista Uruguaya de Enfermería (En línea)**, v. 18, n. 2, 2023.

ABBOTT, Laura; SCOTT, Tricia; THOMAS, Hilary. *Experiences of midwifery care in English prisons*. **Birth**, v. 50, n. 1, p. 244-251, 2023.

SUAREZ, Alicia. “I wish I could hold your hand”: inconsistent interactions between pregnant women and prison officers. **Journal of Correctional Health Care**, v. 27, n. 1, p. 23-29, 2021.

